

Universidade de Lisboa  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação



**A Educação das Mães e das Crianças no Estado Novo: a proposta de  
Maria Lúcia Vassalo Namorado  
1º Volume**

Ana Maria Pires Pessoa

Doutoramento em Ciências da Educação  
Especialidade História da Educação

Lisboa, Setembro de 2005



Universidade de Lisboa  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**A Educação das Mães e das Crianças no Estado Novo: a proposta de  
Maria Lúcia Vassalo Namorado**

Ana Maria Pires Pessoa

Doutoramento em Ciências da Educação  
Especialidade História da Educação  
Orientador: Professor Doutor Rogério Fernandes

Lisboa, Setembro de 2005



## Résumé

Ce travail d'investigation veut faire l'identification de la proposition d'éducation non formelle des femmes et des enfants dans la revue *Os Nossos Filhos*, éditée entre 1942-1958/64. Son objectif est aussi de comprendre cette publication dans le contexte politique de cette période historique.

Il fait l'intégration de ce magazine dans la vie et l'œuvre de sa directrice et il établit des liaisons possibles avec la période historique dans laquelle elle a vécu et dans laquelle la revue a été publiée. Savoir si le projet éducatif de *Os Nossos Filhos* (ne) peut (pas) être envisagé comme celui de la bourgeoisie à l'opposition est aussi un objectif à atteindre.

Les données ont été obtenues d'après l'identification, la lecture et l'analyse des documents de l'archive privée de la directrice de la revue, d'après les articles choisis de la publication et d'après les interviews faites à des collaboratrices de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

Mots-clé : Histoire des Femmes, Biographies, Histoire de l'éducation, Presse éducative, Archives privées

## **Abstract**

This work aims at the identification of the proposition of non-formal education of women and children held in the magazine *Os Nossos Filhos*, published between 1942 and 1958/64. Its goal is also to contextualize that proposition in the political regimen of that time.

Other goals to fulfil are the integration of the magazine *Os Nossos Filhos*, in its director's life and oeuvre, as well as in the historical period she lived in/it was published. It also tries to consider if the proposition here systematised can (not) be understood as the one bourgeoisie in the opposition defended for women and children's education .

The data were obtained through the identification, reading and analysis of the documents kept in the magazine director's estate, through chosen articles of that publication and through interviews made to the collaborators of Maria Lúcia Vassalo Namorado. .

Key words: Women Studies, Biographies, History Education, Educational magazines, Gender

## Agradecimentos:

Num trabalho como este é costume enumerar todos os contributos que foram dados por diversas pessoas para que a sua realização fosse possível. Começamos por agradecer a Maria Lúcia Vassalo Namorado, que não conhecemos pessoalmente.

Do ponto de vista oficial não podemos omitir a aposta que em nós foi feita, através do *Programa de Desenvolvimento Educativo para Portugal - PRODEP III- Formação Avançada de Docentes de Ensino Superior*<sup>1</sup> pelo Instituto Politécnico de Setúbal, Agradecemos o apoio dado pelos Conselhos Directivos e pela Secretária da Escola Superior de Educação do mesmo Instituto, assim como de muitas(os) docentes que constantemente se interessaram pelo nosso trabalho e da(o)s funcionária(o)s, especialmente do *Centro de Recursos Educativos*, cujos nomes omitimos mas não esquecemos. Agradecemos a todas(os) as(os) colegas de Departamento que sobrecarregámos durante o período em que decorreu esta investigação, com uma referência especial a Margarida Graça, Teresa Marques, Marta Alves e Fernando Pinho. Uma nota especial para Valentino Silva que nos organizou a base de dados bibliográfica e corrigiu a bibliografia final. Nunca esqueceremos o apoio profissional desinteressado, rigoroso, constante e afectuoso do João Torres sem o qual teria sido impossível a recolha informatizada dos dados para este trabalho.

Não podemos omitir a importante ajuda da *Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação*: as facilidades concedidas, a partilha constante de ideias com outras(os) docentes, o amável apoio do *Gabinete de Informática* e a atenciosa e quotidiana ajuda de muitas(os) funcionárias(os) da mesma instituição.

Sem a preciosa colaboração da *Fundação Calouste Gulbenkian*, na pessoa do Dr. Carmelo Rosa, teria sido impossível a leitura, por Daniel Ferreira, de cerca de 2 500 cartas pertencentes ao acervo documental manuseado nesta investigação.

Agradecemos a colaboração de todas as instituições visitadas sobretudo a *Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho*<sup>2</sup>, o *Arquivo Nacional de Imagens em*

---

<sup>1</sup> Medida 5. Acção 5.3. *Formação Avançada de Docentes de Ensino Superior*. Concurso 2/5.3/PRODEP/2001

<sup>2</sup> Na pessoa da sra. Presidente da Comissão Executiva e sra. D. Zita Glória e restantes funcionárias(os) da Secretaria

*Movimento* na Chamboeira, a *Imprensa Nacional Casa da Moeda*<sup>3</sup>, o *Instituto de Ciências Sociais*<sup>4</sup>, a *Biblioteca Nacional* em Lisboa<sup>5</sup>, a *Hemeroteca* de Lisboa, o *Instituto Nacional de Arquivos da Torre do Tombo*, a *Biblioteca Geral* da Universidade de Évora, o *Arquivo* da Direcção Geral da Administração da Justiça<sup>6</sup>, a *Biblioteca do Instituto de Serviço Social*<sup>7</sup>, em Lisboa e a *Biblioteca Municipal* de Torres Novas, sobretudo o apoio dado por João Carlos Lopes.

Do ponto de vista individual não podemos omitir João Esteves da revista *Faces de Eva*, Maria da Conceição Lourinho Machado, Almerinda Graça, António Torrado, Mariana Frixell, Maria Isabel Portugal, Alberto Costa Lopes, Ana Cristina Gonzalez, Jorge Gabriel Henriques, Maria João Mogarro, Fernanda Botelho, Maria Zilda Borja Santos, Manuela Dâmaso e todas(os) aquelas(es) que nos apoiaram ao longo destes últimos três anos.

Um agradecimento muito especial é devido ainda a Graça Fernandes que nos mostrou o caminho assim como a todas(os) aquelas(es) que entrevistámos ou contactámos para a realização do presente estudo. Sem a sua confiança cega, o seu estímulo e entusiasmo, a tarefa teria sido bem mais penosa.

Finalmente uma palavra de profundo e comovido reconhecimento a Rui Namorado Rosa e Maria Cândida Caeiro: sem a sua permanente disponibilidade e apoio incondicional nunca este trabalho teria sido possível.

Ao nosso orientador, Prof. Doutor Rogério Fernandes agradecemos a permanente disponibilidade e apoio a nível científico. Seria injustiça tremenda não referir as suas extraordinárias qualidades humanas: a empatia que connosco estabeleceu, o seu apoio, a palavra amiga no momento adequado foram o melhor estímulo para que nunca desistíssemos.

---

<sup>3</sup> Dra Isabel Arnaud

<sup>4</sup> Dra Lucinda Tavares e Professora Doutora Maria da Conceição Andrade

<sup>5</sup> Entre outras destacamos a *Área de Reservados* e de *Invisuais*, assim como a de *Periódicos*

<sup>6</sup> Através de Adriana Magalhães e Dr<sup>a</sup> Cláudia Ferreira.

<sup>7</sup> Em especial a Alcinda Monteiro pela simpatia e perseverança colocadas na procura de documentos de arquivo sobre Adriana Rodrigues, colaboradora de *Os Nossos Filhos* e antiga professora daquela instituição.



## Sumário

Résumé .....	5
Abstract.....	6
Agradecimentos: .....	7
Sumário.....	9
1 Introdução .....	13
1.1 Tema, quadro conceptual, opções metodológicas, finalidades e questões do estudo: .....	14
1.2 Identificação do <i>corpus</i> documental e metodologia de análise: .....	43
1.2.1 Inventário e tratamento arquivístico e documental do <i>Espólio</i> .....	46
1.2.2 Quadro de classificação dos documentos do <i>Espólio</i> .....	52
1.2.3 Questões prévias à utilização da imprensa e da correspondência como fontes: .....	55
1.2.3.1 Correspondência do <i>Espólio</i> :.....	57
1.2.3.2 Monografias e publicações periódicas do <i>Espólio</i> .....	59
1.2.3.3 Entrevistas realizadas: .....	60
1.2.3.4 Documentos audiovisuais .....	65
1.3 Organização e estrutura dos capítulos do estudo:.....	68
1.4 Limites do estudo: .....	71
2 A biografia como percurso de vida – 1909 aos anos 30 .....	75
2.1 Contextualização política da vida e obra Maria Lúcia Vassalo Namorado:....	75
2.1.1 Antecedentes e educação republicana: .....	76
2.1.2 Início de um percurso de vida e a educação republicana: .....	91
2.1.2.1 Ensino primário em Torres Novas:.....	102
2.1.2.2 Ensino secundário em Lisboa: .....	103
2.1.2.3 Leituras e sua influência: .....	126
2.1.2.4 Em busca de uma profissão - Actividades profissionais, políticas e cívicas: .....	148
Contextualização política – dos anos 30 a 1958.....	148
A oposição ao regime .....	160
A oposição feminina ao Estado Novo: .....	162

3	Maria Lúcia Vassalo Namorado e a educação feminina: pensamento e acção ....	177
3.1	Os meios: Artigos em periódicos, livros, programas de rádio, televisão e actividades diversas .....	177
3.1.1	Artigos em periódicos.....	177
3.1.1.1	Início colaboração na imprensa - Fins anos 20 a 1932.....	178
3.1.1.2	Afirmção como colaboradora na imprensa regional.....	180
3.1.1.3	Colaboração em <i>Modas &amp; Bordados</i> - 1932-1942.....	198
	<i>Página das Mães</i> .....	200
	Colaboração sob pseudónimo - <i>Tricana, Dona Experiência e Milú</i> .....	213
	Colaboração em <i>Escola de Donas de Casa</i> .....	217
	Colaboração com contos e textos diversos .....	230
	<i>Joaninha: Secção Joaninha na Província</i> .....	242
	<i>Joaninha: jornal das raparigas</i> .....	248
3.1.2	Livros e outros textos publicados entre meados anos 30 e 1958.....	262
3.1.2.1	Os primeiros livros e a educação feminina.....	262
	<i>Negro e cor de rosa</i> .....	262
	<i>A Mulher dona de casa</i> .....	271
	<i>Joaninha quer casar: conselhos às raparigas</i> .....	291
3.1.3	Conferências e outros meios educativos - 1942-1958 .....	306
3.1.3.1	Conferência <i>Pela Criança</i> .....	307
3.1.3.2	Conferência <i>A Mensagem de Helen Keller</i> .....	316
3.1.4	Outras colaborações na imprensa periódica - 1942-1958.....	321
3.1.4.1	<i>Cantinho das Mães no Suplemento Literário Mãos de Fada: Revista de labores femininos</i> .....	321
3.1.4.2	<i>Jornal Magazine da Mulher</i> .....	329
3.1.4.3	<i>Rádio e Televisão</i> .....	332
	<i>Secção Página da Mulher</i> .....	332
3.1.5	Outras actividades - Prefácios, traduções, críticas, resenhas e exposições: 1942-1958 .....	338
3.1.5.1	Prefácios e críticas .....	338
3.1.5.2	Exposições - <i>Tapetes de Arraiolos: 20 a 30 Nov. 1956</i> .....	340
3.1.5.3	Traduções.....	349
4	Maria Lúcia Vassalo Namorado e a educação feminina: a revista <i>Os Nossos Filhos</i>	

4.1	Os fins: a revista <i>Os Nossos Filhos</i> .....	351
4.1.1	A Imprensa periódica como fonte de investigação.....	351
4.1.1.1	<i>Os Nossos Filhos</i> : Análise temática - questões prévias: .....	358
4.1.1.2	Artigos seleccionados .....	359
4.1.1.3	Números temáticos .....	372
4.1.1.4	<i>Editoriais</i> e ideário da revista.....	387
4.1.2	Contexto da publicação de <i>Os Nossos Filhos</i> .....	404
4.1.3	Caracterização geral e objectivos de <i>Os Nossos Filhos</i> .....	406
4.1.4	Análise morfológica de <i>Os Nossos Filhos</i> .....	411
4.1.4.1	Origem e suporte financeiro da revista.....	411
4.1.4.2	Origem do título: .....	417
4.1.4.3	Periodicidade e Periodização da revista .....	419
4.1.4.4	Tipografia, Tiragem e número de assinantes.....	419
4.1.4.5	Administração.....	424
	Direcção.....	424
	Funcionárias(os) .....	426
	Colaboradoras(es) estrangeiras(os).....	447
	Pseudónimos.....	455
	Iconografia e grafismo.....	471
	Administração, difusão e distribuição .....	495
	Administração.....	495
	Assinaturas e Campanhas .....	497
	Concursos .....	512
	Concursos para as crianças .....	513
	Concursos para as mães.....	521
	Difusão e distribuição – questões gerais.....	540
	Divulgação através de programas de rádio e televisão.....	555
	Programa radiofónico .....	555
	Programa televisivo <i>Filhos e Pais</i> .....	595
	Secções e Serviço de encomendas.....	603
	Publicidade .....	613
	<i>Editorial Os Nossos Filhos</i> .....	661
	Iniciativas para as mães e as crianças.....	671
	<i>Recreio, Nova Secção Infantil ou Arco-Íris</i> .....	671

Espectáculos .....	679
<i>A Favor das crianças portuguesas e estrangeiras vítimas da Guerra</i> .....	679
Espectáculo dedicado a <i>Os Nossos Filhos</i> - 6 Fevereiro 1955 .....	685
<i>Espectáculo de Arte</i> :Comemoração dos 14 anos de <i>Os Nossos Filhos</i> ...	686
Homenagem a Maria Lúcia Vassalo Namorado .....	688
<i>Escola de Noivas e Donas de Casa</i> .....	693
<i>Portugal visto pelas suas crianças</i> .....	727
Exposição Lisboa vista pelas suas crianças .....	729
<i>Évora vista pelas suas crianças</i> .....	750
Exposição <i>Castelo Branco</i> vista pelas suas crianças.....	755
<i>Oakland</i> vista pelas suas crianças.....	763
Exposição <i>Portugal visto pelas suas crianças</i> : outras localidades.....	766
Exposição no Rio de Janeiro, Brasil.....	766
Exposição Porto visto pelas suas crianças .....	767
Exposição em Luanda, Angola.....	770
Exposição em Moura .....	771
Exposição <i>S. Miguel</i> visto pelas suas crianças .....	771
Exposição em Barcelos.....	772
Exposição na Figueira da Foz.....	774
Inquéritos .....	777
Sobre literatura para crianças .....	777
Sobre temas femininos .....	783

## 1 Introdução

A História da Educação em Portugal é uma área em que, do ponto de vista de produção científica, se passou de uma quase inexistência até aos anos 80 do século passado a uma “explosão” (Nóvoa, 1994. p. 87) após esse período. Não é necessário referir aqui as investigações que, ainda nos finais do séc. XIX e início do século XX podem ser vistas como parte integrante da investigação em Educação (Gomes, Fernandes e Grácio, 1988; Nóvoa, 1994). Interessa sublinhar o desenvolvimento que tem tido sobretudo nos últimos vinte a trinta anos. Ao considerar-se Joaquim Ferreira Gomes como o primeiro historiador da Educação em Portugal (Nóvoa, 1994. p. 89) constata-se que é sobretudo com os trabalhos publicados a partir da década de 70 do século passado e com a realização do *1º Encontro de História da Educação* em 1987 (Nóvoa, 1994. p. 90) que se assiste a um maior interesse por um conjunto de temas ainda hoje dificilmente aceites por alguns(as) historiadores(as) uma vez que a História da Educação ainda não ganhou o estatuto de que gozam já as suas congéneres da política, da economia, do social, para só referir algumas. Apesar disso tem sido persistente o investimento nesta área, por parte de muitos(as) investigadores(as), através de um “(...) esforço de renovação temática, de diversificação metodológica e de consolidação da comunidade científica(...)” (Nóvoa, 1994. p. 91). Muitos trabalhos têm sido produzidos em circunstâncias diversas, sobretudo na sequência de investigações para apresentação em colóquios e seminários (inter)nacionais, para edição em publicações onde esta área começa a ser presença frequente e autónoma (*História; Penélope: Fazer e desfazer a História...*) ou para obtenção de graus académicos (De La Fuente, 1989; Rosa, 1999; Pimentel, 2000; Ramos do Ó, 2004...) para citar apenas alguns. Tais trabalhos têm trazido novas perspectivas sobre temas já abordados por outras áreas da História ou mesmo sobre outras épocas e temas menos visíveis.

Gostaríamos de inserir a presente investigação numa área que se situa na História da Educação e na História das Mulheres porque se a História em geral não pode ser escrita sem os contributos da História da Educação esta última não faz também sentido se não integrar a história das mulheres introduzindo, de forma consciente, uma reflexão sobre as questões de género na produção científica. Como se verá no subcapítulo seguinte, outra das razões em que nos apoiamos é o facto de também

pretender, neste trabalho, redigir uma biografia de uma educadora e pedagoga do século passado.

O trabalho agora submetido a apreciação, iniciado<sup>8</sup> em Outubro de 2001, obteve um grande impulso, sem dúvida, do apoio que lhe foi dado pelo Programa *PRODEP - Formação Avançada de docentes do Ensino Superior*<sup>9</sup> e vai ser apresentado como prova de doutoramento em Ciências da Educação – Área de História da Educação, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

## **1.1 Tema, quadro conceptual, opções metodológicas, finalidades e questões do estudo:**

O tema desta investigação histórica é a *Educação das Mulheres e das crianças no Estado Novo: a proposta de Maria Lúcia Vassalo Namorado*<sup>10</sup>.

Como principal finalidade deste estudo pretendo contribuir para o desenvolvimento da História da Educação a partir da leitura de fontes nem sempre consideradas fundamentais pelos investigadores de outras áreas das Ciências Sociais (Bogdan e Biklen, 1994, p. 16). Encontram-se neste caso todos os artigos sobre *Educação*, de uma revista feminina – *Os Nossos Filhos* – publicada, mensalmente entre 1942 e 1958 e anualmente entre 1959/1964, – as cartas e demais documentos que constituem o *Espólio* de Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva Rosa (1909-2000), directora da supracitada publicação, destinatária da maior parte dessa correspondência e ela própria teorizadora sobre o que entendia dever ser a Educação das Mães e das crianças.

Com este trabalho pretendemos contribuir para a caracterização do Estado Novo através do estudo e análise de uma revista feminina que, na área da Educação não formal pretendia reeducar as mulheres adultas e educar as crianças mas *de fora* das

---

<sup>8</sup> Este projecto fora aprovado em reunião do Conselho Científico da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, realizada em 4 de Outubro de 2001.

<sup>9</sup> Considerada como bolseira PRODEP desde 1 de Abril de 2002, assinámos o termo de aceitação da dispensa de serviço *lectivo* na Escola Superior de Educação de Setúbal (ESE), onde exercemos actividade docente, no dia 20 de Maio 2002.

<sup>10</sup> Para simplificar as referências que serão feitas ao longo de todo o trabalho a *Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva Rosa* optámos por apresentá-la apenas como *Maria Lúcia Vassalo Namorado*. As razões que nos levam a tomar tal opção são muito pragmáticas: este é o nome completo de solteira e ela vai escrever, e assinar, toda a sua obra usando partes do seu verdadeiro nome – como *Maria Lúcia, M.L., Maria Namorado* mas também com diversos pseudónimos como adiante se verá – *Tricana, Tia Luísa, Avòzinha, Marianela, Telma, Tião, Velhinho das Barbas* – ou ainda com o seu nome de casada *Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva Rosa* e ainda com o nome mais usado depois de divorciada, *Maria Lúcia Namorado*.

organizações oficiais como a *Obra das Mães pela Educação Nacional* (OMEN), criada em 1936 e da *Mocidade Portuguesa Feminina*, organizada um ano depois.

Como objectivos deste estudo propomos:

- . inventariar o *Espólio* de Maria Lúcia Vassalo Namorado;
- . identificar, a partir dos discursos da revista *Os Nossos Filhos* e do restante espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado, as representações sobre a educação das mulheres e da criança;
- . apresentar o contexto histórico e legislativo no qual se integra o objecto de estudo aqui analisado;
- . identificar as diversas formas de construção e o conteúdo do discurso pedagógico de educação não-formal na área da educação das mulheres e da criança, no período em estudo.

O período de pesquisa decorreu em duas fases distintas: uma primeira, de Outubro de 2001 a Abril de 2002 em que, a par da actividade docente numa instituição de Ensino Superior público<sup>11</sup>, apenas fomos lendo o que existia publicado por Maria Lúcia Vassalo Namorado na imprensa portuguesa, sobretudo nos anos 60 e 70 do século passado e uma segunda etapa, entre Maio de 2002 e Abril de 2005. Neste último lapso de tempo, devido à dedicação em exclusivo à investigação, foi possível continuar e agora concluir este trabalho. Nesta fase, a pesquisa decorreu quase só na Sala 403 da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa onde está depositado o *Espólio* da referida pedagoga.

Uma das preocupações que nos tem guiado no nosso percurso profissional é a reflexão, de forma muitas vezes empírica, sobre as condições, as formas, os pressupostos e as práticas de educação e escolarização das mulheres. A par dela, temos reflectido sobre escolarização e inovação, sobre as questões relacionadas com a (in)definição de um sistema de ensino público/privado, sempre numa perspectiva histórica pois é essa – a História - a nossa área de formação científica inicial. Deste modo, quando soubemos, por mero acaso, da existência de um *Espólio* ainda não analisado de uma mulher que fora escritora, directora da revista *Os Nossos Filhos*, mãe militante e empenhada, de alguma forma interveniente na vida política nacional e que mesmo depois de fechar a referida publicação periódica continuara a interessar-se pela

---

<sup>11</sup> Na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, onde exerço funções desde 1 de Março de 1987 até ao presente.

educação feminina intuímos que, nessa documentação que nunca ninguém examinara, poderiam encontrar-se dados novos para a investigação em História da Educação no período que medeia entre o início e o fim do século passado, com especial enfoque para o período designado como Estado Novo.

Mas a escolha do tema e da época em análise para esta investigação não se fez irreflectidamente. Já há algum tempo que vínhamos pensando sobre diversos eixos que nos interessavam mas que nem sempre se cruzavam na sua formulação empírica. Tendo frequentado o ensino público, em Lisboa, no Liceu *Feminino* Maria Amália Vaz de Carvalho, entre 1967 e 1974, onde se formaram ou com o qual e de alguma forma estabeleceram laços, desde a sua criação<sup>12</sup>, em 1885, algumas (das então e ainda hoje) mulheres de renome em diversas áreas<sup>13</sup>, tendo aí aprendido e interiorizado muitas formas de estar, pensar e ser que foram postas em causa nestes últimos trinta anos mas também outras que ainda hoje não desprezamos; vindo de um grupo social então ainda minoritário nessa instituição, tendo feito da Educação a nossa forma de vida e da reflexão uma prática diária, foi através desta última via que se foi impondo o nosso interesse pelo estudo de duas temáticas: a da educação feminina e a da inculcação e interiorização de valores ditos *femininos*. Também nos questionávamos sobre a possibilidade que tem (ou não) o estudo da História da Educação de “(...)devolver toda a complexidade dos processos educativos construindo uma narrativa que ajude a enfrentar os dilemas educativos actuais(...)” e sobre a forma de “(...)romper com uma visão *natural* ou *racional* (da Educação) que oculta a historicidade da reflexão pedagógica e impede a compreensão da forma como se construíram os discursos científicos na arena educativa em simultâneo com o desenvolvimento de grupos profissionais e de sistemas especializados de conhecimento(...)” (Nóvoa, 1994. p. 6); outra das nossas questões prendia-se com o facto de nos interessar perceber quais, de que forma e como se (não)

---

<sup>12</sup> “Em 1906, Eduardo José Coelho, membro do governo progressista, cria, de facto e não apenas teoricamente, o primeiro liceu para o sexo feminino — o *Liceu Maria Pia*. Contudo, esta medida, há muito tão necessária, tão desejada e tão adiada, não é inovadora: limita-se a aproveitar a existência da *Escola Maria Pia*, fundada pela Câmara Municipal de Lisboa, 20 anos antes. (...) e a quem pertence a) iniciativa da criação da *Escola Maria Pia*, que seria o primeiro estabelecimento de ensino secundário feminino em Portugal. (...) Partiu do seu vereador do pelouro da instrução, Teófilo Ferreira, em sessão de 18 de Outubro de 1883, a proposta de criação de uma escola primária superior para o sexo feminino: a *Escola Maria Pia* (...), inaugurada em 10 de Junho de 1885. (De la Fuente, 1989. p. 67-68 e 75)

<sup>13</sup> Sem ser exaustiva porque tal seria aqui impossível e daria, por si só, uma investigação completa, citamos apenas alguns nomes: Maria Baptista dos Santos Guardiola, Domitila de Carvalho, Maria João Lopes do Paço, Teresa Emília Leitão de Barros, Elina Guimarães, Virgínia Mota Cardoso e muitas outras que constam do *Livro das Actas da Associação das Antigas Alunas e Amigas do Liceu de Maria Amália Vaz de Carvalho*. /manuscrito/, em Apêndice a este estudo e/ou que seria possível identificar através da consulta dos processos individuais.



reflectem os valores do Estado Novo ainda (já) no quotidiano das Mulheres que fizeram a sua escolaridade básica nesse período. Saber onde e como é que empiricamente se “adquirem” *conhecimentos* sobre o que pensamos dever ser a educação<sup>14</sup> e, sobretudo de que forma foi construída esta prática de responsabilizar as famílias, sobretudo as Mulheres e as Mães pelo acompanhamento educativo das(os) filhas(os) eram duas das questões sobre as quais recaía também a nossa “curiosidade”. Colocamos este estudo na área da História da Educação conscientes de que “(...) os ensinamentos da História da Educação não residem na possibilidade de se generalizar/extrapolar as ideias e realizações do passado mas sim na aquisição de uma maior lucidez quanto aos problemas actuais e de um maior espírito crítico perante as diversas manifestações da ilusão pedagógica(...)” (Léon, 1983.p. 76)

Nessa fase, em que ainda desconhecíamos Maria Lúcia Vassalo Namorado e o seu extenso Espólio, tínhamos pensado já em iniciar uma investigação sobre imprensa periódica feminina *do* Estado Novo pois nos parecia que embora *inadvertidamente*, eram essas publicações capazes de dar informações mais precisas sobre o que procurávamos; a par das preocupações acima identificadas faltava também encontrar o tema, objectivos do estudo e a escolha da publicação sobre a qual ele se iria debruçar quando, por mero acaso, nos foi dado conhecimento<sup>15</sup> do fundo documental cuja leitura, análise e sistematização se tornou, de forma obcecante, a razão de estar e a mais importante ocupação profissional e quotidiana dos últimos três anos lectivos.

Por último, há que confessar que o tema nos interessa de forma muito especial. Entre outras razões apontadas, crescemos numa família de origem social diversa da de Maria Lúcia Vassalo Namorado mas na qual, como ela, algumas mulheres - como minha avó materna e minha mãe - sempre deram grande importância a dois dos temas que aqui analisaremos: a independência económica e a educação das raparigas. Sabemos que é comum entre as(os) investigadoras(es) a não menção do seu envolvimento afectivo no trabalho que realizam porque, por um lado, não será de “bom tom” sublinhar o seu gosto pelo tema ou área que escolhem e por outro, porque essa constatação se afasta, “(...) de acordo com o estereótipo mais comum, (de) uma rigorosa imparcialidade

---

<sup>14</sup> De que diferenças ou semelhanças se reveste em diferentes ou semelhantes sistemas políticos, para que serve, deve ser pública ou privada, em que nos baseamos para defender certos conteúdos em detrimento de outros, determinada organização curricular e formas de avaliação por exames ou outra...

<sup>15</sup> A informação sobre a existência desse espólio foi-nos transmitida, em conversa informal, por Graça Fernandes do *Instituto Irene Lisboa*. Não podemos deixar de lhe agradecer, com toda a sinceridade, a sugestão que então nos deu e que tornou possível o trabalho de investigação que apresentamos.

(e) parece ser a condição *sine qua non* para a obtenção de uma objectividade desinteressada. /Porém/ os humanos não podem atingir um estado de imparcialidade (ainda que seja desejável), porque para estes é inevitável ter uma história de vida, necessidades, crenças e desejos. É perigoso (...) sequer imaginar que pode atingir uma completa neutralidade pois assim, arrisca-se a não estar vigilante quanto às suas preferências pessoais e respectiva influência – e pode então ficar-se verdadeiramente refém dos ditames e dos preconceitos. A objectividade deve ser definida de forma operacional enquanto tratamento justo dos dados, e não como ausência de preferências(...)”(Gould, 2004. p. 39). Consideramos que a citação demasiado longa deve ser completada com a ideia de que “(...) a melhor prática de objectividade consiste em identificar as preferências pessoais, de forma a que a sua influência possa ser reconhecida e contrariada(...)”; ou, dito de outro modo, “(...)é necessário identificar as nossas preferências, de modo a limitar a influência que possam ter no nosso trabalho, mas não estamos a afastar-nos do bom caminho quando nos baseamos nelas para escolher as nossas áreas de investigação(...)”(Gould, 2004. p. 39) porque, como sabemos, “(...) o processo de organização da informação não corresponde a uma função neutra(...)” (O, Jorge, 2002. p. 13).

Depois dos esclarecimentos anteriores, cumpre-nos apresentar o presente estudo de investigação histórica (Cohen e Manion, 1989) inserindo-o no campo da investigação qualitativa em Educação por ser a forma que nos pareceu mais adequada para um trabalho que parte do “(...)pressuposto de que muito pouco se sabe acerca das pessoas e ambientes que irão constituir o objecto de estudo(...)” (Bogdan, Biklen, 1994, p. 83). Nesta investigação qualitativa partimos do princípio de que “(...)diferentes facetas da realidade social são construídas como interpretação pelos indivíduos e essas interpretações tendem a ser transitórias (...) uma vez que a realidade social é construída pelos que nela participam, (...) em situações locais particulares e atribui maior papel às intenções humanas na explicação das relações entre fenómenos sociais(...)” (Gall, Borg, Gall, 1996. p. 28 e 30).

Para a investigação, entendida como “(...)o processo sistemático de identificar um problema, rever a literatura relacionada com ele, desenvolver uma ou mais hipóteses de pesquisa ou questões relacionadas com o problema, reunir dados, analisá-los e interpretar os resultados(...)” (Crowl, 1996. p. 6) foram compulsadas fontes escritas e não escritas. No que diz respeito às fontes primárias quase todas provêm do *Espólio* de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

Quanto às primeiras, a pesquisa foi feita em inúmeros documentos oficiais, - sobretudo legislação - e não oficiais, tais como brochuras e publicações periódicas nas quais se inclui a revista *Os Nossos Filhos* e diversas monografias. Estas são, quase na totalidade, romances, literatura para crianças, obras de autores que também colaboram na revista, textos teóricos sobre educação, textos políticos. Das fontes não escritas são de sublinhar os dados recolhidos da iconografia, das fontes orais, de diversos vestígios materiais (ex: amostras de rendas e tapetes de Arraiolos, *ex-libris*...) e de imagens e sons registados, incluindo neste último grupo centenas de fotos, as bobines com um programa de rádio e os textos de um programa para a RTP cujas imagens, como referiremos no capítulo respectivo, não é mais possível recuperar.

Nesta investigação optámos por uma abordagem qualitativa pois aqui se parte do princípio que o modo de investigação histórico, descritivo, sempre que possível com produção de sínteses interpretativas é o mais adequado a este objecto de estudo. O método de pesquisa adoptado (Bell, 1997, p. 90) é o da pesquisa e análise documental uma vez que o nosso objectivo é estudar a educação das mulheres e das crianças no Estado Novo “(...)a partir da própria expressão dos indivíduos. Aqui a linguagem dos sujeitos é crucial para a investigação(...)” (Holsti, 1969. cit. In Ludke, 1986).

Tal abordagem tem sido posta em causa, como se sabe, por menos “científica” uma vez que se considera que os “(...)documentos são amostras não-representativas dos fenómenos estudados(...)” (Ludke, 1986, p. 40). Questiona-se sobretudo a falta de objectividade de quem os produziu e a validade duvidosa dos testemunhos dados porque as(os) autoras(es) dos textos são orientadas(os) por uma subjectividade que a(o) investigador(a) não domina e seleccionam temáticas que esta(e) também não tem forma de contestar. Estamos conscientes desses problemas mas, mesmo assim, resolvemos recorrer a estas fontes primárias, ou seja a “fontes inadvertidas” ou “não premeditadas” (Gall, Borg e Gall, 1996. p. 653) uma vez que foram aqui utilizadas com “(...)outro intuito, diferente daquele a que originalmente se destinavam(...)” (Bell, 1997, p. 91). Esta utilização foi fundamental e permitiu retirar delas não só a “informação inteligente” (aquela que o autor original queria fazer passar) mas também a “informação não inteligente” que elas contêm, ou seja, aquela que podemos retirar dos documentos (Marwick, 1977, cit In Bell, 1997. p. 92) e que se relaciona com as questões definidas antes de analisar o *corpus* documental que serve de base a este estudo.

As técnicas a privilegiar na abordagem dos documentos serão a análise de conteúdo e a análise documental (Ludke, André, 1986). A forma como ambas são realizadas é

descrita nos subcapítulos relativos às questões metodológicas que apresentamos para cada tipo de documento utilizado.

Como em qualquer investigação, “(...)nome prudente que, sob o constrangimento de certas condições sociais, damos ao trabalho da escrita(...)” (Barthes, 1975, p. 36) e, antecedendo a definição das questões orientadoras do estudo e justificativas da organização do *corpus* documental, tivemos necessidade de executar uma primeira pesquisa no sentido de conhecer o que sobre o tema já tinha sido estudado e produzido uma vez que “(...)estabelecer com precisão o estado da questão que se estuda é um procedimento central de (qualquer) investigação(...)” (Saint-Georges, 1997. p. 15).

Esse conhecimento permitiu-nos delimitar melhor o problema a e não insistir em perspectivas sob as quais já pudessem ter sido abordadas as fontes em que nos queremos basear (Gall, Borg e Gall, 1996. p. 114 e seguintes).

Essa primeira etapa serviu também para “(...) saber como organizar o próprio tema de estudo, definir instrumentos<sup>16</sup> e analisar dados (...) a recolher(...)” (Crawl, 1996. p. 35).

Apresentamos seguidamente uma breve panorâmica da produção teórica que tem sido trazida a público e que está directamente relacionada com a temática que pretendemos abordar. Há que esclarecer que não encontramos qualquer investigação que se debruce, nesta área e a partir destas fontes primárias<sup>17</sup> e especificamente sobre este tema.

Foram numericamente pouco significativos(as) e de diversa qualidade interna as obras de referência gerais contextualizadoras do tema escolhido, os textos e teses seleccionados(as) na área da História da Educação e da História das Mulheres e das crianças no Estado Novo ou ainda em utilização de imprensa, de epistolografia e de arquivos pessoais como fontes de investigação. Optámos por apenas citar aqui os que de alguma forma deram um contributo importante para este estudo porque muito frequentemente chegámos a “(...)uma situação de saturação da informação(...)”

---

<sup>16</sup> Foi durante esta etapa que tivemos conhecimento da obra de Mignot, Ana Christyna Venancio (2002) - *Baú de memórias, bastidores de histórias: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto*. Bragança Paulista (Brasil); foi a partir da organização da bibliografia deste livro que definimos as secções do capítulo da bibliografia do presente estudo.

<sup>17</sup> Existe uma tese de Ana Maria Rodrigues Borges, produzida no âmbito do mestrado em *Estudos sobre as Mulheres* da Universidade Aberta, em Lisboa, orientada pela Professora Doutora Anne Cova e defendida em 2003, com 224 p. e que se intitula: “*Os Nossos Filhos*”: uma revista dos anos 40”. Não foi vista como fonte preliminar uma vez que só foi apresentada publicamente dois anos após o início desta investigação. Alguns dos conteúdos nela inseridos são obrigatoriamente mais desenvolvidos no presente estudo.

(Ruquoy, 1997. p. 104) uma vez que, muitos deles, já nada acrescentavam ao que sabíamos existir e era fundamental consultar.

Começando por aqueles últimos, referimos como importantes “fontes preliminares”(Gall, Borg, Gall, 1996. p. 117) as obras *A Imprensa de Educação e ensino: Repertório analítico- séc. XIX-XX* e o *Dicionário de Educadores Portugueses*<sup>18</sup>. Na primeira encontra-se não só um extenso, como excelente, texto teórico sobre a utilização da imprensa como fonte em História da Educação como também a única referência existente até então, quase exaustiva, à revista *Os Nossos Filhos*. A grelha de análise ali proposta para uma primeira abordagem a este tipo de publicações foi por nós usada como ponto de partida para a elaboração da análise, quer morfológica quer temática, que referiremos mais adiante neste capítulo e que posteriormente apresentamos no capítulo deste trabalho sobre a análise da dita publicação periódica. Na segunda destas obras de referência, com uma sucinta mas cuidada “Nota de Apresentação”, foi-nos possível recolher informações, sob a forma de biografias, sobre um grande conjunto de colaboradoras(es) da revista *Os Nossos Filhos*.

Quanto aos textos sobre epistolografia e sua utilização em História da Educação quase só recorremos a bibliografia brasileira ou aí publicada. Diversas(os) investigadoras(es) têm feito do tema um objecto de reflexão e de produção teórica interessante no Brasil. A maior parte destas obras resulta da publicação conjunta de textos diferentes, sistematizadores de diversas investigações já realizadas nesse país ou noutros com os quais se processa um intenso intercâmbio teórico.

Apesar de termos analisado alguns que consideramos referências incontornáveis (Bastos, et al. Org., 2002; Mignot, org. 2000; Mignot, 2002; Mignot, 2003;) houve algumas obras<sup>19</sup> que pensamos terem imenso interesse para o nosso estudo mas às quais não nos foi possível aceder, nem mesmo por via electrónica. Aquelas abordam temas vastos que vão da importância da correspondência do ponto de vista teórico, à historiografia sobre as cartas, à relação entre educação, cartas e questões de género, ou

---

<sup>18</sup> Ambas sob a direcção do Professor Doutor António Nóvoa; a primeira publicada em 1993, pelo já extinto Instituto de Inovação Educacional; a segunda publicada em 2003, pela Editora Asa.

<sup>19</sup> Apenas como exemplo citamos: NUNES, C.; CARVALHO, M.M.C. (1993) – Historiografia da Educação e Fontes. *Cadernos Anped*. Nº 5 p. 6-7; VENÂNCIO, Giselle Martins (2001) – Arquivos pessoais: dos registos da memória à escrita da História. *Revista Humanas*. UEL e ainda PERROT, Michelle (1989) – Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*. ANPUH. São Paulo: Marco Zero, entre muitas outras. Entre nós, consultamos ainda, sem qualquer interesse: Valente, Maria Odete, et al. (org.) (2000) – *Teses em Educação* realizadas ou reconhecidas na Universidade de Lisboa - Departamento de Educação na faculdade de Ciências de Lisboa. Lisboa: CIEFCUL.

até mesmo sobre a utilização das cartas enquanto fonte privilegiada da História da Educação.

Na área das monografias contextualizadoras do período em causa é incontornável a referência especial ao volume *O Estado Novo*, organizado pelo Professor Doutor Fernando Rosas e integrado, como sétimo volume, na *História de Portugal* dirigida pelo Professor Doutor José Matoso. Sendo que Maria Lúcia Vassalo Namorado teve uma extensa vida e sendo que a sua intervenção ganha um sentido diferente se integrada nos problemas das épocas em que foram produzidos, foi também importante a consulta deste texto.

Nesta fase houve ainda outras fontes secundárias que se revelaram cruciais para a reflexão sobre a problemática do *gênero* e da *História das Mulheres*. Referimos em particular três das obras que consideramos mais importantes: *Histórias de mulheres*<sup>20</sup> de Ana Vicente (2002), *L’Historiographie sur les femmes au Portugal: Le XIX siècle*, de Irene Vaquinhas<sup>21</sup> e *L’Historiographie sur les femmes au Portugal: Le XX siècle*, de Anne Cova<sup>22</sup>. além do Curso de formação que referimos mais adiante e que frequentámos na *Associação de Professores de História*, orientado por Teresa Pinto e Teresa Alvarez.

Através deles fica-se com uma visão sistematizada da forma como tem evoluído a investigação nesta área em Portugal. Fazendo esta incursão do séc. XIX até quase à actualidade ficámos com a noção de que, tal como na área da História da Educação, foi nos anos oitenta do século passado que a investigação em História das Mulheres ganhou novos contornos, não só em qualidade como em número de publicações.

Um conjunto de algumas(uns) investigadoras(es) nacionais e estrangeiros (Castro, 2003; Bock, 2003, Esteves, 2003) entre muitas(os) outras(os) tem-se dedicado ao estudo de diversas actividades protagonizadas por mulheres durante o século XX, sejam elas a intervenção associativa, cívica ou política. Muitas das intervenientes nesses processos e muitos estudos já elaborados não têm tido a adequada divulgação na historiografia contemporânea, pese embora a existência quer de núcleos especializados em determinadas instituições como a Universidade de Évora e a Universidade Nova de

---

<sup>20</sup> In CASTRO, Zília Osório de (dir.) (2003)- *Falar de mulheres: Da igualdade à paridade*. Lisboa: Livros Horizonte. /Comunicações do I Curso Livre de Estudos sobre a Mulher, realizado na FCSH da UNL em Maio 2002/p. 13-42

<sup>21</sup>In Bock, Gisela; Cova, Anne (dir.) (2003) – *Écrire l’Histoire des Femmes en Europe du Sud: XIXe-XXe siècles = Writing Women’s History in Southern Europe : 19th-20th centuries*. Oeiras : Celta. P. 27-48

<sup>22</sup> Idem, ibidem. P. 49-58.

Lisboa ou projectos de investigação como o Projecto *Tenet*, desenvolvido na Escola de Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal nos finais dos anos oitenta do século passado.

Este esforço para dar maior visibilidade às questões de género foi responsável pela criação de um *Curso de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres* na Universidade Aberta, em 1995, e de um *Curso de Especialização no Centro de Estudos sobre a Mulher*, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, a funcionar desde 2003 ou ainda pela criação de associações de investigadoras(es) como a *Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres*- APEM, em 1991 e a *Associação Portuguesa de Investigação Histórica sobre as Mulheres*- APIHM, em 1997. Estas duas associações são responsáveis pela publicação de duas revistas nesta área, respectivamente, a *Ex-Aequo*, desde 1999 e *Faces de Eva* (Esteves, 2003. p. 63).

Quanto às publicações e iniciativas que estas instituições têm promovido consideramos que, como acontece em relação a muitos outros projectos de investigação temáticos, é necessário não cair naquilo que é um escolho nacional: a demasiada proliferação de actividades de costas voltadas umas para as outras e/ou movidas por interesses mais partidários do que científicos e o problema que pode assumir a investigação se, ao colocar um enfoque demasiado apertado nas questões de género não virá perpetuar as desigualdades de género pois que, muito facilmente se poderá cair na sobrevalorização do feminino, analisando-o “retirado” do contexto, caindo na tentação que se critica aos estudos sexistas.

Um último grupo de documentos a que nos referimos e que foi fundamental para o presente trabalho é composto por um número de monografias quase todas realizadas para obtenção de graus académicos, nem sempre na área de História da Educação, mas cuja leitura lhe traz valiosos contributos. A excelente tese<sup>23</sup> de Jorge Ramos do Ó (2002)- *O Governo de si mesmo: modernidade pedagógica e encenações disciplinares do aluno liceal- último quartel do séc. XIX- meados do séc. XX* arrisca interessantes interpretações sobre a organização do sistema educativo sobretudo no último século ao mesmo tempo que, pela primeira vez, faz uma leitura da ideologia subjacente, convoca um conjunto de dados e coloca a mira no que se pretendia que fosse o “aluno” liceal padrão nesse período.

---

<sup>23</sup> Dissertação de doutoramento na área de História da Educação, apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

De forma mais descritiva mas também fulcrais para este estudo estão três investigações, bem distintas entre si: a de Maria José de la Fuente (1989) sobre os primeiros anos da *Escola Maria Pia*, em Lisboa; a de Irene Flunser Pimentel (2000) sobre as *Organizações femininas no Estado Novo: Mocidade Portuguesa Feminina e Obra das Mães pela Educação Nacional* e a de Maria Alice Ramalhete Pinto (2002), sobre a revista *Modas & Bordados*. A primeira orientou-nos na busca de informações sobre a instituição de educação feminina onde Maria Lúcia Vassalo Namorado viria a realizar o seu percurso enquanto aluna do ensino liceal público; a última faz uma análise sistemática da revista onde a pedagoga colaborou antes de fundar a sua própria revista: *Os Nossos Filhos*. A tese de Irene Flunser Pimentel é de uma grande riqueza de dados em bruto e descreve também, de forma exemplar, duas das “instituições” femininas mais importantes do Estado Novo. Do ponto de vista da contextualização sócio-política e ideológica este texto apresentou-se-nos de extraordinária importância na fase preliminar da delimitação do tema e da identificação das questões deste estudo.

Tal como esta autora, partimos do princípio de que não é possível realizar um trabalho deste tipo sem o inserir no contexto mais geral da política do Estado Novo relativamente às mulheres. “(...)Deve dizer-se, em primeiro lugar, que a desvalorização das mulheres e do seu papel por parte do regime estendeu-se à forma como ele tratou a *Mocidade Portuguesa Feminina*, dando ele próprio pouca importância à sua organização feminina, mesmo que esta tenha organizado compulsivamente e moldado ideológica e moralmente muitas raparigas portuguesas ao longo de trinta e seis anos. São raras as obras de referência ou de propaganda do regime salazarista que mencionam a MPF, e, quando o fazem, é para deixá-la numa quase penumbra (...)” (Pimentel, 2000. p. 9). Se este é o contexto *do* regime, melhor se compreenderá a enorme indiferença a que foi votada a revista *Os Nossos Filhos*, que agia *fora do* regime, por parte desse mesmo poder.

Finalmente, por razões semelhantes mas de qualidade distinta, referimos as teses de Vanda Gorjão<sup>24</sup>(2002) e de Maria Antónia Fiadeiro<sup>25</sup>(1999). Esta última, pretende ser uma biografia jornalística de Maria Lamas que nos interessa em particular para estabelecermos a comparação possível com a biografia que faremos de Maria Lúcia

---

<sup>24</sup> Intitulada *Mulheres em tempos sombrios: oposição feminina ao Estado Novo*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais. 346 p.

<sup>25</sup> FIADEIRO, Maria Antónia Correia Ribeiro - *Maria Lamas: 1893-1983, uma mulher jornalista: tentativa e tentativa biográfica*. Lisboa: Universidade Aberta. (Dissertação de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres)



Vassalo Namorado, prima direita de Maria Lamas e dezasseis anos mais nova do que esta. Quanto a Vanda Gorjão é a única referência que encontrámos especificamente sobre as Mulheres e a oposição ao Estado Novo e que, depois de bem avaliada, nos levou a considerar que as questões sobre as relações entre Maria Lúcia Vassalo Namorado e a oposição ao regime não são de todos infundadas na nossa hipótese de partida.

Sob o ponto de vista da sistematização do pensamento pedagógico de algumas individualidades e para nos documentarmos sobre a forma como poderíamos orientar a redacção de um dos capítulos fundamentais deste estudo – aquele onde fazemos a análise do pensamento pedagógico expresso na revista *Os Nossos Filhos*- para além do já citado *Dicionário de Educadores Portugueses* consultámos uma tese sobre *O Pensamento pedagógico de Bernardino Machado* que foi menos esclarecedor do que prevíamos.

Neste levantamento de documentos existentes sobre o tema da educação das mulheres e das crianças no Estado Novo incluímos também as pequenas sínteses descritivas e interpretativas<sup>26</sup> que fomos fazendo para participar em eventos que de

---

<sup>26</sup> Em Janeiro e Fevereiro de 2003 entregámos os artigos “*NAMORADO, Maria Lúcia Vassalo: Torres Novas, 1-06-1909- Lisboa, 9-2-2000*”, 3 páginas, e “*Os Nossos Filhos: revista mensal para os pais*”. 4 páginas para o *Dicionário no Feminino- séc. XIX-XX*, projecto coordenado por João Esteves, investigador do CEMRI e elemento da revista “*Faces de Eva*” da Universidade Nova de Lisboa, acabado de publicar em 2005.

Nesse mesmo ano, em 28 de Fevereiro, no Encontro *Infâncias no Feminino*, promovido pelo *Projecto Museológico. Centro de Investigação em História da Escola e da Infância* da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém, na mesma Escola, apresentámos a comunicação “*Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva Rosa: balanço de uma investigação sobre a Educação das Mulheres e das Crianças no Estado Novo*”.

Em Maio de 2003 entregámos a “entrada” “*NAMORADO, Maria Lúcia- 1909-2000*”, 8 páginas, para *Dicionário de Educadores Portugueses*, sob orientação do Professor António Nóvoa, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, entretanto publicado pela Asa (entrada 594, p. 971-972).

Sobre as questões relacionadas com a investigação em arquivos não organizados apresentámos a comunicação “*Arquivos, espólios e História da Educação...*”, no Seminário do Grupo de Trabalho em *História da Infância e Materiais Educativos e Lúdicos – GRUTHIMEL – Secção História da Infância: Que fontes?*, realizado em 1 de Abril 2004, no Anfiteatro Prof. Doutor Ferreira Marques, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

Para este mesmo Grupo, em sessão de trabalho interna, em 10 Novembro 2004, proferimos a palestra: “*Como nasce e se organiza uma investigação: “A Educação das Mães e das Crianças no Estado Novo: uma proposta pedagógica de Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva Rosa*”, na sessão realizada na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, sala de Ciências da Educação.

Já numa tentativa de leitura reflexiva sobre a correspondência existente no espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva Rosa apresentámos a comunicação: “*De que falam as mulheres do/no Sul? Diálogos femininos: 1942-1958*”, realizada em Évora, em 26 Maio 2004, no Palácio do Conde de Vimioso, a convite do Núcleo de Estudos de História das Mulheres do CIDEHUS da Universidade de Évora, integrada no III Ciclo de Conferências: *O Feminino ao Sul: Imagens da Mulher no Alentejo: séc. XIX-XX*. Em 6 de Março 2005, demos uma entrevista para o Programa *Portugueses Excelentíssimos*- 12 às 13h, conduzida por Fernando Alves, para a TSF, no âmbito das comemorações do *Dia Internacional da Mulher*.

alguma forma se prendiam com o estudo das temáticas abordadas na presente investigação. Alguns desses textos ficaram necessariamente incompletos uma vez que, em muitos casos, só posteriormente reunimos um maior volume de dados que são acrescentados e que corrigem, agora, as versões então produzidas.

Para aprofundamento de questões que se prendiam com opções metodológicas a tomar e tendo consciência de que era necessário um maior investimento no estudo de alguns dos conceitos e de maior envolvimento na temática definida, também frequentámos algumas sessões de formação<sup>27</sup> sobre diversos temas que nos permitiram encontrar outros(as) investigadores(as) a trabalhar em áreas afins e que foram fundamentais para a redefinição e reordenação de alguns dos problemas iniciais deste estudo.

Outro dos aspectos a que tivemos de dar uma cuidada atenção foi à identificação e definição dos principais conceitos usados neste trabalho. Atendendo a que pretendemos caracterizar o tipo de educação que a revista *Os Nossos Filhos* propõe para as mulheres e para a criança, tivemos de aprofundar os conceitos de educação e educação não-formal, género, valores, cultura e representações sociais e educativas no Estado Novo. Para esse fim foram fundamentais os contributos de Mónica (1978), Medina (1990), Reis (1990), Nóvoa (1993, 1996), Rosas (1996), Guinote (1998), Proença (2000) e Pimentel (2000).

Um dos problemas com que nos confrontámos ao longo do trabalho foi o da necessidade de “(...)eliminar toda a ambiguidade possível de termos usados(...)” (Crowl, 1996. p. 67) nos artigos da revista e mesmo na correspondência pois encontrámos diversas “definições” possíveis para muitos conceitos desde “educação”, “criatividade” a “criança”, “Mãe”, entre muitos outros. Porque seria fastidioso e árido enumerar e

---

<sup>27</sup> De 11 Março a 8 Maio 2003 frequentámos o Círculo de Estudos “*Onde estão as Mulheres? Reconstruir o olhar sobre a História Contemporânea*”, Acção 4/2003 da Associação dos Professores de História, num total de 25 horas, realizada na Escola Secundária da Cidade Universitária em Lisboa, orientada por Teresa Pinto e Teresa Alvarez, da Comissão para a Igualdade e os Direitos das Mulheres (CIDM).

De 21 a 23 de Maio do mesmo ano assistimos ao II Curso Livre de Estudos sobre a Mulher – “*Falar de Mulheres, História e Historiografia*”, coordenado por António Ferreira de Sousa, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, promovida pela revista “*Faces de Eva*. Centro de Estudos sobre a Mulher”.

Com os mesmos objectivos participámos ainda no Encontro *100 anos de escolarização obrigatória*, promovido e realizado pelo/no Centro de História CEIS da Universidade de Coimbra, em 12 de Dezembro de 2003, na Sessão sobre *História Oral...: subjectividade vigiada ou assumida?* orientada por Manuela Cruzeiro e promovida pela Universidade Aberta, em 19 Março 2004; no V Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: *Igreja, Estado e Sociedade Civil: Instâncias promotoras de ensino*, realizado na Universidade de Évora, de 5 a 8 de Abril de 2004 e ainda no Seminário Evocativo do 1º Congresso Feminista e de Educação em Portugal, realizado na FCG e no Auditório da Universidade Nova de Lisboa, de 4 a 6 de Maio 2004.

definir aqui cada um dos conceitos utilizados, sempre que se revele necessário especificaremos, ao longo do texto, o sentido em que utilizamos cada um deles.

As diversas concepções de mulher, homem e criança com que nos confrontamos no quotidiano (o que deve fazer a mulher e o homem, papéis,...) remeteram-nos para a análise das representações sociais “(...) acerca do valor e do carácter das mulheres e dos homens; são imagens, são idéias feitas (...) estas representações alimentam-se dos valores, crenças e ideologias dominantes(...)” (Martelo, 1999.p. 14). Por estas razões aprofundamos a análise dos conceitos de género (Amâncio, 1994; Benavente, 1995; Barros e Saavedra, 1996 entre outros), representações sociais e educativas (Vala, 2001), valores (Barata Moura, 1982...) e cultura (Cazeneuve e Victoroff, 1982, ...) uma vez que a revista *Os Nossos Filhos* e o *Espólio* de Maria Lúcia Vassalo Namorado são uma excelente fonte a analisar à luz destes conceitos, de forma a poder contribuir para a história geral da Educação e para identificar o modo de construção de determinados estereótipos a partir do *corpus* documental seleccionado para este estudo.

Partimos da hipótese de que “(...) na sociedade portuguesa (...) não havia uma só ideologia - a do Estado Novo e a da Igreja - relativamente às mulheres e, ao contrário do mito espalhado pelo regime de que todos os Portugueses pensavam da mesma forma e do outro mito espalhado pela oposição de que a ditadura era onnipresente, houve sempre espaços que foram aproveitados para o exercício de uma liberdade relativa(...)” (Pimentel, 2000, p. 210). Maria Lúcia Vassalo Namorado, como já referimos, prima de Maria Lamas, era filiada em duas organizações femininas mal aceites pelo Estado Novo (Gorjão, 1994), a saber, o *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* ou CNMP, fundado por Adelaide Cabete<sup>28</sup>, em 1914 ou seja, a secção portuguesa do *Conselho Internacional das Mulheres* e da *Associação Feminina Portuguesa para a Paz* - AFPP, fundada em 1936, em “(...) pleno período da guerra civil espanhola para apoiar, discreta e clandestinamente, os republicanos espanhóis(...)” (Pimentel, 2000, p. 117). Esta senhora foi também subscritora das listas do MUD (p. 118), entre muitas outras actividades a que se dedicou e que podemos encontrar no seu *curriculum vitae* (Namorado, 1998), analisado mais adiante neste capítulo.

Por estas razões e também como hipótese de partida, parece-nos que a obra de Maria Lúcia Vassalo Namorado se pode inserir no espaço de “liberdade relativa” acima

---

<sup>28</sup> Ana Barradas em *As Clandestinas* apresenta o CNMP como tendo tido por “(...) fundadora e de que era presidente(...)” (p. 34) a jornalista Maria Lamas.

identificado. Também ela quis agrupar as mulheres e “(...) actuou entre elas de forma independente com um programa autónomo e uma direcção feminina própria, profundamente marcados pela sua carismática dirigente(...)” (Pimentel, 2000. p. 10). Saber como se reflectem estas opções, ao longo da sua vida e da sua obra, são também propósitos condutores deste estudo.

A partir das primeiras reflexões sobre o tema escolhido para esta dissertação e dos contributos que acabamos de referir, fomos definindo as questões a esclarecer e as fontes a consultar.

Os três vectores fundamentais que irão sustentar o texto final deste estudo são: uma biografia exaustiva de Maria Lúcia Vassalo Namorado, a proposta de Educação Feminina/Educação das Mães e das Crianças percebida na revista “*Os Nossos Filhos*” e o “cruzamento” com a correspondência activa e passiva da/para a pedagoga existente no referido *Espólio* e que serão descritas mais em profundidade nos capítulos seguintes.

Quanto à primeira questão, estamos conscientes de que a tarefa de elaboração de uma biografia convoca, hoje, várias questões teóricas: abandono (ou não) da perspectiva biográfica positivista, papel da biografia em História e na actualidade, definição dos critérios de identificação de “(...)quem se pode investigar do ponto de vista biográfico individual(...)” (Aguirre Roxas, 2000); relações indivíduo, meio e contexto histórico; relação entre indivíduo e produção de uma obra; forma que tomam as relações verticais e horizontais entre indivíduo e contexto: família, classe, cultura, associações e relações pessoais; definição da complexidade de um percurso individual, ou seja, ligações, contradições e mudanças não controladas para além da representatividade histórica do cidadão comum e de muitas outras que, a seu tempo, equacionaremos neste trabalho.

Escrever uma qualquer biografia parece simples mas é talvez um dos textos mais difíceis de executar. Ela exige “(...)em termos absolutamente inquestionáveis uma atitude selectiva, que passa por eleger os factos dignos de menção e desprezar os que forem considerados menos significativos. E isso é sempre um risco. Enquanto forma de narração, a biografia, ao mesmo tempo que estimula a curiosidade, fornece ao público a possibilidade de conhecer melhor aqueles que admira ou detesta(...)” (Raimundo, 2003. p. 16). Temos um primeiro problema, já anteriormente apreciado neste trabalho: o da (não) isenção que é, assim o cremos, impossível alcançar pois que nessa escrita se cruzam opções pessoais que vão da forma de encarar os problemas do quotidiano aos

assuntos observados através de diversos prismas afectivos, ideológicos ou mesmo axiológicos.

A estas primeiras dificuldades pode (ou não) juntar-se a falta de tempo de que se dispõe para apreciar e condensar toda uma vida de que se desconhecem, como no caso vertente, a maior parte dos dados essenciais como origens, juventude, idade adulta e realizações profissionais.

Executar uma biografia implica ainda ser exaustivo, exacto e equilibrado uma vez que, sobretudo em relação a este último aspecto, é preciso reagir contra o excesso e/ou a escassez de elogios ou de críticas.

A biografia de Maria Lúcia Vassalo Namorado que elaboramos neste trabalho deve ser classificada como “não autorizada” ( Raimundo, 2003. p. 25) porque, sem qualquer conotação negativa, ela não foi vista pela visada; foi escrita não só a partir dos dados que sobre ela recolhemos nos seus documentos mas também do levantamento de outros retirados de muitas fontes, que sempre identificamos e que nos permitem acrescentar informações que Maria Lúcia Vassalo Namorado omitiu no seu Espólio, “(...)acertar datas e relativizar a importância de certos acontecimentos(...)” (Raimundo, 2003. p. 27).

Escrever uma biografia é uma verdadeira obra de paciência, dita feminina, pois temos de reunir“(...) o maior número possível de conhecimentos sobre um personagem histórico, a fim de se aproximar, tanto quanto possível, da sua verdade viva, com o máximo de precisão, de autenticidade e de probidade (...)” (Orieux, 1986. p.33). Normalmente a(o) biógrafa(o) tem que se munir de uma informação segura e variada nunca esquecendo que “(...) não é fácil a tarefa de contar uma vida, seja com luz ou papel, realidade ou imaginação(...)” (Schmidt , 2000. p. 70).

Ao manusear o Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado para dele extrairmos informações sentimos necessidade de estabelecer com ela “(...)uma espécie de confiança e de aliança póstuma(...)pois é dessa longa intimidade que nasce uma biografia(...)” (Orieux, 1986. p.35). Essa tarefa não foi simples. Por um lado precisávamos de manusear os documentos nele guardados e durante tanto tempo resguardados de olhares alheios. Por outro, é em silêncio que qualquer biografada vê chegar um(a) intrusa(o) e instalar-se na sua vida privada. Por outro ainda, a biografada revela-se agora menos reservada, desconfiada e falsa do que o foi para as(os) suas(seus) contemporâneas(os). Do lado de quem procura a informação também há a vantagem de, sobretudo após a

morte do seu “objecto de estudo”, haver a possibilidade de conhecer diversas facetas da mesma pessoa. Nem sempre os familiares e amigos conheceram todas elas.

A esta fase segue-se a mais difícil em que se tenta, a partir de “(...)testemunhos diferentes e até contraditórios,(...) elaborar uma face compósita, na qual há algumas probabilidades de podermos encontrar a personagem integral, que os seus contemporâneos provavelmente não conheceram(...)”(Orieux, 1986. p.36).

Ao fim destes três anos de trabalho apresentamos “(...)uma verdadeira re - criação(...)” de Maria Lúcia Vassalo Namorado pois que “(...) entram agora em jogo as afinidades, as intuições, as revelações — o que de forma alguma significa fantasia(...)” (Orieux, 1986. p.38).

Uma das dificuldades é traçar uma linha de actuação que não possa, para ser um trabalho histórico credível, perder o respeito pela personagem com quem convivemos. Ela não nos deixa nunca indiferentes: pode agradar-nos, interessar-nos, escandalizar-nos pelas suas convicções, pelos seus “(...)méritos, pelos seus triunfos, pelas suas misérias, pelas suas grandezas e, até, pelos seus defeitos(...)” (Orieux, 1986. p. 39).

Ao estabelecer o percurso biográfico de Maria Lúcia Vassalo Namorado dialogamos com a personagem que nos absorve, sobretudo para lhe colocar as questões que não conseguimos clarificar e para lhe solicitarmos apoio nas opções tomadas.

É este trabalho de minúcia, que exige tempo e solidão assim como uma grande dose de risco, que nos permite “(...)fazer surgir da poeira dos velhos papéis uma personagem até então destruída(...).Temos então a alegria de ver a múmia ganhar vida, de fazer saltar os cadeados do esquecimento e as crostas dos preconceitos” (Orieux, 1986. p. 41).

Neste trabalho a biografia é vista como “género histórico (...) cuja finalidade é o esclarecimento recíproco do indivíduo e do seu tempo, a articulação de um destino particular, isto é, de escolhas pessoais, de uma liberdade concreta, sobre um conjunto de constrangimentos [e ou estímulos] de toda a ordem —tanto mentais como materiais— impostos pela época e pelo meio(...)” (Mendes, 1992. p.358) e é feita valorizando, simultaneamente, (Levi, 1989. In Mendes, 1992. p.359) a biografia individual e a contextualização.

Também aqui se assume que ao “(...) resgatar a história “vista de baixo” terminou por se abrir espaços para sujeitos que raramente tinham tido voz na historiografia. As biografias, por exemplo, passaram a referir-se não apenas aos “grandes homens” mas também ao trabalhador pobre, (à mulher...)(...)” (Xavier, 2000. In 2000. In Schmidt, 2000 org, p. 100).

É ainda nossa preocupação escrever a história de Maria Lúcia Vassalo Namorado a partir da experiência dela. Para tal, houve necessidade de pensar nas formas pelas quais organizou a sua vida e consolidou a sua cultura, pensá-la e interrogar as fontes segundo essa perspectiva. Nesse sentido, partimos sobretudo da documentação por ela guardada no seu Espólio.

Perante tais escritos temos necessidade de equilibrar a descrição da vida dos indivíduos com as estruturas nas quais se desenrolou a sua vida.

Há uma questão que também se coloca aqui: qual o grau de representatividade de que se reveste a biografia de uma só pessoa? Ou será que a questão correcta deverá ser: qual a pertinência de usar esta biografia e não outra de alguém coevo? A esta questão parecem-nos que a resposta mais adequada é: "(...) metodologicamente a questão está, não em tentar inserir a vida do indivíduo em grupos sociais ou categorias artificialmente construídas mas em ver a pertinência do relato na cultura de que faz parte. O tema da representatividade deve ser inscrito dentro de outra lógica: a da plausibilidade e a credibilidade(...)" (Bolívar y Fernández, 2001. p. 131).

Optamos, de forma consciente, por uma personagem dita "(...) pessoa comum(...)" (Schmidt, 2000. p. 52) porque pretendemos compreender e "(...) investigar os espaços de exercício da liberdade possíveis em uma determinada sociedade(...)" (Schmidt, 2000. p. 53). Cremos que a identificação de muitas dessas figuras de cada época pode lançar novos e diversos olhares sobre muitos períodos históricos assim como sobre novas e diversas temáticas.

No que diz respeito aos objectivos que temos ao encetar esta biografia há que referir que não nos move, como em muitas biografias tradicionais, nem a apologia nem o descrédito da biografada. A realização da biografia de Maria Lúcia Vassalo Namorado apresentou-se-nos como uma necessidade e como uma "(...) via de acesso para a compreensão de questões e/ou contextos mais amplos, ao recuperar aspectos do quotidiano, da ambiência cultural e do universo simbólico(...)" (Schmidt, 2000. p. 55) da biografada.

A biografia de Maria Lúcia Vassalo Namorado será elaborada também a partir das "fases" biológicas ou seja, infância, adolescência e idade adulta que serão analisadas de forma a identificar as questões que se prendem com a sua própria escolarização, pensamento e acção.

Neste sentido foram lidos diversos textos teóricos de apoio sobre elaboração de biografias<sup>29</sup>, lidos e fichados todos os artigos, livros por ela escritos para crianças ou adultos, colaborações de Maria Lúcia Vassalo Namorado em todas as revistas, ainda que sob pseudónimos, foram analisadas as entrevistas que concedeu, o programa de rádio<sup>30</sup> que dirigiu e o programa de RTP<sup>31</sup> que orientou assim como foi feito o levantamento, o mais exaustivo possível, de todos dados biográficos entre 1909/2000.

No caso presente considerámos, enquanto estratégia metodológica, ser absolutamente indispensável escrever a biografia de Maria Lúcia Vassalo Namorado, partindo do princípio de que valeria a pena estudá-la enquanto personagem histórica; ela tem de ser vista enquanto personagem singular. O facto de ter guardado um acervo documental com o qual formou um *Espólio* e o facto de só muito raramente poderemos ter acesso a algo semelhante produzido por outras personagens prova-nos que, embora considerando-se uma pessoa comum, ela tem a noção real da importância de que se revestem hoje testemunhos que foram sendo guardados um pouco aleatoriamente.

Ao escrever a biografia de Maria Lúcia Vassalo Namorado não podemos esquecer que hoje se vem recolocando a reflexão metodológica sobre a importância e o papel que as biografias podem desempenhar na escrita da história. Hoje não se colocam já os problemas que sobre ela apresentou a historiografia positivista e existe um largo consenso de que a biografia tenta “(...) reconstruir e explicar (...) a vida de uma personagem determinada ou eleita, necessariamente inserida num contexto múltiplo e também específico(...)”(Aguirre Rojas, 2000. In Schmidt, 2000 org. , p. 15), de que o indivíduo também se vai modificando à medida que o processo histórico evolui, de que “(...) a questão se complica mais quando nos perguntamos que grupo de indivíduos são susceptíveis de ser investigados sob o prisma do género biográfico(...)”(Aguirre Rojas, 2000. In Schmidt, 2000 org. , p. 24) e de que a biografia implica sempre dois elementos principais: “(...) de um lado o indivíduo e do outro o seu meio, a sua época e respectivo contexto histórico(...)”(Aguirre Rojas, 2000. In Schmidt, 2000 org. , p. 26).

---

<sup>29</sup> Cf. referências bibliográficas na Bibliografia final do presente estudo

<sup>30</sup> Os conteúdos do programa já foram analisados; a passagem da gravação da bobine para CD-Rom foi realizada por Ricardo Nunes, vice-presidente do CD da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal.

<sup>31</sup> Deste documento apenas existem os textos, completos e meticulosamente anotados por Maria Lúcia Vassalo Namorado, uma vez que, em 1957, a RTP ainda não gravava as emissões para memória futura. Temos de agradecer a gentileza da então estudante de *Enfermagem na Escola Técnica de Enfermeiras do Instituto Português de Oncologia*, Maria Eugénia Teixeira dos Prazeres que nos cedeu alguns dos textos originais do programa onde ela fazia o “papel” de enfermeira puericultora.



Nesta perspectiva, o desafio de quem escreve uma biografia é o de estabelecer a relação existente entre o indivíduo e o contexto, quer optando por colocar a ênfase no primeiro ou no segundo destes aspectos. Decidimos descrever o percurso biográfico de Maria Lúcia Vassalo Namorado integrando-a no contexto em que viveu uma vez que só assim nos parece possível estabelecer uma relação mais eficaz entre a biografada e a obra que produziu, assim como perceber melhor a obra que realizou e de forma a compreender que a sua “(...) acção e obra histórica são também geradoras e produtoras(...)do próprio indivíduo”(Aguirre Rojas, 2000. In Schmidt, 2000 org., p. 31). Mais difícil é, porém, identificar “(...) os efeitos mais prolongados sobre a conjuntura específica em que se inserem essas actividades e trabalhos(...)”(Aguirre Rojas, 2000. In Schmidt, 2000 org., p. 35).

Uma outra questão que queremos sublinhar é que Maria Lúcia Vassalo Namorado deve ser vista também como “(...) um membro de uma família e simultaneamente como elemento de uma classe, com uma certa cultura, integrada em certas associações políticas, com certos vínculos de amizades(...)”(Aguirre Rojas, 2000. In Schmidt, 2000 org., p. 36) que fazem da escrita dessa biografia uma tarefa menos simples do que aparenta ser.

Nesta biografia tentámos, embora nem sempre o conseguindo, não cair numa descrição retroprojectiva, ou seja, ver o trajecto de Maria Lúcia Vassalo Namorado desde a infância até à idade adulta como premonitor das actividades a que ela se viria a dedicar enquanto profissional, pois consideramos que se pode revelar uma opção audaciosa. Por esta razão partimos do princípio de que um percurso, por muito simples que seja, e não é este o caso vertente, não é uma sequência ascendente de episódios coerentes de sucesso mas que, em *algumas* fases da vida da biografada tal poderá parecer o caso.

De início, para estabelecer uma primeira abordagem biográfica de Maria Lúcia Vassalo Namorado partimos, sobretudo, das fontes de carácter autobiográfico embora nem sempre as tenhamos seguido como fidedignas porque, ao narrarem a vida de uma forma pregressa, não só “(...) estabelecem uma consciência e uma coerência retrospectivas sobre um passado não tão linear (...) e, mesmo numa documentação aparentemente tão *verdadeira*, no sentido de reveladora da intimidade(...)” (Schmidt , 2000. p. 60) encontrámos também “(...)uma série de silêncios nestas narrativas (...)”(Schmidt , 2000. p. 61).

Esses espaços mudos ou “(...)espaços em branco(...)” (Sadovski, 1998. p. 44 In Schmidt , 2000. p. 65), quando detectados, são registados e preenchidos com os dados

que retirámos quer de outras fontes documentais quer com tentativas de interpretação que também ensaiámos. Neste caso, “(...) os momentos de invenção (...) foram sempre sinalizados (...) através da utilização de expressões como “provavelmente”, “talvez” (Schmidt , 2000. p. 67)

Os apontamentos autobiográfico de Maria Lúcia Vassalo Namorado de que partimos neste trabalho foi um curriculum de quatro páginas, dactilografado, que nos foi dado pela família, datado de 18 de Janeiro de 1998, /tenho scanner/ou seja, dois anos antes da sua morte. Como em todos os documentos desse tipo há uma caminho que a autora quis traçar com um fim específico. Neste caso, o documento destinava-se a uma entrada de um dicionário biográfico. Como é frequente, o esforço de redacção deste tipo de resumos de vida “(...) está orientado por uma necessidade determinada pelo momento actual, e assim os supostos lapsos de memória podem ser considerados não apenas como falhas ou rupturas do que se tenta apreender do passado, mas como partes do próprio texto(...)”. (Lacerda, 2000. p.89).

Uma vez que lhe foi necessário arrumar quase noventa anos de vida em tão pouco espaço houve que resumir, suprimir e censurar porque descrever-se é mostrar mas também esconder. Nesse texto Maria Lúcia Vassalo Namorado apresentava-se sob diversas facetas:

- como colaboradora de Maria Lamas em *Modas & Bordados* com contos e poesias, responsável pela *Página das Mães* e *Escola de Donas de Casa* e em *Joaninha* e em várias secções sob os pseudónimos *Dona Experiência*, *Milú*, *Tricana*, *Marianela*;
- como directora da revista *Os Nossos Filhos* que fundara motivada pelo :“(...) Interesse pelas crianças e pela observação de erros educativos de que eram vítimas devido pobreza mas ignorância em todas as classes(...)/fundara uma/ Publicação que levasse ensinamentos esclarecedores aos pais(...)”; entre Junho 1942 a Dez. 1958- criação da Editorial de que foi directora, editora, redactora e administradora (...)”
- como orientadora de uma iniciativa no *Rádio Clube Português*, “(...) durante 1 ano, de 15 em 15 dias com início em 18-4-1945 um *Programa radiofónico para as Mães* em que autora também participa com locução;
- Como convidada a escrever para *Rádio Televisão Portuguesa - RTP* um programa para Pais – “(...) *Filhos e Pais*, mensal, início em Janeiro 1958 para problemas das crianças de todas as idades com interpretação da Enfermeira

- Teixeira dos Prazeres e diversos artistas teatrais como Fernanda Alves e Luís Cerqueira sob direcção de Alvaro Benamor(...)”;
- Como dinamizadora de *Portugal visto pelas suas crianças*, a sua mais importante iniciativa, “(...) da sua responsabilidade em 29 Março 1958 direcção pedagógica de Cecília Menano e MM Calvet de Magalhães com publicação de álbum alusivo; António Lopes Ribeiro realizou um documentário sobre este movimento(...)”;
  - Como colaboradora de outras publicações: *Suplemento literário* da revista *Mãos de Fada*- com título *O Cantinho das Mães* entre 1947-48; *Jornal Rádio e Televisão*- 1957-58, com encargo da *Página da Mulher*; no *Diário de Lisboa*, na década de 60- com página *Eduquemos o nosso filho* e secção infantil *Para os Mais Pequenos* e com dois correios: *Aqui entre nós*, no Juvenil com pseudónimo *Telma* e no *Diário de Lisboa - Magazine*, intitulado *Os Teus problemas*, sob pseudónimo *Tião* e com colaboração em *O Comércio do Porto* – na página infantil nos anos 70, dirigida por Costa Barreto;
  - Como participante noutras actividades: de Abril 1959 a Jan. 1975- Na Fundação Raquel e Martin Sain dirige *Centro de Reabilitação de Cegos Recentes*; daqui sai corpo docente do Centro de N. Senhora dos Anjos, criado mais tarde pelo Governo; em 1975-76- Prof. Convidada de Lit. Para a Infância na Esc. Magistério Primário de Lisboa; em 1978-81- da mesma disciplina no *Curso de Didáctica Pré-Primária pelo Método João de Deus*, na respectiva Escola;
  - Como membro de diversas sociedades: Membro *Secção Portuguesa de Educação pela Arte*- no tempo de Alice Gomes; Membro *Secção Portuguesa de IBBY*, no tempo de Lília da Fonseca onde integrava grupo de leitura e classificação de livros para crianças publicados em Portugal; Membro do Grupo que elaborou *Linguagem Oral e Ortografia* do Centro de Linguística de Lisboa; Sócia fundadora do *Instituto de Apoio à Criança*, no tempo de Manuela Eanes; Secretária da Assembleia Geral do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, sob presidência de Maria Lamas; Participação na *Campanha de Alfabetização de Adultos* promovida por Helena Cidade Moura, pós 25-4-1974;
  - Como editora, planeara, dirigira e editara a colecção *Os Livros da Grande Roda*, graduados, em vários géneros, de acordo com necessidades das crianças de 2-12 anos, tendo publicado: de Maria Lúcia Namorado- *Era uma vez...*, il. de Maria Almira Medina; de Irene Lisboa- *A Vididinha da Lita*, il. Ilda Moreira; de Raquel

Delgado- *A Bola amarela*, il. De Cila; de Maria Isabel César Anjo- *A Primavera, O Verão, O Outono e Inverno...*, com ilustrações de Maria Keil; de Maria Lúcia Namorado- *Livrinhos de quadras, adivinhas e provérbios*, ilustrados por Cila e ainda dela, *Aventuras de Janoca e Janeca*, il. Alice Jorge(...)"

- Como autora escreveu: *A História do Pintainho amarelo* sobre reabilitação de cegos para crianças, para colecção Bandeiras de todo o mundo, il. Por Maria Keil e será adaptado pelo Instituto Summa de Buenos Aires; *Negro e cor de rosa*, novela; *Mulher dona de casa*; *Joaninha quer casar*; *História de um bago de milho*, il. Zé Manel e *Segredos da Serra Azul*, teatro, il. De Madalena Raimundo;
- Como conferencista tinha publicadas: *Breves considerações sobre valor pedagógico e social dos Jardins Escola João de Deus*; *Mensagem de Helen Keller* e *Fundação Sain e a reabilitação das pessoas cegas em Portugal*;
- Como tradutora de *Problemas quotidianos de Educação*, de Irene Lèzine;
- Finalmente, com cartão seu e de Maria Keil, promoveu a *Exposição de Tapetes de Arraiolos* na *Galeria Pórtico*, de 20-30 Nov. 1956, em Lisboa.

Foi esta, como anteriormente referimos, a primeira fonte<sup>32</sup> de que nos socorremos para a redacção da biografia de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Nela foram omitidas, como veremos, muitas outras actividades a que se dedicou.

Neste curriculum sublinha a sua crença no poder da educação e selecciona aquelas que foram as suas mais importantes intervenções como as conferências, a exposição de desenhos infantis, a sua colaboração em diversas publicações ao lado de mulheres

---

<sup>32</sup> Como se depreende dos documentos guardados no *Espólio*, Maria Lúcia Vassalo Namorado foi contactada diversas vezes para fornecer dados para obras de referência. Estão neste caso os dados solicitados, quase todos depois dos anos oitenta do século passado: por Orlando Neves, encarregado de recolher dados para obra de Américo Lopes de Oliveira para o *Dicionário de Mulheres Célebres*, da Lello & Irmãos, em 1981 (Caixa 77. Maço 1 e 2) nesta obra Maria Lúcia Vassalo Namorado é identificada como "(...) é directora da revista *Os Nossos Filhos*, iniciada em 1942(...)" (Oliveira, 1981. p. 1218); por Maria Teresa Gil, Directora do Departamento de Estudos e Investigação do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, para um 5º volume, então a sair, do *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses* (carta de 9 Dez. 1997. Caixa 77. Maço 2), ou os que lhe são pedidos por António Correia, colaborador da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* que solicita dados para Apêndice a essa obra que fora publicada em 1954 (carta de 9 Nov. 1959. Caixa 77. Maço 1).

O *Curriculum vitae* que envia a Teresa Gil é o que analisamos no capítulo seguinte deste trabalho e foi o primeiro documento biográfico a que, sobre Maria Lúcia Vassalo Namorado, tivemos acesso. Dele existem cópias de cartas, datadas de 18 e 31 de Janeiro de 1998 e enviadas por Maria Lúcia Vassalo Namorado em que se refere o envio desse curriculum (Há duas cartas pois que no primeiro havia diversas gralhas) (Caixa 77. Maço 2).

reconhecidas hoje como vultos importantes da nossa cultura, mostra que defendia certas reivindicações feministas, lutou pela publicação de livros infantis de qualidade definindo e mostrando com o exemplo dos livros que publicou quais os critérios que considerava fundamentais no texto, nas ilustrações, nas traduções de livros para crianças e na criação de bibliotecas infantis.

Dela fica-nos a imagem de uma mulher que foi protagonista, que teve visibilidade na área da cultura mas nada, aqui, transparece da esfera privada. Os dados sobre essa outra parte da mesma vida estão, como na maioria dos espólios, escondidos, envoltos em não dizeres que fazem pairar a figura assim construída acima do quotidiano, da luta pela sobrevivência. No seu *Espólio*, como no de muitas outras mulheres “(...)que fizeram arquivos visando a posteridade, sua experiência afectiva foi cuidadosamente abafada. (...) ocultou propositadamente essa dimensão da vida? Estaria deixando apenas aquilo que servisse à elaboração futura de uma biografia edificante? Será porque a escrita feminina tem seus truques e as mulheres educadas para o recato têm pudor em revelar-se em sua intimidade?(...) Onde ficaram as cartas de amor os diários íntimos e tantas outras (...) o que poderiam revelar? Em que gavetas, sótãos, porões, armários, baús de memórias, outras dimensões de sua trajetória estão resguardadas? Quem sabe se nos diários de velhas amigas sua vida não pode ser mais bem compreendida? O que significa esse silêncio? (...)” (Mignot, 2000. p139). Eis outras questões a que responderemos a seu tempo mas socorrendo-nos de outras fontes, externas ao *Espólio*.

Todos os “(...) documentos autobiográficos /como este curriculum/ são sempre “escritos do eu” ou melhor, “actos de invenção do eu” (Bolívar y Fernández, 2001. p. 30) que pressupõem uma “(...) reflexividade sobre a vida e se explicitam na crónica do eu, normalmente a instâncias de outro – investigador(a)- na geografia social e temporal da vida (Bolívar y Fernández, 2001. p. 36) e, como qualquer texto narrativo, passível de revisão e de interpretação (Bolívar y Fernández, 2001. p. 89).

Ao organizar a sua autobiografia, Maria Lúcia Vassalo Namorado fê-lo com um fim específico: a publicação. Ao mesmo tempo “(...)silenciou e/ou ressignificou acontecimentos que poderiam ameaçar a memória do passado: por extensão a identidade e a imagem pública que lutava por conquistar(...) ”(Delgado. 2000. In Schmidt, 2000 org, p. 153).

Nem todos os acontecimentos da sua vida ficaram aí registados. O “(...)esquecimento tecido a partir do silêncio em torno dos acontecimentos não-resolvidos e dolorosos do

passado promoveu a ruptura com os episódios que poderiam abalar ou despedaçar o auto-retrato que queria perpetuar(...)” (Delgado. 2000. In Schmidt, 2000 org, p. 159).

Esta estratégia vai ser também a usada na construção do *Espólio*<sup>33</sup> profissional onde não há qualquer imagem da família que constituiu porque deseja que esta se não “(...)tornasse presente na narrativa biográfica ou iconográfica(...)” (Delgado. 2000. In Schmidt, 2000 org, p. 175) da mulher.

Ao escrever sobre Maria Lúcia Vassalo Namorado consideramos que, desta forma, ela e outras mulheres cuja biografia se realiza, pela primeira vez, neste trabalho, podem passar ao estatuto de “verbetados” (Abreu, 2000. In Schmidt, 2000 org, p. 73), ou seja, a figuras não esquecidas pela história, na medida em que os dicionários também as consagram.

O outro vector desta investigação é, como foi já referenciado, a identificação do pensamento e da acção educativa de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Nesse sentido foi necessário realizar a análise dos artigos e textos da pedagoga e sobretudo, a revista *Os Nossos Filhos*, da qual foi *a alma e o corpo* durante os 16 anos em que ela se publicou (com números mensais entre 1942 e 1958; com números anuais entre esta última data e 1964), num total duzentos e cinco fascículos, todos aqui analisados.

A questão central deste trabalho é identificar e caracterizar o ideário educativo, a concepção de educação e o pensamento pedagógico de Maria Lúcia Vassalo Namorado na documentação que se encontra no seu *Espólio* e da revista *Os Nossos Filhos* que dirigiu, em Lisboa, durante dezasseis anos.

Outras questões decorrentes daquela foram consideradas, a saber:

- . Que discurso pedagógico (ideias, filosofia e concepções educativas) apresentam a revista *Os Nossos Filhos* e o *Espólio* de Maria Lúcia Vassalo Namorado?
- . Que condições de produção para esse discurso - conjuntura política, quadro institucional em que se insere, representações que o sustentam, que inculcação ideológica, moral, cultural, juízos de valor?
- . Que representação(ões) tem Maria Lúcia Vassalo Namorado da mulher e da criança a quem se dirige, quer na revista quer em todos os documentos do seu *Espólio*?
- . A revista *Os Nossos Filhos*, dirigida, editada e administrada por Maria Lúcia Vassalo Namorado, fundamentalmente destinada às Mães mas sendo dirigida aos pais, pode ser

---

<sup>33</sup> Veja-se, sobre este assunto, a caracterização do *Espólio* de Maria Lúcia Vassalo Namorado feita no cap. I deste trabalho.

vista também como veículo de construção de um ideário educativo não-formal, fora da lógica dos processos de escolarização das mulheres e da criança do/no Estado Novo?. Ou será que o modelo escolarizado de aprendizagem que parece ser recusado por Maria Lúcia Vassalo Namorado ao fundar a revista, vai ser utilizado quando cria cursos destinados à educação das Mães? A revista “pedagogisa” a aprendizagem das mães?

. Que áreas são tratadas? Como? Que contributo para a construção de uma mentalidade educativa feminina? De que autoridade dispõe? Que relações estabelece com produções congêneres?

. A quem se dirige - a camadas mais libertas economicamente(...)e mais rebeldes face à “educação e doutrinação que o Estado Novo lhes propunha...” (Pimentel, 2000, p. 22)?

. Que processo de endoutrinação consegue sobre aqueles/as a quem se destina?/ Que efeitos provoca a mensagem sobre os(as) destinatários(as)? Que efeitos sobre quem o lê?

. Quem é esta senhora que também milita em organizações que serão proibidas pelo Estado Novo, respectivamente, em 1948 e 1952 (Pimentel, 2000) que assina as listas do *Movimento de Unidade Democrática* (MUD) em 1945 (Gorjão, 1994, p. 57) e que consegue dirigir a citada revista ao longo de mais de uma década e meia? Como é que ela se aproxima/afasta do “(...)projecto doutrinário totalizante para a sociedade portuguesa(...)” do Estado Novo (Rosas, 1996)? Será que a sua produção teórica - e a daqueles/as que com ela colaboraram - pode ser vista como uma das “(...)muitas áreas da vida privada libertas da doutrinação política(...)” (Mónica, 1978, p. 355)? Como aborda temas como *família e mulher, a função social da mulher e da criança*? De que forma (não) põe em causa a condução da mulher para as áreas da educação e da assistência vistos enquanto únicos campos que o Estado Novo “distribui” como áreas de intervenção privilegiadas ao sexo feminino?

. Qual o contributo que a correspondência privada pode dar para a identificação e sistematização de um currículo educativo feminino? Quem escreve? Com que fins?

. Como se caracteriza o quotidiano que coexiste com formas de repressão cultural não inibidoras de resistência?

Responder a estas questões e “(...) contribuir para a história geral através da história particular das mulheres (...)” (Pimentel, 2000. p. 10) é o que pretendemos depois de tecermos também algumas considerações sobre a utilização deste tipo de fontes – os espólios - em História da Educação.

A existência do Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado é de uma enorme importância. Enquanto que a maioria dos arquivos públicos não falam das mulheres, os privados, sobretudo os que por algumas delas foram guardados, dão-nos imensas informações “(...)sobre o quotidiano, formas de ver o mundo através de factos comuns da experiência humana, hábitos, costumes, Contêm pequeninas coisas com grande poder lembrança: escritos insólitos, imagens de pessoas próximas, objectos de devoção(...)” (Mignot, 2000. p124).

Dada a pouca importância que sucessivos governos têm dedicado às questões culturais não admira que a única instituição que pretendia recolher a memória escolar – o *Instituto Histórico de Educação* – tenha sido “calada” pouco tempo após o seu atribulado nascimento. Não possuímos ainda, como já acontece no Brasil, um *Centro de Memória de Educação*<sup>34</sup>. Também nos damos conta das “(...)omissões das obras de referência, da inexistência de instrumentos metodológicos, da necessidade de recolher e preservar fontes escritas, e da importância dos arquivos particulares(...)” (Esteves, 2003. p.63). Nestes, os espólios individuais, sobretudo de mulheres, permitem já um outro olhar sobre as questões de género e educação e alguns deles estão disponíveis para consulta. Estão neste caso o de Ana de Castro Osório e Maria Lamas, na Biblioteca Nacional em Lisboa, o de Maria Olga de Moraes Sarmiento da Silveira, na Câmara Municipal de Setúbal, o de Cristina Torres dos Santos, no *Arquivo Histórico Municipal* da Figueira da Foz, o de Elina Guimarães, na *Biblioteca Nacional* e na *Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres* e ainda o *Fundo Particular Bernardino Machado*, no Museu Bernardino Machado, em Vila Nova de Famalicão (Esteves, 2003. p.71). A este grupo vem agora juntar-se o *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, em Lisboa. A partir dele é-nos possível reconstruir o percurso de vida da sua autora. Não foi ela que descreveu esse percurso mas é através do que ela guardou que podemos identificar as formas de que se revestiu a sua actuação pública e as suas relações privadas.

Conhecendo já uma primeira abordagem autobiográfica que nos foi dada pelo curriculum elaborado em 1998, como referimos, o manusear do *Espólio* foi uma surpresa. Perguntámo-nos frequentemente: o que tinha ela querido guardar para além do

---

<sup>34</sup> Cf, entre outros, VIDAL, Diana Gonçalves; HILSDORF, Maria Lúcia Spedo (s.d.)- O Centro de Memória da Educação - USP: Acervo documental e pesquisas em História da Educação. In MENEZES, Maria Cristina (org.) (2004) – *Educação, memória, história: possibilidades, leituras*. Campinas, SP (Brasil): Mercado de Letras. P. 131-144



que de si dizia naquele texto? O que queria que ficasse para sempre em segredo? Que intenção teve quando, desde muito cedo, decidira guardar tantos e tantos papéis? Porque os conservara durante tanto tempo? Onde os guardara<sup>35</sup>? Que critérios haviam presidido à sua arrumação? Porque razão, já no fim da vida, voltara a eles, como se via pelas folhas soltas que ainda hoje os separam, anotadas com caligrafia trémula e caracteres negros de quem tem já pouca capacidade de ver? Que critérios teriam presidido à eliminação de alguns documentos e ao meticuloso arquivo de outros? Quem, na família ou fora dela, sabia da existência desses papéis? Porque tinham estado tantos anos esquecidos, escondidos, mesmo quando a clandestinidade e o medo eram já passado?

A estas perguntas íamos dando algumas respostas provisórias. Lendo e relendo muitos desses documentos que o acaso depositara ao nosso alcance, íamos buscando um sentido e uma orientação para a sua utilização, mais uma vez na forma interrogativa: O que queria provar Maria Lúcia Vassalo Namorado? Vivera intensamente a vida? Como muitas vezes percebemos, estivera ao lado de muitas outras mulheres que, como ela, resistiram como puderam a diversas armadilhas que a vida lhes colocou? Será que o futuro faz mais sentido quando se conhece o passado?

Ao arquivar tanto papel, recolhido durante toda a vida, Maria Lúcia Vassalo Namorado estava consciente de que o *Espólio* teria algum valor. Ao mexer nele já no fim da vida, numa altura em que se encontrava mais só, ela fazia uma revisão do seu passado “(...) que parece se dar em função do conhecimento do fim da vida e da proximidade da morte. A presença da morte já faz parte desse momento da vida: vários parentes e amigos já morreram, bem como das gerações ascendentes. Essa presença por si só traz a força da revisão da vida e também a familiaridade com a ideia de fim(...)” (Barros, 1987. p. 93-4 cit. In Mignot, 2000. p137).

Hoje sabemos que, entre algumas das razões que a moviam, estava a ideia de que um dia os seus diversos escritos inéditos ainda seriam publicados<sup>36</sup>. (Entrevista a Anabela Cerqueira Moreira, 14 Abr. 2004). Organizar o que poderia vir a ser conteúdo de alguns livros significava não perder a sua mocidade, rever o(s) sentido(s) que dera à vida,

---

<sup>35</sup> Depois do *Espólio* estar à guarda da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, sala 403, ainda nos foi dado ir à sua última residência, na Rua Abade Faria, n.º 35 em Lisboa, mas apenas pudemos ver as salas onde trabalhara durante os últimos anos na arrumação desse *Espólio*.

<sup>36</sup> Da leitura de algumas cartas percebemos que Maria Lúcia Vassalo Namorado falara com diversas amigas sobre o destino a dar ao *Espólio*. É Belmira da Piedade Almeida que lhe diz: “(...)Não descuide. O Ministério da Cultura é capaz de ajudá-la a organizar os seus papéis e escritos (...)” (Carta de Belmira da Piedade Almeida. Lisboa. Caixa 77. Maço 4).

ensinar alguma coisa, aconselhar muitas outras, como o fez durante décadas na revista que dirigiu. Se assim era, ficavam ainda por explicar as razões que a levaram a guardar tantas e tantas cartas, sem que as suas correspondentes de tal suspeitassem.

Ela queria também mostrar o seu íntimo, inscrever o seu nome e o de muitas outras mulheres na História porque “(...) arquivar a própria vida é simbolicamente preparar o próprio processo: reunir as peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós. Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo(...)» (Artrières, 1997. p 31. cit in Mignot, 2000. p126).

A oportunidade desta citação que agora, neste ponto do nosso texto, pode parecer um pouco descabida, será analisada mais pormenorizadamente nos capítulos em que fazemos a leitura dos artigos da revista *Os Nossos Filhos* e a ela voltaremos novamente no final do presente trabalho.

Ao mexermos neste *Espólio* podemos conhecer melhor certas mulheres que “(...) protegem segredos e inscrevem seus pequenos poderes na esfera doméstica, sua visão da cena pública, suas redes de sociabilidade, seus sonhos feitos e desfeitos(...)”. Podemos também perceber, sobretudo na correspondência nele guardada, como as mulheres “(...) não eram indiferentes às questões do tempo em que viveram(...)” assim como o “(...) lugar social de sua produtora, as redes de ideias e afectos, os projectos partilhados com homens e mulheres de sua geração sobre a educação e a sociedade (...)”(Mignot, 2000. p. 127).

Este *Espólio*, como outros que porventura ainda existem dispersos por sótãos e baús tem de ser considerado parte do património de qualquer país. Hoje é já reconhecida a importância da língua como património, ao lado do edificado, do literário, do ambiental. Os documentos neles contidos revelam-nos, muito frequentemente, dados diversos daqueles que, por vezes, se escrevem em épocas em que interessa construir verdades sobre o passado. Como se verá nesta investigação, é normal que estes documentos, considerados ainda por muitos como de menor valor, revelem dados que ninguém conhecia e que, não fora a persistência da organizadora do *Espólio*, estariam perdidos para sempre.

Por outro lado, o conteúdo do referido *Espólio* revela-se de particular interesse uma vez que, como nota João Esteves “(...) reflectir sobre a descrição e omissões que trespassam as obras de referência, sobre a inexistência de instrumentos metodológicos, a necessidade de recolher e preservar as fontes escritas, a importância dos arquivos

particulares e a urgência em “ouvir” as protagonistas e compilar os respectivos depoimentos (...)” é fundamental uma vez que “(...) não se pode ignorar a história de mais de metade da população (...)” e que “(...) persiste em parte da historiografia, nas obras de referência – dicionários (...) a valorização unilateral dos papéis masculinos(...). Por exemplo, o volume da História de Portugal dirigida por José Mattoso dedicado ao período entre 1890-1926, da responsabilidade de Rui Ramos, ignora o fenómeno feminista exactamente em emergência naquela época (...). O *Milénio Português*, no capítulo dedica ao séc. XX, “Um Século Vertiginoso”, coordenado por Manuel Braga da Cruz, perfilha o mesmo silêncio; e o *Dicionário de História do Estado Novo*, sob a direcção de Fernando Rosas e J. M. Brandão de Brito, *A Enciclopédia Luso-Brasileira da Verbo*, edição do Século XXI, ou a continuação do *Dicionário de História de Portugal*, organizada por António Barreto e Maria Filomena Mónica, não são pródigos em informações sobre as feministas portuguesas (...)” (2002 in Castro, dir. 2003. p.63-64).

## 1.2 Identificação do *corpus* documental e metodologia de análise:

Foram diversas as fontes de que partimos para realização deste estudo. Em primeiro lugar, o Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado um imenso conjunto documental heterogéneo que nunca havia sido tratado, sobretudo do ponto de vista arquivístico.

Este acervo é composto por duas partes: uma primeira, corresponde ao núcleo que ficou com os herdeiros (subdividida em três lotes<sup>37</sup>, em poder de cada um dos filhos) e a outra é subdividida, por sua vez, também em três partes<sup>38</sup>: a que foi doada e se encontra

---

<sup>37</sup> Essa listagem tripartida foi-nos entregue pelo Professor Doutor Rui Namorado Rosa, filho mais de novo de Maria Lúcia Vassalo Namorado e está, provisoriamente, na Caixa 72 Maço 0. Não nos parece necessário que um conjunto de tais listagens figure no Espólio de uma vez que não é de interesse público saber qual o destino dado aos pertences que, a cada filho, foram entregues por morte da mãe. Nestes lotes há cartas privadas da pedagoga para o marido e filhos. Dela há correspondência no *Espólio* de Maria Lamas, por nós também consultada para o presente trabalho.

<sup>38</sup> Ainda em vida de Maria Lúcia Vassalo Namorado temos informação de que dele foram retirados alguns documentos. No Espólio encontramos o seguinte documento que corrobora a afirmação que acabamos de fazer: Associação Portuguesa de Escritores- *Catálogo da Exposição de manuscritos, provas emendadas, edições rarsas, autógrafos, cartas, inéditos, fotografias, objectos, pinturas, obras de escritores, obras de artistas plásticos*, impresso em Lisboa, (...) ao duplicador na Casa J.J. Magalhães, Largo do Chiado, n.º 15 3º B, (...)” e editado pela SNBA, como testemunha de Leilão realizado de 12 a 14 de Dezembro na SNBA para tentar “(...) erguer em comum a Sociedade Portuguesa de Autores (...)”

arrumada na sala 403 da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, o núcleo que foi doado à Biblioteca Pública de Torres Novas<sup>39</sup> e um último que está à guarda da Biblioteca Geral da Universidade de Évora – Secção Reservados.

A procura de respostas para as questões orientadoras desta investigação levou-nos a consultar estes três fundos documentais: sobre o Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado apresentaremos mais pormenorizadamente, no subcapítulo relativo ao tratamento do *Espólio*, as opções que fizemos ao longo da investigação; o catálogo das obras existentes<sup>40</sup> em Torres Novas, organizado pela referida Biblioteca e já disponível para consulta pública corresponde ao *Anexo Cap. 1* a esta investigação; finalmente a documentação já tratada do ponto de vista biblioteconómico, identificada no *Apêndice ao Cap. 2- Espólio Évora* deste trabalho e que corresponde ao núcleo doado à Universidade de Évora também foi analisada uma vez que, embora relativa apenas a actividades do pai de Maria Lúcia Vassalo Namorado, nela existem dados que melhor permitem, através das actividades do progenitor, reconstruir o percurso biográfico inicial da pedagoga.

A parte do *Espólio* que está guardada, como *Reservados*, na Biblioteca de Torres Novas é composta por um conjunto de 588 volumes. Redigimos uma proposta de reorganização para alguns dos livros desse Espólio que colocamos no final deste trabalho, na conclusão.

Utilizados foram também outros núcleos ou séries do *Espólio*:

. Os 205 fascículos da revista *Os Nossos Filhos* publicados mensalmente entre 1 de Junho de 1942 e 1 de Dezembro de 1958. A publicação passou a anual entre 1959 e 1964.

---

presidida por José Gomes Ferreira, (...) /sendo essa venda apoiada pelos/ Artistas Plásticos, Homens de Letras, SNBA, Praxis, Galeria 111 e Imprensa.

O Catálogo está dividido em *Secções e Apêndices* e nele se refere que Matilde Rosa Araújo terá oferecido um exemplar de *O Livro da Tila: poemas ilustrado por crianças*. Edição de *Os Nossos Filhos*, em 1957; para este leilão Maria Lamas ofereceu “Tempo de exílio”, 5 folhas manuscritas de 21x 29.5 cm datado de 1965, de Paris, assinado e inédito(...)

Maria Lúcia Namorado, sob os n.ºs 282 a 286 deu duas cartas de Irene Lisboa de 18-10-51 e de 17-3-52, Um cartão de Emília de Sousa Costa de 1951, uma carta de Manuela Porto de 8-4-1949 e um postal de Maria Lamas, datado de 1953

<sup>39</sup> Sobre as negociações para a transferência desta parte do Espólio para Torres Novas, cf. Caixa do dossiê entregue em 15-12-2003 para o Espólio, intitulado *Listagem com livros do Espólio, respectiva localização em casa de Maria Lúcia e áreas temáticas dessas obras* (Caixa 72. Maço 0, doc. 6) e cartas de João Luís Lisboa, António Manuel Oliveira Rodrigues, Presidente da Câmara de Torres Novas, e Luís Vassalo Namorado Rosa (Caixa 72. Maço 0).

<sup>40</sup> O acesso é público mas não podemos deixar de agradecer a intervenção de Jorge Gabriel Henriques e de Cristina Gonzalez que tudo fizeram para nos tornar mais fácil o contacto com a referida listagem.

. De um total de 11.237 documentos seleccionados das 85 Caixas<sup>41</sup> arquivadoras A4 foram analisados 9.890 reduzindo depois esse número a 9500 correspondendo a 8864 cartas, 623 documentos anexos e 13 manuscritos. A aproximação à informação neles contida e restantes questões metodológicas serão apresentadas no subcapítulo relativo ao tratamento documental do *Espólio*.

O núcleo documental impresso do *Espólio* é composto por cerca de 622 livros e 346 brochuras; foram considerados fundamentais para a investigação aqueles que colocamos na bibliografia sob a designação de *Fontes primárias: Monografias de outros autores*, num total de mais de 330 obras. Consideramos indispensável a sua leitura uma vez que ou foram escritos e oferecidos a Maria Lúcia Vassalo Namorado por colaboradoras(es) da revista, antes/durante/depois da publicação de *Os Nossos Filhos*, ou foram comprados por ela e usados para transcrição na revista ou dão informações sobre o quotidiano ou contextualizam alguns dados biográficos quer sobre Maria Lúcia Vassalo Namorado quer sobre alguns(mas) das(os) colaboradoras(es). A sua análise permite ainda a identificação dessas(es) colaboradoras(es), a apreensão do conteúdo teórico dos documentos, a identificação de dedicatórias e relações de amizade, profissionais ou outras, anteriores/simultâneas/ posteriores à publicação da revista.

Como complemento desta documentação foram ainda realizadas entrevistas abertas e informais a diversos informantes privilegiados ou “informantes-chave” no sentido de “(...)pessoas que têm conhecimento especial ou percepção sobre o tema e que não estão disponíveis noutra local(...)” (Gall, Borg e Gall, 1996. p. 306), ou dito de outro modo, “(...)indivíduos na posse de conhecimentos ou *status* (...) especiais que estão dispostos a cooperar com o investigador(...)” (Goetz e Lecompte, 1988. p. 134) num total de quarenta e uma entrevistas sobre o percurso de vida de Maria Lúcia Vassalo Namorado, sobre seus familiares ou ainda sobre as(os) colaboradores(as) da revista e pessoas das suas relações profissionais ou pessoais. No início de cada entrevista encetámos com cada uma delas uma pequena conversa introdutória para explicar quem somos, razões porque escolhêramos cada uma das pessoas contactadas e perguntas/dúvidas às quais gostaríamos que nos ajudassem a responder. Para além das garantias dadas sobre a confidencialidade dos dados que viessem a querer revelar,

---

<sup>41</sup> Falta a Caixa n.º 10, que desde o início não foi encontrada no acervo doado; corresponderia, de acordo com a listagem que acompanha o *Protocolo de Doação e Constituição do Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado, Jan. 2001. 9 p.*, a documentos relativos a rendas e Escola de Noivas e Donas de Casa.

solicitámos a ajuda das(os) entrevistadas(os) para que nos fornecessem uma pequena biografia pessoal (ou dos familiares sobre os quais recaíam as questões) e uma fotografia (de preferência tirada dentro do período de vigência da revista *Os Nossos Filhos*) para com elas redigir o *Apêndice ao Cap. 4 Biografias* desta investigação. Reunimos informações pertinentes sobre 224 pessoas algumas das quais já haviam sido objecto de textos em publicações diversas, sobretudo dicionários e outras obras de referência mas outras, como Casimiro e Blandina Vinagre assim como muitas(os) e muitas mais figuras nunca haviam sido referenciadas em obras daquele tipo.

No referido *Apêndice* foi criada uma base de dados onde são feitas fichas individuais para cada um(a) das(os) biografadas(os), de acordo com os seguintes itens: Nome usado; Nome completo sempre que conhecido; fotografia; Local e Data de nascimento; Local e data morte, se conhecido ou já ocorrido; Filiação – pai /mãe; Profissão; Formação/Vida; Bibliografia (escritos de) ; Trabalhos sobre ; Observações e fontes. A título de exemplo e, por impossibilidade de tempo para o fazer, apenas redigimos a notícia biográfica completa de

### **1.2.1 Inventário e tratamento arquivístico e documental do *Espólio***

Quando pela primeira vez entrámos em contacto com o conteúdo do *Espólio* de Maria Lúcia Vassalo Namorado, aqui entendido como “(...) acervo documental complexo, constituindo uma unidade orgânica, decorrente da actividade literária...de intervenção cívica e cultural de determinada pessoa e composta pela respectiva obra manuscrita ou equiparada(...) e pelos conjuntos de documentos que a essa pessoa foram enviados ou por ela recolhidos(...)” (Oliveira, 1992, p. 108), composto por 85 caixas arquivadoras e seis caixotes em cartão, não estava tratado de forma a poder ser utilizado por qualquer investigador(a).

Durante muitos anos, o *Espólio* de Maria Lúcia Vassalo Namorado fora um conjunto de papéis diversos que ela fizera passar de casa em casa: de Torres Novas onde nasceu e iniciou a sua formação escolar, para Lisboa onde finalizara os seus estudos liceais, daqui para a província onde passou os primeiros anos de casada; novamente em Lisboa, das diversas redacções da revista *Os Nossos Filhos* para a sua última casa na Rua Abade Faria, junto à Alameda D. Afonso Henriques, em Lisboa. O *Espólio* fora sendo arrumado ao longo de vários anos, de forma muito consciente e sistemática. Quando

passou para esta última casa e, dado que era mais pequena do que as que anteriormente ocupara viu-se forçada a alugar, na Rua Carvalho Araújo, uma arrecadação, num vão de escada, para aí proteger o *Espólio*.

Já nos últimos anos de vida ela fizera questão de, a exemplo do que sempre fora seu desejo e vira fazer para os papéis deixados por sua prima direita Maria Lamas, dar uma arrumação mais cuidada aos documentos<sup>42</sup> preciosamente guardados ao longo de quase um século de existência.

Por proposta dos herdeiros, a transferência do *Espólio* para a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação foi feita já no decorrer do ano 2002. Á época não se sabia ainda, em pormenor, o que o referido *Espólio* continha; porém, supunha-se já que aquele núcleo documental deveria ser um espelho das condições pessoais, sociais, culturais, económicas e políticas em que decorrera a vida de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

A documentação que ele encerra hoje não é já a que compunha o *Espólio* há cerca de meia dúzia de anos. Desde então ela foi já alterada por diversas intervenções<sup>43</sup>. Como já foi bem definido por Hill (1993), quase todos os espólios pessoais passam por “(...) três fases de *sedimentação*: a *sedimentação primária* ocorre através dos processos largamente não reflexivos pelos quais as pessoas adquirem, mantêm, descartam ou dispõem de materiais escritos. A sedimentação será afectada por aquilo que alguém pensa que é útil guardar e porquê, bem como pelos padrões de organização ou desorganização pessoal” (ex: guardar documentos por carácter afectivo e destruir os que lembram maus momentos). (...) A *sedimentação secundária*: é o processo pelo qual o

---

<sup>42</sup> Sempre que ia a casa dos filhos, em fim-de-semana, fazia-se acompanhar de uns quantos sacos plásticos, com documentos que ia buscar ao acervo, para os ir “(...) escolhendo, arrumando, eliminando(...)” (Entrevista a Rui Rosa, 17 Jun. 2005).

<sup>43</sup> Ainda em vida de Maria Lúcia Vassalo Namorado temos informação de que dele foram retirados alguns documentos. No *Espólio* encontramos o seguinte documento que corrobora a afirmação que acabamos de fazer: Associação Portuguesa de Escritores- *Catálogo da Exposição de manuscritos, provas emendadas, edições rarsas, autógrafos, cartas, inéditos, fotografias, objectos, pinturas, obras de escritores, obras de artistas plásticos*, impresso em Lisboa, (...) ao duplicador na Casa J.J. Magalhães, Largo do Chiado, n.º 15 3º B, (...) e editado pela SNBA, como testemunha de Leilão realizado de 12 a 14 de Dezembro na SNBA para tentar “(...) erguer em comum a Sociedade Portuguesa de Autores (...) presidida por José Gomes Ferreira, (...) /sendo essa venda apoiada pelos/ Artistas Plásticos, Homens de Letras, SNBA, Praxis, Galeria 111 e Imprensa. O Catálogo está dividido em Secções e Apêndices e nele se refere que Matilde Rosa Araújo terá oferecido um exemplar de “O Livro da Tila: poemas ilustrado por crianças. Edição de *Os Nossos Filhos*, em 1957; para este leilão Maria Lamas ofereceu “Tempo de exílio”, 5 folhas manuscritas de 21x 29.5 cm datado de 1965, de Paris, assinado e inédito(...)

Maria Lúcia Namorado, sob os n.ºs 282 a 286 deu duas cartas de Irene Lisboa de 18-10-51 e de 17-3-52, Um cartão de Emília de Sousa Costa de 1951, uma carta de Manuela Porto de 8-4-1949 e um postal de Maria Lamas, datado de 1953

material é encaminhado para um arquivo (...) material pode ser separado, destruído, perdido, estragado (...) e quando os documentos chegam a um arquivo ocorre um terceiro processo ou *sedimentação*. O material pode ser ordenado, organizado, classificado e indexado de acordo com as necessidades, os temas, as prioridades e os recursos dos arquivistas. Isto pode não corresponder às necessidades, preocupações e prioridades de um investigador interessado no material (...)” (Hill, 1993 cit. In Lee, 2002. p.139-140).

No caso do *Espólio* de que nos ocupamos, a primeira intervenção que acima mencionamos, foi a da pedagoga que acreditava que os seus textos viriam a ser publicados postumamente. Sabemos que ao passar em revista os documentos que fora guardando ao longo da sua vida, resolvera eliminar alguns; com que critérios... não o saberemos mais. Para esse fim contou também com a colaboração de Maria Cândida Caeiro, filha mais nova de Maria Lamas<sup>44</sup>.

Depois da morte de Maria Lúcia Vassalo Namorado, em 9 de Fevereiro de 2000, os herdeiros voltaram a manusear esta documentação<sup>45</sup>, legitimamente retendo em seu poder as cartas familiares, fotos e muitos outros documentos de foro privado ou outros que pensaram não dever tornar públicos.

Desde o início desta investigação, alguns foram os documentos que já conseguimos acrescentar a este *Espólio*, devidamente identificados no *Apêndice Cap. 1- Doações*, que nos foram cedidos pelas famílias das pessoas que fomos entrevistando. Essa documentação será integrada neste fundo documental de acordo com sugestões que, para o efeito, apresentaremos no capítulo das conclusões desta investigação.

Ao conhecer a história da formação e evolução do *Espólio* percebe-se porque razão ele não tinha sofrido ainda qualquer tratamento arquivístico; apenas fora objecto de uma arrumação feita por Maria Lúcia Vassalo Namorado que privilegiara a componente biográfica, pessoal e profissional muitas vezes em detrimento de outras vertentes que também aí se encontram e que nos permitem identificar relações pessoais, familiares, profissionais e os interesses culturais da autora.

---

<sup>44</sup> Maria Lúcia Vassalo Namorado pediu o apoio desta prima pois fora ela também quem já fizera o mesmo trabalho para o espólio da mãe que entretanto fora doado à Biblioteca Nacional, em Lisboa.

<sup>45</sup> Além das cartas identificadas como particulares temos indicação de que a família apenas ficou com alguns livros: a *História de Portugal* de Pinheiro Chagas, um exemplar de cada um dos livros de Maria Lúcia Vassalo Namorado fora dado, por ela, a cada um dos filhos; ao filho mais novo deu ainda *Volfrâmio*, de Aquilino Ribeiro (Entrevista a Rui Rosa, 17 Jun. 2005). Cf. também art.º 9 do *Protocolo de Doação e Constituição do Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*, realizado entre os herdeiros e a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, em Jan. 2001.



São de sua mão muitas das anotações colocadas em papéis que reúnem algumas cartas provenientes dum(a) mesmo(a) emissor(a). Porém, Maria Lúcia Vassalo Namorado não teve tempo para que essa arrumação prévia fosse mais cuidada e só juntara no mesmo saco algumas cartas provenientes da mesma pessoa, documentos pessoais diversos... Todos os documentos estavam em sacos de plástico, muitos agrupados com o auxílio de “clipes”, dobrados, rasgados, alguns a começar num dos sacos e a terem a sua parte final num outro dezenas de caixas mais adiante, as fotografias foram separadas dos textos a que diziam respeito...etc.

No caso de papéis vários, os herdeiros pegaram nos sacos de plástico e distribuíram-nos por pastas arquivadoras A4; os livros, brochuras e revistas foram colocados em caixas em papelão. Também fizeram uma *lista inventário*<sup>46</sup> do conteúdo dessas pastas tendo atribuído um ou mais temas a cada uma delas. Neste conjunto, tinham sido já organizados alguns dossiês temáticos com recortes de imprensa, na maior parte guardando linguagens originais de colaboração de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Nas pastas encontram-se colecções de recortes sobre a própria, amigos e familiares e também sobre a revista *Os Nossos Filhos*, relatórios, correspondência vária, manuscritos autógrafos, diversas notas biográficas, documentos de terceiros não publicados, material de propaganda política, material administrativo sobre a Revista *Os Nossos Filhos* como facturas de pagamento de colaboradores e muitos outros documentos que serão devidamente identificados aquando da descrição morfológica e de conteúdo da revista.

O manusear do *Espólio* levou-nos a concluir de que ele tinha uma lógica própria, muito pessoal; a sua organizadora, sempre uma senhora para quem a ordem e o método foram fundamentais, não deixara quaisquer instruções sobre o que pretendia fazer com todo aquele conjunto de papéis e, depois dos herdeiros, cabia-nos a responsabilidade de enfrentar um desafio: como passar de uma lógica pessoal de organização para uma lógica arquivística? Era necessário resolver o problema: devia ser respeitada a arrumação mais biográfica e profissional ou criar e rearrumar a documentação sob a orientação de um quadro classificativo mais consentâneo com os critérios arquivísticos que pudesse facilitar a futura consulta pública<sup>47</sup> desta documentação?

---

<sup>46</sup> Nessa lista, apensa ao *Protocolo de Doação e Constituição do Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*, Jan. 2001, existe um grupo de 4 p. dactilografadas em que é identificado, de forma muito sucinta, o conteúdo de cada Caixa e dos temas das obras que formam o acervo bibliográfico do *Espólio*.

<sup>47</sup> Cf. Art.º 3 e 5 do *Protocolo de Doação e Constituição do Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*, realizado entre os herdeiros e a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa em Jan. 2001.

A resposta a esta pergunta fora já dada por nós quando havíamos decidido, no início da presente investigação e sem saber ainda qual a concreta extensão do *Espólio*, que um dos nossos objectivos seria o seu tratamento arquivístico e documental adequado. A primeira tarefa foi então a de procurar as orientações técnicas existentes para o tratamento arquivístico de documentação deste tipo.

Havia então que classificar o conjunto documental em causa: *arquivo de família* ou de um *espólio* (no sentido já usado em anteriores páginas deste estudo)? Para esta discussão no campo da arquivística nacional têm sido fundamentais, nos últimos anos, os contributos de Pedro de Abreu Peixoto (2002), António Braz de Oliveira (1992) e Fátima Lopes (1999).

O primeiro, lutando para que seja definido o que se entende por *arquivos de família* e para que haja “(...) uma política de inventariação dos fundos familiares existentes no país, /para que se divulgue/ a sua composição, a caracterização dos seus proprietários, a sua localização física e as questões relacionadas com a sua conservação e defesa enquanto património cultural(...)” (Peixoto, 2002, p. 83), chamando em especial a atenção dos poderes públicos e dos particulares para as cláusulas que devem constar de qualquer contrato de doação de um acervo arquivístico privado e às quais voltaremos na conclusão desta investigação. Os segundos, têm desenvolvido um trabalho meritório para tornarem acessíveis, a cada vez maior número de investigadores, os procedimentos a adoptar no tratamento arquivístico de espólios.

Como já referimos, não existia um *Guia do Espólio* de maneira que se pudesse saber o número total, tipo, localização, origem, caracterização de documentos que o compunham. Fora mesmo de desalento a nossa primeira reacção perante este *Espólio* uma vez que havíamos iniciado a investigação sabendo da existência desta documentação mas desconhecendo a sua extensão. Tendo em conta que dispúnhamos de apenas três anos lectivos para a realizar, ignorando qual o conteúdo da referida documentação, não existindo qualquer tratamento documental para além da lista que a família disponibilizara foi com uma enorme angústia que nos vimos perante 85 caixas arquivadoras, cada uma com um pequeno título na lombada e cada uma com mais de dois e três sacos de plástico repletos de documentos sem qualquer expurgo ou listagem. Manuseámos então as Caixas arquivadoras, os fascículos da revista *Os Nossos Filhos* assim como as centenas de livros que ele comporta como quem procura as peças de um jogo. Muitos foram os cliques que tivemos de retirar e colocar de novo no maço respectivo, os laços que rodeiam diversos álbuns, os envelopes que abrimos e fechámos,

os papéis timbrados que identificámos, as dedicatórias que nos esclareceram. Era necessário proceder ao inventário do Espólio, ou seja, “(...)organizar, classificar e descrever a totalidade da documentação do acervo(...)” porque é dessa forma que se “(...)identificam e hierarquizam os conjuntos de documentos similares segundo quatro princípios fundamentais: o da autoria, o do género, o do tipo e o do suporte(...)” (Lopes, 1999, p. 45). Com base nesta autora e depois de várias conversas com ela, elaborámos uma primeira grelha classificativa que nos guiaria na elaboração do referido inventário do *Espólio* e que colocamos em *Apêndice ao cap. 1 – Guia Preliminar e Regras para Guia Preliminar*. Este foi feito, com todo o pormenor necessário, para todas as Caixas n.º 1 a 16 e também para as Caixas 32, 35, 40, 44, e 75 do *Espólio*, com excepção da n.º 10 /inexistente/. Depois da sua realização pensávamos escolher os documentos que contribuíssem para dar resposta à questões que já explicitámos anteriormente e que nos orientaram na pesquisa inicial.

Nessa altura, por volta de Março 2003, estando quase a passar um ano sobre a data de início da nossa bolsa de dispensa para realização desta investigação, vimo-nos perante uma alternativa profundamente angustiante: ou continuávamos a organização técnico-arquivística do *Espólio* e, paralelamente, recolhíamos os dados de que necessitávamos para a realização do nosso trabalho final e corríamos o risco de não ter finalizado nenhuma no prazo previsto para a apresentação dos resultados da investigação **ou** abandonávamos o tratamento arquivístico *exaustivo* do *Espólio* e apenas continuávamos o tratamento da Correspondência, Documentos anexos e Manuscritos contidos nas 85 Caixas do *Espólio* e que, já então, definiríamos como base fundamental de recolha de dados para o nosso trabalho. Com muita relutância mas com o pragmatismo que se impunha, optámos pela segunda solução.

Para além do abandono daquela primeira intenção e, sob o ponto de vista dos programas informáticos, vimo-nos forçada a reorganizar também a forma como até então trabalháramos na pesquisa. Um enorme volume de informação a compulsar, uma certa inexperiência informática, um excesso de voluntarismo e um limitado período de tempo conjugaram-se nessa altura, dificultando-nos ainda mais a etapa de recolha de dados para a investigação. A título de exemplo das contrariedades que acabamos de descrever, referiremos apenas que o *Guia Preliminar* das Caixas do *Espólio* acima indicadas fora iniciado no programa “Word” e que este se veio a revelar insuficiente para a gestão de todos os dados nele inseridos. Em Novembro de 2003 fomos assim forçada a proceder à conversão dos dados da base da Correspondência, Documentos

anexos e Manuscritos contidos nas 85 Caixas do espólio daquele programa para “Access”. Paralelamente estudáramos também a hipótese de realizar a análise do conteúdo das Cartas, Documentos anexos e Manuscritos seleccionados com o Programa<sup>48</sup> de Análise de Conteúdo AQUAD 5. Porém, essa utilização implicava que a introdução dos dados já tivesse sido feita de acordo com procedimentos que não tínhamos definido aquando do carregamento dos dados na base. Foi por esta razão que a análise documental foi o procedimento adoptado na leitura daquela documentação.

Para o inventário das espécies monográficas e das séries que também fazem parte do *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*, colocados em *Apêndice Cap. 1 como Base Bibliográfica* utilizámos o Programa *Bibliobase* uma vez que é acessível na introdução e pesquisa de dados e é compatível com o da *Porbase, Base Nacional de Dados Bibliográficos*.

### 1.2.2 Quadro de classificação dos documentos do *Espólio*

Não é frequente encontrar um Espólio tão volumoso como o de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Ele tem uma imensa importância não só pela quantidade de elementos biográficos que encerra como pelos aspectos do quotidiano e da educação feminina que guarda relativos a mais de cinquenta anos do século passado.

Este *Espólio* tem como limites cronológicos já identificados os anos de 1921 a 2004.

Como conhecíamos muito pouco da biografia de Maria Lúcia Vassalo Namorado foi necessário proceder também ao estudo do seu percurso pessoal e profissional, nas diversas áreas a que se dedicou durante a sua longa vida.

Em simultâneo, fomos sentindo a necessidade de nos documentarmos mais em pormenor, como ficou anteriormente demonstrado, sobre questões metodológicas que não prevíamos, por exemplo, questões de tratamento arquivístico de espólios pessoais. O *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* conta com diversos tipos de espécies documentais: documentação de arquivo e de biblioteca – monografias e publicações em série – que foi preciso tratar e perceber de que forma poderiam contribuir para o desenrolar da investigação.

Uma das características deste *Espólio* é a sua heterogeneidade e diversidade tipológica uma vez que é composto por cartas pessoais, de/para terceiros, relatórios de

---

<sup>48</sup> Cf. Bibliografia deste trabalho

trabalho, muitas facturas e recibos ou listas de vencimentos dos funcionários da revista *Os Nossos Filhos*, ou seja, documentação de arquivo da revista, memorandos, documentos biográficos, actas, documentos iconográficos, telegramas, muitos cartões de visita, recortes de imprensa, brochuras de diversos eventos em que a senhora participou ou para os quais foi convidada. Aqui se encontram também muitos dos manuscritos de Maria Lúcia Vassalo Namorado, alguns publicados outros completamente inéditos, cadernos de pensamentos, apontamentos de sessões em que participou como orientadora ou como ouvinte....

Os textos e a bobine de programas radiofónicos que orientou no *Rádio Clube Português*, os escritos de outros autores que lhe foram enviados para publicação ou simplesmente para apreciação são outros dos muitos documentos que este *Espólio* encerra.

A documentação que usámos foi subdividida em três grandes secções, a partir do tipo de suporte: Cartas, revista *Os Nossos Filhos*, monografias e/ou p. periódicas. Muitas das cartas assim como a maioria das monografias e das publicações periódicas apresentam uma característica comum: quase todos têm qualquer anotação de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Aqueles que mais úteis nos foram são as monografias de diversos autores que a senhora guardou e que, dado terem quase todos dedicatória, nos permitiram perceber não só o tipo de relação existente entre quem os oferecia e quem os recebia mas também como é que ela os utilizava: Maria Lúcia Vassalo Namorado tinha o hábito de assinalar, à margem, as passagens dessas obras que depois pretendia ver transcritas, citadas, comentadas nas páginas da revista *Os Nossos Filhos*. Muitas vezes, para além dessa marca pessoal há mesmo comentários aos textos, como em seu devido lugar assinalamos.

Já depois de iniciada esta investigação e, como já referimos, o *Espólio* foi enriquecido com doações de alguns documentos feitas pelas pessoas a quem escolhemos ou foi ainda possível entrevistar ou pelas suas famílias. Assim sendo, documentos pertencentes a Maria Cândida Caeiro, Isabel César Anjo, Carmélia Vicente, Fernanda Tasso de Figueiredo, Maria Evelina Faria Maia de Aguiar Bustorff, Berta Pereira Salvador Marques, Maria Palmira Tito de Morais, Leonoreta Leitão, Maria Isabel Mendonça Soares, cf. *Apêndice Cap. 1- Doações*, foram também integrados neste *Espólio*. Das razões que justificam esta sugestão, das secções que propomos organizar com eles assim como da justificação que apresentamos para sugerir a sua inclusão no

*Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* daremos conta, como já referimos, na Conclusão, ou seja, no último capítulo deste estudo.

Por uma questão de rigor técnico, histórico e de honestidade intelectual, é conveniente que seja dito o seguinte: esta investigação beneficiou da possibilidade que nos foi dada de aceder a um *Espólio* que ainda ninguém tinha abordado. Como tantas vezes acontece em investigações deste tipo, não podemos queixar-nos da existência de quaisquer impedimentos burocrático-administrativos uma vez que nos foram dadas condições excepcionais de trabalho quer na/pela Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade de Lisboa quer pela família que doou o *Espólio*<sup>49</sup>. Mas...vários foram os factores que nos dificultaram a tarefa da recolha de dados: em primeiro lugar e num primeiro momento, como já referimos, construímos um projecto de investigação que partia de um conjunto documental cuja extensão máxima desconhecíamos; depois, dado que o espólio não tinha qualquer tratamento e uma vez que já decidíamos utilizar apenas a Correspondência, a revista *Os Nossos Filhos* e as monografias e/ou publicações periódicas (cujos critérios de selecção, análise e formas de utilização são descritos mais adiante em capítulo próprio) embora sempre “avisada” pelo orientador, cometemos um erro de organização ao pensar que poderíamos, *em simultâneo*, efectuar o necessário tratamento arquivístico das espécies e efectuar a recolha de dados na documentação previamente seleccionada.

Em terceiro lugar, a nossa parcial inexperiência em abordar um tal volume de informação - com recurso às ferramentas informáticas hoje existentes - fez com que tivéssemos de enveredar por caminhos diversos daqueles que inicialmente prevíamos quando grandes quantidades de dados estavam já recolhidas.

Outras dificuldades e opções tomadas em relação a cada tipo de fonte seleccionada neste estudo serão apresentadas aquando da descrição dos procedimentos metodológicos adoptados na abordagem dos referidos documentos.

---

<sup>49</sup> Seria de uma injustiça imperdoável não referir as facilidades proporcionadas pela referida Faculdade, a disponibilidade ilimitada e imparcial do Professor Doutor Rui Namorado Rosa, filho mais novo de Maria Lúcia Vassalo Namorado assim como o apoio militante dado pelo nosso orientador, Professor Doutor Rogério Fernandes.

### 1.2.3 Questões prévias à utilização da imprensa e da correspondência como fontes:

A imprensa e a correspondência são hoje vistas como fontes portadoras de um estatuto próprio em termos de investigação histórica. Consideramos que a “(...) natureza da informação fornecida pela imprensa lhe dá um carácter único e insubstituível(...)” (Nóvoa, dir. 1993.p. XXXII) e assumimos aqui o seu reconhecimento enquanto tal e não apenas para cotejar ou confirmar dados já respigados noutros documentos.

No caso em presença, a revista *Os Nossos Filhos* foi um meio de sobrevivência económica de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Ao convidar pessoas para escrever nesta publicação, algumas não dispoñdo muitas vezes de outro local onde expressar a sua opinião ou saber, ela foi capaz de lutar por um conjunto de princípios relativos à Educação das Mulheres e das Crianças no Estado Novo. Analisar esse pensamento, identificar os princípios que o norteavam, perceber de que forma é que a revista *Os Nosso Filhos* foi (ou não) o meio de transmissão de correntes de pensamento educacional são alguns dos objectivos deste trabalho que serão concretizados a partir da análise dos artigos seleccionados da referida publicação.

No *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* existem milhares de cartas que serão também utilizadas como fontes primárias nesta investigação. Elas chamam “(...) a atenção das Ciências Sociais ao quotidiano e às representações e significados das práticas sociais em contextos específicos (e...) a análise do suporte, da periodicidade, dos temas e das circunstâncias nas quais foram escritas e lidas revela os fios da rede de ideias e afectos tecida nessa especial forma de sociabilidade e solidariedade(...)” (Bastos, Cunha, Câmara, 2002. p. 6 e 7).

A maior parte desta correspondência é enviada por amigas, leitoras, ou desconhecidas movidas por uma vontade de “(...) conversar, desabafar, agradecer, pedir, segredar, informar, registar, desculpar, desculpar-se ou falar da vida(...)” (Bastos, et al. 2002. p. 5); a sua análise reveste-se de importância pois reflecte os laços criados porque elas “(...)guardam consigo os sinais de parte de um tempo, mostram formas próprias e singulares de um relacionamento social(...)”. Dado que a “(...) troca de cartas fascinou as mulheres e registou confidências, estreitou amizades, resguardou segredos (e elas) deixam escapar as miudezas do quotidiano, a experiência familiar, a visão do mundo(...)”(Bastos, et. al. 2002. p. 6). essa correspondência ajuda a encontrar respostas a algumas das questões que orientam a presente investigação.

Mas, se por um lado as cartas podem ser vistas como “(...)espaço privilegiado de efusões sentimentais(...)” elas estão também “(...) submetidas às regras sociais e discursivas do controle(...)”. Essa “(...)falsa naturalidade(...)” e uma certa dimensão “(...)agonística – o jogo entre mostrar-se e esconder-se(...)” estão sempre presentes na mente de quem analisa a correspondência; porém, tal cuidado não impede que “(...)uma das riquezas das cartas como fonte documental seja esse espaço privilegiado de *falar livremente* (ao mesmo tempo que) forjam mecanismos para burlar a tirania de tudo dizer, contar e falar(...)” (Ionta, 2002. p. 249).

O uso epistolar da escrita tem já uma certa tradição no campo de investigação em literatura<sup>50</sup>, em história política<sup>51</sup> e até noutras áreas das Ciências Sociais. Porém, elas são ainda pouco exploradas em História da Educação<sup>52</sup>. No caso vertente, o *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* revelou-se extremamente interessante.. Ele contém inúmeras cartas que foram usadas como fonte (como se verá no capítulo em que são analisadas) para a “(...)identificação de representações no campo pedagógico (...) e de processos de constituição de identidade profissional(...)” (Maciel, 2002. p. 206).

Foi esta a área do *Espólio* que mais questões éticas nos colocou uma vez que, ao iniciar a investigação, partindo de fontes com as características das cartas tivemos de “(...)conhecer as normas existentes, a nível nacional, para a protecção de dados dos indivíduos e sua utilização em investigações” assim como demos “(...)informação, às(aos) entrevistadas(os) do que ia ser feito com os dados delas(es) obtidos, (respeitando) a privacidade e a confidencialidade(...)” num equilíbrio permanente entre “(...)benefício e risco para a investigação(...)” (Gall, Borg e Gall, 1996. p. 83-93).

Foram também as cartas do *Espólio* que nos ‘sugeriram’ a necessidade de fazer a biografia de Maria Lúcia Vassalo Namorado e que nos permitiram perceber melhor quer a importância da revista *Os Nossos Filhos* quer ainda alguns aspectos da atitude da época face à educação das Mulheres e das crianças.

Sobre algumas reflexões sobre as cartas, sobre o conteúdo da epistolografia inserida no espólio e sobre a sua sistematização daremos conta, mais pormenorizadamente, no capítulo em que são analisadas nesta investigação.

---

<sup>50</sup> análise de correspondência entre escritores, cartas de amor...dar ex)

<sup>51</sup> Veja-se a título de exemplo: Mónica, Maria Filomena (2003) – Isabel, condessa de Rio Maior. Lisboa: .

<sup>52</sup> Neste aspecto foi para nós particularmente gratificante a “descoberta” de inúmeras(os) autoras(es) brasileiros e de língua castelhana como Maria Helena Câmara Bastos, Maria Teresa Santos, Ana Christyna Venâncio Mignot, Laura Manzanares Fortea, Verónica Blas Sierra...entre muitas(os) outras(os). Agradeço ao Professor Doutor Rogério Fernandes e a Maria João Mogarro a apresentação que me fizeram dos textos destas(es) autoras(es) e as facilidades que me proporcionaram para a sua consulta.



### 1.2.3.1 Correspondência do *Espólio*:

Vive-se hoje num mundo em que se vaticina o quase desaparecimento da prática epistolar e em que o sentido do intercâmbio e de escrita de cartas se altera. Hoje o risco do desaparecimento deste tipo de documentos é tão enfatizado como o foi o do desaparecimento das cartas com o advento do telefone fixo no início do século passado. O correio electrónico ou outras formas de comunicação informatizadas promovem o desaparecimento da noção de reciprocidade restrita da mensagem escrita. Num contexto destes torna-se ainda mais interessante o acesso a espólios de intelectuais ou de figuras anónimas que guarda(ra)m cartas.

Ao analisar o percurso histórico deste tipo de documentos (Saez e Castillo Gomez, 2002, p. 79-107) percebe-se que a prática e o aumento da redacção de cartas no mundo ocidental, sobretudo depois do período moderno, não pode ser desligado das investigações que se debruçam, entre outros, sobre a história da alfabetização. As cartas podem ser uma fonte importante para qualquer investigação mas há que ter em conta que são marcadas, à partida, por um estigma de *classe*: a possibilidade e a disponibilidade necessárias à sua redacção não se revelam compatíveis com a ignorância ou com a dificuldade de acesso aos meios culturais mais básicos como a leitura e a escrita. Desde muito cedo a sua prática foi “disciplinada” pela existência de manuais orientadores pois era necessário orientar uma actividade que “(...) promovia uma educação específica dos costumes e dos gestos e um determinado código de representação e um inconsciente político capaz de exercer o controle social através do uso da língua, oral e escrita(...)”. A carta era vista como uma forma de complementaridade entre ausência e presença e “(...) estabelecia um traço de união entre quem a escreve e o destinatário, preservava os vínculos à distância e era um espaço através do qual se expressam e desenvolvem identidades pessoais, familiares ou sociais(...)” (Saez e Castillo Gomez, 2002, p. 89 e 101).

Dos documentos que integram o *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* as cartas e os cartões são a maior série, sobre temas que vão do simples agradecimento de uma visita, ao desabafo sobre o peso dos problemas mais mezinhas do quotidiano, à reflexão, à crítica ou à definição de programas de acção tendentes a resolver, entre outros, problemas familiares, políticos e religiosos.

A maior parte delas é escrita por mulheres que, com “(...) tempo, reflexão e disciplina, partilham vivências pessoais, íntimas ou mundanas movidas pela vontade de

conversar, desabafar, agradecer, pedir, segredar, informar, registrar, desculpar(-se), falar da vida(...)”(Bastos, org. , 2002. p. 5)

Um núcleo epistolográfico, intacto ou mesmo truncado, pode ser utilizado numa investigação do tipo da que aqui encetamos uma vez que a “(...)análise do suporte, da periodicidade, dos temas e das circunstâncias nas quais foram escritas e lidas revela os fios da rede de ideias e afectos tecida nessa especial forma de sociabilidade e solidariedade(...) ”(Bastos, org. , 2002. p. 5).

O reconhecimento da importância deste tipo de fontes para um trabalho na área da História da Educação é aqui assumido e a utilização deste fundo arquivístico constituirá, como esperamos, um enorme contributo para uma resposta mais adequada às questões orientadoras da investigação.

No *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* foram inventariadas e transcritas todas as cartas ali existentes e com elas organizada a base de dados que colocamos em *Apêndice ao cap. 5 - Bases de Versão Maio 2004, Seleccionadas e Versão revista 2004*.

No quadro seguinte apresentamos a situação do tratamento da correspondência e documentação anexa do *Espólio* que vai ser utilizada nesta investigação:

<b>Bases organizadas</b>	<b>Cartas</b>	<b>Documentos anexos</b>	<b>Manuscritos</b>
Versão Maio 2004	11.237	684	15
Seleccionados	9890	648	13
Versão revista 2004	8865	623	13

Com a documentação analisada foram construídas três bases, a saber:

- uma base geral – Versão Maio 2004 - em que foram colocadas todas as cartas assim identificadas no *Espólio* (nas 85 Caixas arquivadoras e também em algumas das caixas que o integram) independentemente das datas em que foram escritas/produzidos.
- outra base – Seleccionadas – em que figuram apenas os documentos que foram considerados fundamentais para a redacção dos capítulos desta investigação independentemente das datas em que foram escritas/produzidos.
- uma base final – Versão revista 2004 – em que estão todas as cartas, documentos anexos e manuscritos que, entre 1942 e 1958 foram identificados no *Espólio*. Nesta base incluem-se ainda todos os documentos que, antes e depois dessas

datas, contribuem para a construção da biografia de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

Das categorias temáticas definidas para as diversas cartas, documentos anexos e manuscritos e a respectiva tabela descritiva daremos conta, mais em pormenor, no capítulo em que analisamos o seu conteúdo.

### **1.2.3.2 Monografias e publicações periódicas do *Espólio***

O *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* comporta, como já foi referido, uma enorme colecção de documentos que vão de postais ilustrados, a uma colecção<sup>53</sup> da revista *Os Nossos Filhos*, a cartas, cartões de visita, estampas, *ex-libris*, contratos, brochuras, recortes de críticas sobre a sua actividade ou de terceiros, folhetos, prospectos, caixas com tapetes, convites, fotografias.

Desse conjunto, durante esta investigação, apenas usámos como fontes a correspondência, todos os números temáticos da revista e as monografias e/ou publicações periódicas já mencionadas. Desta última série, num total de cerca de 968 documentos<sup>54</sup>, pouco mais de 330 foram por nós respigados. A listagem desses documentos foi incluída no capítulo da bibliografia deste trabalho<sup>55</sup>.

A análise documental foi o procedimento seguido na abordagem a estas fontes para “(...) identificar informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses(...)” (Ludke e André, 1986. p. 38) que anteriormente enunciámos. Foi utilizada como apoio para “(...) ratificar e validar informações obtidas por outras técnicas de colecta /e porque nos interessava/ estudar o problema a partir da própria expressão dos indivíduos(...) quando a linguagem dos sujeitos é crucial para a investigação(...)” (Holsti, 1969. cit. In Ludke e André, 1986. p. 39).

A leitura e a análise desta documentação permitiram-nos confrontar os dados que Maria Lúcia Vassalo Namorado frequentemente seleccionou destas fontes primárias com o que eles(as) produziram sobre os temas versados e serviu ainda para, a partir dos textos das

---

<sup>53</sup> Não tem o n.º 98. Completámos esta lacuna com um exemplar fotocopiado.

<sup>54</sup> No *Espólio* encontram-se 622 livros, 346 brochuras, 5 cartazes e diversas fotocópias de documentos vários. Foram utilizados os livros ou brochuras que têm dedicatória, independentemente da data em foram escritos, dados ou integrados no *Espólio*, os que foram lidos por Maria Lúcia Vassalo Namorado e que nos permitem verificar que tipo de leituras ela foi fazendo ao longo da vida, os que foram escritos por colaboradoras(es) da revista *Os Nossos Filhos* e os que nos permitem identificar correspondentes da base das cartas existente no *Espólio*.

<sup>55</sup> Essas referências correspondem ao conteúdo do subcapítulo da *Bibliografia* intitulado *Fontes primárias: Periódicos/ inéditos e monografias de Maria Lúcia Vassalo Namorado e Monografias de outros autores*.

dedicatórias que muito frequentemente comportam, identificar graus de solidariedade, cumplicidade ou afastamento entre os(as) autores(as) e a pedagoga e até entre eles(as), ou seja, uns(umas) com os(as) outros(as).

Para a redacção da biografia de Maria Lúcia Vassalo Namorado usámos também muitos dos Documentos anexos inseridos no *Espólio* como referenciamos no capítulo sobre a organização do mesmo.

### 1.2.3.3 Entrevistas realizadas:

Inicialmente, ao definir o objecto deste estudo e as fontes a utilizar não prevíamos a realização de entrevistas como meio de recolha de dados; em primeiro lugar porque uma entrevista a Maria Lúcia Vassalo Namorado não era mais possível porquanto falecera em 2000 e depois porque nos parecia suficiente elaborar uma biografia apenas a partir de documentos do *Espólio*.

Referimos anteriormente que o primeiro esboço biográfico a que tivemos acesso nos fora fornecido pela família ainda antes da redacção do projecto de investigação: uma autobiografia que tivera diversas versões, como depois comprovámos ao analisar o *Espólio*. Na sequência da leitura deste texto uma constatação se impôs: escrever a biografia de Maria Lúcia Vassalo Namorado era fundamental e devia ser o mais completa possível sobre a vida pessoal mas também sobre o percurso profissional. Começavam aqui os limites daquele primeiro texto autobiográfico já referido: era uma “(...)biografia única regendo-se pelo primado de uma inteligibilidade sociológica centrada no sujeito(...)” (Conde, 1993. p. 207) e fora escrito de forma “minimalista” pois colocava a ênfase na “(...) biografia da vida profissionalmente centrada na sequência de *domínios* onde o sujeito participa no curso dessa sua parcial história pessoal com referências a vocação e vinculações institucionais(...)” (Conde, 1993. p. 214). Desprezava ainda, porque esse não fora também o seu fim, “(...) a hipótese maximalista de uma biografia” em que devem estar presentes “todas as outras esferas da vida – como as relações de parentesco, familiares, a sexualidade, a socialização e as sociabilidades, os consumos e estilos de vida, as actividades várias e lazeres, a mobilização e a colocação pessoal face a crenças, ideologias, política e religião(...)”(Conde, 1993. p. 214).

O texto, sendo uma boa narrativa predominantemente “enumeratória-factualista” era também revelador dos defeitos e virtudes da “(...) memória conjuntiva que reúne ao lembrar e disjuntiva que exclui no mesmo lance(...)” (Conde, 1994.p. 60), organizado

em torno de “lembranças reais e fictícias, interpenetradas *até* ao presente, por causa do presente e lembranças empacotadas, por períodos ou quadros de vida onde se encaixam pessoas, situações e eventos(...)” (Halbwachs, 1968. p. 5 cit. In Conde, 1994. p.59).

Neste encontro da autora com o seu passado percebe-se que o acto de lembrar deve ter sido, simultaneamente, gratificante e doloroso.

Num trabalho deste tipo faz sentido colocar o sujeito sobre quem se realiza a investigação “(...) no quadro da sua específica experiência social da subjectividade (...), definindo as suas dimensões da vida no triplo aspecto do saber, da experiência e do projecto, colocá-lo na malha dos seus múltiplos quadros de interacção (isto é descrevendo) o relacionamento do sujeito em formações grupais e contextos situacionais de prioridade, informalidade e institucionalidade(...)” (Conde, 1993.p. 203). Portanto, para melhor captar “(...) a relação dialéctica entre o indivíduo *produto da* história e o indivíduo *produtor da* história(...) ” (Digneffe, 1997. p. 208) e depois de revisto mais em detalhe o referido documento autobiográfico, decidimos que seria necessário proceder à realização de entrevistas que melhor nos ajudassem a “re-construir” a personagem em análise.

Uma listagem de contactos foi-nos fornecida por um dos herdeiros que a elaborara. Inventariava os(as) possíveis entrevistados(as) sob uma tripla perspectiva: identificação de familiares, de amizades e de contactos profissionais.

Estas eram também as vertentes que decidíamos explorar no sentido de obter mais dados sobre a pessoa, o seu círculo de afinidades e também os contactos profissionais que estabelecera e mantivera ao longo da vida. Em relação ao segundo e terceiro grupos, casos houve em que se detectaram, como se verá, importantes cruzamentos. A lista inicial foi sendo alargada uma vez que, também no que diz respeito a estes dois últimos conjuntos de entrevistados(as), a família só possuía os contactos daqueles(as) em que se cruzavam as relações de amizade e de trabalho de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Os(as) que haviam estabelecido com ela relações meramente profissionais e que ainda é possível abordar, assim como aqueles(as) cujos descendentes se mostraram disponíveis para as entrevistas foram contactados, em entrevistas não directivas, por duas ordens de razões: para obter informações sobre si próprios(as) e para explicitarem as razões e formas de colaboração com a referida senhora. Muitas destas entrevistas foram conseguidas através de simples contactos telefónicos mas outras houve em que o “(...)pedido de entrevista foi feito pela rede de relações sociais ou pessoais(...)” (Ruquoy, 1997.p. 106) das(os) entrevistadas(os).

As entrevistas biográficas foram preciosas para a obtenção de mais dados conducentes à redacção da biografia de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

A tarefa nem sempre se revelou simples mas tivemos atenção redobrada considerando que por um lado, “(...)para o passado recente, a memória oral, construída sob um apurado rigor metodológico, é uma fonte de informação privilegiada, quer para se aceder às múltiplas interpretações a que estiveram sujeitos os normativos gerais, quer para se conhecerem as características básicas dos diversos intervenientes e se definirem os factores que pesaram nas opções estratégicas e nas práticas do quotidiano(...)” (Magalhães, 1999, p. 70); por outro, decidimos complementar essas “(...) entrevistas com outros meios – sobretudo documentos- para fazer uma certa ‘triangulação’(...)de informações obtidas(...)”(Bolívar y Fernández, 2001. p. 132). Desta forma obtiveram-se dados que nos permitiram criar uma visão mais ampla da intervenção de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Com esta estratégia aconteceu que, para certos períodos da vida conseguimos atingir a ‘saturação de informações’ enquanto que, para outros, sobretudo para os primeiros anos e adolescência, continuamos com diversos “(...) pontos obscuros(...)”( Bolívar y Fernández, 2001. p. 135).

As entrevistas foram sendo realizadas ao mesmo tempo que a leitura dos documentos avançava. Todas elas, abertas, foram muito morosas uma vez que houve necessidade de encontrar as pessoas que pretendíamos entrevistar, em muitos casos foi preciso ocupar mais do que um dia de trabalho e ainda porque, dada a idade avançada da maior parte das(os) intervenientes, houve necessidade de conduzir as entrevistas sempre em duas vertentes: por um lado, “(...) lembrar episódios da sua própria vida, em que a pessoa conta coisas a propósito da sua própria biografia – vida profissional, familiar, afectiva(...)numa auto análise retrospectiva guiada de certos aspectos e momentos da actividade do sujeito(...)”(Bolívar y Fernández, 2001. p. 159) e por outro, centrar as questões que, sobre Maria Lúcia Vassalo Namorado, queríamos com elas esclarecer.

Neste ponto do trabalho paramos um pouco para apresentar a nossa reflexão sobre o que consideramos terem representado, para as(os) entrevistadas(os) e para nós, as sessões que com elas(es) tivemos. Algumas<sup>56</sup> houve, em que uma emoção forte

---

<sup>56</sup> Cf. a primeira que foi realizada com o filho mais novo de Maria Lúcia Vassalo Namorado, com o meio-irmão mais velho António Carlos, com a sobrinha Maria da Luz Namorado, com as primas Alice Vieira, Maria Teresa Carrusca e Maria Teresa Alho, com Maria de Lourdes Coutinho Oliveira Marques, neta do

esteve sempre presente. As sessões mais emocionantes, num total de mais de 35 horas, foram as que realizámos com Maria Cândida Lamas Caeiro<sup>57</sup>, filha mais nova de Maria Lamas: às informações sobre trabalho juntaram-se os dados afectivos e inúmeras explicações sobre o ambiente e o quotidiano da época.

A maior parte destas entrevistas e muitas outras que não pudemos fazer são fundamentais e revestem-se de enorme urgência devido à idade avançada e doenças de muitas das intervenientes. A tristeza de Maria Yolanda Bustorff Lapão, sabendo que a mãe, grande colaboradora da revista *Os Nossos Filhos* e ainda viva, não pode partilhar estas linhas, ou a de Rita Hintze Ribeiro cuja mãe foi capa do primeiro número da revista e se encontra surda, ou a da Instituição onde Belmira da Piedade Almeida passa os seus dias ou ainda a de Virgínia Sousa Ganho, num Lar em Lisboa é um dado que raramente vemos mencionado em trabalhos deste tipo<sup>58</sup>.

A riqueza humana do que fizeram, o cuidado, o tempo de que dispõem que não se compadece com o pouco que a entrevistadora lhes dava para lembrar o passado, a importância relativa que atribuem ao que fizeram, são outros tantos tópicos de abordagem metodológica que é urgente fazer.

A questão de *género* revelou-se também fundamental nas entrevistas: da reflexão que fazemos sobre a forma como elas decorreram estamos com a convicção de que o resultado seria outro, completamente diverso, se tivesse sido um homem a investigar. Esta afirmação que fazemos de uma forma completamente empírica carece de ser averiguada e confirmada e não temos tempo, neste momento, para a analisar mas o repto fica lançado.

---

padrinho e colega na *Fundação Sain*, com as amigas Lucinda Atalaia, Matilde Rosa Araújo, Leonoreta Leitão, com as amigas e filhas de amigas Júlia Maria Rocha e Maria Iolanda Bustorff Lapão, com Maria Isabel Laje, neta de Fernanda Tasso de Figueiredo, com Carlos Pinto Coelho, filho de Sara Pinto Coelho... e tantas outras como as de Maria Helena Rosa Torres Peres Seixas, primeira funcionária da revista, ou com Ema Martiniano Mercês de Melo em que as recordações afectivas foram tão importantes quanto as questões de trabalho.

<sup>57</sup> Seria impossível descrever o apoio, o rigor e a disponibilidade que Maria Cândida Lamas Caeiro colocou em todas estas sessões de trabalho. A sua dedicação, a energia que foi buscar para nada nos omitir, a memória prodigiosa cujas informações de cariz mais histórico resistiram a qualquer investigação pois que nem uma só estava incorrecta, a alegria que exprimiu por alguém estar a fazer um trabalho sobre a prima, a grande amiga e mesmo comadre uma vez que é a madrinha do filho mais novo de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Está e, ficou por fazer, uma outra recolha de dados: a das informações de que é fiel depositária sobre inúmeras figuras e situações do quotidiano nacional de diversas décadas do século passado.

<sup>58</sup> Elisabeth Évora Nunes e Maria do Céu Borrêcho, na revista *Faces de Eva: Estudos sobre a Mulher*. N.º 1-2 1999, p. 221-225 fizeram uma entrevista a Maria José Estanco Machado da Luz, amiga de Maria Lúcia Vassalo Namorado mas, pelo parágrafo final da entrevista percebemos que a entrevistada já não a leu.

Foram realizadas quarenta e uma entrevistas num total de mais de cento e trinta horas de trabalho.

A todas(os) as(os) entrevistadas(os) foi pedido que identificassem circunstâncias de “(...)nascimento e família de origem. Circunstâncias particulares em que nasceram: idade, família, contexto. Factores sociais e culturais na infância. Tradições culturais e contexto social em que se viveu em criança. Escola e educação. Entrada (...)níveis educativos, interesses, acontecimentos a destacar. Amor e trabalho(...)Grandes etapas da vida, acontecimentos críticos (...) externos e internos. Principais preocupações e causas defendidas ao longo do tempo, de forma a fazer sobressair o que são consideradas as causas mais importantes da vida(...)” (Bolívar y Fernández, 2001. p. 166).

Numa segunda fase pedimos que nos referissem as circunstâncias em que tinham conhecido Maria Lúcia Vassalo Namorado, que identificassem o papel por si desempenhado em cada uma das circunstâncias em que se conheceram e que nos dessem a sua apreciação sobre essa figura. Finalmente, sempre que tal era o caso, aproveitámos para solicitar junto das(os) entrevistadas(os) inúmeros esclarecimentos sobre dados que tínhamos recolhido sobretudo nas cartas que muitas(os) delas(es) tinham *enviado a/ recebido de* Maria Lúcia Vassalo Namorado.

Quando iniciámos estas entrevistas percebemos logo que tínhamos muito material inédito, especialmente sobre mulheres, que não existia em qualquer outra fonte. Com os dados que sobre elas(es) tínhamos retirado das cartas era então possível estabelecer pequenas entradas biográficas para cada uma dessas personagens. Foi assim que decidimos, em Apêndice a este trabalho, intitulado *Biografias*, redigir um conjunto de textos, num total de duzentas e dezanove já realizadas como já referimos.

Este ficheiro biográfico foi dividido em duas secções: numa foram colocadas as biografias redigidas a partir dos dados coligidos no *Espólio* bibliográfico e epistolográfico de Maria Lúcia Vassalo Namorado ou ainda nas entrevistas que realizámos.

Noutro grupo foram colocadas as biografias de colaboradoras(es) cujo conteúdo foi também retirado das fontes mencionadas mas às quais se juntaram dados por nós coligidos noutras fontes, neste caso fontes secundárias como dicionários biográficos<sup>59</sup>,

---

<sup>59</sup> Por vezes, “(...) o acesso a dados tão simples, mas completamente desconhecidos, como o nome completo, datas de nascimento e morte, parentes, percursos escolar, familiar e profissional representam, por si só, contributos incomensuráveis. (Esteves, 2002. p. 72). No grupo destes dicionários incluem-se o



onde foi possível encontrar biografias já redigidas sobre essas(es) mesmas(os) colaboradoras(es).

Foram entrevistadas(os)<sup>60</sup> colaboradoras(es) da Revista *Os Nossos Filhos* assim como outras(os) que só mais tarde se cruzaram profissionalmente com Maria Lúcia Vassalo Namorado.

#### 1.2.3.4 Documentos audiovisuais

O *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* é muito rico também, do ponto de vista das imagens. São centenas as fotografias que nele se guardam<sup>61</sup>, muitas vezes com (e sem) completa identificação da(o) fotografada(o). Estas imagens visuais “(...)estão disponíveis a partir de um vasto conjunto de fontes por vezes efêmeras(...) e muitas vezes negligenciadas como fonte de dados” (Lee, 2002. p.147).

No Espólio existem também centenas de “(...)instrumentos circulatórios (...)” (Scott, 1990. In Lee, 2002. p.41) como os postais dos Correios, ilustrados com imagens diversas como a do anúncio à *Farinha 33* (Caixa 62. Maço 2), os da série *Conheça as suas danças* (Caixa 62. Maço 2, Caixa 30. Maço 2), os da série *Conheça a sua história* (Caixa 62. Maço 2), da série *Conheça a sua terra* (Caixa 62. Maço 2) ou ainda os de carácter profiláctico, como os da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social*, do Porto, *Destrua moscas e mosquitos que propagam doenças* (Caixa 30. Maço 2). /tenho scanner/. Estes postais, “(...) que mostram temas subjectivos etnográficos tendem a enfatizar aspectos de outras culturas que podem ser construídos quer como *exóticos* quer como *autênticos* (...)” (Lee, 2002. p.147).

---

*Dicionário no Feminino* e o *Dicionário de Educadores portugueses* (cf. bibliografia). O primeiro destes documentos, foi realizado no “(...) âmbito do Protocolo celebrado entre a *Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres* e a *Fundação para a Ciência e Tecnologia* (...). Entendido em sentido lato, este abarcara a imprensa feminina e feminista, instituições, organizações de mulheres e nomes de épocas diferentes, com sensibilidades e protagonismos antagónicos, e pretende-se... dar lugar as desconhecidas ou ignoradas na sua vertente de cidadania e fazer sobressair os aspectos que distingam a participação na sociedade, por insignificante que possa parecer, como o percurso escolar, adopção de urna carreira profissional e respectiva progressão, a cidadania, o legado e as obras, fornecendo bibliografia de e sobre cada uma das entradas, com realce para os textos e notícias da imprensa (...)” (Esteves, 2002. p. 77).

<sup>60</sup> Cf. lista completa no subcapítulo *Fontes primárias, entrevistas* no capítulo *Bibliografia*. Não foi possível entrevistar Ilda Águas Marques, segunda funcionária da revista durante catorze dos dezasseis anos da revista *Os Nossos Filhos* por ‘falta de saúde’.

<sup>61</sup> Cf. Caixa 83. Maço 3, por exemplo, onde se guardam diversas fotografias, entre elas a de Maria Barroso com os filhos Isabel e João Soares, com texto, no verso: “*Lisboa 9-5-52 À Exª Sra. D. Maria Lúcia pequena homenagem à sua inteligência e ao seu espírito de luta na defesa da Mulher e da Criança, com três beijos, da Isabelinha, do João e da Maria Barroso.*”

Também os selos dariam informações de extrema utilidade como os que foram editados por ocasião da *Campanha de Educação Popular*<sup>62</sup> (Caixa 41. Maço 1). /tenho scanner/

Também fazemos, como veremos mais adiante neste trabalho, a análise dos anúncios publicados na revista *Os Nossos Filhos*. Eles são veículo de “(...)uma informação útil acerca dos interesses e das escolhas individuais (...) e posto que (...) tenham de ser concisos, reflectem presumivelmente mais marcadamente as concepções dos próprios e daqueles que os publicitam(...)” (Lee, 2002. p.105).

Ainda sob o ponto de vista iconográfico não desprezamos a informação que nos é dada pelos milhares de fotografias que ilustram os artigos da revista *Os Nossos Filhos*. Com elas criamos uma base de dados – *Fotos 1700* em *Apêndice Cap. 4* – que está dividida em dois segmentos: um primeiro, no qual fizemos o registo de todas as fotografias identificáveis da revista *Os Nossos Filhos*, num total de 1700 fotografias. O segundo segmento, corresponde à indexação ou categorização das referidas fotografias, utilizando as mesmas categorias que definimos para análise dos artigos da revista *Os Nossos Filhos* e da base da correspondência do *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*.

Quando cruzamos a informação que nelas nos é dada com as cartas que são enviadas a Maria Lúcia Vassalo Namorado, enquanto directora da revista *Os Nossos Filhos*, podemos identificar redes de amizades, pedidos, ofertas, dados da biografia da própria pedagoga como veremos na análise que, em subcapítulo específico, fazemos destas imagens publicadas na revista. Também estas fotografias “(...)podem ser vistas como portadoras de um importante sentido enquanto documentos pessoais(...). Em regra, nos álbuns de família, um certo tipo de acontecimentos é privilegiado relativamente a outros (...) Vê-se o novo nascimento, não a recente morte; o casamento, não o divórcio. Embora algumas vezes satirizados por serem mostrados em poses embaraçosas, os membros da família são muito frequentemente apresentados a uma luz idealizada e positiva, a colecção de fotografias de família é, assim, «uma amostra do quotidiano altamente selectiva, fragmentada e até normalizada» como refere Musello (1979) (...). Os álbuns de fotografias de família são organizados de maneira a documentar o relacionamento e a evolução da família, permitindo ambas as coisas a descrição e a representação dos laços familiares. A despeito deste traço comum, Chalfen refere as diferenças, respeitantes à classe social, na composição dos álbuns de fotografias. Os das

---

<sup>62</sup> Colado em postal enviado por Isaura Correia Santos, uma colaboradora de *Os Nossos Filhos*, datado de 11 Jan. 1955.

famílias das classes trabalhadoras mostram predominantemente os membros olhando e sorrindo directamente para a máquina. Pelo contrário, os álbuns das famílias da classe média têm um grau maior de variabilidade, quer em termos de quem é representado, quer no conjunto e variedade de expressões e poses mostradas (...)” (Lee, 2002. p.141).

Usamos ainda dois outros tipos de documentos: a bobine com a gravação dos programas de rádio da responsabilidade de Maria Lúcia Vassalo Namorado e os dois curtos filmes que foram realizados sobre a Exposição *Lisboa vista pelas suas crianças*, iniciativa orientada por Maria Lúcia Vassalo Namorado, depois de meados dos anos 50 do século passado. A análise destes documentos é feita neste trabalho em subcapítulos específicos.

Estes filmes, que felizmente pudemos consultar<sup>63</sup>, fazem parte do grupo de documentos vulgarmente designados como *documentários* que “(...) podem ajudar a construir a história com mais rigor/sem esquecer/ no entanto, que qualquer imagem, por mais «real» que seja, é sempre uma «ficção», modelada pelo seu autor (...) se o historiador não «desconstruir» a imagem, não a procurar descrever e interpretar criticamente, ela é tão-só «uma imagem» e não uma fonte da história que, como todas as outras fontes, precisa de ser objecto de um estudo atento, com algumas ou muitas palavras ou ideias (...)” (Torgal, 2001. p. 16).

Com a criação oficial da Cinemateca, em 1948, com Manuel Félix Ribeiro (Torgal, 2001. p. 14), prova-se que se compreendera já o alcance que o cinema podia ter como “(...) “documento histórico» ou «fonte da história»(...) e como «agente da história». Na verdade, o filme tem sempre uma intenção. Por vezes é manifesto um objectivo de propaganda directa, ou seja, pretende produzir a «sua história», uma «história institucional» (...)” (Torgal, 2001. p. 16).

Esta dimensão histórica e ideológica do cinema também fora entendida por Maria Lúcia Vassalo Namorado que verá a iniciativa por ela organizada ser objecto de dois pequenos documentários, ambos realizados por António Lopes Ribeiro “(...)que, com Leitão de Barros, será um dos cineastas mais ligados ao regime e que mais trabalhou para ele(...)” (Torgal, 2001. p. 70). Estes documentários, explorados “(...)como veículo «jornalístico», /foram usados/ para divulgar eventos de importância social (...)”(Paulo, Heloísa. In Torgal, 2001. p.100).

---

<sup>63</sup> Cf. Bibliografia final sob designação *Arquivo Nacional de Imagens em Movimento – ANIM*.

No final dos anos 20 haviam sido criadas duas produtoras cinematográficas “(...) a Lisboa Filme, em 1928 e a Ulisseia Filme, em 1929(...)” (Paulo, Heloísa. In Torgal, 2001. p.101). Já no período em que se publicava mensalmente a revista *Os Nossos Filhos* vai ser criado o “(...) *Fundo do Cinema Nacional*, em 18 de Fevereiro de 1948, que possui, entre os seus objectivos, o de fornecer «subsídios destinados a intensificar a produção de filmes de curta-metragem facilitando, assim, a revelação de novos valores da cinematografia nacional» (Item 5.º do artigo 7.º da Lei n.º 2027). Passa a ser cobrada uma taxa de cem escudos para cada licença de exibição das chamadas «actualidades», que deveria converter-se num dos elementos de receita para a manutenção do fundo(...)” (Paulo, Heloísa. In Torgal, 2001. p.104).

Quer o SPN quer o SNI vão “(...) produzir diversos documentários individualizados, tendo como base eventos promovidos pelo Estado, e, duas séries que marcaram a sua presença nos cinemas portugueses a partir de 1938: o *Jornal Português* e *Imagens de Portugal* (...). Os temas abordados são os mais diversos e estão relacionados com acontecimentos, comemorações e a imagem idealizada do país que o regime busca divulgar em Portugal e no estrangeiro (...). *O Jornal Português* resiste até ao n.º 95, sendo substituído, em 1953, por outro do mesmo género, chamado *Imagens de Portugal*. A nova série, apresentada ao público em 11 de Março do mesmo ano, segue um estilo bem semelhante ao anterior (...). Os seus números estão divididos em duas secções, uma designada como cultural, exibindo imagens de cunho folclórico ou turístico, e uma outra voltada para a divulgação informativa, o «noticiário»(...)” (Paulo, Heloísa. In Torgal, 2001. p.106).

São dois desses documentários de que, embora sem vestígios no Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado, nos servimos para a apreciação que, da exposição *Lisboa vista pelas suas crianças* fazemos, no capítulo 4 deste trabalho.

### **1.3 Organização e estrutura dos capítulos do estudo:**

A presente dissertação sobre a *Educação das Mães e das Crianças no Estado Novo: uma proposta pedagógica de Maria Lúcia Vassalo Namorado* foi dividida em cinco capítulos principais.

No primeiro são apresentados, o tema, quadro conceptual, opções metodológicas, finalidades e questões do estudo.

Num segundo capítulo fazemos o percurso biográfico de Maria Lúcia Vassalo Namorado. A abordagem da biografia desta personagem tenta conjugar a perspectiva cronológica e biológica com uma leitura do seu percurso profissional, cívico e político.

Para se compreender o alcance das propostas desta pedagoga há que conhecer o contexto em que elas se foram escorando, as questões que as podem explicar, as possibilidades que elas tinham de se concretizar, os obstáculos e as resistências a vencer assim como os possíveis apoios que podiam convocar. Uma descrição desses princípios poderia ser feita sem os integrar no contexto mais vasto da sua produção mas daria, evidentemente, apenas uma perspectiva distorcida do panorama educativo sobre o qual Maria Lúcia Vassalo Namorado sempre quis intervir. Por essa razão, o conteúdo do terceiro capítulo tenta mostrar, fundamentalmente a partir de fontes secundárias disponíveis sobre o período, quais as concepções de Educação das Mulheres, das Mães e das Crianças que coexistem na primeira República e no Estado Novo, com especial enfoque para o período entre 1942 e 1958, limites cronológicos da revista *Os Nossos Filhos* de que Maria Lúcia Vassalo Namorado foi única directora.

No quarto capítulo identificam-se os meios – monografias, artigos e textos diversos publicados por Maria Lúcia Vassalo Namorado, a revista *Os Nossos Filhos*, os programas de rádio e de televisão pelos quais foi responsável, as iniciativas promovidas para tornar realidade as propostas que foi defendendo – e os fins de que se serviu a pedagoga para através deles explicitar que entendia dever ser a educação feminina, o currículo dessa formação e os valores a privilegiar.

No que diz respeito à revista *Os Nossos Filhos* analisamo-la, como já referimos anteriormente, sob o ponto de vista morfológico<sup>64</sup> e temático<sup>65</sup> (Freire Lestón, 1996)<sup>66</sup>.

A tarefa iniciada no capítulo precedente será completada, no quinto capítulo, pela identificação e análise interpretativa a que foi submetida a correspondência que Maria Lúcia Vassalo Namorado foi mantendo com as suas interlocutoras privilegiadas ao

---

<sup>64</sup> Título, complemento, número de anos, propriedade, editora, directora, localização, formato, papel, custo, n.º páginas, números temáticos, publicidade, tiragem, capas, mancha tipográfica, aspecto gráfico, disposição das secções, extensão artigos, ilustrações, autoria ilustrações...

<sup>65</sup> Revista especializada/generalista, análise dos editoriais, da iconografia (dos anúncios às fotos de crianças publicadas), das colaborações e áreas temáticas independentemente de serem (ou não) analisados, da evolução ideológica...

<sup>66</sup> Em Janeiro de 2004 foi defendida na Universidade Aberta, Área de *Estudos sobre as Mulheres*, por Ana Borges, como já noticiámos, uma tese de mestrado com orientação da Professora Doutora Anne Cova, intitulada *Os Nossos Filhos: 1942-1949*. Depois de lida a referida dissertação vimos que a análise morfológica também foi aí realizada mas apenas relativamente a alguns dos dados que nos propomos tratar. Por essa razão não deixaremos de incluir este subcapítulo na redacção final do presente trabalho.

longo de décadas de um “diálogo silencioso” e resguardado da esfera pública sobre questões educativas e do quotidiano feminino. Na impossibilidade de analisar toda a correspondência como desejaríamos (cf. Base das cartas) vimo-nos obrigada, apenas por questões de tempo, a examinar só o lote da correspondência que Maria Lúcia Vassalo Namorado recebe da prima Maria Lamas, o maior do *Espólio*, num total de cartas.

Para desenvolvimento dos capítulos dois, quatro e cinco utilizamos duas fontes que se têm revelado muito importantes. Referimo-nos à leitura de todos os documentos do *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* que têm relação directa com a vida/obra da senhora, com o conteúdo dos artigos da revista e ainda com a identificação das(os) correspondentes. A outra fonte foi a realização de entrevistas a senhoras – colaboradoras, amigas, familiares -, ainda vivas e que têm contribuído para esclarecer dúvidas, fornecer dados novos e alargar o *Espólio* com doações de documentos esclarecedores de diversas questões relativas quer ao percurso biográfico da pedagoga, quer à colaboração dessas senhoras na revista ou noutras iniciativas levadas a cabo por Maria Lúcia Vassalo Namorado, dentro ou à margem da revista *Os Nossos Filhos*. Casos há em que, por morte ou incapacidade física das ditas colaboradoras, temos recorrido a elementos da família que se têm prestado a colaborar nesta investigação.

Os últimos capítulos desta dissertação serão a conclusão, a bibliografia os apêndices e anexos. Em relação à primeira, para além de sistematizar um conjunto de saberes que nos foi dado organizar ao longo do trabalho, deixamos ainda uma série de propostas, a saber, a inventariação de outras áreas de estudo que não foi possível desenvolver e a enumeração de algumas sugestões sobre formas de utilização futura deste *Espólio* sobretudo em História, História da Educação e História das Mulheres.

A bibliografia será um dos capítulos finais do estudo e as referências bibliográficas de todas as fontes consultadas serão precedidas de uma explicação de todos os critérios justificativos da sua (não) inclusão, da explicitação das regras seguidas e das opções tomadas na sua organização.

No capítulo dos *Apêndices* serão colocados todos os dados que tenham sido por nós elaborados e sistematizados para apoio a esta investigação. São aqui integradas as breves notícias biográficas individuais e as notícias sobre instituições – ilustradas com fotografia - que foi possível redigir sobre cada colaborador(a) e/ou correspondentes de Maria Lúcia Vassalo Namorado e sobre as instituições que são identificadas não só na

revista como também em diversos outros documentos do espólio. A maior fonte de informação para estas entradas provém do material que nele recolhemos e nas entrevistas realizadas.

Os Apêndices organizados com outro material recolhido na revista *Os Nossos Filhos*, nas cartas, nos Documentos anexos do *Espólio* ou ainda em diversos arquivos e fontes compulsadas para suporte dos diversos capítulos – como os dados sobre o percurso escolar de Maria Lúcia Vassalo Namorado, a listagem de todos os artigos por ela escritos - atingiram uma dimensão física que torna difícil a sua impressão em papel. Por essa razão decidimos só os apresentar em suporte electrónico, tendo-lhes sido atribuído a mesma designação do capítulo a que se reportam.

Nos Anexos incluímos apenas os documentos de que nos servimos, elaborados por outros(as) autores(as), para a partir deles extrair ou confirmar conclusões que sejam pertinentes para este trabalho.

## 1.4 Limites do estudo:

Muitos são os limites que podemos apontar a este estudo. Enquanto que alguns são apenas consequência da forma como a investigação foi conduzida, outros há bem mais preocupantes, que são reflexo de opções teóricas e metodológicas que tomámos ainda antes ou mesmo no desenrolar do estudo.

Nos primeiros temos de incluir a decisão, menos feliz e completamente ingénua, que tomámos de usar os documentos contidos como fonte no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* antes de ter tido um primeiro contacto com ele e de ter percebido a organização que lhe fora dada ainda pela sua proprietária. Assim, os primeiros meses de trabalho foram muito difíceis de ultrapassar dado o “atrito” que quotidianamente se manifestava entre a quase impossível conciliação da organização do fundo documental que compõe o *Espólio* com a necessidade de começar a recolha de dados para a redacção deste estudo.

Outro dos limites foi o facto de, apesar da permanente insistência do nosso orientador<sup>67</sup> no sentido de que utilizássemos apenas a correspondência contida no *Espólio* e cronologicamente coincidente com as datas da publicação da revista *Os Nossos Filhos*,

---

<sup>67</sup> E de outras(os) colegas – sendo de destacar, entre elas(es), Margarida Felgueiras, Ana Venâncio, Cynthia Greive, António Ferreira Gomes, Alberto Lopes e João Amado.

termos pensado que seria possível organizar, ler e submeter a análise toda a correspondência nele guardada, independentemente da data da sua produção. Acabámos por estabelecer um compromisso entre estas duas orientações: foi feito o levantamento, leitura e transcrição de todas a correspondência do *Espólio* mas a análise só recaiu sobre as que foram redigidas durante o período que medeia entre 1942 e 1958, uma vez que entre 1959 e 1964 a publicação se descaracteriza. Porém, sempre que se percebeu que as cartas eram fundamentais para explicitar dados menos correctamente percebidos, usámo-las mesmo que anteriores/posteriores a essas datas.

Sob o ponto de vista formal temos de referir que o manuseio do *Espólio* foi mais difícil devido à inexistência de um *Guia preliminar* completo e ao demasiado respeito que deliberadamente mantivemos para com a arrumação dada por Maria Lúcia Vassalo Namorado aos documentos que doou. Devido às nossas condições de bolseira era-nos impossível agir de forma diferente. Não dispondo de tempo para realizar o referido *Guia Preliminar*, houve que fazer a recolha, tratamento e sobretudo a recuperação dos dados em sistema pós-coordenado uma vez que só através da indexação feita aos registos armazenados em computador pudemos saber, finalmente, o número de documentos que iria utilizar neste estudo assim como muitas outras informações de que daremos conta nos capítulos respectivos.

O facto de a maior parte das cartas se encontrar manuscrita, impedindo-nos de as digitalizar, com os meios técnicos de que dispúnhamos, ou de as transcrever para a base informatizada através da utilização de uma caneta óptica (usámos sempre que possível uma “Cpen” só funcionando sobre texto impresso ou dactilografado) também nos ocupou mais tempo do que o que inicialmente prevíamos para a fase da recolha de dados a partir da epistolografia.

Quanto ao conteúdo deste trabalho de investigação receamos que a excessiva quantidade de fontes consultada nos tenha impedido de dedicar mais tempo e reflexão à formulação mais minuciosa das questões metodológicas, teóricas e interpretativas. Embora tenhamos consultado e fichado, para posterior recuperação, toda a bibliografia que colocamos no capítulo respectivo pensamos que há algumas lacunas em áreas como, a título de exemplo, as da “revisão da literatura” e do aproveitamento que poderia ser feito de muita informação colhida através das entrevistas realizadas.

Neste projecto foram definidos diversos objectivos, abrangendo várias áreas temáticas teóricas (a título de exemplo, da “biografia” às questões sobre “género” e à utilização da imprensa e epistolografia como fontes principais de investigação) o que nos obrigou,



por um lado, a uma certa dispersão do ponto de vista da recolha e sistematização de dados e por outro, impediu-nos de realizar, em alguns casos, um maior aprofundamento de questões essenciais.

Quanto à análise interna dos documentos utilizados, a codificação dos dados e a sua posterior organização em “(...) categorias exaustivas, mutuamente exclusivas e independentes(...)” (Lee, 2002. p.159) revelou-se a tarefa mais difícil de toda a investigação dado o enorme volume de informação manuseado.

Apesar do que acima fica expresso, continuamos a pensar que este procedimento não foi de todo inoportuno. Um estudo deste tipo, partindo das fontes que tínhamos disponíveis e que nunca antes haviam sido manuseadas, cairia forçosamente na tentação de redigir uma biografia de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Essa tarefa revela-se tanto mais difícil quanto, a par da existência no *Espólio* de inúmeros documentos sobre o tema, a vida desta pedagoga se estendeu por mais de 90 anos em que muito trabalhou, produziu, interveio; nunca tendo sido feita uma abordagem profunda à sua realização profissional mais consistente – a revista *Os Nossos Filhos* – também este estudo teria de passar pela análise exaustiva dessa fonte e de todas aquelas de que, felizmente, ainda dispomos para a contextualizar. Por último, sendo a referida publicação periódica dirigida e pensada para a Educação das Mulheres, melhor dizendo, das Mães e tendo a possibilidade de aceder à correspondência que elas travaram entre si ou com a direcção da revista, quem resistiria à análise deste imenso fundo documental?



## **2 A biografia como percurso de vida – 1909 aos anos 30**

### **2.1 Contextualização política da vida e obra Maria Lúcia Vassalo Namorado:**

Compreender a existência histórica de uma figura como Maria Lúcia Vassalo Namorado e da sua obra é, para que a sua abordagem não se torne meramente factual, também identificar o meio em que ambas se desenvolveram, colocá-la como elemento de uma comunidade, é ainda organizar e (re)escrever-lhe(s) o percurso de vida não omitindo quaisquer facetas, dando-lhes o sentido histórico sem o qual não serão mais do que descrições descontextualizadas da(s) época(s) em que se afirmaram.

Todas as pessoas são parte mais ou menos consciente de uma realidade socio-política que estimula ou impede o seu desenvolvimento. Olhar, nem que seja de forma muito breve, para o contexto em que viveu a pedagoga e se afirmou a sua obra é fundamental para ter de ambas uma percepção mais próxima da realidade em que foram intervenientes.

A vida e obra educativa de Maria Lúcia Vassalo Namorado estendem-se ao longo de quase todo o séc. XX. Do ponto de vista político, podemos dizer que se inserem nos *três ciclos fundamentais* que Fernando Rosas define para esse período. Ela nasce durante “(...) a segunda etapa /do/ longo ciclo da crise final do sistema liberal-oligárquico(...), a da gorada tentativa republicana de regeneração democratizante do sistema (1910-1926) (...) /atinge a idade adulta e enceta o seu trabalho de reflexão na área educativa durante/ (...) o ciclo do autoritarismo, quase meio século do século XX português (1926-1974) /e vive intensamente/ (...) o ciclo da democracia, ou do sistema liberal democrático, inaugurado pela revolução de 1974/75 e institucionalizada em 1976.(...)” (Rosas, 2004. p. 8).

A vida de Maria Lúcia Vassalo Namorado estende-se por nove décadas. Neste trabalho vamos analisar com algum detalhe os períodos correspondentes ao início do seu percurso escolar, que se desenrola quase todo antes da ditadura militar iniciada em 1926. A fase do namoro e primeira parte da sua vida de casada e de trabalho remunerado situa-se entre os anos finais da ditadura e o período de “(...) construção do Estado Novo (1933-1945) (...)”. É nesta fase que ela inicia a actividade profissional

como directora, a partir de 1942, da revista *Os Nossos Filhos*. No período de “(...) diversificação do regime (1945-1961)(...)” assistimos ao seu maior empenhamento profissional e ao cada vez maior afastamento face ao regime e à aproximação inequívoca à oposição ao salazarismo. Do ponto de vista profissional a revista *Os Nossos Filhos* não consegue sobreviver no período do “(...) endurecimento – 1961-1968 (...)” do regime, sendo suspensa em 1958 e continuando, agonizante, com números apenas anuais, até 1964. No período da “(...) liberalização bloqueada (1968-1974)” (Cruz, 1988. p. 38) o afastamento de Maria Lúcia Vassalo Namorado é indiscutível assim como a sua militância, discreta, na oposição.

Propomos agora uma primeira abordagem ao ambiente político e educativo entre o advento da 1ª República (se bem que em alguns aspectos seja necessário recuar até um pouco antes) e o final do Estado Novo, período em que foi decorrendo a vida e obra de Maria Lúcia Vassalo Namorado. O final desse último período, assim como a sua afirmação após o 25 de Abril de 1974 serão, obrigatoriamente menos desenvolvidos e referidos em capítulo posterior a este, porque ultrapassam já os objectivos definidos. Neste trabalho, se bem que tenhamos inventariado e lido toda a produção de Maria Lúcia Vassalo Namorado, iremos incidir com mais profundidade nos documentos que prodiziu até ao início dos anos 60 do século passado, por ser esse o período em que se publicou a revista *Os Nossos Filhos*. Em capítulo específico sobre as actividades da pedagoga posteriores aos anos 60 e seguintes, de forma muito abreviada, não deixaremos de completar, porém, a sua biografia pessoal e profissional.

### **2.1.1 Antecedentes e educação republicana:**

Muitas foram as reformas que, de finais do séc. XIX até ao presente, disciplinaram o sistema educativo português. Neste trabalho damos apenas notícia daquelas que permitem compreender o panorama educativo em que viveu e interveio Maria Lúcia Vassalo Namorado.

O ensino secundário em Portugal pode dizer-se que tem as suas raízes na reforma de 1894/1895, a vulgarmente denominada «Reforma de Jaime Moniz» cuja importância Cândida Proença sustenta ao afirmar que teve um “(..) cunho de modernidade atestado pela sobrevivência do modelo até à década de setenta do século XX(...)” (1992. p. 39).

Alguns pedagogos como Jaime Moniz, Adolfo Coelho e Leite de Vasconcelos conheciam já “(...)os trabalhos de Fröebel, criador dos «Kindergarten», sobre o valor do jogo na educação infantil, os estudos de Herbart, pai da pedagogia científica e dos seus discípulos Weber, Fechner e Meumann que sob sua influência criaram a pedagogia experimental, e uma série de teóricos da escola activa com relevo para Kerschensteiner, Wernicke, Baumeister ou Hermann Schiller(...)” (Proença, 1992. p. 39).

Partindo de uma filosofia da educação que privilegiava a informação e a formação que se podia fazer através da aprendizagem dos conhecimentos, queria também desenvolver capacidades e, como metodologia de ensino defendia a caminhada do concreto para o abstracto, pondo de parte a aula magistral, e defendendo o método socrático que partia das perguntas para as respostas (Steiner, 2005) e que usava o exemplo como a melhor forma de inculcar valores morais. Os trabalhos de casa, que serão bem criticados na revista *Os Nossos Filhos* porque normalmente excessivos e sobrecarregando a vida dos alunos, eram apresentados aqui apenas como complemento do trabalho de sistematização do que se havia feito na aula. É também preocupação desta reforma a temporização dos tempos de aprendizagem e dos tempos de lazer.

No final do percurso secundário, o aluno com uma educação integral e um conjunto de bons conhecimentos de cultura geral, estaria apetrechado para entrar nos estudos superiores. O promotor desta reforma considerava também que era errado levar as crianças a escolher, muito cedo, uma profissão porque a “(...) educação profissional precoce apresentaria o duplo perigo de, por um lado, impor aos educandos a escolha de uma carreira demasiado cedo, esquecendo ou impedindo o desenvolvimento de outras aptidões que porventura até possuíssem em maior grau, mas que não estariam relacionadas com a especialização que lhes teria sido imposta e de, por outro lado, a opção por um ensino estritamente utilitário contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade onde seria cada vez mais forte a influência material do dinheiro e da sua exclusiva procura(...)” (Proença, 1992. p. 45).

O ensino secundário destinar-se-ia, portanto, a um pequeno número, uma elite, como diríamos, para preparar futuros dirigentes capazes de orientar os grupos menos cultos e mais desfavorecidos da sociedade. Como disciplinas, havia que estabelecer o equilíbrio entre as que permitiam um conhecimento da cultura clássica e aquelas que colocavam os alunos a par do que se vinha descobrindo nas áreas científicas.

Em sala de aula os alunos deveriam ser levados a pensar por si, a colocar e a resolver questões e a contribuir, com a sua reflexão, para a evolução do país. A reforma “Jaime

Moniz” também, como era vulgar na época, apresenta um “(...) cariz nacionalista e patriótico do ensino (...) a que se acrescentava um cunho cultural conservador pela transmissão de «tradições» e «origens», característico ainda das ideologias nacionalistas(...)” (Proença, 1992. p. 49).

Esta reforma é omissa em relação a áreas como a Música, a Ginástica ou os Trabalhos Manuais que irão ser, como veremos, acerrimamente defendidos em *Os Nossos Filhos*. Quando Maria Lúcia Vassalo Namorado nasce, já após o regicídio, na Freguesia de S. Pedro, em Torres Novas, a 1 de Junho de 1909, ainda o país é governado por um rei desprestigiado num país eminentemente rural, com um caciquismo regional arreigado, com a maioria dos súbditos analfabetos, com um sistema político incapaz de se ultrapassar, com os novos partidos políticos, quer o *Partido Socialista* quer o *Partido Republicano*, à procura de um espaço vital. Cerca de um ano depois é a vez de Lisboa impor a revolução em 5 de Outubro de 1910(Rosas. 2004. p. 19).

O país saído dessa revolução é pouco mais do que um “oásis” republicano numa Europa monárquica. Desde aquela data até 1926 “(...) 29 intencionalidades revolucionárias(...)”(Rosas. 2004. p. 44), “(...)quarenta e cinco governos e oito Presidentes da República se sucedem na cadeira do poder, cinco dissoluções, (...) dezenas de atentados - mais de 300 em Lisboa entre 1920 e 1925- marcam a existência atribulada desta 1ª República (...)”(Léonard, 1998. p.21), laica e parlamentar que, desde o início se vê rejeitada por um grande grupo católico e pela grande burguesia ao mesmo tempo abafada perante uma classe média e uma classe operária que a põem constantemente em causa. Ainda do ponto de vista político, também as mulheres esclarecidas, mesmo republicanas, a questionam pois lhes concede e lhes retira, pouco tempo depois, o direito ao voto que vinham reclamando.

Do ponto de vista político e intelectual Maria Lúcia Vassalo Namorado não faz parte da geração de 1890 mas vai ser por muitos influenciada. O futuro cardeal Cerejeira, António Sardinha e Fernando Pessoa nascem em 1888, Salazar em 1889, António Sérgio e Leonardo Coimbra em 1883, Jaime Cortesão em 1885 e a prima Maria da Conceição Vassalo Silva, ou Maria Lamas, nasce em 1893. Muitas vezes, estes e outros elementos da mesma geração estarão mais unidos face aos malefícios que viam no regime monárquico do que face às vantagens do sistema republicano. Num ponto vão estar de acordo se bem que diverjam completamente sobre a forma de o realizar: na necessidade de reflectir sobre as questões do nacionalismo que opõe a *Renascença Portuguesa* ao *Integralismo Lusitano*(Léonard, 1998. p.23).

Do ponto de vista intelectual não pode ser escamoteada a importância que vai assumir, nesse debate sobre o nacionalismo, a revista semanal *Seara Nova*, lançada em Outubro de 1921, dirigida por Jaime Cortesão e depois Raúl Proença, também ligados ao primeiro dos movimentos que acabámos de referir.

No que diz respeito à educação, logo que em 1910 a República se apresenta vencedora e mesmo até depois das intencões que a ameaçaram, era vontade dos republicanos a reforma da “(...)mentalidade portuguesa propondo-se executá-lo por sãs vias e, em situação de realce, pela via da instrução e da educação ( ...) Falou-se mesmo em «educação republicana», educação interessada na criação e consolidação de uma nova maneira de ser português, capaz de expurgar a Nação de quantos males a tinham mantido, e mantinham, arredada do progresso europeu(...) a expressão foi usada por João de Barros (...) que a escolheu para título de um dos livros da sua obra de pedagogia social(...) e o projecto de J. de Barros para a escola portuguesa era de raiz nacionalista no sentido exaltado do termo (...)” (Carvalho, imp. 1986. p. 652).

No início da escolaridade primária de Maria Lúcia Vassalo Namorado, a participação de Portugal na Grande Guerra agrava a situação de instabilidade e a 1ª República é “(...)corroída por dentro pela inflação e minada pelo aumento do défice público(...)”(Léonard, 1998. p.22). Não podemos esquecer que “(...)em 1911 os analfabetos eram 75,1% da população, sendo o feminino substancialmente superior ao masculino(...) e que em 1909-10 existiam no Continente e Ilhas 5552 escolas primárias oficiais e no de 1925-26 era de 6657(...)” (Carvalho, imp. 1986. p. 710).

Esta República laica, está preocupada com o analfabetismo, o insuficiente número de escolas primárias, a falta de ensino infantil e a má preparação dos professores mas uma das suas primeiras medidas, doze dias após a sua implantação, será a extinção do ensino da doutrina cristã nas escolas primárias e normais primárias.

A reforma do ensino primário é entregue a uma comissão formada por João de Barros e João de Deus Ramos e será “(...) publicada por decreto de 29 de Março 1911(...). Nela se legisla também sobre ensino infantil e normal (Carvalho, imp. 1986. p. 664). Aí se defende que a educação deve ser realizada em casa pela mãe e na escola pela professora, que o ensino infantil deveria ser gratuito e facultativo, ministrado na forma de *lições de coisas*, preparando o acesso ao ensino primário. Nele se introduziriam exercícios de aquisição de vocabulário, iniciação à leitura e mesmo à escrita assim como alguns rudimentos de geografia do lugar onde a criança vivesse e referências a animais e plantas da região. A leitura de lendas e contos tradicionais

sempre com intuítos morais e patrióticos faria parte das actividades a desenvolver, e deviam praticar o desenho e a modelagem “(...) tudo gradualmente de harmonia com a idade das crianças(...)”(Carvalho, imp. 1986. p. 667). Defendia-se também a existência de edifícios próprios, feitos para serem escolas e não adaptações de outros edifícios previamente existentes. A actividade lectiva devia ser assegurada por professoras devidamente formadas para o efeito. Mantiveram obrigatória a frequência do ensino elementar, durante três anos, isentando de tal obrigatoriedade, todas as crianças que vivessem a mais de 2 km das referidas escolas, ou seja, as mesmas excepções em vigor na Monarquia Constitucional e que, na prática, dada a exiguidade da rede escolar portuguesa, que tornou a escolaridade obrigatória (legislada desde a década de 40 do século XIX) (Martins, 2002. p. 2).

Nesse mesmo ano, em 26 de Maio, será introduzida nas escolas uma instrução militar obrigatória desde os 7 anos e dela fariam parte a Educação Cívica, a Ginástica e o Canto Coral.

A primeira República não foi capaz de levar à prática o tão necessário projecto global de educação infantil oficial. Quanto ao ensino particular infantil ele vai começar imediatamente após a assinatura, em 2 de Abril de 1911, do decreto que o regulamenta, através da criação dos *Jardins Escola João de Deus*, ainda hoje existentes.

Também em 26 de Junho do mesmo ano foi nomeada uma comissão para reformar o ensino secundário, composta entre outros elementos por Domitila de Carvalho que foi substituída em 17 Dezembro 1915 por outra comissão sem nada se saber sobre o que terá proposta essa primeira. A agitação social parece também chegar às comissões de reforma pois que vão ser promulgadas e revogadas várias medidas.

Enquanto Maria Lúcia Vassalo Namorado, vive ainda em Torres Novas, alheia à agitação da guerra, numa altura em que o pai vai consolidando, como veremos, a sua posição de *maçon* convicto, o poder é tomado por sufrágio universal, em Abril de 1917, por Sidónio Pais. Em Dezembro é instaurada a ditadura pelo *presidente-rei* da *República Nova*, como será imortalizado no poema de Fernando Pessoa. Foi um período autoritário de pouca duração, apenas até 14 de Dezembro do ano seguinte e sendo a terceira, não será a última ditadura do séc. XX em Portugal. Antes de Fevereiro de 1908, antes de assassinado o rei e o pretendente ao trono, João Franco havia dissolvido a Câmara e “(...) instaurara uma ditadura particularmente impopular. Também durante alguns meses - Janeiro a Maio de 1915-, com o consentimento do Presidente da



República, Manuel de Arriaga, o general Pimenta de Castro assumira a direcção de um Governo de ditadura(...)”(Léonard, 1998. p.27-28).

O regime republicano sentira sempre a sua frouxa solidez pois que, várias vezes se viu ameaçada quer, como já vimos, por estes períodos de ditadura quer ainda pelas incursões monárquicas de 1911 e 1912, ou pelo constante e “(...)verdadeiro clima de guerra social entre o jacobinismo afonsista e o movimento operário, não hesitando o poder político republicano (...) em recorrer às formas mais extremas e menos legais de violência anti-social(...) dramaticamente pesantes para as camadas populares das principais cidades(...)” (Rosas. 2004. p. 41).

Ainda durante a 1ª Guerra, no ano de 1917 assiste-se a um “(...)convulsivo processo de revolta social e de greves. A vaga de assaltos populares as mercearias em Lisboa e arredores, em Maio, as greves da construção civil, da companhia das águas e dos carteiros entre Julho e Setembro, as duas greves gerais de solidariedade, em 16 de Julho e 8 de Setembro, as prisões massivas de milhões de grevistas, os encerramentos dos sindicatos (...)”(Rosas, 2004. p. 73) e sobretudo após o conflito dá-se um “(...) terrível impacto económico, social e financeiro (...) e com a crise económica de 1921 pondo termo ao curto e artificial *boom* de 1919/21, instala-se a hiperinflação, a desvalorização galopante do escudo, o descalabro da balança comercial, o peso esmagador da dívida externa, as falências, o desemprego, a desvalorização real dos salários, a crise das subsistências e, com tudo isso, a instabilidade política e a agitação social(...)”(Rosas. 2004. p. 50). Não podemos esquecer que no “(...)ano 1923-24 o preço de determinados produtos quase triplica, caso do pão, passando a maioria dos outros para o dobro(...)” (Caldeira. 2004. p. 175). Deste dado nos apercebemos no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* quando se analisa o aumento brutal das propinas que ela vai pagar no Liceu e este aumento de preços pode ver-se até pelo carimbo, a vermelho, que na capa do livro<sup>68</sup> de Matemática, de 1919, tem a indicação de “aumento de 30%”.

Interessa-nos aqui a reforma educativa de 14 de Julho de 1918 sob Sidónio Pais pela qual algumas disciplinas são separadas e outras reunidas, sendo o “(...) ensino ministrado no regime de classe em que nenhuma disciplina é independente(...)”(Carvalho, imp. 1986. p. 683). Pelo regulamento de 8 de Setembro de 1918 podem criar-se associações escolares dirigidas pelos alunos onde se cante o hino

---

<sup>68</sup> Da autoria de ANDRÉA, Eduardo Ismael dos Santos (1919) – *Aritmética prática: ensino secundário oficial: 1ª classe*. 5ª edição conforme à ortografia oficial. Lisboa: Imprensa Nacional. 139 p.

nacional, se pratique o culto da bandeira, se comemorem datas históricas nacionais e se exaltem os homens notáveis de Portugal(...)”(Carvalho, imp. 1986. p. 683 e seguintes). Nesse mesmo ano, em 11 de Novembro sai legislação para o ensino secundário feminino de que nos interessa particularmente a decisão da criação de uma educação doméstica que “(...)tem por fim preparar a mulher para vida do lar e de educadora de filhos e para todas as situações que não impliquem competência com o homem». (...)”(Carvalho, imp. 1986. p. 686). Porém, estas medidas serão revogadas após a queda de Sidónio Pais e nova reforma é feita em 26 de Setembro de 1919.

As sucessivas reformas e medidas propostas são também o reflexo da rapidez com que se sucediam os ministros. Até ao ano de 1919-20 em que Maria Lúcia Vassalo Namorado se matricula pela 1ª vez no Liceu, o *Ministério da Instrução Pública*, que “(...)volta a criar-se (...) por lei de 7 Julho 1913(...)” (Carvalho, imp. 1986. p. 662) será dirigido por 16 ministros diferentes. Entre o ano lectivo de 1919-20 e 1 de Agosto de 1927, data em que Maria Lúcia Vassalo Namorado se matricula pela segunda vez na 7ª classe, irão passar ainda mais 38 ministros pelo mesmo Ministério (Carvalho. Imp. 1986. p. 815-818).

Entre 12 Junho 1920 e até 1926, são ainda feitas várias alterações a estas reformas, num total de três: a de Vasco Borges, a de Rego Chaves que manda suspender a reforma anterior e continuar com a de Sidónio Pais e de Ginestal Machado que decreta em 1921 nova reforma semelhante á de 1919, de Joaquim José de Oliveira. (Carvalho, imp. 1986. p. 687).

É também em 1921 que nasce um novo partido<sup>69</sup>, “(...) - o *Partido Comunista Português*. Os comunistas, surgidos como corrente política e ideológica no imediato rescaldo da revolução russa, emergem em Portugal como partido, não de uma cisão com o socialismo reformista – como se passa no geral dos países europeus ocidentais mas de uma rotura, inicialmente de contornos bastante difusos, com o anarco-sindicalismo (...)”(Rosas, 2004. p. 75).

Durante o tempo em que Maria Lúcia Vassalo Namorado permanece no Liceu Almeida Garrett será publicado, em 21 Junho 1923, o *Estatuto da Educação Pública* de João Camoesas, médico, ministro da Instrução Pública de 9 Janeiro de 1923 a Junho do

---

<sup>69</sup> Ao qual Maria Lúcia Vassalo Namorado não aderirá, já depois do 25 de Abril de 1974, mas pelo qual ainda irá integrar listas para a Câmara de Lisboa e para a Junta de Freguesia do Alto do Pina (cf. cap. sobre biografia pós-anos 60).

mesmo ano (Carvalho, imp. 1986. p. 699), aplaudido por Jaime Cortesão e António Sérgio, mas que não passará de documento histórico.

Desde 1909, data do nascimento de Maria Lúcia Vassalo Namorado a 1927-1928, data em que deixa de frequentar o Liceu, o aumento da frequência da escola por parte das raparigas é um facto incontornável: em 1925-26 havia ainda 318 escolas móveis com 4674 alunas mulheres, as Escolas Normais primárias eram frequentadas por 814 alunos sendo 724 do sexo feminino (em 1910 eram apenas 3 escolas com 391 alunos dos quais 312 raparigas), os liceus que, em 1910, eram frequentados por 924 raparigas têm 2960 em 1925-26, ou seja, mais do que triplicara em pouco mais de 15 anos. A estes números há que acrescentar as que frequentavam “(...) os ensinos particular e doméstico sendo em 1910 e 1926, respectivamente de 1045 e 1711 para o particular e de 1090 e 2451 para doméstico(...)” (Carvalho, imp. 1986. p. 710).

Como aconteceu com muitas reformas do ensino secundário, antes e depois da implantação da República, elas apresentam uma lacuna sobre a organização do ensino secundário...feminino. Este tema, a educação e instrução feminina, muito debatido ao longo do séc. XIX não põe ainda em causa a diferenciação e a hierarquização de papéis tradicionalmente existente entre os dois sexos. Jean-Jacques Rousseau, em *Émile ou de l'éducation*, é um dos defensores dessa educação mas vê a mulher como esposa e mãe, que deve ser educada para proveito do homem que com ela convive.

*As Cartas sobre a Educação da Mocidade* de Ribeiro Sanches de 1759 excluem dessa educação as raparigas das classes mais baixas e *O Verdadeiro método de estudar*, se propõe a educação feminina, é sob a mesma perspectiva de Rousseau que a vê.

A referência que é feita à educação feminina no projecto de reforma da instrução pública do liberal vintista Luís Mouzinho de Albuquerque, fica-se por uma defesa da instrução primária das jovens igual à dos rapazes (De la Fuente, 1989).

Só nos últimos anos do séc. XIX podemos referir a obra de D. António da Costa de Sousa Macedo (1824-1892), titular da pasta de Instrução Pública que postumamente, em 1893, no ano em que nasce Maria da Conceição Vassalo e Silva, mais tarde Maria Lamas, publica *A Mulher em Portugal*, considerada ainda hoje como obra de referência nesta área. Nela se defende a instrução de todo o sexo feminino, independentemente do grupo social de origem. É ele que defende também a criação de escolas que possam habilitar as mulheres de menos recursos económicos para o “(...)desempenho de profissões próprias do seu sexo: criadas de servir, enfermeiras, costureiras(...)” (De la Fuente, 1989. p. 20). Esta mesma ideia vai ser desenvolvida, como adiante

demonstramos, na revista *Os Nossos Filhos*, sobretudo nas iniciativas que por ela vão ser realizadas a partir dos anos 50 do séc. XX. Outros flagelos a que se encontra submetida a mulher mais pobre - o abandono, os maus tratos, o trabalho excessivo, a prostituição – também serão por ele denunciados como o fará também a supracitada revista. Neste conjunto de vozes que vão clamando pela educação da mulher não podemos omitir a importância de Maria Amália Vaz de Carvalho cujas obras irão ter tanta importância na construção do pensamento de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Ela mesma o referirá, na revista *Os Nossos Filhos*, quer por diversas transcrições que das obras dessa autora faz, quer quando afirma<sup>70</sup> ser aquela escritora “(...) ainda hoje um exemplo para todas nós, exemplo de coragem, de elegância moral e de trabalho (...)” (ONF, Mar. 1947). Maria Amália Vaz de Carvalho escreve *Mulheres e Crianças, Cartas a Luíza, Crónicas de Valentina. Cartas a uma Noiva. Arte de Viver na Sociedade, As Nossas Filhas, Cartas à Mães*, obras em que a educação feminina é o tema de fundo.

Maria Lúcia Vassalo Namorado irá colher diversos ensinamentos naquela escritora, a saber: é pelo trabalho que a mulher se dignifica, a ociosidade é um dos piores inimigos da mulher, a ignorância deve ser combatida, a educação ajudará a mulher a atingir a perfeição moral, a mulher culta tem mais capacidades para entender e para se dedicar à sua mais alta missão de mãe e esposa, o exemplo e a moral devem dar as bases dessa educação que será diferente quer entre sexos quer para as diversas classes sociais. Com base nestes princípios, deve ser a mãe a ocupar-se da educação dos filhos não os enviando para colégios onde poderão ser corrompidos pelas más companhias. A defesa que faz dos liceus femininos, tem por trás a ideia de que o ensino neles ministrado não é, nem deve ser, idêntico ao que se segue nos liceus para rapazes.

Maria Amália Vaz de Carvalho, como o fizera D. António da Costa, propõe a criação de escolas específicas para determinadas profissões como criadas de servir, caixeiras e professoras (De la Fuente, 1989. p. 27). Também notaremos na revista *Os*

---

<sup>70</sup> Ao referir a realização de uma festa para, em 1 de Fevereiro de 1947, comemorar o 1º centenário do nascimento de Maria Amália Vaz de Carvalho. Nessa sessão teriam estado presentes a reitora do Liceu com o nome daquela escritora, Alice Andrade que proferira “(...)breves palavras sobre o significado da sessão(...), além de Teresa Leitão de Barros, que pronunciara uma conferência “(...)que focou brilhantemente a personalidade de Maria Amália Vaz de Carvalho e a sua obra, conferência que foi ilustrada com recitação de poesias de Maria Amália e de seu marido, o poeta, Gonçalves Crespo, por alunas do 3.º ciclo. Sob a direcção da professora (...) Sara Navarro Lopes, o orfeão do Liceu contou em seguida, com muita correcção, dois números compostos sobre poesias de Maria Amália e seu marido. ..representados dois contos (...) «O anel do diplomata», por alunas do 7.º ano — um e outro inteligentemente adaptados, muito bem ensaiados e postos em cena pela distinta artista e professora (...) Olímpia Bastos. Quanto a interpretação, não podia ter sido mais graciosa (...)” (ONF, Mar. 1947).

*Nossos Filhos* a ideia de que a mulher burguesa, juntamente com as suas funções de mãe e esposa tem o dever de ensinar as mulheres desfavorecidas pela sua posição social, essas mulheres ‘ignorantes’ que tanto serão referidas nas obras iniciais de Maria Lúcia Vassalo Namorado e que, como as criadas de servir, devem ser vistas como possíveis introdutoras de muitos vícios na intimidade familiar.

A defesa da complementaridade entre homem e mulher, em Maria Amália Vaz de Carvalho, não obriga a uma igualdade; antes favorece a consciência da necessária hierarquia no casal. Esta escritora não ultrapassou, como muitas mulheres depois dela, o peso que o sistema patriarcal tinha sobre a condição feminina. Tal como Maria Lúcia Vassalo Namorado vai defender, o poder e a superioridade da mulher vinham-lhe da maternidade que ambas assumiram e que, por ela, foram obrigadas a dedicar-se ao jornalismo remunerado e à aventura da publicação dos livros que iam escrevendo ou, no caso da pedagoga de que aqui nos ocupamos, publicando e editando uma revista e diversos livros de outras autoras. Na época em que foram contemporâneas, pois que Maria Amália Vaz de Carvalho faleceu em 24 de Março de 1921, quando Maria Lúcia Vassalo Namorado estava a iniciara o seu percurso liceal, ainda a segunda não tinha consciência de quanto iria aprender nas obras da primeira.

Outra mulher que irá ter um papel importante na reflexão sobre a educação feminina é Alice Pestana – pseudónimo *Caiël* que, nos fins do séc. XIX, em 1888, vai em viagem de estudo a países europeus e, como relatório dessa viagem escreve em 1892: *O que deve ser a Instrução Secundária da Mulher?*. Nesta obra defende-se que a educação das meninas da classe média é fundamental, reprovando os castigos corporais e reprovando a importação de preceptoras estrangeiras para a educação das crianças pois que elas desnacionalizam a educação, como o fará mais tarde Maria Lúcia Vassalo Namorado na sua revista. Esta, que conhece a obra<sup>71</sup> de Alice Pestana, defende também, como esta autora, “(...)o ensino profissional para as mulheres das classes populares(...) (De la Fuente, 1989. p. 31) e, se as circunstâncias levarem a mulher burguesa a ter de trabalhar, ela deve fazer tudo o que esteja ao seu alcance para que esse facto não destrua a família. É também ela que “(...)considerando a importância dada à economia doméstica e à moralização dos costumes, (...) constrói uma esfera de poder feminino compensadora da sua subalternidade(...)”(De la Fuente, 1989. p. 32).

---

<sup>71</sup> É daquela autora a obra que um dos filhos de Maria Lúcia Vassalo Namorado recebe após as partilhas que os herdeiros fazem (Cf. Caixa 72. Maço 0)

As influências sobre os princípios que devem orientar a educação feminina recebe-as Maria Lúcia Vassalo Namorado, como estamos a ver, de diversas(os) autoras(es), ao longo das diferentes etapas da sua vida. Com Ana de Castro Osório, de quem só tem uma obra no *Espólio*<sup>72</sup>, ela partilha a ideia de que a mulher vale o que vale por si, mas dado que é inculta e muito preguiçosa, ela tem tendência a ser submissa ao homem. Este e outros princípios parecem entrar em contradição com os que anteriormente apresentamos sobre Maria Amália Vaz de Carvalho; defendemos porém que as influências e a assimilação que se fazem das(os) autoras(es) lidos não tem de ser um todo coerente nem contribui para um pensamento educativo organizado e estruturado internamente pois que a incoerência não é um pecado mortal.

Apesar de ser muitas vezes apresentada como uma mulher emancipada, republicana e maçónica, como de facto era, Ana de Castro Osório, no que respeita à percepção da mãe como educadora dos filhos não se afasta, como acontece com muitas outras mulheres do séc. XX, do modelo clássico dessa educação feminina.

Em 1923, no ano em que Maria da Conceição Vassalo Silva, já divorciada e com duas filhas, faz o 5º ano no *Liceu Central de Almeida Garrett* e em que Maria Lúcia Vassalo Namorado, com 14 anos, em Lisboa, repete o 4º ano do curso liceal na mesma instituição, Rolão Preto e João de Castro criam o “(...) primeiro movimento português verdadeiramente fascista, o *Nacionalismo Lusitano*(....) e um órgão de propaganda, o jornal *A Ditadura*(...)” (Léonard, 1998. p.26).

A República vê-se acossada *de dentro*, por parte de alguns que por ela se bateram, pelos operários e a classe média que permanecem insatisfeitos, por uma enorme agitação política e social que conduz à “Noite sangrenta” de 19 de Outubro de 1921 em que são assassinados António Granjo, chefe do Governo e Machado Santos, por uma exagerada instabilidade governamental – com sete governos no ano de 1920 e seis no de 1921- e por aqueles que contra ela sempre lutaram, como os monárquicos que, durante um curto período conseguem implantar a *Monarquia do Norte*, entre Janeiro e Fevereiro de 1919.

Ainda de dentro há que lutar contra o sistema caciquista (Lopes, 1994. p.103) que tinha nos governadores civis o seu maiores trunfo. Apesar da primeira lei eleitoral da República, de 14 de Março de 1911, reconhecer o aumento do sufrágio, só com a Lei de 30 de Março de 1918, já com Sidónio Pais, será instituído o sufrágio universal

---

<sup>72</sup> Cf. Espólio existente na Biblioteca Municipal de Torres Novas – Doc. Anexo Cap. 1 deste trabalho.

masculino pela primeira vez em Portugal (Lopes, 1994. p.75). São muitos actos eleitorais ensombrados pela “crise do medo” como as eleições de “(...)28 de Abril de 1918 (...) realizado sob uma ditadura autoritária e repressiva que, entre outros, restabeleceu censura (...) e as eleições de 11 de Maio de 1919, recorde-se que as mesmas se efectuaram na “época de terror, após Monsanto”, sendo muito visados os grupos e individualidades que se tinham ligado ao Sidonismo e as tentativas de restauração monárquica (...). As eleições de 1919 merecem destaque especial porque em Lisboa e no Porto se registou a mais baixa afluência às urnas de todo o período republicano: 11 477 votantes na capital (menos 11 750 que em 1915) e 7366 no Porto (menos 4387). (Lopes, 1994. p.151).

Com a vitória da *República Nova* de Sidónio Pais após Dezembro de 1917, uma das grandes preocupações dos republicanos moderados foi a de “(...) afastar os democráticos do poder, pois haviam sido os principais instigadores da intervenção de Portugal na Grande Guerra. Em seguida, e respondendo à insatisfação dos militares face às condições de preparação do *Corpo Expedicionário Português*, é imposto um abrandamento na preparação e no esforço de guerra. Depois, pretende-se fundar uma nova República de tipo presidencialista e «proto-corporativa». (Ferreira.1992. p. 69-71. cit. in Sousa, 1999, p. 88). Em Outubro de 1919 será criado o novo “(...) *Partido Republicano Liberal*, como resultado da fusão entre a *União Republicana* de Brito Camacho e o *Partido Evolucionista* de António José de Almeida, e cujo objectivo último era criar um grande partido conservador, que alternasse com os democráticos na conquista do poder. (Sousa, 1999, p. 88).

*De fora*, vem uma brutal epidemia de tifo e gripe no Inverno de 1918 e 1919 responsável pela perda da vida dos controversos videntes de Fátima, Jacinta e Francisco, assim como o mal estar perante as negociações da paz após o primeiro conflito mundial e por “(...) uma situação económica preocupante, dominada por uma inflação galopante — uma das maiores na Europa do pós-guerra — e por uma deterioração constante das Finanças Públicas(...)”(Léonard, 1998. p.29). A *I Guerra Mundial* e a *Revolução Russa* de 1917 constituem ainda acontecimentos únicos que determinam mutações significativas no plano económico, político e ideológico(...)”(Sousa, 1999, p. 89), a nível mundial.

As discussões e desentendimentos entre os diversos partidos políticos então existentes agravam este clima de instabilidade, favorecendo diversas tentativas de insurreição armada, como as de 18 de Abril e de 19 de Julho de 1925 que preparam o

caminho para o 28 de Maio de 1926. A acrescentar a estes problemas sabe-se que “(...) As eleições de 1925 notabilizaram-se ainda pela ocorrência de um tipo de fraude pouco conhecido nos anais do liberalismo português: a falsificação das actas, não nas assembleias de voto, o que era usual, mas no próprio ministério do Interior, por acordo entre os partidos republicanos (...)” (Lopes, 1994. p.159).

Do lado dos descontentes com a actuação da 1ª República temos ainda a *Cruzada Nun'Álvares*, fundada em 1918, por um jovem tenente, João Afonso de Miranda, que “(...) desempenha, assim, um papel importante no processo que conduz à queda do regime liberal. (...) Presidida por um militar com tendências fascistas, o Comandante Filomeno da Câmara, implicado na tentativa de golpe de Estado de 18 de Abril de 1925 (...) que lança um apelo público a favor da tomada do poder pelo General Gomes da Costa(...)” (*A Reconquista*, 1 de Abril de 1926 In Léonard, 1998. p.35).

Ela recebe de bom grado, sempre pela negativa, os descontentes de todos os quadrantes “(...)como os partidos republicanos conservadores - os Presidentes da República, António José de Almeida e Manuel Teixeira Gomes -, os meios monárquicos e os meios integralistas (...) e acolhe, também, durante algum tempo, em 1922, católicos como Salazar e Cerejeira, industriais ou ainda militares como o General Gomes da Costa(...) ou ainda “(...)em 1924, João de Castro, um dos fundadores do *Nacionalismo Lusitano*(...)”(Léonard, 1998. p.35).

Do ponto de vista religioso muitos eram também os críticos da separação entre Igreja e Estado, aprovada em 20 de Abril de 1911. Seis anos depois, será criado o *Centro Católico* que terá representação parlamentar após 1921, pretendendo, segundo Lino Neto, seu responsável, “(...)principal «a conquista da liberdade religiosa» e «a aplicação de critérios católicos a todos os problemas sociais»(...)” (*Diário de Notícias*, 27 Jul. 1921 cit. In Léonard, 1998. p.36).

Do ponto de vista político, os partidos republicanos digladiam-se no Governo mas é ainda o *Partido Democrático* que vence as eleições em 1925, dando a chefia do Governo a António Maria da Silva. Os sectores mais à direita fundam novo partido em 1926, a *União Liberal Republicana* de Francisco da Cunha Leal.

Neste ambiente só falta mesmo um pronunciamento militar que é lançado pelo general Gomes da Costa, o antigo Chefe do *Corpo Expedicionário de Flandres*. Pela lei de 25 de Maio de 1911 havia sido criado o serviço militar obrigatório. No período do pós-guerra muitas vezes haviam os militares sido assediados para se imiscuírem na vida política portuguesa, sendo que os republicanos não podiam passar sem o apoio deste



sector do país. Em 28 de Maio de 1926 por estas razões aqui resumidas brevemente, inicia-se o movimento que “(...) marca formalmente o início de um golpe de Estado, no qual se encontram envolvidas forças heterogéneas, cujo único factor de unidade se resume ao projecto, bem vago, de alterar as instituições para regenerar da melhor forma possível a nação portuguesa(...)” (Léonard, 1998. p.38). É esse movimento que “(...) rico dos ensinamentos das tentativas anteriores, inaugura o processo que levará a encerrar duradouramente a experiência secular de liberalismo em Portugal(...)” (Rosas. 2004. p. 36). O *sucesso* desta experiência deve-se, entre outros, a factores económicos que importa não esquecer: “(...)a crise política vivida em meados da década de 20 ocultava ou expressava uma crise económica bem mais profunda (...) e o período do fim da República é de rápida concentração a nível industrial. 1926 foi um péssimo ano do ponto de vista agrícola, pelo que a tradicional animosidade dos grandes proprietários e dos camponeses prometia formar um bloco social que suportasse o golpe de Estado do 28 de Maio. Descontentamento dos comerciantes, cuja actividade havia sido muito afectada com a valorização do escudo e a crise que lhe sucedeu, pois em 1926 perto de 10 mil casas comerciais tinham fechado e entre elas muitas criadas no pós-guerra (...)” (Sousa, 1999. p. 93). A família de Maria Lúcia Vassalo Namorado também fora afectada por estas crise pois que a actividade comercial era a base do seu sustento. Apesar de tudo ela vem para Lisboa estudar numa época em que se constata que “(...)de 1914 a 1924, (...)um aumento de 26 vezes do custo de vida(...)” (Sousa, 1999. p. 93). São estes acontecimentos que fazem com que, juntos à “(...) inflação /que/ afectava o proletariado e a pequena burguesia urbana, ou seja, a base social do republicanismo, o que vai justificar o desgaste e a passividade de que estes dão mostras, quando dos acontecimentos de 1926(...)” (Sousa, 1999. p. 94).

Está Maria Lúcia Vassalo Namorado, em Lisboa, frequentando já os últimos anos no Liceu, como veremos, quando Mendes Cabeçadas toma conta do poder; Gomes da Costa, no Porto, com a ajuda de muitos sectores militares, não apoiando tal situação, resolve marchar até Lisboa onde entra, vitorioso, cinco dias depois de Maria Lúcia Vassalo Namorado completar dezassete anos de idade. Também ele será afastado quase um mês depois, a 9 de Julho, para os Açores. O golpe tem o imediato, se bem que prudente, apoio do general Carmona que a família dela conhecera aquando da sua estada em Torres Novas, no quartel da vila. Com o apoio do general Sinel de Cordes, aquele militar vai preparar o caminho que permitirá a eliminação do liberalismo parlamentar e a instauração do regime salazarista.

Um dos aspectos em que há um certo consenso político e partidário é aquele que respeita ao papel que as colónias podiam/deviam desempenhar no contexto nacional. Os republicanos tinham conseguido algum maior protagonismo devido ao seu repúdio pela atitude da Monarquia que em 1891 capitulara perante o *Ultimato inglês*. A defesa das colónias é uma questão de princípio dos republicanos e é ela uma das razões que nos leva a participar no primeiro conflito mundial, depois da Alemanha nos declarar guerra em Março de 1916.

É também a República que cria o cargo de Ministro das Colónias e o republicano João Soares – futuro director do *Colégio Moderno* em Lisboa – um dos seus ocupantes, responsável até, em 1919, pela reintrodução “(...) em África das missões religiosas banidas pelo advento da República. Antigo padre, ele apercebia-se do efeito contraproducente do anticlericalismo republicano excessivo (...) e foi ele quem nomeou, em 1921, o general Norton de Matos para o cargo de *Alto Comissário* do Governo republicano em Angola, onde já tinha estado como governador de 1912 a 1915(...). Quando muitos anos mais tarde, nas eleições presidenciais de 1949, defronta o marechal Oscar de Fragoso Carmona, candidato de Salazar, Norton de Matos (então já com 82 anos) inscreve ainda como ponto alto do seu manifesto eleitoral a defesa do império colonial(...)” (Raimundo, 2003. p. 84). É por essas colónias que se batem os cerca de 50 mil militares que pereceram entre 1914-1918.

O período que medeia entre 28 de Maio de 1926 e o ano de 1933, o «interregno»<sup>73</sup>, como lhe chamou Fernando Pessoa, falecido em 1935, deve ser visto como “(...)uma etapa fundamental na história contemporânea de Portugal: a da ruptura com mais de um século de experiências liberais — sob a forma monárquica ou republicana — e a da lenta edificação de um regime autoritário, corporativo e antiparlamentar(...)” (Léonard, 1998. p.33).

Este período de menos de meia dúzia de anos é formado por ‘materiais’ perigosos pois nele se encontram políticos que se situam num espectro ideológico que vai da esquerda republicana à direita fascista. Certo é que a Constituição de 1911, apesar de não revogada também não é respeitada, que se vai agravando o sempre temível défice orçamental, que a Assembleia deixa de funcionar até Janeiro de 1935 e que muitos republicanos vão para o exílio, não perdendo a vontade de lutar pelos seus ideais, como

---

<sup>73</sup>Fernando Pessoa, *O Interregno — Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal*, Lisboa, Edição Núcleo de Acção Nacional, 1928, retomado na obra *Páginas de Pensamento Político*, vol. II, Europa-América, 1986, p. 41-59 In Léonard, 1998. p.32.

é caso de Bernardino Machado e de Afonso Costa na *Liga de Paris* ou os que, cá dentro, se organizam dando origem à a revolta do Porto em 3 Fevereiro de 1927, que se estende a Lisboa, de 7 a 9 do mesmo mês e que pretende o restabelecimento da República (Léonard, 1998. p.38). A repressão que se abate sobre esta revolta provoca inúmeras baixas e deportações e a *Confederação Geral do Trabalho* só nesta altura, em Novembro de 1927, é declarada ilegal.

Do lado da direita há alguma agitação orientada pelos partidários de Gomes da Costa ou por oficiais sidonistas, integralistas ou simpatizantes da *Cruzada Nun'Álvares*. Uma tentativa de golpe de Estado falhado, o “Golpe dos Fifis”, liderada por Filomeno da Câmara e Fidelino de Figueiredo, em 12 de Agosto de 1927, parece dar-lhe mais força pois que, no Inverno de 1927-28 vai criar a “(...) *Liga Nacional do 28 de Maio*, destinada a combater a aliança dos republicanos conservadores, criada à volta da candidatura do General Carmona para as eleições presidenciais de 25 de Março de 1928(...)” (Léonard, 1998. p.41). Este, apesar da sua simpatia pela direita conservadora, não renega o seu lado republicano e conseguirá ocupar o cargo de Presidente da República até 1951, ano da sua morte.

Depois desta breve panorâmica sobre alguns dados contextualizadores da evolução política e da educação feminina até princípios do séc. XX, sobretudo aqueles que de alguma forma poderemos posteriormente ligar ao percurso profissional de Maria Lúcia Vassalo Namorado e, antes de iniciar a breve caracterização que pretendemos fazer do largo período em que António de Oliveira Salazar ocupou o governo, talvez devamos, de forma mais organizada do que o fomos explicitando até agora, enumerar um conjunto de dados biográficos daquela republicana, fundamentais para a compreensão da sua obra que mais directamente nos interessa: a revista *Os Nossos Filhos*.

### **2.1.2 Início de um percurso de vida e a educação republicana:**

Maria Lúcia Vassalo Namorado nasce, como referimos, na freguesia de S. Pedro em Torres Novas, no dia 1 de Junho de 1909, filha de António Florentino Namorado, então com 35 anos de idade e de Ana Perpétua Vassalo, três anos mais nova.

O pai, natural de Cano, concelho de Sousel, Portalegre, nascera em 18 de Agosto de 1874 e faleceu em Lisboa, em 15 de Março de 1966, aos 91 anos de idade. Como dirá a filha, anos mais tarde, “(...) Foi comerciante conceituado pela sua honestidade, primeiro

em Torres Novas, a partir de cerca de 1899, e depois em Lisboa, após cerca de 1934(...) integrou o Tribunal da comarca de Torres Novas, onde foi jurado(...)”<sup>74</sup>. Era filho de um agricultor que tinha uma barbearia anexa à casa (entrevista a Rui Rosa, 22 Fev. 2002). Tinha mais dois irmãos, também rapazes: Tomás Namorado, professor primário<sup>75</sup> e José Namorado, agricultor em Cano (Entrevista a António Carlos, 2 Mar. 2002).

Quando Maria Lúcia Vassalo Namorado nasceu<sup>76</sup> o pai era já comerciante mas começara por ser marçano em Évora, e estivera também empregado em Estremoz. Desses primeiros tempos há ainda cartas de recomendação de alguns seus antigos patrões assim como os documentos dos tempos em que dirigiu um armazém<sup>77</sup> de cereais em Torres Novas (entrevista a Teresa Alho, 9 Mar. 2002), para onde foi e onde casou, em 1900. /scanner/

O seu *Espólio*<sup>78</sup>, que foi para a *Biblioteca Geral da Universidade de Évora* uma vez que ele vivera nessa cidade parte da sua juventude e ali começara a trabalhar no comércio<sup>79</sup>, guarda um conjunto de documentos<sup>80</sup> que dizem respeito à sua actividade enquanto *maçon*, iniciado na *Loja Regeneração 20 de Abril* n.º 364 de Torres Novas, em 20 de Outubro de 1912 (*Espólio António Florentino Namorado*. Doc. 12). Passara do grau de *Companheiro*, com o nome simbólico de *Miguel Bombarda*, em 14 de Março de 1913 ao grau *15º Cavaleiro do Oriente ou da Espada do Supremo Conselho do Grau 33 e último do Rito Escocês* em 23 de Outubro de 1917 como se depreende da consulta das *Apostilas do Grande Oriente Lusitano Unido do Supremo Conselho da Maçonaria Portuguesa*. (*Espólio António Florentino Namorado*. Doc. 2). Fora também um dos

---

<sup>74</sup> Anexo a carta do Museu Nacional do Traje, enviada por Madalena Brás Teixeira a Maria Lúcia Vassalo Namorado em 22 de Novembro de 2000, (quando Maria Lúcia Vassalo Namorado já tinha falecido), em resposta à doação das roupas que o pai usara no dia do casamento e das quais a filha fizera doação ao referido Museu, com a foto do casamento. A doação tem data de 10 de Janeiro de 2000 (Caixa 72. Maço 2)

<sup>75</sup> Que em Fevereiro de 1952, com Jorge Tristão, escreve um texto em *Os Nossos Filhos* de homenagem a um médico residente na vila de Cano há 20 anos, Dr. António Garção, também assinante da revista.

<sup>76</sup> À avó materna, Mariana Lúcia Namorado, foi a pedagoga buscar o nome próprio.

<sup>77</sup> Estes documentos foram dados, em 1995, por Maria Lúcia Vassalo Namorado ao filho mais velho (Entrevista a Rui Rosa, 22 Fev. 2002); eis uma outra prova de como os espólios vão sendo mexidos pelas(os) suas(seus) proprietárias(os), ainda em vida.

<sup>78</sup> Composto por 16 pastas, das quais apenas as n.º 1 a 12 foram utilizadas para este trabalho, são designadas por *Espólio de António Florentino Namorado*, e estão guardadas na *Secção de Reservados* da Biblioteca Geral da Universidade de Évora. Neste trabalho estão no *Apêndice ao Cap. 2- Espólio de Évora*.

<sup>79</sup> Cf. Carta de Maria Lúcia Namorado a Madalena Brás Teixeira. 10 Jan. 2000 (Caixa 72. Maço 2).

<sup>80</sup> Os dois documentos com n.º 1 e 2 encontravam-se guardados num envelope pardo com direcção de: *Maria Lúcia da Silva Rosa*, para *Rua Infancia 16*, /com carimbo de/ 9-Jul. 1954 /de remetente de/: *Liga Portuguesa Abolicionista*, Av. Poeta Mistral, 17- 2º E, Lisboa.

subscritores<sup>81</sup> da *Liga Republicana de Torres Novas*<sup>82</sup>, uma associação “(...) política sem carácter partidário (art.º 1º)”, “(...) neutral em matéria religiosa” e criada para “(...) fomentar o progresso moral e material do concelho, tendo em vista aperfeiçoamento das instituições republicanas(...) estimular o espírito associativo e de solidariedade(...)”(Espólio António Florentino Namorado. Doc. 5).

António Florentino Namorado faz parte dos “(...) líderes republicanos das classes médias e das profissões liberais” (Rosas. 2004. p. 19) que vira falir o regime monárquico e o “(...) modelo económico liberal da Regeneração /que assentava/ por um lado, num livre-cambismo agrícola tendo como parceiro privilegiado a Grã-Bretanha (e gerador de uma típica relação de dependência: o país especializado na exportação de produtos agrícolas — vinhos, frutas, carne, cortiça... — e constituído, apesar de algum protecçãoismo às indústrias, como importador de máquinas, matérias-primas industriais e produtos manufacturados); por outro, numa prática sistemática do défice orçamental e do endividamento interno e externo do Estado, financiadores dos grandes empreendimentos infra-estruturais — caminhos de ferro e estradas lançados na segunda metade do século. A crise internacional dos anos 90 vai atingir mortalmente tal política; a perda de mercados agrícolas de exportação, o bloqueio do financiamento externo, a fuga de capitais, a suspensão do envio das remessas dos emigrantes no Brasil, o agravamento do défice comercial e da dívida externa e, sobretudo, a inexistência de divisas para os solver — a bancarrota do Estado — empurram as elites representativas dos diversos sectores dos grupos sociais dominantes para a imprescindibilidade de revisões mais ou menos profundas das suas estratégias económicas e políticas. Para a débil burguesia industrial abre-se a oportunidade histórica de, face ao abrandamento da concorrência dos capitais e das mercadorias britânicas, face à debilitação do lobby do import/export, partir a conquista do mercado interno: substituindo importações, criando novas indústrias, transformando em seu proveito as matérias-primas nacionais. Para tal, ela pede ao Estado uma nova atitude de intervenção política e económica: que contenha as reivindicações operárias despoletadas com a industrialização desde último quartel do século XIX; que proteja os mercados nacional e colonial da concorrência externa; que

---

<sup>81</sup> Cf. Cartas de José Ribeiro, da *Associação Para a defesa do Património Natural e Cultural de Torres Novas* (Caixa 77. Maço 5), amigo de Helena Cidade Moura, datadas de 8 Jul. 1982 e 9 Maio 1983, em que pede a Maria Lúcia Vassalo Namorado dados biográficos sobre o pai por ter sido um destes subscritores e por essa Associação estar a homenagear os referidos torrejanos.

<sup>82</sup> *Nomes dos sócios da Liga Republicana de Torres Novas*: 7 p. manuscritas, papel almaço verde /s.d./. In (Espólio António Florentino Namorado. Doc. 5). Nesta lista tem o n.º 81 num total de 141 nomes, entre os quais se encontra um primo da mulher, António Vassalo.

fomente a conquista de mercados externos; que compense com os seus financiamentos as carências de capital para p investimento industrial; que condicione a concorrência e componha os dissídios de interesses com os outros sectores. (Rosas. 2004. p. 21).

O pai de Maria Lúcia Vassalo Namorado abraçara “(...) o republicanismo anticlerical e laicista (...) /partidário de um nacionalismo colonialista, (...)” (Rosas. 2004. p. 29) /contra as leis que impediam/ a liberdade de imprensa, (...), a favor da «moralização administrativa» do Estado a luz de uma nova ética republicana de serviço público de cariz antioligárquico (...) e a tudo isso subjazia como objectivo de fundo a grande tarefa emancipatória centrada no indivíduo: a transformação do súbdito, embrutecido sob as trevas do analfabetismo, do obscurantismo religioso e da opressão monárquico-clerical, em cidadão consciente dos seus direitos e deveres, e da massa bruta do oprimido só haveria de florescer o homem livre através do acesso ao conhecimento. Isto é, através da promoção activa de uma educação orientada princípios do cientifismo, do racionalismo, do humanismo, do laicismo, e a levar cabo quer pela pedagogia da propaganda republicana, pelo combate de ideias, quer, sobretudo após 1910, pela reforma ousada da instrução pública a todos os níveis, com especial incidência no ensino primário. O laicismo republicano não era neutro ou passivo: combatia as trevas do clericalismo e promovia instrução. O republicanismo acreditava na virtude emancipatória e desenvolvimentista do acesso às luzes do saber, da ciência e da cultura, isto é, do acesso generalizado à escola, à nova escola republicana. Esse seria o caminho, para despertar uma nova cidadania, promover o progresso técnico e material da nação e assegurar o futuro da República (...) de semear e depois acompanhar o progressivo desabrochar e domínio dos saberes e das escolhas. Não era a metáfora do modelador das almas, mas a da planta e do jardineiro, tão cara aos pedagogos republicanos (...)” (Rosas. 2004. p. 30).

Não era religioso sendo que nenhum dos filhos fora baptizado<sup>83</sup>. Como “(...) republicano e maçom, convicto e activo (...) grande admirador de Magalhães Lima, Teófilo Braga, António José de Almeida, Bernardino Machado, Afonso Costa e Brito Camacho (...) deslocava /-se/ a Lisboa sempre que havia cerimónias cívicas em que eles discursavam. Democrata, foi perseguido pela polícia de Salazar, nunca tendo sido preso

---

<sup>83</sup> O filho António Carlos, meio-irmão de Maria Lúcia Vassalo Namorado, baptizou-se só em 1945, antes de se casar (Entrevista a António Carlos, 2 Mar. 2002).

graças aos avisos do primo de sua mulher, João Baptista Vassalo Júnior, administrador do Concelho de Torres Novas(...)”<sup>84</sup>.

Ainda nos anos 30 e, integrado no número dos que procuraram em Lisboa uma vida melhor, virá para a capital com António Coutinho, compadre e comerciante em Lisboa, casado com Adelaide Coutinho, doméstica (entrevista a Conceição Marques, 29 Abr. 2004) /scanner / e dono do *Celeiro de Lisboa*, um armazém com 7 empregados caixeiros e mais 3 empregados, na Av. Almirante Reis, n.º 80, mas que virá a fechar<sup>85</sup> (entrevista a António Carlos, 2 Mar. 2002).

Nos início dos anos 40 terá estado a trabalhar na/para a Fábrica do Sabão, na Barquinha, perto do Entroncamento uma vez que tal referência<sup>86</sup> é feita em carta daí enviada a Maria Lúcia Vassalo Namorado. No fim da vida vai cegar, ficando dependente da filha com quem passara a viver (Entrevista a Rui Rosa. 22 Fev. 2002) já com 90 anos, cerca de um ano antes de falecer.

Em *Os Nossos Filhos* ela irá sempre, de forma muitíssimo discreta, falar da sua família: sobre o pai e a mãe, os filhos, ou mesmo o marido e sobretudo sobre Maria Lamas. Quase poderíamos dizer que a revista é mais autobiográfica do que o seu *curriculum*.

Do pai dirá Maria Lúcia Vassalo Namorado “(...)meu pai foi um republicano devotado e convicto e praticava sem alardes a fraternidade<sup>87</sup>. Não tenho elementos quanto suas actividades política e social(...)” (Carta a José Ribeiro. Caixa 77. Maço 5). Ou ainda, a propósito de como se deveria explicar como nascem os bebés: “(...) era mais do que respeito, era temor que eu sentia por meu pai. Diante dele, não havia teimas, nem birras, nem gritos. Mas daquela vez, o caso era diferente (...) Uma criada viera prevenir minha mãe de que a Sra. D. Marquinhos estava à espera de bebé. Minha mãe, que raramente

---

<sup>84</sup>Cf. Carta de Maria Lúcia Namorado a Madalena Brás Teixeira. 10 Jan. 2000 (Caixa 72. Maço 2).

<sup>85</sup> “(...)Quando o armazém do compadre fechou, teria o meu pai, António Florentino Namorado cerca de 60 anos, foi viver para a Rua Abade Faria, ficou sem fazer nada; depois ainda foi empregado da Ramazotti, como encarregado de armazém; arranjou ainda uma representação de cintos e cabedais que vendia às tabacarias(...)” (Entrevista a António Carlos, 2 Mar. 2002).

<sup>86</sup> Em carta de Ernesto Fernandes Paneiro, casado com Maria Benedita Paneiro, com indicação de ter sido escrita em Moita do Norte, Barquinha, da *Fábrica do Sabão* tem carta para Maria Lúcia Vassalo Namorado, datada de 23 Nov. 1943 em que se diz: “(...) não tem que agradecer a oferta; estive em casa de seus pais; seu pai está aqui durante a faina da azeitona em que são precisos muitos escritos e guias; quando começar a do bagaço seu pai poderá ir para tomar conta de sua mãe; se sua mãe doente eu não retinha aqui nem mais um dia seu pai(...)”(Caixa 25. Maço 1). Do pai de Maria Lúcia Vassalo Namorado para ela tem uma carta, datada de 11 de Outubro de 1942, enviada da Barquinha em que pede notícias dos netos, genro e pergunta como vão as coisas da filha (Caixa 7. Maço 1).

<sup>87</sup> Antes tinha, e depois riscou:“(...) de uma grande solidariedade humana(...)”.

saía e só depois de o participar a meu pai, não esperou por mais: mudou de vestido, dizendo que ia a casa da irmã(...) “ (ONF, Jan. 1948).

Todas(os) as(os) entrevistadas(os) partilham da mesma opinião: Maria Lúcia Vassalo Namorado era a *menina dos olhos* do pai. “(...) Ele adorava-a(...)”(Entrevista a Maria Cândida Caeiro, 1 Mar. 2002), “(...) gostava muito dela e orgulhava-se muito dela(...)” (Entrevista a António Carlos, 2 Mar. 2002).

Ao verificar que ela gostava de ler e estudar, o pai não hesita e será ele o responsável pela vinda da filha para Lisboa para frequentar um liceu para meninas, público, então designado *Liceu Almeida Garrett* o que prova que uma das suas grandes preocupações era a da educação feminina. A defesa deste ensino é feita em diversa documentação republicana da época. Datada de 1929, ou seja já depois de Maria Lúcia Vassalo Namorado ter acabado a sua escolaridade liceal, guardado no *Espólio* do pai pode ler-se um documento<sup>88</sup> sobre o que a esse respeito defende José Mendes Ribeiro Norton de Matos sobre a instrução das crianças: “(...)Que nos cumpre fazer? Em matéria de instrução todas às crianças do continente e das ilhas que hoje contam menos de seis anos têm de chegar á maioridade sabendo ler e escrever. Isto tem de ser; isto pode ser. E é de tal importância para a realização dos altos fins que temos em vista, que quase vos peço o Juramento solene de que assim será. Para os que passam hoje dos seis anos, e até para aqueles que já atingiram a maioridade, um grande esforço deve ser também feito em prol da sua instrução. Temos de acabar com o analfabetismo nas gerações que estão a surgir e de diminuir o mais possível o analfabetismo existente. A falta de instrução é um crime social. Evitemos a repetição desse crime; remediemos quanto podermos as consequências de um passado socialmente criminoso. Para tanto, não basta multiplicar as escolas; é necessário remodelá-las fundamentalmente, por forma a conseguir-se delas o rendimento que podem e devem dar. Um dos grandes inimigos da instrução entre as populações rurais portuguesas é a própria escola. As famílias vêem com relutância afastar do seu lado, durante dias seguidos, em anos sucessivos, as crianças que as ajudam em misteres caseiros e campestres. E a lamentação é muito frequente — «se ao menos nossos filhos aprendessem a ler e a escrever. É indispensável que a escola primária esteja de tal forma organizada que os pais analfabetos possam palpar semana a semana, com admiração, respeito e carinho a transformação intelectual, moral e física, que a escola vai produzindo nos seus filhos. Bem sei que há muitas escolas que dão

---

<sup>88</sup> *Ao Povo Maçónico Mensagem do Grão-Mestre da Maçonaria portuguesa Eleito em 31 de Dezembro de 1929, para o biennio de 1930-1931*. 12 p. Impresso. (*Espólio António Florentino Namorado*. Doc. 10).



estes benéficos resultados. Mas não constituem elas a maioria das que se encontram a funcionar nas aldeias portuguesas. E são as populações pobres e miseráveis dos nossos campos que maior interesse nos devem merecer. Sob outro aspecto, o professor, numa República, tem de juntar á inteligência e ao saber, indispensáveis a quem ensina, convicções republicanas e o culto dos princípios liberais e democráticos. Só assim poderá concorrer para a educação cívica do povo. Mas a educação cívica, principiada na escola primária, deve ser ministrada á massa popular pelos meios de propaganda de que dispomos: —a imprensa, a conferência, e, principalmente grémios, as associações, os centros, as universidades livres, onde os nossos princípios sejam expostos e estudados. (...)É do aperfeiçoamento humano que, em ultima análise, têm tratado as linhas que acabo de vos ler: perfeição moral e intelectual, perfeição cívica, de que resultarão a família, a cidade e a nação perfeitas. Mas para conseguirmos a realização deste ideal não bastam a instrução e a propaganda cívica. É necessário combater não só a ignorância, mas também a miséria do nosso povo. E ela enorme nas nossas aldeias em quase toda a área dos centros urbanos portugueses, (...) Revela-se por mil aspectos, entre os quais avultam: — a falta de assistência médica e a consequente ausência de higiene; a habitação sem as necessárias condições; a alimentação insuficiente e adulterada e até, em muitas localidades, a água imprópria para consumo e a falta ou a ineficácia de seguros sociais de invalidez, de velhice, de viuvez e de orfandade (...). Tem de ser colossal a guerra contra esta miséria das cousas e das vidas humanas, e no combate a travar, mais uma vez a Maçonaria portuguesa terá de se colocar na vanguarda. /Se o catolicismo soube organizar um assistência espiritual em épocas remotas...como não será possível agora.../ o Estado, numa época de grande civilização, de comunicações fáceis e de vida policiada e tranquila, conseguir organização idêntica, criando em cada aldeia ou grupo de aldeias uma assistência médica profícua e gratuita, que tenha a seu cargo as famílias rurais, obrigando-as a práticas de higiene nas pessoas e nas habitações, socorrendo-as com os recursos da medicina e da cirurgia, criando uma população valida, saudável, cada vez mais numerosa(...)”(Espólio António Florentino Namorado. Doc. 10). Estes foram alguns dos temas que passaram em casa de Maria Lúcia Vassalo Namorado e que ela, mais tarde, não deixará de abordar na revista que funda em 1942.

A mãe de Maria Lúcia Vassalo Namorado, Ana Perpétua Vassalo, nascera em Alcanena, filha de comerciantes da terra, com ligações aos curtumes (Entrevista a Teresa Alho, 9 Mar. 2002). Filha de um casal com doze filhos, sendo os últimos dois –

um rapaz e uma rapariga – gémeos. Benedita<sup>89</sup>, a avó adorada de Maria Lúcia Vassalo Namorado, ficaria viúva muito cedo, com todos aqueles filhos para criar. Esta avó, que casara com um primo direito (Entrevista a Maria Cândida Caeiro, 1 Mar. 2002), era inteligente, uma excepção segundo a ideia, muito difundida na época<sup>90</sup>, de que “(...) os filhos de consanguíneos são, em percentagem aterradora, idiotas e paralíticos. É certo que também há filhos de absolutamente normais e até muito inteligentes; mas será isto a excepção que confirma a regra? A verdade é que lemos numa estatística que oitenta por cento de desarranjos cerebrais - crianças idiotas, paralíticas, atrasados mentais, etc. - afectam a descendência de primos em primeiro grau a circunstância agravante se tratar quase sempre de doenças incuráveis (...) (ONF, Jan. 1948). Mais tarde, ao escrever sobre doenças, em resposta a uma carta em que se pergunta: “(...) Deve evitar-se o casamento de primos, mesmo primos afastados? (...)”; a resposta será peremptória: “(...)Evidentemente, quando o pai e a mãe pertencem à mesma família, há a possibilidade de possuírem as mesmas doenças. Eis porque é preferível evitar os casamentos consanguíneos, sobretudo entre primos de primeiro grau. Corre-se o risco de ver aparecer nos filhos uma tara que se não tinha revelado nos pais. E, sempre que nos ascendentes exista uma perturbação grave, as consequência do casamento entre primos direitos podem ser desastrosas, sob esse aspecto (...)” (ONF, Set. 1957). Não fora, felizmente, este o caso na família de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

Mais tarde, o primo António Júlio Vassalo, filho de António Vassalo, irmão de Benedita, vai ser o sócio com quem ela inicia a aventura da *Editorial* e da revista *Os Nossos Filhos*, como veremos no capítulo seguinte. Um outro irmão de Benedita, José Vassalo será o avô de Alice Vieira. Dois outros primos, Maria da Conceição Vassalo e Silva assim como o irmão, futuro último governador do Estado da Índia, eram também netos de Maria Benedita.

A mãe, nascida em 30 de Outubro de 1877 e baptizada em 26 de Novembro do mesmo ano, casa em 11 de Julho de 1900, em Alcanena e é uma figura que conhecemos pouco. Como muito frequentemente acontecia, nem sempre o casamento era um *mar de rosas*

---

<sup>89</sup> “Lúcia Benedita” será, nos anos 50, um pseudónimo de Mário Castrim. Este nome “Benedita”, da avó de Maria Lúcia Vassalo Namorado, irá juntar-se a “Lúcia” criando um outro pseudónimo “Lúcia Benedita” com o qual, como dissemos, Mário Castrim assinará muita da sua intervenção em *Os Nossos Filhos*. Os avós maternos de Maria Lúcia Vassalo Namorado foram: José Vassalo Espírito Santo e Maria Benedita Vassalo.

<sup>90</sup> No mesmo sentido encontraremos muitas notícias em *Os Nossos Filhos*, muitos anos mais tarde. Cf. carta publicada no n.º 96 da revista, escrita por *Uma alentejana* (Caixa 39. Maço 2) ou a que foi publicada no n.º 49, escrita por uma *Algarvia de olhos negros* (Caixa 39. Maço 2).

para estas senhoras casadas com republicanos convictos. Ao falar da relação com o marido, algumas familiares referem que nem sempre o bom entendimento reinava entre o casal (Entrevista a Teresa Alho, 9 Mar. 2002).

A admiração pela mãe é visível nos textos em que Maria Lúcia Vassalo Namorado, quando mesmo subrepticamente, a ela se refere. Se, no pai, ela apreciava sobretudo “(...)o empenho cívico e a seriedade(Entrevista a Rui Rosa, 22 Fev. 2002), na mãe, com quem tinha uma muito maior cumplicidade, era a admiração que dominava (entrevista a Teresa Carrusca, 4 Mar. 2002). Sobre ela há também várias referências na novela de *Maria Namorado* cuja publicação se inicia no n.º de Junho de 1952. Maria Lúcia Vassalo Namorado dizia da mãe: “(...)eu ficava junto dela, e enquanto fazia a sua costura, cantava-me canções infantis e até outras menos na moda hoje mas que me fascinavam(...)” (ONF, Jan. 1954). É com ternura que fala da mãe, incitando as meninas a ajudarem as suas, aconselhando: “(...) repararam que a mãe não pensa senão na vossa saúde, no, vosso apetite, no vosso repouso, nos vossos tristezas e alegrias, em tudo enfim que vos diz respeito? É digam-me: vocês também têm para com a vossa mãe estas mesmas preocupações? (...)“(...) qualquer sintoma (...) de fraqueza, de dores nas costas, na cabeça, ou nas articulações, persuadi-la a visitar o médico e não esperar que esteja muito doente. Queridas amiguinhas, lembrem-se principalmente que não se tem senão uma mãezinha na vida, e que é preciso portanto cuidar dela, poupá-la, ajudá-la, para que a sua vida se prolongue o mais possível. É só assim lhe pagareis o amor e a ternura com que ela vos trata e vos defende(...)” (ONF, Ago. 1946).

É também com a mãe que ela aprenderá um sem número de adivinhas, provérbios, versos e tradições que em cada mês dizem respeito à vida dos campos. Muitos desses textos serão publicados anónimos ou sob pseudónimo de *Tia Luísa* (Cf. ONF, Jan. 1955) ou como o exemplo que aqui deixamos: “(...)Vem depois o mês de Abril, /céu despeja águas mil /que logo o sol enxugou/ Há tapetes de verdura, /Com florinhas à mistura/que a Primavera bordou(...)” (ONF, Abr. 1955).

Naquela novela que publicará em 1952, em *Os Nossos Filhos*, sob o título *Uma vida de mulher*<sup>91</sup>, sob o pseudónimo *Maria Namorado*, dá preciosas informações sobre a vida e

---

<sup>91</sup> Esta novela foi escrita a partir da vida de Liberdade Simões Serôdio, proprietária de uma farmácia em Paredes do Bairro, uma das correspondentes que lhe escreverá dizendo: “(...) escrevo sobre assunto da novela: congratulo-me de ter resolvido intervir(...)se dizia mal do médico então é que eu ficaria deveras desgostosa(...)não desejaria vê-los focados em desabono (...) sei bem compreender a necessidade de fantasia na realidade(...) não pense que consegui com ela, ocultar a minha vida (...) a minha história verdadeira não me envergonha em ponto nenhum, um desvio na grande realidade em que assenta e se

o tempo da adolescente e jovem Maria Lúcia Vassalo Namorado: os bons serões que passara com a mãe, junto à chaminé, depois do pai ter saído após o jantar. “(...) Nunca tive segredos para a minha mãe. Não os podia ter. Ela compreendia tudo até mesmo o que eu não sabia exprimir(...) Não teve professores, (...) e no entanto, ela sabe, aprende, relaciona (...) Havia lá em casa rendas e bordados muito bonitos, autênticas obras-primas, feitas por ela. Eu não tinha gosto nem paciência para trabalhos de mãos. A minha paixão era a leitura. Quanto me prendiam os livros que nos falavam de castelãs e cavaleiros, dos lances de bravura. (...)de amor que enchiam as suas existências! Quanto teria dado para viver nesses tempos recuados. Ser amada por um destemido guerreiro, sacrificar-me por um nobre ideal! Com que ardor evocava certas figuras da história ou da lenda! (...) /Como D. Filipa de Vilhena/ admirava as mulheres fortes(...) /Quando dizia que todos os dias sinto-me capaz de levantar o mundo/ minha mãe dizia: Deves manter essa fé e guardar essa energia(...) A vida é exigente e cheia de surpresas. Quando menos esperares, exigirá que sejas também corajosa e forte como as heroínas que te deslumbram. (...) Quantas vezes havia eu de repetir estas palavras nas minhas horas de tragédia e desespero?(...) Já deitada, o meu pai entrava e ouvia a mãe dar as boas noites...O pai não respondia(...)Nunca pude perceber porque motivo uma mulher como ela, toda suavidade, ternura, delicadeza, casou com um homem como o pai. Ele não era mau! Trabalhador e honesto, gozava de grande prestígio em toda a região. Mas que péssimo feitio para conviver, de levar! Verdadeiramente ninguém o «levava», ele só fazia o que lhe apetecia. Sorumbático, frio, nunca lhe conheci uma carícia. Terrivelmente egoísta, só lhe interessavam as suas comodidades, ainda que mantidas à custa do trabalho exaustivo da mulher. Creio que não tinha preocupações de ordem espiritual, contudo, não era insensível! Zangava-se quando os criados maltratavam os animais da lavoura ou até um cão vadio. E trazia sempre a botoeira florida com o mais belo cravo dos nossos canteiros. (...) não sei se lhe causava deleite a beleza e o perfume da flor, se lhe lisonjeava a vaidade a fama de floricultor consumado. (...) muito mais elegante do que a mãe. Alto, direito, o bigode bem tratado, o vestuário impecável, a flor na lapela- dava nas vistas pelo seu aspecto distinto. Ao passo que a mãe, cheia de trabalho, sempre metida em casa e sem dispor de dinheiro, com qualquer trapinho se

---

patenteia pode ser mal interpretado (...) o seu trabalho literário é fantasticamente autêntico em pormenores, como prova, aquela passagem do frasco partido, deu-se(...)” (Carta de 15 Mar. 1953. Caixa 32. Maço 1). Sabemos assim que esta novela *não copia* a vida de Maria Lúcia Vassalo Namorado mas, como temos muitas outras informações que nos levam a afirmar que também pode ser vista como autobiográfica, aqui deixamos esta interpretação.

contentava e fazia-o durar quase indefinidamente(...)Era sem dúvida uma figura apagada. Creio que temia meu pai(...)Na sua frente retraía-se, mal elevava a voz, limitando-se a procurar servi-lo o melhor possível, como a mais diligente e submissa das servas. Exactamente, submissa(...) Eram diferentes. E parecia-me impossível que entre eles tivesse havido união, intimidade e exaltação amorosa(...) que ela o amasse com o deslumbrado sentimento de admiração que eu entendia por amor(...)Que fatal engano os unira? Ele andava em casa de chapéu na cabeça, sentava-se à mesa primeiro que nós, deixava sem resposta as nossas perguntas mais efectuosas(sic), cortava grosseiramente os nossos mais naturais comentários.(...) como sofria de reumático, e lhe custava baixar-se, ela calçava-o e descalçava-o todos os dias sem jamais escutar uma palavra de agradecimento(...) (ONF, Jun. 1952. p. 20-21).

/Tinha uma empregada, Ricardina. A menina viu no casebre o bebé a quem o porco já roera os dedinhos do pé./ “(...) Nessa hora nasceu o grande a sonho da minha juventude. Aquela ânsia de realizar qualquer coisa grande e bela definiu-se. (...)Decidira receber crianças e dando a conhecer o projecto à mãe, esta chamou-lhe a atenção para se o pai daria apoio/(ONF, Jun. 1952. p. 20-21).

Maria Lúcia Vassalo Namorado tinha um irmão mais velho, António Filipe Vassalo Namorado, nascido em Torres Novas em 1900<sup>92</sup> e que faleceu em 1968, ou seja, dois anos depois do pai. Estudou pouco (Entrevista a Teresa Alho, 9 Mar. 2002) e em 1934, no mesmo ano em que, perante a crise continuada o pai vem para Lisboa, ele parte para Moçambique. Ainda tentou trabalhar como caixa no armazém que o pai dirigia mas desistiu (Entrevista a António Carlos, 2 Mar. 2002). Casara com uma menina de 19 anos, da aldeia de Ribeira Branca, já depois de ter feito 29 anos (Entrevista a Maria da Luz Namorado, 18 Jun. 2002). Mais tarde divorciou-se e foi viver para o Porto. Maria Lúcia Vassalo Namorado nunca deixou de ter contacto com a sobrinha, filha deste irmão<sup>93</sup>. O sucesso escolar de Maria Lúcia Vassalo Namorado compensava o pai e a mãe do desgosto que tinham por ser o rapaz, nesta família, aquele que cedo abandonaria os estudos.

---

<sup>92</sup> Os pais haviam casado em 11 de Julho de 1900, em Alcanena. Na cédula pessoal da mãe de Maria Lúcia Vassalo Namorado, cujo nascimento foi aí registado, não está averbado o nascimento deste filho (Doc. pessoais de Rui Namorado Rosa).

<sup>93</sup> A sobrinha de Maria Lúcia Vassalo Namorado nasceu em Portugal, foi para Moçambique e só conheceu a tia quando veio em 1976. Nessa altura a sobrinha enviuvara e tinha 3 filhos. Maria Lúcia Vassalo Namorado sempre lhe mandou as revistas e escrevia-lhe cartas, chegou a publicar fotos suas em *Os Nossos Filhos* (cf. cap. Iconografia na análise da revista) e mandou-lhe ainda o livro *Negro e cor de rosa*(Entrevista a Maria da Luz Namorado, 18 Jun. 2002).

Maria Lúcia Vassalo Namorado quando já frequentava o Liceu teve ainda dois meios irmãos<sup>94</sup>: António Carlos, nascido em 1921, quando o pai tinha 47 anos, e Francisco José Mogo, nascido em 1925, também em Torres Novas. O primeiro veio para Lisboa em 1933 e fez o curso do Instituto Comercial enquanto trabalhava na *Companhia de Seguros Ultramarina* e fazia escritas comerciais. Chegou a ser gerente da Mabor em Lisboa e secretário geral da Companhia de Seguros ATLAS, na qual era administrador no 25 de Abril 1974. O outro meio irmão, Francisco José Mogo foi comerciante de balanças e director de vendas das balanças Avery (Entrevista a António Carlos, 2 Mar. 2002).

#### 2.1.2.1 Ensino primário em Torres Novas:

Nascera Maria Lúcia Vassalo Namorado na vila, uma pequena localidade com uma escola para raparigas, fundada em 1911 por Balbina Alves Gomes, a directora, Júlia Gameiro Cardoso, Laura Amélia Galvão e Carolina Duque que viera substituir o “(...) extinto *Colégio de Jesus, Maria e José*, das Irmãs Teresianas que desde 1886 funcionava em Torres Novas(...)” (Bicho. 1983. p. 28). Até então, aquele Colégio servira “(...)as meninas burguesas (...) educadas em bons colégios religiosos ou laicos ou em casa (...)” enquanto que para as demais “(...) as de fracos recursos económicos se cria, em Lisboa, a *Escola Maria Pia*(...)”(Barreira, 1994. p.39). “(...) Balbina Gomes era a directora oficial mas a direcção efectiva e o funcionamento eram assegurados por Júlia Cardoso e Laura Galvão, a primeira para os labores e a segunda para as classe infantis(...)”(Bicho. 1983. p. 29). Carolina Duque era a professora para a instrução primária.

Maria Lúcia Vassalo Namorado não foi para a escola particular destas senhoras<sup>95</sup>. Frequentou a escola oficial, onde entrou aos 7 anos e aprendeu piano, desenho, bordados e lia imenso, tudo o que havia, como mostramos mais adiante.

---

<sup>94</sup> António Carlos até á data da entrevista connosco não sabia que pai fora maçon. A mãe de Maria Lúcia Vassalo Namorado recebia em sua casa os filhos do marido. Quando o pai morreu, Maria Lúcia mandou avaliar a casa do Cano, de que muito gostava (Entrevista a Ana Oliveira, 3 Mar. 2002) e deu a parte correspondente a cada irmão, incluindo os meios irmãos como se pode confirmar nas cartas guardadas no Espólio. Ao meio irmão mais velho deu ainda um relógio e uma bengala do pai e o dinheiro que havia dividiu-o também por todos(Entrevista a António Carlos, 2 Mar. 2002).

<sup>95</sup> A Escola particular é transferida para a antiga casa brasonada da família Figueiredo e Silva, na Rua dos Anjos, então pertencente aos herdeiros de Joaquim dos Santos Vassallo, em 8 de Janeiro de 1926. Passa a ser designada *Colégio de João de Deus*, sendo o Padre João Gomes Duque o primeiro director. Júlia Cardoso e Laura Galvão continuam a ensinar. Carolina Duque havia falecido e ficara no seu lugar Ana Lúcia Gonçalves Farinha. O Colégio mantém labores, pré escolar e primário e introduz francês e inglês

Desse tempo dirá Maria Lúcia Vassalo Namorado: “(...) Tive uma professora de instrução primária extraordinária. Lá em Torres Novas havia um colégio para as “meninas” e havia a escola primária oficial para as raparigas (...) O meu pai não quis que eu fosse para a escola particular, quis que eu fosse para a escola oficial e foi para a escola oficial que eu fui, com a sorte tremenda porque tive uma professora excepcional. Uma senhora muito boa professora que os meus pais conversaram com ela e pediram-lhe para particularmente me dar lições de piano, desenho e de bordados. (...) Eu gostava muito de cantar e de recitar.(...) Essa senhora era casada com um professor. Os meus pais pediram-lhe que se ela e o marido quisessem, me preparassem para o 1º ano do liceu. Eu era muito pequena e não gostavam que eu já saísse de casa(...). A maior parte das pessoas que queria seguir ia para Santarém mas os meus pais não estavam assim virados para isso, de forma que estudei o primeiro ano com eles e entretanto um padre que lá havia tinha uma sala vazia onde dava lições. Ah, no primeiro não se fazia exame fazia-se no 2º, mas o meu pai quis que eu fizesse exame e vim fazer a Lisboa, ao Liceu então *Maria Pia* (...)” (Borges. 2003. p. 201. Entrevista a Maria Lúcia Vassalo Namorado. 20 Jun.1998).

#### **2.1.2.2 Ensino secundário em Lisboa:**

Três anos antes do nascimento de Maria Lúcia Vassalo Namorado, em 1906, Eduardo José Coelho membro de um governo progressista, criara o primeiro liceu para o sexo feminino. Tal medida não é, porém, inovadora porque mais não faz do que transformar em Liceu feminino<sup>96</sup> a Escola primária superior *Maria Pia*, fundada em 1885 pela *Câmara Municipal de Lisboa*. Esta atitude foi de extrema importância pois que se sabe existirem em 1900, “(...) 2 406 245 mulheres que não sabem ler nem escrever, contra 425 287 que têm alguma instrução(...) (De la Fuente, 1989. p. 48). Este Liceu será o único estabelecimento de ensino secundário para meninas pois que só quando Maria Lúcia Vassalo Namorado tem já 6 anos será criado, no Porto, o Liceu Carolina Michaëlis. O Liceu, ainda sem edifício próprio, é instalado no mesmo local onde funcionava a *Escola Maria Pia*, ou seja, “(...) no andar superior de uma escola

---

com duas das três religiosas de *S. José de Cluny* que ali se organizam como comunidade em 26 de Abril de 1926 (Bicho. 1983. p. 29).

<sup>96</sup> Pelo decreto de 31 de Janeiro de 1906, publicado no Diário Governo n.º 42 de 23 Fevereiro do mesmo ano, passa a designar-se *Liceu Maria Pia* (De la Fuente, 1989. p. 77)

primária já existente, a Escola n- 5, no Largo do Contador-Mor(...)” (De la Fuente, 1989. p. 80). Com capacidade para 650 alunas e que tinha, em 1915, quase mil alunas.

A Música, com ensino de canto, teoria e leitura musicais, é aí ministrada desde o início do Liceu, como se pode ver nas disposições da ordem ministerial de 28 de Fevereiro de 1906. Esta actividade artística teve um papel muito importante na educação de Maria Lúcia Vassalo Namorado uma vez que se considerava que a sua execução ou apenas a sua audição era fundamental na educação de qualquer mulher. As *Tardes de Música* que, sob a direcção do maestro José Atalaia, com a colaboração da Orquestra de Câmara Gulbenkian, ainda eram realizadas nos anos de 1967/68 (Silva, Amaro, 2003, p. 499) e às quais assistimos no Liceu, mais não eram do que a continuação de uma tradição que se iniciara ainda nos anos 20 do século passado com o Pe. Tomás Borba, aí professor. Quando Maria Lúcia Vassalo Namorado frequenta o Liceu, existia um Orfeão sendo que ela era um dos elementos da 3ª voz, quando aluna da Turma C da 3ª classe /scanner/. (Caixa 83. Maço 4). Mais tarde, em artigo não assinado sobre a *Academia dos Amadores de Música* temos a indicação de que o Padre Borba “(...) que ali pontificava as levava à Academia e (...) nós outras, as alunas do velho Liceu do Carmo, a Academia ali a dois passos, era como o prolongamento do Liceu, onde se podia conviver um pouco mais com a jovem e linda professora Hilda Carneiro que todas adorávamos(...)” (ONF, Jan. 1956).

Os Trabalhos Manuais incluem, em 1906, apenas a costura, os bordados e as rendas enquanto que a Moral não confessional também integrava a *Economia Doméstica* “(...) focando todos os aspectos do arranjo da casa: limpeza dos móveis e da roupa, combustíveis, iluminação e finalmente cuidados a ter com doentes; e assim era seguida a ideia de que um lar para ser feliz tem que ser bem gerido e, se o for, fará avançar o próprio país (...) e a *Higiene alimentar*, com o valor dos alimentos, sua correcta preparação e criticando-se o abuso das bebidas alcoólicas; e também integrava a *Higiene pessoal*, aconselhando-se os banhos de mar, a ginástica como favoráveis à saúde feminina(...); o Direito usual limitava-se igualmente ao âmbito familiar, apenas se ensinando o direito acessório; e finalmente surgia a Culinária como grandioso corolário de uma perfeita educação feminina(...)” (De la Fuente, 1989. p. 97).

Nos primeiros anos em que funcionou, o *Liceu Maria Pia* foi frequentado por 1367 alunas (De la Fuente, 1989. p. 112), orientadas por um corpo docente de elevada qualidade intelectual. Muitas das meninas que o frequentavam têm os estudos pagos pelos padrinhos “(...) em geral com um estatuto social mais elevado do que o dos



pais(...)”(De la Fuente, 1989. p. 112) e em mais de 50% dos casos, provêm de famílias de artífices, comerciantes e militares (...)”(De la Fuente, 1989. p. 118).

Maria Lúcia Vassalo Namorado, também oriunda de família de comerciantes, vai frequentar o *Liceu Maria Pia* que desde 1911 funcionava no Palácio Valadares, no Largo do Carmo. Por Decreto de 24 de Dezembro de 1917, o *Liceu Nacional Maria Pia* passa a denominar-se *Liceu Nacional Central Maria Pia* e abrange assim, os cursos complementares de Letras e Ciências. Por Decreto de 7 de Janeiro de 1919 passa a designar-se *Liceu Central de Garrett* (Silva, In Nóvoa, António; Santa-Clara, Ana Teresa (org.) 2003. p. 486). Em 1926, ainda durante o período em que ela o frequenta, vai o Liceu, pelo Decreto n.º 12 425, de 2 de Outubro de 1926 chamar-se *Liceu de Maria Amália Vaz de Carvalho*. Até 31 de Agosto de 1912 essa escola fora gratuita assim como nos seus primeiros anos de Liceu “(...)dada a sua natureza de instituição de assistência a raparigas economicamente necessitadas (...)”(Rómulo Carvalho, 1986, p. 490). Para não ser “(...)excepção no quadro geral dos liceus(...)”. (Rómulo Carvalho, 1986, p. 489) é nesta data que deixa de o ser.

A sua vinda para este Liceu deve ser vista sob dois aspectos: um prático, pois que em Torres Novas não havia ensino secundário. Este nível de ensino só será criado naquela localidade em 1954 (Bicho, 1983. p. 28). Um segundo aspecto, de cariz mais ideológico, prova que o pai de Maria Lúcia Vassalo Namorado, tal como Bernardino Machado, percebera as necessidades do seu grupo social, a classe média que “(...) aspira à promoção social por via da escola(...)” (Rosa, 1999. p. 29). A educação feminina fora “(...)um dos desígnios do movimento iluminista e liberal, do ideário republicano e mação e dos diversos movimentos feministas (Silva In Nóvoa, António; Santa-Clara, Ana Teresa (org.) 2003. p. p. 486) e tivera duas finalidades principais: “(...)A primeira prendia-se com a intenção de fazer dela uma esposa e uma mãe consciente e instruída capaz de ser a “primeira educadora do homem”(...) A segunda finalidade ligava-se à emancipação económica, de modo a arrancá-la à dependência da família ou do marido ou a uma situação de abandono(...)”(Silva In Nóvoa, António; Santa-Clara, Ana Teresa (org.) 2003. p. p. 486).

Maria Lúcia Vassalo Namorado esteve inscrita no Liceu entre 1919-20 e 1927-28. Antes e durante esse período foram-se sucedendo, à frente da instituição, diversas reitoras que mais tarde viriam a ter lugares de destaque na vida política portuguesa. Dessas distinguimos Domitila Hormizinda Miranda de Carvalho, reitora entre 1906 e 1911, aí professora entre 1905 e 1941 e deputada de 1935 a 1941. No ano lectivo de

1928-29, o ano seguinte à saída de Maria Lúcia Vassalo Namorado, a direcção dessa instituição vai ser da responsabilidade de Maria Baptista dos Santos Guardiola até 1947. Entre 1946 e 1967 temos Alice Costa Pinto de Andrade e de 1967 a 1974 será Beatriz da Conceição Rebelo. Maria Lúcia Vassalo Namorado conhecia todas estas senhoras: a primeira era professora de Matemática no mesmo Liceu e pertencera ao júri<sup>97</sup> que, em 21 de Julho de 1923 examinara no 5º ano, Maria da Conceição Vassalo e Silva, também de Torres Novas.

Maria Baptista dos Santos Guardiola, uma das três primeiras deputadas portuguesas e futura dirigente máxima da *Mocidade Portuguesa Feminina* foi professora de Maria Lúcia Vassalo Namorado e de Beatriz da Conceição Rebelo, a reitora que o 25 de Abril de 1974 irá afastar da direcção do Liceu. Esta última foi colega de turma<sup>98</sup> da segunda nos anos lectivos de 1925-26 e 1926-27. Nessa época era “(...)um estabelecimento de ensino feminino cheio de projectos e com um corpo docente voluntarioso. Faziam-se visitas de estudo com frequência, organizavam-se festas escolares, criava-se um orfeão académico e tudo se fazia para a organização de espaços para laboratórios, gabinetes e desenvolvimento de actividades circum-escolares, numa dinâmica regularmente registada nos anuários do liceu (...)”. (Silva In Nóvoa, António; Santa-Clara, Ana Teresa (org.) 2003. p. 491).

Em 1915 fora criado, anexo ao *Liceu de Maria Pia*, um curso de *Educação Feminina* com a duração de 5 anos, ou seja, que ainda funcionava quando Maria Lúcia Vassalo Namorado começou a frequentar aquela instituição. Por imposição do regulamento que o criara, “(...)as alunas estavam obrigadas a participar, de 30 de Junho a 15 de Agosto, numa exposição - venda dos seus trabalhos. Este curso especial retomava as ideias iniciais da *Escola Maria Pia* de formação profissional da mulher(...)”.

---

<sup>97</sup> Cf. Liceu Central de Garrett – *Exames de passagem à 2ª Secção e 2º Ciclo: alunas externas: 2º Livro /manuscrito/1ª folha*. Arquivo da Secretaria do LMAVC. Maria Lamas, casada já segunda vez e mãe de três filhas fora preparada para o exame por Maria Adelaide Teixeira, licenciada em Filologia Românica, mãe de Maria Amélia Carvalho, uma das entrevistadas para este trabalho. Nas provas escritas obtivera 18 valores a Português, 16 a Francês, 16 a Matemática e 15 a Desenho. Nas provas orais fora aprovada com a mesma avaliação a Português, 19 a Francês, 12 a Inglês, 17 a História e Geografia, 18 a Ciências Físico-Naturais e 17 a Matemática, tendo concluído o 5º ano com “(...)distinção e média final de 17 valores(...)”. Como presidente do júri tivera Briolanja Belmira Barbosa e como vogais: Domitila de Carvalho, Fernanda Cacilda Teixeira Bastos, Christine da Conceição, Seomara da Costa Primo e Maria José Quintas.

<sup>98</sup> Cf. *Livro de registo de frequência, aproveitamento e comportamento das alunas da classe VI no ano lectivo de 1925-1926: Curso Complementar de Ciências: VI Classe Ciências*. /manuscrito/ e *Curso Complementar de Ciências 1926-1927: VII* (Arquivo da Secretaria do LMAVC) matriculadas a Química, Alemão, Ciências Físico, Francês, Inglês, Geografia, Ciências Naturais, Matemática e Desenho.

No mesmo ano foi aí criada a *Associação Escolar do Liceu Maria Pia* que, ao longo dos muitos anos em que funcionou “(...)pela sua boa gestão e ideário, teve um papel assistencial de grande relevo: entrega de material para estudo, fornecimento de lanches e almoços e ainda pagamento de propinas às suas sócias mais necessitadas(...)” (p. 491).

Sabemos que, no ano de 1929-30 esta *Associação* conseguira a participação de “(...)95 por cento das alunas matriculadas, desenvolvendo nelas o espírito de solidariedade humana(...). Desenvolveram-se os serviços da papelaria e da cantina, estabelecendo-se um serviço de almoços ao preço de 2\$50 cada (...) sendo fornecidos diariamente 140 a 150 almoços, e destes, gratuitamente, cerca de 20. Com os lucros obtidos custearam-se todas as despesas de instalação e sustento da cantina, contribuindo ainda a *Associação Escolar* (...) para o pagamento de propinas a alunas pobres e (...) para subsidiar as excursões” (*Anuário do Liceu 1930/31* In Silva, 2003. p. 500)

Maria Lúcia Vassalo Namorado também pertenceu à *Associação Escolar do Liceu de Garrett* como se prova pelo bilhete de identidade /scanner/, autenticado, como devia “(...) com o selo branco do Liceu sobre a fotografia do sócio(...)” (Caixa 77. Maço 1) e pelo caderninho impresso dos *Estatutos da Associação Escolar do Liceu Central de Garrett*. “(...)As visitas, passeios e excursões de estudo(...)conferências científicas e literárias, leituras, exposições, cursos e diversões que contribuam para a educação geral das suas associadas(...)” (*Estatutos...Caixa 77. Maço 1. p. 1. artº 3º*) faziam parte dos fins da *Associação*, assim como a criação “(...) de uma caixa económica e uma cooperativa (...) com intuítos educativos(...)”(artº 3º b), “(...) exercer a assistência escolar(...)”(artº 3ºc) e ainda “(...) intensificar a solidariedade entre as alunas do Liceu preparando-as para a prática daquela, na vida post-escolar como complemento(...)”(artº 3º e). Como se vê, também na escola secundária, Maria Lúcia Vassalo Namorado tinha aderido aos princípios que mais tarde continuará a defender em *Os Nossos Filhos*. Como sócia ordinária pagava uma cota mensal de dez centavos entre Outubro e Julho, tinha que adquirir um exemplar dos Estatutos e, entre outras disposições similares em todo este tipo de determinações, tinha ainda o dever “(...) de contribuir com o seu trabalho, apoio e exemplo para a efectivação dos princípios de solidariedade e de educação que é a principal razão da existência associativa(...)”(artº 10. 6º parágrafo)(Caixa 77. Maço 1). Em carta da colega de Liceu Maria Antónia Prado Guerra, da mesma turma e também uma boa aluna como ela, sabemos que no ano lectivo de 1926/1927 Maria Lúcia Vassalo Namorado foi eleita presidente da referida

Associação, mas como estava doente, não pode assumir o cargo para o qual havia sido escolhida pelas colegas (Carta de 19 Jan. 1927. Caixa 7. Maço 2).

Mais tarde, já depois de Maria Lúcia Vassalo Namorado ter saído do Liceu, será criada a *Associação das antigas alunas e amigas do Liceu de Maria Amália Vaz de Carvalho*, mais conhecida por *ALMAC*, que teve como fundadora Maria Baptista dos Santos Guardiola, então reitora, e que foi a sócia n.º 1, no ano lectivo 1931-32, data em que contou logo com a adesão de mais de 150 antigas alunas<sup>99</sup>. Esta Associação chegaria a ter perto de 1000 sócias em meados do século passado. Maria Lúcia Vassalo Namorado nunca pertenceu à *ALMAC* mas conviverá com muitas das suas sócias<sup>100</sup> desta Associação. Entre dezenas de outras vai colaborar, como veremos, com Alice Costa Pinto de Andrade, sócia n.º 22, com Maria João Lopes do Paço, n.º 38, com Teresa Emília Leitão de Barros, prof. do 2º grupo, com n.º 42, com Elina Guimarães, advogada, sócia n.º 78, com Virgínia Mota Cardoso, advogada, sócia n.º 158 e com Maria Cândida Gonçalves, sócia n.º 546.

Maria Lúcia Vassalo Namorado foi uma aluna aplicada. Sempre muito atenta, com pouco menos de metro e meio de altura, franzina, apreciava as visitas de estudo que, obrigatórias ou facultativas, eram aí realizadas. Outras actividades circum-escolares, como à época se designavam, eram as conferências, palestras e colóquios, realizados por alunas, professoras ou convidados no próprio edifício do Liceu<sup>101</sup>.

A exposição de trabalhos escolares ou de festas no fim de ano para mostrar o que se havia feito durante o mesmo era, como ainda é em cada vez menos escolas, um acontecimento normal no fim do ano lectivo. Tal prática também ocorria em instituições de assistência, aqui sem necessidade de respeito pelo ano lectivo mas mais próximo de épocas festivas como Natal, Páscoa ou outras (por ex. dia do patrono da instituição, visita de alguma figura de relevo social, etc.). Neste último caso também a venda do que

---

<sup>99</sup> *Livro das Actas da Associação das Antigas Alunas e Amigas do Liceu de Maria Amália Vaz de Carvalho*. /manuscrito/. (Arquivo do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho) A sua extinção dá-se em 1989, aquando do falecimento da sua última dinamizadora, a também antiga aluna e professora Alice Maia Magalhães.

<sup>100</sup> Domitila de Carvalho será a sócia n.º 30 e Seomara da Costa Primo prof. do 6º grupo, n.º 41

<sup>101</sup> “(...) Destacamos algumas: “A Mulher Portuguesa e a Guerra Europeia” (1916); «Sidónio Pais» (1919); “1º Dezembro de 1640” (1928, 1929, 1930); “Maria Amália Vaz de Carvalho” (1929); “Bases científicas do cinema e sua evolução”, aquando da inauguração, em 25 de Junho de 1929, da máquina cinematográfica do liceu; “Intervenção e acção de Portugal na Grande Guerra” (1930); “A tuberculose” (1931), integrada na Semana da Tuberculose; “A electricidade, “Semana da Bondade” (1935); “A mulher portuguesa na defesa da nação”, ‘Almeida Garrett’ (1955); o “Ultramar – Dilatando a Fé e o Império” (1955-1962); “Luísa de Gusmão” (1964-1965); colóquio com Raoul Follereau (1967-68) “apóstolo dos leprosos”, etc.(...)” (Silva In Nóvoa, António; Santa-Clara, Ana Teresa (org.) 2003. p. 491).

fora feito era um dos grandes fins dessas exposições, uma vez que com o dinheiro que se apurava, podiam colmatar-se algumas das necessidades da instituição. As exposições eram mesmo noticiadas nos jornais de então e com o produto da venda financiadas obras de caridade e promovidas iniciativas de solidariedade como a distribuição de roupas e enxovais a famílias pobres.

Estas exposições escolares dos liceus ou escolas particulares, como se pode ver pelo seu frequente anúncio na revista *Os Nossos Filhos*, tinham eco na imprensa local ou até mesmo nacional. Em data que não podemos determinar, também em publicação não referenciada, do tempo em que era reitor Caetano Pinto, há uma notícia com foto, onde é possível identificar Maria Lúcia Vassalo Namorado/scanner/ em que se faz o maior dos elogios à iniciativa por diversas razões: “(...) como documentação do esforço das professoras, do aproveitamento das alunas, da magnífica orientação pedagógica seguida no prestigioso estabelecimento de ensino e sendo um acontecimento notável do ponto de vista educativo, é-o também pelo lado artístico(...)”(Caixa 77. Maço 2).

Neste estabelecimento de ensino, assim como em casa, Maria Lúcia Vassalo Namorado vai ter uma boa formação intelectual a par de uma forte educação da vontade e de interiorização da ordem e da obediência como princípios morais sólidos. Como lemos no *Anuário de 1928-29*, o ano imediatamente a seguir ao abandono do Liceu por Maria Lúcia Vassalo Namorado “(...)“firmada no princípio de que a função da escola é antes educar do que instruir, de que à escola cumpre fornecer aos seus educandos, a par duma vigorosa cultura intelectual, um meio propício à aquisição de hábitos de ordem, pontualidade, asseio, trabalho metódico e esforço perseverante, espírito de justiça, solidariedade e bondade, foram adoptadas medidas tendentes a fortalecer o ambiente moral e intelectual do Liceu de Maria Amália Vaz de Carvalho, tornando-o absolutamente sadio, e cujos resultados, se nem sempre lisonjeiros, são, no entanto, de molde a encorajar, por bastante satisfatórios(...)”.

O percurso escolar de Maria Lúcia Vassalo Namorado, nesta instituição, inicia-se em 1920-21 e aí fez “(...)a segunda classe como aluna externa e transitou à classe imediata com a média final de 13 valores(...)”. Matriculou-se em 30 de Setembro de 1921 na III Classe, que completou na Turma C, com mais 24 colegas. Nesse ano, Maria Lúcia Vassalo Namorado foi a melhor aluna da turma ao passar de ano com a média

final de 13 valores<sup>102</sup>. Em 1925-26 está no Curso Complementar de Ciências, VI Classe, numa turma com mais vinte e três colegas, muitas delas vindas desde os primeiros anos da sua frequência neste Liceu<sup>103</sup>. Acaba o ano com “média final de 13,6 (14 valores)”, apenas suplantada por duas colegas: Maria Antónia do Prado Guerra, com 15 valores e Maria do Pilar de Miranda Tomé Dias da Silva, com 13,8 valores.

Quase no final deste ano lectivo dá-se o golpe de 28 de Maio de 1926, de alguma forma bem recebido por uma larga camada da população, como dissemos já, pois “(...)o país sentia-se cansado da instabilidade governamental, das lutas, entre os políticos militantes(...)das disputas parlamentares, dos sobressaltos da vida quotidiana frequentemente alvoroçada com irregularidades cometidas, e confiou no vigor e nas boas intenções dos revoltosos. Personalidades de princípios asseguradamente democráticos, como António Sérgio, acolheram de boa mente a nova situação, convencidas da necessidade de se pôr cobro à inquietação pública pelo recurso a um braço forte que se impusesse e fosse respeitado. João de Barros, cuja democraticidade ninguém punha em dúvida, passou sem incómodos da I República para a nova situação, no desempenho do seu cargo de director-geral do Ensino Secundário, de onde veio a ser suspenso em Outubro de 1927 e definitivamente afastado em Novembro de 1928. Bento de Jesus Caraça, figura digníssima de democrata, que tanto viria a sofrer com a Ditadura em anos futuros, foi nomeado, em 1928, para fazer parte de uma comissão destinada a estudar as providências mais convenientes para a extinção do analfabetismo, execução de construções escolares, e reorganização das Escolas Normais e, mais para o fim do mesmo ano, para estudar a reforma do ensino secundário (Carvalho, imp. 1986. p. 720). É também deste período, mais concretamente em 1927, que “(...)Virgínia de Castro e Almeida afirmava em *O Século* que a parte mais linda de Portugal estava nos seus 75% de analfabetos(...)” (Carvalho, imp. 1986. p.726).

Nesse mesmo ano é feita uma primeira reforma do ensino primário do regime, publicada em 17 Maio, e tem assinatura do ministro Alfredo de Magalhães que já fora ministro da mesma pasta sob(...)Sidónio Pais e que insiste na questão da História de Portugal e na Educação Cívica e na importância a dar às colónias, nas escolas, em decreto de 23 de Fevereiro de 1928(...)” (Carvalho, imp. 1986. p.729).Maria Lúcia Vassalo Namorado

---

<sup>102</sup> *Livro de registo de frequência, aproveitamento e comportamento das alunas da Classe III no ano lectivo de 1921-1922: /manuscrito/* (Arquivo da Secretaria do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho)

<sup>103</sup> *Livro de registo de frequência, aproveitamento e comportamento das alunas Curso Complementar de Ciências VI Classe Ciências 1925-1926 /manuscrito/*(Arquivo da Secretaria do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho)

continuará no Liceu até ao ano lectivo 1927/28, data em que sai, sem ter concluído o 7º ano. O seu percurso escolar<sup>104</sup> de menina com bom aproveitamento vai ser ensombrado, por duas vezes, pela doença: perde o 4º ano em 1922/23 e em 1926/27. Porque em 1927/28 desiste de estudar, nunca conseguirá aquilo que era o seu maior desejo: ser professora de Matemática. Embora não o tenha conseguido, o rigor foi uma característica que sempre teve. Também as actividades que propõe para as crianças fazerem, quer nas Secções *Recreio* e *Para entreter os pequenitos* da revista *Os Nossos Filhos*, quer mais tarde, na sua actividade em *Diário de Lisboa*, passam muitas vezes por esta área do saber como se comprova por muitos possíveis exemplos dos quais apenas retemos aqui : “(...)Uma adivinha com números: A uma pessoa amiga que pense num número qualquer, entre 1 e 10, e declarem-se capazes de o adivinhar. Peçam a essa pessoa que multiplique o número por 3, que, depois, multiplique por 6 o resultado obtido. Em seguida, peçam que vos digam o número que foi achado. Dividam por 9 e terão o número em que a pessoa pensou. Exemplificando...(...)” (ONF, Set. 1945)

A doença, como ela dirá mais tarde, será a causadora dessa desistência: primeiro perdera o 4º ano, com bronquite e depois foi a febre tifóide que a apanhou no 7ºano. Estas duas interrupções serão assim explicadas por ela: “(...) sou de uma família de tuberculosos, em poucos anos morreram muitas pessoas tuberculosas do lado da minha mãe, donde os meus pais tinham uns cuidados com a minha saúde extraordinários, e então eu tive uma bronquite, qualquer coisa assim sem importância mas para os meus pais aquilo foi uma grande coisa e tiraram-me de Lisboa. (...) O meu pai disse «não é caso para a rapariga ir para o Caramulo, mas vai para a Serra d’Aire passar um tempo»,

---

<sup>104</sup> Tendo pago 21\$ de propinas, em selos fiscais que são assinados por ela e por Manuel António Vassalo e Silva. Em 30 de Setembro de 1922 matriculou-se na 4ª Classe. Pagou então 14\$ em selos fiscais, assinados por ela e por Maria Helena da Costa Ribeiro. Neste ano não pagou os selos correspondentes à terceira propina pois perdeu o ano “por falta de frequência”. Em 15 de Setembro de 1923 matriculou-se de novo na 4ª Classe. Pagou 21\$ em selos fiscais assinados por ela e por Heitor Monjardim Costa. Passou à classe imediata com média final de 12 valores. Em 16 de Setembro de 1924 matriculou-se na 5ª Classe. Pagou 91\$ em selos fiscais assinados por ela e por Maria Emília de Sousa e Castro, tendo sido “(...)admitida a exame com a média final de 13 valores(...)”. Conclui, com a mesma média, o exame em 27 de Julho do mesmo ano. Em 25 de Setembro de 1925 matriculou-se na 6ª Classe de Ciências. Pagou 120\$ em selos fiscais assinados por ela e por Maria Emília de Sousa e Castro, tendo transitado “(...)à classe imediata com média final de 13 valores(...)”. Em 1 de Julho de 1926 matriculou-se na 7ª Classe de Ciências, pagando 40\$ em selos fiscais, só de matrícula mas “(...)perdeu o ano por falta de frequência(...)”. Em 1 de Agosto de 1927 matriculou-se novamente na 7ª Classe mas mais uma vez vai perder “(...) o ano por falta de frequência(...)”. *Liceu Central de Garrett – Livro de Matrícula: Processo 2555. /folha 121 e seguintes/ (Arquivo da Biblioteca Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho)* e ainda *Liceu Central de Garrett – Livro de termos de exames de saída do Curso Geral: alunas internas. assento 33(Arquivo da Secretaria do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho)*.

alugou uma casa e fui passar lá passar uns meses de Verão com a minha mãe. Perdi o ano, estava no 4º, perdi. (...)” (Borges. 2003. p. 202).

Depois do 5º ano, “(...) escolhi Ciências em vez de Letras, eu gostava muito de escrever e escrevia desde pequenina mas (...) porque gostava muito de Matemática o que eu queria ser era licenciada em de Ciências. Matriculei-me no 7º e a certa altura eu apanhei uma febre tifóide, os meus pais ficaram alarmadíssimos, vieram imediatamente a Lisboa e pediram licença à senhora onde eu estava, para a minha mãe ficar no meu quarto ao meu lado para me tratar e se eu me podia tratar lá em casa, ela autorizou (...)”(Borges. 2003. p. 202). Foi consultar o Dr. Pulido Valente que a desaconselhou de estudar, dizendo: “(...) nunca me esqueço, disse-me assim: «então a menina quer ser Doutora? Pois olhe eu tantas filhas, não me lembro quantas, e não quero que nenhuma delas seja Doutora». O meu pai perguntou-lhe, que perigo é que tem a pequena por vir estudar? Olhe sabe o que é um ribeiro com muita água e um pinheiro que caiu e ficou atravessado no ribeiro? E depois vai uma pessoa e atravessa andando por cima do pinheiro, tanto pode chegar à margem como pode cair no ribeiro, o senhor é que sabe, foi a imagem que o médico criou. Em face disso o meu pai não me deixou vir(...).(Borges. 2003. p. 202). Tendo sido orientada com uma educação que tendia a ver a menina em “(...)trânsito entre a casa dos pais e a do marido(...)”(Barreira, 1994. p.16) não é de estranhar que pouco tempo depois, como veremos, esteja casada, abandonando em definitivo os estudos no sistema formal de ensino.

Durante a sua escolaridade<sup>105</sup>, Maria Lúcia Vassalo Namorado utilizou diversos manuais escolares sendo que vinte e sete deles ainda se encontram no seu *Espólio*. A análise deste pequeno acervo permitiu-nos identificar um conjunto de conhecimentos que ela terá adquirido ainda como estudante e que, mais tarde como veremos, já na sua vida profissional, de muito lhe hão-de ser úteis.

Apresentamos a lista desses *manuais escolares* para se conhecerem os documentos pelos quais estudou, seguindo-se a apreciação da importância de que eles se revestiram para a cultura geral dela.

---

<sup>105</sup> A vida escolar de Maria Lúcia Vassalo Namorado, o seu aproveitamento assim como a composição das turmas que integrou no Liceu Almeida Garrett estão sintetizados nos quadros que apresentamos em *Apêndice a Cap. 2- Histórico...*



Quadro nº1.: Manuais usados durante a instrução primária:

Livros	
ARAÚJO <sup>106</sup> , José Maria Barbosa (1902) – <i>Breves noções de Ciências Naturais em harmonia com os programas de instrução primária redigidas conforme o programa aprovado por Decreto de 18 de Outubro de 1902</i> . Porto: Companhia Portuguesa. 82 p.	
GRAÍNHA, Borges (1913) – /não tem capa mas é o/ <i>Método Intuitivo, legográfico e mecânico</i> . S.l.: s.n.. /40 p./	
MACHADO, Ulisses (1917) – <i>Gramática portuguesa</i> <sup>107</sup> ensinada pelos exemplos ilustrada com 80 gravuras com a ortografia mandada adoptar por Portaria de 1 de Setembro de 1912. Lisboa: Livraria Rodrigues. 142 p.	
MACHADO, Ulisses (1912) – <i>Aritmética prática e Geometria elementar ilustradas com 100 gravuras</i> . 4ª ed. Aprovada oficialmente com a ortografia mandada adoptar por Portaria de 1 de Setembro de 1911: Ensino Primário Oficial. Lisboa: Tip. José Assis & A Coelho Dias. 220 p.	
GUIMARÃES, Acácio da Silva Pereira (1915) – <i>Primeiras lições de Corografia portuguesa</i> . Lisboa: Livraria Ferreira. 136 p.	

Quadro nº2.: Manuais usados durante o Liceu:

Disciplinas	Livros
Química	MACHADO <sup>108</sup> , Aquiles (1917) – <i>Elementos de Química: III Classe I Parte</i> . Lisboa: Imprensa Libânio da Silva. 92 p.
	MACHADO, Aquiles (1920) – <i>Elementos de Química: IV parte. VI classe</i> . Lisboa: Tipografia da Cooperativa Militar. 115 p.
Física	MACHADO, Álvaro R. (1923) – <i>Elementos de Física Geral para uso do Curso Complementar de Ciências dos Liceus: 6ª classe</i> . 4ª ed. Braga: Livraria Cruz. 347 p./tem ainda livro de Óptica, sem autor e sem data/
História	MASCARENHAS, Arsénio Augusto Torres de (1920) – <i>Compêndio de História de Portugal: aprovado oficialmente para uso dos alunos dos liceus</i> . 8ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional. 191 p.
	ALMEIDA, Fortunato de (1921) – <i>Curso de História Universal</i> . 5ª ed. Coimbra: Ed. Do autor. 2 volumes
	SOARES, João (1922) – <i>História de Roma e da Idade Média: compêndio para a IV classe dos liceus, aprovado oficialmente</i> . Coimbra: Coimbra Editora, Antiga casa França e Arménio. 263 p.
	SOARES, João (1922 a) – <i>A Idade Moderna e Contemporânea: compêndio para a V classe dos liceus, aprovado oficialmente</i> . Coimbra: Coimbra Editora, Antiga casa França e Arménio. 263 p.
Matemática	ANDRÉA, Eduardo Ismael dos Santos (1919) – <i>Aritmética prática: ensino secundário oficial: 1ª classe</i> . 5ª edição conforme à ortografia oficial. Lisboa: Imprensa Nacional. 139 p.
	RODRIGUES, J J D Souto (1921) – <i>Elementos de Trigonometria Plana para uso da IV Classe dos Liceus Centrais</i> . Braga: Livraria Cruz. 149 p.
Ciências	PREGO, João da Motta (1918) – <i>Lições elementares de Agricultura: obra aprovada pelo Governo</i>

<sup>106</sup> O autor era “professor do ensino livre”.

<sup>107</sup> No Prefácio da 11ª edição, a do *Espólio*, pode ler-se que esta gramática é feita de acordo com as mais recentes recomendações que defendem que se ponham “(...)de parte as velharias outrora /usadas/ na escola primária, no tempo em que a pedagogia era ainda bem pouco conhecida, (...) obedecendo ao plano que desde 1896 introduzimos nas nossas gramáticas aprovadas oficialmente para o ensino secundário, plano que tão louvado foi pela Comissão que lhes deu preferência, como livro único, continuamos a seguir não só a doutrina das mesmas mas ainda a da nossa Gramática Portuguesa aprovada por decretos de 26 de Novembro de 1908, 11 de Março de 1907 e 15 de Novembro de 1918 para as Escolas Normais, conservando-lhe assim o carácter prático recomendado pelos bons pedagogistas, quer para o ensino primário, quer para o secundário(...)”.

<sup>108</sup> /Tem diverso texto anotado, a lápis, à margem e, no verso da p. de rosto tem, em letra de menina:/Pertence a Maria Lúcia Vassalo Namorado Aluna nº 62, da 3ª classe, da turma b Do Liceu Central de Garrett Lisboa. /Na capa, a lápis, tem/: *Cântico Negro* José Régio.

Naturais	<i>Provisório da República por decreto de 21 de Novembro de 1910.</i> Lisboa: Livraria Ferreira. 119 p.
Geografia	BOTELHO*, José Nicolau Raposo (1916) – <i>Curso de Geografia...: Classes I, II e III: Revisões na IV e V.</i> 3ª ed., revista e actualizada. Lisboa: Livraria Férrin. 654 p.
	SÁ, Mário de Vasconcelos e (1921) – <i>Compêndio de Geografia elementar: II parte- 4ª Classe para uso dos liceus, segundo os programas de 26 de Setembro de 1919: aprovado oficialmente.</i> 2 volumes. Porto: Chardron, de Lelo & Irmão Ltd. 848 p.
	SÁ, Mário de Vasconcelos e (1922) – <i>Compêndio de Geografia elementar: III parte- V Classe para uso dos liceus, segundo os programas de 23 de Dezembro de 1919: aprovado oficialmente.</i> Porto: Chardron, de Lelo & Irmão Ltd. 215 p.
Francês	FOULCHÉ-DELBOSC, R. e VIANA, A-R. Gonçalves (1914) – <i>Resumo de Gramática francesa: ensino secundário oficial. Aprovado pelo decreto de 7 de Setembro de 1907.</i> Paris, Lisboa: Aillaud, Alves & Ca. 234 p.
	BOTELHO*, J J Teixeira (1919) – <i>Livre de lecture française à l'usage des Classes de II et de III. Approuvé para le gouvernement.</i> Porto: Chardron. 251 p.
	COIMBRA, José C. Antunes et CHAUMOND*, F. (1921) – <i>Le Second livre de Français: recueil destiné aux élèves des 3ème, 4ème et 5ème classes des lycées conformément aux programmes officiels suivi d'une Petite anthologie française ou recueil de morceaux choisis des principaux poètes et prosateurs du XI ème au XIXème siècle.: Obra aprovada para o ensino secundário por despacho ministerial de 6 de Maio de 1921.</i> Lisboa: Livraria popular de Francisco Franco. 170 p.
	BOITEL, Julien (1922) – <i>Abrégé de l'Histoire de la Littérature Française du XVIe au XIXe siècle.</i> 7ème ed. Paris: Librairie Delagrave. 116 p.

Quem eram estes autores de manuais escolares? Sempre nomes prestigiados da intelectualidade republicana. Vejamos, para aqueles que foi possível identificar, quais as ocupações que tinham:

#### Quadro nº3.: Identificação dos autores dos manuais escolares:

Disciplinas	Nome	Actividade(s)
Química	Aquiles MACHADO	coronel graduado de Engenharia, Professor ordinário de Química, na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa Sócio efectivo da Academia das Ciências e Membro efectivo do Conselho Médico - Legal de Lisboa, etc.
Física	Álvaro R. MACHADO	Prof. de Física e Química no Liceu Rodrigues de Freitas, assist. – prof. na Faculdade de Ciências, prof. no Instituto Comercial do Porto
História	Arsénio Augusto Torres de MASCARENHAS	Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra antigo professor do Colégio Militar, do Liceu Central de Passos Manuel, de Lisboa e actualmente professor aposentado do Liceu Central de Garrett
	Fortunato de ALMEIDA	Bacharel formado em Direito, professor efectivo do Liceu e da Escola Normal Superior de Coimbra, sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, da Sociedade de Geografia, da Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos e do Instituto de Coimbra
	João SOARES	professor dos Pupilos do Exército
Matemática	Eduardo Ismael dos Santos ANDRÉA	Professor da Faculdade de Ciências da universidade de Lisboa e do Liceu de Pedro Nunes

	J J. D Souto RODRIGUES	Director do Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra, Sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e honorário do Instituto de Coimbra.
Francês	J J Teixeira BOTELHO	Professeur du 3e groupe au “Colégio Militar” Capitaine d’artillerie
	F. CHAUMOND	professor de Francês
	Julien BOITEL	agrégé de l’université, directeur de l’école J.-B Say

Maria Lúcia Vassalo Namorado aprendeu a ler pelo método intuitivo, legográfico e mecânico de Borges Grainha. /scanner/ A par de um conjunto de ensinamentos relativos ao funcionamento da língua há, nas 255 páginas do manual, uma série de textos que, tal como aquando da adopção do livro único no Estado Novo, são um manancial interessante do que se queria fazer em termos ideológicos. Leia-se, a propósito das “(...) Frases interrogativas e exclamativas(...)” o texto que nele encontramos: “(...)Ó João, vais hoje aos touros? Eu vou lá a espectáculo tão bárbaro! Estranho que assim chames a tão bom divertimento! Bom divertimento, não há dúvida! Maltratar os pobres animais! (...)Não era melhor que esses homens empregassem a sua coragem e agilidade em cousas úteis? (...) Oxalá que breve chegue o dia em que as touradas sejam proibidas!(...)” (Grainha, 1913. p.5-6). A questão das touradas e da sua violência está, de novo, no seu *Espólio*, quando em 1933 lhe é oferecido um livro sobre o mesmo tema<sup>109</sup>, que Maria Lúcia Vassalo Namorado assinala como lido.

Deste teor é também a abordagem a outros temas passíveis de serem aqui incluídos sobre, por exemplo, a *Desobediência castigada* em que “(...) Maria era uma menina muito bonita, de bom coração, mas tinha o grande defeito de ser desobediente. Sua mãe afligia-se muito com isso, e empregava todos os meios para corrigi-la. (...) Aí tens o castigo da tua má acção, retorquiu-lhe a mãe; se me tivesses obedecido, não mexias no cesto; e não lhe mexendo, o passarinho não fugia(...)” (Grainha, 1913. p.10-11).

A defesa que, muitos anos mais tarde, Maria Lúcia Vassalo Namorado irá fazer da importância do trabalho como fonte de respeito e de elevação deve tê-la aprendido em

---

<sup>109</sup> É a obra: SANTOS, Júlio Eduardo; CASTRO, Alfredo Vidigal das Neves e; CABRAL, Rodrigo Guerra Álvares (1933) – A Momentosa questão dos “touros de morte” em Portugal: Relatório elaborado pelos delegados das Sociedades Protectoras dos Animais, de Lisboa e Porto, e Liga Nacional de Defesa dos Animais na comissão nomeada pelo Governo, por portaria de 6 de Maio de 1933, lavrada em harmonia com o disposto no artigo 1º do decreto-lei n.º 22.482. Lisboa: Sociedade Protectora dos Animais de Lisboa, Sociedade Protectora dos Animais do Porto e Liga Nacional de Defesa dos Animais. 47 p., com dedicatória manuscrita: “Homenagem do relator, Júlio Eduardo dos Santos”. Nesse texto o autor faz diversas afirmações sobre a influência negativa dos espectáculos sobre as crianças que Maria Lúcia Vassalo Namorado utilizará na sua revista, anos mais tarde.

casa, com o pai, homem de princípios republicanos sólidos, cimentado por leituras de textos, na escola, sobre *Exemplos do trabalho* protagonizados por diversos pequenos animais. O texto do livro de leitura com aquele título é paradigmático:

“(…) Aonde vais tu, bonita abelha, que andas zumbindo pelo campo florido? Tu andas sempre a brincar e a saltar de flor em flor!

—Não, meu menino, não ando a brincar; ando a trabalhar. Colho o suco das flores, e levo-o para o meu cortiço para fazer o mel, que é muito doce, e a cera, que tem diversas aplicações. Aonde vais tu, passarinho ? Tu voas para onde queres...

—Enganas-te, menino: não ando a divertir-me; ando a trabalhar. Agora vou eu à procura de palhinhas e bocadinhos de lã para fazer o ninho.

E tu, pequena formiga, que fazes tu? Vejo-te sempre dum lado para outro, ora indo, ora vindo, sempre a passear! Muito hás-de tu gozar nos teus passeios.

Passear?! Então tu julgas, menino, que quando me vês passar, ando a divertir-me? Olha que não! Ando a trabalhar e a trabalhar muito! Enquanto está bom tempo vou arranjando provisões para o inverno para não morrer de fome. (p. 12)

Tudo trabalha neste mundo; e vós, meus meninos, que vedes estes exemplos, não vos esqueçais nunca de que o *homem nasceu para trabalhar como o pássaro para voar*. (...)”(Grainha, 1913. p.12-13).

Um outro tema caro a Maria Lúcia Vassalo Namorado, enquanto colaboradora da revista *Modas & Bordados* será a educação feminina e os defeitos que, do ponto de vista moral, muitas mães incutem ou desenvolvem nas filhas. Um deles, a vaidade, é dos mais terríveis que se podem desenvolver. Ainda na escola aprendera ela que a vaidade era um defeito que se poderia combater como acontecera a Henriqueta que “(...) possuía algum dinheiro que lhe tinha dado o avô. Saindo um dia com sua mãe, encontrou ao fundo da escada um pobre velho, sozinho, que lhe pediu esmola. A menina, fingindo que o não via, continuou o seu caminho sem lhe dar coisa alguma. Ao passar por uma praça onde havia muito povo, dirigiu-se a ela uma velhinha e estendeu-lhe a mão a pedir-lhe esmola. Henriqueta olhou para todos os lados da praça, e, como notou que a estavam a ver, tirou da bolsa uma moeda de níquel e deu-a à pobrezinha. A mãe, que vira tudo, aproveitou a ocasião para dar a sua filha uma lição de moral. Dizendo-lhe: A acção que acabas de praticar, minha filha, não é uma boa acção. Tu deste esmola, é verdade, mas fizeste-o para dares nas vistas e não pela boa vontade de praticares o bem. Foste vaidosa. A pequenita fez-se encarnada como uma ginja, e

compreendeu que a mãe tinha razão. *Dá com a direita de modo que a esquerda não veja.* (Grainha, 1913. p. 22).

Do ponto de vista do desenvolvimento da língua, a utilização do que hoje se denomina *trava-línguas* vai ser abordada quer na 1ª República, quer nos manuais do Estado Novo como se depreende da inclusão, neste mesmo manual, do texto sobre *Vozes de animais* de Pedro Dinis, que fez as delícias de muitas gerações de crianças na escola primária e também as de Maria Lúcia Vassalo Namorado<sup>110</sup>. Já em 1913 se aconselhava a leitura na escola de: “(...) Palram pega e papagaio E cacareja a galinha, Os ternos pombos arrulham, geme a rola inocentinha. Muge a vaca, berra o touro, grasna a rã, rugo o leão, o gato mia, uiva o lobo, também uiva e ladra o cão. Relincha o nobre cavalo, os elefantes dão urros, a tímida ovelha bale, zurrar é próprio dos burros. Regouga a sagaz raposa ar brutinho muito matreiro: nos ramos cantam as aves, mas pia o mocho agoureiro Sabem as aves ligeiras o canto seu variar; fazem gorgeios às vezes, às vezes põem-se a chilar. O pardal, daninho aos campos, não aprendeu a cantar; como os ratos e as doninhas, Apenas sabe chiar. O negro corvo crocita. Zune o mosquito enfadonho, a serpente no deserto solta assobio medonho. Chia a lebre, grasna o pato, ouvem-se os porcos grunhir. Libando o suco das flores, Costuma a abelha zumbir. Bramam os tigres, as onças, pia, pia o pintainho, cucurita e canta o galo, late e gane o cachorrinho. A vitelinha dá berros, o cordeirinho balidos, o macaquinho dá guinchos, a criancinha vagidos. A fala foi dada ao homem, Rei dos outros animais: Nos versos lidos acima se encontram em pobre rima, as vozes dos principais(...)”(Grainha, 1913. p. 26).

As qualidades que se estimavam que qualquer cidadã(o) republicana(o) possuísse, como a do amor à instrução, a delicadeza, a sobriedade, a modéstia, o reconhecimento, a pontualidade, a coragem, a economia, a franqueza e a sinceridade, entre muitas outras, podem ser apresentadas em textos, muito simples, sempre dum ponto de vista dicotómico<sup>111</sup>; esta era a forma mais eficaz e mais simples de persuadir

---

<sup>110</sup> Muitas vezes irá ela aconselhar às suas leitoras a aquisição de pequenos livros infantis para o desenvolvimento da língua, chegando mesmo a publicar, já nos anos 70, um conjunto de livrinhos intitulados: “O meu primeiro livro de...” provérbios, de adivinhas, etc. (cf.. Biografia depois dos anos 60 e referência correcta e completa em *Bibliografia* deste trabalho).

<sup>111</sup> A título de exemplo leia-se a história dos “(...)Dois irmãos: (...) Numa aldeia do nosso país conheci eu dois meninos, irmãos, que faziam tanta diferença nos génios e modos como o dia da noite, apesar de serem estimados igualmente por seus pais.

O primeiro, atento, reparava em tudo que lhe dizia seu mestre, fazia por instruir-se. O segundo, estouvado e um cabeça no ar não fazia caso que lhe diziam, não queria estudar; ficou um ignorante.

Emílio era delicado, eu amável, serviçal, apesar de ser o primeiro da classe, não se gabava de tal, antes mostrava não o saber— era modesto; Emílio, discreto, nada do que ouvia contava, guardava segredo; Emílio agradecia o bem que lhe faziam, estimava o seu benfeitor, mostrava-se reconhecido; Emílio

quem os lia a perceber as vantagens de seguir um dos caminhos, sempre o mais difícil, desprezando o mais fácil, mas também o menos reconhecido socialmente como o melhor.

O respeito pelos mais velhos era valor a ser incutido às crianças, como fará Maria Lúcia Vassalo Namorado, muitos anos mais tarde, na sua revista *Os Nossos Filhos* (ONF, Maio 1950) e como se depreende do texto muito pequeno, com interpelação directa ao (á) leitor(a), da autoria de Luís Filipe Leite intitulado:“(...)Respeitai a velhice(...)”Meus meninos, quando virdes algum velho muito caduco ou já decrépito, não façais escárneo dele. O caduco, como bem disse o sábio, acaba de viver, e o decrépito principia a morrer. Bem certo estou eu de que havíeis de estimar muito que toda a gente tivesse dó de vós, e fizesse cada um por vos ajudar.(...)”. Anos mais tarde será Maria Lúcia Vassalo Namorado, na sua revista, a apresentar as razões que devem levar toda a gente a respeitar os idosos. Depois da escola primária, ela ainda lerá textos sobre o mesmo tema pois que tem, no *Espólio* o livro *O Elogio da Velhice* de Paulo Mantegazza<sup>112</sup>, de 1925, cujo conteúdo sublinha frequentemente.

Anos mais tarde, Maria Lúcia Vassalo Namorado irá ser uma fervorosa adepta e defensora dos *Jardins-Escola João de Deus* talvez por ter estudado, ainda na escola primária, textos laudatórios sobre a acção desse pedagogo. Também a veneração dos heróis nacionais, independentemente das áreas em que se haviam distinguido vai aprendê-la ela, como era intenção da 1ª República, neste grau de ensino quando é posta em contacto com textos como o que, sobre João de Deus, é colocado no seu livro de leitura e que não resistimos a transcrever:

“(...)Olhai para o retrato de João de Deus e dizei-me, (...) bem visíveis duma boa, dum coração de santo. E realmente ele era santo, ele foi um justo! Poeta sublime que escreveu tantos versos divinos, não foi só como poeta que se tornou notável. O seu

---

chegava sempre á escola a horas deveres—era pontual; Emílio, corajoso, paciente, suportava tudo sem dizer palavra; Emílio, económico, empregava em cousas úteis o dinheiro que lhe davam; era franco e sincero....

Carlos era descortês, não Carlos era um egoísta; Carlos julgava-se mais inteligente que todos os seus colegas, -era orgulhoso, Carlos, indiscreto ia contar tudo o que ouvia. Carlos não tinha afeição àqueles de quem recebia benefícios—era ingrato. E raras vezes comparecia onde prometia—era desleixado. Carlos, medroso, impaciente, atemorizava-se por nada, e gritava à menor contrariedade. Carlos, pródigo, gastava-o em ninharias, mentiroso e dissimulado, Carlos nunca declarava o que sentia...

Ambos chegaram a homens e vivem ainda. Emílio é querido e respeitado de todos; Carlos, o desgosto da família, é olhado por estranhos com desdém. (...)”.(Grainha, 1913. p. 104-6).

<sup>112</sup> MANTEGAZZA, Paulo (1925) - *O Elogio da Velhice*: Versão do original italiano por Arlindo Varela. Lisboa: Empresa Literária Fluminense. 268 p.

entranhado amor às criancinhas levou-o a escrever a *Cartilha Maternal*, método de leitura, para que vós todos pudésseis aprender a ler sem grandes dificuldades. E com que amor ele ensinava todos os que queriam aprender! Se alguma vez entrardes no mosteiro dos Jerónimos, onde repousam os seus restos mortais como os de Vasco da Gama, de Camões, de Herculano e de Garrett, não vos esqueçais, meus meninos, de visitar o túmulo do poeta e de nele depor algumas flores, como tributo de gratidão á memória de tão grande amigo vosso.(...)” (Grainha, 1913. p. 177-78). Maria Lúcia Vassalo Namorado não esqueceu este último apelo, como se pode constatar do texto que escreveu em *Os Nossos Filhos*.

Os livros de texto de *Língua Portuguesa* eram ainda local de inclusão de muitos outros saberes de natureza mais prática como as dos cuidados a ter nas fórmulas para escrever cartas, requerimentos, recibos, facturas, declaração de dívida, realização de inventários, actas, e escrituras de sociedade. Estes conhecimentos eram excessivos para o nível da instrução primária, se olhados de hoje, mas valeram de muito na vida da futura directora da revista *Os Nossos Filhos*. Basta referir que o termo de *declaração de dívida* que Maria Lamas assinará para com a revista não difere muito do texto que aqui se recomenda<sup>113</sup> que se utilize nesse tipo de documentos.

Quanto à análise dos restantes manuais escolares de Maria Lúcia Vassalo Namorado há que referir que os conteúdos são demasiado extensos e difíceis<sup>114</sup> para aquilo que é considerado o vulgar, hoje, nestes níveis de ensino, que a maior parte dos seus autores não se eximem de apresentar dados curriculares que corroborem a qualidade científica que era suposto terem os livros por eles redigidos e, finalmente, que num total de vinte e sete, como já referimos, todos são de autores masculinos.

O facto de assinalar os livros ou como *Maria Lúcia*, ou com o nome todo ou apenas como *Maria Namorado*<sup>115</sup>, como forma de definir a sua pertença, leva-nos a não ter hesitações quanto à atribuição a Maria Lúcia Vassalo Namorado da autoria de certos textos que, mais tarde ela irá assinar, já em *Os Nossos Filhos*, apenas com aquele último pseudónimo.

---

<sup>113</sup> Cf. a “Declaração de dívida” da p. 242 do manual de Borges Grainha, aqui analisado, com a que Maria Lúcia Vassalo Namorado irá usar com Maria Lamas quando lhe empresta dinheiro e também as cartas de Maria Lamas à prima, analisadas mais adiante no capítulo 5, neste trabalho.

<sup>114</sup> Vejam-se apenas os conteúdos do programa de Francês, hoje impensáveis quer em extensão quer em profundidade, em anos de escolaridade similares.

<sup>115</sup> Como é o caso das páginas 219 a 227 do livro de *Óptica*, s.d. ou ainda a assinatura que tem, a p. 47 da obra de MACHADO, Aquiles (1920) – *Elementos de Química: IV parte. VI classe*. Lisboa: Tipografia da Cooperativa Militar.

Os livros de História que existem no *Espólio*, ainda mais do que os de quaisquer outras áreas, à excepção dos de Língua Portuguesa já abordados, permitem-nos ter uma ideia não só do que eram os conteúdos dessa área disciplinar na 1ª República como são auxiliares preciosos para deles sabermos que conhecimentos neles adquiriu Maria Lúcia Vassalo Namorado. Quanto aos outros manuais - quer os de Ciências Naturais e ainda os de Geografia - faremos deles uma breve análise uma vez que nos fornecem dados que podem explicar a origem de alguns aspectos do pensamento pedagógico que ela irá organizando, como seu, já durante os anos 30 a 50 do século passado.

Os dois volumes do *Curso de História Universal* de Fortunato de Almeida não vão além da sacração de Napoleão como imperador, em França e, por tal razão, deles não nos ocuparemos em pormenor neste estudo; porém, uma pausa mais detalhada em relação ao compêndio sobre *História de Portugal*<sup>116</sup> pelo qual estudou Maria Lúcia Vassalo Namorado como aluna "(...)Nº 45 V classe Turma B Liceu Central de Garrett 1924-25(...)"<sup>117</sup> torna-se necessária para alcançarmos os objectivos que acabamos de enunciar nos parágrafos precedentes.

Em princípio, qualquer livro de História sujeito a uma grelha de análise apropriada, revela-nos os pressupostos teóricos e os fins que os(as) autores(as) pretendem alcançar. No caso presente, apenas fomos ver de que forma eram pensadas, no manual em questão, algumas das *datas* fundamentais da História de Portugal.

Partindo de uma concepção positivista da interpretação dos factos históricos, deparamos com o princípio a que obedece o autor ao redigir o texto, ou seja, da concepção republicana que ele tem do que deve ser a tarefa do “historiador”: “(...) o princípio da *História de Portugal* (...) como pode definir-se neste resumo é a narração dos acontecimentos verídicos e autênticos, mais importantes, que têm contribuído para o engrandecimento ou decadência de Portugal(...)” (Mascarenhas, 1920. p. 27). À descrição dos principais feitos de cada dinastia, com ordenação dos respectivos reis e cognomes também se associam descrições mais ou menos extensas sobre o que, do ponto de vista patriótico, convém exaltar em cada um desses reinados. Como exemplo do segundo aspecto podemos anotar o que se sublinha terem sido as festas do 3º centenário da morte de Camões ou as do centenário da morte do marquês de Pombal:

---

<sup>116</sup> Está neste grupo o livro do bacharel em Direito e professor aposentado do Liceu Central de Garrett, MASCARENHAS, Arsénio Augusto Torres de (1920) – *Compêndio de História de Portugal: aprovado oficialmente para uso dos alunos dos liceus*. 8ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional. 191 p.

<sup>117</sup> Cf. obra citada, p. de rosto, na diagonal.



”(...) Em 1880 celebrou-se por forma soleníssima em Lisboa o 3º centenário da morte da Camões a quem o País já tinha pago a primeira dívida de gratidão mandando erigir-lhe um monumento na capital; e em 1882 celebrou-se igualmente com entusiasmo o 1º centenário da morte do Marquês de Pombal. Estas duas comemorações pelos sentimentos que as inspiraram, e pela imponência com que se realizaram, foram uma brilhante manifestação do espírito da nacionalidade portuguesa(...)” (Mascarenhas, 1920. p.178).

Na mesma linha podem ser vistas as alusões à “(...) campanha gloriosa na África oriental em 1894 e 1895 contra os *Vátuas* (...) a luta igualmente gloriosa para nós contra os *Namarrais*... e /a comemoração/ em 1894 /do/ 5º centenário do nascimento do infante D. Henrique, e em 1898 o 4º centenário do descobrimento do caminho marítimo para a Índia (...) com maior solenidade e brilhantismo, festividades que tanto fizeram vibrar a alma popular e despertaram o sentimentos patrióticos em todo o país (...) ultimamente em 1906, a campanha contra os *Cuamatas* (...) sob comando de hábil e bravo capitão Roçadas... (...) Neste reinado, como cultores das letras distinguiram-se João de Deus e Eça de Queiroz (...)” (Mascarenhas, 1920. p.181-82).

Mais interessante do que a apreciação que é feita dos períodos mais recuados da história pátria é a imagem que nos fica do reinado de “(...) D. Carlos I - 1889 a 1908 – (...)” quando se afirma que: “(...) A história deste reinado, bem como a do último da monarquia ainda não está escrita (...) e é cedo para fazer-se já com inteira exactidão, justiça e imparcialidade(...)” (Mascarenhas, 1920. p.178). Após a breve referência ao reinado de D. Manuel II, nascido em 15 Novembro 1889, da República dirá o autor que: “(...) parecia que os trágicos sucessos de 1908 deviam servir de aviso para se entrar em *vida nova*. Desgraçadamente para a monarquia não sucedeu assim. Em lugar duma série de reformas *políticas, sociais e económicas* (...) durante o novo reinado agravaram-se de modo deplorável os **erros** e os *defeitos* do governo monárquico e os escândalos dos dois reinados antecedentes. E sobretudo, a falta de rigorosa observância das leis e os abusos, cometidos na aplicação dos rendimentos do Estado tornaram mais aflitiva a situação do Tesouro Público e mais angustiosa a sorte das classes trabalhadoras e menos abastadas(...)” (Mascarenhas, 1920. p.182).

A análise do livro de Ciências Naturais revela-nos que a preocupação com as doenças contagiosas era, em Maria Lúcia Vassalo Namorado uma reflexão que datava do tempo

da escola primária. O texto<sup>118</sup> que, sobre esse tipo de doenças existe no seu manual de *Breves noções de Ciências Naturais em harmonia com os programas de instrução primária...* de José Maria Barbosa Araújo (1902) é por ela assinalado, à margem, a lápis, como muitos anos depois irá fazer em muitas outras obras cujo conteúdo quer reproduzir em *Os Nossos Filhos*.

Finalmente, tanto os livros de Corografia como os de Geografia identificados nos Quadros anteriores, são uma fonte essencial para percebermos que concepção do país tinha Maria Lúcia Vassalo Namorado adquirido na escola e de que forma tal percepção a vai orientar ao longo da vida. Das *Primeiras lições de Corografia portuguesa...* recolhera ela as noções básicas e dados de natureza prática sobre as diversas regiões de Portugal e das “(...)Possessões ultramarinas /de/ Cabo Verde, Guiné, S. Tomé e Príncipe, Angola<sup>119</sup> e Moçambique<sup>120</sup>(...)”(Guimarães,1915), assim como sobre o Estado da Índia<sup>121</sup> ou ainda sobre Macau e Timor. Nos *Compêndios de Geografia elementar* para as IV e V Classes<sup>122</sup>, estudara ela o que viria a ser parte dos seus conhecimentos de geografia universal: da Austrália, á Insulíndia, às possessões portuguesas (em Timor, em África: com Cabo Verde, Guiné, São Tomé e Príncipe e feitoria de S. João Baptista de Ajudá, Angola, Moçambique), ao Continente americano

---

<sup>118</sup> “(...) Doenças contagiosas são as que se apegam.—A tuberculose pulmonar é uma doença contagiosa, conhecidíssima peio nome de tísica, e que torna os pulmões impróprios para a função da respiração. —,A tuberculose pulmonar é geralmente transmitida pelos escarros que vão para o ar, desfeitos em poeira, quando secam. — A escarradeira dos tísicos deve conter sempre um desinfectante enérgico.—Não devemos utilizar-nos das roupas usadas pelos tísicos, nem servirmo-nos da louça em que eles comem, enquanto não for rigorosamente desinfetada, — Um bom ar e uma alimentação sadia podem curar em muitos casos a tuberculose. — As principais doenças contagiosas são: a erisipela, o sarampo, o garrotilho, a peste, as febres intermitentes e a variola. — A variola (bexigas) poupa os indivíduos vacinados. — Devemos vacinar-nos de sete em sete anos, quando a vacina pegue, e todos os anos, em caso contrário. — A vacina não traz nenhuma consequência grave. (...)” (“Resumo” p. 70-71).

<sup>119</sup> “(...) uma viagem entre Lisboa e Luanda costuma fazer-se em 20 dias nos vapores das carreiras de navegação (...)” (Guimarães,1915, p.114).

<sup>120</sup> “(...) a viagem entre Lisboa e Lourenço Marques costuma fazer-se em 28 dias nos vapores da *Empresa Nacional de Navegação* (...). O território de Moçambique constitui uma província ultramarina e está dividido em cinco distritos e dois territórios explorados pelas companhias privilegiadas do Niassa e Moçambique(...) O Território da *Companhia de Moçambique*, ao norte do distrito de Inhambane /tem/ Beira, capital /e outras cidades como/ Sofala (...)os Territórios da Companhia do Niassa, ao norte da província: /com/ Porto Amélia (...)” (Guimarães,1915, p.122 a 125).

<sup>121</sup> “(...) Organização administrativa. Os três territórios de Goa, Damão e Diu formam os três distritos de uma província ultramarina chamada o *Estado da Índia* (...) O governador geral reside em Pangim ou Nova Goa (...) cidade, capital da província; porto sobre a foz do Mandovi. Velha Goa, antiga capital, a leste de Pangim; povoação muito doentia; historicamente notável pelas façanhas do grande Albuquerque. (Guimarães,1915. p. 129 e 130)

<sup>122</sup> SÁ, Mário de Vasconcelos e (1921) – *Compêndios de Geografia elementar: II parte- 4ª Classe para uso dos liceus, segundo os programas de 26 de Setembro de 1919: aprovado oficialmente*. 2 volumes.Porto: Chardron, de Lelo & Irmão Ltd. 848 p. e ainda SÁ, Mário de Vasconcelos e (1922) – *Compêndio de Geografia elementar: III parte- V Classe para uso dos liceus, segundo os programas de 23 de Dezembro de 1919: aprovado oficialmente*. Porto: Chardron, de Lelo & Irmão Ltd. 215 p.

(com os Estados Unidos e Brasil), á Península Itálica, França, Ilhas Britânicas, Bélgica, Holanda, Alemanha, Áustria, Suíça, Rússia assim como sobre a Noruega, Suécia, Dinamarca, Hungria, Tcheco-Eslováquia, Polónia e Dantzig, Finlândia, Lituânia, Estónia, Letónia, Ucrânia...

A cultura geral que Maria Lúcia Vassalo Namorado obtivera na escola primária, em Torres Novas e, no Liceu, em Lisboa, aliada à influência cultural que recebera do pai e á enorme curiosidade intelectual de que é testemunha a sua longa vida, iriam fazer dela uma mulher capaz de, nas páginas de todas as publicações em que colaborou, ter uma postura de mulher culta e intelectual, capaz de entender os principais desafios e oportunidades que se preparavam para as mulheres no campo educativo.

Algumas das colegas das turmas (cf. Composição das turmas, In *Apêndice Cap. 2*) do *Liceu Garrett* vão continuar amigas de Maria Lúcia Vassalo Namorado pela vida fora. Estão neste grupo Lucinda de Almeida Rocha e Maria António Prado Guerra, depois Barros por casamento. A primeira, colega na turma de 1923-24, escreve já casada para lhe oferecer a casa (Carta 3 Jul. 1929. Caixa 74. Maço 2). Muito mais tarde, escreve ainda por diversas razões: ao comprar um estojo de desenho lembra-se de aulas a que ambas assistiram no Liceu: “(...)Ao pegar no estojo veio-me a recordação do passado: as aulas da Cristina Pinto; que grande paródia! Era ver a que menos trabalhava (...) eu levaria a palma a todas; lembrás-te que incumbíamos a Arlete de lhe perguntar pela doente com as lamentações, a aula era mais curta? (...). E os pontos da história de arte? Esses já vinham feitos de casa! (...) Também te recordas das aulas da D. Clotilde que vinha substituir as professoras que faltavam? Calcula tu que essa nulidade foi e não sei se é reitora do Liceu do Porto; ontem li num jornal de Lisboa o falecimento do pai da nossa colega Maria Luísa Cruz –nossa condiscípula e chefe de turma depois substituída pela Marina- e ela e a irmã têm o mesmo apelido naturalmente casaram com dois irmãos(...). Agradeço notícias da Maria Ana e dá-lhe cumprimentos embora esteja ressentida porque não se interessou pela minha pessoa apesar dos favores e muito lhe vali nas aulas de Latim, como tu sabes (...) *malgré moi* não voltei a ter lições desde que casei estou num meio desconhecido e falta-me o diploma(...) em Lousa foi a minha reputação graças aos resultados dos meus alunos com os quais trabalhava afanosamente (...)” (Carta de Laura (Ferreira da Cunha), Porto. 10 Fev. 1941. Caixa 7. Maço 3).

No final desse ano de 1941 esta colega escreve novamente a Maria Lúcia Vassalo Namorado que lhe responderá, quase um ano depois, a 26 de Novembro de 1942. Nessa carta, Laura Ferreira da Cunha relembra situações do liceu que ambas viveram e faz

diversas críticas à obra *O Corte sem mestre* de Lília da Fonseca, amiga da directora de *Os Nossos Filhos* e ali colaboradora. Em relação à primeira parte do conteúdo<sup>123</sup>, ela escreve: “(...)Dirás que me vinguei do teu longo silêncio (...) enganas-te porque a vingança é o prazer dos deuses e eu sou um ser muito mesquinho para a tanto me equiparar; delonga devida a pequenos nada que me têm impedido de cumprir gostosamente este dever (...) sabes bem quanto nos ocupa a missão de donas de casa e daquela rapariga estouvada e desleixada que conheceste digo-te com orgulho, nada existe (...) ufano-me de saber cumprir o meu cargo estou mudada e até me parece uma ária da “Traviata” –ó como estou mudada”- das matemáticas que nunca peguei – façamos de conta que estamos no Liceu, termo académico - e só a ti devo ter passado no 5º ano a esta disciplina, atraem-me hoje, delicio-me por vezes a resolver problemas complicados que apresentam os pontos modernos, por vezes verdadeiras charadas, chego à conclusão de que a nova orientação pedagógica pretende fazer dos estudantes uns hábeis charadistas e fazer-lhes perder o amor pelo estudo, que só será acessível a cabeças privilegiadas (...) mas, no fim, as intelectualidades cada vez são mais fracas (...) depois deste prólogo oco, desejo informar-me da saúde (...)principalmente do teu filhinho que teve a pleurisia (...) minha filha com terrível impingem na pálpebra (...) tenho vago projecto de ir a Lousa no próximo Verão e depois fazer-te visita (...)”(Carta de Laura Ferreira da Cunha. Porto. 29 Dez. 1941. Caixa 7. Maço 2). A irmã desta colega, Virgínia Ferreira da Cunha escreve também a Maria Lúcia Vassalo Namorado<sup>124</sup>.

A segunda colega, Maria Antónia Prado Guerra Barros, escreve em 19 de Novembro de 1926 e em 19 de Janeiro de 1927, ou seja, quando Maria Lúcia Vassalo Namorado está doente.

Na primeira carta, ela dirá: “(...)Espero que quando leres a carta estejas boa de todo (...) mil e uma saudades das nossas colegas (...) novidades do Liceu: professora de Matemática usa cabelo “à garçonne”, anda de pasta e fala *achim*(...) no dia da apresentação foi uma risota (...) tu para ela, és a dechoito, a Vachalo (...). A Guardiola

---

<sup>123</sup> A segunda parte é analisada no cap. sobre a publicidade feita a livros em *Os Nossos Filhos*.

<sup>124</sup> Cartas de 8 Nov. 1946. Caixa 30. Maço 1; Carta de 4 Mar. 1947. Caixa 7. Maço 2 e postal de 23 Dez. 1947. Caixa 35. Maço 2. Na primeira delas, pede à directora da revista que lhe obtenha um emprego e agradece o favor que lhe fora feito, em Março do ano seguinte. Tinha conseguido o referido emprego, cremos que como dactilógrafa, em Fevereiro desse mesmo ano. Laura Ferreira da Cunha agradece também a Maria Lúcia Vassalo Namorado o favor que fizera ao conseguir o emprego para a irmã em carta datada do Porto. 14 de Fev. 1947, a que a directora de *Os Nossos Filhos* respondeu em 30 de Abril seguinte, como está escrito a lápis azul, no canto superior direito da carta que a antiga colega lhe enviara (Caixa 7. Maço 2).

continua cada vez mais rinoceronte (...). Outro dia disse *ambas as duas* (...). A Aurora está na mesma para não variar; a Seomara tem explicado que se tem fartado (...) a Cristina dá aulas de ditado em vez de Geografia; a Berta Maia diz mal de nós à Cristina e a Cristina diz que deu o programa todo; a *Ta-Tu* está cada vez mais *Ta-Tu* (...). Estás muito bonita no retrato; a Júlia tem um para ti (...). Votos pelas tuas melhoras (...)" (Caixa 7. Maço 1).

A segunda carta, escrita na última vez em Maria Lúcia Vassalo Namorado que está no 7º ano que não chega a frequentar, escreve-a Maria Antónia para dar as novidades do Liceu que são as seguintes: "(...)Desculpas por não ter respondido mais cedo tua carta mas tu sabes bem como o liceu nos ocupa todo o tempo(...) Estás melhorzinha? Eu estou cada vez mais gorda! Vou-te contar todas as novidades do Liceu: 1º: as crianças da turma excepto as de alemão foram fazer queixa à Reitora da Bicho, dizendo que não estavam contentes com as notas e que a Bicho não sabia inglês pois dizia *to must, espavoroso* e outras coisas no mesmo género(...). A Sra. reitora atendeu-as muito bem e falou com a Sra. D. Maria Bicho(...) o que disseram, não sei, o que sei é que ela não tornou a ir à aula e que vamos ficar todas prejudicadas(...) eu acho que fizeram uma grande tolice mas, como nada tenho com isso, visto ser de alemão, calo-me e deixo-as fazer o que querem(...)

2º A Guardiola continua a dizer cada vez mais tolices e manda-te muitos cumprimentos(...)

3º- A Beatriz Freire- uma repetente do 7º ano do ano passado- é a rapariga mais malcriada que conheço(...) chamou à Fernanda *estrebaria*, à Júlia, *testa de burro*, à Rosa Rita *disse que tinha cara de velha*, a mim disse-me que *teve muita pena de eu não me ter estendido em física(sic)*, etc. etc. A propósito, a Sr.(sic) D. Alice está tão generosa que me deu 16!!!

4º A Cristina está mais estúpida que nunca(...) estas são as principais novidades(...) É verdade foste nomeada presidente da *Associação escolar*(...) calcula que honra! Pena é que não possas gozá-la, mas paciência. A Carolina quer que nos(sic) façamos uma festa porque quer ver teatro sem pagar nada mas nós não sabemos ainda se a faremos(...) se a fizermos desde já ficas convidada. Cumprimentos da mamã e da Maria Helena(...)”(Caixa 7. Maço 2).

### 2.1.2.3 Leituras e sua influência:

Outro aspecto que nos interessa da vida de Maria Lúcia Vassalo Namorado é a identificação, como já fizemos em linhas anteriores, das influências que ela terá sofrido de autoras(es) que leu, das ideias que delas(es) recebeu. Essa tarefa fica facilitada com a análise dos documentos que tem no seu *Espólio* (cf. cap. anterior). Muitos têm a sua assinatura aposta, assim como a data em que foram adquiridos. Tal como para muitas outras meninas, a estruturação do seu gosto passara por leituras de muitas revistas mas sobretudo por livros com reflexão sobre o “(...) bem estar e bom uso do corpo(...)” (Barreira, 1994. p.17), sobre questões políticas, sobre princípios morais, sobre educação e muitos outros temas. Sendo o pai um admirador de diversos teóricos republicanos e sendo ela aquilo a que hoje chamaríamos uma leitora compulsiva, não surpreende que tenha lido diversas publicações periódicas e obras de que seguidamente damos alguns exemplos, assim como de alguns espectáculos a que assistia.

Em Torres Novas, onde vivera, frequenta os concertos realizados no Teatro Virgínia. As idas a festas musicais e os passeios pelo campo, aliados a férias passadas no Luso, por exemplo, faziam o quotidiano de solteira de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

Em 1927, com 17 anos, lê os *Episódios da minha vida: Memórias...* de Magalhães Lima<sup>125</sup> (s.d.), dedicado por este a Teófilo Braga. Nessa obra de um dos grandes ídolos do pai, vai encontrar algumas ideias que também a irão influenciar pela vida fora: a importância de Camões cujo “(...)tricentenário foi a maior manifestação cívica que se realizou em Portugal(...) que reviveu o esforço da Raça e com ele apareceu o ressurgimento da nacionalidade(...) e a essa revivescência nacional se deveu, em 1910, a proclamação da República(...)” (p. 15). O amor pela liberdade e a preocupação com os outros tendo conservado “(...)durante a existência, a mesma simplicidade dos primeiros tempos. Uma coisa me interessou principalmente: a sorte dos pequenos, dos humildes e dos desamparados, a sorte do povo, enfim, no seio do qual encontrei a bondade e a beleza moral...(p. 25); A tolerância profunda perante as ideias opostas: tal como Magalhães Lima, também Maria Lúcia Vassalo Namorado não vai “(...)quebrar relações pessoais com os meus adversários políticos. Eles representavam para mim um regime vicioso. Eram (...) as instituições que eu atacava e não os homens, alguns dos quais me

---

<sup>125</sup> LIMA, Magalhães (s.d.) –documentadas com fotografias e caricaturas de Rafael Bordalo Pinheiro, Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro e Francisco Valença. Lisboa: Livraria Universal de Armando J. Tavares. 333 p.

mereciam particular estima(...)" (p. 26) A defesa do optimismo mesmo nas circunstâncias mais adversas também a retira daquele republicano pois que "(...)é certo que não faliu o ideal a que me votei e que, através da confusão que domina o mundo, se esboça como a grande realidade de amanhã(...)" (p. 27). Também ela se sentirá sempre como uma mulher "(...)que ama o trabalho no isolamento, sem ódios, nem paixões, nem interesses;/uma mulher/ que, tendo por objectivo a Verdade e a Justiça, espera e confia(...)" (p. 29). Também a ele vai buscar o amor pela vida pois que "(...)Amei sempre a vida intensamente. Daí deriva o segredo da minha juventude espiritual. A própria morte é um fenómeno da vida. Resumi a minha existência numa aspiração constante de beleza moral. Diz um provérbio que viveu aquele que plantou uma árvore, durante a sua peregrinação pela terra. Foi á sombra da minha árvore que me mantive fiel e coerente — fiel aos meus companheiros e coerente com os meus princípios(...)" (p. 29). A defesa dos ideais indo "(...)á conquista de uma sociedade melhor, mais justa e mais humana(...)" apoiada num "(...) espírito de renúncia, e (...) não trocando a sua isenção por comodidades fáceis e efémeras(...)"(p. 29) pois que, como todos os fiéis, "(...) os que lutaram e sofreram pelo ideal sagrado, que o honraram e prestigiaram(...)" também ela se manteve, como esses, "(...)no seu posto, firmes, impolutos, alheios e acima das paixões, fortes e dignos, invencíveis pela consciência e inquebrantáveis pela vontade indomável. Os fieis são os que lutam e persistem. São os que vivem a vida espiritual sem a qual não há homens nem regimes que valham (...)Tudo o mais é pó da estrada(...)" (p. 31).

Nesta obra vai Maria Lúcia Vassalo Namorado encontrar ainda um conjunto mais vasto de princípios que ela irá interiorizar, quer por questão de feitio quer por questão de educação. Entre eles, contam-se a tendência para "(...) idealizar o amor, que se traduzia para mim num sentimento de bondade e de justiça. Revoltava-me contra tudo que era cruel, arbitrário e injusto. Não podia ver maltratar os animais. Já então considerava o direito á vida como o primeiro de todos os direitos, do qual os outros derivam logicamente—o direito á alimentação, o direito instrução, o direito ao vestuário, e até o direito á alegria. Considerava a vida inviolável e sagrada, desde o mais insignificante insecto até ao homem (...). Com que infinita ternura eu admirava o crescimento das árvores; com que meiguice aspirava o perfume das flores; com que emoção seguia o voo das aves no espaço! Era panteísta sem de tal me aperceber (...)"(p. 41). Aliada a estas qualidades éticas vai desenvolver as suas aspirações sociais e ligá-las ao amor pela vida

“(…)nas suas manifestações de bondade, de justiça e de beleza, —a beleza física e a beleza moral(…)”(p. 42).

Não hesitamos em transcrever as palavras de Magalhães Lima considerando que foi nessa longínqua juventude que Maria Lúcia Vassalo Namorado admirou o homem que afirmava: “(…) O meu único objectivo foi manter sempre íntegra a unidade moral da minha existência. E foi no exemplo dos chamados visionários, que me inspirei, aprendendo com eles a amar a democracia, e a ter confiança no meu próprio destino, como primeira força moral, e nos destinos da minha raça, da minha Pátria e da Humanidade. Á maneira de Giordano Bruno, creio na ciência, como único poder espiritual; creio no trabalho, como único poder temporal; creio no progresso, como lei da evolução humana; creio na democracia, em sua marcha ascensional e civilizadora, como finalidade histórica. Creio e confio num futuro melhor. (...) Se os homens faliram, a República não foi apeada do seu pedestal. São os imponderáveis que governam o mundo. Por isso morrerei intransigentemente e impenitentemente idealista(…)” (p. 45).

Como este autor cuja obra vimos citando, também Maria Lúcia Vassalo Namorado irá admirar o hino nacional, composto pelo “(...)admirável artista, republicano de sempre, Alfredo Keil(…)”(p. 178) que partilhava com “(...)o insigne académico, Henrique Lopes de Mendonça, (...)que, no princípio da sua carreira, foi proposto candidato republicano por Luanda, onde estava em serviço da Armada(…)”a glória de ter escrito o hino nacional, executado “(...)pela primeira vez, no Teatro da Alegria, num *aproposito*, intitulado *Torpeza*, de António Campos Júnior, em Janeiro de 1890, provocando um verdadeiro delírio(…)”(p. 179). Como ele, também Maria Lúcia Vassalo Namorado viria a defender que “(...)A liberdade de consciência é a base de todas as liberdades(…)” (p. 245) e que “(...) O que é preciso, absolutamente preciso, é ter carácter. E o carácter não se mantém á custa de tergiversações repugnantes(…)” (p. 249). A defesa do livre pensamento “(...)é, principalmente, em nossos dias, uma questão pedagógica. O seu objectivo mediato é uma campanha, baseada na história, na ciência, na filosofia, pela palavra escrita e falada, em prol da liberdade de consciência, e de respeito pelas leis, que impõem a neutralidade em matéria religiosa e a supremacia do poder civil(…)O que se torna preciso é criar uma consciência, alheia aos preconceitos aos prejuízos, ao fanatismo e ás superstições (...)procurando estabelecer a Justiça social sobre as bases da moral laica(…)” (p. 250).

Finalmente há ainda a defesa do pacifismo na perspectiva kantiana, ou seja, a defesa da arbitragem obrigatória e a ideia de que, se se regulassem os conflitos entre as nações se



chegaria um dia ao desarmamento. Deste grupo tinham feito parte “(...)Alice Pestana, a notável escritora, que adoptou o pseudónimo de *Caïel*, que fundou a *Liga Portuguesa da Paz* e a ela consagrou os seus talentos. Esta colectividade esteve dividida em duas secções: a masculina e a feminina. Na primeira, de que fui depois presidente, figuravam, além do Dr. João de Paiva, seu irmão José, seu sobrinho Pedro Ramos Paiva, (...) o Conde de Penha Garcia, César Porto, Dr. Pedro Roxa(...). Da segunda, faziam parte todas as senhoras diplomadas de Lisboa(...)”(p. 254).

Um outro ponto em que Maria Lúcia Vassalo Namorado vai ser influenciada por Magalhães Lima é na defesa da “(...) reivindicação feminista que tem os mesmos foros, os mesmos direitos e a mesma justiça que as reivindicações proletárias. Não se compreende que se queira a emancipação do homem e não se queira ao mesmo tempo a emancipação da mulher. A humanidade compõe-se por igual de homens e de mulheres. A (...) revolução francesa emancipou o homem, mas esqueceu a mulher. Condorcet no seu *Progresso do espírito humano* pugnou pela emancipação da mulher. (...)É este o lado fraco da proclamação dos direitos do homem, que não foi completa (...)Foi só a partir de 1830 que a questão voltou a agitar-se por iniciativa dos grandes reformadores Fourier e Saint Simon (...).Não é só sob o ponto de vista da assistência e da educação que a mulher tem desenvolvido as suas admiráveis aptidões como provam países civilizados, como o provam a Suécia, a Noruega, a Dinamarca, a Austrália, a Inglaterra e os Estados Unidos da América(...)” (p. 254).

Magalhães Lima fora um dos frequentadores do salão de “(...)Mme Avril de Sainte Croix, presidente do *Conselho Nacional das Mulheres Francesas*(...) (p. 258) e fora ele também que servira de intermediário para a criação do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* (...)”(p. 258). Também ele refere a importância da realização do *1º Congresso Feminista e de Educação* em 1924, que também abordaremos neste trabalho, assim como a necessidade de combater “(...)O atraso da mulher em Portugal é notório. O que urge, pois? Intentar uma campanha enérgica a favor da educação da mulher, como tão brilhante a fez D. Alice Pestana (*Caïel*), hoje quase esquecida e que tanto direito tem á nossa admiração pelas suas publicações, e ainda pelo seu feito educador, que se destaca de toda a sua benemérita obra. Ela foi, como disse, a fundadora da *Liga Portuguesa da Paz* (...). É-me muito grato prestar esta homenagem a quem tanto a merece pela compreensão da vida moderna(...)”. (Magalhães Lima, s.d., p. 260)

Neste texto também Magalhães Lima homenagerara uma uruguaia, Paulina Luisi, “(...)médica conceituada, realizou em Lisboa algumas conferências, que lhe valeram uma justa nomeada. Tratando da degenerescência da raça pelas doenças sífilíticas, do trafico das brancas, que é um dos aspectos da escravatura moderna, da regulamentação da prostituição e de outros problemas vitais para uma sociedade civilizada, a sua influencia criou raízes(...)” (p. 260). Esta defesa da educação feminina, aqui fortemente aplaudida, não foi sempre assim entendida pois que “(...) desde o começo da estruturação do sistema educacional português (1759-1772), o sexo feminino foi marginalizado visto que os diplomas jurídicos fundadores não continham uma só palavra que respeitasse a sua escolarização(...)”(Fernandes, 2003. p. 13).

Na maior parte das vezes, o “(...) ensino proporcionado pelos colégios e outras casas de educação” dirigia-se a jovens de procedência aristocrático-burguesa e apresentavam currículos inovadores, rejeitando os ensinamentos práticos tradicionais(...)"(Fernandes, 2003. p. 13) mas as meninas desses mesmos grupos sociais ficavam dele arredadas. Em muitos casos não era só o afastamento dessa educação que vigorava; “(...)desfigurar ou ridicularizar a sua capacidade intelectual(...)” (Fernandes, 2003. p. 13) era também uma forma de minorizar o sexo feminino.

Ao ler aquele texto nem a dita jovem sabia ainda de que forma essas palavras a haviam marcado e como a iriam orientar num futuro de trabalho esgotante de que ela ainda não suspeitava.

No campo das leituras que conseguimos saber que foram as suas temos ainda *O Elogio da Velhice*, de Paulo Mantegazza<sup>126</sup> que, escrito pelo autor em 1894, publicado em Lisboa em 1925, Maria Lúcia Vassalo Namorado comprou em Setembro de 1929. Como já referimos, esta e outras obras são fundamentais para a construção de uma forma de encarar o mundo da qual ainda estavam arredados outros meios de comunicação.

No *Espólio* que trabalhámos assim como na parte dele que a família doou à biblioteca Municipal de Torres Novas pudemos encontrar centenas de outros livros que, decerto, influenciaram Maria Lúcia Vassalo Namorado ou que também ajudaram a estruturar o seu pensamento. Não podemos esquecer que ela foi, em muitos assuntos, uma autodidacta que teve a sorte de realizar uma formação secundária num Liceu

---

<sup>126</sup> MANTEGAZZA, Paulo (1925) - *O Elogio da Velhice*. Versão do original italiano por Arlindo Varela. Lisboa: Empresa Literária Fluminense. 268 p.

prestigiado mas que, por diversos impedimentos e constrangimentos, não pode continuar uma formação no ensino superior, como fora sua ambição.

A consulta das obras que colocamos na bibliografia do presente trabalho<sup>127</sup> mostram-nos que ela lia as obras que comprava ou que lhe ofereciam, anotava-as e utilizava-as posteriormente nos seus mais diversos trabalhos.

Da análise feita ao conteúdo do *Espólio de Torres Novas* (cf. *Anexo Cap. 1-Espólio Torres Novas*) podemos ver quais as(os) autoras(es) que a marcaram, sobretudo no campo político e literário, durante este período da vida. É essa lista que apresentamos no quadro seguinte:

Quadro n.º: 4. Leituras de Maria Lúcia Vassalo Namorado:

Autoras(es)	Título(s)	Data ed.
BEIRÃO, Mário	O último lusíada, poesia	1925
BOSSI, Emílio	Christo nunca existiu	1909
BRAGA, Theophilo	Gomes Freire : drama histórico	1907
CARVALHO, Maria Amália Vaz de	Cartas a uma noiva	1930
	As nossas filhas : cartas ás mães	1904
CARVALHO, Maria de	Antes da batalha	1925
	Folhas, poesia	1921
	As sete palavras	1915
CASTRO, Eugénio de	Chamas duma candeia velha, poesia	1925
	Cravos de papel, poesia	1922
	Obras poéticas, poesia	1927
CASTRO, Fernanda de	Jardim, poesia	1928
CASTRO, Ferreira de	A casa dos moveis dourados	1927
	Emigrantes	1935
	Eternidade	[1930?]
	A selva	1930
COELHO, Trindade	Os meus amores	1928
DEUS, João de	Campo de flores	[1921-?]
DINIZ, Júlio	Uma família inglesa : cenas da vida no Porto	[1920?]
	As pupilas do senhor reitor : chronica da aldeia	1921
	Serões de provincia	1923
LIMA, Campos	O amor e a vida, Contos	1927
	Mulher perdida	[1927?]
NOLHAC, Pierre de	La reine Marie-Antoinette	[1920?]
OSÓRIO, Ana de Castro	O príncipe das maçãs de ouro	1935
PASSOS, António	A excelente aventura do cavaleiro Alaiz	1926
	Os três milagres subtis do convento	1925
RIBEIRO, Manuel	A catedral	1925
	A Colina Sagrada	1925
	A ressurreição	1925

---

<sup>127</sup> Cf. sobretudo capítulo *Fontes primárias* dessa Bibliografia

	Os vínculos eternos	1929
SAINT-PIERRE, Bernardin de	Paul et Virginie	[1920?]

Duma observação atenta dos títulos e autoras(es) desta listagem podemos concluir que Maria Lúcia Vassalo Namorado leu os chamados “clássicos” das meninas bem educadas e casadoiras, com muita poesia, que muito apreciava “(...) tinha um gosto especial por poesia(...)” (Entrevista a Rui Rosa, 22 Fev. 2002), e obras de lições moralizantes.

Sobre as leituras que terá feito e, com base quer nos livros que existem no *Espólio* que trabalhámos quer na parte que se encontra em Torres Novas, verificamos que muitas são as obras, sobretudo dos anos 20 do século passado que foram publicadas pela Editora *Spartacus*. Maria Lúcia Vassalo Namorado deve ter tido acesso a elas através do pai. Se muitas são romances, contos e, sobretudo poesia, muitas outras, como já referimos, são textos de carácter teórico sobre costumes ou mesmo sobre questões políticas.

Porém, falta uma obra que não sabemos se Maria Lúcia Vassalo Namorado a ele teve acesso e que é fundamental para depois compreender as posições que defenderá face ao tema da educação das mulheres. Referimo-nos ao texto relatório, da mesma editora, de Arnaldo Brazão, sobre o *Primeiro Congresso Feminista e de Educação*<sup>128</sup>. A análise deste texto será realizada mais adiante no capítulo deste trabalho em que nos ocupamos da educação feminina.

Depois de se matricular pela segunda vez no 7º ano, no ano lectivo de 1927/28, Maria Lúcia Vassalo Namorado desiste de estudar e regressa a Torres Novas. Encontramos aqui um hiato nos dados biográficos. Sabemos apenas que, no início dos anos 30, passa férias com a mãe em Lisboa, junto de Maria Cândida Caeiro, filha mais nova de Maria Lamas, na Nazaré e que é durante umas férias no Luso que virá a conhecer o rapaz de que ficará noiva e com quem se casa em 27 de Março de 1932 (cf. tb. Capítulo 5). De início não se percebia, no grupo em que se encontravam, se o interesse era para ela ou para sua prima Maria Emília, filha mais velha de Maria Lamas<sup>129</sup>. Como é evidente foi um namoro burguês, com regras próprias, visto como “(...) estratégia de sedução(...) era o caminho para o casamento(...) à janela, no baile, em férias, aceite como uma instituição aceite pela família, vigiado porém(...) com rituais de

---

<sup>128</sup> BRAZÃO, Arnaldo (1925) – *O Primeiro Congresso Feminista e de Educação: Relatório*. Lisboa: Edições Spartacus. 275 p. Esta obra foi-nos cedida, para consulta por João Esteves, da Revista *Faces de Eva*.

<sup>129</sup> Entrevista a Maria Cândida Caeiro.

atitudes, com código de comunicação não verbal e com papéis e comportamentos diferentes para o homem e mulher(...)”(Barreira, 1994. p.70). Dos medos e hesitações face a este namoro dão conta as cartas que troca com a prima mais velha do que ela dezasseis anos, Maria Lamas, á época já divorciada de há muito e novamente casada, mãe de três filhas.

O futuro marido, que andara a estudar em Coimbra mas não acaba estudos secundários, é Joaquim Jerónimo Silva Rosa, a quem a família trata por *Quim*. Nascera em Lorvão, Penacova, Coimbra, em 2 Outubro 1900 (Entrevista a Rui Rosa, 22 Fev. 2002), sendo portanto da mesma idade do irmão de Maria Lúcia Vassalo Namorado. O marido virá a falecer em Lisboa, em 12 de Julho de 1974 (Entrevista a Rui Namorado Rosa, 17 Jun. 2005). Esta localidade onde o marido nasceu vai ter uma imensa importância em algumas actividades realizadas por Maria Lúcia Vassalo Namorado, como veremos, nos finais dos anos 30 e até finais dos anos 50. Era já um pouco surdo (Entrevista a Maria Cândida Caeiro, 1 Mar. 2002) e escrevia-lhe cartas muito bonitas<sup>130</sup> (Entrevista a Teresa Alho, 9 Mar. 2002), hoje na posse dos filhos.

A preparação para o casamento e a do enxoval demorava algum tempo e entusiasmava as meninas casadoiras como escreverá mais tarde em *Os Nossos Filhos*. Vários são os textos que redige sobre o que entende deve ser o namoro, reflectindo talvez sobre a sua própria experiência. Um desses textos vai passar a livro, anos mais tarde, sob o título *Joaninha quer casar*<sup>131</sup>; outros são pequenas anotações aqui e ali, seus ou que publica escritos por outras autoras.

Bastantes anos mais tarde, em 1957, uma das suas colaboradoras estrangeiras, Ruth Martin, assina um artigo em *Os Nossos Filhos* em que o tema do abandono dos estudos para se dedicar aos preparativos de um casamento é condenado. Diz a articulista: “(...)Marina declarou que «ia preparar-se para o casamento», e a primeira decisão que tomou foi abandonar os estudos, sem esperar um dia sequer. Marina é muito jovem, e não frequentava nenhum curso superior. Estava, simplesmente, no último ano liceal; faltavam apenas dois meses para o fim do ano lectivo, que lhe daria um diploma valioso(...) /Foi/ uma decisão precipitada (...) fora óptima aluna na escola primária e, depois, no liceu. Que tolice é esta? (...) explicou que queria aproveitar ao máximo o

---

<sup>130</sup> Hoje em poder do filho mais novo. Como referimos no capítulo anterior, a privacidade tem de ser conservada e os Espólios nem sempre estão completamente intactos mesmo quando tal pode parecer o caso.

<sup>131</sup> A análise desta obra é feita também neste trabalho quando referimos as publicações de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

encantamento do noivado, que nunca mais se repetiria, Não se convenceu do contrário, nem quando lhe salientei que seu noivo trabalhava durante o dia, e que ela poderia muito bem fazer o mesmo(...)”. Depois deste “lead”, o texto aprofunda a ideia de que “(...)O que ela chama «preparação» para o casamento nada mais é que uma série, de saídas divertidas. Preparar-se para o casamento é pensar num passo sério e tratar de dá-lo com o pé direito. Então, no dia em que uma jovem resolve partilhar a sua vida um homem, terá que parar com o seu desenvolvimento intelectual? (...)deveria não somente acabar o curso liceal, como também fazer o curso de encadernação com que sonhava, antes de encontrar o noivo. Toda a rapariga que se casa deve levar para o lar bons conhecimentos de cozinha. Costura, economia doméstica, puericultura e uma profissão. Mesmo que não tencione trabalhar(...)”(ONF, Jan. 1957).

Sobre o entusiasmo, mas também da importância que atribui ao casamento dirá Maria Lúcia Vassalo Namorado, em “Carta a uma leitora”: “(...) todas vivemos um dia assim, em que o casamento (...) nos coloca no limiar de um reinado que nos envaidece um pouco, nos assusta muito e, quase sempre aborrece...(...)e entre os desconstruídos sentimentos que se atropelam no teu espírito, o medo vai aumentando: medo de tudo que desconheces e terás de resolver, menina ainda ontem obediente, subitamente vergada ao pesado jugo do mando! (...) que bem te saberia a presença de uma amiga mais velha, nada rabugenta, nada exigente, que soubesse guiar os teus passos, esclarecer as tuas dúvidas, decidir os teus embaraços- e fechar os olhos ao longo cortejo de faltas, filhas da tua ignorância! (...)” (p. 11). A tua missão de dona de casa não é das mais fáceis(...) mas acredita que é cheia de atractivos, e que só depende de ti torná-la verdadeiramente agradável. Basta aceitá-la com alegria, com boa vontade, com desejo sincero de acertar(...)” (p. 12). Maria Lúcia Vassalo Namorado defende uma preparação séria, atempada, para um acto tão importante. Não chega a dizer que o casamento não convém à filha; é preciso, com tempo, ir-lhe mostrando a sensatez de tal conselho pois, por vezes, pode ser tarde demais porque é “(...)vulgar um rapaz e uma rapariga casarem contra vontade de seus Pais, e fazerem um mau casamento. Muitas vezes, antes do casamento, já isso está previsto só pelos Pais, como pela família, e pessoas amigas. Só o noivo ou a noiva, no seu entusiasmo, vê o futuro cor-de-rosa, e todos os conselhos que se lhe dê(...)Por mais inteligentes que sejam os nossos conselhos, por mais justos que eles nos pareçam, são sempre mal aceites(...)Os Pais, geralmente, limitam-se a esperar, a esperar com paciência, que o amor desperte no coração de seus filhos, para então, perante a escolha, mostrarem os inconvenientes e as vantagens dela (Rosa Maria, ONF,

Mar. 1945). Com se verá nas cartas que Maria Lamas lhe escreve antes do seu próprio casamento, esta fora a situação em que se encontrara Maria Lúcia Vassalo Namorado (Entrevista a Maria Cândida Caeiro. 22 Jan. 2004).

Também insiste na diferença que existe entre namoro e casamento. Dirá ainda: “(...) Estavas (...)habituada a que teu noivo acedesse a todos os teus caprichos e tomaste por traços fundamentais de amor a galanteria transitória. Agora admiras-te de te veres em frente de um quase desconhecido, com modos, hábitos pensamentos que jamais suspeitaste. Por vezes, é isso que mais te fere, parece que passas do plano principal para o outro, secundário(...)gostou de ti tal como és, mais uma razão para conservares a tua personalidade. Mas penso que a personalidade deve evolucionar aperfeiçoar-se(...) Por outro (...) Lembra-te que ter personalidade não é a mesma que ser teimosa e agressiva...(...)” ( ONF, Jul. 1949). Durante o namoro “(...) ele dava-me livros para ler(...)já não era um fazer à toda, só por fazer. Via as coisas de mais alto. Agora, sim, é que eu avaliava a minha insignificância, até ali apenas pressentida. E mais uma vez me orgulhava de minha mãe: aquela intuição que meses atrás me guiara era na verdade maravilhosa, e, se eu a possuía, dela a herdara(...)só intuição não basta, compreendia-o perfeitamente; e procurava instruir-me. Nem tudo o que lia me interessava, confesso, nem sequer entendia com facilidade. Mas eu queria "aproximar-me"(...)Uma das coisas que me encantava (...)era o seu conhecimento dos assuntos a que hoje chamam «sociais»(...) por obra e graça do amor tudo se transformava: a vida tinha um significado novo e profundo. Duas vezes a Primavera me veio encontrar naquele êxtase maravilhado(...).Dois anos considerava-se tempo suficiente para um namoro a sério....Concluía o enxoval. Comprara seda branca para o vestido de noiva.(...)” ONF, Set. 1952).

Em 1938, ao escrever sobre as diferenças entre *casamento* e *noivado* é muito curiosa a distinção que estabelece entre as duas situações, aproveitando para aconselhar a jovem recém casada sobre o tipo de atitudes a adoptar para alcançar a felicidade conjugal. Se durante o noivado “(...) o noivo acede a todos os caprichos e achava bem e lindo o que fazias e dizias, isso era amor (...) no casamento ele é quase um desconhecido, com modos, hábitos e pensamentos de que não suspeitavas (...)” (*Modas & Bordados*. 31 Ago. 1938. p. 4). Em vez de entrar em choque, a mulher deve seguir alguns conselhos para manter “(...) a felicidade e o fogo sagrado do amor que lhe inspiraste. /Para isso/ (...) não te faças de criança mimada e impertinente (...) a vida é exigente e ele precisa retomar a vida de homem, cheia de problemas sérios e difíceis. Para ser feliz não te

faças muito susceptível, conserva a personalidade mas não te faças agressiva, aprende a ouvi-lo a explicar os assuntos que ignoras é o que mais agrada aos homens, sê cuidadosa com a tua pessoa, pontual com as refeições, se ele vem taciturno, rodeia-o de sossego, dá-lhe bons acepipes e não estabeleças conversa senão ao café. Se ele te desgostar, não ralhes, não chores e não amues(...) altivez consigas modificá-lo à custa de gentileza, bom humor, paciência, carinho (...) ele pode continuar como dantes mas não lastimes o processo adoptado (o único que devias seguir nem o tempo perdido) porque não o perdeste e mantiveste a vossa felicidade(...)” (*Modas & Bordados*. 31 Ago. 1938. p. 4).

O casamento civil realizou-se em casa, na Rua Alexandre Herculano, em Torres Novas (Entrevista a Teresa Alho, 9 Mar. 2002), como se vê pelas fotografias /scanner/que, do acto, guarda no *Espólio*. Assistem alguns familiares e nesse grupo também se inclui Maria Lamas, a prima dilecta a quem Maria Lúcia Vassalo Namorado chega a convidar para madrinha. A partir daqui o seu nome passará a ter, como era normal à época, dois novos apelidos que vai buscar ao nome do marido: será Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva Rosa, mais comumente, Maria Lúcia Silva Rosa. O casamento religioso, a que o pai veementemente se opõe, será realizado, no mesmo dia, na Igreja de Santa Cruz, em Coimbra. É antes dessa cerimónia que ela recebe o baptismo. Na sequência deste gesto, o pai não mais lhe dirigirá a palavra. Tal problema também nunca o esqueceu: “(...) eu pensava no pai com infinita amargura. Via-o na sua atitude colérica, como se nessa atitude tivesse ficado definitivamente para mim. Contudo o meu ressentimento esbatia-se e apetecia-me tornar a vê-lo, abrindo-me os braços e sorrindo-me como em raros momentos da minha meninice(...)Logo que saí de casa a vida para a mãe tornou-se um inferno. O pai acusava-a do meu casamento, da minha teimosia e desobediência. (...) Competia-lhe aconselhar-me, convencer-me, e se não fosse tão estúpida ter-me-ia demovido(...)”(ONF, Fev. 1953). As relações entre pai e filha serão reatadas, como é vulgar acontecer, apenas após o nascimento do primeiro neto, em 1933. Muitos anos mais tarde ela explicará esse atitude dizendo que o marido a convencera a casar-se pela igreja pois que iriam viver em Penacova, um meio pequeno, onde ele já estava colocado, e que se apenas se casassem pelo civil, as pessoas “(...) não a receberiam bem(...)” (Borges, 2003. p. 67). O marido era católico mas ela costumava dizer :“(...) não tenho quaisquer preocupações metafísicas(...)” (Entrevista a Maria Cândida Caeiro, 10 Fev. 2004).



Pouco antes de casar, Joaquim Jerónimo da Silva Rosa<sup>132</sup>, em 13 de Abril de 1931, ainda com 30 anos de idade fora avaliado como “(...) competente, honesto e muito trabalhador(...)” pelo Juiz da 1ª Vara de Coimbra, João Loureiro Bernardes de Miranda.

Tinha começado a trabalhar no final dos anos 20 tendo tomado posse como ajudante de escrivão do 3º ofício da 1ª vara e escrivão interino de Coimbra em 11 de Abril de 1928 e aí ficara até 20 de Junho de 1931. Toma posse como escrivão do julgado municipal, em 1 de Julho de 1931, em Penacova, onde fica seis anos. Sobre esse tempo da sua vida, nessa localidade, vai escrever mais tarde<sup>133</sup>: “(...) À nossa chegada todas as pessoas importantes da vila nos visitaram. Achei as senhoras simpáticas, um pouco cerimoniais, demasiado satisfeitas com a sua posição de mães de família consideradas, abastadas, sem mais conhecimentos e mais aspirações do que os circunscritos às quatro paredes da sua casa. Pareciam apreciar imenso as suas próprias vidas estagnadas, sem problemas nem inquietações. Reuniam-se à tarde e ao serão, infalivelmente, fazendo «crochet», conversando de bolinhos e flores. Eu fui para todas elas uma novidade, um bicho raro(...)” (ONF, Dez. 1952).

É transferido, como chefe de secção, primeiro para a Golegã, em 23 de Dezembro de 1937 e depois para o Seixal, a seu pedido, por permuta com Vergílio Romeu Ferreira, em 15 de Abril de 1940, cargo de que foi exonerado em 3 de Janeiro de 1945 para ocupar, em Lisboa, o lugar de ajudante de chefe da 1ª secção da secretaria do *Supremo Tribunal de Justiça*, em 7 de Dezembro de 1944, tendo tomado posse um mês depois<sup>134</sup>.

---

<sup>132</sup> Ministério da Justiça. Arquivo da Direcção-Geral da Administração da Justiça – *Processo de Joaquim Jerónimo da Silva Rosa*. 1ª Secção- 247. Caixa 18.

<sup>133</sup> Texto de sua autoria, intitulado *Uma vida de mulher*, que começa a ser publicada em *Os Nossos Filhos* em 1952: N.º 121. Jun. 1952. p. 20 e 21; n.º 122. Jul. 1952. p. 18-19 em diante.

<sup>134</sup> Será ainda promovido a ajudante de 2ª classe em 26 de Fevereiro de 1949 e colocado em Lisboa, no *Tribunal de Recurso das Avaliações*, em comissão de serviço, em 22 de Maio de 1951, por despacho de 16 de Abril de 1954 passa a chefe de secção do mesmo tribunal, sendo promovido a ajudante de 1ª classe em 14 de Fevereiro de 1955, continuando na mesma comissão de serviço até 12 de Abril de 1962. Nesse ano faz um primeiro pedido de aposentação mas desiste da ideia e, em 9 de Janeiro de 1965 é transferido, a seu requerimento, para o 8º *Juízo Correccional* de Lisboa, sendo nomeado chefe de secretaria interino em 20 de Dezembro de 1965. Dois anos depois, em 6 de Abril de 1967, por incapacidade declarada pela *Junta Médica da Caixa Geral de Aposentações*, passa à situação de reforma com 37 anos de serviço.

Durante todos estes anos, dado que era hipocondríaco (Entrevista a António Carlos, 2 Mar. 2002) terá diversos períodos de baixa por doença: um mês em 1933, outro em 1934, outro em 1936, 30 dias em 1938 e 1939 e 28 dias no ano seguinte mais 15 dias em 1941. Terá mais 28 dias em 1950, um mês em 1952, 69

O grande sonho de Maria Lúcia Vassalo Namorado foi sempre vir para Lisboa. As cartas que escreve a Maria Lamas são dele o mais verdadeiro exemplo. Esse é também o teor do documento que encontramos<sup>135</sup> no *Espólio* da pedagoga. Em 1945, então como chefe de secção judicial do Seixal, o marido vai solicitar a colocação, em Lisboa “(...)nos Tribunais de Execução de penas, a criar, ou em qualquer outro lugar compatível com a sua categoria, naquela cidade(...)”. É o único documento em que temos a indicação de que ele teria feito o 6º ano do Liceu, embora soubéssemos já que o acabara em Coimbra (Entrevista a Rui Rosa, 22 Fev. 2002). Mesmo com “(...) boas classificações(...)” (Caixa 72. Maço 0) como refere no documento, só conseguirá vir para Lisboa em meados dos anos 40.

Maria Lúcia Vassalo Namorado terá três filhos: Fernando, Luís e Rui. O primeiro nasce em Penacova, em 1933, no mesmo ano em que nasce o filho do Dr. Benjamin Spock, cujo livro *Meu filho, meu tesouro* será escrito para ensinar milhares de mães a saberem sê-lo. Porém, nessa época o livro ainda não fora escrito. Maria Lúcia Vassalo Namorado, como ela própria diz, utilizara outro livro então na moda “(...) *O Meu menino* do Dr. Samuel Maia “(...)quando, há anos, nos encontramos pela primeira vez com um filho nos braços e na nossa ignorância(...) foi neste precioso livro que buscámos ensinamentos e conselhos. Graças a ele, nós, que nada sabíamos, pudemos criar com saúde a nosso primeiro filho — e os que vieram depois(...)” (ONF, Out. 1942).

O segundo filho nasce em 1935, também em Penacova e, o último, em 1940, já em Lisboa. Os dois mais novos ainda chegarão a Lisboa a tempo de poderem ingressar no *Jardim-Escola João de Deus*, na Estrela. Maria Lúcia Vassalo Namorado era “(...) uma excelente educadora dos filhos(...) sempre muito preocupada, mas com mão de ferro sobre eles(...) para ela, muito mais do que para minha mãe, a educação dos filhos estava em primeiro lugar, foi sempre a sua preocupação(...)” (Entrevista a Maria Cândida Caeiro, 22 Jan. 2004). O filho mais velho frequentou o Liceu Pedro Nunes, em Lisboa. Sendo um pouco conservador, virá a discordar do divórcio dos pais, anos mais tarde

---

faltas justificadas e 119 dias de licença por doença em 1965 e todos os meses entre Fevereiro e Agosto de 1966.

<sup>135</sup> É apenas uma página A4, dactilografada e tem o registo 18582 da Base das cartas do *Espólio*. Estava solta, dentro do livro CANFIELD-FISHER, D. (s.d.) – *L'Éducation Montessori: Les principes qu'applique Mme Montessori dans les « Case dei bambini » causeries et notes d'une mère: Adaptation française de Jacqueline André ; Introduction par Mlle Magdeleine Dufresne*. Paris: Librairie Fischbacher. 236 + 22p. Foi por nós colocado, em 15 de Dezembro de 2003, na pasta verde que nessa data foi entregue para o *Espólio* pelo Prof. Rui Namorado Rosa ficando como Caixa 72. Maço 0 do *Espólio* de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

(Borges, 2003. p. 67). Dava “(...) tratamento diferenciado aos filhos, porque eles também eram diferentes (...) com o mais velho havia, por vezes, algumas dificuldades na relação; com o do meio, sem compromissos políticos fortes, mas empenhado e activo, a relação era mais calma; com o mais novo, filiado no PCP, a relação foi mais prolongada porque ficou em casa ainda bastante tempo, depois dos outros dois casarem(...)”(Entrevista a Rui Rosa, 22 Fev. 2002). O que sabemos dos filhos é, sobretudo, através das cartas das(os) colaboradoras(es). Em *Os Nossos Filhos* saiu uma fotografia<sup>136</sup> de um deles – Luís Rosa – aquando da sua participação num dos concursos que ela promovera e no qual ele ganhou o 5º prémio.

Deste filho do meio, aquele que Maria Lamas mais refere, durante anos, na sua correspondência, seguido do mais novo, vamos sabendo do seu jeito para o desenho. São frequentes essas referências da parte de Matilde Rosa Araújo (cf. Carta Maço 42. Maço 1) que sugere que um dos seus textos seja ilustrado por ele: “(...)Gostaria que ficasse associado o nome de seu filho- é assim, não é?- que a sua modéstia de mãe o consinta, sim? (...)” na biografia que esta escritora redige sobre Einstein. Maria Palmira Tito de Morais a ele também se refere, quando lhe escreve da Síria dizendo que aí vai recebendo a revista e nela “(...)Acompanho-a no prazer que certamente tem ao ver os progressos evidentes do seu jovem desenhador(...)” (Cf. Carta Caixa 42. Maço 1).

As melhores apreciações a esse filho vêm de Maria da Luz de Deus Ramos Ponces de Carvalho. Escreve:“(...) (...)Fui absolutamente sincera nas apreciações que fiz aos trabalhos que vi do seu filhinho. Já há alguns anos que me dedico ao assunto e tenho observado muitas dezenas de crianças. Achei o seu filho excepcional mas não posso dar uma opinião muito segura, visto que não o observei directamente tanto mais que nestas idades são prematuras as conclusões...nos trabalhos infantis que se distinguem, é difícil extremar os artistas natos das crianças muito inteligentes. Confundem-se nas manifestações porque a cabeça supre muitas vezes o que a intuição artística não dá, como a intuição artística supre a deficiente(sic) intelectual(...)” (Carta de Canas de Sabugosa, Beira Alta. Caixa 42. Maço 1). Vai até solicitar o “empréstimo” deste filho, pelo menos em duas cartas. Numa delas pede “(...) mais um favor:“(...) tenho vontade de observar algumas crianças depois daquele período de idade em que me têm sido confiadas. Consagrei uma parte das minhas tardes de Sábado para organizar um

---

<sup>136</sup> É publicado um desenho no n.º de Dez. de 1955 e ainda a fotografia no Concurso dos *Mil e Um retalhos*, como veremos no capítulo respectivo. Do filho do meio há uma fotografia em que ele apresenta um modelo de roupa para criança mas não foi possível identificá-la.

pequeno *Curso de desenho*. Quer-me mandar o seu Luís? (...).Não sei se o curso poderá ser muito regular mas pelo menos servirá de estímulo para conservar o gosto pelo exercício do desenho(...)" (Caixa 42. Maço 1), ou ainda: "(...) O seu Luís não tem trabalhado nada? É pena porque nunca encontrei uma criança mais escrupulosa e exigente no seu trabalho(...)" (Caixa 42. Maço 1). Numa outra, dirá também:“(...) se houvesse possibilidade emprestar-me por umas horas o seu filho Luís. Tinha curiosidade de o conhecer. O poeta Carlos Queiroz deseja incluir na revista *Litoral* um trabalho sobre as primeiras manifestações artísticas nas crianças portuguesas. Encarregou-me desse trabalho. Focará principalmente as revelações artísticas e étnicas. (...) Caso seja possível enviar-me o seu Luizinho poderá fazê-lo aí para o Jardim-Escola todas as manhãs, menos às 3<sup>as</sup> e 6<sup>as</sup> em que vou a casa da pintora Eduarda Lapa. Se convier mais de tarde agradecia que mo mandasse aqui a casa onde terá outros meninos a conhecer. Preferia observá-los em curso porque assim estará o seu pequenito mais à vontade e não parecerá que está a ser examinado(...)" (13 Dez. 1943. Caixa 42. Maço 1).

Esta senhora conhece bem esta criança e o irmão, o filho mais novo de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Sobre este último dirá:“(...) Examinei há pouco em aritmética o seu Ruizito e quero-lhe dizer que entre tantas crianças ele se distinguiu, surpreendeu-me até porque o via tão tímidozinho não o julgava com aquela vivacidade de raciocínio. Felicito-a porque deve ser uma coisa muito agradável ver os filhos dotados e é um certo descanso sobre o futuro deles é uma grande coisa para se poder triunfar na vida(...)" (Caixa 42. Maço 1). E ainda: “(...)Os seus pequenitos a Sra D. Berta parece que estava contente com o Ruizinho. Nesse ponto( ...)parece que é bastante feliz os seus pequenos, pelo menos os que conheço, são realmente modelados de excelente massa plástica. recordações afectuosas para eles(...)"( 16 Maio 1948. Caixa 42. Maço 1).

Quanto ao filho mais velho, Fernando Rosa, com nove anos quando a revista *Os Nossos Filhos* começou a sua publicação, será ela a referi-lo quando, em 2 de Maio de 1944 inicia uma rubrica, espécie de diário, em que refere “(...)fui mandar fazer um fato para o Fernando nos *Armazéns do Chiado* porque ele vai fazer a sua comunhão particular e só tem um fatinho completo, muito usado(...)"(Caixa 74. Maço 2). Também sabemos que, entre Novembro de 1952 e Novembro de 1956 ele teve alguma colaboração<sup>137</sup> em *Os Nossos Filhos*, pela qual foi pago (Caixa 22. Maço 4).

---

<sup>137</sup> Uma parte da documentação administrativa do *Espólio* ficou na sua posse (Entrevista a Rui Rosa. 22 Fev. 2002).

Muitas vezes vai ainda dar exemplos da forma como educa os filhos, sem menção especial a qualquer deles, referindo-os todos ou apenas o mais novo, realmente o mais presente nos seus textos em toda a revista. Refere-se aos dois mais velhos quando, a propósito de uma senhora que é censura da por usar uma espécie de ‘trela’ para orientar o filho na rua lhe diz: “(...) É o que lhe aconselho: (...)continue a usar a correia. É desagradável ouvir os comentários das pessoas ignorantes, mas, pior seria ver o seu pequerrucho debaixo dum carro. Custa dizê-lo, mas neste assunto, e em muitos outros, estamos muito atrasados. Quando os meus filhos, eram pequenos, eu morava num 2.º andar, e não podia vigiá-los sempre, mandei pôr na janela de sua casinha de estar, um caixilho em rede, o que hoje se vê com frequência mas, na época, era inovação. Pois chegaram a chamar-me «selvagem», por «engaiolar» os filhos. Tive, sempre .muito pena das pessoas que assim pensavam, e nunca me incomodei com os seus indignados comentários(...)”. (ONF, Abr. 1947).

Para não ser tão verídica a sua situação, por vezes introduz algumas modificações na sua situação de mãe como descreve um episódio de angústia pelo qual passou aquando dos primeiros meses do filho mais novo: “(...)Quando o Rui nasceu eu já tinha duas filhas e estava convencida de que sabia tudo acerca dos cuidados a ter com as crianças. Lera todos os livros de puericultura publicados entre nós, e recebera os conselhos de bons especialistas. Conhecia perfeitamente os hábitos infantis — e no entanto eu estava totalmente desprevenida para resolver o problema que tive de encarar quando comecei a dar de comer ao Ruí, com uma colher(...) com papas, por vezes engasgava-se(...) estava, certa de que o médico me diria que o meu bebé sofria de alguma estranha anormalidade que o impediria de comer como as outras crianças.Entregava-me a estas ideias pessimistas enquanto esperava a minha vez, na sala de espera do consultório. E comecei a chorar. Eu estava há pouco tempo em Lisboa, e não conhecia o médico que procurava, Mas inspirou-me tanta confiança, que, além de lhe contar o que se passava com o meu bebé, pus-me a falar também da nossa vinda para a capital, da dificuldade em arrendar casa, da minha fadiga, do meu desgosto por não ter quintal para as crianças(...) Ele ouviu-me em silêncio, pôs-se a brincar com o Rui, observou-o com toda atenção, e declarou-me que a criança era perfeitíssima(...)”(ONF, Maio 1955).

Muito frequentemente vai referir-se ao seu quotidiano e ao dos filhos para o apresentar como exemplo de conduta e de atitudes educativas a seguir pelas outras mães. A título de exemplo recordemos apenas três excertos de textos seus.

Um em que nos descreve a sua vida atarefada de dona de casa que vai ao Mercado ao Domingo e que, perante uma mãe que expõe o filho doente: “(...) no chão viscoso, a destilar o cheiro enjoativo da água do peixe, está uma canastra; e, deitada nela, uma criança meio tapada, com o rosto disforme (...) inchado, lívido, duma lividez cancerosa, entre ligaduras que vão da cabeça ao queixo(...) / intervém tentando chamar a atenção das autoridades para o efeito e / ainda me faz tremer de dor e de revolta (...)”. (ONF, Set. 1947). Um outro em que, em 1944, durante alguns números, vai fazer uma espécie de diário, em que anota pequenos pensamentos a acontecimentos sobre/da sua família, do seu quotidiano: (...)Quando os meus filhos saíram, fui à janela vê-los. O Luís, a caminho da Escola Primária cortou para a esquerda —o Fernando que está no Liceu, seguiu para a direita. Este afastamento, em direcções opostas, pareceu-me um símbolo(...)Tão unidos os trago nos meus cuidados e no meu Amor — para a Vida amanhã os levar, sei lá por que diferentes caminhos?(...)” (ONF, Nov. 1944).

Finalmente num outro dirá:“(...) O meu Rui Manuel, que completou os seus 4 anos em Junho passado, principiou a sua vida escolar; foi hoje pela primeira vez ao *Jardim-Escola de João de Deus*. Estou contentíssima por o pequeno ter sido admitido. Sei que os pedidos de admissão que não puderam ser atendidos excedem a lotação dum segundo Jardim-Escola. E admiro-me que numa cidade como Lisboa haja apenas um. (...) que todos os municípios, e que todos os pais reconheçam o valor destes Jardins e contribuam para que nas suas terras haja tantos quantos necessários, para que todos os pequeninos lá tenham o seu lugar(ONF, Nov. 1944).(...)eu pensei com alegria (...) que disse sempre ao meu filho: Vais gostar de andar na Escola. As professoras são muito boas, e amigas dos meninos. Elas vão ensinar-te jogos, cantigas e danças muito lindas e engraçadas. E aprenderás muitas coisas mais para seres um homem! Senti uma pena enorme pelas crianças a quem as mães dizem: Tomara lá que tenhas idade para te meter na escola! Não posso aturar-te!. Não tens juízo, vais para a Escola! São esses que nos primeiros dias se desfazem em lágrimas (...).Hoje, domingo, eu e o meu marido dedicámos hoje o dia aos pequenos. Demos passeio, jogámos(...) brincámos como se fôssemos todos crianças. Que bons são estes dias calmos, em que esquecemos a guerra, as dificuldades da vida, as maldades dos outros, os nossos azedumes— e olhamos tudo pelos olhos límpidos dos nossos Filhos! (...)”(ONF, Nov. 1944).

No ano seguinte, dirá :“(...) Hoje é o dia dos compras. Como os pequenos não têm aulas de tarde, ao sábado vou com eles comprar aquilo de que necessitam. Cada um recebe o sua mensalidade, possui p seu caderno de despesas, e têm de resolver os seus problemas

económicos—compra de vestuário...de calçado, de livros, pagamento dos estudos, gastos com ofertas, passeios, etc. Eu sugiro e os dois mais velhos resolvem, o mais novo deixa-se convencer. Como eles se sentem importantes! E eu penso que os meus queridos rapazes vão assim aprendendo as boas regras da economia. Quantas pessoas gastadoras o são porque as não habituaram de pequenas a utilizar o dinheiro (...)”(ONF, Abr. 1945). Dois anos mais tarde voltam mais algumas dessas informações/conselhos educativos: “(...) para o meu Rui Manuel, «a lição de canto coral» vinha à cabeça do rol «coisas boas». Cantar, dançar, desenhar, desempenhar pequenas tarefas, não esquecendo a jardinagem — eis um programa útil e agradável, para os nossos pequenos, os mais novinhos tão abandonados a si próprios, os mais velhitos tão sobrecarregados com as “lições dos livros” e que os prendem horas e horas a uma carteira. Terão os meus netos, uma vida, enfim, como eu desejei e não pude proporcionar aos meus filhos? (...)” (ONF, Maio 1947). Ou ainda quando, no mesmo número da revista, ficamos a saber que o filho mais novo dissera à mãe que o irmão mais velho já namorava. Como reage ela? “(...) Evidentemente, com 14 anos, o meu Fernando ainda não tem idade para namorar. Mas entendi que devia aceitar a notícia com naturalidade...Pelo contrário, os rapazes devem conversar com as raparigas. Eu gosto bem que os meus filhos conversem com as suas colegas. Evidentemente, que sejam bem, educados, amáveis para elas. Os rapazes devem ser sempre tão atenciosos, respeitosos, para as meninas, como se elas fossem suas irmãs. Creio que é este caminho de simpatia e compreensão o melhor para continuar a possuir a confiança dos meus filhos(...). O pai concorda absolutamente comigo, E assim, que já fez 14 anos uma conversa particular, absolutamente natural, procurando, sobretudo, (...) para se completar e fortalecer a sua educação sexual e moral (...)” (ONF, Maio 1947).

Mesmo com enormes dificuldades, Maria Lúcia Vassalo Namorado nunca descurará aquilo em que mais acredita: a importância da educação das crianças, a começar pela dos filhos: o mais velho, Fernando Vassalo Namorado Rosa, nascido em 9 de Fevereiro de 1933, em Penacova, será o único que não vai frequentar o ensino infantil por aí não existir. Em Lisboa frequentará o Liceu Pedro Nunes e conclui o curso de Economia e Finanças. O filho do meio, Luís Vassalo Namorado Rosa, nascido em 14 de Janeiro de 1935, na mesma vila, terá uma “(...) educação esmerada (...)” (Entrevista a Rui Rosa, 17 Jun. 2005), para a época. Teve aulas particulares de desenho e pintura com Armando Lucena, era entusiasta de ópera, teve treino formal de canto, indo como solista a saraus de fim de ano. A mãe acompanhava-o ao piano. Praticou hóquei em patins no

*Clube Atlético de Campo de Ourique* e fez ginástica de competição no *Sporting*. Hoje é arquitecto. Como Rui Manuel Vassalo Namorado Rosa, o filho mais novo de Maria Lúcia Vassalo Namorado, também frequentou o *Jardim-Escola João de Deus*, na Estrela. A escolaridade primária foi completada na *Escola Oficial n.º 6*, junto ao Casal Ventoso. Este filho mais novo fez atletismo e aprendeu música durante 10 anos, em casa da professora Maria Luísa Manso, como veremos mais adiante, uma das fundadoras, mais tarde, da *Academia de Música de Santa Cecília*. Foi ainda membro do *Coro Infantil* que Francine Benoît fundou na *Associação Feminina Portuguesa para a Paz*, a que nos referiremos também mais adiante, neste trabalho. Hoje professor universitário e empenhado cidadão, doutorou-se em Física. A mãe, acérrima opositora dos castigos corporais, apenas o castigou uma vez: quando ele resolveu desmanchar um relógio do avô materno, para ver como era o mecanismo interno!

Como constatamos, durante o período em que Maria Lúcia Vassalo Namorado vai iniciar a sua actividade como jornalista, ainda em Penacova e depois como directora da revista *Os Nossos Filhos*, em 1942, ela viverá sempre na *Província*, como não se cansa de referir. Esse será sempre um posicionamento de que não se esquece. Não fora também muito gratificante a sua primeira vinda<sup>138</sup> a Lisboa, como assinala: “(...)Nascida e criada na província, só por volta dos 10 anos vim pela primeira vez a Lisboa. E já então, o que mais me surpreendeu na cidade, foi o espectáculo dos cegos pedintes. Entendia eu, na minha ingénua e fantasiosa ignorância, que na capital tudo deveria ser belo e agradável, que todas as notas de miséria eram apanágio exclusivo das aldeias, pobres e atrasados aglomerados de cavadores. Quantas vezes me tenho lembrado dessa minha distante e dolorosa desilusão!...” (ONF, Abr. 1947).

Em 1 de Junho de 1942, quando sai o primeiro número de *Os Nossos Filhos* e durante os dois anos seguintes, já ela está em Lisboa e é o marido que se desloca para o Tribunal, no Seixal. São ainda alguns os vestígios que do casamento encontramos na obra de Maria Lúcia Vassalo Namorado e a eles nos referiremos mais em pormenor quando abordarmos as questões da educação feminina e masculina por ela preconizadas

---

<sup>138</sup> Talvez seja a primeira de que guarda recordação pois que tem fotografias, bem mais pequena, tiradas na capital /scanner/com cerca de 1 ano e meio a 2 anos, descalça, tirada pelo fotógrafo Silva Nogueira, da R. D. Pedro V, 18 em Lisboa; ou terá o fotógrafo ido a Torres Novas? Tem ainda outra fotografia, aos 7 anos de idade, em plena 1ª Guerra mundial /scanner/ em 2 de Novembro de 1915 com dedicatória para a *prima Joaninha* (Cf. Doação Maria Cândida Caeiro, em 13 Fevereiro 2004).



em *Os Nossos Filhos*. Na correspondência com Maria Lamas (Cf. Cap. 5) também os respectivos casamentos e as questões profissionais são os dois temas que mais confidências arrancam a estas duas mulheres.

Nas entrevistas que realizámos houve uma certa unanimidade em considerar o marido como uma figura apagada, “(...) muito educado mas que não a ajudava nada(...)” (Entrevista a Ana Oliveira, 3 Mar. 2002), “(...)contraíndo dívidas absurdas(...)” (Entrevista a António Carlos, 2 Mar. 2002), “(...) deixando-a muito só(...) ele não ia a festas de anos da família(...) nunca ouvi nada da boca dela (...)”(Entrevista a Alice Vieira. 16 Abr. 2004) ou ainda “(...) Não gostava nada de falar da vida dela com o marido (Entrevista a Anabela Cerqueira Moreira, 14 Abr. 2004), “(...)não me lembro de ver o marido dela embora lá fosse a casa ao serão com minha mãe (Entrevista a Maria Yolanda Lapão. 29 Abr. 2004) ou como dirá ainda Leonoreta Leitão: “(...) Maria Lúcia viveu para os filhos. Não era fácil encontrar um homem para ela(...) teria de ter uma certa craveira para ela se interessar(...)” (Entrevista a Leonoreta Leitão. 18 Mar. 2004). Sobre este sofrimento que todas(os) pressentiam mas que bem poucas(os) conheciam Maria Lúcia Vassalo Namorado tinha o recato feminino de quem aprendera que deveria “(...) não deixar transparecer um pensamento, uma reacção reveladores dessa luta constante e angustiosa. Para sair de mim, voltava-me para a vida viva que palpitava à minha volta.(..) o /marido/ mostrava-se optimista; de facto, a sua grande competência profissional, o seu admirável tacto administrativo, depressa garantiram o desafio da nossa situação. Contudo eu vinha de casa de meus pais onde havia celeiros atulhados e salgadeiras que jamais se esvaziavam — e agora comprava semana- após semana o pouco de que semanalmente precisava para meu sustento e de meu marido, Sentia-me desorientada(...)Eu trabalhava» trabalhava, trabalhava quanto as forças mo permitiam. Gostava tanto de preparar as refeições de meu marido, de tratar-lhe da roupa, cuidar do nosso lar. Tudo eu fazia alegremente e não seria, demasiado se tivesse para isso o dia inteiro(...).Levantava-me cedíssimo e deitava-me tarde, o que, se por um lado me fatigava, por outro impedia que pensasse demasiado em mim própria(...) Ele não compreendia a minha necessidade de me cansar, de me atordoar, e eu retorquia, sem mentir, que não gostava da preguiça(...).Afiml a minha saúde ressentiu-se do excesso de trabalho(...)” (Jan. 1953). Maria Lúcia Vassalo Namorado aprendera com a mãe que “(...)o pai também nunca fora marido fiel mas guardava as conveniências(...) (ONF, Mar. 1953); porém, o conselho era “(...) desabafar teus desgostos conjugais, mesmo que seja com atua melhor antiga, é hábito que não deves adquirir, e, se já o tens, a que deves

renunciar imediatamente. Seria necessário que a tua amiga fosse invulgarmente sensata, inteligente, conhecedora da vida e do pobre coração humano, para se não tornar embora inconscientemente! — a tua indesejável conselheira, isto é: a tua pior inimiga(...)” (ONF, Fev. 1951).

Joaquim Jerónimo Silva Rosa morreu em 1974, como referimos, mas a separação do casal ocorreu entre 1953-55 sendo que as dificuldades de relacionamento haviam começado muito antes, “(...) pelo menos desde o início dos anos 50(...)”(Entrevista a Rui Rosa, 22 Fev. 2002). Ela sabe o que são os problemas conjugais e aconselha as mulheres que se lhe dirigem: “(...)Reveste-te de paciência, paciência, e mais paciência; e procuro, através de tudo, mostrar-te calma, delicada, gentil, e confiante. Não discutas, em tudo que seja importante dá a tua opinião, explica as tuas razões, aponta os inconvenientes e os defeitos, marca a tua atitude com serena e firme energia mas sem lágrimas,, nem censuras, nem discussões. É muito difícil, eu sei, mas tu és uma verdadeira mulher (...)” (ONF, Nov. 1953). O divórcio foi então inevitável<sup>139</sup>.

Como referimos, a escrita de Maria Lúcia Vassalo Namorado é muito um seu reflexo, um lugar onde ela fala de si aos outros, sempre ocultando-se. A vida familiar de mulher casada, extremamente feliz com os filhos mas, infeliz com o marido, atravessa-a de uma ponta à outra. Quando em 1982, já com setenta e três anos, envia um conto para a revista<sup>140</sup> *Nova Augusta* da Biblioteca Municipal de Torres Novas, terra onde nascera, intitulado *Memórias de um candeeiro*, é sobre si, sobre o seu casamento que fala, com uma enorme tristeza, quando diz: “(...)“(...) ela permanecera fiel, numa doação total e ele ficara preso ao hábito, só por hábito, incapaz de um sentimento mais profundo (...)eu não podia compreender que ele a atraísse, e nunca lhe perdoei todo o mal que lhe causou. Porque eu sei o que ela sofreu tentando desesperadamente prender o amor que lhe fugia (...) (p. 79) Ela era inteligente, sensível, delicada, esta era estúpida, fria e

---

<sup>139</sup> No passaporte datado de 2 de Agosto de 1963 ainda estava com o estado civil de *casada*. Sobre a sua resolução de pedir o divórcio dirá mais tarde que colocou o problema aos filhos, já crescidos: “(...) o mais velho é um católico, apostólico romano o mais que se possa imaginar. O do meio, tenho a impressão que tem qualquer coisa lá dentro mas não pratica nem se manifesta e o mais novo não é nada, é de esquerda (...). Uma vez reuni os três filhos, eles estavam a par da situação, que o pai já não estava em casa, e disse-lhes: «a mãe já não aguenta mais tempo esta situação(...) portanto tenho muita pena, mas vocês já estão criados, e a mãe vai-se divorciar» e diz o mais velho «Oh, mãe veja bem, então depois a mãe é uma senhora divorciada» e diz o segundo «o que é que isso tem? É uma situação legal como outra qualquer». Divorcia-se depois do 25 de Abril.(...)” (Borges. 2003. p. 214-15).

<sup>140</sup> Namorado, Maria Lúcia (1982) – *Memórias de um candeeiro*. *Nova Augusta 2: Revista da Biblioteca Municipal de Torres Novas*. 2ª série. N.º 2. p. 77-81, n.º de Dezembro, comemorativo das bodas de prata da Biblioteca e Museu Municipal Gustavo de Bivar Pinto Lopes (fundador da biblioteca).

grosseira (...) ele era outro! Mais falador, alegre como jamais o vira e muito menos correcto(...) serviu-me para compreender os erros que as pessoas fazem e o que significa “harmonia”. De que valeu à minha dona a inteligência, a beleza, a bondade, todos os seus dotes invulgares? Ela deslumbrara um momento aquele a quem se dera para sempre. Ele não podia subir à sua altura e ficara aquém, vaidoso sim, porém, humilhado e constrangido. Era um desentendimento irremediável. Ela amava-o como necessitava que ele fosse, negando-se a aceitá-lo como era. Ele deixara de a amar, incapaz de a seguir(...)” (p. 80). Ao analisar os problemas de relacionamento entre um casal, Maria Lúcia Vassalo Namorado considera que, na maior parte dos casos, a ‘culpa’ não é atribuível a nenhuma das partes. Ela constata, como o faz Emília de Sousa Costa (ONF, Out. 1943), que “(...) TODAS as mulheres, por muito pobres que sejam, devem conservar o culto da família em qualquer hora da vida, e apertar os laços da família dispersa ou afastada, nas festas tradicionais da sua terra, nos anos dos chefes de família, conseguirá sem grande esforço manter a ternura que deve existir entre criaturas originárias do mesmo sangue(...)”.

Se alguns problemas subsistem são devidos, em muitos casos, aos homens pois como diz, sob o pseudónimo de *Avòzinha*: “(...)Os homens são, muito complicados, minha filha, e sobretudo são o produto duma educação erradíssima e duma sociedade cheia de defeitos. Lutemos para que esta triste realidade se modifique, procuremos que os nossos .filhos sejam melhores e mais perfeitos, procuremos, se for possível, que os nossos maridos se modifiquem, mas, se não se modificarem, tenhamos a coragem de os aceitar como são, tratemo-los mais como filhos do que companheiros, e lutemos corajosamente por conservar a nossa serenidade, o nosso optimismo, o equilíbrio da nossa vida e a possível harmonia do lar. Ah! É bem difícil a posição das mulheres que começam a abrir os olhos num mundo errado! Mas não podemos desesperar, nem fugir à luta; e temos de vencer!(...)” (ONF, Jul. 1953).

No final deste périplo pela “(...)infância de /Maria Lúcia Vassalo Namorado/ percurso escolar, modelos educativos nas famílias e posicionamento político dos pais(...)”(Gorjão, 2002. p.25) assim como pela tentativa de contextualização da sua vida nos períodos políticos em que se deu a sua formação académica formal, é chegado o momento de analisar a obra que foi produzindo, logo a partir dos anos 30 do século passado e os meios de que se serviu para contribuir, como sempre foi seu objectivo, para a educação integral das mulheres e das crianças.

#### 2.1.2.4 Em busca de uma profissão - Actividades profissionais, políticas e cívicas:

##### Contextualização política – dos anos 30 a 1958

Antes de caracterizar o percurso de vida de Maria Lúcia Vassalo Namorado entre 1932 e 1942 pretendemos referir que, será feita, neste subcapítulo, a contextualização da sua vida e obra, sempre que tal se revele importante ou adequado assim como nos capítulos em que, mais detalhadamente, abordamos a revista *Os Nossos Filhos* e a correspondência existentes no *Espólio* dela. Para melhor compreender esse percurso iremos definir a actuação de Maria Lúcia Vassalo Namorado estabelecendo possíveis relações entre a evolução político social do país e a sua vida privada e profissional.

No ano em que Maria Lúcia Vassalo Namorado rumou a Lisboa, então com dez anos, para iniciar o seu percurso académico no *Liceu Central de Almeida Garrett*, ficando instalada já António de Oliveira Salazar, o primeiro ministro português com maior tempo de permanência no poder – de Julho de 1932 a Setembro de 1968, participava na política activa (Léonard, 1998. p.18).

Se ela não tinha dele conhecimento, sabemos que o pai de Maria Lúcia Vassalo Namorado estava bem informado das questões políticas que (des)uniam os republicanos do centro do país. Ela fora educada quer em casa quer no liceu sob a influência de duas fortes influências: a do espírito maçónico e a do positivismo. Republicano convicto, arriscamos a hipótese de que o pai de Maria Lúcia Vassalo Namorado seria um simpatizante do *Partido Republicano Evolucionista*. O programa deste partido, destacava-se “(...)“(...) do seu congénere *Democrático*, pelo relevo dado aos problemas da instrução e educação nacional, bem como à assistência pública (...). Neste último capítulo, recorde-se, as bases programáticas do *Partido Republicano Evolucionista* preconizavam a criação de uma série de institutos direccionados para as crianças, tais como: lactários, creches, dispensários, colónias agrícolas, sanatórios, escolas para alienados, etc. (...)” (Sousa, 1999. p. 239). É a defesa que Maria Lúcia Vassalo Namorado fará deste tipo de instituições na revista que dirige depois de 1942 que nos leva a formular aquela suposição.

Como sabemos, Salazar era produto de uma cultura forjada numa mistura entre catolicismo social e “(...)tem por matriz política e ideológica um sistema de pensamento inspirado na democracia cristã, apesar de estar sujeito a outras influências, nomeadamente às influências do Integralismo e até mesmo de Charles

Maurras(...)”(Léonard, 1998. p.18), apresentando-se ao longo de toda a sua permanência no poder, sobretudo até ao final da 2ª Guerra mundial, como hostil ao liberalismo da 1ª República. É esta figura que se vai tornar num ditador não militar, com forte formação católica e recrutando nessa área muitos dos elementos que serão a sua base social de apoio. Quando Maria Lúcia Vassalo Namorado desiste de estudar, não acabando o sétimo ano de Ciências, no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, dá-se a entrada de Salazar, em Abril de 1928, para Ministro das Finanças ”(...) integrado num governo de Vicente de Freitas, um general ligado à *União Liberal Republicana*(...)”(Léonard, 1998. p.44). O seu contacto com a política iniciara-se em 1921, quando tinha sido deputado por brevíssimo tempo. Os republicanos conservadores têm ainda alguma força e, dois dos males pelos quais fora atacada a 1ª República, a saber, o excesso de governos em pequenos espaços de tempo e a agitação social, repetiram-se no incício da ditadura, pois que haviam sido constituídos sete Governos em dois anos e meio e que o período entre Janeiro de 1930 e fins de 1931 vai revelar-se um dos mais atribulados após a queda da República. Devido à crise financeira que abala Angola, o seu Alto-Comissário e Governador, Filomeno da Câmara é destituído e Salazar torna-se também ministro interino das Colónias, conseguindo a adopção do *Acto Colonial*, em 8 de Julho de 1930. Tanto os republicanos como Salazar vão defender a posse das colónias mas enquanto que os primeiros encaravam a hipótese de uma evolução desses territórios em direcção a uma certa autonomia, o segundo defendia a todo o custo a manutenção desse Império (Raimundo, 2003. p. 85), tentando ainda nos anos 30 o envio de populações para as colónias assim como promoveu a realização do *1º Congresso Nacional de Antropologia Colonial*, realizado no Porto em 1934. Este envio de gente, sobretudo do norte do país, para as colónias vai ter mais sucesso entre 1961 e 1969, ou seja, já depois de se terem iniciado os primeiros confrontos da Guerra Colonial levados a efeito pelos movimentos de libertação africanos.

O período da ditadura militar entre 1926 e 1933 vai sobreviver às revoltas militar e republicana da Madeira em 1927, e depois nos Açores – com rebeliões em Angra do Heroísmo e Ponta Delgada - e ainda na Guiné, assim como às manifestações estudantis e à proclamação da República em Espanha. No início dos anos 30 tudo está preparado para que Salazar “(...) chegue à chefia do Governo. Em 22 de Dezembro /de 1931/ é criado o “(...) *Conselho Político Nacional* — organismo encarregado da elaboração do projecto de Constituição —, vindo a materializar-se nos primeiros dias do Verão de 1932. Depois de ter afastado o candidato da extrema - direita de tendência fascista, João

de Almeida, e apesar das reservas formuladas por Domingos de Oliveira e Lopes Mateus, respectivamente Chefe do Governo e Ministro da Guerra, Salazar consegue convencer o General Carmona a nomeá-lo, a ele, um civil, para Presidente do Conselho. A composição do novo Governo, formado no dia 5 de Julho, traduz o espírito de compromisso que sempre guiou a longa marcha de Salazar. Com efeito, o Governo inclui antigos membros da *União Liberal Republicana*, como Albino dos Reis na pasta do Interior e Duarte Pacheco na pasta das Obras Públicas, e ainda personalidades ligadas ao conservadorismo republicano, como Manuel Rodrigues, na pasta da Justiça e Daniel Rodrigues, na pasta da Guerra(...)"(Léonard, 1998. p.50).

O apoio que lhe é dado, em termos ideológicos, pelo catolicismo social e o facto de se apoiar em muitos católicos, como ele, para governar, não o fazem sentir-se obrigado a ligar poder espiritual e temporal, mesmo quando essa é a realidade pois que "(...) não sendo um Estado confessional, o Estado Novo apresentar-se-á como um Estado cristão(...)"(Léonard, 1998. p.64). O nacionalismo discreto no plano internacional ajuda-o a combater, a nível interno, tudo "(...)o que, na sua opinião, considera capaz de pôr em perigo a unidade da nação: os opositores, os partidos políticos e o parlamentarismo liberal(...)" (Léonard, 1998. p.64).

O regime de Salazar é avesso à liberdade parlamentar, à democracia e ao liberalismo. Se bem que não seja confessional será um promotor de um Estado cristão. Na Europa dos anos 30 a formação de um poder autoritário não era exclusiva de Portugal: estados com governos 'fortes' eram a Espanha, "(...) a Itália, a Alemanha, a Estónia em 1933, a Letónia no ano seguinte, a Polónia desde 1926, a Austria em 1934 (...)" (Léonard, 1998. p.78).

Do ponto de vista da organização política, a Constituição, submetida a plebiscito popular em 19 de Março de 1933 e promulgada em 11 de Abril do mesmo ano, dá-nos a imagem de um regime em que o poder legislativo é inferior ao executivo, em que o Chefe de Governo tem mais poderes que o Chefe de Estado, este sendo eleito por períodos de sete anos e por voto directo mas censitário até 1958 e em que, embora presentes no texto constitucional, não se respeitam as mais elementares liberdades.

Durante este percurso, Salazar nem sempre terá o apoio do general Carmona, que morre em Abril de 1951. Maria Lúcia Vassalo Namorado conhecia pessoalmente o general pois que ele era visita da família em Torres Novas quando aí estivera como militar. Depois da morte de Carmona será Craveiro Lopes o novo Chefe de Estado, cargo que ocupa apenas entre 1951 e 1958.

Salazar não dará grande importância às funções de ministro, como fazia com a *Assembleia Nacional*. Ele irá até acumular a pasta das Finanças entre 1932 e 1940, com a da Guerra, interinamente de 1936 a 1944 e a dos Negócios Estrangeiros da mesma data até 1946 (Léonard, 1998. p.85), ou seja, durante diversos anos é ele o único responsável, perante si próprio, das mais importantes pastas do Executivo. Mais tarde voltará a fazer o mesmo quando, entre Abril de 1961 a Dezembro de 1962, ocupar a pasta da Defesa.

Sob o ponto de vista educativo, o Estado Novo conseguiu dismantlar a escola republicana com a diminuição da escolaridade mínima, a reestruturação dos conteúdos, a divulgação quase exclusiva de ideais cristãos, e não aceitando a igualdade republicana de acesso à instrução. O encerramento em 1930 das *Escolas Normais Superiores* e das *Escolas do Magistério Primário* em 1936 vai representar um retrocesso em relação à vontade política e educativa republicana.

A educação vai ser uma das áreas mais atingidas pelo espírito das reformas salazaristas. Citemos algumas medidas, apenas a título de exemplo: Criação de postos de ensino em 30 Novembro de 1931, escolha dos reitores dos liceus a partir de 1930, cuidados especiais de que se reveste a revisão de alguns programas como os de História, através da definição de “(...)regras em 15 Abril de 1931 e decreto de 7 de Abril de 1932 em que se esclarece o que se pretende com a História (Carvalho, imp. 1986. p.743) ou ainda com a (...) lei de 11 Abril 1936 de Carneiro Pacheco na *Remodelação do Ministério da Instrução Pública* que passa á designação de *Ministério da Educação Nacional* e cria a *Junta Nacional de Educação* (Carvalho, imp. 1986. p.759) e ainda o Decreto Lei de 24 Novembro de 1936 que rege as alterações aos programas do Ensino Primário e cria o regime de separação de sexos e a intervenção do Estado no casamento das professoras (...)”(Carvalho, imp. 1986. p.761).

Dois anos antes do início da revista *Os Nossos Filhos* o recenseamento da população e das actividades a que se dedica dá-nos a indicação de que o número de “(...) escolas primárias de ensino oficial em 1940 era de 7768, de 2526 postos escolares, de 27713 professores primários (baixou pois que era de 2865 em 1926) e 2409 regentes escolares femininas sendo o total de 2882 (...)”(Carvalho, imp. 1986. p.774).

As relações entre a Igreja e o Estado conhecem diversas fases ao longo do Estado Novo, sendo que, após a Segunda Guerra são mais visíveis as relações de alguma tensão como é público nos casos dos Bispos do Porto ou da Beira, em Moçambique. Desde os anos 30, com a encíclica *Divini Redemptoris* de Pio XI em

Março de 1937, que o comunismo fora anatemizado pela Igreja. A assinatura, no mesmo dia, da *Concordata* e do *Acto Missionário*, assim como a promulgação do *Estatuto Missionário* pelo decreto-lei de 5 de Abril de 1941, mostram bem as ligações entre ambos os poderes, assim como a protecção dada ao fenómeno de Fátima, cujo culto é “(...) tornado legítimo por uma carta pastoral datada de 13 de Outubro de 1930(...)” (Léonard, 1998. p. 110) ou a inauguração do monumento a Cristo Rei em 17 de Maio de 1959, em Almada, a presença da hierarquia nas cerimónias oficiais ou finalmente a presença do Papa Paulo VI em Fátima, em 13 de Maio de 1967, por ocasião do cinquentenário das aparições.

Do outro lado destas boas relações deparamos com movimentos de resistência ao Estado Novo, levados a cabo por alguns católicos a quem não agradava esta cumplicidade. Entre eles estão, como iremos ver na revista *Os Nossos Filhos* ou no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*, o padre “(...) Joaquim Alves Correia, exilado nos Estados Unidos desde 1946, ou do padre Abel Varzim, pároco de uma paróquia popular de Lisboa, e do seu semanário *O Trabalhador*, censurado desde 1948(...)” (Léonard, 1998. p.112), assim como o bispo do Porto que, na sequência duma carta<sup>141</sup> escrita em 13 de Julho de 1958 vai para um exílio de dez anos, fora de Portugal ou também o padre Felicidade Alves, da paróquia dos Jerónimos, ou o padre Alberto Neto e o semanário *Voz Portucalense*, entre muitos outros.

Se, por um lado, o Estado Novo se apoia incondicionalmente nos militares, por outro, é deles que irão sair alguns abalos, que a partir *de dentro*, vão contestar o regime, sobretudo após o fim da guerra, ou seja, após 1945, a partir do topo da hierarquia. Disso são exemplos o “(...) general Norton de Matos, franco-mação, republicano fervoroso e candidato efémero às eleições presidenciais de 1949, ou ainda como o General Humberto Delgado, militar com uma carreira fulgurante que fez dele o general mais novo do Exército português, em 1958(...)” (Léonard, 1998. p. 112) ou o general Júlio Botelho Moniz, antigo Ministro do Interior - 1944-1947- e Chefe do Estado - Maior das Forças Armadas -1955-1958- que, 13 em Abril de 1961, ocupando o cargo de Ministro da Defesa, tenta derrubar Salazar(...)mas fracassou (Raimundo, 2003. p. 102). Refira-se também o capitão Henrique Galvão “(...)um antigo sidonista, tornado salazarista, responsável, nomeadamente, pela *Exposição Colonial do Porto* em 1934 — que, no final dos anos 40, se afasta do regime, sobretudo no que toca à questão colonial, e que

---

<sup>141</sup> Sobre este tema cf. a interessante e esclarecedora tese de doutoramento citada na bibliografia final deste trabalho.



organiza a espectacular tomada do paquete Santa Maria em Janeiro de 1961(...)”(Léonard, 1998. p. 115). Também no mesmo ano, mas da parte da oposição ao regime é desviado um avião da transportadora nacional TAP, por “(...) um grupo de opositores liderado por Hermínio da Palma Inácio, que depois lança «panfletos subversivos» sobre Lisboa; e a 31 de Dezembro dá-se o «Golpe de Beja», uma nova tentativa (também falhada) de derrubar Salazar(...)”(Raimundo, 2003. p. 102).

Durante o período da vigência da revista *Os Nossos Filhos*, quer o general Carmona, no pós guerra, quer Craveiro Lopes aquando das eleições para a presidência em 1958 ou mesmo Américo Tomás no início da guerra colonial em 1961 vão ser contactados para agir contra Salazar mas nada vão fazer nesse sentido.

Resumindo, estamos perante um regime que se caracteriza pela “(...) supressão prática das liberdades fundamentais de associação, de expressão e de manifestação, seja no campo político, sindical ou cultural, passando o *Ministério do Interior* a regulamentar e policiar o seu exercício em sentido drasticamente proibicionista e restritivo(...) a proibição do direito à greve(...) a constitucionalização da censura prévia à imprensa, à rádio e aos espectáculos; a selecção político-ideológica da admissão dos funcionários públicos, designadamente dos professores, sujeitos a informação da polícia política (e obrigados a partir de 1936, a um juramento anticomunista(...)” (Rosas, 2004. p. 86).

Um outro apoio de Salazar foi a *Polícia de Vigilância e de Defesa do Estado - PVDE*, criada em 29 de Agosto de 1933. Os opositores eram levados para campos de detenção: o Aljube, Caxias e Peniche, em Portugal Continental ou para o Tarrafal em Cabo Verde e para os Açores. Será a Caxias que, como veremos, Maria Lúcia Vassalo Namorado irá ver a prima Maria Lamas, levando-lhe o conforto possível em tais situações.

Os meios de comunicação de então foram sendo disciplinados, paulatinamente, de forma que o Governo conseguia dominar a opinião pública, subjugando o sentido crítico à sua vontade. Mesmo a televisão, a *Radio Televisão Portuguesa – RTP*, com sessões regulares a partir de Março de 1957, é “(...)provinciana, inocente, mal organizada(...)” (Cádima, 1999 cit. In Raimundo, 2003. p. 106). Com a entrada de Manuel Figueira para *Director de Informação* nos anos 60 a televisão tem um curto período de uma certa abertura que acaba aquando da substituição desse director por Manuel Maria Múrias (Raimundo, 2003. p. 106).

Quando Maria Lúcia Vassalo Namorado, já casada, vai para Penacova com o marido, a situação política em Lisboa é agitada pela acção do grupo Nacional-sindicalista de Rolão Preto que se expressa no jornal diário *Revolução*, cujo primeiro número é publicado em Fevereiro de 1932. No ano seguinte é criada a *Acção Escolar Vanguarda* (AEV) que será dissolvida e obrigada a integrar-se na *União Nacional* em 1934. De referir as organizações que, criadas pelo regime, o foram apoiando ao longo dos anos e sobre as quais há também algumas notícias em *Os Nossos Filhos*.

A *Mocidade Portuguesa* é criada em 19 de Maio de 1936 e a *Obra das Mães pela Educação Nacional* em Setembro do mesmo ano, ao mesmo tempo que em Espanha, em Fevereiro de 1936 a *Frente Popular* alcança a sua vitória e se entre em Guerra Civil em Julho seguinte. António Ferro deixa o *Secretariado Nacional de Informação* em 1949 e é “(...) nomeado ministro plenipotenciário destacado para Roma e, mais tarde, para Berna (Novembro de 1949-1954), vindo a falecer em 1956, aos 61 anos de idade(…)” (Léonard, 1998. p.136).

Do ponto de vista da política externa e das realções com Espanha, em 17 Março de 1939 fora assinado entre Portugal e este país um *Pacto de Amizade e de Não-Agressão*, “(...) completado por um *Protocolo Adicional* (Julho de 1940) e, mais tarde, pela formação do *Bloco Peninsular Ibérico* (Dezembro de 1942)(...)” (Léonard, 1998. p.141). Antes mesmo do início do segundo conflito mundial as relações entre estes dois países vinham-se deteriorando com a proclamação da República em Espanha em Abril de 1931 e com a vitória da *Frente Popular* nas eleições de Fevereiro de 1936 e “(...) em 27 Outubro de 1938, Salazar revela pela primeira vez em público a sua intenção de atribuir a Portugal um estatuto de neutralidade na hipótese de um conflito europeu (...)” (Léonard, 1998. 150). Enquanto a Europa sofre os efeitos da guerra, Portugal comemora em Guimarães, a 4 de Junho de 1940, a fundação da nacionalidade e em Lisboa, em 23 de Junho do mesmo ano, com a *Exposição do Mundo Português*, a restauração de 1640. A situação de Guerra vai reflectir-se na economia do país uma vez que a partir de 1940 Portugal esteve sob vigilância inglesa e com a “(...) a publicação, em finais de Julho, do «Decreto das Represálias», que estendia o bloqueio britânico a quase todo o continente europeu, colocam a economia portuguesa numa situação particularmente difícil, pelo menos até à assinatura, em Novembro de 1942, de um novo acordo comercial com os

britânicos<sup>1</sup> (...)”(Léonard, 1998, p. 166). A exportação de volfrâmio deixa de se efectuar a partir de 5 de Junho de 1944 quando o Governo decide fechar todas as minas(Léonard, 1998, p. 168). Em Fevereiro de 1942 também os japoneses desembarcam em Timor e só em 5 de Setembro de 1945 estes deixarão a parte oriental da ilha. Em 28 de Novembro de 1944 os americanos poderão ocupar as Lajes mas já em 17 de Agosto do ano anterior Salazar havia autorizado a utilização dos “(...)Açores como base aérea e marítima, mas sem esquecer as devidas garantias e precauções. A instalação dos britânicos só se torna efectiva a partir de 8 de Outubro (...). Durante muito tempo ambígua e hesitante entre o Eixo e os Aliados, a neutralidade portuguesa torna-se, pouco a pouco, «colaborante», primeiro com os britânicos e, depois, com os americanos (...)”(Léonard, 1998, p. 171).

É neste contexto que o regime vai enfrentar um primeiro sobressalto pois, após a guerra e a vitória dos Aliados, era necessário não perder o que se tinha e sobreviver num teatro que não era mais o dos regimes fortes dos anos 30 da Europa. “(...) O regime sobrevive ao impacto disruptor da vitória das democracias ocidentais e da URSS por quatro ordens de razões principais. Em primeiro lugar, porque define e pratica uma hábil e versátil política de neutralidade, com o duplo efeito de conseguir não se envolver nem activa nem passivamente no conflito (...) é o caso dos aumentos dos ordenados dos militares em Fevereiro de 1945 e sempre sob a implacável batuta de Santos Costa, manter o essencial dos comandos das Forças Armadas fiéis ao regime, (...) O que retiraria operacionalidade militar à vaga oposicionista e popular de descontentamento em 1945 e 1946. (...) Em terceiro lugar, porque consegue gerir a repressão da agitação social e do movimento grevista (1942, 1943 e 1944) por forma a aniquilá-lo antes da erupção da crise política (Outubro de 1945), (...) Quando aparece o *MUD - Movimento de Unidade Democrática* e se desencadeia a agitação política eleitoral do Outono e Inverno de 1945, o movimento grevista tinha sido vencido, e por vários anos, não obstante a falhada tentativa de o reanimar nos estaleiros favais de Lisboa, em Abril de 1947. (...) (Rosas. 2004. p. 91 e seg.).

Por último, porque a neutralidade conferiu ao país uma posição económica privilegiada como plataforma de abastecimento legal e ilegal de bens de consumo e matérias-primas essenciais ao esforço de guerra (designadamente o volfrâmio, as conservas de sardinha,

---

<sup>1</sup> Sobre todos os efeitos do bloqueio ao longo da «era Dalton» e, de um modo mais geral, sobre os problemas da economia portuguesa durante a Segunda Guerra Mundial, cf. Os trabalhos e a tese de doutoramento de Fernando Rosas, publicada com o título *Portugal entre a Paz e a Guerra*, Lisboa, Editorial Estampa, 1990, nomeadamente pp. 44-84.

as lãs, o calçado) dos dois grupos de beligerantes, o que permitiu uma excepcional acumulação de riqueza pública e privada (...)O mesmo continuismo seria renovado e até reforçado, no início dos anos cinquenta, para a salvaguarda do «império colonial» encarado estrategicamente como a retaguarda atlântica garantidora da soberania portuguesa, O «império» e as «colónias», pela revisão constitucional de 1951, transformaram-se semanticamente em «ultramar» e «províncias ultramarinas» e Portugal deixa de ser uma potência colonial, para se tomar num país «multicontinental», «uno e indivisível» desde o Minho a Timor.(...) (Rosas. 2004. p. 93).

Depois da Guerra, e no que respeita à política externa portuguesa, Salazar não consegue a adesão à nova “(...) *Organização das Nações Unidas* por causa do voto soviético em Setembro de 1946, que só será levantado em 1955. Em Fevereiro de 1948, Portugal assina um acordo com os Estados Unidos, confirmando a utilização da Base das Lajes no arquipélago dos Açores. Mais tarde, em 4 de Abril de 1949 (Oliveira, 1989. p. 88), o Governo português adere ao *Tratado do Atlântico*, o que permite a Portugal tornar-se membro fundador da *OTAN*, não sem antes ter denunciado as razões ideológicas que levaram à exclusão da Espanha franquista(...) (Léonard, 1998, p. 179).

Portugal conseguirá manter “(...) sempre as suas relações privilegiadas tanto com o Reino Unido (visita oficial a Portugal da Rainha Isabel em 1957, adesão à *Associação Europeia de Comércio Livre* em 1959) como com o Brasil, dando, de resto, algumas provas de um certo paternalismo ilusório e ultrapassado (Tratado de Amizade de 1954) e continuará sempre também a melhorar as suas relações com os Estados Unidos, pelo menos até ao final da presidência de Eisenhower (visita de carácter particular deste último a Lisboa em Maio de 1960)” (Léonard, 1998, p. 185).

Porém, a partir de 1945, como se verá também na revista *Os Nossos Filhos*, “(...) o mito da infalibilidade de Salazar, pacientemente elaborado pela propaganda desde as origens do Estado Novo e da Guerra Civil de Espanha, começa a esboroar-se seriamente, sob os efeitos combinados da derrota no Ultramar, de uma miséria social sinónima de emigração e da crescente contestação de todos aqueles que, à semelhança de Egas Moniz, Prémio Nobel da Medicina em 1949, se sentem cada vez mais «exilados no seu próprio país»(...)” (Léonard, 1998, p. 186).

Mas como conseguira(á) o regime durar tanto? A resposta à questão que colocamos foi dada por Fernando Rosas(1989) mas não sem antes a fazer preceder de uma advertência que aqui também transcrevemos: “(...)É bem certo situar-se esta problemática num terreno a vários títulos escorregadio, do ponto de vista do ofício de fazer História. Por

um lado, pode ser cedo para o ensaio de tal tipo de sínteses, porque não conhecemos o suficiente das realidades históricas do Estado Novo (...) /por outro corre-se/ o risco de se resvalar para a generalidade inócua, para a banalidade das leituras ideológicas correntes, ou para o lugar-comum impressionista(...)" (Rosas, 1989, p. 16). Seguindo o mesmo autor e apesar da referida advertência, só aqui utilizaremos algumas das justificações internas que ele enumera como possível explicação para essa longevidade: "(...)O peso económico, social e político do mundo rural tradicional, resistente com êxito a qualquer reforma fundiária e agrícola modernizante (...)" (Rosas, 1989, p. 19), o equilíbrio que Salazar impõe e o apoio que recebe de estruturas como as Forças armadas ou as polícias assim como o assumir de um discurso e de uma prática de saudosismo de um passado idealizado e mítico, contra a industrialização, ruralizante, conservador, católico; a enorme mão-de-obra barata e a existência de um "(...)semiproletariado rural, produzindo para autoconsumo, subsistindo graças ao trabalho que vende sazonalmente ao agrário ou ao lavrador abastado. (Rosas, 1989, p. 20); o apoio de um país rural com uma taxa de analfabetismo assustadora, sendo que "(...)em 1950 há ainda, no conjunto do país, mais de 60% de analfabetos, subindo as percentagens a 70 ou 80% nos distritos rurais enquadrada ideológica e politicamente pelos párocos da Igreja Católica(...)"(Rosas, 1989, p. 20) e outras formas de subserviência e clientelismo.

Esta continuidade, sempre permanente mas sempre frágil, vive sob a ameaça constante da classe média que nos anos quarenta vai ajudar a "(...)ressurgir uma oposição democrática não comunista, socialmente apoiada pelas camadas da pequena burguesia urbana e rural fortemente atingidas pelos efeitos do conflito e da política económica de guerra governamental (...) e o mesmo se poderá eventualmente afirmar para o final dos anos cinquenta e os anos sessenta, especialmente para as zonas urbanas, e por virtude das grandes mudanças operadas no tecido económico e social do país, designadamente a nível dos sectores intermédios, das suas necessidades, dos seus rendimentos e até do seu nível de consciência das realidades(...)" (Rosas, 1989, p. 21).

A estes factores estruturais junta Fernando Rosas um outro, com duas vertentes: de um lado, a não existência de uma classe dominante economicamente forte e coesa internamente; por outro, a quase inexistência também de um proletariado industrial em termos numéricos digno desse nome uma vez que o regime "(...) moldou uma classe operária relativamente pouco numerosa até aos anos cinquenta - em 1940 a população activa operária, industrial representaria 21% da população activa total(...)"( Rosas, 1989, p. 22).

Do ponto de vista da explicação da longevidade do salazarismo Fernando Rosas vai chamar a atenção para as “permanências políticas”, ou seja, para a capacidade de Salazar “(...) que pressente, comanda e arbitra os grandes momentos de revisão(...): os equilíbrios dos anos trinta, fortemente contestados dentro e fora do Estado Novo por força dos efeitos da Segunda Guerra Mundial, serão revistos em 1947(...) e reencontrará, até à crise de 1958/61 uma nova década de «paz social»(...) o que em 1958/61 se vai passar, é que o Estado Novo se mostra definitivamente incapaz de corresponder aos novos tempos anunciados pela tempestuosa década de sessenta, esgotou as suas virtualidades equilibrantes, isto é, deixou de poder integrar/representar eficazmente os sectores dominantes apostados numa redefinição de estratégias económicas e políticas que apontam para uma revisão drástica dos compromissos anteriores, à qual Salazar e os sectores mais conservadores se oporão até ao fim. A durabilidade do salazarismo de 1961 a 1968 já pouco tem a ver com a arte de equilibrar o que está definitivamente desequilibrado(...)” (Rosas, 1989, p. 23 e 24).

Outro elemento dessas “permanências políticas” é a “(...) incapacidade historicamente demonstrada pela oposição ao regime em se constituir como sua alternativa política(...) porque, salvo as revoltas ainda do período da Ditadura Militar, em 1927 e 1933, ou conjunturas bem particulares — e os seus exemplos típicos são as crises de 1945/46 e de 1958 as actividades da oposição ao regime não constituíram normalmente uma ameaça genuinamente grave à sobrevivência do salazarismo(...)”(Rosas, 1989, p. 27).

De 1932 a 1968, respectivamente as datas em que o Estado Novo de Salazar inicia a sua consolidação até ao fim desse mesmo governo, poucas foram as mudanças que ele realizou nas orientações da política externa portuguesa. Como vimos, o primeiro ministro ocupara a pasta de Ministro dos Negócios Estrangeiros de 1936 até 1947. Nesse período tivera que encarar o problema espanhol entre 1932 e 1939 sobretudo com o desencadear da *Guerra Civil* em 18 de Julho de 1936, depois construíra com dificuldade a neutralidade no quadro da segunda Guerra iniciada em 1 de Setembro de 1939, depois da vitória aliada tivera sérios problemas para se reposicionar num mundo diverso e, mesmo a nível interno, tinha visto as eleições de Norton de Matos colocarem alguns problemas á intocabilidade do regime. Entre 1949 e 1955 a guerra fria ditava o alinhamento do país enquanto que depois de 1961 seria a guerra colonial a preocupação exclusiva da política externa portuguesa. (Oliveira, 1989. p. 74).

Com o fim da Guerra, depois de 8 de Maio de 1945, veio também o início das independências de antigas colónias de algumas nações europeias sendo que “(...) em 16

de Novembro de 1946 o governo holandês reconhecia os Estados Unidos da Indonésia e, três meses depois era a Inglaterra que anunciava, a 20 de Fevereiro de 1947, a próxima independência da Índia e do Paquistão. Seguir-se-iam, nesse ano de 1947, declarações britânicas, reconhecendo as independências da Birmânia e de Ceilão. Em Março de 1945, ainda antes de terminada a guerra na Europa, era criada a *Liga Árabe* e quatro anos depois, em 1949, a *Conferência de Nova Delhi* reunia pela primeira vez um conjunto de países que haveriam de constituir o bloco árabe-asiático. (Oliveira, 1989. p. 85-86).

Data dos anos do pós-guerra a incapacidade de Salazar compreender que depois de 1947 ou de 1955, data da criação do *Pacto de Varsóvia* seria impossível continuar a prosseguir a política colonial existente em Portugal. O primeiro problema coloca-se logo em “(...) 27 de Fevereiro de 1950 /quando/ o Embaixador da *União Indiana* em Lisboa, apresentou a Caeiro da Mata, ministro dos Negócios Estrangeiros um memorando reivindicando formalmente a soberania indiana sobre Goa, Damão e Diu, propondo a abertura de negociações entre ambas as partes(...)” (Oliveira, 1989. p. 90).

Dessa década são também as primeiras negociações e reconhecimento da autodeterminação dos povos sob domínio colonial que “(...) se inicia com a independência de Marrocos em 1956 (logo reconhecida pela Espanha) e que culminaria em 1960/61, com a independência de povos vizinhos das colónias portuguesas em África e que deram origem a novas nações independentes como, o Congo (Kinshasa), o Congo (Brazaville), Senegal, Guiné, etc.(...)” (Oliveira, 1989. p. 91).

Entre 1961 e 1968 a guerra colonial absorverá todos os esforços da política externa portuguesa. Ainda dentro do período em que se publicará a revista *Os Nossos Filhos*, agora anual, e mesmo antes do início da guerra em Angola, uma das três frentes mais fortes do conflito a que só o 25 de Abril de 1974 porá termo, “(...) em Janeiro desse ano, Henrique Galvão<sup>1</sup> em nome do DRIL<sup>2</sup> havia tomado em Curaçao o paquete português Santa Maria e durante algumas semanas, o Mundo foi confrontado com a denúncia do salazarismo e do regime português que este acto representava (...)” (Oliveira, 1989. p. 95). Logo depois da guerra começar naquela colónia e, *de dentro* do regime, será em

---

<sup>1</sup> Henrique Galvão foi, como Humberto Delgado, um dos casos de militares vindos das fileiras de apoio ao 28 de Maio e ao Estado Novo que aderiu à oposição, a partir de uma divergência com o governo no final dos anos 40, a propósito da administração colonial. Foi um dos organizadores da *Exposição Colonial de 1934*.

<sup>2</sup> *Directório Revolucionário Ibérico de Libertação*, organização criada por Henrique Galvão na Venezuela e aglutinando portugueses e espanhóis.

Abril de 1961 – a *Abrilada* - que o general Júlio Botelho Moniz, Costa Gomes e Albuquerque de Freitas tentarão derrubar Salazar. É também no final desse ano *horribilis* de 1961 que a União Indiana, onze anos depois da já referida e gorada tentativa de resolução do problema, invade a Índia Portuguesa e “(...) e em poucas horas pôs termo à soberania portuguesa sem que as Forças Armadas ali estacionadas opusessem resistência com um mínimo significado(...)” (Oliveira, 1989. p. 96). Mais uma vez, a vida de Maria Lúcia Vassalo Namorado estará também ligada a este acontecimento: é o general Vassalo e Silva, o irmão de Maria Lamas, que será culpado de tão ‘vexante’ derrota só conseguindo a sua pública reabilitação depois de 25 de Abril de 1974.

### **A oposição ao regime**

Nesta breve contextualização do percurso de vida e da obra de Maria Lúcia Vassalo Namorado temos de equacionar também esta questão da oposição e do papel que ela desempenhou na sociedade da época assim como a relação da pedagoga com um grande número de membros desse mesmo grupo.

Como vimos anteriormente, Fernando Rosas identifica a incapacidade da oposição em se afirmar como alternativa ao poder instituído como um dos dados que terão também contribuído para a enorme longevidade do regime. Ao mesmo tempo, propõe uma periodização para a actuação dessa mesma oposição entre 1926 e o final do regime. Num primeiro período, que aquele historiador situa entre o ano seguinte ao golpe militar e os finais dos anos 30, a agitação oposicionista mais coerente é a das revoltas de Fevereiro de 1927, quer em Lisboa quer no Porto, como já referimos, e ainda as da Madeira e Açores, em Agosto de 1931 (Rosas, 1989; Rosas, 2004). É a época do desespero republicano, agonizante que vê as suas últimas esperanças esboroarem-se face ao desenlace da Guerra Civil espanhola.

No período imediatamente após a 2ª Guerra inicia-se um novo período oposicionista em que se assiste à reconstrução de um *Partido Comunista* que, embora tenha sido afectado com a prisão de Bento Gonçalves em 1935 se encontra fortalecido após os anos 40 e ideologicamente dominante dentro da oposição, capaz de liderar os movimentos grevistas do Verão de 1943 e de Maio de 1944 e ao desaparecimento do anarcosindicalismo da 1ª República (Rosas. 2004. p. 105). A oposição consegue fazer-se ouvir no 10 de Abril de 1947, na candidatura de Quintão Meireles em 1951 e ainda na de Humberto Delgado em 1958. Destes três períodos sabemos que Maria Lúcia



Vassalo Namorado apoiará Norton de Matos e Quintão Meireles mas, em 1958, preferia Arlindo Vicente a Humberto Delgado (*Espólio* e Entrevista a Rui Rosa. 17 Jun. 2005).

Ainda antes do fim da Guerra e na clandestinidade, em 1942, cria-se o *Movimento de União Nacional Antifascista – MUNAF*. Logo após a declaração do fim da Guerra e a agitação pró-Aliados que se segue, Salazar abranda um pouco a força e promete eleições livres. No Verão de 1945 a oposição tenta um novo golpe liderado por Norton de Matos e no qual também participam João Soares – pai de Mário Soares, “(...) o brigadeiro Miguel dos Santos, Teófilo Carvalho dos Santos e José António Carvalho Vilhena(...)” (Raimundo, 2003. p. 34). Nesse mesmo ano, em 8 de Outubro, nasce o *Movimento de Unidade Democrática -MUD-* cujas listas de criação são assinadas por diversas personalidades em todo o país mas que o regime vai conseguir dominar, proibindo oficialmente o Movimento em Março de 1948.

As eleições presidenciais de Fevereiro de 1949 vão, de novo, “(...) mobilizar uma parte da oposição e da opinião pública à volta da candidatura, corajosa mas de curta duração, do General Norton de Matos (...)” (Léonard, 1998. p. 177) que também será apoiada por Maria Lúcia Vassalo Namorado, como dissemos. Esse ano marca “(...)marca a derrota final da oposição antifascista na primeira crise grave do Estado Novo, sob os efeitos da guerra, após o derradeiro sobressalto da candidatura de Norton de Matos, iniciando uma década de refluxo, divisão e desmobilização. Em 1958 fecha-se esse ciclo com a segunda crise histórica do Estado Novo sob o impacto do «delgadismo» nas eleições presidenciais daquele ano, abrindo-se um novo período ofensivo das forças oposicionistas(...) /em que surge/ uma nova oposição atlantista, não comunista e frequentemente anticomunista(...)” (Rosas. 2004. p. 109-110). Esta oposição “(...)agrupa homens de prestígio, ainda activos, da I República - António Sérgio, Helder Ribeiro, Cunha Leal, Mário de Azevedo Gomes, Jaime Cortesão- com a ala mais moderada da jovem geração(...) Apostam na mudança pacífica do Estado Novo a partir do seu interior, pelo diálogo com os reformistas (...) Sérgio lançará o general Humberto Delgado na corrida eleitoral de 1958, como «candidato independente» ao serviço desta estratégia. E assistirá(...) à desistência a seu favor do candidato apoiado pelo PCP, Arlindo Vicente, ao regresso à «unidade fascista». (...)O PCP atravessa com sérias dificuldades políticas e organizativas o rescaldo dos golpes policiais de 1949 e do duplo efeito da derrota oposicionista e dos anos de chumbo da guerra fria. Como se fora um duplo cerco: o da polícia política e o da demarcação e ataque por parte da oposição anticomunista (...) reduzido ao núcleo duro dos militantes e dos *compagnons de route*

do *Movimento Nacional Democrático* -MND-, com quem tenta, contra a reforçada lógica persecutória da época, prolongar uma espécie de MUD(...)" (Rosas. 2004. p. 113).

Uma terceira fase da vida da oposição inicia-se em 1958. É então que o regime sofre uma das suas mais graves crises: primeiro com a candidatura de Humberto Delgado, depois com o golpe da Sé e depois com "(...)a fuga de Álvaro Cunhal e outros dirigentes em 1960(...)" (Rosas. 2004. p. 109-115), à qual se seguirão, em 1961 todas as questões que já apontámos sobre a guerra colonial.

A oposição, que nunca conseguiu intervir de forma a derrubar o regime vai ver a sua actuação dificultada nos anos sessenta e setenta e assiste, dentro dela, à radicalização de alguns grupos de extrema esquerda que não hesitam em defender a luta armada como forma de pôr fim a um regime que sempre conseguira adaptar-se a novas circunstâncias. Ao longo de todo este período apenas um factor vai promover a permanência do regime: a existência de uma repressão bem organizada, onnipresente no quotidiano, promotora da subserviência e da auto-censura constante.

O regime que vira Salazar como ministro das Finanças em Abril de 1928 e trinta e seis anos como Presidente do Conselho sofre um abalo em Setembro de 1968, com a sua doença e depois com a morte em 27 de Julho de 1970 (Léonard, 1998. p. 190).

Dando-lhe porém continuidade, a chefia de Marcelo Caetano vai assistir, nas eleições de 1969 a uma divisão clara nas fileiras da oposição quando a *Associação Socialista Portuguesa* se demarca do *Partido Comunista Português* e se apresenta, em Lisboa, Porto e Braga com as listas da *Comissão Eleitoral de Unidade Democrática – CEUD* em vez de integrar as "(...) listas unitárias patrocinadas pelos comunistas da *Comissão Democrática Eleitoral – CDE*(...)"(Rosas. 2004. p. 122).

Concluindo, "(...)não há dúvida de se verifica a existência ininterrupta, ao longo de quase meio século de Ditadura, de movimentos de resistência ao regime mas (...)nem o regime teve a inteligência de se adaptar, nem as oposições foram, capazes, ao longo da história do Estado Novo, de gerar e de conduzir movimentos políticos e militares susceptíveis de, por si mesmos, apejar a ditadura(...)"(Rosas. 2004. p. 125).

Nesta panorâmica que apresentamos da vida da oposição durante o Estado Novo falta ainda referir o papel desempenhado pelas mulheres, quer à margem de alguns desses movimentos, quer integradas neles.

### **A oposição feminina ao Estado Novo:**

A questão da participação das mulheres nas actividades ou movimentos de oposição ao regime posterior ao 28 de Maio de 1926 não foi ainda objecto de um estudo aprofundado, se exceptuarmos os trabalhos recentes de algumas investigadoras como Ana Barradas (2004) ou Vanda Gorjão (2002). Ambas sustentam que “(...)a oposição feminina foi diferente da conduzida pelos homens. Fortemente condicionada pela pertença de género, a actividade oposicionista feminina foi vivida pelas mulheres e percepcionada pelos homens em função do que na altura era a condição da mulher na sociedade portuguesa, o que teve consequências, designadamente, na marcação do espaço social: como é sabido, associava-se primordialmente o sexo feminino à esfera privada(...)” (Gorjão, 2002. p. 21).

A reflexão sobre a actividade das mulheres na oposição é mais difícil de visualizar pois que não só elas, quando hoje são entrevistadas, consideram que nada fizeram de importante como, à época, mesmo as mulheres dos opositores mais conhecidos, mesmo nas organizações partidárias mais politizadas (como mostra Ana Barradas) tiveram pouca visibilidade social. Muito frequentemente ainda, a questão da maior/menor participação das mulheres na política confunde-se com a problemática mais vasta do feminismo e também com a da educação feminina.

Para reivindicarem a melhoria das condições de vida das mulheres, estas vão organizar-se, desde os finais do séc. XIX, em diversas organizações e movimentos que pretendem a “(...)alteração da situação de inferioridade social, política e legal (...)”(Gorjão, 2002. p.27) da maioria silenciada da população.

Se à volta da 1ª República nascem grupos de mulheres como “(...)o *Grupo Português de Estudos Feministas* (1907), a *Liga Republicana das Mulheres Portuguesas* (1909), a *Associação de Propaganda Feminista* (1911), o *Instituto Feminino de Educação e Trabalho* (1911), o *Círculo Feminista Português*, a *União das Mulheres Socialistas*, o *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* (1914) ou a *Associação Feminina de Propaganda Democrática* (1915). (Gorjão, 2002. p.28) - que pretendem modificar o estatuto das mulheres em todas as áreas da sociedade, a maior parte delas ficará descontente com a forma como a legislação republicana actuará face ao problema do voto feminino.

Após o golpe de 28 de Maio de 1926 a perseguição a alguns descontentes – de que nos interessa aqui o caso particular de Alfredo da Cunha Lamas, marido de Maria Lamas na revolta de 3 e 7 de Fevereiro no Porto e a 9 do mesmo mês, em Lisboa- vai

ser a responsável pela intervenção das mulheres na luta política, numa atitude de repulsa pela pressão que sobre eles é exercida e como forma de apoio aos maridos perseguidos.

A “(...) aprovação da Constituição de 1933, o endurecimento do regime face às organizações partidárias republicanas ou a promulgação do decreto-lei 27 003 de 14 de Setembro de 1936 pelo qual todos os funcionários públicos são obrigados a provar a sua lealdade política ao regime(...)” (Gorjão, 2002. p.65), produzem as condições que fazem despertar muitas mulheres para a necessidade de intervir politicamente, para defesa de princípios e direitos políticos básicos. As mulheres mais informadas dão-se conta das prisões e demissões de políticos ou intelectuais de reconhecido mérito e, como é o caso da de Maria Lúcia Vassalo Namorado, em muitas famílias havia conhecimento da intervenção pública de alguns dos seus membros e antecedentes de defesa de princípios de inspiração republicana e universalista, sobretudo pela via masculina.

O regime salazarista desde cedo compreendeu a importância das mulheres e a necessidade de controlar, de forma exaustiva, o papel social que elas poderiam preencher. Para esse fim vai-lhes dar, sem que elas a tenham pedido, uma importância política que a República lhes tinha negado: concede o direito de voto e funções políticas a algumas delas e cria organizações femininas aparentemente autónomas mas, efectivamente subordinadas à orientação política do Estado.

Pelo decreto 23 406 de 27 Dezembro 1933 vai ser possível, pela primeira vez, a ida de três mulheres como deputadas para a Assembleia Nacional: Cândida Parreira, advogada, Domitila de Carvalho, médica e Maria Guardiola, professora que, em 1937 também será dirigente do *Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina*, com Maria Luísa van Zeller e Fernanda d’Orey (Gorjão, 2002. p.279).

A propaganda oficial, que defendia que o lugar das mulheres era no lar, estava desfasada da realidade concreta da maioria deste sector social uma vez que, sobretudo depois da Guerra, “(...) numa população global de mais de oito milhões, pelo menos um milhão de mulheres do povo ganhava a vida fora de casa(...)” (Barradas, 2004. p. 31). Muitas vezes, a defesa do ideal da mulher/mãe em casa, ajudando o marido que trabalha fora, numa concepção tradicional da família era defendida em certas publicações ao mesmo tempo que, também de dentro do regime, se ensinava as mulheres a lidar com novas situações em que havia que saber gerir o tempo a prestar ao lar, a dedicar aos filhos e à actividade profissional.

A pressão que se exercia sobre as mulheres vai ter como consequência que, em 1948, algumas das mais instruídas apoiem a candidatura de Norton de Matos à

presidência da República uma vez que, nela se organiza uma *Comissão Feminina de Apoio* que não hesita em apresentar um programa reivindicativo de que faziam parte: a “(...) abolição do regulamento da prostituição, salário igual para trabalho igual, equiparação política para ambos os sexos, assistência social para todas as mulheres independentemente de crenças, credos políticos e estado civil e sufrágio universal(...)”(Barradas, 2004. p. 30).

Por ter apoiado essa candidatura, no ano seguinte Maria Isabel Aboim Inglês vai ter de deixar o colégio que tinha e onde leccionava, Maria Palmira Tito de Morais vai ver a sua actividade de enfermagem cerceada, Maria Barroso foi demitida do *Teatro Nacional*, Maria Leticia Clemente da Silva não pode mais ser professora no Liceu Camões, em Lisboa e muitas outras mulheres como veremos mais adiante vão ter assim dificultada a sua actividade profissional por se terem querido afirmar politicamente. Este controle sobre as mulheres trabalhadoras já antes fora levado à prática com a proibição, pelo decreto-lei 31 913 de 12 de Março de 1942 do casamento das enfermeiras dos *Hospitais Civis* que só acaba em 1963 com a publicação do decreto lei 44 923 e depois de uma campanha em que, como veremos, participaram muitas mulheres da oposição e até inúmeros situacionistas.

Mas como é que a maioria destas mulheres, muitas delas com responsabilidades familiares, como mães de família, se vem a encontrar na oposição, ombreando com os homens na vontade de fazer alguma coisa para alterar o estado irrespirável do quotidiano? Como resposta a esta pergunta encontramos situações muito diversificadas mas que se poderão resumir a três tipos: um primeiro em que tanto elas como os maridos são oriundos de famílias em que a intervenção política era já uma realidade; outra, em que “(...) o casamento constitui a verdadeira via de consciencialização política e mobilização oposicionista das mulheres por influência directa do marido, mais esclarecido politicamente, mesmo que elas possam ter tido, na infância ou na juventude, algum contacto com o campo político(...)”e finalmente uma terceira, menos frequente, “(...)em que a participação política das mulheres é superior à dos(...) maridos(...)”(Gorjão, 2002. p. 112). Maria Elvira Cortesão é um dos exemplos deste último caso, em que ela mais politizada do que o marido: ela foi do *Partido Comunista Português*, da *Associação Portuguesa Feminina Para a Paz*, do *Movimento de Unidade Nacional Anti-Fascista*, do *Movimento de Unidade Democrática* e das candidaturas de Norton de Matos e Humberto Delgado. Estamos em crer que esta última é também a situação em que podemos colocar Maria Lúcia Vassalo Namorado que, como veremos,

esteve sempre do lado da oposição mesmo que, por diversos motivos que explicitaremos, nem sempre aí se possa ter afirmado sem equívocos. No primeiro grupo poderemos incluir, apenas a título de exemplo, o caso de Irene Cortesão que pertencera à *Associação Feminina Portuguesa para a Paz* e que “(...) casou com primo, António Augusto Zuzarte Cortesão, filho de Jaime Cortesão, tal como o pai perseguido e preso(...)” (Gorjão, 2002. p.116) e a ele voltaremos novamente no capítulo deste trabalho em que analisamos a correspondência do *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* e a vida administrativa da revista *Os Nossos Filhos*.

Face aos papéis de esposas e mães que tradicionalmente lhes eram cometidos pela sociedade, nem sempre a posição destas mulheres mais politizadas diferia muito da que o regime queria fazer passar como a mais correcta. Não se esqueça que, na sociedade dos anos 40 e 50 do século passado “(...) as mulheres ocupavam uma posição muito mais submissa do que hoje e esse estatuto era aceite sem muitas reticências. Os comunistas, homens e mulheres, não estavam imunizados e muitas vezes comportavam-se a esse respeito como quaisquer outras pessoas, reproduzindo nas suas relações a divisão de tarefas considerada normal(...)” (Barradas, 2004. p. 59).

À época muitos eram os valores ditos tradicionais ainda dominantes no que diz respeito à possibilidade de uma outra compreensão para os papéis que era suposto serem desempenhados pelos lados masculino e feminino da sociedade. Havia “(...) uma grande ambivalência nas posições relativas ao estatuto e condição da mulher: falava-se de direitos universais mas considerava-se a condição feminina a partir de uma «diferença natural»; promovia-se a igualdade política e desenvolviam-se condições para a igualdade económica, mas simultaneamente reforçava-se a divisão entre espaço público e espaço privado, glorificando-se o ideal da casa como retiro de paz e harmonia peio qual zelava a dona de casa. – Em questões relativas às políticas de família, mesmo o discurso de esquerda convergia frequentemente para modelos do feminino reconhecíveis como de direita(...)” (Duchen, 1994; Jenson, 1987 cit in Gorjão. 2002. p. 141).

Neste breve panorama da intervenção das mulheres comopositoras ao regime saído do 28 de Maio de 1926 seguiremos, alguns dos pressupostos de Vanda Gorjão (2002. p. 145 e seguintes) sobre o mesmo tema porque se nos afigura a autora com que mais nos identificamos na explicação que dá da participação das mulheres nesse percurso da oposição ao Estado Novo.

Ao definir a forma como elas participaram e se empenharam na luta da oposição ela define: “(...)duas vertentes: uma ‘metapolítica’ pode ser caracterizada como humanitária, pacifista ou expressamente feminista, quer em termos de ideologia, postura e actuação. Quer na filiação a um legado de reivindicações, quer ainda na ligação a grupos e organismos internacionais; a outra vertente situou-se num domínio mais expressamente político, embora mantendo ligações aos domínios cultural e intelectual (...) a primeira tomou expressão colectiva com o *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* e a *Associação Feminina Portuguesa para a Paz*. A segunda ganhou expressão com a participação das mulheres nos movimentos unitários e, no seio destes, a criação de organismos e comissões femininas(...)” (Gorjão. 2002. p.145).

Ao incluirmos as linhas que se seguem neste trabalho pretendemos mostrar a forma de que se revestiu a militância de alguns grupos de mulheres contra um poder antidemocrático mas incapaz de perceber como havia quem continuasse a resistir, mesmo que aparentemente se fingisse que a total integração de procedimentos e valores fora conseguida pelo poder, ou seja, mesmo que para o efeito se usassem os mecanismos de que poder deitava mão para as dominar e subjugar.

Naquela primeira vertente ‘metapolítica’ podemos incluir a actividade do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesa* e da *Associação Feminina Portuguesa para a Paz* (a que nos referiremos) e outras como o *Movimento de Unidade Democrático*.

Depois do fim da Guerra em 8 de Maio de 1945, o *Movimento de Unidade Democrática- MUD*- criado em Outubro do mesmo ano para concorrer às eleições para a *Assembleia Nacional*, em Novembro, vai reunir membros da oposição republicana e socialista que, desta forma, aproveitam o ‘espaço de liberdade’ que lhes fora dado pelo decreto-lei 34 938 de 22 de Setembro 1945. As listas plurais em vez das listas únicas de candidatura são assinadas por muitas mulheres das quais só referimos as que são (ou irão ser...) colaboradoras da revista *Os Nossos Filhos*: Irene Lisboa, a única mulher na lista dos *Escritores, Artistas e Jornalistas do MUD*, Maria Lamas, Cesina Bermudes, Maria Isabel Aboim Inglês, Manuela Porto, Ilse Losa, Elina Guimarães, Irene Cortesão, Maria Barroso, Maria Keil do Amaral, Francine Benoît, Maria Palmira Tito de Morais, Maria Clementina Carneiro de Moura e... Maria Lúcia Vassalo Namorado.

Também assinaram as listas do MUD outras(os) colaboradoras(es) ou pessoas cuja obra era anunciada na/da revista de que esta senhora era directora: Fernando Lopes

Graça, Facco Viana<sup>142</sup>, Lília da Fonseca, Maria Palmira Tito Morais, Maria Lamas, Elina Júlia Pereira Guimarães, Francine Benoît, Francisco Cortez Pinto, Moisés Amzalak, Henrique e João de Barros, Salazar de Sousa<sup>143</sup>. Da *Comissão Central do Movimento* fazem parte algumas outras(os) colaboradoras(es)<sup>144</sup> de *Os Nossos Filhos*: Júlio Pomar, Rui Grácio, , Ema Zaira Quintas Alves e Maria Amália Harberts Borges (de Medeiros). Da *Comissão* que, em Novembro de 1946, entregou uma representação ao Presidente da República contra a opressão e a prisão indiscriminada de políticos e homens de letras faziam parte, referindo apenas as(os) colaboradoras(es) de *Os Nossos Filhos*: Irene Lisboa, Alice Gomes, Manuela Porto, Maria Clementina Carneiro de Moura e Maria Keil do Amaral e a pianista Maria da Graça Amado da Cunha, assim como António Sérgio, Aquilino Ribeiro, João de Barros, Fernando Lopes Graça, Ferreira de Castro, Rui Grácio, João da Silva<sup>145</sup>, escultor, José de Lemos, desenhador, José Régio, Júlio Pomar, entre outros<sup>146</sup>.

O programa da *Comissão de Mulheres do MUD*, documento intitulado *As Mulheres e o movimento de oposição* teve como autoras, referindo também e apenas as colaboradoras de *Os Nossos Filhos*: Cesina Bermudes, Elina Guimarães, Irene Lisboa, Maria Isabel Aboim Inglês, Maria Lamas e Maria Palmira Tito de Morais<sup>147</sup>.

Mesmo nesse programa o papel da mulher como mãe era enaltecido de tal forma que ele terminava considerando que a mulher continuava a ser a principal educadora dos filhos e de que “(...)o primeiro princípio da educação é o do amor pela sinceridade e repúdio pela mentira. A este grupo de mulheres formadas no amor a esse princípio, interessa que o Estado português dê aos seus filhos um exemplo de verdade e de sinceridade(...)” (“As Mulheres e o movimento de oposição” in Gorjão. 2002. p.190). Em todo o Movimento,

---

<sup>142</sup> Com morada na Av. Defensores de Chaves, 27-3º que foi o notário onde se realizou a escritura de constituição da sociedade *Os Nossos Filhos*, como mais adiante veremos.

<sup>143</sup> E Maria Leticia Clemente Silva e Maria do Carmo Rosendo. In *Arquivo Mário Soares*. Pasta n.º 227100- *Oposição legal e semi-legal/MUD- Moradas de vários indivíduos*.

<sup>144</sup> E Francisco Zenha e Manuel Mendes, escritor, assim como os jornais: *Jornal de Sintra*, *Democracia do Sul*, director Dr. Vitor Santos, Évora; *A Voz Portalegrense*, de Manuel António Tapadinhas; *Deforço*, de Coimbra.

<sup>145</sup> Não nos foi possível confirmar estes dados na biografia existente na *Casa Museu João da Silva*, existente em Lisboa pois um problema judicial que se arrasta entre herdeiros e *Sociedade Nacional de Belas Artes* obriga a que a Casa Museu esteja encerrada e inacessível ao público.

<sup>146</sup> Como Arlindo Vicente, Arquimedes da Silva Santos, Assis Esperança, J. Gaspar Simões, Natália Correia, Jaime Brasil, Manuel Neves, jornalista; Manuela Porto, Mário Neves, Tomás Ribas, escritor. Cf. *Arquivo Mário Soares*. Pasta n.º 2969. 052- *Os Intelectuais protestam! Novembro 1946*.

<sup>147</sup> Que integravam o grupo com Alice Maia Magalhães, Carminda Xavier Nunes, Guida Lamy, Hermínia Augusta Grijó, Jerónima Vinagre, Maria Augusta Alves da Veiga de Oliveira, Maria de Lourdes de Oliveira, e Maria Valadares (Gorjão. 2002. p.190).



ilegalizado em Março de 1948, a presença de mulheres nos lugares de decisão era diminuta, como ainda hoje se verifica em todos os partidos ou agrupamentos políticos.

O *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* – Caixa 67. Maço 3- é também um repositório de documentação deste *Movimento*. No quadro seguinte apresentamos a localização dos documentos sobre o *Movimento de Unidade Democrática* que se encontram no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* e, ao mesmo tempo, identificamos esses mesmos documentos no *Arquivo Mário Soares*:

Quadro n.º: 5. Documentos sobre MUD existentes no Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado:

Identificação dos documentos	Observações
Representação entregue ao Sr. Presidente da República pelo prof. Barbosa de Magalhães em 19-1-1946, assinado pela Comissão Central do MUD (Bento de Jesus Caraça, etc.)	Pasta 2969040 n.º 2 do Arquivo Mário Soares
Comunicado em que Comissão Distrital de Lisboa entrega Ofício ao Gov. Civil de Lisboa em 7-12-1946 sobre 306º aniversário da Independência que MUD queria comemorar e Gov. Civil opôs-se; subscrito por Manuel da Fonseca, Antonino de Sousa...	Pasta 2969048 Doc. 11 Arquivo Mário Soares
Requerimento entregue ao Ministério do Interior, em 21-12-1946 sobre entrega de listas de adesão ao MUD	Pasta 2969048 Doc. 7 Arquivo Mário Soares
O MUD e a nota oficiosa de 24 de Abril, datado de Maio de 1948, dirigido ao presidente do Conselho, exigindo eleições livres, assinado pela Junta Consultiva e da Comissão Central do MUD	Dentro do livro de Norton de Matos <sup>148</sup>

Também como actividades do *MUD Juvenil* se destaca a actuação do coro do maestro Lopes Graça que, em 1946, compusera o cancioneiro *Marchas, Danças e canções* e é Maria Luísa Dias Amado a autora da letra de *Cantemos um novo dia*, hino desse *Movimento*, e cantado pela primeira vez em 1949 (Gorjão, 2002. p. 195). O Hino do MUD, “Companheiros unidos!”<sup>149</sup>, que fora escrito em 12 de Dezembro de 1945 por Arquimedes da Silva Santos, tinha música de Fernando Lopes Graça e o seu texto e música também se encontram no mesmo *Espólio*. Outro movimento político que, por ordem cronológica, teve um certo impacto social e foi capaz de organizar grupos de mulheres que o apoiaram foi, em 1949, o da candidatura do general Norton de Matos, que fora presidente do *MUNAF*. A *Comissão Central* dessa candidatura, com catorze homens integrava apenas uma mulher, Maria Isabel Aboim Inglês, que sob pseudónimo

---

<sup>148</sup> MATOS (1948) – Os Dois primeiros meses da minha candidatura à Presidência da República. Lisboa: Ed. Autor. 125 p. (n.º 117 do espólio)

<sup>149</sup> Pasta 2968. 18- Oposição legal e semi-legal/ MUD/ Diversos de 1945-1947

também colaborou<sup>150</sup> em *Os Nossos Filhos*. Da *Comissão de Mulheres* dessa candidatura fazia parte uma das entrevistadas pela revista *Os Nossos Filhos*: Cesina Bermudes.

Outras colaboradoras da revista, também apoiantes da mesma candidatura são Ema Zaira Quintas Alves<sup>151</sup> que em 29 de Janeiro de 1949, leu a mensagem de Maria Isabel Aboim Inglês numa sessão na *Voz do Operário*, Maria Lamas e Manuela Porto<sup>152</sup>.

Tal como sobre o *Movimento de Unidade Democrática*, também sobre a candidatura do general à presidência da República existem diversos documentos no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*, a saber:

Quadro n.º: 6. Documentos sobre Candidatura de Norton de Matos existentes no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*:

Documentos	Observações
Representação ao Presidente da República por Norton de Matos; pede amnistia para presos políticos acabar com PIDE, modificar regime prisional, acabe censura imprensa, partidos políticos possam organizar-se, liberdade criação jornais	Caixa 50. Maço 1
Ao Ministro do Interior; constituição da candidatura em 16-8-1948: amnistia presos políticos, eliminação censura prévia ; Extinção Tarrafal, abolição P. política; castigo responsáveis maus tratos a presos políticos, liberdade reunião e associação, novo recenseamento eleitoral com participação de oposição, liberdade propaganda, fiscalização activa da Oposição, ao acto eleitoral	Caixa 50. Maço 1
Organização dos serviços da candidatura	Caixa 50. Maço 1
MATOS (1948) – Os Dois primeiros meses da minha candidatura à Presidência da República. Lisboa: Ed. Autor. 125 p.	Espólio bibliográfico

Outro Movimento de cariz político e de oposição é o *Movimento Nacional Democrático*, criado em 1949 e que se dissolve em 1957.

Este Movimento vai ser liderado pelo *Partido Comunista* e deve ser visto como uma “(...)tentativa de dar continuidade à estratégia unitária(...)”(Gorjão, 2002. p.204). São

<sup>150</sup> Cf. Entrevista a Maria Helena Rosa Torres Peres de Seixas, Lisboa, 11 Jan. e 15 Mar. 2005

<sup>151</sup> Professora no Liceu Charles Lepierre e participante no Concurso *Se eu tivesse uma varinha de condão* promovido por *Os Nossos Filhos*. Também colaborará com Ilse Losa, Maria Keil e Matilde Rosa Araújo no lançamento da *Colecção Sete Léguas*. No folheto de divulgação da iniciativa que pretende “(...) editar livros para crianças e adolescentes(...)” ela é apresentada como *professora e bibliotecária de crianças*. Tem cartas no Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado, na Caixa 37 Maço 2 e Caixa 72 Maço 3, datadas de 7 Nov. 1955 e de 17 Jul. 1972. Foi ainda professora de José Barata Moura, filho de Adriana Rodrigues, outra colaboradora de *Os Nossos Filhos*.

<sup>152</sup> Assim como Irene Bártolo Russel pelas mulheres camponesas, Lúcia França Pereira pelas operárias e Maria Helena Novais, pela *Juventude Feminina Progressiva* (Gorjão, 2002. p.202).

elementos da sua Comissão Central<sup>153</sup>, em Lisboa, estas colaboradoras da revista *Os Nossos Filhos*: Maria Lamas, Maria Isabel Aboim Inglês, Cesina Bermudes, Manuela Porto e Ema Quintas Alves. Em 1 de Junho 1952, um domingo, aquando do julgamento em Tribunal Plenário de Ruy Luís Gomes, Virgínia de Moura, José Morgado e Albertino Macedo é distribuído um folheto intitulado *Ao Povo de Lisboa* em que se referem os apoios que o *Movimento Nacional Democrático*, o *MUD Juvenil* e o *Movimento Nacional para a Defesa da Paz* estavam a empreender para obterem apoios de solidariedade aos presos referidos, cujo julgamento iria continuar no dia 3 daquele mês. Aí se mencionam as adesões de apoio de Hernani Cidade, de João de Barros, do escritor Tomás da Fonseca entre muitos outros. (Caixa 83. Maço 2).

Outros documentos estão disponíveis no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* sobre actividades de cariz político. O mais interessante /scanner/ é aquele em que se exige a libertação de Álvaro Cunhal, em Abril de 1953 (Caixa 67. Maço 3).

Diversa é a participação, em actos políticos realizados por forças da oposição, de muitas figuras que são colaboradoras(es) permanentes ou esporádicas(os) de *Os Nossos Filhos*. Vejamos alguns casos mais: Cesina Bermudes, que já referimos, tinha assinado também o pedido de elegibilidade de Arlindo Vicente, proposto pelo PCP antes de este ter decidido apoiar também Humberto Delgado em 1958. Maria Archer, que em 1949 por causa do apoio a Norton de Matos se vira obrigada a ir para o Brasil, irá fundar, em 1963, a *União das Mulheres Portuguesas* com ligações ao Uruguai, Buenos Aires, Rio, Recife e S. Paulo (Gorjão, 2002. p.215). Em Maio de 1952, em Lisboa, assinam o comunicado *Em defesa da Paz*, folheto da Comissão Executiva do *Movimento Nacional de Defesa da Paz* contra a repressão dos jovens que fazem a recolha de assinaturas a favor da paz entre as grandes 5 potências, entre outras(os): Augusto César Anjo, Francisco Keil do Amaral, Cardoso Pires, Júlio Pomar, general Luís Ferreira Martins, Maria Isabel Aboim Inglês e Maria Lamas<sup>154</sup>, todas(os) de alguma forma ligadas(os) a *Os Nossos Filhos*.

Em Novembro do ano seguinte o Manifesto *Pela Paz entre as Nações*<sup>155</sup> é assinado por: Laura Chaves, Lília da Fonseca, Manuel da Fonseca, Maria Keil, Maria Lamas e Mário Soares todas(os) igualmente colaboradoras(es) ou assinantes da revista.

---

<sup>153</sup> Esta mesma Comissão é formada ainda por Virgínia Moura, Eugénia Fernandes, Ermelinda Cortesão, Vitalina Machado, Antónia Farracha, Maria das Dores Cabrita. (Gorjão, 2002. p. 205).

<sup>154</sup> Assim como Adriano de Gusmão e Alves Redol. *Arquivo Mário Soares*. Pasta 2595.034- Oposição legal e semi-legal/ “*Movimento Nacional de Defesa da Paz*”. Lisboa Maio 1952.

<sup>155</sup> Pasta 02591.007.002- *Diversos*

Em 1955, a *Assembleia Mundial da Paz* que se reuniria em Helsínquia é saudada pelas(os) signatárias(os): António Sérgio, Aquilino Ribeiro, Cardoso Pires, Alves Redol, Ferreira de Castro, Maria Lamas, Júlio Pomar, Francisco Keil do Amaral, escultor João da Silva, João de Barros e escritor e general do exército Luís A. Ferreira Martins(...)»<sup>156</sup>. No II Congresso Republicano de Aveiro, em 1969, aí apresentaram comunicações Elina Guimarães e Manuela Azevedo<sup>157</sup> e Aida Magro

Quando para as eleições à Assembleia Nacional, a realizar em Novembro de 1969, “(...) a “(...) plataforma unitária oposicionista, que concorria reunida na *Comissão Democrática Eleitoral –CDE*, sofreu uma cisão em Lisboa, no Porto e em Braga, cidades onde o sector socialista e independente formou uma outra lista eleitoral, a *Comissão Eleitoral de Unidade Democrática –CEUD*, em discordância com a facção comunista, pelas listas da *CDE* foi candidata a deputada Maria Barroso, por Santarém (Gorjão, 2002. p.218).

Nesse mesmo ano, da *Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos* fazem parte<sup>158</sup> duas senhoras que haviam sido colaboradoras de *Os Nossos Filhos*: Maria Keil e Ilse Losa.

Algumas das colaboradoras de *Os Nossos Filhos*, consideradaspositoras à política salazarista, foram presas pelo regime. Está neste caso Maria Lamas, como já referimos, prima direita de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Foi presa pela primeira vez, durante oito dias, em Dezembro de 1949, ‘acusada’ de ser membro do *Movimento Nacional Democrático*. Será presa novamente em Setembro de 1950 por ter ido participar, como representante do *Comité Nacional em Defesa da Paz do Conselho Mundial da Paz*, na jornada realizada na URSS. Daquele grupo nacional faziam parte os(a) entrevistados(as) ou os autores com obra anunciada em/para a revista *Os Nossos Filhos*: Egas Moniz, Ferreira de Castro, Lopes Graça e Cesina Bermudes<sup>159</sup>. A libertação será mais demorada: nesta Maria Lamas fica retida até 19 de Janeiro de 1951. Uma terceira prisão ocorre, no aeroporto, em Dezembro de 1953, quando regressava do estrangeiro após ter participado no *Conselho Mundial da Paz* em Bucareste e no *Congresso Mundial das Mulheres* em Copenhaga. Com ela são presos(as) também, entre outras(os): António

---

<sup>156</sup> Arquivo Mário Soares Pasta 2591.052- Oposição legal e semi-legal/ Diversos/ *Assembleia Mundial da paz*

<sup>157</sup> Assim como Aida Magro.

<sup>158</sup> Com Cecília Areosa Feio, Felicidade Alves, Maria Lúcia Pulido Valente Monjardino, Maria Judite Mendes de Abreu...

<sup>159</sup> Assim como Pulido Valente e Teixeira de Pascoaes (Gorjão, 2002. p.232).

José Saraiva, Maria Keil do Amaral, Arq. Keil do Amaral, Eng. Joaquim Ângelo Rodrigues, Alexandre O'Neill e Orlando Costa. Ficará “(...)detida até 8 de Janeiro de 1954, quando foi libertada sob caução(...)” (Gorjão, 2002. p.232). Neste aspecto da prisão o regime foi sexista e classista, uma vez que mais homens do que mulheres foram presos e, dentro destes, mais repressão se abateu sobre quem se encontrava mais ‘baixo’ na hierarquia social. Como o regime, também a oposição se reparte entre mais homens politicamente activos do que mulheres, sobretudo quando estas se retiram algum pouco devido ao nascimento dos filhos. Mesmo do lado das mulheres comunistas (Barradas, 2004) elas são, nas cadeias, em menor número do que os companheiros.

Muitas vezes as mulheres intervinham mas a sua politização desenvolveu-se sobretudo “(...)em confronto com problemas práticos da vida e do quotidiano querendo transformar o que lhes parecia errado, incorrecto, injusto(...).Em muitos casos, mesmo no seio de práticas políticas progressistas perduraram “(...) valores tradicionais acerca do papel de homens e mulheres na sociedade(...)”(Gorjão, 2002. p.248).

É esta uma afirmação mais do que apropriada para a senhora de quem nos ocupamos neste trabalho. Nele pretendemos mostrar como a sua acção é politicamente mais empenhada do que a sua palavra. Algumas autoras (Fiadeiro, 1999; Martins, 1994) que se têm referido aos textos de Maria Lúcia Vassalo Namorado como mais conservadores do que os de Maria Lamas, por exemplo, têm ignorado sistematicamente que, como refere Maria Letícia Clemente da Silva “(...)era impossível ignorar o pano de fundo de vigilância, controle e repressão que marcava a vida quotidiana de certos meios sociais e culturais e constituía uma manifestação constante do poder do regime autoritário(...)à distância perde-se facilmente a percepção de como eram condicionados os gestos quotidianos,...). Havia uma grande perseguição política. (...) Porque nesse tempo qualquer pessoa era metida na cadeia com o maior à-vontade. Bastava ter ideias. Isso com certeza, permanentemente. Tínhamos de ter cuidado, sentíamos permanentemente que podíamos estar a ser vigiados»(...)”(Gorjão, 2002. p.256). Por outro lado, como veremos ao analisarmos a forma como o *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* recenseia, em Outubro de 1944 a obra *Joaninha quer casar: conselhos às raparigas*, da autoria de Maria Lúcia Vassalo Namorado, nem sempre era assim tão grande a distância que separava as mulheres politicamente empenhadas das outras, como mostra Ana Barradas (2004), se as analisarmos sob o ponto de vista das concepções educativas ou das funções adequadas a uma senhora no lar. Maria Lúcia Vassalo Namorado não tinha, como veremos, e como outras tiveram, um marido, uma formação política activa ou

uma família que a pudessem ajudar caso ela ficasse impedida de continuar a sua actividade profissional. Afinal, como reconheceram algumas, entre elas Cesina Bermudes, “(...) a importância que a política adquiriu nas suas vidas foi quase «casual», diga-se assim, um «acaso» determinado por circunstâncias históricas, institucionais e políticas concretas(...)«ter-me metido em política era uma questão de ser antisalazarista. Mas não era verdadeiramente uma pessoa que valesse a pena meter-me em qualquer actividade que embora tivesse muita actividade, não era uma pessoa conscientemente política(...)” (Entrevista dada por Cesina Bermudes a Gorjão, 2002. p. 257).

Não hesitamos em dizer que Maria Lúcia Vassalo Namorado não só foi antisalazarista como tinha plena consciência da importância da política no quotidiano, nunca tendo deixado de ser uma republicana, liberal e tolerante. Se outros dados não tivéssemos ainda disponíveis para corroborar esta afirmação bastaria ver o percurso que, na área política, foi trilhado pelos seus descendentes. O seu posicionamento neste campo vai ter “(...)consequências na militância dos filhos(...) (Gorjão, 2002. p.268). Na sua actuação como directora da revista que analisamos em capítulo específico mais adiante, ela cruzou, ainda do ponto de vista político, questões de *género* com questões de *classe*, deu voz a mulheres que de outra forma não teriam uma tribuna pública onde se manifestar, estabeleceu contactos entre pessoas que tinham os mesmo problemas a resolver, fossem eles as angústias da juventude, as dificuldades dos deficientes ou as das mulheres sem local onde deixar os filhos enquanto trabalhavam.

Pensamos que faz todo o sentido reflectir sobre a proposta que encerra esta afirmação de Vanda Gorjão (2002. p. 143) sobre a forma como se processou a intervenção política das mulheres no Estado Novo: “(...)o que importa compreender neste estudo é como, no contexto de um regime autoritário que defendeu o papel social da mulher enquanto concretização da função natural do sexo feminino, antes de mais ser esposa e mãe, o estatuto social das mulheres condicionou a actividade oposicionista que elas desenvolveram, tornando-a consideravelmente diferente da oposição política conduzida pelos homens. Desde logo, foi demarcante o facto de a maternidade continuar a ser encarada como um fim natural e inquestionável da mulher, ao qual dificilmente se podia sobrepor um projecto profissional ou um projecto político autónomo - Não obstante, as representações sobre a identidade feminina integravam cada vez mais dimensões de emancipação(...)”(Gorjão. 2002. p. 143).

No final deste périplo pela “(...)infância de /Maria Lúcia Vassalo Namorado/ percurso escolar, modelos educativos nas famílias e posicionamento político dos pais(...)”(Gorjão, 2002. p.25) assim como pela tentativa de contextualização da sua vida nos períodos políticos em que se deu a sua formação académica formal, é chegado o momento de analisar a obra que foi produzindo e os meios de que se serviu para contribuir, como sempre foi seu objectivo, para a educação integral das mulheres e das crianças.





### **3 Maria Lúcia Vassalo Namorado e a educação feminina: pensamento e acção**

#### **3.1 Os meios: Artigos em periódicos, livros, programas de rádio, televisão e actividades diversas**

##### **3.1.1 Artigos em periódicos**

O pensamento de Maria Lúcia Vassalo Namorado, como acontece com a maior parte das mulheres do seu tempo que foram intervenientes na cena cultural, manifesta-se publicamente pela escrita. Ela colabora regularmente na imprensa regional de Torres Novas e também em Lisboa, primeiro através do apoio dado pela prima Maria Lamas e, depois dos anos 40, por iniciativa própria.

Neste capítulo iremos analisar toda a sua obra, publicada na imprensa, em livros ou mesmo em programas de rádio e televisão pois foram estes os *meios* de que se serviu para, através deles, conseguir sobreviver economicamente ao mesmo tempo que delineava uma proposta de conteúdos educativos para as mulheres e as crianças. Numa primeira fase, que se inicia no final dos anos 20 e se prolonga até 1932, data do seu casamento, ela irá escrever apenas para deleite pessoal. Logo após o casamento, passa a colaboradora na imprensa regional e em *Modas & Bordados*, dirigido por Maria Lamas. Durante este período Maria Lúcia Vassalo Namorado vai publicar inúmeros artigos na imprensa periódica e inicia também a sua produção como autora de livros. Esta fase termina, já em Lisboa, em 1942, ano em que enceta a publicação da revista *Os Nossos Filhos*. É deste período também a sua actividade como editora e como produtora de programas de rádio e de televisão. Quando em 1958 acaba a publicação regular da *sua* revista, começa outra fase na vida de Maria Lúcia Vassalo Namorado: a produção de obras para crianças, ou seja, dedica-se à literatura infantil e esta actividade vai sobrepor-se a toda a anterior, mais vocacionada para a formação e educação das mulheres.

### 3.1.1.1 Início colaboração na imprensa - Fins anos 20 a 1932

O texto publicado por *Maria Lúcia*, então com dezassete anos, em 23 de Outubro de 1927, quando ainda estava matriculada no *Liceu* em Lisboa, em *A Voz: Semana Infantil* é um poema<sup>160</sup> intitulado *Alvorada*. Com aquele nome irá publicar versos, livros, contos e uma grande parte – ao todo cinquenta e três - dos artigos que nos deixará em *Os Nossos Filhos*.

O quadro que se segue, que não inclui este primeiro poema que acabamos de referir, pretende ser uma listagem dos textos que Maria Lúcia Vassalo Namorado publicou nesta sua primeira fase como autora:

Data	Texto	Local	Obs.
1928	Um conto pobrezinho	Torres Novas. Novembro	/28 p./ manuscrito
1928 a	Mater dolorosa	Monte Estoril	/32 p./ manuscrito
1929	Os Moinhos /poema/	<i>A Renascença: semanário Pela Pátria. Pela República.</i> Torres Novas	29-8-1929
1929 a	Um conto pequenino <sup>161</sup>	<i>A Renascença: semanário Pela Pátria. Pela República.</i> Torres Novas	29-8-1929
1929 b	Folhas perdidas: versos de Maria Lúcia		/89 p. manuscrito/
1930	Saudades /soneto/	<i>A Mocidade</i> <sup>162</sup> : semanário da Liga da Mocidade republicana	N.º 1 p. 3
1930 a	Medo /poema/	Torres Novas	25-3-1930
1930 b	Soneto /poema/	<i>A Renascença: semanário Pela Pátria. Pela República.</i> Torres Novas	2-11-1930
1930 c	Incerteza /poema/	<i>Portugal Feminino</i> <sup>163</sup> .	Ano 1. N.º 5. Junho

<sup>160</sup> Maria Lúcia (1927)- “Alvorada” /poema/. In *A Voz: Semana Infantil*. 23-10-1927. p. 5

<sup>161</sup> Os originais deste jornal, assinado pelo pai de Maria Lúcia Vassalo Namorado, estão no *Espólio* em Caixa 80. Maço 1. Estão aí os textos: *Um conto para o bebé*, *Senhora Raposeca...*, *A História de uma rosa*(soneto), e *Um conto pequenino*.

<sup>162</sup> Este semanário de que só vão sair 16 números /scanner/ é publicado, pela primeira vez, em 9 de Março de 1930 e tem como director o advogado José Marques e António Júlio Vassalo como editor, o primo de Maria Lúcia Vassalo Namorado. No n.º 3 sai, na *Página feminina*, um conto – *Amor infeliz* – da sua autoria e no n.º 7 p. 2, um soneto – *Cantares*. No n.º 12 , p. 4 informam-se os leitores de que Maria Lúcia Vassalo Namorado estaria em Lisboa e que faria anos em 1 de Junho. No n.º 16, uma pequena caixa, no canto inferior esquerdo refere:“(…) Por motivos imperiosos e estranhos à nossa vontade *A Mocidade* suspende por algum tempo a sua publicação. Arredadas as dificuldades que nos obrigam a tomar esta atitude, de novo *A Mocidade* virá enfileirar ao lado dos seus colegas, com a mesma orientação política, lutando pela defesa e engrandecimento da República”. Neste jornal colaborou também Maria Lamas, sob o pseudónimo de *Rosa Silvestre*, com o poema *Pedrinhas da Rua*, publicado na *Página feminina* do n.º 3. A informação sobre a existência deste jornal foi-nos dada por João Carlos Lopes, director da *Biblioteca de Torres Novas*.

			1930 p. 2
1931	Desencanto /poema/	<i>A Renascença: semanário Pela Pátria. Pela República.</i> Torres Novas.	17-4-31
1931 a	Vingança de mulher: conto de Maria Lúcia		7-2-1931. 9 p. manuscrito.
1932	Canta a lenha na lareira /poema/ <sup>164</sup>	<i>A Renascença: semanário Pela Pátria. Pela República.</i> Torres Novas.	17-4-1932
1932 a	Amendoeiras em flor: conto de Maria Lúcia <sup>165</sup>	para Sr. Rafael Calado	manuscrito de 19 p.
1932 b	A Nossa terra: Torres Novas, jardins de oliveiras	<i>Portugal Feminino.</i>	Ano II, N.º 24. Janeiro 1932. p. 3
1933	Amor e Viver /dois poemas/	<i>Portugal Feminino.</i>	Ano III, N.º 37. Fevereiro 1933. p. 2
1933 a	A Lágrima	<i>Portugal Feminino.</i>	Ano III, N.º 39. Abril 1933. p. 7
1933 b	Uma grande obra se deve à Junta Geral do Distrito de Coimbra	<i>Portugal Feminino.</i>	Ano III, N.º 44. Setembro 1933. p. 21

Da apreciação destes textos notamos que a maioria foi publicada no jornal de Torres Novas<sup>166</sup> - *A Renascença* - onde ela faz sair poemas e pequenos contos. Também colabora, nesta fase, na revista *Portugal Feminino*<sup>167</sup>, de Maria Amélia Teixeira, uma revista para as ‘élites’ femininas. Logo no primeiro número, saído em Fevereiro de 1930, é publicado um poema de *Rosa Silvestre*, ou seja, Maria Lamas. Maria Lúcia Vassalo Namorado publica apenas uns sonetos nessa revista e dois textos:

<sup>163</sup> Nesta publicação assina sempre *Maria Lúcia*. Depois de publicar este soneto, vai receber uma carta de Alberto Delgado, Director da revista *Gente Lusa*, do Porto, para lhe enviar o livro *Avé Maria* e convidando-a para escrever para aquela revista, “(...) e agradecendo antecipadamente um inédito para a revistinha *Gente Lusa* que apesar de ser pobre e modesta a saberá receber como deve (...)” (Carta s.d. Caixa 77. Maço 9).

<sup>164</sup> Este poema, de que todos os que passaram pelos bancos da escola no Estado Novo ainda recordam, será publicado no *Livro de Leitura da 3ª classe*: Lisboa: Ministério da Educação Nacional. P. 67-68, com o título *O Destino da árvore*.

<sup>165</sup> Sobre este conto cf. correspondência entre Maria Lamas e Maria Lúcia Vassalo Namorado e, mais adiante neste capítulo, a colaboração em *Modas & Bordados*.

<sup>166</sup> Em 1943, sendo já directora de *Os Nossos Filhos*, colabora no *Torneio Literário* ali realizado por iniciativa de Alfredo José Moita dos Santos, Rua Nova 8, Torres Novas (Carta de 18 Set. 1943. Caixa 7. Maço 1) e publicado no *Almonda* desse mesmo dia. O prazo para entrar nesse concurso havia terminado um mês antes mas o remetente vê ainda possibilidade de Maria Lúcia Vassalo Namorado a ele concorrer com conto quadrado ou novela. Nos anos 70 e 80 do século passado continua a colaborar na imprensa regional de Torres Novas, agora na revista *Nova Augusta*.

<sup>167</sup> Cf. entrada *Portugal Feminino* na obra CASTRO, Zília; ESTEVES, João (dir) (2005) - *Dicionário do feminino: séculos XIX-XX*, p. 813.

um monográfico e apologético da sua terra natal e outro sobre a *Junta de Coimbra* dirigida por Bissaya Barreto. Pela lista colocada no interior da contracapa da revista sabemos que Maria Lúcia Vassalo Namorado foi correspondente de *Portugal Feminino* em Torres Novas pelo menos desde o n.º 22 de Novembro de 1931 até n.º 59 de Dezembro de 1934. /scanner/ Nesta revista, onde todas as senhoras colaboravam sem remuneração (Castro; Esteves, dir. 2005) vai ela conhecer, se não pessoalmente, pelo menos de nome, muitas das futuras colaboradoras de *Os Nossos Filhos*. O quadro seguinte mostra-nos quem são algumas das senhoras que se incluem nesse número:

Quadro nº7. : Identificação de algumas futuras colaboradoras de *Os Nossos Filhos* na revista *Portugal Feminino*:

Nome	Tipo de colaboração	Localização
Maria Rio de Carvalho, pseudónimo <i>Miriam</i>	poemas	n.º 8 Set. 1930. p. 15
Iveta Ribeiro, brasileira	Poemas e textos, fotografia	n.º 12. Jan. 1931. p. 10
Ludovina Frias de Matos, do Porto	Textos e poemas, fotografia	n.º 16. Maio 1931. p. 7
Branca Rumina, médica	ex-libris e texto	n.º 19. Out. 1931. p. 15
Virgínia Gersão	Poemas e fotografia	n.º 25. Fev. 1932. p. 7
Virgínia Mota Cardoso	Poemas e fotografias	n.º 27. Abril 1932. p. 7
Maria de Jesus Mateus	Poemas e fotografia	n.º 32. Set. 1932. p. 7
Judite Gomes da Silva, pseudónimo <i>Lygia</i>	Poemas, texto e fotografia	n.º 55. Ago. 1934. p. 7
Fernanda de Castro e Teresa Leitão de Barros	Anúncio a livro <i>Varinha de condão</i> <sup>168</sup> : contos infantis	n.º 56. Set. 1934. interior contracapa

### 3.1.1.2 Afirmação como colaboradora na imprensa regional<sup>169</sup>

O futuro marido de Maria Lúcia Vassalo Namorado fora colocado em Penacova desde 1 de Julho de 1931. Logo após o casamento foram viver para essa localidade e aí permaneceram, como já referimos, até Dezembro de 1937.

Em Outubro de 1932 sai o jornal *Notícias de Penacova: Semanário regionalista*, no qual vão ambos ser colaboradores<sup>170</sup> até 5 de Agosto de 1933. Joaquim J. Silva Rosa é o redactor principal do jornal, que tem como director e proprietário José de Gouveia

<sup>168</sup> Com título semelhante – *Se eu tivesse uma varinha de condão* - vai ser lançado um concurso na revista *Os Nossos Filhos* como veremos no capítulo da análise morfológica da revista.

<sup>169</sup> Antes de ir para esta localidade sabemos que Maria Lúcia Vassalo Namorado terá colaborado ainda numa espécie de palestras e sessões culturais, em Torres Novas, designadas *Hora útil*. Nelas também colaborou Maria Lamas mas não temos quaisquer documentos em que nos possamos basear, excepto na informações que nos foram prestadas por João Carlos Lopes e por uma carta que, dela existe no *Espólio*, dirigida a José Ribeiro em que lhe refere ter participado nas tais sessões (Carta a José Ribeiro. Lisboa. 2 de Abril 1983. Caixa 77. Maço 5).

<sup>170</sup> Cf. *Apêndice a Cap. 4 - Notícias de Penacova*, durante o período em que Maria Lúcia Vassalo Namorado nele colaborou.

Leitão, como administrador J. J. Nunes e como editor J. Barreto. O primeiro número, com 8 páginas, saía em 26 de Março de 1932 e, semanalmente, aos sábados. Era visado pela *Comissão de Censura* e podia ser adquirido por assinatura anual, semestral ou trimestral. Dois meses depois do primeiro número e até à data de 17 Setembro 1932 dá-se uma mudança de administrador – ocupa o cargo Álvaro A Santos. Sete dias depois e até 21 de Janeiro de 1933, ou seja, por um período inferior a quatro meses, será este mesmo cargo ocupado pelo marido de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Em 28 de Janeiro de 1933 e por um lapso de tempo de três meses, ou seja, até 18 de Março de 1933, é director e Editor: José de Gouveia Leitão e J J da Silva Rosa passa também a acumular o lugar de redactor do dito semanário. A publicação é interrompida entre Março e 1 de Abril deste último ano, data em que tem apenas José de Gouveia Leitão como Director, editor e proprietário, com a mesma morada de sempre para a redacção e administração. Este director terá estas funções desde este número até ao de 9 de Setembro de 1933, data em que outro administrador ocupa o cabeçalho: Manuel Correia da Silva, farmacêutico em Figueira de Lorvão. Estas mudanças coincidem com um maior fervor nacionalista do semanário que publica na 1ª página, nesta última data, uma notícia não assinada, intitulada *A conferência comunista* em que se refere: “(...) nada nos admira a falta de patriotismo destes sujeitos, o que nos admira é que tal conferência tenha sido permitida(...)” (p. 1). Neste mesmo número, o jornal muda de cabeçalho e de formato: perde a indicação de *semanário regionalista* e passa de 27 x 38 cm para 34 x 46 cm. Em 7 de Outubro de 1933, data a partir da qual passa a ter novo administrador, mantendo-se o director, o editorial intitula-se: *A Missão da Imprensa* e diz o seguinte: “(...)entrando com o presente número em muitos lares que antes o não conheciam (...) como o Salvador poderemos dizer-lhes: “não tenhais medo, é um amigo vosso. Na sua bandeira traz duas palavras escritas: Deus- Pátria(...) Defenderá a ideia religiosa e moral que tem sido o timbre da pátria portuguesa (...) defenderá o amor ao berço, ao amor a este torrão abençoado, a esta terra linda onde felizmente nascemos(...) terra que desejamos engrandecer e deixar mais feliz ao baixar ao coração dela. Abri-lhe a porta, pois, recebei-o, acolhei-o, amai-o porque é vosso amigo(...)”. Do número seguinte em diante, no cabeçalho, tem a inscrição *Deus. Notícias de Penacova. Pátria*.

Como soubemos da colaboração de Maria Lúcia Vassalo Namorado em *Notícias de Penacova* se não existe nenhum número daquele jornal no *Espólio* que deixou e nunca é referido nas notícias autobiográficas que, como vimos no capítulo anterior, redigiu ao longo da vida? Duas referências feitas na correspondência que guarda no

*Espólio* foram fundamentais para chegarmos a este jornal: uma de João Barreto, como veremos (cf. *Apêndice Cap. 5- Dedicatórias*), que se refere à colaboração de Maria Lúcia Vassalo Namorado nesse periódico através do qual o remetente e a futura directora de *Os Nossos Filhos* se haviam conhecido e nas cartas de Maria Lamas em que esta, por diversas vezes, solicita à prima o envio de colaboração já saída no jornal para também a publicar em *Modas & Bordados*, como veremos ao analisar a colaboração de Maria Lúcia Vassalo Namorado naquela revista feminina, ou ainda quando refere que não tem mais disponibilidade para também ela, Maria Lamas, enviar colaboração para Penacova.

Na época em que sai este jornal, o concelho de Penacova ainda não havia sido electrificado (*Notícias de Penacova*. 9-7-32). Na página de apresentação do futuro semanário, em artigo intitulado *Breves palavras* são esboçadas as linhas fundamentais de conduta: “(...)um jornal de novos, ao menos espiritualmente- a estes cumpre o dever de ocupar os postos da vanguarda(...) com o lema: acima de tudo os interesses regionais (...) alheio a pugnas de qualquer espécie, sejam elas de carácter político ou religioso ou meramente particular. Intransigentemente independente(...)integrado na corrente que de Norte a Sul se desenha, ele procurará, pela publicação de secções adequadas, criar na massa dos leitores o espírito colectivo que o bem estar da região requiere, que o futuro da Pátria exige. E levará também aos que longe vivem, as notícias da sua terra distante(...)assim os laços que o prendem à sua pátria, opondo-se à sua desnacionalização(...)”. Na página seguinte dá informações de carácter mais específico, sobre os colaboradores da publicação: “(...) Quinzenal e alternadamente publicará o *Notícias de Penacova* sob a direcção da Sra. D. Maria Lúcia Vassalo Namorado uma página infantil e outra feminina (...); semanalmente uma das páginas será reservada em especial a coisas de instrução a cargo do Sr. Ilídio dos Santos Madeira, professor em Lorvão(...)de agricultura a cargo do Sr. José Maria da Silva, proprietário e professor em Sazes(...) de medicina e higiene a cargo dos Drs. Manuel Ferreira Sales Guedes e José Joyce Damas Mora, médicos respectivamente nesta vila e em Lisboa, e a coisas comerciais a cargo do Sr. Edmar Guimarães Oliveira, empregado do BES, em Coimbra (...); Além dos colaboradores já referidos(...) outros serão os Srs. Drs. Augusto Simões de Castro e Manuel Emygdio da Silva, grandes amigos de Penacova, Dr. Alípio Barbosa Coimbra, médico e industrial bem conhecido neste concelho, Drs. Sílvio Pélico de

Oliveira Neto<sup>171</sup> e Alberto de Castro Pita, advogados em Coimbra; D. Aurora Rodrigues, já muito conhecida em Penacova, sob pseudónimo de *Dora* e Sr. Virgílio da Costa Lima, diplomado pelo *Curso Superior de Comércio*(...). Muito atenciosamente aceceu ao convite que lhe foi dirigido para honrar com a sua colaboração o nosso modesto semanário a Sra. D. Maria Vassalo Lamas, conhecida no mundo literário pelo nome de *Rosa Silvestre*(...)” (*Notícias de Penacova*. 26 Mar. 1932) cuja colaboração se inicia logo na página seguinte com o poema *Porque amo os humildes*.

Como se verá, Maria Lúcia Vassalo Namorado vai colaborar, com o nome de solteira e com o pseudónimo *Qui-Quiriqui*, entre Março de 1932 e 29 de Julho do ano seguinte. Depois dessa data, o jornal torna-se mais afecto ao nacionalismo triunfante publicando, entre outros, diversos artigos de fundo sobre *Nacional Sindicalismo* ( 27 Maio 1933), *Arte e nacionalismo*, de Mário Simões Dias (10 Jun.1933), *O Mito da liberdade*, de Carlos Proença, citando Maurras ou apenas com citações de Rolão Preto sobre o apoio devido a Salazar (24 Jun.33, p. 2).

Neste jornal Maria Lúcia Vassalo Namorado colabora com pequenos poemas e é também responsável por duas secções, como acabamos de ver: *Qui-Quiriqui*, uma página infantil que, quinzenalmente alterna com a colaboração para as senhoras: *Página Feminina: O Espírito, a elegância e o lar*.

O quadro seguinte mostra toda a participação poética que assina apenas como *Maria Lúcia*:

Quadro n.º: 8.Colaboração com poemas em *Notícias de Penacova*:

Data	p.	Título
9-4-32	3	Incerteza (poema)
23-4-32	3	Crepúsculo
14-5-32	3	Encontro e desencontro
21-5-32	3	Saudade
28-5-32	4	À Musa
4-6-32	3	Medo
18-6-32	2	Saudade /diferente do anterior/
25-6-32	5	Folhas perdidas
2-7-32	4	Cantigas /poema gosto popular com diálogo rapaz/rapariga/
8-9-32	4	Soneto
19-11-32	4	Só

---

<sup>171</sup> Sílvio Pelico de Oliveira foi um elemento destacado do *Partido Evolucionista* da região centro (Sousa, 1999.p. 86)

28-1-33	2	Declaração de amor
11-2-33	5	Esperança
18-2-33	2	Viver
18-3-33	4	Desencanto

Da análise deste quadro e da sua comparação com o que anteriormente apresentámos relativo à primeira fase da vida profissional de Maria Lúcia Vassalo Namorado concluímos ainda que era muito vulgar a publicação de um mesmo texto em diferentes jornais pois que num total de quinze poemas, pelo menos quatro haviam sido publicados em Torres Novas, no jornal local.

A secção infantil quinzenal - *Qui-Quiriqui* – do *Notícias de Penacova* estende-se do n.º 1 de 26 de Março de 1932 até ao n.º 34 de 29 de Abril de 1933.

Os seus objectivos, são apresentados e definidos em verso: “(...) Não me conhecem? Talvez?! Mas eu cá por minha vez/ Posso dizer que os conheço/ Sou amigo de vocês!/ Estou aqui para os servir/ P’ros ensinar/ E entreter/ E divertir/ Sou muito vosso amiguinho/ E desejo sempre o ser/ Lá de quinze em quinze dias/ Apareço por aqui:/ Qui-quiriqui!/ E a quem me quiser ouvir ensinarei o que sei/ O que vi e aprendi/ Nas terras por onde andei/ Histórias de carochinhas/ De meninos e de versos/ Poesias e adivinhas/ Anedotas e concursos/ Etc, e tal e tal.../ Se quiserem inda mais/ façam favor de dizer!/ P’ra isso basta escrever/ Ao vosso Qui-riquiriqui!.../ Uma carta ou um postal/ (Que seja escrito a preceito, Numa letra muito igual,/ Sem o mínimo borrão!)/ E aqui/ mesmo nesta secção/ A resposta será dada./ Combinado? Ora pois/ Não vos quero dar massada./ (...)” (26 Mar. 1932). Esta secção, de página inteira, vai ter sensivelmente o mesmo conteúdo de muita da produção de Maria Lúcia Vassalo Namorado, como veremos, em *Os Nossos Filhos*, revista que também terá várias secções para as crianças, e também nos textos que publicará no *Diário de Lisboa*, já nos anos 60 do século passado. Vai usar estas páginas para contar, em simultâneo, uma pequena história infantil na coluna *Era uma vez* e, em *Migalhas da Nossa História* apresenta um(a) personagem cuja vida ou conselhos são de reter como exemplo de vida e conduta moral a seguir (no 1º número será D. João de Mascarenhas, o fidalgo que quis dissuadir D. Sebastião da jornada de África). Segue-se a coluna *Quem é capaz de adivinhar?* (na qual se apresentam as adivinhas e apela à colaboração dos leitores como o fará mais de vinte anos depois nas publicações já referidas), a rubrica *Depois da festa*, em que conta uma anedota e, as linhas finais, são sempre com conselhos mas sem qualquer título específico, como: “O aborrecimento entrou no mundo pela porta da preguiça” (26 Mar.



1932).“(…) Não rias dum velho, dum pobrinho...respeita velhice, pobreza(…)” ou com aforismos como: “(…)A Consciência é o melhor livro de moral que nós temos: é aquele que mais vezes devemos consultar(…)”, entre muitos outros.

No número dois, a estrutura mantém-se e há uma coluna sobre as vantagens do asseio. No número seguinte, o terceiro, de 23 de Abril de 1932, sairá o poema *Canta a lenha na lareira* que Maria Lúcia Vassalo Namorado havia feito publicar seis dias antes, a 17 de Abril, em Torres Novas, em *A Renascença: semanário Pela Pátria. Pela República*, aqui assinado apenas com as iniciais *M.L.* que ela tantas vezes virá a utilizar durante a vida. Para melhor nos apercebermos do conteúdo desta secção apresentamos o seguinte quadro cumulativo:

Quadro n.º9. *Qui-Quiriqui!...* Secção Infantil do jornal *Notícias de Penacova*:  
Histórias infantis:

Localização	Título	Obs.
n.º 4 - 7-5-32	<i>O pintassilgo agradecido</i> , Maria Lúcia (História infantil)	p. 4
n.º 5 - 4-6-32	<i>A mulher gulosa</i> , contos tradicionais portugueses, de T. Braga	
n.º 6 -18-6-32	<i>O Chorão e a tarambola</i> , (conto de) Maria Lúcia	
n.º 7- 3-7-32	O tesouro do enforcado (história)	
n.º 9 - 30-7-32	<i>As vozes dos animais</i> (dos contos tradicionais de) Teófilo Braga	p. 3
n.º 10- 13-8-32	A Senhora raposeca, /conto de/ M.L.	p. 3
n.º 12 – 10-9-32	Um contarelo, de M.L.	/p. 3/
n.º 13 – 24-9-32	<i>O caldo de pedra</i> , por Teófilo Braga	p. 3
n.º 14 - 8-10-32	A Raposa no galinheiro, de Teófilo Braga	p. 3
n.º 15 - 22-10-32	<i>A Tia Miséria</i> , dos Contos Tradicionais Portugueses, de Teófilo Braga	p. 3
n.º 16 - 5-11-32	<i>Espertezas de rato</i> /conto de/ Maria Lúcia	p. 3
n.º 17- 19-11-32	<i>A águia e a coruja</i> de Contos tradicionais portugueses, de Teófilo Braga	p. 3
n.º 18- 3-12-32	<i>As receitas da Matilde</i> , /História de/ João da Mota Prego Fábula do pardal e os canários, de Pimentel Maldonado	p. 3
n.º 19- 17-12-32	<i>A Formiga e a neve</i> , do Cancioneiro Popular	p. 3
n.º 21- 14-1-33	Frei João sem cuidados, Teófilo Braga	p. 3
n.º 22 - 28-1-33	<i>Com papas e bolos</i> , adaptação de Fedro, de Zé Pacóvio Caiu-me na minha catulinha, dos Contos tradicionais portugueses, de Teófilo Braga	p. 3
n.º 23 - 11-2-33	<i>O Macaco</i> , adaptação do russo, por Zé Pacóvio <i>As adivinhas em anexins</i> , dos Contos tradicionais portugueses, de Teófilo Braga	p. 3
n.º 24 - 25-2-33	A Raposa e o galo, Zé Pacóvio <i>O Sapateiro Pobre</i> , de Teófilo Braga, dos Contos tradicionais portugueses <i>O jogo do Pira</i> , de Teófilo Braga, dos Contos tradicionais portugueses	p. 3
n.º 26 - 1-4-33	<i>A raposa e o lobo</i> , de Teófilo Braga, dos Contos tradicionais portugueses	p. 2

n.º 27 - 15-4-33	<i>O lobo e o cordeiro</i> , de Manuel Bernardes	p. 2
------------------	--	------

#### Pensamentos e Aforismos:

Localização	Título	p.
n.º 4 - 7-5-32	Fazer o que nos desagrada...	4
n.º 5 - 4-6-32	A precipitação é a chave do arrependimento; A paciência é a chave da alegria	
n.º 24 - 25-2-33	“Os nossos professores são, depois dos nossos pais, os nossos maiores amigos, porque deles vem a instrução, que é 1 das maiores riquezas da terra. Devem ter a nossa amizade, consideração, respeito. Meninos que não estimam professores provam que são mal educados e ingratos”	3
n.º 25 - 11-3-33	A consciência é o melhor livro de moral que nós temos: o que mais vezes devemos consultar	3
n.º 28 - 29-4-33	A Alegria é a força dos fracos e dos humildes	2

#### Colaboração de Rosa Silvestre:

Localização	Título	Obs.
n.º 2 – 9- 4- 1932	Hora de paz /poema/	p. 4
n.º 5 - 4-6-32	Os Sinos das ermidinhas	p. 4
n.º 20- 31-12-32	<i>Ano Novo</i> /poema/	p. 3

#### Poemas:

Localização	Título	Obs.
n.º 7 - 3-7-32	<i>Alvorada</i> /soneto de Maria Lúcia/	p. 4
n.º 8 - 16-7-32	<i>Contentamento</i> /poema de Afonso Lopes Vieira/	p. 3
n.º 11- 27-8-32	<i>Meio dia</i> /poema de/ Maria da Cunha	p. 3
n.º 14 - 8-10-32	<i>O Burro e o cavalo</i> , /versos de/Coimbra, 30-9-32, de Luís Guilherme Mendonça d'Albuquerque, /pseudónimo/ Zé Pacóvio	p. 3
n.º 15 - 22-10-32	<i>A vaidade castigada</i> , adaptação de Fedro /poema de/ Luís Guilherme Mendonça d'Albuquerque, /pseudónimo/ Zé Pacóvio	p. 3
n.º 16 - 5-11-32	<i>A escada da vida</i> /Poema/ de Eugénio de Castro	p. 3
n.º 17- 19-11-32	<i>Mais vale manha do que força</i> , /poema de/ Luís Guilherme Mendonça d'Albuquerque, /pseudónimo/ Zé Pacóvio	p. 3
n.º 21- 14-1-33	<i>A Soberba</i> , /Poema de/ Zé Pacóvio	p. 3
n.º 25 - 11-3-33	<i>Azenhas</i> (em verso por) Cardoso dos Santos	p. 3
n.º 27 - 15-4-33	<i>A vaca, a cabra, a ovelha, o leão</i> , (poema)de Francisco da Silveira Malhão	p. 2
n.º 28 - 29-4-33	<i>Poema</i> de António d'Azevedo Castelo Branco /um poema de/ Zé Pacóvio ao meu amigo José de Pinna Cabral	p. 2

#### Outros textos:

Localização	Título	Obs.
n.º 7 - 3-7-32	História do sapato Os Pontífices e os touros <sup>172</sup>	p. 4
n.º 8 - 16-7-32	Primeiro palácio real em Lisboa As abelhas (texto truncado de) João da Mota Prego	p. 3
n.º 9 - 30-7-32	Migalhas (sobre urso branco)	p. 3
n.º 10- 13-8-32	Os carrilhões de Mafra Lendas /sobre Fevereiro e coruja/ Migalhas /galo símbolo nacional de França/	p. 3
n.º 11- 27-8-32	D. Pedro V, /de/ Bulhão Pato	p. 3
n.º 16 - 5-11-32	Migalhas de História	p. 3
n.º 20 31-12-32	“Boas festas: ...chi-coração para todos e suas famílias.....Para terem um ano feliz Qui-Quiriqui aconselha os seus amiguinhos a terem muito juízo, serem obedientes, generosos e trabalhadores, pois só quem possui boas qualidades e procede bem pode triunfar e sentir-se feliz”.	p. 3
n.º 20 - 31-12-32	Cantinho dos amigos do Qui-Quiriqui – (Conto assinado) Almondina- “Manelzito” /secção que fora referida que se iria criar no nº anterior/	p. 3
n.º 22 - 28-1-33	/ocupa agora a coluna dos concursos/ Deveres dos meninos para os seus professores, do Tratado da Condessa de Gencé: “Deve respeitar o seus professor...provar...é mostrar-se atento às lições...não brincar nem mostrar-se distraído enquanto ele fala (...) a distração é falta de respeito (...)melindra e desgosta professor tratar sempre correctamente(...) a pobreza não impede correcção(...)não servir de desculpa para sujos e rotos(...) gentil e delicado escrever ao professor em férias(...)prova deferência e afecto para com aquele a quem deve o saber(...)”	p. 3
n.º 23 - 11-2-33	<i>Como se deve estar à mesa</i> /ocupa coluna dos concursos:/ do Tratado da Condessa de Gencé: Guardanapo não no pescoço(...)sempre nos joelhos(...)Direito, corpo não tocar na mesa, evitar cotovelos sobre toalha(...)Fala-se pouco enquanto se come(...)mas responde-se sempre que nos falam(...)Não servir da faca para levar alimentos à boca(...) Não se come muito depressa (...)nem fala com boca cheia (...) Não fazer bolinhas com pão, nem (...)desenhos com migalhas sobre toalha, ou no prato com restos de comida ou de fruta(...)Borda do prato: ossos ou bocados que não se queiram comer(...) Bebe-se com sobriedade e sem ruído(...)não beber todo conteúdo dum só trago(...)passa guardanapo pelos beijos antes e depois de levar o copa à boca(...)	p. 3
n.º 27 - 15-4-33	<i>Cortesia</i> , Condessa de Gencé: Cumprimento é como moeda miúda que corre de mão em mão sem empobrecer ninguém(...) Pessoas desconhecidas e conhecidas cumprimentam-se(...)Nunca evitar um cumprimento(...) Desvio de olhos é grosseiro; não correspondem cumprimento são indelicados e ignorantes das regras do bem viver(...) Cumprimento não fatiga(...)	p. 2
n.º 28 - 29-4-33	Deveres para com os criados <sup>173</sup> , da Condessa de Gencé: Tratar com humanidade (...) delicadeza, esforçando-nos por ser justos(...)Não é um escravo(...)não o humilhar(...)Têm direito de exigir de nós delicadeza, justiça e bom trato(...) Não se deve ser familiar com os criados(...)não quer dizer tratar com severidade(...) Não ser insolentes porque eles o serão também para nós(...) Respeitemo-os para sermos	p. 2

<sup>172</sup> Como vemos, este é um tema recorrente nos textos de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

<sup>173</sup> Este tema será abordado por Maria Lúcia Vassalo Namorado, mais pormenorizadamente, em *Os Nossos Filhos*, como veremos.

	respeitados(...) Bondade, justiça e natural delicadeza impõe respeito e consideração(...)"	
n.º 25 - 11-3-33	<i>O Petróleo</i> /texto de cultura geral/	p. 3

## Concursos:

N.º	Data	P.	Referências
7	3-7-32	3	Concurso do qui-quiriqui (adivinha n.º 1)
8	16-7-32	3	Concurso do qui-quiriqui (adivinha n.º 2)
9	30-7-32	3	Concurso do qui-quiriqui (adivinha n.º 3) <sup>174</sup>
10	13-8-32	3	Concurso do qui-quiriqui (adivinha n.º 4)
11	27-8-32	3	Concurso do qui-quiriqui (adivinha n.º 5)
12	10-9-32	/3/	Concurso do qui-quiriqui (adivinha n.º 6)
13	24-9-32	3	Concurso do qui-quiriqui (resultados no n.º seguinte)
15	22-10-32	3	(cadernetas para concurso com prazo até 31 deste mês)
16	5-11-32	3	/dia 13 será sorteio do concurso mas vai começar outro/
17	19-11-32	3	(resultado do) Concurso do <i>Qui-quiriqui</i> : (sorteio realizado na) redacção do notícias de Penacova, feito pelo menino Políbio da Silva, de 4 anos; de Penacova. 1ª- caderneta de José Simões, 12 anos, Lorrão 2ª- Júlio Pereira Ramos, 13 anos, Espinho 3ª- Fausto Gaitto Neves, 14 anos, Paradela da Cortiça prémio para mais bem desenhada- Carlos da Silva de 10 anos, Fonte da Cheira, Calhabé, Coimbra. Prémios vão ser adquiridos segundo idade dos premiados, pq de 7 a 15 anos...
18	3-12-32	3	1º prémio- caneta de tinta permanente 2º- <i>A Quinta do Diabo</i> , engraçado e útil livro de Avicultura, de João da Mota Prego 3-“O filho do carvoeiro”, livro de contos de João Barreto/anunciado no jornal/ 4-esplêndida bola de borracha
19	17-12-32	3	/novo concurso:/ (...) Publicará adivinhas fáceis, cuja solução serão nomes de animais bem nossos conhecidos. Os meninos terão apenas a fazer o seguinte: arranjam um caderno de papel muitíssimo limpo; recortam as adivinhas publicadas; colam a 1ª na parte superior da 1ª página do caderno e, logo abaixo desenharam o bicho correspondente; (...) e fazem sempre assim(...) os bichos podem ou não ser coloridos. O que é preciso é que o caderno seja muitíssimo limpo(...) deverá ter uma capa onde os meninos escreverão o nome, a idade, a morada. Terminada a publicação das adivinhas enviam o caderno a Maria Lúcia – Redacção do <i>Notícias de Penacova</i> , e pronto(...). Prémios gerais que serão três e conferidos por sorteio(...) haverá um outro prémio(...) /ao/ concorrente que apresentar o caderno mais artístico e com os bichos mais bem desenhados(...)."
n.º 24	25-2-33	p. 3	/anuncia que no próximo n.º /condições do novo concurso do <i>Qui-Quiri-qui</i>
25	11-3-33	p. 3	/pedido de desculpas por não ter condições do novo concurso/
26	1-4-33	p. 2	/está na p. da esquerda e muda de aspecto gráfico

<sup>174</sup> As três primeiras adivinhas não tinham indicação de pertencerem ao concurso.

A rubrica de *Correio do Qui-Quiriqui* começa no n.º 4 de 7 de Maio de 1932 e termina no número seguinte com indicação de que se vai iniciar um *Concurso para as crianças*. No fim do n.º 6 de 18 de Junho de 1932, como fará mais tarde também com a revista *Os Nossos Filhos*, Maria Lúcia Vassalo Namorado escreve: “(...) Aconselha os teus amiguinhos a comprarem o *Qui-Quiriqui!*... para poderem entrar no Concurso(...)” (p. 3).

Ao analisarmos a estrutura desta secção infantil verificamos que ela virá a ser quase idêntica à que Maria Lúcia Vassalo Namorado irá utilizar na sua revista, dez anos depois: a estrutura da página, a forma como se dirige às crianças, a utilização de diversos contos tradicionais portugueses, a publicação de alguns dos seus contos infantis, a forma como anuncia o concurso de adivinhas e a insistência na ilustração dos textos que irá usar até para escrever um livro dela – *Aventuras do Janoca e do Janeca* - como veremos, publicado quase quarenta anos depois desta secção.

No que respeita aos aforismos e pensamentos de tipo moralizante que aqui inclui, eles serão também idênticos aos que vai usar em *Os Nossos Filhos*. A chamada de atenção para as formas de que deve revestir-se a relação dos alunos com os professores vai ser enfatizada também na referida revista. A participação de Maria Vassalo Lamas, anunciada, como referimos logo no 1º número do *Notícias de Penacova* não ultrapassa, nesta secção infantil, os três poemas. Entre 28 de Abril e 29 de Julho de 1933 a estrutura da secção continua semelhante à que tem tido até aqui mas deixa de ter qualquer texto<sup>175</sup> de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Assim termina o *Qui-Quiriqui* com este último número do jornal. Durante alguns anos, até 1942, não teremos mais nenhuma colaboração infantil desta autora. Só a retomará na sua própria revista, depois de Junho daquele ano, como veremos mais pormenorizadamente na análise que dela fazemos também neste trabalho.

A cargo de Maria Lúcia Vassalo Namorado estava também, no *Notícias de Penacova* a secção *Página Feminina: O Espírito, a elegância e o lar*, que sai entre 2 de Abril de 1932 e 5 de Agosto do ano seguinte. Naquele primeiro número dá-se conta do que se pretende com esta nova secção: “(...) A *Página Feminina* do *Notícias de Penacova*, cumprimenta as suas gentis leitoras e amigas, desejando ser-lhes prestável tanto quanto possível, pede que lhe comuniquem quais os assuntos que desejariam ver

---

<sup>175</sup> *Notícias de Penacova*. N.º 28. A secção passa para a p. 2.

tratados aqui. Toda a correspondência deverá ser enviada a *Maria Lúcia*, redacção do *Notícias de Penacova*(...)”(p. 4).

A estrutura da secção<sup>176</sup> mantém-se constante ao longo dos anos em que é publicada e faz transcrições de textos de Maria de Carvalho e de Maria Amália Vaz de Carvalho desta última são sobretudo de *Cartas a uma Noiva* (2 de Abr., 6 e 20 de Ago. 1932) e Ludovina Frias de Matos (12 de Nov. 1932), dá conselhos sobre as relações entre marido e mulher (30 de Abr. e 11 de Jun. 1932), publica *Um Soneto* de Florbela Espanca (9 Jul. 1932), um texto *A Saudade...* assinado *Silva Rosa* (23 Jul. 1932). Neste jornal também Maria Lúcia Vassalo Namorado inicia a publicação de pequenas notícias sobre “(...)Mulheres que se distinguem(...) /como/ a aviadora Amélia Earhart, 1ª mulher atravessar Atlântico, Terra Nova-Irlanda em 15 h(...)” (6 de Ago. 1932), sobre a concessão do voto às mulheres argentinas (12 Nov. 1932) ou sobre a história das creches (20 de Ago. 1932). Publica ainda *Desengano*, um poema de Maria Cândida Parreira que virá a ser uma das primeiras deputadas portuguesas (10 de Dez. 1932) e é em Janeiro de 1933 que começa a publicar alguns conselhos de Samuel Maia, sobre os berços das crianças, o ermo e a falta de asseio nos bebés ou o excesso de agasalhos (7, 21 de Jan. e 3 de Maio 1933) como fará dez anos depois em *Os Nossos Filhos*. Sobre a educação das mulheres também começa a publicar alguns excertos de certas obras como é o caso de *Capital Bendito* de D. Virgínia de Castro e Almeida de onde retira um pequeno texto intitulado também *A Educação da mulher* (4 de Fev. 1933) e transcreve ainda outro sobre *A evolução da Mulher*, extracto da conferência de escritora francesa Amy Ragirot, em Lisboa (18 de Fev. 1933). Também em *Notícias de Penacova* começa a publicar *Amendoeiras em flor*<sup>177</sup> (a partir de 6 de Abr. 1933) que virá a ser muitíssimo elogiado por Maria Lamas.

A análise desta secção mostra-nos que Maria Lúcia Vassalo Namorado tem já, nesta altura, um conjunto de questões sobre a educação feminina que vai aprofundar ao longo da vida. Nos textos de outras(os) autoras(es) que ela publica e nos da sua autoria encontramos, como mais tarde também acontece em *Os Nossos Filhos*, um conjunto de ensinamentos que ela considera serem fundamentais para as mulheres. Aqueles oscilam entre a afirmação da necessidade de se ser bem educada (no sentido do conhecimento das regras de etiqueta e de todos os dados que fazem de uma mulher uma boa dona de casa), de se ser culta, de se distrair e de saber bem orientar os filhos.

---

<sup>176</sup> Sobre essa estrutura e conteúdos cf. o *Apêndice Cap. 3- Notícias de Penacova*.

<sup>177</sup> Este texto será publicado também em *Modas e Bordados* como veremos adiante neste capítulo.

Como acontecerá mais tarde em *Os Nossos Filhos*, também aqui é Maria Lúcia Vassalo Namorado a única e exclusiva responsável pelo conteúdo da secção. Muitos poemas e excertos de textos são da autoria de mulheres, sobretudo escritoras, cujos conhecimentos ela preza. A autora mais importante é Maria Amália Vaz de Carvalho e são dela todos os textos alusivos às relações entre homens e mulheres. Não esqueçamos que Maria Lúcia Vassalo Namorado lera *Cartas a uma noiva* (cf. cap. anterior), obra bem apropriada a uma menina casadoira ou a uma mulher recém-casada, como era o seu caso. A influência desta autora que defende o lar como se de uma fortaleza se tratasse, vai ficar bem vincada em todos os textos que, sobre o assunto, escreve(rá) para as suas leitoras. A leitura de poemas e texto de reflexão fazia parte da educação das meninas e das mães da época. Como poetisas escolhe Maria de Carvalho, Maria Cândida Parreira, Ludovina Frias de Matos, Fernanda de Castro, Maria Amélia Teixeira assim como Florbela Espanca e *Rosa Silvestre*. Todas elas, por diversas razões que analisamos mais adiante na revista *Os Nossos Filhos*, tiveram ou vão ter uma importância enorme ao longo da vida de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

Os seus textos, em verso ou prosa, são sempre muito bem escritos e resultam de uma anterior reflexão, séria, sobre os temas abordados. De toda a sua colaboração em *Página feminina: O espírito, a elegância e o lar* não podemos deixar de destacar dois deles dado que, pela sua extensão, merecem um reparo específico: um, *O trabalho e a alegria* e o outro, *Coisas que eu penso: raparigas modernas*<sup>178</sup>, ambos assinados como *Maria Lúcia*<sup>179</sup>.

O primeiro destes dois textos<sup>180</sup> apresenta-se na forma de resposta a uma carta de uma leitora que se julga “(...) desiludida, incompreendida, deslocada(...) infeliz porque fugiu do teu espírito aquela sensação de bem estar que torna os dias leves e rápidos(...) porque nada te interessa, porque andas atacada de aborrecimento, pessimismo, neurastenia(...)”. Face a este diagnóstico, que propõe Maria Lúcia Vassalo Namorado? Primeiro, que a senhora em causa (não será ela mesma, menina educada em Lisboa, vinda para a província?) se interrogue sobre as causas desse estado de espírito. Seguidamente, que

---

<sup>178</sup> Na bibliografia final deste trabalho incluímos um texto M.L. (s.d.)- “Coisas que eu penso”. 3 p. manuscrito. /sobre mulher moderna/ que Maria Lúcia Vassalo Namorado guardou em Caixa 77. Maço 9 do *Espólio*, idêntico ao texto aqui publicado.

<sup>179</sup> Um outro pseudónimo de Maria Lúcia Vassalo Namorado é *Maria*, aqui utilizado para conselhos de Regras de etiqueta (cf. n.º 17, de 26 de Novembro de 1932, p. 2)

<sup>180</sup> “Página feminina: O Espírito, a elegância e o lar”. In *Notícias de Penacova*. N.º 20. 7 Janeiro 1933. p. 4. Este mesmo texto fora já publicado um ano antes, com o mesmo título e conteúdo, em *Modas & Bordados*. Ano XX. N.º 1080, de 19 de Outubro de 1932. p. 4

pense que “(...) só o que é útil é durável, só o que é durável triunfa, só o triunfo é alegria(...)”. É que uma vida “(...) fútil, perfeitamente vã /não põe/ na alma o vigor sadio e glorioso dos batalhadores e triunfadores(...)”. Ela tem de se “(...) convencer que não vieste a este mundo apenas para decorar, com o teu lindo sorriso, os teatros, os bailes, os passeios (...) para seres apenas um adorno, um fantoche, (...) não valia a pena teres nascido...(...)”. Então que deve fazer a mulher que se entedia com a vida despreocupada que leva? A resposta é já a que será dada ao longo de muitos anos em *Os Nossos Filhos*: que a mulher se eduque, que pense na forma de melhor tirar partido de tudo o que tem, de moldar o seu carácter pois “(...) Lembra-te que o teu destino é *ser mulher*, e para tal é necessário fugir dessa inércia em que tens vivido(...) procurar o que no teu caminho deixe um sulco proveitoso(...)”.

É então estabelecido um plano de orientação que, supõe-se, levará qualquer mulher que o siga à felicidade e à alegria. Para isso é preciso seguir uma linha dicotómica em que, num lado se encontra a distração, o gozo, a brincadeira “(...) como a tua mocidade pede(...)” e, por outro, há que estudar, raciocinar, trabalhar “(...) como à tua mocidade a Vida exige(...)”. Desta forma simples, acaba a neurastenia, “(...) o teu espírito exultará como um passarinho na plenitude de uma liberdade ansiada, após prisão em gaiola estreita(...)”. Aconselha ainda que não se desperdicem os dias que não voltam em inutilidades que “(...) te deixam nesse desconsolo que neurasteniza, põem à tua volta essa frieza que desanima, rodeiam a tua vida desse vácuo que te horroriza e prende, e a que não poderás fugir se a tempo não reagires(...)”. Sem desesperar a mulher tem de seguir um último conselho: “(...) Eleva-te, trabalha, sê útil(...)”. Esta conduta vai ser repetida também, quase à exaustão, em inúmeros dos textos que publicará em *Os Nossos Filhos*.

O segundo texto que seleccionamos da colaboração de Maria Lúcia Vassalo Namorado: *Coisas que eu penso: Raparigas modernas*<sup>181</sup>, é um dos primeiros textos desta autora sobre a condição feminina em Portugal, nunca dissociada do problema da (às vezes falsa) educação da mulher. Este texto publicara-o Maria Lúcia Vassalo Namorado em *Modas & Bordados*<sup>182</sup>, um mês antes de o voltar a publicar em *Notícias de Penacova*. Logo no primeiro parágrafo estabelece uma diferença entre as mulheres: as “(...) inteligentes e cultas que encaram com superioridade e clareza o problema

---

<sup>181</sup> “Página feminina: O Espírito, a elegância e o lar”. In *Notícias de Penacova*. N.º 24. 4 Março 1933. p. 3

<sup>182</sup> O texto, com o mesmo título, fora publicado em *Modas & Bordados*. N.º 1097, de 15 Fevereiro de 1933, p 4.



feminino(...)” e “(...) muitas outras que, não sendo estúpidas, nem ignorantes, mercê duma falsa educação ou de um incompreensível comodismo, têm uma triste noção das suas pessoas e das suas responsabilidades(...)”. A análise do texto prova que a autora se inclui no primeiro grupo que refere. As segundas, que classifica como “(...) as nossas raparigas modernas(...)” estão, por seu turno, divididas em dois outros grupos: “(...) Para um vão aquelas que acham bastante chamar a si um extravagância de hábitos, uma desenvoltura de maneiras e linhagem que nem é desempoeirada, nem lógica, nem útil, nem correcta, nem coisa nenhuma que se preze: pertence a este número uma vizinha que eu tive, muito boa menina, com 18 anos e tão prendada que sabia à maravilha, pintar-se, fumar, dançar, namorar, beber, decotar-se, caçar, montar e disse: era uma menina honestíssima, em toda a parte bem acolhida e respeitada, sempre acompanhada da santa senhora sua mãe. Do outro grupo fazem parte as raparigas que se limitam a pintar-se e a trabalhar como qualquer rapaz e sair de casa pela manhã para voltar à noitinha, sem outra preocupação além do seu emprego (...)”. Feita a distinção que, como sempre, recorre a exemplos do quotidiano para mais simplesmente argumentar, deparamos com o que pensa Maria Lúcia Vassalo Namorado sobre tão premente tema: em primeiro lugar, há que reflectir sobre as (des)vantagens de muitos dos novos costumes sobre os velhos. Depois, como deve ser a mulher moderna? “(...) deve ser culta, trabalhadora, produtiva, desempoeirada, se quer ser moderna e feminina, delicada, comedida se quer ser mulher; de contrário é uma boneca de todos os tempos, mais ou menos frívola ou...escandalosa(...). Digam-me: A caixeirinha pobre que ganha o pão de cada dia e anda com as meias rotas sob os sapatinhos graciosos, porque não sabe coser e desconhece os hábitos de arranjo que devem ser inerentes às mulheres, em que vale mais que a costureira de há 100 anos que sustentava e aninhava o lar?(...)”. É então que Maria Lúcia Vassalo Namorado explicita, de forma inequívoca, o que pensa sobre o tema: “(...) Confundir a quebra de preconceitos ridículos com ridículas e perigosas excentricidades, chamar a libertação da mulher à sua masculinização e à expansão louca da sua frivolidade, é profundamente triste e muito sério(...). Vejamos que tão lamentável é a menina *chic* que apenas se diverte como a trabalhadora doméstica que não sai da velha rotina e não procura elevar-se, como a Intelectual que se esquece da sua missão dentro da família e do lar; vejamos como podemos ser alegres sem ser frívolas, podemos ser desembaraçadas, activas, independentes e conservarmo-nos femininas. E assim sejamos modernas mas de facto pela clareza das nossas ideias, pelo

aperfeiçoamento do nosso espírito, desenvolvimento progressivo e equilibrado das nossas faculdades, pela justa compreensão dos nossos deveres e responsabilidades(...)”.

Como se conclui, a defesa do feminismo passa, para ela, por um rigoroso equilíbrio entre as tarefas mais tradicionais da condição feminina, pelo reconhecimento das diferenças de género mas também pela defesa intransigente, persistente e sistemática da necessidade de educação da mulher, a única via que a pode também tornar independente, sobretudo do ponto de vista económico. Este conflito entre uma visão mais comum do papel que é atribuído à mulher na vida da família e a necessidade de ela contribuir para o sustento do lar, se casada, ou para si, se solteira, atravessa de forma quase dramática a vida e obra de Maria Lúcia Vassalo Namorado, sendo que, ambas contrariam de forma brutal, na prática quotidiana, aquilo que ela tanto se empenhará em defender na sua escrita.

Os textos que, com mais destaque, anónimos ou assinados, nos deixa nesta *Página feminina...* têm directa relação com as questões do feminismo que acabam de ser abordadas. Vários são os números desta secção do *Notícias de Penacova* em que Maria Lúcia Vassalo Namorado, sobretudo na rubrica a que hoje chamaríamos de *breves* e intitulada *Mulheres de hoje*, se refere às mulheres como protagonistas da história: a título de exemplo citemos o caso da Argentina ter concedido o voto às mulheres o que, à época, ainda não acontecera em Portugal e que era uma reivindicação do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, como se verá neste trabalho<sup>183</sup>, ou a notícia de uma mulher aviadora, Newcomer, que falecera ao atravessar o Atlântico (n.º 16. 12 Nov. 1932. p.3), a referência às exposições de Sara Afonso e Eduarda Lapa, em Lisboa (n.º 18. 10 Dez. 1932. p. 3), ou mesmo a publicação de versos de uma senhora divorciada, casada segunda vez, Maria Lamas sob o pseudónimo de *Rosa Silvestre* (n.º 19. 24 Dez. 1932. p. 3) ou, finalmente, a transcrição, na forma de resumo, de uma conferência da “(...) notável escritora francesa Amy Ragirot(...)” feita em Lisboa, em que, mais uma vez se aborda a questão da evolução da condição feminina e a da educação das raparigas em França (n.º 23. 18 Fev. 1933. p. 3). Nele se analisa o contraste entre os “(...) excessos(...)” compreensíveis do feminismo do pós Guerra e o “(...) sentido de equilíbrio(...)” que possuem “(...) as raparigas de 1930(...)” que lhes permite saber “(...) como conjugar saber e razão a fim de evitar o escolho dum porte censurável. O equilíbrio das faculdades é a primeira recompensa do trabalho, tendo

---

<sup>183</sup> Veja-se também sobre este tema em GORJÃO, Vanda (1994) – A Reivindicação do direito do voto no programa do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*: 1914-1947. Lisboa.

como fruto o equilíbrio entre as funções sociais e domésticas (...) a necessidade que a mulher tem de ganhar, actualmente, a vida, /não deve/ diminuir-lhe as qualidades de esposa e mãe: nenhuma poderosa razão obriga a isso. A natureza retoma sempre os seus direitos, e a mulher que tem um lar saberá sempre fazer o que deve, para o manter. Quanto à que não pôde encontrar o seu companheiro na peregrinação da vida, saberá ao menos como suprir as suas necessidades, o que é o melhor preservativo da dignidade. Pode-se lamentar esta evolução, mas é-se obrigado a compreender a sua *invencível necessidade*(...). Esta evolução produz-se de maneira diferente, segundo os países, as raças, as religiões (...). Em Portugal, a rapariga deve pensar em assegurar a sua subsistência(...)”. Temos mais uma vez, de forma simples e evidente, a defesa da emancipação feminina pelo trabalho mas...a tentativa de conciliar profissão e lar, as dificuldades por que passa quem o quer fazer, à margem da discussão das questões de género é também aqui exemplarmente enunciada e ensombrará, durante décadas, até hoje, a discussão sobre este assunto.

Ao lermos esta *Página feminina...*, conhecendo a localidade onde eram publicadas, imaginando o quotidiano e pensando nas senhoras que eram o público-alvo destes textos, rejeitamos de forma categórica o anacronismo de muitas interpretações contemporâneas da intervenção de mulheres como Maria Lúcia Vassalo Namorado e não podemos deixar de considerar como eram interessantes as propostas de reflexão que esta autora trazia a uma localidade de província, no início dos anos 30 do século passado e como nelas já encontramos muitas das opções que, de forma ainda mais afirmativa, vão ser explanadas em *Os Nossos Filhos*.

Uma outra vertente que vai fazer parte do que Maria Lúcia Vassalo Namorado considerava serem os conhecimentos necessários a qualquer mulher diz respeito à preparação que elas deviam ter para se assumirem como boas mães e educadoras. Essa falta de formação para assumir responsabilidades após o casamento e a reflexão sobre a lacuna na preparação das raparigas para essa sua função, duas das suas constantes preocupações, constituem o motivo que a leva a publicar um texto de Virgínia de Castro e Almeida<sup>184</sup> sobre o abandono a que fora votada a educação feminina para estas tarefas. Eis o texto que transcreve: “(...)Quem pensa na educação da mulher? A criança cresce e recebe exemplo de mentiras, futilidades, hipocrisias(...). Na adolescência a vida é uma festa(...): toilette, línguas, um pouco de música e

---

<sup>184</sup> Citação de *A Educação da mulher* trecho do livro *Capital Bendito* de Virgínia de Castro e Almeida, em *Página feminina: O Espírito, a elegância e o lar*. In *Notícias de Penacova*. N.º 22. 4 Fev. 1933. p. 3.

desenho(...)evitam-se conversas que se dizem escabrosas(...). As raparigas falam em segredo entre si(...). Os romances lançam veneno do sentimentalismo(...)casam por arrebatamento de paixão(...)para um estado onde serão mais livres(...)farão sua vontade(...)é sobre este terreno que se vai edificar santuário da família(...)”.

Tendo por pano de fundo esta lacuna na formação feminina, são já as preocupações de uma jovem mãe<sup>185</sup>, que se quer uma boa mãe, como Maria Lúcia Vassalo Namorado se considerava, que orientam os artigos publicados em *Notícias de Penacova*, entre Agosto de 1932 e Julho do ano seguinte, num total de cinco pequenos textos.

O primeiro<sup>186</sup> é apenas uma notícia informativa sobre a forma como foi ‘resolvido’ um dos problemas que a preocupará durante dezenas de anos: onde podem as mães que trabalham deixar as crianças? A partir da notícia sobre a criação, em 1844, em França, por Marbeau, de creches “(...) para crianças de menos de 2 anos de idade(...)” ela irá apresentar uma proposta, muitas vezes repetida no futuro, sobre a possibilidade de este tipo de instituições ser criado em “(...) cada vila e aldeia(...)onde as pobres deixariam os seus pequeninos enquanto estivessem nas suas ocupações(...) em edifícios sem luxo, amplos e aseados(...)/onde os / pequerruchos(...)/teriam/ cuidados que minguem em suas casas porque famílias não podem nem sabem dar(...). Se as Sras. que dispõem de algumas horas livres por dia quisessem estudar um pouco de puericultura e dedicá-las a essa obra esplêndida(...)” essa seria, àquela data, a solução ideal preconizada por Maria Lúcia Vassalo Namorado.

Sobre a alimentação infantil há apenas uma muito breve referência aos cuidados a ter, extraída de O Marden<sup>187</sup>, enquanto que os outros textos, que sabemos terem sido todos retirados da obra *O Meu menino* do pediatra Samuel Maia<sup>188</sup>, em pequenos ‘linguados’ titulados *Conselhos às mães*<sup>189</sup>, abordam assuntos simples como referimos já.

Para finalizarmos a análise do conteúdo educativo da *Página feminina: O Espírito, a elegância e o lar* onde Maria Lúcia Vassalo Namorado colaborou, durante

---

<sup>185</sup> Em Penacova, em 1933, nascia o primeiro filho, Fernando Rosa e, dois anos mais tarde, o segundo, Luís Rosa, como referimos no cap. 2 deste trabalho.

<sup>186</sup> “As creches”. *Página feminina: O Espírito, a elegância e o lar*. In *Notícias de Penacova*. N.º 10. 20 Ago. 1932. p. 3.

<sup>187</sup> “Alimentação infantil”. *Página feminina: O Espírito, a elegância e o lar*. In *Notícias de Penacova*. N.º 33. 22 Jul. 1933. p. 2

<sup>188</sup> Uma muito mais aprofundada referência é feita a esta obra e a este autor quando, neste capítulo, abordarmos as questões de formação das mães, da puericultura e da publicidade em *Os Nossos Filhos*.

<sup>189</sup> “Conselhos às mães”. *Página feminina: O Espírito, a elegância e o lar*. In *Notícias de Penacova*. N.º 20. 7 Jan. 1933. p. 3, N.º 21 de 21 Jan. 1933 e N.º 28 de 13 de Maio 1933. p. 2

dezasseis meses, apenas com 23 anos, como senhora já casada e como mãe de um bebé, fazemos uma brevíssima referência ao texto da autoria do marido, assinado *Silva Rosa*, que lemos nesta mesma secção do *Notícias de Penacova*, intitulado: *A Saudade...*<sup>190</sup> em que, numa excelente prosa poética, se define essa “(...) espuma das vagas que o mar deixa na areia doirada da praia(...)” e que será o único que, dele ou pelo menos como tal identificado, encontrámos ao longo de toda a (extensa) obra e *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*.

Ela vai residir nesta localidade do interior do país até 1937, data em que, já com dois filhos, /scanner / rumará à Golegã, onde o marido fora colocado e a família passa a viver a partir de Dezembro desse ano. Durante o período em que habitou em Penacova fez diversas amizades, algumas que perduraram pela vida fora<sup>191</sup>, como provam as treze cartas que, enviadas dessa terra<sup>192</sup>, conservou no seu *Espólio*.

Algumas senhoras, como Maria Irene Alves Ramos, felicitá-la-ão quando em 1942 inicia a revista *Os Nossos Filhos*, falam-lhe das saudades que deixou em Penacova, de amizades comuns, enviam fotografias dos filhos para o *Concurso de Beleza Infantil de Os Nossos Filhos* (Caixas 16, 30 e 63. Maço 1; Caixa 31. Maço 3). Raimunda M. Carvalho fará publicidade à sua *Casa de Repouso* na mesma publicação durante vários anos e, é nessa revista que será colocado o anúncio para a venda da referida Pensão(Caixa 77. Maço 6). Também é esta *Casa de Repouso de Sto. António* que é recomendada por Maria Lúcia Vassalo Namorado a Vera Bordallo Pinheiro Gomes, ilustradora de *Os Nossos Filhos* (Caixa 42. Maço 2) e ainda a Berta Salvador Marques, professora primária em Lisboa que aí passou alguns períodos de férias com a filha (Entrevista a Maria Adelaide Salvador Marques. 14.Dez. 2004).

Também algumas das fotografias de crianças de Penacova, que serão publicadas em *Os Nossos Filhos* são enviadas por amizades que ela aí deixara, como é o caso da de Jorge João, filho de Maria Irene B. Alves Ramos e Jorge Ramos ou a de Maria Manuela Leitão, publicadas nessa revista, respectivamente em 1943 e 1956 (cf. *Apêndice a cap. 4- Fotos 1700*).

---

<sup>190</sup> Texto central da página, com destaque gráfico para o título, antecedendo o poema *Manhã*, de Virgínia Vitorino. *Página feminina: O Espírito, a elegância e o lar*. In *Notícias de Penacova*. N.º 8. 23 Jul. 1932. p. 2

<sup>191</sup> Embora ainda esteja viva uma dessas senhoras, D. Maria Octávia Damas Mora, por diversos contratempos não nos foi possível incluí-la no número das(os) nossas(os) entrevistadas(os).

<sup>192</sup> Cf. *Apêndice Cap. 5* fazendo pedido por *localidade*.

### 3.1.1.3 Colaboração em *Modas & Bordados* - 1932-1942

A revista feminina *Modas & Bordados*, dirigida por Maria Lamas foi já objecto de diversos trabalhos de investigação. Um dos mais sistematizados é o de Maria Alice Ramalheite Pinto Guimarães, intitulado *Saberes, modas & pó de arroz: Modas & Bordados: Vida Feminina: 1933-1955 que*, fazendo embora uma boa caracterização do período e das preocupações femininas da época, aprofunda sobretudo as questões da moda e beleza. Maria Lúcia Vassalo Namorado vai colaborar<sup>193</sup>, desde muito cedo, em *Modas & Bordados*, a revista que a prima Maria Lamas dirigia e que era um suplemento do jornal *O Século*, especializando-se nas questões de educação das raparigas, das mães e das crianças, como veremos seguidamente.

Durante mais de dez anos essa participação intensa, com diversos artigos de sua autoria num mesmo número, é repartida por vários pseudónimos a acrescentar ao de *Maria* que fora usado, como vimos no subcapítulo anterior, em *Notícias de Penacova*. O quadro seguinte mostra a distribuição temporal dessa colaboração:

Quadro nº10.: Colaboração de Maria Lúcia Vassalo Namorado em *Modas & Bordados*:

Identificação	Conteúdo
Maria Lúcia (1929-1941) N.º 902 de 22/5/1929 a n.º 1526 de 7/5/1941	<i>Modas &amp; Bordados</i> . Maio 1929-Maio 1941 /Contos, poemas e temas diversos/ <sup>194</sup> / Temas de actualidade/
<i>Milú</i> (1933-1942) <sup>195</sup> N.º 1129 de 27/4/1933 a 10/10/1943	<i>Modas &amp; Bordados</i> . Setembro 1933- Abril 1942 /Conselhos do quotidiano e decoração/
<i>Tricana</i> (1935-1938) N.º 1224 de 24/7/1935 a N.º 1396 de 9/11/1938	<i>Modas &amp; Bordados</i> . Julho 1935- Novembro 1938 Rubrica intitulada <i>Carta de Coimbra</i>
Maria Lúcia (1936) N.º 6 de 13/4/1936 a 23/11/1936	“Joaninha na província”. <i>Joaninha</i> . Abril 1936- Novembro 1936 /antes de integração em <i>Modas &amp; Bordados</i> /
Maria Lúcia/ <i>Milú</i> (1937-1942) N.º 46 de 28/4/1937 a n.º 317 de 4/3/1942	Joaninha: jornal das raparigas. Abril 1937- Março 1942 (integrado em <i>Modas e Bordados</i> )
Dona Experiência (1939-1942) N.º 1430 de 5/7/1939 a N.º 1607 de 25/11/1942	<i>Modas &amp; Bordados</i> . Julho 1939- Novembro 1942 /Conselhos e receitas de culinária/;

<sup>193</sup> A identificação de toda a colaboração, com indicação de nome, pseudónimos, temas, números em que saiu cada um dos artigos constitui o *Apêndice Modas & Bordados* que colocamos no *Apêndice a cap. 4*. Neste capítulo utilizamos apenas os artigos/contribuições que, de alguma forma se prendem com os temas que, posteriormente, irão ser abordados por Maria Lúcia Vassalo Namorado na revista *Os Nossos Filhos*.

<sup>194</sup> Não tem colaboração no ano de 1931.

<sup>195</sup> Este era também o pseudónimo de Heloísa Matos Cid, como se confirma em *Portugal Feminino*, n.º 28. Maio 1932. p. 2

Marianela 12/12/ 1945 a 14/5/1947	Interrogações /ou/ Apontamentos
Maria Lúcia N.º 1358 de 16/2/1938 a N.º 1621 de 3/3/1943	Escola de Donas de Casa
Maria Lúcia N.º 1382 de 3/8/1938 a N.º 1622 de 10/3/1943	Página das Mães

Da leitura do quadro anterior constatamos que Maria Lúcia Vassalo Namorado vai assinar diversas intervenções em *Modas & Bordados*, entre Maio de 1929 e Novembro de 1942. Estas primeira e segunda datas antecedem e ultrapassam o período que definimos no início deste capítulo como aquele que considerámos a segunda fase da vida profissional da pedagoga de cuja vida e obra nos ocupamos no presente trabalho. Como em todas as divisões temporais, a arbitrariedade cronológica nem sempre se compadece com a definição de um certo número de características que depois convocamos para justificar tais divisões. Tendo por base esta advertência, julgamos que a participação de Maria Lúcia Vassalo Namorado em *Modas & Bordados* deve ser apreciada, do ponto de vista da educação da mulher, como um todo, indo buscar todos os textos que, naquela publicação, podem ser vistos sob esse ângulo de leitura. Neste suplemento para senhoras que não é acessível a todas as mulheres, sendo “(...) limitado ao universo feminino da classe média e média baixa, predominantemente nas cidades ou meios provincianos, alfabetizado com algum desafogo económico pode acompanhar os arquétipos e modelos propostos(...) nele, a mulher do povo está ausente(...)” (Guimarães, 2002. p. 43), sabemos que Maria Lúcia Vassalo Namorado assina como *Maria Lúcia* os artigos sobre a educação feminina e também sobre a educação das raparigas. Os seus textos serão assinados recorrendo ainda a quatro outros pseudónimos: *Milú*, *Tricana*<sup>196</sup>, *Dona Experiência*<sup>197</sup> e *Marianela*, correspondendo a cada um deles uma personagem diferente, bem caracterizada, como se de heterónimos se tratasse: o primeiro é usado quando escreve sobre problemas domésticos como a identificação de processos de tirar nódoas ou a organização do mobiliário mais adequado a determinada sala; o segundo é colocado em algumas crónicas que envia sobre actividades culturais

---

<sup>196</sup> A elas se referia Magalhães Lima quando escrevia: “(...)Aveiro não se compreenderia, sem a tricana, que é para a cidade o que a rosa é para um delicioso jardim — um elemento de beleza e de adorno indispensável. A tricana, com um lenço de seda a envolver-lhe a cabeça e o chale a emoldurar-lhe o tronco, é um vestígio da raça árabe, Donairosa e gentil, leve como uma gazela, poucas mulheres no mundo a poderão igualar na graça e na originalidade(...)A tricana foi a primeira que despertou em mim o ideal da beleza, que me tem acompanhado(...)” (s.d. Espólio, p. 81).

<sup>197</sup> A este pseudónimo voltará Maria Lúcia Vassalo Namorado quando assina alguns textos de culinária em *Os Nossos Filhos* de Agosto de 1957.

em Coimbra; o terceiro refere-se, quase invariavelmente, a truques e receitas de cozinha enquanto que, com o último, assina pequenos textos de reflexão sobre problemas do quotidiano.

Se compararmos as datas em que todos os artigos foram publicados podemos concluir que a maioria deles são-no, durante diversos anos, sempre nos mesmos números da revista. Também o que recurso e o abuso de pseudónimos servia para “(...) mostrar que éramos muitas(...)” (Cruzeiro, 2003).

### ***Página das Mães***

De 3 de Agosto de 1938 a 10 de Março de 1943, ou seja, durante quase cinco anos, em mais de noventa números da revista *Modas & Bordados*, Maria Lúcia Vassalo Namorado vai ser a responsável por uma secção intitulada *Página das Mães*<sup>198</sup> que, entre Junho de 1942 e Março de 1943, ou seja, durante mais de um ano, vai ser publicada em simultâneo com a revista *Os Nossos Filhos*. Aquela secção teve alguma importância, reconhecida pela própria direcção, porquanto em 27 de Maio de 1942<sup>199</sup>, é dito que: “(...) *Modas & Bordados* não é uma revista vulgar de elegância(...) quer bem servir a mulher ensinando-a a ser, a um tempo, elegante, senhoril, económica e prática(...) fazer de cada leitora uma perfeita dona de casa e uma senhora de ‘linha’ impecável quer na elegância do trajar quer na distinção de maneiras(...) compreendendo<sup>200</sup> que bem criar e educar os filhos é, sem dúvida a mais nobre e mais importante missão da mulher, *Modas & Bordados* dedicou-lhe a ‘Página das Mães’ onde todos os assuntos relativos à infância são tratados com escrúpulo e carinho inexcedíveis(...)” (27 Maio 1942).

Esta secção, como mais tarde a revista *Os Nossos Filhos*, dirigia-se a todas as mães, pois que as “(...)Mães pobres ignoram tudo(...), as remediadas têm muito que fazer e as ricas não têm paciência (...)”. A revista considera que bem educar os filhos é “(...) o melhor sentido pode uma mulher dar à vida (...)” (20 Dez. 1939) mas que nem todas as mães sabem como agir porque ser mãe e saber educar é para algumas pessoas “(...)dom mas também é inteligência, é ciência que qualquer um pode adquirir(...). As mães não

---

<sup>198</sup> Os dados completos, com indicação dos números em que saíram estes textos, títulos e extensão estão compilados em *Apêndice a Cap. 4* deste trabalho, sob título *Apêndice Modas & Bordados*.

<sup>199</sup> Em informação dada em texto intitulado “Explicação necessária” inserido em *Modas & Bordados* de Ano XXXI, n.º 1581, de 27 de Maio de 1942. p. 4, diz-se que:” aumenta de preço - passa a custar 1\$50- por causa “(...) desta maldita guerra e das circunstâncias implacáveis do momento(...)”. A partir do n.º 1582, de 3 de Junho de 1942 entra em vigor o novo preço de 1\$50.

<sup>200</sup> Itálico nosso.



devem descurar sua “educação de educadoras”; saber educar crianças, fazer delas homens e Mulheres bem armados para a vida, erguê-los acima da mediocridade, tanto nos domínios do coração como espírito é trabalho árduo, exige esforço de todos os dias, paciência, prudência e compreensão (...)” (6 Dez. 1939). Ajudar as mães para quem educar não era sinónimo de ‘dom’ era o fim que se propunha a secção *Página das Mães* em *Modas & Bordados*. Mas como se faria a educação das mães? Através da reflexão sobre muitos e diferentes temas que vão da Puericultura pré e pós natal à Educação sexual das crianças, à reflexão sobre a adolescência, à enumeração e reflexão de/sobre um certo número de valores morais, entre muitos outros que analisaremos seguidamente. Cada *Página...* apresenta uma estrutura muito simples, em que se abordam diversos temas no mesmo número e também recorre a algumas graças e ‘ditos’ infantis ou a conselhos de culinária para crianças. A *Página...* do número 1425, de 31 de Maio de 1939 é a única “(...) dedicado às senhoras que vivem nas colónias(...) com artigos sobre a *Guerra aos mosquitos* e com *receitas africanistas* entre outros (31 Maio 1939. p. 7).

A responsabilidade desta *Página...* é de Maria Lúcia Vassalo Namorado e ela, “(...) esta página<sup>201</sup>, não é feita no ar, ao sabor da fantasia. A pessoa encarregada de escrever esta página é mãe de três filhos. O seu mérito se quiserem, o único – é o que a experiência lhe dá. Não se escreve aqui o que é simples ou bom escrever (...)” ( 8 Jan. 1941).

Tal como irá acontecer em *Os Nossos Filhos*, também se fazem apelos no sentido das mães entrarem em contacto com a revista “(...)converse connosco, escreva-nos, contem-nos o que eles dizem, diga-nos o que pensa, como os educa: quando aproveitáveis e acertados, serão publicados; quando merecedores de reparos, dar-nos-ão ensejo de tratar assuntos que talvez não nos ocorressem o nosso desejo é sempre o mesmo: ajudar as mães (...)” (31 Jul. 1940). Esta ideia de que a revista pode e deve ajudar as mães a melhor educarem os seus filhos é assumida sem ambiguidades em *Modas & Bordados*.

A enumeração que deixamos em *Página das Mães - Apêndice— Cap. 3* e que elaborámos seguindo as categorias que também definimos para a análise do conteúdo da revista *Os Nossos Filhos*, analisada em pormenor neste trabalho, pretende dar conta dos princípios e ensinamentos de Maria Lúcia Vassalo Namorado nesta secção dedicada, como se informa no título, às Mães. Vejamos então, de forma resumida, quais os

---

<sup>201</sup> Da leitura do texto percebe-se que uma leitora terá posto em causa texto anterior desta página sobre tema *O menino independente*. Cf. artigo com este título, assinado Maria Lúcia, em *Modas & Bordados*. Ano XXIX. N.º 1509. 8 Janeiro 1941. p. 11.

ensinamentos que Maria Lúcia Vassalo Namorado deixa a essas leitoras de *Modas & Bordados*.

Como acontecerá em *Os Nossos Filhos* também aqui, desde 1938, se pretende transmitir uma série de conhecimentos que vão desde aspectos científicos sobre a gravidez, aqui designada como Puericultura pré-concepcional ou eugénica<sup>202</sup> à Puericultura pós-natal entre muitos outros temas que analisamos seguidamente.

A grande preocupação é ensinar às mulheres os conhecimentos mais básicos que uma grávida deve conhecer como sejam “(...)continuar vida de trabalho habitual, evitar fadiga, não pegar em pesos excessivos, não trabalhar ao fogão, não fazer viagens longas, não permanecer todo dia sentada, gozar o sol, dar passeis diários, matinais, ao ar puro, sempre bem disposta e alegre, evitar o que a contrarie e irrite, evitar alegrias muito fortes, também prejudicam, dormir pelo menos 7 h, não beber bebidas alcoólicas, não abusar de excitantes, comer bem e de tudo não excessivamente, não provocar indisposição de estômago ou intestinos, não apertar ventre antes ampará-lo; em resumo: o mais calma possível e sem excessos mas activa; se as mulheres são doentes devem consultar o médico para se curarem e tratarem antes do filho nascer (3 Ago. 1938. p. 11) ou “(...)não usar cinto ligas mas cinta elástica apropriada na gravidez (...)” (6 Dez. 1939).

Sobre a puericultura intra-uterina não são dados quaisquer conselhos. Quanto à puericultura pós-natal os ensinamentos prendem-se, em primeiro lugar, com os cuidados a prestar ao bebé em termos de higiene, asseio e alimentação porque “(...) o banho do bebé é fundamental porque se desenvolve melhor e tem mais saúde (...)” (7 Set. 1938; 6 Set. 1939) ou com a dentição do bebé que “(...)para não doerem tanto há vários ingredientes que se podem misturar(...) com cocaína (...)” (28 Dez. 1938). Também a ginástica deve fazer parte dos exercícios a fazer com os bebés, desde o nascimento (8 Fev. 1939; 19 Abr. 1939; 21 Jun. 1939). A higiene dos berços e os preceitos a seguir mesmo em viagens que haja necessidade de efectuar com as crianças são também enumerados: “(...) (...) mãe cuidadosa não deita nunca o seu menino em lençóis de hotel e muito menos sobre as almofadas de carruagens do caminho de ferro e automóveis(...) leva sempre roupa de berço e não consente que durma noutra(...) fazer caminha do menino numa gaveta da cómoda ou de toucador (...)” ( 19 Abr. 1939).

---

<sup>202</sup> A categorização aqui seguida é a indicada pela médica Sara Benoliel no artigo intitulado *Evolução da Puericultura* inserido em *Modas & Bordados*. Ano XXX. N.º 1523. de 16 Abril 1941. p. 11

A preocupação constante com a alimentação infantil – desde o que dar, como fazer, com que intervalos, recorrendo a certos alimentos em detrimento de outros – revela-nos a importância de que se revestia a necessidade de diminuir as alarmantes taxas de mortalidade infantil existentes à época em Portugal. As referências ao aleitamento materno estão presentes com enorme frequência como forma de ajudar a diminuir aquela terrível realidade e também porque o aleitamento materno é visto como “(...) estimulante de todas as funções orgânicas para a mãe (...)” (5 Jul. 1939).

Um dos aspectos que a revista pretende também combater é o das crendices e superstições de que ainda eram(são) vítimas muitas mulheres.

As actividades sugeridas para ocupação das crianças, em férias, mostram-nos como era à burguesia que a revista era dirigida: “(...)As férias para criança de 9-10 anos com bom aproveitamento e assiduidade só brincadeira tem inconvenientes porque a criança aplicada, ao cabo de longas férias tem menos interesse pelo estudo, esquece conhecimentos adquiridos o que é uma perda de tempo precioso no início do ano seguinte(...) /por isso/ durante as férias, uma a duas horas de trabalho escolar alimentam amor pelo estudo estimulam faculdades intelectuais, mantêm disciplina moral (...) só movimento e brincadeira arrasta exageros perigosos (...)” (3 Ago. 1938. p. 11). As mães eram aconselhadas a “(...) nestes dois meses de férias correr com eles à beira-mar, cantar cantigas, dançar danças deles, jogar jogos, aproveitar contacto com Natureza para despertar neles amor por toda a obra da Criação, pela vida simples e sadia(...) ensinar-lhes o amor da terra, da árvore e dos animais(...) fiquem conhecer todas plantas e insectos(...) entusiasmar na construção de herbários, desenho miniatural destas casinhas rústicas(...) voltaremos de férias mais novas e ricas de optimismo para eles verem o caminho da vida pura e simples em vez do materialismo grosseiro e do pessimismo destruidor daqueles que não tiveram quem lhe mostrasse na infância (...)” (16 Ago. 1939).

No campo dos princípios educativos defendidos, considera-se que o ócio não é de forma alguma de cultivar (6 Set. 1939) e que certas qualidades como a perseverança, “(...) a qualidade indispensável a quem quer triunfar na vida, ensine-a aos seus filhos, obrigue-os a terminar sempre o que começaram, não consinta que mudem constantemente de ocupação(...) enriquece-os com dom inestimável (...)” (8 Fev. 1939), como o amor pelo trabalho “(...)é um dos mais seguros caminhos da felicidade (...)”(16 Ago. 1939), devem ser incutidos nas crianças. Para se atingir a felicidade a mãe deve saber que “(...)liberdade é diferente de falta de educação. Não queira que ele seja pessoa crescida

que não é. Ponha-se no lugar do filho para compreender do que ele precisa (7 Set. 1938. p. 11), deve dedicar-lhe todos cuidados e carinhos. Não faça piegas e não dê mimo a mais. O mimo é como os doces: dar com conta, peso e medida. Se abusar é indigestão, (...) deve ser justa, paciente, firme sem severidade, carinhosa sem exageros, nunca lhe minta, explique-lhe, com clareza, tudo o que pode. Quando não lhe puder responder a qualquer coisa, diga-lhe que é muito cedo, não o engane. Se precisar fazer-lhe tratamento doloroso não diga que não dói /para criança ter sempre/ confiança na mãe (7 Set. 1938. p. 11) e a mãe deve saber que, “(...)para ser feliz a criança precisa de conviver com outras crianças da sua idade (...) essa camaradagem torna-a sociável e é indispensável ao desenvolvimento do seu espírito(...) facultar à criança brincadeiras e jogos próprios da idade compete à mãe vigiá-la discretamente, evitar excessos e nervosismos(...) durante a brincadeira criança manter-se calma(...) os jogos, canções e movimentos rítmicos servem para aprisionar a serenidade à brincadeira(...) mãe deve estar de sobreaviso para fazer voltar a calma no momento oportuno (...)” (8 Mar. 1939).

Do ponto de vista moral as mães devem saber que a beleza não está na “(...)correção de feições e a harmonia das formas (...) mas na (...) beleza da infância e da juventude aliadas à saúde, alegria e simplicidade (...) dar vida regrada, higiénica e alimentação sã, deixar que desabrochem sem artifícios, cálculos e sem imitações, não antecipemos ou retardemos a Primavera(...) conservar o cérebro e o espírito imaculados para que a simplicidade brote espontânea e eles serão belos(...)” (19 Abr. 1939).

As mães devem ter ainda conhecimentos de primeiros socorros adequados a quem trata de crianças, ou seja, devem saber “(...)como se tratam quedas, escoriações e gripes (...)” (3 Ago. 1938. p. 11) e como agir em caso de algum imprevisto, ou seja, “(...)se criança cai, não se aflija, não grite, não chore, não exagere o susto e a preocupação. Tenha atitude serena, carinhosa, e preste socorros prontos e preciosos; se se aflige, o menino assusta-se, redobram gritos, terror do tratamento, luta da mãe para tratar o filho e este não deixar (...)” (3 Ago. 1938. p. 11) porque “(...) todas as mães devem ser boas enfermeiras e conservar a serenidade diante do desastre que acaba de acontecer ao menino(...) ministrar primeiros socorros, com sangue frio, decisão e boa vontade mas também alguns conhecimentos(...) aprender os mais elementares preceitos de enfermagem e de socorros urgentes(...) juntarem-se e aprenderem numas horas por semana para um aprendizado prático da enfermagem. Muitas vezes mães são enfermeiras dedicadíssimas mas tão ignorantes, quase sempre! (19 Jul. 1939). Não é só tratar bem, com carinho e dar remédios a horas certas(...) também a doçura e

tranquilidade e boa psicóloga e outras qualidades como conhecer o doente e seu estado de espírito particular, para o encorajar, se ele é desanimado, para o tratar se for renitente, para rodeá-lo de sossego, se está cansado, para o distrair, se cai em abatimento para manter o equilíbrio moral (com paciência, ternura, optimismo e serenidade) e físico (gestos tranquilos, pouco barulho, não produzir vento, não deixa porta chiar) do doente (...)” (16 Ago. 1939).

No caso de doenças mais graves, o recurso a um médico é sempre o mais apropriado.

Ainda no capítulo da higiene e dos conselhos de saúde e asseio se recomenda que, há que“(...)de pequeno incutir noção de bem e mal (5 Out. 1938), ensinar que “(...) o Uso da chupeta é condenável porque é foco de infecções(...)” (2 Nov. 1938) e a ideia de que os meninos devem ser “(...) asseados, limpos, mãos lavadas e penteados, amar asseio, arranjo, detestar porcaria e trapallice repugnância por tudo que seja contra higiene: cabeças desgrenhadas, corpos mal lavados, unhas crescidas, bibes com nódoas, sapatos por engraxar(...)” (5 Out. 1938). Se as crianças adquiriram maus hábitos ou manias, “(...) um dos deveres das mães é combater com energia e perseverança todas as manias dos filhos: roer as unhas, chupar o dedo, pelar os lábios, coçar borbulhas, meter dedo no nariz, etc. manias não são fáceis de vencer quando começam mas mais difícil quando se tornam dominadoras (...)” (19 Jul. 1939).

Tal como irá fazer em *Os Nossos Filhos*, Maria Lúcia Vassalo Namorado insiste na necessidade das crianças serem educadas de acordo com certos princípios como o da *autonomia*: para que a criança se torne “(...)enérgica e decidida (...)” (2 Nov. 1938). Para tal, ela deve, aos 2-3 anos “(...) comer pela sua mão, com colher, enfiar meias e sapatos mas ainda não botões, lavar e enxugar mãos (...). Aos 3-4 anos “(...)comer com colher e garfo, ainda sem faca; desabotoar botões de frente e lado, calça-se descalça-se, desata mas não ata sapatos, experimenta lavar carinha, lava mão sozinho, começa servir-se escova de dentes, (...) aos 4-5 anos menino (des)abotoa casas grandes, veste/despe sozinho mas não lava cabeça, já se penteia, lava dentes sem auxílio mãezinha (...) e aos toma conta da sua pessoa; a mãe deve vigiar, corrigir e auxiliar para ele fazer com perfeição (...)” (28 Dez. 1938).

Um outro princípio que deve orientar a educação das crianças é o do *exemplo* porque “(...)um dos maiores prazeres da criança é imitar adultos (...) o menino que quer ter profissão do pai e menina que prova casaco e chapéu da mãe (...), tendência natural irresistível e excelente factor educativo (...)”. A criança copia palavras, gestos, hábitos de pessoas com quem convive(...) ambiente calmo e disciplinado também é, casa

arrumada também arruma, se fala aos gritos treme e grita (...) quantas vezes censuramos filhos por um defeito que também temos (...)” (28 Dez. 1938).

A *obediência*, outro princípio educativo, não deve ser confundida com autoritarismo pois os filhos de pais autoritários são “(...) filhos submissos sem convicção, por medo, não por obediência (...) crianças obedientes são aquelas que pais as compreendem e sabem levar, explicam as decisões à criança (...)” (28 Dez. 1938). Sempre que possível deve-se “(...) tornar a criança obediente (...) educação não se pode cingir a regras inflexíveis (...) para levar uma criança é preciso dirigir-se ao coração e à razão (...) depende do carácter e das circunstâncias (...) menina aprenderá com entusiasmo a pôr a mesa, coser roupa, limpar calçado, descascar legumes desde que se convença que está jogando um jogo (...)” (18 Out. 1939).

Outro valor moral é o da honestidade porque “(...) Há que ter consciência nobre, recta, pura desde criança (...)” (1 Nov. 1939). Esta questão coloca-se a todas as classes sociais porque “(...) mesmo em famílias excelentes, crianças com o péssimo defeito de roubar (...) com doçura e clareza explicar fealdade do acto que ela não repetirá (...)” (1 Nov. 1939).

A verdade é outro princípio a inscrever nas crianças. As mães devem “(...) distinguir imaginação de mentira (...) e crianças devem sentir repulsa pela mentira (...)” (20 Dez. 1939).

A responsabilidade deve ser desenvolvida desde bem cedo nas crianças, mas ela tem de o ser de acordo com capacidade de compreensão que a idade lhes permite. Na “(...) 1ª infância a criança tem dificuldade de distinguir bem do mal (...) entre 12 e 18 meses não tirar objecto à força (...) dar outro (...) “levar” a criança sem irritações e teimosias (...). Aos três anos ela já compreende, compara, raciocina, altura de modificar método educativo; um pouco como pessoa crescida, um ser pensante, dar todas explicações, tornar consciente, responsável dos actos (...) tudo pode ser explicado não é “porque sim”, de maneira clara, fiel verdade, acessível à compreensão (...). O embaraço perante certas perguntas depende da maneira maliciosa e complicada como interpretamos; sejamos simples e crianças (...)” (3 Abr. 1940). “(...) Dar o sentido das proporções e levá-la a agir por si (...) a criança sempre repreendida, vítima constante do mau humor materno e desmoraliza-a por completo (...) só condenam o que ela faz; é a única ser repreendida (...) mãe- antes de repreender e castigar deve considerar maduramente a “maldade”, colocar-se no lugar da crianças, compreender motivo do procedimento, não repreender por criança ir contra sua comodidade (...) criança que só

faz o que lhe mandam porque não sabe o que é liberdade de acção, é um boneco articulado sem pensamentos, sem vontade, sem personalidade; é preciso ensiná-la a saber o que quer (...) na vida só triunfa quem sabe o que quer e caminha, firme, para onde quer (17 Abr. 1940)

Mãe deve esclarecer, orientar os filhos(...) se possível, corrigir os defeitos dos filhos e desenvolver virtudes não podem ter pretensão de agir por eles. Criança consciente do bem e do mal, agir por si própria, escolher o seu caminho, tomar responsabilidade das suas resoluções, não se deve abandonar, criar nela o hábito de contar “tudo” à mãe(...)” (17 Abr. 1940). A mãe só deve mostrar a sua tristeza em casos graves, não sempre que a atitude dos filhos contrarie a sua vontade (...)”(17 Abr. 1940).

No campo dos valores e atitudes negativas a evitar na educação das crianças devem colocar-se a *vaidade* “(...)nada mais ridículo e mais vulgar entre as mulheres(...) acompanhada, quase sempre, de ignorância, estupidez ou frivolidade e inconsciência(...). As pessoas bem dotadas são mais modestas(...) a criança normal é portadora de defeitos e virtudes embrionárias e a educação e o meio ambiente desenvolvem e aniquilam uns e outras(...) à mãe compete combater a vaidade mal se começa a manifestar(...) há mães, ótimas educadoras na idade infantil que deixam de o ser na juventude (...) elas são a vaidade diante das notas escolares, das calças compridas e do buço nos rapazes e dos tacões altos, da beleza e dos namoricos nas raparigas (...)” (2 Ago. 1939). A modéstia “(...)e simplicidade são inimigos da vaidade.(...) ensinar filhos e filhas a ser simples, modestos. Não criar, sobretudo nelas, o culto da própria beleza(...) não ensinar a uma criança que é bonita (...) não assistir a conversas de pessoas crescidas nem conversas para não estimular vaidade(...) não é fazer dos filhos monos e desajeitados, é cultivar a sua beleza, encantos mas sem que elas se apercebam(...) beleza e encantos devem ser sublinhados pela graça da naturalidade(...) elas se tornarão simpáticas e insinuantes(...) tratar dos dentes, da pele, das unhas, dos cabelos desde pequenas, da harmonia do corpo e atitudes de elegância dos vestidos e correcção dos penteados sem fazer vaidosas basta dizer que se trata de higiene, arranjo, saúde e bom gosto (...) inculcar-lhes hábitos com raciocínios claros e não com pretensões tolas e mesquinhas(...) não permitir a crianças e raparigas muito novinhas o uso de modas excêntricas, complicadas, pinturas, perfumes muito activos nem jóias apenas um objecto simples de ouro ou prata(...) não enformar dos defeitos femininos antes do tempo(...) é criminoso ou não é crime consentir que a malícia e o preciosismo ocupem o lugar da candura e da simplicidade? (...)” (6 Set. 1939).

Os deveres dos pais são imensos e não se limitam a “(...)criar os filhos na primeira infância e assegurar-lhes o sustento até se bastarem a si próprios(...) os pais que se contentam com tão pouco estão longe de cumprir a sua alta missão(...) o nosso dever é fazer desses seres bom, útil e belo(...) se assim não fosse, género humano não tinha razão de existir(...) pias que consideram filhos como um simples encargo material constróem, por suas mãos, o castigo de tamanha levandade(...) é leviano aquele que não considera o sentido profundo da vida, viver por viver não é nada (...) lutar pela vida e assegurar continuidade da espécie é pouco e assim fazem formigas, moscas e para tanto o instinto lhes basta(...) que faremos nós do raciocínio e coração?(...) Tanto como embalar no berço, pais têm dever de construir o futuro dos filhos e de lhes proporcionar a felicidade pura, superior, ideal, limpa de egoísmos e falsas intenções(...) fazendo a felicidade do indivíduo contribuirá para o bem e aperfeiçoamento geral (...)” (8 Mar. 1939). Esses deveres para com os filhos são de diverso tipo, sendo que poderão resumir-se a três grupos gerais: “(...)em 1º lugar a formação física, em 2º a formação moral e por fim, a formação intelectual se bem que as três se completem e equivalem. (...) 1º dever-tanto quanto possível tornar os filhos belos, saudáveis e fortes(...) primeiro porque essa preocupação deve começar ainda antes da criança nascer e porque saúde é a primeira condição para o triunfo total na vida(...)”(17 Maio 1939). O segundo, porque a (...)saúde moral acompanha a física, elevação de sentimentos, rectidão de carácter e bondade de alma que são factores que constituem a robustez moral (...) criatura humana com germes de todos os dons divinos e de todas as misérias (...) dormentes nas crianças (...) despertam e desenvolvem-se conforme o ambiente que os rodeia e as facilidades que encontram (...) pais saibam abafar tudo que seja condenável e feio, cultivar o esmero e o que for amor e luz, as virtudes e atalhar os defeitos como mentira e preguiça (...). /Quanto ao terceiro, não devem /deixar ao sabor do acaso, do capricho, da falsa conveniência ou da falsa inclinação dos filhos o problema sério de que depende o futuro deles (...)” 17 Maio 1939). O “(...) dever dos pais é proporcionar aos filhos a felicidade que depende em grande parte, da actividade que se exerce(...) /ajudar filhos a escolher profissão/ (...)”(31 Maio 1939).

Este tema vai ser desenvolvido por Maria Lúcia Vassalo Namorado ao longo de diversos artigos sobre orientação profissional, entre Maio de 1939 e Setembro do mesmo ano. Neles insiste na necessidade que há de que a “(...)escolha da profissão não deve ser feita ao acaso (...) simultaneamente agradar a pessoa que a exerce e casar-se com suas aptidões(...). A profissão ideal é a que se exerce com saber e alegria



ajudarmos os nossos filhos na escolha difícil da profissão, esforçarmo-nos para que caminhem para o verdadeiro lugar para que mais tarde se considerem felizes e contribuam para felicidade e prosperidade do seu país (...)"(31 Maio 1939).

A escolha da profissão muitas vezes é apontada como uma vocação. Ora, "(...)as vocações firmes, declaradas desde a infância são raras(...) tendência para a imitação não é revelar vocação (filho de oficial quer ser militar como papá e filha de costureira quer ser como mamã) (...) família alimenta falsa vocação produz incompetentes e inadaptados(...) não sugestionemos a criança não acreditemos piamente nas suas afirmações (...) mais tarde se sua vocação não chegar a revelar-se um observador atento nos dirá qual caminho que devemos indicar-lhe (...)" (21 Jun. 1939). O fenómeno da vocação é dos mais desconcertantes(...) há pessoas que nunca manifestam uma vocação(...) por culpa da natureza? do meio ambiente? de educação? (...).

Outras com vocação para tudo umas revelam-se na infância e outras na idade adulta (...) qual papel dos pais nos diferentes casos? 1º- quando não se manifestam- pais devem procurar saber se ela existe adormecida: observar atentamente criança nos hábitos, preferências, relutâncias, verificam-se notas escolares e métodos de ensino dos professores(...) devem depois ver saúde da criança, aptidões, deficiências, condição social e fortuna dos pais e prós e contras das diferentes profissões e necessidades do meio em que vive ou do país só depois pais se devem abalar a escolher profissão para os filhos (5 Jul. 1939). Finalmente a autora reflecte sobre a relação entre as aptidões físicas e intelectuais das crianças e as possíveis profissões a seguir, como então estava em voga. Os pais deveriam interrogar-se: "(...) de que doença, defeito ou deficiência física sofre o meu filho? Quais as profissões incompatíveis? Pais conscienciosos fazem esta pergunta antes de decidir o futuro dos filhos (...) pormenor importantíssimo: a perfeita harmonia que deve existir entre capacidade física do indivíduo e profissão que exerce(...) não impelir os filhos para profissões que os hão-de vitimar(ex: aprendiz de costureiro com lentes fortíssimas)(...)" (19 Jul.1939). No número seguinte da revista são indicadas todas as profissões que não convêm a quem tem determinados problemas, a saber, "(...) profissões que não convêm para a vista, para quem tem óculos: evitar profissões no meio de vapores; para quem não distingue bem as cores - evitar pintor, florista, farmacêutico, caixeiro casa fazendas (...); para o ouvido, quem não ouve bem- evitar as que exigem contacto com o público, atenção ao ouvido como relojoeiro, músico condutor de máquinas; (...) para brônquios e pulmões não são evitar profissões insalubres, subterrâneas (...); para quem sofre coração- afastar aviação,

subir escadas(...); para intestinos e estômagos débeis- evitar as que não deixam seguir horário regular de refeições(...) sofre do fígado evite as que provocam sede e tóxicas (...)”(2 Ago. 1939). Esta enumeração continua ainda em 16 de Agosto: “(...) do sistema nervoso, se tem epilepsia- afastar de mecanismos e do público ; se trem cérebro fraco- afastar trabalho de precisão e vendas; se problema de ossos, como raquitismo- afastar muito tempo em pé e andar; se problema dos ossos é coluna vertical débil- não deixar em posição oblíqua; se problema nos gânglios- dar bons ares; se transpiração das mãos- evitar desenhos, tecidos, alimentos, cabeleireiros; se reumatismo, evitar- humidade; se dos pés- evitar muito tempo em pé; se com frieiras- evitar profissões ao ar livre (...)” (16 Ago. 1939).

Se não há vocação, os pais e médicos devem pensar “(...) Quais aptidões físicas e intelectuais do meu filho? Que características da maneira de ser? Qual carreira que melhor se quadra com estas aptidões? Quando há mais do que uma, qual será preferida? Se se continua indiferente, consideram-se a condição social e a fortuna dos pais, vantagens e desvantagens das diferentes profissões e necessidades do meio ou País(...) carreiras da moda oferecem desvantagem de grande n.º de concorrentes o que dificulta colocação(...)”(20 Set. 1939). Se há vocação bem definida, “(...) não há que lutar a não ser que saúde se oponha, os pais não devem lutar(...)obrigar a enveredar por caminho diferente é fazer deslocado, insatisfeito, revoltado talvez(...) se a carreira lhe parecer vulgar, ele há-de tirá-la da banalidade, elevá-la, vencer dificuldades(...) trabalhar sem prazer e sem interesse não se pode ir além da mediocridade(...) quando agrada, por mais humilde q seja, brilha, enobrece(...)” (20 Set. 1939).

Em *Modas & Bordados* e em *Os Nossos Filhos*, como veremos no capítulo em que analisamos as profissões femininas referidas nesta última publicação, há um grupo profissional muito mencionado, normalmente como fonte de perigos para a educação das crianças: as criadas de servir. As mães devem evitar que as crianças mantenham “(...)o contacto com as criadas: quase sempre prejudicam a educação das crianças porque é raro ensinarem-lhes alguma coisa de bom(...) a mãe, consciente da sua missão, ocupa-se sempre que pode, de tudo que diz directamente respeito aos filhos, cuida deles e acompanha-os o mais possível(...) conversa que tem no decorrer do banho, das refeições ou do passeio tem uma importância extraordinária na educação dos pequenitos (...) orientação que a mãe lhes dá não é igual à da criada o mesmo acontece com os modos (...) a influência que o convívio da criança tem no espírito da mãe é enorme e a mãe que não reconhece isto despreza as puras alegrias da vida e a melhor escola de si

mesma(...) aprende muito, sempre, aperfeiçoa-se e domina-se(...) ensinar às crianças que se deve ser delicado para as criadas e todas as pessoas humildes (...) que eles não percebam que os afastamos delas porque isso seria torná-los orgulhosos (...)” (3 Maio 1939).

Também em *Modas & Bordados* a prática da Educação física é aconselhada assim como a das *lições de coisas*: “(...) Criança viver tanto quanto possível ao ar livre, se tem quintal, se não tem, sair com elas todos os dias(...) se as deixar chegar à fadiga ou excitação, faça um jogo que as acalme(...) criança traz flores á mãe, esta ensina a fazer ramo com elas(...) observar vida dos insectos e das aves sem saltos nem correrias (...) crianças gostam de ver formigas, mãe explicará as virtudes e o trabalho dos animais e porque não se deve fazer mal (...)” (20 Set. 1939).

A entrada na escola primária, sobretudo do ponto de vista higiénico e alimentar, merece um capítulo especial uma vez que “(...) Grande parte das crianças a frequenta pela 1ª vez(...) e a mãe sente alegria por ver tão grande seu amor pequenino (...) inquietações não o terá junto si todo dia, bem defendido de perigos e males, sofrer em contacto com outros e educação diferente, contrair doenças epidémicas é o terror das mães(...) naturais mas higiene bem compreendida pode afastar perigos: vacinação da varíola é obrigatória, alimentação: bem alimentada resiste melhor ‘como dever ser’ diferente de ‘muito’, 1º almoço com cereais como nórdicos, refeições principais equilibradas, água pura com uma gota de vinho fixar hora para lanche (...) boa higiene corporal- banho todos os dias, mãos e unhas limpas e combater roer unhas e meter nariz ou boca(...) higiene da boca, garganta, olhos, nariz e ouvidos(...) não se servir com copo, garfo, faca do companheiro(...) livros, cadernos, lápis e objectos escolares não emprestar nem pedir emprestado(...) vestuário- leve e impecavelmente limpo, pés sempre quentes sem apertar porque entorpece à circulação e sem serem grandes porque provocam entorses, sola impermeável(...) sono e repouso: 6 a 10 anos, dormir 10 h(...) 10-15, dormir 9h, melhor sono antes da meia noite, evitar espectáculos de noite porque prejudiciais e causam fadiga, sobretudo mental, excepto TPC (...) brincadeira, movimento, sport bem compreendido e indispensável à infância(..) não fatigar com trabalhos excessivos no lar(...) deixar natural despreocupação da criança não lhes apresentar preocupações dos adultos (...)” (4 Out. 1939).

Em dois números da publicação que vimos apreciando há uma referência à adolescência ou “(...) Idade ingrata, dos 12-15 anos(...) não esperar que passe(...) fase delicadíssima em que compreender, guiar com doçura e firmeza é o dever dos pais (...)” porque “(...) se

se deixa entregue a si está a criar um ser tirano, egoísta, caprichoso, insolente, parvo(...) nesse tempo mais do que nunca, os pais devem ser companheiros dos filhos, confiança nos filhos que nada lhes ocultam(...), procurar nas palavras dos pais respostas a suas interrogações (...)” (15 Nov. 39). A adolescência é diferente nas raparigas e nos rapazes e também diferente deve ser a atitude das mães para com elas(es): para elas, é “(...)normal discutirem por tudo-nada, bruscas, apaixonarem-se pelos desportos, terem pena de não ser rapaz. As mães, alarmadas ou lhes dão liberdade que as prejudica para o futuro ou lhes impõem regime severo que as exaspera (...). As mães devem interessar filhas por ocupação, por assunto, por uma actividade bem distribuída e orientada (...)” (6 Dez. 1939). Para os rapazes, que começam a ser “(...)bruscos, embirrarem sobretudo com mães, recusa em fazer o que elas querem (...) e consideram indigno ser carinhoso e prestável(...) /as mães devem/ meter docemente a ridículo, dar a ler a vida de grandes homens destemidos e valentes mas também generosos e amáveis, despertando o desejo de os imitar(...)” (6 Dez. 1939).

Sobre religião há apenas duas referências ao longo desta secção mas em que mais do que apelar à caridade cristã se apela à fraternidade: lembra-se às mães de que elas devem usar o período do Natal para “(...) para despertar nas alminhas o sentido da bondade e a noção do dever para com próximo(...) e que a miséria no mundo desapareceria se cada pessoa tomasse sob sua protecção uma pessoa infeliz; se os bem agasalhados partilhassem seus bens (...)” (6 Dez. 1939) e deveriam lembrar-se “(...)das crianças pobres, principalmente órfãs no Natal (...) faça malhas e escolha com seus filhos roupas, brinquedos e explique sentido fraterno do Natal (...)” (3 Dez. 1941).

Sobretudo a partir do início dos anos 40, a secção vai contar com a colaboração de algumas pessoas que aparecem mais tarde como colaboradoras de *Os Nossos Filhos*: nesse grupo referimos Carolina dos Remédios, Sara Benoliel, *Teresa de Luanda*, Maria Evelina Faria e Maia de Aguiar Bustorff e *Rosa Silvestre*, entre outras(os). Desta última transcrevemos os dois ‘aforismos’ que ali publica: “(...)No dia em que a mulher ponha na formação do espírito dos seus filhos o mesmo carinho com que trata da sua saúde e bem estar, no dia em que todos que tiverem a seu cargo a educação da infância e juventude(...) com a preocupação de formar consciências rectas, vontades fortes e almas sãs, então estaremos no caminho duma sociedade melhor, perfeita e verdadeiramente civilizada (...)”(6 Maio 1942) e ainda “(...)A civilização é o conforto exterior uma das mais admiráveis conquistas do homem mais perfeição moral, absoluta correcção e nobreza de carácter de todos que compõem a sociedade desde o pobre humilde ao rico e

poderoso tal milagre no dia em que cada mãe, cada mulher, seja uma educadora (...)” (20 Maio 1942).

Nesta secção vemos o interesse que, na época, haviam despertado os testes de inteligência pois que, a pedido de uma leitora, são publicados seis deles (16 Abr. 1941). Estes conhecimentos teóricos sobre o que a ciência vinha ‘descobrir’ e muitos outros dados sobre a melhor forma de educar as crianças, eram considerados fundamentais para quem queria ser “boa mãe” isto é “(...)competente, porque não bastam as boas intenções, é preciso “saber” sê-lo(...)”. Para ajudar as mães nessa tarefa são aconselhadas diversas leituras de que destacamos *O Guia das Mães* da Dra. Branca Rumina e *O Meu Menino*, do Dr. Samuel Maia(...)” (6 Maio 1942) que iremos encontrar também publicitados em *Os Nossos Filhos*.

Com a direcção da *Página das Mães* em *Modas & Bordados* vai Maria Lúcia Vassalo Namorado iniciar um percurso de orientação das mães que continuará em *Os Nossos Filhos*, a revista que dirigirá durante cerca de dezasseis anos.

### **Colaboração sob pseudónimo - *Tricana, Dona Experiência e Milú***

Na revista *Modas & Bordados* os pseudónimos *Tricana, Dona Experiência* e *Milú* são usados por Maria Lúcia Vassalo Namorado para tratar, respectivamente, de temas gerais sobre Coimbra, de conselhos sobre culinária e, finalmente, sobre quotidiano e decoração. Entre 5 de Julho de 1939 e 25 de Novembro de 1942, são cerca de sessenta os textos sobre Culinária que podem ser referenciados na publicação em análise sobre diversos temas como, apenas a título de exemplo, o elogio da alimentação no campo<sup>203</sup>, o aproveitamento de restos (*Modas & Bordados*. 27 Set. 1939. p. 16), a importância do chá (*Modas & Bordados* 8 Nov.1939. p. 16), a forma de pelar rapidamente beterraba cozida(*Modas & Bordados* 4 Jun. 1941. p. 15), entre muitos outros.

A colaboração assinada sob o pseudónimo *Milú*, que se estende quase ao longo de dez anos, tem ideias várias sobre pequenos problemas do quotidiano que vão dos “cuidados que devemos ter com o piano” (*Modas & Bordados* 27 Set. 1933. p. 12), ao “valor prático e decorativo da escrivanhina” (*Modas & Bordados* 13 Fev.1935), à forma como “(...) se acondiciona a fruta para o inverno(...)” (24 Out. 1934. p. 15 e 17), como

---

<sup>203</sup> “(...) no campo sabe-se comer melhor(...) vai-se atrás da Natureza que tudo sabe (...) na cidade, há de tudo todo o ano, come-se o que calha e poucas vezes o que se deve(...)”. *Modas & Bordados* n.º 1434 de 2 Ago. 1939. p. 14

arrumar as coisas da cozinha quando as “(...) senhoras vivem em parte de casa(...)” (*Modas & Bordados* 20 Mar.1935. p. 15) mas também ensinamentos sobre “(...) porque é que o mel não é sempre da mesma cor(...)” ou as “sete maravilhas do mundo” (*Modas & Bordados* 23 Set. 1936. p. 5), economia e bom gosto (*Modas & Bordados* 10 Mar.1937. p. 8) ou ainda, entre muitos outros temas, conselhos sobre como “(...) defender-se perante um ataque imprevisto: levar-lhe a carteira, agarrá-la pelas costas ou ajudar quem está a ser atacado(...)” /com ilustrações alusivas.../ (*Modas & Bordados* 2 Mar. 1938. p. 5).

Maria Lúcia Vassalo Namorado irá referir-se ainda, sob este pseudónimo, aos cuidados na escolha de brinquedos, à alimentação dos bebés<sup>204</sup>, a alguns aspectos da educação das crianças e às qualidades de uma boa dona de casa. Par a escolha dos brinquedos chama a atenção para a necessidade de estes serem funcionais mais do que caros ((*Modas & Bordados* 28 Mar. 1934. p. 13 e 13 Jun.1934. p. 5 ou 31 Dez. 1934. p. 12). Para a alimentação das crianças há que ter em conta que muitas mães são ignorantes face aos perigos de doenças que uma má alimentação lhes pode provocar. Sobre o conceito<sup>205</sup> de educação infantil e de educação estética das crianças são também dadas algumas sugestões: “(...)Educar a criança é, ao mesmo tempo, tão fácil e tão difícil(...) encontramos a cada passo mães que, com a maior naturalidade, facilmente, fazem de seus filhos crianças encantadoras, dóceis e mães que, embora cheias de vontade e esforçando-se o mais possível, não conseguem corrigir e até exacerbam os naturais defeitos dos seus pequerruchos que acabam por se tornar, tantas vezes, deliciosas criaturinhas embirrantas e detestáveis. As crianças não são igualmente fáceis de educar(...) isto prova, em parte, que nem todas as mulheres estão aptas a ser educadoras, ou pelo menos, que nem todas possuem o maravilhoso dom duma perfeita intuição dos processos a empregar(...) cada criança é um problema a estudar e resolver(...) não se podem pois estabelecer regras inflexíveis (...) a atitude da mãe deve ser ditada pela conscienciosa observação das tendências do filho(...) geralmente, a melhor maneira de combater um defeito é não deixar perceber à criança que queremos operar nela uma modificação(...) é preciso que a habilidade para vencer um pequerrucho chegue à astúcia: por exemplo: é corrente o menino ou, pior ainda, a menina, dar indícios de

---

<sup>204</sup> Intitula-se “Para as Mães: A Alimentação do bebé”. *Modas & Bordados*. Ano XXIII. N.º 1217 de 5 de Junho 1935. p. 7

<sup>205</sup> Com o título: “Criemos nos nossos filhos o gosto pelo arranjo”, publicado em Ano XX, N.º 1179 de 12 de Setembro de 1934. p. 13

desmazelo. Que fazer? (...) ensinar desde cedo a distinguir bonito de feio(...) desde pequeno prefere o bonito(...) é feio a cadeira carregada de roupa ou de bugigangas(...) a menina pendura o avental com prazer e sem ralhos ou amuos(...)” /é essa a ilustração do artigo/(...)”. Em *Modas & Bordados*, como mais tarde em *Os Nossos Filhos* e nos livros que Maria Lúcia Vassalo Namorado escreve sobre o assunto, como veremos ainda nesta capítulo, a mais apreciada das qualidades da dona de casa é o *método*<sup>206</sup> de que se dirá:“(…) O método e o arranjo poupam-nos tempo e energia e evitam-nos muitas irritações(...) uma casa onde há método e arranjo é essencialmente agradável e repousante(...) há mulheres que possuem o dom de tudo fazerem e orientarem com método e arranjo e outras que (...) apesar das boas intenções, tudo baralham(...) para haver método e arranjo é preciso que tudo, absolutamente tudo, tenha o seu lugar apropriado(...)”.

Maria Lúcia Vassalo Namorado vai assinar a *Carta de Coimbra*, sempre sob o pseudónimo *Tricana*, entre 24 Jul. 1935 e 9 Nov. 1938, num total de dezassete textos<sup>207</sup>. Nela se pretende “(...) dar a conhecer este Jardim da Europa que é mais do que /o percurso/ entre o Chiado e o Estoril(...)”<sup>208</sup>. Da leitura de todos estes textos concluímos que são pequenos resumos sobre aspectos do quotidiano da cidade como o que se refere ao *Baile do Romantismo*, *Cortejo e Torneio Medieval* realizado em Julho de 1935 (*Modas & Bordados* 9 Out. 1935. p. 9), ao *Curso de Férias* orientado por Vianna da

<sup>206</sup> Intitula-se “A Nossa casa: O método e o arranjo são os nosso grandes auxiliares”. *Modas & Bordados*. Ano XX, n.º 1192, 12/12/1934. p. 12.

<sup>207</sup> As “cartas” são sempre “assinadas” com data diversa da de publicação:

Datas das “cartas”	Publicação em <i>Modas &amp; Bordados</i>
30 Junho 1935	n.º 1224 de 24 Julho 1935. p. 5
30 Julho 1935	n.º 1235 9 Outubro de 1935. p. 9
Novembro 1935	n.º 1243 de 4 Dezembro 1935. p. 6
Novembro 1935	n.º 1245 de 18 Dezembro 1935. p. 5
31 Maio 1936	n.º 1274 de 8 Julho 1936. p. 5
/sem data/	n.º 1291 de 4 Novembro 1936. p. 4
31 Dezembro 1935	n.º 1250 de 22 Janeiro 1936. p. 10
31 Janeiro 1936	n.º 1256 de 4 Março 1936. p. 6
Abril 1936	n.º 1265 de 6 Maio 1936. p. 4
30 Abril 1936	n.º 1270 de 10 Junho 1936. p. 4
Janeiro 1937	n.º 1304 de 3 Fevereiro 1937. p. 6 e 10
“Tua velha” Maio 1937	n.º 1323 de 16 Junho 1937. p. 4
“Tua velha amiga” Agosto 1937	n.º 1334 de 1 Setembro 1937. p. 5
31 Agosto 1937	n.º 1340 de 13 de Outubro de 1937. p. 4
Maio 1938	n.º 1374 de 8 Junho 1938. p. 4
/sem data/	n.º 1376 de 22 Junho 1938. p. 4
/sem data/	n.º 1396 de 9 Novembro de 1938. p. 4 e 5

<sup>208</sup> “Carta de Coimbra” em *Modas & Bordados* n.º 1224 de 24 de Julho de 1935. p. 5

Mota, à I *Exposição de revistas francesas* ou à *Exposição de Crisântemos (Modas & Bordados* 4 Dez.1935. p. 6) entre muitos outros temas cujo levantamento é feito também neste trabalho<sup>209</sup>. Porém, os artigos que aqui nos interessa analisar são os que se reportam mais directamente a questões de índole política ou educativa.

Em relação aos primeiros é referida, de forma elogiosa, a *Junta Geral do Distrito de Coimbra* por ter intenções de demolir um “(...) bairro miserável e construir um bairro económico / e por ter/ trabalhado pelos pobres doentes e infelizes(...)” e as senhoras, sobretudo a condessa de Ameal, que têm apoiado a *Liga dos Combatentes(...)*” (18/12/1935. p. 5); sob o bom gosto do Dr. Bissaia Barreto, “(...) inaugurou-se o *Parque Infantil Oliveira Salazar*, mais uma realização brilhante(...)” da mesma *Junta...* (8/7/1936. p. 5) que volta a ser enaltecida pelo seu empenho no combate à tuberculose, sendo que o seu mentor, o Dr. Bissaia Barreto se tem preocupado em criar “(...) sanatórios modelo iguais aos melhores do estrangeiro, atacando o mal pela raiz criando escolas, preventórios, creches e dispensários(...)”<sup>210</sup>. Sob o ponto de vista da Assistência são referidas, no mesmo número, a *Casa dos pobres*, obra do Dr. Elísio de Moura, a obra de caridade *As Criaditas dos Pobres*, a “(...) mais linda, comovedora e perfeita afirmação de amor pelos pobres e por amor de Deus (...) há senhoras que se consagram a servir os pobrezinhas em espontânea e completa renúncia à situação e seus bens materiais(...) orientando uma creche onde têm sessenta e cinco crianças(...)”<sup>211</sup>.

Ainda no campo do combate à tuberculose é referido o *Preventório de Penacova* e Raimunda de Carvalho “(...) senhora que não é como nós frívola e comodista(...)” que aí ajuda todos os que se lhe dirigem<sup>212</sup>.

Finalmente, ainda nestas “cartas” são feitas duas alusões de índole educativa: uma primeira, às colónias de férias infantis que se podem ver na praia da Figueira da Foz “(...) ranchos de bibes azuis e cor de rosa, largos chapéus de palha, a rir e pular doidamente (...) a desafiar as ondas (...) que bom seria que todas as cidades, vilas e aldeias mandassem as suas crianças pobrezinhas para o mar e para a montanha conforme a opinião dos médicos(...) aí está uma Obra que compete às mulheres(...)!”<sup>213</sup>.

---

<sup>209</sup> Cf. Apêndices finais a este subcapítulo, em *Apêndice a Cap. 3- Modas & Bordados*.

<sup>210</sup> Sob o título “Coimbra, pátria da caridade”. Em *Modas & Bordados*. Ano XXVII. N.º 1396 de 9 de Novembro de 1938. p. 4 e 5.

<sup>211</sup> Cf. Nota anterior. Sobre estas instituições também em *Os Nossos Filhos*, como veremos, há referências elogiosas, bastantes anos depois.

<sup>212</sup> *Modas & Bordados* n.º 1256 de 4 de Março de 1936. p. 6.

<sup>213</sup> idem. N.º 1291 de 4 de Novembro de 1936. p. 4.



Na segunda, a propósito da licenciatura em Medicina de Deolinda da Costa Martins<sup>214</sup> reflecte sobre a educação das raparigas. Muitas perdem-se porque se dedicam a “(...) divertimentos inúteis como cabeleireiro, ‘manicure’, modista, chás, cinemas, bailes(...) /em vez de estudar. É por isso que das muitas/ “(...) raparigas que começam cursos escassas dezenas chegam ao fim e dessas quantas exercem com amor a sua profissão?(...) “(*Modas & Bordados*. 3 Out. 1937. p. 4).

### **Colaboração em *Escola de Donas de Casa***

A colaboração de Maria Lúcia Vassalo Namorado nesta secção intitulada *Escola de Donas de Casa*<sup>215</sup>, que vai de 1938 a 1943, ou seja, durante os dois últimos anos da rubrica de *Modas & Bordados* coincide com a sua tarefa de directora da revista *Os Nossos Filhos*.

As mulheres noivas ou recém casadas são as destinatárias preferidas desta *Escola...* como se depreende do texto do primeiro número em que é feita a apresentação da rubrica em questão: “(...) o casamento coloca-nos no limiar de um reinado (...) que nos envaidece um pouco, nos assusta muito e, quase sempre, aborrece(...) tens aqui a amiga que *Modas & Bordados* te oferece (...) Não te assustes nem te aborreças (...) para ser boa dona de casa basta tomar a sério a tua missão, depende de ti torná-la fácil e agradável, (...) ser metódica e arranjada senão reflecte-se nos pormenores, provoca desorientação das criadas, indisposição geral, atrasos, atrapalhações e aborrecimentos e mata a harmonia e a felicidade do lar(...) o método e o arranjo são os melhores auxiliares da dona de casa porque poupam tempo, trabalho e dissabores, dão ordem e tranquilidade à casa e favorecem a boa disposição da família(...)”<sup>216</sup>.

Esta introdução que funciona também como apresentação dos objectivos da nova rubrica precede as diversas *lições* que a dona de casa deve seguir para se tornar uma perfeita organizadora do seu lar. Os artigos são assinados, na sua maioria, por *Maria Lúcia* e alguns também por *Milú*. As páginas de *Modas & Bordados* serão usadas por esta *Escola...* não formal como um espaço onde é apresentado o currículo que se definiu

---

<sup>214</sup> Esta médica, cuja pequena biografia é apresentada por nós em Apêndice, vai colaborar, anos mais tarde, na revista *Os Nossos Filhos* como se pode ver no capítulo de análise temática da revista *Os Nossos Filhos*, deste trabalho.

<sup>215</sup> A partir do número 1622, de 10 de Março de 1943 vimos apenas aqueles em que havia *Escola de Donas de Casa* sem fazer o levantamento dos conteúdos porque Maria Lúcia Vassalo Namorado não se lhe refere, como responsável, no seu currículo e porque, da análise externa e interna dessas páginas, conclui-se que não se segue a mesma orientação. Essa rubrica existe ainda, sempre na página 11, dos números de 17 Março, 7 e 21 Abril, 2 Junho, 4 Agosto, 15 Setembro, 27 Outubro e 1 Dezembro 1943.

<sup>216</sup> *Modas & Bordados* Ano XXVI, N.º 1358 de 16 de Fevereiro de 1938, p. 14

seria o desejável para aquele específico público feminino. É dele que nos ocuparemos nas próximas páginas. Qual era então o currículo preconizado por Maria Lúcia Vassalo Namorado para esta *Escola de Donas de Casa* nas páginas de *Modas & Bordados*?

Partindo das categorias<sup>217</sup> que seleccionámos para a análise desta subrubrica da revista *Modas & Bordados*, que se queria defensora “(...) da educação feminina e exaltação do trabalho feminino como factor de dignificação social(...)” (Guimarães. 2002. p. 35), onde se elogia o trabalho feminino dentro e fora do lar e também “(...) se louvam os afazeres domésticos, a confecção da própria roupa e naperons e bordados(...)” (Guimarães. 2002. p. 39). apresentamos no quadro seguinte os conteúdos que foram por ela definidos e desenvolvidos ao longo de quase cinco anos sobre *Economia doméstica, Qualidades de uma dona de casa, Relações Conjugais, Saúde, Quotidiano e Conselhos Morais*.

Quadro nº11.: ‘Currículo’ da *Escola de Donas de Casa*:

Áreas	Conteúdos
Economia Doméstica	<p>Convencer os maridos a atribuir uma quantia mensal de onde sairão, em proporções equilibradas e justas as verbas para renda da casa, despesas caseiras, vestuário, Previdência, despesas extraordinárias, obras de caridade e divertimentos; (...) havendo filhos, uma ferba para educação. As parcelas são combinadas de comum acordo entre homem e mulher mas é exclusivamente à mulher que compete governar a verba que diz respeito às despesas caseiras (...) que ela deverá subdividir em comida, ordenados, água, limpeza, luz e combustível (...) chegar sem faltas ao fim do mês tanto nos lares pobres como nos ricos (...) nos pobres para que não haja atrapalhões nem dívidas e nos ricos para que mais tarde não se lamente a desorientação, a imprevidência e o esbanjamento(...) (<i>Modas &amp; Bordados</i> 24 Ago.1938. p. 11)</p> <p>Quando se está sem criada, em vez de se lamentar deve ser corajosa e trabalhadora, encarar a situação com optimismo, esperar que seja transitória e caprichar em ter tudo arranjado e pontual como quando a tinha (<i>Modas &amp; Bordados</i> 21 Set.1938. p. 11)</p> <p>Foste pedida arranja uma casinha pequena mas confortável com um bocadinho de quintal, terraço ou ampla varanda (...)escolhe primeiro a casa e depois a mobília (...) divide as economias em parcelas para móveis, louças, roupa(...) (<i>Modas &amp; Bordados</i> 11 Jan.1939. p. 11)</p> <p>Se andava a poupar para uma pele de raposa mas marido já não será aumentado(...) guardar para algo mais útil (<i>Modas &amp; Bordados</i> 29 Mar.1939. p. 11)</p>

<sup>217</sup> Os dados organizados sob a categoria *criadas de servir*, embora fazendo parte integrante do conjunto de conhecimentos que uma dona de casa devia possuir, foram por nós enumerados e comentados no capítulo em que fazemos referência a outras profissões femininas sobre as quais Maria Lúcia Vassalo Namorado reflectirá na revista *Os Nossos Filhos*.

	Saber gastar e equilibrar orçamento um dos problemas mais difíceis é receita não ser excedida pela despesa e despesa equilibrada(...) orçamento dividido em parcelas racionais e apontar diariamente a despesa feita ( <i>Modas &amp; Bordados</i> 10 Jan.1940. p. 11)
Qualidades da dona de casa:	Todo o trabalho deve ser metódico para ser proveitoso caso contrário é a barafunda; (...) a mulher deve dar o exemplo; (...) as consequências da desordem caem sobre quem a provoca ( <i>Modas &amp; Bordados</i> 21 Set.1938. p. 11)
Método	Esboça o teu horário (...) geral, para toda a família e subordinado a este o da dona de casa e das criadas(...) na casa a senhora deve ser sempre e em tudo, a primeira e a mais metódica de todos (19 Out. 1938. p. 11)  O horário da dona de casa (que aqui sugere minuciosamente) deve ter espaço para uma meia dúzia de exercícios de ginástica que nenhuma rapariga dispensa hoje em dia(...) pode limpar o pó, determinar as refeições, compor jarras e flores, tratar de algumas roupas, ir a compras, pôr correspondência em dia, fazer e receber visitas, dedicar-se a obras de caridade e ao serão conversar com marido, bordar, ir ao teatro, fazer ou receber visitas mais íntimas ( <i>Modas &amp; Bordados</i> 16 Nov. 1938. p. 11)  O horário da criada e as diversas tarefas devem estar bem definidas (dá exemplo minucioso de um desses horários) (...) o horário tem a vantagem de indicar a cada passo o serviço que mais convém fazer e evita que determinados afazeres caiam no esquecimento ( <i>Modas &amp; Bordados</i> 4 Dez. 1938. p. 11)  O método auxilia, lembrando e simplificando, os afazeres do maniqueísmo caseiro (11 Jan. 1939. p. 11)
Qualidades da dona de casa: Ordem	Grande amiga das donas de casa, facilita serviço e poupa tempo e energias; (...) um lugar para cada coisa e cada coisa no seu lugar; (...) a desordem das coisas é a desordem do espírito, ideias, das vidas. Nada mais é preciso para cair no abismo das desinteligências, na miséria e na infelicidade (27 Jul.1938. p. 11)  A ordem é irmã gémea do asseio e inspira ordem nas ideias e sentimentos, simplifica e constrói(...) economiza energias (...)a desordem complica, dissolve e repele(...) desperdiça energias, fatiga (11 Jan. 1939. p. 11)  A ordem na roupa é fundamental(...) é mau usar todas as roupas que se possuem mas tb não guardar tudo para um dia e nunca usar(...) roupas arrumadas e ordem tb nas gavetas e separadas por pessoas ou casa ( <i>Modas &amp; Bordados</i> 1 Fev. 1939. p. 11)  Não há nada mais falso do que dizer que a cozinha não pode estar arrumada; tudo deve ter um único lugar e tb saber trabalhar com ordem ( <i>Modas &amp; Bordados</i> 1 Mar. 1939. p. 11)  Método e ordem os melhores auxiliares de uma dona de casa: simplificam e reduzem trabalho, evitam esquecimentos e atrasos, aplanam dificuldades, contribuem poderosamente para boa disposição espiritual da família(...) o método implica ordem e a ordem implica asseio que dá beleza, saúde, alegria e prolonga-se na mocidade; mulheres que não se pintam e quase não se enfeitam e mesmo assim despertam atenção e encantam com pele fina, cabelos sedosos, olhos brilhantes, saltos baixos, blusas ou golacinhas claras, irrepreensivelmente lavadas e passadas a ferro(...) que levam vida higiénica e no asseio encontram saúde, alegria e calma ( <i>Modas &amp; Bordados</i> 24 Maio 1939. p. 11)  “(...) a dona de casa deve ter os seus papéis para fazer as suas previsões e estatísticas, fazer face às despesas e enfrentar as faltas(...) deve ter a lista de economias a fazer por

	causa das bichas para conseguir açúcar e batatas, de relações sociais(...) porque a ordem em tudo na vida é preciosa (...)” Maria Carolina Ramos, médica ( <i>Modas &amp; Bordados</i> 2 Dez. 1942. p. 11)
Qualidades da dona de casa: Asseio	Amigos inestimável da dona de casa, torna a mulher encantadora, calma, alegre, insinuante e o lar acolhedor; (...) realça a casa do rico e é luxo na do pobre(...) é irmão da economia de tempo, forças(...) se limpar amiúde não está muito sujo, vai mais depressa e poupam nos produtos ( <i>Modas &amp; Bordados</i> 28 Jun. 1939. p. 11) Não espere que as coisas se sujem, mantenha-as limpas (...) virtude não está em ,impar mas no prazer de viver num meio limpo ( <i>Modas &amp; Bordados</i> 12 Jul. 1939. p. 11) Limpeza diária, semanal e bi-anual da casa (...) sempre a casa arrumada não se sabe o que pode acontecer durante a noite ( <i>Modas &amp; Bordados</i> 23 Ago.1939. p. 11)
Qualidades da dona de casa: bom gosto	A higiene contribui para casa saudável, alegre, ordenada e acolhedora mas não pode dar comodidade e bom gosto(...) aquela assume formas diversas de acordo com possibilidades económicas e modo de viver de cada um(...) comodidade não é dotar de muitas coisas nem ricas mas do que torna mais fácil e confortável o trabalho e o repouso de quem nela vive ( <i>Modas &amp; Bordados</i> 22 Nov.1939. p. 11) Nem toda a gente artista mas bom gosto ao alcance de todos(...) do bom gosto da dona de casa depende o carácter da casa, apresentação do marido, dos filhos e dela própria(...) umas vezes um dom natural ou também uma ciência que se adquire(...) não tem nada a ver com riqueza ( <i>Modas &amp; Bordados</i> 22 Nov. 1939. p. 11) “(...) o bom gosto supre a riqueza(...) a casa modesta, decorada com simplicidade e arte, pode ser incomparavelmente mais atraente do que um lar sumptuoso (...) basta que a dona da casa tenha a indispensável intuição artística, sabendo aproveitar inteligentemente os recursos de que dispõe(...)” ( <i>Modas &amp; Bordados</i> 23 Set. 1942. p. 11)
Qualidades da dona de casa: Alegria	A arma que a mulher tem para defender a felicidade, sem espalhafatos, serena, equilibrada, constante e graduada segundo as circunstâncias; (...) seja um exercício diário se não o é por feitio porque a dona de casa é o centro do pequeno mundo familiar (...) se é taciturna enche a casa de sombras perigosas, responde secamente ao marido que finge não a ouvir, castiga filhos sem motivo que se indisciplinam e amuam e ralha com as criadas à mínima falta e estas farão o serviço aos repelões; (...) se é alegre, cria uma atmosfera feliz de que é a primeira a beneficiar, torna-se sincera, espontânea, atrai a felicidade e é contagiosa( <i>Modas &amp; Bordados</i> 27 Jul.1938. p. 11)
Qualidades da dona de casa: Bom senso	Saber conversar é saber escolher as conversas(...) não é preciso falar difícil ou abordar assuntos transcendentales(...) não escolher por delicadeza, conversas perigosas como política e religião(...) não falar da vida alheia(...) orientar conversação sem magoar ninguém, com fino tacto, perspicácia e delicadeza, para cinema, teatro, modas, flores, poesia, viagens, tempo é segredo do grande sucesso de serões ( <i>Modas &amp; Bordados</i> 14 Fev. 1940. p. 11)
Qualidades da dona de casa: Pontualidade	Uma virtude porque sem ela não há método, ordem e boa organização que resista(...) para todo o serviço e refeições a irregularidade de horários pode provocar úlceras no estômago e tuberculose ( <i>Modas &amp; Bordados</i> 14 Fev. 1939 p. 11) “(...) sem pontualidade não é possível organizar bem a vida, sejamos pois pontuais nas coisas importantes e excepcionais como nas pequenas coisas de todos os dias(...)” ( <i>Modas &amp; Bordados</i> 17 Fev. 1943. p. 11)

Qualidades da dona de casa: Alegria	A alegria deve ser serena, reconfortante e sem espalhafatos com limpeza, ordem, arranjo das coisas, calma, método nas vidas(...) ligação ao mundo moral e material(...) a casa limpa e arrumada com simplicidade e beleza é a tarefa da dona de casa e deve manter entre a família o espírito de alegria, dar o exemplo, ser bem humorada, compreensiva, indulgente, optimista(...) deve manter a alegria no lar ( <i>Modas &amp; Bordados</i> 5 Jun.1940. p. 11)
Qualidades da dona de casa: Economia	Uma das preocupações da dona de casa mesmo que viva na abundância; economia sem avareza não lhe fica mal(...) não cortar na alimentação(...) deve abranger o supérfluo, o menos imperioso como divertimentos e vestuário(...) mulher deve andar bem arranjada (...) em vez de divertimentos pode dar passeios a pé que distrai, é mais higiénico e proveitosos, ser modesta(...) dinheiro de que não precisa gastar em par de sapatos pode usar em esmolas, livros que divirtam, instruam, (...) ou numa criada em vez da que é mais barata mas que desgasta a vigia-la de manhã á noite ( <i>Modas &amp; Bordados</i> 11 Dez. 1940. p. 11)  Educada desde a infância para economizar e aproveitar tudo até ao fim e não estragar a mínima coisa ( <i>Modas &amp; Bordados</i> 11 Fev.1942. p. 11)
Qualidades da dona de casa: Felicidade	Evitar que o marido a ache menos bonita ao levantar; (...) quando ele voltar à noite, ter um sorriso, flores, a almofada dele onde gosta, pratos variados e uma mesa bonita( <i>Modas &amp; Bordados</i> 14 Dez. 1938. p. 11)  Ser pontual se combinarem sair juntos porque homens detestam esperar; se não é alegre, aprenda a sê-lo ( <i>Modas &amp; Bordados</i> 14 Dez. 1938. p. 11)  Os Dez mandamentos da Felicidade doméstica: 1-Optimista, sorridente mas evita gargalhadas 2- Não queiras por força escolher-lhe as gravatas; o teu gosto não é forçosamente o dele 3- Não lhe peças \$ a toda a hora; faz cálculos e pede-lhe todo de uma vez 4- Não o importunes com coisas insignificantes; uma vez por outra conta uma anedota a que ele ache graça 5- Faz uma alimentação simples; uma vez por outra se ele é apreciador de comida complicada, faz a vontade 6- Sê como ele te deseja; se ele gosta que sejas frágil, dá-lhe ocasião a que ele venha em teu auxílio 7- Adula-o, se é preciso mas critica-o só quando ele te pedir 8- Sê meiga, carinhosa, afectada não 9- Cuida de ti no tempo do noivado; procura a tua beleza mas pinta-te com moderação; renuncia às pantufas 10- Mas prepara as dele ( <i>Modas &amp; Bordados</i> 12 Abr.1939. p. 11)  as mulheres a quem os dissabores diários encontram sempre a sorrir, são os dissabores que cedem(...) duas qualidades essenciais para se ser dona de casa completa é ter bom humor e astúcia (...) o bom humor substitui muitas coisas, é sol numa manhã nublada, luz em aposentos mal iluminados e às vezes até dinheiro num orçamento modesto(...) a astúcia é inteligência prática, maneira rápida de fazer o trabalho, organização familiar de maneira a obter maior conforto com um mínimo de possibilidades pecuniárias( <i>Modas &amp; Bordados</i> 11 Out. 1939. p. 11)  ter bom gosto e apura-lo; saber dosear o bonito e desaparecer o feio; evitar

	<p>aglomerações(...) pessoas que apreciam a vida interior não a enchem de coisas desnecessárias mas dos objectos precisos para levar uma vida activa e agradável (<i>Modas &amp; Bordados</i> 11 Out. 1939. p. 11)</p> <p>paz dos espíritos contribui para a ordem, claridade, harmonia dos lares (<i>Modas &amp; Bordados</i> 11 Out. 1939. p. 11)</p> <p>feita de pequenas coisas que nos encantam que encaminham o espírito para bom humor, compreensão e indulgência que são a expressão mais fiel e constante da felicidade (<i>Modas &amp; Bordados</i> 25 Out. 1939. p. 11)</p> <p>pior inimigo da felicidade é o ciúme(...) combatê-lo(...) ser ciumenta e mostrá-lo é falta de tacto, admite a possibilidade de traição, estimular a vaidade ou o inconsciente crueldade daquele que se ama é 'buscar lenha para se queimar'(...) é sentimento velho como o mundo mas que atrai aquilo que mais tememos(...) é defeito mesquinho, prova egoísmo e baixa manifestação do instinto de propriedade (<i>Modas &amp; Bordados</i> 25 Out. 1939. p. 11)</p> <p>felicidade é feita da nossa conformação com o destino que nos cabe, de bom humor, de optimismo, duma disposição íntima que todos podemos adquirir e estabelecer um contacto harmonioso com os seres, as coisas, a Natureza, a poesia(...) envenenamos a vida com ambições(...) tudo o que não somos deixa o desgosto do 'poderia ter sido' e ver o 'que é'(...) dar mais valor ao que temos em vez de deplorar o que não temos(...) ao amar melhor tudo o que nos rodeia temos menos tempo para ter piedade de nós próprias(...) as circunstâncias da vida são menos importantes do que a maneira como as acolhemos (...) os tesouros da terra não poderão dar-nos o que não encontramos em nós mesmas (<i>Modas &amp; Bordados</i> 8 Nov. 1939. p. 11)</p> <p>a felicidade é uma planta que se cultiva(...) que a sua dona saiba adaptar-se às circunstâncias que a vida lhe impõe com paciência, resignação, espírito de sacrifício, de subtilidade, de perspicácia, de optimismo, de fé e filosofia(...) se é altiva, há-de-lhe parecer estranho mas adaptar-se é quase sempre a única maneira de conservar a felicidade a nossa e a dos que nos são queridos(...) a vida nunca dá o que lhe pedimos (...) revoltar-nos é juntar às decepções sofridas (...) o travo ainda mais amargo duma tragédia por nós cuidadosamente alimentada (...) a felicidade é uma satisfação, uma paz que desce sobre a nossa alma (<i>Modas &amp; Bordados</i> 27 Dez. 1939. p. 27)</p> <p>felicidade doméstica é obra da mulher; ela dá ao lar essa atmosfera doce e calma onde se renovam todas as energias(...) pela sua ternura e indulgência dissipa causas, por vezes, fúteis, da discórdia(...) pela astúcia e inteligência da sua administração aplanam as dificuldades(...) (<i>Modas &amp; Bordados</i> 10 Jan. 1940. p. 11)</p> <p>pensar nos outros e dar aos outros um pouco de felicidade (<i>Modas &amp; Bordados</i> 11 Dez. 1940. p. 11)</p> <p>ambição que ficamos à espera que caia do céu(...) feita de pequenas coisas e simples(...) esperávamos que ela viesse dos outros quando a tínhamos em nós próprios(...) julgávamo-la transcendente e ela é limitada pelas estreitas condições da nossa vida (<i>Modas &amp; Bordados</i> 5 Mar. 1941)</p> <p>tem raízes em dois campos diversos, o espiritual e o material (...) uma das condições para nos sentirmos felizes dentro deste mundo que é a nossa casa é a salubridade e a disposição da casa (<i>Modas &amp; Bordados</i> 1 Out. 1941. p. 11)</p>
Culinária	Diversas receitas e truques a utilizar na cozinha (tem todos números da rubrica)

Quotidiano	<p>Organização de “pic-nics”, excursões quando em férias (<i>Modas &amp; Bordados</i> 24 Ago.1938. p. 11)</p> <p>Importância da cor na transformação da fisionomia do lar (casa pode ser alegre, calma, fresca, melancólica, sonhadora, distinta ou severa) (...) (<i>Modas &amp; Bordados</i> 19 Out. 1938. p. 11)</p> <p>Como conservar os talheres (<i>Modas &amp; Bordados</i> 19 Out. 1938. p. 11)</p> <p>À mesa não se deve tratar as unhas, mexer na cabeça, pôr pó de arroz, coçar-se, assoar-se ruidosamente, falar de doenças, de espectáculos repugnantes e assuntos dolorosos, não perturbar o apetite dos companheiros (<i>Modas &amp; Bordados</i> 8 Nov.1939. p. 11)</p> <p>A escolha do presente de noivado deve sair da banalidade de tantos presentes, da repetição e da inutilidade (<i>Modas &amp; Bordados</i> 23 Ago.1939. p. 11)</p> <p>Para bragal das noivas não há regra para nº de peças (...) mas ‘enxoval que não vai com a noiva tarde ou nunca lá vai ter’(<i>Modas &amp; Bordados</i> 27 Set. 1939. p. 11)</p> <p>Festa de casamento diferente se para família que vem de longe, se noivo ocupa uma situação que obriga a convidar os seus chefes(...) se vive no campo...( <i>Modas &amp; Bordados</i> 10 Jan. 1940. p. 11)</p> <p>Chegar a horas ao teatro e cinema por delicadeza para artistas, autores e espectadores(...) silêncio absoluto durante espectáculo porque pessoas vieram para assistir e não para ouvir nossos comentários(...) não cantemos um trecho conhecido, não tamborilar braço na cadeira, se comer ‘bombons’ não amachucar pratas, evitar tossir e esperar que termine para nos levantarmos (<i>Modas &amp; Bordados</i> 10 Jan. 1940. p. 11)</p> <p>A mulher moderna ocupada pela profissão, afazeres de dona de casa e mãe de família tem pouco tempo para visitas; (...) quais as que se devem manter? Acabar com as que não nos interessam, que a convenção ou o hábito estabeleceram e se eles mantêm(...) Continuar com as pessoas a quem devemos favores, respeito e consideração(...) e fazer visitas ‘espontâneas’ a pessoas queridas que nos interessam sempre e aquelas em que recebemos – educação ou colocação dos filhos, carreira do marido ou nossa, situação social e ordem espiritual e moral - e aquelas em que damos alguma coisa- os novos, os hesitantes, os que precisam de quem os ajude, velhos, doentes, isolados e infelizes (<i>Modas &amp; Bordados</i> 28 Fev.1940. p. 11)</p> <p>Dona de casa Deve sair e procurar os benefícios do sol e do ar puro, ir às compras, levar os filhos à escola, caminhar durante uma hora ao ar livre não é perder tempo é beneficiar a saúde, refazer energias, cultivar o optimismo e a alegria de viver (<i>Modas &amp; Bordados</i> 28 Jan. 1942. p. 11)</p> <p>Estabelecer regra de conduta delicada e paciente face a vizinhos, vigiar criadas e crianças (...) tratar com cortesia mas sem intimidade se não há motivo que justifique, evitam incómodos uns aos outros e de noite redobrar cautelas (<i>Modas &amp; Bordados</i> 4 Mar.1942. p. 11)</p> <p>“(...) quando os cobertores não chegam se aparecem hóspedes inesperados podem coser jornais unas aos outros entre dois cobertores(...)” (<i>Modas &amp; Bordados</i> 3 Mar.1943. p. 11)</p> <p>processos de tirar nódoas, saber escolher peixe no mercado(<i>Modas &amp; Bordados</i> 16 Dez.1942. p. 11)</p>
Utilidades	<p>Compra da mobília não pela aparência ou porque agrada mais à vista ; (...) além da beleza, da solidez e da perfeição não esquecer que é para uma vida(...) não recear ser miudinha na sua escolha(<i>Modas &amp; Bordados</i> 21 Set.1939. p. 11)</p>

	Lavagem e tratamento das roupas ( <i>Modas &amp; Bordados</i> 10 Abr.1940. p. 11)
Relações conjugais	<p>(...) entre marido e mulher deve haver uma harmonia perfeita, que ambos compreendem os seus deveres e responsabilidades e que olham a vida a direito; (...)os homens não devem ser ignorantes dos seus deveres e devem confiar nas qualidades governativas da companheira (<i>Modas &amp; Bordados</i> 24 Ago.1938. p. 11)</p> <p>a viagem de núpcias deve ser escolhida com bom senso; (...) no caso de magros recursos redobra a inteligência e sensatez da noiva não exigindo impossíveis (<i>Modas &amp; Bordados</i> 19 Out.1938. p. 11)</p> <p>homens gostam das mulheres que sabem rodear-se de atmosfera de doçura e conforto (<i>Modas &amp; Bordados</i> 14 Dez.1938. p. 11)</p> <p>se ele vem jantar tarde, não implique e não mostre cara de palmo; a sopa demasiado espessa é castigo suficiente; (...) cuide de si, faça-se bonita, vista-se com elegância, não procure dar nas vistas(...) homem gosta de mostrar-se orgulhoso da sua mulher mas sem que ela se faça notar (<i>Modas &amp; Bordados</i> 14 Dez.1938. p. 11)</p> <p>não culpar o marido do que não corre bem connosco fazer exame de consciência para ver o que me é atribuível(...) o homem tem culpa dos desgostos que dá e das decepções que causa mas a mulher também tem responsabilidade(...) a missão do homem é dirigir a vida nos seus traços gerais e assegurar o bem estar material do lar à mulher compete, à custa de ternura, compreensão, delicadeza, sacrifícios dar cor, ritmo à intimidade familiar(<i>Modas &amp; Bordados</i> 1 Fev.1939. p. 11)</p> <p>se prezas a harmonia não desprezes a pontualidade (<i>Modas &amp; Bordados</i> 29 Mar.1939. p. 11)</p> <p>O que a mulher não deve fazer:</p> <p>Reservar para os estranhos todas as seduções da sua beleza e oferecer ao marido apenas as inestéticas visões dos preparativos</p> <p>Deitar-se com creme na cara e cabeça com papelotes; ao casar, o marido pensou adormecer ao lado de uma mulher e não de um espantalho</p> <p>Levar tachos para a mesa sob pretexto de que suja muita loiça</p> <p>Arranjar-se a correr e mudar de vestido à última hora</p> <p>Querer por força arrumar a secretária dele; ele também não arruma as malas da roupa nem os armários</p> <p>Transformar a casa de banho à hora em que ele precisa dela, em lavandaria com tinas e bacias de roupa</p> <p>Confundir 'amor' e 'expressão de ternura' com pieguice e cenas de ciúme; maçá-lo com manifestações de carinho ou arrelia-lo com desconfianças</p> <p>Censura-lo por ser amável com outras mulheres; mais vale ser casada com um homem galante do que com um bicho do mato (<i>Modas &amp; Bordados</i> 24 Maio1939. p. 11)</p> <p>O que a mulher não deve fazer:</p> <p>Quando o marido lhe confessa aborrecimentos e contrariedades, ajude-o, aconselhe-o mas não o censure nem lhe imponha coisa alguma</p> <p>Se ele ao fim de um dia de trabalho se mostrar absorto, não pergunte o que tem; se soubesse quantas desuniões esta simples pergunta tem provocado!</p> <p>Criticando os homens em geral, insulta o seu marido, em particular (<i>Modas &amp; Bordados</i> 12 Jul.1939. p. 11)</p> <p>Não pretendas criar o vácuo em torno do teu marido; não queiras que renuncie aos amigos</p>



	<p>para se dedicar única e exclusivamente a ti (...) é atentar contra a vossa felicidade (...) não deixes que ele se farte de ti, da vossa intimidade (...) sê a primeira a procurar as distrações e convivência necessária à vossa felicidade (...) amor com conta peso e medida para não se esgotar (<i>Modas &amp; Bordados</i> 9 Ago.1939. p. 11)</p> <p>Esquecer rapidamente as horas rabujentas e lembrar a cada passo os nossos momentos felizes (<i>Modas &amp; Bordados</i> 11 Out.1939. p. 11)</p> <p>Primeira e constante preocupação é felicidade do marido e se se limitar a gostar muito dele não lha pode dar(...) marido é 'trave da casa' no dizer do povo(...) grave responsabilidade que pesa sobre os ombros do chefe de família e esposa tem dever de facilitar a sua missão(...) à noite, ele tem necessidade de repouso e distração segundo o seu temperamento e é a 'ela' que compete submeter-se (<i>Modas &amp; Bordados</i> 22 Nov.1939. p. 11)</p> <p>Se marido trabalha em casa reclama um ambiente de conforto e tranquilidade (...) faça tudo que esteja ao seu alcance para que gabinete dele seja salubre, higiénico, confortável e tranquilo, não consinta que criada desarrume as estantes e secretária (...) vá a senhora mesmo limpa-la do pó(...) não consinta que filhos o incomodem com barulho ou perguntas(...) se recebe clientes, perfeito estado de arrumação a toda a hora (...) trabalho intelectual exige grande tranquilidade(...) uma vez por outra será ele a abrir a porta do escritório e a convida-la a fazer-lhe companhia (<i>Modas &amp; Bordados</i> 13 Dez.1939. p. 11)</p> <p>Resoluções da mulher casada:</p> <p>Tratar da minha pele e cultura física antes que seja tarde</p> <p>Não ficar com nariz de palmo e meio quando marido diz ir jantar com um amigo</p> <p>Não serei ciumenta, não permitirei que me falem da sua vida sentimental presente e passada</p> <p>Não mexer bolsos e carteira</p> <p>Não direi que as mulheres honestas são estúpidas</p> <p>Se jantar num restaurante marido vê lista e eu não verifico conta</p> <p>Se marido pouco falador depois de dia de trabalho não perguntar o que tem de 5 em cinco minutos</p> <p>Saberei guardar segredos que me confiarem</p> <p>Não serei trocista; não achar graça a insucessos de amigas</p> <p>Não terei muitas amigas; só verdadeiras; não contarei dissabores conjugais(<i>Modas &amp; Bordados</i> 24 Jan.1940. p. 11)</p> <p>Ser boa, carinhosa, condescende sem se humilhar, impõe-se sem ser altiva(...) não discute com ele quando ele está irritado(...) não se dedicar exclusivamente aos filhos, interessar-se pela família dele (<i>Modas &amp; Bordados</i> 15 Maio 1940. p. 11)</p> <p>Interessar-se pelos negócios dele(...) não te desmazes(...) conhecer e adaptar-te à sua maneira de ser(...) não lhe digas que tens de dores de cabeça diariamente (<i>Modas &amp; Bordados</i> 5 Jan.1940. p. 11)</p> <p>Os homens gostam da casa bonita, arrumada, limpa e sossegada mas desfeiam, desarrumam, sujam e batem com as portas; a mulher ao princípio admira e cala, depois insinua, depois pede e finalmente enerva-se(...) os homens não são anjos nem dotados de muita paciência, nem gostam que lhes façam observações nem os contradigam(...) habituados desde meninice a fazerem o que querem pensam que ceder, concordar, modificar e perder um hábito equivale a quebra de autoridade, abdicação de personalidade</p>
--	---

	<p>e não cedem, não concordam e não se modificam (...) insistem na deles porque não descem a pensar no assunto e não verificam se é justo e acertado o que a companheira pede(...) mulher tem dois caminhos o não te rales e teimar na sua (...) há outra solução: o caminho da astúcia: ai de nós se não formos um bocadinho maliciosas(...) corrija e eduque as manias dele, sem ele dar por isso (...) a vitória será sempre sua mas não a cante em voz alta (...) se ouvem não juro que continue a cantá-la...( <i>Modas &amp; Bordados</i> 10 Jul.1940. p. 11)</p> <p>Se perante ordem do marido as mulheres se submetem ou refilam(...) ambas erram, deve fazer-lhe ver, sem gritos, os inconvenientes(...) marido bem conduzido e inteligentemente orientado pela mulher faz-lhe quase sempre a vontade (<i>Modas &amp; Bordados</i> 24 Jul.1940. p. 11)</p> <p>Homem é uma criança grande(...) perdoar-lhe certas manias e esquisitices e ralhar um pouco mas sempre a rir (<i>Modas &amp; Bordados</i> 21 Ago.1940. p. 11)<sup>218</sup></p> <p>Se houve uma discussão mete o orgulho debaixo dos pés (<i>Modas &amp; Bordados</i> 11 Set. 1940. p. 11)</p> <p>Homens são irmãos dedicados, pais extremosos, camaradas encantadores mas péssimos maridos porquê? Casam e desfaz-se o encanto, parece que a missão dos maridos é desiludir e atormentar as mulheres, são autoritários e egoístas, insuportáveis(...) se um dia há uma desgraça ou morrem(...) eles com tantas qualidades...( <i>Modas &amp; Bordados</i> 23 Out. 1940. p. 11)</p> <p>No casamento homem e mulher estudam-se 3 semanas, amam-se 3 meses, ralham-se 3 anos e toleram-se 30 anos(...) horrível palavra...não irritar a pessoa com quem vivemos com uma desenvoltura de linguagem e de maneiras, uma falta de pequeninas atenções e delicadezas, uma falta de método na nossa vida de todos os dias é um dos segredos da felicidade(<i>Modas &amp; Bordados</i> 6 Nov. 1940. p. 11)</p> <p>A esposa ideal é a que escolhe a gravata que o marido escolheria e não a que mais lhe agrada, a que não lhe censura, hora a hora, o vício do fumo e de vez em quando lhe oferece um maço , quando limpa a secretária mantém desordem aparente fingindo que não lhe mexeu, não se aborrece de pregar botões e tirar nódoas fatos do marido, que quando vão passear não impõe as suas preferências e concilia com os gostos dele, que é boa cozinheira e que sabe fazer o milagre de oferecer 'chá' ou jantar às pessoas amigas sem pedir dinheiro ao marido(<i>Modas &amp; Bordados</i> 11 Dez. 1940. p. 11)</p>
Saúde	<p>Deve ter sempre para tratamento dos achaques habituais, das doenças ligeiras e dos possíveis acidentes /sugestões para conteúdo e localização/ (<i>Modas &amp; Bordados</i> 12 Abr.1939. p. 11)</p> <p>“(...) a mulher, anjo do lar, esposa e mãe tem a sagrada missão de velar pelos seus, que Deus lhe deu à sua guarda (...)” /ex. do que deve conter a farmácia caseira/ Maria Carolina Ramos, médica (<i>Modas &amp; Bordados</i> 28Out. 1942. p. 11)</p> <p>/o que fazer, se tiver queimaduras debaixo dos pés, feitas na cozinha/ Maria Carolina Ramos, médica (<i>Modas &amp; Bordados</i> 11 Nov.1942. p. 11)</p>
Conselhos morais	<p>Dias em que tudo aborrece ou fere, somos a pessoa mais infeliz do mundo porque não fazemos o esforço de nos esquecermos de nós e pensarmos um pouco mais nos outros(...)</p>

<sup>218</sup> Esta rubrica da *Escola de Donas de Casa* , no n.º 1487 do XXIX ano da revista *Modas & Bordados* foi “Dedicada às senhoras que vivem nas colónias”.

	<p>egoísmo sem perdão ao chorar os nosso pequenos males quando há tanta miséria e dor ao nosso lado(...) pensemos nos outros, vivamos um pouco mais para os que sofrem é cumprir um dever e afastar do nosso caminho os dias negros (<i>Modas &amp; Bordados</i> 26 Jul.1939. p. 11)</p> <p>Mulher deve cultivar-se para saber conversar e exprimir uma opinião sem sair daquela atitude senhoril e discreta que a torna encantadora (<i>Modas &amp; Bordados</i> 23 Ago.1939. p. 11)</p> <p>Sê perfeita em tudo o que fizeres; diz: ainda não sei tudo, posso fazer melhor</p> <p>Define o teu ideal; ama-o e serve-o com todas as tuas forças; eleva-te a cima de ti mesmo, luta, vence os obstáculos, prossegue o teu caminho, olhos fitos no ideal; na vida, nada se perde, nada é inútil; um dia colherás o fruto do teu esforço e da tua fé</p> <p>Sê honesta em todos os teus actos; mesmo quando a tua atitude tenha de ficar ignorada e a honestidade não pareça indispensável. Os outros nada saberão. Deus sabe e tu sabes também. Não é preciso mais; na tua consciência reinará uma grande tranquilidade que será a tua força (<i>Modas &amp; Bordados</i> 23 Ago.1939. p. 11)</p> <p>Se quer que todos a estimem, seja modesta(...) aborde assuntos que interessem outros mais do que a si(...) tenha o pudor das suas dores e pequenas misérias(...) a não ser às verdadeiras amigas, não falar de aborrecimentos de dinheiro, desgostos profundos, desinteligências domésticas e achaques (<i>Modas &amp; Bordados</i> 13 Mar.1940. p. 11)</p> <p>As verdades devem sempre dizer-se mesmo que não seja muito agradável ouvi-las; se tens feito desigual ele fatiga a aborrece aqueles que têm de a sentir; evita saltos bruscos de alegria e tristeza, ternura e aspereza, loquacidade e mutismo(<i>Modas &amp; Bordados</i> 18 Set.1940. p. 11)</p> <p>Atitudes sempre harmoniosas da mulher desde o andar à dança, na banalidade quotidiana do desporto que é útil e agradável à saúde física e moral" (<i>Modas &amp; Bordados</i> 5 Apg.1942. p. 11).</p>
--	---

Da leitura desta secção orientada por Maria Lúcia Vassalo Namorado constatamos como era difícil o quotidiano das mulheres pois que para além de saberem fazer a barreira, de terem de ser cozinheiras exímias, de se confrontarem com os problemas do quotidiano de falta de cobertores, de géneros alimentícios, de muitas vezes trabalharem fora de casa ainda se lhes exigia a orientação perfeccionista de todas as actividades da casa.

A partir de Junho de 1942 inicia-se a publicação da revista *Os Nosso Filhos*. Desse mesmo mês<sup>219</sup> até ao fim da subrubrica *Escola de Donas de Casa* em *Modas & Bordados* de Maria Lúcia Vassalo Namorado (em *Modas & Bordados* 17 Fev. 1943. p. 11) verifica-se que a rubrica passa a ter algumas pequenas colaborações de outras senhoras, a saber, *Baronesa X*, pseudónimo de Adelaide Bramão, para questões de

---

<sup>219</sup> *Modas & Bordados* de Ano XXXI, N.º 1585, de 24 de Junho de 1942. p. 11.

etiqueta<sup>220</sup> de *Teresa Maria*<sup>221</sup>, de Emília de Sousa Costa na subrubrica *Bocadinhos de ouro*<sup>222</sup> para questões que se prendem com a definição de uma dona de casa ideal e de Maria Carolina Ramos, médica, para aspectos relativos a saúde e organização de farmácia caseira<sup>223</sup>. Dessa colaboração fizemos o seguinte quadro-síntese:

Quadro nº12. : *Escola de Donas de casa*: outras colaborações:

<p>"Pensamentos de mulher"<sup>224</sup></p>	<p>Toda a mulher verdadeiramente superior sé-lo-á sempre até nas condições mais obscuras</p> <p>Vencer é saber extrair de cada situação em que nos achamos aquela sabedoria(...) toda a doutrina vale o que vale o espírito que a professa – Maria Amália Vaz de Carvalho (<i>Modas &amp; Bordados</i> 5 Abr. 1942. p. 11)</p> <p>Simpatia é melhor que a amizade</p> <p>Qual é a maior de todas as ciências? Aprende a calar-te.</p> <p>A bondade é saber dizer sempre a palavra que consola e saber calar a que faz mal – Luzia (<i>Modas &amp; Bordados</i> 29 Abr.1942. p. 11)</p> <p>O Lar é a mulher Muitas mães de família vivem infelizes por não possuírem a arte de tornar apetecível a sua casa(...) - Emília de Sousa Costa (<i>Modas &amp; Bordados</i> 13 Maio 1942. p. 11)</p>
<p><i>Bocadinhos de ouro</i><sup>225</sup></p>	<p>A 'nossa' casa deve ser sobretudo, 'nossa'. Ficou fora a vida com as suas ciladas e humanidade com os seus enigmas e maldades(...) 'dentro' da casa há ternura, compreensão, sossego, descanso e as compensações ou 'a nossa vida'... – Maria Lúcia (<i>Modas &amp; Bordados</i> 27 Maio 1942. p. 11)</p> <p>A verdadeira felicidade é cada um limitar as suas ambições ao que os seus meios lhe permitem(...) o nosso traje não nos enobrece por ser rico se formos pouco dignas(...) em muitas filhas do povo batem almas generosas por baixo de vestuário modesto(...) dentro do lar a mulher é o exemplo personificado da serenidade e de educação (...) seja qual for a categoria social uma mulher com gestos coléricos e descompostos é coisa horrível e abominável(...) - Emília de Sousa Costa (<i>Modas &amp; Bordados</i> 10 Jun.1942. p. 11)</p> <p>"(...)Numa casa mal governada reina a barafunda e o desequilíbrio e pululam motivos de discórdia e desgosto(...) um lar bem organizado e bem dirigido tem as condições essenciais para ser um lar feliz(...) não receber na nossa intimidade quem não conhecemos bem porque o lar é um lugar santo que não deve ser profanado (<i>Modas &amp; Bordados</i> 24 Jun. 1942. p. 11)</p> <p>"o homem ou mulher ocioso não tem razão de existir(...) uma vida fútil sem o encanto de qualquer fim sério ou utilitário é um roubo feito à colectividade(...) o rico ou pobre deve obedecer à lei indiscutível e nobilitadora do trabalho(...) a mulher deve habituar-se a pensar, a ser serena, enérgica nas suas decisões, justa e equilibrada nos seus conceitos(...) através de todas as vicissitudes(...) – Emília de Sousa Costa (<i>Modas &amp; Bordados</i> 8 Jul.1942. p. 11)</p> <p>"(...) as mulheres, por muito pobres que sejam devem conservar o culto da família(...) apertar os laços que os unem(...) promover a reunião da família dispersa ou afastada nas festas tradicionais da sua terra e nos anos dos chefes de família para manter ternura entre pessoas do mesmo sangue(...) o nosso lar deve ser um jardim e a mulher terá de rodeá-lo de sebes e cautelas(...) - Emília de Sousa Costa (<i>Modas &amp; Bordados</i> 5 Ago.1942. p. 11)</p>

<sup>220</sup> *idem, ibidem*, 24/4/1942. p. 11 e números seguintes.

<sup>221</sup> *idem, ibidem*, 22/7/1942. p. 11.

<sup>222</sup> *idem, ibidem*, 10/6/1942. p. 11 e números seguintes.

<sup>223</sup> *idem, ibidem*, 11/11/1942. p. 11 e números seguintes.

<sup>224</sup> Este subtema tem início no nº Ano XXXI, no n.º 1575, de 15 de Abril de 1942. p. 11.

<sup>225</sup> Início em ano XXXI, n.º 1581, de 27 de Maio de 1942. p. 11.

	“(…) a dona de casa tem na sua mão o mecanismo caseiro da felicidade da família(…) o poder é tão grande que da sua disposição dependem todas as disposições e atitudes(…) deve ser o exemplo dignificante de quantos a rodeiam a família e serviçais(…) deve ser mais metódica, mais ordenada, mais cuidadosa, pontual, limpa, mais económica, mais perfeita(…) e dizer olhem para mim, façam como eu faço(…) deve ser a mais equilibrada, mais calma, mais compreensiva, mais indulgente, mais alegre e optimista, mais delicada e gentil, capaz de criar e manter uma atmosfera serena, convidativa, repousante, propícia ao desenvolvimento dessa flor delicadíssima que é a Felicidade (…)” – M.L. ( <i>Modas &amp; Bordados</i> 23 Set. 1942. p. 11)
--	---

Um tema sobre o qual há uma única página é o da biblioteca feminina, considerada indispensável a uma senhora. Este é um tema ao qual Maria Lúcia Vassalo Namorado voltará diversas vezes ao longo da sua vida. Sobre ele<sup>226</sup> dirá na *Escola de Donas de Casa de Modas & Bordados*: “(…) A mulher deve ter horas para si, para descansar, para se divertir(…) pensar no seu mundo interior e na cultura(…) depois da leitura do jornal, revistas de modas ou não, jornais, revistas da especialidade e bons livros(…) por ser mulher não deve ser ignorante; (…) deve ter livros de consultas- um vocabulário, um dicionário, um livro de receitas domésticas, um livro de culinária e doçaria, um almanaque, livro de notas e apontamentos com datas de nascimentos e moradas(…) além dos livros de literatura não devendo faltar os sonetos de Camões, a Bíblia e tantos outros que se lêem com prazer: História, livros de viagens e policiais(…) não há um modelo de biblioteca para a mulher(…) é /imagem/ do espírito da sua possuidora(…) em cada género preferido deve ser feita uma selecção rigorosa porque certas leituras desorientam e desmoralizam quem desprevenidamente se lhes entrega(…) cuidados com a sua conservação(…) é péssimo pedir livros emprestados (…) a perfeita dona de casa deve ter uma formação mental, hábitos e método de arranjo (…)” (*Modas & Bordados* 20 Jan.1943. p. 11).

Poder-se-á afirmar que as normas e conselhos apresentados neste currículo de educação feminina são um pouco tradicionais. Tal é, de facto, o que nos parece embora eles estejam em tudo consentâneos com o teor geral da revista; estes princípios de educação nada destoam do conteúdo de artigos como, apenas a título de exemplo, o de Hermínia Teles da Gama, intitulado *A Espanha livre* de elogio a Francisco Franco e de desejo do fim da guerra civil espanhola onde se afirma:“(…) o comunismo nunca será uma ideologia e muito menos um Bem para a Humanidade(…)” (*Modas & Bordados* . 12 Abr.1939. p. 11) ou com o de Emília de Sousa Costa em que, sob o título *Quem é*

---

<sup>226</sup> Em *Os Nossos Filhos* será apresentada uma sugestão de biblioteca familiar, feita por Adriana Rodrigues - *O conforto caseiro: a biblioteca familiar*. ONF, Abr. 1949.

*Salazar?*, dando conta de um inquérito realizado por Áurea Ameal, Inspectora do Ensino Primário do Porto, se conclui que Salazar é “(...) o homem que salvou Portugal(...)”<sup>227</sup>. Por outro lado, às vezes há uma tímida entrada por temas mais incómodos como acontece ao longo de 1939, em que há uma secção intitulada *Em que profissão pode a mulher ser mais útil aos seu país?* nela se solicitando artigos às mulheres que trabalham. Quando uma delas responde “(...) a mulher só é útil ao país no lar(...)” o ‘comentário’ feito pela revista é: “(...) não será um postulado audacioso (...) contestado por milhões de mulheres que ganham a vida no trabalho profissional e não têm lar. Pensou a nossa juvenil leitora nessa imensa massa feminina?(...)”<sup>228</sup>.

### Colaboração com contos e textos diversos

Maria Lúcia Vassalo Namorado inicia a colaboração em *Modas & Bordados*, a 22 de Maio de 1929, com pequenos contos e poemas. Até fundar a sua própria revista, treze anos mais tarde, ela não só não interrompe como reforça a colaboração que presta à publicação dirigida pela prima. Em Dezembro desse mesmo ano já divulgara cinco textos<sup>229</sup>. O poema *Canta a lenha na lareira*<sup>230</sup> e um outro sobre *Os Moinhos*<sup>231</sup> são as duas únicas incursões, em verso, de todo o ano de 1930. Em prosa só publica, também nesse ano, um conto intitulado *Poesia e desventura*<sup>232</sup>; o conteúdo deste textos tem dois denominadores comuns: por um lado, são muito bem redigidos mas por outro, são sempre muito tristes. O primeiro texto escrito como se de uma reportagem se tratasse, é um panegírico de Penacova<sup>233</sup>, onde vivia. Como já referimos (cf. Cap. 1 deste trabalho) não analisamos estes textos<sup>234</sup> uma vez que eles não são significativos do pensamento educativo de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

---

<sup>227</sup> *Modas & Bordados*, n.º 1431, de 12 Julho de 1939. p. 4

<sup>228</sup> idem, ibidem. N.º 1444 de 11 de Outubro de 1939. p.7

<sup>229</sup> “Sina”, é publicado em *Modas & Bordados* Ano XVII n.º 902 de 22 de Maio de 1929. p. 9-10; “Trevas”, em 3 Julho. P. 8; “Destinos”, em 7 de Agosto; “Fatalidade” em 13 de Novembro. P. 8 e 10 e “Sacrilégio”, em 25 de Dezembro de 1929. p. 6. Outro conto intitulado “Idílio” e publicado em 9 de Junho de 1937. p. 5 e 11.

<sup>230</sup> Publicado em n.º 946 de 26 de Março de 1930; este poema voltará a ser publicado, com o mesmo título, em 17 de Abril de 1932 em *A Renascença: semanário Pela Pátria. Pela República* de Torres Novas.

<sup>231</sup> Publicado n.º 965 de 6 Agosto de 1930 e fora já publicado em 29 de Agosto de 1929, em *A Renascença: semanário Pela Pátria. Pela República*, jornal de Torres Novas.

<sup>232</sup> Publicado n.º 944 de 12 de Março de 1930. p. 7

<sup>233</sup> “Penacova: paisagem de sonho e beleza”, artigo de Maria Lúcia. *Modas & Bordados*. Ano XX. N.º 1079. 12 Outubro 1932. p. 7

<sup>234</sup> Apenas a título de exemplo referimos o conto “Amendoeiras em flor”, publicado n.º 1098 de 22 Fevereiro de 1933. p. 7-8 e deveras elogiado por Maria Lamas em carta; um soneto intitulado “Soneto” de 3 Janeiro de 1934. p. 4 assim como o conto “Idílio”, publicado n.º 1322 de 9 de Junho de 1937. p. 5 e 11 ou a história da “Ti Raquelinha do Monte” publicada em 7 e 14 de Fevereiro de 1940. p. 4. Embora não

Em 19 de Outubro de 1932 ela passa a escrever numa secção intitulada *Coisas que eu penso* e são fundamentais, para o tópico que aqui nos interessa, a reflexão que organiza sobre algumas obras de Assistência, a educação das raparigas, educação infantil, Puericultura e cultura portuguesa. Torna-se necessário fazer a análise desses textos uma vez que alguns deles serão temas recorrentes de Maria Lúcia Vassalo Namorado, na revista *Os Nossos Filhos*.

Ocupando um espaço privilegiado e tendo sido pedido expressamente por Maria Lamas como no capítulo 5 deste trabalho se verá, o número<sup>235</sup> de 12 de Julho de 1933 inclui uma reportagem sobre o *Preventório de Penacova* que veio contribuir para o combate ao flagelo de então, a tuberculose. Mais do que para uma descrição do estabelecimento em si, o artigo é um panegírico da actuação da *Junta Geral do Distrito de Coimbra* à frente da qual se encontrava Bissaia Barreto<sup>236</sup>, figura sempre referida com muita admiração nos textos de Maria Lúcia Vassalo Namorado. O discurso introdutório é elogioso da orientação política que então se afirmava face à incúria a que tempos anteriores (não identificados) tinham votado as questões da criança: “(...)a criança portuguesa tanto tempo esquecida e abandonada ao acaso da sorte, sofrendo contágio de todas as doenças físicas e morais na vagabundagem nas ruas e na penúria dos lares infelizes e miseráveis(...) começa a ser olhada com o amor que merece(...)ser adorável e indefeso, começa a ser olhada com o interesse que o futuro da Raça e o engrandecimento da Pátria reclamam(...) sendo considerável o número de particulares e colectividades que se dedica a este assunto(...)”. É esta a forma escolhida para iniciar um artigo em que se apresenta a *Junta Distrital do Distrito de Coimbra* que criara então a *Obra de Protecção à Grávida, Defesa da Criança e Profilaxia da Tuberculose*, o *Sanatório de Celas*, com 100 camas para mulheres e crianças e o *dos Covões*, com 300 camas, para homens. Desta obra fazem parte ainda o *Dispensário de Protecção a Grávidas e Crianças* e o *Ninho dos Pequenitos*, internato “(...) para pequerruchos até 3 anos, filhos de tuberculosos pobres, em perigo de contágio(...)”. A obra de protecção à criança desta Junta passava ainda pela *Escola Agrícola de Semide*, com 100 alunos internos, dos 12 aos 19 anos. Neste conjunto de iniciativas da *Junta*... “(...) postado

---

analizados neste trabalho eles podem ser lidos em *Modas & Bordados* ou nas fichas de leitura que deles elaborámos e que se encontram nos documentos por nós doados ao *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*.

<sup>235</sup> *Modas & Bordados* Ano XX. N.º 1118. p. 5.

<sup>236</sup> Fundamental é a leitura do livro de Pais de Sousa (1999) sobre este personagem que tanto influenciou Maria Lúcia Vassalo Namorado e que supomos se tenham conhecido. O texto apresenta o interessante percurso de vida daquele médico.

onde outrora estava o castelo de Penacova(...)” situa-se o referido *Preventório*, pronto a funcionar, “(...) obra em grande parte do Dr. Sales Guedes, para 100 crianças entre os 3 e os 12 anos(...) para tratamento contra tuberculose e onde se ministram as primeiras luzes de instrução(...) num ambiente de higiene e conforto, alegria e beleza (...)”. A noção de assistência ligada à caridade cristã é aqui expressa através do apelo final de Maria Lúcia Vassalo Namorado: “(...) deixai vir a mim as criancinhas(...)” com que termina o artigo.

Uma outra instituição de Assistência, esta na capital do norte, é a *Casa dos Filhos dos Soldados* do Porto<sup>237</sup>, na Rua da Cedofeita onde se faz “(...) trabalho delicado de tecer rendas e fazer lindos bordados na idade em que mais lhes agradaria brincar(...)”. As crianças que aqui vivem são “(...) filhos de pais mortos na guerra ou em consequência de doenças nela contraídas (...) obra fundada pela *Junta Patriótica do Norte* sob vigilância e acção do *Núcleo Feminino de Assistência Infantil* (...) é uma obra nacional /que resulta do/ amor do Dr. Alberto de Aguiar aos pequeninos órfãos e /da vontade de/ Filomena Nogueira de Oliveira, figura veneranda e bondosíssima que preside aos *Núcleo Feminino* e a quem a *Casa dos Filhos dos Soldados* tanto deve(...)”. As meninas, que podem fazer a instrução primária e trabalhos caseiros que vão da cozinha à costura e, em maior número do que os rapazes, ali recebem alguma educação “(...) a fim de dar os elementos indispensáveis para honestamente ganharem a sua vida conforme as suas aptidões(...)”. Os rapazes são forçados, pelo *Regulamento*, a abandonar a instituição mais cedo do que as meninas.

Numa outra área que pode ser também considerada de Assistência situa-se o texto que Maria Lúcia Vassalo Namorado escreve sobre *Uma visita à cadeia das Mónicas*<sup>238</sup> precisamente um mês e um ano antes da saída do primeiro número da revista *Os Nossos Filhos*. Dessa visita á cadeia colhe um elogio uma vez que sendo “(...) as cadeias das comarcas uma imundície, locais de promiscuidade e ócio (...) nesta para além de funcionárias amáveis, autênticas senhoras, /existe uma/ oficina de costura e tapetes de Arraiolos, onde reina a ordem absoluta e o asseio impecável qual colmeia /de/ 300 delinquentes dirigidas por uma mulher, Sra. D. Ester de Matos (...) com uma escola da

---

<sup>237</sup> Artigo publicado em *Modas & Bordados*, Ano XX. N.º 1121 de 2 de Agosto de 1933. p. 7. Sobre esta obra há uma notícia, publicada dois anos depois, na revista *Portugal Feminino*. N.º 71. Nov. 1935. p. 9, com o título *Casa dos Filhos dos Soldados* que pensamos ser da autoria também de Maria Lúcia Vassalo Namorado embora esteja sem assinatura. Nesta segunda notícia, com imagem da instituição em causa, refere-se que a essa obra está ligado também o professor Mário de Vasconcelos e Sá, não referido na primeira que é publicada em *Modas & Bordados*.

<sup>238</sup> *Modas & Bordados*. Ano XXX. N.º. 1526. 7 Maio de 1941. p. 5.



prisão criada por ela e dotada de material por ela e outra senhoras oferecido (...) todas as presas com menos de 40 anos que não sabiam ler, frequentam a escola com aproveitamento e (...) há uma creche, dirigida pela Sra. Dra. Maria Teresa Paula Rego<sup>239</sup> para os filhitos das presas, sendo encarregada da creche D. Cacilda Pozal (...) a creche está bem entregue e o serviço é feito pelas presas mas, está na cadeia e não devia(...) devia estar em casa própria (...) e os serviços entregues a pessoas de confiança. A cadeia tem uma cerca onde se podia fazer um pavilhão para a creche (...) dirão: uma creche para os filhos de presos? Sim, para tirar as crianças da cadeia, criar-lhes uma mentalidade nova, novos hábitos, nova linguagem (...) para apagar as tristes lembranças da meninice(...) /para evitar males maiores uma vez que / os filhos de criminosos quase sempre são crianças taradas ou pelo menos viciados pelo ambiente deletério em que têm vivido(...)” (7 Maio 1941. p. 5).

Esta ideia de que é possível regenerar as crianças se todas as medidas forem tomadas a tempo, muito vulgar à época, vai também ser um *leit motiv* da argumentação daqueles que pretendem intervir nas péssimas condições de apoio às crianças pobres.

No campo educativo, a colaboração de Maria Lúcia Vassalo Namorado em *Modas & Bordados* ocupa-se de três áreas diferentes embora ligadas entre si: em dois artigos tece considerações de carácter geral sobre a educação das raparigas<sup>240</sup>, num outro<sup>241</sup> reflecte sobre a importância da criação do gosto pela leitura nas crianças e num último pega num tema que irá abordar diversas vezes na revista *Os Nossos Filhos*, a saber, a educação infantil, fazendo uma apresentação minuciosa da instituição *Jardim-Escola João de Deus*<sup>242</sup>.

Outra das áreas que Maria Lúcia Vassalo Namorado vai cultivar ao longo da sua vida, chegando mesmo a ser editora de livros para essa faixa etária, é a da literatura infantil, considerada por Maria Lamas, desde sempre, aquela a que a prima mais se deveria dedicar.

---

<sup>239</sup> Que tem cartas no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* em Caixa 77. Maço 9 e que a directora de *Os Nossos Filhos* recomenda, como médica, a algumas senhoras que lhe pedem ajuda; as duas senhoras eram amigas.

<sup>240</sup> Artigo incluído na Secção “Coisas que eu penso” e intitulado “Raparigas modernas”, publicado em *Modas & Bordados*. Ano XX. N.º 1097 de 15 de Fevereiro de 1933. p. 5 e artigo “Quando o noivado já lá vai...”. *Modas & Bordados*. N.º 1386 de 31 de Agosto de 1938. p. 4 (é artigo não assinado mas, pela análise interna certamente é de Maria Lúcia Vassalo Namorado).

<sup>241</sup> Artigo “Criemos nos nossos filhos o gosto pela leitura”. *Modas & Bordados*. Ano XX. N.º 1137. 22 de Novembro 1933. p. 4

<sup>242</sup> Artigo “Versos de amor: Jardim-Escola João de Deus” e assinado “Natal 1940”. *Modas & Bordados*. Ano XXIX. N.º 1507. 25 Dezembro 1940. p. 16-17 e 24

O texto<sup>243</sup> que publica em *Modas & Bordados* é um ensaio teórico e generalista sobre os deveres que impendem sobre as mães nesta área do desenvolvimento do gosto pela leitura nas crianças. Se em Portugal há muita literatura infantil “(...) mais abundante em quantidade do que em qualidade, a culpa é de todas nós que aceitamos de igual maneira o bom e o mau (...) Nós, as mães e educadoras portuguesas, compramos mais facilmente uma espingarda de pau ou uma boneca de feltro do que um livro (...) /pois / teríamos de ler e não nos sobra tempo para maçadas (...) ou quando eles já sabem ler, uma vez por acaso entramos na livraria e pedimos perfeitamente ignorantes do que queremos, um livro para crianças(...) temos o dever de despertar nos filhos o gosto pela leitura e de a fiscalizar conscienciosamente porque ela estimula o raciocínio e fixa-se sempre melhor o que se ouviu ler (...) porque é grande o seu poder sugestivo, só se deve consentir leitura do que é agradável, que desperte bondade, coragem e alegria (...) de contrário, ela exercerá perniciosa influência (...) a escolha é tanto mais delicada quanto as primeiras emoções nunca mais se esquecem e influem na formação do carácter (...)”( *Modas & Bordados*. 22 Nov. 1933. p. 4). Para melhor justificar a sua sugestão, Maria Lúcia Vassalo Namorado vai socorrer-se do exemplo inglês embora não referindo como a ele teve acesso e vai propor que as livrarias trabalhem em conjunto com a escola, dispondo de mobiliário e espaço apropriado para que as crianças possam ter acesso a mostruário de livros que lhes sejam destinados, que as famílias, mesmo modestas, adquiram o hábito de comprar um ou dois livros, mensalmente, para os filhos, que façam economias especiais para esse fim, que conheçam os autores de histórias para as diversas idades (*Modas & Bordados*. 22 Nov. 1933. p. 4).

No final do artigo, a autora lança um desafio: “(...) as mães portuguesas têm aqui um bom exemplo a seguir (...) no Inverno e quando as crianças estiverem fartas de brincar no quarto dos brinquedos e querem ir para outros aposentos e vós não consentis, sentai-vos numa cadeirinha baixa, com eles em redor, lede uma bonita história com um conselho moral ou conhecimento útil e vê-las-eis curiosas, atentas, enlevadas e felizes e as mães ficarão contentes por ter perdido<sup>244</sup> assim tempo (...)” (*Modas & Bordados*. 22 Nov. 1933. p. 4).

Ainda sobre educação infantil, o artigo sobre o Jardim-Escola João de Deus<sup>245</sup> é usado, em tempo de Natal, como exemplo de uma obra de carinho e amor e é ilustrado

---

<sup>243</sup> Cf. nota 12 deste capítulo.

<sup>244</sup> Sublinhado de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

<sup>245</sup> Cf. nota 13 do presente capítulo.

com diversas fotos numa das quais é possível ver Maria Lamas e João de Deus Ramos. Parte-se da descrição de uma exposição de objectos de barro “(...) feitos por gente de palmo e meio(...)” (*Modas & Bordados*. 25 Dez. 1940. p. 16-17 e 24) para enaltecer as vantagens desta instituição ao mesmo tempo resume-se um pouco a história da sua implantação em Portugal onde já existem, à data, oito escolas de Coimbra a Figueira da Foz, Alcobaça, Lisboa, Alhadas, Leiria, Castelo Branco e Viseu. Insiste-se na ideia de que houve sempre necessidade de vencer as resistências que se colocam a qualquer inovação e que o primeiro passo para o reconhecimento desta obra de educação infantil foi dado por Casimiro Freire, quando em 1882 criou as *escolas móveis pelo Método João de Deus*. O esquecimento a que foram votadas durante alguns anos foi depois combatido pelo filho de João de Deus que decidiu “(...) revoltar-se contra a cópia do que se faz lá fora e quer criar em Portugal a escola portuguesa, desde a arquitectura da casa até á formação das professoras (...)” (25 Dez. 1940. p. 16-17 e 24). Do conjunto das inovações são sublinhadas a abolição do estrado e do corredor porque “(...) o professor não deve estar entronizado (...) porque é um amigo mais velho que os acompanha, observa, corrige e ensina um a um (...) /quanto ao corredor/ ele é traiçoeiro porque a criança espreita quem vem lá a fugir (...) ensina a ser desleal e a vigilância através do corredor dá sentido da espionagem(...)” (*Modas & Bordados*. 25 Dez. 1940. p. 16-17 e 24). Nestas escolas a criança tem “(...) um ambiente carinhoso e íntimo (...) de frequência limitada para não quebrar a intimidade e as necessidades da educação infantil (...) a criança desenvolve-se física e espiritualmente (...). /Para o / bom desenvolvimento físico contribuem a alimentação cuidada, assistência médica, cuidados higiénicos, a prática da ginástica e jogos adequados às idades (...) O Canto coral, as danças de roda, os contos, lições e de coisas, desenho, trabalhos anuais e tardes de leitura, escrita e aritmética(...) iniciam a cultura das crianças, contribuem para esclarecer e desenvolver o espírito, encaminham-na para a beleza e a alegria, fortalecem-na na confiança em si própria(...) ” (*Modas & Bordados*. 25 Dez. 1940. p. 16-17 e 24). Quando a criança acaba o Jardim-Escola por volta dos oito anos sai “(...) aprumada, á vontade, com segurança em si mesma, clara noção dos seus deveres, e da perfeição de quanto fazem e com propriedade de linguagem (...) /e ainda/ com simplicidade natural e infantilidade que o Jardim-Escola mantém e estimula(...)”. Neste artigo insiste-se na ideia de que há crianças que não usufruem ainda das vantagens desta escola infantil: as “abandonadas” e as “opulentas”, respectivamente, sendo que as primeiras são as que “(...) vagueiam pelas ruas e sofrem os piores contactos e misérias(...)” e que as outras vivem “(...)

encarceradas em gaiolas douradas, vigiadas por criadas excelentes raparigas mas que não percebem nada de crianças(...) que pena não terem ‘todos’ o conforto e a educação que lhes devemos(...)”(Modas & Bordados. 25 Dez. 1940. p. 16-17 e 24).

O primeiro artigo<sup>246</sup> sobre Puericultura, intitulado *Bebé quer andar* deve ter sido motivado pela sua condição de mãe. Nele, depois de referir as várias capacidades que os bebés já desenvolveram antes de começarem a querer andar, são dados diversos conselhos às mães inexperientes no sentido de nunca “(...) forçá-los a dar os primeiros passos. A vida física da criança deve estar entregue a si própria (...) evolucionar sem precipitações provocadas (...) /às mães/ cumpre vigiar atentamente os filhos com os olhos e com esse sexto sentido que o coração nos dá(...) não aconselhamos carros nem cintos para aprender a andar(...) amparando-os pelos sovacos e nunca suspendendo-o pelos bracinhos: posição forçada que já temos visto adoptar mas que é inteiramente condenável(...)”. Este teor de conselho, de admoestação quando algo de errado as mães fazem, vai segui-la sempre como imagem de marca não só nos artigos sobre esta temática mas também em todos os outros em que Maria Lúcia Vassalo Namorado julgue estar no caminho certo.

Também é sobre Puericultura um dos primeiros textos<sup>247</sup> que escreve e em que se afoita numa análise política. É uma apresentação do “(...) projecto de lei da ilustre senhora, médica e professora distintíssima, doutora Domitila de Carvalho<sup>248</sup> sobre o ensino da *Puericultura* nas Escolas Secundárias de Raparigas(...)”. Maria Lúcia Vassalo Namorado reforça uma ideia que já expressara sobre o problema das “(...) crianças votadas a uma indiferença que seria criminosa se não fosse inconsciente (...) as crianças portuguesas, pobres, ricas, das cidades, dos campos, pessimamente alimentadas e vítimas de grande número de velhas usanças condenáveis e perigosas (...) /tem de ser salva/ ensinando a mulher os cuidados que ela, ser delicadíssimo, exige. /Por essa razão/ o projecto da senhora é oportuníssimo e tem recebido um coro elogioso em todo o País (...)”. Porém, o elogio ao projecto será depois acrescentado com um conjunto de considerações que provam a insuficiência da proposta que a antiga aluna não deixa de apontar à professora: “(...)Mas será bastante criar Cursos de Puericultura para ensinar a

---

<sup>246</sup> Artigo assinado “Janeiro de 1934” e publicado em *Modas & Bordados*, Ano XX. N.º 1143 de 7 de Março de 1934. p. 7

<sup>247</sup> Artigo “Cursos de Puericultura” *Modas & Bordados*. Ano XXIII. N. 1210 de 29 de Maio de 1935. p. 10

<sup>248</sup> A proponente, agora deputada, fora professora no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, em Lisboa, quando Maria Lúcia Vassalo Namorado frequentava esse estabelecimento de ensino feminino.

mulher portuguesa a tratar dos seus filhos? /é que /(...) as que frequentam essas escolas precisam mas já têm conhecimentos gerais e raciocínio desempoeirado, têm alcance a livros elementares da especialidade. (...) Mas aquelas que só têm a instrução primária? Que dizer das analfabetas, /porque / nem todas as crianças vão à escola em Portugal e nem todas as que vão aprendem a ler e (...) que têm como guia só velhos bons e maus costumes? Pode ensinar-se puericultura e higiene no cinema que nem todos os locais têm e na Igreja?(...)”. Ela própria não se coíbe e vai dando as respostas que julga mais pertinentes às questões que acabara de formular; apresenta até um programa completo de propostas tendentes a resolver essa questão: “(...) É preciso que todas, mães ou não<sup>249</sup>, saibam como se trata uma criança, se lava, se alimenta, se veste(...) que desapareçam credices perniciosas, despertar em todas as mulheres verdadeiro interesse pela criança e compenetrar-las dos seus deveres<sup>250</sup> para com os filhos porém à vezes as pobres deixam-nos à vadiagem nas ruas sem saberem o que fazem ou por onde andam. Às vezes as ricas para poderem andar em bailes e ‘chás’, entregam-nos em mãos mercenárias e inhâbeis (...) Melhor seria Cursos de Puericultura obrigatórios para todas as raparigas de 15 a 20 anos como já disse a escritora Emília de Sousa Costa. Curso deveria ser prático. Nas terras com hospital o Curso seria aí, regido por médico ou enfermeira(...) nas terras sem hospital, seria na escola, ministrado pela professora (...) funcionaria nos meses de Primavera e Verão, com aulas semanais para não sobrecarregar as que trabalham, em duas ou três turmas podendo seleccionar as alunas segundo o grau de cultura (...). Nas terras onde tal fosse necessário poderia haver uma turma nocturna (...). Na impossibilidade de se criarem em todos os centros populacionais *Escolas de Puericultura, Higiene, Enfermagem, etc.* só desta maneira seria possível preparar a mulher para a sua grande missão de mãe e educadora da criança – a missão mais séria e indeclinável, de que depende a felicidade dos lares e os destinos da Pátria (...) e que até há pouco mereceu o alheamento completo das famílias e governantes(...)”.

Datado de 1938<sup>251</sup> é o outro texto que também considerámos de análise política sobre a *Obra das Mães para a Educação Nacional*. Em vez de uma apreciação crítica à *Obra* recentemente criada depara-se com um texto acutilante sobre a situação da

---

<sup>249</sup> Sublinhado nosso.

<sup>250</sup> Sublinhado de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

<sup>251</sup> Intitulado “A Obra das Mães” e assinado “Semana das Mães, 1938” foi publicado em *Modas & Bordados*. Ano XXVII. N.º 1401. 14 de Dezembro de 1938. p. 4.

infância e educação das crianças portuguesas, cheio de críticas que não poupam nem campo nem cidade nem nenhuma classe social. Embora se trate de uma extensa citação, não resistimos a transcrever a maior parte do artigo uma vez que ele é um panfleto completo do diagnóstico que Maria Lúcia Vassalo Namorado faz da educação no nosso país. Ele também é precioso para cotejar com o que, depois de 1942, ou seja, depois da publicação de *Os Nossos Filhos* ela vai propor como currículo adequado á educação das crianças e das mulheres: “/Em Portugal há/ (...) crianças seminuas, rotas, sujas e desgranhadas(sic), quase todas pálidas, enfesaditas, de ventre enorme, pescoço encaroçado, cabeça e pernas chagadas (...) /que é possível encontrar/ em cidades, vilas e nos campos. As mais felizes vivem na imensidade da charneca ou da lezíria, nos vales e abas das montanhas, atrás do gado. O sol cresta-as, o ar puro tonifica-as, os frutos silvestres enganam-lhes a fome, as águas dos rios convidam à elementar higiene e a um banho de Verão a Verão (...) Outras permanecem nas ruas e são tanto mais desafortunadas quanto mais elevada é a categoria das suas terras (...) estão mais expostas a perigos morais, instruem-se piores exemplos, os corações e a inteligência deformam-se, a maioria sem frequenta a escola e quando frequentam, saem sem saber juntar as letras do nome(...) é mais fácil nas aldeias e vilas do que na cidade reconhecer-se e socorrer-se a míngua dos pobres porque a vida à medida que se civiliza, afasta-se das coisas desagradáveis. (...) Por volta dos 10 ou 12 anos as raparigas transitam da rua para o trabalho como aprendizas nas fábricas e oficinas ou ao lado das mulheres nas lidas agrícolas (...) a prendem um ofício de execução automática (...) não lhes ensinam as soluções mais elementares e instantes dos problemas domésticos. Não recebem a mínima formação moral sem a qual a humanidade rasteja pela instintiva vida fisiológica. Mulheres inteligentes, hábeis, generosas, incultas, desaproveitadas e primitivas são mulheres de um atraso espiritual e moral confrangedor que oculta a interpretação feliz e digna da vida e desenvolve o gosto por falsos prazeres e perigosíssimas tendências inferiores. Nas mães de família a incúria da casa espelha a ignorância das mães, o desagregamento da família, os conflitos diários de consequências funestas e a ausência das mais singelas flores do espírito, de princípios morais e de virtudes cristãs.

Na classe média e superior as crianças e raparigas também estão longe de serem felizes se a felicidade /for entendida como/ a sublimação dos sentimentos, do máximo aproveitamento das faculdades intelectuais e morais e do gozo das puras alegrias. A asfixia das crianças é provocada por hábitos nem sempre aconselháveis e preconceitos

nem sempre inteligentes. As meninas, enclausuradas como plantazinhas de estufa, ignoram os beijos do sol e as carícias do vento, não têm jardins para correr, saltar, alegrar o espírito e tonificar o corpo. Mesmo em casas com quintal não gozam os benefícios e mal o frequentam para não encardirem as mãos nem esfolarem os joelhos.

As crianças, em contacto directo com desgostos e quezílias familiares crescem em isolamento espiritual por falta de convivência com outros espíritos infantis e no retraimento das expansões próprias da idade.

As mães muitas vezes não sabem o que significa educar os filhos. Falta-lhes paciência e entregam os filhos a criadas vindas de meios rurais com a preparação que já apreciamos ou aos professores que nem sempre nasceram para o serem. Mais tarde, as meninas das classes médias aprendem uma série de coisinhas engraçadinhas sem sombra de préstimo, prejudicam-lhes o simples bom gosto ou as naturais predisposições artísticas. As mais abastadas frequentam cursos um pouco escolhidos ao acaso, entregam-se e descuram as demais atribuições femininas. Na escolha do curso não pesaram a tendência ou capacidade da alma, a sua condição de mulher, o meio onde viverá e deverá aplicar a sua ciência, também não contam com o bem social, as exigências locais ou os interesses da Pátria. A ricas estudam em casa, línguas com professoras estrangeiras e dedicam-se apaixonadamente aos desportos em voga.

Todas chegam à idade de casar com esta preparação (...) é a derrocada dos lares, ele nem sempre é o único culpado, nem sempre encontra a companheira de que precisa – boa dona de casa, feminina, culta, possuidora de uma cultura relativa à sua posição – que saiba rodeá-lo de verdadeiro conforto, prendê-lo e acompanhá-lo. É isto a educação infantil e feminina no nosso país. As crianças e as raparigas recebem uma educação defeituosa, incompleta, que prejudica a própria felicidade e não as deixa desempenhar, mais tarde, perfeita e cabalmente, a missão que lhes cabe(...)" (*Modas & Bordados*. 14 Dez. 1938. p. 4).

Bem perto do final deste texto decerto já quase se pensa que Maria Lúcia Vassalo Namorado esquecera o objectivo que tivera em mente ao redigir este artigo: fazer uma apresentação da *Obra das Mães para a Educação Nacional*. Mas tal não é o caso. Ela irá dizer que a "(...) *Obra das Mães para a Educação Nacional* prova que isto assim é e foi criada para proteger e salvar a criança, dar às raparigas a educação moral, religiosa, cívica e doméstica que lhe sé indispensável (...) foi criada para esclarecer as mães e chamá-las ao cumprimento integral da sua missão educadora. Rejubilemos! A mulher não é um ser à parte, frívolo e inconsciente, sem valor e sem possibilidade de

contribuir para a sua elevação. Ser mãe não é meramente fisiológico (...) /o dever é/ continuar a lutar e que as mães e unam para que a *Obra das Mães* (...) se erga gloriosa, bela, fecunda, duradoura (...) em todo o País(...)”.

A referida apresentação é pequena e o tom assumidamente laudatório. Não é de estranhar uma vez que, em relação a instituições criadas pelo Estado Novo muitas mulheres, mesmo da oposição, vão tecer elogios, nunca deixando de mostrar como tudo o que se fizesse...nunca era demais.

Sobre temas de cultura portuguesa e dos conhecimentos que as mães deveriam ter sobre a História do país, a contribuição de Maria Lúcia Vassalo Namorado em *Modas & Bordados* estende-se de Junho de 1935 a Maio de 1941 e centra-se na questão do folclorismo<sup>252</sup>, da dicotomia província/cidade<sup>253</sup> e em figuras chave da História pátria<sup>254</sup>. Em 19 Junho de 1935 publica um texto laudatório das quadras populares que “(...) podem ser adoráveis, conceituosas, irónicas, fatalistas, espirituosas, apaixonadas, suplicantes, despretensiosas, desiludidas, conformadas, com simplicidade, ternura e o Povo há séculos que canta e guarda o segredo da forma mais perfeita, do conceito mais profundo(...)”. Também faz um apelo para que se não esqueça a ‘tradição’ pois as “(...) províncias desprezam e vão esquecendo a indumentária característica da sua gente (...) /que / dentro de poucos anos só /se verá/ em bailes de Carnaval(...)” (*Modas & Bordados*. 3 Jul. 1935. p. 8). Num outro texto ainda defende os “(...) ranchos regionais /porque/ abaixo do Criador, o povo é artista com linguagem vernácula, sugestiva, opulenta, histórias encantadoras que as avós contam aos netos, os conceitos com que os velhos se dirigem aos novos, quadras de amorosa ou maliciosa intenção, loas de místico louvor, músicas de inspirado colorido, arte caseira quase sempre feminina, sem outro mestre além da intuição e a Natureza, ritos com que na roda do ano se celebram os passos mais notáveis e as tradições mais queridas, música como complemento de versos e danças (...) e os ranchos são a única distracção de quem moureja de sol a sol, um escrínio das inestimáveis jóias de poesia, da música e dança populares(...) eles são a

---

<sup>252</sup> Artigos “Quadras populares”. *Modas & Bordados*. Ano XXIII. N.º 1219 de 19 de Junho de 1935. p. 9; “Trajes regionais”. *Modas & Bordados*. Ano XXIII. N.º 1221 de 3 de Julho de 1935. p. 8; “Ranchos regionais” assinado “Penacova, Outubro de 1937”. *Modas & Bordados*. Ano XXVI. N.º 1342 de 27 de Outubro de 1937. p. 5 e 17; “Ti Raquelinha do Monte”. *Modas & Bordados*. Ano XXVIII. N.º 1461 de 7 de Fevereiro de 1940. p. 4 e continuação em *Modas & Bordados*. Ano XXVIII. N.º 1219 de 14 de Fevereiro. p. 4.

<sup>253</sup> “Trajes regionais” *Modas & Bordados*. Ano XXIII. N.º 1221 de 3 de Julho de 1935. p. 8; Poema “Canção da terra”. *Modas & Bordados*. Ano XXIV. N.º 1298 de 23 de Dezembro de 1936. p. 8 por ex.

<sup>254</sup> “Rainha Santa” *Modas & Bordados*. Ano XXVII. N.º 1379 de 13 de Julho de 1935. p. 4 e 11 e “Santo António Português”. *Modas & Bordados*. Ano XXVIII. N.º 1428 de 21 de Junho de 1939. p. 4.



varinha de condão que algumas vezes ressuscita a indumentária local (...) /viu dançar/ os *Esticadinhos* de Cantanhede e os *Rocas* da Figueira da Foz e nestes dois a *Modas & Bordados* saúda as centenas de rapazes e raparigas (...) que servem a Arte e a Pátria, recordando e criando a Música e a Poesia nacionais(...)” (*Modas & Bordados*. 27 Out. 1937. p. 5 e 17). Da leitura destes textos pode concluir-se que o período entre 1935 e 1940 é ainda, como se estava a fazer a nível oficial, uma época de chamada e criação da ‘tradição’, do regozijo pelas realizações e estabilidade do Estado Novo.

Em Julho de 1938 e Junho de 1939<sup>255</sup> encontram-se dois textos sobre duas figuras que podem ser apontadas como ‘heróis’ nacionais: o primeiro, sobre a *Rainha Santa* e o segundo, sobre *Santo António Português*.

Sobre D. Isabel de Aragão o que de mais importante é sublinhado no texto é a capacidade que ela teve de perdoar “(...) a quem maldosamente a esclarece sobre as infidelidades do marido, toma/ndo/ sob a sua protecção aquelas que o rei, já esqueceu, acolhe/ndo/ com sincera ternura, os filhos de tais amores. O que o seu coração de mulher ultrajada sofre, a mágoa que à alma puríssima causou o conhecimento e o contacto dessas misérias terrenas sabe-o ela e sabe-o Deus. Jamais os seus lábios formulam a mais leve queixa ou censura (...) e redobra os exercícios de fé e caridade(...)” (13 Jul. 1938.p. 4 e 11). É esta atitude, digna, da rainha que deve ser tomada como exemplo de todas as mulheres. Mais uma vez, Maria Lúcia Vassalo Namorado defende que a mulher, para preservar a felicidade do seu lar, rica ou pobre, deve desprezar o que outras pessoas maldosamente dizem do marido e voltar as suas atenções para os filhos ou para o auxílio aos outros. É esta atitude conformista face à importância do homem que a irá perseguir, dela só se libertando já com avançada idade, como se vê na sua biografia.

Quanto a Santo António, o adjectivo que inclui no título do artigo serve para sublinhar a posição que Maria Lúcia Vassalo Namorado tem perante esta figura. Dele apenas retém a ‘tradição’ popular de casamenteiro e considera que “(...) mesmo aqueles que não sabem rezar adoram S. António (...) na longa lista dos seus milagres pode apontar-se mais este(...)” (*Modas & Bordados*. 21 Jun. 1939. p. 4). Aqui o pormenor mais interessante é a afirmação que sublinhamos, ou seja, a autora não exclui a possibilidade de haver pessoas que não saibam rezar. Também em relação à religião é

---

<sup>255</sup> Cf. Nota 17 deste capítulo.

sempre esta atitude de respeito, tolerância e afastamento que Maria Lúcia Vassalo Namorado vai ter ao longo da vida.

Ainda em Penacova fazia a *Carta de Coimbra* e começou também a fazer a secção de culinária que primeiro fora, em *Modas & Bordados*, da responsabilidade de Berta Rosa Limpo. Não sabemos durante quanto tempo foi feita essa colaboração, anónima, pois como Maria Lúcia Vassalo Namorado diz: “(...)havia uma senhora, que era Rosa, que fazia a culinária para o *Modas & Bordados*. Por qualquer motivo ela deixou de colaborar e a Maria Lamas pediu-me se eu podia fazer a Culinária, eu disse que sim e comecei a fazer a Culinária. Aquela culinária, durante anos e anos é minha. Não é assinada (...)” (Borges. 2003. p. 204).

### ***Joaninha: Secção Joaninha na Província***

Em 3 de Fevereiro de 1936 é anunciada, pela primeira vez, em *Modas & Bordados*, a criação de uma revista intitulada *Joaninha*. O editor, António Maria Lopes sendo que a propriedade é, tal como para o *Modas & Bordados*, a *Sociedade Nacional de Tipografia*<sup>256</sup>.

O título da publicação é inspirado em Almeida Garrett e “(...) as Joaninhas de hoje são desportivas e práticas (...) apontando-vos sempre o melhor caminho (...) ensinarei à vossa alma a bondade e a ternura ao vosso coração e receberei as vossas confidências. A educação das raparigas de hoje compreende também a cultura física, os jogos e a prática de alguns desportos (...) uma rapariga para ser perfeita tem de aliar às qualidades morais – as mais nobres, as mais belas - a saúde que dá o optimismo e a alegria (...) Fortalecer o corpo e equilibrar a alma, num equilíbrio inteligente e saudável, eis o que deve preocupar todas as raparigas (...) /e Joaninha será assim/ o laço de união a unir todas as raparigas portuguesas(...)” (*Joaninha*. Ano 1. n.º 1 e de Fevereiro de 1936). O General Carmona tem conhecimento da publicação e dá-lhe o seu apoio, como se afirma no mesmo número. Este suplemento só teve 24 números autónomos em relação a *Modas & Bordados*. No número de 28 de Dezembro de 1936, a publicação informa que vai ser integrada como suplemento semanal da referida revista, saindo às 4<sup>as</sup> feiras. Dessa forma fica uma publicação única, “(...) que interessa a mães e filhas com a missão de

---

<sup>256</sup> Com redacção, administração e Oficinas na Rua do Século, 43, em Lisboa. O preço da publicação era de 1\$00 e a assinatura para o Continente, Ilhas, Colónias e Espanha, por um conjunto de 10 números seria de 10\$00 e de 12\$00 para o estrangeiro. Enquanto foi quinzenal custou 1\$00.

educar e distrair a mocidade(...)”. Quando a publicação passa a semanal será dirigida por Maria Lamas que a ela se refere na correspondência entre ela e Maria Lúcia, como veremos no capítulo 5 deste trabalho. Enquanto quinzenal tivera como directora *Marimília*, pseudónimo de Maria Emília Dias Ribeiro. Como colaboradoras, para além de Maria Lamas que colaborou com os pseudónimos de *Rosa Silvestre* e *Joaninha*, também nela escreveram “(...) Judite Maggiolly, Laura Chaves, Virgínia Lopes de Mendonça, Maria Aires, Judite Furtado Coelho, Berta Leite, Nelma Esteves, Serra Ribeiro<sup>257</sup> (fotografias), Guida Ottolini e Roberto Araújo (ilustrações)(...)”<sup>258</sup>.

Com esta publicação pretendiam os editores “(...)contribuir para uma *educação moderna* das raparigas portuguesas, a quem prioritariamente se dirige (...)desta revista quinzenal que apresenta uma estrutura uniforme: com novelas e histórias em capítulos, reportagens, rubricas regulares, uma banda desenhada a cores(...)” /da contracapa/. Como principais temas desenvolvidos pretendia-se dar “(...) a indicação de modelos de comportamento, de teor exemplar moralizante, expressos nomeadamente nos contos, histórias e novelas, bem como no romance “destacável” e ainda nas rubricas que traçam pequenas biografias de mulheres célebres (“portuguesas notáveis”). A importância da prática da educação física, divulgada sob a forma de exercícios(“Façam ginástica”)» de propaganda de modalidades desportivas -*Desportos para raparigas*, de reportagens sobre classes e equipas infantis e femininas de vários clubes desportivos (...). As instruções para execução de rendas, bordados e trabalhos manuais decorativos, receitas de culinária, noções puericultura, enfermagem, fotografia e desenho, modelos de vestuário, curiosidades e dado de cultura geral (...). Particular atenção é atribuída à colaboração das leitoras, solicitada em diversas rubricas e secções, entre as quais, *A estante de Joaninha* (livros recomendados e comentários aos livros preferidos pelas leitoras), *Tentativas literárias das leitoras de Joaninha* e *Horas Alegres* (provérbios, sujeitos a concursos, adivinhas, anedotas, palavras cruzadas, etc.). A divulgação da actividade das *Guias de Portugal* e, em menor grau, a da *Juventude Católica Feminina*, bem como a publicação de “inquéritos” realizados em vários liceus de Lisboa e Porto (Como pensa utilizar o seu curso? Porque estuda? Para que estuda?)” constituem outros assuntos que importa destacar. Esta publicação organiza, dinamiza actividades

---

<sup>257</sup> Marido de Maria José Estanco e que vai ter também fotografias suas em *Os Nossos Filhos*, como mostramos mais adiante neste capítulo.

<sup>258</sup> Falta Maria Lúcia Vassalo Namorado nesta listagem, resumida, que retirámos da ficha sobre “Joaninha: jornal das raparigas. Lisboa: 3 Fev. 1936-28 Dez. 1936<sup>258</sup>” In Nóvoa (dir.) (1993)- *A Imprensa de Educação e ensino: repertório analítico- sécs. XIX-XX*. Lisboa. IIE. P. 547-548.

complementares: uma festa convívio, para as leitoras, um programa na Emissora Nacional - *Meia hora para raparigas* e o *Clube de Joaquinha*, destinado a incentivar, com autorização dos pais e encarregados de Educação, a correspondência entre as sócias. A publicidade é reduzida(...)" (Nóvoa, dir., 1993. p. 548).

Como veremos, algumas destas secções vão ser retomadas por Maria Lúcia Vassalo Namorado na sua revista *Os Nossos Filhos*, muitos anos mais tarde. Por agora, ela começa a participar em *Joaquinha*<sup>259</sup> só a partir do n.º 6, do ano 1, em 13 de Abril de 1936. p. 4 com a rubrica *Joaquinha na Província* sempre assinada *Maria Lúcia*. A história que Maria Lamas aprecia sobremaneira, vai ser publicada ao longo do ano de 1936, em 'episódios', que vão de Abril a Novembro, com um intervalo sem publicação apenas no mês de Setembro. Esta espécie de folhetim traz mais uma vez a oposição província-cidade para o centro da narrativa. A história é muito simples e resume-se em poucas palavras: uma menina da cidade, Joaquinha, "(...)fraquita, a quem fugiu a cor do rosto e o apetite(...)" vai, com alguma relutância, passar as férias para a província, numa localidade chamada *Vale de Lirios*<sup>260</sup> "(...) lá para os lados de Coimbra(...)", onde vive a tia Gabriela, solteira, numa quinta desta última (13 Abr. 1936.p. 4). Com o tempo descobre as belezas da nova situação e não volta; será o pai e a mãe, quem se desloca para Coimbra, a cidade mais próxima.

Desta história só nos interessam os dados que definem os estereótipos sobre as relações campo-cidade e os que servem para caracterizar a educação de Joaquinha, dada como exemplo às leitoras desta pequena revista feminina.

Vejam os estereótipos sobre o campo e representações sobre educação feminina que se encontram na história. A menina que nascera em "(...) Lisboa, tudo o que seja longe dela é inferior, atrasado, sem interesse e sem importância (...)"(13 Abr. 1936.p. 4) vê o campo como um local "(...)bonito com seus habitantes francos, hospitaleiros, prestáveis, excelentes pessoas (...)/onde/ anda no ar o perfume de alecrim e alfavaca que se desprendia das roupas (...) e grandes braçadas de flores que espalhavam a alegria na casa(...) onde a sopa fumegava e rescendia, convidativa (...) O quarto é geitoso, alegre, acolhedor(...)" (13 Abr. 1936.p. 4). "(...)A criada, Mariana, falava-lhe uma linguagem estranha, que francamente lhe parecia disparatada e incompreensível /porque usava

---

<sup>260</sup> O enredo e até o nome da localidade irão inspirar o médico M. Ferreira de Mira que escolherá, em 1941, o título *Os Desportos em Val-de-Giestas*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade. 244 p. para um romance, sobre os benefícios da Educação Física? (cf. bibliografia final deste trabalho e *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*).

provérbios/(...). Havia toda a vantagem de deitar-se cedo, sem preocupações, num quarto bem arejado e higiénico (...)” (11 Maio 1936. p. 5 e 16). A menia verificara que “(...)não era justa a ideia que eu fazia da gente das aldeias; o povo não sabe o que nós sabemos mas (...) sabe muitas coisas que nós ignoramos(...) tudo é saber (...)”(11 Maio 1936. p. 5 e 16). Joanhina /fora/ conquistada pelo cenário variado e colorido, pelas pessoas francas e simples, pelos costumes sadios e pitorescos, pelo ambiente despretensioso e sincero de trabalho, alegria e serenidade (...) e ao Domingo ouve o toque das Avé Marias(...)”(17 Ago. 1936. p. 6) e / a casa /da escola da Tia Gabriela/ é um r/c maneirinho, pintado de cor de rosa, ninhos de andorinhas aconchegados beirais e grinaldas de rosinhas de tocar no portal (...)” (9 Nov. 1936. p. 3).

A importância da felicidade na obra de Maria Lúcia Vassalo Namorado é enorme “(...) mas não é feita levianamente, de simples aparências(...) é uma coisa e vaidade é outra (...) a felicidade é coisa muito simples é aceitar alegremente, corajosamente, o lugar que a vida nos marcou (...) ocupá-lo o melhor que pudermos com toda a nossa boa vontade (...) adaptarmo-nos às circunstâncias e procedermos de forma a estarmos sempre satisfeitos connosco próprios (...)” (17 Ago. 1936. p. 6).

Como acontecerá em *Os Nossos Filhos* também se encontram conselhos morais em Joanhina:

Nada há de mais feio do que a mentira (13 Abr. 1936. p. 4)
Alma bem formada e como tal, adora a Natureza(13 Abr. 1936.p. 4).
Não se deixar arrastar pelas lindas mas falsas aparências (17 Ago. 1936. p. 6)
Desejo de fazer figura é louvável sempre que serve de estímulo para nos aperfeiçoarmos (17 Ago. 1936. p. 6)
Devemos ser mais sinceros, mais conscienciosos, devemos pensar menos em deslumbrar (17 Ago. 1936. p. 6)
A tia Gabriela responde: “(...) Toda a missão humana pode ser sublime e superior, se for superiormente inteligente o ser humano que a cumprir- <i>Cartas a uma noiva</i> de Maria Amália Vaz de Carvalho (17 Ago. 1936. p. 6)
“(...) Joanhina não quer figurar na legião, infelizmente tão extensa, das meninas inúteis (...) todos trabalham, todos eram prestáveis na família e sociedade e sentia que era deprimente faltar a esse dever que era de todas as pessoas sãs (23 Nov. 1936. p. 6)

Apesar de tudo, Joanhina como menina de Lisboa que é, tem também algumas atitudes negativas porque “(...)nunca foi além de Cascais e Sintra (...) e no fundo alimenta um certo desdém pela Província(...)” (13 Abr. 1936.p. 4). As qualidades que Joanhina apresenta também vão sendo mencionadas: ela “(...)vibra com as manifestações de beleza(...) é incapaz, por delicadeza própria e por educação, de mostrar enfado (...)” (13 Abr. 1936.p. 4) e é poupada (25 Maio 1936.p. 6). A tia Gabriela também era uma verdadeira mulher, com inúmeras qualidades: “(...) trabalhadora, consciente, corajosa, serena, compreendia a sua missão e sabia

desempenhá-la (...)”(17 Ago. 1936. p. 6) e era capaz daquilo que queria firmemente (23 Nov. 1936. p. 6).

Nesta pequena história Maria Lúcia Vassalo Namorado expõe as suas ideias sobre o que considera ser correcto na educação feminina: “(...) andar, correr ao ar livre é um óptimo e fácil exercício (...) na maior parte das terras provincianas as raparigas não praticam qualquer desporto por incompreensível acanhamento e por falta de iniciativa (...) lamentável que essas raparigas nem sequer façam o que lhe sé tão acessível e vantajoso: andar, correr, saltar, cantar, rir no jardim, nas quintas, nas matas, na vizinhança sadia do mar, da serra (...). Levantar cedo é já um hábito bom e higiénico e passear de manhã pelo campo ainda é melhor. Vão com as amigas, escolhem um vestidinho simples, sapatos de salto baixo, chapéu de palha, com a continuação ficam ligeiras, alegres, saudáveis. As dores de cabeça, o terrível fastio e a má disposição de que início se queixam, desaparecem por encanto (...) /devem interessar-se por/ saber jardinagem (...) tratar flores é belo e compensador entretenimento até nas varandas de Lisboa(...)” (25 Maio 1936.p. 6). Deve ter “(...) feliz disposição, airosa, olhos brilhantes, lábios frescos e vermelhos, (...)reflexo de saúde, alegria e bons pensamentos e não como as caras pintadas cheias de ‘rouge’ e ‘batôn’ me parecem ridículas e de mau gosto (...) vou deixar de usar drogas e procurar na alegria, no trabalho, na vida simples, regrada e higiénica as boas cores e a beleza que nas tintas não consegui encontrar (...)”(8 Jun. 1936. p. 4). Deve aprender a fazer bolos (6 Jul. 1936. p. 3). Devias ler, vai buscar à minha estante quando te apetecer (17 Ago. 1936. p. 6) e debes /fazer / coisinhas pequenas e graciosas que distribuía na véspera de Natal pelas crianças pobres (...)” (26 Out. 1936. p. 3). “(...) Não podia ser ignorante (...) devia ajudar a mãezinha no governo doméstico para aliviar a primeira obrigação da mulher que é ser boa dona de casa(...) fazer um horário para os seis dias úteis da semana e obedecer ao horário (... ) Devia ficar “(...) admirada com quantidade de coisas que se pode fazer desde que se saiba dividir o tempo e (...) aproveitá-lo (...) mas também distrair-se passeando, fazendo visitas e entregando-se a desportos favoritos (...) dar suas lições, trabalhar para os pobres, interesse por mil coisas da casa e da quinta (...) no jardim (...)” (23 Nov. 1936. p. 6).

Quando a tia e a sobrinha falam da educação das mulheres e das crianças há diversos erros que a primeira aponta e ensina à segunda: “(...) a ignorância dos adultos e abandono das crianças (...) não é só ignorarem a leitura e escrita, é manterem-se no atraso que daí provém desconhecendo coisas insignificantes e indispensáveis à vida (...)

as mulheres, porque mais amplas as suas atribuições, duma confrangedora ignorância (...) o homem aprende um ofício e a sua vida é aquilo e mais nada (...) a mulher tem de ser, antes de jornaleira, a dona da sua casa, ama dos filhos pequenos, cozinheira, enfermeira, costureira de toda a família e não sabe nada (...) há excepções mas a maioria tem a névoa da ignorância a favorecer o declínio para o desleixo e a indiferença, cai na miséria e na imundície e são as criancinhas quem mais sofre (...) vai a mãe para o campo e sujeita filho a intempéries porque não tem a quem o deixe(...) /por isso a Tia Gabriela mandou fazer aquela casita cor de rosa/ sala ampla, muito caiada, paredes brancas, muito esfregado o sobrado cor de palha, com cadeirinhas e mesas baixas em vermelho, modesto mas limpo, proporcionado e gracioso que prendia e encantava (...) sala dava para uma cozinha refeitório onde mesa em forma de ferradura ocupava o centro e à esquerda outra sala espaçosa onde alinhava os berços (...) recebo todas as crianças da aldeia de um a 13-14 anos que queiram vir (...) em três grupos: mais pequenos que só comem, brincam e dormem (...) meia idade - que aprendem a ler, escrever, fazer e remendar roupas (...) mais velhas que limpam a casa, cozinham e tratam mais pequerruchos (...) além do sustento recebem o vestuário que é preciso(...) as senhoras e meninas da aldeia ajudam (...) temos horas, dias e obrigações distribuídos (...) cada um dá o que pode (...) eu dou casa, fruta, hortalça, outros dão pão, mercearia, leite (...) panos e roupas pedimos a industriais e comerciantes conhecidos (...) não há criadas porque as mais velhas, para aprender, fazem...que forma de realizar uma linda obra sem gastar um centavo (...)”(9 Nov. 1936. p. 3).

A colaboração de Maria Lúcia Vassalo Namorado na publicação *Joaninha* vai ser apenas esta pequena história em que a protagonista acaba por abandonar a cidade para se fixar no campo, compreendendo a importância que pode ter o seu papel na elevação dos conhecimentos das raparigas e das mulheres camponesas que precisam de ver e estar com pessoas que, possuidoras de uma cultura diferente, lhes possam ensinar a ser boas donas de casa, “(...) a primeira obrigação da mulher(...)”(Modas & Bordados. 23 Nov. 1936. p. 6). O repto que a autora lança às raparigas de meios citadinos é o de serem úteis e até lhes indica uma forma de o serem: criando instituições em que, com muito boa vontade, método e pouco dinheiro, se contribua para a elevação educativa das mulheres camponesas. Esta visão idílica do campo é inversamente proporcional ao grau de ignorância das mulheres que nele habitam. Maria Lúcia Vassalo Namorado aconselha as raparigas a dedicarem-se a obras de educação na província mas a sua vida é uma completa contradição à luz desta proposta uma vez que, desde que casou, ela

própria tudo fará para vir para Lisboa como se depreende das cartas que troca com Maria Lamas. No fundo ela não deixa de ser uma menina educada na província que não gostou da cidade mas que vê nela as oportunidades que lá não encontrou, sobretudo no que diz respeito à educação dos filhos que ela preza acima de tudo e de todas as contrariedades da vida.

### ***Joaninha: jornal das raparigas***

Na revista *Joaninha: jornal das raparigas*, agora parte integrante<sup>261</sup> de *Modas & Bordados*, Maria Lúcia Vassalo Namorado vai continuar a sua colaboração, a partir do n.º 46 de 28 de Abril de 1937 até ao n.º 317 de 4 de Março de 1942, ora como *Maria Lúcia* ora como *Milú* o pseudónimo que usa também em *Modas & Bordados*, como referimos, para temas relacionados com o arranjo da casa e conselhos úteis sobre decoração, entre outros.

Em Setembro de 1937<sup>262</sup> ela retoma a história de *Joaninha na Província*. Ela vai continuar a aprender a tratar das flores e começa um diário onde “(...) anotar tudo o que vira, fizera, pormenorizadamente(...) analisar-se a si e pessoas que a rodeavam(...) como confidente(...) ensina-a a aperfeiçoar-se e a raciocinar(...) a corrigir defeitos(...) e a ser indulgente para com os outros (...)”(8 Set. 1937. /p. 2/). Em Novembro seguinte<sup>263</sup> volta a publicar mais um pouco dessa história e este é o último artigo da série *Joaninha na Província* escrito por *Maria Lúcia* tendo *Outubro - abertura de aulas* como subtítulo. A *Joaninha* encarrega-se de “(...) ensinar a ler a miudagem na escola da tia Gabriela para que aquelas duas dezenas de crianças que habitavam longe da escola da vila não seriam, mais tarde, completamente ignorantes(...) ela era paciente, risonha e conquistou a simpatia dos alunos(...) eles levantavam-se e saudavam-na à moda do sítio(...) uma outra senhora dava lição de costura e *Joaninha* dava volta pelo campo(...) todos devem cumprir o seu dever espalhando o bem que esteja ao seu alcance(...)” Mais uma vez, lança o desafio às raparigas: que seria uma “(...) boa distracção(...) saber quais são as crianças em idade escolar que não frequentam a escola e fazer compreender às famílias a vantagem que há em saber ler e escrever e a sua obrigação de mandar ensinar os filhos(...)” (10 Nov. 1937. /p. 1/).

---

<sup>261</sup> Integrado em *Modas & Bordados*, a partir do n.º 24 de 28 de Dezembro de 1936.

<sup>262</sup> *Joaninha: jornal das raparigas*. Ano II. Nº 65 In *Modas & Bordados* n.º 1335. 8 Setembro de 1937. /p. 2/

<sup>263</sup> *Joaninha: jornal das raparigas*. Ano II. Nº 74 In *Modas & Bordados* n.º 1344. 10 Novembro de 1937. /p. 1/



Sob a assinatura de *Milú* saem ainda mais três episódios<sup>264</sup> de *Joaninha na Província*, respectivamente em 2 e 16 de Fevereiro e em 16 Março de 1938, sobre questões educativas. A menina deve aprender a receber “(...) Põe um naperon de renda, um livro, uma imagem de Sta. Teresinha de que a outra gosta (...) devemos ser agradáveis aos hóspedes(...) o quarto da menina deve ser graciosos, simples e alegre (...) ter um espaço para escrever tranquilamente (...)” (2 Fev. 1938. /p. 2/) e “(...) não deve cair em insistências que acabam por maçar(...)” (16 Fev. 1938. /p. 2/).

No último deste artigos, são dadas duas receitas de culinária – *Pastelinhos de Lorvão e Argolas*- porque é tolo guardar só para si o que sabemos (...)”(16 Mar. 1938). A partir do número de 6 de Abril de 1938<sup>265</sup> começa uma nova história, agora assinada por *Milú*, intitulada *Joaninha: menina pobre*<sup>266</sup> que só termina em 8 de Fevereiro de 1939<sup>267</sup>, ou seja, quase um ano depois. Ali defende-se a educação das raparigas para donas de casa e refere-se que a Joaninha “(...) oscila entre ajudar a mãe e empregar-se para poder ter criada(...) tem 15 anos, sem habilitação especial, fizera 3º ano liceus e pretendia loja ou escritório como emprego (...)” (6 Abr. 1938). Ali se defende que as raparigas devem saber ser “(...) boa dona de casa a todas e as pobres mais do que nenhuma(...)”(Modas & Bordados. 25 Maio 1938) sendo que a dona de casa deve ser: “(...) arranjada, poupada, conhecedora de assuntos que interessam a vida do lar e da família(...) e ganha tanto mais do que uma empregada(...)”. Interessante também é o discurso apresentado sobre o valor do trabalho: “(...) nada faz melhor ao espírito e ao corpo do que o trabalho realizado alegre e conscientemente(...) todos os trabalhos, por mais humildes, podem fornecer-nos grande soma de conhecimentos e levar-nos a considerações preciosas. Basta que a pessoa que executa seja inteligente, modesta e possua visão nítida e superior das coisas. Primeiro convençamo-nos de que não há trabalhos indignos e que o valor moral de uma pessoa é tanto maior quanto mais natural, mais completa for a submissão às condições que as circunstâncias impuserem. O trabalho material que embrutece, a ela fornecia elementos para desenvolvimento de

---

<sup>264</sup> Intitulados “Joaninha faz as honras”. In *Joaninha: jornal das raparigas*. Ano II. Nº 86 In *Modas & Bordados* n.º 1356. 2 Fevereiro de 1938. /p. 2/ ; em *Joaninha: jornal das raparigas*. Ano II. Nº 88 In *Modas & Bordados* n.º 1358. 16 Fevereiro de 1938. /p. 2/ e ainda “Joaninha faz as honras: conclusão”. In *Joaninha: jornal das raparigas*. Ano II. Nº 92 In *Modas & Bordados* n.º 1362. 16 Março de 1938. /p. 2/ .

<sup>265</sup> *Joaninha: jornal das raparigas*. In *Modas e Bordados*. N.º 1365. 6 Abril de 1938. /p. 2/

<sup>266</sup> Esta história é menos conseguida do que a anterior. Para se analisar o conteúdo da história cf. *Apêndice Cap. 3- Modas & Bordados*.

<sup>267</sup> *Joaninha: jornal das raparigas*. In *Modas e Bordados*. N.º 1409. 8 de Fevereiro de 1939. /p. 2-3/. No final desta história da “*Joaninha, menina pobre*” há a indicação de que em breve se iniciará a história idêntica, mas de uma menina rica. Tal acontece, de facto, a partir do n.º 276/, de Ano V, de *Joaninha: jornal das raparigas* integrado em *Modas & Bordados*, Ano XXX. N.º 1528. /p. 1/.

raciocínio, levantar o ânimo e encarar de frente o futuro. As pessoas inúteis e ociosas, que não conhecem os prazeres da alma que o trabalho dá, são infelizes (...)”(22 Jun. 1938).

Esta colaboração aborda, sobretudo, questões da educação das raparigas. Em artigo intitulado *Conversando com Joaninha*, em que a autora finge manter um monólogo/diálogo com uma menina de 20 anos, há referências “(...) à principal organização feminina da Dinamarca que pediu ao governo a obrigatoriedade do ensino doméstico para todas as raparigas dos 14 aos 18 anos (...) cujo financiamento seria através de uma taxa aplicável aos celibatários dos dois sexos com mais de 25 anos (...)”<sup>268</sup>. Ao mesmo tempo que aproveita para criticar tal fonte de financiamento pois uma taxa “(...) para as solteironas- já chega o desgosto(...)” a autora tece comentários a propósito da medida que lhe merece alguma simpatia porque pretende fazer de todas as raparigas boas donas de casa. Mais uma vez é recorrente o tema da ignorância nas “(...) camadas baixas e nas camadas altas e médias a ignorância é o maior inimigo da felicidade(...)” (5 Maio 1937. p. 2). Em questão de educação para uma verdadeira dona de casa, quer as ricas quer as pobres sofrem dessa enorme ignorância. São constantes os reparos feitos à forma como as ricas são educadas. Elas não sabem tratar do marido se este adoecer, cuidar dos filhos, substituir a cozinheira se for preciso ou mesmo engomar colarinhos. “(...) como primeiro dever somos mulheres donas de casa, mães, enfermeiras, temos de saber desempenhar o nosso cargo, fazer o serviço por nossas mãos, dirigindo-o(...)”(5 Maio 1937. p. 2).

Maria Lúcia Vassalo Namorado, como habitualmente, toma posição sobre este assunto considerando que devia haver “(...) apoio para cursos domésticos de enfermagem, puericultura obrigatórios para todas as raparigas de todas as classes, a funcionar em aldeias, cidades, nas escolas primárias, hospitais e liceus (...) o actual ministro da Educação Nacional, cuja obra é já notável e se impõe ao reconhecimento de todas as mulheres, é a minha grande esperança(...)”(5 Maio 1937. p. 2).

A Assistência e a caridade são dois outros temas queridos da autora. Refere nestes artigos a passagem da “(...) 3ª semana de Abril, em França, que foi dedicada à Bondade(...)” e ainda um caso de “(...) uma enfermeira de guerra que trata os pobres de graça(...)”(16 Junho 1937. p. 1 e 2)

---

<sup>268</sup> *Joaninha: jornal das raparigas*. Ano II. N.º 47. In *Modas e Bordados*. N.º 1371. 5 Maio de 1937. p. 2

A crítica às raparigas modernas volta no artigo *Conversando...*<sup>269</sup> que em vez de fazerem como “(...) Dorothy Whittenberger, de Nova York que com 4 contos resolveu correr mundo(...) / e/ meditar sobre a rapariga culta, desembaraçada, digna e persistente (...) que distância as separa de certas raparigas nossas conhecidas que se julgam modernas só por terem cabecinha leve e a linguagem pesadíssima(...)”. Em artigo intitulado *Conversando...Modelos*<sup>270</sup> volta o tema das diferenças entre as raparigas modernas e as outras: “(...) acusam-te de copiares o sorriso e as manias das estrelas de cinema(...) parecem bonecas de capelista, pintadas por fora e ocas por dentro, que não pensam por si, não sabem o que dizem, não se distinguem por esta virtude ou talento e “as raparigas do meu tempo não eram assim” (...) Ora o desejo de nos aproximarmos do que nos deslumbra e agrada é de todos os tempos (...) não há mal em copiar (...) o mal pode estar no modelo de figuras exóticas, patéticas, doentias ou levianas (...) há uma princesa que pode ser tomada como modelo, Juliana da Holanda, que estudou e andou na universidade, obedece à moda no que acha razoável, de bom gosto e apropriado ao seu tipo, não se pinta porque não precisa porque a frescura da mocidade suplanta as melhores tintas(...) é sensata e calma(...), sem pressa em se casar, segura das exigências do coração e da sua categoria(...) fez o enxoval da sua filhinha e mandou dar um enxoval a todas as mães pobres que tiveram bebé no mesmo mês(...)” (23 Mar. 1938. /p. 2/).

As raparigas devem pensar na sua ocupação dos períodos de férias. No primeiro número<sup>271</sup> em que se identifica Maria Lamas como a directora de *Modas & Bordados*, sob pergunta *Conheces a tua terra?*, Maria Lúcia Vassalo Namorado aproveita para dar mais algumas indicações de como se devem comportar e dá diversas sugestões de como ocupar bem o tempo, não sem antes apresentar a descrição de tudo o que se não deve fazer. O Verão em “(...) qualquer praia ou estância termal (...) o ar marinho bom tónico para linfáticos e as águas termais valiosos agentes curativos de fígados avariados (...) para ti (...) praias e termas são paraísos terrestres, onde se joga o *tennis*, se mostram vestidos, se passa boa parte da noite a dançar, numa sala cheia de pó ou a passear de trás para diante (...) brinca, passeia, namora (...) está bem, à vontade que se pode pôr de lado

---

<sup>269</sup> *Joaninha: jornal das raparigas*. Ano III. N.º 64. /p.1/. In *Modas & Bordados*. N.º 1334. 1 Setembro 1937.

<sup>270</sup> *Joaninha: jornal das raparigas*. Ano III. N.º 93. /p.2/. In *Modas & Bordados*. N.º 1363. 23 Março 1938.

<sup>271</sup> *Joaninha: jornal das raparigas*. Ano II. N.º 112. /p.2/. In *Modas & Bordados*. N.º 1382. 3 Agosto 1938.

aquele arzinho grave que é preciso arvorar na nossa terra(...)” (3 Ago. 1938). Se este ano não pudeste ir e estás desgostosa (...) organiza um programa de vida especialmente para estes dois meses de verão em que nos interessam paisagens, costumes e pessoas das povoações que visitamos mas ignoramos as da nossa terra?. Na tua terra há campos lindíssimos, vida com cunho particular, casas e habitantes com sua linguagem que podem ser campo de observação amena, há fábricas, oficinas, centros de actividades que nunca visitaste, monumentos e obras de arte que noutra sítio deixavam-te maravilhada(...) Na igreja da tua freguesia há azulejos, pinturas e primores de pedra, madeira, seda, ouro e obras de caridade que tu estimarás auxiliar(...) Convido-te a ires aos campos, fábricas, monumentos, capelinhas, hospitais, casas humildes, creches (...)”(3 Ago. 1938).

Sob o ponto de vista político, esta é uma das colaborações de Maria Lúcia Vassalo Namorado em que se referem algumas das posições dela (e da revista *Modas & Bordados*), sobre questões deste teor. Em 1 de Junho 1938<sup>272</sup> ela abordará a questão *Os Centenários da Fundação e Restauração de Portugal e as raparigas portuguesas*. Parte do princípio de que “(...) leste a notável nota oficiosa (...) e a tua alma, portuguesa e juvenil, vibrou de entusiasmo(...) as palavras luminosas desse decreto /despertaram / uma visão esplendorosa das festas, a compreensão do seu mais alto significado, o desejo de tomares parte na onda de iniciativas (...) /que/ a calma e claríssima visão das coisas, o profundo conhecimento do nosso temperamento lusíada, que distinguem Salazar /que disse/ “Não queiramos, em dois anos, fazer o que não se fez em oitocentos”(...)”. Recomenda que as raparigas se continuem a interessar pelas comemorações de 1940 porque “(...) há coisas pequeninas que valem muitíssimo, por exemplo, encher as janelas de flores (...) e organizem um concurso da Janela Florida com prémios (...)” (1 Jun. 1938).

Ainda sobre a necessidade de fazer ressurgir determinadas habilidades está a *Exposição de doces* que, em Évora, um conjunto de senhoras alentejanas resolveu fazer, com “(...) paciência e habilidade notáveis(...) de rendas, bordados, flores e doces (...) de bom gosto, delicadeza subtil e paciência rara nos nossos dias (...) capaz de suscitar interesse em volta de uma arte regional e feminina, à beira, talvez, da indiferença e do esquecimento(...)”(1 Jun. 1938).

---

<sup>272</sup> *Joaninha: jornal das raparigas*. Ano II. N.º 103 /p.2-3 /. In *Modas & Bordados*. N.º 1373. 1 Junho 1938.

Ainda sob o ponto de vista político há um outro texto sobre as comemorações de 1940 em que Maria Lúcia Vassalo Namorado refere o texto que, dois anos antes, ela escrevera sobre o tema das janelas floridas e agora “(...) antevejo não uma cidade mas um País em flor (...) não te esqueças de começar por aí a tua tarefa de colaboradora nas festas dos Centenários(...) debes pensar na maneira de tornar a tua terra mais feliz amparar uma velhice solitária, tomar sob a tua protecção uma criança pobre, levar um pouco de alegria e esperança aos que sofrem nos hospitais, contribuir para que os deserdados da sorte vejam em ti o anúncio e a garantia de uma era nova, justa e benéfica(...) é a mais linda ocupação que podes dar à tua mocidade particularmente neste festivo ano de 1940 (...) e honrar a Pátria, exaltar a Raça a que pertences(...) (14 Fev. 1940). Ainda volta ao tema no número seguinte, o de 28 de Fevereiro, onde explica que tipos de flores usar.

A escolha da profissão, os cuidados a ter e as relações óbvias destes dois aspectos com as questões políticas são outro dos temas recorrentes de Maria Lúcia Vassalo Namorado e os textos sob a sua responsabilidade em *Joaninha...* de 20 de Setembro e de 26 de Outubro de 1938<sup>273</sup> são-lhe completamente dedicados. A escolha da profissão “(...) é o primeiro problema grave que a vida te oferece /exige/ exame demorado e consciencioso. A profissão não deve ser nem é um meio mecânico de ganhar dinheiro. É um meio de que nos servimos para sermos úteis à colectividade e desenvolvermos as nossas próprias faculdades. Amar dedicadamente a sua carreira para a servir, dignificar e aperfeiçoar-se(...) Em todas as profissões há obstáculos a vencer e a dedicação profissional dá alento, coragem, persistência e fé para lutar e triunfar. A felicidade não se resume naquele casamento por amor(...) Abrange também a solução feliz doutros problemas igualmente sérios. Escolhe a profissão para a qual te sintas atraída, de preferência e inclinação naturais. Quem faz por gosto, é belo e nada custa; quem faz por obrigação é fatigante, longo e difícil(...) Muitas raparigas não pensam assim. A profissão é um tirano que fornece ordenado em troca de aborrecimento, de fadiga e sacrifício constante (...) Provoca problemas nos outros em vez de impulsionar energias(...) Quando se trata de pessoas com lugares de responsabilidade, como por exemplo, de professora essa deslocada poderia permitir a outrem ocupar com vantagem

---

<sup>273</sup> Respectivamente *Joaninha: jornal das raparigas*. Ano II. N.º 122 /p.3 e 4 /. In *Modas & Bordados*. N.º 1390. 20 Setembro 1938 e *Joaninha: jornal das raparigas*. Ano II. N.º 128. In *Modas & Bordados*. N.º 1394. 26 Outubro 1938. O de 20 de Setembro, por gralha, aparece assinado *Maria Luísa*, pseudónimo que Maria Lúcia Vassalo Namorado também utilizará diversas vezes como se verá em *Diário de Lisboa*, nos anos 60.

o lugar que ela ocupa ingloriamente (...) Só se deve escolher a profissão que nos agrada (...)” (20 Set. 1938). Ainda sob este problema, “(...) a rapariga séria não pensa apenas nas escolhas pessoais(...) Deve lembrar-se de que também é mulher(...) Se hoje todas as carreiras estão abertas às raparigas, nem todas lhe convêm por não se harmonizarem com a sua futura condição de mãe de família (...) não rias, nem vejas pieguice ou velharia (...) uma mulher médica tem mais probabilidades de desempenhar melhor papel na família do que mulher aviadora(...) a profissão não deve ser instrumento de vaidades(...) deve ser elemento que nos ajude a cumprir o nosso dever na terra (...) não queiras deslumbrar, pensa em ser útil e feliz (...) se tens família na aldeia e tens família e casa que um dia será tua, não sonhes vir a ser, na cidade, mais isto ou aquilo (...) será mais ditosa na tua terra onde tudo te é querido, te quer bem(...) tens uma missão a cumprir lá, descobre-a(...) O afastamento da terra e da família provocam quase sempre desequilíbrio e raras vezes deixa de ser desastroso (...) a pessoa culta e inteligente em qualquer parte afirma o que vale. Nos meios incultos e pequeninos pode fazer mais se não melhor com resultados menos brilhantes, despende mais esforço, com mais coragem e persistência mas de forma mais fecunda e mais bela. Se és generosa e patriota não penses só em ti. A Pátria precisa do teu entusiasmo juvenil, da tua energia e coração(...) deves servi-la no cantinho onde nasceste e onde te prendem afectuosos laços. É o teu dever de mulher e de portuguesa (...)” (26 Out. 1938).

Como exemplo de boas profissões femininas, para raparigas temos as “Jardineiras”<sup>274</sup> e delas se ocupa na rubrica “*Conversando...*”. Em Novembro “(...) é tempo de pôr de parte futilidades de Verão e voltar para o que é fraco e humilde e a ternura pelas crianças aumenta(...) Que pena os jardins infantis serem tão poucos em Portugal e se cuide tão pouco do desenvolvimento e felicidade das crianças como em certos países estrangeiros onde também há Escolas de Jardineiras, raparigas que nos Jardins cuidam das delicadas florinhas vivas, não são professoras nem criadas e põem em prática estudos pedagógicos e psicológicos das autoridades no assunto(...) As crianças nos jardins encontram uma atmosfera de calma e confiança e igualdade e principiam a estudar, a trabalhar da maneira mais simples, divertida e encantadora(...) Possuir qualidades de paciência, compreensão, doçura e variadíssimos conhecimentos de pedagogia, solfejo, desenho, história natural, modelação etc. etc. (...) escolas que essas raparigas frequentam um ou dois anos, durante o curso têm lições teóricas e praticam

---

<sup>274</sup> *Joaninha: jornal das raparigas*. Ano II. N.º 129 /p.3 /. In *Modas & Bordados*. N.º 1395. 2 Novembro 1938.

nos Jardins. No final de cada ano e do curso fazem exames. Podes fundar no teu bairro, na tua terra um jardim infantil(...) lê, estuda, tenta...(...)" (2 Nov. 1938).

Outro tema da rubrica *Conversando...*, assinado por *Maria Lúcia* como todos os anteriores, diz respeito aos conselhos de ordem moral a dar às *Raparigas que vivem sós*. Esses conselhos vão do número de 6 de Março de 1940<sup>275</sup> até ao de 14 de Maio de 1941<sup>276</sup>. A quem se dirigem estes conselhos? Quais são? Que reflexões provocam? Que princípios se defendem? Dentro das raparigas que vivem sós há dois grupos diversos: um primeiro, composto pelas professoras primárias que vão para terras diferentes das da sua origem e um outro, formado por aquelas raparigas que trabalham fora de casa. As primeiras são idealizadas como tendo "(...)22 anos mas não aparenta mais de 18, não será bonita mas é simpática e gentil(...) é professora primária (...)" (6 Mar.1940). *Maria Lúcia Vassalo Namorado*, a narradora, assume que "(...)não venho pregar moral (...) é uma voz amiga para ti rapariga que vives sozinha e trabalhas (...)" (6 Mar.1940). Sobre elas dirá:"(...) não sei donde veio mas desde cedo entregues a si próprias (...) em contacto com luta áspera pela vida e ciladas do mundo(...) sem outra defesa além da educação que receberam (...) é admirável como, na sua maioria, seguem conduta digna e senhoril tão virtuoso é o trabalho (...)"(6 Mar.1940). Como conselhos para conduta enumera:"(...) Não basta ter juizinho. É preciso exteriorizá-lo nas atitudes e nas palavras (...) bom desconfiar de tudo e todos ao chegar a uma terra onde não conheces ninguém (...) colocar à distância três grandes inimigos da mocidade: intrometidos, mal-intencionados e más-línguas(...). Escolhe uma ou duas famílias sinceras e sãs de educação, gostos e hábitos semelhantes aos teus (...). Para com os outros cumpre os teus deveres de pessoa bem educada(...). Se te for visitar alguém que te desagrade, retribui a visita (...) no último dia com arzinho gentil mas cerimonioso(...). Se te convidarem para uma festa onde não deves ir, agradece mas recusa por excesso de trabalho ou outro motivo(...).Para todos sê o mais delicada e correcta mas expansiva, aberta e franca só para quem mereça a tua confiança (...).As pessoas indelicadas e maldosas são bichos peçonhentos (...) manter a certa distância (...).Quem fala a toda a gente, sabe cumprimentar, sorrir, afagar crianças rotinhas e perguntar pelos doentes é sempre encantadora ainda que seja inacessível (...) todos se sentem lisonjeados com o

---

<sup>275</sup> *Joaninha: jornal das raparigas*. Ano IV. N.º 213 /p.3-4 /. In *Modas & Bordados*. N.º 1465. 6 Março 1940.

<sup>276</sup> *Joaninha: jornal das raparigas*. Ano V. N.º 275 /p.3 /. In *Modas & Bordados*. N.º 1527. 14 Maio de 1941.

simples cumprimento ou sorriso de pessoa tão distinta (...)” (6 Mar.1940). Caso o meio fosse pequeno, “(...)mais fácil e menos arriscada /seria / a escolha da relação (...) mas mais tacto em tudo que se faz e diz (...) tudo se repete e aumenta e os comentários não poupam ninguém triste de quem cair no desagrado da opinião geral (...) não queiras ter muitas amigas e entrar na intimidade de muita gente (...)”(6 Mar.1940). Em meios grandes, “(...)nas cidades como Lisboa /convém/ maior reserva porque há muita maldade encoberta e muita hipocrisia e nem todas as pessoas que parecem dignas de confiança a merecem (...)” (6 Mar.1940). Quanto á escolha do local onde morar havia que saber que, não conhecendo a terra e se “(...)trazes uma carta de recomendação para família amiga de certa pessoa tua conhecida(...) /como/ és nova e vens sozinha (...) não vais para hotel ou pensão, preferes casa particular (...) arrenda quarto e comida ou quarto e comida farás ou irás fora (...)Prefere casa bem localizada, saudável, bonita, próxima do sítio onde trabalhas (...) quarto e uma salinha com prateleiras para fogareiro, despensa, loiça (...) oculta com pano (...) arruma tudo cada coisa no seu lugar, em ordem, desinfectar móveis no interior e exterior (...) cantinho com aspecto gracioso, acolhedor e pessoal (...) põe obras das tuas mãos e do teu gosto “ninho” alegre, não garrido, mimosos, fresco, delicado (...) instala uma TSF e um telefone (...) põe-te em contacto com mundo, brilhantes espíritos nas letras e artes e a companhia que não tens (...) deseja cultivar-se (...)” (*Modas & Bordados*. 13 Mar.1940). Ao escolher a família com quem partilhar o seu quotidiano, deveria optar por “(...)casa sossegada (...) irrepreensivelmente honesta e bem educada(...) /para a/ reputação de uma rapariga particularmente da que vive só(...) informa-te sobre seriedade, hábitos e educação sem entrar na familiaridade que obriga a vida em comum não exagares na intimidade (...) amiga mas com vida própria que é necessário respeitar (...) se há mal entendidos familiares unidos pelos poderosos laços de sangue, superam-se mas entre pessoas ligadas só por um sentimento não muito profundo, as palavras azedas (...) não esquecem (...) não morres de aborrecimento se organizares a tua vida (...)” (10 Abr. 1940). Estas raparigas são aconselhadas a ter em conta os malefícios que duas paixões- o namoro e o cinema- podem causar-lhes (1 Jan. 1941). Extensível a todas as raparigas e não só ás que *vivem sós* são dados alguns conselhos sobre a prática, tão necessária, da Educação Física defendendo-se a “(...) vida ao ar livre para proporcionar distrações salutareas e variadas (...) uma linda paisagem é um dos melhores tónicos do espírito(...) a marcha, a natação, equitação, automobilismo, ciclismo, natação, remo, pesca, *tennis*, patinagem, etc. oferecem às raparigas meios de se distraírem e de cultivarem ao mesmo tempo a



saúde e a beleza(...) as que praticam desporto, notam-se porque mais desembaraçadas, mais ágeis, mais alegres (...) /sendo que/ a vida ao ar livre é boa para funcionamento dos pulmões, sistema circulatório e nervoso, robustez física, riqueza de sangue, equilíbrio dos nervos(...) músculos em vez de gordura balofa, boa pele, bons dentes, bom cabelo, olhos brilhantes, optimismo, bom humor (...) porque é que as do campo fogem dele? Não vêem encanto da paisagem e as da cidade não adquirem o hábito de ‘fins-de-semana’? Habituem-se a ver nos rapazes camaradas e não apaixonados(...) troquem a paixão pelo cinema pela do ar livre (...) vejam a nossa terra e as belezas naturais (1 Jan. 1941). Quanto a distrações no campo cultural as raparigas deveriam escolher sempre a “(...)a que alimenta e enriquece o espírito(...) em primeiro lugar, a boa leitura que pode até dar rumo diferente à vida(...) não ler maus livros porque semeiam desorientação e arrastam para o mal(...) as raparigas devem procurar leituras sãs, optimistas e construtivas(...) as que lêem ‘tudo’ são pobres desorientadas e toda a vida presas a um desequilíbrio moral (...) tu que vives só, mais próximo de todos os perigos que espreitam as raparigas(...) se não tens pessoa amiga e esclarecida que te oriente, informa-te bem sobre assunto e finalidade do livro que te propões ler e rejeita o que não te parece aconselhável mesmo se tem curiosidade (...)os livros bons não são forçosamente romances cor de rosa que podem entreter horas descuidadas mas não devem ser género exclusivo (...) vida falseada por pieguice que tomas por poesia (...) a rapariga inteligente procura um ‘conversador’ e não um simples passatempo no livro(...) da conversa fica qualquer coisa aproveitável(...) os bons livros despertam em ti bons pensamentos e inspiram boas acções, comunicam optimismo e coragem, orientam e desenvolvem o espírito e te ajudem a triunfar (...) não se dividem só em estudo e romance(...) também há livros de viagens(...) biografias(...) monografias sobre artes, indústrias, estudos sobre animais, clássicos na linguagem e expressão e obras de pensadores e educadores que abrem horizontes(...) despertam interesse que nos conduz a novos livros(...) oferecem uma distração preciosíssima particularmente para raparigas que vivem sós(...) são companheiro e como todos, a sua escolha é importantíssima ((...)” 29 Jan. 1941). Outras distrações poderiam ser ainda “(...) os concertos, conferências, espectáculos de arte, exposições, museus, etc. enriquecem espírito(...) a cultura do espírito, a compreensão das artes e o amor das coisas belas proporcionam a felicidade que se renova, aumenta e não morre(...)” (5 Fev. 1941).

Mas não são só as professoras primárias que vivem sós. Muitas outras raparigas trabalham fora de casa e é a essas (que lhe pedem para as ajudar a organizar a vida) que

Maria Lúcia Vassalo Namorado quer apoiar. A conduta a seguir é simples e é desses conselhos que se ocupam os números de 2 de Outubro de 1940 em diante. Para se viver só é preciso ter método porque “(...) de uma boa organização da vida depende o equilíbrio físico e moral(...) não podes ser dominada pelo desânimo, neurastenia, ideias demasiado romaneadas ou demasiado livres (...) trabalha, descansa, distrai-te(...)” (2 Out. 1940) porque a “(...) vida /deve ser/ organizada com cuidado, trabalhas, descansas, distrai-te, cultivas o espírito e levas vida equilibrada, activa e metódica (...) precisas ocupar o coração com alguma coisa grande e bela para não te sentires só (...) faz caridade (...)”(14 Maio 1941) que é “(...) a devoção de poucos, que ela seja a tua, serás mais perfeita e durável a tua felicidade, compreenderás o sentido da palavra ‘irmão’ e a beleza da máxima evangélica ‘amar o próximo’(...) há dramas para os quais basta a tua presença há sempre maneira de dar (...)” (14 Maio 1941). Estas raparigas que vivem sós devem saber que não se devem aborrecer “(...) com o trabalho (...) é um título dos mais nobres, é uma bênção e não um castigo(...) a tua profissão é um dos maiores encantos da tua vida (...)”(2 Out. 1940). Qualquer trabalho alternar “(...)para manter o domínio físico e mental, (...) com 15 dias de férias por ano vens mais forte, alegre e corajosa(...)” (2 Out. 1940). Os tempos livres devem ser ocupados com distrações e não divertimentos sendo “(...)distracção ir a baile, chá, festa, teatro e cinema só na companhia de uma pessoa de família amiga (...)”(2 Out. 1940).

Sobre temas de carácter religioso apenas se refere o *Dia de Todos os Santos* em que, continuando a ideia de *Joaninha na Província* se indica que “(...) Joaninha não sabe o que é o magusto que a tia Gabriela combinou com as famílias da vila das suas relações: a velha criada Mariana fez ‘broinhas dos Santos’ (...) Joaninha ocupada com enxovais de Natal(...) comeram broas e castanhas no piquenique, fizeram um bailarico, com descantes (...) e depois ela diz: ‘que curiosos costumes há no campo(...)’ e crianças vêm pedir bolinhos à porta e cantar quadras (...)” (23 Out. 1940).

Um outro tema sobre o qual discorre Maria Lúcia Vassalo Namorado, também aqui como o fará no livro *Joaninha quer casar*<sup>277</sup>, é o do namoro e casamento. Quanto ao primeiro, ela avisa a menina que, com dezoito anos deve ser recatada porque “(...)“(...)não tem necessidade de expor à curiosidade pública a vossa ternura (...) para

---

<sup>277</sup> Este texto não tem o título de *Joaninha quer casar* como os outros que, sobre o tema, se iniciam no Ano V, n.º 275 de 14 de Maio de 1941, In *Modas & Bordados* n.º 1527 e seguintes mas é da compilação de todos eles que, mais tarde, Maria Lúcia Vassalo Namorado vai editar o livro com esse mesmo título: *Joaninha quer casar*, como veremos neste trabalho.

suscitar ironias e cair no ridículo(...) que necessidade tens de, no meio da rua, /andarem/ pendurados um no outro, com esse ar patetinha (...) agarrada a um homem que talvez nem venha a ser o seu marido(...)?”(30 Out.1940). Tal como se defendia á época, “(...) o namoro é coisa séria e que uma menina não deve, por capricho, por despeito, para ‘meter ferro’, aceitar a corte a qualquer(...)”(11 Dez. 1940). Qualquer “(...) menina ajuizada não /teme ficar para tia/ não namora para imitar as amigas(...) seria leviandade e perigoso (...) namora rapaz que lhe mereça simpatia, boas qualidades e procedimento que não seja ‘brincar’(...) nem aos dez nem aos 90 só chega a seu tempo mas aos 15 anos é cedo(...)” (12 Fev. 1941), até porque “(...) quanto menos namorares, melhor porque os rapazes divertem-se à custa das raparigas(...)”(25 Jun. 1941).

Mas que regras seguir na escolha certa de um noivo? A resposta é dada por Maria Lúcia Vassalo Namorado em quatro artigos<sup>278</sup> com esse mesmo título - *A escolha do noivo*. A menina deveria saber sempre “(...) contrariar qualquer inclinação que não te convenha (...)”(10 Set. 1941), escolhendo um “(...) homem que seja acima de tudo um homem de bem porque a honestidade e a rectidão de carácter são a base de toda a felicidade individual e familiar(...) uma rapariga digna não se liga a um homem que não o seja(...) a saúde é outro grande factor de felicidade(...) o amor ao trabalho é indispensável (...) estas são as qualidades gerais(...) delicadeza, lealdade e sinceridade são qualidades que interessam em todas as pessoas com quem privamos (...) as qualidades que dizem respeito ao marido só se definem (...) depois do casamento(...) escolhe noivo de educação e fortuna equivalente à tua os casamentos desiguais são menos felizes e cavam abismos de incompreensão, dúvidas e tristeza(...) o casamento que mais garantias oferece é o que for bom dentro da classe a que pertences o que oferecer uma boa situação no nível de vida em que vives(...)”(1 Out. 1941). Adverte ainda a menina para o perigo da leviandade do rapaz /15 Out. 1941/ assim como para “(...)o perigo do namoro por capricho que se acaba em casamento ainda é pior porque não encontra aí felicidade (...)”(18 Fev. 1942).

Quanto ao casamento há que pensar em diversas questões como o que seria necessário saber para se ser uma boa dona de casa: “(...) primeiro, governar a casa; 2º- viver com marido; 3º criar e educar os filhos e 4º- saúde e doença(...)”(9 Jul. 1941). Dá-se ainda a ideia de que não se deveria ver “(...)no casamento a única maneira de ser feliz(...)”(16 Jul. 1941) que, apesar de “(...)não ser uma festa mas está longe de ser uma

---

<sup>278</sup> Do n.º 295 ao n.º 315 de *Joaninha: jornal da Raparigas*.

tragédia(...)é a mais perfeita expressão da felicidade se tomares a sério e se souberes escolher o par(...)”/15 Out. 1941/, sendo que o casamento vai perdendo o “(...)o tom leve e despreocupado(...) outra idade, deveres, surgem aspectos graves, duros e amargos por entre as alegrias(...) num casamento com amor cada alegria é duplicada e cada tristeza é partilhada a dois(...) marido com hábitos, preferências e manias que não suspeitavas(...) se gostasses dele, encontrarias nele indulgência, paciência, compreensão(...) assim estás mais afastada, desgostosa, arrependida(...)” (18 Fev. 1942). É a partir destes ensinamentos que depois será feito o livro *Joaninha quer casar*, como já referimos.

Na mesma rubrica *Conversando...* há diversos conselhos sobre conduta a seguir pelas raparigas, sobretudo no que toca à condenação das pinturas e dos exageros de maquilhagem: “(...) não torço o nariz ao pó de arroz e ao *rouge*(...) tens o dever de parecer bem, tanto quanto possível(...) e poupar o nosso semelhante ao triste espectáculo da nossa fealdade é uma questão de delicadeza(...) dar palmas à pintura que embeleza e condenar o seu exagero(...) dar nas vistas é deselegante e condenável enquanto que ser bonita é compreensível e justo(...) não precisas de artifícios para seres bonita se não há beleza, há frescura, graça e mocidade(...) quando passou o cabo tormentoso dos 35 pode tirar uns anos mas na tua idade, /a pintura/ envelhece(...) antes dos 20 anos não vás além do pó de arroz e não vás para a rua como uma boneca pintalgada pelas mãozitas inábeis da tua irmã pequenina(...)” (11 Dez. 1940)

A partir de 21 de Maio de 1941<sup>279</sup> e até 6 de Agosto de 1941<sup>280</sup> temos a história de uma outra *Joaninha*, a da *menina rica*. Esta é menos conseguida do que a primeira mas igualmente dá diversos conselhos de conduta a seguir pelas raparigas e ali se apontam diversos *erros educativos* praticados pelas mães, neste caso, de meninas ricas. Esta Joaninha tinha uma criada, a Chica, que lhe levava o pequeno almoço á cama e era a confidente de Joaninha sobre namoro sendo “(...)simpática e gentil, um nadinha vaidosa da sua condição de criada fina, estimada pelos patrões, querida da menina (...) foi para ali aos 10 anos, órfã de pai e mãe(...) um pouco mais velha do que Joaninha/que a/ maneja como bonecas de corda (...)” (21 Maio 1941). A menina tinha feito 16 anos na véspera e “(...) pensa que poderia ir a Lisboa sem companhia(...) a mãe deu-lhe pulseira

---

<sup>279</sup> *Joaninha: jornal das raparigas*. Ano V. N.º /276 /p.1 /. In *Modas & Bordados*. N.º 1528. 21 Maio de 1941.

<sup>280</sup> *Joaninha: jornal das raparigas*. Ano V. N.º 287 /p.3 /. In *Modas & Bordados*. N.º 1539. 6 Agosto de 1941.

de esmeraldas(...) e autorização de ler toda a casta de leitura e excesso de mimo com que fora criada (...)” (28 Maio 1941). Todos estes defeitos de educação que a mãe lhe dera ficavam agravados pelo facto de esta não ter sido capaz de criar um ambiente de confiança entre si e a filha. O pai de Joanhina perdera tudo ao jogo e ela ver-se-há na necessidade de trabalhar. Depois da ruína, mãe e filha fazem malhas em casa para fora e Joanhina reflecte muito ( 2 Jul. 1941). Vai para província e ali Joanhina é professora de meninas porque sabia português, francês, inglês, alemão, curso de piano e canto (9 Jul. 1941) pensando que “(...) se no tempo em que era rica lhe dissessem que podia ser feliz trabalhando, não acreditaria(...)” (23 Jul. 1941). Finalmente Joanhina casa com médico e “(...) tem situação privilegiada para realizar a revolução nos hábitos e mentalidade do povo” (6 Ago. 1941) sendo que a criada casa com o hortelão. Maria Lúcia Vassalo Namorado tece inúmeras considerações, mais uma vez, sobre as questões do casamento desigual, que como veremos no capítulo 4 é tema recorrente também em Elina Guimarães.

Finalmente, o último artigo que Maria Lúcia Vassalo Namorado escreve a Joanhina, de 15 anos, antes de se dedicar à sua revista a partir de 1 de Junho de 1942, é sobre as questões de conduta que as raparigas devem adoptar. Nele coloca em contraste dois modelos diferentes, optando por um deles e indicando quais as razões que a levam a assumir tal defesa. Para ser mais precisa, não é a cópia de um modelo que ela critica porque “(...) o problema não está em copiar mas no modelo(...)” que se segue. Que modelo deve então ser rejeitado? O das “(...) heroínas exóticas, patéticas, doentias e contrárias à Verdade e Beleza encarnadas pelas estrelas de cinema(...)”(4 Mar. 1942). O modelo a seguir deve partir de: “(...) figuras reais, sadias, verdadeiramente belas, com graça sem artificios, norteadas por nobre ideais(...). Exemplo dessa atitude é D. Maria Emília Sousa e Castro<sup>281</sup>, professora do liceu *D. Filipa de Lencastre*, que frequentou o Liceu do Carmo, ao tempo chamado Garrett, foi um dos primeiros nomes da MPF, entre os primeiros nas filas orientadoras, sem vaidade. É um modelo “(...) para a mocidade feminina em Portugal porque tem: inteligência vivíssima, extraordinária capacidade de trabalho, simplicidade absoluta, inquebrantável franqueza, bondade natural, muito feminina, espírito gentil(...)”. Termina apelando a que Joanhina seja “(...) trabalhadora, simples e franca, procura aperfeiçoar-te, cuida de te elevar pelo teu merecimento, esforço e virtudes(...) Por mais humilde que seja o teu posto, nem toda a gente pode ser

---

<sup>281</sup> Amiga pessoal e que frequentara o Liceu de/com Maria Lúcia Vassalo Namorado.

notável, serás uma rapariga encantadora e útil, saberás dignificar a mulher e a Pátria portuguesas(...)” (4 Mar. 1942).

São estas pois as propostas de educação das mulheres e das raparigas que Maria Lúcia Vassalo Namorado faz em *Modas & Bordados*, e no seu suplemento feminino, a pedido e sempre apoiada de/por sua prima Maria Lamas. Muitas destas ideias vão ser glosadas, novamente, na revista *Os Nossos Filhos* que irá ser dirigida por Maria Lúcia Vassalo Namorado durante mais de três lustros.

### 3.1.2 Livros e outros textos publicados entre meados anos 30 e 1958

#### 3.1.2.1 Os primeiros livros e a educação feminina

*Negro e cor de rosa* (1937), *A Mulher dona de casa* (1943) e *Joaninha quer casar* (1944) são os três primeiros livros escritos por Maria Lúcia Vassalo Namorado. Todos eles são importantes na reflexão que nos proporcionam sobre o tipo de rapariga e de mulher que se pretende formar e são leitura obrigatória para quem pretenda identificar os conteúdos que deveriam ser tidos em conta num currículo de formação moral e para o quotidiano feminino.

Neste subcapítulo apresentamos as referidas obras e mostramos quais os conteúdos que elas defendem como necessários a uma educação feminina integral.

#### *Negro e cor de rosa*

No ano em que deixa Penacova para se fixar na Golegã, em cujo tribunal o marido fora colocado, Maria Lúcia Vassalo Namorado publica aquele que será o seu primeiro livro: *Negro e cor de rosa*<sup>282</sup> que terá capa de Fernando Carlos Pereira Bastos, genro de Maria Lamas, casado com a filha mais velha.

Naquela época entendia-se que as meninas (de família) deveriam ler obras edificantes, com bons exemplos a seguir. Maria Lúcia Vassalo Namorado, sempre estimulada pela prima, vai iniciar o seu percurso de escritora, com esse livro de novelas, de 127 páginas, em 1937. Escrito na Primavera do ano em que foi publicado, é dedicado aos pais e marido, tem uma nota introdutória com o seguinte texto: “(...) na vida dos humildes, principalmente das mulheres e das crianças há dores e injustiças fáceis de remediar. A

---

<sup>282</sup> Publicado em Coimbra, pela *Atlântida Editora* com a qual terá alguns dissabores, nos anos 70, aquando da publicação dos livros de Maria Isabel César Anjo e Maria Keil (*Espólio*).

indigência, ignorância e a imoralidade provocam entre os pobres, situações mais dolorosas (...) que a própria falta de recursos(...). Ensinar e moralizar é tão urgente como dar de comer a quem tem fome. Escrito por uma mulher (...) no intuito de lembrar à mocidade feminina, o dever imperioso de se dedicar a ideais de Bondade e de Beleza, de contribuir para que a humanidade renasça, amanhã, mais elevada e feliz (...)”. Usa, em epígrafe, uma frase de Victor Hugo: “ Todos os crimes do homem começam na vagabundagem da criança”.

A história desenrola-se numa aldeia, Oliveirinha, na Beira Litoral. Tem-se a ideia de que todas elas são lugares de “(...) bucolismo e alma cândida dos simples /onde o/ povo feliz e o sol robustece os corpos e alegra as almas /e a/ infância tem viveza do cabrito montês(...)”( p. 1 e 2) mas nem sempre ela “(...) é o cenário poético duma felicidade feita de paz e singeleza (...)” (p. 2).

Como actividades económicas existem as serrações, onde quase todos os homens trabalham e as mulheres estão em casa ou “(...) também fazem palitos, talheres(...)vendem-se pouco na vila(...)seria oportuno acarinhá-las, protegê-las, dando assim à mulher pobre ocasião de contribuir para o desafogo económico da família sem abandono do lar(...)” (p. 6). Logo na caracterização da localidade, de apenas 40 fogos, se refere o problema do trabalho feminino e o da dificuldade que ele apresenta face à possibilidade de o conciliar com a vida doméstica.

Nesta aldeia vive uma rapariga, Zèzita, habituada a beber, não foi à escola e este é o panorama das aldeias onde os rapazes, “(...) ...quando chegam a homens embriagam- se( ...) e as mulheres tão ignorantes como eles têm o privilégio de sofrerem muito mais(...)” (p. 10). A rapariga, a quem “(...) Deus inspirava mais medo do que amor (...) (p. 12), fora mal educada (...) e não sabia ser de outra forma “como se a ignorância fosse culpa dos ignorantes” (p. 13). Quando casou “(...) era ignorante do que compete à mulher de casa, descuidada e, mais do que isso, pecando pelo seu bocadinho de desmazelo (p. 49) “(...) Em vez de levar a criança ao médico vai aos defumadouros(...)” (p. 55) .

No meio deste texto, na forma de capítulo intitulado *Páginas de um diário*, escreve Maria Lúcia Vassalo Namorado: “(...) Porque hei-de eu ser assim sensível às dores alheias, se não está nas minhas mãos modificar as coisas(...)e os homens? (p. 89) A maternidade deve ser protegida ao menos o suficiente para que uma mulher preste a ser mãe tenha sempre, em toda a parte e em todas as circunstâncias, as regalias da liberdade e duma assistência médica(...)” (p. 89) e coloca-se também, sem rodeios, ao lado dos presos.

O fim do livro, em capítulo *Um sonho*, apresenta uma proposta que Maria Lúcia Vassalo Namorado vai ver concretizada, por si, no início dos anos 50, como mostraremos ao analisar a revista *Os Nossos Filhos*. Propõe ela: “(...) As cantinas, as casas para de dia estarem as crianças.» cursos “obrigatórios para todas as raparigas(...) é inadmissível que as raparigas, ricas ou pobres, casem desconhecendo inúmeros problemas que as esperam (...). As senhoras foram visitar as pessoas e deram prendas a quem voltasse a fazer os trajes antigos(...)ensinam(...)esses cursos seriam desnecessários se a casa das mais fosse a escola das filhas(...)as mães não educam as filhas como é indispensável para bem delas, da família e da raça (p. 123). (...) Em toda a parte encontro alegria. Os pobres vivem felizes porque na sua pobreza há conforto e confiança no futuro (...)os ricos vivem felizes porque se dedicam a obras de bondade (...) (p. 125). E acaba assim o livro, com um hino à colaboração e apaziguamento classista: “(...) Mal posso acreditar o que vejo, se me lembro do passado; tudo se fez em poucos anos por milagre do amor – amor de todas as mulheres pelos menos felizes e ignorantes (p. 126). Foram milhares de iniciativas pequeninas que tornaram possível a transformação foi gigantesca. Foi aquela rapariga que sugeriu na sua aldeia a criação de uma creche; foi aquela que, num cantinho da sua casa, improvisou uma escola de ensino doméstico; foi aquela que despertou o interesse de meia dúzia pela aprendizagem da puericultura; foi aquela que, nas horas vagas, visitou e ensinou ignorantes, dissipou credences nefastas, acordou o arrependimento de transviados; foi aquela que fez nascer uma indústria desaparecida; foi aquela que, na catequese, se não limitou a repetir automaticamente orações e ritos mas soube gravar de forma indelével na alma dos pequeninos a doçura e claridade das doutrinas de Jesus; foi aquela que pediu aos velhos que ensinassem aos novos as cantigas, as danças, as lendas da sua mocidade; foram todas as que divulgaram pensamentos, aspirações, hábitos puros; todas as que contribuíram para que no local próprio renascesse a beleza própria e em qualquer sítio florescesse a virtude; foram os esforços de todas as raparigas que fizeram a Terra mais bela, a Vida melhor, a Humanidade mais perfeita e feliz(...)Como tudo mudou! Como as negras verdades que tanto me confrangiam se transformaram num lindo e luminoso sonho cor de rosa!”( p. 127).

Este livro, especialmente destinado a leitura para senhoras e que “(...) deve ser lido e meditado por todas as mulheres(...)”, será recomendado para leitura em férias<sup>283</sup>:”(...

---

<sup>283</sup> Deveria ser pedido a Livraria Bertrand, da Rua Garrett.



Não se esqueça de levar livros para ler. Ler umas páginas agradáveis, deitado à sombra do toldo ou das árvores gigantes, ouvindo marulhar as ondas ou gorjear os passaritos — é das coisas mais deliciosas que nos é dado gozar (...)” (ONF, Jun. 1942). Ele vai ser, alguns anos depois, objecto de anúncios em *Os Nossos Filhos*, mais precisamente entre Junho de 1942 e Março de 1954. A boa recepção que teve, provam-no as mais de trinta cartas que, sobre ele, existem no *Espólio*.

Delas podemos concluir que, em muitos casos foi a própria autora a oferecer um exemplar a determinadas individualidades, como Ferreira de Castro, Agostinho de Campos ou António Emílio de Magalhães, ou a senhoras das suas relações, como é o caso de Othília Semedo Delicado Couceiro Braga de Galveias (Caixa 27. Maço 3); noutros, foram as senhoras que o pediram directamente para *Os Nossos Filhos*.

Em *Modas & Bordados* há uma crítica a esta obra de estreia em que já se chama a atenção para a compreensão que a autora, já “(...) colaboradora assídua e muito apreciada (...)” daquela revista, mostra face ao sofrimento das mulheres do campo e das crianças entregues à sua má sorte. Da autoria de Vera<sup>284</sup> que a conhece e que supomos ser Maria Lamas, lemos que é “(...) muito nova ainda, vive longe de Lisboa, num cantinho provinciano(...) o seu Lar, onde dois rapazinhos encantadores vão abrindo os olhos para a vida(...) na actividade do seu viver caseiro, simples, modesta, banal, dificilmente surpreenderá o tesouro de inteligência, persistência, e coragem que anima o seu corpo frágil de mulher. (...) é um valor nas letras portuguesas contemporâneas. Culta, estudiosa, norteadas por um ideal de beleza e bondade (...)” Refere que esta obra pretende “(...) chamar a atenção da mulher, principalmente da mulher que vive na província, para a sorte impiedosa das crianças abandonadas criminosamente a um acaso, que raras vezes deixa de ser mau(...)”.

Sobre esta obra, em carta que lhe envia, diz Ferreira de Castro<sup>285</sup> /scanner/: “Minha ilustre camarada: venho (...) só agora agradecer a oferta do seu *Negro e cor de rosa*(...) que me deixou magnífica impressão. Ele revela uma artista, que eu incito a prosseguir, pois a maioria das personagens está bem dada, o diálogo é natural e descrição e observação são valores que também se encontram na sua obra. Espero ter o prazer de, num futuro próximo, ler outros trabalhos seus(...)” (Caixa 71.Maço 2).

---

<sup>284</sup> Crítica que supomos ter sido feita por Maria Lamas, publicada em *Modas & Bordados*. N.º 1345.17-Nov. 1937. p. 6 com crítica também a livro *Almas*, de Laura Wake Marques e *O Solar da Boa-vista*, de Sara Beirão /tenho scanner/ Tem cópia em Caixa 77. Maço 2

<sup>285</sup> Texto manuscrito datado de “Estoril, Outubro, 2”

Campos de Figueiredo, /scanner/ a quem Maria Lúcia Vassalo Namorado envia a obra, dá também o seu parecer, menos entusiasta do que o anterior, uma vez que considera que o “(...) livro poderá publicar-se depois de ligeiras modificações(...)” que vão de sugerir que elimine dois capítulos e que “(...) O elogio do *Ninho dos Pequenitos*, de piedosa intenção, afigura-se-me substituível por outro remate que a autora encontrará, sem a preocupação de defender determinada tese. A sua facilidade de expressão, o seu talento literário, poderão sugerir-lhe outro epílogo(...)”(Caixa 71.Maço 2). Estas diversas sugestões levam-nos a afirmar que o terá visto ainda em ‘rascunho’ final, ao contrário de Ferreira de Castro a quem o livro, já impresso, fora oferecido.

Com algumas apreciações ao livro Maria Lúcia Vassalo Namorado recebeu ainda cartas de Victor Fontes, director do *Instituto António Aurélio da Costa Ferreira*, com promessa de referência sobre ele na revista *A Criança Portuguesa*, que dirigia (Caixa 42. Maço 2), e de Manuel Subtil, do *Instituto de Orientação Profissional* que dele fará uma das maiores críticas guardadas no *Espólio*. Dele diz este professor: “(...) logo fiquei preso a ele. Li mais do que me permitia o tempo de que dispunha e adquiri logo a certeza de que estava ali um livro de mérito real. E li-o e meditei-o até chegar ao fim. Foi escrito com o coração; não apenas com o cérebro. Trabalharam na sua elaboração a educadora, a psicóloga, a mãe - três entidades distintas e uma só Lúcia verdadeira! Quem me dera que, nesta terra, outras mulheres, que o podiam fazer, seguissem (...) o exemplo (...) e dedicassem parte do seu tempo à nobre tarefa de "contribuir para que a Humanidade renasça, amanhã, mais elevada e feliz" pode aplicar ao seu livro as palavras que Vítor Hugo inscreveu na portada de um dos seus: "(...)enquanto os(...)problemas do século- a perdição da mulher pela fome- a atrofia da criança pelas trevas- não forem resolvidos; (...) enquanto houver na terra ignorância e miséria, não serão os livros como este, de certo inúteis". Há quase um século que isto foi escrito. Se o autor de "Os Miseráveis" vivesse hoje, escreveria coisa muito diferente? Bem haja pelo seu trabalho tão honesto, tão humano, tão sincero. Admiro nele principalmente: a pureza e elegância, por vezes, da linguagem que é, graças a Deus, limpa de estrangeirismos e de extravagâncias neológicas, o descritivo da paisagem que é admirável a reprodução exacta da linguagem popular, em que foi mestre o grande Camilo, o Júlio Diniz e pouco mais, a descrição de usos e costumes na região de Oliveirinha os retratos morais das personagens, em especial, a do "Chico do Negócio"- que é parecidíssimo com outros "Chicos" seus colegas, que superabundam por esse país fora, o espírito de observação, tão fino e tão penetrante que a autora revela da primeira à

ultima página, as considerações tão acertadas, tão justas, tão oportunas que os factos e as pessoas lhe sugerem, o aspecto educativo e moralizador que transparece em todo o livro, a ternura, a compaixão, a generosidade da autora, etc. V. Ex.a retratando os outros, retratou-se a si própria, sem o saber, talvez. O seu livro é o reflexo vivo dessa alma bondosa, servida por uma inteligência lúcida. Alguns capítulos, como o Idélio e a Tentação lembram o famoso estilo de Trindade Coelho, no seu delicioso livro "Os meus amores"(...)Termino sem dizer tudo(...)que tenha tido e continue a ter numerosas leitoras que meditem naquelas verdades e a acompanhem nos seus anseios de Mulher e de Mãe(...)” (Caixa 41. Maço 1).

Também António Botto diz:”...) recebi e já li o seu livro sugestivamente chamado *Negro e cor de rosa*. Pequenas histórias de profunda suavidade emotiva, embaladas na simples linguagem, e valiosíssimas pela projecção do ensinamento - todo o volume é um compêndio de literatura saudável, daquela que faz bem aos espírito, que o levanta e fortalece. Muito obrigada pela oferta. Minha mulher agradece e retribui os seus cumprimentos(...)” (Caixa 41. Maço 2).

Desses pedidos de livros e de agradecimentos que sobre ele existem, destacamos apenas alguns pelo que, sobre a época ou sobre a obra, nos revelam.

Maria da Luz Leitão, amiga de Penacova, irá ler o livro e empresta-o a Othília Semedo Delicado Couceiro Braga, de Galveias que pede um para si, como referimos, por considerar que “(...)“(...) me deixou melhor das impressões. Tem para mim um duplo valor, pois além de ser escrito por uma senhora que eu muito considero, essa senhora teve a gentileza de me o oferecer, a mim que nada valho e nada fiz para merecer tão grande honra. Até me sinto embaraçada, sem saber que termos empregar para lhe testemunhar meu reconhecimento e agradecer tão gentil oferta (...)Se um dia falar com a Mariana Mendes, minha prima, ela lhe dirá como eu me senti feliz, como lhe digo(...)”(Caixa 30. Maço 1).

António Emílio de Magalhães, da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social*, do Porto, irá ser um dos médicos a quem o livro é oferecido, assim como diversos exemplares para “(...) oferecer ou vender a favor da sua *Liga*; a edição é minha; não se venderam mais que umas escassas dezenas de modo que me faz muito favor distribuindo-os; quando o publiquei escrevi a muitos Lactários e Asilos propondo que os vendessem com percentagem de 40%; pareceu-me razoável mas eu só queria, sinceramente, divulgar a sua doutrina que não tem nada de novidade nem de extraordinário; e salvar a despesa feita mas creio que tive a pouca sorte de me dirigir a casas abastadas porque nem uma

só me respondeu (...)” (Carta não assinada de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Caixa 4. Maço 2). Do livro dirá aquele médico, em carta que envia á autora: “(...) Li-o duma assentada, com enorme prazer (...) pedir que me diga qual a casa que o editou porque desejo fazer-lhe bastante propaganda...porque é necessário torná-lo conhecido de quem a valer se interessa pelos problemas educativos e pelos da infância(...) o seu livro que reflecte bem a sua ponderação, a sua perspicácia, a sua profunda análise aos grandes problemas a que ninguém quer ligar a devida atenção e só lastimo que (...) não tivesse sido oficialmente aproveitada para dirigir qualquer grande obra de assistência ou higiene, onde fosse preciso aproveitar as faculdades do cérebro aliadas às do coração(...)” (Caixa 71. Maço 2). Ele mesmo irá oferecê-lo a várias das suas colaboradoras naquela instituição e recomendá-lo ou oferecê-lo a alguns colegas. Naquele caso está Remo de Noronha<sup>286</sup>, médico em Mesão Frio (Caixa 42. Maço 2 e Caixa 71. Maço 2), António Paúl, médico da mesma *Liga* (Caixa 41. Maço 2) e, no último, Narciso de Azevedo, do Porto, que o analisa assim: “(...)”(...) além da sua valia literária, o livro(...)denuncia-nos a delicadeza intensa e o sincero cuidado duma rara alma pelo drama dos humildes. Há uma nobre intenção e uma alta finalidade (...).V. Ex.a é um eleito temperamento que vibra com a miséria criada pela revoltante desigualdade que atormenta a humanidade. As páginas finais revelam o nobre e ardente desejo de quem confia numa vida modelada em grandeza e beleza. Tal vida aproxima-se naturalmente em parte com a inevitável transformação social, quer queiram quer não queiram certas alminhas que só trazem o amor na ponta da língua mas teremos ainda de lutar com os Chicos do Negócio porque esta infeliz terra é quase só habitada por chicos - um grande chiqueiro o povo português é um povo com uma epopeia de gigantes governado por uma farsa de anões(...)obrigado pela beleza estética e moral que me transmitiu através do seu precioso livro(...)” (Caixa 71. Maço 2).

A obra foi oferecida por aquele médico à colaboradora Dora Santiago Rocha que considera que o livro revela a “(...) tão elevada sensibilidade feminina animada do nobre intuito de dignificar a mulher em todas as classes sociais(...)” (Caixa 30. Maço 1), a

---

<sup>286</sup> Este médico, em artigo que escreve em *Os Nossos Filhos*, sobre as cantinas escolares da *Obra das Mães pela Educação Nacional* utilizará, em citação em epígrafe, a seguinte frase deste livro: «Se a escola tivesse uma cantina que desse diariamente um caldo reconfortante, uma camisolita e sapatos pelo Natal, e o preciso para aprender a ler, (...) então as crianças até para lá fugiam sem ninguém as mandar, nem aos domingos faltavam se lá as quisessem” (ONF, Abr. 1944).

Umbelina Cerqueira Araújo (Caixa 35. Maço 2), a empregada da Liga, Maria Julieta Pereira de Lima Nunes da Silva (Caixa 4. Maço 2 e Caixa 7. Maço 1) e à amiga Maria Cândida Nogueira d'Azevedo Pinto e Melo, de Rio Maior (Caixa 61. Maço 1).

Outras senhoras que pedem o livro são ainda: Maria Simões Anjos (Caixa 31. Maço 1), amiga de Branca de Gonta Colaço e que vai publicar diversos textos em *Os Nossos Filhos*, Isabel Moreira de Matos, de Algés, para o pôr no sapatinho da filha, pelo Natal (Caixa 34. Maço 3), entre muitas outras.

Seis exemplares do livro foram ainda enviados para serem vendidos em Bolama, na Guiné (Caixa 34. Maço 1) e também é pedido, com urgência, do Brasil, por Maria Natividade Reis de Carvalho (Caixa 34. Maço 3), e ainda por Maria Luiza Rodrigues Graça, para a Beira, Moçambique (Caixa 59. Maço 2), por Maria da Soledade Silva e Maria Mendonça, ambas redactoras do jornal *Eco do Funchal*, para o Funchal (Caixa 60. Maço 1 e 60. Maço 2) ou para Mirene Carvalho, da *Livraria Académica*, de Goa, Índia Portuguesa (Caixa 29. Maço 3).

Sabemos que uma colega de Liceu, “Irene, velha colega, muito amiga e grata”<sup>287</sup> também é uma das contempladas com a oferta do livro, como ela própria afirma em carta de agradecimento que dirige à autora (Carta de 3 Fev. 1944. Caixa 35. Maço 2).

Sobre este livro destacamos ainda a opinião expressa por duas senhoras que também fazem parte do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*: Elina Guimarães e Maria Lamas. A primeira dirá:“(…) “(…) Permita-me que lhe manifeste mais uma vez a minha admiração pela sua obra de educadora e creia-me sua muito dedicada(…)” e acrescenta, em *Post scriptum*: “(…) permita-me que embora tardiamente a felicite por *Negro e cor de rosa* que tenho na biblioteca desde que apareceu (…)” (Caixa 41. Maço 3).

Quanto a Maria Lamas, em carta que envia do Funchal<sup>288</sup> quando já estava a redigir a sua obra *As Mulheres do meu País* e em que escreve um desabafo sobre a miséria das crianças, dirá: “(…)e nalgum sítio a criança vive ao abandono, sob todos os aspectos, é aqui, refiro-me à criança das classes humildes. Já não sou capaz de lisonjear a sociedade em que vivemos. E, no entanto, nunca tive tanto para dizer...Tudo o que diz respeito à assistência à criança assenta em bases erradas, falsas, que se ligam à estrutura falsíssima

---

<sup>287</sup> Não nos foi possível identificar a senhora em causa uma vez que, enquanto Maria Lúcia Vassalo Namorado andou no Liceu Almeida Garrett, teve quatro colegas com este nome: Irene Pinto Mourão, da turma de 1921-22, Irene Esteves, de 1923-24, Irene Castilho e Costa, de 1925-26 e Irene de Oliveira Viegas, de 1926-27 (Cf. Apêndice Cap. 2).

<sup>288</sup> Da Rua João de Deus, n.º 10.

desta pseudo civilização tão apregoada. Não basta fazer isto ou aquilo, por melhor que pareça e seja, no momento. É indispensável analisar(sic), sem sofismas, a que conduz o processo empregado ou a solução adoptada. Pergunto eu: A que conduz toda esta assistência dada através das numerosíssimas obras de caridade, oficiais e particulares, que são o cartaz /duplo sublinhado/ mais vistoso e aplaudido do sistema social em que vivemos? Por mais que pense e analise, só encontro cada vez mais nítida, esta resposta: Conduz à continuação da mesma assistência sem projecção no futuro das crianças; à mesma assistência defeituosa, insuficiente, protectora. Protectora, quer dizer, aqui, beneficiente (sic), pseudo-altruísta e generosa que coloca quem a recebe num plano de dependência e gratidão para quem a promove. Os eternos protectores e protegidos... Entretanto, a miséria continua a ser o signo da infância, nesta ilha maravilhosa- para me referir somente ao lugar donde te escrevo. Desculpa o arrasado(sic). Foi como um desabafo da minha consciência! Sou incorrigível...(...)Peço-te que me mandes uma fotografia tua, mesmo pequena, desde que esteja boa, e um trecho de qualquer livro teu, que gostes de ver transcrito. Talvez de Negro e Cor de rosa - que tem páginas tão belas (...)" (Caixa 50. Maço 4).

Mas por que razão é esta obra tão admirada por estas(es) leitoras(es)? Como refere Maria Julieta Pereira de Lima Nunes da Silva, uma das empregadas da *Liga Portuguesa da Profilaxia Social*, do Porto, ela é "(...)uma obra cheia de caridade e de interesse social, em que se vê a queda de uma pobre mulher mais vítima do que criminosa, que no fim descobre um raio de esperança e uma intenção muito generosa e também muito inteligente (...)" (Caixa 7. Maço 1). Maria Lúcia Vassalo Namorado vai juntar uma série de pequenos textos, cada um na forma de um capítulo, em que apresenta a situação – negra – de uma rapariga ignorante, sem meios e cultura, que se transforma em mãe ébria e submetida a um homem, o Chico do negócio, empurrada pelas circunstâncias da vida miserável que tem e que, no final – a parte rosa – vê a sua vida melhorar, crendo num futuro mais radioso. Se hoje o enredo nos parece simples, cremos que à época ele era muito presente no quotidiano do país onde "(...)o médico rural que pelo seu ofício chega a apalpar a alma popular, pode atingir esse retrato da vida da aldeia que V. Ex.a traça com tanta fidelidade, inteligência e profundidade? V. Ex.a teve o condão de o fazer compreender melhor esse retrato e até valorizá-lo quando conseguiu dar largas à voz da bondade do seu coração de mulher que sofre e palpita em todo o livro(...)" (carta de Remo de Noronha. Caixa 16. Maço 1). O texto, como todas (os) leitoras(es) referem, está muitíssimo bem escrito e a sua leitura ainda hoje deixa, a quem se interessa pelos

problemas da condição feminina, um mal estar final, uma sensação de impotência face a situações que ainda não desapareceram da nossa sociedade: apenas são ditas e analisadas sob outros pontos de vista menos moralistas, mas nem por isso eles foram completamente banidos do quotidiano.

Sobre estes e outros problemas que enfrentam as mães ignorantes vai escrever Maria Lúcia Vassalo Namorado, aqui nesta obra e em *Os Nossos Filhos*, sempre tomando a sua defesa, como veremos.

### ***A Mulher dona de casa***

Este livro é um curso completo de como governar uma casa e destinava-se às filhas e às mães: as primeiras aprenderiam aí a dirigir uma casa e as segundas a encaminhar as filhas e para elas próprias confrontarem os seus procedimentos com o que se considerava mais adequado e correcto na orientação da vida familiar.

Estamos perante uma obra que se pode colocar na categoria de *Economia Doméstica*. Como referimos, a introdução de cursos de carácter eminentemente feminino nos liceus destinados às raparigas ou na formação das futuras professoras ocupara alguns discursos durante a primeira República e havia já alguma bibliografia exclusivamente dedicada a tais assuntos, como o livro *Economia Doméstica* de Albertina Maria da Costa, uma das duas senhoras que haviam integrado, nos seus primeiros quinze anos de existência, o corpo docente da *Escola Normal de Benfica*, em Lisboa (Moreirinhas Pinheiro, 1976. p. 21).

O livro de Maria Lúcia Vassalo Namorado vai buscar a maior parte do seu conteúdo a uma obra que ela tem no seu *Espólio*, que lera ainda muito jovem e que estivera em voga à época: *O Livro da dona-de-casa* de Paulo Combes<sup>289</sup>, cuja terceira edição ela adquirira depois de 1921 e que era o segundo volume da colecção<sup>290</sup> *Biblioteca de Educação Feminina*. O livro de Paulo Combes fora escrito porque “(...) as mulheres sentem a necessidade de, fora dos ensinamentos da religião e da educação espiritual da sua alma, dum guia seguro, dum conselheiro, tão elucidante como sincero, para as mil circunstâncias da vida prática de todos os dias(...)”(Combes, 1921. p. VIII). Estes quatro livros da mulher deveriam ter em vista “(...) diversas ordens de considerações referentes à mulher casada nos seus quatro aspectos de esposa, dona-de-

---

<sup>289</sup> COMBES, Paulo (1921) – *O Livro da dona-de-casa*. 3ª ed. Porto: Companhia Portugeza. 219 p. (Biblioteca de Educação Feminina; 2).

<sup>290</sup> O primeiro volume da colecção de que esse fazia parte era *O Livro da Esposa*, sendo o terceiro, *O Livro da Mãe* e o quarto, *O Livro da Educadora*.

casa, mãe e educadora(...)”(Combes, 1921. p.VIII). Aquele autor escrevera o livro para a dona-de-casa e orientava-a nos “(...) princípios dirigentes, grandes regras gerais que devem orientar a racional organização do lar doméstico não sob o ponto de vista material mas (...) sob o ponto de vista moral, intelectual, estético, educativo, etc...(...)” (Combes, 1921. p.12).

Tal como Maria Lúcia Vassalo Namorado vai fazer, o autor defende que , “(...) se a dona-de-casa não tiver método, ordem e organização racional há-de tornar-se-lhe impossível desempenhar correctamente os seus deveres(...)”(Combes, 1921. p.13) porque “(...) são tantas as funções (...) que a que tomar a peito cumpri-las todas não pode aspirar a ser mais do que sempre dona-de casa(...) uma tarefa ainda mais importante do que a que se depara a um chefe de Estado porque este tem o auxílio dos ministros(...)”(Combes, 1921. p.18). Também ela partilha da ideia de que, uma boa dona de casa e uma esposa não têm os mesmos deveres pois que “(...) a boa dona de casa é a boa organizadora do lar conjugal enquanto que a boa esposa é a boa dona-de-casa, zelosa pelos deveres que lhe competem(...)”(Combes, 1921. p.22).

Será desta obra que Maria Lúcia Vassalo Namorado irá reter a ideia e repetir à exaustão que a “(...) dona de casa deve ter sempre um fim em vista: procura da felicidade doméstica que é a base da organização racional do lar, do ponto de vista moral e material (...)”(Combes, 1921. p.27) e ainda que “(...) a fórmula única da dona de casa deve ser: como devo eu organizar e dispor tudo para dar felicidade aos que amo?(...)” (Combes, 1921. p.28). Tal como *O Livro da dona-de-casa*, também *A Mulher dona de casa* se dirige “(...) não à mulher mundana mas à senhora ou donzela, como no-las dá a educação moderna, cheia de lacunas(...) e tendo em vista tão defeituoso ponto de partida, o fim da obra é preencher essas lacunas de educação(...)”(Combes, 1921. p.198). Para colmatar os erros da educação feminina, expressão que também vai ser cara a Maria Lúcia Vassalo Namorado, Paulo Combes propõe que os ensinamentos se organizem de acordo com dois eixos fundamentais: a educação necessária *dentro de casa e fora de casa*. Como parte integrante do primeiro, era fundamental que toda a mulher tivesse:

*espírito de ordem* – uma qualidade basilar da dona de casa, que deveria ser racional, lógico, oposto ao espírito de minúcia porque este é maníaco e insensato, porque auxilia e facilita a robustez intelectual, é feito de previdência porque orienta felicidade presente e futura e é o mesmo que a tenaz energia é para a vida social (Combes, 1921. p. 33 a 36).



*método* – visto como a inteligência paciente que tudo consegue em tudo o que com a actividade se relaciona e de que fazem parte o hábito de levantar cedo, fazer balanços diários e não fazer mau uso do tempo dos outros. A primeira preocupação é pôr em ordem vida doméstica criando bons hábitos como refeições a horas, usar fato diferente em casa, usar chinelos(...) criar hábitos sem os impor despoticamente ou seja, por um natural efeito dos hábitos adquiridos (Combes, 1921. p.38 a 56).

*Dever de atracção* - Dever da dona-de-casa para que o lar seja irresistível centro de atracção para todos elementos da família, confortável, encantador, com espírito de ordem, harmonia, viver sem esforço (Combes, 1921. p. 61).

*Sentimento estético e Amor do belo* - Diferente de amor do luxo (...) porque há luxo de mau gosto como há simplicidade de bom gosto; mais eficaz é o bom gosto da simplicidade que educável. Será preferível ter paredes nuas do que encher de coisas banais e de mau gosto (Combes, 1921. p. 65).

*Bom ambiente* – Que agradável e estético dá, como reflexo social, a urbanidade (...) mas feio e desagradável dá como reflexo social a grosseria (Combes, 1921. p.67).

O fim principal a atingir com esta educação para *dentro de casa*, a maior “(...) preocupação da mãe de família /deveria ser/ constituir um ninhozinho(...)”(Combes, 1921. p.73).

Quanto ao outro eixo, o da educação para *fora de casa*, era fundamental ter em conta que este espaço não “(...) é lugar fechado. Há parentes, amigos, relações de civilidade, negócios, diversões, obras caritativas (...)”(Combes, 1921. p. 77) a que “(...)é preciso dar atenção mas sem prejudicar a intimidade familiar, espécie de santuário(...)” (Combes, 1921. p. 81). Neste círculo externo há dois tipos de relações: *as obrigatórias* – como as de família, parentesco /sob/especial vigilância (...) há que reatar laços quebrados, manter outras, limitar as relações dispensáveis (...)” – e *as facultativas*, sobre as quais se deve exercer rigorosa escolha: “(...)seleccionar as boas e úteis reprimir vigorosamente as que possam tornar-se nocivas e perigosas e dar especial atenção a escolha de amizades, suas, do marido e principalmente dos filhos. /Aconselha-se/nada de intimidades com vizinhos (p. 88) e a definir o grau de intimidade e cordialidade das relações (Combes, 1921. p.78 a 88).

Finalmente, há todo um conjunto de deveres que são apontados à dona de casa que se podem resumir a três essenciais: o dever de exteriorização da simpatia, de se dedicar a obras de caridade, primeiro com parentes necessitados, depois com vizinhos, depois com infelizes que vivem longe tendo em conta que o “(...) socorrido não é

humilhado porque a caridade é dever religioso e, finalmente, o terceiro dever é o de “(...)organizar a educação dos seus filhos aprendendo tudo o que lhes seja útil, orientados para a maneira de viver com nobreza, actividade, energia e felicidade(...)” (Combes, 1921. p.110 a 117).

Numa tentativa de sistematização destes conteúdos poderemos afirmar que Paulo Combes conclui que a “(...) educação devendo ser uma função exclusivamente familiar cada vez mais é uma função do Estado(...) deve ficar com o ensino livresco e a família com o ensino prático mas os pais foram-se desinteressando da educação dos filhos(...)” (Combes, 1921. p.116)

que “(...) a dona de casa não pode esquecer que escola ou pensionato não podem educar os filhos(...) dá os rudimentos de leitura, escrita, cálculo, história, geografia, moral governamental e virtudes e deveres cívicos(...) nada do que é preciso para viver com inteligência, energia, honradez, se escolher uma profissão para se fundar um lar, para se ser feliz(...) Os governantes vendo no ensino um meio de dominar, lembraram-se de fazer dele um monopólio em benefício deles(...)”(Combes, 1921. p.117) e que se a “(...) escola é um lugar de passagem (...) a família é o nosso abrigo permanente(...)”(Combes, 1921. p.122). Tal como Maria Lúcia Vassalo Namorado, defende-se que se mande as crianças para “(...) frequentar um externato nas horas de aulas, o tempo rigorosamente preciso para receberem o ensino voltando para casa onde estudariam as lições (...) assim subtraídos aos efeitos da promiscuidade escolar(...) se não for possível, mandar às aulas comuns vindo às refeições domésticas, acompanhando-os ou mandando-os acompanhar, nas idas e vindas(...) escolher colégio perfeito e seguro e dona de casa vigiar o ensino exterior com rigorosa disciplina moral – cadernos, livros, repetir ensinamentos orais, reformando noções perigosas para espírito de seus filhos(...)fortificar contra os erros escolares, ministrando sólido ensino religioso(...)”(Combes, 1921. p.121).

Estes ensinamentos que Maria Lúcia Vassalo Namorado recebe da leitura desta obra vão ser utilizados de três maneiras: uma delas, no seu quotidiano uma vez que ela os vai defender e usar, *na prática*<sup>291</sup>; uma outra, na utilização que deles vai fazer como conteúdo que divulga em *A Mulher dona de casa* e uma terceira, nos artigos que escreve

---

<sup>291</sup> O apoio insistente à sua própria família, quer a Maria Lamas, a Maria Teresa Carrusca – prima a quem incentiva a fazer o curso de enfermagem - à filha do primo que a ajudara a criar a sua revista e ainda aos meios irmãos e muitos outros como Maria Iolanda Maia Bustorff fundamentam esta afirmação. Cf. Textos das entrevistas realizadas no âmbito deste trabalho.

em *Os Nossos Filhos* e nos quais usa, frequentemente, muitos dos conhecimentos que dela retira.

*A Mulher dona de casa*, um dos livros que Maria Lúcia Vassalo Namorado considerou fundamentais na educação da mulher para as difíceis tarefas domésticas, foi publicado em 1943 e, no ano seguinte, tinha atingido já o 5º milhar<sup>292</sup>. Com a publicação deste livro ela iniciará um percurso nem sempre feito de boas relações com as editoras dos seus textos, como veremos, sobretudo depois dos anos 70 do século passado. Da leitura da correspondência guardada no *Espólio*, trocada entre a autora e a Editora – *Estúdios Cor*, num total de sete cartas (Cf. Caixa 71. Maço 6), concluímos que Maria Lúcia Vassalo Namorado deu autorização para proceder à segunda edição da obra (Carta de 18 de Set. 1943) mas João de Almeida Júnior, o gerente da casa, nem sempre as terá respeitado. Entre elas contava-se o não pagamento de todos os direitos devidos pela primeira edição que ela não conseguiu receber, nem mesmo depois de enviar várias cartas dirigidas ao referido gerente, a *Lília da Fonseca* e a Gustavo Alves, chegando a considerar-se “(...) incompetente para resolver o assunto (...) e mal tratada e desrespeitada e nunca me julguei a ter de pedir (...) como favor ou esmola (...) aquilo que me devem. (...) Entrego o assunto ao meu advogado (...)” (Carta de 7 de Set. 1943. Caixa 71. Maço 6). Dois meses depois chega a ameaçar também que não sabe se a segunda edição virá a ser feita por essa mesma Editora (Carta de 20 de Nov. 1943. Caixa 71. Maço 6).

Noutras cartas percebe-se que chegará a acordo sobre a forma de publicar a referida 2ª edição quando diz que “(...) recebi as 3 letras de dois mil escudos cada para pagamento dos meus direitos de autor sobre a 2ª edição (...)” (Carta s. d. Caixa 71. Maço 6) e que está satisfeita com essa situação.

Junto destas, estão também algumas das respostas enviadas pelo gerente João de Almeida Júnior<sup>293</sup>, em que são aceites as condições de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Em resposta à carta em que ela ameaça recorrer ao advogado, o gerente dirá: “(...) não sei onde está a falta de cortesia em marcar um pagamento para data um pouco mais afastada do que era o nosso desejo (...) é livre de pôr o advogado na contenda embora

---

<sup>292</sup> O exemplar que consultámos não tem data mas, nas últimas páginas de *Joaninha quer casar*, livro que Maria Lúcia Vassalo Namorado publica em 1944, tem o seguinte texto sobre *A Mulher dona de casa*: “(...) É um livro indispensável a todas as meninas que desejem aprender a governar a casa, e auxiliar precioso de todas as senhoras(...)vai já no seu 5º milhar, prova evidente do agrado com que foi recebido; Para darmos uma ideia do valor desta obra, enumeramos a seguir os seus capítulos (...): *A mulher no lar, como se trabalha e receituário doméstico*. Custa apenas 12\$50 (...)” (Espólio).

<sup>293</sup> Cf. Caixa 71. Maço 6, datadas de, respectivamente, 7 de Setembro, 15 e 20 de Novembro de 1943.

não veja razões para tal (...) (...) espero que nunca tenha falta de papel na revista, nem que tenha atrasos nas cobranças e que não tenha de adiar ou demorar os pagamentos(...)” (Carta de 7 de Set. de 1943. Caixa 71. Maço 6).

Veremos adiante que, nem ele nem Maria Lúcia Vassalo Namorado sabiam, então, como era premonitória aquela afirmação...

*A Mulher dona de casa*, livro de Maria Lúcia Vassalo Namorado, com desenho da capa de Maria da Luz (de Deus Ponces de Carvalho), e desenhos do interior de Mário dos Remédios, é o segundo volume da *Biblioteca Prática do lar*, das Edições Universo<sup>294</sup>, onde também saíram, entre outras, os seguintes livros de outras mulheres, todas amigas ou colaboradoras de *Os Nossos Filhos*:

O Corte sem mestre	Lília da Fonseca
A Saúde pela Educação Física	Dra. Deolinda Martins
A Mulher educadora	Emília de Sousa Costa
O Nosso lar	Arquitecta Maria José Estanco
O Breviário das Mães	Dra. Maria Teresa Paula Rego
Enfermagem e medicina doméstica	Maria Palmira Tito de Moraes, enfermeira pela Universidade de Toronto

Esta colecção *Biblioteca Prática do Lar* pretendia ser uma “(...) série que em princípio se compõe de 12 volumes (...) pretendendo englobar nesta biblioteca todos os assuntos que interessam à mulher, desde as actividades do lar até à sua educação moral e cultura física(...) (Martins, s.d. p. 8). Na apresentação do *Catálogo das Publicações Universo* (1944) tem um pequeno texto para cada um dos livros<sup>295</sup> nele anunciados. Sobre *A Mulher dona de casa* refere ser “(...) Um livro excepcional interesse para todas as donas de casa como se pode avaliar pelo sumário /que reproduz/ um volume de 250 páginas, ilustrado com numerosas gravuras fora do texto(...)”.

Dos títulos e da leitura do conteúdo dos livros publicados e dos objectivos que a Editora pretendia alcançar com as referidas obras podemos concluir que todas as autoras, mesmo as mais militantes da melhoria da condição feminina se identificavam,

---

<sup>294</sup> Nele também se faz publicidade a *Vale dos Encantos*, de Maria Lamas, com ilustrações de Roberto de Araújo, que ela dedicara à neta Maria Leonor, em 1942. (Por lapso, o texto *Maria Lamas: Curta Biografia* que acompanhou a Exposição *Maria Lamas: uma mulher do nosso tempo*, de 8 a 19 de Março de 2005, no Museu República e Resistência, em Lisboa, apresenta esta livro como *Vale dos Caídos*).

<sup>295</sup> *O Vale dos Encantos* de Maria Lamas, *O Corte sem mestre* de Lília da Fonseca, *O Secretário particular* de Fernanda de Matos e Silva, *África de sangue, do oiro e da morte*, e *O Grito da Selva* de Norberto Gonzaga, *O Tontinho da esquina* por Etelvina Lopes de Almeida e *A Saúde pela Educação Física* de Dra. Deolinda Martins.

no que dizia respeito aos conteúdos dessa educação feminina para o lar e elas não põem em causa a posição que a mulher ocupa no quotidiano, sobretudo a mulher casada.

Anos mais tarde será publicado um outro livro sobre a educação da mulher para o lar, intitulado *Economia doméstica*, /scanner/ pelo *Secretariado Nacional da Informação*, na colecção *Cadernos do Povo*, anónimo, mas que sabemos ser da autoria de Manuel Maria Calvet de Magalhães pois que, na contracapa, se refere um conjunto de obras que sabemos serem da autoria daquele professor do ensino técnico.

Este livro indica que foi consultada, entre outras<sup>296</sup>, a obra de Maria Lúcia Vassalo Namorado e muitas das recomendações de M M Calvet de Magalhães são retiradas, sem citação, daquela obra. Muitos anos mais tarde, dela dirá Maria Lúcia Vassalo Namorado: “(...) O SNI copia a capa do meu livro *A mulher Dona de Casa*. Esta editora, as Edições Universo, procurou-me para eu escrever sobre isto. Este livro foi um sucesso, em 3 meses esgotou-se a 1ª edição, fizeram logo a seguir a 2ª e a 3ª e acabou. É de 1943. Eles tinham um plano e publicaram vários livros, e para tratar este assunto pediram-me que escrevesse e depois o SNI, em 1946, publicou uma coisinha mais pequena, já não me lembra quem é o autor do texto, mas a capa, com outro aspecto, é esta mulher; Esta capa é de um grande desenhador, é o marido da Maria José Estanco<sup>297</sup> (...)” (Borges. 2003. p. 213).

Que conhecimentos deveria então possuir uma mulher para poder ser considerada uma boa dona de casa? Como deveria ser ensinada a sê-lo? Como era formado esse ‘currículo’ de educação feminina? Como tem sido usada esta obra, na actualidade, pelas(os) investigadoras(es) que pesquisam as raízes do feminismo em Portugal?

Em primeiro lugar apresentemos, de forma ordenada, os conteúdos mais importantes para a educação feminina veiculados em *A Mulher dona de casa* e vejamos como eles são, em muitas áreas, uma reflexão aprofundada e actualizada da obra de Paulo Combes. As maiores preocupações de Maria Lúcia Vassalo Namorado prendem-se com a delimitação do universo caseiro, ou seja, do que se entende por *a nossa casa*, deveres da dona de casa, qualidades que deve desenvolver, assim como as etapas que

---

<sup>296</sup> A Bibliografia utilizada foi: *Problemas da vida rural*, por Quartim Graça; *Jardinagem*, por Joaquim Rodrigo; *O livro da esposa*, *O livro da dona de casa*, *O problema da felicidade*, por Paulo Combes; *A mulher dona de casa*, por Maria Lúcia; *Como se deve governar a casa*, por Virgínia Castro e Almeida; *Higiene rural*, por Ferreira de Mira; *A higiene, a criança e o conforto do lar*, por Custódia do Vale; *A pequena horta familiar*, por Dias Antunes; *Higiene prática*, *A Digestão*, *Regime alimentar*, *Culinária higiénica*, *Manual de Medicina doméstica*, por Samuel Maia; Colecção *A Defesa da vida*, vols. I, II e III; e *As vitaminas*, por Mário Monteiro Pereira.

<sup>297</sup> O desenhador em causa é o pintor Raimundo Machado da Luz; ela era professora no Liceu Filipa de Lencastre e foi a primeira arquitecta portuguesa (Guimarães. 2002. p. 76).

podem ser identificadas nesse processo de aperfeiçoamento feminino e as características identificadoras da boas donas de casa.

As fronteiras entre o *fora* e *dentro*, dois mundos quase opostos, sendo o primeiro mais dado aos homens e o segundo exclusivo das mulheres leva-as a considerar que “(...)a nossa casa é o nosso mundo. Dentro das quatro paredes passamos a maior parte da vida. Por isso ela merece todos os cuidados (...) quando a casa é própria o amor é maior (...) quando não pertence (...) fazemos esforço por nos mantermos longo tempo nela(...)” (p. 17) “(...) é o local onde se trabalha(...) a escola das crianças(...)” (p. 18). Ela deve ser sinónimo de “(...) conforto que não significa luxo e de bom gosto, ou seja, o equilíbrio e o encanto que nos conquista numa casa(...) e que na maior parte das vezes é um dom natural mas também é uma ciência que se adquire(...)” (p. 24).

Para atingir um grau de rigor e qualidade apreciáveis há que despertar na mulher um conjunto de qualidades que passam pelo “(...) Bom gosto deve a dona de casa possuí-lo e apurá-lo(...) ter bom gosto é saber escolher os móveis, em saber dispô-los, dosear as coisas necessárias e bonitas, fazer desaparecer as feias e inúteis(...) não tem a ver com riqueza(...) deve ser discreto e simples (...) detesta o arrebicado (...) não se pode levar a bem que se exponham objectos nos estojos como se estivessem na montra à espera de comprador(...)”(p. 25). Esse bom gosto pode ser aprofundado dando “(...)à nossa casa o carácter regional e, sobretudo, português, é mais do que prova de bom gosto, é inteligente compreensão do nosso dever de mulheres portuguesas(...)” (p. 29).

Dessas qualidades que a mulher deve ter fazem parte o conhecimento das mais elementares noções de higiene vistas como “(...)um factor de optimismo e de felicidade(...) cria saúde física e espiritual (...) /a primeira/ é a mãe do optimismo, duplica coragem e desperta sentimentos alegres(...) a anti-higiene /provoca/ tristeza, inércia e sentimentos negativos (...)” (p. 32), assim como a defesa de *hábitos higiénicos*. Mas, o que são “(...) *hábitos higiénicos*(...)”? São os que “(...) contribuem para a nossa saúde física e espiritual(...)”, ou seja, “(...) vida regrada, activa mas metódica, boa combinação entre horas de trabalho e repouso, comer a horas certas e mastigar bem, ter alimentação simples, sadia, racional, equilibrada em qualidade e quantidade, deitar e levantar cedo, respirar bem, dormir de janelas abertas, usar roupa e calçados leves, tomar banho com frequência, cuidar da pele, cabelos, ouvidos, olhos, dentes, unhas, todas as manhãs alguns exercícios de ginástica, praticar desporto compatível com o sexo, saúde e idade, quanto mais não seja passeios a pé(...)” (p. 33).

Esta higiene da casa e da vida deve ser completada com a chamada “higiene interior” ou seja, “(...)mental e moral /que/ serve para disciplinar o cérebro e o coração(...) /para sermos/ alegres e optimistas, confiantes no futuro e em nós próprios, desejamos ser úteis e perfeitos, cultivemos a bondade, regozijemo-nos pelo triunfo da justiça e do bem, aceitar corajosamente a adversidade, expulsar o mau humor, a impaciência, o ciúme, a vaidade e a inveja(...)” (p. 34). No que diz respeito às qualidades da mulher que mais se apreciam numa dona de casa, tal como o fizera Paulo Combes, a mais importante é *o método*, o “(...) encadeamento de serviços diferentes, de forma a que todos se executem sem atropelos e no devido tempo(...), é grande auxiliar dos que trabalham (...) e disciplina que contribui para o aperfeiçoamento individual.(...) para ser metódica é necessário distinguir os trabalhos uns dos outros, ver que ligações têm entre si, calcular o tempo que cada um leva a executar, saber os que têm de ser feitos sem demora e executar um de cada vez(...)” (p. 44-45). Outra qualidade é a capacidade de dar o exemplo às criadas “(...) simplificar-lhes o trabalho sempre que possível, permitindo que elas o realizem da maneira mais rendosa e menos fatigante(...)” (p. 45), elaborando um horário<sup>298</sup> para cada um dos elementos da casa.

Duas outras qualidades fundamentais se destacam ainda: a ordem e a economia. A primeira exige “(...) um lugar para dada coisa e cada coisa no seu lugar(...), é irmã do asseio e do método: acompanha-os, ajuda, completa no que se vê e no que se não vê. Simplifica, atrai, economiza(...) A falta de ordem complica, destrói, fatiga, enerva, repele (...) exerce influência no nosso espírito (...)” (p. 51-53). A segunda, ou seja, a economia, é fundamental: a dona de casa tem de equilibrar a receita com a despesa.

A última qualidade que seleccionamos é da protecção que a dona de casa deve dar aos seus. A preocupação de preservar o lar de intrusos é uma constante. Não se deve “(...) receber na nossa intimidade pessoas que não conheçamos.(...)(p. 81). Do ponto de vista teórico, Maria Lúcia Vassalo Namorado ensina as leitoras que as visitas se dividem em quatro grupos: “(...) as de amizade, obrigatórias(por respeito e gratidão), de interesse (podem trazer benefícios) e de bondade (aos velhos infelizes, inválidos, tímidos...)(...)”(p. 83), como vimos fazer a Paulo Combes, se bem que de forma menos ordenada. Tal como naquele autor, a obra também reflecte sobre um dos problemas da dona de casa: o das relações a estabelecer com os vizinhos. É tarefa que compete à dona de casa estabelecer “(...) para uso próprio e principalmente das crianças e criadas as

---

<sup>298</sup> O livro apresenta o horário ideal para a senhora e para a criada, com as respectivas ocupações diárias, mensais...O horário da criada vai das 8.15 da manhã às 22 h (cf. p. 48 da obra citada).

regras: “(...) cumprimentam-se todos os vizinhos, com delicadeza, se se encontram; não se conversa nem se estabelece intimidade com eles(...) desculpam-se pequenos incômodos que possam causar mas evita-se, o mais possível, incomodá-los(...)é a melhor forma de viver em paz com os vizinhos(...)” (p. 84).

Esta obra, de acordo com o resumo final “(...) pelo alto sentido moralizador e construtivo que a autora lhe imprimiu, constitui a melhor escola de donas de casa(...)”. Aqui temos uma ideia que foi orientando Maria Lúcia Vassalo Namorado. Ela irá concretizar a intenção de educar e ensinar as mulheres a serem donas de casa com a criação de uma *Escola de Noivas e Donas de Casa*, nos anos 50, a que nos referimos neste trabalho. Nesta data em que publica o livro, ela apenas aprecia alguns cursos já existentes, dizendo que “ (...)apesar dos cursos do ensino doméstico que já funcionam na nossa terra, a educação da mulher dona de casa, mãe de família, é problema que ainda não se resolveu. Há muito que insistimos na necessidade de se organizarem cursos especiais, independentes de quaisquer outros, e obrigatórios para todas as raparigas de todas as classes sociais. Esses cursos, que ensinariam, teórica e praticamente, tudo o que as mães e donas de casa devem saber, desde a culinária e a costura à economia doméstica, desde a puericultura e enfermagem à educação infantil, à psicologia e à moral – funcionariam em todas as cidades, vilas e aldeias; estariam divididos em dois ou três graus de desenvolvimento, correspondentes ao meio social e à capacidade das alunas a que se destinassem; e forneceria um diploma sem o qual nenhuma rapariga poderia casar. Não faltaria quem risse de tal diploma. Mas que, como nós, se tem debruçado apaixonadamente sobre o assunto, sabe que ele evitaria muitas misérias de toda a casta, e conservaria de pé muitos lares que se desfazem. Porque – parece que ninguém dá por isso!- governar casa, criar e educar filhos, são coisas muito importantes de consequências vastíssimas e sérias. Esse diploma garantiria, também, a muitas, o pão de cada dia pois seria o melhor atestado de competência para criadas, governantes, preceptoras, vigilantes de colégios, etc. (...). Ainda hoje se julga vulgarmente que só a mulher pobre e inculta deve dedicar-se a trabalhos domésticos, e que, mesmo o governo da casa, é fardo pesado que convém alijar à medida que se sobe na escada social. Conceito falso e perigosíssimo! É verdade que a mulher pobre precisa mais que qualquer outra de conhecer esses assuntos, porque tem de resolvê-los pessoalmente e, quase sempre, sozinha. Mas, a remediada e a rica também precisa e deve conhecê-los: eles fazem parte da vida de toda a gente e, mais ainda, podem orientá-la no sentido da felicidade e da desgraça (...). Nós temos a preocupação da *aparência* e da *importância*.



Preocupa-nos mais aquilo que parecemos do que o que somos realmente, e parece-nos indispensável alardear uma educação brilhante, com hábitos e gostos requintados, e desprezo pelo que se nos afigura insignificante. Essa preocupação rouba-nos a consciência do que somos e do que devemos ser. Não nos dignamos descer à cozinha porque supomos que isso basta para nos dar categoria de grandes senhoras(...)” (p. 7-8). Como se tornar uma verdadeira dona de casa e que características ela deve ter ? Nada mais simples mas, exigindo persistência, a dona de casa deve “(...) aprender todos os trabalhos, pelo menos os mais correntes(...) aprende a cozinhar, a coser e engomar, a arrumar os quartos, etc.(...) pôr a mesa com arte, dar aos objectos uma disposição graciosa, do velho fazer novo(...) é título de honra para qualquer rapariga(...) /porque/ governar é saber fazer (...) porque todas as coisas têm os seus segredos, a sua ciência e só quem os conhece bem, está apto a dar ordens sobre elas(...)”(p. 12-13).

Podemos afirmar que Maria Lúcia Vassalo Namorado defende aqui a concepção aristotélica de saber quando opõe a *techné* ao conceito de *ciência*, ou seja, considerando que ser dona de casa é uma arte porque implica esse mesmo *saber fazer*. A “(...) dona de casa é o centro do pequeno mundo que gira à sua volta. Dela dependem o equilíbrio e a sorte desse pequeno mundo. (...) e fazer a felicidade dos que a rodeiam(...) para alcançar e manter a felicidade(...)” (p. 13). A mulher “anjo do lar” é apreciada pela autora porque “(...) traduz muito bem a posição moral e o papel tutelar da mãe de família. Das virtudes, da sensibilidade, do tacto, do poder orientador, dos sacrifícios e renúncias da mulher depende, não há dúvida, a felicidade doméstica(...)” (p. 13). A dona de casa deve ser “(...)calma, paciente e doce(...) e com alegria de viver(...) compreensão, harmonia, alegria sem espalhafato, serena, feita de bom humor e optimismo, que a dona de casa procura obter aplanando dificuldades, desfazendo mal entendidos, desculpando, aconselhando, afastando do seu pequeno mundo todas as coisinhas mesquinhas que nada valem mas envenenam o dia-a-dia e acabam por destruir a felicidade(...)sempre com o mesmo temperamento, serena quando todos barafustam(...) paciência nos pequenos dissabores, paciência nos grandes desgostos, paciência, paciência, sempre paciência, eis um dos grandes segredos no triunfo da vida. Sem paciência nada se faz, com ela muito se consegue(...) Deve ser delicada, atenciosa e gentil(...)” (p. 96).

Maria Lúcia Vassalo Namorado, como mulher de imenso gosto pelo rigor que punha em tudo que fazia, pode ser vista como um exemplo prático destas considerações. A articulação e coerência entre o que pensa e o que faz é um dado ao longo de toda a sua vida. Fora educada sob rigorosos princípios mais morais do que religiosos,

frequentara uma escola feminina que também se pautava por uma grande preocupação com a educação das raparigas – quer intelectual quer para as suas actividades domésticas – e fará, na sua vida de intervenção na educação das mulheres, tudo o que pode para as ensinar a ocupar melhor o lugar que a sociedade lhes destina. O respeito pelos mais elementares princípios da ordem e da concisão que defende nas mulheres vai ter nela a mais importante das aliadas e das praticantes. Veja-se, a título de exemplo, quando em 1937, antes mesmo de ter escrito *A Mulher dona de casa*, elabora uma *Relação das roupas e objectos que vão para a Figueira*<sup>299</sup> Verão 1937 (Caixa 83. Maço 4)/scanner/ que aqui apresentamos:

Quadro n.º13. Relação das roupas e objectos que vão para a Figueira:

Roupas de casa	Lençóis- 9 Cobertores- 6 Colchas- 3 Travesseiros- 6 Almofadas- 10+2 Toalhas de mãos- 6 Lençóis de banho- 3 Toalhas de mesa- 3 Guardanapos grandes- 18 Guardanapos pequenos- 3 Guardanapos de criança – 4 Naperons de cor – 5 naperons redondos- 4 naperons quadrados – 4 naperons compridos – 1 toalhas de cozinha – 3 panos de loiça- 3 panos de pó- 2-1 rodilhos – 6 pegas – 3 aventais – 1 sacos – 6+1 panos de passar a ferro - 1
Roupas de homem	Camisas- 6 camisolas – 2+1 cuecas- 4 pijamas- 2 colares – 6 lenços – 6 calças coletes casacos peúgas – 6 pares gravatas- 6 cache-cols- 2
Roupa de senhora	Camisas de dia – 2 de noite – 3 coletes- 3 combinações – 3 calças – 3 lenços – 12 panos- 12 saias, blusas, casacos e vestidos meias – 1 par roupões- 1 sombrinha -1
Roupa de criança	Camisas- 4 macacos- 8 calções- 6+ 1 blusas – 6+1+1 casacos- 1 de noite- 2 pijamas – 1 peúgas – 4 pares coletes – 4 boinas - 2
Objectos de toilette	Escova do fato
Utensílios de casa	Talheres- 6 colher de chá – 5 café – 1 facas de cozinha- 1 máquina de carne – 1 latas alumínio – 2 abano- 1 saca rolas- 1 abre-latas- 1 frigideira- 1 garrafas- 2 travessa de esmalte- 1 púcaros- 2
Outros objectos	Cruzetas -4

Mais tarde, já com muita dificuldade em ver, este rigor continua, seja na ordenação dos documentos do seu *Espólio* seja na organização da sua vida doméstica<sup>300</sup>.

<sup>299</sup> Assina *Maria Lúcia*, em caderno feito por ela, 10x15 cm, com 16 p.

<sup>300</sup> Estes dados são corroborados por Maria Teresa Sousa Carrusca. Maria do Carmo Rodrigues, Leonoreta Leitão, Maria Isabel Pereira, Maria Helena Rosa Torres Peres de Seixas e muitas outras entrevistadas confirmam este rigor sobretudo no que diz respeito ao aspecto profissional. Na vida privada, também o filho mais novo, Rui Rosa, refere que a mãe era de uma grande exigência para os outros mas, mais ainda para si própria. Cf. ainda Entrevistas com Maria Cândida Caeiro, filha de Maria Lamas com quem trabalha, diariamente, duas horas e com Anabela Cerqueira Moreira, última empregada, que a vê ficar impaciente se *a cenoura é cortada às rodela*s quando a receita refere que *deve ser cortada às tira*s.

Vejam agora algumas das apreciações de que esta obra tem sido alvo mais recentemente. O livro foi considerado uma obra “(...) com borribo do espírito higienista(...) presente no discurso das elites(...)”(Brasão, 1999. p.167), foi também apreciada por Alice Guimarães (2002) e ainda por Maria João Martins (1994). Esta última, ao fazer a biografia de Manuela Porto (p. 76-78) cita uma pequena frase<sup>301</sup> retirada de *A Mulher dona de casa* e pretende, com ela, mostrar como o ambiente da época, dos anos 40, era asfixiante.

Discordamos desta visão da obra *A Mulher dona de casa*. Se a olharmos a partir da actualidade verificamos que, embora esta afirmação não seja fácil de aceitar, ele é ainda bem contemporâneo, como espelho do que, sobre o papel da mulher, mesmo da que trabalha, se espera que ela faça e saiba fazer. Embora um (felizmente cada vez maior número) de mulheres assuma as tarefas profissionais em pleno, muitas outras não podem agir assim pois que, mais do que parecem, muitos são os constrangimentos que se lhes deparam. Cremos que, *vista à luz dos anos 40, integrada no ambiente* em que foi escrita, ela é reveladora daquilo que pensavam, sobre o que deveriam ser os conhecimentos de uma dona de casa, tanto as senhoras mais tradicionais como as que hoje são vistas como *lutadoras* (Martins, 1994).

Para corroborar esta nossa afirmação socorremo-nos de algumas das cartas que, sobre ela, encontramos no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*, vindas quer de senhoras mais conservadoras, do ponto de vista social e político, quer de outras que sabemos, já naquele tempo, em franca e aberta oposição ao regime vigente.

Como exemplo do primeiro caso, transcrevemos a apreciação que, sob o título *Um livro útil*, foi feita por Maria Simões Anjos, que em carta de 22 de Maio de 1944 envia à autora um recorte do jornal *Novidades* onde a recensão havia saído: “(...)Acabo de ler *A Mulher dona de casa*, de Maria Lúcia, oferecido pela autora: todas as donas de casa, pobres e ricas, terão mais ordem, tranquilidade e mais felicidade nos seus lares seguindo os conselhos(...)obra preciosa para boa orientação das jovens donas de casa, mulheres terão mais prazer em estar em casa, homens menos vontade de sair dela(...)”. A crítica discorre depois sobre as vantagens de equilíbrio entre o que é novo e tradição e continua a sua apreciação: “(...) na organização do lar e na ordem e arranjo da casa, deve-se atender primeiro ao que nos traz mais aperfeiçoamento moral, que nos poupa tempo e

---

<sup>301</sup> A frase em causa é: “Nas suas páginas, escreviam-se frases tão significativas como estas: «Aprende a cozinhar, a coser e engomar, a arrumar os quartos, etc. O trabalho da casa é tão variado e divertido! Quem não gosta de fazer aqueles bolos e pitéus que é duma pessoa chorar por mais?»

dinheiro e não trabalho- pois sem trabalho nada se faz "que jeito tenha"- desconfiemos de tudo que seja apenas ditado pela moda(...)embora vise apenas o lado prático e material nos seus conselhos às donas de casa merece bem lugar na biblioteca das "mães de família". Nesta mesma página Maria Simões Anjos transcrevera o capítulo sobre o "bom gosto" que dará às nossa leitoras o desejo de adquirir "A Mulher dona de casa"(...)" (Caixa 26. Maço 1). No mesmo sentido deve ser vista a carta de Maria Isabel, do *Ninho dos Pequenitos*, de Coimbra em que se diz deste livro: "(...)agradeço já tardiamente a sua carta e livros que tão amavelmente me enviou com palavras amigas(...) a *Mulher dona de Casa* vai ser-nos muito útil e prático para a *Escola de Ensino Doméstico* (...) inteligentemente elaborado por quem tem conhecimentos profundos e experiência dos deveres duma verdadeira dona de casa e pode adaptar-se a todos meios pela simplicidade da sua exposição e doutrina, das suas gravuras que demonstram o bom gosto e carinho da autora (...) felicito-a pelo trabalho de tanto proveito para as nossas raparigas que infelizmente não podem colher no meio familiar de hoje as lições do exemplo que deviam receber(...)"(Caixa 35. Maço 2). Também sobre ele se debruça Maria da Luz de Deus (Ramos Ponces de Carvalho), a autora da capa do livro, também ela do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, quando agradece a "(...) gentil duma oferta que me foi muito grata: *A Mulher dona de casa*(...)li-o com verdadeiro agrado. É um livro que interessa a todas as mulheres; um livro que devia andar muito em mãos femininas; um livro que devia ter o seu lugar de honra na salinha íntima e aquele aspecto cansado e usado, dos livros que se abrem, e se consultam muito...encara o problema com tanto equilíbrio, tanto senso, tanta inteligência!... No fim de lermos o seu livro fica-nos um leve sentimento de pena - porque só ambicionamos sempre muito para nós próprias!- de não ser nosso o nome que assina essa bela obra. Belo, sim...é preciso ter os olhos experimentados para notar a beleza das coisas pequeninas, a beleza das coisas triviais, mas, frase que eu ouço muitas vezes a meu Pai, como a suprema Beleza é o supremo Bem, será belo tudo o que for são e contribuir para melhorar e elevar a vida. È por isso que é em nome da Mulher que o seu livro deve ser agradecido. Como mulher interessa-me vivamente o problema feminino. Ainda não tentei interferir muito nele porque me assusta a grandiosidade da empresa. Troquei impressões com (...) Sarah Beirão, no *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, escrevi uns artigos para o órgão dessa associação mas... tem-me intimidado a luta aberta em que teria de entrar. Não me julgo suficientemente forte para entrar na liça, no entanto, não desisti ainda de fazer qualquer coisa nesse sentido.

Pertenço ao número dos que crêem que o papel da Mulher no lar, é importantíssimo para o equilíbrio da sociedade. Não como antigamente, figura decorativa, apenas guiada por intuição e instintos mas consciente da nobreza da sua missão, preparada para ela com coração e espírito. O livro da Sra. D. Maria Lúcia concorrendo para isso é um livro - bem-vindo!! (...)” (Carta enviada de Canas de Sabugosa, Beira Alta. Caixa 42. Maço 1).

Finalmente, uma outra senhora do mesmo *Conselho...*, Maria da Luz Albuquerque, aproveita uma carta que escreve a Maria Lúcia Vassalo Namorado, sobre outro assunto, para lhe dizer que :“(...) vejo na revista um anúncio que vou aproveitar(...): a oferta de um livro a uma amiguinha que pensa em casar/com a esperança de/ que a ensine a ser boa dona de casa(...)” (Carta de 7 Jan. 1948. Caixa 21. Maço 2).

No jornal *Vida Ribatejana*, de 12 de Abril de 1944 sai outra crítica, esta de Ernestina Henriques: “(...)Maria Lúcia, espírito culto, requintadamente feminino(...) numa hora feliz de inspiração, escreveu um livro utilíssimo às donas de casa. Escrito numa linguagem simples e despretensiosa quanto cuidada e elegante, Maria Lúcia pode orgulhar-se de que as raparigas de hoje, mães e donas de casa de amanhã, lhe ficarão gratas pelas ideias e conselhos que lhes oferece, num gesto gentil de orientadora e amiga. Agradecer-lhe-ão umas o despertar do gosto pelo lar que julgavam adormecido ou incompreendido- mais incompreendido do que adormecido- e quantas a ele recorrerão para encontrarem a coragem que muitas vezes lhes faltará para a resolução de problemas que nunca se lhes tinham deparado. Encantadora de oportunidade, de compreensão e até de ternura, a Carta à leitora que abre o livro e servirá de conforto às noivas menos relacionadas com a vida do lar(...)” (Caixa 71. Maço 2).

Elina Guimarães (Palma Carlos) sublinha o que outras leitoras da obra já disseram: “(...)Permita-me que embora tardiamente a felicite (...) pela *Mulher dona de casa* que muita vez consulto(...)” (Carta enviada da Praia de Santa Cruz. Caixa 41. Maço 3), o mesmo fazendo Maria da Soledade (Silva), do *Eco do Funchal*, referindo que:“(...) fiquei cheia de "inveja" por ter oferecido um livro a Maria Mendonça e confessar-lhe que já fiz uma ou duas extracções de *A Mulher dona de Casa*, que não é propriedade minha mas da dona da pensão onde me encontro(...)” (Caixa 59. Maço 1).

Pedidos do livro para a autora são feitos, sobretudo através de postal dos correios, por Maria Isabel César Anjo (Carta enviada de Santa Comba Dão. Caixa 62. Maço 2), por Maria Eduarda Cunhal (Carta de 2 Jul. 1947. Caixa 16 Maço 1) e por muitas e muitas

outras senhoras, casadas ou não, como se confirma pela consulta do *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*.

Esta obra, como já referimos, faz parte da colecção *Biblioteca Prática do Lar* que cremos ter sido dirigida por *Lília da Fonseca* pois que é dela a primeira obra publicada – *O Corte sem mestre* – e é esta feminista que envia a Maria Lúcia Vassalo Namorado as condições oferecidas pela *Editorial* às autoras que publica (Carta de 15 de Maio de 1953. Caixa 71. Maço 6). Ao olharmos para as obras dadas à estampa em tal colecção verificamos que, se exceptuarmos a da médica Maria Teresa Paula Rego, todas as autoras são na sua maioria escritoras preocupadas com a educação da mulher, mais ou menos empenhadas política e socialmente nas causas femininas.

No *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* encontram-se ainda mais de cento e vinte cartas cujo conteúdo, directa ou indirectamente, se prende com o livro *A Mulher dona de casa*. Esta obra também vai ser, por diversas vezes, anunciada em *Os Nossos Filhos*, dela vão ser retirados muitos ensinamentos também ali publicados e vai ser considerada manual de apoio<sup>302</sup> ao Curso de *Economia Doméstica* que, como veremos, é organizado pela directora de *Os Nossos Filhos* e tem Adriana Rodrigues<sup>303</sup> como uma das professoras.

*A Mulher dona de casa* é anunciada, durante vários anos, na revista de Maria Lúcia Vassalo Namorado. A primeira notícia sobre este livro, na forma de anúncio, no meio de uma página sobre malhas e bordados é publicada um ano depois da primeira referência a *Negro e cor de rosa*, ou seja, no mês de Junho de 1943, também o mês do 34º aniversário da autora. Esta aproveita responder a alguma correspondência para agradecer os elogios que diz ter recebido sobre estes livros. (ONF, Jul. 1943). Por isso, os anúncios a este livro são publicados em *Os Nossos Filhos* entre 1 de Junho de 1943 e Fevereiro de 1954. Vejamos o teor de alguns:

---

<sup>302</sup> Para corroborar esta nossa conclusão partimos da leitura das cartas e postais em que as alunas do Curso pedem esta obra e também das folhas de registo das matrículas das alunas em que, à frente do nome de cada uma das que se nele se inscrevem, está indicado que terão já adquirido o livro em causa (Cf. *Folha de Caixa* de *Os Nossos Filhos*, comprada na Papelaria Emílio Braga, com início em 7 Set. 1951, em que percebemos que deu entrada, em 18 desse mês, o dinheiro correspondente a dois exemplares da obra (Caixa 22. Maço 2). Cf. ainda cartas de Damiana G. Ligado Maia, da Administração Florestal, da Ribeira Brava, Madeira; de Clotilde Moutinho, de Penamacor, Beira Baixa; de Judite Fráguas Lucas, do Barreiro; (Caixa 26. Maço 4) entre muitas outras. O registo de que o livro era comprado pelas alunas do *Curso de Economia Doméstica* encontra-se em Caixa 11. Maço 4 e compraram-no, por exemplo: Alda Leitão, de Serrões, Vila Nova de Famalicão, Maria do Carmo Pinto Aurélio C. Marcos, de Lagoa, Algarve (Caixa 15. Maço 2).

<sup>303</sup> Cf. biografia em Apêndice a este trabalho e ainda a caracterização que fazemos das colaboradoras da revista *Os Nossos Filhos*, assim como da *Escola de Noivas e Donas de Casa* e dos programas radiofónicos da responsabilidade de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

Quadro nº14. Anúncios em *Os Nossos Filhos* ao livro *A Mulher dona de casa*:

Texto	Localização
Ensinaamentos domésticos; O papel da mulher dentro do lar; Como se governa uma coisa, e como se executam os seus trabalhos; Economia doméstica; Tratamento de roupas e móveis; e cozinha e a dispensa, os quartos e as salas; As criadas; Processo económico de cozinhar, etc. constituem alguns dos capítulos desta preciosa obra 2.º volume da Biblioteca Prática do Lar Edições Universo Rua do Diário de Notícias, 5, 2.º — Lisboa	Jun. 1943
O livro «A mulher dona de casa» ainda não seguiu, porque se esgotaram os primeiros milhares. A segunda edição deve ser posta há venda por estes dias (...) e então lhe enviaremos o seu exemplar e o das suas amigas. De facto, este livro foi recebido pelas donas de casa com um carinho invulgar,» prova evidente da sua utilidade. Esteja descansada que não nos esquecemos. O preço desta 2.ª edição é de 12\$50 o volume <sup>304</sup> . Esgotaram os primeiros milhares(...)	Jan. 1944
Está à venda a 2.ª edição de (...) um livro indispensável a todas as senhoras, cuja primeira edição se esgotou em três meses (...)	Fev. 1944
Não há brinde melhor do que o livro: <i>A mulher dona de casa</i> por Maria Lúcia A primeira edição esgotou-se em 3 meses, prova evidente de que é este o livro ambicionado por todas as senhoras(...) Ou “(...) Para senhoras que se interessam pelo arranjo, beleza, e mil problemas do lar. COM ESTE LIVRO, NÃO HÁ DIFICULDADE QUE AS DONAS DE CASA NÃO RESOLVAM (...)”.	Ago. 1944
Na casa mal governada ou sem governo, que é o mesmo, reinam a confusão e o desequilíbrio, pululam os motivos de discórdia e desgosto. Ao contrário, o lar bem organizado e bem dirigido possui uma das condições essenciais para ser feliz. Donde podemos concluir que as mínimas coisas que interessam e formam o maquinismo caseiro não são, de modo algum, insignificantes, nem alheias ao problema transcendente da Felicidade.	Fev. 1954

Estas e muitos outras notícias ombreiam com diversas citações retiradas do livro. Neste caso incluem-se a transcrição de pequenas frases sobre a ordem em casa que é “(...) factor de serenidade, de beleza e de harmonia(...)”. Ela também é ordem na vida porque a “(...) desordem das coisas nos obriga a um esforço constante, fadiga, enerva, e provoca a desordem dos espíritos, dos pensamentos, das vidas,!(...) (ONF, Ago. 1946), sobre a importância do método e do bom governo caseiro porque “(...)na casa mal governada ou sem governo, que é o mesmo, reinam a confusão e o desequilíbrio, pululam os motivos de discórdia e desgosto. Ao contrário, o lar bem organizado e bem dirigido possui uma das condições essenciais para ser feliz. Donde podemos concluir que as mínimas coisas que interessam e formam o maquinismo caseiro não são, de

<sup>304</sup> Em resposta a *Lirucas* dada por *Maria Clara e Maria Fernanda*, um dos pseudónimos de Maria Lúcia Vassalo Namorado na correspondência que troca com as leitoras na revista.

modo algum, insignificantes, nem alheias ao problema transcendente da Felicidade(...)”(ONF, Fev. 1954). Ou só pequenas citações daquilo que hoje diríamos serem regras de etiqueta como quando se ensina que a “(...)mesa para um copo de água põe-se mais ou menos como para um chá. Em dia de casamento ou de primeira comunhão a toalha e as flores serão brancas. Em dia de baptizado, toalhas e flores igualmente brancas, ou levemente rosadas ou azuladas, conforme se trata de menina ou menino. Para qualquer outro caso não há cor especial; porém, desde que se queira dar ao copo de água uma certa solenidade, a toalha será branca ou duma cor muito suave, e as flores não deixarão de ser delicadas. Um copo de água compõe-se geralmente de aves assadas, carnes frias, croquetes, filetes, pastéis, sanduíches, bolos de todas as qualidades, doces de prato, bombons, frutas cristalizadas, etc.. Chá, Champagne, e vinho do Porto(...)”(ONF, Mar. 1944).

Como veremos ao realizar a análise morfológica da revista *Os Nossos Filhos*, o livro *A Mulher dona de casa* fará parte dos prémios que a publicação vai dar a quem consiga obter um maior número de assinantes. Receberam-no como prémio a leitora Maria da Graça Souza da S. Dias (Caixa 76. Maço 6) ou ainda Maria Luísa Sobel Mendes Araújo, da Vila da Maia (Caixa 59. Maço 2). Também a oferta a leitores e colaboradores foi muitas vezes da iniciativa de Maria Lúcia Vassalo Namorado como foi o caso de António Emílio de Magalhães, de Maria Evelina (Faria e Maia de Aguiar Bustorff), em Lisboa, de Maria da Soledade do *Eco do Funchal* (Caixa 42. Maço 1) ou do professor Manuel Subtil, do *Instituto de Orientação Profissional*, de Lisboa (Caixa 41. Maço 1). O livro, que ainda era procurado para compra em 19 Abril de 1972 (Carta de Rita Vasconcelos. Caixa 57. Maço 1) teve, pelo menos três edições pois que, no *Espólio* existem as cartas trocadas com João de Almeida Júnior, e com Gustavo Alves (Caixa 71. Maço 6) que, em nome das *Edições Universo* pedem para dar andamento, respectivamente, à 2ª e 3ª edições da obra.

Maria Lúcia Vassalo Namorado ainda fez a seguinte proposta a Maria Luísa Silva Neves, uma senhora que fizera o curso de enfermagem no *Instituto Português de Oncologia* em Lisboa e que, tinha uma editora no Uruguai, como veremos ao analisar o processo administrativo de *Os Nossos Filhos*,: “(...)quer editar aí uma edição espanhola dos meus livros *A Mulher dona de casa* - economia doméstica que aqui atingiu rapidamente a 2ª edição e *Joaninha quer casar- conselhos às raparigas*<sup>305</sup> - que vai

---

<sup>305</sup> De que nos ocuparemos seguidamente



entrar na 2ª edição? Em Portugal têm sido dois êxitos. Não sei se você os conhece, eu levei-lhos no dia da sua partida mas ignoro se a Sra. a quem os entreguei sempre lhos deu. Caso não conheça, enviar-lhe-ei outros exemplares para V. Ex.a fazer um juízo. Teria muito gosto em entregar a si a edição espanhola desses meus livros para todos os países de língua espanhola(...)" (Carta de Maria Lúcia Vassalo Namorado. 11 Nov. 1947. Caixa 31. Maço 2). Em carta posterior, de 12 de Julho seguinte, constatamos que o sonho se torna inoportuno, razão pela qual dirá ainda: "(...)Quanto aos livros *Joaninha quer casar* e *A Mulher dona de casa*, da minha autoria, como já lhe indiquei, é meu desejo que sejam editados em espanhol. Na impossibilidade de aceitar a sua proposta, fazendo a edição por nossa conta, em virtude de não dispor da quantia indispensável para esse fim, muito lhe agradecia que, com a possível brevidade, conseguisse de um editor do Uruguai ou Argentina a edição das mesmas obras. Eu estou disposta a vender os meus direitos de autora por quantia razoável. Comunique(...)número de exemplares a imprimir, importância que dão e condições de pagamento. Em face destes dados imediatamente comunicarei minha decisão. Inútil notar que o contrato a fazer-se, deve ser com uma casa da maior seriedade(...)" (Caixa 31. Maço 2).

Duas outras hipóteses houve ainda de vender *A Mulher dona de casa* em dois outros países: Brasil e França. No primeiro, a proposta veio de Ydna da Silva Gomes<sup>306</sup>, que do Rio de Janeiro refere ter recebido, como oferta, o dito livro e pensa que o "(...)livro, ótimo, venderia bem no Brasil. /Para tal, Maria Lúcia Vassalo Namorado/ deve escrever para Livraria Livros Portugal e(...) /envia/ endereço da livraria(...) vou enviar extractos para rádio para programas femininos para fazer propaganda (...)"(Caixa 32. Maço 2).

A iniciativa de o oferecer para venda em língua francesa é da própria autora que, em carta redigida em francês e dactilografada, de 10 de Março de 1947, dirigida a Pierre Bolitho Ryall, agente literário e dramático, diz ter sabido que ele está interessado em publicar em francês obras de portuguesas e informa-o de que é autora e editora de duas obras que lhe podem interessar. Essas obras - *Jeanette veut se marier*- um livro sobre

---

<sup>306</sup> Colaboradora com duas filhas: "(...) Delly, 4 anos e 11 meses e Myriam de 5 meses; vai também meu retrato com Delly ao colo /está junto e tem no verso/: A D. Maria Lúcia Silva Rosa afectuosamente Ydna da S. Gomes e Delly Rio 14 Dezembro 1949 (...)" (Caixa 32. Maço 2).

educação e moral, escrito em pequenas crónicas muito ligeiras, dirigidas às raparigas, insistindo sobretudo nos problemas íntimos e sentimentais e, naquele momento, quase "à la fin de sa édition", assim como *La Femme maitresse de maison* - um livro sobre economia doméstica; publicado em 1943 e já vai na 3ª edição; "vient d'obtenir un véritable succès(sic)". Maria Lúcia Vassalo Namorado diz que, se interessar, pode enviar-lhe exemplares para formar uma opinião e tomar uma decisão (Caixa 35. Maço 2). A resposta, datada de 19 do mesmo mês não foi, porém, encorajadora: ele dirá que há muitas dificuldades com o papel e que, para o ano em curso, as editoras já teriam definido as prioridades para edição. Deixa, no entanto, a indicação de que poderá contactá-la no mês de Outubro seguinte...(Caixa 31. Maço 2).

É esta obra de educação feminina, na área de *Economia Doméstica*, como a autora a classifica que podemos ver, ainda hoje, muito citada quando se trata de identificar os conteúdos do que se considerava ser necessário para que uma senhora fosse, ao mesmo tempo, uma boa dona de casa. Os benefícios dessa (in)formação seriam individuais e com consequências benéficas, a nível social isto porque, se a mulher fosse mais consciente dos seus deveres e necessidades, melhor educaria as filhas, a quem legaria também os seus conhecimentos. Dessa forma, toda a sociedade ficaria a ganhar. A própria autora, em entrevista que lhe é feita em 2003 refere que o ambiente de doenças existente à época, assim como as más condições gerais de higiene fazia com que livros como este fossem bem aceites porque era preciso ensinar às mulheres o que fazer para melhorar a qualidade de vida dos seus. É que "(...) nenhuma casa tinha casa de banho(...) Quando eu era pequena, nenhuma casa tinha casa de banho. Sabe como era nas aldeias? As casas tinham os quintais, as hortas, essas coisas um bocado de campo, não é? À sua volta e então, não era em casa era lá fora, havia um casinhoto de madeira por onde se subia por dois ou três degraus e lá dentro havia assim uma espécie de banca com um buraco ao meio, uma tampa que tapava e a gente servia-se ali, aquilo ficava lá em baixo e depois vínhamos para casa. Era assim...eram assim as retretes. (...) Quando eu vim para cá já havia a casa de banho e quando me casei montei lá uma casa de banho na minha casa. Eram estas coisas que eu ensinava às outras. Eu não renego este livro/*A Mulher dona de casa*/, nem os outros que escrevi, porque eu era dona de casa e fazia estas coisas todas. Este assunto já o tratava no *Modas*.(...)" (Borges. 2003. p. 214)

Como se conclui da leitura deste texto, não se põem (ainda) os problemas de género à frente dos da divisão sexista das tarefas. Conhecer o conteúdo destas obras é, por esta razão, da maior importância para quem pretende reflectir sobre o que se

propunha que fosse a educação das mulheres para as tarefas que apenas por elas se acreditava poderem (e deverem) ser executadas.

### ***Joaninha quer casar: conselhos às raparigas***

Depois de *Negro e cor de rosa*, uma obra de pendor literário em que Maria Lúcia Vassalo Namorado quis reflectir, através de pequenas novelas, sobre as consequências da falta de educação e da difícil condição de vida da mulher do povo, de *A Mulher dona de casa*, obra sobre a educação feminina, na área da *Economia Doméstica*, será em 1944 que ela publica outro livro: *Joaninha quer casar: conselhos às raparigas*. Esta obra, ocupa-se da educação feminina, nos diversos aspectos que dizem respeito à forma como as jovens devem ser preparadas para o namoro e casamento. Será também a primeira que ela edita, através da *Editorial* também designada *Os Nossos Filhos* que criara aquando da sociedade para a edição da revista com o mesmo nome<sup>307</sup>. A impressão foi feita na “(...) Gráfica Santelmo cujo dono é Adelino Santos<sup>308</sup> (...)” (Caixa 74. Maço 2). Com aquele volume inaugura-se a colecção *Biblioteca das nossas Filhas*. Ao longo das suas 182 páginas, vão ser tratados, de forma exaustiva e minuciosa, a maior parte dos aspectos que seria preciso ter em conta na abordagem do tema em causa. Quanto ao conteúdo há que esclarecer, desde já, que é quase idêntico ao dos artigos que Maria Lúcia Vassalo Namorado publicara em *Modas & Bordados*, sobretudo na rubrica *Conversando...*, publicada entre 6 de Março de 1940 a 14 de Maio do ano seguinte, como já mostrámos neste capítulo, ao analisar a sua colaboração naquele periódico feminino. A diferença é que, agora, todos os textos estão organizados na forma de livro, cujo texto global é precedido de uma *nota introdutória* em que se explica o programa de formação subjacente à colecção de que este livro seria o primeiro. Outros capítulos da mesma obra são: *Joaninha quer casar* e *A escolha do noivo* na primeira parte; numa segunda, *Joaninha já namora*, há mais oito capítulos: *Joaninha apaixonada*, *Primeiros tempos*, *A Atitude para com os pais*, *A Atitude para com o namorado*, *Futuros sogros...futuro genro...futura nora...*, *Arrufos*, *Variações sobre o mesmo tema* e *Tu e ele*. A terceira parte, intitulada *Raparigas que vivem sós*, tem ainda mais subcapítulos, sendo alguns formados apenas por pequenos conselhos. Seguidamente vejamos qual seria então, do ponto de vista de Maria Lúcia Vassalo

---

<sup>307</sup> Cf. Cap. 4 deste trabalho sobre origem da revista *Os Nossos Filhos*.

<sup>308</sup> Em texto de Maria Lúcia Vassalo Namorado, que no Espólio, pretendia ter a forma de um diário. Nele se acrescenta que: “(...) Adelino Santos que tinha um filho de 20 anos, estudante de Medicina que morreu ontem afogado na Praia das Maças(...)” (Caixa 74. Maço 2).

Namorado, o conjunto de ensinamentos que as raparigas deveriam ter para bem enfrentar uma etapa tão decisiva das suas vidas. Alguns dos conselhos – ou conteúdos educativos - estão na forma de diálogo imaginado entre a protagonista, uma Joanhinha de 15 anos, e a narradora que assume a função de uma amiga mais velha que responde a todas as questões da curiosa menina. Outros, como os que abordam a atitude para com o namorado, apresentam-se na forma de resposta a uma carta (fictícia) que Joanhinha escrevera a esta amiga. Finalmente, no último subcapítulo da terceira parte, intitulado *Papéis velhos*, Maria Lúcia Vassalo Namorado reflecte sobre o conteúdo de um conjunto de seis pequenas notícias que a autora fora recolhendo na imprensa, ao acaso, entre Dezembro de 1937 e Março de 1939.

Com a colecção que esta obra inicia, “(...) por meio de pequenas crónicas, romances, contos, biografias, etc. é fácil e necessário dar às nossas raparigas leitura honesta, proveitosa e agradável, que de algum modo as oriente – não desorienta...- e contribua para o seu aperfeiçoamento intelectual e moral. Os problemas que dizem respeito à mocidade feminina- sonhos, possibilidades, deveres encarados e resolvidos segundo os nossos hábitos e temperamento; as belezas e as riquezas, as tradições, os costumes, as indústrias da nossa Terra de aquém e de além-mar; a História, não apenas na grandeza das figuras máximas, mas ainda no heroísmo, na tenacidade e nos sacrifícios dos obreiros anónimos- dão-nos assuntos para aquela literatura talvez modesta, mas humana, sincera, construtiva e sadia, de que a nossa juventude feminina tanto precisa. Eis, em breves palavras, o vasto programa que traçámos para a *Biblioteca das Nossas Filhas* no desejo de que em Portugal floresçam obras simples mas dignas de interesse, sem romantismos mentirosos nem escabrosidades condenáveis, obras capazes de contribuir para a real valorização das nossas raparigas – ensinando-as a descobrir as suas energias, e a confiar em si próprias; a aperfeiçoar as virtudes, e a combater os defeitos da sua condição feminina e humana (...) a encarar a vida com coragem e optimismo: e a conhecer melhor e para melhor a amarem, a terra bendita que as viu nascer(...)”. Digamos que este projecto, como outros em que a Editorial *Os Nossos Filhos* se envolveu, não logrou atingir os (elevados) objectivos traçados, como veremos. Muitos dos aspectos focados neste (quase socrático) diálogo entre as duas amigas, há inúmeras referências autobiográficas da autora que o reconhece quando, no início do capítulo que dá o nome ao livro, refere: “(...) Ela faz-me lembrar a rapariguinha que já fui..(...) (p. 11). Muitos dos ensinamentos morais que Maria Lúcia Vassalo Namorado quer fazer passar para as suas leitoras apresentam-se pela negativa: “(...) .não há nada

mais detestável do que uma menina-senhora (...) não tenhas pressa de ser mulher(...) menina ajuizada não namora para imitar as amigas(...) uma rapariga que tem namoro perde o sossego(...) as notas baixam(...)o curso não se conclui, as obrigações não se cumprem ou cumprem-se mal(...) influem na formação do carácter (...) não é quem muito namora quem mais facilmente se casa (...) as levianas não são as que oferecem mais garantias de virem a ser esposas modelares (...) .não vejas no casamento a *única* maneira de ser feliz(...) porque a felicidade de solteira é *diferente* mas, é do mesmo modo, felicidade(...) ”(p.11 a 24).

Se depois de toda esta reflexão a menina considera que o casamento é o seu destino ou, mesmo que não se case, muitos outros ensinamentos tem de ter: ela deve submeter-se a um programa de formação “(...) vastíssimo cujos capítulos são: como hei-de governar a minha casa (economia, higiene, culinária, criadas...); como hei-de viver com o meu marido (capítulo delicadíssimo que equivale a um curso de psicologia) como hei-de criar e educar os meus filhos (puericultura e educação infantil) como hei-de proceder na saúde e na doença (também trata da culinária e higiene além da enfermagem)(...)”(p. 22). Deve também ter a noção de que, mesmo tendo todos estes conhecimentos, mesmo conseguindo casar-se, nem sempre este novo estado traz a felicidade porque “(...) casamento e felicidade são duas coisas distintas(...) “(p. 24). O que é afinal o casamento? Qual a perspectiva que se dá dele, neste manual para uma futura noiva? Na definição que Maria Lúcia Vassalo Namorado dá desse conceito, ou seja, para se “(...) ser feliz no casamento /há que/ se viver em perfeita harmonia com alguém que nos queira bem, nos compreenda e saiba conquistar toda a nossa ternura e confiança (...)” (p. 24). Esta felicidade depende de três condições, porque é preciso “(...) ter um verdadeiro lar, calmo, acolhedor e alegre (...) um verdadeiro companheiro, compreensivo e amigo (...) e filhos nos quais renasça a nossa primavera perdida(...)” (p. 24). Se assim não acontecer, se não se estiver bem preparada, pode tudo ser “(...) desencanto, incompreensão e amargura sem remédio (...)”(p. 24). Por todas estas razões há que ensinar à rapariga como escolher o noivo, identificando todos os critérios a que a escolha deve obedecer e não subestimando nenhum deles quando a hora chegar porque, como “(...) ) tens uma *vontade* /é preciso que/ saibas contrariar qualquer inclinação que te não convenha(...)” (p. 29). A título de exemplo transcrevemos, daquela obra, *Joaninha quer casar* um pequeno excerto com conselhos para esse período: “(...) :”(...) Que necessidade têm vocês de andar no meio da rua, pendurados um no outro, com esse ar patetinha, de quem anda pelas nuvens?(...) Se soubesses como é deselegante e

impróprio duma menina andar assim, como quem vai desmaiar, agarrada á um homem que talvez não venha a ser o seu marido! (...)”.

Joaninha, não penses que é possível construir a 'felicidade com um homem que não seja, acima de tudo, um homem de bem...A saúde é outro grande factor da felicidade....O amor ao trabalho é outra qualidade indispensável (...) Qualidades gerais: a delicadeza, a lealdade, a sinceridade(...) Joaninha: escolhe noivo de educação e fortuna equivalentes à tua fortuna e educação Não pretendas fazer um casamento brilhante para suscito a inveja das outras raparigas. Nem consintas que um romantismo perigoso te leve a aceitar uma união desfavorável. Os casamentos desiguais<sup>309</sup> são os menos felizes(...)” (ONF, Out. 1943).

A honestidade, a rectidão e a lealdade de carácter são três das“(...) qualidades básicas do noivo(...)” (p.30). Outra qualidade indispensável é o “(...) amor ao trabalho(...)” (p. 34). Há dois dados que são fundamentais: a igualdade ou proximidade social entre os noivos e a saúde porque, em relação ao primeiro, “(...) a desigualdade no casamento cava abismos de incompreensão, de dúvidas e de tristeza(...) um bom casamento é dentro da classe a que pertences(...) o que te dá mais garantias de felicidade(...)” (p. 36) e a segunda preocupa a sociedade porque“(...) os débeis, os aleijados, os pobres de espírito, os loucos, os tarados, todos esses infelizes(...)são fruto das doenças e taras dos seus pais e avós (...)”(p. 33).

Se o namoro começa, porque a menina tem já dezoito anos, embora apaixonada, ela der sempre alguns cuidados especiais: deve ser prudente, procurar ver se ele gosta dela, só confiar nele se vir que ele o merece, ser observadora, manter “(...) uma certa reserva e afastamento(...) nunca deve estreitar convivências, tomar compromissos sem conhecer bem o rapaz (...)”(p. 48). É que a relação entre namorados é deficitária: Maria Lúcia Vassalo Namorado tem plena consciência de que as raparigas foram educadas “(...) para ver no rapaz o companheiro dedicado da sua vida, a quem devem lealdade e ternura(...)” enquanto ela é para ele “(...) *mais uma para a conta* (...)” (p. 43). Neste ponto, a autora não se afasta da visão mais corrente e tradicional sobre os deveres das raparigas na sociedade burguesa. Ela assim fora educada e esses princípios teriam sido reforçados com a sua passagem pelo Liceu Central de Almeida Garrett.

---

<sup>309</sup> Esta afirmação é corroborada então como ainda hoje por autores como Lee, 2003 e também foi tema de artigos em revistas femininas. A título de exemplo leia-se o artigo *Casamento desigual*, por Rosa de Castro, publicado em *Jornal Magazine da Mulher*, dirigido por Lília da Fonseca, Março de 1955, n.º 48, p. 3.

A preocupação com as atitudes que as raparigas assumem no namoro já reconhecido pela família é outro dos temas sobre o qual ela tem de ser instruída. Da parte da menina exige-se que esta assuma, perante o namorado, uma “(...) atitude digna e senhoril, (...) /em que o/ afecto, a ternura e a confiança não excluem o respeito mútuo, a pureza dos sentimentos e a dignidade das atitudes(...)” (p. 60). A rapariga deve ainda ser alegre, dedicada e fiel não usando palavras menos correctas nem gestos pouco dignos, nunca deve perder a dignidade de uma menina. A conversa entre os noivos não deverá versar “(...) intrigas nem assuntos mesquinhos ou demasiado livres(...) e, com naturalidade e firmeza, evitar conversas e situações perigosas (...) evitar o perigo sem afectação, nem melindres, nem censuras, antes como se não houvesse dado por ele (...) e /se houver/ propostas desonestas deve acabar logo com o namoro (...)” (p. 61). Finalmente, a menina deve “(...) distinguir entre defeitos graves e pequenos sendo rigorosa para os primeiros e indulgente para os segundos(...) não penses em modificá-lo /e que/ ele não ignore os teus defeitos(...)” (p. 78).

Um outro aspecto que, depois do casamento também deve ser objecto de alguma reflexão e que Maria Lúcia Vassalo Namorado versará também em *Os Nossos Filhos* é o das relações entre os sogros e o casal, mas na perspectiva do que convém à nora fazer pois que “(...) tu estás no ponto intermédio dessas relações(...) tens de ser .perspicaz e hábil para evitar pequenos atritos, frieza, mau-estar e aversão porque a independência é muito relativa(...) com os futuros sogros, não te entusiasmes, não te exaltes, ouve e cala, delicada, satisfeita ou desgostosa, mas pouco expansiva(...)” (p. 66 e 69).

Também com o namorado há que ter alguns cuidados no que toca aos segredos de família pois que a “(...) a lealdade e a franqueza que deves ao namorado(...) não impõe o dever de lhe revelares (...) tudo o que há entre ti e a tua família(...) *aos homens não se pode contar tudo* porque, como neste provérbio, sabes a diferença entre deslealdade e discrição e prudência (...) (67) /por isso há que ser/ discreta em suas falas e apreciações(...)” (p. 67 e 68).

Na terceira parte do livro, no capítulo *Raparigas que vivem sós*, Maria Lúcia Vassalo Namorado escolhe, como exemplo de uma delas, as professoras primárias que vivem “(...) longe da família, muito cedo entregues a si próprias, na luta áspera pela vida, que estão, perante as ciladas do mundo, sem outra defesa para além da educação que receberam (...)” (p.83). Dirige-se a uma delas, anónima, e o tom de conselho, de identificação do problema e de possibilidades de resolução do mesmo é igual ao que, nos capítulos anteriores, expusera para as questões sobre o namoro.

Qual deve ser então a boa conduta destas mulheres que trabalham, que vivem sós? Como deve escolher a casa onde vai morar? Como a deve organizar? Como se relacionar com a família que a acolhe, se não está independente? Como planificar o seu trabalho e como intercalar os momentos de ócio com a profissão? Que distrações são as mais adequadas? Neste capítulo, ao “(...) conversar um pouco, sem ‘pregar moral’ (...)”(p. 84) os conselhos dados são precisamente os mesmos que ela havia já publicado em *Modas & Bordados* e que analisámos já neste capítulo do trabalho.

A forma como Maria Lúcia Vassalo Namorado ensina a organizar a casa às raparigas (p. 88) poderá parecer hoje um pouco pueril mas, a realidade e o quotidiano de algumas dessas raparigas revela-se muito semelhante ao que é proposto nesta obra. Para corroborar esta afirmação leia-se uma passagem da carta que Maria Isabel César Anjo dirige à revista em 13 de Novembro de 1958 sobre a forma como organiza a sua vida: “(...)sou professora primária oficial numa pequena aldeia do concelho de Mortágua, perto de Sta. Comba Dão, onde meus pais têm casa (...) estou aqui há 3 anos porque meus pais já perto 70 anos; todos outros filhos casados e fora: um médico<sup>310</sup>, em Viseu, uma irmã professora em Braga casada com advogado (...) outra professora também casada em Barcelos com advogado(...) eu sou a mais nova(...) tirei curso há 14 anos, estive Barcelos com minha irmã e com ela e com a de Barcelos passei todos estes anos(...) aldeia onde sou professora ainda longe: tenho de andar 3 km até camioneta e 6, da camioneta à escola aos sábados e 2ª feiras (...) aqui tenho uma casa alugada a meu gosto, o meu rádio, o *Diário de Lisboa*, máquina de tricotar, e todos os sábados iria a casa(...) meus pais dizem-me para concorrer a Coimbra mas eu sei que minha mãe gostava que ficasse com ela –foi professora da terra até se aposentar e meu pai inspetor do antigo círculo escolar (...) meu irmão e irmãs dizem-me para não ficar na aldeia (...) não sei que fazer (...) gostava de ter minha casa em Coimbra e receber lá meus pais como fazem minhas irmãs (...) eu sei que o casamento resolveria por si só a situação mas tenho úlcera duodenal e só me dá nervos (...) não me quis casar agora com um homem divorciado (...) vou-me distraíndo com curso de inglês, francês, os livros e as malhas (...)” (Caixa 15. Maço 2)

---

<sup>310</sup> Era o médico César Anjo que também tem colaboração em *Os Nossos Filhos* ; cf. biografia no final deste trabalho. Para mais informações sobre Maria Isabel César Anjo cf. biografia também neste trabalho. Ainda é viva e foi uma das pessoas entrevistadas nesta investigação; viveu com a irmã pois, como assinara as listas da candidatura de Norton de Matos à presidência da República, não pudera dar aulas.



No capítulo *Isto e aquilo*, há uma série de pequenos textos sobre a educação que demonstra *uma senhora* que, no eléctrico, oferece o lugar *a uma mulher* (p. 110), sobre a importância dos doces e rendas tradicionais portuguesas e da beneficência, que não deve ser confundida com caridade (p. 116) mas, os pensamentos que aqui mais nos interessam, porque esclarecedores dos conceitos de *trabalho* e *profissão* feminino(a)s subjacentes ao pensamento de Maria Lúcia Vassalo Namorado são definidos de uma forma ímpar. Quanto ao *trabalho*, a autora afirma que: “(...) deve ser desagradável trabalhar sem gosto (...) a mais humilde ocupação será bela se a desempenharmos com inteligência e boa vontade ...aceitar com cara alegre a nossa sorte e enfrentar as contrariedades com bom humor (...)” (p. 120). Mas quem deve trabalhar? Por que razões? “(...) ninguém consciente dos seus deveres humanos...poderá acomodar-se a uma existência ociosa, improdutiva, inútil...Não confundir trabalhar e ganhar dinheiro...saber escolher a modalidade de trabalho que se lhe impõe (...). Se as raparigas ricas invadirem o campo de acção daquelas que precisam de ganhar a vida, o que hão-de estas fazer?... as raparigas pobres devem, simultaneamente, ser úteis e ganhar dinheiro (...) as raparigas ricas não devem procurar ganhar o dinheiro de que não precisam (...) mas simplesmente ser úteis (...) Todas as pessoas têm uma missão a cumprir na terra,.. varia com as possibilidades físicas e materiais de cada um...a missão dos queridos da sorte é encarnar a própria sorte aos olhos dos que a não têm. ...os nossos bens não passam de um empréstimo que Deus nos faz(...)” (p. 123).

Mais uma vez, Maria Lúcia Vassalo Namorado faz a distinção classista dentro do género, colocando-se inequivocamente do lado das raparigas de menos recursos e fortuna pessoal. A sua preocupação com a educação das raparigas e das mulheres não é dirigida ao grupo das possidentes mas a todas as outras que, de seu, têm apenas a força de trabalho. Esta posição assumidamente política não pode ser vista (ainda) como produto de uma reflexão séria sobre as questões da luta inter-classes mas ela é, de forma evidente, uma tomada de posição política sobre as que considera mais desfavorecidas, do ponto de vista social.

Sobre a escolha da *profissão* que “(...) não é o meio mecânico de ganhar dinheiro mas...o meio de que nos servimos para sermos úteis à colectividade e desenvolvermos as nossas próprias faculdades...só amando a carreira poderá bem servi-la, dignificá-la e aperfeiçoar-se... o mau professor tem em geral maus alunos...o bom profissional não é o que se limita *a saber* mas o que alia à sabedoria a boa vontade, dedicação, e as qualidades que o lugar exige (...)” (p. 125). Na escolha da profissão as raparigas sabem

que “(...) hoje quase todas as carreiras estão abertas às raparigas, mas nem todas lhes convêm, por não se harmonizarem perfeitamente com a sua futura condição de mães de família (...) há carreiras compatíveis e incompatíveis com os hábitos e o temperamento ...o destino lógico da mulher como do homem é o casamento... todas as profissões honestas devem ser permitidas /à mulher/...não esquecer a sua missão feminina...profissão deve ser elemento que nos ajude a cumprir o nosso dever na terra(...) se és generosa e patriota não penses em ti unicamente (...) a Pátria precisa do teu entusiasmo juvenil, da tua Inteligência, da tua Força e da tua Bondade. Servi-la é o teu dever de mulher e portuguesa(...)” (p. 127 e 128).

Nesta segunda parte da transcrição do pensamento de Maria Lúcia Vassalo Namorado vemos, como era vulgar à época, mesmo em famílias da oposição declarada ao regime político vigente, uma série de considerações sobre as profissões adequadas ou não às meninas. Não esqueçamos que, em certos meios, a ideia de estudar, mesmo sem ter por objectivo a prática de uma profissão, era quase uma *heresia*. O maior obstáculo que Maria Lúcia põe ao exercício de profissões consideradas menos femininas está intimamente ligada à ideia republicana que ela tem de que a mulher é por excelência, se casada e antes de ser uma profissional, uma educadora dos filhos.

Finalmente é identificado um conjunto de qualidades e/ou competências de que, como de um compromisso pessoal, deve ser portadora qualquer rapariga e que ela deve ter quase como quadro de referência a seguir. Vejamos a proposta que transcrevemos seguidamente: “(...) debes prometer a ti própria ser optimista (...) sorrir, ser alegre (duma alegria calma, sadia, sem espalhafatos é um dever da juventude), olhar todas as coisas pelo seu lado bom e puro (...) não ser trágica, nem fúnebre, nem complicada, fazer só o que debes, ser rigorosa para contigo, ser indulgente (para os outros). Não jurar, dizer sempre a verdade ainda que seja contra ti(...) não dar ouvidos a intrigas e ditinhos, não ser ambiciosa (aceita a tua sorte) (...) ser boa filha, boa irmã, boa amiga, boa companheira, atenciosa para com os velhos (um dia serás assim) (...) amar e auxiliar os pobres (sem exibicionismo) tomar sob protecção uma família, uma rapariga...(...)dar sempre que possas (dar é melhor do que receber) (...) não esperes recompensa para as tuas boas acções(praticar o bem é um dever)(...) ser delicada(...) ser prestável e leal (...) ser pontual (...) ser trabalhadora (trabalho como fonte inesgotável de ensinamentos, alegrias e virtudes ...) aprender a fundo aquilo a que te dedicares (...) dar-te ...ao teu trabalho, por mais humilde que seja (não há trabalhos inferiores) (...) organizar a tua vida; não ser vaidosa(vaidade encobre sempre uma pontinha de estupidez) (...) ser

simples e modesta (a simplicidade e a modéstia tomam encantadora qualquer criatura (...) não ser invejosa (inveja envenena a vida) (...) não invejar as raparigas mais bonitas do que tu (outros encantos mais duradouros do que a beleza (...) cultivar o espírito e aperfeiçoar o coração) (...) não ter preocupação de ser parecida com a Greta /Garbo/ (...) ser parecida contigo (sê apenas uma rapariga portuguesa, simples, bem educada, bondosa e alegre, activa, discreta e sensata; ser moderna (ser maluquinha ou excêntrica não é ser moderna) nem falar em calão, não tratar com familiaridade rapazes que não sejam das relações da tua família (impróprio de meninas bem educadas) (...) não ser leviana (todos lhe sorriem, ninguém as quer) (...) viver vida higiénica e sadia (...) és uma menina e não uma senhora (não uses pinturas, jóias espalhafatosas, modas complicadas; não confundir simples conhecimento e amizade; interessar-te pelos assuntos domésticos (aprende a cozinhar, coser, tratar dos doentes, a cuidar de crianças(...) ainda que não penses em casar, ainda que pretendas ser uma intelectual...o teu primeiro dever e saber ser mulher(...)” (p. 133 a 139).

Como se pode concluir, Maria Lúcia Vassalo Namorado sempre se considerou uma intelectual que sabia ser mulher e que queria ensinar as outras raparigas a saberem *ser*, *estar* e *fazer*, independentemente do seu estado civil. Esta tarefa que a si própria se impôs, vai ser o seu objectivo até ao fim da vida, se bem que, depois dos anos sessenta, como veremos, tenha investido mais, enquanto jornalista e escritora, na educação das crianças.

Como acontece para *A Mulher dona de casa*, também a partir de Maio de 1944 encontramos os primeiros anúncios a *Joaninha quer casar: conselhos às raparigas por Maria Lúcia* em *Os Nossos Filhos*, acrescentando-se que “(...) o primeiro volume da *Biblioteca das Nossas Filhas* é um livro que todos os Pais devem dar a ler às suas filhas, na idade delicadíssima em que começam a namorar. Pedidos à *Editorial «Os Nossos Filhos»*(...)” e “(...)Todas as raparigas devem ler: *Joaninha quer casar* um livro da mais sã moral e de agradável leitura (...)” (ONF, Maio 1944) porque “(...)se um bom livro é um amigo, um mau livro é péssimo e perigosíssimo conselheiro. A *Biblioteca das Nossas Filhas* propõe-se dar às raparigas portuguesas sã, honesta, agradável e proveitosa (...)” (ONF, Jul. 1944). O primeiro milhar esgotou rapidamente porque “(...) é um livro utilíssimo, que todas as meninas devem possuir. A sua leitura prende, interessa, distrai e orienta(...)” (ONF, Set.1944); o segundo milhar foi posto à venda em Outubro do mesmo ano (ONF, Out. 1944) e será ainda recomendado como presente adequado para a Páscoa ( ONF, Mar. 1945)

Sobre esta obra que, como vimos apenas a título de exemplo, se recomenda ao longo de diversos números se dirá que: “(...) porque ficam mal os louvores em boca própria, não nos sentimos à vontade para criticar este trabalho da directora de *Os Nossos Filhos*. Mas, porque a verdade manda Deus que se diga, diremos que *Joaninha quer casar* é um livro utilíssimo, ao mesmo tempo leve e profundo, que todas as raparigas lerão com prazer e proveito. É tempo de darmos às nossas filhas adolescentes leituras portuguesas e sensatas, que contribuam para a sua valorização. É este o propósito da *Biblioteca das Nossas Filhas*, e o seu primeiro volume realiza-o plenamente(...)” (ONF, Jul. 1944).

Este primeiro volume da colecção “(...) que tem merecido de todos os que já o leram os mais entusiásticos elogios é um livro utilíssimo, que todas as meninas devem possuir. A sua leitura prende, interessa, distrai e orienta (...)” (ONF, Set. 1944). Esta afirmação é corroborada pela análise dos documentos que lemos no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*. Em muitos deles os elogios não são poupados. Vejamos seguidamente alguns desses pareceres e críticas, vindas de diversos sectores sociais e políticos.

Em texto publicado em *Alma Feminina*<sup>311</sup>, o órgão oficial do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* este livro é apresentado como “(...) interessantíssimo livro tão útil a todas as raparigas e a todas as mulheres. Maria Lúcia revela qualidades invulgares de observadora e de educadora. Encerra este livro capítulos admiráveis que devem ser aproveitados, como guia e orientadores das mães e de filhas, que tenham um conhecimento errado da vida pairando num ambiente absolutamente artificial. (...) Ninguém lhes aponta a realidade prática que Maria Lúcia com uma simplicidade encantadora vai mostrando inteligentemente. A sementeira é preciosa(...) Maria Lúcia interessa-se pelos problemas femininos e trata-os com invulgar senso prático e competência. Trata-os com uma serenidade que afasta toda a ideia de parcialidade. Precisávamos que todas as mulheres vissem as questões morais e sociais com o mesmo entusiasmo, carinho e amor para se conseguir modificar o panorama da vida feminina(...)”.

Muitas das críticas que podemos ler no seu *Espólio* provêm de pessoas a quem, pelo texto das cartas, se percebe que o livro fora oferecido pela autora. Estão neste caso as missivas cujas referências a esta obra condensamos no quadro seguinte:

Quadro n.º:15. Pareceres e críticas a *Joaninha quer casar*:

---

<sup>311</sup> Ano XXVII. N.º 12. Outubro 1944. p. 6. e (Caixa 46. Maço 1)

Autoras(es)	Conteúdo	Localização
Maria Paula de Azevedo	encantada com seu livro <i>Joaninha quer casar</i> (...)o capítulo <u>Promete a ti própria</u> assim como as admiráveis biografias que constituem os <u>Papéis Velhos</u> são de tal forma úteis para as nossa raparigas que <u>todas</u> deveriam lê-los e meditá-los e apreciá-los(...)agradeço oferta do precioso livrinho(...)	(Caixa 27. Maço 1)
Maria de Carvalho, colaboradora	"(...)agradeço oferecimento dos seus livros <i>Joaninha quer casar</i> (...)dele falei na minha página do "Novidades" transcrevendo trechos tanto mais que o tenho achado muito interessante(...) com interesse li livros que teve gentileza de oferecer-me e que muito apreciei literariamente e no sentido espiritual, de utilidade para a mulher. De um e outro tomei já a liberdade de fazer transcrições na página feminina que dirijo nas <i>Novidades</i> (...)	(Cartas em 42. Maço 1)
Maria Evelina (Faria e Maia de Aguiar Bustorff), colaboradora	"(...) Acabei agora mesmo de ler alguns capítulos da sua <i>Joaninha quer casar</i> e gostei imenso. É um livro precioso este para as raparigas que elas devem ler e meditar, pois é um livro que bem as orientará na quadra dos devaneios! Como a minha amiga soube aprofundar a mentalidade das raparigas!...(...)	(Carta em 42. Maço 1)
Maria da Luz de Deus (Ramos Ponces de Carvalho) <sup>312</sup>	agradeço livro <i>Joaninha quer casar</i> que com amável cordialidade quis enviar-me... Li-o com grande interesse porque era um livro escrito pela Sra. e... porque me encontro nas condições da Joaninha. Devo casar no dia 2, quarta feira. O meu noivo chama-se Fernando de Melo Vieira Ponces de Carvalho. Terei o maior prazer de lho apresentar quando se oferecer a oportunidade(....)devido a todo o alvoroço que estas mudanças de vida trazem consigo que eu demorei o abraço de agradecimento(...)é bem um livro feito para temperar as exaltações, belas, mas por vezes um pouco excessivas, da mocidade(...)soube torneá-la com um bom senso equilibrado, que o categoriza como um livro sério, sem no entanto ser austero nem rígido(...)agradou-me todo o livro mas mais especialmente o capítulo a que deu o nome <i>Raparigas que vivem sós</i> (...)	(Carta em 42. Maço 1)
Virgínia (Bordalo Pinheiro) Lopes de Mendonça, no Estoril	(...) escrevo depois de leitura de seu livro que teve gentileza tão cativante de me oferecer. No meu entender, todas as Joaninhas que querem casar ou o fizeram há pouco, o deveriam ler para meditar em todos os esplêndidos conselhos que duma forma tão inteligente expõe no seu livrinho. A sua leitura interessou-me extremamente e creio que deve ter grande sucesso pois nada há que se lhe assemelhe. Li-o alto a novos e velhos e a todos agradou imenso. É muitíssimo original, simples e ao mesmo tempo profundo, visando um problema complicado numa linguagem cuja simplicidade é um encanto!...(...)	(Carta em 42. Maço 2)

Além de conhecidas e amigas, também são de colaboradoras as duas críticas mais interessantes enviadas por Elina Guimarães e Emília de Sousa Costa.

A primeira sabe que Maria Lúcia Vassalo Namorado se encontra doente mas "(...)embora correndo o risco de fatigá-la não quero demorar mais tempo e agradecer-lhe a oferta do seu precioso livro *Joaninha quer casar*. Já o conhecia pois havia, precisamente no dia em que recebi o meu exemplar, adquirido um para uma amiguinha por quem muito me interesse e que precisa particularmente de conselhos porque é órfã

<sup>312</sup> Como quase sempre, em papel de carta lilás com lista roxa no rebordo.

de pai e mãe. Já ao folheá-lo me parece-la(sic) excelente e a leitura mais confirmou essa opinião. V. Ex.a fez mais do que um bom livro: uma boa acção. Se eu tivesse a felicidade de ter uma filha por-lha-hia nas mãos com o maior prazer. Assim, como tenho dois rapazes, resta-me fazer votos por que as minhas futuras noras o leiam... e lhe obedçam....Permita-me que lhe manifeste mais uma vez a minha admiração pela sua obra de educadora e creia-me sua muito dedicada...( )” (Caixa 41. Maço 3).

Quanto a Emília de Sousa Costa, escritora do Porto, a quem a obra também fora oferecida e que acabara de ler, colaboradora de *Os Nossos Filhos*, e grande amiga de Maria Lúcia Vassalo Namorado e de Maria Lamas, a obra suscitara a seguinte reflexão: “(...) presa, do princípio ao fim, da simplicidade enterneceira, verdadeiramente maternal, com que as mais belas e profundas lições, delicadamente, subtilmente, vão caindo, como pólen maravilhoso, saído duma alma sublime de Mulher, no íntimo das almas de raparigas- assim as fecundando com ideias puras e sensatas da virtude autêntica. Pena é, minha Sr.a, que não haja quem escreva guias no género deste, para os Joãzinhos porque enquanto os rapazes desconhecerem os seus deveres nos lares, a sociedade permanecerá eivada de confusões, de iniquidades, de dramas sem cura possível. A vida feita da colaboração dos dois seres exigiria a preparação condigna de ambos para ganhar perfeição. Infelizmente a experiência duma larga e intensa vida, quase integralmente votada ao estudo de problemas educativos e sociais- me ensinou: não há complexo de virtudes femininas capaz de vencer os erros obstinados em que se funda a educação dos rapazes e dos quais resulta o esfacelamento dos lares, na sua enormíssima maioria. A actual separação dos sexos, nas primeiras idades, se, em qualquer altura da civilização representaria grave delito, em nossos dias resolver-se-á em calamidade. As novas gerações, se não se põe cobro ao lastimável desvio pedagógico, serão vítimas dos maiores desmandos. Quem cá estiver, vê-lo-á...Mas...continuará V. Ex.a a cruzada benemérita que se impôs trabalhando para que, ao menos, se não perca tudo(...)” (Caixa 41. Maço 3).

Um dos poucos homens que escreve um texto crítico a agradecer a oferta do livro<sup>313</sup> é o médico António Emílio de Magalhães da *Liga Portuguesa da Profilaxia*

---

<sup>313</sup> Cf. Caixa 4. Maço 2 em que os dois directores da *Liga Portuguesa da Profilaxia Social*, António Emílio de Magalhães e Gil da Costa agradecem o exemplar enviado para a Biblioteca dizendo: “(...) Agradecem (...)a oferta de *Joaninha quer casar* em que, sob uma forma extremamente atraente, se

*Social*: “(...)em boa hora a conheci: uma Mulher às direitas: alma, inteligência e acção; acabei de receber há minutos e agradeço *Joaninha quer casar*(...) folheei o livro e vi a p. 16(?)<sup>4</sup> sublinhada (...) li-a e de facto é a verdadeira e boa doutrina que eu desejava seguir completamente; obrigada pelas boas palavras que me incitam a cumprir na vida(...)” (Caixa 4. Maço 2). Numa outra carta a crítica é mais extensa: “(...)Passei o domingo num pinhal da Boa Nova, ao norte de Sinfães, a ler o seu livro *Joaninha quer casar* de que gostei muito, satisfazendo completamente os fins em vista(...) escrito em linguagem simples, clara, é todo ele muito persuasivo(...) a *Liga de Profilaxia* e não o António Emílio vai requisitar à *Editorial Os Nossos Filhos Lda.*, uma dúzia de volumes que lhe serão enviados nas mesmas condições que a qualquer livraria, pois destinam-se à venda(...) para fins de propaganda, a *Liga* não terá pejo em ter dois exemplares, que ela destinará a empréstimos (...) com requisição feita pela via normal. Entenda-se bem a franqueza da fala e que o contrário iria magoar os Directores da *Liga da Profilaxia* (...) precisa de um pouco de propaganda e talvez não fosse mau uns anúncios nos jornais de grande circulação, isto à parte da crítica costumada (...) para que encontre estímulo e continue a ser fecunda nas suas produções(...) assuntos não lhe faltam são como as cerejas(...) nasceu com vocação própria para ser uma sacerdotisa leiga entre as raparigas portuguesas(...) não há senão o dever de lhe aproveitar a sua vocação, procurando-lhe o rendimento máximo de seu bem orientado pensamento(...) há muito e muito para fazer nos diversos campos da educação, assistência, de feminismo, etc. etc.(...)” (Caixa 4. Maço 2).

*Joaninha quer casar* fora também oferecido a Maria Lamas que o recomenda para dele serem publicados excertos em *O Eco do Funchal* de que era redactora Maria Mendonça (Caixa 50. Maço 4), e a Maria da Luz Namorado, sobrinha, filha do irmão de Maria Lúcia Vassalo Namorado, que vivia em Moçambique (Caixa 35. Maço 2).

Como já fora feito para *A Mulher dona de casa*, também de *Joaninha quer casar* serão publicados alguns excertos em *Os Nossos Filhos* como aqueles que se debruçam sobre o recato a ter nas atitudes de quem namora (ONF, Ago. 1943).

Muitas são também as cartas que Maria Lúcia Vassalo Namorado recebe sobre *Joaninha quer casar*, enviadas por leitoras menos conhecidas. Uma delas, Irene

---

ministram às raparigas os melhores e mais sensatos conselhos e os mais oportunos ensinamentos(...) Novo e excelente trabalho que as mulheres portuguesas lhe ficam devendo(...)”.

Pinheiro de Mello, que escreve de Lisboa, reconhece alguns dos textos “(...)há alguns anos atrás, numa revista feminina, alguns artigos dedicados às raparigas (...) e que(...)tiveram condão de esclarecer dúvidas e corrigir pequenos maus hábitos que eram, afinal, grande obstáculo à minha própria felicidade e não estavam assinados, creio, e desconhecia sua autora(...)agora estão em *Joaninha quer casar*(...)”(Caixa 26. Maço 4). A leitora tem razão pois que alguns capítulos haviam sido publicados, como referimos já, anos antes, em *Modas & Bordados*.

Os pedidos de encomenda do livro chegam à *Editorial Os Nossos Filhos* vindos de diversas localidades e senhoras ou mesmo de instituições. Tal é o caso de Mirene Carvalho, da *Livraria Académica E Carvalho e Fernandes*, em Goa, na Índia Portuguesa (Caixa 29. Maço 3), de Maria de Lourdes Cardoso, leitora assídua, da Venda Nova, perto de Lisboa, de Olinda Ribeiro, de 18 anos, de Quinta de Vila Pouca (Caixa 26. Maço 4), de Miguel Augusto Pinto de Meneses em nome do *Liceu Afonso de Albuquerque*, da Guarda (Caixa 61. Maço 1 e Caixa 25. Maço 1) e de Maria Evangelina Pinto, médica e dona do *Collège Féminin*, de Lisboa que o aconselha às alunas porque “(...)será bom subsídio para a sua formação moral (...)”( Caixa 25. Maço 1 e Maço 2), ou Maria Julieta de Deus Domingues, de Faro<sup>314</sup> que reside em Silves (duas cartas em Caixa 26. Maço 4), Maria de Lourdes Barros da Cunha, do Porto (Caixa 77. Maço 8). Nos anos 70, mais precisamente um mês antes do 25 de Abril de 1974, ainda há quem faça a encomenda da obra como é o caso de Rita Vasconcelos (Teixeira Lobo) que a pede quando vai “(...) viver para África daqui a dois meses(...)” (Carta de 26 Mar. 1974. Caixa 77. Maço 8).

Como para *A Mulher dona de casa*, a edição de *Joaninha quer casar*, em espanhol e francês (Caixa 35. Maço 2), estivera também prevista por Maria Lúcia Vassalo Namorado como se depreende da leitura das cartas do *Espólio*. As duas que envia a Maria Luísa Silva Neves (Caixa 31. Maço 2) mostram que o desejo era difícil de realizar, como já referimos.

A *Joaninha quer casar* seguiu-se, na Colecção *Biblioteca das Nossas Filhas*, da *Editorial Os Nossos Filhos*, a publicação de *Ar Puro*, da autoria de Virgínia (Bordallo Pinheiro) Lopes de Mendonça que, em carta que endereça a Maria Lúcia Vassalo Namorado pergunta se “(...) acha que valerá a pena dando-lhe mais vigor a certos pormenores e modificando um pouco a linguagem, de forma que fique mais

---

<sup>314</sup> assinante que reside na Quinta das Parreiras, Falacho, Silves



corrente, acessível à leitura?(...)” (Caixa 42. Maço 2). O lançamento deste segundo volume da colecção vai ser feito através de um concurso<sup>315</sup>. No número 34 da revista um pequeno anúncio refere-se-lhe, dizendo: “(...)deve ser posto à venda, dentro de POUCOS dias, um lindo romance para raparigas, da autoria da nossa apreciada colaboradora Virgínia Lopes de Mendonça Intitula-se *Ar Puro* e constitui o 2.º volume da *Biblioteca das Nossas Filhas*. Na nossa opinião, *Ar Puro* é o que deve ser um romance para meninas: leve, agradável, sadio, apresentando a vida sem disfarces enganadores, antes sob o seu aspecto simples, tal como é possível e bom vivê-la. O cuidado é pouco na escolha das leituras dos adolescentes porque se um bom livro é um amigo, um mau livro é um péssimo companheiro. Devemos proporcionar a nossos filhos e filhas leituras sãs, optimistas, construtivas. É incalculável o perigo, que para a gente moça representa a má leitura. Nessa quadra da vida, em que a sensibilidade atinge uma delicadeza exagerada e os sentimentos se combatem pela conquista da personalidade ainda mal definida, o livro pode exercer influência decisiva. E, se as boas leituras encaminham para o bem, mais facilmente as más arrastam para o mal(...)” (ONF, Mar. 1945). No número seguinte, em Abril de 1945, já o mesmo livro era anunciado como estando disponível para venda ou encomenda, na *Editorial Os Nossos Filhos*. Para esta colecção Maria Lúcia Vassalo Namorado convidou Maria da Luz de Deus (Ponces de Carvalho) a escrever outro volume. Apenas encontrámos essa referência na base da correspondência do *Espólio*. Em carta enviada de Canas de Sabugosa, Beira Alta, a filha de João de Deus Ramos, sócia do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* e professora dos filhos de Maria Lúcia Vassalo Namorado, escreve: “(...) Tenho pensado no convite amável que me fez (...)de escrever um livro para a tão útil *Biblioteca das Nossas Filhas*. Gostava de formar um volume com uma série de pequenos contos ligeiros que dessem nos seus traços essenciais, uma ideia da evolução social da Mulher e da Rapariga. Parece-lhe que esta ideia está dentro da linha geral do seu interessante empreendimento? (...)” (Carta de 14 de Ago. 1945. Caixa 42. Maço 1) . Se estava ou não, não o sabemos uma vez que esse livro nunca foi anunciado. Ainda para esta colecção há uma outra colaboradora Iracema Folque do Souto ou *Maria Paula de Azevedo* que escreve à directora de *Os Nossos Filhos*, fazendo um pedido e uma oferta: pede para “(...)mandar um exemplar de *Ar Puro* (...) da sua edição à cobrança pois não sei preço exacto do livro e desejo comprá-lo (...) não mo ofereça (...)”

---

<sup>315</sup> Cf. análise dos Concursos promovidos pela revista por *Os Nossos Filhos*, feita neste trabalho.

e ao mesmo tempo “(...) queria perguntar-lhe se acaso quereria publicar a seguir ao *Ar Puro* um romancinho para raparigas que acaba de ter grande sucesso no *Boletim da M.P.F.* e que me valeu receber muitas e encantadoras cartas de raparigas. Chama-se: *Maria Rita, solteira* (...). As suas condições seriam as minhas(...) responda-me com a maior franqueza (...) como devo sair de Lisboa no Verão, gostaria de receber breve a resposta(...)” (Carta de 30 de Jun. 1945. Caixa 35. Maço 1). Também desta oferta nada sabemos excepto que o dito livro aqui não foi publicado.

Deste período não temos conhecimento de mais nenhum livro publicado por Maria Lúcia Vassalo Namorado se bem que em carta datada de 9 de Agosto de 1948, a poetisa Iveta Ribeiro<sup>316</sup> que escrevia com frequência em *Portugal Feminino* e que no ano seguinte vai organizar uma exposição de livros de mulheres portuguesas como referiremos no capítulo seguinte, refira que “(...) acuso recebimento dos dois volumes do seu livro *Estrada sem nome*<sup>317</sup> e seis números da revista(...)” (Carta em Caixa 31. Maço 2).

De outro tipo de intervenção de Maria Lúcia Vassalo Namorado daremos conta no subcapítulo seguinte quando nos referimos a outro tipo de iniciativas que realizará, entre 1942 e 1958.

### 3.1.3 Conferências e outros meios educativos - 1942-1958

Maria Lúcia Vassalo Namorado vai escrever livros, colaborar em outras publicações periódicas e proferir diversas palestras ao mesmo tempo que publica a revista *Os Nossos Filhos* sem nunca deixar de estar atenta ao que, em política, se passa à sua volta. Neste subcapítulo pretendemos analisar essas outras actividades que realizou, deixando para capítulo posterior, a análise da revista de que foi directora e todas as outras actividades em que se envolveu, depois de *Os Nossos Filhos* ter passado a publicação anual, ou seja, depois de 1959.

Estas actividades têm em comum a preocupação e a necessidade de reflectir com/sobre a situações menos conhecidas das mulheres e das crianças em Portugal. Delas fazem parte a realização de duas das três conferências, que fez a convite da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social*: uma delas, sobre a necessidade de protecção das crianças

---

<sup>316</sup> Da *Associação Brasileira de Imprensa*, da *Sociedade Brasileira Actividades Teatrais* e da *Associação Artistas Brasileiros*, com onze livros publicados.

<sup>317</sup> A lápis, tem um ? depois do título da obra referida.

desamparadas e a proposta da criação de uma *Liga Portuguesa de Protecção à Infância*, que foi realizada em 16 de Março de 1946 e a outra, sobre *Helen Keller*, pronunciada em 15 de Outubro de 1956. É delas que nos ocuparemos nas linhas seguintes deste subcapítulo.

### 3.1.3.1 Conferência *Pela Criança*

A convite da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social* do Porto, enviado a 23 de Maio de 1945 (Caixa 4. Maço 2) vai Maria Lúcia Vassalo Namorado pronunciar, um ano depois, em 16 de Março de 1946, no salão de festas do *Clube Fenianos Portuenses*, uma conferência sob o título *Pela Criança*<sup>318</sup>. Na mesa de honra estavam diversas personalidades locais<sup>319</sup> e foi numerosa a assistência que a escutou. Várias foram as autoridades de que se socorreu nas suas citações. Entre elas contaram-se a médica Maria Luísa Van Zeller, também deputada à *Assembleia Nacional*, o Dr. Victor Fontes enquanto director do *Instituto António Aurélio da Costa Ferreira*, de Lisboa e ainda a assistente social Merícia Nunes pois todos se haviam pronunciado já sobre os “(...) altos índices de morbilidade e mortalidade infantil(...)” (Caixa 4. Maço 1) existentes em Portugal. Maria Lúcia Vassalo Namorado teceu ainda considerações sobre as más condições materiais e morais dos agregados familiares, sobre a habitação insalubre visível em todas as cidades, a promiscuidade em que viviam certas famílias, a muita ignorância existente sobre preceitos de higiene e educação infantil. A análise da situação do enorme contingente de crianças pobres que não podiam aceder à escola por falta de vestuário e alimentação, de cantinas escolares em número insuficiente e em boas condições, da condição das crianças trabalhadoras que depois dos dez anos eram usadas “(...) em serviços superiores às suas forças(...)”, as que não tinham outra ocupação excepto a “(...)escola da rua(...)” conducente à vadiagem, mendicidade e ao

---

318

<sup>319</sup> Estiveram presentes /scanner/ Dr. António Emílio de Magalhães, director da LPPS, que presidiu, Maria Celeste Ferreira Cardoso, que era Vice- Presidente da /delegação municipal/ da *Obra das Mães pela Educação Nacional*, Dr. José Maria Corte Real, Presidente da *Federação dos Amigos da Escola Primária*, Octávia Isabel Lucas, /fundadora e/ Directora da *Protecção à Criança da Rua*, Dr. Sousa Costa, escritor; Emília de Sousa Costa, escritora, Dr. Eduardo Ralha, Presidente do *Clube Fenianos Portuenses*, Dra. Adelaide do Carmo Fernandes, médica e Ludovina Frias de Matos, poetisa. (Caixa 77. Maço 3). Em documento da Liga refere-se que estiveram também presentes: D. Marília de Oliveira e o Dr. António Paul, médico de Ermesinde (Caixa 4. Maço 1). No almoço que fora feito no Ateneu tinham estado presentes, além de Maria Lúcia Vassalo Namorado e do marido, que a acompanhara, o Dr. António Emílio de Magalhães e “(...) tomaram parte os seus amigos e admiradores: Dr. Gil da Costa e esposa, D. Ester Costa, Porto; Dr. António Paúl e esposa, D. Beatriz Lopes Paúl, Eng. António Barbosa de Abreu, esposa e cunhada, respectivamente, D. Maria Vitória Oliveira de Abreu e D. Marília de Oliveira, do Porto (...)” (Caixa 4. Maço 2).

crime foram outros dos temas abordados. O seu texto não omitiu a referência às “(...)crianças exploradas, abandonadas, doentes, cegas, anormais ou sacrificadas à prostituição(...)” que, apesar das leis existentes, continuavam a poder sobreviver na maior das misérias. Por essa razão, Maria Lúcia Vassalo Namorado irá propor, nesta sua conferência, a criação de uma *Liga Nacional de Protecção à Infância* que se propunha lutar contra “(...) dois factores que obstam à realização duma boa assistência infantil: a ignorância dos pais, particularmente das mães e o baixo nível económico das famílias; essa *Liga* procuraria duas séries de medidas: uma educativa e outra de protecção aos pais e crianças pobres (...) lutaria pela educação das mães, pobres ou ricas e todas as raparigas seriam obrigadas a frequentar um curso gratuito, mais ou menos desenvolvido consoante seu grau de cultura e aprenderiam regras elementares de puericultura e pedagogia(...) o curso daria diploma sem o qual nenhuma mulher poderia casar(...) deixaria de haver mães a deixar morrer filhos de enterite e diarreia por ignorância ao mesmo tempo que raparigas ingressariam numa profissão que faz falta: criadas e vigilantes de meninos(...) essa instituição teria outros objectivos: a protecção a todas crianças e raparigas, mães abandonadas, grande multiplicação dos centros de saúde para medicina preventiva(...) assistência no lar às parturientes e mães doentes(...) leis de protecção às grávidas pobres, concedendo-lhes assistência médica, alimentos apropriados, enxoval de bebé, etc. (...) a criação de creches, jardins-escola e escolas profissionais em todas as grandes fábricas, oficinas e centros rurais, protecção aos filhos ilegítimos; escolas e internatos para crianças anormais, educáveis e não educáveis (...)” (Caixa 4. Maço 1). Como se conclui, estava apresentado todo um programa de trabalho que tinha inúmeros pontos de contacto com a tarefa de esclarecimento e educação das mães que Maria Lúcia Vassalo Namorado estava a realizar em *Os Nossos Filhos*, desde 1942. Diversas notícias de apreciação da referida conferência foram publicadas em inúmeros periódicos. Entre eles conta-se *Modas & Bordados*<sup>320</sup>, com notícia elogiosa pois aí a “(...)distinta escritora apontou factos, apresentou números, mostrou exemplos e expôs ideias, com singela e nobre eloquência da verdade, dominando por completo o auditório, que por diversas vezes, entusiasmado, a interrompeu com vibrantes aplausos, tributando-lhe, no final, uma prolongada ovação(...)”(Caixa 70. Maço 1).

---

<sup>320</sup> *Modas & Bordados* de 10 Abril 1946. p. 5. Nesta notícia são feitos elogios à LPPS e a fotografia de Maria Lúcia Vassalo Namorado é a mesma que ilustrava a notícia crítica sobre *Negro e Cor de Rosa* feita em *Modas & Bordados*. N.º 1345.17-Nov. 1937. p. 6, ou seja, usam a mesma fotografia para distintas notícias, sobre a mesma pessoa, publicadas com nove anos de intervalo.

Ludovina Frias de Matos, colaboradora da revista *Os Nossos Filhos*, no Porto, e que estivera na mesa de honra da conferência<sup>321</sup>, fará apenas uma brevíssima alusão a esse evento na revista pois que a directora mais não permitira: “(...)Convidada da benemérita *Liga Portuguesa de Profilaxia Social* veio ao Porto proferir uma conferência no salão nobre do *Clube Fenianos*, a Directora da nossa Revista. Como não nos é permitido expender aqui largas considerações sobre essa interessante palestra que teve o título *Pela Criança*, diremos apenas que a oradora falou com a dupla autoridade do seu prestígio de escritora consciente e de mãe devotadíssima, entusiasmando o auditório(...)” (ONF, Maio 1946).

A conferência que acabamos de apresentar começara a ser idealizada muito antes da data da sua realização. O seu percurso e os muitos comentários<sup>322</sup> vindo de diversas frentes, é o que apontamos seguidamente ao analisar as cartas que, sobre o tema, encontramos no *Espólio* que estudamos e que, na sua grande maioria<sup>323</sup> são enviadas à directora de *Os Nossos Filhos* por António Emílio de Magalhães, médico e um dos directores da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social*, ainda hoje sedeadada no Porto.

A ideia da Maria Lúcia Vassalo Namorado para a criação de uma instituição deste tipo vinha germinando, pelo menos desde 1943: em *Editorial* intitulado *Porque não se cria um Museu Popular de Higiene Social?* percebemos que ela admirava a *Obra Nacional de Infância Belga*<sup>324</sup> e mais tarde, em Maio de 1945, também em *Editorial*<sup>325</sup> da revista, ela dirá: “(...) Se é certo que existem muitas Obras, quer oficiais, quer particulares, que trabalham pela criança e a protegem, é igualmente verdade que essas Obras são em número insuficiente, e que há aspectos do problema infantil pelos quais parece que ninguém se interessa. Também é certíssimo que a maior parte das pessoas não está habituada a pensar nestes assuntos nem mesmo de que serviria pensar neles, por não

---

<sup>321</sup> Da conferência então pronunciada foi enviada, por António Emílio de Magalhães a Maria Lúcia Vassalo Namorado, uma fotografia, em 9 de Abril do mesmo ano que ainda existe no *Espólio* (Carta de António Emílio de Magalhães. 9 de Abr. 1946. Caixa 4. Maço 2).

<sup>322</sup> Há um que não incluímos aqui pois não passa de uma pequena referência à designação da *Liga*, na carta de Maria da Conceição Costa Marques, professora em Lourosa, Vila da Feira que escreverá um texto sob o pseudónimo *Uma professora qualquer* a que nos referimos no capítulo sobre a importância da Censura. (Caixa 15. Maço 2).

<sup>323</sup> Sobre o mesmo tema também apreciamos outras de Fernanda Tasso de Figueiredo embora nos dêem menos dados sobre o referido percurso.

<sup>324</sup> *Os Nossos Filhos*. Agosto de 1943. p. 3. Como veremos na análise da revista *Os Nossos Filhos*, Maria Lúcia Vassalo Namorado até mandara fazer reproduções adaptadas dos postais que essa instituição executara com o título *As reivindicações do bebé*.

<sup>325</sup> Editorial intitulado *Vamos criar a LIGA PROTECTORA DA INFÂNCIA?* (ONF, Maio 1945. p. 3 e 34) em se comenta um artigo *Como vivem crianças num pátio de Lisboa*, que Merícia Nunes, Assistente Social do Instituto António Aurélio da Costa Ferreira, publicou no número de Junho a Setembro de *A Criança Portuguesa*, boletim do referido Instituto.

lobrigarem modo de lhes ser prestáveis. Assim, não seria natural, que se organizasse uma *Liga Protectora do Infância*, que se interessasse por tudo o que diz respeito à Criança, estudasse todos os seus problemas, aceitasse e coordenasse todos as colaborações, e ao mesmo tempo (...) actuar utilmente no sentido de elevar a Criança? A *Liga Protectora da Infância*, é outro dos nossos velhos sonhos. Vamos organizá-la? Porque não? Basta-nos vontade... Se todos nos unirmos, que Obra seremos capazes de erguer! Escreve-nos, leitora. Tu, principalmente, que és Mãe, hás-de por força sentir a beleza e a necessidade dessa Obra. E podes com certeza contribuir para ela. Uma pequena moeda, uma roupa já usada, um livro já lido, uma hora de trabalho, tudo constituirá valiosa contribuição para a grande Obra a realizar (...)” (p. 34).

Ainda antes da publicação deste *Editorial*, no início do ano de 1945, Maria Lúcia Vassalo Namorado terá começado a pedir a opinião de algumas pessoas sobre o que pensavam em relação à sua ideia de criar a *Liga Portuguesa de Protecção à Infância* (também assim designada); estão neste grupo Fernanda Tasso de Figueiredo do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* e os médicos Ferreira de Mira e António Emílio de Magalhães.

A primeira, depois de criticar positiva e exaustivamente o último número saído da revista *Os Nossos Filhos*, informa Maria Lúcia Vassalo Namorado que “(...)acho linda a ideia mas, confesso, de momento, sinto-me absolutamente obtusa quanto à realização(*sic*) de obra tão útil e simpática (...)” e, em vez de lhe dar os conselhos solicitados aproveita para lhe sugerir que faça uma reportagem sobre outras obras de assistência, dizendo: “(...) Conhece o *Amparo à criança* ali na R. das Amoreiras, ou cousa parecida? Embora uma organização absolutamente religiosa, julgo que merece bastante interesse(...) e aquele simpático *Preventório de Colares* para filhos de tuberculosos? Gostaria bem que a visitasse e escrevesse qualquer coisa sobre a obra que é encantadora e depende duma que há em Benfica (...)”(Carta de 16 Maio 1945. Caixa 41. Maço 3).

Quatro dias depois, informa Maria Lúcia Vassalo Namorado de que ideia não será original e prova-o: “(...)Dizia-lhe na minha última carta, que achava estupenda a sua bela ideia duma *Liga de Protecção à Infância*, mas que, de momento, me sentia absolutamente obtusa e não conseguia alcançar a forma da sua realização eficiente. Não é que, hoje, a ideia me tenha vindo espontaneamente da melhor essência do meu espírito e lamento-o profundamente, porque me parece bom o plano apontado e, por acaso - cá estou eu a dizer acaso: uma cousa em que não creio... porque, para mim, tudo quanto sucede tem de suceder e é preciso que suceda por razões, em geral, que nós,

infinitamente ignorantes, não conseguimos alcançar, mas que tem a sua determinante perfeitamente marcada!- ao rever uns jornais que esperava para rever quaisquer notícias que não tivera tempo de ler com atenção, encontrei um pequeno artigo que lhe mando sobre *mulheres polícias a empregar na defesa e protecção das crianças, em geral, e das menos protegidas pela sorte, em particular*, que foi como um raio de luz a esclarecer a minha incompreensão de há dias. É pena não ser novo, não ter a senhora a primazia da esplêndida ideia para tão magnífico projecto, absolutamente possível de realização - mas de realização prática e real, que resulte tal e qual quanto os seus fins visam, e não apenas desses que são óptimas, em teoria, como tal, se tentam pôr em prática somente "pour épater le bourgeois" e que apenas são belas obras no papel, de jornal ou revista, que as preconiza ou réclama... Não é mesmo assim como digo? Porque achei curiosa a notícia e esplêndida para base da sua magnífica ideia, apesar de cançadíssima (*sic*), como tenho estado nestes últimos dias e depois de ter trabalhado a noite passada até tarde, não resisti à tentação de vir a correr mandar-lhe o recorte em questão com a minha opinião e absoluto aplauso. O recorte era do *Diário Popular* do dia 23 de Abril passado. Oxalá a ideia lhe possa ser proveitosa e a possa realizar com êxito para benéfica base da sua justa e muito bem pensada *Liga* (...). Oxalá a minha carta lhe possa servir para alguma coisa(...)" (Carta de 20 Maio 1945. Caixa 41. Maço 3).

É pelo texto da anotação que Maria Lúcia Vassalo Namorado faz, a vermelho, numa das cartas que Ferreira de Mira lhe escreve<sup>326</sup>, que sabemos que ela lhe terá pedido opinião sobre o mesmo caso pois tem: "(...) escrevi pedindo desculpa de não ter ido visitá-lo por ter estado o Rui doente. Breve irei poder continuar o assunto. Desejo ouvir a sua opinião sobre *Liga Protectora da Infância*(...)" (Carta 4 de Dez. 1945. Caixa 41. Maço 3).

Não sabemos quando Maria Lúcia Vassalo Namorado terá escrito a António Emílio de Magalhães partilhando com ele a ideia da *Liga*... pois apenas existem cartas dela, não datadas, mas o processo deve ter-se iniciado ainda em 1944 visto que, em Novembro desse mesmo ano, já depois de ter apresentado a ideia àquele médico, ela põe até a hipótese de participar em projectos assistenciais levados a cabo por outras instituições. Nessa altura juntara-se ao "(...) coração enfraquecido e ao esgotamento cerebral todo Verão até Outubro(...)" a gripe e obcesso(*sic*) (...) não posso agradecer favores e bondade de V. Ex.<sup>a</sup> procurando ser um pouco melhor e mais útil porque utilidade a valer não a

---

<sup>326</sup> E em que este lhe agradece a recensão que ela fizera, em *Os Nossos Filhos*, ao livro *Higiene Rural* que ele havia publicado pouco antes sabemos que ela lhe terá pedido opinião sobre a criação da *Liga*...

tenho e quanto bondade, pior ainda, porque as intenções são boas mas a paciência não ajuda (...) eu vejo as coisas como mulher ignorante que sou pois só tenho a guiar-me o coração e uma intuição que às vezes consegue acertar(...). Em Lisboa criou-se a *Casa do Ribatejo* e eu sou ribatejana (...). A Casa tem a sua secção de Beneficência(...) por outro lado *As Florinhas de Rua* é uma instituição legalizada, que se propõe “criar internatos e semi-internatos para crianças do sexo feminino completamente desprotegidas” e aqui dentro cabem muitas coisas... Não valeria mais a pena pôr a minha boa vontade ao dispor de uma destas Obras mencionadas? Ao menos sempre faria alguma coisa já que não me parece fácil a criação duma *Liga Protectora da Infância*, com largos poderes e eu não me sinto com forças nem tenho tempo para lutar activamente para que ela se crie. Não sei se me exprimo claramente(...) que me aconselha? Não será mais fácil dentro da Casa do Ribatejo, fazer uma pequena Obra social e educativa, que abranja todas as crianças dessa Província? Obra que amanhã atraísse as atenções e se fosse alargando pelo País? Peço seus conselhos. Confesso: adoro trabalhar - mas não tenho paciência, nem jeito, no estado em que estou, e depois as(sic) lutas que já tenho mantido para lutar para que me deixem trabalhar (...)” (Caixa 4. Maço 2).

O activo médico director da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social* vai iniciar então uma série de contactos no sentido de conseguir realizar o sonho de Maria Lúcia Vassalo Namorado; deles lhe envia cópias<sup>327</sup> que, felizmente, ela guardou no *Espólio*. São esses textos das cartas que nos permitem perceber o percurso que seguiu a (não) realização da *Liga Nacional de Protecção à Infância*.

Em 29 de Março de 1944 a direcção da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social* enviara um ofício sobre o assunto à *Obra das Mães pela Educação Nacional*. Em resposta assinada pela Presidente assume-se que os meios de que dispunha a Obra eram escassos e de que “(...)com muito pesar nosso para a *Obra das Mães* não há possibilidade de patrocinar eficazmente esse plano, sobre a possível instituição de uma *Liga Protectora da Infância*, idealizada pela Ex. Sra. Directora de *Os Nossos Filhos* (...) digno de aplauso, daríamos apoio moral mas tal colaboração teria de ser mais prática (...) para esta não dispomos de elementos essenciais: fundos e membros em condições de se

---

<sup>327</sup> Em cartão de visita da *Liga*...é dito que a mesma “(...)pede desculpa do atraso com que lhe envia cópia da carta que a Sra. Condessa de Rilvas lhe dirigiu /à LPPS/ a propósito da excelente ideia de V. Ex<sup>a</sup>. ao lançar a sugestão para que se crie uma *Liga Portuguesa de Protecção à Infância*(...)” (Caixa 4. Maço 2) e são anexadas cópias das cartas da Condessa de Rilvas – de 29 Mar. 1944 e do Ministério do Interior Sub-Secretariado da assistência Social, Gabinete do subsecretário, de 1 de Abril seguinte.



poderem dedicar a uma nova actividade intensa, paralelamente com aquela que têm de desenvolver para cumprir a missão que segundo os nossos estatutos nos está confiada(...)" (Caixa 4. Maço 2).

Em resposta à carta da *Liga Portuguesa da Profilaxia Social* enviada em 31 de Março de 1944, o *Sub-Secretário da Assistência Social* responde, logo no dia seguinte, em carta assinada pelo seu secretário, juiz Manuel Lourenço Vasco:"(...) Existe a *Organização Nacional de Defesa da Família* onde cabem todos os objectivos que a *Liga* se propõe (...) não vale a pena abandonar o que já existe para fundar Ligas com o mesmo fim e apenas com nomes diferentes (...). Todas boas vontades aceites para trabalhar na *Organização da Defesa de Família* a não ser que às pessoas não seja simpático por ter carácter oficial mas, nesse caso, à margem do Estado ou contra ele não podem consentir-se outras Ligas(...)" (Caixa 4. Maço 2). Logo três dias depois, a 4 de Abril de 1944, António Emílio de Magalhães envia nova carta a Maria Lúcia Vassalo Namorado na qual lhe ratifica o apoio que desde há muito lhe dispensa:"(...) marcamos, V. Ex<sup>a</sup>. e nós, uma atitude firme e digna que à causa que defendemos será de máxima utilidade (...) A *Liga Portuguesa da Profilaxia Social* estará com V. Ex<sup>a</sup>. porque é uma Obreira de primeira plana e tem plena consciência do nossos atraso social, muito especialmente ao cínico abandono da Mulher humilde e à criminosa indiferença a que são votadas as crianças, embora a todo o momento ouçamos a respeito delas o que de grandioso se projecta em seu favor, ficando (...) a maior parte desses projectos sem execução(...)" (Caixa 4. Maço 2).

Aquele médico envia outra carta a Joaquim Dinis da Fonseca<sup>328</sup>, sub-secretário da Assistência Social em que esclarece que:"(...) não temos motivo algum para desconfiar de que a Ex. Sra. D. Maria Lúcia Silva Rosa não simpatize com o carácter oficial da benemérita *Organização Nacional Defesa da Família* visto tratar-se de uma pessoa dotada de nobilíssimos intuitos e funda religiosidade e não nos constar que tenha exteriorizado qualquer animadversão em cooperar intimamente na obra do Estado Novo (...) temos ideia de que política de assistência actualmente preconizada é de esta ser entregue no grau mais elevado às instituições particulares, foi motivo de aprazimento

---

<sup>328</sup> Sobre este governante não era grande a admiração que António Emílio de Magalhães por ele nutria pois que, quando em 17 de Setembro de 1944 escreve, em férias, a Maria Lúcia Vassalo Namorado aproveita para acrescentar que: "(...) me congratulo pela saída do subsecretário da Assistência Social o conspícuo Diniz da Fonseca, que enquanto lá esteve deu provas de possuir um coração de chumbo. Felizmente que estamos livres dele(...)" (Caixa 2. Maço 3), repetindo a apreciação em carta de 15 de Abril de 1944.

para a Direcção desta *Liga* ser informada de que todos os objectivos que aquela ilustre e bondosíssima Sra. se propunha na sua carta, plenamente cabem na alçada da *Organização Nacional Defesa da Família* para que não se verifiquem mais tristes factos como o que refere a PSP do Porto, pedindo ajuda ao *Albergue distrital de Mendicidade* em que diz que há crianças a disputar comida dos caixotes aos cães(...) vamos transmitir esse despacho à Sr. D. Lúcia Silva Rosa antecipadamente convencidos de que ela aceitará a sugestão de se integrar na benemérita *Organização Nacional Defesa da Família* para a realização do seu sonho de larga protecção à infância (...) para tranquilizar V. Ex<sup>a</sup> nunca houve intenção de formar qualquer Liga que trabalhasse à margem do Estado e muito menos contra ele (...)” (Caixa 4. Maço 2).

Em 4 de Novembro de 1944, depois destas tentativas infrutíferas de resolução do problema, os directores da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social* fazem as derradeiras diligências junto do “(...) Dr. Joaquim Trigo de Negreiros, ilustre subsecretário de Estado de Assistência Social do Ministério do Interior(...)” apresentando a seguinte sugestão: “(...) D. Maria Lúcia Vassalo Silva Rosa, ilustre directora da revista educativa *Os nossos Filhos*, especialmente dedicada aos pais de família, dirigiu-se a esta Liga, apresentando sugestão que nos parece digna do maior interesse: a fundação de uma *Liga Portuguesa de Protecção à Infância* (...) que merece apoio moral e auxílio mais concreto e positivo (...) Em resposta, fizemos uma exposição à Sra. Condessa de Rilvas e que confirmou que não podia ser (...) mas como o Ex. tenente coronel Botelho Moniz, em resposta ao ofício de felicitações que lhe enviámos reconhece que “*no campo assistencial há um trabalho tão grande a realizar que todos os esforços são bem vindos quando derivado do mesmo ideal de bem servir a Nação e grei portuguesa*” atrevemo-nos a esperar de V. Exa., quer convidando a Ex.a. Sra. D. Maria Lúcia Silva Rosa a ingressar nalgum organismo oficial já existente, e a realizar por seu intermédio a muito interessante e importante obra social que se propõe, quer facultando-lhe os meios dela a pôr em prática mediante uma instituição especialmente fundada, não deixará fenecer tão generosa ideia antes proverá a que ela possa em breve desentranhar-se nas mais belas florescências de caridade cristã(...)” (Caixa 4. Maço 2).

António Emílio de Magalhães envia nova carta<sup>329</sup> à directora de *Os Nossos Filhos* e uma cópia do último ofício que escrevera ainda para a Direcção-Geral da

---

<sup>329</sup> No início de 1945, informando-a de que decidira colocar nos livros publicados com as Conferências publicadas pela *Liga Portuguesa de Profilaxia Social* uma folha volante em que fazia propaganda de *Os*

Assistência em 16 de Novembro de 1944, ao cuidado do novo subsecretário da Assistência. Nela, os dois directores da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social*, António Emílio de Magalhães e Gil da Costa referiam-se assim à ideia da criação daquela *Liga Nacional de Protecção à Infância*: "(...) "(...) A D. Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva e Rosa, ilustre directora da revista educativa *Os Nossos Filhos* especialmente dedicada aos pais de família, escreveu-nos apresentando uma sugestão digna do maior interesse: fundação duma *Liga Portuguesa de Protecção à Infância* (...) Mais do que apoio moral queremos dar apoio concreto e positivo (...)o assunto é assim apresentado /transcrevem os parágrafos que ela lhes enviara/: "(...) *é bom que haja associações que chamam a atenção a uma mulher que pega um coelho pelas orelhas ou um homem que leva o burro desferrado mas é pena que não haja nenhuma que defenda do frio, da fome, da porcaria, da miséria e do vício a única parcela pura da humanidade: a criança! Há pessoas ingénuas que pensam que por eu ter uma revista posso solucionar casos gravíssimos; essas pessoas só me fazem sofrer, porque eu nada posso(...)* a Liga seria dividida em dois ramos: assistência e educação (...) *que acabe com crianças nos cinemas e tabernas, maltrapilhas, imundas, a vender flores e cautelas junto a cafés(...)* *que promova espectáculos para crianças, multiplique cursos para mães, os jardins-infantis, crie salas nas estações e compartimentos para os bebés nos comboios(...)* *uma Liga que seja ligação entre o necessitado e o meio social, a apontar caminho, como que a guiá-lo pela mão(...)*". Ficamos a aguardar parecer (...)" (Caixa 4. Maço 2). O membro do governo só responderá em 5 de Fevereiro<sup>330</sup> do ano seguinte de forma assaz lacónica:"(...) a sugestão no mesmo apresentada será tomada oportunamente(...)", o que provoca este comentário ao médico portuense:"(...) cáfila de intrujões!(...)" (Caixa 7. Maço 2). Em 2 de Janeiro de 1945, numa última e inconclusiva tentativa, aquele clínico vai ainda servir de intermediário<sup>331</sup> entre a directora da revista *Os Nossos Filhos* e a *Casa do Ribatejo*, em Lisboa, dizendo saber que: "(...)Como Casa tem, entre as suas actividades, uma *Secção de Beneficência* /e/ pensou a *Liga* chamar a atenção para uma ribatejana de alma generosa e esclarecida que dirigindo já uma publicação educativa destinada às famílias, a conceituada revista *Os Nossos Filhos*, há muito sabemos que

---

*Nossos Filhos* porque ela e "(...) mulheres da sua qualidade deviam receber atenção aos Educadores, à Obra das Mães e quejandas instituições(...)" (Caixa 7. Maço 2).

<sup>330</sup> O que provoca o seguinte 'desabafo' escrito de António Emílio de Magalhães: "(...) tardou mas sempre chegou(...)" (Caixa 7. Maço 2).

<sup>331</sup> Em cópia de carta dactilografada de 4 páginas, dirigida pela *Liga Portuguesa de Profilaxia Social* à Direcção da *Casa do Ribatejo* em Lisboa, datada de Porto, 2 de Janeiro de 1945 (Caixa 7. Maço 2).

anseia por se integrar numa obra de assistência educativa, especialmente destinada às crianças (...) os seus propósitos iniciais mais latos, visando criação de *Liga Nacional de Protecção à Infância* que expôs a esta *Liga* (...)” não foram entendidos pelas autoridades oficiais como deveriam tê-lo sido. Por tal razão, ele propõe: “(...) não seria possível fazer, por intermédio da *Casa do Ribatejo*, uma pequena Obra social e educativa que abrangesse, neste caso, todas as crianças da Província do Ribatejo? Seria modelo para o país inteiro(...)”(Caixa 7. Maço 2).

Depois de todas estas diligências é então que a *Liga Portuguesa de Profilaxia Social* convida Maria Lúcia Vassalo Namorado a pronunciar a sua conferência, no Porto, em 23 de Maio de 1945 e que, sendo por diversas vezes adiada, será apresentada só a 16 de Março do ano seguinte, como já referimos no início deste subcapítulo.

Maria Lúcia Vassalo Namorado, então com trinta e sete anos de idade, divulga aí a sua proposta e, mesmo sabendo tudo o que já se passara sobre o tema, não deixa de insistir na necessidade da criação de uma *Liga Nacional de Protecção à Infância*.. Porém, tal ideia seria retomada só trinta e sete anos mais tarde, sob uma designação diferente: referimo-nos ao *Instituto de Apoio à Criança*, de que ela será sócia fundadora<sup>332</sup>, com o número 59, em 14 de Março de 1983.

### 3.1.3.2 Conferência *A Mensagem de Helen Keller*

A directora da revista *Os Nossos Filhos* vai dar algum relevo à passagem de Helen Keller por Lisboa, em 1956. No número de Maio desse ano, em texto<sup>333</sup> especial são dados diversos pormenores sobre a visita desta senhora a Portugal e, contrariamente ao que era usual em Maria Lúcia Vassalo Namorado, a sua fotografia e a de Lucinda Atalaia junto de Helen Keller vai sair na revista, a ilustrar o artigo. A *Liga Portuguesa da Profilaxia Social* convida a directora de *Os Nossos Filhos* a realizar uma conferência sobre aquela senhora ao mesmo tempo que agradece a informação, enviada por Maria Lúcia Vassalo Namorado em 6 de Junho desse mesmo ano, “(...) que dá da resolução integral do problema dos cegos no nossos País, em consequência da passagem por Lisboa de Helen Keller (...) a notícia enche de alegria a Nação inteira, isto é, todos quantos na nossa Pátria compreendem e sentem os grandes problemas sociais (...) o

---

<sup>332</sup> Num total de setenta e nove outras figuras como nos confirmou Antónia Passinhas, do IAC.

<sup>333</sup> Artigo intitulado *Nós vimos e escutámos Helen Keller, a mulher milagre*, assinado por Lucinda Atalaia, e publicado em *Os Nossos Filhos*, de Maio de 1956, p. 16-17. As fotografias realizadas para esse artigo e nele publicadas estão também no Espólio (Caixa 83. Maço 3).

segredo fica assim guardado embora apeteça proclamá-lo alto e bom som (...). Maria Lúcia pelo seu trabalho honesto, inteligente, cultural e patriótico, tornou-se credora do respeito e estima de todos aqueles que a saibam compreender (...) pode contar sempre connosco (...): não lhe regatearemos nem louvores pela sua acção profícua nem fugiremos ao dever de gostosamente a ajudarmos nos grandes problemas em que se envolva (...)” Por isso a convida para pronunciar uma conferência, também no Clube Fenianos Portuenses, a 27 daquele mês e “(...)pela importância da doutrina e pela categoria da Conferente, faremos convites especiais (...) a todas as entidades oficiais e privadas que se interessam por tão momentoso assunto e queremos incluir nesse convite os 60 assinantes da sua simpática revista, ficando a aguardar o envio dos respectivos endereços (...) envie título e tópicos principais do seu trabalho, para valorizarmos notícias e convites; para além dos convites, pode juntar numa lista à parte, os nomes de todas as pessoas suas conhecidas no Porto ou da sua admiração (...). A *Liga* permite entrada a todos quantos desejem mas manda convites especiais como um requinte de gentileza para pessoas que queremos distinguir mas também como lembrança (...)” (Carta de 12 de Jun. 1956. Caixa 4. Maço 2). Na carta<sup>334</sup> em que António Emílio de Magalhães comunica a Maria Lúcia Vassalo Namorado que o governador civil do Porto aceitara presidir á conferência também a informa de que “(...)aqui na *Liga* todos lhe querem bem e estimam (...) e mandaremos notícia para jornais de Portugal continental, Ilhas Adjacentes e também para jornais e revistas das nossas Províncias Ultramarinas, por mais distantes que sejam (...) A Timor, Macau, Moçambique e Índia (...) chegará o reflexo do seu interesse pelas obras médico-sociais (...). Se alguns jornais o não publicarem na íntegra, outros o farão(...)” (Caixa 4. Maço 2).

A conferência fez parte das actividades culturais previstas pela *Liga*... para o ano de 1956/57, conforme se lê no convite daquela instituição (Caixa 4. Maço 2). Esses convites são enviados a entidades oficiais, escolas e colégios, médicos psiquiatras e neurologistas, a assinantes de *Os Nossos Filhos* e ao *Tribunal Central de Menores*, todos no Porto. Muitos desses convites são apenas de cortesia, como era vulgar fazer-se. São 50 as instituições convidadas como escolas e colégios e que integram Escolas Comerciais e Industriais, colégios sob a responsabilidade de ordens religiosas, escolas

---

<sup>334</sup> Tem no final, no canto inferior direito da carta, a lápis, escrito pela mão de Maria Lúcia Vassalo Namorado, uma pequena anotação que não percebemos: “(...)Agr/adeci/ em telef. do dia 23 e escrevi carta dia 24. Vou falar M. Elisa Nery, depois resolverei(...)” (Caixa 4. Maço 2).

primárias, o *Jardim-Escola João de Deus* e também os colégios *Almeida Garrett*, *Brotero* e *Universal* sobre os quais haviam saído reportagens em *Os Nossos Filhos*. Da leitura desta listagem é possível saber que, se os convites foram enviados a todas(os) as(os) assinantes da revista *Os Nossos Filhos*, no Porto, o seu número era de 90 pessoas e entre elas(es) contavam-se Maria Augusta (sic) Bessa-Luís, Isaura Correia Santos, Júlio Resende, Emília de Sousa Costa, Maria Almira Medina, Ilse Losa, Carolina Campos Morais e Castro, Laura Costa, Ludovina Frias de Matos, Vasco de Lima Couto, Família de Dr. Eduardo Ralha e Maria Irene Faria do Vale (Caixa 77. Maço 2).

A vinda de Helen Keller a Portugal viera trazer para o primeiro plano do debate educativo o problema dos cegos e outros deficientes. Esta senhora fora um exemplo vivo de como os “(...) cegos educados convenientemente podem viver felizes, independentes e úteis (...)”. Para atingir esse objectivo necessário seria “(...) criar mais clínicas, escolas, oficinas para cegos, surdos-mudos, amblíopes, perturbados motores e débeis mentais(...) e haveria também a “(...) necessidade de criar o estatuto do trabalhador deficiente, que proteja o seu direito ao trabalho e auxílio na velhice e invalidez(...)” (Caixa 4. Maço 2 e Caixa 4. Maço 1). As medidas preconizadas demorariam ainda muitos anos a serem implementadas no nosso país e, ainda hoje, há alguns aspectos destas propostas por cumprir.

Como sabemos pela revista *Os Nossos Filhos*, onde a conferência finalmente realizada a 15 de Outubro de 1956 foi discretamente noticiada, estiveram presentes Domingos Braga da Cruz, governador civil do Porto, que presidiu à sessão, “(...) Maria José Novais, antiga parlamentar, Capitão tenente Manuel Ventura da Cruz, representando Comandante do porto do Porto, o Prof. J. Albuquerque e Castro, do *Instituto de Cegos D. Manuel*, o Dr. Eduardo Ralha, em representação *Clube Fenianos Portuenses* (...) a nossa colaboradora, Isaura Correia Santos, o escritor Sr. Dr. Sousa e Costa, o Prof. José Lobato Júnior, director do Distrito escolar do Porto, o Dr. António Paúl, representando Delegado de Saúde do Porto e o Dr. António Emílio de Magalhães, *Director Liga Portuguesa de Profilaxia Social* (...)” (ONF, Nov. 1956).

A conferência sobre *Helen Keller* só irá ser publicada<sup>335</sup> depois da suspensão da revista *Os Nossos Filhos*, alguns anos mais tarde, ou seja, já depois de 1958, pela mesma instituição que a convidara a pronunciá-la (Caixa 7. Maço 3 e Caixa 56. Maço 1).

---

<sup>335</sup> No *Espólio* existe o dactiloscrito da conferência /Pela Criança: conferência pronunciada a convite da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social*/. Porto. 25 p. /assim como a pequena monografia publicada pela *Liga Portuguesa de Profilaxia Social* (cf. Bibliografia final deste trabalho). A conferência pronunciada no

No *Espólio* encontram-se cartas de felicitações que foram enviadas posteriormente a Maria Lúcia Vassalo Namorado sendo interessante destacar duas delas: uma de José de Albuquerque e Castro, do *Centro de Produção do livro para o Cego*, administrado pela *Misericórdia do Porto* e outra de Cruz Malpique, reitor do *Liceu Alexandre Herculano*, que estivera na assistência.

O primeiro cumprimenta-a pela conferência feita e refere que:“(...) os cegos constituem grupo à parte entre diminuídos sensoriais mas não pude conversar consigo sobre isto (...)”. Por essa razão não só lhe envia “(...)cópia de meus últimos relatórios a S. Ex.a. Subsecretário da Assistência Social /não estão/ bem como o primeiro número da revista *Poliedro* – uma vez que se publica uma revista em relevo Braille e com estrutura e frequência desta (...) o país deixou de ser um dos poucos que não dispunha de centro de produção de livros e periódicos para os seus invidentes (...)” . Apresenta ainda um convite a Maria Lúcia Vassalo Namorado: “(...) muito grato ficarei se quiser colaborar na nossa obra, ajudando a encontrar materiais para preencher páginas da *Poliedro* (...) poderá fazê-lo com eficiência concedendo-nos o privilégio de receber normalmente a sua esplêndida revista donde sempre será possível extrair alguma coisa que as mulheres não videntes possam ler com agrado e interesse através da escrita táctil (...)”(Carta de 17 Out. 1956. Caixa 8. Maço 2).

O professor do Liceu dirá:“(...) Ouvi, ontem, interessadíssimo, a sua primorosa conferência sobre *A Mensagem de Helen Keller* e não sei que mais louvar nesse trabalho - se a verdade a convicção e seriedade com que V. Ex.a falou, se as suas magníficas qualidades de conferencista, dizendo num ritmo pausado e... pensado, com todas as inflexões que dão verdadeira humanidade às palavras proferidas. Muito bem! (...) calejado com umas quantas conferências que, ouvi-las uma pessoa, é o mesmo que tomar narcótico às colheres de sopa...tomo liberdade de deixar a V. Ex.a umas quantas páginas impressas da minha lavra (...)”(Carta de 16 de Out.1956. Caixa 16. Maço 1).

Sobre o eco que a conferência teve na imprensa dão conta os recortes de jornal que a *Liga Portuguesa de Profilaxia Social* enviou a Maria Lúcia Vassalo Namorado, como se vê no *Espólio: O Educador* de 17 de Novembro de 1956, de Lisboa, que insere um resumo da conferência (Caixa 56. Maço 1), o mesmo fazendo a *Voz do Operário* de 1 de

---

*Clube Fenianos Portuenses* em 15 de Outubro de 1956 e outra que Maria Lúcia Vassalo Namorado fará sobre *A Fundação Sain e a reabilitação de pessoas cegas em Portugal*, em 10 de Maio de 1963 e de que falaremos adiante neste trabalho, sairão no n.º 23 da Colecção de Conferências da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social*. Nem sempre era fácil publicar tudo rapidamente uma vez que só em 1964 foi publicado o texto da conferência que ela pronunciara em 1956.

Maio do ano seguinte (Caixa 56. Maço 1), o semanário nacionalista *O Povo da Lousã*, de 17 de Novembro de 1956 (Caixa 80. Maço 1) e o jornal *Ecos de Belém*, de 12 de Dezembro do mesmo ano (Caixa 80. Maço 1). A *Voz de S. Tomé*, jornal daquela colónia, também se refere à conferência, no seu número de 8 de Dezembro de 1956, mencionando as entidades presentes<sup>336</sup> e transcreve o elogio que Braga da Cruz, o governador civil do Porto, terá feito da conferente sublinhando o facto de ela ser directora da revista *Os Nossos Filhos* para“(…) ajudar os pais na sua delicada missão educativa, interessando-os nos problemas da pedagogia e psicologia infantis e nos problemas da maternidade e infância (...) e /de ela também estar a dirigir/ a iniciativa *Portugal visto pelas suas crianças*<sup>337</sup> (...) de ter feito outra conferência – *Pela Criança* - no Porto, em 1946 e de ter escrito a obra *Negro e cor de rosa* (Caixa 83. Maço 2). Nesta conferência ela fora realmente apresentada como Directora da revista, como organizadora da iniciativa *Portugal visto pelas suas crianças* e como autora de obras como: *Negro e cor de rosa*, contos. *A Mulher dona de casa*, tratando assuntos de economia doméstica e *Joaninha quer casar*, livro destinado à juventude feminina(...)” (Caixa 77. Maço 2). A mesma conferência foi noticiada na revista *Portugal d’aquém e d’além mar: revista ilustrada*, em artigo sem indicação de autoria, referindo-se que: “(...) a consagrada autora de vários livros para gente moça, referiu-se à campanha em curso em todos os países civilizados a favor da recuperação de deficientes (...) e à recente criação na nossa capital da *Liga Portuguesa dos Deficientes Motores*(...)”<sup>338</sup>.

Sobre o mesmo assunto, será feita uma outra conferência, intitulada *O que fica de Helen Keller*, proferida por José António Lage Salgado Baptista, em 22 de Novembro de 1968, também no *Clube Fenianos Portuenses* e também publicada, com o n.º 34, nas brochuras da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social*. No prólogo desta brochura, guardada também no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*, assinado pelos directores da referida *Liga...*, escreve-se:“(…) No prólogo do caderno cultural n.º 23 da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social* em que se publicam duas conferências — *Mensagem de Helen Keller* e *A Fundação Sain e a Reabilitação de pessoas cegas em Portugal* — proferidas na nossa Tribuna pela Sr.<sup>a</sup> D. Maria Lúcia da Silva Rosa, tivemos oportunidade de sumariar a vasta acção desenvolvida por esta Instituição em

---

<sup>336</sup> Refere que o Prof. J. de Albuquerque e Castro é do Instituto de Cegos de S. Miguel.

<sup>337</sup> De que falaremos mais adiante neste capítulo.

<sup>338</sup> “A Mensagem de Helen Keller”. *Portugal d’aquém e d’além mar: revista ilustrada*. Direcção, proprietário e editor Manuel dos Santos Guerra. Lisboa. Ano XX. Dez.. n.º 78. p. 14



prol da educação, reabilitação e reconciliação com a vida dos cegos, em Portugal. A conferência proferida em 22-11-1968 na mesma Tribuna pelo Sr. José António Lage Salgado Baptista, estudante universitário e ele próprio cego, subordinada ao tema *O que fica de Helen Keller*, e que agora publicamos, insere-se nesse esforço, que a *Liga Portuguesa de Profilaxia Social* não descursa, de chamar a atenção dos Poderes Públicos e dos Particulares para o problema dos cegos (...) A caridade, que durante muitos séculos foi o meio de corrigir os efeitos da desventura, foi ultrapassada pelo dever de uma solidariedade que o progresso social impõe (...) Haverá motivo para dizer que a Humanidade progrediu e cumpre os deveres que o espírito cristão determina(...)”.

### **3.1.4 Outras colaborações na imprensa periódica - 1942-1958**

Durante o período de dezasseis anos em que Maria Lúcia Vassalo Namorado foi directora da revista *Os Nossos Filhos*, publicada mensalmente, ou seja de Junho de 1942 a Dezembro de 1958, a sua colaboração, na área da educação das mulheres, noutros órgãos de imprensa periódica foi mais rara mas não desapareceu de todo. Foi assim que ela escreveu para o *Suplemento Literário Mãos de Fada: Revista de labores femininos* (Fev. 1947- Fev. 1949), para o *Jornal Magazine da Mulher* (Jun. 1950), e para a recém criada *Rádio e Televisão: /semanário de programação/* (Ago. 1957- Fev. 1958).

As duas primeiras publicações são dirigidas por *Lília da Fonseca*, pseudónimo de Maria Lígia Valente da Fonseca Severino, nascida em Benguela, de mãe angolana e pai europeu, também *maçon* como o de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Com mais três anos do que a directora de *Os Nossos Filhos*, embora sempre tenha afirmado ter nascido em 1916 (Castro; Esteves, dir. 2005. p. 719), esta é uma das feministas mais empenhadas com quem Maria Lúcia Vassalo Namorado vai também trocar alguma correspondência.

#### **3.1.4.1 *Cantinho das Mães no Suplemento Literário Mãos de Fada: Revista de labores femininos***

Maria Lúcia Vassalo Namorado colaborou no *Suplemento Literário Mãos de Fada: Revista de labores femininos* que fazia parte integrante da revista com o mesmo

título<sup>339</sup>; como directora essa publicação tinha uma das colaboradoras de *Os Nossos Filhos*, a escritora *Lília da Fonseca* cujos editoriais intitulados *Crónica Mensal* são sempre sobre temas da actualidade, muito incisivos e críticos<sup>340</sup> e provam que, sob a capa de uma publicação para senhoras sobre *rendas, malhas, bordados e roupas interiores*, como se lê no complemento de título, se chamava as mulheres a desempenhar um maior papel político e social. Nesta publicação, normalmente na p. 3, entre Fevereiro de 1947 e Fevereiro de 1949, portanto em simultâneo com a publicação da revista *Os Nossos Filhos* e num período de agitação política no país, Maria Lúcia Vassalo Namorado dirige *O Cantinho das Mães*, assinando *Maria Lúcia*.

O afecto posto na designação da rubrica por ela assegurada contrasta com o conteúdo de alguns dos textos sobre questões do quotidiano e da educação das mães. Estes são sempre bem afirmativos<sup>341</sup>, sem expressões dúbias, não permitindo mesmo alguma

<sup>339</sup> Mário de Aguiar era o editor. A publicação era composta e impressa na Tipografia Costa Sanches, Largo do Carmo, 21; a Redacção e Administração funcionavam na Loja dos Figurinos, na Rua Augusta, 185, em Lisboa. Custava 6\$00 avulso; a assinatura semestral era de 32\$00 e a anual 60\$00; para África o preço da assinatura semestral era de 36\$00 e 72\$00 por ano (o mesmo que para os números avulso no Continente); a assinatura para o estrangeiro só podia ser anual, ao preço de 90\$00. Era vendida em Nova Lisboa, Luanda, Ponta Delgada, Lourenço Marques e Beira (Fev. 1949). Em Outubro de 1947 passa a ser composto por Bertrand & Irmãos, na Travessa Condessa do Rio, n.º 7, em Lisboa, a mesma tipografia onde também era impressa a revista *Os Nossos Filhos*.

<sup>340</sup> Veja-se, a título de exemplo, alguns dos editoriais assinados por *Lília da Fonseca*:

Fev. 1947	a propósito da falta de géneros alimentícios dirá Lília da Fonseca: “(...) as mulheres constituem ½ da Humanidade e podemos estar certas de que se nós não sancionássemos todas as prepotências, todos os atropelos ao bem, à moral, à justiça (...) com o nosso comodismo (...) com aquela perniciosa convicção de que esses assuntos não competem à mulher, talvez a vida tivesse hoje um prisma mais consentâneo(...)”.
Maio 1947	tema é o Grupo Coral Infantil, dirigido por Francine Benoît e organizado pela Associação Feminina Portuguesa para a Paz
Jul. 1947	ilustrado com três fotos de bebé com fato tipo de baptizado, defende que o casamento não é “a conclusão da vida”.
Ago. 1947	“zurze” um senhor que lhe mostrou uns versos de má literatura alegando que se poderiam publicar no <i>Suplemento</i> ... por ser “(...) um jornal de senhoras”. Vale a pena ler o texto que ela redige contra esta ofensa!
Set. 1947	Sobre o facto de Truman, Churchill, De Gaulle e Staline se terem já habituado a dizer “Homens e Mulheres” em vez de apenas “homens” quando se referem a ambos.
Out. 1947	Referência ao Conselho Nacional das Mulheres da África do Sul
Dez. 1947	Critérios para escolha de brinquedos
Abr. 1948	Sobre impossibilidade de enfermeiras dos hospitais civis se poderem casar afirma ser um “atentado à liberdade e dignidade da mulher”

<sup>341</sup> No final do texto do n.º de Março de 1947, tendo aconselhado as mães jovens, a quem se dirige, a não aceitar de forma alguma as crendices mais pueris que circulam na família, termina dizendo: “(...)Defende-te firmemente, deixa que te chamem teimosa, esquisita e o que mais lhes apetecer (...) não te preocupes com melindres e comentários. A saúde do teu filho está acima do que podem dizer ou pensar pessoas ignorantes(...)”; noutro n.º depois de ter “zurzido” nos erros de educação que as mães cometem face a seus filhos rapazes adolescentes, remata: “(...) talvez não gostes das minhas rabujices mas não me arrependo de te dizer estas verdades amargas(...)”(Abr. 1947)

dúvida ou insegurança sobre o que neles veementemente se afirma. Ao longo desses números, diversos são os temas abordados.

Essa colaboração vai de Fevereiro de 1947 a Fevereiro de 1949 mas há diversas interrupções<sup>342</sup>, num total de 9 números. No início da publicação desses textos a Setembro de 1947, Maria Lúcia Vassalo Namorado dirige-se às mães tratando-as por *tu* mas posteriormente ou usa a forma impessoal ou passa a dirigir-se-lhes com mais cerimónia, usando “a mãe deve...” entre outras expressões.

Como algumas vezes acontece ao longo dos textos que escreve, três referências de carácter mais pessoal, uma à sua vida e duas outras à revista *Os Nossos Filhos* também aqui têm lugar. Quanto à primeira, no número de Julho de 1947, ficamos a saber que a mãe a assustava com o vento porque ela gostava de se deitar tarde “(...) e minha mãe queria deitar-me cedo. Fingia que o vento dizia ‘deita-a-a-a-r’(...) provocando-lhe uma sensação de medo e angústia que, passados mais de trinta anos ainda não conseguira ultrapassar (...)”.

Há dois textos publicados neste *Suplemento...*, um em Agosto e outro em Dezembro de 1948, que têm relação directa com a revista *Os Nossos Filhos*; um deles, da autoria de Maria Teresa Anta<sup>343</sup>, em *Os Nossos Problemas* o outro, aqui anónimo (mas da autoria de Maria Lúcia Vassalo Namorado), intitulado *Porque não há nas Câmaras municipais mulheres vereadoras?* que apesar de terem indicação de serem “(...)extraídos de *Os Nossos Filhos*(...)” não referem o número em que haviam sido publicados<sup>344</sup>.

Nestes números, de forma breve mas determinada, a directora de *Os Nossos Filhos* ocupa-se de temas que, na sua revista, costuma entregar a diversas(os) colaboradoras(es). Agrupando por áreas os artigos publicados, constata-se que ela vai definir, mais uma vez, ao longo destes quase dois anos, qual a educação que uma Mãe deve ter para se tornar, simultaneamente, uma boa educadora.

Em primeiro lugar, a mãe precisa de estar bem informada; deve ler bons autores que a esclareçam sempre que tenha dúvidas. São-lhe recomendados os seguintes “(...) livros elementares de puericultura (...)” (Fev. 1949):

---

<sup>342</sup> Nos números de Agosto 1947, Janeiro de 1948, Maio a Julho e Setembro a Novembro de 1948 e Janeiro de 1949 não há colaboração de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

<sup>343</sup> Em que se reflecte sobre a falta de apoio para as mães que trabalham que não podem deixar os filhos com as criadas, “(...) mercenárias(...)”, em que se dão conselhos sobre as relações marido-mulher e em que se reflecte sobre o que se entende por “(...) raparigas modernas(...)” (ONF, Jun. 1948).

<sup>344</sup> O de Maria Teresa Anta foi publicado no número de Junho de 1948, sob título *Os Nossos Problemas* e o texto sobre as mulheres vereadoras, da autoria de Maria Lúcia Vassalo Namorado, foi publicado no n.º 77 de 1-10-1948. p. 21.

Título	Autor(a)
O Guia das Mães	Branca Rumina <sup>345</sup>
O Meu menino	Samuel Maia
Mãe e filho	Ferreira de Mira
Puericultura	Almerindo Lessa
Cuidemos das criancinhas	Emília Morgado
Eu quero conhecer o meu filho	António Correia <sup>346</sup>

Uma vez que cinco dos seis autores propostos são médicos, as questões abordadas sobre nascimento e hereditariedade (Fev. 1947), preconceitos e crendices (Mar. e Jun. 1947), preocupações com educação do bebé (Fev. 1947), com a dos rapazes (Abr. 1947) e raparigas adolescentes (Maio 1947) e com saúde (Nov. 1947; Mar. e Ago. 1948) ficarão ultrapassadas. Outra área em que as mães precisam ter inúmeros conhecimentos é sobre relações escola-família (Set., Out. 1947) e educação do carácter das crianças (Abr., Jul. e Dez. 1947, Fev., Abr. 1948 e Fev. 1949).

De forma a dar mais visibilidade à enumeração de todos os itens que ela considera para cada um das áreas acima identificadas elaborámos uma síntese com o conteúdo de cada uma dessas categorias que colocamos em *Apêndice Cap. 3- Mãos de Fada*. Ali se refere aos problemas a ter em conta face à hereditariedade (Fev. 1947), à educação masculina como “(...) área em que a mãe tem um papel fundamental (...)” (Abr. 1947) para que não se aceite que as “(...) mulheres são recatadamente ignorantes e os homens ostensivamente libertinos(...)” (Abr. 1947). Também se insiste para que a educação das raparigas adolescentes fique, como deve, a cargo das mães porque “(...) O dever da mulher é ser “elegante”, vestir com gosto e cuidar da sua pessoa mas não orientar nesse sentido único as filhas; /para ser/ bela, a rapariga será simples, despretensiosa, limpa e bem educada. Os baluartes sobre quais assentam a verdadeira beleza são a higiene do

---

<sup>345</sup> Na revista *Modas & Bordados*, dirigida por Maria Lamas, no N.º 1160, Ano XX, de 2 de Maio de 1934, p. 4 encontrámos uma recensão crítica, com foto da autora, a este seu “novo livro”, com o seguinte conteúdo: /é o resultado de/ “(...) anos de estudo e de visitas ao estrangeiro(...) um serviço incalculável prestado à Nação, porquanto o seu engrandecimento depende, em grande parte, do robustecimento da raça, da assistência à criança de hoje(...) a autora desempenha o cargo de médica dos serviços de Puericultura da Misericórdia de Lisboa e Directora do Posto N.º 4 de Puericultura da Junta distrital do Distrito /de Lisboa/, no Lumiar. (...) o livro “*O Guia das Mães*” é um verdadeiro breviário dos seus deveres para com a criança(...) com clareza (...) de forma a tornar acessível às pessoas cultas os preceitos e regras fundamentais da higiene infantil ainda antes do nascimento e depois até aos 14 anos(...) é o mais precioso auxiliar da sua importantíssima e delicada missão(...) desde a alimentação, ao vestuário(...) a disciplina moral que se impõe(...)”.

<sup>346</sup> Do *Instituto Infantil* de Coimbra, casado com Maria da Natividade Pinheiro Correia (Cf. *Apêndice Biografias*).

corpo e espírito, a delicadeza de modos e sentimentos e a educação moral e física(...) a rapariga deve tratar cabelos, pele, dentes, mãos, aproveitar beleza natural e valorizá-la; cuidar da beleza das formas pela higiene, pela cultura física e desportos aconselháveis /porque/ o equilíbrio entre aspecto de saúde e mocidade, elegância de andar e atitudes e frescura da pele e cores tem encanto incomparável(...)Esta é a verdadeira formosura a par da saúde física e moral e é neste conceito de beleza que as mães devem educar as filhas”(Maio 1947). A insistência na educação do carácter é reforçada pois estende-se por diversos números da publicação, em particular nos números de Fev., Abr., Jul. e Dez. 1947, Fev. e Abr. 1948 e Fev. 1949 e, como sempre, é tarefa que compete às mães exercer. Esta, “(...)à medida que a criança vai crescendo (...) tudo deve fazer para modificar o ambiente do lar de modo a proporcionar-lhe o bem estar espiritual, a alegria e a compreensão de que a gente nova precisa e são a sua felicidade” (Abr. 1947). Uma mãe que se preparou com convicção para o casamento (Fev. 1947), que se delicia na leitura e aplicação dos princípios lido em bons manuais de puericultura (Mar. 1947), que considera que a educação dos rapazes e raparigas é idêntica “(...) porque a moral, verdade e bem é só um (...que) escolhe e gradua leituras, escolhe escrupulosamente as suas companhias (e faz o seu) encaminhamento de acordo com suas preferências e conselho do médico, (não achando) graça aos erros (Abr. 1947); que despreza as “(...) preocupações frívolas, estéreis e o egocentrismo constante, presunçoso e algo pateta(...)” (Maio 1947), que acredita que a beleza das filhas está mais na “(...) rapariga simples, despretensiosa, limpa e bem educada (do que) na aparência e polimento exterior (...)”; que sabe que o verdadeiro conceito de beleza em que deve educar as filhas é o da preocupação com a “(...) higiene do corpo e espírito, com a delicadeza de modos e sentimentos e com a educação moral e física(...)” (Maio 1947); que tem consciência da “(...) importância da educação e condições de vida dos seus primeiros anos (...) que (sabe que) acompanhar e dirigir uma criança é missão delicada, transcendente, importante (...)” (Jul. 1947); que tem “(...) consciência da sua ‘missão’ e do esforço para a adquirir (...)”; que sabe que as imposições sobre as crianças fazem delas seres “(...) revoltados, mentirosos, cínicos(...), maldosos” (Jul. 1947); que incute nos filhos o gosto pelo trabalho, o hábito de independência no sentido de não aceitar auxílio sempre que o podem dispensar (...)” (Dez. 1947); que não culpa os outros ou os objectos dos problemas que não soube contornar (Abr. 1948); que ajuda as crianças a tornarem-se simpáticas porque a mãe, como educadora, sabe “(...)educar-se, dominar-se, corrigir-se constantemente (...) (não procedendo) segundo a sua disposição ou interesses

e sem menor respeito pela vontade e interesses da criança(...)" porque sabe que (se) apenas respeitar a "(...) vontade, conveniências e capricho dos adultos (...) provoca na criança revolta, teimosia, dissimulação" (Fev. 1949), essa mãe é uma boa educadora do carácter das crianças. Outro tema de intervenção para as mães é o combate forte a preconceitos e crendices porque "(...) a Puericultura, a higiene e a psicologia são assuntos sérios (...) mas que toda a gente pensa que pode ensinar(...)" (Mar. 1947). A mãe consciente "desconfia sempre das opiniões e conselhos das pessoas muito amigas e muito 'experientes' que embora "bem intencionadas não percebem nada do que dizem (...) e os filhos só vingaram porque eram fortes(...). A mulher tem de "lutar constantemente com a mãe (que deseja andar dia inteiro com menino ao colo), com a sogra (acha que teu leite é fraco), com as tias (menino não deve sair à rua está frio, calor, sol, humidade), com a amiga da avó (se a criança chora é porque tem dores na barriguinha) , com as amigas (beijocar e brincar com ele como se fosse boneco) e com a criada (que também é entendida e tem opinião para cada circunstância)" (Mar. 1947). Uma das suas tarefas é combater a ignorância não pensando que o choro é sempre fome, não dando água do banho, não furando as orelhas de meninas e impedindo que beijem crianças porque este transmite inúmeras doenças. A mãe pode até bordar nos baberoiros e nas roupas do berço: 'o menino não quer beijos'. Quando ele tiver compreensão ela ensina-o a recusar os beijos e cumprimentar baixando a cabeça e estendendo a mãozinha(...)" (Mar. 1947).

Ainda no campo das crendices e preconceitos a mãe não deve mastigar a comida "(...) primeiro porque é repugnante e o bebé pode adquirir doenças; não deve "assoprar" alimentos como é vulgar em todas as classes. Deve "apresentar a refeição cozinhada convenientemente, na devida temperatura, segundo a idade"; não deve acreditar que a criança vai "aguar" quando assiste sem comer às refeições da família pois elas "morrem de comer quando não devem o que não devem"; não deve levar a criança para a mesa enquanto os adultos comem ou levar só depois de lhe dar a comida; não deve acreditar em "maus olhados" nem "ares de lua" e se "rezas e benzeduras não farão mal o mesmo não se poderá dizer defumadoiros, mesinhas e outras tropelias" que frequentemente só atrasam a intervenção às vezes já desnecessária, de um médico. A ele se deve recorrer periodicamente porque os "maus hábitos são imaginados, instituídos e alimentados pelas pessoas crescidas". A mãe que aceita as crendices entra num "(...) estado deprimente de sobressaltos, desconfianças, suspeições que obscurecem o espírito, fazem

dela pessoa anormal, caminha na vida hesitante, às apalpadelas e com desequilíbrio de nervos que não raro leva à idiotia e loucura(...)" (Jun. 1947).

Sobre a saúde e peuricultura, as mães são aconselhadas a não pensarem que filhos gordos são sempre filhos sadios e a que "(...) façam observar as crianças periodicamente por médico/enfermeira puericultora e seguir os seus conselhos (...)e as façam pesar periodicamente(...)"(Nov. 1947).

De todos os artigos publicados neste *Suplemento literário...* só num deles são referidas especificamente as "mães que vivem em meios rurais muito atrasados". Para estas a autora recomenda que "(...) devem instruir-se na leitura de bons livros e publicações da especialidade (...e) dão-se tabelas de pesos que livros indicam (...) /devendo as mães/ saber que a criança aos 5/6 meses duplica o peso de nascença, aos 12 triplica e aos 2 anos quadriplica (sic)" (Nov. 1947).

Sobre o tema das relações escola-família, como em *Os Nossos Filhos*, ele é aqui abordado sob a dupla perspectiva do que as mães devem fazer para criar um bom ambiente nessas relações; por um lado, a atitude (positiva) que as mães devem ter aquando da preparação da criança para a entrada na escola primária (não assustando as crianças ou dizendo que na escola as repreensões são imensas); por outro, apresentam-se aquelas que se reportam à forma como as mães devem acompanhar o que a escola faz e o que a criança faz na escola. Serão "(...) problemas "pequenos" para nós mas contribuem para saúde, hábitos de higiene, arranjo pessoal, formação moral e método de trabalho (sendo) factores primordiais de desenvolvimento físico e formação da personalidade dos nossos filhos(...)"(Out. 1947).As mães devem evitar a recriminação constante da criança assim como assustá-la com a entrada na escola porque esta e o "(...)professor devem ser encarados sem medo ou antipatia. É nosso dever desenvolver sentimentos pela casa e pelos amigos que os esperam(...)". Ainda sob o ponto de vista da interacção entre a escola e a família, esta deve estar atenta a questões que dizem respeito à saúde da criança que a partir de agora passa a ser menos vigiada pelas mães. Duas preocupações são aqui expressas: uma refere-se à obrigatoriedade que a mãe tem de vigiar o que a criança come. Se a alimentação é "(...) fornecida pelo colégio a mãe deve informar-se se a alimentação é conveniente e se criança come bem; não se acanhe, é seu dever; se as pessoas não compreendem é porque não estão à altura da sua missão(...)" (Out. 1947). Como medida de profilaxia e higiene na escola a criança que aí toma as refeições deve "(...)ter lá copo e escova de dentes. A sua sugestão levará o professor a pensar no hábito a incutir(...)" (Out. 1947). Desta forma, incentivam-se as

mães para que não se coíbam de intervir. Mas, a maior preocupação delas deve ser com a escolha da escola para os seus filhos uma vez que é nela que doravante a criança passa a maior parte do tempo que as progenitoras não podem controlar. Por essa razão, se “(...) a criança vai para colégio particular, há que ter o máximo escrúpulo na escolha(...)”(Out. 1947). Este é um facto primordial. Depois dessa escolha podem surgir ainda alguns escolhos entre mães e escola. A título de exemplo são dados três importantes conselhos às mães para que essas relações sejam as melhores possível. Como deve agir uma mãe a quem se afigura que o filho tem problemas na escola? De início, se tem confiança no colégio que escolheu nele tem confiança, “(...) dê ao professor inteira liberdade de acção(...)”. Depois, “(...) nunca censure o professor junto criança; a se criança se queixa, averigue; se o professor não fez bem, peça uma explicação delicada, franca e compreensiva; se o professor não acata, vá à direcção mas sem o filho presente(...)” (Out. 1947). Como se vê, as boas relações escola-família serão deveras importantes. Porém, perante uma possibilidade de algum mal-entendido, o que há a fazer é esclarecer o que está errado, com delicadeza e ainda maior firmeza. As crianças devem ser ajudadas a adquirir métodos de trabalho. Para tanto convém que as mães façam “(...) um horário para o menino de acordo com horário escolar - brincar, repousar, estudar, ambiente calmo, ordenado, convidativo ao estudo, “sua” mesa, gavetas, prateleiras para trabalho da escola, com jarra pequena e sólida com flores (...) para que apreciem a beleza (e aprendam a) cultivar o seu natural bom gosto(...)” (Out. 1947). Com os mesmo argumentos usados em *Os Nossos Filhos* serão ainda abordadas neste *Suplemento...* as questões da orientação profissional (Set. 1947) e da utilização do cinema como “(...)meio educativo cuja influência nas crianças(...)” deve ser vista sob dois ângulos diferentes: “(...)o da higiene física e mental e o da educação(...)”. Quanto ao primeiro, condena-se a ida ao cinema sob o duplo ponto de vista da forma como se vê (em salas pouco arejadas, a horas inconvenientes) e do conteúdo do que se vê (sessões não destinadas a crianças, capazes de prejudicarem a sua sensibilidade). Quanto ao segundo aspecto, defende-se o cinema como “(...) óptimo factor educativo e formativo, distracção muito apreciada, de tarde, em salas com boas condições higiénicas, com programas criteriosamente organizados de desenhos animados, (...) de pequenos filmes cómicos de documentários sobre vida de animais, plantas, indústrias e outras coisas que as crianças gostam de observar e conhecer (...)” (Fev. 1948).

A colaboração de Maria Lúcia Vassalo Namorado, entre Fevereiro de 1947 e Fevereiro de 1949, no *Cantinho das Mães* do *Suplemento Literário de Mãos de Fada*:



*Revista de labores femininos* (cf. *Apêndice Cap. 3- Mãos de Fada*) não se afasta daquilo que a revista *Os Nossos Filhos* no mesmo período publica quer do ponto de vista temático quer quanto aos argumentos utilizados sobre o que deve ser a educação das Mães para a delicada tarefa que devem desempenhar.

### 3.1.4.2 *Jornal Magazine da Mulher*

O *Jornal Magazine da Mulher* tinha também *Lília da Fonseca* como directora e os proprietários eram Maria Lúcia Severino, (como sabemos, a mesma *Lília da Fonseca*) e José Luís dos Santos, e tinha sede no n.º 84 da Av. Barbosa do Bocage, em Lisboa. O primeiro número saiu em Junho de 1950, ou seja, quando a revista *Os Nossos Filhos* ia já no seu décimo ano. Como veremos ao analisar a revista de Maria Lúcia Vassalo Namorado, também nela a colaboração de *Lília da Fonseca* foi enorme – entre Abril de 1943 e Março de 1950. O *Jornal Magazine da Mulher* era mais afirmativo do que *Os Nossos Filhos*, do ponto de vista da relação que queria estabelecer com as colónias, tendo dedicado o número duplo 17 e 18, de Janeiro e Fevereiro de 1952 à Guiné portuguesa. No *Editorial* do 1º número afirma-se que a revista irá abordar os temas importantes e outros normalmente associados a uma *revista feminina*, como sejam, em relação ao segundo grupo, as “(...) modas, culinária, tratamentos de beleza, processo de tirar nódoas, costura, como se arrumam as casas, um conto de amor e está a revista feita. Sim, *Jornal-Magazine da Mulher* contém tudo isto, mas também se ocupará de assuntos de carácter mais amplo, visto entendermos que relegar o poder de compreensão e interesse da mulher apenas para aqueles assuntos específicos, é desprestigiá-la na sua qualidade de ser pensante (...). A mulher no seu trabalho profissional coopera hoje com o homem na luta pela vida para a manutenção do lar e educação dos seus filhos(...) *Jornal Magazine da Mulher* não condescende com uma limitação ao seu pensamento, pelo facto de ser uma revista feminina(...)”<sup>347</sup>. Esta revista era menos moderada, do ponto de vista político e estético, do que *Os Nossos Filhos* embora algumas(ns) da(o)s colaboradoras(es) ou os temas abordados, como já referimos em relação a *Portugal Feminino*, fossem os mesmos nas duas publicações. Explicitemos um pouco melhor esta afirmação: em *Jornal Magazine da Mulher*, Maria Lúcia Vassalo Namorado só vai assinar como *Maria Lúcia* um único artigo intitulado *Nós as Mães*, em Junho de 1950. Nele se chama a atenção para a necessidade de as

---

<sup>347</sup> *Jornal Magazine da Mulher*. N.º 1 Jun. 1950. p. 3

mães pensarem em todos “(...) os problemas que se ligam com o desenvolvimento físico, moral e intelectual dessas queridas crianças(...) e são tantos esses problemas que só o desejo firme de bem cumprir o dever de mães e educadoras, servido de um esforço constante de compreensão, e pelo saber dia a dia alargado pelo estudo e pela experiência nos podem ajudar a não cometer muitos erros no desempenho de tão importante missão(...)”. Depois de citar um artigo recente que havia lido de Marie-Thérèse Van-Eckhont sobre o perigo que é a divulgação sem reflexão de algumas máximas que “soam bem” mas que não se praticam, apela às mães para que se apoiem naquelas que têm “(...) de lutar sòzinhas contra a indiferença geral e contra tudo o que está errado (...) e se todas entrarem em si próprias, tomarem consciência dos seus deveres e das suas possibilidades, e ocuparem o seu posto, tudo será mais rápido e fácil(...)” (p. 21). Posteriormente, todas essas intervenções de carácter educativo ou estão a cargo de Cristina Baía, a partir do n.º 5, de Outubro de 1950 ou de Graça Brosque, que coordena a rubrica educativa da revista e que será também secretária da redacção.

Folheando o *Jornal Magazine da Mulher* verificamos que, em muitos dados<sup>348</sup>, é semelhante a *Os Nossos Filhos*: o preço é o mesmo – 5\$00 cada número avulso, as imagens das capas são de qualidade inferior a *Os Nossos Filhos* mas, na sua maioria, são mais ‘neo-realistas’; as(os) colaboradoras(es) são, em alguns casos, as(os) mesmos de *Os Nossos Filhos*. Estão neste grupo Maria Evelina Faria e Maia de Aguiar Bustorff (n.º 13. Set. 1951. p. 12-13), Fernanda Tasso de Figueiredo (p. 14 mesmo número) ou mesmo Thaïs Bianchi (mesmo n.º p. 17) que escreve do Brasil – *Aqui Brasil* - e João Alves das Neves, (n.º 16. Dez. 1951. p. 11) correspondente em Paris com rubrica *Nas Margens do Sena*. Os textos biográficos sobre Maria Mendonça (n.º 16. Dez. 1951. p. 20), sobre Margarida de Abreu e o método *Dalcroze*, escrito por Fernanda Tasso de Figueiredo (n.º 20. Abr. 1952. p. 3) e muitos outros são semelhantes nas duas revistas. Se analisarmos alguns dos temas abordados verificamos que, mais uma vez, os interesses são idênticos: em ambas se defende o casamento das enfermeiras dos Hospitais civis, se elogia a actividade da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social* nessa batalha contra o Decreto Lei 31 913 de 12 de Março de 1942 que as impedia de casar (n.º 2. Jul. 1950. p. 9 e 28); em ambas se fazem entrevistas ao director do *Viveiro Musical* (n.º 26. Abr. 1953. p. 5) ou se apoia incondicionalmente *o parto sem dor*, como

---

<sup>348</sup> Nesta enumeração de semelhanças, fazemos referência apenas aos números de *Jornal Magazine da Mulher* uma vez que, noutro capítulo, analisamos a revista *Os Nossos Filhos* mais em profundidade, por ser esse o nosso objecto de estudo principal.

se vê nos artigos de Dulce Rebelo (n.º 45. Nov. de 1954. p. 21 e n.º 52 de Jan.-Fev. 1956. p. 3) que entrevista senhoras que já o fazem, médicos que o defendem, obras que o divulgam e até as palavras do Papa Pio XII que o aceita, do ponto de vista moral.

A defesa da assistência e apoio às crianças necessitadas é evidente no artigo que ambas dedicam à iniciativa que teve a *Casa do Alentejo* em 1950, depois de uma inverno duro, de trazer algumas crianças para Lisboa (n.º 2. Jul. 1950. p. 19).

Um outro aspecto em que são semelhantes é no facto de quer uma quer outra terem tido números temáticos: sobre a *Guiné portuguesa*, como referimos, e ainda o número 21 de Maio de 1952, sobre a *Madeira*. Os concursos são vulgares em ambas as revistas: logo no n.º 7 de Janeiro de 1951 se lança o Concurso do *Mais lindo bebé do mês* que vai encher de imagens de crianças as páginas de *Jornal Magazine da mulher*. No número 36 de Fevereiro de 1954 inicia-se outro concurso: *Considera-se boa dona de casa?* E no segundo número de Julho de 1950 fora já lançado o *Concurso relâmpago de um par de meias de nylon de graça por mês* (p. 30).

Finalmente, quanto a anúncios também são eles que pagam a revista e, em ambas se anunciam o *Colégio de Reeducação Pedagógica*, no Areeiro, em Lisboa (n.º 23. Jan. 1953. p. 29) ou as mesmas obras de puericultura como *O Meu Menino*, de Samuel Maia (n.º 23. Jan. 1953. p. 12). A promoção da revista, através do lançamento de Campanhas de assinaturas também vai ser feita em ambas as revistas: em Dezembro de 1954, a referida publicação lança uma campanha pedindo “(...) Mais 1000 assinantes para *Jornal Magazine da Mulher*(...)” (n.º 46. Dez. 1954. p. 31). Para chegar a “(...) todas as povoações da Metrópole e do Ultramar(...) precisa de ser lido por homens e mulheres de todas as idades – por teu marido e pai, pela tua noiva ou irmã, por todos os teus amigos, onde quer que eles se encontrem. A tua ajuda será um elo a fortalecer a nossa marcha comum para a felicidade do teu lar, em defesa dos teus filhos, em prol duma vida sã, para que rapazes e raparigas se dêem, fraternalmente as mãos – no trabalho, no desporto, nas suas realizações(...)” (n.º 46. Dez. 1954. p. 31). Essa campanha dava três prémios: o primeiro, composto por livros de Ferreira de Castro, Aquilino Ribeiro, Eça de Queirós, Júlio Diniz, Alves Redol e outros autores. O segundo, eram garrafas de vinho do Porto, de várias marcas. Finalmente o terceiro, era composto por “(...) painelas de alumínio para o teu trem de cozinha(...)”.

Pensamos que Maria Lúcia Vassalo Namorado tenha colaborado, anonimamente, nas páginas educativas do *Jornal Magazine da Mulher* pois que a rubrica *Escola de Pais* e muitos conselhos de puericultura, anónimos, apresentam a mesma estrutura que lhes é

dada em *Os Nossos Filhos*; porém, só afirmamos que há colaboração dela em *Fala-vos D. Experiência*, secção de culinária (cf. n.º 36. Fev. 1954. p. 29), pois esse é um dos seus pseudónimos para aquela área temática.

### 3.1.4.3 Rádio e Televisão

Quanto à colaboração de Maria Lúcia Vassalo Namorado em *Rádio e Televisão*: /semanário de programação/, entre Agosto de 1957 e Fevereiro de 1958 ela foi feita na secção *Página da Mulher*, num total de vinte e cinco números. A maior parte dos textos<sup>349</sup> mais não é do que um conjunto de pequenos conselhos sobre culinária, beleza, etiqueta, saúde, rendas e crochet. Mais uma vez, todos os textos sobre as relações entre o casal, os conhecimentos que cada mãe deve ter para bem educar o seu bebé ou mesmo sobre *Problemas do coração* são retirados de *Os Nossos Filhos*.. Das seis cartas do *Espólio* relativas a esta colaboração e endereçadas a Maria Lúcia Vassalo Namorado, um pequeno conjunto diz respeito a questões de *Problemas do coração*, sendo que apenas uma se refere a pedidos de receitas de bolos, de Santarém e outra sobre qualidade de versos de menina sob pseudónimo *Flor da montanha*, de Penafiel (Caixa 40. Maço 5).

### Secção *Página da Mulher*

Nos dois últimos anos da publicação de *Os Nossos Filhos* ainda com periodicidade mensal, Maria Lúcia Vassalo Namorado assegura, como colaboradora, a secção *Página da Mulher* numa outra revista de tipo completamente diverso: *Rádio e Televisão*: /semanário de programação/<sup>350</sup>, entre o n.º 51, de 25 de Agosto de 1957 e o n.º 75, de 8 de Fevereiro de 1958<sup>351</sup>, ou seja, estende-se ao longo de vinte e quatro semanas<sup>352</sup>. A televisão iniciara as suas emissões regulares há bem pouco tempo<sup>353</sup>. A

---

<sup>349</sup> Cf. Quadro em *Apêndice Cap. 3* a este capítulo intitulado *Rádio e Televisão*: /semanário de programação/.

<sup>350</sup> Desde o n.º 51, de 24 de Agosto de 1957 ao n.º 75, de 8 de Fevereiro de 1958, assinando “Maria Lúcia” e sempre na página n.º 11. Só a coluna deste último número e, última também desta colaboração, está assinada com “M.L.” A correspondência das leitoras devia ser-lhe enviada, sob pseudónimo (n.º 60, 26 Outubro 1957) para Rua Luís de Almeida e Albuquerque, n.º 5 em Lisboa (n.º 66, 7 Dez. 1957).

<sup>351</sup> Ao comparar a lista de recortes que se encontram no *Espólio*, Caixa 40. Maço 5 com os originais da publicação, consultada na *Hemeroteca de Lisboa*, naquele primeiro local só existem os recortes com a colaboração até 25 de Janeiro de 1958. Também há duas datas que não coincidem: a do n.º de 25 de Agosto e a de 28 de Setembro do mesmo ano.

<sup>352</sup> A publicação custa 1\$50, tem como director Fausto Lopo de Carvalho e como editor Joaquim Rodrigues Matias; depois da saída de Maria Lúcia Vassalo Namorado a “Página da Mulher” passa a ser assinada por “M.R.” e o estilo torna-se ligeiramente diferente; alguns textos são assinados por “Francine”. O título da rubrica – *Página da Mulher* – só não aparece nos n.º 120, de 20 de Dezembro de 1958 e no de

listagem dos temas e a análise dos artigos assinados pela directora de *Os Nossos Filhos* e incluídos nesta Secção ao longo de cerca de seis meses (cf. Quadro *Conselhos educativos*) leva-nos a afirmar que a autora tinha como público-alvo as raparigas casadoiras, as mulheres casadas e/ou mães de família da classe média, alfabetizadas e com poder de compra para terem um televisor<sup>354</sup> e ainda com a possibilidade de disporem de dinheiro para a compra de uma publicação “especializada”, a primeira deste género em Portugal, que as informava sobre a programação televisiva e as ajudava em muitos outros problemas da governação da casa e do quotidiano; incluía também alguns conselhos que dizem respeito à educação das crianças; estes últimos e os que se ligam directamente com o quotidiano das mulheres<sup>355</sup> nas suas relações com os maridos são o objecto da análise que se segue. Para uma mais fácil apreensão do conteúdo dos referidos textos apresentamos os *conselhos* neles apontados.

Sobre a adolescência mais uma vez se insiste na necessidade das mães darem apoio às filhas, aconselha-se a que estas não iniciem namoros cedo demais e que se saibam comportar como meninas educadas (n.º 53, 7 Set. 1957, n.º 57, 5 Out. 1957), levando “(...) uma vida higiénica e praticar moderadamente desportos (...)” (n.º 60, 26 Out. 1957). A educação feminina deve orientar as raparigas não só para o casamento mas “(...) a vida não é apenas casamento /e por isso, a menina/ deve trabalhar, estudar, amar o próximo, ser prestável; (...) preencha os dias com actividades que demandem raciocínio e lhe mereçam carinho; (...) sejam fiéis a nós próprias e superiores nas vicissitudes(...)” (n.º 55, 21 Set. 1957). Dentro da empresa, os homens e mulheres devem comportar-se sempre e apenas como companheiros de trabalho(...) os homens só são atrevidos quando as mulheres lho permitem(...)” (n.º 61, 2 Nov. 1957). Constat-se que, “(...) os direitos e deveres das raparigas sofreram grandes alterações após a guerra(...) /e por tal razão/ os pais devem dar certa independência moral às raparigas e só intervir quando a escolha do casamento é disparatada(...) rapariga pode sair à noite com um rapaz se é noiva; se é amigo ou conhecido deve ter certa prudência e muito cuidado se é estorola, bêbado e sem escrúpulos (...) rapariga pode ir sozinha ao médico

---

27 de Dezembro de 1958 até ao n.º 121, de 3 de Janeiro de 1959. O grafismo do cabeçalho desta secção é alterado e o director, Domingos Mascarenhas desempenha também as funções de editor.

<sup>353</sup> Em 7 Março de 1957

<sup>354</sup> Em texto publicitário refere-se que um aparelho de TV, a pronto pagamento, custa 5.900\$00 (n.º 60, 26 Out. 1957). Em anúncio ao receptor de TV da marca EKCO, indica-se que pode ver “bailado, ópera, teatro, desporto e actualidades”; a imagem é a de uma bailarina em pontas (n.º 73, 25 Jan. 1958)

<sup>355</sup> Não se analisam aqui os que dizem respeito à cozinha e aos cuidados de beleza... também abordados na secção.

porque a maioria é respeitável e não põe em perigo a virtude da menina(...) a rapariga pode acabar noivado mas deve pedir autorização dos pais (...) as mulheres trabalham quase tanto como os homens e uma rapariga que aprenda uma profissão ou ofício útil em variadíssimas ocasiões(...)" (n.º 75, 8 Fev. 1958).

Sobre a educação infantil é apenas mencionada a necessidade de desenvolver nas crianças "(...) hábitos de ordem e arranjo /que/ tornam a vida mais fácil e agradável(...)" (n.º 57, 5 Out. 1957) e ainda "(...) ensinar filhos a serem delicados(...) desde os 3 ou 4 anos devem tirar o boné quando entram em qualquer casa, conversam com senhoras ou superiores, quando encontram pessoas conhecidas(...) os homens devem tirar sempre o chapéu(...)" (n.º 67, 14 Dez 1957). Sob o ponto de vista da puericultura insiste-se na necessidade de "(...)convívio das crianças com outras porque a camaradagem torna-as sociáveis e é indispensável ao crescimento, mas evitar o contacto dos filhos pequenos com pessoas ignorantes porque não sabem falar convenientemente nem adoptar atitudes indicadas(...)" (n.º 57, 5 Out. 1957). As mães devem estar atentas e se precisar de dormir fora de casa e não tiver um berço use uma gaveta de cómoda forrada(...)" (n.º 60, 26 Out. 1957). São elas também que devem incutir pequenos hábitos de higiene nas crianças como a lavagem dos dentes "(...) gargarejar, deixar tirar a temperatura(...) bebé não é brinquedo: não ande com ele ao colo para mostrar a conhecidos(...) coloque berço junto de janela aberta para apanhar ar puro (...) amamente e saiba cuidados a ter com alimentos (...) nunca assuste e não fale nem consinta que falem de papões ao seu filho(...)"(n.º 63, 16 Nov. 1957). Sobre cuidados a ter com os bebés, as mães devem saber que não devem "(...) aproveitar leite de uma refeição para outra(...)" (n.º 64, 23 Nov. 1957) e que o "(...) bebé deve passar a maior parte do tempo no berço(...) se chorar é porque está mal deitado, molhado ou com roupa apertada(...) não o habitue a ser embalado nem à chupeta porque provoca infecções(...) vacine-o contra varíola pelo 2º ou 3º mês, cerca de um ano, contra a difteria (...) asseio minucioso do biberão e tetina(...) não dar restos de refeições anteriores ao bebé(...)" (n.º 72, 18 Jan. 1958). Como sempre, a chamada de atenção para que as mães assumam a educação dos filhos é constante:"(...) não permita que outras pessoas intervenham na educação de seus filhos...com crendices(...) e fale com pessoas esclarecidas(...)"(n.º 74, 1 Fev. 1958).

Alguns são também os textos que abordam questões do quotidiano feminino na Secção *Página da Mulher* na revista *Rádio e Televisão*. Ali se apresentam alguns conselhos sobre os valores e virtudes femininas a desenvolver como a da discrição que toda a mulher devia ter, isto se fosse capaz de seguir alguns conselhos como aquele que era

uma regra que ela seguia escrupulosamente: ”( ) evite falar de si (...) não há vantagem em que todos saibam o que se passa consigo (...) na sua ausência falam de si (...) se fala de si perde a oportunidade de observar o mundo que a rodeia e de ser gentil com os outros(...)” (n.º 55, 21 Set. 1957). A esta forma de estar na vida acrescentava outras indicações de etiqueta como aqueles em que ensina que a senhora “(...)não fala do preço dos presentes que oferece ou recebe(...)não chega antes nem muito depois da hora marcada a um jantar, reunião ou festa particular(...) não discute nem dá ordens durante as refeições(...) não deixa os convidado a comer só, se ele repete, ela também(...) não entra em conversas, não dá estalos com nós dos dedos ou estalinhos com a língua e não dá gargalhadas para se ouvirem em toda a casa(...)” ( n.º 66, 7 Dez. 1957), devendo ainda ser comedida e “(...)não use e abusa do telefone alheio sem necessidade e horas inconvenientes (...)” (n.º 65, 30 Nov. 1957). Como regras simples para o quotidiano feliz refere que a mulher “(...)deita-se cedo, faz alimentação sóbria, com alimentos simples e frescos(...), dá passeios diários a pé e faz exercícios de ginástica(...), não bebe bebidas alcoólicas nem fuma(...) trabalha sem fadiga e descansa após as refeições(...) é metódica e disciplinada, benévola e paciente, optimista e não se irrita nunca, mesmo sem ter motivo(...)” (n.º 66, 7 Dez. 1957).

Nesta publicação e secção sugere Santa Clara de Assis para padroeira da televisão ( n.º 66, 7 Dez. 1957) ao mesmo tempo que identifica algumas mulheres que, por diversos motivos devem ser vistas como modelos da seguir: a “(...) rainha de Inglaterra, mulher de Jorge V, usa sempre o mesmo tipo de chapéu para agradar ao marido(...)” ( n.º 54, 14 Set. 1957), ou ainda Júlia Barroso, que “(...) foi rainha da rádio há 6 anos e que abandona a carreira porque (...) não é compatível a vida de cançonetista com a missão de mãe de família(...)” e que inaugurou uma loja de presentes a Campo de Ourique (...)” (n.º 63, 16 Nov. 1957).

Há alguns números em que se apresentam alguns conselhos que já conhecemos sobre orientações a seguir nas relações conjugais<sup>356</sup> e em que se insiste na necessidade da “(...) mulher não (...) exigir ‘quero’ ao marido(...) deve dominar sem arrogância e com um sorriso de ternura, com olhar expressivo(...) deve torná-lo feliz(...)” (n.º 52, 31 Ago. 1957) ou, “se o marido tem alguma contrariedade, não a aumente; ajude-o, aconselhe-o mas não o acuse nem lhe imponha coisa alguma(...)” “ (n.º 56, 28 Set. 1957), assim como

---

<sup>356</sup> Normalmente a rubrica intitula-se “Ele e você”.

“(…) saiba ‘viver alegremente o presente e encarar o futuro confiante (…)

se ele disser que o ‘preto’ é ‘branco’, com má disposição, diga que sim; ‘eles’ adoram a infantilidade, mesmo os mais austeros (…)

lembre sempre as qualidades dele (…)

não fale do que se passa entre ambos para não se arrepender amanhã das confidências de hoje(…)” (n.º 60, 26 Out. 1957). Nestas questões, como já afirmámos, Maria Lúcia Vassalo Namorado tem uma perspectiva mais tradicional das relações entre cônjuges como podemos concluir ao apreciar alguns dos conselhos avançados: “(…)se marido infiel é chamá-lo (…)

à responsabilidade porque tem filhos a quem deve amor, assistência e exemplo(…) a mulher deve manter a atitude heróica de suposta ignorância(…) e esperar que marido se arrependa da leviandade (…)

homem não perdoa a superioridade moral da mulher quando ele próprio está em causa(…)” ( n.º 64, 23 Nov. 1957) ou quando diz que “(…) há três coisas que a mulher casada não deve fazer: reservar para os estranhos as seduçções da beleza e para o marido as inestéticas visões dos preparativos, confundir ‘amor’ e ‘expressões de ternura’ com pieguice e cenas de ciúme e recordar-lhe do que se priva para lhe ser agradável(…)” (n.º 70, 4 Jan. 1958) ou finalmente quando aconselha “(…)ao homem agrada ver que a mulher o escuta com toda a atenção, com arzinho ingénuo, levemente admirado...mesmo que não a interesse nada, oiça, oiça, oiça(…) ele saiu e bateu com a porta? Paciência, paciência, paciência(…) não suspire ‘pelo que podia ter sido’ mas tire partido ‘daquilo que é’(…)” (n.º 73, 25 Jan. 1958). Há apenas um único texto sobre a velhice que Maria Lúcia Vassalo Namorado considera que deve ser “(…)bela e alegre (…)

convive com a juventude e julgá-la com indulgência (…)

resignação e obediência calma ao inevitável(…) preparação corajosa e simples para desligar do transitório (…)

combater a preguiça como uma espécie de morte(…)” ( n.º 56, 28 Set. 1957).

Debruça-se sobre as questões que se prendem com a redacção de uma carta que, como veremos no capítulo seguinte, deveriam ser conhecimentos de qualquer senhora, aconselhando que seja escrita com “(…)com pontualidade, no prazo de 8 dias(…) com data, legibilidade, letras normais, sem linhas cruzadas, com assinatura sem rabiscos, clareza e simplicidade, cuidadosa na ortografia e sintaxe, em papel sem arrebiques e com os selos necessários (…)”( n.º 56, 28 Set. 1957). Nesta revista enumera os deveres da dona de casa ao mesmo tempo que dá algumas orientações sobre a conduta política a seguir. Em relação aos primeiros, considera que é dever de qualquer dona de casa ter férias para descansar “(…) para retemperar energias e renovar o interesse de viver (…)”(n.º 51, 24 Ago. 1957), “(…) receber com simplicidade e despreensão os amigos



que o marido convida para a casa de campo em tempo de caçadas (...)”(n.º 52, 31 Ago. 1957), bordar as roupinhas do bebé (n.º 53, 7 Set. 1957), saber cozinhar, organizar a farmácia caseira (n.º 57, 5 Out. 1957), fazer crochet ao serão, enquanto ouve rádio (n.º 58, 12 Out. 1957), ser previdente (n.º 60, 26 Out. 1957) e “(...) estar atenta à elegância do marido e levá-lo a adoptar umas tantas normas: não usar cabelo revoltado, cuidar das mãos e unhas, usar fatos de cor lisa, riscas das peúgas a condizer com as do fato, usar gravatas em cerimónia e ter consciência do ridículo do homem perfumado demais(...)” (n.º 62, 9 Nov. 1957) e “(...) cuide-lhe do fato, pregue botões(...) ao domingo proponha passeios que lhe agradem sem impor a sua vontade(...)”(n.º 65, 30 Nov. 1957) assim como seja “(...)carinhosa, boa esposa e atenta(...)”(n.º 64, 23 Nov. 1957).

Do ponto de vista dos conselhos sobre política insiste nas questões, como veremos também em *Os Nossos Filhos*, da importância de “(...) dar carinho e presentes aos desprotegidos da sorte (...) nos 365 dias do ano e sobretudo no Natal(...) /assim como no respeito pelos/ ‘Direitos da Criança’ proclamados em 1923(...)” (n.º 68, 21 Dez. 1957), aconselha a “(...) declarar guerra à guerra(...) e ser contra a guerra atómica<sup>357</sup> (...)”(n.º 70, 4 Jan. 1958) ao mesmo tempo que recomenda que...se colabore “(...)com Professora e o Pároco em obras de utilidade local que obriguem a leituras(...)” (n.º 71, 11 Jan. 1958).

Da leitura e análise dos temas abordados na Secção *Página da Mulher de Rádio e Televisão: semanário com os programas de...* conclui-se que, tal como na sua revista *Os Nossos Filhos*, Maria Lúcia Vassalo Namorado continua a insistir e defender as mesmas ideias que ali apresenta como veremos no capítulo em que a analisamos em pormenor.

---

<sup>357</sup> Neste número e nesta notícia aproveita para tecer comentários, a partir de notícias dos Estados Unidos da América; aqui descreve uma reflexão de Herman Muller, prémio Nobel de Biologia, contra a referida possibilidade de guerra atómica.

### 3.1.5 Outras actividades - Prefácios, traduções, críticas, recensões e exposições: 1942-1958

#### 3.1.5.1 Prefácios e críticas

Maria Lúcia Vassalo Namorado assina o prefácio de uma das edições<sup>358</sup> da obra *O Verdadeiro tesouro e outros contos para crianças, adaptados do fabulário por... Maria Vitória Garcia Ferreira*. Interessa-nos esse texto pelo que nele a directora de *Os Nossos Filhos* expõe sobre o que pensa ser a função da literatura infantil e o espírito da criança que “(...)impressionável, curioso e rico de fantasia, apreende com espantosa facilidade quantas sugestões lhe ofereçam através do exemplo, da palavra e do meio ambiente. Eis porque é importantíssimo tudo que rodeia a criança ou com ela se relaciona, até mesmo o que pode passar despercebido ao adulto mas ela descobre, analisa e guarda em sensações tantas vezes indeléveis (...)”. Por tal razão, “(...) escrever para crianças constitui tarefa delicada e de grande responsabilidade que só deveria tentar quem simultaneamente reunisse as condições de artista, psicólogo e educador (...)”. Nessas condições está a “(...)Autora, sensível e culta, mãe e professora dedicada ao estudo da Criança e da Filologia Românica, /que/ possui os requisitos necessários a um verdadeiro escritor para a infância. Neste livro reuniu adaptações do fabulário, manancial riquíssimo onde ainda hoje encontramos, admiráveis de frescura, profundas de conceito, flagrantes de actualidade, as mais graciosas histórias para todas as idades. Tratando-se, embora, de adaptações, a Autora deixa, bem evidente, nestas páginas, a marca da sua sensibilidade e da sua competência. Por isso desejamos que o magistério a não afaste da literatura infantil, e aqui lhe pedimos que nos dê obras novas, originais — tão certas estamos de que saberá, por si própria, estabelecer com as crianças aquele diálogo puro e simples que lhes convém: real ou maravilhoso, em qualquer caso aberto a todas as sugestões da Beleza, da Bondade e da Justiça, capaz de lhes proporcionar

---

<sup>358</sup> Da obra de Maria Vitória Garcia Ferreira - *O Verdadeiro tesouro e outros contos para crianças, adaptados do fabulário por...* - existem duas edições: em que uma tem prefácio de Gaspar Machado e ilustrações de Laura Costa, visado pela *Comissão de Literatura e Espectáculos* para menores, em que Maria Lúcia Silva Rosa, como *Directora da revista Os Nossos Filhos* refere a importância do “(...) exemplo, da palavra e do meio ambiente(...)” (Rosa in Ferreira, 1958. prefácio) no espírito infantil. Também tem dedicatória da autora. Uma outra edição, a que aqui apreciamos, datada de 1958, tem Prefácio de Maria Lúcia Silva Rosa e ilustrações de Laura Costa. Porto: Majora Infantil. 128 p. Está na base das obras que organizámos com os documentos do *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*: é o n.º 172 dessa base bibliográfica.

horas de raro encanto ao mesmo tempo, de lhes indicar o sentido mais alto da Vida(...)" (Rosa In Ferreira, 1958. prefácio).

Maria Lúcia Vassalo Namorado havia lido e reflectido muito sobre o tema literatura infantil. Esta simpatia aqui exteriorizada nem sempre a norteia quando analisa obras para crianças. Apenas a título de exemplo vejamos como comenta *O dia do Zêzinho*, de Maria Forjaz Trigueiros<sup>359</sup>, que fora publicado em 1945. Já desde muito nova Maria Lúcia Vassalo Namorado se habituara a assinalar as obras que lia, à margem, a lápis. Esse 'costume' vai-nos permitir identificar os excertos que retira de certos livros que leu e que publica em *Os Nossos Filhos* ou em outras publicações em que colabora (como *Diário de Lisboa*, depois dos anos 60), vai servir para compreendermos as passagens desta ou daquela obra que mais a impressionaram ou que mais lhe agradaram e vai deixar a sua opinião sobre o conteúdo do que lê. É o texto deste livro de Maria Forjaz Trigueiros, anotado, que nos permite saber que Maria Lúcia Vassalo Namorado criticou severamente a obra: ela discorda da escritora quando aquela escreve frases como as que se seguem:"(...) "(...)Entendemos que os meninos quando brincam, devem sempre ter em vista construir qualquer coisa da vida real (...). A sua imaginação presa a qualquer objecto que tenha eloquência própria e significado da maior importância, vai-se habituando a não vaguear por aqui e por ali (...) inutilmente(...) " (p. 10) e "(...) Com 6 anos já deve haver um certo tino. É preciso habituar os pequeninos a serem independentes, a saberem onde está o perigo e onde estão as ameaças (...)" (p. 11) e anota-as desta forma: "*para as p. crescidas muito mau*", "*mal respondido*" (p. 14), ou "*má pontuação*" (p. 21), "*tem boa explicação adiante*" (p. 25), "*em contraste com o interesse religioso*" (p. 27), "*só bolos, sempre bolos*" (p. 38) e "*assim apresentado parece vingança*" (p. 39). Nas páginas finais, a autora tece algumas considerações sobre *o demónio*, é então que, a lápis, à margem direita, Maria Lúcia Vassalo Namorado coloca um enorme ponto de interrogação que abrange a frase que a faz agir dessa forma: "(...) O demónio, meus meninos, fica contentíssimo quando os meninos fazem maldades, esfrega as mãos delirando de contentamento e pisca os olhos. Ah! Se os meninos compreendessem bem que dando alegria ao demónio, ao das asas negras e dos olhos piscos, que tem dentes maiores do que o corpo, capazes de mastigarem, num

---

<sup>359</sup> NELLY /pseudónimo de Maria Forjaz Trigueiros/ (1945) – *O Dia do Zêzinho*. Lisboa: Editorial do Povo. 56 p. É o n.º 165 dos livros da base bibliográfica do Espólio. Cf. Apêndice respectivo. Tem dedicatória manuscrita da autora:" À Ex.a Sr.a D. Maria Lúcia da Silva Rosa , directora da Revista *Os Nossos Filhos* que leio sempre com o maior agrado, ofereço este despretencioso trabalho que bem desejaria pudesse ter a sua aprovação, Maria Forjaz Trigueiros (Nelly).Lisboa Janeiro de 1946".

segundo, um exército de soldados, sim, se percebessem bem que isso do demónio estar contente quer dizer que Deus Nosso Senhor está tristíssimo por ver que os meninos procuram agradar ao demónio em vez de quererem agradar ao Pai do Céu, nunca mais fariam certas maldades muito importantes, nunca mais desobedeceriam aos pais, nunca mais lhes dariam qualquer desgosto (...)”(p. 41).

Este cuidado e rigor postos mesmo nas obras para crianças são parte integrante das qualidades que a directora de *Os Nossos Filhos* cria indispensáveis na formação das mães com crianças a educar.

### 3.1.5.2 Exposições - *Tapetes de Arraiolos: 20 a 30 Nov. 1956*

Maria Lúcia Vassalo Namorado desde muito cedo se dedicara a ‘trabalhos de mãos’ como rendas e bordados mas, à medida que as ocupações domésticas e profissionais iam aumentando, a sua prática dessas ‘prendas’ fora progressivamente diminuindo. Defensora, como era, de uma perfeita e rigorosa educação artística também as actividades manuais a vão interessar e são apresentadas como parte integrante do currículo que havia que fazer seguir a todas as raparigas e mães no sentido de as sensibilizar e dotar com os conhecimentos necessários ao embelezamento da casa.

Neste ponto da sua proposta não concordava com a sua mentora, Maria Amália Vaz de Carvalho para quem “(...) a dança e a tapeçaria são coisas inúteis que deviam sair da educação das raparigas (...) / a primeira/ já desenvolve a *coquetterie* e /a segunda/ é a hipocrisia da preguiça porque a mão está no trabalho mas a cabeça...(...)” (Carvalho, 1880. p. 50).

Sabemos que desde a sua colaboração em *Modas & Bordados* que Maria Lúcia Vassalo Namorado se interessara por bordados a ponto de cruz. São dela muitos desenhos, difíceis de executar, publicados naquele periódico<sup>360</sup>.

Muito frequentemente, como fizera em *A Mulher dona de casa*, apela para que as leitoras não deixem cair no esquecimento as artes manuais nacionais e mantenham os preceitos ancestrais da sua realização; como exemplo temos o texto, de sua autoria, publicado na revista *Os Nossos Filhos* em que enaltece a indústria de bordados de Arraiolos, uma das que ela mais apreciava, que com“(...) os seus desenhos e cores é das mais belas que existem, e nós mulheres portuguesas não só devemos ter orgulho nessa

---

<sup>360</sup> Por exemplo, os que foram publicados como Suplemento ao número 1292 de *Modas & Bordados: Vida Feminina*.

indústria feminina, como procurar conservá-la em toda a sua, beleza. Há quem, incapaz de entender a categoria artística destas tapeçarias, faça verdadeiras barbaridades, alterando todas as regras, tons e pormenores, e fazendo em ponto de cruz o que só deve ser interpretado em ponto de Arraiolos (...) não engana os conhecedores e só desvaloriza o trabalho executado em tais condições, mas indigna os apaixonados da verdadeira tapeçaria arraiolense e lança na confusão aqueles que a conhecem mal, dando lugar a outros atentados (...). Quem , queira fazer tapeçaria de Arraiolos deve obedecer aos desenhos e regras próprias e utilizar as lãs, as cores adequadas, e nunca introduzir alterações e fantasias por sua conta e risco. Aconselhamos, pois, as nossos leitoras a executar segundo todas as regras os tapetes de Arraiolos que desejem fazer. Este desenho que publicamos é autêntico, e tanto se pode aplicar em tapete como em passadeira (...)” (ONF, Jun. 1947).

Em Lisboa, ainda aluna do Liceu, Maria Lúcia Vassalo Namorado terá visto a Exposição da *Manufatura Portuguesa de Tapeçarias*, realizada em 1924, no seguimento das que se haviam já feito sobre as Tapeçarias artísticas da *Ponte da Pedra* na Exposição no Ateneu Comercial do Porto, em Junho 1921, a da Exposição realizada no Salão Nobre do Teatro de Braga, em 17 de Junho de 1923 e a da Exposição na Sociedade Martins Sarmento em 12 de Abril de 1924. Aquela afamada Oficina da *Ponte da Pedra*, com escritório na Rua do Almada, no Porto, tinha sido criada ainda em tempos da República e devia-se ao “(...) estudo e tenacidade de Manuel do Carmo Peixeiro, habilíssimo e culto técnico têxtil, diplomado por uma afamada escola do estrangeiro (...) que estuda as tapeçarias - tendo o ideal artístico e patriótico de contribuir com o seu trabalho estudo para o progresso das indústrias têxteis em Portugal (...) e criou um novo tipo de tapeçarias(...). Em 1917 criou em Portalegre uma oficina (...) e requereu patente e veio no ano seguinte ao Porto, onde expôs alguns tapetes na *Galeria Nacional de Belas Artes do Palácio de Cristal* (...). Foi Júlio Pina, professor e ilustre artista que cria a *Manufatura Portuguesa de Tapeçarias* (...) com o fim exclusivo de explorar essa indústria (...) instalada na Ponte da Pedra (...) e a direcção entregue a Maria Amaral Pina (...)” (Catálogo em Caixa 86. Maço 1). Será com esta última empresa que Maria Lúcia Vassalo Namorado fará contactos para aquisição de lãs com as quais trabalha nos tapetes que produz o pequeno ateliê que orienta em sua casa e que vende para fora ao mesmo tempo que dirige, nos primeiros anos, a revista *Os Nossos Filhos* (Entrevista a Maria Helena Rosa Torres Peres de Seixas em 11 Jan. e 15 de Mar. 2005).

Em *Modas & Bordados* também da autoria de Maria Lúcia Vassalo Namorado, sob pseudónimo *Milú*, saíra um artigo em que se referia a homenagem que a citada revista fizera em tempos a Maria Arantes, restauradora de tapetes de Arraiolos e que no presente artigo se pretendia fazer o mesmo a uma outra senhora, Jacinta Leal Rosado<sup>361</sup>, que “(...) na quieta e branca vila de Arraiolos tem trabalhado (...) e ajudou a reviver os tapetes e viu galardoados com os Grandes Prémios e medalhas de Ouro nas exposições de Rio de Janeiro de 1922-23, de Sevilha e Barcelona de 1930 os tapetes que aí enviou (...)” (N.º 1185. de 24 de Out. 1934. p. 11. Caixa 86. Maço 1).

Maria Lúcia Vassalo Namorado considerava que a tapeçarias de Arraiolos e outros bordados deveriam fazer parte da educação de uma mulher. As diversas obras que, sobre o tema são publicadas, mostram-nos a importância que estas técnicas deveriam ter na formação feminina. Neste grupo de monografias incluímos o livro que servia de manual à área de *Tecnologia de bordados e rendas*, disciplina do Ensino Técnico, que fora escrito por Manuel Maria Calvet de Magalhães<sup>362</sup>, no início dos anos 40, que fora oferecido pelo autor a Maria Lamas e com o qual esta brindara a prima, Maria Lúcia Vassalo Namorado<sup>363</sup>. Na obra que citamos, a quarta parte, a da *orientação profissional* é a mais interessante porque, depois de se descreverem as fases do trabalho da bordadora e rendeira (Magalhães, 1941. p. 123) enumeram-se as condições a que deve obedecer a *aptidão profissional* para esta actividade. Só algumas raparigas podem exercer esta profissão pois que exige *qualidades especiais e essenciais* que nem todas possuem. Das primeiras, sabe-se que “(...)Nem todas as raparigas se podem dedicar a este delicado ofício porque nem todas são igualmente dotadas (...) com apurada sensibilidade artística e um espírito calmo, persistente e paciente(...)” (Magalhães, 1941. p. 125). Nas *qualidades essenciais* incluem-se a necessidade de “(...)ser de estatura média (...) perfeita compleição e boa saúde (...) boa vista, sentimento cromático perfeito, dotada de destreza manual (...), excelente tacto (...) inteligência viva e desperta (...) Boa memória visual (...) imaginação criadora e activa (...), inteligência perfeita, compreensão clara, discernimento rápido (...), energia, paciência e aplicação para vencer dificuldades do trabalho, possuir conhecimentos bastantes (...) tanto melhor quanto mais

---

<sup>361</sup> Neste artigo, Maria Lúcia Vassalo Namorado, ou *Milú*, copia excertos do artigo sobre Jacinta Leal Rosado, que fora publicado, em 1931, no jornal *Brados do Alentejo*, por Luís Fernandes.

<sup>362</sup> MAGALHÃES, Manuel Maria Calvet de, professor ensino técnico (1941) - *Tecnologia de bordados e rendas: ensino Técnico*. Lisboa: Liv. Popular Francisco Franco. 138 p.

<sup>363</sup> A obra citada tem a seguinte dedicatória manuscrita, datada de 24 de Setembro de 1941: “À Ex.a Sr.a D. Maria Lamas, com a muita admiração do autor, MM Magalhães. 24 Set.1941” e está no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* (Caixa 86. Maço 1).

especializada (...)” (Magalhães, 1941. p. 125 -128). Neste texto informa-se que, no início da década de 40, o horário de trabalho das empregadas neste sector era de 8 horas por dia e 48 horas por semana, que podiam ser mais em “(...) estação de grande abundância de trabalho(...)” (Magalhães, 1941. p. 129) e só sujeitas a gratificação quando as patroas fossem “mais generosas”. Os salários variavam “(...) entre 10\$ e 20\$ por dia” sendo que as “(...) contra - mestras podem ganhar 25 a 35\$ dia e estes mesmos ordenados e 3 a 5% sobre vendas de oficina quando têm "anos de casa (...)” (Magalhães, p. 129). Naquela data só existia na Ilha da Madeira o “(...) *Grémio dos Industriais dos Bordados da Madeira* e o *Sindicato Nacional dos Empregados e Operários da Indústria de Bordados da Madeira*(...)” (Magalhães, 1941. p. 130) e ainda não existia “(...) qualquer associação de classe ou organismo especial para colocação ou defesa de bordadeiras e rendeiras (130) incluídas em sindicatos que englobam as costureiras de roupa branca, modistas de vestidos e chapéus, floristas, etc.(...)” (Magalhães, 1941. p. 130). Por tal razão era possível a qualquer senhora, face à crise dos tempos, organizar o seu próprio ateliê em casa. Muitas vezes este trabalho era feito por mulheres presas, em Tires<sup>364</sup>, e a ele recorreu Maria Lúcia Vassalo Namorado, pelo menos uma vez, mais tarde, quando já vivia na sua última casa, na Rua Abade Faria, 35, 2º Dto, em Lisboa.

Ver coisas belas e simples fazia também parte do com junto de conhecimentos que qualquer senhora devia ter. Por isso, nos seus tempos livres e, tal como recomendava às suas leitoras, continuara a fazer passeios culturais como o que ela fizera a Lervão, para ir visitar a sogra em 1935 e do qual nascera a ideia de reconstituir um dos tapetes que aí vira exposto (Fiadeiro, 2002. p. 155) e a apreciar as exposições disponíveis, como a de tapeçaria francesa que se realizou em Lisboa, no *Museu Nacional de Arte Antiga*<sup>365</sup>, de Maio a Junho de 1952 ou a das duas tapeçarias que se realizou no Palácio Foz “(...) sobre um desenho de Guilherme Camarinha para uma tapeçaria para a *Junta Geral do Funchal*(...)” (Caixa 86. Maço 1) e de que o *Diário de Notícias* deu informações em 12 de Junho de 1952 também.

---

<sup>364</sup> Tem ‘bilhete’ comprovativo de Cadeia de Tires com “(...) Um Tapete para terminar. Tires, Cadeia Central de Mulheres /em nome de/ Maria Lúcia Namorado, Rua Abade Faria 35, 2º dto. Lisboa(...)” (Caixa 86. Maço 1).

<sup>365</sup> Cf. Catálogo no Espólio de: *Exposição de tapeçaria francesa da Idade Média aos nossos dias*. Lisboa : Sociedade Industrial de Tipografia, 1952. - 87, [37] p. Exposição realizada no Museu Nacional de Arte Antiga - Maio a Junho de 1952.

No *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* existem mais de trinta cartas que dizem respeito directamente a esta Exposição<sup>366</sup>.

As cópias das cartas enviadas aos fornecedores não deixam dúvida, mais uma vez, do rigor que punha no que fazia e da qualidade que exigia. Diz ela: “(...)Como creio que lhe disse interessa-me uma tinta de confiança, resistente à lavagem e os tons tão aproximados quanto possível dos tons das amostras o que é indispensável para o êxito de um trabalho muito importante que tenho a fazer. Confio na competência e boa vontade de V. Exa(...)” (Caixa 86. Maço 1).

Ela contactará<sup>367</sup> algumas fábricas, todas de Gouveia, que lhe tinham sido indicadas em 13 de Fevereiro de 1952 por Alfredina Santos, uma assinante dessa localidade e a correspondência com os fornecedores de lãs como *Artur Costa*, em S. Paio, *Estêvão Ubach e C<sup>a</sup>*, *Virgílio António D' Oliveira*, da Fábrica de Lanifícios, *Bellino e Bellino*, da Fábrica de Lanifícios tecidos e fios, *J B Frade*, da Sociedade Industrial de Gouveia Lda, *Lopes da Costa*, da Fábrica *Rainha*, *Lanifícios*, todas em Gouveia começara também nesse mesmo mês. (Caixa 86. Maço 1). Ela pensava mesmo em “(...) principiar uma indústria que penso será bem recebida e se assim for é natural que num futuro próximo faça encomendas de grandes quantidades(...)” (Caixa 86. Maço 1).

Pede ainda informações à *Fábrica de Fiação de Tecidos da Ponte da Pedra* de Arnaldo Gonçalves, Herdeiros, em S. Mamede de Infesta<sup>368</sup>, cuja exposição ela visitara em 1924, em Lisboa, como referimos.

Para reproduzir fielmente os desenhos dos tapetes que quer realizar, Maria Lúcia Vassalo Namorado vai pedir a respectiva autorização aos responsáveis pelos Museus

---

<sup>366</sup> Em caixa de cartão dentro de uma pequena Caixa creme, e alguns dentro da caixa verde de camisas da *Cooperativa Militar* (Caixa 86. Maço 1).

<sup>367</sup> Por carta de 9 de Fevereiro Maria Lúcia Vassalo Namorado havia pedido essa informação à assinante. Nas páginas em branco da carta de Alfredina Santos, a directora de *Os Nossos Filhos* tem dois rascunhos de carta, para pedir apoio para criação de bibliotecas infantis e para perguntar se uma amiga- não indica quem- “vem amanhã ou para a semana”; /tem, ainda, a vermelho/ “agradeci em 14-4-52”. O texto manuscrito diz:“(...) Algumas Sr.as amigas e leitoras de *Os Nossos Filhos*, estão interessadas na criação de bibliotecas infantis, ideia de grande alcance educativo a quem a revista que dirijo dá o seu patrocínio. Certa de que V. Ex.a não deixará de acarinhar esta iniciativa, antecipadamente agradeço todo o auxílio que se digne prestar-lhes. Farei na revista (...) a referência às pessoas que auxiliarem esta obra e aos livros oferecidos...(...)” /manda fazer 20 cópias deste memorandum/.

<sup>368</sup> Que publica anúncio na revista *Portugal d'Aquém e d'além mar: revista ilustrada*. Lisboa Ano XX. Dez. n.º 78. p. 12 junto a poema de Maria Irene Faria do Valle, publicado em 1956.



onde se encontram os tapetes que quer copiar. Desses contactos nos dão testemunho as cartas que dirige ao director do *Museu Ricardo Espírito Santo* em que “(...) apaixonada pelas nossas artes femininas, tenho dedicado as minhas poucas horas de descanso à cópia de tapetes antigos de Arraiolos(...)” (Caixa 86. Maço 1), ao *Palácio Nacional de Queluz*, na qual se refere a intenção de fazer “(...) uma exposição que desperte interesse por esta nossa bela tapeçaria(...)” com as reproduções dos tapetes e ao *Museu José Leite de Vasconcelos*. As respostas positivas chegam de Manuel Heleno, director do Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos em 29 de Maio de 1952 e a de José Pedro Fernandes, Director- Geral da *Direcção Geral da Fazenda Pública, Repartição do Património do Ministério das Finanças* tem data de ...9 de Outubro de 1954 (Caixa 86. Maço 1).

Porém, só dois anos mais tarde, entre 20 e 30 de Novembro de 1956, ela vai realizar, por intermédio de Matilde Rosa Araújo, uma Exposição, na *Galeria Pórtico*, Rua da Misericórdia, n.º 33, em Lisboa, intitulada /scanner/ *Tapetes de Arraiolos: Maria Lúcia Silva Rosa*<sup>369</sup>.

No texto de apresentação da Exposição, da sua autoria, depois de dar uma breve panorâmica da evolução histórica dessa ‘arte’, fica-se a saber que estiveram à venda oito tapetes, de dimensões entre 1.23 x 1.07 m a 2.76 x 1.84 m, sendo seis reconstituições fiéis de obras existentes em museus nacionais: “(...) os tapetes 1 e 2 correspondiam às cópias dos “(...) originais que encontrámos há 25 anos na Igreja do *Mosteiro do Lorvão* (...)” (Rosa, 1956. p. 3) e apenas dois com cartões modernos: os tapetes 7 e 8 , um da autoria de Maria Keil e outro da própria Maria Lúcia Vassalo Namorado que procuraram ser “(...)uma tentativa de renovação(...)”(Rosa, 1956. p. 3).Veja-se, em pormenor, a descrição dos tapetes:

Quadro nº 16. : Identificação as obras expostas na Exposição *Tapetes de Arraiolos: Maria Lúcia Silva Rosa*:

Fonte para a execução do Tapete	Preço
---------------------------------	-------

---

<sup>369</sup> O Catálogo, com 14 p. faz parte da documentação do Espólio: ROSA, Maria Lúcia Silva (1956) – Tapetes de Arraiolos. In Tapetes de Arraiolos de Maria Lúcia Silva Rosa: /Catálogo da Exposição/ de 20 a 30 de Novembro de 1956. Lisboa: Galeria Pórtico. 3 p. (Caixa 86. Maço 1).

Mosteiro do Lorvão <sup>370</sup> , tapete persa copiado do Lorvão	6.000\$00
Mosteiro do Lorvão	3.500\$00
Museu Nacional de Arte Antiga, tapete copiado de	4.500\$00
Museu José Leite de Vasconcelos, Lisboa, tapete copiado de	4.000\$00
Palácio Nacional de Queluz	2.060\$00
Sugestão de Maria Keil <sup>371</sup> , arranjo de Maria Keil, <i>Pássaros</i>	5.000\$00
Desenho de Maria Lúcia	3.000\$00

Uma carta de Maria Keil (s.d. Caixa 86. Maço 1) para Maria Lúcia Vassalo Namorado, sobre a realização dos tapetes para esta exposição mostra-nos as boas relações que havia entre as duas senhoras mas, ao mesmo tempo, percebemos que Maria Keil não teria estado muito de acordo quanto à utilização do seu “cartão” para a *Exposição de Tapetes de Arraiolos*, /scanner/ embora o seu tapete tivesse começado a ser executado em 26 de Agosto de 1956. O texto da carta é o seguinte: “(...)Fiquei realmente penalizada com a nossa conversa de ontem pelo telefone. Não porque me tivesse de qualquer modo melindrado, porque sei, sei mesmo, que da sua parte não viria nunca nada para me melindrar mas por pensar que lhe causei transtornos e embaraços. Os meus escrúpulos parecem excessivos mas não são. Eu não tenho o direito de me aproveitar de si e do seu trabalho para me fazer valer. O que eu fiz não merecia, sequer, citação. Além disso, da minha parte era uma falta de respeito, dizer publicamente que os rabiscos que fiz, e que nem foram executados como os rabisquei, porque a minha boa amiga os quis à maneira do tapete que vimos em Belém, com o que concordei, eram um estudo sério de renovação e actualização dos temas antigos e sua integração no espírito moderno. Desde o princípio que lhe disse que esse era um árduo trabalho. Desses que ocupam anos - como os azulejos me têm ocupado- Quem me dera ter desenhado, de facto, um tapete para a sua colecção! Ter o direito de figurar nela! Voltando ao princípio, estou desolada com a nossa conversa. Peço-lhe que me diga quanto custam os convites, que eu os pagarei. E creia que continuo sempre a ter para consigo uma grande dívida de gratidão, de admiração pelas suas qualidades e de simpatia (...)”.

Algumas amigas entre as quais se inclui Matilde Rosa Araújo perguntam também a Maria Lúcia Vassalo Namorado como decorreria a referida exposição de tapetes de Arraiolos (Carta s.d. Caixa 42. Maço 1).e dizem ter visto as críticas na imprensa, como

---

<sup>370</sup> Um deles é a “(...) cópia exacta dum precioso modelo antigo. Ver explicação na p. 17. *Modas & Bordados: Vida feminina: Suplemento* ao n.º 1256(...)” (Doc. Sem data em Caixa 86. Maço 1).

<sup>371</sup> Que fora começado em 26 de Agosto de 1954 (Tapete Maria Keil. Caixa 86. Maço 1).

foi o caso do *Diário Popular* (Carta de Matilde Rosa Araújo. s.d.. Caixa 42. Maço 2). No *Diário de Notícias* encontramos uma crítica apologética de Artur Maciel à Exposição, em Novembro de 1956 e outra de Luís Forjaz Trigueiros na *Brotéria: Revista Contemporânea de Cultura*<sup>372</sup>, também de elogio.

Em *Modas & Bordados* houve uma referência à Exposição de tapetes, quase dois meses depois de terminada, também laudatória:“(…) e quer nas suas escrupulosas cópias, quer nas reconstituições, quer ainda naqueles produtos que se ficam devendo apenas ao seu gosto aprimorado e saber das coisas tapeceiras, bem merece Maria Lúcia da Silva Rosa os agradecimentos não apenas dos numerosos visitantes da sua exposição, mas também de todos aqueles que sabem quanto representam para o povo os esforços feitos para conservar e dar realce aos vários ramos dessas indústrias caseiras que aparecem, na sua história, enleadas à vida da nacionalidade(…)”<sup>373</sup>.

No *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*, na mesma Caixa, temos acesso à lista dos convites que foram enviados para a inauguração da *Exposição*<sup>374</sup> (Caixa 86. Maço 1) e ao *Livro de Honra da Exposição de tapetes de Arraiolos* com um total de 309 assinaturas<sup>375</sup> e comentários das(os) visitantes como é vulgar ainda hoje nesse tipo de eventos. Entre essas pessoas, que vão de personalidades afectas ao regime a outras absolutamente conotadas com a oposição, contam-se, com comentários, Fernanda Tasso de Figueiredo, Ferreira de Castro, M. M. Calvet de Magalhães, Tom, António Maria Pereira e ainda Maria Barroso cujo texto transcrevemos por ser o mais interessante, pois diz: “(…)É difícil exprimir o nosso pensamento quando estamos perante uma verdadeira obra de Arte. Apenas me limito, portanto, a dizer que vou maravilhada e que será um crime não continuar esta extraordinária iniciativa. Maria Barroso(…)” (Caixa 86. Maço 1).

Quanto a outras(os) visitantes que deixam o nome registado e, apenas a título de enumeração, refiram-se as assinantes Dulce Barroso de Moraes e Castro e Maria Cesarina Castro; as amigas Lucinda Atalaia e Belmira de Almeida; as(os) colaboradoras(es) Clélia Varanda, João Alves das Neves, Virgínia Lopes de Mendonça,

---

<sup>372</sup> “Crónica artística”. *Brotéria: Revista Contemporânea de Cultura*. Vol. LXIV. N.º 1. p. 62-63

<sup>373</sup> *Maria Lúcia da Silva Rosa e os seus tapetes de Arraiolos*. Lisboa. *Modas & Bordados*. N.º 2343. 2 Jan. 1957. p. 12

<sup>374</sup> Foram por nós colocados no mesmo *Apêndice a Cap. 3* deste trabalho intitulado: *Exposição de tapetes de Arraiolos, 1956*.

<sup>375</sup> Não é possível identificar todas(os) as(os) visitantes pois que, por vezes, não se percebe a assinatura e noutras, as pessoas deixam apenas uma rápida rubrica. Conseguimos identificar as que colocamos em *Apêndice a Cap. 3* deste trabalho intitulado: *Exposição de tapetes de Arraiolos, 1956*.

Alda Lopes de Mendonça, /Branca/ Rumina, Anália Torres, Vera Bordallo Pinheiro Vaz Gomes; os artistas Jorge Barradas, Costa Pinheiro, Guida Keil, Nikias Skapinakis e Maria Clementina Carneiro de Moura; os familiares de Maria Palmira Tito de Morais, Tito de Morais, Carolina Tito de Morais; os familiares como a filha mais velha de Maria Lamas e uma neta, respectivamente, Maria Emília Pereira Bastos, e Maria Leonor Ribeiro da Fonseca Calixto e o filhos mais velho de Maria Lúcia Vassalo Namorado, Fernando Silva Rosa; a funcionária da revista *Os Nossos Filhos* e o marido, Ilda Águas Marques e Adão Marques; os jornalistas Jacinto Baptista e Sérgio Carvalhão Duarte; a amiga de infância e escritora para crianças, Maria Elisa Nery de Oliveira, a professora de música, Lina Rosenstok ou mesmo a mulher de Marcelo Caetano, Teresa de Barros Alves Caetano, ou ainda João Couto, Passos Pinto professor do *Colégio Moderno*, o cineasta António Lopes Ribeiro, a amiga de Maria Lamas, Maria Azancot e o orientador do presente trabalho, Rogério Fernandes.

No *Espólio* encontramos outros documentos relativos a encomendas e pagamentos de tapetes, datados de 8 de Setembro de 1953 mas não conseguimos perceber se eles dizem (ou não) respeito à preparação da *Exposição* de 1956. Essas facturas mostram-nos que os tapetes estavam a ser feitos em Cano, no Alentejo, terra de onde o pai de Maria Lúcia Vassalo Namorado era natural e eram enviados por Manuel J. Contente, fabricante de carteiras e outros objectos nessa localidade. Em 1953, a directora de *Os Nossos Filhos* pagara já 13.903\$30 o que era uma soma bem avultada para a época.(Caixa 86. Maço 1). Concluímos assim que os tapetes da Exposição da galeria Pórtico foram feitos em Cano, concelho de Sousel, no Alentejo.

Desses documentos deduzimos que a realização dos tapetes, para Maria Lúcia Vassalo Namorado vender, se prolongara durante os anos de 1957 a 1959, agora em Lisboa, pois os livros de assentos dos gastos com a mão-de-obra – Maria de Lourdes, Aurora Antunes, Esmeralda, Guilhermina e Maria de Lourdes Ferreira Bastos<sup>376</sup> chegam a 31 de Janeiro de 1959 (Caixa 86. Maço1).

A Exposição *Tapetes de Arraiolos: Maria Lúcia Silva Rosa*<sup>377</sup>, concretizada em Novembro de 1956, deve ser vista como um meio de contribuir para a formação das

---

<sup>376</sup> Tem indicação, riscada por cima, de: “(...)Maria de Lourdes Ferreira Bastos, R. de Campo de Ourique 224, porta 3<sup>A</sup> - nasceu em 5-1-44 tem 13 anos em Outubro de 1957. Entrou no dia 30-9-957(...)”.

<sup>377</sup> Maria Lúcia Vassalo Namorado ofereceu, a cada filho, um tapete de Arraiolos, sendo que o de Maria Keil foi para o filho do meio e tendo o filho mais novo recebido um como prenda de casamento (Entrevista a Rui Rosa, 17 Jun. 2005).

senhoras, mostrando a necessidade de elas realizarem obras de qualidade e rigor evidentes<sup>378</sup> mas, sobretudo como uma forma de comple(men)tar, com os ganhos obtidos, embora mais de metade do produto das vendas fosse gasto para pagamento da produção, o rendimento que Maria Lúcia Vassalo Namorado retirava de *Os Nossos Filhos*.

### 3.1.5.3 Traduções

Maria Lúcia Vassalo Namorado vai dedicar-se a outras actividades que não a escrita para com elas suportar as despesas domésticas, como o faziam inúmeras outras mulheres da época. Faz muitas traduções ao serão, sem assinar, até para Maria Lamas. Sabemos que a versão portuguesa de *Jean qui grogne et Jean qui rit*, da condessa de Ségur embora assinada pela prima, foi ela que a traduziu como veremos ao analisar a correspondência entre as duas primas. Dessas traduções sabemos que apenas “(...) uma saíu com o nome dela (...)” (Entrevista com Rui Rosa, 22 Fev. 2002): a da obra de Irène Lézine *Problemas quotidianos de Educação*, publicado por Livros Horizonte, n.º 2 da e na *Biblioteca do Educador Familiar*, sobre o *parto sem dor* e que será publicada em 1971, como veremos também no capítulo sobre a sua biografia posterior aos anos 60 do século passado.

---

<sup>378</sup> Sobre este tema vejam-se ainda, como bibliografia de apoio, não existente no *Espólio*: Tavares, Mário; Pombo, Maria- *Matérias primas: as alterações e as suas razões vs introdução de novas matérias-primas*, assim como: Cercle Municipal de la ville du Luxembourg – *Tapetes de Arraiolos. Catálogo de Exposição. 4-18 Nov. 2004*; Rivara, Joaquim Heliodoro da Cunha (1985) – *Memórias da vila de Arraiolos*. Arraiolos: Câmara Municipal; Oliveira, Fernando Baptista de (1973) – *História e técnica dos Tapetes de Arraiolos*. Lisboa: FGC.



## **4 Maria Lúcia Vassalo Namorado e a educação feminina: a revista *Os Nossos Filhos***

### **4.1 Os fins: a revista *Os Nossos Filhos***

#### **4.1.1 A Imprensa periódica como fonte de investigação**

Não é só com a República que nascem as primeiras publicações periódicas para senhoras. Porém, é verdade que os ventos republicanos vão fazer aumentar o número de jornais e revistas para esse grupo específico. As revistas pretendem deixar de ser apenas um repositório de notícias para se transformarem em órgãos de propaganda e de opinião “(...) que deseja atingir e convencer todos os níveis sociais e acredita que a sua intervenção reforma mentalidades e costumes(...)” (Rocha, 1998, p. 34).

Algumas revistas de referência começam também a circular durante a primeira República, como é o caso da *Seara Nova*, cujo primeiro número sai em 15 de Outubro de 1921. A liberdade de imprensa e as publicações periódicas têm em Portugal uma longa história de nem sempre boa convivência. Às leis restritivas da liberdade de imprensa de 1910, sucede em 1914 a censura *por motivo de guerra* (Rocha, 1998, p. 35). Levantada em 1917 e imposta novamente durante o consulado de Sidónio Pais vai voltar a partir de 1926 e sobretudo após os anos 30 do século passado. O decreto-lei n.º 22 469 de 11 de Abril de 1933, entrado em vigor no mesmo dia da Constituição, vai ser o regulamento que, na prática, rege a vida intelectual de todos os que ousam pensar. A par desta censura real foi-se criando uma atitude de autocensura que sentimos em *Os Nossos Filhos* e que dava origem a uma cultura da auto contenção, do subentendido e do medo.

Apesar dessa vigilância constante foi possível, porém, a publicação de revistas como a referida *Seara Nova*, de *O Diabo*, entre 2 de Junho de 1934 e 21 de Dezembro de 1940 ou ainda a *Vértice* depois de 1942.

Como vimos, Maria Lúcia Vassalo Namorado já colaborara em diversas publicações entre os finais dos anos 20 e os anos 40 do século passado. Bem cedo percebera que a imprensa podia ter um papel decisivo na tarefa de doutrinação das Mulheres porque ela compreendia que ao falar com as Mães por escrito, através da revista, conseguiria a

atenção de quem a lia, a interiorização das ideias de quem escrevia, a subordinação das ideias próprias dessas mulheres (se as tivessem) às suas e às dos seus(suas) colaboradores(as) subjugados(as) à erudição, qualidade técnica/pessoal de quem escrevia e lhes dava conselhos. Maria Lúcia Vassalo Namorado espera e crê que o seu público a lê atentamente, para interiorizar o que ela lhes quer transmitir, sendo vista e aceite, sem discussão, como uma *autoridade*.

A imprensa permitia a Maria Lúcia Vassalo Namorado uma intervenção numa escala que nenhum outro fórum lhe dava. Por outro lado, ao intervir na Educação das Mães e das crianças a tarefa de “enganar” o poder instituído que, por sua vez, se queria como uma autoridade acima de todas(os), era talvez mais facilitada uma vez que, dada a pouca importância de que as mulheres dispunham no Estado Novo, só com dificuldade se veria uma publicação periódica a elas destinada como perigo para o estado vigente. Maria Lúcia Vassalo Namorado teve a percepção consciente do poder que dava o controle da imprensa. Ela *usou* esse poder de fazer passar ‘opinião’ através da sua revista, propondo um *currículo* para educar as mulheres a quem a sua revista se dirigia. Hoje, tantos anos passados sobre o fim da revista *Os Nossos Filhos* e, antes de iniciar o seu estudo de forma exaustiva, não podemos deixar de insistir na importância que este tipo de fontes pode ter para qualquer investigação, como brevemente mostrámos na introdução ao presente trabalho.

Como ali referimos, as fontes de que dispomos para, do ponto de vista conceptual e metodológico, abordarmos estas fontes não são ainda muito numerosas em Portugal. Existe apenas o (excelente) *Repertório de Imprensa de Educação e Ensino* (1993) que pode “(...) fornecer materiais básicos, dados que funcionam como ponto de partida para a localização de informações para pesquisas sobre história da educação, das práticas ou das disciplinas escolares e dos sistemas de ensino” (Catani e Sousa, org. 1999. p. 11). Neste trabalho interessa-nos sobretudo a possibilidade que cada periódico tem de ser estudado monograficamente, ou seja, “(...) é possível partir do estudo de determinados periódicos educacionais e tomá-los como núcleos informativos, enquanto suas características explicitam modos de construir e divulgar o discurso legítimo sobre as questões de ensino e conjunto de prescrições ou recomendações (...)” (Catani e Sousa, org. 1999. p. 11)

A utilização de revistas e jornais como fonte principal de uma investigação – neste caso, a revista *Os Nossos Filhos* - obriga-nos a ter em conta, à partida, uma série de pressupostos que não podemos omitir.



Nos capítulos anteriores demos visibilidade a dois tipos de dados: por um lado, abordámos e contextualizámos uma primeira parte da biografia de Maria Lúcia Vassalo Namorado; num outro grupo, juntámos diversos textos da mesma autora. Com a análise desses dois conjuntos de fontes – a que chamámos de *meios* - pensamos ter já respondido a algumas das questões que colocámos no primeiro capítulo do presente trabalho. Considerámos essencial a inclusão de tais dados para que se perceba, agora, em que contexto nasce a revista *Os Nossos Filhos*. Esta revista é uma publicação destinada à *educação não formal* das mulheres. Ela pode ser estudada como fonte na área da História da Educação porque situa a sua “(...)finalidade educativa fora da escola tratando, no entanto, de educação física, de higiene infantil, de educação popular, de formação profissional e /tem/ mesmo /suplementos/ infantis (...)” (Catani e Sousa, org. 1999. p. 13) que nos permitem identificar o corpus de ensinamentos que se quer que as mulheres adquiram.

Este tipo de revista permite ainda outras escolhas: ela permite “(...) escrever a história da educação de um outro modo: menos centrado no papel do Estado ou dos grandes pedagogos e mais atento à riqueza das iniciativas locais, institucionais, ideológicas, sócioprofissionais e também ao atendimento de expectativas de vez que, diferentemente do livro, a imprensa periódica é uma mídia interactiva na orientação da qual os leitores participam de um modo ou de outro, quer escrevendo para ela, quer assinando-a ou deixando de fazê-lo (...)” (Caspard, 1993, p. 93 in Catani e Sousa, org. 1999. p. 14).

Ela proporciona também a identificação de um discurso que ‘foge’ às normas estabelecidas entre o Ministério e as escolas, as(os) professoras(es) e as(os) alunas(os), através de toda a legislação que aquele sanciona e a escola aplica. É que, enquanto que todas as escolas ‘aplicam’ as directivas enviadas pelas entidades tutelares para regular as diversas actividades curriculares e escolares, as publicações periódicas podem escolher, seleccionar, criticar, aplaudir, falar dos temas que lhes interessa, da forma que desejam e para um público que as escolhe.

A utilização destas memórias escritas - os artigos das publicações periódicas - é hoje entendida como fonte importante uma vez que também o “(...) individual e o particular é entendido como actor e agente histórico (...)” (Vicente, 2002, p. 16).

Ao estudar a educação das Mães a partir de uma revista não oficial como *Os Nossos Filhos*, não podemos esquecer que estas publicações não eram tão raras como pode parecer a alguém mais desprevenido. Só a pouca atenção a que, salvo raras excepções, têm sido votadas as revistas dirigidas por mulheres e para mulheres estará na origem do

desconhecimento que ainda reina sobre este tipo de fontes, apesar de trabalhos como o de João Esteves (2002), Maria Regina Tavares da Silva (2002) e outras(os) investigadoras(es). A ‘invisibilidade’ a que muitas delas foram remetidas não nos pode fazer esquecer que “(...)há uma imprensa feminista que subsistiu, sem interrupção, entre 1906 e 1952, embora só a partir de 1909 é que apareceram os periódicos que veiculavam os interesses das respectivas associações que entretanto se foram criando e que se revelaram como o mais importante factor de coesão entre as respectivas sócias. A dirigi-la estiveram, entre outras, as escritoras Albertina de Sousa Paraíso (1864-1954), Ana de Castro Osório (1872-1935), Olga de Moraes Sarmiento (1881-1948), Maria Benedita Mouzinho de Albuquerque Pinho (1864-1939) e Sara Beirão (1884/5-1974), que se iniciou na política republicana em 1908; a primeira jornalista profissional, Virgínia Quaresma; as professoras Ana Maria Gonçalves Dias, Jeanne de Almeida Nogueira, Maria Clara Correia Alves (1869-1948) e Maria Veleda (1871-1955); as domésticas Filipa de Oliveira e Angélica Lopes Viana Porto; as médicas Adelaide Cabete (1867-1935) e Noémia Neto Ferreira<sup>379</sup>; e a licenciada em Direito Elina Guimarães (1904-1991) (...)” (Esteves, 2002. p. 69).

*Os Nossos Filhos* é também contemporânea de outras revistas femininas como *Modas & Bordados* (1912-1982), *Eva: Jornal da Mulher e do Lar* (1925-1989) de Helena de Aragão, *Voga* (1943-1956) de Deolinda de Sousa Gomes, *Jornal Magazine da Mulher* (1950-1956) de Lília da Fonseca e *Seleções femininas* de Berta de Sá, cujo primeiro número é publicado em 1954, para além de mais vinte e quatro títulos de periódicos vocacionados sobretudo para os labores e moda feminina (Guimarães. 2002. p 17-18). Muitas colaboradoras de *Modas & Bordados*, no qual Maria Lúcia Vassalo Namorado participara, escreviam também em *Os Nossos Filhos*<sup>380</sup>. À época, a dedicação exclusiva

---

<sup>379</sup> Noémia Neto Ferreira iniciou a sua militância no *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* quando era estudante universitária e foi das activistas mais em evidência durante a década de 30.

<sup>380</sup> Adelaide Félix, Baronesa X (pseudónimo de Adelaide Bramão), Bia Rosa Colaço, Dra. Branca Rumina, “Camponesa”, Dra. Carolina dos Remédios, Clélia Varanda, Elina Guimarães, Emília de Sousa Costa, Fernanda Tasso de Figueiredo (*do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*), Fernando Carlos (ilustrador e genro de Maria Lamas), Irene Lisboa, Isaura Correia Santos, Judith Furtado Coelho, Judith Maggiolly, Julieta Ferrão, Laura Chaves, *Leonor de Campos* (pseudónimo de Helena de Sousa Costa Belo, filha de Emília de Sousa Costa), *Lília da Fonseca* (pseudónimo de Maria Lígia Valente da Fonseca Severino), Ludovina Frias de Matos (ou Vina de Matos), Manuela Porto, Maria Archer, Dra. Maria Carolina Ramos, Maria de Carvalho, Maria de Castro Henriques Osswald, Maria de Santo António, *Mariac Dimbla* (pseudónimo de Maria do Carmo Dias Monteiro de Barros Lacerda), *Marianela* (pseudónimo com o qual Maria Lúcia Vassalo Namorado assina crónicas de Literatura entre 1943 e 1945), Marthe Debuissons, Maria Rio de Carvalho (pseudónimo também *Miriam*), Raque Bastos, Ruth Martin, Sara Beirão (também com pseudónimo *Maria da Saudade*), Dra. Sara Benoliel, Virgínia Lopes de Mendonça e Virgínia Motta.

não era problema que se colocasse. Sem pretender ser exaustiva - porque não nos foi possível fazer o levantamento completo na primeira destas publicações nem este é considerado um aspecto fundamental do presente trabalho - poderemos dizer apenas que mais de trinta e sete senhoras<sup>381</sup> escreveram em ambas as publicações e Fernando Carlos, o genro de Maria Lamas, marido da filha mais velha, colabora entre 1943 e 1945, sempre em diversas secções, fazendo desenhos e ilustrando também projectos de decoração (Cf. Guimarães, 2002. Apêndice I).

Por esta razão também nos parece fundamental ler e analisar essa intervenção feminina, antes de sobre ela fazer sínteses mais ideológicas do que resultantes da interrogação, leitura e sistematização de dados, apoiadas neste tipo de fontes primárias.

Quando dá conselhos, ela assume uma estratégia de persuasão, ela seria capaz de convencer as leitoras de que agir como ela lhe dizia na revista era a melhor forma de sair da ignorância e de educar as crianças de acordo com os desafios que o futuro lhes colocaria. Tinha ainda a vantagem de, ao seguirem as directivas que ela lhes propunha, com os seus artigos ou com os das pessoas que ela convidava a escrever na revista, estarem essas Mães a contribuir não só para felicidade dos seus lares como para a felicidade colectiva, enquanto Nação....Maria Lúcia Vassalo Namorado, embora sem nunca o explicitar, partia do princípio de que a informação era sobretudo influência e que apresentando argumentos cuidados e razões irrefutáveis ela seria capaz de exercer sobre o público feminino, a quem se destinava, uma mudança qualitativa importante.

Ela quer sempre aumentar o número de assinantes porque sabe que a revista só é rentável se o conhecimento conseguir chegar a um público mais vasto e aberto às mais recentes descobertas pedagógicas.

Por isso ela propõe um conjunto de conhecimentos que, teóricos e práticos, cada Mãe deve ter para melhor cumprir essa sua função. A identificação desse *curriculum* da boa Mãe, da Mãe educada e sobretudo, da Mãe educadora à luz das então mais modernas teorias pedagógicas é uma das áreas que pretendemos analisar nesta investigação.

---

<sup>381</sup> São: Bia Rosa Colaço, Dr.<sup>a</sup> Branca Rumina, Dr.<sup>a</sup> Carolina dos Remédios, Clélia Varanda, Elina Guimarães, Emília de Sousa Costa, Fernanda Tasso de Figueiredo, Irene Lisboa, Isaura Correia Santos, Janine, Judite Furtado Coelho, Judith Maggiolly, Julieta Ferrão, *Leonor de Campos* ou Helena de Sousa Costa Belo, *Lília da Fonseca*, Ludovina Frias de Matos, Manuela Porto, Maria Archer, Maria Carolina Ramos, Maria de Carvalho, Maria de Castro Henriques Osswald, Maria de Santo António, *Mariac Dimbla* ou Maria do Carmo Dias Monteiro de Barros de Lacerda, Marthe Desbuissons, *Miriam* ou Maria Rio de Carvalho, Raquel Bastos, Sara Beirão ou *Maria da Saudade*, Dr.<sup>a</sup> Sara Benoliel, *Uma Rapariga Moderna*, Virgínia Lopes de Mendonça, Virgínia Motta e Virgínia Mota Cardoso.

Assim, os diversos artigos sobre *Educação* serão apreciados através de diversas categorias temáticas previamente definidas e atribuídas a cada artigo compulsado.

Para estudar a informação educativa contida na revista *Os Nossos Filhos* era preciso, em primeiro lugar, ler todos os seus artigos como tal identificados. Assim usaremos a revista como fonte privilegiada deste trabalho e não apenas como uma das muitas fontes primárias disponíveis.

A imprensa periódica feminina foi capaz, como aconteceu com *Os Nossos Filhos* de criar “(...) um público específico que esperava em data determinada um tipo de informação que primava por ser «recente», embora naquela data de divulgação muito restrita; a maioria das leitoras são assinantes do periódico (...)” (Rocha, imp. 1998. p. 22) e por essa razão também sentem a revista como “sua”. Esta posse está patente em inúmeras cartas que são enviadas a/por Maria Lúcia Vassalo Namorado em que a referência à “nossa” revista é uma realidade.

As publicações periódicas em geral e as revistas femininas, em particular e, no caso concreto de *Os Nossos Filhos* devem ser vistas, como referia Castilho, como “(...) um pouco de ciência para todos.» (Rocha, imp. 1998. p. 28).

Estas publicações, muitas vezes dirigidas e editadas por mulheres voluntárias, como é o caso da directora de *Os Nossos Filhos*, têm uma distribuição pouco eficaz e, na maior parte dos casos são vendidas por assinatura ou nos escritórios da publicação que, no caso de que nos ocupamos, coincidiu sempre com a do domicílio de Maria Lúcia Vassalo Namorado. A publicidade, vista como forma de ajudar a fazer face às despesas é um dos expedientes de que a maior parte das senhoras que dirige revistas se serve para tentar baixar o preço de capa de cada número.

*Os Nossos Filhos* é também uma publicação feita *por/para mulheres* e não *para mulheres*, (Freire Leston, 1996. p. 7) ou seja, a maioria das(os) colaboradoras(es) não são homens que escrevem para mulheres mas mulheres que, *com* alguns homens, escrevem para serem lidas *por* mulheres.

A abordagem que fazemos neste capítulo deste trabalho a *Os Nossos Filhos* é feita a partir de dois eixos de análise: por um lado, fazemos o estudo da revista em si, ou seja, “(...) a investigação sobre as características técnicas - preço, número de páginas, existência ou não de gravados, publicidade, descrição ideológica da empresa, características pessoais d/a/ director/a/ e colaborador/as/es, temática, etc) e por outro, vemos a revista “(...) concebida/ como fonte histórica sobre um determinado fenómeno

(...)” (Freire Leston, 1996. p. 11), neste caso, a proposta educativa das mulheres e das crianças nela enunciada.

*Os Nossos Filhos*, como outras revistas femininas da época, não esquece a moda e a literatura tão comuns em publicações que, desde o séc. XIX, se editavam no país. Porém, quer ir um pouco mais além e atingir as mulheres, esposas e mães, de forma a torná-las melhores educadoras. No período em estudo são poucas as publicações exclusivamente dedicadas às mulheres, fora do contexto político vigente. Interessa chamar a atenção para duas, em particular: *Alma Feminina (1917-1946)*<sup>382</sup> e *Boletim da Associação Feminina Portuguesa Para a Paz*, também elas mais vocacionadas, em primeiro lugar, para questões políticas do que propriamente educativas. Se respigarmos a obra *A Imprensa de Educação e ensino: repertório analítico...*<sup>383</sup> veremos como, na área da *educação não formal* não existe mais nenhuma outra publicação como *Os Nossos Filhos* no panorama feminino da época. *Dentro do regime*, o *Boletim para Dirigentes da Mocidade Portuguesa Feminina*<sup>384</sup>, dirigido por Maria Baptista Santos Guardiola inicia-se em data posterior a *Os Nossos Filhos* e não tem os mesmos objectivos desta revista, embora muitos dos temas nelas tratados sejam os mesmos. Um grande desafio ainda não realizado, do ponto de vista da investigação em Educação, seria a comparação entre a forma como, em publicações diferentes, oriundas de sectores diversos, são vistos os mesmos temas. Em alguns casos, como esperamos mostrar neste estudo, as diferenças concretamente sobre o papel da educação mais adequada à mulher não são tão profundas como se tem afirmado.

No caso de *Os Nossos Filhos*, Maria Lúcia Vassalo Namorado criou e usou a revista como forma de apoio económico mas também fez dela uma tribuna educativa onde passou aquilo que eram os conhecimentos que considerava serem os necessários à educação das mulheres para se tornarem boas mães, ou melhor, mães exemplares.

---

<sup>382</sup> Nesta data será continuada por *Mulher*, que apenas se publica entre 1946-1947.

<sup>383</sup> Publicações como *A Acção Pedagógica*, *O Ardina*, o *Boletim do Instituto de Orientação Profissional* “Maria Luísa Barbosa de Carvalho”, não têm, de todo, o sentido que *Os Nossos Filhos* pretende imprimir à educação das mulheres.

<sup>384</sup> *Boletim para dirigentes da MPF- Lisboa, Jan. 1946-/Jan. 1972/*, dirigido por Maria Baptista Santos Guardiola (Março 1956 e 1969)- sobre *educação moral e nacionalista, Educação Física, Canto Coral, Economia doméstica, Lavoros e Culinária, Higiene e Puericultura, Enfermagem e primeiros socorros, concursos e sessões recreativas...*( Nóvoa (dir.)1993. p.173).

#### **4.1.1.1 *Os Nossos Filhos*: Análise temática - questões prévias:**

Ao ler a revista *Os Nossos Filhos* percebe-se, que ela se dirige aos Pais mas, sobretudo, às Mães. Esta orientação é evidente e permanente e é a base da sua linha editorial, como veremos no subcapítulo seguinte.

Como tema central, como já referimos, está sempre o esclarecimento das mães, usando artigos de teor mais teórico ou outros de conselhos e questões práticas. Como segundos temas, identificamos as questões de saúde, assistência e quotidiano femininos. Como muitas revistas femininas, o seu conteúdo é aumentado ainda com outros temas da área da “(...) vida social, conhecimentos úteis e receitas culinárias - fazendo também das mulheres perfeitas donas de casa, hábeis administradoras e eficientes cozinheiras. É evidente que o principal beneficiado será o marido, que sentirá assim menos desejos de fazer ‘vida social’ sem a mulher - /e tem ainda/ relatos históricos, costumes e passatempos (...)” (Freire Leston, 1996. p. 67).

Estas secções da revista ajudam-nos a definir o público-alvo da revista: as mulheres da classe média que precisam de saber como se guarda a manteiga, como se ferve o leite para os bebés, ou seja, os conselhos têm um pendor “(...) utilitarista, dirigido às mulheres da classe média pois as da classe alta não necessitam evidentemente de tais saberes(...)” (Freire Leston, 1996. p. 67).

Uma secção em que vamos encontrar diversos pseudónimos da directora – desde *Avòzinha*, *Tia Luísa*, *Tia Aninhas* - é na chamada “correspondência” com as leitoras. Ela permite-nos obter, quer na revista quer através da leitura das cartas do *Espólio* que não foram publicadas, um conjunto de dados sobre o quotidiano deatas mulheres, das relações que algumas delas estabeleceram com Maria Lúcia Vassalo Namorado, como Maria Banha da Fonseca, do Alentejo (com mais de 35 cartas, com diversos pseudónimos como *Maria das Candeias*, *Triste destino* ou até *Fátima*, este último adoptado por sugestão da própria directora da revista) ou outras mais que desabafam sobre as suas vidas privadas, que reclamam pelo envio não atempado de um ou outro número da revista, que pedem a publicação de monogramas para determinadas peças de roupa que estão a fazer para os filhos (o caso de Sara Pinto Coelho – Caixa 26. Maço 4- que pede publicação de monograma /scanner/ para o filho Carlos Pinto Coelho), pedidos diversos de publicação de fotografias e muitos outros deste teor.

Muitas das cartas do *Espólio* dizem respeito a questões administrativas de *Os Nossos Filhos*: acusam a recepção do pagamento da assinatura, aceitam ou oferecem

colaboração e enviam nomes de novas assinantes que angariam junto de amigas, conhecidas ou pessoas gradas de cada localidade. A partir desta correspondência administrativa podemos estabelecer ainda, como veremos, uma listagem de todos os locais onde havia assinantes de *Os Nossos Filhos*.

Na revista encontramos um discurso oriundo do determinismo biológico em que se defende, por um lado, que a obrigação das mães é serem as educadoras dos filhos mas, por outro lado, elas não nascem com as capacidades que lhes permitem executar essa tarefa, uma das mais complicadas que lhes está reservada.

Uma outra grande preocupação que ocupa inúmeras páginas da publicação é a da assistência materno-infantil, ainda hoje não eliminada da lista das grandes questões que a opinião pública<sup>385</sup> pretende ver resolvidas no nosso país.

Na revista há ainda um grande peso de artigos portadores de diversas propostas de análise de questões éticas, médicas e políticas mas são quase raros os que se ocupam de questões de foro religioso.

#### **4.1.1.2 Artigos seleccionados**

Se “(...) da instituição educativa (...), sede privilegiada de uma multiplicidade de acções humanas, pedagógicas, culturais, sociais, afectivas, de um quotidiano sempre reinventado (...) não resta por vezes mais que um resíduo documental, irregularmente repartido no tempo e pouco representativo, nomeadamente no que se refere à riqueza do quotidiano escolar (...)” (Magalhães, 1999 a. p. 51) que poderemos dizer de todo um quotidiano pessoal e profissional relativo à vida de uma mulher, à directora de uma revista e à própria revista que deixou de existir em finais dos anos 50 do século passado?

Como testemunho da actividade, enquanto jornalista, escritora e directora da revista *Os Nossos Filhos* possuímos, felizmente, o *Espólio* de Maria Lúcia Vassalo Namorado que, mesmo que já não completo e ainda por tratar do ponto de vista arquivístico, como

---

<sup>385</sup> Ainda hoje a causa da assistência às crianças convoca inúmeras adesões: “(...) Neste lista de problemas sociais, a causa favorita – lutar contra a pobreza no mundo – conquista 36 por cento das preferências dos inquiridos, exactamente como no inquérito realizado em 2003. A opinião pública portuguesa coloca a protecção à criança, em segundo lugar no *ranking* de problemas prioritários, Este foi, de resto, o único problema que viu a percentagem de preferências aumentar – de 22,9 por cento em 2003 para 25,3 pontos percentuais em 2004 e (...) não é um fenómeno recente que se faça sentir agora, na sequência da mediatização dos casos de pedofilia em Portugal. Desde pelo menos 2001 que mais, de 20 por cento dos inquiridos consideram que proteger a infância deve ser a causa social a receber apoio prioritário(...)”. In *AMI Notícias*. N.º 32, 2º trimestre de 2004. p. 10

referimos no capítulo um deste trabalho, é ainda de uma riqueza imensa pois que tem milhares de documentos, nos quais se incluem dois conjuntos que foram a base da pesquisa desta nossa investigação: referimo-nos ao acervo de 11.500 cartas que nele estão depositadas e ao conjunto composto pelos 205 fascículos da revista *Os Nossos Filhos*. São estes dois blocos de documentos que passamos a analisar. Neste capítulo vamos fazer a análise morfológica e temática da revista *Os Nossos Filhos*. A leitura e interpretação dos dados recolhidos, quer na base dos artigos da revista *Os Nossos Filhos* seleccionados como corpus do presente trabalho quer na base da correspondência, é feita em conjunto uma vez que, as informações recolhidas nas cartas e artigos podem ser ‘cruzadas’ e permitem uma mais completa leitura, identificação e apreciação dos dados que pretendemos identificar como constituintes da proposta pedagógica que Maria Lúcia Vassalo Namorado apresentava para a educação das mães e das crianças a quem ela destinava *Os Nossos Filhos*. Da revista foram seleccionados os seguintes artigos:

Quadro nº17.: Critérios de selecção dos artigos de *Os Nossos Filhos*:

todos os que são assinados por Maria Lúcia Vassalo Namorado ou por cada um dos pseudónimos por ela adoptados ( <i>Tia Aninhas; Maria Clara, Maria Fernanda e Maria da Luz; Avôzinha; Mãe; Maria Namorado; M.N; Tia Luísa; Velhinho das Barbas; M.L.</i>
todos os que não sendo por ela assinados, são indiscutivelmente da sua autoria (como é o caso de todos os textos da revista que são assumidamente opção redactorial)
todos os Editoriais ou os artigos inseridos nessa página
todos os artigos sobre educação, independentemente das(os) autoras(es) serem ou não especialistas na área
todas as informações sobre a revista (como registo de novas assinantes, pequenas novidades, concursos ou outras)
todas as fotos e textos das capas, contracapas e interior da revista desde que seja dada (ou possível) a identificação de retratada(o)s
todos anúncios que se referem a instituições e temática de educação, com leitura exaustiva das informações neles prestadas
todos os artigos de todas(os) colaboradoras(es) consideradas(os) nas áreas educativa, de saúde, assistência e política, até um número total de pelo menos, cinco intervenções

Os artigos sobre educação são ainda agrupados em duas subcategorias, a saber, os que considerámos de carácter teórico, redigidos por médicos, autoridades que escrevem o que se chama ‘artigos de fundo’ sobre determinado tema e um outro, que designámos de ‘divulgação’ e que comportam todos os conselhos, sugestões,



reportagens sobre instituições de educação visitadas, entrevistas e notícias de iniciativas de carácter cultural

Foram rejeitados todos os artigos sobre entretenimento dos pequenitos, literatura, labores e moda, culinária, consultório de beleza, ideias práticas e artigos de autores estrangeiros embora a eles nos refiramos para a caracterização morfológica da revista.

A construção da base<sup>386</sup> *ONF 205* (no *Apêndice a cap. 4* deste trabalho) em *Access* na qual se registaram os dados extraídos de cada número da revista foi feita depois de uma primeira leitura de alguns artigos dos primeiros números da revista e serviram assim de amostragem para testar a exequibilidade da introdução dos dados e a da sua recuperação posterior à investigação.

A revista *Os Nossos Filhos* foi analisada do ponto de vista morfológico<sup>387</sup> e temático<sup>388</sup> (Freire Lestón, 1996), como referimos aquando da descrição das opções tomadas no tratamento documental.

Quanto ao conteúdo da publicação analisamos em pormenor os *Editoriais* uma vez que a grande maioria é da responsabilidade de Maria Lúcia Vassalo Namorado e nos podem dar a linha de pensamento que a orientou na direcção da revista. Identificamos ainda as áreas temáticas dominantes, ou seja, todos os artigos com temas de Educação, analisamos ainda os de Assistência e Saúde porque são estas vertentes às quais é atribuído mais relevo na revista e porque, dado o tipo de publicação, as duas últimas temáticas também se inserem dentro do conjunto de ensinamentos que era preciso transmitir e que são fundamentais para a definição do que deveria ser o currículo proposto para a educação das Mães.

Os artigos da revista *Os Nossos Filhos* foram seleccionados depois de termos definido três eixos principais (Brandão, 2002, p. 106) de abordagem: as categorias temáticas, o tempo e o tipo de artigos.

Em relação ao primeiro eixo, foi para nós evidente que precisávamos de construir uma classificação temática que nos servisse para classificar todos os artigos da revista. A

---

<sup>386</sup> Feita por João Torres, docente da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal e por nós, com a preocupação de permitir a introdução dos dados e a respectiva recuperação, partindo de descritores ou categorias que seguidamente enumeramos.

<sup>387</sup> Título, complemento, número de anos, propriedade, editora, directora, localização, formato, papel, custo, n.º páginas, números temáticos, publicidade, tiragem, capas, mancha tipográfica, aspecto gráfico, disposição das secções, extensão artigos, ilustrações, autoria ilustrações...

<sup>388</sup> Revista especializada/generalista, análise dos editoriais, da iconografia (dos anúncios às fotos de crianças publicadas), das colaborações e áreas temáticas independentemente de serem (ou não) analisados, da evolução ideológica...

análise a partir desta variável, entendida como “(...) um conceito que permite, em relação a um objecto de conhecimento teoricamente relevante, operar no mesmo uma partição em classes de equivalência mais ou menos extensas(...)” (Almeida e Pinto, 1999, p. 70 in Brandão, 2002, p. 105), permite identificar a frequência de certos assuntos nela publicados.

A variável *tempo* implicava decidir se os conteúdos da revista seriam analisados só em relação a um certo fragmento temporal ou se se assumia que a sua análise devia ser feita para todo o período em que ela se publicou, isto é, de 1 de Junho de 1942 a 1958, com periodicidade mensal e de Janeiro de 1959 a Dezembro de 1964, com periodicidade anual. Esta última opção, se bem que fosse a mais “pesada” em termos de organização da investigação foi a seguida uma vez que, se um dos objectivos da investigação é o de identificar o curriculum proposto para a educação das Mães e das crianças, não fazia qualquer sentido seccionar essa análise e circunscrevê-la apenas a um determinado tempo. Se tivéssemos seguido aquela opção teria sido impossível perceber, por exemplo, como também pretendemos com este estudo, se houve (ou não e) qual a evolução dessa proposta de *curriculum*. Um outro factor que nos levou a optar pela leitura de *todos* os artigos publicados na revista, a partir daquelas três categorias principais, foi o de que seria difícil encontrar um critério facilmente objectivável que nos permitisse justificar a rejeição de um determinado(s) período(s) em detrimento de outro(s) seleccionado(s).

Quanto à última variável - tipo de artigos - e dado que na revista coexistem notícias ‘breves’ com artigos que se arrastam de número para número, traduções de artigos publicados originalmente noutras publicações com artigos redigidos em “exclusivo” para *Os Nossos Filhos*, decidimos que seriam analisados todos os artigos independentemente da sua forma mais ou menos extensa, interessando mais o conteúdo de cada artigo do que a sua forma e/ou extensão.

Porém, analisar um total de 205 números da revista e articular categorias temáticas de desigual extensão e importância com esta grelha tão “larga” era tarefa impossível dada a escassez de tempo de que dispúnhamos. Para fazer face a tal limite optámos por organizar uma tabela classificativa mais fina de forma a nela poder incluir os inúmeros artigos que pretendíamos analisar. A primeira preocupação foi a de seleccionar os artigos que iriam ser objecto de análise temática: estes foram divididos em dois grupos, a saber, os artigos escritos por autores nacionais e os que foram considerados como colaboração estrangeira.

Uma outra opção foi a de definir, em cada artigo, o que se entende como “tema predominante”, ou seja, quando um artigo pode ser analisado sob diversos ângulos há que identificar qual a temática que nele é fundamental. Esta decisão colocou-nos certos constrangimentos durante a leitura de alguns deles uma vez que indexar um artigo é, como se sabe, uma das fases mais complicadas do tratamento documental e que só a simples classificação nem sempre é suficiente para não perder muita da informação que cada artigo encerra.

Assim sendo, apresentamos as categorias temáticas definidas para os diversos artigos seleccionados em *Os Nossos Filhos* e a respectiva tabela descritiva:

Quadro nº18.: Categorias temáticas e tabela descritiva de análise dos artigos seleccionados de *Os Nossos Filhos*:

Categorias temáticas	Tabela descritiva
Cronologia	Identificação, em cada artigo, de ano/mês/página(s)
Actividades lúdicas	Todos os artigos sobre brinquedos, cinema, teatro e televisão
Adolescência	sobre este tema ou com alusões a ele
Assistência	Referência a actividades públicas ou particulares de apoio a pobreza, miséria, ignorância e a instituições que as mitigam
Bibliotecas	sobre bibliotecas e notas críticas de leitura
Biografias	sobre vidas de pessoas mencionadas nos artigos ou informações sobre autores(as) de artigos
Colaboradores estrangeiros	de autores(as) estrangeiros(as)
Conselhos	conselhos práticos sobre moral, saúde, hábitos de higiene
Disciplinas artísticas	Sobre Desenho, Educação Física e Música
Editorial	Identificação de conteúdos
Educação, conceito	definição do conceito
Educação das Mães	ensinamentos em que elas são directamente referidas
Educação feminina	Ensinamentos para as raparigas solteiras
Educação infantil	Sobre Jardins de infância e métodos
Educação juvenil	Sobre ensino primário, liceal e técnico
Educação masculina	Ensinamentos para os rapazes
Educadores, caracterização	O que se entende por um(a) bom(a) educador(a)
Erros educativos	Tudo o que é reprovável em Educação
Pais, deveres	Caracterização dos bons pais, educadores e família
Iconografia <sup>389</sup>	Imagens que ilustram os artigos
Instituições <sup>390</sup>	Artigos monográficos sobre/referências a

<sup>389</sup> cf. Também a Base de *Fotos 1700* da revista, em *Apêndice a Cap. 4* deste trabalho.

Legislação	Referências a/ comentários/ divulgação
Maria Lúcia, biografia	Referências feitas pela própria ou por terceiros(as) a dados pessoais, obras publicadas <sup>391</sup> , iniciativas realizadas <sup>392</sup> , programas radiofónicos e televisivo <sup>393</sup>
Necessidades educativas especiais	Sobre crianças anormais e dificuldades de aprendizagem
Nomenclatura	Identificação de expressões hoje caídas ou não em desuso para criança, doenças
Números temáticos	Para os números totalmente preenchidos com artigos sobre Porto, Suíça, Madeira, Açores, Coimbra
<i>Os Nossos Filhos</i> , administração da revista	Sobre concursos e inquéritos promovidos, encomendas
<i>Os Nossos Filhos</i> , assinantes	Sobre assinaturas, divulgação da revista
<i>Os Nossos Filhos</i> , avaliação	opinião ou apreciação sobre a revista
<i>Os Nossos Filhos</i> , objectivos	Fins que se pretendem atingir
Orientação profissional	Sobre importância desta actividade
Profissões diversas	Sobre criadas de servir, deputadas, Enfermeiras, professoras, educadoras, escritores, jornalistas, médicas, mulheres trabalhadoras em actividades não identificadas
Pedagogas(os)	Identificação sempre que citadas(os)
Política	Alusões a situações a figuras públicas, críticas e sugestões
Política colonial	Todos os artigos que se referem concretamente a situações, instituições e quotidiano colonial
Publicidade	Apreciação de todos os anúncios publicados
Quotidiano	Identificação de situações da vida diária da época
Recensão	Designação dos artigos publicados mas não escritos propositadamente para a revista na forma de texto completo, excerto ou citação
Recensão crítica	Sobre leituras recomendadas ou rejeitadas
Religião	Referências a
Recreação <sup>394</sup>	Agrupar todos os artigos e secções dirigidos expressamente às crianças
Saúde	Todos os artigos sobre doenças, eugenia, puericultura pré e pós-natal, saúde infantil, vacinação, sexualidade e educação sexual e pedofilia

<sup>390</sup> A título de exemplo referimos a *Associação Feminina Portuguesa para a Paz, Associação Portuguesa de Educação pela Arte, Casa Mãe da Gaiata de Lisboa, Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, Liga Portuguesa dos Deficientes Motores, Associação Portuguesa de Surdos, Liga Portuguesa da Profilaxia Social, Obra das Mães pela Educação Nacional, Tutoria da Infância, ...*

<sup>391</sup> *Joaninha quer casar, A Mulher dona de casa, Negro e cor de rosa...*

<sup>392</sup> Festas a favor da Revista *Os Nossos Filhos*, *Escola de Noivas e Donas de Casa, Portugal visto pelas suas crianças...*

<sup>393</sup> Programa para o *Rádio Clube Português* e para a Televisão- RTP, referidos na biografia de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

<sup>394</sup> Os espaços da revista intitulados *Recreio, Para entreter os pequenitos, Poesia para os nossos filhos, O Arco-Íris...*

Sexismo	Sobre educação das raparigas do ponto de vista feminino e feminista
---------	---

Ao todo foram assim lidos 4729 textos de 542 colaboradores e analisados 3974 artigos (cf. *Lista de colaboradores e Total de n.º de artigos em Apêndice Cap. 4- ONF- 205*).

Decidimos não alargar essa análise aos artigos sobre moda, culinária e bordados porque o objectivo não era definir o currículo de educação feminina presente na revista mas tão só definir os conteúdos, métodos, temas que eram julgados pertinentes para uma melhor educação das Mães e, por conseguinte, para uma melhor educação da crianças.

A opção de não utilizar os artigos de colaboradores estrangeiros, embora façamos a apresentação de todos eles, parece-nos hoje ter sido pouco própria uma vez que, dado o ambiente de censura imposto às publicações periódicas à época, era natural que esses artigos tivessem sido usados sob duas perspectivas: por um lado, para dar a ideia de que a revista estava actualizada e a par do que de melhor nessa área se escrevia lá fora; por outro lado, esses artigos, ao confrontarem as Mães com o que se fazia no estrangeiro, podiam ser usados como uma espécie de subversão para falar de diversos temas aqui menos usuais e arredados da discussão pública possível.

Desenhada também com o programa *Access* foi feita uma outra base (*Fotos 1700 em Apêndice ao Cap. 4*) para todas as fotos identificadas na revista *Os Nossos Filhos* num total de 1700 fotografias respigadas. Para ilustrar os artigos da revista são utilizadas quase só fotografias e/ou desenhos. Os segundos são enviados por colaboradoras(es) sobretudo das (sucessivas) secções infantis da revista. As primeiras, ou são exclusivos que a revista compra a agências sobretudo estrangeiras ou são enviadas por colaboradoras(es) que solicitam a sua publicação quer gratuitamente quer pagando para o efeito, como se verá aquando da descrição morfológica da revista. A base das fotos permitiu-nos compreender as relações pessoais, familiares, de amizade e profissionais de Maria Lúcia Vassalo Namorado com as(os) autoras(es) dos artigos da revista e com as pessoas que escreveram muita da correspondência do *Espólio*. Em diversos casos foi também através das legendas das fotos que conseguimos obter os nomes completos das(os) colaboradoras(es).

Embora tenhamos feito um guia preliminar provisório das mesmas, não foram vistas como objecto de estudo cerca de um milhar de fotografias contidas no *Espólio* porque não foi possível a sua completa identificação e porque esse não era também um dos objectivos do trabalho. Como referimos, apenas fizemos o levantamento dos dados

iconográficos que directamente se relacionavam com o conteúdo dos artigos da revista *Os Nossos Filhos* ou com a identificação das(os) autoras(as) dos artigos ou das cartas do *Espólio*. A organização desta base de dados especifica justifica-se porque “(...) as fotografias podem dar uma boa percepção dos indivíduos que já não estão presentes, ou de como certos acontecimentos particulares desse meio eram, porque oferecem uma visão histórica do meio e dos seus participantes, podem representar a visão do que o fotógrafo considera importante, porque retiramos pistas acerca do que as pessoas valorizam e quais as imagens que preferem ou /finalmente sobre a forma/ como as pessoas definem o seu mundo e o que elas assumem que é inquestionável(...)” (Bogdan e Biklen, 1994. p. 184 e seguintes). Sobre a forma como esta base iconográfica poderá vir a ser reutilizada apresentamos algumas sugestões na conclusão deste trabalho.

Como usamos todos os números da revista *Os Nossos Filhos* pareceu-nos importante realizar um conjunto de índices e de quadros que serão facilitadores para quem queira apreciar os dados deste estudo e para futuras investigações que possam ter como fonte a dita publicação periódica. Não apresentamos esses índices junto a este trabalho porque aumentariam desmesuradamente o texto impresso mas eles podem ser feitos a partir da pesquisa nas bases que criámos, quer para os artigos da revista, para a da correspondência ou a das fotografias. É possível recuperar toda a informação contida em cada uma das bases pesquisando por autoras(es), por pseudónimos, por títulos de artigos, por localidade de onde as fotografias foram enviadas ou por cada um dos diversos temas definidos para cada um dos diversos artigos, fotografias ou cartas.

O índice onomástico permite listar, por ordem alfabética, os nomes de todas(os) as(os) colaboradoras(es) ou de instituições, entidades, organizações, seguidos de ano(s) em que colaboraram na revista e do(s) artigo(s) assinados. Sempre que foi necessário desdobraram-se siglas e acrónimos. Esta tarefa foi dificultada sempre que a(o) mesma(o) autor(a) assina com diferentes nomes. Quando tal acontece, optou-se por agrupar todas as referências numa mesma entrada. Quando detectámos nomes iguais mas de autoras(es) diferentes<sup>395</sup> foram feitas duas entradas apenas nos casos em que se sabe não serem a mesma pessoa. O de pseudónimos, por ordem alfabética, inclui, sempre que possível, a identificação da(o) autor(a).

O dos títulos dos artigos e autores pretende indicar, por ordem alfabética, o título de(os) artigo(s) escrito(s) por cada autor(a) e a data de forma a que seja possível estabelecer

---

<sup>395</sup> Ex: Maria do Carmo Rodrigues, colaboradora e escritora madeirense entrevistada para este trabalho e Maria do Carmo Rodrigues, colaboradora e professora no Curso da *Escola de Noivas e Dona de Casa*.

uma “cronologia” da participação das(os) diferentes colaboradoras(es) ao longo do período de publicação da revista (cf. Quadro *Soma de número de artigos*).

O último, o índice temático, como acontece sempre, quer seja ao classificar ou indexar documentos quer seja durante a definição de categorias em qualquer investigação, foi aquele que mais questões colocou. No entanto foi elaborado a partir da lista das categorias temáticas e respectiva tabela descritiva já apresentada. Se na análise dos artigos se respeitou a terminologia da época (*liceus*, *anormais*) já na listagem para o índice preferimos utilizar os termos e expressões técnicos mais usados hoje em Ciências da Educação (escolas secundárias, necessidades educativas especiais).

Naquele total de artigos lidos se incluem aqueles que, pela sua extensão, são publicados em diversos fascículos da revista a alguns que são apenas citações breves dos autores referenciados. A inclusão desta última opção neste total justifica-se uma vez que tais citações foram consideradas relevantes quer pelo conteúdo quer pela autoridade reconhecida à fonte.

A fim de perceber que autoras(es) mais se evidenciaram como colaboradoras(es) da revista *Os Nossos Filhos* considerámos então as(os) autoras(es) que têm uma participação igual ou superior a cinco artigos. Chegámos a um total de 90 autoras(es) nestas condições<sup>396</sup>.

Na análise dos artigos, e tendo em conta as categorias definidas, foram utilizados todos os artigos, independentemente da(o) sua(seu) autor(a) ou das datas em que colaboraram em *Os Nossos Filhos*.

Uma primeira apreciação mostra-nos que a revista é Maria Lúcia Vassalo Namorado ou seja, dela é o maior número de intervenções na revista - um total de 2802 - assim distribuídas:

Nome ou pseudónimo	Número de artigos
(Maria Lúcia)	1756
Anónimo	870
Maria Lúcia	54
Avòzinha	42
M.L.	21

---

<sup>396</sup> Foram contabilizados apenas uma vez, mesmo quando apresentam pseudónimos ou assinam com “heterónimos” conforme as rubricas em causa. Assim, *Irene Lisboa* foi assim referenciada mesmo quando assina *Carlos Taveira* ou *Airina*; *Rosa Silvestre* foi incluída em *Maria Lamas* e *(Maria Lúcia)*, *Anónimo*, *Avòzinha*, *M.L.*, *Maria Namorado*, *Velhinho das Barbas*, *Dona Experiência*, *M.N.* e *Mãe* foram agrupados sob a designação de *Maria Lúcia*.

Maria Clara, Maria Fernanda, Maria da Luz	16
Maria Namorado	14
Velhinho das Barbas	11
Dona Experiência	11
M.N.	3
Mãe	3
Tia Aninhas	1

Um outro quadro é susceptível de nos fornecer mais informações sobre as(os) 38 colaboradoras(es) de *Os Nossos Filhos* que têm uma participação igual ou superior a dois dígitos; observemos atentamente quem são, quantos contributos deram à revista e durante quanto tempo:

Nome	n.º artigos	datas
Adriana Rodrigues	84	1945-1954
Virgínia Faria Gersão	71	1942-1958
Branca Rumina	69	1942-1957
Maria Palmira Tito de Morais	67	1942-1952
M. Ferreira de Mira	57	1943-1956
Elina Guimarães	44	1943-1958
José Francisco Rodrigues	34	1943-1957
Matilde Rosa Araújo	32	1951-1958
Ruth Martin	32	1955-1958
Irene Lisboa	35	1950-1956
Maria Evelina Faria e Maia de Aguiar Bustorff	30	1942-1958
Francine Benoît	29	1942-1956
LPPS	28	1943-1958
Maria de Jesus Mateus de Oliveira Mendes	27	1942-1955
Anália Torres	26	1947-1956
Serras e Silva	24	1942-1958
Lília da Fonseca	23	1943-1950
Vitor Fontes	23	1942-1958
Emília de Sousa Costa	22	1952-1957
Sabine Petersen	22	1948-1950
Isaura Correia Santos	21	1948-1957

Nome	n.º artigos	datas
Serviços Culturais EUA	19	1955-1957
Ilse Losa	18	1948-1958



Vina de Matos	17	1943-1950
Lucinda Atalaia	16	1954-1956
Maria da Luz de Deus	16	1942-1956
Fernanda Tasso de Figueiredo	16	1944-1953
Katharine F. Lenroot	15	1954-1955
Dora Bell	15	1948-1953
Samuel Maia	14	1942-1951
Alice Gomes	13	1950-1956
Betty Katzenstein	12	1957-1958
Maria do Carmo Martinho	12	1954-1956
Maria da Natividade Pinheiro Correia	11	1948-1958
M M Calvet de Magalhães	11	1954-1955
A Oliveira e Sousa	10	1943-1946
Clara do Prado <sup>397</sup>	10	1946-1956
Manuel Subtil	10	1942-1950
Maria João Lopes do Paço	10	1942-1946

A participação de outras(os) colaboradoras(es) é francamente mais modesta uma vez que, das(os) 542 autoras(es) inventariados apenas as(os) que acabamos de referir têm, como dissemos, uma intervenção igual ou superior a 10 artigos na revista *Os Nossos Filhos*.

Ao analisar a colaboração, sob o ponto de vista cronológico, fica-se com ideia de que há diversas(os) autoras(es) que são quase presença permanente nas páginas da revista. Tal conclusão, por precipitada, é enganadora uma vez que apenas no caso de Virgínia Faria Gersão podemos encontrar uma assiduidade mensal, ao longo dos anos em que colabora na revista; há ainda autoras(es) que, apesar de terem uma maior concentração de artigos publicados, como M.M. Calvet de Magalhães, nela colaboram com um número (mesmo assim) apreciável de artigos.

Mas, se virmos em que consiste essa colaboração da autora que com menos interrupções publica em *Os Nossos Filhos*, a mesma Virgínia Faria Gersão, outra surpresa nos aguarda: é que num total de 71 artigos que publica entre Julho de 1942 e Dezembro de 1958, ela não tem qualquer artigo no ano de 1947 e entre 1950 a 1953. A observação do quadro seguinte leva-nos ainda a outra constatação:

---

<sup>397</sup> Pseudónimo de Eduarda Mattos (Cf. adiante *Pseudónimos* e também o *Apêndice a Cap. 4- Biografias*)

Quadro nº:19. Artigos de Virgínia Faria Gersão em *Os Nossos Filhos*:

23 textos retirados da obra <i>A Geometria no país das Formigas</i> , com ilustrações de Vera Bordallo Pinheiro Gomes	Entre Jul. 1942 e Fev. 1945
39 textos da obra <i>A Gramática no país das formigas</i>	Entre Fev. 1954 e Dez. 1958
Peça <i>Doce Milagre: peça em um acto e dois quadros</i>	Jan. 1943
artigo <i>Problemas escolares</i>	Jun. 1943
2 Artigos <i>A distração das crianças</i> e outro sobre <i>A criança e a sua necessidade de brincar</i>	Dez. 1945
O problema da Educação	Jan. 1946
Problema do ensino	Abr. 1946
Teatro para gente nova	Jan. 1949
Intervenção na Assembleia Nacional sobre <i>Ensino liceal</i>	Fev. 1949
	Mar. 1948

A maior parte da colaboração é feita a partir de obras que Virgínia Faria Gersão escrevera e que estão todas no Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado (cf. bibliografia final deste trabalho).

Os artigos intitulados *A Gramática no país das formigas*, publicado ao longo de 4 anos, correspondem a uma adaptação da obra<sup>398</sup> que a mesma autora publicara em 1932 sob o título *A Gramática das criancinhas* e que fora “(...)a minha Dissertação para o *Exame de Estado do Curso de Habilitação para o Magistério Normal Primário*(...)” (Gersão, 1932). Esse mesmo trabalho fora elogiado por Carolina Michaëlis de Vasconcelos<sup>399</sup> em 11 de Outubro de 1921 e oferecido<sup>400</sup> à directora da revista *Os Nossos Filhos* em 1942

<sup>398</sup> GERSÃO, Virgínia Faria (1932) – *A Gramática das criancinhas*. 2ª ed. Coimbra: Livraria Gonçalves. 144 p.

<sup>399</sup> “(...) Bravo! Minha menina! Com um grande abraço digo-lhe que a sua Dissertação me agrada de veras. Por ser viva e pessoal, bem pensada e bem escrita. Abri-a, esperando encontrar coisas de valor. Mas encontrei mais: um conjunto útil e doce, realmente valioso. Que o livrinho sobre Geometria apareça! Queria aproveitá-lo para o meu neto mais novo, o Gilito. De Gramática já sabe algo — mas há de gostar de repetir, como criancinha. *Bis dat qui cito dat*. Ontem recebi, ontem li, e logo de manhã — são 8 horas, — dou-lhe sinceros parabéns. Com afectuosas lembranças para todos(...)”. A obra fora ainda apreciada, no mesmo ano, por Mendes dos Remédios que também lhe tece semelhantes elogios.

<sup>400</sup> Tem, na guarda, dedicatória manuscrita: “(...)À Exa Sra D. Maria Lúcia Silva Rosas (sic), com a maior consideração da autora. Coimbra 1942(...)”

que nunca a abriu, uma vez que as páginas ainda se conservam como aquando saiu da tipografia(cf. *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*).

A adaptação vai ser feita pela própria autora e dela dá conta à directora da revista em inúmeras cartas que, sobre o tema, lhe escreve. Das 26 lições que a compunham em 1921, vai a autora fazer diversos desdobramentos de capítulos, num total de 28 lições.

Este não é o único caso de utilização de obras já publicadas que serão objecto de divulgação em *Os Nossos Filhos*. Nele estão também alguns artigos retirados de *Jornal do Médico*, originais, resenhas,...etc. já anteriormente publicados.

Numa publicação periódica como *Os Nossos Filhos*, justifica-se a atenção colocada na sua análise enquanto fonte de um trabalho sobre História da Educação uma vez que se trata de uma “(...) revista de divulgação, concebida como uma estratégia de educação informal dos pais(...)” e que “(...) procura promover acção familiar mais eficaz nos domínios da saúde, desenvolvimento psico-motor, apoio às actividades escolares e enquadramento sociocultural de crianças e jovens (...)” e quisemos procurar também o que pensava a sua directora que deveria ser o currículo mais adequado para ensinar as mães a sê-lo porque “(...) a parte dos pais tem uma componente formativa de acção pedagógica geral, /de/ educação sexual, manual, higiénica e doméstica, a avaliação e enquadramento da educação familiar, /sobre/ Psicologia infantil e juvenil(...)problemas de higiene e sanidade infantil - acção materna e familiar nos níveis de prevenção, vacinação, práticas quotidianas e conselhos terapêuticos-, questões sócio económicas e jurídicas ligadas às crianças abandonadas e delinquentes através de artigos sobre instituições de assistência(...)causas de abandono escolar, criminalidade, adopção(...) educação especial e apoio a crianças deficientes, (...) questões educativas no estrangeiro (...) quotidiano doméstico e vivencial das crianças e seu aproveitamento educativo (...) problemas de âmbito cultural na formação infantil e juvenil como cinema, teatro, televisão, jogos e brinquedos, referências especiais a literatura para crianças (...) educação pré-primária fora da família na promoção de jardins de infância, reportagens sobre centros materno infantis, sobre colégios, creches, maternidades (...) orientação socio profissional, (...) vulgarização de ideais e autores pedagógicos, (...) problemas de educação e ensino escolares- formação de professores, docência feminina, educação especial, artística e manual, ensino técnico-profissional, papel de bibliotecas e museus escolares, actividades extracurriculares e metodologias de ensino e desde 1951, uma secção de “Problemas de Educação” (Nóvoa, org. 1999. p. 679).

Tentamos identificar também qual a estratégia seguida pela directora da revista, para atingir esse fim, entendida aquela como a “(...) atitude ou conjunto de atitudes organizativas, prevendo determinadas operações, recorrendo a instrumentos adequados e opções tácticas precisas, com o intuito de se atingir objectivos previamente estabelecidos(...)” (Reis e Lopes, 1987. p. 136).

Tal como muito frequentemente acontece nas narrativas, também nos artigos da revista as(os) autoras(es) configuram “(...) uma estratégia textual /que/ procura incutir a força perlocutória responsável pelos efeitos a provocar no destinatário(...) não se confundindo com o leitor concreto, o destinatário pode ser concebido pelo autor como leitor modelo(...) entidade ideal em função da qual se organiza a estratégia textual(...)”(Reis e Lopes, 1987. p. 136).

Genericamente, os artigos são textos de grande riqueza documental. Não conseguimos identificar a forma como a directora concebia cada número: por vezes, parece-nos obra do acaso, outras, de oportunidade e muitas outras, como um meio de que ela se serviu para sobreviver mas também para proclamar ideias que procuram convencer os outros – as leitoras - da justeza e da correcção dos ensinamentos servindo-se de indiscutíveis argumentos e crença na justeza de ideias e princípios que defende.

A revista foi um centro de difusão de um conjunto de normas, princípios, ensinamentos, foi também a forma de actuação política que lhe permitiu a palavra impressa. Fala-nos de muitas(os) colaboradoras(es) hoje pouco mencionadas(os) em áreas que vão da psicologia, à didáctica, das necessidades educativas especiais a experiências inovadoras.

Além dos números a que poderemos chamar *avulso*, houve também a organização de alguns números temáticos então, como hoje, muito em voga. A identificação dos temas abordados nesses números especiais é o que faremos seguidamente.

#### **4.1.1.3 Números temáticos**

A revista mensal entre Junho de 1942 e Dezembro de 1958 e passando a anual “(...) para não perder o direito ao título(...)” (Borges, 2003) entre o último mês de 1959 e Dezembro 1964, como era vulgar à época<sup>401</sup>, vai ter alguns números temáticos.

---

<sup>401</sup> Na rubrica da *Escola de Donas de Casa*, da responsabilidade de Maria Lúcia Vassalo Namorado, no n.º 1487, do XXIX ano, da revista *Modas & Bordados* encontramos a referência de que essa secção era, nesse número, “(...)Dedicada às senhoras que vivem nas colónias(...)”.

Alguns, como os que são dedicado ao Porto e aos Açores são anunciados em números precedentes<sup>402</sup>; outros, como o da Suíça, sabe-se da sua temática apenas no próprio dia da saída; outros, como o da Guiné ou de Paris, nunca foram publicados e sabemos que estiveram previstos porque a eles há diversas referências na correspondência do *Espólio* da directora de *Os Nossos Filhos*.

Embora muitos deles não tenham passado de uma breve referência na revista, teriam estado previstos outros que são anunciados junto a alguns cuja publicação se realizou efectivamente como se depreende da informação de que “(...) a notícia de que estamos organizando número dedicado à cidade do Porto, causou a melhor impressão. Para esse número, já temos assegurada a colaboração de alguns nomes portuenses de grande prestígio. Depois do número dedicado ao Porto, dedicaremos outros a Coimbra, Braga, Évora, Castelo Branco, Viseu, Setúbal, Algarve, e a todas as cidades e regiões que, como estas, têm dispensado a «Os Nossos Filhos» o mais carinhoso e desvanecedor interesse(...)” (ONF, Fev. 1943).

Ao longo da sua publicação, há alguns números dedicados a localidades específicas. Não sabemos que critérios nortearam a escolha das localidades sobre as quais incidiram esses fascículos embora pensemos que a directora da revista, com eles, mais não pretendia do que aumentar o número de assinantes nessas cidades.

Vejamos então que números foram publicados, analisando depois alguns aspectos que nos permitem a sua caracterização e análise.

Quadro nº:20. Números temáticos em *Os Nossos Filhos*:

Sobre a cidade do Porto	Abril 1943
Sobre a Suíça	Dezembro 1943
Sobre a cidade de Coimbra	Fevereiro 1944
Sobre a ilha da Madeira	Julho 1951
Sobre a ilha de S. Miguel, Açores	Julho 1955

O primeiro número temático foi sobre a cidade do Porto, como referimos. Mas, que conteúdo apresentava um número para ser tido como “temático”?

A maior parte destes números que analisamos neste subcapítulo tem alguma publicidade paga por anunciantes dessas localidades mas ela não teria sido capaz de, por si só, financiar o número em causa pois é mínimo o número de anúncios que consegue.

---

<sup>402</sup> Veja-se a informação publicada: “(...)o próximo número de *Os Nossos Filhos* é dedicado à cidade do Porto. (ONF, Mar. 1943).

O número de artigos que, sobre instituições, figuras ou acontecimentos da cidade são publicados, é então a única faceta que permite distinguir um número *temático* de outro dito *normal*. Tomando como exemplo o que estamos a analisar, o número sobre o Porto, nele encontramos um texto inédito de Emília de Sousa Costa<sup>403</sup> – *O Grande amigo*, um outro sobre *Cinema e higiene social* da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social*, sendo os restantes três artigos sobre saúde: um texto de Lavínia<sup>404</sup> sobre *Uma bela obra portuense: a Maternidade Júlio Diniz*. Os outros dois são de médicos: *Otites e C<sup>a</sup>* de António Paúl<sup>405</sup> e *Oftalmia dos recém-nascidos*, de Correia de Barros.

O segundo foi dedicado à Suíça<sup>406</sup> e não sabemos se outro sobre esse país estaria previsto uma vez que em carta não assinada, Maria Lúcia Vassalo Namorado dá conta dessa intenção ao referir que “(...)acabo de ler no número 4 das *Monografias* do *Boletim do Instituto António Aurélio da Costa Ferreira* o artigo *Le Village d'enfants Pestalozzi à Trogen*<sup>407</sup> e tive o desejo de publicar a sua tradução na minha revista. Pedir autorização (...) para o fazer; agradeço me faculte elementos sobre as escolas profissionais, na Suíça em especial, preparação de "nurses" e "preceptoras" (...) também sobre as escolas infantis, colégios para adolescentes, e tudo o que se relaciona com a educação e assistência à criança e à mãe: fotografias, legislação, estatísticas, livros que devolverei logo que tenha retirado apontamentos para artigos que desejaria publicar em *Os Nossos Filhos*, dando ideia da vida das crianças e dos adolescentes e a preparação profissional na linda Pátria de Pestalozzi (...)” (Carta a Jaeger Soldreti(?), 27 Maio 1947. Caixa 35. Maço 2).

Neste número em que se referem algumas escolas privadas é sublinhado, com um

---

<sup>403</sup> O texto é visto como um prémio para os meninos que se portam bem: “(...)“(...) Foste obediente, bem educado à mesa, em casa dos pais e avós, não te mostraste guloso. Deste-me alegria. O coração das mães palpita de contente, quando os filhos se portam, bem. Vou premiar-te, dizendo-te uma: adivinha (...)” (ONF, Abr. 1943).

<sup>404</sup> Pseudónimo de Ludovina Frias de Matos (Cf. *Pseudónimos e Apêndice Cap. 4- Biografias*).

<sup>405</sup> Em carta que lhe escreve em 3 de Março desse ano, a directora da revista pede um artigo para o número temático: “(...) espero tenha recebido minha carta 2-2 passado em reposta postal de V. Exa (...)até hoje não recebi prometido artigo(...) se tenha extraviado (...) estou organizando número dedicado ao Porto e teria um grande desgosto se não incluir nele colaboração de V. Exa. (...)”(Rascunho manuscrito da autora para o médico. Caixa 41. Maço 2).

<sup>406</sup> A fotografia da capa, de uma esquiadora na neve, foi Maria Helena Rosa Torres Peres de Seixas, então funcionária da revista, que a foi buscar, de eléctrico, ao *Instituto Superior Técnico* onde estava a decorrer uma Exposição sobre aquele país (Entrevista em 15 Mar. 2005). Se o texto que, sem assinatura, aqui publicado é de algum catálogo dessa Exposição, não o encontramos no Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

<sup>407</sup> O artigo de Walter Robert Corti será publicado, com este título, em português, apenas em *Os Nossos Filhos* n.º 63, de Agosto de 1947, p. 4-5 e 2.

discurso político cheio de ‘recados’ e subentendidos, a importância de que se reveste a escola pública. Aqui se diz que “(...)a Suíça faz-se notar pelo seu grande «talento educativo», pelos cuidados de que rodeia a juventude(...)” e que essa sua ‘vocação’, como outros países a têm para outros aspectos como o poder e a cultura vem-lhe de tempos imemoriais uma vez que, por exemplo, a “(...) tradição escolar de St. - Gall principia no tempo dos Carolíngios (...)”. Também ali, o investimento feito na educação é “(...) a preocupação dominante da «elite» espiritual do País (...)” que pensa em tudo desde os “(...)edifícios escolares, a sua arquitectura, as suas proporções, a maneira como estão mobilados(...) e ali não se pensa unicamente em ensinar, pensa-se em transformar esta Infância num viveiro de cidadãos(...)aquela alegria que Pestalozzi apresentava como disposição fundamental da perfeição(...). A Escola obedece ainda a esta outra grande verdade(...): reformadores e directores católicos e protestantes (...) /defendem que/ o dever do cristão não é argumentar sobre os dogmas, mas cumprir as suas obrigações segundo a lei de Deus, e cumprir a sua missão no Mundo(...): em primeiro lugar, compreender essa missão, dar o máximo de si próprio, amar a Pátria, o Estado, e o Próximo(...) e /para tal/ desenvolveu a sua notável rede de instrução pública (...) Sobre a base comum da Escola obrigatória: do primeiro grau (..)até ao grau superior (...). /Há ainda/ Jean-Jacques Rousseau, o precursor da pedagogia baseada na Natureza(...)Pestalozzi, o mestre de todos os que lhe sucederam, Wehrli, defensor dos pobres; Père Girard, que introduziu na escola a feliz tradição do ensino mútuo; Martin de Planta, humanista e filantropo, Fellenberg, o aristocrata humanitário(...). Foram os suas experiências, muitas vezes audaciosas, que produziram no século XIX o extraordinário desenvolvimento da escola pública (...). Há mil e uma escolas particulares ao lado da escola popular. A Suíça é considerada o laboratório pedagógico do mundo(...)” (ONF, Dez. 1943).

No número dedicado a Coimbra – o de Fevereiro 1944 –a capa é feita a partir de uma fotografia de Mário Novais e representa *Um pormenor de Portugal dos Pequenitos*. Quase como *Editorial*, abre o número um texto de Augusto de Castro Soares, Governador Civil dessa cidade, também assinante ou que, tendo recebido alguns números atrasados de propaganda, enaltece a revista considerando o trabalho educativo que faz junto das mães e chama-lhe “(...) **formulário de bons costumes(...)**”. Da autoria de Maria Lúcia Vassalo Namorado há o texto *História maravilhosa de Isabel, Rainha e Santa* e um texto elogioso de Virgínia Gersão, com fotografia, pois era ali professora. O seu ‘cargo’ de deputada também é sublinhado. Desta senhora, como em

muitos outros números, como vimos, continua a publicação de outra ‘lição’ de *A Geometria no País das formigas*. Na secção de entrevistas biográficas a pessoas conhecidas, feitas geralmente por *Lília da Fonseca* mas aqui sem assinatura, há o texto *Eugénio de Castro fala-nos da sua infância*, pois era natural de Coimbra. Mais três textos deste número abordam instituições desta cidade: sobre a *Tutoria da Infância* escreve Manuel Gersão, o subdirector, há outro texto sobre *Uma obra de amor: O Asilo da Infância Desvalida*, e finalmente, a obra que a directora da revista bem conhece e muito admira: *A Obra de Protecção à Grávida e Defesa da Criança*, que fora criada por Bissaia Barreto, figura a quem nos referimos no capítulo sobre a primeira parte da biografia de Maria Lúcia Vassalo Namorado. No fim deste número e, apenas neste, há uma ‘conversa’ particular entre a directora da revista e as suas leitoras:”(...) ... E agora, querida leitora de Coimbra, que acabaste de ler este número da nossa revista dedicado à tua linda cidade(...) desculpa se o não achas digno dela, e se não encontraste todos os nomes que desejaras. Coimbra é muito rica de filhos ilustres e obras formosas, não o ignoramos nem esquecemos. Simplesmente, não temos espaço para mais. A nossa homenagem vai, não apenas para aqueles cujos nomes registamos, mas para todos os que trabalham pela causa da Criança — e para ti, querida Leitora, que tanto nos tens encorajado com o teu interesse carinhoso e benévolo” (ONF, Fev. 1944).

O número sobre a Madeira tem apenas um dos vinte e dois anúncios a uma casa de fotografia do Funchal, referindo:”(...) PARA AS FOTOGRAFIAS DOS VOSSOS FILHOS preferi o Studio Fotográfico da *Casa Londrina* Rua do Aljube (...)” (ONF, Jul. 1951. p. 12).

Quando em 1950 Maria do Carmo Rodrigues (cf. *Apêndice Cap. 4 - Biografias*), com pseudónimo de *Suzana Pobre* escreve a Maria Lúcia Vassalo Namorado saudando a revista, não imaginava que a directora de *Os Nossos Filhos* lhe respondesse como fez em 29 de Outubro<sup>408</sup> desse mesmo ano e daí viesse a criar-se uma boa amizade<sup>409</sup> que

---

<sup>408</sup> Cópia desta carta e de outras trocadas entre ambas foi cedida para a *Doação Maria do Carmo Rodrigues* deste *Espólio* (Entrevista a Maria do Carmo Rodrigues, 18 Fev. 2002).

<sup>409</sup> Em 1972 é Maria do Carmo Rodrigues que dá referências de Rita Filipa Martins, hoje médica na Madeira e que então pretendia uma casa em Lisboa, onde alugar um quarto para vir cursar Medicina (Conversa telefónica em ), é Maria Lúcia Vassalo Namorado que consegue que o irmão de Maria do Carmo Rodrigues, Carlos José Pimenta Leite Monteiro, que veio estudar Medicina para Coimbra, falecido em 1994, vá estagiar com Dr. Armindo Fernandes, (Entrevista a Maria do Carmo Rodrigues, 18 Fev. 2004 e Cartas de Maria do Carmo Rodrigues. De 15 Dez. 1951, 11 Set. 1954 ou ainda 18 Dez. 1954. Caixa 42. Maço 1), ou ainda a obtenção de autorização para traduzir, com pagamento de 5 dólares, o artigo de Dorothy Thompson (Cf. *Colaboradores estrangeiros* e cartas do *Espólio* de Maria do Carmo Rodrigues).



não mais se esfumou.

O número sobre a Madeira, onde esta senhora então vivia, foi por elas concertado só por carta porque Maria Lúcia Vassalo Namorado nunca foi àquela Ilha, embora por mais de uma vez a isso tivesse sido convidada, quer por Maria do Carmo Rodrigues quer por Maria Mendonça (cf. *Apêndice Cap. 4 - Biografias*) do jornal *Eco do Funchal*.

A identificação das colaborações enviadas para este número é a seguinte<sup>410</sup>:

José Manuel	Pseudónimo de João Marinho da Nóbrega
José Avelino Gonçalves	Médico, director do Serviço Médico da Caixa de Previdência
Dalila (p. 7)	Dalila dos Passos Freitas Pereira, mãe de Jorge dos Passos Freitas Pereira, cuja fotografia ilustra o artigo da mãe e de Maria Lira Freitas Pereira, hoje mulher de Pitum Keil do Amaral
Marina Pestana <sup>411</sup>	Autora do texto Uma carta à minha professora, foi professora de Liceu – p. 8 e 9 e 34
Pai de Marina Pestana	Fotografia p. 10 e 11
Cristina Cunha	Médica anestesista, visitou Salazar
Beatriz Franco d'Almada	Conhecida de Maria Lúcia Vassalo Namorado, farmacêutica, directora técnica de farmácia (cf. Biografias e base de cartas) (p. 12)
Spínola de Brito	Médico no Funchal (p. 13)
Júlio Gouveia	Médico no Funchal (p. 16)
O Ninho	Artigo de S., pseudónimo de Maria do Carmo Rodrigues, instituição referida também em carta a de 1951 (Caixa 42. Maço 1) cuja directora era Carolina Rocha Machado, pessoa “(...) com grande à vontade económico(...)” que criara esta instituição de recolha de crianças e era presidente da Secção Feminina da Cruz Vermelha Portuguesa no Funchal. Para manutenção da instituição criou, como a filha de Sofia Buzaglo Abecassis fizera em Lisboa, uma loja de prendas que trazia do estrangeiro e ali vendia.
Suzana Pobre	p. 18 e 19 – textos de Maria do Carmo Rodrigues e texto As bananas da p. 22
	p. 19- Texto dos agradecimentos de Maria Lúcia Vassalo Namorado desconhecendo que o “Amigo” era João Marinho da Nóbrega
Fotografia p. 6	filha de Virgínia Pina Cabral Quental e de médico ali residente; Virgínia ela era farmacêutica mas estava proibida de exercer
Concurso – p. 23	Intitulado Um acontecimento na minha vida: foi dado 1º prémio a Maria Lira Passos Freitas Pereira mas Ilse Losa opôs-se e houve uma troca de cartas menos

<sup>410</sup> Feita a partir dos dados que foram fornecidos por Maria do Carmo Rodrigues, em entrevista realizada em 18 Fev. 2004.

<sup>411</sup> Vive em Lisboa, também na Rua Almeida e Sousa. Em conversa telefónica explicou-nos que o artigo não fora assim concebido: seria uma carta que ela escrevera a uma professora ‘montessoriana’ que tivera no Colégio mas que Maria Lúcia Vassalo Namorado aproveitou para sobre o Colégio fazer aquele texto.

	simpática entre ela e Maria Lúcia Vassalo Namorado (Cf. Carta 11 Abr. 1951. Caixa 41. Maço 1).
--	--

Nesta ilha a revista nem sempre chegava a tempo, até àquelas(es) leitoras(es) que a recebiam por assinatura e, como consequência, havia pessoas que preferiam comprar *Modas & Bordados*, *Eva*, *Flama* ou *Século Ilustrado* como refere João Marinho da Nóbrega em carta que escreve a Maria Lúcia Vassalo Namorado aquando da publicação deste número temático (Carta de 11 de Jul. 1951. Funchal. Caixa 32. Maço 2).

Com uma perspicácia publicitária evidente e, como já fora feito para o Porto, é publicado no número de Maio de 1955 um anúncio chamando a atenção das(os) leitoras(es) para “(...)O próximo número de *Os Nossos Filhos* será dedicado à maravilhosa Ilha Verde (S. Miguel-Açores) (ONF, Jun. 1955). Mas tal não se concretizou e, no número seguinte, idêntica chamada de atenção é feita.

Dos vinte e quatro anúncios, no total deste número dedicado aos Açores, em Julho de 1955, quatro são relacionados com aquele arquipélago, sendo dois deles de página inteira: o do ananás de S. Miguel<sup>412</sup> e um outro em que se publicita a beleza turística de S. Miguel<sup>413</sup>. Há um outro, frequente na revista, à *Casa Ilha Verde*, em Lisboa, e um outro ao *Solar da Graça*<sup>414</sup>, restaurante e *dancing* regional.

Sobre o conteúdo deste número temático tinha sido Maria Evelina Faria e Maia de Aguiar Bustorff a dar algumas sugestões á directora de *Os Nossos Filhos* apresentando o seguinte (possível) conteúdo para o número temático sobre os Açores:

“(...) Algumas palavras do Sr. Governador sobre Crianças

Poesias

Reprodução de quadros de pintores

Um autor micalense com romance ou conto que fale da mãe ou da criança

Reportagens de instituições de Assistência e Ensino

Entrevista com mulher de destaque

“ escritor ou pintor

Artigo de médico

---

<sup>412</sup> Pago pelo *Grémio dos Exportadores de Frutas e Produtos Hortícolas*. Rua Hintze Ribeiro, N.º 8, 1º.

<sup>413</sup> “(...) Um filme inesquecível(...)será a viagem a S. Miguel(...)COMISSÃO DISTRITAL DE TURISMO DE PONTA DELGADA — S. MIGUEL AÇORES(...)” (p. 25).

<sup>414</sup> “(...) Único restaurante TÍPICO DOS AÇORES, Rua do Mercado, 46 Ponta Delgada - S. Miguel(...)” (p. 30).

Artigo de professor

Nota de todas as Obras de Assistência e de Educação

Nota de actividades desportivas- mulheres e crianças

“ artísticas e musical

“ belezas naturais, obras de arte, costume típicos

Culinária

Fotografias(...)” (Carta de 29 de Jul. 1954. Caixa 16. Maço 1).

O texto introdutório é assinado realmente por Carlos Botelho de Paiva, Governador do Distrito Autónomo de Ponta Delgada e intitula-se *Apologia de grande amor lusíada*. Nele, como um qualquer bom político faria, faz um inventário do número de escolas existentes em Ponta Delgada: “(...)426 escolas e postos de ensino para 18.306 crianças, um liceu frequentado por 750 alunos de ambos os sexos e uma escola industrial e comercial, cujos benefícios se estendem a 574 rapazes e raparigas(...)”.

Referem-se ainda as “(...) instituições de assistência e protecção de infância, como o *Instituto do Bom Pastor de Nossa Senhora de Fátima*, o grupo de estabelecimentos do *Patronato de São Miguel* (em que se integra o *Instituto das Filhas de Maria Imaculada*), o *Asilo- Escola Agrícola Bernardo Manuel da Silveira Estrela* os *Asilos de Infância Desvalida* de Ponta Delgada e Ribeira Grande, a já famosa *Casa do Gaiato Micaelense*, o *Infantário D. Maria Balbina Peixoto*(...)”.

A maior parte da colaboração é da autoria de Maria Evelina Faria Maia d'Aguiar Bustorff<sup>415</sup> (CF. *Apêndice Cap. 4- Biografias*), como se pode ver pelo quadro junto:

Quadro nº21.: Colaboração de Maria Evelina Faria Maia d'Aguiar Bustorff em número de Julho 1955:

Título	Conteúdo
<i>Assistência materno-infantil</i> , em Ponta Delgada	Dra. Maria Joana de Freitas Pereira, médica, hoje com 74 anos(...) e D. Beatriz Canto criaram um Instituto Infantil e Pré-Natal(...)em 1924
Nas Calhetas: Obra de Nossa Sra. Das Mercês	sob protecção de Leonor Tavares Frazão e seu marido, António Frazão, /casal sem filhos/(...) Vão para ali, mal deixam a escola primária. E num semi-internato que vai até aos 18 ou 25 anos, elas são alimentadas e educadas, de

---

<sup>415</sup> Esta senhora, ainda viva, não está em condições de saúde que lhe permitam dar uma entrevista. Cf. todas as cartas dela no Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado, assim como entrevista a filha, Maria Iolanda d'Aguiar Bustorff Lapão, a menina que tocou piano na festa do 14º aniversário da revista *Os Nossos Filhos*, em 21 Junho 1956, entrevistada em 29 Abr. 2004. Todos os documentos que, sobre a mãe, nos facultou estão em *Anexos - Doação Maria Iolanda Faria Maia Bustorff Lapão*.

	forma a saírem aptas a ganhar a vida... casa é das raparigas da Obra, são elas que a varrem e esfregam(...)cultivam os campos e tratam da criação(...)cozinham as refeições (...)substanciosas embora frugais(...)15 as raparigas semi-internas, 5 as internas(...)segredos da fiação e tecelagem(...)pequenas aprendem e executam todas as lides caseiras(...)De tarde há uma hora de escola a fim de não esquecerem as letras aprendidas(...)
<i>Uma mulher médica em S. Miguel</i>	Leonilde Rego Costa Anglin, mulher do reitor do Liceu de Ponta Delgada, passam serões há 30 anos, cinco filhos e agora já só 1 filha noiva em casa(...)dedicou-se à clínica de mulheres sempre sofredoras e também às crianças (...)Conciliar trabalho profissional e vida doméstica com método e ordem(...)trabalhos podem ser executados sem perder feminilidade e personalidade(...)
<i>Conversando com a pintora Maria Luísa Ataíde da Costa Gomes</i>	visita ao Louvre em Paris, aos 13 anos (...) Pai que era Luís Bernardo Athayde, contratou Prof. Domingos Rebelo para professor, assim como teve depois Carlos Reis e Eduarda Lapa(...)
<i>Receitas da Tia Mariana de Faria e Maia</i>	/ artigo sobre culinária/

Há ainda outras colaborações neste número, como as que podemos ver no quadro seguinte:

Quadro nº22.: Outras colaborações no número de Julho 1955:

Autoria	Título	Conteúdo
Maria Luísa d'Athayde <sup>416</sup>	<i>O que se tem feito pela criança, em Ponta Delgada</i>	Padre César Augusto Ferreira Cabido, em 1819 fundou Asilo da Infância Desvalida de Ponta Delgada(...) 24 Outubro de 1937 foi entregue à irmandade de S. José de Cluny - história da instituição
		Desde 1943- funciona no Colégio de S. Francisco Xavier das Irmãs de S. José de Cluny — uma secção intitulada das <i>florinhas do Senhor Santo Cristo</i> , que protege algumas crianças necessitadas do sexo feminino, às quais fornece 3 refeições diárias e ensinam, além das primeiras letras, trabalhos domésticos e manuais
		1931- fundada Delegação da <i>Acção Social Cristã</i> (...)em 1942 passou denominar-se «Patronato de S. Miguel» e incorporou a fundação chamada «O Século XX» com 109 crianças e a escola das Filhas de Maria que englobou a Escola Infantil do Menino Jesus com 77 crianças
		1953- <i>Instituto Espanhol das Filhas de Maria Imaculada</i> (...) protecção

<sup>416</sup> Como muito frequentemente acontece, sobretudo *dentro* do regime, também neste artigo se reconhece que:“(…) Não chega(…)Aumento contínuo da população, sem o necessário correctivo da emigração, torna aflitiva a necessidade de atender todos que recorrem a qualquer modalidade de assistência(…)”.

		de crianças do sexo feminino em perigo moral. Entre internas, semi-internas e externas protege actualmente 176 crianças.
		1951- Obra das Mães pela Educação Nacional fundou (...) uma Comissão Distrital com dotação para uma cantina, aberta junto à Escola de S. Roque(...)abrir mais 5 cantinas—sendo uma na Fajã de Baixo, outra no Livramento, uma na Matriz, servindo também crianças de S. Pedro, uma em Santa Clara e uma na Relva Estas cantinas dão uma refeição diária de pão e leite a 403 crianças, muito necessitadas Pois algumas chegavam a desmaiar nas Escolas por falta de alimento. Muitas mais seria necessário proteger, pois o aumento constante da população torna insuficiente este auxílio(...)
		1953- Bispo dos Açores, D. Guilherme Augusto da Cunha Guimarães,(...) fundou-se uma Casa de reeducação de raparigas, regida pela <i>Congregação (...) do Bom Pastor</i>
		1953- fundou-se com ajuda da <i>Junta Geral do Distrito</i> ao tempo presidida pelo Engenheiro e nosso Deputado, Sr. Pedro de Chaves Cimbron Borges de Sousa — tendo sido destinada a este efeito a <i>Casa do Botelho</i> recolhe e reeduca 56 raparigas(...).
		Casa do Gaiato- referida Junta fundou (...) dirigida pelo Pe Elias(...)50 rapazinhos salvando-os da escola do vício(...)
João H. Anglin, Reitor do Liceu de Ponta Delgada	<i>A Educação nos Açores</i>	organização escolar idêntica à da Mãe-Pátria(...)três distritos açorianos — Ponta Delgada, Angra e Horta —cada um o seu Liceu(...)adstrita uma escola do magistério primário(...)dois primeiros daqueles distritos, os liceus são nacionais – centrais (...) com os sete anos do curso; no último, existe um liceu nacional, apenas com o curso geral (5.º ano). (...) Ensino técnico profissional em duas escolas comerciais e industriais, com sede, respectivamente, em Ponta Delgada e Angra do Heroísmo(...)
		ensino particular, primário e liceal: Externato de Vila Franca do Campo- na ilha de S. Miguel- cinquentenário Externato da Ribeira Grande- ambos os sexos Externato de Santa Maria- de carácter misto funcionando no Aeroporto daquela ilha(...)dirigido por alguns funcionários(...) Colégio de S. Francisco Xavier, em Ponta Delgada, para sexo feminino, dirigido irmãs da Congregação de S. José de Cluny na educação religiosa, moral e intelectual de numerosas meninas
		Ensino infantil fora objecto de dedicada atenção de algumas senhoras educadoras
		<i>Asilo Escola Agrícola</i> da Ribeira Grande- ensino agrícola prático (...) ministra aos rapazes que àquela casa de caridade acolhem
		Obra do Gaiato Micaelense
		instituição das <i>Irmãs do Bom Pastor</i> - regeneração cristã de raparigas
		<i>Filhas de Maria Imaculada</i> - recentemente fundada em Ponta Delgada,

		e que se ocupa ainda da preparação moral e profissional de raparigas destinadas ao serviço doméstico (criadas de servir) e a outras profissões
		<i>Casa de Trabalho do Nordeste</i> - instituição assistência destinada a preparar raparigas para ganharem a vida por meio do trabalho honesto e remunerado
		necessidade da criação em Ponta Delgada de uma escola, para crianças anormais ou atrasadas(...)
		Recordações dos colégios de Misses Ivens, de Miss Meston, de Miss Lane e outros <sup>417</sup>
		Séc. XIX em Ponta Delgada- <i>Sociedade das Ciências e Artes</i> - graças ao impulso de Castilho (...) promoveu cultura das classes populares(...) e Academia Musical, fundada por grupo de micalenses
		<i>Seminário Diocesano</i> - preparação geral, teológica e filosófica dos rapazes que se destinam ao sacerdócio católico (...), com sede em Angra do Heroísmo.
Luísa Filipe	<i>A Casa do Trabalho do Nordeste</i>	população freguesia da Pedreira até à freguesia da Salga(...)fundação se deve (...)Maria do Carmo Pacheco Monte(...)1936 surgem fundamentos da Obra(...)para fazer das raparigas (...) humildes da sociedade (...) boas donas de casa, ensinando-lhes os trabalhos manuais (bordados, rendas, etc.) e a tecer com linha ou lã., elas próprias, nos teares que qualquer hábil carpinteiro pode abrigar, todo o pano e todo o cobertor necessários ao seu futuro lar (...) apoios de Georgina Brito de Oliveira e de Capitão Sérgio Vieira, aquando Governador do Distrito aconselhou a oficialização da «Casa», para que esta pudesse, receber auxílio do Estado(...)emigrantes nos EUA concorreram com 49 contos (...) edifício inaugurado em Outubro (de 1954(...))ensinam-se às raparigas as primeiras letras, moral, catequese e cozinha. ..não quer internato porque não deseja subtraí-las ao convívio da sua família...só interna aquelas em casos excepcionais(...)
Rev. Padre Elias	<i>Os Nossos filhos da rua</i>	/texto "poético"/ casa aberta...sem portas fechadas(...) futuro: (...) pais de família, homens do campo ou de letras. Mestres de escola, operários, sacerdotes.... tratam dos serviços domésticos
F. Carreiro da Costa	<i>Superstições populares micalenses</i> <sup>418</sup>	Sobre nascimento dos meninos(...):para as crianças da ilha de Santa Maria, os meninos vêm das freiras ou das senhoras recolhidas num dos conventos de Vila do Porto. Para os meninos de S. Miguel, os bebés vêm também das freiras mas das Irmãs do Convento da Esperança, saem em cestinhos muito bem feitinhos... Segundo as crianças da Ilha Terceira, os meninos são oriundos da Graciosa. em S. Jorge e Faial(..)meninos vêm do Pico(...)nesta ilha, enquanto os do monte julgam que são mandados do Faial, os do sul dizem que eles

<sup>417</sup> Cf. Bibliografia final sobre estas instituições nos Açores.

<sup>418</sup> Texto interessantíssimo sobre as superstições que Maria Lúcia Vassalo Namorado tanto quer combater na revista.

		são feitos em Lisboa e mandado pelo <i>Lima</i> que toca na Vila de Lagos.
		Prenúncio de felicidade está em o menino nascer "empelicado", com uma película...que se seque, se dobre e depois traga ao pescoço como relicário(...)
		/Sobre parto difícil, Cordão umbilical, 1º banho, ajeitar da moleirinha, Para ajuizar do feitio moral da criança recém-nascida, perseguição das feiticeiras, beijar a criança na boca, contra mau olhar ou quebranto, defumadouro/
Silva Júnior	<i>A Maior das nove irmãs</i>	/poema sobre S. Miguel/

Este é o melhor dos números temáticos realizados. Ele fora organizado “(...)pela nossa querida amiga e colaboradora Maria Evelina Faria e Maia de Aguiar Bustorff (...)”, a quem Maria Lúcia Vassalo Namorado justamente agradece, assim como salienta a “(...)dedicação de Sr. J. Silva Júnior<sup>419</sup>... E também do Governador do Distrito Autónomo de Ponta Delgada(...)” (ONF, Ago. 1955).

Esse número vai provocar alguma irritação num dos leitores que se apressa a comunicá-la à directora de *Os Nossos Filhos* nos seguintes termos: “(...)Tendo lido na revista *Os Nossos Filhos* venho perguntar-lhe em que escola e compêndio aprendeu, quando pequena, que havia capital do Arquipélago dos Açores? (...) para se ser directora de uma revista com a responsabilidade de divulgação para ensino de crianças sou de opinião que se deve aprender com afinco antes de tudo, português e, sobretudo história e geografia para não cair no ridículo como agora aconteceu, ao ler o n.º 63 a p. 20 e sob o título RESPONDA QUEM SOUBER em 5ª pergunta e respectiva resposta!!!...como até velho se aprende e sem ser professor da instrução primária sempre lhe quero ensinar que os Açores não tem capital, mas sim TRÊS CAPITAIS, pois é dividido em TRÊS DISTRITOS dos quais são CAPITAIS as seguintes cidades: PONTA DELGADA; ANGRA DO HEROÍSMO E HORTA (...)” (Carta de *Um leitor*, de Angra do Heroísmo, 28 Ago. 1947. Caixa 15. Maço 2).

Outros números temáticos estiveram previstos como pudemos constatar na correspondência do *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*.

Temos certeza de que a directora da revista falou nesse assunto a uma leitora<sup>420</sup> – “(...)mulher de distinto médico que escreve no *jornal de Elvas*(...) - que poderia ser a

<sup>419</sup> Cf. também correspondência no *Espólio*.

<sup>420</sup> Há 26 cartas desta localidade e não conseguimos identificar a senhora.

organizadora de um dos números dedicado a Elvas. É ela quem escreve à senhora convidando-a para tal e orientando os assuntos a tratar: “(...) pelo "Jornal de Elvas" tomei contacto com brilhante espírito de V. Exa. (...)e felicitá-la pela maneira gentil e equilibrada como tem marcado o seu lugar(...)Tenho grande empenho em dedicar um dos próximos números a essa cidade, que tão amável tem sido para revista(...)publicar colaboração de V. Ex.a. nesse número(...)se quisesse enviar-me uma poesia que tivesse por tema a "Mãe" ou a "Criança" e ainda um artigo de carácter educativo focando qualquer assunto "infantil" que diga respeito a essa cidade.(...)claro que além de colaboração deste número dedicado a Elvas(...)sempre muito gosto em publicar colaboração de V. Exa(...)gostaria de publicar artigo de sua autoria (do marido, distinto médico), sobre puericultura, higiene infantil, enfim, sobre um tema que interesse particularmente as Mães(...)Como não conheço ninguém em Elvas, atrevo-me a pedir(...)o grande favor de me indicar o nome de uma ou duas pessoas dessa cidade a quem eu possa solicitar colaboração para o referido número (...)perdoe-me a semcerimónia com que me atrevo a incomodá-la(...)não se possui impunemente um espírito superior(...)”(Carta de Maria Lúcia Silva Rosa de 6 Nov. 1944. Caixa 34. Maço 1),.

Em 1945 tinha previsto um sobre Moçambique. Em carta dirigida a “(...)Minha ex. amiga(...)” (que julgamos ser Sara Pinto Coelho então ali residente dirá a directora de *Os Nossos Filhos*: “(...)um número especial dedicado a Lourenço Marques e cuja organização está a cargo do agente da revista aí, Sr. Anatole Marques. (...) /Pede para/ enviar colaboração para impressões sobre o panorama maternal e infantil moçambicano(...)” (Carta de 12 Out. 1945. Caixa 63. Maço 1) e dá referência da Dra. Deolinda Martins, médica, e professora no Liceu local. Já em carta anterior para *J. P. da C. P. de L. M.* escrevera, em resposta na revista:“(...) Recebemos com grande prazer a sua carta, e o artigo que a acompanha, o qual publicaremos muito brevemente(...)Só as dificuldades da hora presente, que tornam muito demorado o serviço de correspondência para a África, têm retardado publicação de um número especial de *Os Nossos Filhos* dedicado a essa colónia(...) no entanto, temos esse número em organização(...). Pode dirigir-se ao nosso representante aí, e conversar com ele(...) ele lhe diria que assuntos nos interessa que sejam tratados, e V. Ex.a poderia talvez escrever sobre o que melhor conhecer(...)” (ONF, Mar. 1945). A carta em que a directora da revista combinara os pormenores de tal número com Anatole Marques, o representante da revista em Lourenço Marques, data de 20 Outubro de 1944 e nela indica que:“(...) sugestão de um



número todo dedicado a essa colónia mereceu toda a nossa atenção. Concordamos com ela inteiramente tanto mais que já tínhamos em mente realizá-la(...)intenção organizar tão cedo quanto possível e contamos com a cooperação de V. Ex.a.; estamos de acordo quanto aos pormenores que nos sugere sobre o mesmo...V. Exa enviar-nos-á os originais que já tem sem eu poder e os que conseguir arranjar para o número especial(...).Achamos conveniente que fale já com Deolinda Martins a quem dirá de sua intenção(...)prestará todo seu valioso auxílio...e V. Exa pedir-lhe-á também artigo para mesmo número(...)pedirá colaboração às pessoas mais competentes e representativas de aí, no campo educativo e médico. Interessa-nos o seguinte: Poesias para, ou sobre crianças, contos para crianças e sobre crianças, fotos de crianças, de preferência das famílias de maior destaque(...) fotos artísticas para capa, podendo ser de 2 crianças, 1 branca e outra indígena ou só brancas ou só indígenas. Estas fotos devem medir 23x 27 cm ou dar boa ampliação neste tamanho(...) fotos de colégios, Missões, creches, maternidades, postos de socorro a mães e crianças, etc. no seu aspecto exterior ou interior em laboração, com respectivas legendas explicativas artigos de *bons* médicos, professores e pessoas que se interessem pela protecção à Mãe e à Criança. Estes artigos devem ser: de divulgação, educativos e versar temas que interessem aos assinantes daí(...). Uma entrevista com o Governador da Colónia, ou com o Director do Hospital ou outra individualidade de destaque que tenha uma larga acção no desenvolvimento da Colónia, à qual se farão as seguintes perguntas, além das que V. Exa considere convenientes: Há quanto tempo está aqui V. Exa? O que encontrou feito, sob o ponto de vista de protecção à criança indígena? O que se tem feito nos últimos anos? O que se projecta fazer? Como viviam e como vivem as mães e as crianças brancas, nas cidades e no interior da Colónia? Quais as pessoas que, na Colónia, mais tem trabalhado pela elevação do nível de vida da Mãe e da Criança, branca ou indígena? Uma entrevista com o reitor do Liceu ou com o Director dum bom Colégio na qual ele diga o que é a educação da infância e da Juventude na Colónia. Uma reportagem mostrando como vive a criança indígena e /a partir daqui, manuscrito/ outra mostrando como vive a criança branca/fim manuscrito/.Todos os artigos serão aqui apreciados pela Directora da Revista e só serão publicados os que pelo seu interesse, o mereçam. Depois de recebidos os originais pôr-nos-emos em contacto com os colaboradores que mais nos interessarem, para que de futuro eles nos enviem colaboração assídua. Lembramos que não interessam só colaboradores e assuntos de Lourenço marques mas sim de qualquer outra cidade da Colónia. Também seria interessante enviar-nos receitas culinárias da Colónia. Artigos

devem ser pequenos - 2 a 4 folhas dactilografadas- para que o número seja tão variado e atraente quanto possível. Originais publicados, exceptuando poesias e culinária, serão pagos após a sua publicação. Preços dos originais variam 50\$ a 100\$ segundo o valor de quem o subscreve. A todos os autores dos originais publicados enviaremos 1 exemplar da revista directa e gratuitamente. V. Ex.a conseguirá o maior de anúncios que puder (...)os anunciantes, como é uso aqui, só pagarão o anúncio após a publicação. Cobrança dos preços(...)de acordo com tabela junta, será feita oportunamente por V. Ex.a. Esperamos de V. Ex.a toda boa vontade e esforço no sentido de organizar 1 bom número..(...)” (Carta de Maria Lúcia Silva Rosa de 20 Out. 1944. Caixa 28. Maço 1). Esta não vai acontecer, sendo alguns artigos sobre Moçambique publicados de forma irregular. Em 30 de Junho de 1954 (Caixa 28. Maço 1) ainda Anatole Marques refere o número especial dedicado a Moçambique que, há anos, quisera realizar e pensa que poderá naquela data “(...) contratar um angariador de anúncios para o número especial(...)”.

Sobre a Guiné deveria também existir um projecto, em meados da década de 50, uma vez que uma das assinantes mais empenhadas daí escreve, afirmando querer colaborar: “(...)Acho boa a ideia de publicarem um número dedicado à Guiné e gostava que me dissesse em que lhe posso ser útil(...)” (Carta de Hortênsia Martins. Bissau. Carta de 1 Abr. 1952. Caixa 11. Maço 6 e Carta de 5 Nov. 1954. Caixa 34. Maço 1).

Finalmente, outro houve ainda pensado, agora para Luanda. A correspondência trocada com Dulce Morais e Castro assim como com *Virgínia* é disso testemunho:“(...) quanto ao assunto das fotografias de Luanda: tenho bastantes para lhe mandar e a Dulce /Morais e Castro/ já tem alguma colaboração(...)está em férias(...) Há uns dias que não a vejo(...) Tem alguma ideia para a capa do número especial de Luanda? SE FOR PARA FAZER CÁ, João tentará fazer alguma coisa possível para você ver se lhe agrada...)(Carta de Virgínia. /nora de Alice Freire da Silva/. Luanda. 5 Jul. 1952. Caixa 30. Maço 3).

A Dulce Morais e Castro também a directora da revista falara na possibilidade de fazer um número sobre Angola, logo no início da década de 50, como se conclui da carta da primeira para a segunda:“(...) Só agora respondo à carta porque desejava fazer uma ideia do número que dedicou à Madeira visto que, a propósito dela, me fala dos seus projectos quanto a Angola(...) pode contar com inteiro apoio(...) precisa saber quais assuntos que pretende tratar: se se trata de reportagem ou se também lhe interessa focar alguns problemas de educação relacionados com o meio e ainda se pretende falar da

maneira como vive a mulher doméstica e a que trabalha fora do seu lar(...) *seria interessante ouvir as pretensões dos naturais de Angola, que embora sendo a maioria, algumas vezes são esquecidos(...)* se pretender anúncios de casas de cá também se arranjam(...)em Setembro posso dedicar-me ao número da Nossa revista dedicado a esta terra(...)” (Carta de Dulce Morais e Castro. Luanda. 14 de Agosto 1951. Caixa 32. Maço 1). A sugestão dada e que sublinhamos é deveras interessante.

#### 4.1.1.4 Editoriais e ideário da revista

Como os números temáticos, também os textos dos Editoriais da revista *Os Nossos Filhos*, que nunca são assim designados, nos permitem a identificação dos “(...) princípios ideológicos que defende(...)” (Freire Leston, 1996. p. 40) e do seu ideário(Freire Leston, 1996. p. 74). No *Editorial* os editores “(...) sempre seguem uma linha política e ideológica que, explícita ou implicitamente interfere no seu olhar sobre o mundo(...)” (Pallares-Burke. 1996 cit in Faria Filho e Souza, 1998. p. 145) e é essa linha que tentaremos identificar na presente análise.

Em relação à escolha dos textos (não) publicáveis é certo que também uma revista como *Os Nossos Filhos* tinha mais possibilidade de escolha, dentro dos limites existentes, do que outra em que a direcção e a administração não se concentrassem na mesma pessoa. Como acontecia no *Suplemento Literário Mãos de Fada*, dirigido por *Lília da Fonseca*, ou até mesmo em *Modas & Bordados*<sup>421</sup>, como já referimos, algumas vezes a tarefa de escolha dos artigos a publicar não era das mais fáceis porque eles não se enquadravam no âmbito das publicações a que os autores as destinavam. A verificação dessa (não) adequação do(s) texto(s) a uma publicação é um dos cuidados que a direcção da revista assume como seu e, essa coerência com o que pretende, pode ser percebida através da

---

<sup>421</sup> Em carta sobre diversos assuntos, Fernanda Tasso de Figueiredo alude a este problema quando diz:“(...) Escrevi há tempos um artigo que a Maria Lamas até me encomendou mas, por me ter saído um pouco forte- tal como ela diz, embora, parece, exactamente como desejava- não pode publicá-lo nas *Modas e Bordados*. Ela própria me lembrou que talvez V. como é proprietária da revista queira publicá-lo. Hei-de pedi-lo à Maria /Lamas/ para V. apreciar, visto não o publicando, não precisar dele. Chama-se "Olhando a vida" e foi escrito sobre um artigo publicado no "Diário de Lisboa" de um dos últimos dias de Agosto que se intitulava qualquer cousa do género de "Dois casos da meia noite, apreciados em pleno dia". Se por motivos transcendentais ou alheios à sua vontade *Os Nossos Filhos* não o puderem publicar, mandá-lo-ei então ao Dr. António Emílio de Magalhães que o fará surgir- como a outros, por artes milagrosas- em qualquer jornal da província. Já escrevi o artigo para a próxima "Alma Feminina" - "Feminismo". Creio que lhe vai agradar. A censura da Maria /Lamas/, a cujo bom senso e autorizada experiência o submeti, aprovou. Para *Modas e Bordados* tenho também um outro em que estou trabalhando com o máximo de interesse. Oxalá ele saia pelo menos à semelhança do muito intensamente que o sinto. Depois verá. (...)” (Carta de Lisboa. 12 Out. 1945. Caixa 41. Maço 3).

leitura dos *Editoriais* que, ao longo dos anos e sob aspecto gráfico diverso, vão figurando nas páginas iniciais de *Os Nossos Filhos*.

Da análise que fazemos desta componente da revista foram excluídos todos os textos que, anualmente, em cada mês de Junho, ou seja, na data do aniversário de *Os Nossos Filhos*, ali são apresentados, sempre pela directora da revista; usamo-los, mais adiante neste trabalho quando, juntando-os com outros documentos, fazemos a apreciação da auto-avaliação que a revista realiza em cada um desses números, publicados (também) no dia do aniversário da sua directora.

Que temas são abordados nos *Editoriais*? Quem os escreve? De que forma a sua leitura nos permite identificar e definir o ideário de *Os Nossos Filhos*? A estas questões tentamos responder seguidamente.

Cada *Editorial* apresenta-se, por norma, na terceira página da publicação mas, em muitos números, há um certo caos na sua distribuição uma vez que acompanha também as inúmeras mudanças gráficas que a revista sofreu ao longo do tempo em que foi impressa.

Os *Editoriais*<sup>422</sup> ou os textos que como tal considerámos<sup>423</sup>, são, como a maioria dos textos da revista, da autoria de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Ela apenas não assina 50 desses artigos. As(os) autoras(es) dos textos não assinados pela directora da revista e os temas neles abordados são os que constam do quadro seguinte:

Quadro nº:23. Autoria e temas de *Editoriais* de colaboradoras(es) da revista:

Autoria	Conteúdo	Fonte
Carlos Salazar de Sousa <sup>424</sup>	Apresentação de <i>Os Nossos Filhos</i> e puericultura	Jun. 1942 e Jul.

---

<sup>422</sup> O quadro que contém a enumeração de todos os *Editoriais* publicados em *Os Nossos Filhos* assim como um pequeno resumo do seu conteúdo está colocado em *Apêndices Cap. 4- Editoriais*. Foi a partir dele que elaborámos o conteúdo deste subcapítulo.

<sup>423</sup> Alguns números da revista como o de Setembro de 1942 não têm um tema definido para *Editorial* e outros há, como os Março de 1955, de Setembro e Outubro de 1956, de Fevereiro a Maio de 1957, Fevereiro e Março de 1958 que abordam temas gerais tomando o aspecto de respostas a uma rubrica que se intitula *Correio dos pais*, na qual se identificam as causas da onicofagia e se indica como combatê-la (ONF, Set. 1956), se reflecte sobre as idades ideais a partir das quais se pode aprender música (ONF, Fev. 1957). Destes temas gerais há alguns que até se repetem como é o caso da onicofagia (ONF, Set. 1956 e Jan. 1957). Por vezes ainda se encontra a utilização da página 3, onde normalmente é colocado o *Editorial*, para nela publicar apenas poemas, ilustrações ou contos alusivos ao Natal (ONF, Jan. 1943; Jan. 1944; Jan. 1953 entre outros).

<sup>424</sup> Cf. *Apêndice Cap. 4- Biografias*. Apenas a título de informação: nascido a 22 Novembro 1094, fundador da cátedra de Pediatria em Portugal. Em 1940 trabalhava no Hospital de Sta. Marta. E em 1959 passou para Santa Maria (...)alegre e com fácil contacto social, viajar e ver bom teatro(...). Faleceu a 14 Abril 1980 (*Boletim do IAC*, n.º 38. 1995. p. 4-5).

		1943
Virgínia Lopes de Mendonça	História de dois novos /conto de Natal/	Jan. 1943
/Anónimo/	Estados Gerais da Infância em Paris Mobiliário escolar	Mar. 1954
Carlos Botelho de Paiva <sup>425</sup>	Governador do Distrito Autónomo de Ponta Delgada	Jul. 1955
Augusto de Castro Soares <sup>426</sup>	Apreciação e avaliação da revista- Coimbra	Fev. 1944
Júlio Dantas <sup>427</sup>	Guerra vista como erro de educação	Jul. 1945
Emília de Sousa Costa <sup>428</sup>	papel da mulher na família e papel pai na educação da criança	Nov. 1945 e Fev. 1948
Serras e Silva	Papel da mãe e educação moral; definição de educação; Contenção verbal; educação moral	Fev. 1946, Ago. 1946, Abr. 1948 e Mar. 1951
Virgínia Faria Gersão	Diferença entre <i>educar</i> e <i>instruir</i> e definição do papel do educador	Abr. 1946
Beatriz Bandeira, brasileira	Contra guerra e pacifismo	Jan. 1949
Anália Torres <sup>429</sup>	Reflexão sobre egoísmo e belicismo humano; educação para pacifismo e elogio do trabalho após férias; exames escolares e fracassos	Mar. 1948, Out. 1949, Out. 1950 e Set. 1951
Maria de Lourdes	poema	Jan. 1950
Maria de Lourdes Coutinho	Assistência e caridade	Fev. 1950
Maria Teresa Andrade Santos	Poema e texto sobre Natal	Dez. 1950 e Jan. 1953
Armindo Fernandes	dignificação da criança	Fev. 1951
Adriana Rodrigues	Deveres das mães e erros educativos	Abr. e Nov. 1951
C.M. Watson	Ocupações para férias educativas	Ago. 1951
Uma leitora	Assistência e colaboração com revista	Fev. 1952
Carmélia Vicente	papel da educação na orientação de defeitos e qualidades	Mar. 1952
Maria Isabel	Assistência e colaboração com revista	Abr. 1952
Marisabel Pereira <sup>430</sup>	Solidariedade e Natal	Nov. 1958
Beatriz Franco d'Almada	Papel da escola e substituição da família e Entrevista com Maria Campina, da <i>Academia de Música</i> do Funchal	Jul. 1952 e Out. 1953
Alice Gomes	Critérios de escolha de uma escola	Out. 1952
Francine Benoît	Música na formação da criança	Mar. 1953
Afonso Cautela	poema	Abr. 1953

<sup>425</sup> Número temático dedicado a S. Miguel, Açores. Os conteúdos deste texto e do seguinte foram objecto de análise no subcapítulo sobre os números temáticos.

<sup>426</sup> Número temático dedicado a Coimbra

<sup>427</sup> Reprodução de excerto publicado em *Diário de Notícias*.

<sup>428</sup> Excerto de *A Mulher educadora*.

<sup>429</sup> Cf. texto sobre biografia em Castro e Esteves, 2005.

<sup>430</sup> Tem um texto de Marisabel Pereira e outro de Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva Rosa

V A	Segurança infantil: regras e apelo:	Nov. 1953
Augusto Gil	natal	Dez. 1953
Maria Olegário Mendes	Jardins escolares	Maio 1954
M. e Silva Santos <sup>431</sup>	Festas escolares e música <sup>432</sup>	Maio 1955
João dos Santos	Temas de Higiene Mental Infantil: Férias na praia e Erros educativos	Ago. 1955
Maria Helena Brandão	Natal	Dez. 1955
Maria Emília Montalvo	soneto	Set. 1956
Maria Rosa Colaço	Poema sobre natal /menina que morreu quando teve desejados sapatos novos/	Jan. 1958
Maria Manuela Nunes <sup>433</sup>	Brinquedos bélicos	Maio 1958
Horácio Nogueira, Pe. e Manuel Bandeira <sup>434</sup>	Padre foi buscar presente para rapaz que pensava que Jesus se tinha esquecido dele	Dez. 1958

Da leitura deste textos podemos constatar que o colaborador cujas opiniões mais ocupam as páginas do *Editorial* é Serras e Silva<sup>435</sup> que, quando escreve o primeiro artigo nesta revista está já aposentado e com 78 anos (Nóvoa, dir. 2003. p. 1318). Sendo que o seu ideário pedagógico se inscreve no “(...) sociologismo católico de uma educação de valores, com vista a formar a mentalidade – pensar a vida- e o carácter – agir socialmente - dos jovens(...)” é sob este prisma que também aqui colabora. Tal como veremos para os artigos das(os) restantes colaboradoras(es) de *Os Nossos Filhos*, também nesta secção encontramos uma amálgama de autoras(es) que poderemos considerar afectos ao regime político então vigente com outras(os) que dele se afastam sem a mínima dúvida. Poderemos talvez afirmar que o equilíbrio é periclitante e fictício uma vez que, se ponderássemos o espaço e a diversidade ocupado(s) por umas(uns) e outras(os) veremos que a ‘balança’ pende mais para o lado da oposição. Se na primeira ala encontramos Serras e Silva, Júlio Dantas ou Carlos Botelho de Paiva, da outra temos Anália Torres, Francine Benoît, João dos Santos, *Maria Manuela Nunes* e Alice Gomes. Nas questões educativas, como tentamos provar, as diferenças e divergências são menos evidentes do que noutras áreas da política. Quer Maria Lúcia Vassalo Namorado quer o *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* se regozijaram aquando da nomeação das primeiras mulheres deputadas porque a possibilidade de ocupação do poder unia-as

<sup>431</sup> Tem indicação de dois pequenos textos serem da autoria de “M.” E um outro da autoria de “Silva Santos”

<sup>432</sup> Apreciação da prestação de uma menina - *Maria João Alexandre Pires* – 9 anos.

<sup>433</sup> Pseudónimo também de *Mário Castrim*, *Lúcia Benedita*, etc. (cf. *Apêndice Cap. 4 - Pseudónimos*).

<sup>434</sup> Tem um pequeno texto de cada um destes autores.

<sup>435</sup> Cf. também correspondência para directora da revista no *Espólio*.

mais do que as separavam os princípios que defendiam. Esta cumplicidade de género têm-na a directora da revista com Virgínia Faria Gersão, com Carmélia Vicente ou com muitas(os) outras(os) colaboradoras(es).

Sobre os temas que cada um(a) destas(es) colaboradoras(es) trata em *Os Nossos Filhos* e que nos podem ajudar a definir o ideário da revista devemos sublinhar a defesa que, através delas(es), a directora faz da educação para o pacifismo, o ataque forte e sem contemplações ao belicismo, o verdadeiro regozijo com que refere o fim da Guerra (ONF, Set. 1945), a insistência na definição e apresentação das diferenças entre *educação* e *instrução* como fundamentais na formação das mães, assim como a necessidade de ambos os progenitores partilharem a educação dos filhos ou a defesa da formação musical, da educação não livresca e activa de *todas* as crianças. Todos os textos de outras(os) autoras(es) que formam os *Editoriais* reflectem sobre educação infantil ou, quando muito, sobre a instrução e educação ministradas na escola primária. De todos os artigos há um que, não só pela sua actualidade mas também porque ele exemplifica, de forma surpreendente, o que a revista defende, que passamos a analisar mais pormenorizadamente: é o texto de Alice Gomes sobre a escola primária, ou mais correctamente, sobre a forma como se deve escolher uma escola para os filhos e intitula-se *A Escola melhor* (ONF, Out. 1952. p. 3 e 13).

Neste décimo segundo artigo que publica (num total de treze) em mais um início de ano escolar, pretendia enunciar os critérios a ter em conta na escolha de uma escola primária. São algumas as críticas acesas que faz ao sistema existente, quer de forma aberta quer indirectamente. Começa por referir que qualquer encarregado de educação pretende colocar a criança na melhor escola porque, em relação a tudo “(...) a mãe, o pai, são sempre insatisfeitos (sic)(...)”. Quando as famílias vivem em aldeias, podem os ricos enviar os filhos para colégios internos enquanto que os pobres “(...) muitas vezes (...) por idêntica ilusão, tiram os filhos do escola oficial e põem-nos numa mestra milagrosa que os tem mais horas «presos», lecciona também nos férias, não atende a idades e «a gente paga-lhe»... Não sei se me faço compreender, como diz o meu amigo e filósofo José Marinho ... «a gente paga» é o grande norteador dos pais e mães da cidade(...)”. Depois desta pequena introdução, Alice Gomes aponta os erros graves da escola que analisa: “(...) a incompetência com que era feito o ensino primário nos colégios particulares da capital do país(...)”, a falta de formação e de sensibilidade dos professores para as áreas de desenho e dos trabalhos manuais, a “(...) ignorância(...)” dos mais célebres pedagogos como “(...) Pestolozzi, Froebel, Montessori, Ferrière,

Decroly (...) nas fileiras do professorado primário particular(...)", a não existência de "(...)ensino infantil em Portugal com caracter oficial e público(...)", pois apenas existem as "(...) conhecidas escolas João de Deus que são pertença da *Associação dos Jardins-Escolas João de Deus*, embora auferam subsídios do Estado ou das Câmaras. As outras? São colégios particulares, pertencentes a empresas que, como todas as empresas, exploram o melhor que podem o seu negócio. Não julguem que é o despeito que me empresta este tom de censura(...). Não querendo falar agora na vantagem social do ensino gratuito e público, apenas manifesto a minha pena por ver crescer uma árvore comida do bicho, por ver erguer um monumento torto(...)". Depois destas primeiras críticas em que, como se vê, se assume a defesa da escola pública e universalmente gratuita, as críticas continuam recaindo agora sobre as "(...)mademoiselles», as «frolaines», as «misses»,desprezando os nossas Preceptoras(...)acompanhado pelo desprezo pela nossa língua e pelas nossas escolas. Isto passa-se sobretudo nas altas classes(...)". Sobre o tema que a leva a escrever o artigo, considera que talvez a melhor escola para qualquer criança é a "(...)escola da primeira esquina. Fica mais barato, a vigilância dos pais será mais intensa, as crianças estarão mais tempo com eles. Porque, a escola melhor, não há!(...)". A escola que ela quereria é então descrita ao pormenor: "(...)Vou imaginar: janelas em todas as faces, luz a jorros(...)longe ruído carros, amplo recreio ensombrado de arvoredo(...)espaço com areia mudada, relvado, tanque com peixes, terreno com culturas de flores e uma dependência com animais(...).Não é para inglês ver(...)dirigentes ou professoras que não estejam sentadas a um canto fazendo má-língua ou fazendo «crochet», enquanto as crianças se batem ou espojam no chão(...)horas de recreio das crianças são para os professoras horas de trabalho intenso e tão importante como o das aulas. Elas terão de organizar jogos, de animar as crianças tímidas, de morigerar as violentas, terão de ser as fadas do bem.

Agora vamos lá dentro. As salas estão vazias(...) reparemos no mobiliário. Há mesas de várias alturas porá que as crianças tenham, quando sentadas, as costas bem direitinhas? Há bancos de todas as alturas para que os pés assentem bem no chão? Não será cada sala com a sua altura única. Sabe-se que o desenvolvimento mental não é feito simultaneamente com o das pernas, pode haver numa classe crianças muitíssimo diferentes em tamanho. Nas classes primárias são obrigatórias carteiras. Os colégios mais recentes compram-nas , individuais com aspecto excelente. Mas tem-se-me confrangido, o coração dezenas de vezes ao observar como as crianças se esforçam por poisar os pés cansadas de ter as pernas ao dependuro...(...). Quem forneceu os medidos



para aquele mobiliário? Porque é que os inspecções não reparam nisto? Reparemos agora nas paredes. Parece-lhes que os quadros são mudados com frequência ou há apenas mapas atirados...sem sentido? E os armários são acessíveis? O que têm? Reparem no material: é montessoriano? É froebeliano? É «engana-meninos e papa-lhes o pão»? Há uma biblioteca? (...)papá, deixa entrar as crianças e repara como entram(...)Não as vês estenderem a mão, instintivamente para empurrarem as da frente? Até de farda, as vejo fazer isso... Essa disciplina é imposta, não tem valor educativo(...). Porém se as crianças sobem as escadas e caminham direitas mas sem rigidez, ligeiras mas sem estouvamento, que bela impressão a gente sente! Ao sair ...não o fizeram com alvoroço de quem esteve oprimido a ainda brincam(...)sem esforço nem tédio.

As professoras sabem estar caladas, sabem guiar sem gritos nem azedume, sabem ouvir e esclarecer? Como apreciar isso? Não seremos indiscretos? Não, se os directores, em vez de procurarem ofuscar-nos com inovações espampanantes e inúteis, nos convidarem lealmente a assistir a algumas aulas e a observar os exercícios (...) um dos pontos cruciais, um dos pontos mais reveladores. /Ajuda-se a/ criança que está atrasada (...) fora dos tempos lectivos? /a/ criança que está atrasada por doença ou qualquer outra razão e necessita de lições individuais? "Mas isso serão estudos aparte, embora dirigidos pela professora da sua classe. Essa história dos trabalhos de casa — os «deveres», como estupidamente lhes chamam -- é o maior erro pedagógico que se pode cometer, e as razões são tantas que as não aponto para não alongar demais este artigo.

Os trabalhos, escritos ou práticos, feitos nas aulas, observados e conservados com critério, seriados, com os seus erros, os seus borrões (...) são os indicadores máximos do andamento de uma classe. É como quem lesse na palma da mão...da professora. Era esses que eu queria ver nas exposições e não os bonitinhos, em que a criança toca para não se mentir em absoluto(...)”. Depois desta reflexão ainda hoje de uma actualidade espantosa fica a pergunta cheia de subentendidos: “(...) A escola ideal, a escola melhor, será que ela vai abrir neste mês de Outubro?(...)” (ONF, Out. 1952).

A análise dos textos escritos por Maria Lúcia Vassalo Namorado para *Editoriais* da revista revela-nos um conjunto diversificado de temas abordados. Vamos deter-nos sobretudo naqueles que nos permitem identificar o ideário de *Os Nossos Filhos* e fazer uma listagem exaustiva de todos os apelos que, nesta secção da publicação, ela faz em diversos fascículos. Alguns desses textos alternam com outros em que a directora se dirige directamente a quem a lê e, apenas para as leitoras, alguns textos usam mesmo a forma mais coloquial do “tu” para a elas se dirigir. Neste caso estão o número de Maio

de 1945 quando Maria Lúcia Vassalo Namorado pede para que as leitoras escrevam para a revista ou quando, em Agosto de 1948 pede às senhoras que vão para a praia que levem outras crianças com elas, como veremos, quando recomenda aos pais que aproveitem as férias para estar mais com os filhos (ONF, Set. 1954), quando censura as mães que usam o dia do exame da escola primária para ostentar luxos no vestido da criança (ONF, Jul. 1949) ou, finalmente, quando censura as mães que, em festas escolares, cometem o erro de dar ramos de flores às suas crianças de forma até indiscreta (ONF, Jul. 1950). Neste espaço também são referidos muitos *erros educativos* que as mães têm de saber ultrapassar: não ouvir preconceitos e crendices de pessoas da família (ONF, Out. 1956), não desenvolver nas raparigas a vaidade mas, “(...) antes com sinceridade, consciência e equilíbrio, /desenvolver/ nelas aquele sentimento de pudor, de recato, de respeito por si própria que fica sempre bem à mulher de qualquer idade(...)” (ONF, Nov. 1956), ficar a falar com as amigas na rua e deixar de vigiar as crianças (ONF, Set. 1954), ter ciúmes da criada porque os filhos se dão bem com ela (ONF, Set. 1955), não deixar que as crianças assistam a cinema de má qualidade ou não apropriado à sua idade (ONF, Nov. 1949).

Nos *Editoriais* há alguns dados pessoais da vida da directora da revista. O primeiro, quando ao desejar bom ano para “(...)“(...)amigos, colaboradores, assinantes, leitores e anunciantes e em especial para todos os meninos(...)” publica, com cinco meses de atraso em relação à data do enlace, a fotografia do casamento “(...) de Maria Arlette Ferreira Vassalo, filha de António Júlio Vassalo, realizado em 24 Set. 1953(...)” (ONF, Jan. 1954), ou seja, a filha do primo que lhe emprestara o dinheiro para iniciar a revista e a *Editorial Os Nossos Filhos*; uma outra em que refere estar a passar férias numa aldeia mas onde não há bucolismo porque falta educação e higiene (ONF, Set. 1946); aproveita uma ida ao mercado de Campo de Ourique, onde morava, para tecer considerações sobre a necessidade de acabar com a mendicância, sobretudo a infantil (ONF, Set. 1947); ou quando, ao fazer uma espécie de elogio póstumo do Padre Américo, enumera as três vezes em que o viu e como o conheceu (ONF, Ago. 1956). Também no texto do *Editorial* de Maio de 1951 refere o falecimento<sup>436</sup> de António Óscar de Fragoso Carmona, o presidente da república que ela havia conhecido ainda

---

<sup>436</sup> Também num destes *Editoriais* vai fazer a referência à morte de Berta Craveiro Lopes (ONF, Jul. 1958) e ainda à do Dr. Sá de Oliveira (ONF, Fev. 1954). Não colocamos estas notícias sobre óbitos no quadro que com os mesmos dados usámos no subcapítulo sobre as(os) colaboradoras(es) porque tal não é o caso das pessoas mencionadas.

muito nova, quando vivia em Torres Novas (ONF, Maio 1951).

Os restantes artigos aqui considerados como *Editoriais* abordam diversos assuntos, sendo que o ideário neles presente se pode resumir a algumas linhas: a directora de *Os Nossos Filhos* atribui um papel decisivo à mulher sobretudo na orientação da educação moral das crianças (ONF, Fev. 1947), passando esta pela obrigação de ensinar os filhos a distinguir o bem do mal, a orientá-los para o pacifismo e para o repúdio da guerra (ONF, Dez. 1944 e 1948), para a abolição dos brinquedos bélicos (ONF, Dez. 1948 e Dez. 1949) e para a necessidade de interiorizar a ideia de que a fraternidade e a solidariedade nada têm a ver com a caridade (ONF, Mar. 1943). Também compete à mulher ajudar a sociedade na resolução dos problemas infantis, sobretudo os do abandono e da falta de assistência (ONF, Mar. 1943), assim como o da já referida mendicância infantil que deve ter em conta os casos reais de necessidade e os que não passam de patifaria (ONF, Jul. 1946), partilhar com o pai a educação dos filhos e a sua orientação (ONF, Abr. 1950), sobretudo se adolescentes (ONF, Mar. 1950). Do ponto de vista político e social a revista toma posição inequívoca, em especial depois da Guerra; assume-se crítica em relação a diversos temas como: a necessidade de um maior investimento pessoal na resolução dos problemas infantis de assistência e abandono (ONF, Mar. 1943), a necessidade de formação e orientação profissional das raparigas sobretudo para os cursos de magistério primário, de enfermagem, de assistente social ou educadora familiar e ainda de educação infantil (ONF, Jul. 1956), sobre falta de hábitos de higiene da população portuguesa, independentemente do seu poder económico (ONF, Abr. 1943), sobre a necessidade de aumento do número de escolas infantis em todo o país, para todas as crianças de *todos* os grupos sociais (ONF, Maio 1943), sobre a exploração do trabalho infantil (ONF, Mar. 1944); sobre a falta de apoio e assistência infantil e maternal publica até parte do texto de uma intervenção sobre esse assunto feita por Maria Luísa van Zeller, na Assembleia Nacional (ONF, Maio 1944), sobre o problema da sobrevivência das chamadas classes médias (ONF, Set. 1943, Jul. 1944, Ago. 1949, Ago. 1953, Ago. 1954), sobre a falta de respeito quotidiana para com as mulheres (ONF, Ago. 1944 e Mar. 1949) ou os textos mais políticos destes *Editoriais* (ONF, Nov. 1947 e Jan. 1948) em que, a propósito do problema das saias curtas ou compridas, e na forma interrogativa, aproveita para reivindicar todas as medidas que estavam também contidas no programa da candidatura de Norton de Matos, nesse ano, à presidência da república:

“(…) Deve a mulher prestes a ser mãe trabalhar nos campos, nas fábricas, nos escritórios, em toda a parte, em serviços incompatíveis com o seu estado? Deve a mulher continuar a casar e a ter filhos, mantendo a mais, completa e catastrófica ignorância dos importantíssimos problemas que terá de resolver? Deve continuar a haver crianças com fome e com frio? Devem as crianças .vagabundear pelas ruas, mormente, de noite e junto das tabernas, dos cafés, e .doutros lugares menos recomendáveis? Devem as crianças continuar a esmolar? Devem as crianças frequentar cinemas e outros espectáculos que não foram organizados especialmente poro elas? Devem os crianças, os doentes e toda a gente, continuara beber a mixórdia que se vende em Lisboa a 3\$20 o litro com o nome de leite? Devem as crianças continuar a morrer de desastre por falta de creches, abrigos, e escolas que as recolham enquanto suas mães trabalham? Deve a enterite e a diarreia continuar a ceifar em Portugal, e por ano, dezenas de milhar de vidas infantis? Devem as crianças viver afastadas da Escola, não obstante a obrigatoriedade da lei, mantendo para o futuro, com pequenas diferenças, a actual e pavorosa percentagem de analfabetos?

Talvez. Esta pequena lista baste para principiar. Resolvidos os pequenos problemas enunciados, teremos muito prazer em apresentar muitos mais, aos ilustres e verbosos discutidores das saias curtas ou compridas(…)” (ONF, Nov. 1947) ou ainda o outro texto em que, depois de afirmar um conjunto de princípios que defende, também na forma interrogativa, questiona: “(…) queremos que os portugueses vejam no Criança a riqueza e o futuro da Nação(…) Queremos que as mães e também os pais portugueses saibam criar e educar os seus filhos. Queremos, que, os, portugueses encarem com inteligência e carinho todos os problemas das nossas crianças. Nós queremos que os milionários, e os filantropos pensem nas nossas crianças, fundando: Preventórios, Sanatórios e Hospitais infantis; institutos para reeducação de crianças anormais(…), institutos, para recuperação de crianças delinquentes, Creches, recreatórios e escolas pré primárias; Escolas oficinas e escolas de ensino doméstico para adolescentes; Bibliotecas e teatros, infantis; Cantinas escolares e Colónias de férias para crianças e adolescentes; E tudo que liberte a criança da miséria, da doença e da ignorância (...). votos de vida nova e felicidade todos os cartões de boas-festas não passam de inútil convenção(…)” (ONF, Jan. 1948).

Sob o ponto de vista político é interessante ler o texto em que, ao fazer a apologia de uma alimentação racional para as crianças das escolas, critica sem rodeios a campanha de “Beber vinho é dar pão a um milhão de portugueses(…)” (ONF, Jul. 1948) pois nas

páginas da revista são inúmeras as referências a essa chaga – o alcoolismo - que também atinge todos os níveis sociais.

Apresenta ainda reflexão sobre a necessidade de acabar com a mendicância infantil (ONF, Set. 1947), de apoiar as mães solteiras e as crianças delas (ONF, Ago. 1945) e de reorganizar todo o sistema de educação infantil e primário, como veremos agora.

Nesta secção da revista também se faz a apologia do ensino infantil e sobretudo dos Jardins João de Deus. Maria Lúcia Vassalo Namorado começa por chamar a atenção para a necessidade da criação de “(...) jardins infantis para todas crianças de todos grupos sociais(...)” (ONF, Maio 1943). A definição do que deve ser a função da escola infantil é feita também num dos *Editoriais* e, sempre que não haja possibilidade de criar em cada localidade um jardim infantil poderão ser as mães a organizar-se e, depois de aprenderem, juntar os seus filhos com os de outras mulheres e assim contribuir para o desenvolvimento das crianças. Para que possam aprender o que deve ser feito, a revista dá indicações precisas sobre cursos e artigos que as mães podem ler em *Os Nossos Filhos* para depois poderem melhor educar os seus.

Existem notícias sobre os Jardins Infantis João de Deus em Coimbra (ONF, Out. 1951), sobre um curso de puericultura e o jardim de Tomar (ONF, Abr. 1955), sobre a possibilidade de criação de um jardim desses em localidades pequenas (ONF, Jan. 1956) e ainda sobre a inauguração do medalhão de homenagem ao seu fundador, da autoria de Leopoldo de Almeida (ONF, Jul. 1954).

A defesa da existência de escolas infantis em que todos os grupos sociais estejam misturados é feita em Janeiro de 1956 e a definição da *função da escola infantil* é a seguinte: “(...)a ensinar-lhe as primeiras letras, não pense nisso. À função da escola infantil não é ensinar a ler e fazer as operações aritméticas. A idade escolar começa aos sete anos, porque só então a criança atinge o grau da aprendizagem, não só da leitura e da escrita, mas ainda básicas de toda a sua futura educação. Até aos sete anos, porém, a criança precisa de aprender muitas outras coisas. Julgam muitas pessoas que saber ler e escrever é o mais importante, e índice seguro da inteligência e desenvolvimento da criança. Esta opinião não está certa. Aprender a viver com as outras pessoas e com as coisas; habituar-se a observar e comparar, a dar atenção, a ouvir, a raciocinar com facilidade, a exprimir-se com correcção e propriedade; adquirir destreza manual; saber utilizar a sua ânsia de movimento, de ruído, de expansão, em fins úteis (cantar, dançar, jogar, pintar, etc.); possuir uma acertada compreensão do mundo, das pessoas e suas relações;—tudo isto é muito importante, mais importante do que «conhecer e juntar as

letras», porque estrutura toda a personalidade e educação futura. Ora, é esta grande, delicada e importantíssima tarefa que compete à escola infantil. ... Antes da aquisição da “ciência livresca» há a ciência viva do mundo em que se vive, das pessoas, dos animais, das plantas e das coisas, ciência de que é preciso aperceber-se, para a descobrir, a compreender numa visão sem mentiras nem superstições — e que se alargará depois, com a leitura(...)” (ONF, Out. 1956).

Muitas senhoras quer na revista, quer na correspondência do *Espólio* se referem à possibilidade de, em suas casas, criarem um pequeno jardim ou escola infantil. Para as que preferem ser elas a encetar essa tarefa, em locais onde não há tal tipo de escolas, a directora da revista recomenda que nunca deixem as crianças com “(...) criadas ignorantes e preceptoras improvisadas(...)”. (ONF, Jun. 1948). As que assim quiserem proceder, devem aprender lendo bons livros, como os que são recomendados na revista assim como:”(...) Leia as séries de artigos aqui publicados pela professora Irene Lisboa («A primeira educação» em «Os Nossos Filhos» nº 140 a 149 inclusive e pela professora Lucinda Atalaia («Lições de Coisas" nos ONF» nº 152 a 157 inclusivé, e 159 a 162 inclusivé). Leia também « Lições de observação», da inspectora Belmira de Baptista Almeida, que principiamos a publicar neste número(...). Com estas leituras bem assimiladas, qualquer mãe com paciência e boa vontade. Intuição e raciocínio, poderá orientar a primeira educação dos seus filhinhos(...)” (ONF, Abr. 1958)..

Sobre a escola primária chama-se a atenção para as condições ideais de instalações, qualidade dos professores e apoio social que todas deveriam dar a todos os alunos (ONF, Out. 1946). Criticam-se as escolas mal arrançadas, sobretudo nos seus espaços exteriores, propondo a criação de “(...) jardins escolares: jardins floridos, enlevo, entremetimento, óptimo factor educativo para garotada aldeia(...) escola compreensível e maleável, aceita, respeita personalidade infantil, ensina a ver e raciocinar, sabe encaminhar diferentes tipos crianças, não pode ser a que ensina a ler e escrever maquinalmente e a que entope cabecitas de teorias e abstracções(...)” (ONF, Out. 1947). Quando a Sociedade de Geografia se propôs homenagear o professor primário, a directora da revista aproveita para criticar o que considera errado:”(...) o ordenado baixo, sem habitação digna, /sem possibilidade de/ frequentar cursos de aperfeiçoamento, reuniões e congressos que o levem a estudar sempre e interessar-se assuntos da profissão(...) sem isto as homenagens /não passam de/ retórica(...)” (ONF, Out. 1948). Chama ainda a atenção para a falta de condições de trabalho e de vida que têm as professoras primárias que muitas vezes não têm casa condigna nos locais onde

leccionam e pergunta mesmo se será “(...) (...) justo oferecer tais condições devida a um dos mais prestigiosos servidores do país?(...)” (ONF, Maio 1947). As críticas ao início do ano lectivo assim como o insuficiente número de escolas, o não cumprimento da lei da obrigatoriedade, a não existência de balneários, cantinas e caixa escolares dificulta ainda mais a acção da escola primária (ONF, Out. 1946). Defende também a criação de bibliotecas escolares junto de cada escola porque elas combatem a futura iliteracia, mesmo que o conceito ainda não tivesse sido definido é o que ela quer combater quando diz: “(...) é elevado o número de analfabetos que frequentam a escola primária (...) pois é o que temos de chamar àqueles que por nunca terem tido oportunidade de ler, ao fim de meia dúzia de anos, mal sabem soletrar e assinar o nome (...)” (ONF, Mar. 1947). Considera que a escolha das obras a nelas incluir deve ser cuidada e dá como exemplo de uma biblioteca itinerante de sucesso – a *Biblioteca da Criança Portuguesa* - a que fora criada na Madeira, por Maria Regina da Silveira e Sousa e que estava a ser continuada em Vila Viçosa por Maria Amélia de Almeida Ribeiro Vieira da Luz Carvalho<sup>437</sup> (cf. entrevistas a ambas).

Porque só quem sabe e estuda pode ter a “(...) preparação e o bom senso que (...)” lhe permite não cometer erros, defende uma melhor educação das mães e para tanto propõe que se unam para ouvir os programas radiofónicos da revista e para que as leitoras, o médico local e o professor “(...) se organizem em pequenas discussões culturais dedicadas às mães para (...) contribuírem para a (...) educação da mãe portuguesa, a bem da criança e do futuro (...)” (ONF, Mar. 1945). Propõe ainda que as mães lhe escrevam pois só assim, entre todas, se poderá ajudar as que mais inseguras se sentem (ONF, Maio 1946).

Enquanto local de publicação de apelos ou propostas são os *Editoriais* uma fonte importante de dados que colocamos no quadro seguinte:

Quadro n.º:24. Apelos e propostas nos *Editoriais*:

Apelo à mulher feliz sobre o que faz para minorar desventuras de outros	Nov. 1942
campanha de novas assinaturas	Fev. 1943
Apelo à união das mães de todas localidades para resolverem problemas infantis e de assistência, abandono	Mar. 1943

<sup>437</sup> Filha da professora que preparara Maria Lamas para o exame do 5º ano no Liceu onde também Maria Lúcia Vassalo Namorado fora aluna, como vimos (Cf. entrevista realizada e *Apêndices Cap. 4- Biografias*, quer desta senhora quer da mãe, Maria Adelaide Teixeira de Almeida Ribeiro Vieira da Luz.

proposta de criação de balneários em todas as localidades do país	Abr. 1943
Apelo criação de jardins infantis, para todas crianças de todos grupos sociais	Maio 1943
Propostas para facultar domingos sadios às crianças da classe média	Set. 1943
Apelo para donativos para as crianças pobres e igual para vítimas da guerra <sup>438</sup> a fazer chegar a <i>Os Nossos Filhos</i>	Out. 1943
Apelo às mães para pensarem nas que, pela Europa em guerra, ficaram órfãs e viúvas	Abr. 1944
Em período de férias, apelo às Mães que podem para que levem com seus filhos outro que as não possa ter (por exemplo “(...) muitos remediados(...)”	Jul. 1944
Indignação pela falta de respeito para com grávidas e proposta para criação de compartimento para mudança de bebés, em comboios	Ago. 1944
Proposta da <i>Campanha do Fio de Lã</i> , promovida pela <i>Divisão Auxiliar Feminina dos Escuteiros de Portugal</i>	Nov. 1944
Apelos ao Menino Jesus para que acabe com a guerra	Dez. 1944
Apelo à concórdia e desejos de que o espírito natalício seja permanente, regozijo com paz em Portugal; apelo a Natal todo o ano	Jan. 1945
Sobre comentário a artigo de Merícia Nunes (Assistente Social do Instituto António Aurélio da Costa Ferreira/ em <i>A Criança Portuguesa</i> : “Como vivem crianças num pátio de Lisboa”. Propõe organização de uma <i>Liga Protectora da Infância</i> <sup>439</sup>	Maio 1945
sermos prestáveis(...) apelo a cada assinante para trazer novo leitor cada um para duplicar número de crianças servimos	Jun. 1945
Problema da assistência a mães solteiras e às crianças; apelo a mães fazerem algo	Ago. 1945
Apelo protecção criança para dar felicidade feita de fraternal justiça que Jesus pregou	Jan. 1946
Apelo para que leitoras escrevam para revista	Maio 1946
Apelo para que haja autocarros para levar alunos a escola mais próxima	Out. 1946
Defesa de hospitais infantis ou enfermarias para crianças	Dez. 1946
Apelo para cada um apoiar uma criança pobre /nos estudos, na educação e alimentação/ para vir a ser mulher homem honesta, trabalhador, equilibrado e feliz	Jan. 1947
Apelo Criação bibliotecas junto escolas primárias	Mar. 1947
Apelo para envio brinquedos, livros, postais ilustrados para crianças pobres e doentes dos hospitais	Abr. 1947
Apelo para abolição de brinquedos de Guerra pedida na Conferência da Confraternidade Feminina do mundo	Dez. 1947
apelo a angariação de nova assinante	Maio 1948
apelo a que senhoras que têm casa no campo ou praia que levem com as delas outras crianças classes médias “(...) porque as muito pobres têm por vezes a possibilidade de ingressar em colónias(...)”	Ago.1948
Ensinar crianças a nadar; vantagens para saúde de haver piscina e escolas de natação e	Set.1948 e

<sup>438</sup> Sobre este tema vejam-se neste trabalho, as festas promovidas por *Os Nossos Filhos*. No número seguinte, também em Editorial, a directora da revista vai informar que já foi feita a “(...) entrega dos donativos enviados no *Unitarian Service Committee* e transcrição da carta de Rita Hintze Ribeiro /a menina da capa do 1º número da revista/ cujo pai está nos Açores (...)” (ONF, Nov. 1943).

<sup>439</sup> Para nela ser tratado tudo que “(...) interessasse tudo o que diz respeito à criança, estudo dos seus problemas, aceitação e coordenação de todas colaborações, sugestões para actuar utilmente para elevar criança(...)”. Também Maria Lúcia Vassalo Namorado vai estar, muitos anos mais tarde, como membro fundador do *Instituto de Apoio à Criança*, como veremos.



levar já alunos	Set. 1952
Apelo a que o Natal sejam as 52 semanas do ano	Fev. 1949 e Nov. 1950
Apelo a Envio de lembranças para as crianças pobres e doentes. ..Também, como de costume, lembramos às pessoas felizes ano tem 365 dias, e pedimos que continuem, pelo ano fora, a pensar com interesse verdadeiro nas criancinhas infelizes	Nov. 1946 e Jan. 1952
Necessidade de educação adultos para saberem esperar em exames ou audição e festas; apelo para que senhoras pensem e digam o que se pensam que está errado em diversas situações	Set.1949
Propostas de brinquedos bons contra brinquedos de guerra	Dez.1949
Apelo aos pais para ajudar adolescentes e acamaradarem com eles, sobretudo em férias	Mar. e Ago. 1950
Apelo para que Pai e mãe estejam de acordo na educação crianças; não discutir em frente delas	Abr. 1950
Revista seja elo que nos una a todas mulheres de Portugal a bem dos nosso pequeninos, esclareçam os ignorantes, digam às pessoas que não sabem a maneira como proceder para com crianças a seus cuidado; apelo a que contem casos	Set. 1950
“(…)Mas como poderá uma família de 4, de 5, ou de mais pessoas, com recursos modestos, arrendar urna caso no campo ou na praia, instalar-se num hotel, ou mesmo pensão? Temos colónias de férias para algumas crianças muito pobres mas neste momento pensámos nas famílias da chamado classe média, .que não têm direito a mandar os seus filhos para essas colónias(…)”. Propõe que se faça campismo e indica regras a seguir	Ago.1953
Apelo a que “(…) nos mandem livros, novos ou usados, ou dinheiro para a construção das caixas-armários(…) pedimos às professoras do ensino primário, às assistentes sociais, de Lisboa e qualquer ponto do país, e a todas as senhoras que possam estar em contacto com grupos infantis ou queiram organizá-los, que se interessem também por esta .maneira de dar às crianças portuguesas um pouco de cultura e distracção(…)” /como é a <i>Biblioteca da Criança Portuguesa</i>	Ago. 1952
Holanda, Inglaterra e Bélgica mar irrompeu com fúria...muitos países ofereceram-se para ficar com crianças..Portugal também...como na Guerra... Mas ao mesmo tempo perguntamos: Porque se não vê entusiasmo igual pela situação das nossas crianças?Nós também temos crianças sem lar, sem pão, sem roupas. (...) Famílias que tão cristãmente chamasteis(sic) o vós os pequeninos Holandeses que não vieram! Fazei questão em os substituir, no vosso desvelado interesse, pelos portugueses pequeninos que tanto precisam de vós!	Mai 1953
Proposta de acompanhar os filhos das leitoras e visitas a museus <sup>440</sup> para desenvolver a “(...)explicação e educação estéticas. A partir dos 6 anos as crianças podem muito bem interessar-se par obras de arte. Tudo vai em saber mostrar-lhas, despertar-lhes a curiosidade, o interesse, e a sensibilidade. .. e não sabe muito bem como há-de fazer, nós ajudamo-la. Estamos organizando para os seus filhos de 6 a 12 anos, visitas explicadas a	Fev. 1955

<sup>440</sup> Em Agosto de 1943 o *Editorial* tinha sido sobre a iniciativa do médico Manuel Vicente Moreira que criara o *Museu Popular de Higiene Social*. O texto é ilustrado com *Reivindicações dos bebés*, postais da *Obra Nacional da Infância Belga*. Sobre esta iniciativa cf. Bibliografia e *Apêndices Cap. 4- Biografias*.

Museus. E não só Museus, mas também a Fábricas, Jardins, procure-nos sem demora, porque os grupos não podem ser muito grandes(...)"	
---	--

A referência a uma iniciativa muito importante na área da protecção à criança é feita através da extensa notícia sobre a realização em Lisboa do *I Congresso Nacional de Protecção à Infância* (ONF, Nov. e Dez. 1952). No *Espólio* existem as actas desse encontro (cf. bibliografia final deste trabalho) assim como os apontamentos manuscritos que a directora da revista produziu ao assistir às sessões. Muitos dos artigos vão ser publicados nos números seguintes da revista, quase na íntegra. Em Dezembro de 1952 anuncia-se que o número seguinte será “(...) dedicado ao *Congresso Nacional de Protecção à Infância*(...)”<sup>441</sup>. Assim é, em grande parte, pois nele são publicados o programa do encontro e respectivos oradores, assim como duas fotografias da inauguração. O comentário feito sobre o Congresso foi o seguinte: “(...) extensão do assunto, a limitação do espaço e outros factores (...) publicamos hoje o programa do Congresso, e iniciamos publicação de algumas comunicações nos próximos números e continuaremos a publicação das comunicações, na íntegra ou em resumo. Nossas homenagens ao Dr. Vítor Fontes. Que deve ter sido impulsionador e alma do Congresso(...) que não dançou nem comeu: trabalhou. As sessões, realizadas no auditório da Maternidade Dr. Alfredo da Costa, assistiram tantas pessoas quantas couberam na sala (...) Será possível que se não oiça a voz do padre Américo, dos Professores Castro Freire, Francisco Gentil, Barahona Fernandes, Vítor Fontes, Lúcio de Almeida, Delfim Santos, da Dra Wanzeller, dos doutores Santos Bessa, Arnaldo Rodo, Dordornat, e outros mais? (...) em primeiro lugar para que se tomem sem demora as medidas consideradas urgentes, num plano e extensão verdadeiramente nacionais; e também para que dentro de um prazo de tempo, relativamente, curto haja novo *Congresso Nacional de Infância*, que abranja não três dias mas pelo menos uma semana. E assim seja menos difícil incluir nele, assuntos, que desta vez não houve tempo de tratar, e ouvir algumas vozes que não foi possível ouvir(...)” (ONF, Jan. 1953). Muitos desses artigos serão publicados em números seguintes numa estratégia “(...) de forma a melhor ‘encaixar’ na página, lado a lado(...) com matérias diversas que vão sendo introduzidas(...) havendo a ocorrência de matérias em capítulos, ou seja, uma

---

<sup>441</sup> Não foi por nós colocado na análise que fazemos sobre os números temáticos porque a concepção deste número em nada se assemelha à que foi pensada para os outros que analisamos também neste trabalho.

mesma matéria era dividida em partes, sendo estas publicadas em números sequenciais(...)" (Faria Filho e Souza, 1998. p. 146). A estratégia de espalhar um mesmo artigo por diversos números, como será o caso dos textos deste Congresso ou os de Irene Lisboa tem o fim de levar as senhoras a comprar, como se "cenas dos próximos capítulos" se tratasse; esta estratégia comercial "(...)garantia a venda(...)"(Faria Filho e Souza, 1998. p. 146). Esta, usada com intencional estratégia educativa (...) punha em circulação uma série de matérias e assuntos (...) que não deixavam de compor uma representação sobre suas ideias de reforma(...)"(Faria Filho e Souza, 1998. p. 149).

Ainda dentro dos temas abordados nos *Editoriais* não podemos deixar de mencionar as notícias publicadas sobre a *Casa Mãe da Gaiata* de Lisboa(ONF, Jul. 1953), que como veremos nas instituições de assistência, fora criada a partir de uma sugestão apresentada na revista por Maria Lúcia Vassalo Namorado. Também como mostra irrefutável do que as senhoras poderiam fazer no sentido de chamar a si a solução de alguns problemas de assistência e dar dele conhecimento a outras leitoras da revista, há uma extensa notícia sobre a obra realizada por uma leitora e assinante, Noemy Ferreira da Costa<sup>442</sup>, que por morar perto da escola, decidira escolher "(...)entre crianças um rapazinho pobre a quem convidei diariamente a vir almoçar a minha casa(...)"tem um irmão que entra para o ano(...)"já pensei a quem hei-de pedir igual convite(...)"apresentar esta ideia na revista talvez dê resultado(...)"(ONF, Maio 1952).

As sugestões das leitoras eram apreciadas pela directora de *Os Nossos Filhos* que no *Editorial* de Junho de 1951 vai usar a expressão "nossa revista" para mostrar como "(...) As ideias das nossas amigas em relação às crianças interessam a todas as leitoras. Porque *Os Nossos Filhos* sendo uma publicação com características próprias, diferenciada de todas as outras, estabelece uma corrente de simpatia e compreensão entre quantos a lêem, não é verdade? Formamos todos, assim como que uma só família, muito unida por este sentimento carinhoso, por este interesse constante que a Criança merece(...)" (ONF, Maio 1952).

É então este sentimento de união em torno de um conjunto de ideias comuns que, ou as senhoras já têm ou há que lhas ensinar e inculir, que vai ser organizado todo um conjunto de ensinamentos para as(os) leitoras(es) de *Os Nossos Filhos*.

---

<sup>442</sup> Com 37 cartas no Espólio e que, em carta de 4 de Março de 1947 (Caixa 32. maço 2) é através da directora da revista que envia a quantia de 50\$ para pagar a sua quota anual do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas e que em carta de 18 de Março de 1946 (Caixa 32. Maço 2)agradece a publicação das fotografias das filhas na revista.

#### 4.1.2 Contexto da publicação de *Os Nossos Filhos*

Maria Lúcia Vassalo Namorado tinha vindo a conquistar um público específico enquanto colaboradora de *Modas & Bordados*. Em Penacova, à frente da *Página da Mulher*, ensaiará a organização de um estilo que não abandona ao criar a revista *Os Nossos Filhos*. Ali, ela vai obter um poder que lhe dará a oportunidade de orientar um conjunto de pessoas que se lhe ligam na resolução de um problema comum: a educação das mães e das crianças. Tanto a directora da revista como a maior parte das(os) suas(seus) assinantes crêem nos fins que a revista pretende atingir. Só essa atitude justifica a fidelidade de muitas(os) leitoras(es), a longo de muitos anos.

A revista é publicada num contexto específico de enaltecimento da *província* em relação à cidade. Em 1944, o *Secretariado de Propaganda Nacional* passa a ser designado por *Secretariado Nacional de Informação Cultura Popular e Turismo* (Pires, 2003. p. 40) e como acontecia com a política de estado que endeusava o “(...)tipicismo das vilas e aldeias, o artesanato, o folclore, a hospitalidade e a culinária regional (...)” (Pires, 2003. p. 41) também em *Modas & Bordados* como mais tarde em *Os Nossos Filhos* há inúmeras referências à *Província* e às belezas que ela encerra. Acontece que a imagem que dela nos fica em ambas as revistas é a de um local paradisíaco em que a saúde é assegurada pelos bons ares que se podem desfrutar e em que as pessoas têm mais tempo para se dedicarem à leitura, fazem passeios higiénicos e recuperam as forças e o vigor que as cidades lhes não proporcionam. O texto de alguns dos romances anunciados em *Os Nossos Filhos* como o de Ferreira de Mira, intitulado *Os desportos em Vale de Giestas* (Cf. *Bibliografia*) ou mesmo *Joaninha quer casar*, de Maria Lúcia entre muitos outros exemplos que poderíamos convocar, enfatizam a qualidade de vida que aí se pode ter. Em *Os Nossos Filhos* só é dada uma visão menos agradável da *Província* quando se aborda a dificuldade que é para lá fazer chegar as novidades que tornam a vida das senhoras mais simples, como seja o acesso a enxovais feitos para recém-nascidos, a possibilidade de mais escolha, entre muitos outros luxos da cidade.

Quando Maria Lúcia Vassalo Namorado vivia ainda em Penacova assina as suas crónicas de Coimbra assumindo essa condição de provinciana. Quando a revista *Modas & Bordados* faz a revisão do livro *A Mulher dona de casa* é ainda a essa condição de colaboradora da *província* que se faz alusão.

Para termos a noção da importância desta ‘entidade’ abstracta basta referir que o último número da 1ª série da revista *Panorama*, ou seja, o n.º 39 de 1949, lhe é dedicado.

Do ponto de vista geográfico, a imagem que de Portugal nos é dada em *Os Nossos Filhos* é a de um imenso território, um império, da metrópole a Timor, passando pela antiga colónia independente, o Brasil. Em todos esses locais, assim como em muitos locais do estrangeiro, há assinantes da revista. Se bem que a cidade de Lisboa seja a que mais assinantes dá a *Os Nossos Filhos*, o certo é que a revista também era lida em pequenas aldeias e lugares por esse país fora. Nesta visão geográfica não faltam as referências aos arquipélagos da Madeira e Açores, sendo que terão, cada um, seu número temático como veremos mais adiante neste capítulo.

A defesa da ideia de que era a *Província*, melhor do que a(s) cidade(s), que sabia(m) guardar os bons sentimentos e as coisas belas, é dada em *Os Nossos Filhos* mas apenas nos anos até ao início da década de 50. Apesar da propaganda que foi feita pelo Estado Novo, entre muitas outras iniciativas quer ao concurso da aldeia mais portuguesa quer ao ritmo surpreendente de inaugurações das pousadas regionais<sup>443</sup> vistas como “(...) locais que materializavam o ideário nacionalista /tendo de/ obedecer a uma imagem de conforto, bom gosto, higiene, imagem essa que se desejava intocável: era o próprio rosto do país que estava em causa (...)” (Henriques 1990. p. 67 In Pires, 2003. p. 91), é certo que em *Os Nossos Filhos* nunca tais realizações são sequer mencionadas.

Consciente da importância de que se revestia a revista como *meio* de educação das mulheres, como presente do seu 33º aniversário, Maria Lúcia Vassalo Namorado que vivia apenas há dois anos em Lisboa, faz sair o primeiro de uma série de 205 números da revista *Os Nossos Filhos*, dirigida aos pais mas, sobretudo, às mães da média burguesia nacional.

Quando Maria Lúcia Vassalo Namorado vivia ainda na *Província*, como ela própria dizia, em 1934 é criado o *Sindicato Nacional dos Jornalistas* que tivera António Ferro como Presidente da Direcção durante os dois primeiros mandatos, entre 19 de Dezembro de 1934 e 11 de Março de 1937. (Veríssimo, 2003. p. 12). Por alvará de Fevereiro de 1934, são publicados os primeiros *Estatutos do Sindicato Nacional dos Jornalistas*. O Artigo 7º desse diploma estabelece três categorias de sócios: 1) efectivos;

---

<sup>443</sup> Entre 1942 e 1948 serão inauguradas as de: Santa Luzia – Elvas (Abril de 1942); S. Gonçalo – Marão (Agosto de 1942); S. António – Serem (Setembro de 1942); S. Martinho – Alfeizerão (Agosto de 1943); S. Brás- São Brás de Alportel (Abril de 1944); Santiago – Santiago do Cacém (Fevereiro de 1945) e S. Lourenço – Serra da Estrela (Março de 1948) (Pires, 2003. p. 73), esta última decorada até por Maria Keil, uma das colaboradoras de *Os Nossos Filhos*.

2) estagiários; 3)correspondentes. Os artigos 8º, 9º e 10º estabelecem as condições para a atribuição das diferentes categorias(Veríssimo, 2003. p. 50).

Só a partir de 1940 o Sindicato dispõe de listas organizadas de todos os jornalistas, sindicalizados ou não, dada a entrada em vigor do despacho sobre quotização obrigatória(...). Em 1943 é publicado o despacho sobre ordenados mínimos, que vem alterar não só os vencimentos, como as classificações dos jornalistas (Veríssimo, 2003. p. 14). Nesta altura, já como directora da revista *Os Nossos Filhos*, Maria Lúcia Vassalo Namorado obtém o seu cartão de como jornalista – sócia *correspondente* n.º 55 /scanner/.

Não podemos esquecer que o Portugal onde se começou a publicar a revista *Os Nossos Filhos* era um deserto no que a publicações só de carácter educativo diz respeito. Muito mais tarde, quando em 1971 é apresentado ao Ministério da Educação o ‘projecto de estatuto de uma sociedade de estudos educacionais’ Rui Grácio dirá que, nesta última data “(...) não existia ainda uma comunidade científica capaz de realizar investigação em Educação(...)” (1991, p. 14 In Correia e Stoer, 1995. p. 29).

Maria Lúcia Vassalo Namorado não possuía, nesse campo, mais credenciais do que a sua experiência de mãe de três filhos, uma sólida cultura republicana e uma necessidade enorme de ganhar a vida sem sair de casa. Dessa cultura faziam parte a sua vivência enquanto aluna de um liceu público, em Lisboa, mas o que a preocupava mais não era tanto a *instrução* mas a *educação* das mães portuguesas. Ela tinha informação sobre o que tinha sido a actividade das mulheres na área da Educação na 1ª República. Ela conhecia as teses que, sobre esse tema, tinham sido discutidas em Lisboa, de 4 a 9 de Maio de 1924, no primeiro *Congresso Feminista e da Educação*<sup>444</sup>, realizado para comemorar o 10º aniversário do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*.

#### **4.1.3 Caracterização geral e objectivos de *Os Nossos Filhos***

A revista *Os Nossos Filhos* é um exemplo de uma publicação periódica feminina que pretende transmitir princípios, valores e normas de comportamento. Ela é lida

---

<sup>444</sup> Uma das ‘faltas’ que detectamos no *Espólio* de Maria Lúcia Vassalo Namorado é a da obra de BRAZÃO, Arnaldo (1925) – *O Primeiro Congresso Feminista e de Educação: Relatório*. Lisboa: Edições Spartacus. 275 p. Se tem nele a maior parte das obras publicadas por esta editora, por que razão não tem esta? Que tem conhecimento deste *Relatório* não temos a menor dúvida uma vez que muitas alusões e propostas educativas que faz, se relacionam directamente com as teses nele defendidas, como veremos neste capítulo. A análise do conteúdo do Congresso é feita neste trabalho no capítulo sobre o *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*.

sobretudo por mulheres para quem ler revistas é tido como parte importante de um processo da sua valorização cultural. A acção desta publicação é mais lata uma vez que, além de assegurar a publicação, sem interrupções, de um número mensal, durante mais de quinze anos, ela promove outras actividades complementares da palavra escrita: publicita palestras, recitais, promove espectáculos e exposições, funda uma escola para donas de casa e cria uma Editorial para divulgação de obras que se entendem ser imprescindíveis a dois públicos: as mães e as crianças e dois tipos de textos: um deles, contribui para a boa educação da mulher, enquanto mãe e educadora; o outro, é fundamental para a educação das crianças.

A revista é um exemplo típico do que se entende por ‘imprensa feminina’ como dissemos pois que tem publicação regular, os textos são maioritariamente escrito por mulheres para mulheres, embora também seja recomendada aos homens e alguns também nela escrevam, define o que pensa ser, em termos de conteúdos, as necessidades de formação da mulher, lança mão de um discurso quase sempre mais persuasivo e imperativo do que explicativo e (ab)usa da chamada ‘cumplicidade’ feminina, nomeadamente quando dá diversas sugestões sobre assuntos de educação e de culinária ou quando reflecte sobre a forma como devem as mulheres relacionar-se com os noivos, as criadas, os maridos ou até em sociedade.

Se bem que, desde o início deste trabalho tenhamos posto a hipótese de que esta revista era conotada com a oposição ao sistema, nem sempre nos apercebemos, de imediato, do cunho político de que se reveste *Os Nossos Filhos*. Porém, ao iniciarmos a análise do conteúdo da revista e, embora ela se afirme sempre equidistante de todas as possíveis interpretações dos mesmos factos, verificamos que, não só é uma publicação acintosamente política e ideologicamente marcada, como defende, sempre de forma muito sub-reptícia, um conjunto de valores que, em muitos casos, como veremos, nada têm de comum com o regime então vigente.

Esta revista deve ser vista como cumprindo duas funções: uma social e outra cultural pois que pretende definir um modelo de mãe e mulher exemplar e transmitir, ao mesmo tempo, um conjunto de valores e saberes enquanto parte integrante desse modelo.

Esta revista é, sem dúvida, vocacionada para um tipo específico de mulher: a que sabe ler, a alfabetizada, no sentido de mulher intelectual. Não podemos esquecer que a taxa de analfabetismo feminino é demasiado elevada no Portugal de 1940: ao rondar os 56.5% temos plena consciência, como aliás a tinha Maria Lúcia Vassalo Namorado, de que essa mais de metade do país não a podia ler. Outra das características da mulher a

quem se dirige esta revista é a de ter um poder de compra que lhe permite dispensar uma certa quantia do orçamento para publicações consideradas inoportáveis noutros grupos. No *Espólio* existem muitas cartas – mais de 600 – em que um dos temas principais é a suspensão de assinaturas, invocando muitas delas uma única razão: a carestia de vida não lhes permite continuar a assinar a referida revista.

A revista *Os Nossos Filhos* de Maria Lúcia Vassalo Namorado foi já comparada a *Portugal Feminino*<sup>445</sup> de Maria Amélia Teixeira pois que “(...) recorrendo à mesma receita, apresentam algumas particularidades diferentes (...)” (Guimarães, 2002). Não partilhamos desta opinião pois que, numa pequena análise comparativa, muito superficial, por nós efectuada, aceitamos que há inúmeros aspectos semelhantes em ambas mas, a primeira é muito mais interveniente do que a segunda, quer do ponto de vista do que define como possível currículo para as mães quer do ponto de vista do público a que se dirige quer ainda do ponto de vista político.

Da publicação de que nos ocupamos neste trabalho diz António Nóvoa ser um exemplo de “(...) literatura dirigida à família, em especial à Mãe, com textos recreativos e de divulgação sobre cuidados de saúde, puericultura ou psicologia infantil(...)” (Nóvoa, org. 1993). Como Alice Guimarães concordamos que *Os Nossos Filhos* pode inserir-se no grupo “(...) de periódicos ‘práticos e populares’<sup>446</sup>, dirigido a uma clientela da classe média e média baixa(...)” (2002. p. 26).

Algumas leitoras queixam-se de que os maridos não gostam que elas leiam a revista e algumas preferiam até que ela tivesse mais passatempos. Tal afirmação provoca apenas um breve comentário à directora de *Os Nossos Filhos*: “(...)sabemos que, infelizmente, muitas pessoas não compreendem, coitadas, o alcance educativo da nossa Obra, como esses maridos a quem se refere; mas que lhes havemos nós de fazer? Sempre que nos seja possível publicaremos...um ou outro passatempo; eles também são necessários; mas não lhe podemos dar grande relevo, porque o nosso fim é outro (...)” (Resposta a *Vivo para os meus amores*. ONF, Mar. 1945).

A revista *Os Nossos Filhos* anuncia, logo no primeiro número, como lhe

---

<sup>445</sup> Desta segunda não nos ocuparemos agora aqui. Maria Alice Ramalheite Guimarães (2002) refere o que sobre a revista *Portugal Feminino* escreveu Rosemarie Wank-Nolasco Lamas em *Mulheres para além do seu tempo*. P. 125-149.

<sup>446</sup> Alice Guimarães cita Samra-Martine Bonvoisin e Michèle Maignieu (1986) – *La Presse féminine*. Paris: PUF. P. 12-13 para quem há grupos de revistas femininas, assentes nas categorias sócio-profissionais das destinatárias: revistas femininas topo de gama, revistas populares e práticas, imprensa cor de rosa..



competia, as motivações de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Guiada “(...) por um Ideal que há já bastante tempo guia a sua fundadora (...)”, ela tinha sido impressionada pelo “(...) triste panorama da indiferença a que (...) tem sido votada a criança portuguesa (...) e (...) guiada por um nobre sentimento de altruísmo(...)”, apesar de saber que “(...) qualquer iniciativa particular nunca será mais que uma fracção mínima da grande obra que importa realizar(...)” e de ter em conta as dificuldades com que se poderia confrontar, propunha-se um vasto programa: “(...) nele encontrarão as crianças motivos de distracção constantemente proveitosos, o seu gosto artístico será orientado e estimulado. Os pais poderão encontrar um guia que os encaminhe na resolução de certos casos por vezes complicados: orientação profissional, problemas morais da adolescência, escolha de exercícios desportivos conforme a idade e condições físicas, indicação de espectáculos e literatura apropriadas às crianças, etc.. Só este conjunto é suficiente para impor a iniciativa. (...)” (Editorial de Carlos Salazar de Sousa, ONF, Jun. 1942).

Um outro colaborador deste primeiro número, João de Barros, considera que a revista poderá ajudar a combater velhos erros educativos como o que têm diversas famílias em que se julga “(...) que educar é simplesmente mandar, ordenar e castigar(...)” (ONF, Jun. 1942). Também Maria Henriques Osswald aplaude a criação da revista “(...) a que podemos sem exagero chamar a primeira e a mais necessária na vida feminina, pois se propõe responder leal e calorosamente a todas as perguntas de todas as ignoradas mães ansiosas, por certo a parte mais valiosa da nação, às voltas com o tormentoso problema: Como havemos de guiar os filhos, as filhas que entram na vida? (...) tentaremos pensar alto, dizer do nosso breviário de sonhos e esperanças o que mais importa à futura acção vitoriosa das portuguesas (...)” (ONF, Jun. 1942).

As intenções de Maria Lúcia Vassalo Namorado só serão expressas no segundo número quando, ao agradecer a “(...) forma verdadeiramente entusiástica como a nossa revista foi recebida em todo o País(...)” disser que o grande objectivo seria o de “(...) bem servir a Pátria levando a todos os lares os múltiplos conhecimentos que importam aos Pais e aos Educadores—e esta tarefa é das mais úteis e urgentes(...)” (ONF, Jul. 1942). *Os Nossos Filhos* apresentam-se com o “(...) fim único é dar aos Pais, sobretudo às Mães, a consciência e a ciência da sua alta missão(...)” (ONF, Jul. 1942), saudando por tal razão, as *Primeiras Jornadas das Mães de Família*, que se haviam realizado em meados de Junho de 1942.

Apesar de satisfeita com a publicação, Maria Lúcia Vassalo Namorado afirmará que antes de editar a revista, muitas haviam sido as opiniões de pessoas a dissuadi-la. Confessa que *Os Nossos Filhos* por ela editada numa época “(...) que todos reconhecem má para realizações desta natureza (...)” “(...) não era bem assim que a tínhamos sonhado! Quando idealizámos uma Revista para os Pais, que lhes levasse a ciência e a consciência sua altíssima missão, a bem da Criança e da Pátria, nós não a víamos talvez tão brilhante, mas queríamos que fosse(...) Muito mais barata! Queríamos que todos os Pais com cultura e sensibilidade suficientes para a entender a pudessem adquirir sem esforço. E infelizmente, não é assim. Quatro escudos e cinquenta centavos é uma insignificância — mas pesa em muitos orçamentos modestos. Contudo, nem por este preço nós a poderíamos vender, se nos movessem lucros comerciais (...) No entanto, como seria 'fácil baixar o seu custo para metade! Bastaria aumentar, multiplicar, a tiragem. Isso, porém, já não cabe nas nossas possibilidades (...) (ONF, Fev. 1943).

Neste apelo para que se consiga aumentar o número de assinantes, Maria Lúcia Vassalo Namorado explica como se poderia difundir a sua mensagem: “(...) se cada assinante trouxesse outro, e assim sucessivamente, dentro de pouco tempo *Os Nossos Filhos* teria alargado consideravelmente a sua expansão, e tornar-se-ia muito mais acessível. Ninguém se sacrificaria: não custa mostrar às amigas uma revista bonita, recheada de brilhante colaboração científica, pedagógica, literária e artística, onde se encontra tudo o que interessa aos Pais, sobretudo às Mães: as lições do médico e do educador; o conto, a poesia e o passatempo; o figurino, o bordado, a renda, os móveis, as receitas úteis, etc.(...) Não custa encarecer a vantagem de possuir esta obra singularmente encantadora, que educa e distrai, séria sem aridez, graciosa sem frivolidade. Ah! Se a tiragem aumentasse, aumentasse...Então, sim, a Revista já poderia ir a quase toda a parte e depois (...) Que belas coisas poderíamos realizar! Porque temos muitos outros sonhos...(...)” (ONF, Fev. 1943).

Um ano depois da publicação do primeiro número da revista, Maria Lúcia Vassalo Namorado reforça a ideia de que estava a cumprir os objectivos que pretendia alcançar. Porém, muitas crianças morriam ainda “(...)por culpa da ignorância materna; a Infância e a Adolescência não são educadas como seria desejável. É preciso, pois, acordarmos todos da indiferença e da ignorância em que nos temos conservado; é preciso, sem perda de tempo, dar a Portugal filhos vigorosos, saudáveis de corpo e alma. E porque não queremos deixar de contribuir para a Obra urgentíssima, criámos esta Revista, através de todas as dificuldades e sacrifícios (...)”. Muitas Mães reconheciam já a importância

da revista “(...) a boa amiga e conselheira que lhes faltava (...)”(ONF, Jun. 1943). Nesse número é referida a primeira assinante, “(...)Zélia de S. José Taveira da Mota, de Vila Nova, Vila Real de Trás-os-Montes /scanner/, que apenas recebeu o primeiro número de *Os Nossos Filhos* fez uma assinatura anual — que acaba de renovar — porque «considera seu dever auxiliar uma obra como esta»(...)”(ONF, Jun. 1943).

Nesse mesmo número, Emília de Sousa Costa, uma colaboradora de *Os Nossos Filhos*, vai considerar que um dos objectivos da revista deveria ser também o de acabar em Portugal com o uso da “(...) linguagem sórdida torpe e obscena (...)”(ONF, Jun. 1943) que muitas crianças, adolescentes e adultos usavam sem peias, sobretudo no Norte.

#### **4.1.4 Análise morfológica de *Os Nossos Filhos***

Da investigação que fizemos no sentido de detectar a existência de grelhas de análise já construídas para aplicar a publicações periódicas, encontrámos uma única referência (Nóvoa, dir.1993) capaz de servir de orientação mas, apenas para a primeira fase do estudo.

Neste subcapítulo faremos a análise morfológica<sup>447</sup> da revista *Os Nossos Filhos*, com base na grelha de análise proposta por Freire Leston (1996) que integra nesta designação “(...) o estudo de todas aquelas questões ou aspectos que não afectam a temática ou o discurso(...)”. (Freire Leston, 1996. p. 39) e que se prendem com a origem da revista, do título, da periodicidade, da administração, da forma de funcionamento, tiragem, localização actual e estado de conservação, publicidade, formatos e sua alteração e iconografia.

##### **4.1.4.1 Origem e suporte financeiro da revista**

Um dos *meios* de que Maria Lúcia Vassalo Namorado se vai servir para educar as mães, estabelecendo um conjunto de princípios e de conhecimentos que deveriam integrar um currículo não formal, é a revista *Os Nossos Filhos*, cujo primeiro número publica em Junho de 1942.

---

<sup>447</sup> Importa referir que a revista é difícil de descrever do ponto de vista morfológico. As alterações sucessivas de distribuição dos elementos da capa assim como do seu interior, com recurso a mais de três tipos de letra em cada página levam-nos apenas a aflorar alguns dados de descrição externa e interna da revista. Não iremos aqui fazer a descrição exaustiva não só porque seria muito moroso, porque em nada contribuiria para o esclarecimento dos objectivos que nos propomos alcançar ao fazer dela um dos nossos mais importantes documentos e finalmente porque essa descrição já foi realizada num outro trabalho de investigação (Borges, 2003).

Mas que razões a movem a empreender tal tarefa numa época de extrema crise nacional e mesmo internacional? Porque decide Maria Lúcia Vassalo Namorado criar uma revista para educar as mulheres e através delas, as crianças, num dos piores anos do período de guerra que então se vivia na Europa e cujas consequências também se faziam sentir em Portugal? Por que resolve fundar a revista quando o ambiente não era, à partida, dos mais favoráveis pois a partir de 1926 e, até aos anos sessenta, o número de publicações periódicas existentes decresce avassaladoramente? (Pizarroso Quintero, 1996. In Borges. 2003, p. 56). Não lhe era suficiente a intervenção que tinha em *Modas & Bordados*? Ela queria uma revista educativa e política onde a política está ausente ou presente? Uma revista educativa onde a escola está ausente? Porque opta por uma revista feminina onde a formação e a educação são omnipresentes em detrimento da instrução? Porque sublinha uma aparente e constante confusão entre *instrução* e *educação*? Que razões a levam a criar uma revista numa data que se situa sensivelmente a meio de 1936-1947, o “(...) período de construção nacionalista da Educação (...)” (1936-17) (Nóvoa, 1992. p. 458)? Que razões a levam a referir apenas algumas medidas educativas preconizadas pelos sucessivos ministros da Educação sem as apresentar, criticar ou desenvolver? Como se relacionou ela com os sucessivos gabinetes dos diversos ministros da Educação<sup>448</sup> que a pasta teve durante a vigência da revista? De que forma são apreciadas as diversas medidas tomadas?

A resposta a esta e muitas outras perguntas que pudéssemos fazer pode vir a revelar-se da maior simplicidade. Juntemos alguns dados da vida pessoal da directora de *Os Nossos Filhos* que em 1940 fixara residência em Lisboa, embora o marido tivesse sido colocado no Tribunal do Seixal. Maria Lúcia Vassalo Namorado fizera aquilo que ela própria considerava um “casamento desigual”<sup>449</sup>. Ela sofrera a “(...) mais dolorosa experiência da luta feminina pela sua emancipação (...): a sofrida pelas mulheres-domésticas da classe média, educadas pelos pais ‘para o casamento’. Sendo na sua juventude *meninas prendadas*, capazes de garantir uma boa organização doméstica; capazes de um convívio neutro com pessoas mais ou menos cultas, essas *meninas prendadas* são, geralmente, procuradas por intelectuais, para o casamento, que, dessa

---

<sup>448</sup> À data de saída do primeiro número da revista *Os Nossos Filhos* era ministro da Educação Mário de Figueiredo, prof. da Faculdade de Direito de Coimbra que ocupa o cargo até 1944. Seguir-se-á José Caeiro da Mata de Set. 1944 até Fev.1947, Fernando Andrade Pires de Lima até Jul. 1955, Francisco de Paula Leite Pinto até Maio1961 e Inocêncio Galvão Teles até Ago. 1968 (Carvalho, imp. 1986).

<sup>449</sup> Artigo com o mesmo título, escrito por Rosa de Castro em *Jornal Magazine da mulher*. N.º 48 e seguinte. Março 1955. p. 3.

maneira resolvem, comodamente, os seus problemas físicos e domésticos. Eis o ponto de partida para os mais variados infortúnios na luta desigual para a emancipação feminina. A mulher-doméstica (...) é sonhadora e romântica. Isolada da realidade e afastada da luta para a conquista do pão de cada dia, vê no primeiro homem que a olha o realizador de todos os seus sonhos: ser querida, ser amada, ser a *única* preocupação do homem a quem se vai ligar. Se para ela aquele homem representa o vasto mundo com todos os seus prazeres e tormentos, entende que o mesmo deve pensar o companheiro que *a escolheu entre tantas*. A queda destas regiões impossíveis é inevitável. (...) Se é um egoísta o companheiro que lhe coube em sorte na caprichosa lotaria biológica que regula a conservação da espécie humana, a barreira que os separa torna-se gigantesca e isso é tristemente deplorável, porquanto a sua cegueira só o vê *a ele* e sempre *a ele*. (...) A mulher-doméstica debate-se na mais estreita limitação. Ou arma extensas e infecundas discussões ou aceita, impotente, o jugo conjugal e não resolve o problema da felicidade. Não compreende que o homem (...) é também uma vítima da sua falsa educação, do ambiente em que foi criado (...)”O artigo remata esta primeira fase sobre os defeitos de um casamento desigual concluindo que o que “(...) o homem deseja é uma mulher que *saiba cozinhar* e que *cuide dos filhos*(...)”(Castro, 1955. p. 3).

Podemos deduzir que aqui reside uma das razões que a leva a fundar a revista: ela não quer que outras mulheres, como ela, vivam nessa permanente contradição entre o que lhes disseram que *deviam fazer* e o que a realidade as *obriga a fazer*. Mas outras razões podem ser acrescentadas: o salário do marido é curto como era normal em funcionários públicos<sup>450</sup>; tinham já três filhos: Fernando e Luís, nascidos, respectivamente, em 1933 e 1935 e Rui Manuel, que nascera já em Lisboa, em 1940; a vida está cara; os filhos estão a necessitar de frequentar um, o liceu ou a escola técnica, o outro a escola primária e, em breve, o jardim infantil para o mais pequeno. Porém, cremos que a causa mais próxima que a fez enveredar pela revista e, a mais forte de todas, foi que em Janeiro, Março, Maio, Junho, Agosto e Setembro de 1942, assim como em Setembro de 1943 e em Agosto e Setembro de 1944 o marido “(...) não recebeu quaisquer vencimentos (...) por não ter havido movimento no Tribunal do Seixal pelo que também não recebeu emolumentos(...)”<sup>451</sup>.

---

<sup>450</sup> Um ano depois da revista *Os Nossos Filhos* ter terminado, em 1959, o salário ilíquido do marido não chegava ainda a três mil e quinhentos escudos (Ministério da Justiça. Arquivo da Direcção-Geral da Administração da Justiça – *Processo de Joaquim Jerónimo da Silva Rosa*. 1ª Secção- 247. Caixa 18).

<sup>451</sup> Doc. datado de 11-6-1967. Ministério da Justiça. Arquivo da Direcção-Geral da Administração da Justiça – *Processo de Joaquim Jerónimo da Silva Rosa*. 1ª Secção- 247. Caixa 18.

De início, quando começou seriamente a pensar em fundar uma revista “(...) ainda propôs a João Pereira da Rosa se não gostaria de publicar como que um complemento do *Modas & Bordados* que tratasse única e desenvolvidamente de *Os Nossos Filhos* mas a resposta foi negativa(...)” (Leitão, 1999. p. 23) e foi por essa razão que pensou que só com uma publicação sua poderia enfrentar, assim o julgava, as dificuldades económicas que a vida lhe apresentava. Muitos anos mais tarde, ao ser questionada sobre este mesmo assunto ela explicitará, ainda de forma muito mais simples e evidente, as razões menos economicistas que a moveram: “(...) “(...) Eu tive sempre um grande interesse pelas crianças. O meu pai gostava muito de crianças (...) Quando me casei e fui para Penacova, comecei a ter um contacto muito grande com a população, mais do que tinha na minha terra, e comecei a ver os disparates que lá se faziam, a todos os níveis e em todos os assuntos, com as crianças. Aquilo incomodava-me muito e eu não sabia o que é que havia de fazer. Vim para Lisboa e julgava eu que na cidade aqueles erros não se praticavam. A pouco e pouco fui vendo e vi que afinal os erros praticados por uns, devido á pobreza, eram os erros praticados pelos outros pela ignorância e era preciso educar aqueles que tinham o suficiente para serem educados. Sabiam ler, podiam comprar livros, ler coisas que lhes interessasse, que os educasse. Foi assim que eu resolvi fazer a revista. Eu não conhecia a maior parte das pessoas, mas eu era atrevida. Escrevia a todas as pessoas fossem mais importantes ou menos importantes, isso não me interessava. Escrevia e todos me escreviam muito bem, os melhores médicos os melhores professores, os melhores escritores, as melhores enfermeiras colaboravam comigo (...). Fazia inquéritos, mandava questionários a este e aquele (...)” (Borges. 2003. p. 205). De forma muito mais simples, Maria Helena Rosa Torres Peres de Seixas explica o início da revista: “(...) Maria Lúcia Vassalo Namorado saiu de *Modas* porque a revista não atingia a parte social, a defesa das mulheres(...) e a educação das mães, como ela pretendia(...)”. (Entrevista em 11 Jan. 2005).

Mas como iniciou Maria Lúcia Vassalo Namorado a sua revista? Com que investimento? O dinheiro foi-lhe dado pelo primo negociante em ferro e chapas (Entrevista a Teresa Alho, 9 Mar. 2002) que lhe emprestou o dinheiro para a revista<sup>452</sup> e para a *Editorial* que funda com o mesma designação da revista.

---

<sup>452</sup> Esse primo muito mais tarde viria a suicidar-se (Entrevista a Maria Cândida Caeiro, 10 Fev. 2004).

Por escritura feita em 20 de Abril de 1942, no cartório do notário Facco Vianna<sup>453</sup>, pelo ajudante do notário, José Maria Silveira da Mota, em Lisboa, foi “(...) constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada(...)” (*Escritura...* 4 p. dactilografadas In *Espólio*) /scanner/ entre António Júlio Vassalo e Maria Lúcia Vassalo Namorado e Silva Rosa. Essa sociedade seria denominada *Editorial Os Nossos Filhos, Limitada*, com sede em Lisboa, na Rua Almeida e Sousa 25, 2º Esq., tendo “(...) por objecto a publicação de uma revista mensal e quaisquer outras obras literárias(...)”(Art.º 1º). O capital social, de cinco mil escudos, em dinheiro, era “(...) subscrito pelos dois sócios em partes iguais(...)” (Art.º 2º). Ambos os subscritores eram dados como gerentes mas a “(...) sócia Maria Lúcia Vassalo Namorado e Silva Rosa receberá pelos seus trabalhos literários o que for deliberado(...)” (Art.º 3º). Em documento manuscrito, de índole biográfica, escrito já no final da vida dirá que fora levada a criar a revista porque desde pequena a fazia sofrer a miséria e percebera que esta “(...) estava ligada á ignorância(...) não sendo esta exclusiva da gente pobre(...)”(Caixa 11. Maço 9). Ela própria reconhece que a época era má e que se lembrara do “(...) primo-irmão António Júlio Vassalo que era muito rico e um grande empresário. Falei-lhe no meu sonho: “Tu podes montar uma grande Editorial. Entre as tuas edições podes lançar uma revista assim e assim de que eu me ocuparei e que tu administrarás. É tão necessária essa revista!”. Ele compreendeu tudo rapidamente. A sua resposta foi: “ Não acredito em nada do que estás a dizer. Não é altura para lançar nenhuma Editorial. Mas não quero pensar que não singraste na vida porque te não dei a mão. O capital será tanto. É quanto perco. Mas olha que tu tratas de tudo. Não quero saber de nada. E não perco nem um tostão(...)” (Caixa 11. Maço 9).

Além deste incentivo inicial e de um constante apoio que foi sendo dado pelo primo a esta iniciativa (Entrevista a Maria Helena Rosa Torres Peres de Seixas, 11 Jan. 2005) o suporte financeiro para a revista virá também das assinaturas, das fotografias que publica na revista (quando não são oferecidas), dos livros que vende e das iniciativas que realiza assim como dos anúncios.

A revista *Os Nossos Filhos* dispõe de um espaço próprio, duas salas da casa instaladas no domicílio da directora. Teve apenas duas sedes: Rua Almeida e Sousa 25, 2º Esq. e Rua Infantaria Dezasseis, 69 2º, ambas na freguesia de Santo Condestável, em Lisboa,

---

<sup>453</sup> Maria Lúcia Vassalo Namorado tem indicação de ter “aberto sinal” apenas dois dias depois, em 22 de Abril de 1942, no escritório de M Facco Viana, bacharel notário na Rua do Crucifixo, nº. 50, em Lisboa. (Arquivo Rui Rosa).

próximo do Jardim Teófilo Braga, mais conhecido por *Jardim da Parada*<sup>454</sup>, local onde em 1920 tinha sido inaugurada a estátua de Costa Mota (tio), representando a *Maria da Fonte* “(...) uma figura mais mítica do que real, uma mulher de pistolas de prata na mão, capaz de perseguir os Cabrais em fuga até às fronteiras de Espanha(...)”<sup>455</sup> /scanner/. Na Rua Almeida e Sousa “(...) dispúnhamos de duas divisões, as da frente, para a revista. Tinha ainda um quarto interior com uma mesa grande. A entrada era a da casa. Apenas com um corredor com uma porta(...). Mudámos para a Infantaria 16 por causa da revista e aí tínhamos entrada independente, com 3 divisões. A directora tinha uma empregada doméstica e dava as ordens antes de vir para o Gabinete dela; só se havia alguma coisa, a empregada podia interromper(...)” (Entrevista a Maria Helena Rosa Torres Peres de Seixas, 11 Jan. 2005).

A mudança de instalações da primeira para a segunda localização é anunciada em *Os Nossos Filhos* (ONF, Set. 1945). A sede da revista era também a morada de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Em duas divisões da sua casa ela dirigia aquela publicação. Trabalhar dentro de casa, de forma a apoiar a família tinha sido uma opção da directora da revista mas, por desabafo seu, sabemos que dela se virá a arrepender. Em texto em que reflecte sobre as profissões femininas dirá que é costume as pessoas pensarem, “(...)vulgarmente, que a melhor profissão para a mulher é a que ela pode exercer na sua própria casa. Diz-se que, desta maneira, ela não abandona o lar, sabe tudo o que se passa, continua vigiando os filhos, e as criadas, se as tem... Também já encarei assim o problema, quando era muito nova e inexperiente. Hoje, talvez porque sempre tenho podido exercer a minha profissão sem abandonar o lar, penso doutra maneira. Não há mulher, não há ninguém que possa, sem grave prejuízo do seu equilíbrio físico, mental e nervoso, atender, simultaneamente, durante meses e anos, no mesmo ambiente carregado de trabalho e preocupações, os filhos, o marido, a casa, o pessoal, e os deveres profissionais. Só excepcionalmente a mulher pode isolar-se na sua própria casa. Mas as excepções não contam, e, isolando-se, também não vê o que se faz... Regra geral, é com os filhos à sua volta, com a criada a pedir-lhe explicações, com o marido a chamá-la, que a mulher que «trabalha» em casa, exerce a sua profissão. Nestas condições, ela acaba por não atender convenientemente coisa alguma, e, pior do que tudo, acaba por azedar o seu temperamento e tornar desagradável a atmosfera da sua

---

<sup>454</sup> Cf. Foto tirada em Outubro 2004. Um deles, o n.º 69, apenas conserva o número numa coluna porque o prédio foi demolido e passou a fazer entrada pela rua lateral; o outro ainda lá está.

<sup>455</sup> Cf. Texto de Rui Tavares na brochura: Câmara Municipal de Lisboa (2005) - *Agenda Lx Junho*. p. 98



casa. Milagres, só os santos. Não há, repito, resistência física, nervosa, e mental, triunfem tal excesso de trabalho e em tais condições. Com pequenas variantes, esta é a situação da mulher que «trabalha em casa». Muitas vezes, e favorecida pelo carácter da profissão, ela consegue manter a casa em ordem e o ambiente seu calmo; mas à custa dum esforço prodigioso, que dentro de pouco tempo a arrasa (...)» (ONF, Dez. 1947).

Na freguesia onde mora, ela faz muito do trabalho rotineiro da revista. Aí erguia-se também, desde 19 de Março de 1909, o *Colégio Salesiano de S. José*<sup>456</sup> em cujas oficinas Maria Lúcia Vassalo Namorado mandou imprimir as folhas onde anuncia a *Escola de Noivas e Donas de Casa*, como veremos.

Também nessa freguesia funcionava a *Agência Portuguesa de Revistas*<sup>457</sup> que será representante da Revista.

#### 4.1.4.2 Origem do título:

Em 1 de Junho de 1942 saiu a público o primeiro dos 205 fascículos que compõem a colecção completa de *Os Nossos Filhos*. Uma das primeiras questões que sobre ela nos colocámos foi: que razão esteve subjacente à opção por este título? Não encontrámos, até agora, qualquer justificação para essa escolha. Após consulta da *PORBASE - Base Nacional de dados bibliográficos* constatámos existirem aí cinquenta e nove títulos em que estava contida tal expressão. De todas as obras assim referenciadas houve um grupo de três livros que chamou a nossa atenção, a saber: um, publicado por Virgínia de Castro e Almeida<sup>458</sup> (1876-1945) com primeira edição em 1908, intitulado *Como devemos criar e educar os nossos filhos*<sup>459</sup>, um outro de António de Sena Faria de Vasconcelos e Azevedo (1880-1939), de 1936, intitulado *A escolha da carreira para os nossos filhos*<sup>460</sup> e finalmente um outro livro *Contos para os nossos filhos*<sup>461</sup> compilado por Maria Amália Vaz de Carvalho e António Cândido Gonçalves Crespo.

---

<sup>456</sup> Mais conhecido por “Oficinas de S. José”. Cf. *Boletim da Junta de Freguesia do Santo Condestável*. N.º 3 Out-Nov. 1990.

<sup>457</sup> Cujo edifício em 1990 pertencia à Câmara de Falcões. Cf. *Boletim da Junta de Freguesia do Santo Condestável*. N.º 3 Out-Nov. 1990, p. 4.

<sup>458</sup> Autora que Maria Lúcia Vassalo Namorado conheceu e de quem cita o primeiro texto sobre educação feminina no jornal *Notícias de Penacova*, como vimos já neste capítulo.

<sup>459</sup> Publicado pela Clássica Editora, do Porto, terá uma edição completamente modificada e revista em 1934.

<sup>460</sup> Publicado em Lisboa, pela Clássica Editora, na Colecção de Cultura Pedagógica.

<sup>461</sup> Com ilustrações de Cristiano Carvalho e Irene Mariães (a mesma ilustradora que faz o desenho de um postal ilustrado que Elina Guimarães envia a Maria Lúcia Vassalo Namorado), publicado no Porto, por

Maria Lúcia Vassalo Namorado conhecia bem Virgínia de Castro e Almeida, a autora de *Como devemos criar e educar os nossos filhos*, obra escrita em 1908, e que teve uma edição completamente modificada e revista em 1934, e nela se abordam os temas da higiene e tratamento das crianças de peito, da educação física, intelectual e moral das crianças e se considera que mulher não está preparada para a educação dos filhos (Barreira, 1994. p.52) tal como ela queria fazer na sua revista.

Se foi aqui que Maria Lúcia Vassalo Namorado recolheu a ‘inspiração’ para o título da sua mais importante obra ou se foi apenas consequência de ter ela própria, em 1942, três filhos rapazes é uma questão a que não podemos responder.

Não podemos hoje saber até que ponto o título da revista foi bem aceite pelas leitoras. Temos apenas uma única entrevistada que alude a esse aspecto, dizendo: ”(...) Eu não gostava do título da revista. À época era um pouco, como se diria hoje, ‘piroso’ mas também me irritava o nome do colégio *Avé Maria*, porque este era muito jesuítico (...) Gostava da revista e gostava dela /da directora/. O nome da revista fazia lembrar uma irmandade das mães; e os pais? (...) Maria Lúcia estava muito ligada à ideia de que a mulher estava só. Ela queria os filhos e não o homem, o masculino (...). A revista estava ligada só às mulheres, mais simbolicamente só para as mães. Como se estas fossem independentes dos maridos (...). *Os Nossos Filhos* era uma irmandade. Maria Lúcia conseguiu agrupar muitas mulheres à volta da nova revista dela e da educação que ela preconizava (...) Ela dizia que a mulher da província não olha, espreita; não encara, vive da convenção que os outros nos impõem. Quem não tem medo vai mais além do que quem o tem (...)”<sup>462</sup>.

Em *Os Nossos Filhos* existe ainda e apenas uma referência a uma revista estrangeira à qual esta se comparava: a «THE NURSERY WORLD» de Londres que lhes fizera uma visita e que tem “(...) para *Os Nossos Filhos* palavras de simpatia que muito agradecemos. É uma das muitas revistas para os Pais que se publicam em Inglaterra (...)” nos artigos e secções de muito interesse, para todos os que se dedicam à criança (...)” (ONF, Ago. 1943)

---

Manuel Barreira, cuja 115ª edição com Depósito Legal de 1956 mostra bem o sucesso da obra. Maria Amália Vaz de Carvalho escreve ainda *Mulheres e Crianças, Cartas a Luiza, Crônicas de Valentina. Cartas a uma Noiva. Arte de Viver na Sociedade. As Nossas Filhas, Cartas à Mães*, obras em que a educação feminina é o tema de fundo.

<sup>462</sup> Entrevista a Cecília Menano em 9 Fev. 2004.

#### 4.1.4.3 Periodicidade e Periodização da revista

Como temos vindo a referir, a revista *Os Nossos Filhos* teve periodicidade mensal, entre Junho de 1942 e Dezembro de 1958. Entre Dezembro de 1959 e Dezembro de 1964 foram publicados mais seis fascículos, com periodicidade anual. Os números anuais tinham apenas 4 páginas. A partir de Agosto de 1951 o número de páginas da revista havia sido reduzido de 34 páginas para 30.

Ao perflustrar a revista verificamos que ela muda constantemente de aspecto gráfico<sup>463</sup> e apresenta, ainda que grosseiramente definidos, três ciclos de vida: um primeiro que vai do número um ao final do ano de 1945, um segundo, dessa data a 1958 e um último correspondente aos anos de 1959 a 1964, data do último número da revista.

Se a primeira destas etapas apresenta a revista muito voltada ainda para uma forma de apresentar os assuntos que nos lembra com frequência *Portugal Feminino*, na segunda é visível uma opção assumidamente crítica e militante, mas discreta, do regime vigente. A fase final é a da derrota do projecto encetado em 1942. Como veremos no capítulo final da conclusão da biografia de Maria Lúcia Vassalo Namorado, se exceptuarmos a colaboração que tem em *Diário de Lisboa*, as muitas outras actividades a que se dedicou dos anos 60 em diante poucos elos de ligação estabelecem com *Os Nossos Filhos*.

#### 4.1.4.4 Tipografia, Tiragem e número de assinantes

A revista *Os Nossos Filhos* foi sempre impressa na *Bertrand & Irmãos*, na Travessa da Condessa do Rio, em Lisboa, uma empresa familiar gerida por “(...) três homens irmãos, filhos de um homem que veio da Galiza, penso que era tipógrafo, criou os três filhos e cada um especializou-se numa coisa, um tratava da parte administrativa, outro tratava da parte gráfica, o outro já não me lembro, e não sei porquê, aquela casa deu-me crédito absoluto. Nem eu os conhecia nem eles a mim, mas deu-me todo o crédito e eu ia publicando, eles mandavam-me a conta eu ia pagando, mas hoje não podia pagar tudo, ficava ‘x’ para o mês seguinte, quer dizer, eu fui acumulando uma dívida que cheguei a uma certa altura que disse, pronto não posso mais, porque não vou deixar uma dívida para os meus filhos pagarem, eu quero pagar a dívida. Fiz o possível para a manter mas não fui capaz. Não acabei com ela, a minha dívida. Suspendi-a.

---

<sup>463</sup> Cf. números de Jun. 1944, Jun. 1948, Jun. 1949, Nov. 1954, Mar. 1955, Abr. 1955, Maio 1955 entre outros.

Suspendi a revista e empreguei-me para ganhar alguma coisa e ir pagando a pouco e pouco(...)" (Entrevista a Maria Lúcia Vassalo Namorado, em 20 Jan.1998. In Borges. 2003. p. 199).

A documentação que nos chegou e que se encontra no *Espólio* assim como a não existência de informações fundamentais na própria revista sobre a tiragem não nos permite saber qual a que foi feita de cada número da revista *Os Nossos Filhos*.

Do *Concurso dos brindes*, a que nos referimos mais adiante neste capítulo, no carimbo da contracapa, podemos ver que, em Novembro de 1955, ainda havia, pelo menos, 3855 assinantes uma vez que é esse o número que se vê no referido carimbo nela aposto.

No *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* existe um pequeno bloco de notas manuscrito (*Concorrente*. Caixa 21. Maço 2) onde estão anotadas, as entradas e saídas de revistas entre 27 de Jun. de 1953 e 3 de Setembro de 1954. Do ponto de vista administrativo é um documento interessante uma vez que, da sua leitura diversos dados sobre *Os Nossos Filhos* podem ser sistematizados. Com eles elaborámos o quadro seguinte:

Quadro nº:25. Entrada e saída mensais de *Os Nossos Filhos* :

n.º	Total exemplares	Data entrada	Data saída
134	4500	9/7/53	10/7/53
135	4400	6/8/53	8/8/53
136	4396	7/9/53	8/9/53
137	4400		9/10/53
138	4400	10/11/ 53	11/11/53
139	4400	11/12/ 53	12/12/53
140	4400	13/1/ 54	
141	4400	10/2/ 54	11/2/54
142 <sup>464</sup>	4400	15/3/ 54	16/ 3/54
143	4400	9/4/ 54	10/4/54
144	4400		10/5/54
145	4400		
146	4400	7/7/54	8/7/54
147	4200		10/8/54

---

<sup>464</sup> [está riscado por cima e tem inicial]: F.

Apesar de termos só os dados relativos a catorze dos duzentos e cinco fascículos da revista, é possível concluir que a revista foi diminuindo a tiragem entre Julho de 1953 e Agosto de 1954, ou seja, num ano foram produzidos menos 300 exemplares.

Outro dado que podemos reter é que a revista que era suposto sair no primeiro dia de cada mês, vai saindo com um atraso de mais de 8 dias. Com o rigor que a caracterizava, queria que a revista fosse “(...) expedida pontualmente para todos os nossos assinantes(...)”. Poucos meses depois do início dessa publicação, tendo recebido informações de que assim não acontecia, dará uma sugestão aos(as) leitoras(es): “(...) temos verificado alguns atrasos e extravios, de que não nos cabe a responsabilidade(...) sempre que (...) não recebam a nossa Revista, o mais tardar até ao dia 3 de cada mês, é favor fazerem a sua reclamação para a nossa Redacção(...)”(ONF, Set. 1942).

Apesar desta enorme vontade de tudo fazer com qualidade, em Dezembro de 1942 o número desse mês “(...) por motivo de força maior (...) sai com um atraso de 2 dias (...) uma falta involuntária que segundo esperamos, não se repetirá (...)” (ONF, Dez. 1942).

As queixas devida à tardia recepção da revista voltam a ser objecto de esclarecimento em Março de 1943: “(...) nossos assinantes queixando-se de que não recebem a nossa revista, ou a recebem muito atrasada. Mais uma vez informamos que a nossa Revista segue, pontualmente, no dia 1 de cada mês para todos os assinantes, e que portanto não somos culpados dos atrasos e extravios verificados. Agradecemos que os nossos assinantes nos previnam, sempre que não recebam a Revista pontualmente. Mas, porque também acontece algumas pessoas só se queixarem dois e três meses depois da data da publicação da revista extraviada, e porque quase todos os números se têm esgotado, prevenimos que futuramente não atenderemos reclamações passados 30 dias sobre a data da Revista em questão (...)” (ONF, Mar. e Jun. 1943).

Em 1946 pedirá novamente desculpa pelo atraso: “(...) Por motivos estranhos à nossa vontade, o presente número de «Os nossos Filhos» sai com alguns dias de atraso, o que muito nos contraria, e pelo que pedimos mil desculpas aos nossos estimados assinantes, leitores e colaboradores(...)” (ONF, Out. 1946).

Quanto ao problema dos extravios também a ele se refere Maria Lúcia Vassalo Namorado quando afirma que: “(...) a nossa Revista é enviada, pontualmente, no dia 1 de cada mês para todos os assinantes. Infelizmente, todos os meses se verifica que muitas Revistas não chegam ao seu destino. A culpa não é nossa. Quando um assinante não receba a Revista, o mais tardar até ao dia 6. Deve informar-se junto dos funcionários do correio se não o teriam enviado por engano para outra pessoa. Não aparecendo o

número, extraviado, devem enviar essa comunicação dentro do mês a que dizem respeito...Fazem as reclamações 2 e 3 meses depois; futuramente não atenderemos reclamações que não sejam feitas dentro de 30 dias, como acima dizemos (...)” (ONF, Ago. 1949).

Da leitura da correspondência no *Espólio* verificamos que será também nestes anos 50 que um maior número de senhoras escreve pedindo para deixar de ser assinante de *Os Nossos Filhos*.

Seguindo neste mesmo bloco de notas manuscrito (*Concorrente*. Caixa 21. Maço 2), o ‘percurso’ de um dos fascículos da revista, ou seja, o número 134, de Julho de 1953, podemos concluir ainda que:

. desse número haviam dado entrada 4500 exemplares na sede da revista, em 9 daquele mês de Julho.

. no dia seguinte iniciara-se a sua distribuição, feita da seguinte forma: 1484 exemplares para assinantes, 1982 para agentes da província, 605 para agentes de Lisboa, 66 para ofertas, 43 para colaboradores, 15 para permutas, 30 para publicidade à unidade, 4 para a directora, 1 para o Serviço, 3 para o Arquivo, 2 para Empregadas e 2 para a Censura, num total de 4237 exemplares distribuídos.

. como se vê, havia já uma diferença entre o número de exemplares recebidos da tipografia para distribuição – 4500 - e o número realmente enviado - 4237 exemplares. Ainda de acordo com o registo manual conservado neste pequeno bloco, foi de 620 o número de exemplares que, só do número 134, foi devolvido novamente à sede da revista, sendo que 249 desses exemplares foram devolvidos entre 10 de Setembro e 29 de Outubro de 1953.

Sobre este assunto, dirá Maria Lúcia Vassalo Namorado: “(...) a tiragem era muito pequena o máximo que eu atingi foram 5 000 (cinco mil), depois foi baixando, 4500, 3500, 3000, chegando às 3 mil já se perdia dinheiro (...) (Borges. 2003. p. 200). Como se compreende, o prejuízo começara a instala-se paulatinamente e a revista nunca viveu com desafogo.

Não podemos saber qual o número exacto de assinantes que teve a revista *Os Nossos Filhos* durante a sua relativamente longa existência. A sua identificação assinantes não será possível uma vez que, nos documentos que sobre a organização burocrático-administrativa se encontram no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* não temos nenhum em que possamos compreender como era feita a gestão dessa área da revista. Sabemos apenas que a cada assinante era atribuído um número sequencial e os

verbetes nominais arquivados alfabeticamente, separados por tipo de assinatura: anual, semestral ou trimestral à qual se juntava uma arrumação por concelhos (Entrevista a Maria Helena Torres Peres de Seixas, 15 Março 2005). É ela que nos diz:“(…) Havia uns verbetes em cartolina parda, com linhas para nome da pessoa, e datas dos pagamentos: trimestrais, semestrais e anuais. Estavam organizados por cidade de Lisboa e província; para aí, era por concelhos, cidades, vilas, aldeias. Dentro de cada uma era por ordem alfabética dos nomes das assinantes. Cada três meses as assinaturas eram conferidas(…) o número de assinante era atribuído sequencialmente e a correspondência organizada em caixas arquivadoras furadas(…). A correspondência recebida era sempre vista por Maria Lúcia Vassalo Namorado(…) e arrumada por mim(…)”.

Em muitas das cartas reunidas no referido *Espólio* as(os) assinantes identificam-se com o número que lhes fora atribuído mas que significado tem dizer, por exemplo, que a assinante Maria da Purificação Antunes da Silva, de Venda Seca, Belas tinha o número 5319 (Carta de 21 Ago. 1950. Caixa 21. Maço 1) uma vez que, como já escrevemos, a atribuição de um número sequencial, tendo em conta o número elevado de cartas e postais dos Correios em que se dá conta da vontade de suspender assinaturas, renovar algumas que haviam assim sido interrompidas, não nos deixa ver o número total de assinantes?

Do mês de Fevereiro de 1943 é a primeira, também de muitas outras notícias, em que começamos a perceber as dificuldades com que a revista se debate: pela primeira, mas não última vez, Maria Lúcia Vassalo Namorado apela ao aumento da tiragem da revista ou seja, pede a cada leitor(a) que arranje outra(o): “(…) Se cada assinante arranjasse outro, assim sucessivamente, dentro de pouco tempo «Os Nossos Filhos» teria alargado consideravelmente a sua expansão tornar-se-ia muito mais acessível. Ninguém se sacrificaria: não custa mostrar às amigas uma revista bonita, recheada de brilhante colaboração científica, pedagógica, literária e artística, onde se encontra tudo o que interessa aos Pais, sobretudo às Mães: as lições do médico e do educador; o conto, a poesia e o passatempo; o figurino, o bordado, a renda, os móveis, as receitas úteis, etc.. Não custa encarecer a vantagem de possuir esta obra singularmente encantadora, que educa e distrai, séria sem aridez, graciosa sem frivolidade. Ah! Se a tiragem aumentasse, aumentasse...Então, sim, a Revista já poderia ir a quase toda a parte e depois... Que belas coisas poderíamos realizar! (...)” (ONF, Fev. 1943).

Durante vários anos, começando quase logo após o ano em que Norton de Matos não ganhara as eleições, muitos serão os ‘desabafos’ na revista em que se pede

insistentemente para que as leitoras e assinantes ajudem a aumentar a tiragem de *Os Nossos Filhos* como se constata no número de Fevereiro de 1949: “(...)SE «OS NOSSOS FILHOS» ATINGISSEM A TIRAGEM DE MUITOS MILHARES DE EXEMPLARES, DISTRIBUIRÍAMOS ALGUNS MILHARES GRATUITAMENTE PELAS MÃES QUE DESEJAM MAS NÃO PODEM COMPRÁ-LA. AQUI ESTÁ UMA INICIATIVA QUE DEPENDE DOS NOSSOS LEITORES<sup>465</sup> (...)” (ONF, Fev. 1949). O pedido para que as leitoras ajudem a aumentar a tiragem da revista podia ter ainda como consequência a possibilidade de fazer chegar a revista, por oferta, àquelas leitoras que gostavam de a ler mas a quem os rendimentos não o permitiam.

#### 4.1.4.5 Administração

##### Direcção

Com técnicas e meios rudimentares, Maria Lúcia Vassalo Namorado tinha já a percepção, hoje incontestável, de que, a imprensa era um meio privilegiado de exercer influência sobre os(as) leitores(as). Do ponto de vista empresarial, ela era uma editora liberal. Como refere David Ferreira “(...) um editor que se preze tem que ser, no sentido político, um liberal. Um editor é uma pessoa que só faz sentido se viabiliza a afirmação de expressões (...) diferentes, de pontos de vista diferentes(...)”<sup>466</sup>.

A direcção da revista, tarefa que Maria Lúcia Vassalo Namorado assumia sozinha, era uma tarefa pesada uma vez que era ela que tinha de se ocupar de tudo: desde os contactos com as(os) colaboradores(as) o que hoje ficaria a cargo da produção, à redacção e correcção dos artigos uma vez que as senhoras e eles lhe pedem para que veja se estão de acordo com o que ela pretende para a revista, fazia algumas das reportagens e tinha que fazer só, como ela refere (Borges. 2003. p. 214) a composição, gravura, titulação, revisão de provas, paginação, expediente e secretaria, embora nestas duas últimas tarefas fosse ajudada por funcionárias(os) da revista.

Recebiam milhares de cartas como se pode ver no *Espólio* e, na maior parte das vezes, é Maria Lúcia Vassalo Namorado que responde a elas ou, se não o faz dá as indicações precisas sobre o que responder.

---

<sup>465</sup> Em maiúsculas, no original.

<sup>466</sup> David Ferreira em entrevista a *Diário de Notícias: DNA*. N.º 344. 5-7-2003. p. 13. A sogra do editor da Emi -Valentim de Carvalho, é Ema Mercês de Melo, uma leitora e assinante da revista *Os Nossos Filhos*. Dois dos filhos desta senhora tiveram fotografia publicada no n.º 129. de Fevereiro 1953.



Como tinha acontecido com ela que fora delegada da revista *Portugal Feminino* /scanner/ em Torres Novas, também *Os Nossos Filhos* vai contar com delegadas em diversas localidades mas na revista não encontramos qualquer referência a esta situação, excepto numa única carta do *Espólio* em que, ainda antes da publicação do primeiro número da revista, uma senhora lhe dirá :”(...) agradeço carta e amável convite para delegada da vossa revista neste concelho e lastimo não poder aceitar para mim tão honroso cargo. Resido há poucos meses nesta região e meus conhecimentos e relações são nulos. Presente/mente vivo em S. Jacinto, uma ilha onde há apenas duas famílias civilizadas, raramente vou a Aveiro...peço que desde já me considerem assinante...e toda colaboração que me seja possível...brevemente mandarei endereços de famílias algarvias a quem possa interessar a revista (...)” (Carta de Luísa Maia de Ataíde. S. Jacinto. 14 de maio 1942. Caixa 30. Maço 3).

A direcção da revista como vimos, esteve sempre a cargo de Maria Lúcia Vassalo Namorado. No *Espólio* podemos ver o ordenado auferia na publicação pois que algumas folhas de pagamento são ali guardadas e que dão conta que aquele pagamento era pelo seu “(...)trabalho de direcção, colaboração escrita, revisão, orientação de publicidade, administração, representação(...)” (Colaboração de Maria Lúcia Silva Rosa. Caixa 22. Maço 4). Desses dados deixamos aqui um pequeno resumo:

Pagamentos	Datas
1630\$98	Abril e Maio 1942
1223\$70	Junho de 1942
1223\$70	Junho 1943
1458\$50	Janeiro 1947
1948\$00 <sup>467</sup>	Fevereiro 1953 a Março 1957
969\$00	Outubro 1958

Em Caixa diversa do *Espólio* encontramos também a referência a pagamentos de colaboração a Joaquim Silva Rosa, o marido, por colaboração na área administrativa nos números de Março 1945 e Janeiro de 1947 (293\$70), de Novembro de 1952 (734\$20) e de Janeiro e Fevereiro de 1953 (734\$20) (Colaboração de Joaquim Silva Rosa. Caixa 24. Maço 5). O filho mais velho, Fernando Rosa que ainda hoje guarda alguns dos documentos da revista, também foi remunerado pela colaboração que ali deu á parte administrativa como podemos verificar (Caixa 22. Maço 4):

---

<sup>467</sup> A colaboração era de 2000\$00 ilíquido a que havia de retirar: Imposto de desemprego 2%- 40\$00+ 10\$00 para Sindicato + 2\$00 de selo, num total de 52\$00 de descontos.

Pagamentos	Datas
374\$60	Gratificação - revista Ago. 1949
195\$80	Março e Novembro 1952
293\$70	Fevereiro 1953
489\$50	Novembro 1953 e Janeiro 1954 a Dezembro 1955 (não sequencial)
97\$90	Janeiro a Novembro 1956

O salário da directora da revista não era muito elevado embora estivesse acima da média de muitos outros auferidos por profissionais da educação e funcionários da administração, por exemplo. Como faz notar Fernando Rosas, em 1946 “(...) o vencimento médio mensal de um professor primário era de 750\$00, o professor liceal andava por 2400\$00, o empregado de escritório rondava os 1200\$00, um primeiro escrivão da função pública ou um funcionário corporativo ou de categoria equivalente auferiam ordenado não muito acima dos 1000\$00 (...)” (1995. p. 417).

### **Funcionárias(os)**

A primeira funcionária de *Os Nossos Filhos*, (cf. *Apêndice Cap. 4 - Biografias*) foi Maria Helena Rosa Torres Peres<sup>468</sup>. Nasceu em Campo de Ourique, em 1924 e fizera, no mesmo bairro, na Escola Machado de Castro, onde foi aluna de Maria Clementina Carneiro de Moura, o Curso de *Bordados e Rendas*, que terminou em 1941. Por ser rapariga, os pais não viram com bons olhos a sua vontade de fazer o Curso de Histórico-Filosóficas. Tendo estado durante um mês ao balcão de uma tabacaria, foi uma pessoa da família de Maria Lamas que lhe disse que a directora de *Os Nossos Filhos* andava à procura de empregada. Foi assim que começou a trabalhar na revista<sup>469</sup> em 1 de Junho de 1942, onde estava também, durante algumas horas diárias, Maria Cândida Caeiro, a filha mais nova de Maria Lamas. Como Maria Lúcia Vassalo Namorado também foi sócia do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* (cf. capítulo seguinte), ali entrando pela mão da directora de *Os Nossos Filhos*.

A maior parte dos documentos administrativos da revista está manuscrita, em folhas pautadas ou cadernos, em que as colunas eram traçadas à mão e os dados nelas escrupulosamente anotados. Esta parte do *Espólio*, como infelizmente muitas vezes acontece a este tipo de documentação, não foi totalmente conservada. Temos algumas

---

<sup>468</sup> Cf. Entrevistas em Bibliografia a este trabalho. Casou em 15 de Agosto de 1949. Desde então acrescentou um novo apelido - Seixas - ao nome de solteira.

<sup>469</sup> Do tempo em que trabalhou em *Os Nossos Filhos* recebe hoje uma reforma porque, em 1944 começou a descontar para a *Caixa dos Profissionais de Comércio*.

folhas de pagamentos a funcionárias(os) e sabemos que o número de funcionárias nunca foi superior a duas<sup>470</sup> embora houvesse outras mulheres e mesmo um ou outro rapaz que foram colaborando em tarefas específicas<sup>471</sup>. O quadro mostra os dados que podemos obter sobre este dado.

Quadro nº: 26. Empregadas(os)<sup>472</sup>

Data	Nomes	Vencimento líquido
Nov. 1951 Fev. e Out. 1953 Jan. 1954 Set. 1954 a Fev. 1958	Ilda Águas Marques	646\$80 <sup>473</sup> 739\$70 739\$70 entre 704\$00 e 740\$40 (não sequencial)
Novembro 1951	Maria Fernanda O'Neill	461\$00
Novembro 1951	Luís da Cruz Dias	301\$90
Maio 1948	Maria Antonieta de Melo Relvas	195\$
Jul. 1943 a Set. 1947	Maria Helena Peres	Entre 242\$20 e 647\$80
Jul. 1943 e Fev. e Abr. 1947	Rocilde Bernardino Santos	193\$00, 554\$90 e 647\$80
Jul. e Ago. 1943, Mar. e Jun. 1945, Fev. e Jun. 1947	Julieta Maria Pereira	161\$5 <sup>0</sup> , 190\$85, 307\$50, 336\$60, 443\$40 e 536\$30
Jun. 1945	Luís Pereira Jardim	220\$30
Mar. 1945	Helder Tibúrcio	195\$80
Fev. e Abr. 1957	Joaquim Faria Garcia	139\$20
Jan. e Fev. 1954	Maria Sofia Brás Coelho	235\$20 e 278\$70
Ago. 1954 a Nov. 1956	Rafael Duarte da Silva	185\$90 a 232\$10 (diversos meses e remunerações)

<sup>470</sup> A funcionária Ilda Águas Marques, que trabalhou em *Os Nossos Filhos* durante 14 dos 16 anos da revista não pode ser entrevistada, alegando razões de saúde.

<sup>471</sup> Muitas vezes, as funcionárias faziam tarefas para as quais não haviam sido contratadas. Se ir com os artigos à Censura era a tarefa de Rocilde, Maria Helena Seixas foi a autora dos desenhos de bordados para a revista de Agosto 1943. p. 21: bordado a ponto de cruz; tem outros no n.º de Set. de 1943: os números 4, 5 e 6; os desenhos eram todos feitos a tinta da China; Outubro de 1943, p. 20 tem restantes n.ºs até ao 9; e ia também fazer pagamentos a colaboradores como é o caso de António Boto, assim como de Branca Rumina (Entrevista a Maria Helena Rosa Torres Peres de Seixas, 15 Mar. 2005).

<sup>472</sup> Lista com título *Ordenado* (Caixa 22. Maço 4).

<sup>473</sup> Os vencimentos ilíquidos era, respectivamente, de 700\$00, 500\$00 e 325\$00, sendo-lhes descontado 1.5% para Imposto de desemprego + 0.5% para Caixa de Previdência, 3\$00 para Sindicato, apenas para as duas primeiras, 5% para Caixa de Previdência, num total de descontos de 53\$20 para a primeira, 39\$00 para a segunda e 23\$10 para o seguinte.

Jan., Abr. E Maio 1954	Luís Filipe dos Santos	232\$10, 139\$90 e 232\$10
11 dias de Abr. 1954, Maio a Jul. 1954	Víctor Manuel Alves	72\$20 e 185\$90
21 dias de Maio 1957	José Rodrigues Pereira	130\$00

Também através da documentação guardada no *Espólio* sabemos que o horário de trabalho em *Os Nossos Filhos*, apenas incluía o descanso semanal ao Domingo. Depois de 1945 o Sábado à tarde e o Domingo passam a ser de respeito obrigatório como se depreende do quadro seguinte: (Caixa 22. Maço 3)

Quadro nº: 27. Horário de Trabalho

25 Julho 1942	12 Fevereiro 1945
Abertura e entrada às 9h Encerramento e saída às 18 h Descanso das 12 às 14h Descanso semanal ao Domingo	Abertura e entrada às 9. 30h Encerramento e saída às 18 h Descanso das 13 às 14h Sábados: Abertura e entrada às 9h Encerramento e saída às 13 h Descanso semanal ao Domingo

### Destinatárias e Colaboradoras(es)

Como é natural, a própria revista *Os Nossos Filhos* é uma fonte preciosa de informações sobre a forma como se organizava, iniciativas que propunha, críticas que fazia, sugestões que dava, apelos que lançava às(aos) leitoras(es), etc. Etc. Ela pode vir ainda a ser fonte de muitas outras investigações em diversas áreas do saber. Neste momento interessa-nos apenas retirar desta fonte primária todos os dados que permitem, com a dificuldade que a distância impõe, reconstituir o quotidiano de uma publicação que se queria orientadora das Mães mais inexperientes. Por aí passam as campanhas de ‘propaganda’ que permitiam a sobrevivência, sempre aflita, da revista, os concursos que foram sendo promovidos, a publicação de fotografias de familiares ou amigos das assinantes e leitoras mais fiéis com o fim de as manter ‘presas’ a um meio de informação mensal e muitos outros estratagemas de que teve de se socorrer Maria Lúcia

Vassalo Namorado para manter e divulgar aquela que a própria considerava “a única revista educativa que se publica para os Pais”.

Há vários tipos de colaboradoras(es): aquelas(es) que são convidadas(os)<sup>474</sup> pela directora de *Os Nossos Filhos* para nela escreverem artigos mais teóricos, como os dos médicos e enfermeiras, aquelas(es) que são colaboradoras(es) permanentes da revista e, neste caso, estão muito poucas(os), as(os) que colaboram esporadicamente e também aquelas(es) que não sendo colaboradoras(es) têm artigos reproduzidos na revista mas depois de editados noutras publicações periódicas. Algumas das colaboradoras que o fazem esporadicamente respondem ao apelo que Maria Lúcia Vassalo Namorado lhes faz em particular como ela própria confessa: “(...) a assinante, a leitora que queria espontaneamente colaborar mandando um artigo, eu publicava ou não conforme o meu critério, e não pagava, mas todas as pessoas que eu convidei para escrever para a revista a todas paguei. Era muito pouco o que eu pagava. Não era sempre a mesma coisa, dependia da categoria das pessoas que escreviam, um Professor Catedrático não me atrevia a dar menos que 100 escudos, naquela altura, outros de outra categoria eu dava 50, também nunca ninguém discutiu o preço. (...)” (Borges. 2003. p. 200).

A revista insere inúmeros convites à participação das(os) leitoras(es), dizendo: “(...) todos os pais, os educadores, têm opiniões sobre a sua missão, os métodos educativos, a psicologia das crianças ou dos adolescentes, sobre tudo enfim que se relaciona com seus filhos ou educandos; têm igualmente «casos» a resolver, uns fáceis e agradáveis, outros dolorosos (...) Assim, nesta Revista fazia falta a opinião dos Pais e Educadores que, mesmo- sem terem uma preparação atestada por diploma, mesmo sem estarem habituados a escrever Para o público, podem, contudo, com a autoridade das suas próprias observações e experiências, aconselhar/ apresentar ideias e sugestões, contribuir, enfim, e eficazmente para que os outros Pais e Educadores atentem em certos problemas e resolvam com felicidade os seus «casos». Por isso, pedimos aos nossos leitores que considerem bem sua esta Revista, e nos enviem as suas sugestões e conselhos, em pequenos artigos que teremos o maior prazer em publicar (...)” (ONF, Mar. 1945).

Vejamos ainda muitas outras formas de incitamento das(os) leitoras(es) a colaborarem

---

<sup>474</sup> Não sendo médica ou enfermeira Guida Ottolini será convidada, como muitas outras senhoras, para colaboradora da revista pois ela própria escreve a agradecer tal convite: “(...)agradeço escolha para colaboradora efectiva da sua revista (...)” (Carta de 6 Maio 1942. Amadora. Caixa 21. Maço 2) que, para colaboração como desenhadora em páginas de bordados usa pseudónimo de *Ana Maria*.

com a revista:

Se é mãe: (...) converse connosco acerca dos seus Escreva-nos. Fale-nos deles de si. Conte-nos o que eles dizem: gracinhas e as manias, as preferências. E aversões desses pequenos senhores. E diga-nos o que pensa, como os educa, exponha-nos as suas descobertas e opiniões. O seu «caso», o “seu” alvitre interessa-nos sempre. Quando aproveitáveis e acertados, serão publicados. Quando merecedores de reparos, Dar-nos-ão ensejo que (...) talvez, nos não ocorressem,... Como vê, o nosso desejo é sempre o mesmo: ajudar as mães. E (...) pedimos, só isto: deixem-nos ajudá-las, oferecendo-nos o ensejo de o fazer(...)	05-1945
seria interessante que os leitores nos escrevessem dizendo "o que há" e "o que falta" nas suas terras, em matéria de protecção à Mãe e à Criança	12-1945
Todos os Pais, todos os Educadores, têm opiniões sobre a sua missão, os métodos educativos das crianças ou dos adolescentes, sobre tudo que se relaciona com os seus filhos ou educandos; têm igualmente casos a resolver, uns fáceis e agradáveis, outros dolorosos ou intrincados, e lembram-se de outros resolvidos, mal ou bem, com triunfos e derrotas. Ninguém como os Pais e Educadores, podem discutir o grande problema da Criança e da Adolescência, forque ninguém como eles possui a ciência prática, a observação directa da matéria viva. Assim, os Pais e os Educadores mesmo sem terem uma preparação atestada for diploma, mesmo sem estarem habituados a escrever para o público, podem, com a autoridade das suas próprias observações e experiências, aconselhar, apresentar ideias e sugestões, contribuir (...) para que os outros Pais e Educadores (...) resolvam com felicidade os seus problemas (...). Por isso, pedimos aos nossos leitores que considerem sua esta Revista, e nos enviem as suas sugestões e conselhos e em pequenos artigos que teremos o prazer de publicar (...)	03-1946
Mãezinha! Exerce uma profissão? Qual? Porque a exerce? Aonde ficam os seus filhos enquanto a senhora trabalha? Conte-nos o seu caso. Interessa-nos imenso. Seria interessante que os leitores escrevessem dizendo «o que há» e «o que falta terras, em matéria de protecção à Mãe e à Criança.	6-1946
Colabore connosco na defesa da Criança! Diga-nos o que há e o que falta, na sua terra, em matéria de protecção à Maternidade e à Infância. Digo-nos o que, pelo sua parte, está disposto o fazer.  Nenhum esforço é pequeno ou inútil. Nenhum português tem o direito de ficar indiferente perante este problema capital para o futuro da raça e da nação.	07-1946
interessa-se pelos problemas, infantis? Colabore connosco. Não sabe como? É muito simples: Leia atentamente «Os Nossos Filhos».  Analise por si próprio os problemas que aqui apresentamos. Divulgue o mais possível «Os Nossos Filhos», transmita, aos indiferentes o seu interesse pela Criança. Escreva-nos. Não sabe que há-de dizer?. Conte-nos, por exemplo: Os ditos, as perguntas e respostas de seus filhos e crianças que conhece; as suas reacções, preferências, aversões, e «birras»; dar-nos-á assim uma contribuição valiosa para o estudo da psicologia infantil. Conte-nos as atitudes de pais, professores, ou quaisquer outras pessoas, e as suas próprias, em relação às crianças; dar-nos-á oportunidade de esclarecer dúvidas, levantar e estudar problemas, combater erros. Conte-nos o que há e o que falta, na sua terra ou no seu bairro, em matéria de assistência à Mãe e à Criança; as suas palavras serão talvez a primeira pedra para essas obras a realizar, terão talvez o condão de acordar entusiasmos e dedicações adormecidas. Conte-nos o que viu e o que pensa acerca de tudo que se relacione com a Criança; mande-nos os seus	09-1947 e 06-1949

comentários, as suas críticas sinceras, sem outra preocupação que não seja a de contribuir para o bem da Criança portuguesa. Confie-nos as suas dúvidas e os seus poderemos talvez elucidá-lo, apresentar-lhe toes aceitáveis, úteis para si e para outros nas mesmas circunstâncias.	
Se tem filhos ou (...) se convive com crianças e adolescentes escreva-nos contando as suas observações, a maneira como resolveu os peq. Ou grandes problemas que surgiram...a sua experiência pode ser muito útil aos outros pais ou educadores...Dê-nos a possibilidade de aqui a apresentarmos, quer se trate de êxitos ou fracassos pois todos os ex. podem servir de lição	09-1952
Leitora! Trabalhe para que na sua seu bairro se crie uma instituição de assistência materno-infantil, bem organizada é capaz de atingir com eficácia o fim que se pretende. Por exemplo: obra no género da Fundação de Assistência Materno-Infantil ou do «Centro de Enfermagem e Assistência a Maternidade e Infância». Se está interessada, escreva-nos neste sentido.	06-1953
se tem filhos, se se dedica ao ensino, se cuida de crianças, ou simplesmente se se interessa por elas, escreva-nos, colabore na nossa Revista. Não sabe como? - Apresente-nos os suas sugestões, as suas ideias; exponha-nos o seus problemas, as suas dúvidas, os seus triunfos e os seus fracassos - Diga-nos como reagem as suas crianças; conte-nos as suas atitudes, as suas perguntas, respostas e comentários. - Diga-nos como Vivem, e o que fazem, as crianças do sua terra ou do seu bairro. - Mande-nos fotografias de crianças—as suas crianças e as outras — em actividade: crianças brincando, estudando, trabalhando, fotografias .«vivas», flagrantes, que sejam de facto documentos da vida infantil. - Diga-nos o que há e o que falta na sua terra ou no seu bairro em matéria de assistência mãe e à criança. - Mande-nos os seus trabalhos literários e os seus desenhos, de preferência aqueles que foquem o Infância, a Adolescência, ou a Maternidade. - Mande-nos alguns dos trabalhos dos seus filhos: desenhos, histórias, poesias. - Fale-nos do sua terra: das suas paisagens, das suas indústrias ou culturas, das suas gentes e dos seus costumes.	08-1953
Trabalha fora de casa? Onde ficam os seus filhos pequenos, e quem toma conta deles enquanto trabalha fora de casa? Na sua habitação tem um quarto destinado exclusivamente às brincadeiras dos seus filhos? Conte-nos o seu caso. Conte-nos as suas dificuldades, as que encontrou. Interessa-nos imenso	11-1953

Numa das vezes em que faz este apelo à colaboração das assinantes e leitoras, ela dirá:“(...) Fale-nos da sua terra, suas belezas, tradições, e vida actual; diga-nos o que há e o que falta, em matéria de educação e assistência à Maternidade e à Infância. Junte fotografias. As melhores crónicas serão publicadas. De todas, a melhor, será premiada com 100\$00 e uma assinatura anual de «Os Nossos Filhos» (...)” (ONF, Jun. 1954). A

primeira leitora que irá usufruir deste prémio é Maria Cremina Henriques de Serpa que escreve sobre Mirandela (ONF, 06-1954).

Muitas são as respostas que Maria Lúcia Vassalo Namorado recebe a estes apelos feitos à participação das leitoras. Apenas a título de exemplo, porque são inúmeras essas respostas, apresentamos algumas das que foram publicadas na revista:

<b>Autoria</b>	<b>Assunto</b>	<b>Data</b>
Maria Luísa Simões de Castro, casada com médico do hospital da vila	de Cabeceiras de Basto, escreve sobre falta de assistência à criança naquela localidade	10-1946
Maria M. Fernandes ou M A M,	Problemas das mães que trabalham e onde deixar os filhos <i>moradora</i> no Bairro da Madre de Deus, em Lisboa	03-1946 e 08-1951
Marinha Barreiros	Sobre Coruche onde não há na Maternidade material para partos difíceis	11-1948
<i>Uma assinante torrejana</i> <sup>475</sup>	Falta de obra de apoio a crianças	04-1949
A B. ,médico em Castelo de Vide	refere condições da infância na localidade	01-1951
Joaquina Adelaide F. Folgado, professora primária em Bella-Monção	Sobre Colónia Balnear organizada pelo director de <Terra Minhota>, de Monção, também marido da senhora	03-1954

Apelando à colaboração das leitoras há também textos de outras articulistas que não a directora da revista. É o caso de Adriana Rodrigues que depois das férias, pede às leitoras que digam como se pode “(...)como melhorar disposição da casa? Simplificar o serviço? Obter colaboração dos seus filhos? Casa terá alguma influência no meu marido? como fazer melhorar? (...)” porque “(...)A nossa casa precisa da nossa assistência desde a campainha da porta até à última prateleira da despensa. A nossa casa. Agora que voltamos ou que os outros nos deixam, precisa que a «encontremos» e cuidemos dela como se cuidássemos de nós. Não podemos entregar tão importante missão, nas mãos das criadas. A essas basta o trabalho de executar, sob as nossas ordens

---

<sup>475</sup> Será Maria Lúcia Vassalo Namorado?



(...) mas nós estaremos presentes, nós **dirigiremos, nós vigiaremos, nós verificaremos, nós planearemos(...)**” (ONF, Nov. 1951). Se as leitoras escreverem, dizendo “(...) o que se pode arranjar, melhorar, modificar(...)” promete-se que “(...)de bom grado publicaremos as respostas mais aproveitáveis(...)” (ONF, Nov. 1951).

A partir de 1953 esses apelos á colaboração também incluem as(os) adolescentes. É feito um pedido nesse sentido para que enviem os “(...)vossos projectos e anseios! (...)” (ONF, Set. 1953) para a revista. A este apelo irão responder, entre muitas(os) outras(os) jovens, Pitum Keil do Amaral (ONF, Nov. 1953) e Maria Lyra Pereira<sup>476</sup> e os seus textos serão publicados sob a designação: *Falam os rapazes(...)* e *falam as raparigas*. Em resposta a este apelo intitulado “(...)Jovens! Falem de vocês! Dos vossos problemas, das vossas dúvidas e reacções, dos vossos projectos e anseios! (...) respondera a menina (futura escritora) Madalena Gomes, em Janeiro de 1954.

A colaboração de crianças também é pedida sobretudo para as secções que, na revista, a elas se dirigem, como veremos adiante. É em resposta a uma dessas secções, o *Correio da Tia Aninhas*<sup>477</sup> que Maria Rosa Colaço publica, como Bia Rosa, os versos *Propósito*.

Algumas(uns) das(os) colaboradoras(es) mais exigentes enviam as suas condições para a revista. Como exemplo deste tipo temos o médico António Paúl (cf. *Apêndice Cap. 4- Biografias*), que colabora mediante condições que ele próprio (im)põe: “(...) 1º- Não posso comprometer-me com colaboração no prazo fixo devido aos meus muitos afazeres que me ocupam todo o tempo mesmo o, de direito, reservado ao descanso. 2- A revisão de provas tipográficas será realizada por mim. 3- Ser-me-ão entregues pelo menos 3 ex. em que publicar artigos e receberei todos os números da revista como se fosse seu assinante (...)” (Carta de 21 Jan. 1943. Caixa 41. Maço 2).

Como condição para participar na revista há alguns colaboradores, sobretudo médicos, como Ferreira de Mira, António Paúl, Salazar de Sousa, Manuel Farmhouse entre outros que exigem fazer a revisão de provas dos artigos. O Prof. Serras e Silva exigia sempre ver a primeira prova do artigo (Entrevista a Maria Helena Rosa Torres Peres de Seixas, 11 Jan. 2005). Se necessário, havia três provas: prova *de linguado ou granel*, prova *de página*, prova *de máquina*. Normalmente as provas *de granel* eram conferidas por Maria Lúcia Vassalo Namorado com o Sr. Rodrigues, da *Bertrand e Irmãos*. As pessoas mandavam o artigo escrito à mão e depois ia para

---

<sup>476</sup> Casaram mais de trinta anos depois daquela polémica (Cf. *Apêndice Cap. 4- Biografias*).

<sup>477</sup> O de Maria Lamas em *Modas & Bordados* fora *Correio da Tia Filomena*.

tipografia onde era posta na revista(...). Depois os linguados eram cortados para fazer a prova *de página*- a directora colocava então as fotos, os cabeçalhos e pedia-me apoio(...) ; nessa prova era tudo colado à mão com cola feita a partir de farinha *Maizena*(...) (...)” (Entrevista a Maria Helena Rosa Torres Peres de Seixas, 11 Jan. 2005).

Também a publicação de *Separatas* com os textos dos artigos publicados em *Os Nossos Filhos* fazia parte da ‘exigência’ de alguns colaboradores para com ela trabalharem. Está neste caso o médico António Paúl, já referido, do Porto, que vê publicada *Uma Carta a meu filho no dia do seu 21º aniversário*<sup>478</sup>, em Novembro de 1943, como separata<sup>479</sup> de *Os Nossos Filhos* /scanner/.

Uma outra forma de fazer a divulgação de textos publicados na revista era a exigência que alguns colaboradoras(es) faziam de receber maior número de exemplares dos números onde fossem publicadas as suas intervenções. Dos números 141, 143, 145 e 146 de *Os Nossos Filhos* foram feitos e oferecidos 200 exemplares de cada, respectivamente aos colégios *Moderno*, de Lisboa, e colégios *Moderno*, *Brotero* e *Universal* do Porto (Cf. Bloco de notas *Concorrente*. Caixa 21. Maço 2) porque se pensava que, depois da distribuição dos números da revista por familiares das(os) alunas(os), se poderiam obter mais assinantes para a publicação.

O principal destinatário são os pais mas depressa quer o discurso quer prática evolui quase só para as Mães e as crianças. Ainda como destinatários Maria Lúcia Vassalo Namorado vai identificar alguns grupos sócio-profissionais específicos como as enfermeiras e parteiras, os médicos, as assistentes sociais e as professoras do ensino primário a quem fará diversos descontos sobre o preço da revista de forma a promover a

---

<sup>478</sup> Deste texto em A5 existe original no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* e foi oferecido, com dedicatória à directora da revista em Janeiro de 1944. Está no *Espólio* como anexo à carta que este médico lhe escreve do Porto, em 24 de Julho de 1943 (Caixa 41. Maço 2). Nesta carta, enviada de Águas Santas, Porto, tinha escrito:“(…) Mando-lhe neste correio uma cópia e deixo ao critério de V. Exa aproveitar ou não estas linhas. No caso afirmativo creio que deverão sair em 2 números- 1/2 em cada- e sairiam com a disposição e apresentação do original. Ainda neste caso desejaria umas 50 separatas para distribuir por aqueles que me obrigam a publicar assunto fora do meu foro habitual(...)”.

<sup>479</sup> Não sabemos se terá havido mais algumas. Este é o médico que a elas mais se refere, e de forma bem insistente: escreve (Caixa 41. Maço 2) referindo sempre que “(...) não obtive resposta à minha carta falando das separatas (...)” (Carta de 2 de Dezembro de 1943) ou “(...)Continuo à espera das separatas(...)” (Carta de 8 de Janeiro de 1944) . Em 30 de Setembro 1943 (Caixa 41. Maço 2), este médico que pedira a Maria Lúcia Vassalo Namorado que publicasse uns versos de um colega na revista, envia indicações bem precisas sobre como quer que sejam feitas as separatas do texto que escrevera e até as regras para a separata do colega, Dr. Fragoso, caso a poesia venha a ser publicada:“(…) Quanto à poesia do Dr. Fragoso ele consente que a publique recebendo apenas 1 exemplar do n.º que a trouxe desde que V. Exa lhe mande imprimir 25 folhas com ela, trazendo na parte inferior "Separata de ONF", mês de 1943". Essas folhas- separatas-poderão mesmo ser pagas por ele, caso V. Exa de tal necessite. Há, porém, 1 condição em que insiste: rever as provas já prontas a entrar no prelo. Em parte dou-lhe razão, pois estamos tão habituados a encontrar "gralhas" mesmo nas nossas revistas, que todos os cuidados são poucos...(…)”.

sua maior entrada neste grupo. Uma das questões que gostaríamos de ver esclarecida era a de saber quem foram sendo as diversas assinantes, quantas por grupo socio-profissional, que estratégias foram seguidas para chegar a outros, se havia um peso esmagador de professoras primárias, enfermeiras, domésticas ou outras e os dados relativos ao número total de assinantes. É hoje impossível responder à maior parte destas questões uma vez que não existe no *Espólio* – em ‘verbetes’ como diz Maria Helena Rosa Torres Peres de Seixas<sup>480</sup> – o registo que houve de todas as assinantes.

As senhoras e os homens que se dirigem à revista fazem-no assumindo o nome próprio mas também se refugiam num procedimento muito vulgar à época: escondem-se atrás de anagramas, de iniciais ou de pseudónimos. Muitas vezes, a(o) mesma(o) colaborador(a) usava diversos pseudónimos “(...) era para parecermos muitas(...)” (Entrevista dada por Margarida Tengarrinha a Guimarães. 2002. p. 87). Neste caso, no que diz respeito a *Os Nossos Filhos*, podemos referir que a situação funcionava também para os homens; temos o exemplo de *Manuel Agra*, também *Mário Castrim*, *Lúcia Bendita*, *Manuel da Fonseca*, *Realejo*, *Manuel Nunes da Fonseca* ou *Maria Manuela Nunes* (Caixa 41. Maço 1).

Algumas das colaboradoras conhecia-as Maria Lúcia Vassalo Namorado do *Liceu Almeida Garrett*. Estão no grupo da sócias da Associação das antigas alunas desse estabelecimento de ensino as seguintes colaboradoras: com o número 38, Maria João Lopes do Paço, professora de Educação Física; com n.º 42, Teresa Emília Leitão de Barros, professora do 2º grupo; com n.º 78, Elina Guimarães, advogada e com n.º 158, Virgínia Mota Cardoso, também advogada<sup>481</sup> que escreve sobre Literatura infantil.

Ao fazer a identificação de todas(os) as(os) colaboradoras(es) decidimos, desde o início deste trabalho, anotar todos os dados biográficos que conseguíssemos identificar para cada um(a) delas(es) e tentar obter uma fotografia de cada colaborador(a), como eram aquando da sua colaboração em *Os Nossos Filhos*. Com tais informações decidimos criar um *Apêndice* a este trabalho, intitulado *Biografias* (Cf. Apêndice a Cap. 4- Biografias). Decidimos fazer todas estas biografias por duas ordens de razões: uma primeira, porque nos pareceu que, tendo a possibilidade de o fazer, era uma perda irreparável não aproveitar as informações que muitas das protagonistas, ainda vivas, nos

---

<sup>480</sup> Em entrevista em 11 de Jan. e 15 de Mar. 2005.

<sup>481</sup> Desta Associação também faziam parte: como sócia n.º 1- Maria Baptista dos Santos Guardioli, n.º 22- Alice Costa Pinto de Andrade; n.º 30- Domitila de Carvalho n.º 41- Seomara da Costa Primo, professora do 6º grupo entre muitas centenas de outras. In *Livro das Actas da Associação das Antigas Alunas e Amigas do Liceu de Maria Amália Vaz de Carvalho*. /manuscrito/.

poderiam dar; e uma outra, porque vimos que, em relação a muitas destas mulheres ou só havia alguns dados sobre elas disponíveis ou não havia mesmo quaisquer alusões nas duas obras de referência que mais recentemente foram publicadas sobre educação e mulheres. Referimo-nos a *Educadores portugueses*, org. por António Nóvoa (2004) e ao *Dicionário no Feminino* (Castro e Esteves, 2005).

A revista *Os Nossos Filhos*, como acontecia em *Modas & Bordados*, vai integrar um conjunto muito diversificado de mulheres, se as organizarmos por áreas políticas, sensibilidades ideológicas ou grupos sócioprofissionais. Um outro dado que salta à vista de quem analisa muitas das publicações femininas da época é que, muitas delas publicavam os seus textos em diversas revistas e acontecia até que, às vezes, os textos publicados eram precisamente os mesmos, em publicações diferentes. Neste último caso podemos incluir Maria Lúcia Vassalo Namorado que vai divulgar em *Os Nossos Filhos* diversos artigos que também usara em *Modas & Bordados* ou que os irá publicar novamente em *Diário de Lisboa*, já nos anos 60, depois da revista ter terminado.

Do grupo de colaboradoras de *Modas & Bordados* que também colaboram em *Os Nossos Filhos* e que pertencem ao *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* identificamos Emília Sousa Costa, Sara Beirão, Elina Guimarães, Branca de Gonta Colaço ou Maria Lamas. Esta última, quando em 11 de Julho de 1945 (Guimarães. 2002. p. 74) se torna presidente daquele órgão, por proposta de Maria Lúcia Vassalo Namorado (Carta a Fernanda Tasso de Figueiredo) leva algumas dessas colaboradoras para o *Conselho* (Guimarães. 2002. p. 74). Estão nesse grupo outras colaboradoras de *Os Nossos Filhos*: Julieta Ferrão, Adelaide Bramão, Alice Ogando e Judith Maggiolly.

Tal como em *Modas & Bordados*, também em *Os Nossos Filhos* detectamos sensibilidades diferentes, do ponto de vista ideológico: há colaboradoras empenhadas com o regime como Judite Furtado Coelho<sup>482</sup>, que fora professora de Maria Lúcia Vassalo Namorado no *Liceu Almeida Garrett* e que orientava as leitoras sobre Educação Física, a Maria Carolina Ramos<sup>483</sup>, a Branca Rumina<sup>484</sup>, a Sara Benoliel<sup>485</sup> ou a Maria

---

<sup>482</sup> Que escreve com pseudónimo *Micaela*, em *Modas & Bordados* (Guimarães, 2002. p. 77).

<sup>483</sup> Escreve imenso sobre saúde física e mental em *Modas & Bordados*; Médica, com Curso superior de piano do Conservatório Nacional, bibliotecária arquivista, prof. Ensino Secundário e Assistente de Cirurgia e de Psiquiatria da Fac. Medicina de Lisboa.

<sup>484</sup> Doutorada pela Universidade de Lisboa e cursos de especialização em Paris, Bordéus, directora do posto n.º 4 dos Serviços de Puericultura da Junta Geral do Distrito de Lisboa.

<sup>485</sup> Médica, brasileira, naturalizada portuguesa em 1928, especialista em puericultura (Guimarães, 2002. p. 77). No Centro de Enfermagem por ela criado fará Maria Lúcia Vassalo Namorado algumas conferências cujo conteúdo desconhecemos (Carta de Sophia Abecassis. 17 de Julho. Caixa 35. Maço 1).

de Carvalho (1899-1973) que escrevia sobre mulheres célebres, a Ilse Losa, Manuela Porto, Maria Palmira Tito de Morais e muitas outras.

Outras colaboravam, como referimos, em diversas publicações em simultâneo, sendo uma delas *Os Nossos Filhos*. Estão neste grupo: Aurora Jardim Aranha, Maria Rio Carvalho e Virgínia Lopes de Mendonça, na revista *Civilização*; Branca Gonta Colaço, Emília Sousa Costa, Sara Beirão, Adelaide Félix, Virgínia Mota Cardoso; Manuela de Azevedo, Virgínia Gersão, Maria Rio de Carvalho, Aurora Jardim Aranha, Adelaide Félix todas colaboradoras da revista *Portugal Feminino* pelo menos em 1932, e Emília Sousa Costa e Sara Beirão em *Alma Feminina*. Muitas destas mulheres identificam-se como escritoras e mulheres de letras mais do que como jornalistas (Guimarães, 2002. p. 81);, designação menos vulgar no período em causa. Assumindo a sua actividade como jornalistas, quer em *Modas & Bordados* quer em *Os Nossos Filhos*, temos apenas a título de exemplo: Maria Lamas, Judith Maggiolly, mulher de fotógrafo de *O Século* e *Modas & Bordados*, Sena Ribeiro; Maria Lúcia Vassalo Namorado ou *Lília da Fonseca*, pseudónimo de Maria Lígia Severino. Depois de Maria Lamas sair de *Modas & Bordados*, sob a direcção de Etelvina Lopes de Almeida em *Modas...* já não escrevem “estudantes universitárias”, nem Fernanda Tasso de Figueiredo, mas ficam: Virgínia Mota, Adelaide Félix, Alice Ogando, Virgínia Lopes de Mendonça, Judith Maggiolly e Adelaide Bramão (Guimarães, 2002. p. 86) que, como Maria Lúcia Vassalo Namorado, defendem a elevação cultural da mulher.

Mas como recruta Maria Lúcia Vassalo Namorado as(os) suas(seus) colaboradoras(es)? Quem são? Como (não)escolhe? Como evolui? Quem são as colaboradoras com maior número de artigos nas áreas sob as quais analisamos a revista?

Quer quando a revista caminhava para a suspensão da publicação quer desde o início da sua publicação várias forma as formas como Maria Lúcia Vassalo Namorado recrutou os(as) colaboradoras(es). Como ela própria dirá “(...) eu não conhecia pessoalmente mas sabia o nome dos professores universitários especializados nas doenças, nos problemas das crianças e dos jovens, professores de vários graus de ensino afamados pelo interesse que demonstravam por determinado ramo do seu magistério e sobre eles preleccionavam e escreviam. Sabia o nome dos médicos das várias especialidades que se distinguiam e cujas opiniões todos procuravam conhecer, as enfermeiras graduadas em escolas que se actualizavam, os divulgadores dos diferentes ramos do saber até então esquecidos, ligados á infância e juventude e os escritores que viam, ouviam, observavam e traziam para os seus artigos, contos, fábulas, poesias, peças teatrais os

mais diferentes assuntos, desde os mais comeseinhos aos de transcendente importância. (...) não faltavam colaboradores. Eu não os conhecia pessoalmente nem sabia se estariam dispostos a colaborar numa publicação lançada por uma desconhecida (...)” (Maria Lúcia. Caixa 11. Maço 9).

Sabemos que terá contactado Rui Grácio para este escrever sobre o problema da literatura infantil em que este se apresenta como “(...) colaborador amigo sempre ao seu dispor (...)” (Carta de Baleal. Caixa 42. Maço 2), sendo que também é ele que, como muitas vezes acontece, propõe a colaboração de outra pessoa: a de Maria Manuel Duarte Miguel, professora do Ensino Técnico que escreve um artigo que Rui Grácio coloca á consideração da directora da revista (Carta de Rui Grácio. Lisboa. Caixa 42. Maço 2).

Noutros casos, como acontece com Irene Lisboa (que numa primeira fase não quisera colaborar com Maria Lúcia Vassalo Namorado), são as(os) colaboradoras(es) que se oferecem para publicar textos em *Os Nossos Filhos*: “(...) Olhe, a minha carta hoje não é desinteressada: é para lhe participar que aspirava a dar lições de instrução primária, visto que preciso de ganhar dinheiro e esse é o meu instrumento de trabalho- e lhe peço que, sabendo de alguém que precise de professora para os meninos, me indique. Sou diplomada, infantil e primária, por Lisboa e Genebra. Não quero, somente ensinar em colégio. Nem posso porque não tenho diploma de ensino particular. Mas como para lições particulares ninguém o reclama, e, a reclamar, tenho quem dê por mim, inculco-me para esse fim. Já sabe que isto não a obriga a arranjar-me lições. É só lembrar ao seu favor que estou apta e disposta a isso. Pelas letras rece(sic)-se muito menos que por lições. Os escritos...está muito abaixo de qualquer almeida ou limpa-vias. Não há jornais, não há escritores, etc...A amiga sabe-o tanto ou melhor do que eu...(...)” (Carta de Irene Lisboa. Gouveia. Caixa 41. Maço 1).

Em carta de 22 de Março de 1943, Elina Guimarães agradece o convite que a directora da revista lhe endereça para ali escrever, aceitando e “(...)muito agradeço desvanecedora carta ...a quem admiro através da sua nobilíssima obra. Tenho seguido com o maior interesse a revista *Os Nossos Filhos* e considero como uma honra e um prazer colaborar nela fazendo partilhar as outras mais do meu pequeno cabedal de experiência prática e estudos teóricos(...). Segundo a amável sugestão de V. Exa elaborei o plano duma série subordinada ao título "A Criança e a vida" cujo primeiro artigo de introdução remeto sob o título "A criança e a mãe". Seguir-se-hão: A criança e os brinquedos, A criança e as histórias, A criança e o ambiente, A Criança e os livros, A criança e a cultura; A Criança e os amigos, A Criança e a sciencia, A Criança e a natureza, A Criança e a

realidade. Não garanto porém que a ordem seja rigorosamente esta assim como, devido ao meu péssimo estado de saúde não possa garantir uma colaboração impecavelmente regular. Caso V. Exa aprove, remeter-lhe-hei na próxima vez o artigo sobre brinquedos, que possivelmente será desdobrado e que terá um carácter essencialmente prático..dirá se devo remeter antes ou depois da publicação deste que agora envio...(.)” (Carta respondida em 13 de Abr. 1943. Caixa 41. Maço 3).

Convidadas(os) são ainda Emília de Sousa Costa (Conventinho, Porto. Caixa 41. Maço 3), Eduardo Antunes Gageiro, fotógrafo (Carta de Sacavém, Caixa 41. Maço 3), Claro do Prado, ou Educarda Mattos, a quem por intermédio de Fernando Pessa a directora de *Os Nossos Filhos* convida para correspondente em Londres (Carta de Clara do Prado, respondida em 17 de Out. 1945.Londres. Caixa 47. Maço 3) e que refere a dificuldade em conseguir rolos para fotografias e “(...) A ultima dificuldade que me falta vencer é a questão das fotografias porque é quase impossível comprar rolos aqui. Há muito poucos e é necessária uma licença especial...(.)”. /Refere que mandará/ de dois em dois meses artigo de 2 ou 3 folhas dactilografadas mais fotos. O pagamento será de 100\$00 escudos e o numero grátis em que fôr publicado(...)” devendo a quantia ser entregue ao irmão, Dr. Christiano Alves Mattos. Também Irene Lisboa havia imposto condições para a publicação dos seus artigos “(...) não os poderei ilustrar e (...) devem ser publicados em números seguidos, sem fraccionamentos nem distâncias e que o preço a pagar de cada artigo seja de 100\$00 escudos, preço que considero ainda baixo(...)” (Carta de Irene Lisboa, de Aldeias, Gouveia. Caixa 47. Maço 3). Alguns colaboradores também chamam a atenção para os honorários como o médico César Anjo que, de Viseu, agradece o convite para participar na revista mas apesar de considerar o pagamento “(...)muito baixo em comparação com outro magazine em que escreve, *Ver e Crer* que pagam por cada artigo cem escudos(...)” (carta de César Anjo. Caixa 47. Maço 3), achando os argumentos da directora aceitáveis, passará a ali colaborar.

Duas recusas de colaboração são dadas respectivamente por Reynaldo dos Santos que “(...)apesar do interesse que me merece a iniciativa, as minhas actividades profissionais absorvem-me por tal forma que é impossível aceitar o encargo desejado...(.)” (Carta de Lisboa. Caixa 21. Maço 2) e Fernanda de Castro, casada com António Ferro, que também frequentara o mesmo liceu de Maria Lúcia Vassalo Namorado, anos antes dela, mas que “(...)devido a aborrecida conjuntivite que me impede de trabalhar há mais de um mês não me é possível escrever nada, neste momento, para o seu jornal(...)” (Carta de Lisboa. Caixa 29. Maço 3). Apesar disso, envia “(...)para o seu jornal...tenho uma

peçazinha intitulada "O Portuguesinho e o estrangeiro" que já foi publicada em volume mas há muito esgotado e pouco conhecido...quanto à importância em que me fala, acho bem pois nunca recebo nada para mim. Quando me pagam o que escrevo, dou essa quantia para as crianças dos meus Parques Infantis- 500 crianças sempre necessitadas de tudo(...)"

Destas(es) todas(os) podemos saber também as(os) que integravam a folha de pagamentos da revista *Os Nosso Filhos*, quanto recebe cada um(a) por cada artigo que faz, uma vez que a colaboração era paga "à peça". Remuneradas são Maria Palmira Tito de Morais, Adriana Rodrigues, Isaura Correia Santos, médicos como Ferreira de Mira e João Farmhouse, ou o filho Rui Manuel Rosa<sup>486</sup>, assim como Maria Alda Nogueira, conhecida activista e oposicionista do/ao regime vigente ou ainda Maria Lamas<sup>487</sup>. Das muitas folhas de pagamento existentes no *Espólio* identificámos as(os) que recebiam dinheiro pela sua colaboração<sup>488</sup> (Colaboração. Caixa 22. Maço 1). Como colaboradora na parte administrativa da revista há os recibos de pagamento a Aurora Antunes<sup>489</sup> entre

---

<sup>486</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 166 de Março de 1956.

<sup>487</sup> Maria Lamas, revista 122, Julho 52; revista 123, Agosto 52; revista 20; revista 21; revista 17; revista 119; revista 124; revista 118.

<sup>488</sup> Há recibos de pagamentos a: "(...) Adelaide Félix, Adriana Rodrigues, Alda Beatriz, Alice Gomes, Anna Marcus<sup>488</sup>, Anália Torres, António Alfredo Gomes, desenhos, 75\$00 em 27-4-51, António Botto, "Um caso muito sério", em 8 de Dezembro de 1942 e "O cantar do galo", em 6 de Setembro de 1942, António de Meneses, António Paúl, Prof. Dr. Armando Narciso, Dr. Armindo Fernandes, Dr. Augusto Moura, Dr. Bação Leal, Dra. Branca Rumina, M. Calvet de Magalhães, Campos de Figueiredo, Dr. Carlos Salazar de Sousa, Carolina dos Remédios, Dr. Casanova Alves, Celeste Andrade, Dr. César Anjo Filho, Dr. Corrêa de Barros, Prof. Dr. Costa Sacadura, Deolinda Martins, Eduarda Matos, Fernanda Espírito Santo (Oliveira), Fernanda Tasso de Figueiredo, Fernando Carlos Pereira Bastos, Dr. Fernando Namora, Prof. Dr. Ferreira de Mira, Francine Benoît, Dr. Froilano de Mello, Gina Bonotto<sup>488</sup>, Guida Ottolini (Coimbra), Hedwig Bachmann de Mello Herculano Curvelo, Ilse Losa, Irene Lisboa também enquanto *Carlos Taveira e Airina*, Isaura Correia Santos, João Alves das Neves, Dr. João de Barros, Dr. João dos Santos, Dr. José Francisco Rodrigues, Judith Maggiolly, Julieta Ferrão, Laura Chaves, a ilustradora Laura Costa, *Lavinia* ou Ludovina Frias Nina de Matos (assina *Nina*), Lídia Correia Serras Pereira, Lúcia F. Albuquerque, *Lília da Fonseca*, Lucinda Atalaia, Luísa Mesquita, Luís Rosa ou Luís Vassalo Silva Rosa, Louise Cunha Teles ou Enfermeira Cunha Teles, Manuela Porto, Dr. Manuel Farmhouse, Dr. Manuel Gersão, Dr. Manuel Palma Leal, Prof. Manuel Subtil, Maria Alda Nogueira, Maria Almira Medina, Maria de Lourdes Saraiva, Maria da Luz de Deus, Maria Palmira Tito de Morais, Maria Teresa Furtado Dias, Maria da Soledade /Silva/, Maria Teresa d'Anta, Maria Teresa Pimentel, Dr. Mário Cordeiro, Mário dos Remédios, Matilde Rosa Araújo, Matilde Taveira, Nina Marques Pereira e Heloísa Cid, Noémia Curvelo, *Patrícia Joyce*, Mme. Pinheiro, Enfermeira Melo Corrêa, Dr. Remo de Noronha, *Renée de Charmoy*, Madame Charles Oulmont = Renée de Charmoy com recibo assinado por Maria da Luz de Deus, Dr. Rosa da Psixão, Rosélia Ramos, Prof. Dr. Serras e Silva, Sara Pinto Coelho, Teresa de Ávila, Eng. Vasco Lopes de Mendonça, Vera Bordallo Pinheiro, Dra. Virgínia Gersão, Virgínia Jardim Gomes, Virgínia Lopes de Mendonça, Virgínia Motta, Prof. Dr. Victor F. Fontes, Maria de Lourdes Almeida Campos, Maria Keil, Maria José Ferreira (amostras de rendas), Maria José Estanco, em Julho 1942, Maria João Lopes do Paço, Maria de Jesus Martins Mendes, Maria Irene Madaíl Rosa, Maria Irene Faria do Vale, Maria Henriques Osswald, Maria Fernanda Fernandes, Maria Evelina Bustorff, Prof. Maria Elvina B. Rocha, Maria Cesarina Castro, *Maria de Carvalho*, Dra. Maria do Carmo Martinho, Maria Cândida Vassalo Lamas, entre Junho 42 e Maio 42 e Maria Borges/de Medeiros/(...)".

<sup>489</sup> Colaboração de Aurora Antunes. Caixa 22. Maço 4, entre 244\$70 e 244\$70.



Fevereiro e Dezembro de 1956 que não sabemos se seria a mesma que colaborara com Maria Lúcia Vassalo Namorado já em Penacova, quando esta ali dirigia a página feminina do *Notícias de Penacova*.

Alguns dos colaboradores, como ela própria dirá mais tarde (Borges, 2003) eram completamente desconhecidos de Maria Lúcia Vassalo Namorado, em termos de relações pessoais. Temos cartas dela a convidar as pessoas para escrever para a revista: médicos, enfermeiras, simples assinantes que vivem em locais menos acessíveis, como Mirandela ou em diversas localidades de África Portuguesa. Pela consulta do *Espólio* sabemos que colaboradoras houve que foram contactadas(os) muito antes da revista começar, como é o caso de Virgínia Faria Gersão (Carta de 4 Maio 1942. Caixa 42. Maço 2), que envia carta de agradecimento pelo convite que lhe fora endereçado.. Sabemos também que algumas houve, como Irene Lisboa que recusando de início a colaboração, posteriormente vieram a fazê-lo com alguma regularidade. É Maria Lúcia Vassalo Namorado quem dirá que, “(...) foi num recital de Manuela Porto na *Academia dos Amadores de Música* que encontrei pela primeira vez Irene Lisboa. “(...) Sabia que tinha sido uma grande professora, tinha-se interessado pelo ensino infantil, enfim, era uma mulher que sabia muito. (...) Disseram-me «aquela é que é a Irene Lisboa» e eu fui ter com ela e disse «D. Irene tenho o enorme prazer em a conhecer pessoalmente e vou-lhe fazer já um pedido, tenho uma revista assim e assim e tinha muito gosto que (...) Irene desse a honra de colaborar ». Ela respondeu «ai não, não» pareceu muito altiva, disse logo «não! Não!». Passou-se tempo e um belo dia bate-me à porta a Irene Lisboa, mas passou-se tempo, não é? Por isso no princípio da revista não encontra o nome dela. Bate-me à porta a D. Irene Lisboa, eu gostei muito que ela lá tivesse ido, conversarmos e ela disse se «olhe venho perguntar se poderia publicar uns artigos sobre educação?» eu respondi «cota certeza, fico contentíssima», «sim mas olhe, eu não posso assinar o meu nome», «a senhora assina como puder» e começou a mandar colaboração com anagrama (...) e com um nome diferente Carlos Taveira, um nome que não era conhecido de ninguém(...)” (Borges. 2003. p. 212).

Esta indicação de que Irene Lisboa terá recusado, numa primeira fase, a sua colaboração a *Os Nossos Filhos* é corroborada em carta que a pedagoga envia a Maria Lúcia Vassalo Namorado: “(...) muito me penhora o seu convite mas lamento não ter tempo disponível para lhe corresponder como deseja. Suponho, no entanto, que V. Ex.a poderá encontrar, além das muitas colaboradores ilustres e interessantes que já tem, outras, entre os

literatos, pedagogos e artistas portugueses que há. Que seja bem sucedida como aliás, a sua obra merece e carece(...)" (Carta de 7 Nov. 1944. Caixa 41. Maço 1).

Muitas outras vezes são as(os) colaboradoras(es) que lhe oferecem os seus préstimos, de forma voluntária; umas vezes, aceita-a mas outras com igual facilidade a recusa. Como exemplo do primeiro caso, referimos Virgínia (Bordalo Pinheiro) Lopes de Mendonça que, lhe diz: "(...) Constou-me pela minha tia Cristina Bordallo que V. Ex.a é directora duma publicação para crianças e logo fiquei no ar na ideia que me poderia arranjar colaboração no jornal. Tenho esta mania de escrever para as crianças e caso seja possível, muito grata lhe ficaria se V. Ex.a se interessasse pela minha entrada no jornal. Estou agora uma operária quase sem trabalho e convinha-me imenso colaborar em qualquer jornalinho infantil que fosse bem dirigido. Pedia-lhe a fineza duma resposta...não pedi a minha prima Maria Cristina que fosse intermediária neste pedido, pois acho mais franco ser eu própria a dirigir-me a V. Ex.a visto que já a conheço pessoalmente e tanto prazer tenho sempre de ler os seus artigos nas *Modas e Bordados* (...) desculpe o atrevimento(...)admiradora...(...)" (Carta de 3 Abr. 1942. Caixa 42. Maço 2).

Como exemplo de oferta de colaboração por ela recusada temos o texto de Fernando Sylvan, do Porto, que em duas cartas se oferece para colaborar na revista: "(...) não tendo aqui correspondente, tomo liberdade de vir oferecer-me para enviar uma "Carta do Porto" absolutamente integrada no espírito de *Os Nossos Filhos* e poesias; também orientar a expansão da revista aqui...falando na Rádio, tratar da publicidade e assinaturas, criando-se até uma agência...ponho à ordem o meu escritório...sem despesas...a não ser comissões devidas pela angariação; publiquei já vários livros, principalmente poesia, último dos quais "Poemas de Fernando Sylvan" mereceu da crítica o melhor acolhimento...)escrevo em vários jornais e revistas, principalmente estrangeiras, e para rádio; sou académico correspondente das Reais Academias Galega e de Belas Artes e Ciências Históricas de Toledo, Instituto de Arqueologia, História e Etnografia, Sociedade de Geografia de Antropologia e de Etnologia, etc.(...)Condições e mandar seja incluído o meu nome no ficheiro, para envio de revista (...) " (Carta de 3 Dez. 1945. Caixa 21. Maço 2). Renova o oferecimento numa outra carta, doze anos depois em que "(...) Solicita o interesse no sentido de consentir envio de colaborações ao julgamento de V. Ex.a para eventual inclusão de nome no belo grupo de colaboradores de *Os Nossos Filhos*(...)" (Carta de 29 Jul. 1957. Caixa 15. Maço 2).

Embora uma das nossas preocupações tenha sido a de identificar as colaboradoras mais assíduas da revista (Freire Leston, 1996. p. 70). Essa tarefa nem sempre se revelou possível uma vez que a mudança de nomes é muito frequente pois que não há um conjunto de colaboradoras(es) fixo da revista e porque, como veremos, muitas vezes os textos publicados na revista não são pedidos às(aos) autoras(es) mas são transcrições de artigos por elas(es) publicados noutras revistas, jornais ou mesmo extraídos de livros, em capítulo completo ou apenas na forma de pequenas citações escolhidas.

Como referimos já, a publicação segue uma linha de certa forma liberal embora, sobretudo após os anos finais da década de 40 e toda a década de 50 em que a revista é mensal, se perceba uma orientação indiscutivelmente de oposição ao regime vigente como nos prova, entre muitos outros dados que apresentamos neste trabalho, a referência a alguns dados biográficos de muitas(os) colaboradoras(es). Não apresentamos a lista exaustiva mas, apenas a título de exemplo, e depois de termos indicado as(os) colaboradoras(es) remuneradas(os) vejamos Maria Borges ou Maria Amália Borges de Medeiros que chega a assinar o *Correio dos pais* (ONF, Dez. 1956) e Maria Palmira Tito de Morais<sup>490</sup> (n. 24 Fev. 1912), apenas três anos mais nova do que a directora da revista que fora fundadora com Maria Monjardino do Centro de Saúde de Lisboa, em 1939 e onde trabalha até 1949 e que tanto vai ser apresentado como Centro modelo na revista, ou Alda Nogueira como vimos mas também Adriana Rodrigues que “(...) era católica, apostólica romana(...)” (Borges, 2003. p. 201) como também Virgínia Gersão que “(...) era extraordinária (...) essa senhora foi deputada e eu uma vez fui assistir a uma intervenção dela, (...) como é que estavam os outros deputados? De costas para ela e a conversar uns com os outros e ela a falar, não ligaram nenhuma. Isto é verdade! Eu até vou dizer uma coisa: (...) eu gostava muito dela, admirava-a muito e uma vez publiquei o retrato dela e fiz um elogio às actividades dela e à personalidade dela, pode ser um acaso, o que é certo é que dois ou três dias depois o Salazar mandou convidar a Virgínia Gersão para Deputada. Por telefone, já não sei quem foi a pessoa mas ela dizia quem era. Pelo telefone disseram-lhe «em nome do senhor Presidente do

---

<sup>490</sup> Cf. *Apêndice Cap. 4- Biografias* gentilmente cedida pela sobrinha Curriculum em Doação Maria Carolina Tito de Morais, referenciada na Bibliografia final deste trabalho: Professora de Saúde Pública na Escola Técnica de Enfermagem, desde 1940, Membro da Comissão Feminina do MUD desde 1945, participação na campanha Norton de Matos, Demitida do Centro de Saúde de Lisboa em 14 Fev. 1949, em 13 Fev. 1950- impedida de exercer em todos locais Estado, em 1951- Convidada para quadro permanente da Organização Mundial de Saúde, como consultora e acaba licenciatura em Histórico-Filosóficas em Letras, em Coimbra (aposentada da OMS em 1972; quando regressou Portugal, reintegrada na ETE onde leccionou até 1982.

Conselho venho convidá-la para ser Deputada» ela caiu das nuvens. Ela não percebia nada de política, muito boa rapariga, era uma grande professora, extraordinária, mas a política nunca lhe interessou. Então, ela caiu das nuvens e disse «mas a senhora não quer trabalhar para nós?» «não, não é isso, mas se acham...» foi assim que ela foi para Deputada. Ela, coitada, na Assembleia defendia o ensino e as pessoas voltavam-lhe as costas, não lhe ligavam nenhuma.(...)” (Borges, 2003. p. 210).

Como veremos, das relações pessoais de Maria Lúcia Vassalo Namorado faziam parte outras(os) colaboradoras(es) da revista como *Mário Castrim* (Entrevista telefónica em 28 Fev. 2002), pseudónimo que na revista era *Lúcia Benedita* em homenagem a Maria Lúcia é a avó materna que se chamava Mariana Benedita (Entrevista a Teresa Alho, 9 Mar. 2002), António Emílio de Magalhães que combatia a situação dentro do regime (Entrevista a Maria Cândida Caeiro, 22 Jan. 2004), Maria Luísa Manso que foi professora de piano de Rui Namorado Rosa (Entrevista a Maria Cândida Caeiro, 1 Mar. 2002), Matilde Rosa Araújo que fora aluna da escola primária de Joana Vassalo, irmã de Maria Lamas e que conhecera Maria Lúcia Vassalo Namorado muito nova. A mãe desta escritora, Carmen Ribeiro Lopes de Araújo era assinante da revista (Entrevista a Matilde Rosa Araújo, 9 Nov. 2001) ou Belmira da Piedade Almeida que ainda quando Lucinda Atalaia era directora do Jardim *João de Deus* aí a encontrou como aluna do Curso (Entrevista a Lucinda Atalaia, 11 Jun. 2002). Uma relação de amizade e colaboração com *Lília da Fonseca* feminista assumida que era “(...) ditadora a 100%(...)” (Entrevista a Leonoreta Leitão, 18 Mar. 2004) ficará também até ao fim da vida. A estas relações poderiam juntar-se muitas outras como Alice Gomes, Madalena Gomes, Maria José Estanco e muitas(os) mais.

Ao longo dos dezasseis anos de vigência de *Os Nossos filhos* várias foram as personagens, geralmente colaboradores(as), cuja nota necrológica foi feita nas suas páginas. O quadro seguinte mostra os casos identificados:

Quadro nº 28. : Necrologia em *Os Nossos Filhos*

Identificação	Notícia	Fonte
sr. Ernesto Fernandes Paneiro	faleceu em Lisboa, marido de Maria Benedita Aboim Inglês Paneiro, pai de assinantes Maria de Lourdes Paneiro Pinto, Maria Luísa Paneiro Amat, Fernando Aboim Paneiro	Jun. 1946
Prof. Dr. Armando Narciso /scanner/	Colaborador; médico, professor, médico inspector das águas Termais, Director da revista Clínica, higiene e Hidrologia; carinho especial pelas colónias de férias para crianças; amigo dos pobres exerceu também	n.º 70. Março 1948. p. 13

	clínica gratuita	
Dr. Samuel Maia /scanner/	Há 10 anos procurámo-lo para fundar a revista de divulgação científica para a educação dos pais; ofereceu colaboração desinteressada; médico; escritor, livros de divulgação científica popularizados entre nós; <i>O Meu menino</i> e <i>Manual de medicina doméstica</i> ; queria que todas as mães portuguesas soubessem criar e educar os seus filhos	n.º 115. Dez. 1951. p. 4
Judite Furtado Coelho <sup>491</sup> /scanner/	1º aniversário falecimento; professora no Liceu Garrett; grande bondade; doença aceite com resignação; peças de teatro infantil para crianças musicadas por Pe. Tomás Borba; Livros <i>Jogos educativos</i> para professoras primárias e antes de morrer publicara <i>A Ginástica do bebé</i> , dedicado a jovens mães	n.º 126. Nov. 1952. p. 19
Sofia Buzaglo Abecassis /scanner/		n.º 162. Nov. 1955. p. 16 e 20
Prof. Dr. Serras e Silva /scanner/	Falecido a 8 de Abril; colaborador, cientista, pedagogo, escritor, chefe de família e cidadão; Prof. em Coimbra da Fac. De Letras e Escola Normal Superior; Director da Faculdade de Medicina e do Curso de Medicina Sanitária; Director Geral da Saúde Escolar ; interessado pela tuberculose colaborou 1º Congresso Nacional da Tuberculose, em Coimbra, em 1897; deve-se-lhe, em parte, fundação, na Guarda, do Sanatório Sousa Martins; ouviu e aconselhou sobre projectos de <i>Os Nossos Filhos</i>	n.º 168. Maio 1956. p. 4
Berta Craveiro Lopes	/scanner/ esposa Presidente República(...) simples, bondosa e culta(...) afável e distinta no lugar que ocupou(...) fazia compras nas ruas da Baixa e Chiado com netinhos(...) funeral para cemitério dos Prazeres	n.º 194. Jul. 1958. p. 3
Irene Lisboa	Livros <i>Outono havias de vir</i> , <i>Começa uma vida</i> , <i>Apontamentos</i> , <i>Uma mão cheia de nada outra de coisa nenhuma</i> , <i>Voltar atrás para quê?</i> , <i>O pouco e o muito</i> ; e está prestes a aparecer um livro de contos para crianças, <i>Queres ouvir? Eu conto</i> . Notável pedagoga, professora ensino primário, Inspectora, Bolseira do <i>Instituto de Alta Cultura</i> , aluna de Claparède na Suíça, atenção ao ensino infantil; Autora de <i>Modernas tendências de Educação</i> , <i>Psicologia do Desenho</i> , <i>Iniciação do Cálculo</i> , etc., deu-nos a honra da sua colaboração, e, a nosso pedido, escreveu uma série de artigos, que publicamos, sobre <i>A primeira educação</i> .	n.º 198. Nov. 1958. p. 11
Judite Serra de Proença Norte /scanner/	Faleceu a 2 de Janeiro; descendente de pedagogos e ela própria professora, aliava ao seu grande carinho pelas crianças um interesse apaixonado pelos problemas da Instrução. Em 1906 chegou a Lourenço Marques para exercer o cargo de Directora da Escola I.º de Janeiro. Principiou então a sua notável acção social: chamar à Escola todas as crianças. Colaboração do marido inspector escolar e do governador Freire de Andrade conseguiu os primeiros exames em Moçambique; regressara	n.º 105. Fev. 1951. p. 21

<sup>491</sup> O texto é de 'M.M. V. Soares' e deve ser também mulher porque refere: "(...) nome conhecido de todas nós que frequentámos liceus e escolas onde foi professora(...)"

	á Metrópole há 25 anos	
--	------------------------	--

A referência a uma pedagoga da obra de quem extraíra diversas citações é feita em Junho de 1952, imediatamente no mês seguinte àquele em que ocorreu a morte de Maria Montessori. Dela dirá que nasceu em Roma, “(...) em 1870 (...) Primeiro formada em Medicina e Ciências Naturais. trabalho em Psiquiatria(...)em 1898 no Congresso Pedagógico de Turim expõe ideias(...) e encarregada de reger curso para formação de professoras- nasceu Escola Ortofrénica, que dirigiu(...). Na Universidade de Roma leccionou *Antropologia* e no *Instituto Superior do Magistério Feminino*, *Antropologia* e *Higiene* - 1916- experimentar com crianças normais...num bairro pobre de Roma...princípios montessorianos...Faleceu em 6 de Maio de 1952, na Holanda onde residia há anos (...)” (ONF, Jun. 1952).

Das relações pessoais de Maria Lúcia Vassalo Namorado é referida Guilhermina Suggia que morrera no Porto, em 30 de Julho de 1950 e além de publicar uma pequena biografia da artista refere que “(...)tivemos a honra de conhecer pessoalmente a grande artista(...)” (ONF, Set. 1950).

Destas notícias, há duas sobre a mesma colaboradora: Manuela Porto. Na primeira, publicada no mês seguinte ao da morte da amiga, dirá Maria Lúcia Vassalo Namorado: “(...)faleceu na madrugada de 7 de Julho passado não encontramos palavras que exprimam a nossa dor e a perda irreparável que a sua morte representa (...) Requentadamente feminina, duma gentileza inexcédível e permanente, muito de sensibilidade e de talento, profundamente boa e honesta (...) colaboradora na revista *Eva* ocupava com brilho o lugar de secretária da direcção e colaborava várias revistas; apaixonou-se Teatro(...) conhecia muito bem, dirigia artisticamente, com o maior entusiasmo, o *Grupo Dramático Lisbonense*; declamadora, fazia-se ouvir frequentemente em recitais de poesia moderna não só em Lisboa como no Porto, em Coimbra e em varias pequenas terras; escritora, deixou publicados dois livros (...)” (ONF, Ago. 1950). Um ano depois, refere a homenagem póstuma que a *Associação Feminina Portuguesa Para a Paz* promovera a 24 de Abril, data do aniversário de Manuela Porto: “(...) De manhã, no cemitério do Lumiar, descerrou-se uma lápide na sua campa, que ficou coberta de flores. A noite, no Museu João de Deus, houve sessão em que a pianista Maria da Graça Amado da Cunha interpretou *Pranto*, e o grupo coral do G. D. L. Um *In Memoriam* (...) falaram a jornalista *Lília da Fonseca* e o compositor Fernando Lopes Graça (...) e a artista Maria Barroso disse 2 poesias. Associamo-nos a

estas homenagens, singelas mas sentidíssimas, de todo o coração. É-nos muito grato verificar que os amigos e admiradores de Manuela Porto não esquecem a sua gentilíssima de mulher e artista, dona dum grande coração e dum carácter puro (ONF, Maio 1951). Sobre esta colaboradora com quem Maria Lúcia Vassalo Namorado trabalhou pessoalmente, há ainda mais documentos no *Espólio* (cf. Caixa 72. Maço 2 e Caixa 77. Maço1).

### **Colaboradoras(es) estrangeiras(os)**

São mais de duzentos os artigos, citações na forma de pequenas frases para meditar e textos sobre iniciativas realizadas no estrangeiro<sup>492</sup> da autoria de colaboradores estrangeiros<sup>493</sup>. Como referimos no primeiro capítulo não os analisámos em profundidade se bem que aqui nos mereçam alguns parágrafos de reflexão, quer quanto à forma quer quanto ao conteúdo.

Os artigos mais extensos são geralmente para dar a conhecer às leitoras realidades diversas da nacional. Muitas vezes é neles que encontramos o que aqui não se podia dizer, devido à Censura. Outras, a directora da revista aproveita para extrair algumas frases emblemáticas de obras que conhece, que ela quer usar para que as mães nelas meditem. Estes artigos são por vezes assinalados com a indicação de *Exclusivo para Os Nossos Filhos*. Tais artigos podem ser comprados a agências como a France Presse<sup>494</sup> ou *Mariac Dimbla* que envia diversos artigos<sup>495</sup> para *Os Nossos Filhos*.

Vejamos, apenas a título de sistematização, as/os colaboradoras(es) estrangeiras(os) de *Os Nossos Filhos* e os temas por elas(es) abordados.

---

<sup>492</sup> Estes dados são, por vezes, apresentados por colaboradoras nacionais.

<sup>493</sup> A maior parte dos dados sobre esta categoria estão sistematizados em *Apêndice Colaboradores estrangeiros que colocamos em Apêndice Cap. 4* a este trabalho.

<sup>494</sup> Que "(...) envia factura de 100\$ pelo envio de artigo de Sabine Petersen intitulado "A puberdade influi grandemente na adolescência" que fornecemos para publicação em exclusivo(...)" (Agence France-Presse, factura. Caixa 28. Maço 1).

<sup>495</sup> Recibos de agência pelo fornecimento de artigos: 2-7-56, "O seu filho prodígio", publicado nº Junho-60\$; 30-7-56, "O seu filho é um problema" e uma foto- 85\$; 1-6-56, "O seu filho tem medo da água?", publicado Maio 56- 60\$; 19-4-56, "As crianças não querem ser sociáveis" e uma anedota- 75\$; 27-3-56, artigo de Ruth Martin e anedota, saídos Março 56- 75\$; 27-1-56, um artigo e uma anedota- 75\$; 19-12-55, uma artigo e duas anedotas- 90\$; 5-12-55, "A criança asmática" e uma anedota- 75\$; 4-11-55, um artigo e uma anedota publicadas este mês- 75\$; 4-3-57, "Quando os pais disputam com os filhos", publicado Fev. 57- 60\$; 30-3-57, "Meu filho é agarrado demais a mim" de Ruth Martin- 60\$; 4-2-57, "A menina ficou noiva"- 60\$; 26-12-56, "Ciúmes infantis" de Ruth Martin- 60\$; 29-8-56, "O seu filho tem medo de animais, publicado em Agosto- 60\$; 30-4-57, "Crianças caprichosas" publicado nº de Abril- 60\$; 28-11-56, anedota desenhada e artigo "Cuidados com a pele do bebé", publicados Nov. 56- 75\$; 28-9-56, "As viagens e as crianças" e duma anedota desenhada, publ. Nº Set- 75\$; 26-10-56, "Ajude o seu filho a acostumar-se à Escola", publicado nº Out- 60\$; 30-7-57, "Está à espera de bebé" de Ruth Martin, publ. Nº Julho 1957- 60\$; 25-6-57, "O mundo de seu filho"- 60\$; 29-5-57, "A criança não quer comer", publicado Maio 57- 60\$(...)"(Maria Dimbla. Lisboa. Caixa 22. Maço 4).

Nos anos 40, a revista tem diversos artigos que abordam a questão da Guerra e das suas consequências (*Renée de Charmoy*<sup>496</sup>, ONF, Mar. 1945; Frances Braithwaite, ONF, Jan. 1946). A maioria dos artigos é sobre Puericultura, como é o caso de D. Canfield-Fisher (ONF, Set. 1944) e de Ruth Martin que, entre 1953 e 1955 colaborara com *Modas & Bordados* (Cf. Guimarães, 2002. Apêndice 1) e que, depois desta última data, passa a assinar, com alguma regularidade, alguns dos ‘exclusivos’ para *Os Nossos Filhos*. (ONF, Out. 1955 e seguintes).

As preocupações com a alimentação e a saúde das crianças (Alice West, ONF, Mar. 1945), a adolescência e a educação das mães (D. Canfield-Fisher, ONF, Set. 1944) e a das crianças (Dora Bell, ONF, Dez. 1948) são outros dos temas aqui abordados<sup>497</sup>. No campo da Puericultura o mais interessante é a referência ao Dr. Benjamin Spock<sup>498</sup> (ONF, Jul. 1958) que nos prova que Maria Lúcia Vassalo Namorado lia também o que se ia publicando sobre a educação infantil no estrangeiro. Sabemos que logo em 1956 lê *Comment nourrir son enfant*, do referido médico. Ele fora o mais novo de seis irmãos

---

<sup>496</sup> Pseudónimo de Mme. Oulmont, amiga de Maria da Luz de Deus (Ponces de Carvalho) que recebe dinheiro por esta sua colaboração em ONF, Mar. 1945 e Jun. 1945: o primeiro artigo é sobre as carícias que as mães francesas e portuguesas, mais do que no Norte da Europa dispensam aos filhos; o segundo, é um apelo às crianças portuguesas: “(...)vida da cidade e campestre na Noruega/ os meninos portugueses que têm tão bom coração, consagrem um pensamento aos seus irmãozinhos da Noruega que acabam de sofrer tanto mas que se mostraram tão heróicos(...)”. Sobre estes artigos há algumas informações na correspondência entre a directora da revista e a filha de João de Deus Ramos: “(...) recebi há dias esta carta da Mme. Charles Oulmont que me apresso a enviar para que seja publicada com oportunidade(...)Recebi também uma indicação de moradas que esta Sr.a mandou de França e que passo a comunicar. Revista em que venham publicados os artigos e toda a correspondência devem ser enviadas para: M. Dany, Legation de la République Française au Portugal, Lisboa (...) a morada particular é ST Cloud (...). Quanto importância paga pelos artigos pediu Mme Oulmont o favor de ser enviada para: Mme Eduarda Cohen, Lisboa...esta sra encarregar-se-ia de lhe adquirir objectos que possam fazer-lhe falta no seu país empobrecido pela guerra. (Carta de 14 Ago. 1945. Caixa 42. Maço 1). Numa outra refere: “(...) recebi agora mesmo seu amável cartão. Já deve ter recebido carta que escrevi ante-ontem. Fiz já seguir pelo correio a parte que cabia à Mme Oulmont e o recibo que lhe diz respeito...gosto de verdade de colaborar consigo...ao seu dispor, incondicionalmente(...)” (Carta de 15 Ago. 1945. Caixa 42. Maço 1). Um ano mais tarde, novo contacto para “(...) Envio hoje tradução de um artigo da Mme Oulmont que recebi ontem (...)” (Carta de 16 Set. 1946. Caixa 42. Maço 1). Dois anos depois há outra carta em que se refere esta senhora e a sua colaboração: “(...) Quanto ao artigo de Mme Oulmont acho-lhe plenamente razão e a sra...está perfeitamente à vontade para resolver... As francesas salvo raras excepções, têm quase sempre tendência para cair na frivolidade com estilo. Deve ser até por isso que com aquele nosso instinto a pasmar diante do estrangeiro as nossas revista femininas se assemelham na sua maior parte a figurinos de modas. Faz a sra(...) muito bem em resistir com o seu bom senso inteligente a esta corrente frívola(...). Visto o artigo estar entregue, acho que a sra(...) pode publicá-lo mesmo graciosamente porque estou convencida que a Sra não fará questão disso nem de preços... um eco de Paris de vez em quando não fica mal na revista mesmo... dentro do seu carácter ligeiro que talvez por isso mais acentue a sua autenticidade e o ter saído do punho de uma mulher parisiense (...)” (Carta de 3 de jun. 1948. Caixa 42. Maço 1).

<sup>497</sup> Para uma análise mais exaustiva do que aqui afirmamos seria necessário fazer a leitura profunda do anexo que construímos com as colaborações estrangeiras.

<sup>498</sup> SPOCK, Benjamin et LOWENBERG, Miriam (cop. 1956) –. Verviers (Bélgica): Gérard & C<sup>a</sup>. 226 p. (Marabout Service; 12)



que se iria tornar, com o tempo, o autor do « (...) guia da infância mais divulgado no mundo(...)» (p. contracapa) e que fora uma criança difícil de alimentar. Esta obra iria destronar o livro de Holt- *Care and Feeding of Infants*. Neste último defendia-se que os alimentos sólidos fossem introduzidos na alimentação da criança apenas a partir do primeiro ano de idade. Àquele livro de Spock irá fazer referência quer na revista *Os Nossos Filhos* quer nos números 188 e 193, respectivamente sobre a organização das refeições e a criação de um bom ambiente à mesa, quer para o *Diário de Lisboa* onde Maria Lúcia Vassalo Namorado publica algumas receitas de batidos, sumos e legumes (p. 83 a 126) extraídas desta obra.

Outros dados que não podem deixar de ser aqui referenciados são os que assumimos como exemplares do que eram as intenções e a linha editorial da directora da revista. Analisemos alguns dos textos incluídos em *Os Nossos Filhos*: os de colaboradoras(es) portuguesas que se referem a situações que identificaram no estrangeiro e os artigos que considerámos na categoria *política*.

Os textos da directora da revista sobre o que se passa no estrangeiro são vulgarmente pequenas notas que ela retira de publicações de referência, muitas das quais identifica como fontes. Como faz com os temas da área política, também nos de educação ela tenta sempre mostrar como o estrangeiro estava mais avançado do que nós, ou melhor dizendo, vai dando o exemplo do exterior para melhor se perceber não só o que propõe na sua revista como para se falar de coisas que, no quotidiano nacional, estavam arredadas das conversas.

Maria Lúcia Vassalo Namorado assume, sem rodeios, a necessidade de se proteger a criança e as mães, “(...)seja qual seja o estado civil (...)” (ONF, Jun. 1946) como se fazia na Suécia, de se fabricarem móveis especialmente destinados aos jardins de infância (ONF, Jan. 1947) e sobre formas de apoiar crianças e idosos (ONF, Dez. 1949) como acontecia em Inglaterra, ou de se criar uma cadeira de *Pediatria* nas universidades (ONF, Jul. 1949), das vantagens e possibilidades de se ensinar música através de aulas realizadas na televisão (ONF, Abr. 1950), isto sete anos antes dela ter sido introduzida em Portugal.

Ao mesmo tempo que elogia a criação do *Serviço Social* em Espanha (ONF, Mar. 1950) também tece os maiores encómios e dá a conhecer entre nós o “(...)famoso Infantário Nestlé, na Suíça (...)” (ONF, Jan. 1952) ou as clínicas móveis que, para tratamento e profilaxia dos problemas de dentes entre as crianças tinham sido criadas em Kent, Inglaterra (ONF, Jun. 1950).

Da leitura dos textos de colaboradores portugueses que escrevem do/sobre o estrangeiro ficamos a saber que a revista teve dois correspondentes, uma em Londres e outro em Paris, respectivamente, *Clara do Prado*<sup>499</sup> (ONF, Out. 1947) e João Alves das Neves<sup>500</sup> (ONF, Jul. 1953). A primeira fora contactada por Fernando Pessa que lhe levava uma carta de Maria Lúcia Vassalo Namorado em que esta convidava a dita senhora para ser correspondente em Londres de *Os Nossos Filhos*. Eduarda Alves Mattos<sup>501</sup>, irmã do médico Cristiano Alves Mattos, era já correspondente de um jornal português naquela cidade. Exigia que o pagamento fosse de 100\$00 por artigo e “(...) o número grátis em que for publicado(...)”. O pagamento da colaboração seria feito ao irmão (Carta de 22 Jul. 1945. Londres. Caixa 47. Maço 3). *Clara do Prado* escreve sobre as vantagens da utilização de outros meios nas aulas que não apenas o discurso e os quadros como a lousa ou os mapas. Neste sentido refere até a intenção da UNESCO em fazer e promover o empréstimo internacional de “(...) fitas educativas para divertir, educando(...)” e sobre a criação de cinemas só para crianças, aonde os pais e encarregados de educação as levam a assistir a sessões especiais “(...)” (ONF, Out. 1947). É a ela que se deve ainda a notícia sobre a criação da *Youth Hostels Association* (ONF, Jan. 1948).

João Alves das Neves<sup>502</sup> escreve, na forma de crónica mensal, sobre a criação, em Paris, de “(...) lugares reservados no metro, autocarro só para crianças, da existência de um Museu Pedagógico ao lado da Sorbonne (...) de confederações de pais laicas, da Federação internacional dos org. de correspondência e de trocas escolares (...)” (ONF, Jan. 1952); escreve sobre a *Semana Nacional da Infância* que se realiza há 50 anos para “(...) Combater a ignorância das mães, a falta de carinho, as deficiências alimentares e a mortalidade infantil, centralizando, coordenando e difundindo todas as noções essenciais à vida, da Criança, desde, a, pré-natalidade à idade escolar (...)” (Jun. 1952) ou sobre o “(...) problema das crianças abandonadas(...) que são entregues a amas e que

---

<sup>499</sup> Pseudónimo de Eduarda de Mattos, irmã do médico Cristiano Mattos, que fora empregada na *General Motors* e na *BBC*, onde fora substituída pela mulher de Fernando Pessa, em Londres (Cartas de 8-6-55 e 11-6-55. Caixa 26. Maço 2), era amiga de Francine Benoit e de Lucinda Atalaia; criara, em Campo de Besteiros, o *Aviário da Gândara* ou de *Seleção de Raças Puras de Galinhas*, em Castelões. Pensara em enviar artigos até da Pérsia para *Os Nossos Filhos*. Dela são os artigos da revista sobre a obra do Dr. Barnard e sobre diversas instituições referidas na revista, existentes em Inglaterra. (Cf. cerca de 23 cartas existentes no *Espólio*. Caixa 41. Maço 2; Caixa 26. Maço 2; Caixa 47. Maço 3 e Caixa 72. Maço 3). Por ela sabemos que Maria Lúcia Vassalo Namorado terá tido ideia de ir a Inglaterra para lançar a revista (Carta de 25 Mar. 1946. Caixa 41. Maço 2).

<sup>500</sup> Com artigos desde Janeiro de 1952 só em Julho de 1953 tem essa indicação no texto.

<sup>501</sup> No início da carta está escrito, a lápis, por Maria Lúcia Vassalo Namorado: “(...) R. 17 - X - 945(...)”.

<sup>502</sup> Tem no *Espólio de Torres Novas* um livro intitulado Fernando Pessoa, cuja introdução e selecção lhe é atribuída. Publicado no Rio de Janeiro, pela Editora Iris (Cf. Anexo Cap. 1- *Espólio Torres Novas*)

“(…)Toda criança nascida em França se vê atribuída um boletim de saúde (ONF, Mar. 1953) ou do *Congresso Montessori*, realizado um ano após a morte dessa pedagoga (ONF, Jul. 1953) e onde Portugal esteve representado por “(…)Prof. Luís Figanier, do Liceu Pedro Nunes e actual leitor de Português na Universidade Católica de Paris (…)” (ONF, Jul. 1953).

Também sobre a vida em Inglaterra escreve Anália Torres. Esta colaboradora finge ter recebido cartas de uma portuguesa, “(…) a nossa amiga Celeste que continua a revelar-nos interessantes aspectos da vida da Mulher e da Criança em Inglaterra (…)” (ONF, Maio 1951). Dessas informações fazem parte um conjunto de dados que nos permitem concluir que a autora queria provar como naquele país, mesmo com a Guerra, era mais fácil a vida das mulheres trabalhadoras pois que havia, entre outras, “(…) facilidades e subsídios de maternidade (...), obrigatoriedade de ensino até 15 anos com sanções para os que não a frequentam (...)crianças mesmo ricas com farda igual...polícias não aceitam a gorjeta, indispensável na vida portuguesa...aprendem na escola puericultura (...) crianças sem lar da Guerra não vão para Asilos mas o governo sustenta-as em grupos de 5 ou 6, em "lares"...crianças vão para cama cedo e dormem sozinhas (…)” (ONF, Ago. 1951).

Sobre a Suécia escrevem J. Beltrão Coelho e Ilse Losa. O primeiro refere as “(…)”escolas-recreios” a que antes se chamavam ”jardins-escolas” e as ”creches de tarde” onde ficam filhos enquanto mães trabalham...refeições diárias para quem não pode (...)” (ONF, Out. 1947). Ilse Losa que dá conta da iniciativa que se realizou nos jardins do mesmo país, depois de se ter pedido autorização ao rei para neles construir casinhas para as crianças brincarem. O comentário da escritora refere que: “(…) Este relato dá-nos uma ideia nítida daquilo que significa ir ao encontro dos desejos e necessidades infantis. Tornar assim a meninice um período feliz da vida dos cidadãos» devia ser a preocupação de todos os povos. Realizações assim, dão às crianças o que elas neste período decisivo da vida necessitam: saúde, desenvolvimento físico e mental; felicidade E não é de esperar que crianças felizes e bem orientadas venham a ser homens melhores em todos os sentidos do que crianças infelizes e mal orientadas?” (ONF, Fev. 1951).

Sobre o quotidiano das mulheres belgas escreve Emília Gomes Bação Leal (cf. Cartas no *Espólio*) concluindo que aquelas têm “(…)vida facilitada como donas de casa (...) porque os belgas são em tudo mais práticos do que nós, até na alimentação (...)A sua melhor refeição é o almoço, e o dispensam melhor as criadas, que lá é luxo (...) (ONF,

Mar. 1948).

Sobre educação musical escreve Maria Luísa Manso que, em Londres, fez uma série de conferências na B.B.C., sobre analfabetismo musical, ou mais concretamente, sobre *A Educação Musical na Inglaterra* (ONF, Abr. 1950 a Jun. 1950).

Sobre educação no estrangeiro, a partir de um conjunto de notas de viagem que havia tomado aquando da sua ida à Suíça escreve Cecília Rey Colaço Menano (cf. Biografias) que explica pormenorizadamente o que ali observou, visitou a *Home d'Enfants* e ainda a *Maison des Petits de Mlle Audemars*, fundadora dessa escola no *Instituto J.J. Rousseau* (ONF, Dez. a Fev. 1951).

Também como resultado da sua viagem pela Europa, para conhecer instituições de apoio à criança, é o artigo da médica Branca Rumina que visitou, em Espanha, a *Hogar-Cuna Carmen Franco* ou *Pouponnière Carmen Franco*<sup>503</sup>, para crianças do nascimento até 3 anos (...) com um total de 120 lugares (...)” (ONF, Jan. 1948).

Quatro outras(os) articulistas serão ainda referidas(os) neste abordagem à colaboração estrangeira. Entre Junho e Outubro de 1948 serão publicados artigos sobre a educação no México. Quando os lemos, perguntámo-nos qual teria sido a razão de incluir, durante quatro meses seguidos, textos sobre a educação naquele país. Pensámos primeiro que se devia ao facto de os artigos serem a transcrição de uma conferência que fora realizada no salão do *Museu João de Deus*. Neles eram abordados temas como a forma como ali fora conduzida a *Campanha Nacional do Analfabetismo* para a qual alguns artistas mexicanos haviam doado obras a serem leiloadas para financiar a *Campanha* e que incluía alguns filmes educativos e “(...) mesmo Bette Davis se ofereceu para participar num dos filmes usados (...)” (ONF, Jun. 1948), como se organizara o “(...) novo ensino primário rural, de forma a corresponder às realidades nacionais (...) e a formação profissional dos mestres das escolas primários campesinas (...)” (ONF, Jul. 1948), como se haviam organizado as “(...)equipas para dar apoio nos acidentes de trabalho (...)” (ONF, Ago. 1948), como se viam os jardins infantis, ou seja, “(...)um dos mais interessantes exemplos do que pode conseguir-se nesse campo da educação, aplicando os progressos da ciência e interpretando correctamente o meio mexicano. Actividade, alegria, ar livre; jogos, asseio, beleza, contacto com a natureza e com a vida social, teatro infantil, música, danças/ cinema, rádio, excursões. Além disto (...) as brigadas do alegria, formados por educadoras e professoras (...)” (ONF, Set.

---

<sup>503</sup> Sobre esta instituição apoiada pelo franquismo, cf. O documentário que sobre ela existe nos arquivos do *Canal História*, emitida em Novembro de 2004.

1948) ou até a forma como se organizara o ensino técnico (ONF, Out. 1948).

Apesar do real interesse educativo da palestra, das informações que ela fornece e pensando naquilo que, no mesmo campo, se fará em Portugal nos primeiros anos da década de 50, ainda não compreendíamos a razão de tal publicação. Já depois deste texto escrito, deparámos com algumas informações no semanário *Expresso* (Cruz, 2005) que nos permitiram identificar a palestrante, Maria Luiza Bosques (Cf. *Apêndice Cap. 4- Biografias*) e o *Unitarian Service Committee*, uma instituição que referimos mais em pormenor no capítulo em que analisamos as iniciativas de *Os Nossos Filhos* para recolha de fundos para as crianças vítimas da Guerra. Aquela senhora era a mulher do embaixador do México em Portugal, Gilberto Bosques “(...)“chegado a Lisboa em Fevereiro de 1946 e trazia a missão de salvar republicanos espanhóis em fuga. Conseguiu-o graças a um insólito pacto estabelecido com Salazar, que assim traía o acordo assinado com Franco(...) em 17 de Março de 1939. Apesar de a Civil de Espanha estar oficialmente extinta desde Março de 1939, Portugal continuava a servir de placa giratória para centenas de republicanos em fuga para o outro do oceano. (...)” (Cruz, 2005). O embaixador e a família, depois de “(...) terem sido depois de terem sido presos pelos nazis em França e a seguir deportados para a Alemanha durante um ano, (...)” chegou a Lisboa com aquela missão e vai conseguir realizar os seus propósitos. Os refugiados chegados a Lisboa eram encaminhados para “(...) Maria Oppenheimer ligada ao *Unitarian Service Committee*(...)” com ficha na *PIDE* e a quem pertencem algumas citações nestes números da revista. O embaixador só termina a sua missão em Lisboa “(...)em 23 de Janeiro de 1950, dia em que foi nomeado Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário na Suécia e na Finlândia. Por decreto datado de 20 de Janeiro de 1950 é-lhe atribuída uma das mais altas condecorações do Estado Português: a Grã - Cruz da Ordem Militar de Cristo e foi a condecoração entregue em mão, pelo ministro dos Negócios Estrangeiros de então, Caeiro da Mata, já eles estavam em Santa Apolónia (p. 28). O título é enviado para Estocolmo e só em *Diário do Governo* de 2 de Fevereiro de 1950 é publicado (...)”(Cruz, 2005).

Mesmo que tivéssemos alguma dúvida sobre o que pensava Maria Lúcia Vassalo Namorado acerca da questão feminista, a leitura do texto de uma estrangeira, a médica brasileira Nice Figueiredo, sobre a igualdade de direitos entre homens e mulheres não nos deixa quaisquer dúvidas sobre o pensamento da directora de *Os Nossos Filhos*. Num excelente artigo, a partir de uma argumentação cuidada, a autora chega a algumas conclusões que partilha com as leitoras. Não pretende defender que a mulher possa ter

“(...)vícios, aventuras e irresponsabilidades /pois que elas/ nunca foram apanágio dos homens(...)”. O problema está mal colocado uma vez que “(...) ter direito de errar moralmente e ser aceite pela sociedade?...Essa sempre a teve se quiser... a igualdade de direitos pela qual você tem de lutar é muito outra. Tem realmente de lutar e muito: você tem de ter de facto as mesmas oportunidades que os homens de aplicar as suas aptidões como profissional de qualquer ramo, afastando esse conceito erróneo de inferioridade intelectual da mulher em razão das suas condições biológicas. É a de "efectivamente»" tomar parte nos assuntos de interesse do seu país( ...)de não ser afastada dos empregos porque, é casada e tem filhos(...). Tem de conservar a sua personalidade mesmo depois do casamento acabando as limitações à sua escolha, que a impedem de ter o pátrio poder sobre os filhos, de dar consentimento para eles casarem, de trabalhar livremente sem necessidade de consentimento do marido, fazendo doação a quem você quiser (...)Mas para essa igualdade de direitos você tem que pagar um preço. Assim como o que paga para ter um vestido. O preço aqui é bem mais caro: é o de assumir a responsabilidade dos deveres que a grande parte dos homens suporta até hoje. Trabalhar para manter-se e à sua família, trabalhar para educar os seus filhos, para conseguir conforto e bem-estar, para poder divertir-se e conservar a saúde. Estas tarefas terão de ser divididas entre o marido e você para que você possa ter os mesmos direitos que eles. O preço pode parecer demais leitora mas, nós vamos demonstrar que compensa. Você acha que não?(...)” (ONF, Fev. 1949).

Neste mesmo ano, há ainda um artigo de Joseph Kalmer no qual se defende a escolarização das crianças ciganas e se dá o exemplo do que no Reino Unido foi já feito nesse sentido (ONF, Jul. 1949).

Finalmente, publicados entre Janeiro de 1944 e Março de 1955, recomeçando em Agosto e terminando em Dezembro de 1957, temos um conjunto de artigos de Katharine F. Lenroot, “(...) Chefe da *Repartição de Assistência à Infância dos Estados Unidos da América* (...) que, por amabilidade dos *Serviços Culturais da Embaixada*, em Lisboa, começamos hoje a publicar (...)” (ONF, Jan. 1944). O texto de onde são extraídos os artigos está no *Espólio*<sup>504</sup> de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Ele vai ser

---

<sup>504</sup> REPARTIÇÃO DE ASSISTÊNCIA À INFÂNCIA (1952) - *A Criança dos seis aos doze anos*: edição portuguesa do opúsculo intitulado *Your Children from Six to Twelve* publicado pela Diretoria Federal de Previdência. Washington : Repartição de Línguas Estrangeiras da Secretaria de Estado. 171 p. (nº 66 do espólio tratadona base bibliográfica do Espólio) Esta publicação, como se pode ver na na contracapa, é uma das de uma colecção que a *Repartição de Línguas Estrangeiras da Secretaria de Estado* publicou em português as seguintes brochuras da Repartição de Assistência à Infância, Diretoria Federal de

utilizado em *Os Nossos Filhos* e também no *Diário de Lisboa*, jornal em que a directora desta revista irá colaborar depois do encerramento da publicação que dirige. O texto de cada um dos artigos, tal como acontece com a brochura de onde são retirados, é subdividido em pequenas unidades temáticas<sup>505</sup>. Cada uma delas vai ser assim publicada em *Os Nossos Filhos*, ao longo do período já referido e coincide com uma época de mais dificuldades da revista para pagar os artigos a outras(os) possíveis colaboradoras(es) estrangeiros. Não esqueçamos que os *Serviços Culturais da Embaixada dos EUA*, em Lisboa vão autorizar a publicação sem cobrar nada por isso. Sabemos até os textos que Maria Lúcia Vassalo Namorado publicará, novamente, no *Diário de Lisboa* pois que, como vulgarmente faz, a lápis, à margem, ela assinala as linhas que quer reproduzir. Num dos textos assim marcado escreveu até que seria para publicar em *D.L. Fev. 1966*.

### Pseudónimos

Saber quem são as(os) colaboradoras(es) e autoras(es) de artigos de *Os Nossos Filhos* nem sempre é fácil. A utilização de nomes abreviados, de nomes sem apelido(s) de casada(s), de identificação feita apenas através de iniciais, de acrónimos, a utilização de pseudónimos femininos por colaboradores e de pseudónimos masculinos por senhoras ou mesmo a utilização de mais do que um pseudónimo, para a mesma pessoa, foi tarefa que dificultou, por vezes, uma mais rápida identificação de algumas(uns) delas(es). O uso de pseudónimos é um recurso frequente também fora do ambiente da imprensa. Também no “(...) Partido Comunista se recomenda, depois dos anos 40, o uso de pseudónimos— que devem ser nomes vulgares para que a polícia pense tratar-se de nomes verdadeiros /observar/ a pontualidade absoluta às reuniões(...) e a restrição, ao mínimo indispensável, dos apontamentos escritos(...)” (Ribeiro, 1995. p. 262).

Autores há que defendem que o recurso aos pseudónimos era mais vulgar nas mulheres

---

Previdência: *Boa Postura na Criança Pequena, Conferencia sobre Higiene Infantil, Cuidado da Criança, Higiene da Gravidez, Jogos e Brinquedos Caseiros para a Criança de Idade Pré-escolar, Manual para o Ensino de Parteiros, A Criança dos 6 aos 12 Anos...*

<sup>505</sup> A brochura está dividida em capítulos com os seguintes títulos: *O que são as crianças dessa idade /entre 6 e 12 anos/, A Vida domestica tem mudado muito; Como ter êxito na criação dos filhos; Como o ajustamento social da criança e influenciado pela família; O que o brinquedo representa para a criança; Como a vida do lar prepara para a independência; Como ajudar a criança a tirar o máximo proveito das suas aptidões mentais; Acção conjugada do lar e da escola; Problemas cotidianos medos, preocupações, frustrações e seus derivativos; Alguns problemas especiais de família; Ocupações e passatempos as crianças e o dinheiro; A atitude salutar antes(sic) os problemas do sexo; O crescimento na segunda infância; A proteção da saúde infantil, Quando a criança adoece; Os serviços sociais de proteção à criança.*

do que nos homens pois “(...) outra forma das mulheres (...) serem ouvidas, foi por meio da escrita. Chartier afirma que : “(...)A relação das mulheres com a escrita, é caracterizada (...) por um certo número e traços: o recurso frequente ao anonimato ou ao pseudónimo que dissimula a identidade verdadeira do autor, a distância em relação a edição, a destinação das obras a um público restrito, próximo, cúmplice (...)”(l 995, p. 38, cit. In Ribeiro, 2002. p. 62). Esta escrita feminina era muitas vezes pouco considerada, vista como “(...) privada de propriedades que, maioritariamente, qualificavam a escrita masculina: o nome próprio, a difusão na imprensa, a busca de um grande público, anónimo e longínquo (...)” (Ribeiro, 2002. p. 62). A utilização de tantos pseudónimos mostra-nos “(...)a medida da censura ao espaço público(...)”(Ribeiro, 2002. p. 73) que durante muitos séculos fora imposta às mulheres.

O recurso a este anonimato momentâneo tem sido vulgar em diversos meios de comunicação e tem sido adoptado por diversas e variadas razões. Nem sempre é simples, anos passados, saber quem estava ‘por trás’ deste ou daquele pseudónimo. Em obras recentes tem sido feito um esforço para que seja possível a identificação das pessoas que a eles recorreram. A consulta de trabalhos como o de Alice Guimarães (2002), Nóvoa org. (2004), Castro e Esteves (2005) assim como os dicionários de pseudónimos<sup>506</sup> já existentes (cf. bibliografia deste trabalho) é fundamental para quem queira identificar muitas(os) destas falsas identidades. A leitura da base das cartas do *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* revelou-se, neste trabalho, também uma excelente fonte de informação e de identificação das pessoas ‘escondidas’ atrás de pseudónimos. Como muitas das escritoras e jornalistas da sua época, Maria Lúcia Vassalo Namorado usou diversos pseudónimos ao longo de toda a sua vida. Ainda nos primeiros textos publicados assina apenas como *Maria Lúcia*. Em 1934 subscreve, na revista *Fémina: jornal ilustrado da Mulher*, um artigo sobre as criadas de servir<sup>507</sup> com

---

<sup>506</sup> Como podemos verificar no *Espólio*, mais do que uma vez foi Maria Lúcia Vassalo Namorado contactada para colaborar com organizadores deste tipo de obras. A primeira de que temos conhecimento data de 25 de Janeiro de 1945, quando António Ramos Ferreira, em nome da *Biblioteca Pública Municipal do Porto* a contacta porque estando aquela instituição a fazer um ensaio bibliográfico onde pretendem ter uma lista com os pseudónimos dos escritores e jornalistas de língua portuguesa, consagrados ou não, pedem os pseudónimos literários das escritoras ou escritores, jornalistas ou publicistas de que ela tenha conhecimento. Nas costas da carta, a lápis, está uma lista de nomes com outros à frente. Em primeiro lugar está o de Maria Lamas com o nome *Rosa Silvestre*. (Caixa 63. Maço 1).

<sup>507</sup> Uma Dona de Casa (1934) – “As Nossas criadas”. *Fémina: jornal ilustrado da Mulher*. Dir. Helena de Aragão. Editor Aníbal Breia. N.º de 5 de Outubro de 1934. p. 15.



o anónimo: *Uma dona de casa*. Na revista *Os Nossos Filhos*<sup>508</sup> identifica-se sob diversos apodos<sup>509</sup>:

Quadro nº29.: Pseudónimos de Maria Lúcia Vassalo Namorado:

Nome	Conteúdo	Fonte
<i>Dona Experiência</i>	artigos sobre culinária, duração do luto ou a forma de limpar o leite entornado em cima de uma mesa	ONF, 09-1947 ONF, Ago. 1957
"Velhinho das Barbas" <sup>510</sup>	Para horóscopo de crianças nos anos de 1956 e 1957	(ONF, Nov. 1956)
<i>Mãe</i>	Espécie de diário sobre quotidiano como mãe	08-1949, ou 03-1958
<i>Maria Namorado</i>	Na novela intitulada <i>Uma vida de mulher</i>	ONF 04-1950 e 07-1952
<i>A Irmã mais velha</i>	Pequenas ideias para fabricar brinquedos com crianças	01-1956
<i>Tia Luísa</i> <sup>511</sup>	poemas populares, anedota par rir, para meditar...e quadra	03-1955
<i>Tia Aninhas</i>	Correio para as crianças e para resposta a jovens, sobre poemas, problemas pessoais, de adolescentes	ONF 08-1942; ONF, Dez. 1953
<i>Maria Clara, Maria Fernanda, Maria da Luz</i>	Conselhos da mãe, da madrinha e da avó	ONF 03-1943
<i>Avózinha</i> <sup>512</sup>	Conselhos para as crianças e adolescentes	01-1954

<sup>508</sup> Como já referimos nos capítulos dois e três deste trabalho, Maria Lúcia Vassalo Namorado usou ainda outros pseudónimos, sobretudo enquanto colaboradora em *Modas & Bordados*.

<sup>509</sup> Fora da revista ela usará ainda os pseudónimos de *Maria*, para conselhos e regras de etiqueta, que usa em n.º 17, *Notícias de Penacova* de 26 de Novembro de 1932, p. 2 e o de Tião, para problemas amorosos, relações com família para resposta a adolescentes e jovens que começou por ser de *Mário Dionísio*; depois ele partilhava-o com Augusta Costa Dias e depois passou para Maria Lúcia (...) (Entrevista a Alice Vieira, 16 Abr. 2004), mais tarde em *Diário de Lisboa*. Usa ainda *Tia Maria Lúcia*, na secção *Para os Mais Pequenos* do *Diário de Lisboa*, após 8 de Outubro 1960.

<sup>510</sup> Em Fev. 1956, sob este pseudónimo, tem alguns horóscopos de crianças; num deles refere que os meninos daquele mês são“(...)sinceros e muito dados à política. Mas. Cuidado... A Política traz muitos dissabores...(...)”.

<sup>511</sup> A partir de 8 de Outubro de 1960 começa a publicar-se, na Secção do Suplemento *Magazine* do *Diário de Lisboa*, até 3 de Agosto de 1968 a secção *Para os Mais Pequenos* apresentado pela *Tia Luíza* que temos a certeza de ser Maria Lúcia Vassalo Namorado e mais se confirma quando passa a estar exclusivamente orientada por *Tia Maria Lúcia*.

<sup>512</sup> “(...) Podes contar-me o teu caso com toda a franqueza, mas peço-te que assines este ou outro pseudónimo. Estou muito mais à vontade ignorando a identidade das minhas queridas netas, e para elas também será melhor que eu seja apenas um coração carinhoso, servido pela experiência duma vida já longa (...)”(ONF, 03-1956).

Uma Mãe de Família <sup>513</sup>	Apelo a que as senhoras indiquem o que há/o que falta nas suas terras em matéria de assistência a mães e crianças	09-1946
Maria de Lourdes <sup>514</sup>	(na forma de uma carta que uma mãe escreve ao filho rapaz)	03-1953

Em *Os Nossos Filhos* não sabemos se é também de Maria Lúcia Vassalo Namorado o pseudónimo *Uma assinante torrejana*, que escreve sobre o que há e o que falta em matéria de apoio à mãe e à criança em cada localidade (ONF, Fev. 1949). cremos que é dela o texto em que reflecte sobre o que existe na *Companhia Nacional de Fiação e Tecidos* em que “(...)dizem ter uma assistência cuidada para os filhos das suas empregadas e para elas próprias (...). Mas em Torres Novas não há um jardim-escola para as mulheres do campo e para as empregadas publicas (...). Não temos um vulgar parque infantil. Foi há anos lançada a primeira pedra para esse parque mas não sei porque nunca mais foi avante (...). As nossas escolas são uma lástima, pois a maior parte das salas de aula não têm um bocadinho de sol, e ali estão tantas crianças encerradas todo o dia (...). Sobre mendicidade infantil também este é um problema grave em Torres Novas (...) por necessidade ou exploração das famílias miseráveis (...)” (ONF, Fev. 1949).

Não é só nos artigos que saem em *Os Nossos Filhos* que se recorre aos pseudónimos. Na documentação do *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* existem muitos textos de autoras(es) que optam por escrever sob uma outra designação. É o que se passa com a brochura sobre a tuberculose, escrita por *Luís de Castro*, um ilustre tisiólogo que escreve *Cartas a uma rapariga fraca*, publicado em Junho de 1950 (cf. Bibliografia final deste trabalho). Diga-se como exemplo que, nos livros que sabemos estarem em Torres Novas existe um de culinária<sup>515</sup>, muito frequentemente anunciado em *Os Nossos Filhos* que pensamos seria da autoria de Maria Palmira Tito de Morais, assinado por *Blandimar*. Esta colaboradora, cujos textos irão sair anónimos e serão alvo de republicação, quando ela deixar de poder assinar o que escreve, por motivos políticos, como adiante referiremos, usa ainda outras ‘identificações’ como sejam: *Maria da Graça*<sup>516</sup> (ONF, Jan. 1947) e *Uma Puericultora*<sup>517</sup> (ONF, Mar. 1947).

<sup>513</sup> Também deve ser Maria Lúcia Vassalo Namorado porque tem apelo para que colaborem as senhoras dizendo o que há e o que falta, em matéria de Assistência, nas suas terras.

<sup>514</sup> cremos que possa ser outro pseudónimo da directora de *Os Nossos Filhos*.

<sup>515</sup> (1944) - *Arte culinária*: introdução de Pacheco de Amorim. Coimbra : Coimbra Editora, 1949. 1036 p.

<sup>516</sup> Será Maria Palmira Tito de Morais mas não pode escrever aqui. Cf. o desenho da criança com roca na mão e sob a rubrica *Consultório* como se fazem as papas, menus, etc.

Se muitos não são mais possíveis de identificar<sup>518</sup>, outros há que nos parece importante deixar registados neste trabalho. No que diz respeito a pseudónimos identificados através da leitura da correspondência existente no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*, como acabamos de referir, foi uma longa tarefa de que não damos conta de forma exaustiva uma vez que nos afastaríamos muito do objectivo do presente trabalho. Porém, alguns há que não deixaremos de mencionar porque são importantes para a total compreensão do conteúdo dos artigos inseridos em *Os Nossos Filhos*. São apenas alguns<sup>519</sup> os que passamos a apresentar. Como referimos no início deste subcapítulo, daremos exemplos de nomes abreviados, de nomes sem apelido(s) de casada(s), de identificação feita apenas através de iniciais, de acrónimos, a utilização de pseudónimos femininos por colaboradores e de pseudónimos masculinos por senhoras, a utilização de mais do que um pseudónimo, para a mesma pessoa e finalmente, os casos em que as senhoras recorrem a pseudónimos para, às escondidas, poderem colaborar com a revista ou falarem de política.

Algumas são as colaboradoras que usam pseudónimos em *Os Nossos Filhos*, de forma a poderem colaborar com mais de uma intervenção no mesmo número ou em números diversos. Dos que são usados por colaboradoras(es) destacamos:

Professorinha de aldeia	Isabel César Anjo (?)	ONF, 01-1954
Lavínia	Ludovina Frias de Matos	07-1944
Airina	Irene Lisboa	12-1950
Carlos Taveira	Irene Lisboa	06-1951
Rosa Silvestre	Conto infantil de Maria Lamas	11-1955
Suzana Pobre <sup>520</sup>	Maria do Carmo Rodrigues, escritora e directora de <i>A Canoa</i>	05-1952
Teresa Canto	Marianinha Rey Colaço Robles Monteiro Lino <sup>521</sup>	08-1954

<sup>517</sup> Ensina como fazer papa da criança, como fazer se criança cair...sobre não corta unhas a crianças...pedido de livros de puericultura para se instruir porque também recomenda obras em inglês como ela costuma fazer.

<sup>518</sup> Estão neste caso *Manuela* (ONF, 04-1954), *Uma assinante aflita* (ONF, 04-1954), *Uma Mãe preocupada*, *Faro* (ONF, 11-1946), *Desiludida* (ONF, 03- 56), etc.

<sup>519</sup> A consulta ao ficheiro que pode ser extraído das bases de dados que criámos, quer para a análise da revista *Os Nossos Filhos* quer para a das cartas do *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*, através da categoria *Pseudónimos*, dá-nos uma fonte inesgotável de informações sobre o uso de pseudónimos mas, como referimos no início deste trabalho, esse é um objectivo que aqui não nos orienta.

<sup>520</sup> Assina também só com S. no artigo que, sobre o *Ninho*, escreve no número 110 de *Os Nossos Filhos*, dedicado à Madeira, em Julho de 1951. p. 17 (Entrevista a Maria do Carmo Rodrigues, 18 Fev. 2004).

<sup>521</sup> “(...) Marianinha Rey Colaço Robles Monteiro Lino, filha artistas Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro, esposa arquitectoEmílio Lino (...) 3 filhos, Manuel Caetano, 5 anos; Francisco Alexandre, 4 anos; Maria Rita, 2 aninhos;(...) escreveu peças infantis "Maria Rita" e "João Pateta" representadas no Teatro Nacional D. Maria (ONF, Ago. 1954).

Maria de Santo António		05-1957 ou 02-1958
Leonor de Campos	Helena de Sousa Costa Belo	
Lília da Fonseca	Maria Lúcia Valente da Fonseca Severino	
Uma Mãe	Maria Simões Anjos	03-1944
Niga, as letras de Gina, deslocadas	Virgínia (Bordalo Pinheiro Lopes de Mendonça)	Caixa 42. Maço 2
aprendiz de educadora	Madalena Pires, da Associação Portuguesa de Surdos	Caixa 17. Maço 1
Uma mãe agradecida	recorte de jornal "Diário de Coimbra" (trata-se de carta e recorte de jornal sobre uma notícia intitulada; a notícia foi mandada publicar por Maria da Natividade Pinheiro Correia e António Correia e tem este texto) Instituto Infantil Maria da Natividade Pinheiro Correia e António Correia que agradecem provas de amizade manifestadas...que lamentam sinceramente o desastre que ocorreu na madrugada do passado dia 10; confiemos que esta obra não se perderá; ...incitamentos de todas as pessoas...ao verificarem vantagens desta instituição para o normal desenvolvimento das crianças que a frequentam(cartas para directora da ONF, assinada como "uma mãe agradecida", tem seguinte texto:) com prazer que junto o agradecimento da Directora do Instituto Infantil, de Coimbra, publicado no "Diário de Coimbra", dia 17-6-50...não foram necessárias + influências para a continuação daquela obra(...)" Coimbra	Caixa 26. Maço 1
Virgínia de Vilhena	Virgínia Silva, casada com (timbrada de) João Silva, Luanda, Angola	Caixa 42. Maço 2
Ana Marcus	Ilse Losa: "Costumo assinar as obras de ficção com Ana Marcus"	Caixa 41. Maço 1
L. F. de M	Ludovina Frias de Matos, para enviar 10\$00 "(...)que se descontará no 1º recibo para a cadeirinha da pequena Maria Amélia da Silva Maia.	Caixa 41. Maço 1
Maria Valverde Porto	Emília de Sousa Costa, colaboradora, /a vermelho, tem/ R. em 1-3-43; (luto)	Caixa 41. Maço 3
Valha-me meu Deus...	Afra da G. Bragança <sup>522</sup> , futura colaboradora de Escola de Noivas e Donas de Casa	Caixa 39. Maço 2

<sup>522</sup> De Lisboa escreve para a revista, em 11 de Março de 1946, dizendo que tem um pai muito idoso e está à procura de uma colocação onde possa ganhar a vida honestamente. Tem o 1º ano do liceu, está a acabar o curso de corte-costura e bordados mas não vê bem de uma vista e não a pode cansar. Também não se importa de ser bibliotecária de um jardim escola ou ser telefonista. A resposta a esta carta foi publicada

Ana Maria	Para páginas de bordados escolhi pseudónimo Ana Maria- Guida Ottolini	Caixa 21. Maço 2
Cila, ilustradora	Maria Lucília Lusitano Leal, em Remédios, Peniche	Caixa 71. Maço 7
Maria da Bruma	Maria Antónia Valle do Rio de Almeida, na Ericeira	Caixa 59. Maço 1 e Caixa 32. Maço 1
Maria Paula de Azevedo	Iracema Folque do Souto	Caixa 35 . Maço 1
Maria de Santo António	M. Adelaide Paes. R. de Entrecampos, 52, 3º Esq. Lisboa (carta de 23 Jul. 1956)	Caixa 32. Maço 2
Mitza <sup>523</sup>	Maria Teresa G. De Andrade Santos, O Beiral Jardim Infantil Auxiliar da Família, Lisboa	Caixa 35. Maço 1

Algumas das colaboradoras usam apenas o seu nome de solteiras, algumas porque na realidade o eram ainda à data em que colaboraram e outras porque esse foi o nome que sempre usaram nos textos por elas subscritos como é o caso de Maria da Luz de Deus (Ponces de Carvalho), Adriana Rodrigues (Barata Moura), Elina Guimarães (da Palma Carlos) ou mesmo a funcionária Ilda Águas (Marques).

Usando vários pseudónimos e explicando a razão de ser de cada um deles ou não o fazendo, temos um caso paradigmático: o de *Lúcia Benedita*, um dos muitos pseudónimos com que outro dos colaboradores<sup>524</sup> de *Os Nossos Filhos* ali escreve. No quadro seguinte resumimos a diversidade de nomes que por ele são usados nesta publicação:

Lúcia Benedita <sup>525</sup>	Poemas para crianças	ONF, 03-1951 ou 02-1954
	/texto/ Doce Coração	Caixa 41. Maço 1
Lúcia Benedita	Dele dirá Matilde Rosa Araújo: "(...)um colega meu que se assina com o pseudónimo de(...)mostrou-me estes versos para meninos. Não os acha belos? Eu acho mas não tenho experiência da sra...experiência e sensibilidade pedagógica- Para serem ditos por crianças são lindos! Principalmente porque parecem não serem escritos propositadamente para elas, não	Caixa 42. Maço 1

em *Os Nossos Filhos* n.º 47, como foi colocado, na carta, por Maria Lúcia Vassalo Namorado, numa das muitas anotações à correspondência que guarda no seu *Espólio*.

<sup>523</sup> Envia desenhos para publicar em *Os Nossos Filhos* e agradece reportagem sobre Bairro da Boavista.

<sup>524</sup> Seria casado com Alice Vieira, uma outra prima de Maria Lúcia Vassalo Namorado (cf. Entrevistas).

<sup>525</sup> Uma 'soma' do nome de Maria Lúcia Vassalo Namorado com o da avó dela.

	é?	
Mário Castrim	poema	04-1957
	A Amizade também aquece, poema	Caixa 42. Maço 1
	História de uma gota de água	Caixa 42. Maço 1
Manuel da Fonseca	comecei hoje a escrever 1 peça infantil "O Dragão das 3 Montanhas". Estará a revista interessada na sua publicação?	Caixa 41. Maço 1
Manuel Nunes da Fonseca	Mantenho, num jornal de Coimbra, uma secção, "Manta de Retalhos", preenchida unicamente, com transcrições. Tenho transcrito pequenas e valiosas coisas de <i>Os Nossos Filhos</i> com especial citação da revista. Não há nisso qualquer inconveniente, não é verdade?	Caixa 41. Maço 1 e ainda Caixa 47. Maço 3
Manuel Agra	Não me foi possível conhecer V. Exa. Esta tarde (...) venci o concurso literário do "Diário Popular", com um conto intitulado "Mãe".	Caixa 41. Maço 1
Maria Manuela Nunes	Realejo Nome da secção em <i>Os Nossos Filhos</i> que "(...) A melodia simples, o fiozinho ténue que se vai desdobrando- e repetindo.. crianças, crianças, crianças... e afinal nunca se repetindo...(original) Está bem? Maria Manuela Nunes assinará	Caixa 41. Maço 1

Também algumas colaboradoras usam pseudónimos masculinos ou outros, como é o caso de:

Tony	Aurora Cavalheiro Proença, de Silva Porto (Angola), pede opinião sobre versos que escreve e de que marido não gosta	Carta de 20 Ago. 1949. Caixa 32. Maço 3
Luís	Maria da Luz Albuquerque, do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas	09-1945 ou 02-1946

Esta colaboradora vive em Vila da Feira. Um dos seus textos, assinado com o pseudónimo *Clara*, publicado em *O Educador* foi copiado por Maria Lúcia Vassalo Namorado e republicado em *Os Nossos Filhos* (Carta de 11 Dez. 1944. Caixa 46. Maço 1). A senhora em questão tem um processo disciplinar e, em carta de 14 de Março de 1946 dirá: "(...)Tinha que ser. Cá estou às voltas com um processo disciplinar. Isto tinha de dar-se. Já que em outra coisa me não apanham, pegam-me por escrever. Fiz ontem as minhas declarações e foram inquiridas 10 testemunhas. Se por acaso procurarem V. Exa. para que diga se colaboro em *Os Nossos Filhos*, não poderá V. Exa negar? É este favor que lhe peço- podendo ser e o qual desde já agradeço (...)" (Caixa 46. Maço 4). É

a própria colaboradora que informa Maria Lúcia Vassalo Namorado de que quer escrever com o pseudónimo *Luís* para aceder ao convite que a directora da revista lhe endereçara para que escrevesse em *Os Nossos Filhos*. Maria da Luz Albuquerque dirá:“(…)surpreendeu-me carta e honroso convite(…)não encontro em mim qualidades de que V. Exa fala e muito menos competência para tomar à minha conta uma secção tão vasta como difícil de tratar, mormente no tempo que passa (...). Não deixarei de aceitar com todo o prazer, a honra - o que provo com o presente artigo (...) sob condição de V. Exa corrigir os seus desacertos que tantos eles serão...poderá V. Exa deixar de publicar os artigos de que não goste e cortar o que lhe não agradar. Eu, por mim, farei o que puder para agradar. Quanto à censura muitos dos artigos que eu tenho enviado para a República têm sido cortados. Mas que quer minha sra, se eu sou radical?- e o que é, é na revista que dirige, adoptarei pseudónimo de "Luís" em homenagem a meu saudoso pai que tão amigo era das crianças, se V. Exa concordar, claro (...)” (Carta de Vila da Feira. 14 Jan. 1945. Caixa 31. Maço 1).

Como todas as publicações, era visada pela *Comissão de Censura* de quem Maria Lúcia Vassalo Namorado tinha um enorme pavor pois que não podia imaginar o que seria a sua vida pessoal se lha suspendessem, ou impedissem de publicar (Entrevista a Maria Cândida Caeiro, 1 Mar. 2002).

Ao contrário do número anterior, este /o de Jan. 1947) tem já indicação de ter sido “(...) Visado pela Comissão de Censura(...)”.

Quadro n.º:30. Distribuição da revista *Os Nossos Filhos*<sup>526</sup>:

	134	135	136	137	138	139	140	141	142	143	144	145	146	147
Assinantes	1484	1412	1464	1518	1461	1485	1425	1406	1445	1462	1508	1500	1537	1512
Ag. Prov.	1982	2014	1977	1938	1926	1934	1905	1894	1885	2000	1834	1817	1825	1844
Ag. Lix.	605	575	565	560	581	593	592	613	604	628	635	636	617	635
Censura	2	2	2	2	2		2							
total	4237	4168	4130	4164	4095	4136		4235	4060	4422	4114	4285	4292	4139

Uma outra colaboradora e angariadora de publicidade se refere à censura dos textos que

<sup>526</sup> Em *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*. Caixa 21. Maço 2.

escreve: “(...) *Mariac Dimbla*, pseudónimo de Maria do Carmo Dias Monteiro de Barros, moradora na Av Visconde de Valmor, 57, 2º Dto, Lisboa, em Lisboa (Carta de 14 de Agosto 1973. Caixa 42. Maço 1), que, em papel timbrado, refere:”(...) Envio-lhe o *República* com o meu artigo sobre a escritora Maria Lamas e dentro vai a verdadeira cópia do original que escrevi e ao que parece foi cortado. Peço-lhe que o (?) a sua prima pois ter-lho-ia mandado se soubesse a morada dela. ...vou para Peniche descansar...(Caixa 42. Maço 1).

Uma outra leitora, Uma *Infeliz cheia de esperança* escreve para a *Avòzinha* queixando-se do marido mas, ao mesmo tempo dá indicações sobre a sua situação política<sup>527</sup>. É das poucas vezes em que, de forma explícita se refere a PIDE. Porém, dado o véu do pseudónimo nunca se saberá quem foi a autora de tal missiva. (Caixa 39. Maço 2)

Algumas colaboradoras que escrevem com mais frequência pedem para mudar de pseudónimo, ou seja, para utilizar um novo ou porque a situação que as levava a contactar a revista se alterara ou porque esse pseudónimo já pode ter sido ‘descoberto’ por alguém e elas não o desejavam. Neste primeiro grupo está Maria Banha de Andrade que passa de *Filha dum sonho*, a *Triste Destino*, *Fátima*, *Maria das Candeias*, *Flor do Campo* (ONF, Jan. 1954 e Caixa 39. Maço 2). Esta é a leitora que mais muda de pseudónimo em *Os Nossos Filhos*. Pela sua correspondência, juntando todas as cartas que envia a Maria Lúcia Vassalo Namorado, somos capazes de elaborar uma biografia desta senhora. É a ela que a directora da revista aconselha a mudar de pseudónimo (Caixa 32. Maço 3) e a quem escreve fingindo que *Avòzinha* e a *directora da revista* são duas pessoas diferentes (Carta de ML. Lisboa. Caixa 76. Maço 6. e Carta de Maria Banha da Fonseca. Mourão. Caixa 32. Maço 1).

No segundo caso está *Sòzinha* que antes fora *Triste e Infeliz*, uma professora sem vocação e sem gosto por essa profissão. Resolvera mudar o pseudónimo porque “(...) a minha cunhada já sabe este e depois identifica (...)” (Caixa 32. Maço 3). A esta senhora também abriam as cartas que escrevia e por isso ela diz “(...)desculpe o papel em que escrevo mas aqui por curiosidade abrem-na e papel mais fino não aparenta volume(...)” (Caixa 32. Maço 3).

---

<sup>527</sup> Resumidamente a leitora escreve que: é Casada há 3 anos. Têm ambos 28 anos (...) 6 meses depois o marido adoece gravemente com uma Tuberculose Pulmonar. Ele venceu a doença mas ela foi presa pela P.I.D.E. que queria localizar o marido sem o conseguirem. O marido, com ajuda de amigos, isolou-se numa aldeia perdida transmontana. Durante dois anos esteve lá sem se contactarem devido ao perigo. Vieram depois as condições necessárias e ele regressou a Lisboa. Casaram e um mês depois foi preso. ....Ele foi piorando o seu carácter ao ponto de a humilhar em frente da criada e de a proibir de ver as suas amigas. Ela deu-lhe a ler uns artigos da revista e um livro do César Anjo mas ele satirizou-os. Pede conselhos.



Com iniciais ou acrónimos escrevem, entre muitas(os) outras(os):

M.C.C. <sup>528</sup> e M.C.	Maria Cesarina de Castro	12-1947 e 02-1948
F.B.	Francine Benoît	06-1955
M.T.S.N.	leitora	05-1950
M.E.N.S.C	Leitora de Lisboa	06-1950
FASP	Flora Alexandra de Soveral Pinto, da Pensão Demétrio, Espinho (mas tb Tonda, Tondela)	Caixa 34. Maço 1
NTN	Nuno Teixeira Neves, de Vale de Prados, Mirandela	Caixa 34. Maço 2

Das(os) concorrentes aos concursos organizados por *Os Nossos Filhos* extraímos alguns<sup>529</sup> pseudónimos utilizados. Apenas a título de exemplo deixamos aqui a lista das(os) concorrentes ao *Concurso Literário de 1948* que teve a *Maternidade* como tema(Caixa 23. Maço 4):

Zizi <sup>530</sup>	Ludovina Frias de Matos <sup>531</sup>	01-1949
Ana Catarina Arlési /tem fotografia/	Maria de Lourdes Oliveira Canellas, ganhou prémio de Concurso Literário	Fev. 1949
Quidam <sup>532</sup>	Prof. Mendonça Pais	05-1950
Olga Maria	Maria Olegário de Jesus Mendes, irmã de Maria de Jesus de Oliveira Mendes; trabalho será publicado em 10-1950	05-1950
Eu	Maria Elvira Buíça Rocha	05-1950
Myriam	Maria de Lourdes da Palma Madeira, da Escola Feminina de Alte, Algarve	05-1950 e Caixa 31. Maço 1
Palmira da Silva	Graça Bosque <sup>533</sup>	05-1950

<sup>528</sup> A autora da entrevista será Maria Cesarina de Castro? (sobre Virgínia Motta de Aguiar, professora na Escola Patrício Prazeres, em Lisboa...dois filhos...)

<sup>529</sup> A lista exaustiva é possível de elaborar para este dado mas seria enorme e não a apresentamos neste trabalho pelas razões que temos vindo a referir.

<sup>530</sup> Em *Concurso Literário* para senhoras obrigatoriamente estreantes, com júri formado por *Lília da Fonseca*, Manuela Porto e Directora de *Os Nossos Filhos*, Ludovina Frias de Matos envia colaboração e ganha o primeiro prémio; mas dada a condição de as senhoras não poderem ser conhecidas, quando se quebrou o anonimato e, por proposta de Ludovina Frias de Matos, o 1º prémio foi então atribuído a *Ana Catarina Arlési*, pseudónimo de Maria de Lourdes Oliveira Canellas, de Lisboa, que ficara em 2º lugar.

<sup>531</sup> Neste conto, a autora abordava o tema dos "Patrões que se metem com criadas que depois são despedidas; criadas e primeira vez com filhos/meninos da casa e às vezes o deitar abaixo" = (aborto).

<sup>532</sup> Vencedor(as) do Concurso para os professores primários- cf. ONF, nº 96que foram premiados e os trabalhos publicados em *Os Nossos Filhos*: *Quidam* = Prof. Mendonça Pais; *Olga Maria* = Maria Olegário de Jesus Mendes, irmã de Maria de Jesus de Oliveira Mendes; *Eu* = Maria Elvira Buíça Rocha; *Myriam* = Maria de Lourdes da Palma Madeira e *Palmira da Silva* = Graça Bosque

<sup>533</sup> A chefe de redacção do *Jornal Magazine da Mulher* dirigido por *Lília da Fonseca* tinha também este nome. O trabalho que enviou para concurso será publicado em Agosto de 1950.

não usou pseudónimo	Maria Manuela Pimentel Montenegro, Lisboa	
Pequena	Julietta Sampaio Pereira de Carvalho, Lamego	
Dada	Eduarda de Barros Reis, Lisboa	
Maria do Nada	Maria Hermínia da Conceição Godinho Cid, Lisboa	
Maria Joana	Maria Joana Mendonça Tavares, Lisboa	
Uma provinciana de Pernes	Ana Gomes Finote dos Santos, Pernes	
Ninita	Ema Rebelo Freire da Silva, Ponta Delgada, Açores	
Mané	Ana Tereza de Lancastre, Lisboa	
Maria Luísa Portugal	Maria Luísa Rocha	
Alter Ego	Deolinda Costa, Lisboa	
Liliana Santos, Lisboa	Lília	
Maria	Maria José Álvares da Costa e Oliveira, Santarém	
José Vitória	Viriato José Amaral Nunes, Quinta da Boavista, Monção	
Maria de Jesus (mas assinado) Ivone	Maria Madalena Tello Ribeiro da Costa, Lisboa	
Lusitanos	Joaquim José da Rocha Ribeiro, Lisboa	
Saudade	Maria de Lourdes Freitas Coutinho Viegas, Lisboa	
Marina do Castelo	Maria Cândida de Carvalho Dias, Viana	

Também do Concurso *Relâmpago da Boa Educadora* existem alguns dados no *Espólio*, de que aqui deixamos apenas aqueles que nos merecem algumas considerações sobre os pseudónimos escolhidos:

Triste Maria	Carla	Maria Clara Marques, Lisboa Resposta ao Concurso Relâmpago de Boa Educadora com prémio; debruada a luto premiado com ONF 195-197 publ. Em 4-10-58	Carta em Caixa. 24 Maço 2
Telma <sup>534</sup>		Elisabeth Mattos de Lisboa Resposta ao <i>Concurso Relâmpago de Boa Educadora</i> com prémio ONF de 195-197; publicado em 15-10-58 e outro em Resposta ao <i>Concurso Relâmpago de Boa Educadora</i> com prémio ONF 198-200 publ. Em 15-11-58. Problema XI Mãezinha eu ajudo. Ou <i>Concurso Relâmpago de Boa Educadora</i> Joãzinho não quer comer 3º problema. Ou <i>Concurso Relâmpago de Boa Educadora</i> 5º problema	Carta em Caixa. 24 Maço 2
Tricana Coimbra		Maria Georgina Ferreira, assinante, /a vermelho tem indicação de Maria Lúcia Vassalo Namorado de que/ seguiu pedido para colaborar... não se trata de crianças mas do arranjo e decoração da casa...	Caixa 26. Maço 4

diversas(os) adolescentes e crianças ‘escrevem’ para *Os Nossos Filhos* e são

<sup>534</sup> Há algumas leitoras que usam, como pseudónimos, os mesmos nomes que Maria Lúcia Vassalo Namorado também usara. É o caso do pseudónimo seguinte.

identificadas através de pseudónimos, como é o caso de:

Abelhudo	António Eurico Serpa; um dos 26 concorrentes ao Concurso do Conto em que só houve menção honrosa	10-1950
Um Manuelzinho de 9 anos	para mutilado /Joaquim Alberto da Conceição dos Anjos/ dinheiro que retirei do meu mealheiro...	Caixa 27. Maço 3
Nelinho	Manuel Peralta, de Lisboa, com 22 meses, finge que escreve	Caixa 63. Maço 1

Um dos adolescentes que escreve é Francisco Pina Keil do Amaral, hoje mais conhecido como *Pitum* que envia o pseudónimo *Um rapaz muito ofendido, de brincadeira* (Caixa 60. Maço 1) para colaborar na secção *Falam os jovens*.

Em alguns casos, a participação em *Os Nossos Filhos* era escondida à família. O uso de pseudónimos era então a melhor forma de o fazer mas sem, ao mesmo tempo, deixar de intervir. Neste ponto refiramos o caso de Maria Irene Madail Rosa que enviava os seus textos, sob o pseudónimo *Irene*, sem que a família dissesse desconfiasse ou Liberdade Serôdio de Carvalho ou *Lide* (Caixa 7. Maço 2) que, quando Maria Lúcia Vassalo Namorado escreve a novela *Uma vida de Mulher*, sabe que é a sua história e nem quer que as amigas leiam os números anteriores da revista para não a identificarem ou, finalmente, entre muitas e muitas outras, Maria José Cordovil Vinagre, que escreve de Évora, e pede a Maria Lúcia Vassalo Namorado que lhe responda em *Os Nossos Filhos*, para o pseudónimo por ela indicado. O mesmo faz Lucinda Duarte Estrêla, professora de 26 anos que, de Costa do Castelo, manda um artigo para publicação mas pede que o nome não seja publicado (Caixa 59. Maço 2). O mesmo pedido é feito pela assinante Maria Luísa Ferreira da Silva, de Porto de Mós (Caixa 77. Maço 8). Há uma assinante a quem já nos referimos que pede para que a resposta à carta que envia não vá para sua casa (Caixa 32. Maço 1) por ter receio de que o marido a interceptasse. Uma outra, *Mamã extremosa e...inexperiente assinante 235*, chega a demandar que a pergunta não seja feita na revista, se a resposta for publicada porque “(...) não quero melindres com o meu médico, amigo da casa(...)”. A leitora queria saber “(...) qual a idade em que devo vacinar contra o garrotilho e coqueluche? (...)” (Caixa 35. Maço 2).

Outras colaboradoras usam, como o faz ainda hoje o pintor *José de Guimarães*, o local de naturalidade, de residência ou de onde escrevem para, com ele, criarem um pseudónimo. Vejam-se *Uma portalegrense*, leitora assídua (Caixa 26. Maço 4), *Uma*

*assinante do Ultramar* de Lourenço Marques (Caixa 77. Maço 8) ou *Uma bejense*, a leitora Judite Duarte que organiza uma subscrição na terra dela (em Beja) (Caixa 27. Maço 3). É ainda *uma covilhanense*<sup>535</sup>, que escreve dessa cidade (Caixa 2. Maço 3), que tem um texto sobre a vida das mulheres que saem das fábricas da Covilhã, à noite e que vão para casa sozinhas. Tem um pouco o tema de *A Lã e a Neve*. Parece que ela se dirige a Maria Lúcia Vassalo Namorado por esta estar a organizar a *Liga da Mulher Portuguesa*. Mais nenhum dado sobre este assunto existe no *Espólio*.

Muitas vezes, as(os) colaboradoras(es) também recorrem a pseudónimos para enviar donativos para as obras de assistência da revista como é o caso de *Agradece reconhecida* (Caixa 27. Maço 3) que envia, três anos depois, dinheiro para a cega, surda e muda Maria Manuela apoiada pela revista, é o de *Ninguém* que envia 60\$00 para Hortense B. (Caixa 27. Maço 3), de *Uma amiga dos pobres* (Caixa 27. Maço 3) ou de *Maria Rita das Dores*, se for para agradecer na revista. Esta senhora informa que se for para lhe agradecerem particularmente o podem fazer para Maria Luísa Melo e Castro, de Oliveira do Hospital<sup>536</sup> (Caixa 27. Maço 3). O donativo que mandou, como o de *Uma mãe ignorante* (Carta de 2 Nov. 1943. Caixa 27. Maço 3), pseudónimo de Othília Semedo Delicado Couceiro Braga, é para as crianças vítimas da 2ª Guerra.

Algumas(ns) colaboradoras(es) são identificadas(os) por si mesmo ou por outras pessoas que a elas(es) se referem. Beatriz Franco d'Almada, directora de uma farmácia no Funchal e assinante da revista identifica um “(...)grande amigo da revista, Marinho de Nóbrega, que usava o pseudónimo de *José Manuel(...)*” (Carta de 18 Mar. 1954. Funchal. Caixa 59. Maço 2) e que escrevera diversas vezes sobre a revista *Os Nossos Filhos* numa rubrica intitulada *Restea de Sol* do *Diário de Notícias* local.

Como exemplo de assinantes ou leitoras que se identificam a si mesmas<sup>537</sup> temos Maria Vitória Rodrigues Pereira, de Estremoz, que envia poema *A meus irmãos*, contra a estupidez da guerra, que termina coma frase: *Que ideia é essa por que vos matais?*, que fora feito em 1939 e publicado na *Seara Nova* sob o nome *Maria Rodrigues Pereira* (Caixa 32. Maço 2).

Em alguns casos são as assinantes e colaboradoras, mesmo que apenas num ou

---

<sup>535</sup>Com este pseudónimo e com o mesmo conteúdo há duas cartas no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*: uma em Caixa 2. Maço 3 e em Caixa 61. Maço 1, datadas de 20 de Julho de 1947.

<sup>536</sup> Quem envia a carta é Maria Helena de Pina Gouveia Mourisca Mendes Costa.

<sup>537</sup> Anos mais tarde, quando Maria Lúcia Vassalo Namorado está já no *Diário de Lisboa* é a leitora *Alice*, de 18 anos, que um dia se identifica e ficamos a saber que se trata de *Alice Vieira* (Cf. Base de cartas do *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*).

noutro número, que gostam de ser identificadas por outras pessoas que lêem a revista. Disso são exemplo Eduarda Mattos ou *Clara do Prado* que tem uma amiga que não sabendo do pseudónimo da remetente da carta gabou imensamente o seu artigo. Ela terá considerado a situação engraçada (Caixa 72. Maço 3). Uma outra, Maria Adriana Guimarães<sup>538</sup>, ou *Glicínea*, do Porto, que costuma ler a revista *Os Nossos Filhos* em voz alta lá em casa e também dá autorização para que a criada leia os contos infantis viu que esta ficou muito espantada ao ver que o *Pim Pim* era da autoria da remetente (Caixa 60. Maço 2). Em carta cujo remetente não conseguimos identificar é dada informação de que “(...) o senhor Anacleto Pires que escreveu o artigo *Vocações* que o *Notícias do Algarve* publicou é de seu nome o professor primário Manuel José da Trindade e Lima(?). Não usa o nome porque foi superiormente vedado(...)” (Caixa 59. Maço 2).

A carta mais extensa sob o pseudónimo *Cozinheira Novata*, da Curia (Caixa 63. Maço 1) tem dezasseis páginas só com interrogações sobre culinária e cozinha, dos mais variados produtos, animais e modos de confecção.

Sob a protecção dos pseudónimos, então como hoje, era possível o ataque a pessoas e opiniões. Como exemplo desta situação convocamos três cartas: uma assinada por *Um leitor que*, em carta dactilografada de Angra do Heroísmo, escreve: “(...)Tendo lido na revista *Os Nossos Filhos* venho perguntar-lhe em que escola e compêndio aprendeu, quando pequena, que havia capital do Arquipélago dos Açores?(...)” (Caixa 15. Maço 2). Uma outra, de Vasco Homem Christo, *Um Pai*, de Vila Nova de Gaia que, em papel verde, refere ser: “(...) sempre com maior prazer que leio revista que V. Exa dirige; talvez a única voz pública que com regularidade se dirige às pessoas para lhes dizer como devem cuidar da criança - a esperança de um povo; e que fala aos dirigentes chamando-lhes a atenção para o que devem fazer (...) foi com aplauso que li o artigo de fundo publicado no número de Dezembro corrente, sobre Hospitais infantis. Criticando depois o jornal “(...) *A Voz Portalegrense* faria melhor calando-se(...)” (Caixa 35. Maço 2). Um outro caso desencadeia-se, como veremos, a partir de uma carta<sup>539</sup> assinada por

---

<sup>538</sup> Mãe do *Xandinho*, a criança vestida de pauliteiro, cuja fotografia pede seja publicada.

<sup>539</sup> O texto da carta de 8 páginas é o seguinte: Prof. primária, tem sobrinhos a quem muito quero, leio sempre com muito interesse e proveito a revista...em que o bem da criança tem o sentido de um verdadeiro apostolado...pq a julgo animada das + nobres intenções, atrevo-me a vir dizer-lhe que lamento sinceramente a nota de abertura do nº de Outubro.Com a imagem poética daquela bica (2)de água que sorria, inutilmente "entre calhaus e ortigas(sic)", quis V. Exa afrontar alguns males que, nós, professores, somos os primeiros a lamentar. De facto, nenhum educador pode satisfazer-se com a escola actual. Desde as condições amateriais até à "incumbência" dos programas e inutilidade de algumas das suas rubricas, há muito que reformar. Em verdade, os professores são até as suas 1<sup>as</sup> e as suas > vítimas. É certo que

*Uma professora qualquer*, em que se comenta, acidamente um *Editorial* de Outubro /1947/ de Maria Lúcia Vassalo Namorado na revista *Os Nossos Filhos*.

Pelo que percebemos da carta que Maria da Luz Albuquerque escreve, assinada *Luís*, a Maria Lúcia Vassalo Namorado sobre o assunto, esta última ter-lhe-ia enviado o original da carta de *Uma professora qualquer*. Esta professora de Vila da Feira e membro do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* dirá: "(...) sendo-me desconhecida a letra da carta que dirigiu a V. Exa, mesmo sem prévia autorização, entreguei-a ao Delegado do Director Escolar, aqui na Feira, com o pedido de me informar quem escreveria a referida carta a V. Exa, mesmo sem prévia autorização, entreguei-a ao Delegado do Director Escolar, aqui na Feira, com o pedido de me informar quem escreveria a referida carta...até que na Delegacia dêem entrada todos os mapas do mês que corre, afim de melhor verificar e confrontar as letras...quanto aos assuntos que aponta, custa-me muito escrever sem poder dizer toda a verdade. Rebuscar termos para encobrir o que era necessário e urgente pôr claro; escurecer o que era preciso "branquear"; louvar o que é digno de censura - é o que eu não sou capaz de conseguir; há um bom par de anos estou sempre em desacordo...gostei sempre de situações claras; esta a razão acrescida pela falta de competência por que não tenho

---

nalguns de nós- relativamente poucos- há criminoso desleixo; é verdade que a bastantes faltam dotes (3) e preparação para o modelar desempenho da nobilíssima missão que nos cabe, mas, se V Exa comparar os poucos recursos que temos com o muito que nos é exigido, se examinar atentamente o que, apesar de tudo, conseguimos realizar e- sobretudo- se puder saber quanto custa ensinar uma média de 50 crianças, na > dos casos distribuídos em 4 classes e estas ainda com subdivisões, se pensar que essas dezenas de alunos têm procedências diversas e apresentam todos os matizes psicológicos- é impossível(4) que continue a considerar-nos desleixados. Somos os primeiros a desejar ardentemente uma educação completa, bem integrada na vida. Por enquanto, porém, o que "*praticamente*" nos é exigido é que adestremos os nosso alunos na trilogia do ler, escrever e contar, que inspira sorriso aos utópicos, mas que é afinal + do que "capitalíssima ciência", pq constitui hoje indispensáveis instrumentos de saber e de comunicação social. E será verdade que este objectivo se (5) se consiga apenas por meios maquinais? O facto de muitas crianças se sentirem atraídas para a escola e de bastantes nos visitarem após a saída não será prova real de que as compreendemos pelo menos tão bem como a > das outras pessoas? V. Exa foi injusta para connosco e- permita-me a franqueza - mostrou até que não viu ainda o problema da criança com um dos seus importantes dados: Como é que se há-de dar tudo Á "rainha deste século", se (6) aqueles que dela tratam pouco mais possuem que nada? Se V. Exa conhecesse de perto o daram de muitas professoras que vivem em meios ingratos, muito + difíceis de cultivar do que supõem literatos e turistas, se pensasse que a única compensação humana reside quase só na magra remuneração oficial, retiraria algumas expressões ou acrescentaria pelo menos algumas palavras ao que sobre a escola primária escreveu. Podia ilustrar o meu arrazoado com (7) impressionantes factos, mas não quero nem devo roubar a V. Exa + tempo. Apenas peço licença para mais isto: O pesar com que escrevo esta carta é contrabalançado pela esperança de que hei-de bendizer a alfinetada que nos deu uma pessoa como V. Exa, que parece (sub duas vezes, a lápis azul) tão bem intencionada e dispõe inegavelmente de uma grande influência, mostraria certa incoerência se, de futuro, continuasse fria e conscientemente desinteressada de uma classe que, em mais(8) de uma dezena de milhar de membros, deve ter muitos relativamente competentes e zelosos, e que é, no fim de contas, a que vive + de perto com os pequeninos entes, cuja felicidade deverá ser /2 palavras sub azul/ o objectivo principal dessa revista...Não haveria até conveniência em unirmos todos os nossos esforços em prol de uma educação mais perfeita?...Perdoe V. Exa esta importunidade a Uma professora qualquer (N.º base 11709. Caixa 72. Maio 1).

tentado tratar, como devia ser, assuntos escolares. Esforçar-me-ei por compor alguns artigos (...)” (Carta de 27 Nov. 1947. Caixa 21. Maço 2).

Finalmente, há assinantes que sabem ser Maria Lúcia Vassalo Namorado a *Avòzinha* que assim assina os textos de conselhos diversos em *Os Nossos Filhos* (Carta de (?) Santos. Évora. Caixa 39. Maço 2) e outras há que, como todas(os) gostamos, pretendem identificar *quem é quem*, ou seja, qual a verdadeira identidade de quem escreve sob alguns pseudónimos. Neste último caso é *Jacqueline*, J. de Oliveira<sup>540</sup>, de Sobral da Abelheira, que gostaria de saber quem é a poetisa *Lúcia Benedita*? De sua família? Penso que será sua filha mas deve ser muito nova; muito agradáveis os trabalhos da sua autoria e perpassa qualidade superior a quer outra: ternura humana(...) apontam sempre um sentido real da vida e sublinham drama ora de pessoa ora de animal(...) têm valor esses poemas(...) provável que seja pessoa não principiante, não sei porquê, julgo que ainda é menina (...) (Caixa 32. Maço 1). Esta mesma professora primária pergunta ainda se“(...) o “destino da árvore” é “Quando eu era pequenina/nem podia suportar/ o peso das borboletas...” Assina *Maria Lúcia* (...) de certeza que é sua; não calcula como excitou a minha curiosidade com a revelação acerca de Lúcia Benedita(...) para que escrever coisas tão lindas a coberto de pseudónimo e feminino?; Carlos Taveira também é pseudónimo? Gosto bastante do que ele escreve(...)” (Carta de 5 Jan. 1952 e 13 Jan. 1952. Sobral da Abelheira. Caixa 32. Maço 1).

Se os pseudónimos usados em *Os Nossos Filhos* nos dão importantes informações sobre as pessoas que ali colaboraram, são também as imagens e as fotografias ali publicadas que nos revelam muitas das amizades, prestação de favores e redes de relações que a directora da revista criava com as(os) suas(seus) colaboradoras(es) e assinantes, como veremos no subcapítulo seguinte.

### **Iconografia e grafismo**

Muitas são as fotografias publicadas na revista, sendo local privilegiado a capa, ao qual se seguem, por ordem de importância, as que são usadas para ‘ilustrar’ os artigos e a contracapa. Apesar de tal não ter sido nunca o caso, podemos afirmar que o fotógrafo ‘oficial’ da revista foi Casimiro Vinagre (cf. *Apêndice Cap. 4 – Biografias*). Há algumas referências ao seu trabalho na revista concretamente quando informa as(os)

---

<sup>540</sup> Desta assinante são interessantes todas as cartas; é também dela uma carta em que se faz uma análise desapiedada da vida das professoras primárias e do que entendia ser o trabalho das regentes escolares (Caixa 32. Maço 1).

assinantes de que “(...) o nosso colaborador fotográfico Casimiro Vinagre se encontra no Porto, durante o mês de Julho, para atender os seus clientes do Norte do país (...)” (ONF, Jul. 1952). Outra é feita ao filho do fotógrafo, José Vinagre<sup>541</sup>, que fazia já filmagens de crianças e que Maria Lúcia Vassalo Namorado promove na revista pois essas filmagens seriam óptimas para os pais, em qualquer altura, poderem “(...)«rever», a, infância e, a, adolescência de seus filhos? Pode assim ficar documentada uma vida inteira, o .que primeiro, encantará pais e avós, e, mais tarde possuirá incomparável valor afectivo para os filhos, e para os netos (...)” (ONF, Ago. 1949).

No ano seguinte é o próprio José Vinagre que volta a referir que vai a casa dos clientes “(...) fazer a projecção dos filmes sempre que o desejem(...) o progresso não pára(...) e quem nos diz que amanhã as máquinas de projecção e todos estes trabalhos serão acessíveis ao maior número de pessoas? ...recolher este arquivo de expressões, gestos e atitudes(...)” (ONF, Jul. 1950). Mal ele sabia, então, o que a evolução técnica havia de fazer neste campo...

Vejamos a distribuição das fotos pelas capas e contracapas e deixemos para um pouco mais adiante a apreciação das fotografias do interior da revista.

Quadro nº 31.: Fotografias capas em *Os Nossos Filhos*:

Fotógrafo	Local	N. ° Revista	Data
Casimiro Vinagre		122 números	
San Payo		6 95 96 97	Novembro 1942 Abril 1950 Maio 1950 Junho 1950
Miguel Ferreira Martins	Porto	11	Abril 1943
Office Central Suisse du Tourisme	Zurique	19	Dezembro 1943
Mário Novais	Coimbra	21	Fevereiro 1944
Cedida por Prof. Dr. Bissaia Barreto	Coimbra	27	Agosto 1944
M. Santos Alves	Lisboa	42 195	Novembro 1945 Agosto 1958
Mário da Gama Freido <sup>542</sup>	Évora	49	Junho 1946
(anónima) <sup>543</sup>	Londres	51	Agosto 1946
(anónima)		59	Abril 1947

---

<sup>541</sup> Com quem estivemos e que aceitou algumas sugestões que apresentamos na Conclusão deste trabalho.

<sup>542</sup> Pai das gémeas Maria Adriana e Maria da Anunciação, cuja fotografia sai na capa deste n.º

<sup>543</sup> Representa criança nua, face a uma estante com a *Enciclopédia Britânica*



		63	Agosto 1947
		65	Outubro 1947
(anónima)	Tomar	69	Fevereiro 1948
(anónima) <sup>544</sup>		119	Abril 1952
		128	Janeiro 1953
		157	Junho 1955
Romero		55	Dezembro 1946
C. J. Nichols		57	Fevereiro 1947
Carlos Begonha	Porto	66	Novembro 1947
	Porto <sup>545</sup>	77	Outubro 1948
	Porto <sup>546</sup>	78	Novembro 1948
Dr. Lino António das Neves <sup>547</sup>	Avis	76	Setembro 1948
Lyon de Castro	Lisboa	102	Novembro 1950
Casa Londrina		110	Julho 1951
Cliché Kodak		114	Novembro 1951
		115	Dezembro 1951
		116	Janeiro 1952
		117	Fevereiro 1952
		118	Março 1952
		124	Setembro 1952
		126	Novembro 1952
		144	Maio 1954
		145	Junho 1954
		146	Julho 1954
		147	Agosto 1954
		149	Outubro 1954
		151	Dezembro 1954
		152	Janeiro 1955
		159	Agosto 1955
		166	Março 1956
		170	Julho 1956
Silva Nogueira		123	Agosto 1952
Companhia Coats & Clark		130	Março 1953
Meyerpress		137	Outubro 1953
Linhas Âncora		154	Março 1955
Nóbrega	Açores	158	Julho 1955
Virgem do Leite, Museu Nacional Arte Antiga		163	Dezembro 1955

<sup>544</sup> É a fotografia de Maria Teresa Freitas Cortês Lima, do Funchal, prémio de Nitidez, crianças até 2 anos da *Grande e Linda Roda de Os Nossos Filhos*

<sup>545</sup> É a fotografia de Jorge Manuel, o primeiro prémio de *Ar Livre do Concurso de Fotografias de Crianças*

<sup>546</sup> É a fotografia de Rui Manuel Pessoa Begonha, o primeiro prémio de *Expressão do Concurso de Fotografias de Crianças*

<sup>547</sup> Fotografia que ganhou o *Grande prémio de Concurso de Fotografia*; representa Carlos Alberto Pato das Neves.

Victor Gualberto <sup>548</sup>		164	1 Janeiro 1956
Bravo Silva, professor		165	Fevereiro 1956
M. Neves		167 180	Abril 1956 Maio 1957
Pinto (?)		171	Agosto 1956
(anónima) <sup>549</sup>		173	Outubro 1956
João Ramos	Aveiro	175	Dezembro 1956
Raúl Correia <sup>550</sup>		176	Janeiro 1957
Santos Almeida Filhos	Lisboa	177	Fevereiro 1957
Casa Londrina		178	Março 1957
(anónima)		179 185 188 196 182	Abril 1957 Outubro 1957 Janeiro 1958 Setembro 1958 Julho 1957
Camilo		181	Junho 1957
H. Lopes		184	Setembro 1957
Santos Alves		195	Agosto 1958
Foto exclusiva de <i>Os Nossos Filhos</i>		197 198 199	Outubro 1958 Novembro 1958 Dezembro 1958
A Virgem dos rochedos(pormenor) de Leonardo da Vinci e A Virgem da almofada verde, de Andrea Solario, Museu do Louvre, Paris		200	Dezembro 1959
Presépio, de Josefa de Óbidos, do Museu Nacional de Arte Antiga		201	Dezembro 1960
M. Alice 1953 (desenho)		202	Dezembro 1961
(desenho de Natal)		203	Dezembro 1962
capa		204	Dezembro 1963
(desenho de presépio)		205	Dezembro 1964

A maioria das fotografias é relativa a crianças; poucos são os casos em que há adultos (cf. Borges, 2003). Na contracapa as figuras são diversas como podemos concluir da leitura do quadro:

Quadro nº32. : Imagens da contracapa:

<b>Anúncios<sup>551</sup></b>	<b>Total</b>
-------------------------------	--------------

<sup>548</sup> Pai de Maria Teresa Lourenço Gualberto, 1º prémio da *Grande e Linda Roda de os Nossos Filhos*.

<sup>549</sup> Representa João Manuel Vassalo Cunha Bernardino, dentro de carrinho a pedais.

<sup>550</sup> Avô da menina fotografada, Maria Margarida Correia Marinho.

Bertrand & Irmãos Lda <sup>552</sup>	7
Anúncios a produtos da marca Nestlé	
Leite condensado açucarado Moça e Farinha Láctea Nestlé	145
Farinha Láctea Nestlé <sup>553</sup>	
Leite condensado açucarado Moça	
Papa de farinha Nestlé <sup>554</sup>	
Leite em pó Nido (pela 1ª vez em Ago. 1950)	5
Leite em pó Nestogeno <sup>555</sup> (pela 1ª vez em Jul. 1951)	9
Milo Tónico <sup>556</sup> (pela 1ª vez em Maio 1954)	32
Nescafé (em Maio 1958)	1
Nescao (em Nov. 1954)	1
Sopas Maggi <sup>557</sup>	4
Máquina de lavar Phillips (único em Out. 1954)	1

Quadro nº33. : Fotografos mencionados nas contracapas da revista:

Fotografias de San Payo <sup>558</sup>	14
Fotografias de Casimiro Vinagre <sup>559</sup>	1

Também o interior da revista é um manancial importante de informações através das fotografias que nele são publicadas.

A publicidade inserida nas contracapas da revista ocupa sempre toda a página e é utilizada por um pequeno conjunto de “marcas”.

Como acabamos de mostrar, as capas e contracapas assim como os desenhos que ilustram os artigos e a maior parte das fotografias reproduzidas, pelas mais diversas

<sup>551</sup> O Concurso dos brindes da revista, em que nelas é apostado um carimbo numerado, nas revistas inseridas no *Espólio* há algumas que testemunham essa forma de apresentar em concurso:

Mar. 1955- carimbo n.º 3540; Jun. 1955- n.º 879; Nov. 1955- n.º 3810 e Dez. 1955- n.º 605; Jan. 1956- n.º 289; Mar. 1956- n.º 3587; Jun. 1956- n.º 930; Jul. 1956- n.º 466; Ago. 1956- n.º 464; Set. 1956- n.º 414; Out. 1956- n.º 828; Nov. 1956- n.º 3873; Dez. 1956 – tem carimbo sem numeração.

<sup>552</sup> No primeiro número de Junho de 1942 e nos últimos números anuais, de 1959 a 1964.

<sup>553</sup> Pela 1ª vez, em Março 1951 o Concurso sobre Foto-Nestlé (tenho fotocópia); tem novas notícias sobre concurso em Set., Out., Nov., Dez. 1951; Jan., Fev., Mar. 1952

<sup>554</sup> Pela primeira vez tem o símbolo do “*Ninho*” da marca Nestlé na revista Agosto 1946

<sup>555</sup> Novo concurso de rótulos para entrar no concurso e obter duas fotografias gratuitas do bebé em Abril 1952; nova referência em Jun. 1952;

<sup>556</sup> Início do Concurso de desenhos coloridos Milo Nestlé em Ago. 1958

<sup>557</sup> Prémios para rótulos de sopas Maggi no n.º Jan. 1955 e em Nov. 1958

<sup>558</sup> Set., Out. 1943; Jan., Mar., Abr., Jul., Ago., Out., Nov. 1944; Fev., Abr., Maio, Ago. 1945

<sup>559</sup> Apenas no número de Julho 1952

razões, nas páginas de *Os Nossos Filhos* são da autoria de um número restrito de autores.

Não podemos deixar de mencionar ainda mais dois casos: /scanner/ o de um desenho de Júlio Pomar, representando uma menina que borda um pássaro no bastidor, datado de 1953 e que ilustra, em 1958, um texto<sup>560</sup> sobre *Natal* e o da reprodução de quatro fotografias da autoria de Eduardo Gageiro<sup>561</sup> (Cf. também correspondência no *Espólio*) com a seguinte ordem de publicação:

Artigo que ilustra	Descrição	Localização
<i>Concursos de ditos infantis</i>	Três crianças junto a casas tipo Alentejo	n.º 186. Nov. 1957. p. 20
<i>Cena de rua</i> , de Dr. Cidraís Rodrigues	Uma menina em primeiro plano e dois rapazes correm em campo	n.º 188. Jan. 1958. p. 13
<i>Natal de um menino pobre</i> , de Pe Horácio Nogueira	Padre que, em contraluz, tem mão que toca face de rapaz	n.º 199. Dez. 1958. p. 3
<i>Crianças</i> , artigo anónimo	Rapaz pobremente vestido que come maçã(?), fundo indiferenciado	n.º 184. Set. 1957. p. 10

Ao longo dos 205 números da Revista *Os Nossos Filhos* apenas quatro são reproduções de figuras da iconografia católica na capa<sup>562</sup>.

Quadro n.º: 34. Imagens religiosas nas capas de *Os Nossos Filhos*:

Descrição da imagem	Fonte
A <i>Virgem do Leite</i> — Frei Carlos — Museu Nacional de Arte Antiga — Lisboa	N.º 163. Dez. 1955
A <i>Virgem dos rochedos</i> (pormenor) de Leonardo da Vinci A <i>Virgem da almofada verde</i> , de Andrea Solario, Museu do Louvre, Paris	n.º 200. Dez. 1959
<i>Presépio</i> , de Josefa de Óbidos, Museu Nacional de Arte Antiga	n.º 201. Dez. 1960
/Presépio estilizado e árvore de Natal/	n.º 205. Dez. 1964

<sup>560</sup> Maria Isabel Vieira Pereira, do *Movimento da Escola Moderna*, que assina Marisabel Pereira – *Preparemos um mais perfeito Natal*. In *Os Nossos Filhos*. N.º 198. Nov. 1958. p. 3, sobre a necessidade de dar também brinquedos novos às crianças necessitadas e não dar apenas as roupas ou brinquedos usados.

<sup>561</sup> Ilustra texto de Herculano de Seabra, extraído da *Gazeta do Sul* (ONF, Set. 1957).

<sup>562</sup> Outras ilustrações de cariz religioso são muito raras ao longo de toda a revista. Para além das capas há apenas uma ou outra reprodução como é o caso de/scanner/ “A Virgem e o Menino”, de G. Bellini, em Brera, Milão, que ilustra o poema de *Natal*, de Manuel Bandeira, em *Os Nossos Filhos*. n.º 199. Dezembro 1958. p. 3

A base das fotografias (cf. *Apêndice a Cap. 4- Fotos 1700*), inseridas na revista apenas tem aquelas que estão identificadas ou com crianças tem um total de 1700 em que, a maior parte são de fotógrafos anónimos.

As fotografias do interior da revista são provenientes de diversas localidades quer do Continente quer das Ilhas ou mesmo das colónias e países estrangeiros onde havia assinantes de *Os Nossos Filhos*.

Quadro n.º35.: Fotografias **no interior** da revista *Os Nossos Filhos*:

Fotógrafos mencionados	N .º de fotos
Casimiro Vinagre	19
Carlos Begonha <sup>563</sup> do Porto; Foto Correia	7
Estúdio Serra Ribeiro; San Paio; Eduardo Gageiro	4
Alberto de Azevedo Gaspar; António Gaspar <sup>564</sup> ; Dinis Ferreira; Raúl Correia; José Joaquim da Silva; Bravo Silva; Foto Nóbrega; Foto M. Alves; João Silva, pai da fotografada; Fotógrafo de Beja; António Paixão; Clichê Kodak; Foto Santos Alves; José Alcobia; Miguel Ferreira Martins; Engº Vieira Pousada <sup>565</sup> ; Virgínia Gersão; Nuno Soeiro de Pina Manique; Maria Helena Didier de Matos Fernandes; Foto Artur Ribeiro, de Castelo Branco; Idália Vicente Marreiros de Jesus e Maria das Dores Westwood	1

Da observação do presente quadro podemos concluir que também no interior da revista se privilegiam as fotos de Casimiro Vinagre, como se referiu já na análise que foi feita das capas da publicação periódica; no entanto só 31 das 1700 são identificadas com a indicação do nome de fotógrafo. Vejamos as localidades de onde são enviadas as fotografias que foi possível identificar:

Quadro n.º 36.: Geográfico da proveniência das fotografias do interior da Revista:

Localidade	N.º fotos	Anos	Obs.
Abrantes	1	1949	
Águeda	1	1943	
Aguiar da Beira	1	1946	
Albergaria-a-Velha	2	1944 e 1946	

<sup>563</sup> Uma delas é enviada para Concurso de fotos em que os fotógrafos também se deviam identificar (Cf. Concursos neste trabalho).

<sup>564</sup> Este e os três seguintes, são pais que todos concorreram à *Grande e Linda Roda de Os Nossos Filhos*

<sup>565</sup> Este e três seguintes são Pais e familiares que enviam fotografias para concurso para também serem premiados, não só os(as)fotografados(as).

Albernoa (Beja)	1	1957	
Alcácer do Sal	1	1947	
Alcains	1	1948	
Alcanena	3	2 em 1945; 1 em 1949	
Alcobaça	2	1949 e 1957	
Alcochete	2	1943	
Alenquer	1	1944	
Alferce (Algarve)	1	1944	
Algés	2	1 em 1948; 1 em 1951	
Algueirão	1	1948	
Aljustrel	4	1943, 1948, 1956, 1957	
Almada	1	1957	
Almeirim	2	1956, 1957	1 família apenas
Almodôvar	1	1943	nota <sup>566</sup>
Alpiarça	3	1943, 1949, 1950	2 famílias
Alte (Loulé)	1	1945	
Alter-do-Chão	3	1943, 1950, 1951	
Álvares	2	1949, 1955	1 família, netos Buiça(?)
Amadora	5	2 em 1946; 2 em 1949; 1 em 1950	4 famílias; 1 de 1949 e a de 1950 é mesma criança
Amares	2	1946; 1948	1 família
Anadia	1	1946	
Anaguéis	1	1943	
Ancião	1	1945	
Arganil	6	1 em 1942; 2 em 1943; 1 em 1944; 2 em 1949	2 vezes a mesma criança
Arnoso	1	1946	
Ferrel(Atougia da Baleia)	1	1949	
Aveiro	6	1 em 1942; 1 em 1945; 2 em 1956; 2 em 1957	
Azambuja	1	1944	
Beja	4	1 em 1943; 1 em 1944; 1 em 1951; 1 em 1953	
Belas	2	1945; 1951	

<sup>566</sup> Menino de 2 anos recebe livrinho “O Alfaiatinho Valente”

Belmonte	1	1949	
Bendada	1	1948	
Braga	3	2 em 1944; 1 em 1951	2 famílias
Cabeceiras de Basto	1	1948	
Cadaval	1	1942	Amiga de ML
Caldas de Monchique	1	1948	
Carcavelos	2	1949; 1950	
Caria	4	1 em 1947; 1 em 1948; 2 em 1949	2 famílias, 3 vezes a mesma criança
Castro Daire	1	1948	
Caldas da Rainha	6	2 em 1943; 1 em 1945; 1 em 1950; 1 em 1953; 1 em 1955	nota <sup>567</sup>
Campo Maior	3	1943; 1944; 1955	
Canas de Senhorim	1	1956	
Cascais	2	1950; 1953	
Castelo Branco	12	1 em 1943; 1 em 1945; 1 em 1946; 1 em 1947; 6 em 1949; 1 em 1950; 1 em 1951	10 famílias
Castelo de Vide	3	1944; 1945; 1947	
Castendo	2	1942; 1949	
Castro Marim	1	1944	
Caxias	1	1944	
Celorico da Beira	3	2 em 1949; 1 em 1954	2 famílias; foto de 1954 é do filho do casal que se casara em 1949
Cercal do Alentejo	1	1943	Sobrinho de colaborador António Botto
Cernache do Bonjardim	2	1945; 1946	
Chaves	5	1 em 1943; 3 em 1944; 1 em 1946	3 famílias; fotos de 3 irmãos da mesma família
Coimbra			
Coruche	4	Em 1947; 2 em 1948; 1 em 1949	
Covilhã			
Elvas	9	6 em 1944; 1 em 1947; 1 em 1949; 1 em 1953	8 famílias; dois filhos do assinante Dr. Mário Gonçalves Cidrais
Escalos de Cima	1	1947	

<sup>567</sup> Criança de 28 meses recebe livrinho “A Princesa Encantada”.

Ervedal	1	1947	
Espinhhal	1	1947	
Esposende	1	1954	
Estarreja	3	1944; 1945; 1946	1 família; duas vezes a mesma criança
Estoril	2	1949	1 família
Estremoz	2	1943; 1949	nota <sup>568</sup>
Évora			
Faro			
Felgueiras	2	1949	
Figueira da Foz			
Figueiró dos Vinhos	2	1950; 1954	
Formariz	1	1953	
Fundão	6	1943; 1945; 1946; 1949; 1950; 1954	
Gaia	1	1954	
Galveias	2	1943	1 família
Gavião	1	1942	
Grândola	3	1 em 1943; 2 em 1951	2 famílias
Guimarães	4	1 em 1943; 2 em 1946; 1 em 1948	
Idanha-a-Nova	2	1948; 1951	
Ílhavo	2	1950	
Lajeosa do Mondego	1	1957	
Lagoa	2	1946; 1956	
Lagos	5	1 em 1943; 2 em 1949; 2 em 1956	4 famílias; Duas vezes a mesma criança Maria Teresa Dias Furtado <sup>569</sup>
Leça	1	1947	
Leiria			
Monte Redondo (Leiria)	1	1950	
Lixa	1	1945	
Lorvão	2	1943; 1945	
Loulé	3	2 em 1949; 1 em 1954	2 famílias
Louriçal	1	1956	
Lousã	3	1944; 1949; 1956	
Luso	1	1944	
Maçãs de D. Maria	1	1944	

<sup>568</sup> Criança recebeu livrinho “Sete velhinhas de gingeira”

<sup>569</sup> Recebe o livrinho “A Vingança do Colibri”; cf. nota em Peniche, porque muda de residência



Mação	1	1949	
Maceira Liz (Leiria)	2	1949	1 família
Maltrena	1	1943	
Mangualde	1	1956	
Manteigas	3	2 em 1944; 1 em 1949	2 famílias
Matosinhos	2	1948; 1957	
Meadela (Viana do Castelo)	3	1944	2 famílias; 3 crianças da mesma família
Medrões (Santa Marta de Penaguião)	3	2 em 1947; 1954	2 famílias; uma de 1947 e a de 1954 mesmas crianças
Melgaço	1	1943	
Minas da Panasqueira	1	1953	
Monchique	5	1 em 1945; 1 em 1947; 2 em 1948; 1 em 1956	
Montemor-o-Novo	1	1949	
Montijo	2	1949; 1950	
Moura	3	1949; 1950; 1953	2 famílias
Monforte	1	1944	
Mortágua	1	1943	
Nazaré	1	1949	
Nelas	3	1943; 1945; 1950	
Niza	3	1946; 1949; 1953	
Óbidos	2	1947; 1948	
Odivelas	1	1954	
Olhão	3	2 em 1944; 1 em 1946	
Oliveira de Azeméis	1	1947	
Oliveira do Conde	1	1949	
Ourique	1	1948	
Palmela	2	1951; 1952	
Parede	1	1954	
Paredes	1	1943	nota <sup>570</sup>
Penacova	2	1943; 1956	
Penajoia	1	1956	
Penela	1	1951	
Peniche	1	1951	Maria Teresa Dias Furtado <sup>571</sup>
Ponte do Sor	2	1943	nota <sup>572</sup>

<sup>570</sup> Criança de 3 anos recebe livrinho “As Três Engeitadas”.

<sup>571</sup> Cf. nota em Lagos e agora recebe prémio *A Grande e Linda Roda de Os Nossos Filhos*, n.º 3

Portalegre	2	1945; 1952	
Portel	1	1945	
Portimão	2	1950; 1951	
Porto			
Póvoa de Lanhoso	1	1943	
Póvoa do Varzim	1	1947	
Praia do Ribatejo	4	1 em 1943; 1 em 1948; 2 em 1951	2 famílias; a mesma criança com 1 ano e 9 anos
Queluz	2	1943; 1953	
Redondo	1	1945	
Reguengos de Monsaraz	5	1 em 1947; 1 em 1949; 1 em 1954; 1 em 1956; 1 em 1957	4 famílias; foto da mesma criança em 1956 e ano seguinte
Resende	1	1948	
Riba de Ave	1	1946	
Ribeira de Niza	1	1949	
Rio Maior	1	1945	
Sabrosa de Aguiar	1	1946	
Santarém	6	1 em 1943; 2 em 1948; 2 em 1956; 1 em 1957	2 famílias; 2 irmãs; duas vezes a mesma criança
Santo Tirso	1	1949	
São Mamede de Infesta	1	1949	
S. Martinho	1	1946	
S. Pedro de Moel	2	1946	
S. Pedro do Sul	1	1943	
Sta. Comba Dão	1	1954	
Sta. Marta de Penaguião			
Seia	1	1944	
Seixal	1	1949	
Senhora da Hora	1	1949	
Sernache do Bonjardim	2	1945; 1946	
Sertão	1	1944	
Serra Estrela			
Sesimbra	3		2 famílias; mesma criança duas vezes
Setúbal	3	1942; 1948; 1950	
Sintra	3	2 em 1949; 1 em 1957	
Silves	2	1944; 1949	

<sup>572</sup> Criança de 22 meses recebe “Os Anões da Floresta”.

Sines	1	1956	
Sobral de Monte Agraço	2	1950	mesma família em números diferentes
Soure	1	1945	
Sousel	2	1946; 1953	
Tavira	6	1 em 1945; 3 em 1950; 1 em 1955; 1 em 1953	
Tenões (Braga),	1	1943	nota <sup>573</sup>
Tomar	6	1944; 3 em 1946; 1950; 1954	1946 e 1950, quatro anos depois, é mesma criança
Tondela	2	1944; 1946	
Torre Vã	1	1954	
Torres Novas			
Trancoso	1	1943	nota <sup>574</sup>
Vale do Vouga	1	1945	
Valença do Minho	1	1946	
Valpaços	1	1948	
Viana do Castelo	1	1948	
Vidago	1	1948	
Vidigueira	4	1943; 1945; 1948; 1956	
Vieira de Leiria	2	1947; 1956	
Vila Alva	1	1956	
Vila da Feira	4	3 em 1956; 1957	3 famílias; duas fotos são mãe e filha
Vila de Frades	1	1957	
Vila do Conde	2	1944; 1946	É a mesma criança
Vila Nova da Barquinha	1	1949	
Vila Nova de Ourém	1	1956	
Vila Nova de Poiares	1	1956	
Vila Real			
Vila Real de Sto. António	2	1945; 1954	
Vila do Rei	1	1946	
Vila Nova de Fozcoa	1	1945	
Vila Nova de Cerveira	1	1943	
Vila Nova de Famalicão			
Vila Velha do Ródão	1	1943	
Vimioso	1	1943	
Vinhais	1	1949	

<sup>573</sup> Criança de 4 anos recebe “A Lebre e o ouriço”.

<sup>574</sup> Criança de 18 meses recebe livrinho “A Pombinha branca”.

Viseu			
Vizela	1	1948	
Vouzela			

Essas fotografias são remetidas de 258 localidades diferentes, sendo que a maioria é de Lisboa e Torres Novas, e é enviada por leitoras(es) para participação em concursos, sobretudo na *Grande e Linda Roda de Os Nossos Filhos* ou do *Concurso Nestlé*, entre outras. Há fotografias enviadas de pequenas aldeias ou pequenas localidades quase desconhecidas como Valugas, Sepins, Mutal, Mabubas ou ainda como Alferce, Alte no concelho de Loulé, Álvares, Anaguéis, Escalos de Cima em Castelo Branco ou de pequenas vilas como Valpaços no concelho de Vila Real ou Monte Redondo, em Leiria. Fora de Portugal continental encontramos fotografias enviadas de:

Quadro nº 37. : Localidades de Ilhas ou Estrangeiro de onde são enviadas fotos e são publicadas:

Madeira	Funchal Câmara de Lobos
Açores	Angra do Heroísmo, Ponta Delgada, Santa Cruz das Flores, e Sta Maria
Brasil	Rio de Janeiro
Cabo Verde	
França	Paris
Timor	Baucau
Congo Belga	Leopoldville e Bulungo
África do Sul	Durban
Macau	
Índia Portuguesa	Margão
Moçambique	Enviadas de António Enes, Beira, Ilha de Moçambique, Limpopo, Lourenço Marques, Nampula, Tete e Vanduzi
Angola	Enviadas de Assanjo, Huambo, Humpata, Lobito, Luanda, Lucala, Lumege, Moçâmedes, Munhango, Nova Lisboa, Novo Redondo, Quibaxe, Sá da Bandeira, Silva Porto, Uíge, Vila Pereira d'Eça, Vila Robert Williams, Vila Luso e Vila General Machado

Muitas são também as fotografias de assinantes ou familiares publicadas no interior e capas da revista. Oito anos depois do início de *Os Nossos Filhos*, em 1950, são

publicadas<sup>575</sup> /scanner/ pela primeira vez, as fotografias das duas primeiras assinantes, nora e sogra, respectivamente, Zélia S. José Santos Taveira da Mota e Cecília de Sousa Taveira de Vila Real de Trás-os-Montes. Na altura, a primeira senhora escreveu para a revista considerando-a de educação feminina e sete anos depois voltou a escrever reafirmando a importância que lhe reconheceu.

Nas páginas de *Os Nossos Filhos*, como muito acontecia em *Modas & Bordados* e em *Portugal Feminino*<sup>576</sup> (cf., por ex. Fev. 1932 ou Jul. 1935, Mar. 1936) sob a designação de *Casamentos elegantes*, publicações onde Maria Lúcia Vassalo Namorado colaborara, vão também ser publicadas fotografias de noivos em dia de casamento; vejamos as que estão nesta revista, num total de onze:

Quadro nº 38. : Fotografias de casamentos em *Os Nossos Filhos*:

Identificação	Caracterização	Fonte
Casamento da filha de De Gaulle	Pequena notícia como se de um 'fait divers' se tratasse	n.º 45 Fev. 1946. p. 6
Ilda Alice Lopes de Almeida Queirós e António dos Santos Queirós	assinantes	n.º 87 Ago. 1949. p. 21
Manuel António Del-Negro de Seixas e Maria Helena Rosa Torres Peres	(...)Dedicada companheira de trabalho na administração de <i>Os Nossos Filhos</i> (...)	n.º 88. Set. 1949. p. 9
Maria José Santos de Almeida com Venâncio Mendinhos Casaca	Lisboa, no dia 23 Outubro p.p. Igreja S Nicolau, filha de Maria Antonieta Horta Santos de Almeida, e do comerciante da Covilhã, José Rosa de Almeida, com filho Joana Mendinhos Casaca e de Joaquim Venâncio Mendinhos Casaca, tesoureiro da Fazenda Pública em Almôdovar.	01-1953
Aida Pinto Cardoso com com Rogério Constantino Taveira da Mota, também conceituado comerciante em Vila Real	igreja da freguesia de Folhadela, Vila Nova, Vila Real, filha doconceituado comerciante do Porto Sr. Rui Pinto Cardoso e D. Elisa Cardoso,. A cerimónia revestiu-se de grande brilho, sendo padrinhos, por parte ia noiva, seus pais, e por parte do noivo o Sr. Rogério Taveira da Mota e a nossa querida assinante n.º 1, Srª D. Zélia Taveira da Mota.	01-1953

<sup>575</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 94. Março 1950. p. 21

<sup>576</sup> Onde encontrámos a fotografia de Maria de Jesus Mateus Mendes, no dia do casamento com o guarda livros.

Maria Júlia Ferreira Vassalo com tenente Ricardo Ferreira Inves Ferraz	(...) noiva é filha de António Júlio Vassalo (...) a quem se deve a publicação de <i>Os Nossos Filhos</i> pois foi ele quem, desinteressadamente, criou esta Editorial(...)	n.º 134. Jul. 1953. p. 3
Maria Ermelinda da Fonseca e João Filipe da Silva	Noiva filha da assinante Gilberta de Oliveira Rodrigues da Fonseca e Dr. António Vicente da Fonseca, notário naquela comarca(...) casamento realizado na Igreja Matriz de Margão, Índia portuguesa	n.º 135. Ago. 1953. p. 11
na capela do Palácio de Queluz, o casamento da gentil senhora Maria Arlette Ferreira Vassallo com o senhor tenente Ricardo Ivens Ferraz Galiano Tavares	no dia 24 de Setembro passado <sup>577</sup> , filha da senhora Maria Augusta Ferreira Vassallo e do senhor António Júlio Vassallo, , filho da senhora D. Maria Leonor Ivens Galiano Tavares e do senhor Dr. António Raul Galiano Tavares. Foram padrinhos, da noiva, seus primos, Maria da Luz Lindim Vassallo e senhor João Maria Courinha Vassallo; e do noivo, seus pais.	01-1954
Maria Josefina Morais Pequeno da Cunha Serra e Engº António José de Carvalho Pereira	(...) aquelas graciosas crianças cujas fotografias embelezaram os primeiros números da nossa revista(...) já fundaram novos lares(...)	n.º 141. Fev. 1954. p. 3
Maria Emília Estrela Rodrigues casa com Dr. João Maria Carvalho Vieira	Vai para Campo Maior	n.º 160. Set. 1955. p. 23
Maria Albertina Lopes de Araújo casa com Engº Sebastião José Ribeiro Veloso	Irmã de Matilde Rosa Araújo	n.º 178. Mar. 1957. p. 21

As razões que levam à divulgação desses testemunhos são de várias ordens, como podemos concluir ao analisar o quadro anterior: as de filhas de assinantes que, no início da revista eram ainda crianças e que, entretanto, haviam crescido e casado; a da primeira empregada<sup>578</sup> da revista que, ao casar, abandona o emprego que tivera durante quase sete anos; a da irmã de uma das mais importantes e constantes colaboradoras de *Os Nossos Filhos*; a da filha de um político a todos os níveis importante como foi De Gaulle e o que ele representava para a França da 2ª Guerra e ainda a da filha do outro “sócio” de Maria Lúcia Vassalo Namorado a quem, desta forma, ela mostrava o quanto lhe estava reconhecida.

A base que construímos a partir das fotografias publicadas na revista foi organizada a partir das mesmas categorias de análise usadas para os artigos de *Os Nossos Filhos* e da correspondência do Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado. A

<sup>577</sup> Entre a data do casamento e a da publicação em *Os Nossos Filhos* passaram...4 meses.

<sup>578</sup> Cf. também entrevista feita e biografia colocada em Apêndice a este trabalho.

consulta do *Apêndice ao Cap. 4- Fotos 1700* pode assim dar, a futuras investigações sobre este periódico um manancial de informações sobre as seguintes áreas:

Quadro nº39.: Categorias e número total de fotos identificadas:

<b>Categorias</b>	<b>N.º fotografias</b>
Anónimo <sup>579</sup>	125
Assistência	25
Biografias <sup>580</sup>	754
Colaboradoras(es)	73
Concursos <sup>581</sup>	237
Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas	2
Desenho	11
Educadoras	1
Enfermeiras	11
Escola de Noivas e Donas de Casa	12
Feminismo	36
Instituições	39
Lisboa vista pelas suas crianças	25
Literatura infantil	27
Maria Lúcia, biografia	28
Música	47
Necessidades Educativas Especiais	15
<i>Os Nossos Filhos</i> , administração	1
<i>Os Nossos Filhos</i> , assinantes	114
Pedagogas(os)	7
Política	71
Programa radiofónico	1
Programas televisivos	7
Publicidade	7
Quotidiano	7
Religião	22
Teatro	13
Trabalhos manuais	1

Na maior parte das vezes e, apesar de algumas excepções, as fotografias que ilustram os artigos da revista não apresentam, do ponto de vista do conteúdo, qualquer relação com o mesmo. Outras vezes, se bem que adequadas ao conteúdo, revelam dados sobre a mentalidade da época que passaram despercebidos a quem as escolheu. Como

---

<sup>579</sup> Para as fotografias de que não conseguimos a identificação da(o) representada(o).

<sup>580</sup> Sempre que é possível identificar as(os) fotografadas(os), quem são, localidades onde vivem.

<sup>581</sup> Promovidos pela Revista *Os Nossos Filhos*

exemplo desta última situação, a que nos pareceu mais interessante é a de uma menina colocada junto de uma capoeira/scanner/ e que está num dos artigos de Lucinda Atalaia sobre *Lições de coisas*<sup>582</sup>. Nesse artigo referem-se os animais da capoeira mas menina que os foi ver está vestida com sapato de engraxar e vestido de passeio, com cabelo muito bem escovado, nada próprio naquela actividade.

No *Espólio* encontramos inúmeras fotografias e poucos retratos de corpo inteiro. Este género “(...) existia há séculos, mas destinava-se exclusivamente às elites. No início, os daguerreótipos seguiram esta tendência mas, com a introdução das impressões em papel, a fotografia tornou-se acessível à generalidade das pessoas (...)” (Ewing<sup>583</sup>, 2003. p. 1). Em *Os Nossos Filhos* encontramos sinais desta democratização mas, apesar de tudo, ainda incipiente. Muitas são as senhoras que enviam as fotografias para a revista pedindo porém que lhes sejam devolvidas. Na maior parte dos casos alegam mesmo não ter mais nenhuma. Também é sintomático desta contenção o facto de muitas vezes a fotografia se referir a anos e anos antes daquele em que é enviada. Se fizéssemos uma análise mais aprofundada das fotografias reproduzidas na revista, um outro aspecto a ter em conta seria o da interpretação do “(...) texto que acompanha uma imagem porque pode influenciar radicalmente a ‘leitura’ dessa imagem(...)” (Ewing, 2003. p. 3). Como exemplo citamos o caso da fotografia de Maria Manuela Martins da Cruz e Carlos Manuel Sancho Pestana, de Olhão, estão demonstrando gentilmente que o hábito tão arreigado entre nós, de convidar as crianças a beijarem-se umas às outras, e crianças a beijarem-se umas às outras,(...)”. Como a revista defendia a abolição de tão grave erro educativo, não deixará de fazer o seguinte comentário: o beijo a crianças pequenas deveria ser (...) abolido. O beijo é transmissor de inúmeras doenças. Habitue-mos as crianças a cumprimentar inclinando q cabeça e estendendo a mãozinha, o que é igualmente cioso e muito mais higiénico. ...Mas não basta educar assim as crianças. Nós próprios devemos ser os primeiros a auxiliar as crianças que vêm cumprimentar-nos. (...) a criança fica à espera que o primeiro gesto porta da pessoa crescida. Ora, é preciso que esse gesto se harmonize com o que em caso lhe recomendam. Há dias uma visita beijou o meu filho mais novo que já, tem oito anos. Quando fiquei só com ele, disse-lhe: «O menino esqueceu-se de estender a mão àquela senhora. Deu-lhe um beijo, mas já sabe que não é assim que se cumprimenta» (...)”

---

<sup>582</sup> Fotografia do canto superior esquerdo da p. 9 de *Os Nossos Filhos*. n.º 157 Jun. 1955.

<sup>583</sup> EWING, William (2003)- De caras! O retrato está morto! Viva a cara! In *Cara a Cara: Exposição de Fotografia/Catálogo/ Lisboa: Culturgest*. 12 Out- 28 Dez. 4 p.



(ONF, Jan. 1949).

Como dissemos, são inúmeras as informações que as legendas das fotografias nos podem fornecer, sob o ponto de vista da influência que sobre nós pode exercer a sua leitura. Em muitas das fotografias publicadas, sobretudo nos anos até ao início da década de 50, a forma de que se reveste o texto que as ilustra, mostra bem a relação que as(os) fotografadas(os) tinham com a direcção da revista, a importância social de que se revestiam e são até exemplo da nomenclatura da época (ex: muitos diminutivos e adjectivos). Paradigmático do que se entendia que devia ser o papel da mulher em casa é um texto que ilustra um conjunto de sete fotografias, da autoria de Casimiro Vinagre, tiradas à menina Maria do Carmo Portela de Herédia e que ocupa uma página inteira da revista: “(...)fiz ginástica...vou dedicar meia hora aos meus desportos favoritos(...)Vamos ao primeiro almoço(...)Também há as obrigações...a dona de casa as compras estão em primeiro plano...e fazer compras, neste tempo de crise não dá nenhum prazer(...)Prazer, sim, é tratar dos filhos, embora as crianças dêem muito trabalho (...)E julgam que é só isto á vida duma mãe de família? E a costura? E a limpeza? ...E há ainda mais... É preciso tornar a casa acolhedora e alegre. Para isso são indispensáveis as flores (...)E só à tarde, depois de tudo bem feito, posso ir visitar as amigas e dar um pequeno passeio (...)” (ONF, Nov. 1945).

Várias eram as formas de conseguir que uma fotografia fosse publicada na revista: ou por pedido junto da directora da revista, por ser familiar de Maria Lúcia Vassalo Namorado, por ser enviada para concursos sucessivamente promovidos ou por compra de espaço para tal efeito. A indicação desta última possibilidade é frequente em *Os Nossos Filhos*: “(...) Temos em nosso poder algumas centenas de fotografias crianças. Com o maior prazer as publicaremos, mas (...) levarão muito tempo a publicar, não só por serem em quantidade mas também porque não podemos reduzir a Revista a um simples álbum fotográfico(...). Tenham, pois, paciência, as famílias dos nossos amiguinhos (...). Todas as fotografias serão publicadas **gratuitamente** à medida que for possível (...). Quem não quiser sujeitar-se à demora, pode fazer publicar o retrato imediatamente, mediante pagamento. Os preços são os seguintes: 1 página 500\$00; 1/2 p. 250\$00; 1/4 página, 130\$00; 1/8página, 70\$00; 1/16 página, 40\$00(...)”. (ONF, Jun. 1943 ou Set. 1945, entre muitos outros<sup>584</sup>). O texto mais completo sobre as regras a

---

<sup>584</sup> Quatro anos depois os preços haviam subido para: 1 p. = 600\$; 1/2 p. = 320\$; 1/4 p.= 180\$; 1/8 p.= 100\$ (ONF, Jun. 1949).

aplicar á publicação de fotografias em *Os Nossos Filhos* é a *Tabela de publicidade em vigor desde 1 de Maio de 1947* ((Maria Lúcia). Caixa 22. Maço 2), que contém as seguintes disposições sobre anúncios, fotografias e publicidade:

“(…) 1página de anúncios: 1 coluna de 6 cm - 210\$; 1/2 - 130\$; 1/4 - 80\$; 1/8 - 50\$
1 p. 600\$; 1/2 - 320\$; 1/4 - 180\$; 1/8 - 100\$; 1/16- 60\$
Em páginas de texto de publicidade redigida - o dobro dos preços acima indicados
Referências nas secções- Cada referência: máximo 30 palavras, intercaladas no texto ou 1 rectângulo de 6 cm x 2 cm = 60\$
Descontos: em 3 publicações 5%; em 6 - 10%; em 12 - 20%
Colocação de harmonia com as conveniências da paginação
Aos preços indicados acresce, em toda publicidade, o imposto de 3% para o Estado
A contra capa não está disponível
Não aceitamos anúncios de leite e farinhas para lactantes devido ao nosso contrato com a Nestlé; mas podemos anunciar leites e farinhas destinando-se a doentes, culinária ou doçaria
Comissão para o Agente de Publicidade: redigida 30%; restante 20%
fotografias de baptizados, comunhões, casamentos:20% (mais 5% para fotógrafo…)
Fotografias de casamentos, baptizados e comunhões: capa 2000\$00; 1 p. 700\$; 1/2 350\$; 1/4 200\$; 1/8 120\$
A revista manda receber as importâncias dos anúncios logo após a sua publicação; excepto tratando-se de fotografias que só se publicam desde que a importância respectiva as acompanhe
Fotografias para publicar devem ser impressas a negro em papel brilhante

As fotografias enviadas para o *Grande Concurso de Fotografias de Crianças* foram em enorme quantidade:“(…) temos em nosso poder 700 fotografias destinadas a este Concurso. Primeiros dias de Julho serão as fotografias apresentadas ao Júri que há-de classificá-las, e esperamos no próximo número publicar os nomes dos premiados (ONF, Jul. 1948). Muitas destas fotos, que nunca foram devolvidas, ainda hoje fazem parte do *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* pois muitas(os) leitoras(es) não acataram o aviso segundo o qual: “(…) vamos devolvendo as fotografias de crianças que recebemos para o nosso último Concurso. Ficam em nosso poder apenas aquelas que têm condições para ser publicadas, e a publicação far-se-á pela ordem de entrada, visto que todas as fotografias foram numeradas à medida que as fomos recebendo. Pedimos aos nossos leitores que não nos mandem mais fotografias de crianças, visto que desejamos publicar primeiro as que estamos escolhendo, e são muitas. **Não devolveremos as fotografias que nos sejam enviadas a partir desta data.** (…)” (ONF,

Jan. 1949). Com as fotografias esperava Maria Lúcia Vassalo Namorado realizar uma “(...) linda exposição(...)” (ONF, Set. 1954) mas, em vida, nunca tal conseguiu fazer.

Não é fácil fazer a caracterização revista *Os Nossos Filhos* quanto ao aspecto gráfico. Não sendo a análise deste tópico um dos objectivos deste trabalho não podemos deixar de lhe fazer uma breve referência assim como à sua evolução ao longo do período em que durou a sua publicação.

Uma outra revista contemporânea desta, a *Flama*, que inicia a sua publicação em 1944, é a única que vai ter um aspecto semelhante, com a chamada de crianças à capa mas também a de muitos adultos, sobretudo do sexo feminino. A revista *Os Nossos Filhos*, por ter uma capa com três campos, ou seja, uma parte ocupada com o título da publicação, outra com uma imagem e outra com informações como complemento de título em rodapé, sendo que estas ‘listas’ vermelhas, no topo e no pé de página, faziam com que a revista fosse conotada com certos grupos religiosos ou políticos. Chegou a correr a informação de “(...) que a revista era de protestantes. Mas Maria Lúcia Vassalo Namorado não queria que a revista fosse política e religiosa (...)” (Entrevista a Maria Helena Rosa Torres Peres de Seixas, 11 Jan.2005).

*Os Nossos Filhos* muda constantemente de aspecto gráfico, nalguns casos, de número para número, sem se perceber que lógica preside a essa mudança. Em Janeiro de 1943, antes de ter completado um ano de existência, vai sofrer a primeira de muitas remodelações: a segunda página passa a ter sempre anúncios e dados novos são também acrescentados: a indicação dos preços para o continente, ilhas e colónias, continuando o preço do número avulso e do trimestre como até então e sendo indicado que o semestre importava em 27\$00 e a assinatura anual em 51\$00 (ONF, Jan. 1943). Nova alteração é feita em Junho 1944 data em que passa a ter uma coluna com o *Sumário* da publicação. O anúncio da alteração do aspecto da revista ocupa meia página em Maio de 1946. Dele transcrevemos o final em que se refere que : “(...)A partir do próximo número a nossa revista, sendo a mesma, será **inteiramente outra**. Veja o próximo número de *Os Nossos Filhos*. Ficará maravilhada (...)” (ONF, Maio 1946). É a partir deste número que deixa de ter a indicação de: “(...)Publica-se em Lisboa, no dia 1 de cada mês (...)” (ONF, Jun. 1946). Nova remodelação em Junho de 1948 faz com que a revista tenha uma lista sumário do conteúdo da revista, com listagem dos diversos artigos existentes em cada número. No ano de 1951, em Agosto passa de 34 para 30 páginas e o papel é de mais fina gramagem. Nova reestruturação é feita ainda em Abril de 1955, data em que passa

a ter, na primeira página, uma coluna com a identificação da revista, uma outra ocupada pelo Sumário e ainda um outro espaço com imagens diversas.

Um outro local da revista que sofre diversas renovações é a página 3 de cada número<sup>585</sup>, onde vulgarmente se situa o que hoje designamos por *Editorial* (a análise temática dos mesmos é feita mais adiante neste capítulo). A título de exemplo escolhemos apenas oito números<sup>586</sup> /scanner/ para corroborar a afirmação que anteriormente produzimos. Vejam-se as diferenças:

Quadro nº 40.: Comparação do aspecto gráfico de algumas páginas de *Editorial*:

Caracterização	Fonte
Sumário, Ficha técnica, preços de assinaturas, imagem e texto de Editorial	n.º 25 de Jun.1944
Editorial rodeado por cercadura negra ondulante, Fotografia de criança anónima com legenda, título e complemento de título da revista	n.º 49 de Jun. 1946
Título e complemento de título da revista, Sumário organizado por idades das crianças, fotografia de criança identificada, texto de Editorial	n.º 73 de Jun. 1948
Título e complemento de título da revista com tipo de letra diverso do anterior, fotografia de criança, Editorial	n.º 85 de Jun. 1949
Título e ficha técnica, Sumário, condições de assinatura com cercadura linear, foto de criança de "Cliché Kodak" e Editorial	n.º 150 de Nov. de 1954
Título e ficha técnica, Sumário, condições de assinatura com cercadura ondulante, fotografia de criança com legenda e identificação, Editorial apenas com pequenas notícias e cont. Na p. 11	n.º 154 de Março de 1955 <sup>587</sup>
Título e ficha técnica, Sumário, condições de assinatura com cercadura espiralada, duas fotografias uma identificada e com legenda e outra anónima e duas notícias informativas breves	n.º 155 de Abril 1955
Fotografias das festas do <i>Lar Educativo João de Deus</i> e da Festa Musical infantil da <i>Academia de Amadores de Música</i> , Título e ficha técnica, condições de assinatura e Sumário em cercadura rectangular na metade inferior da página.	n.º 156 de Maio de 1955

Estas alterações verificam-se também em todos os capítulos dedicados às crianças<sup>588</sup> excepto no capítulo *Nova Secção Infantil*, /scanner/ cujo primeiro número sai no n.º 190

---

<sup>585</sup> Com excepção dos últimos números, do n.º 200 a 205 em que não há essa rubrica e dos números em que o Editorial vem na p. 4.

<sup>586</sup> Páginas de *Editorial* de números em que o aspecto gráfico é modificado.

<sup>587</sup> Veja-se que os três últimos números são seguidos.

<sup>588</sup> Ex: *Recreio para entreter os pequenitos* do n.º 49 de Junho de 1946. p. 17 e *Secção Para Entreter os nossos filhos* do n.º 161 de Outubro de 1955. p. 17, entre muitos outros.

da revista e o último no n.º 193 de Julho do mesmo ano<sup>589</sup> e em que o aspecto do cabeçalho não se altera.

As fotografias das capas são criteriosamente seleccionadas. A primeira /scanner/, como muitas outras ao longo da publicação, é da autoria de Casimiro Vinagre e reproduz a fotografia de “(...)Maria Rita Teresinha<sup>590</sup>, familiarmente *Ritucha*, vive em Santarém, pais Ofélia de Oliveira Hintze Ribeiro Nunes e capitão Francisco Hintze Ribeiro Nunes (...)” (ONF, Jun. 1942) que, como se lê no número seguinte, foi por muitos tida como representando uma criança estrangeira, talvez alemã. Não se pode esquecer o contexto em que se vivia em Julho de 1942.

Era comum encadernar os fascículos das revistas que se adquiriam por assinatura. Sabemos que isso era feito por *Portugal Feminino* pois ali se lê que:“(...) Vendem-se Capas muito bonitas e vistosas para encadernar os números de *Portugal Feminino* correspondentes ao segundo ano (...)” (Set. 1932. p. 33). Da venda das suas capas encarrega-se a própria revista *Os Nossos Filhos* sendo que podia enviar capas em “(...)meia percalina, a 25\$00 A percalina, a 40\$00 e Pelo correio, mais 3\$00(...)ENCARREGAMO-NOS DA ENCADERNAÇÃO DAS REVISTAS. ESTE TRABALHO IMPORTA EM 10\$00 (...)” (ONF, Jun. 1944). Uma leitora que queria encadernar as revistas /scanner/ “(...) por suas mãos(...)” vai pedir (e a revista publica), um bordado para ser executado “(...) a ponto de cadeia(...)” (ONF, Ago. 1949), indicando-se todos os pormenores a seguir para executar esse trabalho

Além de fotografias foram também publicados muitos desenhos em *Os Nossos Filhos*. Já nos referimos a alguns. Como colaboradoras(es) que desenhavam para *Os Nossos Filhos*, de forma quase permanente, temos a indicação de *Fernando Carlos*, genro de Maria Lamas, que também ilustra *Modas & Bordados*, Maria Keil que se ocupa da resposta a leitoras que pretendem remodelar a casa ou Vera Bordallo Pinheiro Vaz Gomes, que vai até ser entrevistada na revista (como veremos mais adiante neste trabalho). Às vezes os desenhos são inspirados em outros que Maria Lúcia Vassalo Namorado retira de outras publicações, como os postais /scanner/ que manda fazer intitulados as reivindicações dos bebés, inspirados no cartaz da *Obra Nacional da Infância belga* (ONF, Jan. 1946).

---

<sup>589</sup> Nova Secção Infantil. N.º 1 de Março de 1958. In *Os Nossos Filhos*. N.º 190. Março 1958. p. 15-18 e números seguintes

<sup>590</sup> Ainda viva mas apenas contactámos a filha que nos prestou os esclarecimentos solicitados e nos autorizou a utilizar a fotografia da mãe. O original desta fotografia, como o de muitas outras, foi visto por nós em casa do neto de Casimiro Vinagre, aquando da entrevista que com ele tivemos em Santarém.

Desenhos que as crianças realizaram para uma das iniciativas da revista que abordamos mais adiante – a Exposição *Portugal vista pelas suas crianças* – vão ser também usados para ilustrar alguns artigos de *Os Nossos Filhos*. O primeiro é o de Rui Grácio (ONF, Ago. 1957).

Analisar o aspecto gráfico da revista *Os Nossos Filhos* ou o dos *Documentos Anexos* que fazem parte do *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* não foi, como referimos, o objecto do presente estudo mas não se pode de alguma forma ignorar, em termos ideológicos, a forma como eram usadas as imagens que ilustravam, por exemplo, os cadernos diários, as revistas ou até os bilhetes postais que fazem parte da correspondência deste *Espólio*, enquanto suportes das mensagens enviadas. Uma leitura destes desenhos ou ilustrações parece-nos que deve ser feita para que também se possa ver a preocupação que então se tinha em, de forma deliberada, fazer passar diversas mensagens subliminares sobre a educação em espaços diversos dos da escolarização formal.

Quer nas publicações oficiais quer ainda em postais ilustrados a representação das tarefas femininas é fortemente orientadora de uma educação doméstica. Veja-se, apenas a título de exemplo, as mensagens que passam no *Mensário das Casas do Povo* /scanner/ ou também na imagem reproduzida no postal que Elina Guimarães envia a Maria Lúcia Vassalo Namorado /scanner/(Caixa 41. Maço 3).

A inclusão de imagens ‘educadoras’ nos bilhetes postais merecia um estudo e poderia ser feita a partir dos que foram guardados neste *Espólio*. Apenas referimos algumas séries que fomos seleccionando ao longo da pesquisa e que /scanner/ mostram um enorme investimento para, através da pequena imagem usada, se divulgar a História pátria, as danças e cantares, as localidades e suas tradições ou até mesmo medidas de higiene. No primeiro caso, encontrámos alguns postais da colecção *Conheça a sua História* em que, através de um pequeno texto e imagem, se faz a apologia de figuras como Sidónio Pais, Pedro Álvares Cabral ou do Império Colonial Português. No segundo, na colecção *Conheça as suas Danças*, são intermináveis as referências a diversas danças e cantares populares, sempre com indicação da localidade, ilustração alusiva, transcrição de pelo menos uma quadra e pauta musical. Na divulgação de localidades diversas, com a colecção *Conheça a sua terra* há sempre uma imagem ‘típica’ da cidade, vila ou aldeia seleccionada e, finalmente a utilização de conselhos de saúde em bilhetes postais como os da *Liga Portuguesa da Profilaxia Social*, sediada no

Porto, em que se aconselha as pessoas a destruir pequenos animais transmissores de doenças ao ser humano /scanner/.

Também para alertar as pessoas para os perigos a que podiam estar sujeitas as crianças vai a directora de *Os Nossos Filhos* mandar executar, com edição de Revista *Os Nossos Filhos*, 1000 exemplares de postais /scanner/, datados de 18 de Março de 1946, na Bertrand Irmãos, a partir de desenhos de Vera Bordalo Pinheiro, inspirados em desenhos belgas. Maria Lúcia Vassalo Namorado irá utilizá-los para enviar recados, informações a assinantes e amigos como o faz ao médico António Emílio de Magalhães (“ONF” e Maria Lúcia Silva Rosa. Caixa 76. Maço 7 e Caixa 22. Maço 2). Esses postais têm frases paradigmáticas: “(...)Nós queremos: Que nos livrem das moscas, Dormir sós, Quartos higiénicos, Pais saudáveis, Ir às consultas, O Leite da Mãe, Ar e sol/ainda na frente tem a indicação de/ Desenho inspirado no cartaz da "Obra Nacional da Infância belga: as reivindicações dos bebés" Amar os filhos não basta. É preciso proporcionar-lhes vida e hábitos higiénicos, para que sejam saudáveis(...)”.

Ainda no campo da iconografia ao serviço da ideologia e da divulgação da História há que referir as capas de alguns cadernos enviados para o Concurso *Se eu tivesse uma varinha de condão*, promovido pela Revista *Os Nossos Filhos*, em que é feita e ilustrada a biografia de Viriato /scanner/. Como a capa e a contracapa do *Caderno escolar* não são suficientes para a extensão de tal narrativa, aconselha-se, no rodapé da contracapa a ler “(...) a continuação desta história no caderno n.º 14”!

Também a Filatelia, como ainda hoje acontece, é uma fonte importante de informação sobre educação no período em que a revista *Os Nossos Filhos* se publica. Mais uma vez a título de exemplo, seria interessante analisar o que, da área da educação se manifesta nos selos utilizados, como acontece com o que aqui se reproduz /scanner/ sobre o *Plano de Educação Popular*<sup>591</sup>.

## **Administração, difusão e distribuição**

### **Administração**

Sobre a vida administrativa da revista muitas são as indicações que colhemos em *Os Nossos Filhos*. Nela encontramos as informações relativas ao preço avulso, assinaturas para Portugal, colónias e estrangeiro, capas, campanhas de divulgação e

---

<sup>591</sup> Postal enviado por Isaura Correia Santos, datado de 11 Janeiro 1955. (Caixa 41. Maço 1). As referências à *Campanha...* serão feitas no capítulo em que se analisa o contexto educativo da revista.

campanhas especiais de assinaturas, pequenos anúncios das leitoras, correspondência e muitos outros dados sobre o quotidiano de *Os Nossos Filhos*. São essas informações que apresentamos de seguida.

A revista tinha por hábito responder a todas as pessoas que se lhe dirigiam, quer publicando em parte ou o todo das cartas enviadas quer através de resposta particular, como se pode ver em inúmeras das cartas que compõem o *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*. Era a própria directora da revista que escrevia, normalmente no canto superior esquerdo da maior parte das cartas, a vermelho, a data em que enviara a resposta. Esse peso económico vai obrigar a revista a informar que “(...)temos procurado sempre, até hoje, responder particularmente às cartas sobre os mais variados assuntos. Ultimamente porém, a correspondência tem aumentado de tal forma que não podemos continuar a responder particularmente nas condições em que o temos feito até aqui, porque nos obriga a uma despesa enorme. Futuramente, responderemos na Revista às sra que se. nos dirijam (...) estas respostas são gratuitas, e têm a vantagem de esclarecer outros leitores que se interessem pelos mesmos assuntos. As pessoas que desejem resposta particular deverão juntar às suas cartas um postal selado ou 1\$50 em selos (...)” (ONF, Abr. 1951).

Para ajudar as leitoras “(...)a resolver as suas dificuldades e problemas(...)publicaremos artigos versando assuntos que desejem, desde que estejam dentro da índole da nosso Revista; receitas de culinária e interesse domestico, modelos de vestidos, rendas, malhas etc. que nos solicitem. Mas não esqueçam que a Revista é mensal, que leva tempo q organizar, e que há sempre pedidos a atender pois, fazer os seus pedidos de publicação 2 meses antes da data em que precisem de resolver os problemas e não à última hora(...)” (Abr. 1951). Esta forma de colaboração solicitada às leitoras vai ser seguida em *Os Nossos Filhos* até ao fim a publicação e muitas são as leitoras que a ela recorrem, como se vê pelo número de artigos por elas enviados.

A revista *Os Nossos Filhos* começou por custar 5\$00, o número avulso. Só em Outubro de 1951 passa a custar 6\$00, ou seja, durante nove anos fora possível, à custa de muitos sacrifícios da directora, manter o preço apesar dos sucessivos percalços da Guerra. Temos a ideia de que a revista não seria barata pois muitas são as senhoras que escrevem indicando não poder continuar a suportar a sua assinatura, sobretudo nestes primeiros anos da década de 50. Na mesma data sabemos, por exemplo, que o *Papel Higiénico Sueco Edet*, anunciado na revista, custava 5\$50 (ONF, Jul. 1951).



## Assinaturas e Campanhas

A revista *Os Nossos Filhos* iniciou a sua publicação em 1 de Junho de 1942, dia do aniversário da sua única directora. Durante alguns meses Maria Lúcia Vassalo Namorado ainda acumulou essa tarefa com a de colaboradora de *Modas & Bordados* mas depressa acabou por se lhe dedicar em quase exclusividade.

A revista tinha a sua sede em dois dos quartos da casa onde Maria Lúcia Vassalo Namorado vivia com a família, na Almeida e Sousa, 25, 2.º, Esq., a Campo de Ourique, em Lisboa. /scanner/ A frente do prédio dá para o *Jardim da Parada* ou mais correctamente, o *Jardim Teófilo Braga* onde, em 1920 tinha sido inaugurada a estátua de Costa Mota (tio), representando a *Maria da Fonte* “(...) uma figura mais mítica do que real, uma mulher de pistolas de prata na mão, capaz de perseguir os Cabrais em fuga até às fronteiras de Espanha(...)”<sup>592</sup> /scanner/.

Como referimos, cada número avulso custava 5\$00, sendo que, inicialmente estava prevista apenas a assinatura trimestral que, com pagamento adiantado, ficava em 13\$50 (ONF, Jul. 1942). A composição, impressão e gravuras eram da *Bertrand Irmãos*, empresa familiar, formada por três irmãos, galegos, situada na Tv. Condessa do Rio, 27.

A Revista *Os Nossos Filhos* era vendida em Tabacarias, no caso de venda avulso. Também havia a possibilidade de assinatura e esta era a forma comum de divulgação e fidelização de leitores. Maria Lúcia Vassalo Namorado fez alguns Concursos em que o prémio a atribuir eram assinaturas trimestrais, semestrais ou mesmo anuais da Revista. Para além destas modalidades havia ainda a possibilidade de ofertas a médicos, enfermeiras parteiras e advogados que poderiam colocar alguns exemplares nas salas de espera dos seus consultórios ou o envio de uma circular / scanner/ em que, após identificação da Revista e dos seus objectivos se informava o(a) destinatário(a) de que caso não restituísse a revista “(...) na volta do correio, sem a danificar (...) A não devolução no prazo de 8 dias significará que V. Exª nos honra com a sua assinatura, e procederemos à cobrança de um trimestre(...)” (Caixa 22. Maço 3). Ao mesmo tempo pedia-se, ainda, que a pessoa que assim recebia a revista fizesse “(...) a sua propaganda entre as pessoas das suas relações(...) /e que/ nos obtenha, pelo menos, mais um assinante(...)”.

As questões que se prendem com a administração da revista eram, então, muito complicadas. Há diversos e repetidos avisos em *Os Nossos Filhos* indicando como se

---

<sup>592</sup> Cf. Texto de Rui Tavares na brochura: Câmara Municipal de Lisboa (2005) - *Agenda Lx Junho*. p. 98

deve proceder para que a vida das(os) assinantes e a de quem dirige a revista seja facilitada. Apesar dessas indicações, cremos que a maior parte do tempo da directora desta publicação deveria ter sido usada na resolução de questões de carácter administrativo. A montagem de uma máquina pesada, impossível de organizar então de forma diferente, sem grandes ajudas da parte de um corpo de funcionárias de que a revista não dispunha, obrigam a que seja nas páginas de *Os Nossos Filhos* que encontramos um sem número de regras de funcionamento, dirigidas às(aos) assinantes e leitoras(es). Muitas dessas indicações são aqui usadas, seguidamente, para descrever a forma como decorria a vida da revista. Vejamos como se organizava o serviço de assinaturas, que campanhas foram realizadas e que concursos foram lançados para ajudar a manter a revista.

As(os) assinantes podiam optar pelo serviço de cobranças mas “(...)apenas mandamos uma vez à cobrança os recibos das suas assinaturas. Por isso (...) quando deixem devolver o recibo, mas desejem manter a assinatura, deverão enviar-nos a respectiva importância em selo ou vale de correio, para evitar a suspensão do envio da Revista (...)” (ONF, Set. 1942). Fazer coincidir os “(...)trimestres de cobrança com os anuais(...)” (ONF, Out. 1943) será outra das decisões tomada para facilitar a vida administrativa de *Os Nossos Filhos*. A cobrança era feita em inúmeras localidades e, “(...) como é sabido, o pagamento das assinaturas da nossa Revista é feito adiantadamente, e a cobrança faz-se pelo correio, e por nossa conta. Não podemos, porque isso nos traz grande prejuízo, enviar mais do que uma vez o mesmo recibo à cobrança. Assim, quando, por qualquer motivo contrário à vontade dos nossos estimados assinantes, o recibo não seja pago, agradecemos que nos mandem em selos de correio a respectiva importância, a fim de se evitar a suspensão do envio da Revista, complicações de serviço e mal entendidos que muito nos contrariam(...)” (ONF, Dez. 1945).

Apesar destas informações, anos mais tarde o problema não fora ainda resolvido pois que havia muitas devoluções de recibos, de assinantes que deixavam de assinar a revista e “(...)Algumas pessoas, depois de devolverem recibo da sua assinatura escrevem-nos dizendo que o devolveram. Agradecemos a atenção, mas pedimos que nos avisem da sua desistência logo que recebam o último número pago, pois só assim nos evitarão despesa e trabalho inúteis, com o envio de novo recibo à cobrança. “(...) (ONF, Jan. 1955).

Por vezes, os números da revista eram devolvidos porque as pessoas a quem eram dirigidos, tinham saído temporariamente. Nesse caso pedia-se que, sempre que as(os) assinantes “(...) saem nas férias(...)” pede-se “(...)o favor de nos prevenirem com a possível antecedência do local para onde desejam que enviemos a Revista, afim de evitar extravios, e suspensão no envio da mesma (...)” (ONF, Jul. 1943).

A revista, mantendo “(...)para todo o Império os preços e condições de assinaturas estabelecidos para o Continente (...)”, deveria ser paga em Portugal por “(...)qualquer pessoa de família ou amizade do assinante (...)” porque “(...)para alguns pontos não há presentemente serviço de cobranças (...)quem tenha nas Colónias filhas, irmãs, parentes ou amigas que desejem assinar «Os Nossos Filhos», não tem mais que escrever-nos um postal com o nome e direcção da nova assinante, a indicação do nome e morada da pessoa a quem deve ser feita a cobrança. A Revista seguirá pontualmente, todos os meses, para onde desejarem(...)” (ONF, Fev. 1943). Para os colónias e estrangeiro as assinaturas são só podiam ser anuais “(...) e seu preço é de 72\$00(...)” (ONF, Jul. 1949).

Muita da correspondência do *Espólio* diz respeito a assinantes que indicam a mudança de residência ou que esclarecem erros verificados no envio dos exemplares da revista, sobretudo para moradas erradas. A própria revista tem o cuidado de informar que quando as assinantes “(...)mudem de residência, é favor prevenirem-nos com tempo, de modo que não aconteça nós mandarmos para a morada antiga um número do Revista, cujo destino nunca mais se conhece, e termos de mandar segundo mesmo número para a nova morada (...)” (ONF, Jul. 1949). Muitas vezes as senhoras que vão de férias ou mesmo ausentando-se apenas por alguns dias no mês, indicam à revista a nova morada para lhes ser enviada a revista. Este pedido justificava-se uma vez que, um número enviado para destinatária(o) cuja morada não fosse correcta ou mesmo para quem dela se tivesse ausentado por tempo indeterminado ou mesmo por mudança de casa, causava sempre prejuízo à revista. Quanto ao segundo aspecto, o dos erros no envio da correspondência também se adverte as(os) leitoras(es) “(...) às pessoas que nos escrevem, mesmo que sejam nossos assinantes, que não se esqueçam de escrever de modo legível o nome, e de mencionar a morada, pois não podemos saber de cor o nome e direcção de todos os assinantes, e perdemos um tempo preciosa para identificar quem nos escreve (ONF, Jul. 1949).

São frequentes as referências a problemas na cobrança das assinaturas das revistas – ausência dos assinantes, mudança de residência sem qualquer indicação, devolução de recibos-(n.º 121. Jun. 1952. p. 27)

As cobranças das assinaturas são feitas em diversas localidades do país, mediante certas condições. Em 1948 refere-se que “(...) com enormes sacrifícios temos mantido o preço inicial da nossa revista e suportado as despesas de cobrança de assinaturas(...)”. A partir desse número as cobranças vão ser mantidas mas, na impossibilidade de as fazer em localidades onde há apenas um ou dois assinantes, segue a lista das localidades onde ela continuará a ser feita. Às leitoras que não habitem nos locais onde continuarão a ser feitas cobranças é pedido que caso possa, passem a assinar anualmente; caso não possam, devem enviar em selos, até ao dia 20 do mês de Dezembro a importância da sua assinatura para continuarem a receber a revista. Outras disposições são ainda anunciadas: que não se enviam segunda vez recibos à cobrança, que aqueles a quem os recibos são enviados os “(...) satisfaçam logo que se lhes apresentem, visto que a sua devolução nos acarreta despesas com que não podemos(...) e que aqueles que desejem suspender a sua assinatura “(...) devem prevenir-nos com antecedência, evitando despesas inúteis. (...) neste caso, bom seria que nos obtivessem um novo assinante em substituição(...)”. Neste número fica-se ainda a saber que a revista procede à cobrança em 176 localidades diferentes<sup>593</sup>/scanner/. Apenas duas dessas cidades ou lugares – Angra do Heroísmo e Ponta Delgada – são situadas nos Açores; as restantes são todas em Portugal continental. (ONF, Dez. 1948).

Outro problema é focado na revista quando se pede compreensão para o seguinte problema que coloca a cobrança de assinaturas: “(...)agradecemos às pessoas que, por qualquer motivo, queiram suspender a sua assinatura, a favor de quando o carteiro apresenta o recibo ao destinatário não custa nada dizer: «não pago». Mas a nós, esse recibo deu-nos trabalho e obrigou-nos a despesas. Agradecemos que pensem nisto. Também lembramos que não podemos mandar segunda vez o mesmo recibo à cobrança. Ror isso, quando o recibo seja devolvido contra a vontade do destinatário( é favor mandarem-nos em selos ou vale de correio a sua importância(...)” (ONF, Abr. 1950).

A cobrança para a revista era feita em diversas localidades embora houvesse outras, como algumas colónias onde se pedia que, na Metrópole, alguém fizesse a assinatura pela pessoa que a queresse receber naqueles locais. É possível, a partir dos documentos do *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* ter uma noção de alguns dos locais onde era vendida a revista, assim como dos locais onde se procedia á cobrança de assinaturas. Em Lisboa era vendida em diversas Tabacarias (Caixa 22. Maço 2):

---

<sup>593</sup> No n.º 82 de Março de 1949. p. 23 o número de localidades é de 132 sem indicação de Angra do Heroísmo.

Tabacaria Rosa	Rua de Sta Justa, 61
Tabacaria Santos	Rua do Ouro, 243
Tabacaria Glória	Rua do Ouro, 178
Tabacaria Sónia	Rua do Ouro, 66
Tabacaria Manuel Orge	Rua do Ouro, 64
Tabacaria La-Mar	Rua da Conceição, 131
Agência Eva	Rua da Conceição, 147
Parceria António Maria Pereira	Rua Augusta, 52
Sousa e Burnay, Lda	Rua Augusta, 59
Casa Midões	Rua da Conceição, 117
Manuel Gonçalves da Silva	Rua Augusta, 117
Loja dos Figurinos	Rua Augusta, 185
Tabacaria Madalena	Escadinhas de S. Cristóvão, M:B:S.
Casa da Fortuna	Rua da Prata, 247
Agência Celta	Rua de campo de Ourique, 123-B
Tabacaria Zita	Rua Coelho da Rocha, 116
Tabacaria Samaritana	Rua Coelho da Rocha, 85
Tabacaria Volga	Rua Almeida e Sousa, 47-D
Papelaria Castro	Rua Almeida e Sousa, 39-A
A Literária	R. Saraiva de Carvalho, 288-A
Bazar Triunfo	Rua Tomaz da Anunciação, 38-B
Alfredo António Moreira, Lda	R. Saraiva de Carvalho, 139
Mário Navarro	R. Ferreira Borges, 84
E. Silva e Silva, Lda	R. Ferreira Borges, 131
Papelaria Helena	R. Francisco Metrass, 12-A
A Santos	R. Francisco Metrass, 41-A
Tabacaria Rivoli	R. Correia Teles, 27-C

Como locais onde se faz a cobrança de assinaturas temos: estação dos CTT de Vila Nova de Famalicão<sup>594</sup> em 28-10-42, na estação dos CTT de Évora, em 2-6-58 para a papelaria Anselmo, na estação dos CTT de Covilhã<sup>595</sup> em 8-7-58, na de Coimbra<sup>596</sup> em 17-7-58 (Serviço de cobranças de *Os Nossos Filhos*. Caixa 22. Maço 2).

Como acontecera já com outras revistas, em particular com *Portugal Feminino*<sup>597</sup>,

---

<sup>594</sup> Para assinantes: Augusto Trindade, Dr. Costa Lago, Cândido Moreira de Sousa, Antonello Ildo Ferraro Vaz, Dr. José Marques, Manuel Guimarães, Alberto Veloso de Araújo, Dr. Francisco A C. de Araújo, Emília da Silva Carvalho, Matilde Faria, Dr. Armando Chaves de Oliveira, Dr. José Ferreira Machado, Maria Carolina Meireles Sampaio.

<sup>595</sup> Assinantes: Maria Lutegarda Almeida, António Neves, Maria Luísa Silva, Francisco Amaro, Judith Fitas, Maria da Conceição Rosa Carmina dos Reis, Maria Alice Oliveira, Maria Tavares Carneiro, Ilda Rosa

<sup>596</sup> Maria Margarida Silva, Maria Alice Silva, Alzira Umbelino, Maria Helena Vale, Gracinda Ganho, Maria Fernanda Moreira (não cobrado), Maria Duarte Pereira, Maria Fernanda Pereira, Maria Quitéria Rodrigues, Maria José Varanda, Lar das Alunas enfermeiras, Instituto "Ancilla Domini", Elsa Abranches, Isabel Alarcão, Maria Eugénia Boléo, Maria Aurora Coelho, Angela Ferrer, Irene Figueiredo, Madame José Filipe, Maria Manuela Leitão, Biblioteca do Liceu D. Maria, Hernani Marques, Maria Rosalina Neves, Marta de Oliveira, Domitila Martins Penha, Fernando Raposo, Maria Pdero Santos

<sup>597</sup> Cf. a título de exemplo, os que são indicados no número 27, de Abril 1932, p. 23

também *Os Nossos Filhos* vai dar prémios a quem obtenha novas assinantes. Essas campanhas podem ser apenas de um número para outro, durarem diversos anos e serem dirigidas a leitoras(es) e a assinantes.

Durante muitos anos o preço das assinaturas não foi alterado. Só em Novembro de 1944 elas serão aumentadas porque “(...)apesar dos aumentos constantes, que o papel e os trabalhos tipográficos têm sofrido, conseguimos manter, até hoje, embora com pesados sacrifícios, os preços iniciais das assinaturas da nossa Revista. Porém, mais um recente aumento obriga-nos, bem contra nossa vontade, a fazer uma pequena alteração nesses preços (...) Assim, a partir desta data, os preços de assinatura de «Os Nossos Filhos», serão Trimestre - 15\$00 Semestre 30\$00 Ano - 58\$00 isto é: Os nossos assinantes passam a pagar a Revista pelo custo do número avulso, com a vantagem de a receberem em sua casa, pontualmente, sem mais incómodos ou despesas. Apenas nas assinaturas anuais podemos fazer um pequeno desconto. A cobrança continua a ser feita pelo correio, e por nossa conta. Esperamos que os nossos assinantes compreendam que somos absolutamente forçados a fazer esta pequena alteração(...)” (ONF, Nov. 1944).

A revista vai promover diversas campanhas de assinaturas. A subsistência<sup>598</sup> dela dependia do maior número de assinantes que pudesse angariar uma vez que essa (e não a venda de números avulso) era a maior fonte de receita possível numa publicação deste género.

Logo em Junho de 1947, temos indicação de que a revista pretende fazer um desconto nas novas assinaturas que vierem a ser feitas: “(...)festejando o nosso 5º aniversário, fazemos um desconto de 10% sobre todas as assinaturas anuais feitas durante o corrente mês de Junho. A respectiva importância (52\$20) deverá acompanhar os pedidos de assinatura, sem o que o desconto ficará sem efeito (ONF, Jun. 1947).

---

<sup>598</sup> Ao mesmo tempo que promovia semelhantes campanhas, a directora da revista publicitava ainda outros produtos que a revista também vendia; é o caso de livros, que analisamos no subcapítulo relativo à *Editorial Os Nossos Filhos* e também de moldes para bonecos que vão ser um dos anúncios mais frequentes, na época natalícia, em *Os Nossos Filhos*, com o texto seguinte: “(...) Aproxima-se o Natal; todos gostamos de presentear os nossos filhos e amiguinhos, mas as despesas são tantas, que se pudermos dar alegria, às crianças sem gastar muito dinheiro ,será excelente. Esta série de bonecos resolve o problema. Cortam-se os moldes, fazem-se as diferentes partes com pedaços de flanela, de veludo, de feltro ou camurcina; ou fazem-se em ponto de meia ou de liga, utilizando restos de lã. Enchem-se com palha fina, serradura, ou trapinhos cortados miúdos. Podemos fornecer os moldes de cada boneco, com as indicações necessárias, por 6\$00. Não mandamos à Cobrança. Pelo correio mais 1\$00 (...)”(ONF, Nov., Dez. 1949, Fev. 1956 e muitos outros e ainda em n.º anual de 1961, 1962...). O mesmo se diga da possibilidade de envio de moldes para “(...) A partir de uma caixa de chapéus, fazer uma caixa para arrumar brinquedos...com desenho de coelhinhos...mandamos moldes mediante envio de 6\$00 em selos de correio (...)” (ONF, Set. 1955) /scanner/.

Para aumentar o número de assinantes é feita uma campanha, entre Janeiro e Outubro de 1949, em que se propõe “(...) triplicar, pelo menos, a nossa tiragem, primeiro paro que seja cada vez maior o numero de mães conscientes e esclarecidas, depois para podermos melhorar a nossa Revista, e também porque ambicionamos oferecê-la a muitas mães que querem mas não podem comprá-la. (...) Basta que cada leitora obtenha 3 novas leitoras(...). Para tal fim, propõe<sup>599</sup> “(...) sortear mensalmente um valioso prémio entre as pessoas que obtenham uma nova assinatura anual. (...) Depois oferecemos um grande prémio à pessoa que a partir desta data nos tiver obtido maior número de assinaturas anuais(...) O primeiro prémio a sortear é um elegante e moderno casaco de peles da *Pelaria Pampas*(...)”(ONF, Jan. 1949). Seguem-se com a minúcia requerida, as condições/scanner/ a seguir para se iniciar este processo de ofertas de prémios mensais. No caso das senhoras que lêem mas *não* são assinantes não poderem fazer uma assinatura anual, também podem participar num concurso só para leitoras, em que também há “(...) muitos e valiosos prémios(...)”. Para concorrer basta guardar 6 cupões que se publicam, na p. 34 de cada número a partir deste onde a iniciativa é anunciada, e colar numa folha de papel e enviar para se poder candidatar a “(...) muitos e valiosos prémios cuja lista publicaremos brevemente e serão sorteados por essas amigas dedicadas(...)”(ONF, Jan. 1949).

Dado que houve muitas senhoras interessadas<sup>600</sup>, o prazo foi prorrogado até 28 de Fevereiro de 1949. O casaco de peles “(...)será sorteado no dia 2 de Março e o nome da feliz contemplada será publicado no próximo número<sup>601</sup>(...)” O prémio para o mês seguinte “(...) é constituído por seis lençóis, já feitos, com baínha ‘à jour’, para cama de casal(...)”(ONF, Março 1949). O último prémio desta campanha de assinaturas foi um vestido, sorteado dia 1 de Setembro 1949, e que coube a Rosa Amélia Toscano de Faria, de Viseu. Havia ainda um prémio para a “(...) pessoa que durante a Campanha obtivesse o maior n.º de assinantes(...).Como houve duas leitoras – Corina Sadler Simões, de Paderne e Maria José Barbot, do Porto- que obtiveram o mesmo número de novas assinantes vai ser oferecida a cada uma, uma assinatura anual da revista(ONF, Out. 1949).

---

<sup>599</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 80. Janeiro 1949. p. 13

<sup>600</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 81. Fevereiro 1949. p. 13

<sup>601</sup> Foi publicitado no n.º 84 de Maio de 1949. p. 13; O casaco de peles coube à senhora Corina Sadler Simões, de Paderne. No mesmo n.º continua a referir-se que ainda vai ser sorteado o conjunto de seis lençóis. O prémio seguinte, o terceiro, será uma carpete.

O conjunto de lençóis coube, por sorteio, a Maria de Lourdes Barcelos, do Porto.(n.º 85. Junho 1949. p. 13)

Aproveitando as páginas da revista para agradecer a participação de todas as leitoras que participaram nesta Campanha, e apesar do entusiasmo referido, Maria Lúcia Vassalo Namorado dirá: “(...)Agradecemos sinceramente a todas as amigas que (...) tantas foram, de todos os pontos do país, das Ilhas e das Colónias — embora não tantas como precisávamos... (...)”(ONF, Set. 1949).

Dado que houve muitas senhoras empenhadas na *Campanha* que termina neste número, começa uma “(...) Campanha de assinaturas” em que “(...) todas as pessoas que obtenham igual resultado na sua propaganda, recebem igual prémio(...)”(ONF, Out. 1949) para evitar os problemas que os sorteios provocam.

Nova Campanha de assinaturas começa assim em Outubro de 1949 (ONF, Out. 1949). Os prémios não serão tão valiosos como os da primeira: “(...) quem obtiver 4 novas assinaturas trimestrais, ou 2 novas assinaturas semestrais, tem direito a 1 assinatura trimestral de *Os Nossos Filhos*, ou 1 livro à nossa escolha.

Quem obtiver. 4 novas assinaturas semestrais, ou 2 novas assinaturas .anuais/ tem direito: a 1 assinatura semestral de *Os Nossos Filhos*, ou 1 caixa de sabonetes, ou 1 caixa de lenços.

Quem obtiver 4 novos assinaturas anuais, tem direito a 1 assinatura anual de *Os Nossos Filhos* ou 1 caneta de tinta permanente, ou produtos de beleza(...)” (ONF, Out. 1949). Esta *Campanha* continua ainda em Novembro 1953 e os prémios são os mesmo que aqui são referenciados pela primeira vez (ONF, Nov. 1953).

Em Novembro de 1949, quando a assinatura anual para Portugal, continente e ilhas era, nesta data, de 58\$00 e para colónias e estrangeiro era de 72\$00, em anúncio de página inteira, é lançada uma campanha especial em que é criada uma nova modalidade de assinaturas: as “(...) Assinaturas de preço especial /porque/ na impossibilidade de oferecer a nossa revista a todas as pessoas que desejávamos, resolvemos um desconto, especial às assinaturas anuais feitas por Professoras do Ensino Primário Oficial, Regentes Escolares e Estudantes. O preço dessas assinaturas anuais é de 48\$00; esta importância, deve ser-nos enviada em selos ou vale do correio, com o nome da. pessoa interessada, escola ou Posto onde trabalha, ou Estabelecimento de ensino que frequenta. Concedemos igual desconto às Casas de Beneficência e Associações Educativas(...)” (ONF, Nov. 1949). Pensamos que esta campanha decorreu entre 1949 e 1952 uma vez que só nessa data se fará referência de que “(...) muito contra nossa vontade, fomos este ano obrigadas a não conceder assinaturas de preço especial.



Esperaremos que todos os nossos Amigos compreendam o desgosto com que nos vimos forçados a tomar esta deliberação (...)” (ONF, Jan. 1952).

Em Dezembro de 1949 é criada a campanha do BRINDE DE NATAL em que “(...)todas as pessoas, nossas assinantes ou não, que desejem beneficiar do nosso brinde de Natal, deverão enviar-nos até ao próximo dia 15 de Dezembro, apenas 48\$00, para uma Assinatura anual de «Os Nossos Filhos», é indicar em que mês desejam que principie a referida assinatura. Estas assinaturas podem ser feitas em nome de quem as pede ou constituir um presente para pessoas amigas (...)”. Esta Campanha, como seria normal, não pode ser acumulável com a que fora iniciada em Novembro de 1949 mas, ao mesmo tempo mostra que era possível, para a mesma revista, existirem campanhas simultâneas (cf. também Jul. 1954).

Em Dezembro de 1949 será publicado um inquérito para saber da satisfação das leitoras com a revista. Um ano depois, novo inquérito será publicado e nele se pergunta se agrada a apresentação da revista e que críticas há a fazer (ONF, Dez. 1950). Oito anos depois tem mesmo um apelo para que “(...)Se ainda não respondeu ao nosso Inquérito — responda! Precisamos da sua opinião (...)” (ONF, Out. 1957). Referia-se ainda que POR FAVOR! Se ainda não respondeu ao nosso Inquérito — responda! Precisamos da sua opinião. Ainda não obteve, pelo menos mais 1 assinante - obtenha! Precisamos de duplicar a nossa tiragem(...)” (ONF, Dez. 1957). Este pedido era acompanhado da indicação de que, na sequência de nova campanha de assinaturas, haviam sido conseguidos 130 novos assinantes (ONF, Dez. 1957).

Ma os problemas da revista não deixam de crescer: em 1951 Maria Lúcia Vassalo Namorado vê-se obrigada a proceder a um aumento de mais um escudo no preço da revista.(ONF, Out. 1951) Ela não pode mais suportar o preço inicial da revista, uma vez que durante nove anos, apesar de todas as dificuldades e do aumento dos custos de produção por três vezes, não a aumentara nunca. Em jeito de avaliação refere que sabe ter tido recompensas morais como a de ter contribuído para “(...) a felicidade, a harmonia, a saúde de muitas famílias. A nossa influência benéfica, moral e educativa, junto de milhares de mães, não tem igual na imprensa portuguesa —afirmamo-lo sem vaidades porque é a verdade. Este grande triunfo é muito consolador, mas infelizmente não basta. E indispensável manter o nosso equilíbrio económico, tanto mais que somos pobres e não recebemos subsídios ou auxílios de espécie alguma. (...)”(ONF, Out. 1951). Assim a revista passa a custar 6\$00 o número avulso, assinatura trimestral “(...) a 18\$00, semestral a 36\$00, e anula, 72\$00. Para África e estrangeiro, só assinaturas

anuais a 90\$00. O preço antigo de 5\$00 só se manteve para as assinantes antigas, até ao número de Dezembro próximo(...)"

Uma outra forma de obter novos assinantes, como o será também em *Jornal Magazine da Mulher*<sup>602</sup> e em muitas outras revistas é a de pedir às(aos) assinantes que angariem outras(os) de forma a aumentar o número de leitoras(es) da revista. Em *Os Nossos Filhos* haverá páginas inteiras ou apenas pequenos quadros em que se apresenta a lista nominal<sup>603</sup> das(os) leitoras(es) que acedem a este convite da revista para angariação de novas(os) leitoras(es) (cf. Maio 1951, Nov. 1953 entre muitos outros). No ano em que termina a campanha de preço especial para professoras, regentes e estudantes (cf. acima neste capítulo), é sugerido que "(...)No entanto, as pessoas que desejem receber a «nossa» Revista graciosamente podem consegui-lo desde que nos obtenham quatro novos assinantes, seguindo as condições prescritas na «Campanha de Assinaturas», condições que publicamos página 26 deste número (...)" (ONF, Jan. 1952).

Em 1952 a directora da revista reconhece o empenhamento de muitas(os) das(os) amigas(os) de *Os Nossos Filhos* na angariação de novas(os) assinantes: "(...) Amigos continuam fazendo propaganda da “nossa” revista o que “(...) muito agradecemos por dois motivos: porque assim podemos ser úteis a um maior número de pais e educadores; e porque precisamos de aumentar a nossa tiragem, visto que a nossa situação material, que nunca foi desafoçada, tem sido ultimamente ainda mais difícil(...)”.Ao mesmo tempo que se cria a “Campanha de assinaturas” e dado que algumas “(...) amigas têm sido tão amáveis que (...) uma delas já nos obteve 10 assinantes- que resolvemos oferecer um prémio, no próximo Natal àquela que durante o ano de 1952 obtenha maior número de novos assinantes para *Os Nossos Filhos*(...)" (ONF, Abr. e Set. 1952).

Este primeiro prémio, um frasco de *água de colónia Superfina Dóris* será dado a Maria Ascensão Garcia da Cunha, de Guimarães, que conseguira dez novas assinantes (ONF, Fev. 1953).

A partir de Maio de 1954 começam a ser dados brindes mensais não só a assinantes como também a leitores da revista, comprada avulso. Nesse sentido informa-se que "(...)Este número de «*Os Nossos Filhos*» oferece uma linda jóia aos seus leitores (...). Despertaram grande interesse e entusiasmo, entre as nossas Amigas, os

---

<sup>602</sup> Em Dez. de 1954, por exemplo, em anúncio de página inteira, vai lançar a campanha *Mais 1000 assinantes* (cf. *Jornal Magazine da Mulher*. N.º 46. Dez. 1954. p. 31).

<sup>603</sup> Essas listas estão transcritas na base que criámos da revista para *todos* os números da mesma. Com elas será possível, a quem o queira, fazer a lista de todas(os) as(os) assinantes que angariaram outras(os) e quem foi angariada(o).

nossos novos e valiosos brindes mensais. Na verdade, desde sempre a nossa Revista tem organizado os mais variados Concursos, com prémios muito úteis, e tem igualmente premiado todas as pessoas que tomam parte nas nossas «Campanhas de Assinatura», Mas era justo que instituíssemos também um brinde a que tivessem direito «todos» os nossos leitores: esse brinde, criámo-lo agora. Desde o nosso último número (Abril de 1954) todos os exemplares de «Os Nossos Filhos» são numerados<sup>604</sup> na última página<sup>605</sup>. No mês seguinte ao da publicação, esses sorteios terão lugar na terceira 2ª feira de cada mês, às 16 horas, na nossa Redacção. Deste modo, todos os nossos Amigos, quer assinem a Revista directamente, quer a comprem avulso, ficarão habilitados aos nossos magníficos brindes. 1.º BRINDE——Correspondente ao número de Abril de 1954 — 1 magnífica torradeira eléctrica «Philips» — a sortear no dia 17 de Maio de 1954. 2.º BRINDE — Correspondente ao presente número de Maio de 1954— 1 artístico alfinete para Senhora, jóia delicadíssima, genuinamente portuguesa — a sortear no dia 21 de Junho de 1954. Os nossos Brindes serão sempre variados e úteis. Além destes brindes mensais, mantemos os prémios da «Campanha de Assinaturas»; e o brinde para o melhor amigo anual, atribuído a quem nos obtenha, durante cada ano, o maior número de assinantes (...) (ONF, Maio 1954). “(...) O brinde será entregue na nossa Redacção — em qualquer dia, excepto sábados, domingos, e feriados; das 9 às 13 horas, ou das 15 as 18 horas — a quem nos apresente o exemplar de «Os Nossos Filhos» marcado com o número premiado.

Se o exemplar premiado couber a um leitor que não habite em Lisboa, esse leitor pode mandar-nos o *exemplar premiado sob registo, e acompanhado por carta também registada, contendo o nome e a direcção do premiado*. Neste caso. O brinde ser-lhe-á enviado pelo correio, também sob registo(...)”(ONF, Jun. 1954). Desta forma serão atribuídos prémios anuais e prémios mensais.

O primeiro brinde, uma torradeira eléctrica *Phillips*, fora o prémio para o mês de Abril de 1954 e coubera ao n.º 2.381. “(...)O brinde para o presente número é o livro “Tesouro das Cozinheiras”, gentil oferta da Porto Editora, Lda. Com receitas para alimentação infantil, gravura coloridas...(...)” (ONF, Jun. 1954).

---

<sup>604</sup> Há exemplares *não* numerados como o de Agosto de 1956 que existe no *Espólio*.

<sup>605</sup> Esta regra será alterada mais tarde, uma vez que “(...)A partir do número de Dezembro de 1956, o exemplar premiado vai marcado numa página interior(...). A pessoa contemplada deve mandar-nos o exemplar assim marcado, sob registo, acompanhado de um postal com o seu nome e direcção e receberá, na volta do correio, outro exemplar, os livros, e a confirmação da assinatura anual (...)” (ONF, Jan. 1957). Estes brindes devem ser levantados no prazo de 90 dias, a partir da data da Revista premiada (ONF, Mar. 1957).

O segundo prémio mensal, correspondente à revista de Maio de 1954 “(...) constituído por uma linda e delicada jóia (...)” terá sido “(...) atribuído ao exemplar n.º 799 (...)” (ONF, Jul. 1954). Ao número do mês de Junho foi atribuído um prémio que a *Porto Editora* “(...)teve a amabilidade de oferecer, para sortear entre os leitores(...), um exemplar de «O Tesouro das Cozinheiras» (ONF, Jul. 1954). Essa *Editora* continuou a colaborar “(...)nesta iniciativa...ofereceu-nos 1 ex. do livro recentemente publicado pela nossa antiga<sup>606</sup> colaboradora Ilse Losa, livro de grande interesse para todos os nossos leitores (...). Brinde do presente n.º de Agosto de 1954 - 1 assinatura anual de *Os Nossos Filhos*, 1 exemplar de *Nós e a criança* de Ilse Losa e 1 exemplar de *Ar Puro* de Virgínia Lopes de Mendonça(...)” (ONF, Ago. 1954). Este foi o mesmo prémio para os sorteios dos números de Setembro, Outubro e Novembro desse ano. No mês de Dezembro de 1954 o prémio será composto por “(...) 1 exemplar da "Agenda Doméstica" da *Porto Editora*, uma assinatura anual de "Os Nossos Filhos», e um exemplar de «Ar Puro» (...)” (ONF, Dez. 1954). Entre Fevereiro de 1955 e Fevereiro de 1957 esse prémio mensal passa a ser sempre composto por 1 assinatura de *Os Nossos Filhos*, um exemplar de *A mulher dona de casa* e um de *Ar Puro*(...)” (ONF, Fev. 1955 a Fev. 1957). Só uma vez este prémio foi “(...) um magnífico brinquedo(...)”: em Setembro de 1954.

Sabemos ainda que os “(...)brindes relativos aos meses de Janeiro, Fevereiro e Março do ano corrente /1957/ foram entregues a Silvina Ferreira Carvalho, de Santarém (Janeiro), Maria Custódia Faias Lampreia Gomes, de Beja (Fevereiro) e Maria Júlia Marques de Carvalho, de Leiria - Março (...)”(ONF, Ago. 1957).

Relativamente aos prémios anuais, ou seja, o prémio “(...) atribuído a, quem, durante o ano, nos obtenha maior número de novos assinantes (...)»«O melhor amigo de *Os Nossos Filhos* em...” foram atribuídos, a colaboradoras ou assinantes da revista pois que, o de 1954 foi “(...)uma linda jóia (...)” (ONF, Jul. 1954). Foi ganho pela “(...) nossa querida amiga e Sra. Dra. Virgínia Gersão que obteve 13 novas assinaturas (...)Fernanda Rosa Valentim- obteve 11 novos assinantes(...)” (ONF, Fev. 1954).

No ano seguinte foi dada uma “(...)magnífica torradeira *Philips*(...)a quem maior n.º de assinantes indicar nomes e mandar dinheiro das assinaturas (...) (ONF, Abr. e Set.1955). A assinante que obteve o prémio anual de 1956 foi “(...) Dulce Barroso Morais e Castro, de Luanda, que obteve 16 novas assinaturas. Entregámos a esta senhora, com os nossos maiores agradecimentos que repetimos, os lindos discos da

---

<sup>606</sup> Em números seguintes e, até Abril de 1958, ainda continua a ter textos publicados em *Os Nossos Filhos* pelo que não se compreende esta designação.

acreditada marca «Philips» — «Jazz Rehind(?) the Dikes» — «Spirituals» —, «Interplay» gentilmente oferecidos pela *Philips Portuguesa*, amabilidade que registamos e agradecemos (...)” (ONF, Jan. 1957). Mas como utilizou esta senhora o prémio que lhe coube? “(...)Ofereceu-o à *Liga Portuguesa dos Deficientes Motores* para serem leiloados a favor das crianças paralíticas (...)” (ONF, Fev. 1957).

Como referimos são constantes as campanhas de assinaturas para angariação de novas(os) assinantes. A partir de 1954 coexistem diversas campanhas e concursos, mensais ou anuais, destinadas(os) a públicos diferentes, com iniciativas diversas pois que, à medida que a revista vai tendo mais dificuldade em sobreviver aumentam também as iniciativas destinadas a mantê-la viva. Uma campanha para obtenção de 4 assinaturas novas foi também lançada em Agosto de 1954, mantendo-se até Janeiro de 1957. Quem obtivesse “(...)quatro novas assinaturas semestrais ou duas novas assinaturas anuais, tem direito a uma assinatura semestral de «*Os Nossos Filhos*», ou uma caixa de sabonetes «Natus». Quem obtiver quatro novas assinaturas anuais, tem direito a 1 assinatura anual de «*Os Nossos Filhos*» ou uma caneta de tinta permanente (...)” (ONF, Ago. 1954, Abr. 1955). Estes prémios são ligeiramente diferentes no penúltimo ano da revista com periodicidade mensal porque quem “(...)obtiver quatro novas assinaturas trimestrais ou novas assinaturas semestrais tem direito a uma assinatura trimestral de «*Os Nossos Filhos*», ou um livro à nossa escolha (...). Quem obtiver quatro novas assinaturas semestrais ou duas novas assinaturas anuais, tem direito a 1 assinatura semestral de «*Os Nossos Filhos*», ou 1 caixa de sabonetes «Natus». Quem obtiver quatro novas assinaturas anuais, tem direito: 1 assinatura anual de «*Os Nossos Filhos*» ou uma caneta de tinta permanente (...)” (ONF, Jan. 1957).

A fazer fé nas indicações dadas na revista, podemos afirmar que entre Março de 1952 e Novembro de 1954 houve mais 117 novas assinantes da revista<sup>607</sup>, isto considerando que cada assinante angariadora conseguiu *apenas* uma nova assinante; ora, como se deduz da leitura da revista e dos prémios anuais estabelecidos para a(o) leitor(a) que mais assinantes conseguisse, verifica-se que aquele total de aumento de assinantes no período referido é um número aproximado, por defeito.

A necessidade de obter mais assinantes é tão premente que, em *Editorial*, na revista, em Junho de 1955, ao mesmo tempo que faz um balanço do que foi a vida da revista nos 13

---

<sup>607</sup> Contagem feita nos nºos /scanner/ de Março a Junho de 1952, Maio e Novembro de 1953 e Nov. de 1954

anos de publicação, pede que, para continuar cada leitor traga outro. É esse o presente de aniversário que solicita (ONF, Jun. 1955).

Em 1956, em circular não datada, timbrada de *Os Nosso Filhos*, que publicita a revista (Caixa 72. Maço 0 e Caixa 34. Maço 1) é feita uma curta apresentação e avaliação da revista para depois apelar à sua divulgação. Esta medida é uma das muitas estratégias a que Maria Lúcia Vassalo Namorado vai jogar mão para, numa atitude de desespero, aumentar a tiragem e, ao mesmo tempo, o número de assinantes da revista, problema que de há muito a vinha preocupando.

O texto da dita circular é o seguinte:

“(…)A Revista “OS NOSSÓS FILHOS” está há 14 anos ao lado dos pais e educadores portugueses, ajudando-os na sua grande e delicada missão educativa-missão altamente patriótica pois as crianças constituem a maior riqueza da Pátria: são a sua alegria, a sua esperança, o seu futuro, e a sua força.

A Revista “OS NOSSOS FILHOS” é uma publicação de iniciativa particular, inteiramente livre e independente, que se tem mantido com grandes sacrifícios, graças —unicamente, aos seus assinantes e leitores. Não é ainda, a publicação que desejaríamos — e poderia ser, se todos os pais e educadores a auxiliassem, comprando-a e assinando-a

A Revista “ OS NOSSOS FILHOS” deseja aumentar o número das suas páginas, tornando-se mais variada e completa. Mas para se manter para melhorar para se expandir, precisa do auxílio de todos os pais e educadores, e de quantos se interessam verdadeiramente pela Criança. Por isso, rogamos encarecidamente o seguinte :

Interesse-se por “OS NOSSOS FILHOS” e não desista de a assinar ou comprar enquanto possa fazê-lo

Faça a propaganda de “OS NOSSOS FILHOS; recomende a sua leitura às pessoas conhecidas

Indique-nos os nomes e as direcções de pais, professores, e colectividades que possam tornar-se seus assinantes.

Se quer receber “OS NOSSOS FILHOS” de graça durante 1 ano, obtenha 4 novos assinantes anuais, e mande-nos o total das 4 novas assinaturas

Escreva-nos, exponha-nos os seus problemas em relação às suas crianças, os seus triunfos e os seus fracassos; colabore com entusiasmo nas nossas iniciativas.

Se todos os nossos assinantes e leitores assim procederem, “OS NOSSOS FILHOS” será em breve a grande, variada, e completa publicação que todos desejamos.

Antecipadamente, agradecemos a todos que queiram ajudar-nos, a bem da Criança portuguesa(...)”. A Circular é assinada “A Directora de *Os Nossos Filhos*”.

Uma outra forma que Maria Lúcia Vassalo Namorado encontrou para conseguir mais assinantes para a revista, para além destas campanhas referidas na própria publicação, foi pedir a instituições educativas com as quais mantinha alguma ligação que lhe facultassem os nomes e moradas dos Encarregados de Educação dos alunos. Não sabemos como é que esse pedido foi feito mas, no *Espólio*, existem pelo menos as respostas de dois colégios, a saber, do *Lar dos Pequeninos* e do *Colégio Moderno*<sup>608</sup>, ambos no Campo Grande /scanner/ e que deram essas informações, por escrito (Caixa 31. Maço 3) e de forma exaustiva.

Em Julho de 1954 um brinde fora também instituído para as crianças porque “(...)Até aqui, os brindes têm sido para as Mães. Mas desta vez, ele será para os filhos: um lindo, grande e valioso brinquedo para a mãezinha oferecer ao seu menino ou menina, que ficará imensamente feliz (...)” (ONF, Jul. 1954). Também se pede que as crianças enviem os seus trabalhos de desenhos ou pequenos textos. Juntamente seriam publicadas fotografias dessas crianças como as dos bilhetes de identidade (ONF, Fev. 1954). O envio desses trabalhos poderia fazer deles “*Colaboradores de Os Nossos Filhos*”. No mês seguinte será dito:“(...) Como sempre, os filhinhos dos nossos leitores atenderam gentilmente o pedido que lhes dirigimos(...) muitos foram os que nos mandaram os seus trabalhos: desenhos, histórias, poesias, anedotas, adivinhas. De todos, quem mais mandou foi a menina Júlia Maria Rocha<sup>609</sup>, de Foz do Douro, apesar dos seu 5 anos: nada menos de 25 “composições poéticas», 16 desenhos, e 1 adivinha — tudo adorável e publicável, pelo que esta menina foi classificada a nossa «colaboradora infantil» n.º 1. Temos depois o menino Carlos Eduardo Baptista Ganho, de Coimbra, de 13 anos, que nos mandou 4 poemas, uma crónica, e uma novela,

---

<sup>608</sup> No primeiro caso, são 4 p. manuscritas, sem data; no segundo, são 5.5 páginas, dactilografadas, datadas de 14 de Dezembro de 1953 em anexo a carta de 17 de Dezembro 1953, de Cândido Baptista, secretário do Colégio (Caixa 31. Maço 3). Nesta última inclui-se também uma lista com os nomes dos 6 alunos que estavam “(...) a cargo da Instituição de Beneficência Inválidos do Comércio”.

<sup>609</sup> Com quem contactámos diversas vezes durante a realização deste trabalho. Ainda hoje telefona diariamente a Matilde Rosa Araújo, com que mantém amizade desde os tempos em que a revista *Os Nossos Filhos* foi publicada. A sua biografia, assim como a da mãe, a assinante...está no Apêndice a Cap. 4- Biografias.

publicáveis. Estes 2 meninos, que conquistaram o título de Colaboradores de «Os Nossos Filhos» já receberam os seus prémios. Receberam livros e assinaturas da nossa Revista, os seguintes meninos e meninas, cujos trabalhos serão publicados(...). Todos os meninos que nos enviaram os seus trabalhos durante o 2.º semestre de 1953, podem mandar-nos os seus retratos, para serem publicados nesta página como prémio do seu esforço e dedicação à nossa Revista; receberão, oferecida, a Revista onde venham publicadas as suas fotografias. Esperamos esses retratos, que devem ser do tipo dos que servem para bilhete de identidade, até ao dia 30 de Março (...)”(ONF, Mar. 1954).

### Concursos

Muitos foram os concursos promovidos pela revista *Os Nossos Filhos*, alguns destinados às crianças e outros às mães ou aos educadores. Quase todos tiveram como objectivo conseguir novas assinantes embora alguns deles, como veremos, tenham tido também a preocupação de, de forma lúdica e séria, ensinar alguma coisa às mães. A forma que tomaram, foi variando ao longo dos dezasseis anos de publicação da revista. Embora não tenhamos feito a análise exaustiva das pequenas rubricas que, ao longo da revista, foram sendo publicadas para crianças, analisámos os dados relativos a concursos nela promovidos pois eles podem mostrar não só os meios de que a sua directora lançava mão para promover *Os Nossos Filhos* como até sobre o quotidiano destas crianças das classes média e média baixa que a assinavam ou liam.

Logo que começou a colaborar em *Notícias de Penacova*, como vimos, tinha Maria Lúcia Vassalo Namorado lançado mão desta estratégia de captação de leitores. No *Espólio* da directora de *Os Nossos Filhos* encontramos muitas das cartas e textos que lhe foram enviados para participação das leitoras e das crianças nestas iniciativas da revista.

Muitas vezes são as leitoras que sugerem a criação de certos concursos, como é o caso do que em 1945 é lançado para “(...)fazer a vontade às leitoras que nos pedem um concurso simples e engraçado, com que possam entreter os miúdos e... graúdos(...) Trata-se de reconstituir, com as letras (...) publicadas, provérbios populares.(...)” Este passatempo prolonga-se por mais seis números e basta enviar “(...) com os «cupons» que publicamos, os provérbios. Os prémios, constituídos por livros e jogos, serão sorteados entre os concorrentes que apresentem as soluções certas.(...)” (ONF, Março 1945).



Alguns concursos foram feitos em *Os Nossos Filhos* e, mais tarde foram repetidos em Diário de Lisboa. Está neste grupo<sup>610</sup> o *Concurso de Erros educativos* que, na caixa do *Espólio* onde estão guardados os textos tem um ‘papelote’, escrito por Maria Lúcia Vassalo Namorado em que se pergunta: “(...)É de *Os Nossos Filhos* ou “Diário de Lisboa”? (...)” (Caixa 23. Maço 4).

### Concursos para as crianças

A partir da identificação dos concursos para crianças e para leitoras na revista realizámos o seguinte quadro cumulativo<sup>611</sup>:

Quadro nº41.: Concursos para crianças

Data	Designação	Condições e Prémios
Mar. 1945	Concurso de provérbios <sup>612</sup>	Livros e jogos a sortear entre concorrentes que apresentem as soluções certas
Nov. 1946 a Ago. 1947	Concurso dos desenhos errados <sup>613</sup> /scanner)	Para enviar para Redacção de <i>Os Nossos Filhos</i> , ao cuidado de Tia Aninhas, até ao fim de cada mês; desenho mais bem feito será publicado e autor recebe um prémio; No 2º número em que se publicita o concurso refere-se que “desenho pode ser a lápis ou tinta da China mas não a cores”
Dez.1946 - Jan. 1947	Conto-Concurso dos Mil e Um Retalhos <sup>614</sup> :	1º prémio- Maria dos Anjos Rodrigues Crespo, 11 anos, de Alcácer do Sal, recebeu caneta Parker. 2º- António José Cardoso Sequeira, de Medrões, Santa Marta de Penaguião, um brinquedo marca Fabrinca 3º- Isabel Maria Ferreira Costa, 9 anos, de Leiria. Uma medalha artística

<sup>610</sup> Podemos basear-nos neste papelote inicial, manuscrito por Maria Lúcia Vassalo Namorado para afirmar que o *Espólio* foi mexido e alguns dos seus documentos eliminados. Onde estão mais cartas? Se as havia? Quais os critérios de selecção? São questões para as quais já não poderemos encontrar resposta....Por ele também sabemos que o Concurso foi feito duas vezes: uma em *Os Nossos Filhos* e outra, mais tarde, quando estava já em *Diário de Lisboa*. Hoje, porque estão juntas as cartas, só pelas datas de envio é possível saber quais as que foram enviadas para cada um dos concursos.

Nesta Caixa tem os textos enviados para os seguintes concursos pelas leitoras: Maria da Graça Dias, s.l.; Luísa Gomes Cardoso, professora oficial Viana do Alentejo; Maria Silvina Catarino Nunes Cardoso, Vila Real; Maria Dina F. Morna Gonçalves, Funchal; Beatriz Lopes Branco Marcelino em Vila Lino, Angola; Maria Berta Parreira Duarte, Lisboa; Maria Elvira B Rocha, professora, Álvares; Maria Luísa Macedo de Araújo, Viana do Castelo; Clotilde Pereira Custódio Leal, Faro; Ondina Nereide Costa, assinante por proposta de Virgínia Faria Gersão, Porto e Ermesinde; Luísa Gomes Cardoso, professora oficial na Escola Viana de Alentejo (Concurso de Erros educativos. Caixa 23. Maço 4).

<sup>611</sup> O quadro desenvolvido com todos os dados sobre os Concursos aqui referenciados está em *Apêndice a Cap. 4- Concursos*. Estes quadros permitem-nos perceber que as crianças que então concorriam a estes prémios são hoje, em muitos e muitos casos, figuras conhecidas quer do panorama empresarial quer cultural portugueses.

<sup>612</sup> Dados organizados a partir da revista *Os Nossos Filhos* n.º 34 de Março 1945. p. 31

<sup>613</sup> Ao longo de quatro números de *Os Nossos Filhos* n.º 54 de Nov. 1946. p. 19, n.º 55 de Dezembro 1946. p. 19, n.º 57 de Fevereiro 1947. p. 18 e n.º 63 de Agosto 1947. p. 19 Em 1924, no *Almanach Bertrand*, também houve um passatempo ou concurso infantil intitulado “Qual é o erro?” p. 81, da Aillaud e Bertrand 366 p. em que os desenhos tinham um erro e as crianças tinham, de o descobrir...

<sup>614</sup> Dados organizados a partir das revistas *Os Nossos Filhos* n.º 55 de Dezembro 1946 e 56 de Jan. 1957

		<p>(Sta. Terezinha) de prata, assinada pelo escultor João da Silva, de Leiria</p> <p>4º- Maria Manuela Matos Fevereiro Afonso, 9 anos incompletos, de Escalos de Cima, Beira Baixa. Uma medalha artística (l.ª Comunhão) de prata, assinada pelo escultor João da Silva</p> <p>5º- Luís Vassalo Namorado Rosa, 11 anos, de Lisboa, um frasco de brilhantina da marca «Clipper»<sup>615</sup>.</p> <p>6º- Maria Antónia Cardoso de Sequeira, de Penaguião, um quilo de rebuçados da marca Regina</p> <p>7º- Maria Antónia de Carmona Rodrigues Mourão, de Lisboa, “Os Lusíadas contados às crianças», por João de Barros.</p> <p>8º- Maria Teresa Heitor Lourenço, Prata, de Lisboa, construção oferecida pela firma Pimentel &amp; Casquilho.</p> <p>9º- Luísa Maria Pinto Basto, de Lisboa, Um livro da colecção «Para ti, da Tia Nené”.</p> <p>10º- Mária Fernanda Dias da Silva Teixeira, de Viseu. Um livro da colecção «Para ti, da Tia Nené”.</p> <p>11º- Margarida Amélia Nogueira Amorim e Santos, de Lisboa. Um livro da colecção «Para ti, da Tia Nené”.</p> <p>12º- Maria Margarida Gama de Oliveira, de Espinhal. Colecção de cópias de bons quadros.</p> <p>13º- António Miguel Taborda Barreto, de Vila Real, de 3 anos, por ser concorrente mais pequeno, um «puzzle» infantil, oferecido pela Casa Sena.</p>
Ago. 1947	Ilustração de história publicada “A reunião dos coelhos” de João Grave <sup>616</sup>	Ilustrarem a seu gosto a história; desenho original, a lápis ou tinta da China, só pelo concorrente sem ajuda; indicar nome, idade e morada; mandem-nos o desenho até ao fim do mês; mais bem feito e engraçado (...) honras de publicação e o seu autor receberá como prémio um livro muito bonito
Abr. 1948	Concurso de quadras infantis <sup>617</sup> (dedicada à Mãezinha)	Indicar nome, idade, morada e 1\$00 em selos de correio para expediente. Prémio não revelado. Quadra será publicada. Concorrentes menores de 12 anos.
Nov. 1951	Concursos pequeninos para os Nossos Amiguinhos (dedicada à Mãezinha)	Quadra da vossa autoria dedicada à vossa Mãe. Escrita com letra bonita, em folha de papel muito limpa; por baixo da quadra escrevam o vosso nome, idade e direcção. Se não souberem escrever mas já gostam de fazer versos podem concorrer; mãe ou outra pessoa da família enviará a quadra em nome do concorrente mas acrescentará nome e parentesco de pessoa que escreveu; quadra que for considerada melhor, será publicada na revista com o retrato do seu autor que receberá tb um lindo prémio (n.º 114 de Nov. 1951.p. 15)

<sup>615</sup> Filho do meio de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Cf. Anexo com fotos de todas(os) premiadas(os).

<sup>616</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 63 de Agosto 1947. p. 19

<sup>617</sup> N.º 71 de *Os Nossos Filhos*. Abril de 1948. p. 19

Jul. 1951	Concurso “Um acontecimento da minha vida” <sup>618</sup>	Tem o texto de Maria Lira Passos Freitas Pereira, de 13 anos, e a explicação do Júri composto por Ilse Losa, Alice Gomes e Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva Rosa
Jan. 1952	Concurso de quadras infantis(dedicada à Mãezinha)	No n.º 116 de Jan. 1952. p. 14 é publicado resultado do concurso na rubrica “Cantinho dos Pequenininhos”. Foram atribuídos três primeiros prémios
Mar. de 1952	Concurso da Primavera Colaboração dos nossos amiguinhos: envio de desenho intitulado “Primavera” <sup>619</sup>	Concurso de desenhos; prazo até 15 de Maio; Assunto: Primavera: desenho a lápis ou a tinta da china porque os desenhos coloridos não dão reprodução. Dimensões do desenho: 19x 12 cm; inventado ou copiado do natural; não queremos desenhos decalcados ou copiados de outros desenhos. Na parte de trás do desenho o concorrente escreverá o nome, a idade, a morada, e uma frase da sua autoria, que servirá de legenda no desenho que fez. (...)melhores trabalhos serão publicados, e os seus autores receberão lindos prémios. “(…) Damos um grande prazo para entrega dos trabalhos para que o nossos. amiguinhos de África não deixem de concorrer. E agora vamos ver quem trabalha melhor... e mais honestamente! (...)” (n.º 118 Março 1952. p. 17) Concorreram 29 crianças (n.º 121. Jun. 1952.p. 13) Prémio para Maria Helena Neves Xavier Gouveia, do Colégio de Nossa Sra. De Fátima, Abrantes, com desenho “O Regresso das Andorinhas” /scanner/
Jul. 1952	Novo Concurso sobre tema “Verão” <sup>620</sup>	Condições mesmas do Concurso de desenhos sobre Primavera e recebem trabalhos até 30 de Setembro. No n.º 125 de Out. 1952. p. 17 e 29 há uma reflexão educativa sobre este tipo de concursos.
Abr. 1953	“Conto infantil”	Irá ser apreciado por Irene Lisboa
Out. 1953 <sup>621</sup>	Mães mandem-nos os trabalhos dos vossos filhos <sup>622</sup> . Para “Colaborador da nossa secção infantil” <sup>623</sup>	Todos os meninos e meninas até 31 Dezembro(...) mandarem trabalhos publicáveis habilitar-se-ão a lindos presentes e assinaturas de “Os Nossos Filhos” e(...) premiados terão retrato publicado na nossa revista e a honra de serem considerados colaboradores da nossa Secção Infantil.
Abr. a Jul.1958 <sup>624</sup>	Jogos Florais do Externato de Nossa Senhora da Penha	Colaboração da Página Juvenil do jornal <i>Diário de Lisboa</i> e da revista <i>Os Nossos Filhos</i> . Dia 10 de Junho e poderão concorrer todas alunas do Externato. Composição em verso e prosa. 5 primeiros prémios para

<sup>618</sup> *Os Nossos Filhos*. n.º 110 de Jul. 1951. p. 23.

<sup>619</sup> *Os Nossos Filhos*. n.º 118 de Março 1952. p. 17

<sup>620</sup> *Os Nossos Filhos*, n.º 122 de Jul. 1952. p. 15

<sup>621</sup> Concurso referido dentro da rubrica “Correio da Tia Aninhas”

<sup>622</sup> Novo concurso em *Os Nossos Filhos*. n.º 139 Dez. 1953. p. 16

<sup>623</sup> *Os Nossos Filhos*. n.º 146. Jul. 1954. p. 16 e 147 de Agosto do mesmo ano, p. 15

<sup>624</sup> A directora deste Externato, Maria Cândida Gonçalves também fora aluna no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho e era sócia n.º 546 da ALMAC - Associação das Antigas Alunas e Amigas do Liceu de

	de França <sup>625</sup> /scanner/	cada uma das modalidades concedidos pela direcção do Externato..., pela Página Juvenil do <i>Diário de Lisboa</i> e pela revista <i>Os Nossos Filhos</i> . (...) trabalhos publicados nas duas p. periódicas e júri composto por "Direcção do Externato...alguns membros do Corpo Docente, um Director da Página Juvenil do «Diário de Lisboa» e directora da revista <i>Os Nossos Filhos</i>
Maio 1958	Grande concurso de desenhos coloridos <sup>626</sup>	Os prémios atingiam 50.000\$00 e os desenhos deveriam ser enviados à Sociedade de produtos Lácteos, C.P. 20/13, Lisboa; era necessário pedir o prospecto e as condições e para tal era publicado o cupão respectivo (tenho scanner). o prazo para apreciação final dos desenhos seria 31 Agosto 1958 (194 de Jul. 1958. p. 28)
Jul. 1958	Grande Concurso literário e artístico Rainha Dona Leonor <sup>627</sup>	O 1º cupão para este concurso foi publicado no n.º 194 de Julho de 1958. p. 31. No número seguinte identificam-se os fins do concurso: "(...) concursos que oferecemos às crianças e aos jovens é levar os nossos Leitores a uma. maior aproximação de seus filhos e alunos, o que conduz, (...) a um maior conhecimento e, por consequência, a uma maior compreensão da sua maneira de pensar e sentir. A nobre figura, da Rainha Dona Leonor, fundadora das Misericórdias, cujo V centenário de nascimento se celebra no ano corrente, é das que devemos lembrar as novas gerações, como exemplo de bondade, inteligência e humildade. Por isso quisemos associar-nos às homenagens que têm sido prestadas à memória da excelsa Rainha(...)com concurso com seguintes bases: podem concorrer crianças e jovens dos 6 aos 18 anos; desenhos ou pinturas representando a Rainha, factos ou locais da sua vida, devem medir 22x32cm ou 44x64cm; trabalhos literários (...) não devem exceder 3 folhas de papel de máquina, escritas de um só lado; cada trabalho (...) ter um título, e trazer colados, na parte de trás os quatro cupões publicados nos números de Julho (...) a Outubro de <i>Os Nossos Filhos</i> e(...) nome, idade em anos e meses, morada, escola ou liceu e classe ou ano que frequenta(...)"(n.º 195. Ago. 1958. p. 10). No n.º 197 de Outubro 1958. p. 18 tem indicação de que os melhores

Maria Amália Vaz de Carvalho Cf. Livro das Actas da Associação das Antigas Alunas e Amigas do Liceu de Maria Amália Vaz de Carvalho. /manuscrito/. Depois de 25 de Abril de 1974 o Externato passou a Coopescola- Cooperativa de Ensino da Penha de França, Tv. do Calado, n.º 26, onde ainda funciona. Foi esta a primeira Escola onde iniciámos a nossa actividade lectiva, como professora de Francês. Esta instituição de ensino particular fora construída pelo pai de Maria Cândida Gonçalves, professora de Matemática, que com Maria Adelaide de Jesus Vilão Antunes, formavam a direcção. Tiveram o Alvará N.º 1246 de 18 de Outubro de 1952, autorizado para 142 alunos sendo 19 infantil, 60 do primário elementar e 63 alunas do Liceal, 1º Ciclo; com ensino artístico de piano, dentro da lotação fixada. Em 1954 passa a ministrar também o 2º ciclo liceal, provisoriamente, por um ano, que depois não perde.

<sup>625</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 191. Abr. 1958. p. 21, n.º 193 de Jun. 1958.p 18 e n.º 194 de Jul. 1958. p. 15

<sup>626</sup> In *Os Nossos Filhos*. N.º 192 de Maio 1958.p. 28 e n.º 194 de Jul. 1958. p. 28

<sup>627</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 194. Jul. 1958. p. 31 a n.º 197 de Outubro de 1958. p. 18

		trabalhos serão publicados e terão prémios. Neste mesmo número tem uma pequena biografia da Rainha Dona Leonor (...).
Out. 1958	Grupo dos Amigos do "Arco-Íris" <sup>628</sup>	<p>Depois do concurso dos meninos brincalhões (...)O Arco-Íris estava a conversar com as suas cores e pensou que aqueles 12 amigos poderiam saber mais coisas uns sobre os outros. A cor azul do Arco-Íris propôs que os "(...) meninos podem conhecer-se através das suas páginas. Publicando nelas os seus retratos e os seus trabalhos, colaborando todos nas mesmas iniciativas, começam por pensar nos mesmos assuntos, por desejar as mesmas coisas, e acabam por se conhecer e estimar como se fossem todos uma só família. (...) Todos os meninos "conhecem" Camões, o Infante D. Henrique, a Rainha Santa, a Rainha D. Leonor, e muitas outras personalidades que nunca viram, que viveram há séculos, mas cujas vidas admiraram. Também podem «conhecer-se» uns aos outros, criar entre si uma forte amizade, embora vivam em terras distantes umas das outras. (...) preencher um cartão e enviar para Os Nossos Filhos, (...) dar um prémio a quem em cada mês obtivesse maior número de amigos(...) na parte de trás do cartão vem indicado o nome do menino ou menina que recomenda cada companheiro(...) quem obteve mais companheiros recebe, ao fim do mês, um belo livro como lembrança da sua dedicação a "O Arco-Íris".(...) meninos agrupados por idades e cada grupo escolher um emblema.</p> <p>Estas doze crianças citadas "(...) são proclamados fundadores do Grupo dos Amigos de 'O Arco-Íris'. Todos os meninos e meninas podem ingressar no grupo de «O Arco-Íris»; não se pagam quotas; cada amigo prometerá a si próprio ser bom, verdadeiro e trabalhador; ser amigo de todos os meninos; mandar colaboração para o "Arco-Íris e tomar parte nos seus concursos e iniciativas; cada amigo mandará o seu cartão e fará possíveis por obter novos amigos(...);</p> <p>O Concurso dos "Meninos Brincalhões" foi ganho por Rosa Maria Rosmaninho Baptista, de Coimbra.(n.º 197. Out. 1958. p. 18)</p>

Sobre o *Concurso Um acontecimento da minha vida* (ONF, Jul. 1951) sabemos ter sido imaginado por Ilse Losa como se conclui da leitura da correspondência que aquela escritora envia á direcção de *Os Nossos Filhos*. Em carta conservada no *Espólio* dirá:"(...) Finalmente vai o artigo e o plano do concurso. Mando apenas os tópicos porque a amiga sempre está mais habituada a redigir esses textos.

Penso que não devemos deixar tomar parte crianças(sic) dos 7-14 anos. Há assim maior probabilidade de surgir um número razoável de trabalhos. Claro, não tenho ilusões. Sei que reina uma apatia geral. Mas talvez as crianças...Não sei se a revista pode dar

<sup>628</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 197. Out. 1958. p. 16-18

prémios ou se a publicação da história em si possa significar prémio. Penso que basta um mês de prazo para a elaboração do trabalho que, em caso de necessidade, se poderá prolongar. No que diz respeito às senhoras para o júri não quero escolher entre os nomes que propõem, ambas estão bem. No entanto gostaria de fazer a seguinte observação: parece-me difícil estabelecer contacto com pessoas que estão longe umas das outras. Faço parte da colecção "7 Léguas" e até hoje nenhum membro da direcção trocou impressões comigo (...)". Depois segue-se o plano para o concurso assim apresentado:"(...) Plano

Concurso para crianças dos 7-14- anos

1- Escrever uma história

Tema para crianças 7-11- anos: "Alguma coisa engraçada que aconteceu"

Tema para crianças 11-14 anos: "Um acontecimento da minha vida" - triste ou alegre

2- Cada trabalho deve ser acompanhado por 1 ou 2 desenhos

3- O júri, facilmente, distingue os trabalhos que receberam ajuda. Esses trabalhos não interessam nem poderão ser considerados.

3(sic)- Prémios para os três melhores trabalhos- ?-

Estes prémios serão publicados na nossa revista e provavelmente mais outros que o merecem.

4- Pedimos que os autores assinem apenas com o 1º nome, mas que juntem 1 papel com o nome completo e direcção.

5- Último dia de entrega - ?-

6- Nomes do júri- ? (Carta de 21 de Nov. 1950. Caixa 41. Maço 1).

Como referimos no quadro anterior, no n.º 125 de *Os Nossos Filhos* de Out. 1952. p. 17 e 29 há uma reflexão educativa sobre a forma como as pessoas não aceitam, de bom grado, as críticas que são feitas aos trabalhos que enviam para os concursos. Esta reflexão é sobre o *Concurso de Desenhos – Verão* que terminara no dia 30 de Setembro. Primeiro refere que todos "(...) somos amigos de verdade(...)" e "(...) Nós, os que trabalhamos na Revista, pensamos constantemente nos meninos e meninas portugueses, por eles trabalhamos, gostaríamos de os saber a «todos», bons e felizes. Quando lhes dedicamos qualquer concurso, o nosso pensamento é proporcionar-lhes uns momentos de distração e alegria, e ao mesmo tempo levá-los a cultivar o gosto e habilidade que possuem em maior ou menor grau. Tomar parte no Concurso, mandar o trabalho feito com entusiasmo e sinceridade, é já uma coisa agradável, não acham? E

uma forma se irem aperfeiçoando. Acontece, porém, que alguns meninos mandam trabalhos que não são feitos «só» por eles, o que não é honesto, e nos desgosta profundamente, porque o amor da vaidade deve ser a primeira virtude de todas as pessoas. Por outro lado, há concorrentes que só pensam no prémio, é então ficam tristes ou zangados, umas vezes ralham outras choram, quando não são premiados; isto também nos entristece, porque revela quase sempre, inveja, vaidade, e falta de confiança nas pessoas que classificam os trabalhos.(...) é natural que cada um goste da sua obra, que fique contente se as outras pessoas lhe reconhecem merecimento; mas todos devemos pensar que há outros dotados do que nós, que há obras superiores às nossas, e devemo-nos regozijar com o triunfo dos que merecem mais. Devemos também respeitar a opinião das pessoas mais velhas, mais experientes, mais conhecedoras, e procurar compreender o seu critério, aquilo que para elas tem mais valor, para darmos aos nossos trabalhos o seu verdadeiro merecimento, e procurarmos melhorar o que fazemos, corrigindo os defeitos. Nós todos fazemos parte duma grande sociedade, e devemos estudar, trabalhar, ser bons, para que essa sociedade, progrida e se torne melhor, não para que os outros nos admirem e nós fiquemos em destaque, acima dos restantes. Muitos dos nossos amiguinhos compreendem o que dizemos, não é verdade? Os mais pequeninos talvez não compreendam, mas os paizinhos saberão explicar-lhes estas nossas palavras, de muita amizade. De muita amizade, claro está, porque a nossa preocupação constante é que «todos» os meninos e meninas sejam felizes e aprendam a sê-lo por si próprios. É nas pequeninas coisas, como por exemplo os Concursos que de vez em quando lhe vamos dedicando, pode aprender-se muito, não tenham dúvida(...)”. (ONF, Out. 1952. p. 17 e 29).

Em 1953, numa *Carta Aberta aos concorrentes do Conto Infantil*, da autoria de Irene Lisboa a autora refere que Maria Lúcia Vassalo Namorado lhe pedira que tecesse algumas considerações sobre os textos que os meninos e meninas haviam enviado para o Concurso e, a certa altura escreve:“(...) estas coisas que o espírito de cada um produz são muito semelhantes a flores, são coisas graciosas e animadas, lindas coisas nascidas num jardim... num jardim sem grades nem portas, sem limites, maravilhoso! Onde se cantasse e falasse à vontade e onde toda a gente se entendesse. O jardim do espírito, que tem uma área, umas dimensões sem medida, e de onde tudo nasce! E de onde tudo provém! (...)”<sup>629</sup>. Como se vê, Irene Lisboa aproveitou a ocasião para, antes de fazer

---

<sup>629</sup> No n.º 131 de Abril de 1953, p. 16 e n.º 132 de Maio de 1953. p. 16.

um mini diálogo com cada criança que havia enviado textos, tecer considerações de carácter abertamente de intervenção política, com alusões à situação então vigente. Da leitura deste pequeno texto, em forma de conselhos a cada criança, fica-se com a informação de quem concorreu, sobre que tema, de que localidade(s) (Cf. essa listagem no quadro que colocamos no *Apêndice Cap. 4- Concursos*).

Concorreram trinta crianças de onze localidades diferentes. Sobre os contos enviados, Irene Lisboa dirá que a maior parte das histórias enviadas de Abrantes são “(...) histórias tradicionais e algumas historietas morais(...)” (ONF, Maio 1953. p. 16). Também aproveita para, no mesmo número e como parte da introdução às apreciações que faz aos trabalhos enviados, definir o que entende por “escrever” e “desenhar”: “(...) Escrever é contar. A arte de escrever é a de falar silenciosamente mas com animação. Falar sem que a língua se mova, sem articulação dela nem dos lábios mas com grande articulação ou vibração do espírito. (...) é o principal papel quando pegamos numa pena e nos pomos o dizer por escrito o que pensamos, o que sentimos e o que julgamos que se passa também com os outros. (...) Desenhar, saibam os meninos e as meninas que tem a mesma importância do escrito- E deve-se desenhar tão natural e tão simplesmente como se escreve(...)”(ONF, Maio 1953. p. 16).

Finalmente, em texto intitulado *Restos do Concurso de Contos infantis*, Irene Lisboa dirige-se às mães e o objectivo é, sem dúvida, ensinar-lhes o que se considera que elas devem fazer para não cair em mais “erros educativos”. Depois de explicar a diferença entre “fábula”, “conto tradicional” e “coisa inventada”, a pedagoga explica ainda o que é um texto “descritivo”. Aproveita para ensinar às mães que devem deixar que seja a criança a usar a “(...) útil liberdade de se manifestar, ela, de escolher ela, enfim, de ela escrever, escrevinhar, se assim quiserem, ao seu apetite e gosto...(...)porque notei um traço acentuado de imaginação nestas pequenas composições (umas sugeridas mas outras livres), Imaginação, fantasia, correspondente a uma fase psíquica da criança. Fase esta que de muitas maneiras se exterioriza: nas brincadeiras, solitárias e de grupo, nos desenhos e outras, coisas de mãos, conversas, solilóquios; etc.. Há quem combata ou pretenda combater, abreviar, sufocar esta fase lúdica, chamemos-lhe assim, do mentalidade Infantil. Parece-me um erro. E por isso aqui lembro às mães dos pequenos concorrentes a vantagem de deixar imaginar a criança, o benefício de a deixar seguir os seus pendores naturais(...). ” (ONF, Ago. 1953. p. 16).



Chamamos ainda a tenção para o *Concurso literário e artístico sobre a Rainha dona Leonor* (cuja primeira divulgação é feita no número Julho de 1958) porque é interessante frisar diversos aspectos: em primeiro lugar, e como tinha acontecido muitas vezes ao longo das páginas de *Os Nossos Filhos*, Maria Lúcia Vassalo Namorado escolhe uma figura feminina para ‘figura principal’ do seu concurso. Em segundo lugar, associa-se aos festejos então realizados a nível nacional para promover essa figura mas acentua os dados biográficos como mãe, mulher piedosa, inteligente e culta que protege aqueles que como Gil Vicente, à época em que viveu, ousaram criticar os nobres ou mais dilatadamente, os poderosos.

Em nova iniciativa, a da criação do Clube dos amigos do “Arco-íris”, em Outubro de 1958, ela irá citar, juntamente com Camões, Infante D. Henrique e a Rainha Santa esta outra rainha Dona Leonor como figuras grandes da História de Portugal, todas elas também sempre convocadas pelas historiografia republicana e que o Estado Novo também irá elogiar.

Depois destes concursos promovidos para as crianças, vejamos então os que foram realizados especificamente para as mães, assinantes de *Os Nossos Filhos*, dando especial relevo aos que, de carácter educativo e, assim designados pela revista, ali foram publicados.

### **Concursos para as mães**

No início do lançamento dos muitos e muitos concursos que irão encher as páginas de diversos números da revista sobretudo de 1951 até 1958 há um pequeno texto em que, como nota introdutória, se reflecte sobre o que se pretende que seja esta revista e de que forma a promoção de diversos concursos tem servido esse fim. A directora da revista tencionava repetir alguns dos concursos que já fizera, ao longo dos dezasseis anos da publicação mensal. Veja-se que:

“(…)Desde sempre temos procurado que «*Os Nossos Filhos*» seja Revista de “todos nós», os que nos interessamos pelos problemas da Criança e do Adolescente. Os nossos variadíssimos Concursos não têm tido outro fim que não seja dar aos leitores a possibilidade de colaborarem connosco, tornando a revista verdadeiramente «nossa». Todos se lembram dos nossos Concursos de fotografias de crianças, de ditos infantis, de puericultura, de erros educativos, de trabalhas literários, de rendas, etc.. Pois vamos repeti-los com características novas, que os tornam diferentes, mas igualmente ou ainda mais interessantes. E vamos repeti-los simultaneamente, para que todos possam, de

novo, dentro da “sua especialidade», colaborar na «nossa» Revista. Podem, pois, começar já a trabalhar para os seguintes certames:

- A melhor fotografia de Criança.
  - A Melhor fotografia de Adolescente.
  - O melhor dito da Criança
  - A mais linda rendo de «crochet» para lençol de berço ou cama de Criança.
- O mais lindo casaquinho de malha para Bebê. A melhor acção em defesa do Criança – já apresentámos os condições deste concurso, nos nossos últimos números, sob o título «Ajudem-nos!»; e não temos prosseguido, justamente para que fique integrado neste grande conjunto. (...)” (n.º 106. Março 1951.p-32-33).

Dada a falta de espaço para publicar as condições de todos eles, neste número apenas foram dadas as indicações relativas ao Concurso *A Grande e Linda Roda de Os Nossos Filhos*, a que nos referimos mais adiante neste capítulo.

Por agora, vejamos o que haviam sido os concursos que acabamos de ver nomeados no excerto que usamos para início deste texto sobre os concursos para as mães. Como aconteceu com os dados exaustivos dos concursos para as crianças, promovidos pela revista *Os Nossos Filhos*, apenas colocamos aqui os dados mais gerais sobre os concursos realizados para as mães<sup>630</sup>. A análise que aqui fazemos é sobretudo a daqueles que foram considerados especificamente de índole educativa, pela própria directora da revista. Vejamos o quadro dos concursos que foram lançados para as mães:

Quadro nº42.: Concursos para as mães:

Designação	Descrição
Grande Concurso das Mães <sup>631</sup> : Maio 1944	1º problema- Como resolve o problema se não pode amamentar o filho? 2º problema- Como resolve problema de ida ao cinema para deixar filho de 4 anos? 3º problema- Consente que toda a gente beije os seus filhos? 4º problema- Quem dá banho aos filhos? A criada? 5º problema- seu filho a brincar no jardim e feriu-se ligeiramente. Que faz? 6º problema- Sua filha faz 10 anos e presente será colecção de livros. Que

---

<sup>630</sup> Os detalhes que considerámos menos relevantes, mas não menos importantes, foram colocados também em *Apêndice Cap. 4- Concursos*.

<sup>631</sup> *Os Nossos Filhos*. Com início em Jun. de 1943 mas com resultados só publicados em Maio 1944; N.º 24. Maio 1944. p. 16-17; n.º 26. Jul. 1944. p. 30-31 e n.º 27 de Agosto 1944. p. 28-29

	escolherá? /scanner/
Faça favor, minha senhora! Responda a estas perguntas <sup>632</sup> . Jul. 1946	<p>Aqui têm um jogo engraçado e útil(...) Se responder certo a 12 perguntas, merece os parabéns, tem óptima classificação. Se responder certo a 10 perguntas/ vamos lá, ainda é bom. Se responder certo a 8 perguntas é assim, assim..., Se responder a menos de 8 perguntas, ai minha rica senhora! É péssimo/ é sinal de que., tem muito que aprender!</p> <p>1ª- Pode a mãe que amamenta, fazer saúdes em ocasiões de festa, bebendo bebidas alcoólicas?</p> <p>O leite, da mãe tem algum efeito psicológico sobre a criança?</p> <p>2ª-Se uma criança quer pôr-se em pé aos dez meses, isso tem algum inconveniente?</p> <p>Se o bebé transpira muito à roda do pescoço quando dorme, isto é sempre sintoma de fraqueza?</p> <p>Pode dar-se um pudim indigesto a crianças com menos de 5 anos?</p> <p>3ª- Uma senhora no seu estado interessante pode comer o que lhe apetecer?</p> <p>Os pensamentos, esperanças, ou aspirações têm alguma influência no carácter da criança que está para nascer?</p> <p>Uma criança que nasce de 8 meses tem mais ou menos probabilidades de viver do que uma de 7 meses?</p> <p>4ª- É verdade que os bebés engolem ar enquanto comem?</p> <p>Não mamar p suficiente provoca gases?,</p> <p>As crianças que não comem o suficiente choram mais do que as que comem demasiado?</p> <p>5ª- Os rapazes são mais difíceis de criar do que as raparigas?</p> <p>6ª- A comida para um bebé deve ser guiada pelo peso ou pela idade? As mulheres que temem o parto têm partos mais difíceis?</p>
Concurso dos erros educativos <sup>633</sup> . Set. 1946 a Nov. 1947	Os erros educativos são: não beijar as crianças na boca; Não provar a sopa com a mesma colher com que se dará depois à criança; Não assustar as crianças com o papão; Não deixar que seja a criança a calçar os sapatos; Não levar a criança a fazer visitas à noite; Não se rir da criança quando esta está infeliz; Não se rir quando criança entorna comida à mesa; Não discutir com o marido diante da criança; Não proibir a criança de mexer em tudo; Não obrigar a criança a tomar banhos de mar se tem receio; Não a ameaçar com a ida para a escola; Não levar a criança ao cinema para adultos. / scanner/
Uma pergunta concurso <sup>634</sup> : Porque respondem tão poucas? Maio 1947	No decurso do <i>Concurso de Erros educativos</i> e, perante as poucas respostas recebidas, é lançado novo concurso, este na forma de pergunta: "Este passatempo dos "Erros educativos" não tem interesse? Porque motivo temos recebido tão reduzido número de respostas, quando ele é do conhecimento de

<sup>632</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 50. Jul. 1946.p. 15 e 34

<sup>633</sup> São doze situações de erros educativos publicados nos n.ºs 52. Set. 1946. p. 15, n.º 53. Out. 1946. p. 15, n.º 54. Nov. 1946. p. 16, n.º 55. Dez. 1946. p. 16, n.º 56. Jan. 1947. p. 21, n.º 58. Março 1947. 16, n.º 59. Abril 1947. p. 14, n.º 60. Maio 1947. p. 16, n.º 61. Jun. 1947. p. 16, n.º 63. Agosto 1947. p. 16, n.º 65. Outubro 1947. p. 10 e n.º 66. Novembro 1947. p. 15

<sup>634</sup>*Os Nossos Filhos*. N.º 60. Maio 1947. p. 16, n.º 62 de Julho 1947. p. 14 e 15 e n.º 65. Outubro 1947. p. 10

		<p>muitos milhares de mães, professoras e irmãs?"(n.º 60 Maio 1947. p. 16)</p> <p>Também é publicada a resposta de Maria Vicência Marques dos Santos. Esta pergunta e este tipo de concursos servem para. "(...) se porem em contacto umas com as outras; além de se irem habituando a expor o que pensam, são obrigadas a analisar pequenos problemas tão importantes que a todas interessam, e a contribuir para que se encontre a ambicionada e ideal solução( n.º 65. Out. 1947. p. 10)</p>
Concurso de fotografias de crianças <sup>635</sup> . 1948	de Mar.	<p>"(...) Ver as fotografias dos seus pequeninos publicadas em «Os Nossos Filhos»— eis a aspiração de todos os pais portugueses. Correspondendo a este desejo que tanto nos desvanece, resolvemos organizar um grandioso Concurso de Fotografias de Crianças. Haverá valiosos prémios para a melhor expressão, a melhor atitude, o melhor conjunto e a melhor fotografia ao ar livre. As fotografias premiadas serão publicadas na capa e no interior da Revista (...) cada concorrente pode apresentar uma ou mais fotografias de crianças de qualquer idade(...) São excluídas fotografias coloridas; tamanho mínimo 6x 9 cm; cada colada no verso um papel com o nome e morada do Concorrente e a designação de classe a que concorre: expressão, atitude, conjunto, ou ar livre. (...) com 3\$00 em selos de correio para expediente e devolução das fotografias(...) prazo para a entrega dos trabalhos termina no dia 20 de Maio próximo. (...) prémios valiosos(...)" ( n.º 70. Março 1948. p. 20). No n.º seguinte, para além das condições, indica os prémios (...).</p> <p>O júri foi composto por Casimiro Vinagre, colaborador fotográfico, colaboradores artísticos Vera Bordallo Pinheiro e Fernando Carlos Pereira Bastos (genro de Maria Lamas)</p> <p>/as fotografias são publicadas na revista/</p>
Concurso Literário <sup>636</sup> Dez. 1948		<p>Se gosta de escrever para crianças aproveite para se estrear(...) ganhe um prémio de 250\$00(...)</p>
Concurso de rótulos de Leite Condensado Nestlé <sup>637</sup> : Nov. 1948		<p>Prémios semanais, durante o Programa Nestlé, sorteados no Eden Teatro de Lisboa e transmitido pelo Rádio Clube Português a quem envie os rótulos das embalagens; sorteados prémios de 50\$00, 100\$, 150\$, 250\$ e 500\$</p>
Um novo concurso <sup>638</sup> . Concurso dos cupões /scanner/		<p>Em Janeiro começaram a ser publicados cupões, na página 34 e se repetirá em todos os números na mesma página. Que leitoras habituais nos enviem a seu tempo os 6 cupões colados numa folha de papel(...) muitos e valiosos prémios cuja lista publicaremos em breve serão sorteados por essas amigas dedicadas.(n.º 84 de Maio 1949. p. 13)</p>
Natus apresenta Concursos mensais para os bebés que usem os seus		<p>Em colaboração com <i>Os Nossos Filhos</i> e como "(...) Todas as mães gostam de ver o retrato dos seus filhinhos publicado (...)Natus, com a gentil colaboração (...)resolveu oferecer aos Bebés que usam os seus produtos a oportunidade de terem os seus retratos publicados nestas páginas. Assim, os concorrentes deverão</p>

<sup>635</sup> Início em *Os Nossos Filhos*. N.º 70 de Março 1948. p. 20 e seguintes até n.º 78 de Novembro de 1948. capa

<sup>636</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 79 Dez. 1948. p. 18 e seguintes

<sup>637</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 78 Novembro 1948. p. 21 e n.º 79 de Dezembro 1948. contracapa

<sup>638</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 80. Janeiro 1949 até n.º 85. Junho 1949

produtos: Fev. 1949	enviar a «Produtos Natus» 4 das etiquetas douradas apostas nos produtos. Nos primeiros dias de cada mês, por sorteio, se escolherá um entre todos os concorrentes do mês anterior. «Natus» promoverá a publicação da fotografia do menino ou menino premiado; nesta Revista, no número do mês seguinte àquele em que tiver lugar o sorteio. (...) Os bebés premiados receberão como brinde «Esta caixa é do bebé». Os envelopes com as etiquetas deverão ser enviados para redacção da revista.
Concurso Literário <sup>639</sup> : Conto infantil	Foram seleccionados 20 trabalhos/ são aqui criticados/; não é fácil escrever para crianças(...) Júri composto por Manuela Porto, <i>Lília da Fonseca</i> e Directora da revista
Concurso Literário <sup>640</sup> : Poesia Jun. 1949	Até 31 de Agosto uma quadra inédita; trabalho dactilografado, em triplicado; com pseudónimo; à melhor quadra um prémio de 100\$00; publicadas a que ganhar e as que o júri considerar(...) destina-se a principiantes(...)
Concurso das Leitoras <sup>641</sup>	Muitas centenas de concorrentes <sup>642</sup> ; prémios e senhoras que obtiveram: Prémios na redacção(...) também podem mandar pelo correio enviando 2\$50 para embalagem e correio
Concurso Literário <sup>643</sup> para professores e professoras do ensino primário	/Rectificação porque a quadra vencedora do concurso anterior não fora Maria Júlia mas a tia, Maria Elvira B. Rocha, professora primária de Álvares/ Mandar um artigo focando um problema à sua escolha, respeitante ao ensino primário(...) até 28 de Fevereiro um artigo inédito; cada trabalho até 4 p. em triplicado(...) com pseudónimo, com envelope com nome; ao melhor artigo um prémio de 250\$00(...) serão publicados na revista os premiados e os que merecem(...) destina-se a principiantes(...) não se devolvem trabalhos recebidos. prazo até 28 de Fevereiro.
Concurso Literário <sup>644</sup> de pequenas novelas	Até ao dia 31 de Maio(...) uma peça inédita focando uma figura de mãe, de criança e de adolescente(...) a ser apreciado por júri; prémio de 250\$00 e uma assinatura anual de ONF(...) e serão publicadas
Concurso dos "Casos" <sup>645</sup>	("(...) Várias vezes temos pedido às nossas leitoras que nos ajudem nesta tarefa de auxiliar e esclarecer os pais, a bem das nossas queridas crianças(...) Um concurso muito simples: leitoras aproveitarão para esclarecer os pais que conheçam, ou que simplesmente

<sup>639</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 84 de Maio 1949. p. 19

<sup>640</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 85. Jun. 1949. p. 18 e 89 de Outubro de 1949. p. 19

<sup>641</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 89. Outubro 1949. p. 8

<sup>642</sup> Deste concurso (uma espécie de concurso para ver se conheciam revista e colar cupões como hoje se faz; (em princípio são TODAS leitoras e ASSINANTES; Era necessário enviar seis cupões para se poder candidatar) há no *Espólio* diversos documentos: Mafalda Alice Pinto de Magalhães Saavedra, professora oficial Ponte do Sótão, Góis; assinatura enviada pela casa "Decoradora Funchal" em nome de meu marido José Cupertino de Mendonça em nome de Maria Emília de Caires Mendonça, Igreja Saula(?), Madeira; Guilhermina Correia Porcé<sup>642</sup>, (assinante), 1 pequenina de Faro; Maria da Purificação Antunes da Silva, da "Colmeia", Venda Seca, Belas e de Maria Olga Vasconcelos Soares, do Montijo (Caixa 23. Maço 3).

<sup>643</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 91. Dez. 1949. p. 49 e n.º 92 de Jan. 1950. p. 19

<sup>644</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 94. Março 1950. p. 18 e n.º 96. Maio 1950. p. 19

<sup>645</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 99. Agosto de 1950. p. 17; Refere-se, em n.º 101. Outubro de 1950. p. 18 que, por Manuela Porto ter falecido, não pode o júri resolver como queria; foram só analisados por Lília da Fonseca e Directora da revista

	<p>encontrem; (...) escrever a contar os “casos” (...) serão publicados e as próprias leitoras votarão naqueles que considerarem de maior interesse(...) aos casos que obtenham maior n.º de votos serão atribuídos (...) prémios; também será premiada a leitora que nos conte maior n.º de casos em que teve interferência(...)correspondência assinada ou pseudónimo(...) quem nos mandar o melhor título para este concurso receberá a nossa revista gratuitamente durante um semestre(...).”</p>
<p>A Grande e Linda Roda de <i>Os Nossos Filhos</i><sup>646</sup> concurso de fotografias: Março 1951</p>	<p>Ser assinante de <i>Os Nossos Filhos</i>, não ter mais de 15 anos de idade, preencher o boletim /scanner/ e enviá-lo com uma fotografia à Redacção, colaborar com <i>Os Nossos Filhos</i> em obras de Assistência infantil, enviando-lhe, uma só vez no ano, qualquer importância que pode ser apenas 1\$00 para o fim indicado.</p> <p>Concorrentes verão seus retratos publicados na “nossa” revista, todos os meses será sorteado um lindo prémio por todos os meninos e meninas que façam anos no mês seguinte, o contemplado receberá, assim, mais um valioso presente no seu dia de anos; o primeiro destes presentes é um talher de prata, e será enviado a menino ou menina que faça anos em Abril. Em fins de Dezembro 1951 serão escolhidas as melhores fotografias recebidas durante este ano, a saber: a melhor entre as de bebé até 2 anos, a melhor entre as de crianças de 3 a 10 anos e a melhor entre as de meninos e meninas de 11 a 15 anos. A esses três concorrentes serão oferecidos valiosíssimos prémios. Só têm direito a esses prémios os assinantes que tenham em dia a assinatura relativa a todo o ano de 1951. Prémios serão publicados no número seguinte(...) não se aceitam fotografias coloridas(...) de preferência instantâneos focando expressões, atitudes, momentos da vida infantil(...) na mesma fotografia podem figurar mais do que uma criança ou tb pessoas crescidas(...) Para classificação das fotografias não interessa a beleza dos fotografados(...) interessa nitidez da fotografia, expressão da criança, naturalidade e graça da sua atitude(...) pessoas que desejem reaver fotografias podem mandar buscar à Direcção depois de Dezembro 1951.(...) Quem não quiser cortar a revista pode copiar boletim para folha de papel de carta(...) Quem não for assinante nem filho de assinante pode inscrever-se como tal(...) devendo assinatura começar em janeiro do ano corrente(n.º 106. Março 1951. p. 32-33)</p> <p>Nos casos especiais foram consideradas também as pessoas que pretendem continuar a comprar a revista avulso. “(...)Tb os filhos desses leitores podem entrar no concurso mas só em Dezembro enviarão, devidamente o boletim que publicaremos nesse mês, juntando a borra inferior das capas de todos os números da Revista respeitantes ao ano de 1951, Estes concorrentes terão direito aos grandes prémios finais de 1951, e aos prémios mensais de 1952.(...) Tanto no n.º anterior como neste são dadas sugestões para títulos para as fotografias e ainda “(...) Os primeiros 1.000\$00 que recebermos serão entregues à Casa Mãe dos Raparigas da Rua da Cidade, uma linda obra que principiou com 4 raparigas e já mantém e educa 50(...)”. (n.º 107 Abril 1951. p. 32-33)</p> <p>As primeiras fotografias são publicadas no n.º 109. Junho 1951. p. 33-34. /scanner</p>

<sup>646</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 106 de Março 1951. p. 32-33 e seguintes como n.º 107. Abr. 1951. p. 32-33; n.º 109. Junho 1951. p. 33-34

	<p>dos primeiros 25 premiados/Nesse mesmo n.º se refere que “(...) os fotografias são numeradas à medida que entram na nossa Redacção, e publicadas nesta página segundo essa numeração. Quem quiser fazer publicar nesta página uma fotografia em data determinada, só o poderá fazer mediante pagamento, conforme a tabela que temos publicado(...)”.</p> <p>Em cada número são publicadas as fotografias e um mealheiro com indicação nominal dos contributos dados para a Assistência.</p> <p>Há ainda uma notícia relativa à “(...) alteração a que tivemos de sujeitar a nossa Revista, devido à escassez de papel e ao aumento do seu preço. não nos permite como desejávamos, uma página inteiramente dedicada à «Grande e linda roda dos nossos filhos», Isto, porém, em nada prejudica nossos concorrentes. Simplesmente, em vez de as fotografias serem publicadas em uma só página, sê-lo-ão ao longo de toda a Revista,, .como já acontece neste número. Mas as fotografias, continuarão a ser publicadas pela sua ordem de entrada, e todas as condições, regalias e prémios se mantêm.(...)”</p>
Concurso Foto-Nestlé <sup>647</sup> : Mar. 1951	Prémios para quem envie rótulos de produtos da marca com publicação de fotografias de bebés que usem esses produtos alimentares
A Mais linda renda de “crochet” <sup>648</sup> : Abr. 1951	<p>“(...) Senhora ou menina enviar, até 30 de Agosto, uma renda de crochet, destinada a dobra de lençol para berço ou caminha de criança(...) completa, pronta a aplicar num lençol(...) prazo alargado para que possam concorrer todas as nossas amigas, incluindo as que vivem nas longínquas colónias e as que dispõem de pouco tempo para este género de trabalhos (...) juntará 5\$00 em selos para sua devolução e uma carta com nome, profissão, direcção, e os cinco talões correspondentes a este concurso que de Março a Julho publicamos na p. 34 da nossa revista(...) rendas feitas com algodão “Mercer”(...) rótulos dos romances empregados enviados juntamente com renda(...) a mais linda renda receberá prémio de 1000\$00 e fotografia publicada na nossa revista e outras que o mereçam; sorteamos assinaturas da nossa Revista, livros e produtos de perfumaria por todos os concorrentes(...) a que nos enviar o maior número de rótulos dos romances mercer “Corrente” receberá gratuitamente uma assinatura de <i>Os Nossos Filhos</i>, durante um ano(...) rendas serão devolvidas<sup>649</sup>.(...)” (n.º 107. Abril 1951. p. 32). As condições do Concurso são publicadas nos números até Julho 1951.</p>
Concurso do mais	Casaquinhos feitos para bebés; tem um “diploma” /scanner/ que foi enviado às

<sup>647</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 106. Março 1951. desdobrável de 3 p. agraphado até n.º 129. Fevereiro 1953. p. 32

<sup>648</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 107. Abril 1951. p. 32; n.º 109. Junho 1951. p. 26; n.º 110. Jul. 1951. p. 31; n.º 113. Out. 1951. p. 25; n.º 115. Dezembro 1951. p. 24; n.º 118. Março 1952. p. 24; n.º 120. Maio 1952. p. 12 e 24

<sup>649</sup> O prémio do concurso irá para “(...) Maria da Assunção Garcia da Cunha, de Guimarães que recebeu felicitações e pedidos para fazer iguais(...)vai aceitar encomendas(...)a renda foi publicada no nosso n.º de Dezembro 1951(...)pedido dirigido directamente para ela...Largo do Toural, 38, Guimarães(...)” (ONF, Nov. 1952). Esta senhora tem o anúncio de que trabalha nesta área na secção de pequenos anúncios que a revista tinha para as assinantes (cf. cap. sobre *Publicidade*).

lindo casaquinho de malha para bebé <sup>650</sup> . Jun. 1951	senhoras que concorreram, num total de 19; uma delas, de 85 anos, de Braga, Maria Emília Moreira de Sá fez também um casaco. /Tem a lista de todas as senhoras e das crianças a quem foram dados os ditos casaquinho de malha/.
Concurso de ditos infantis <sup>651</sup> : Abr. 1952	Dado o enorme interesse pelos ditos infantis contados nas nossas emissões radiofónicas, resolvemos organizar este concurso(...). Enviar um ou mais ditos, com nome, idade da criança, filiação e morada(...) contados singelamente sem divagações literárias(...). Enviar também cupão da p. 34 do presente número. Melhores ditos serão lidos aos microfones de Rádio Clube Português(...). Prémios: aguarela de Vera Bordallo Pinheiro; assinatura anual de <i>Os Nossos Filhos</i> e 3º a 6º prémios serão livros.
Saber um pouquinho mais <sup>652</sup> . Secção cultural dirigida por Matilde Rosa Araújo: Maio 1952	/com foto de sebastião da Gama para aumentar os conhecimentos de literatura das senhoras/
Concurso A Grande e linda Roda de Os Nossos Filhos: Concurso de fotografias <sup>653</sup> : Out. 1954	/condições são apresentadas n.º 149 de Outubro de 1954. p. 20/ /scanner/. Podem concorrer fotógrafos profissionais ou amadores e haverá prémios para os dois casos  /Estas condições repetem n.º 150. Novembro 1954. p. 20/ N.º 152 de Janeiro 1955. p. 20 refere: "(...) roda simbólica e graciosíssima onde as crianças de todo o Império Português se vão dar as mãos e traçar um pensamento afectuoso(...)". Seguem-se condições e prémios: Fábrica de Porcelanas de Vista Alegre oferece uma linda e artística e doirada Casa J C Alvarez, Rua Augusta 205 oferece Troféu Ferrânia, uma película Casa Benard, Rua Garrett, 84, 2 brinquedos: 1 boneca e um triciclo, ou 2 bonecas ou 2 triciclos Esta iniciativa era acompanhada por envio de donativos que, em n.º 158 de Jul. de 1956. p. 18 e 19 era de 1091\$80.mas chegou a atingir a soma de 1311\$00 enviados por 79 concorrentes(Caixa 33. Maço 2).
Se eu tivesse uma varinha de condão... <sup>654</sup> : Jul. 1955	Iniciativa da nossa amiga professora Maria Olegário Mendes <sup>655</sup> (...) pretende-se ouvir crianças que frequentem a 3ª ou 4ª classe da Instrução Primária ou mesmo o 1º ou 2º ano do Liceu ou Escolas Técnicas.(...) pessoa lerá o mais pausadamente a poesia "As fadas" de Antero de Quental. (...) se todas sabem o que é uma fada e

<sup>650</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 109. Jun. 1951. p. 27 a n.º 120. Maio 1952. p. 4

<sup>651</sup> Publicados em *Os Nossos Filhos*. n.º 119 de Abril de 1952. p. 7

<sup>652</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 120. Maio 1952. p. 18-19

<sup>653</sup> *Os Nossos Filhos*. Entre n.º 149 de Outubro de 1954. p. 20 até n.º 164. Jan. 1956. p. 14

<sup>654</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 158 de Julho 1955. p. 11 até n.º 175 de Dezembro 1956. p. 14-15 e 20; Os alunos da Escola Conde Ferreira, em Figueira da Foz, que realizaram os trabalhos em 10 de Novembro de 1955, usam um caderno *sui generis*: Editado pela Comissão Municipal de Turismo da Figueira da Foz, tem na capa uma fotografia panorâmica da praia e na contracapa um texto publicitário elogioso ao turismo na Figueira da Foz. Desses cadernos foi feita uma impressão de 10.000ex. na Tipografia Neto Costa

<sup>655</sup> irmã da colaboradora Maria de Jesus Mateus de Oliveira Mendes, professora (cf. *Apêndice Cap. 4 - Biografias*)



	<p>uma varinha de condão(...) uma pequena e calma conversa sobre(...) conquistado o interesse das crianças, convidadas a fazer uma pequena redacção intitulada “Se eu tivesse uma varinha de condão...”. As que <i>assim o queiram</i> e só essas podem completar o seu trabalho com um desenho(...) redacções e desenhos feitos <i>livremente e exclusivamente</i> pelas crianças /sub MLVNSR/. Cada trabalho assinado, indicar idade e profissão dos pais. Trabalhos entregues a um psicólogo que fará sobre eles as suas considerações.(...) revelar a sua psicologia e ajudar professoras a conhecer as crianças(...) podem tb ser dirigidas por pais e pessoas que se interessem por crianças(...)Poema será publicado no próximo n.º (...) atendendo a pessoas que não conhecem (...) n.º 158. Jul. 1955. p. 11)</p>
<p>Conheça os seus alunos<sup>656</sup>: Mar. 1958</p>	<p>Dirigido “Aos professores do ensino infantil e primário e aos finalistas das escolas do magistério primário” é lançado este desafio: “Conheça os seus alunos” e seriam atribuídos “valiosos prémios( só referidos no n.º 191. Abril 1958. p. 21). O texto do concurso refere:</p> <p>Na sua classe há, com certeza, uma criança que chama a sua atenção mais do que as outras.</p> <p>Descreva essa criança, refira as suas atitudes e ditos. Não esqueça a idade, a classe que frequenta, é o meio familiar.</p> <p>O que faz com que V. Se sinta atraído ou repellido por ela?</p> <p>Como procura resolver as situações criadas por essa afectividade, e quais os resultados obtidos? Assine o seu nome. Designe a escola em que é professor ou aluno. Mande-nos as suas respostas até ao próximo dia 30 de Abril. Um grupo de professores e psicólogos está interessado em fazer um estudo com as respostas obtidas” (ONF, Abril 1958. p. 21).</p>
<p>Vamos dar um bocadinho de alegria às Crianças deficientes!<sup>657</sup>: Ago. 1958</p>	<p>O anúncio deste concurso é igual nos três números em que é publicitado, e “(...)a nossa Revista, colaborando com a <i>Clínica de Recuperação de Ambliopes</i>, vai organizar um grande concurso de desenhos e pinturas <i>ao qual só poderão concorrer crianças deficientes</i><sup>658</sup>. A intenção é, principalmente, proporcionar um pouco de alegria a essas crianças que tanto necessitam de estímulo, compreensão e ajuda. Mas também se pretende demonstrar que as crianças deficientes não são forçosamente inválidas, e que ainda possuem muitas possibilidades de valorização; na grande maioria, podem tornar-se úteis, independentes e, por conseguinte, podem ser .felizes. Há ainda um terceiro objectivo que continua em segredo. Ele acentua, por forma surpreendente, o ineditismo deste concurso, ao mesmo tempo que lhe confere um alcance incalculável(...) o facto de ainda não revelarmos essa terceira e admirável intenção não impede que os pais e professores nos mandem, desde já, os desenhos e as pinturas das suas crianças deficientes, ambliopes, surdas, perturbadas motoras ou mentais(...). /As condições do concurso são: / podem concorrer crianças que</p>

<sup>656</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 190. Março 1958. p. 22, n.º 191. Abril 1958. p. 20-21 e ainda n.º 193. Jun. 1958. p. 20-21

<sup>657</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 195. Agosto de 1958. p. 11, n.º 196. Setembro 1958. p. 21 e n.º 198. Novembro 1958. p. 8 e 9

<sup>658</sup> Sublinhado nosso.

	<p>possuam qualquer deficiência</p> <p>Desenhos ou pinturas feitos só pelos concorrentes , de inspiração livre ou cópia de natural(...) não poderão ser cópia de outro desenho ou pintura(...) medir 22x32cm ou 44x64cm. Nas costas do trabalho escrever: nome do autor, idade em anos e meses, morada, deficiência que possui, classe e escola que frequenta no caso de frequentar alguma(...).".</p>
--	--

Que podemos concluir da leitura deste quadro? Verificamos que dos vinte e cinco concursos realizados entre Maio de 1944 e Agosto de 1958 muitos foram os que podemos considerar importantes para o tema que aqui nos ocupa. Colocamos nesse grupo os seguintes: *Grande Concurso das Mães* - Maio 1944; *Faça favor, minha senhora! Responda a estas perguntas* - Jul. 1946; *Concurso dos erros educativos* - Set. 1946 a Nov. 1947; *Uma pergunta concurso: Porque respondem tão poucas?* - Maio 1947; *Concurso dos Casos*; o concurso *Se eu tivesse uma varinha de condão...* - Jul. 1955; *Conheça os seus alunos* - Mar. 1958 e *Vamos dar um bocadinho de alegria às Crianças deficientes!*- Ago. 1958.

No ano de 1944, o *Grande Concurso das Mães* põe diversas questões educativas às mães. A primeira e a quarta como vemos, são de Puericultura, a 3ª está ligado à profilaxia das doenças transmissíveis e a quinta às competências da mãe enfermeira; a segunda relativa às questões da educação infantil e a último sobre educação juvenil e formação moral das raparigas. Como veremos no capítulo sobre a educação das mães, mais adiante neste trabalho, estes são alguns dos ensinamentos que a revista espera dar às mães para que elas possam bem educar os seus filhos.

O Concurso *Faça favor, minha senhora! Responda a estas perguntas* está também no grupo dos que, de forma lúdica e muito simples, são usados para ver se as leitoras estão a ‘interiorizar’ os ensinamentos que a revista divulgara até então sobre puericultura pré-natal, alimentação infantil, crescimento e crendices e preconceitos. Também em *Os Nossos Filhos* se considerava que o “(...) conselho prestado pelo escritor ao seu correspondente pode ser-lhe restituído sob a forma de “conselho equitativo” ou seja, à medida que progride, aquele que é orientado vai-se tornando capaz, de por seu turno, de dar conselhos(...)”(Foucault, 1992. p.148) é desta forma que podemos ver que o constante apelo à colaboração das leitoras vai dar alguns resultados pois em muitos números, são elas que se expõem e escrevem o que pensam, depois de muitas vezes o tema haver sido debatido nas páginas de números anteriores da revista. A revista apresenta as respostas no mesmo número em que são feitas as perguntas, na página 34.

Destas seis perguntas, cada uma com alíneas, num total de catorze refere-se que doze é o número de respostas certas que merece os parabéns. “(...) Se responder a menos de oito perguntas a situação é preocupante: “(...)ai! Minha rica senhora! É péssimo, é sinal de que(...)tem muito que aprender!(...)” (ONF, Jul. 1946).

O *Concurso dos erros educativos* - Set. 1946 a Nov. 1947 apresenta um conjunto de doze situações ‘erradas’ que já colocámos no quadro anterior e tinham vindo a ser ensinadas, correctamente, ao longo das páginas dos números de *Os Nossos Filhos* até então publicados, como veremos.

A mesma ideia sobre o que se considera ‘errado’ do ponto de vista educativo será partilhada por César Anjo<sup>659</sup> que, em 1953, irá publicar no Porto, nas *Edições Saber*, o livro quase duzentas páginas a que dará o título: *Erros de Educação*. Este autor, depois de muito ponderar se deveria (ou não) escrever semelhante obra, optara por fazê-lo porque “(...)tivemos (...) de reconhecer que era dever nosso, neste excepcionalíssimo momento histórico, transmitir aos pais dos homens de amanhã o produto de uma experiência e estudo, devotados e ininterruptos, de quase meio século(...) e porque (...)julgamo-nos com autoridade para apontar os erros que se têm cometido na educação das crianças — erros que são a principal causa da tremenda crise moral que nos assoberba—e dizer como evitá-los(...)” (Anjo, 1953. p. 9-11). Ao longo dos catorze capítulos que compõem este livro iremos encontrar referências a diversas soluções para afrontar os males da sociedade e erros educativos. Como exemplo dos primeiros constatava-se a necessidade da existência de filhos num lar, de preparação específica das raparigas para serem mães, da urgência da educação do carácter, a mentira que domina o mundo, a falta de modéstia, o excesso de ódio e facciosismo e a falta de tolerância e bondade.

Como exemplo de erros educativos são analisados o mimo, “(...) o primeiro erro que se pratica na educação(...)”, e as consequências de uma educação piegas(...)”; o erro em que caem as mães, “(...) sacrificando os seus deveres de esposa, para dirigirem todos os seus cuidados aos filhos(...)”, formando assim seres egoístas; o não domínio dos defeitos infantis: a necessidade de correcção das crianças mentirosas, soberbas, vaidosas; a ideia de que muitas crianças são prodígios de inteligência; a forma de combater a cabulice das crianças nos liceus; os cuidados a ter para se perceber que “(...) o ser bom não é ser fraco (...)”, as regras para escolher brinquedos, jogos e leituras, a

---

<sup>659</sup> Também guardado no Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

necessidade de uma correcta educação sexual e de orientação profissional, de forma a que, depois de identificados e corrigidos esses erros educativos seja possível ver que “(...) a melhor e a mais sólida herança que podemos legar aos nossos filhos é o amor ao trabalho(...)”.

Outros erros educativos são identificados em *Os Nossos Filhos*, como mostramos mais adiante, no capítulo sob essa mesma designação.

*Uma pergunta concurso: Porque respondem tão poucas?* - Maio 1947 é um concurso feito como se de uma reflexão se tratasse para que as leitoras tentem perceber como não é fácil promover este tipo de concursos mais ‘sérios’.

Em 1950 o *Concurso dos Casos* é lançado no número de *Os Nossos Filhos*, em Agosto. Dois meses depois, no número de Outubro, ficamos a saber que o júri deixa de ter três elementos - Lília da Fonseca, a Directora da revista e Manuela Porto, para ter apenas as duas primeiras, uma vez que a última falecera entretanto. Deste concurso vão ser publicados alguns textos sempre casos enviados por senhoras que, face a más atitudes de mães e educadoras, explicam como intervieram para ajudar a resolver a situação.

O Concurso *Se eu tivesse uma varinha de condão...*, iniciado em Julho de 1955 /scanner/ faz lembrar o título do livro *Varinha de condão*, um livro de contos infantis, escrito por Fernanda de Castro e Teresa Leitão de Barros, que fora publicado ainda nos anos 30. Fernanda de Castro, a mulher de António Ferro, também fizera o 5º ano e o 7º ano de Ciências no Liceu Maria Pia, no Largo do Carmo (Castro, 1988. p. 53). Foi nessa instituição que Fernanda de Castro conheceu Teresa Leitão de Barros “(...) de quem fui amiga íntima até à sua morte(...)” (Castro, 1988. p. 121). O livro era publicitado em revistas como *Portugal Feminino* de Maria Amélia Teixeira como uma obra adequada “(...) para o Natal dos pequeninos(...)”. /Tinha/ linda capa a cores e 60 ilustrações(...)” (*Portugal Feminino*. N.º 35. Dez. 1932. p. 2).

Aquele concurso foi dirigido a professoras que quisessem enviar os trabalhos dos seus alunos e foi uma iniciativa que se estendeu por muitos números da revista. Mas como surgira a ideia de semelhante actividade?

Sabemos que a professora primária Maria Olegário Mendes, professora em Peniche, e irmã de outra colaboradora Maria de Jesus Mateus de Oliveira Mendes, lera na aula o poema *As Fadas* de Antero de Quental; depois pedira às(aos) alunas(os) um texto intitulado *Se eu tivesse uma varinha de condão...* (ONF, Jun. 1955). Esta professora considerava que “(...)para bem educar é preciso conhecer o educando. Para bem ensinar é necessário também conhecer as faculdades físicas, intelectuais e morais dos nossos

discípulos. É preciso conhecer o carácter, os gostos, a personalidade de cada criança e o meio em que vive. Conhecer o ambiente familiar, as condições económicas e sociais que a rodeiam. Sentir uma ternura profunda por essas pequeninas almas às vezes tão estranhas (...). Diz Maria Montessori «que cada criança encerra em si um segredo vital capaz de arrancar o véu que se estende sobre os mistérios da alma humana»(...). Cada criança tem o seu carácter. Compete ao educador conhecê-lo bem, para poder desenvolver os sentimentos nobres e sublimar as tendências perniciosas ou os defeitos hereditários ou adquiridos. Compete-lhe também combater o medo, A timidez, os complexos de inferioridade, etc.; que muitas crianças manifestam(...). O Professor no início do ano(...), em primeiro lugar deve tentar conquistá-la. Em seguida conhecê-la e adaptá-la ao ambiente escolar. (...) Deve agora o professor organizar um ficheiro pessoal onde anotará diariamente as reacções de cada aluno, as suas capacidades intelectuais, rendimento escolar, as qualidades, as birras e os porquês das birras. E deve inteirar-se bem do seu ambiente familiar e do seu estado de saúde. Precisa de conhecer p pai ou a mãe, a casa ou a rua onde vive cada um dos seus discípulos. Só depois o professor está apto a julgar a criança (...). Não se diz a um menino; «Tu és estúpido, es mau, és mandrião!». Quantas vezes este pequenino se deita sem jantar? E aquele outro, que andou a tarde inteira atrás do pai, ajudando no trabalho do campo ? E este ainda, que leva pancada a toda a hora do pai« dos irmãos mais velhos ? Como pode esta criança, ser boa, se ninguém é boa para ela? Haverá crianças más? Em quatro anos de professora ainda não encontrei nenhuma. Há sim, crianças difíceis e essas, às vezes, são as que melhores recordações nos deixam (...)” (ONF, Jun. 1955).

Esta professora enviara os textos das(os) suas(seus) alunas(os) para a revista e alguns aí foram publicados. Como a maior parte dessas crianças referia necessidades muito simples, como ter um pequeno brinquedo, uma outra leitora da revista decidira dirigir à revista *Os Nossos Filhos* uma carta e “(...)9 camisolas, 31 livros infantis, 29 bolas de borracha, 1 exemplar de «Os Lusíadas», 1 trotineta, 1 gaita de boca, 1 caixa com vários brinquedos pequenos, e amêndoas (...). Respeitemos o anonimato, e pensemos que uma boa Fada escreveu a carta e mandou estes presentes, destinados às crianças de Peniche, autoras das redacções que publicámos no nosso número de Junho e seus companheiros de classe (...)” (ONF, Ago. 1955). Essas crianças escreveram também para a revista agradecer os presentes que haviam recebido (ONF, Set. 1955).

Esta iniciativa da parte da senhora que queria permanecer anónima pois apenas se

identifica como *L.M.*<sup>660</sup>, revelava, segundo palavras de Maria Lúcia Vassalo Namorado, o “(...) enternecido amor pelas crianças, profundo entendimento daquilo em que consiste a sublime arte de ensinar, assim como uma límpida consciência do estudo, da compreensão e do respeito que a criança merece (...)” (ONF, Ago. 1955).

Muitas foram as professoras que enviaram redacções para esta iniciativa (Cf. *Apêndice Cap. 4- Concursos*), entre elas Irene Carolina Fernandes, de Valpaço, Trás-os-Montes, Maria João Allen de Vasconcelos da Escola Avé Maria, de Lisboa ou ainda Ema Quintas Alves, do Liceu Francês, de Lisboa, assim como *Zezinha de Évora*, a neta de Maria Lamas, que enviara o seu depoimento directamente (ONF, Jan. 1956).

Deste trabalho de Maria Olegário Mendes, em sala de aula, vai Maria Lúcia Vassalo Namorado retirar a ideia de fazer um concurso maior: para isso volta a publicar a poesia de Antero de Quental e pede às professoras que se encarreguem de lhe fazer chegar os resultados de tal inquérito. Ela dirá: “(...) Em Lisboa (...) a nossa colaboradora Lucinda Atalaia(...)chamou a si o encargo de recolher os depoimentos das crianças de Lisboa. Já ouviu 500 crianças e o inquérito continua (...) bom que este movimento se estendesse a todo o país o Ultramar português. Por isso repetimos o nosso do último número: que todas as pessoas — principalmente professores - que privam com crianças de 8 a 12 anos, nos ajudem neste inquérito (...)” (ONF, Ago. 1955). Também vai publicar todas as adesões que vai tendo a tal iniciativa (Cf. *Apêndice Cap. 4- Concursos*). Em Outubro do mesmo ano pede que as professoras voltem a promover aquele inquérito e diz ainda “(...)Este pedido estende-se às nossas amigas do Ultramar(..) interessam-nos depoimentos de crianças brancas, negras ou mestiças. Neste caso pedimos que por baixo do nome da criança indiquem a cor(...)Que nos mandem sem correcções as redacções das crianças(...)todas têm o maior interesse(...)”(ONF, Out. 1955). O depoimento mais impressionante que é publicado é o de uma menina que escreve:“(...) Eu desejava ter uma varinha de condão, para pedir a uma Fada que me desse a vista, se a merecesse (...)” (ONF, Out. 1955).

No ano seguinte é publicado um texto da ‘criadora’ do movimento que diz ter pedido“(...) aos meus discípulos que fizessem uma pequena composição sobre o tema "Se eu tivesse uma varinha de condão"...estava longe de pensar que tanto interesse, à directora de *Os Nossos Filhos* que o transformou em inquérito(...). Todos nós professores, pais e educadores temos um dever a cumprir: conhecer, compreender e

---

<sup>660</sup> Ludovina de Matos, uma das colaboradoras da revista, do Porto.

amparar as crianças de Portugal! Professora tem de ser uma mãe carinhosa para os seus alunos, tem obrigação de escutá-los, acarinhá-los a todos igualmente, sem excepção de nenhum, sejam pobres ou ricos, maus ou bons, estúpidos ou inteligentes, estudiosos ou mandriões!(...) sejamos curiosas, interessemo-nos às suas vidas, pela vida dos pais, e, dos irmãos demos-lhes bons conselhos e ensinamentos úteis por meio de exemplos de outras vidas semelhantes às suas (...) às vezes boas e úteis sugestões para as lições de moral, de educação, de higiene, de trabalhos manuais, de redacção e, acima de tudo(...)para os conhecermos melhor(...)”(ONF, Jan. 1956).

Em Março desse ano essas redacções teriam sido “(...) entregues a um especialista em psicologia infantil, que nos dará as suas impressões num dos próximos números de «Os Nossos Filhos» (...)” (ONF, Mar. 1956).

No número<sup>661</sup> de Fevereiro de 1956, já Maria Lúcia Vassalo Namorado escrevera um texto de reflexão sobre esta iniciativa, considerando que teve grande êxito e dizendo: “(...) milhares de respostas, vindas de vários pontos do país, dadas por crianças de todos os meios socais. Ternos publicado alguns desses depoimentos, mas evidentemente só uma minoria, sem que isto signifique menos apreço pelos que não são publicados ou pelas crianças e professores no-los mandaram. Todas as redacções têm para nós um extraordinário valor, mesmo as que parecem mais pobres e sem interesse. Elas revelam-nos um pouco os anseios, o poder de imaginação, o desenvolvimento mental, o temperamento das nossas crianças e também o meio que as rodeia, as suas condições de vida, a educação que recebem(...)”. Os depoimentos foram sendo publicados desde Junho de 1955.

Surpreendente é o conjunto de textos enviado por professoras que colocam os dados que a Revista pedia para identificação das crianças e indica também algo que não era solicitado: a raça. Com base nos depoimentos aqui publicados conclui-se que das cinco crianças de S. Tomé, entre os 8 e 11 anos, duas são negras e as restantes mestiças; das seis crianças de Nova Lisboa, Angola, três são negras – um rapaz e duas meninas- e outras tantas mestiças – dois rapazes e uma menina.(n.º 168. Maio 1956. p. 20 e 21).

Muitos dos textos desta iniciativa encontram-se nas Caixas do *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*. A título de exemplo dos dados que neles se podem recolher alguns dos alunos com textos enviados pela professora Ema Quintas Alves (cf. *Apêndice Cap. 4- Biografias*), que foi professora de José Adriano Barata Moura, filho único de Adriana

---

<sup>661</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 165 de Fevereiro 1956. p. 12

Rodrigues, ambas colaboradoras de *Os Nossos Filhos*. Aquela professora só dava aulas no Liceu Charles Lepierre e lá foi ainda professora dos alunos que mencionamos seguidamente e cujos textos, como de todos os outros intervenientes no Concurso *Se eu tivesse uma varinha de condão* ainda estão guardados no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*. Vejamos, então, quem são alguns dos alunos desta professora que participam no concurso:

Quadro nº:43. Alunos de Ema Quintas Alves do Liceu Charles Lepierre, que participam no Concurso *Se eu tivesse uma varinha de condão*:

Nome/idade	Profissão pai/mãe	Fonte
Vasco Carrelhas- 11 anos		Espólio Caixa 37. Maço 2
Luís Feist, 11 anos	pai comerciante	
Joaquim Alberto Alves Porto, 11 anos	pai comerciante	
Manuel José da Silva Guedes Vieira, 12 anos	pai e mãe professores Liceu	
José Carlos da Maia, 11 anos	pai médico	
Pedro Lourenço Mendes Cabrita, 11 anos	oficial exército	
Jorge Feist, 11 anos	comerciante	
José Paulo do Rio-Branco, 11 anos	diplomata	
Luís Jorge Vallejo, 11 anos	engenheiro	
João Carlos de Barros, 11 anos	advogado	
António José Barahona, 11 anos	médico	

Com o título “*Se eu tivesse uma varinha de condão - Algumas considerações gerais sobre o trabalho realizado*”<sup>662</sup> e “*Se eu tivesse uma varinha de condão – Estudo comparativo das respostas dos meios rurais e marítimos*”<sup>663</sup> é publicada a apreciação que dos textos foi feita por Maria Borges, psicóloga que é Maria Amália Harberts Borges de Medeiros. Dada a importância de que se reveste o conteúdo dessa apreciação e a de quem o escreve, vamos transcrever essa apreciação na íntegra. No primeiro, a autora considera que apenas fará, neste número, uma

“(…) introdução a um trabalho de análise das respostas dadas pelas crianças portuguesas ao inquérito lançado por um esta Revista(…)/A iniciativa/(…) pode ter um grande interesse sob o ponto de vista do estudo psicológico da criança.(…) assemelha-se mesmo, de certo modo, a uma técnica projectiva. A criança ao responder, libertar-se-há,

---

<sup>662</sup> *Os Nossos Filhos*. n.º 171. Agosto 1956. p. 12-13

<sup>663</sup> *Os Nossos Filhos*. n.º 175. Dezembro 1956. p. 14-15 e 20; este segundo texto indica que, posteriormente, serão analisadas as respostas das crianças dos meios urbanos.



na maioria dos casos, do condicionamento que habitualmente a limita e projectará na sua resposta os seus desejos e anseios, aquilo que consciente ou inconscientemente ambiciona ter ou quereria ser.(...) devemos primeiro definir o que se entende por técnica projectiva(...): pode ser um desenho, um questionário ou um jogo que se propõe à criança, evitando a brutalidade das perguntas directas que a bloqueiam e criando uma ambiente de confiança e desinibição que a leva a poder exprimir o que pensa e o que sente, umas vezes por forma velada e simbólica outras até directa e claramente. Assim a criança ao desenhar, ao responder ou ao jogar exterioriza a sua maneira de ser, projectando nos desenhos, nas respostas e nos jogos um pouco de si própria, um pouco da sua personalidade. Segundo Zazzo, basta por vezes sugerir a atitude lúdica para que a criança possa exprimir a sua posição relativamente à sua situação actual, possa exteriorizar os seus sentimentos(...)Mas a aplicação desta técnica não é tão simples como à primeira vista nos poderia parecer(...) torna-se necessário que tenham sido realizadas determinadas condições. Vejamos quais: Em primeiro lugar é imprescindível que se distribuam a todos os colaboradores, instruções rigorosas sobre a forma de aplicar a prova, de tal maneira que em toda a parte o trabalho seja levado a cabo em condições tanto quanto possíveis idênticas, Ora, a análise das respostas recebidas verifica-se que nem sempre a questão foi apresentada as crianças do mesmo modo. (...) há classes em que todos dão sistematicamente a mesma resposta.

Tinha sido conveniente também prevenir antecipadamente as crianças de que depois das instruções dadas não podiam fazer perguntas(...) ora isto é um erro que me parece verificar-se também com uma certa frequência, dado que várias respostas originais aparecem simultaneamente em vários alunos duma mesma classe. Tinha sido também mais interessante, que sob o ponto de vista psicológico a grande maioria dos trabalhos não tivesse sido corrigida pelos professores. Chegaram-nos às mãos respostas de crianças duma escola da Ilha da Madeira, escritas em pedaços de papel, alguns até sujos e amarrotados, mas cuja espontaneidade(sic) e comovedora ingenuidade em nada se comparam com as dos se trabalhos limpos e as frases correctas e sem erros de tantas outras respostas. (...) É evidente que é digna do maior apreço a boa vontade dos professores que colaboraram nesta iniciativa (...) mas permito-me sugerir que(...)para aplicar qualquer prova tem que deixar de ser professor, isto é deve abolir uma atitude didáctica e pedagógica, deve esquecer-se que habitualmente ensina e corrige, para se limitar a ser observador e a aceitar como boas todas as

respostas dos alunos, quaisquer que elas sejam.(...) que a criança seja verdadeiramente livre do constrangimento a que a força o trabalho escolar(...) sem desprimor para o professorado é aconselhável que os trabalhos deste tipo sejam apresentados às crianças por pessoas estranhas à escola (...)cm numerosas respostas que nos chegaram às mãos as crianças pediram aquilo que sabem que devem pedir e não aquilo que intimamente desejariam (...) prova não deve também ser aplicada simultaneamente a toda a classe, mas a pequenos grupos, já para evitar que as crianças copiem e troquem impressões(...) Poderemos comparar, por exemplo, as preferências dos rapazes com as das raparigas, as dos meios rurais com as dos meios urbanos e marítimos, as dos alunos do ensino primário com as dos alunos do secundário, as das crianças das escolas oficiais com as das crianças das escolas particulares que pertencem geralmente a meios sociais diferentes. (...) curioso neste aspecto as respostas dos meninos das escolas particulares de Lisboa, que pedem foguetes interplanetários e outras coisas semelhantes, com as respostas dos rapazes dos meios rurais e marítimos que pedem «uma camioneta para o pai poder ganhar melhor a vida», «que não aconteça mal ao pai que anda no mar», «mais dinheiro», «uma casa melhor», «trabalho para eles no futuro». (...) (ONF, Ago.1956).

O estudo incidiu sobre “(...) 308 respostas de meios rurais sendo 93 de rapazes e 215 de raparigas e 119 respostas de meios marítimos, sendo 59 de rapazes e 60 de raparigas(...)”. Apesar dos erros detectados na aplicação da iniciativa, a autora considera que o estudo pode ser útil porque lança alguma luz sobre “(...) psicologia diferencial dos sexos mas também sobre a acção exercida por meios diferentes no estabelecimento e orientação dos interesses predominantes nas crianças. (...)” (ONF, Dez. 1956).

Como conclusão constata a diferença existente entre os pedidos dos rapazes e raparigas, de ambos os meios e “(...) As diferenças entre os dois sexos variam com o meio o que nos leva a concluir que não devem existir preferências que sejam próprias dos sexos, independentemente das condições do ambiente em que vivem, e o que deve suceder é que rapazes e raparigas reagem de modo diferente em condições idênticas. Tratar-se-á portanto de formas diversas de reagir e não de qualquer coisa imutável que distingue sempre e em todos os lugares, os sexos entre si(...)” (ONF, Dez. 1956). Como se vê por esta afirmação mesmo em meios e com investigadores de assumida oposição ao regime o problema do “género” ainda não conseguia ser devidamente equacionado:“(...) as raparigas no meio rural pedem mais vezes dinheiro do que os rapazes (...) talvez por

estarem em contacto com as dificuldades económicas das mães(...)”(ONF, Dez. 1956. p. 15).

Os últimos concursos que aqui consideramos de carácter educativo - *Conheça os seus alunos* - Mar. 1958 e *Vamos dar um bocadinho de alegria às Crianças deficientes!* - Ago. 1958, vão ter alguma aceitação por parte das professoras a quem se destinavam mas nada de comparável ao que acabamos de descrever. Sobre este último, dirigido apenas a crianças deficientes, exemplo de discriminação positiva, como hoje diríamos, daremos mais indicações quando analisarmos as questões que se prendem com a forma como as necessidades educativas especiais, a *Clínica de Recuperação de Ambliopes* e a participação de Maria Lúcia Vassalo Namorado como sócia da *Liga de Deficientes Motores* são abordadas em *Os Nossos Filhos*.

Outros concursos como *Saber um pouquinho mais: Secção cultural dirigida por Matilde Rosa Araújo: Maio 1952* ou o *Concurso Literário para professores e professoras do ensino primário*<sup>664</sup> ou qualquer um dos outros que mencionámos no quadro acima incluído não são por nós analisados uma vez que não se enquadram dentro do tema que nos orienta este trabalho.

Houve ainda outros concursos como o dos *Ditos infantis* que podiam revelar o “(...) raciocínio e precocidade das crianças (...)” (ONF, Out. 1943) e que Maria Lúcia Vassalo Namorado já havia introduzido na sua secção da *Página das Mães* em *Modas & Bordados* (ex: 26 Mar. 1941) quando aí trabalhara.

Outro Concurso que ocupou muito do tempo de Maria Lúcia Vassalo Namorado e das páginas da revista de *Os Nossos Filhos* foi o *Concurso de fotografias de crianças*, de Mar. 1948 até n.º 78 de Novembro de 1948 que será continuado mais tarde, como se vê no quadro, pelo *Concurso da Grande e Linda Roda de Os Nossos Filhos*.

A ideia de promover concursos de *Beleza infantil* não é exclusiva de *Os Nossos Filhos*. Em Janeiro de 1921 a revista *Modas & Bordados*, com início em 12 de Janeiro desse ano, havia lançado um “(...) *Concurso Sensacional de Beleza infantil* intitulado *A Mais Linda Criança*, com fotografias e um só desenho, no cabeçalho, por Rocha Vieira. A publicação de fotografias prosseguiu como *Galeria dos Filhos dos Nossos Assinantes*

---

<sup>664</sup> Este concurso vai ser publicitado a partir da publicação de um conto de duas p. extraído do livro *Doze Histórias sem Sentido* de Manuela Porto com a indicação de: “(...) Gosta de escrever? Vamos dar-lhe oportunidade de se estreiar nas letras. Leia no próximo número as condições do Concurso (...)”(ONF, Jul. 1948).

(Ferreira, 1988. p. 42) e o mesmo acontecera com Portugal feminino que recorre a esse estratagema indicando essas crianças como futuros assinantes.

No número de Junho de 1954 é dada a informação de que “(...) Vai prosseguir a *Grande e Linda Roda dos Nossos Filhos!*(...) “(...) Agora não podemos adiar mais (...) Meninos de todo o Império Português vão dar-se as mãos, trocar um pensamento afectuoso, ao contemplarem-se nas páginas da nossa Revista — «nossa» de nós todos. Queridos leitores; começai já a fotografar os vossos amores pequeninos. Fixai, com o vosso Kodak, em lindas cenas de praia e de campo, as expressões, atitudes dos vossos meninos; fixai também os seus hábitos quotidianos— a hora do banho, da refeição(...) Utilizai película Kodak, e guardai a respectiva embalagem. Desta vez os prémios serão — como de costume— tentadores. E, se as fotografias que recebermos tiverem, como esperamos, a categoria das dos anteriores faremos com elas uma linda Exposição<sup>665</sup>. (...)”(ONF, Jun. 1954).

Este concurso é uma espécie de concurso de beleza e de iniciativa para recolha de fundos para assistência. Para poderem participar no Concurso da *Grande e Linda Roda de Os Nossos Filhos* as senhoras tinham de seguir rigorosamente as instruções que foram sendo publicadas na revista. Quando Slavina Dias Bettencourt enviou a fotografia dos filhos sem a doação para os pobres não pode ser publicada. Para o ser era necessário: “(...)boletim devidamente preenchido. Não querendo cortar a revista pode copiá-lo para uma folha de papel mas é indispensável copiá-lo tal como vem publicado; só então a fotografia será admitida (...)” (ONF, Ago. 1951).

O júri deste Concurso foi composto por Maria Keil, Vera Bordallo Pinheiro e Directora (ONF, Mar. 1952) e houve pelo menos um caso em que a criança premiada também o havia sido noutro concurso: A criança que venceu o “prémio de expressão até 2 anos” foi a mesma que venceu o Concurso Foto-Nestlé, cuja foto foi publicada na contracapa do n.º 117 sem nome e que volta agora a ser publicada neste n.º 118 com nome (ONF, Mar. 1952).

Anos mais tarde, como veremos neste trabalho, Maria Lúcia Vassalo Namorado vai usar a designação deste iniciativa para se lançar na publicação de livros infantis. Será a criação dos *Livros da Grande Roda* de que nos ocupamos também neste trabalho.

### **Difusão e distribuição – questões gerais**

---

<sup>665</sup> Sobre esta ideia de Maria Lúcia Vassalo Namorado veja-se a proposta que apresentamos na conclusão deste trabalho.

A par das assinaturas, das campanhas de angariação de novas leitoras e concursos, outras formas de difusão e distribuição da revista *Os Nossos Filhos* foram ensaiadas e serão agora analisadas. A Revista *Os Nossos Filhos* era vendida em Tabacarias, no caso de venda avulso. Também havia a possibilidade de assinatura e esta era a forma comum de divulgação e fidelização de leitores. Maria Lúcia Vassalo Namorado fez alguns Concursos em que o prémio a atribuir eram assinaturas trimestrais, semestrais ou mesmo anuais da Revista. Para além destas modalidades havia ainda a possibilidade de ofertas a médicos, enfermeiras parteiras e advogados que poderiam colocar alguns exemplares nas salas de espera dos seus consultórios ou o envio de uma circular /scanner/ em que, após identificação da Revista e dos seus objectivos se informava o(a) destinatário(a) de que caso não restituísse a revista “(...) na volta do correio, sem a danificar (...) A não devolução no prazo de 8 dias significará que V. Ex<sup>a</sup> nos honra com a sua assinatura, e procederemos à cobrança de um trimestre(...)” (Caixa 22. Maço 3). Ao mesmo tempo pedia-se, ainda, que a pessoa que assim recebia a revista fizesse “(...) a sua propaganda entre as pessoas das suas relações(...) /e que/ nos obtenha, pelo menos, mais um assinante(...)”.

Como já referimos, as revistas podiam ser oferecidas, permutadas ou vendidas - avulso ou por assinatura. As referências a ofertas na correspondência é numerosa. Muitas senhoras agradecem o envio, gratuito, da publicação. Estão neste caso, entre muitas outras, Maria da Luz de Deus (Ponces de Carvalho). Outras, quando referem não a poder mais assinar, recebem-na por decisão da directora. Outras, como certas amigas de Maria Lúcia Vassalo Namorado, como Virgínia Faria Gersão, ou algumas instituições<sup>666</sup> como o *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* recebem-na também desta forma, o mesmo acontecendo a familiares, entre os quais se contam a sobrinha que vivia em Moçambique ou a prima Maria Lamas que a recebe não só em casa como na prisão. As(os) colaboradoras(es) também a recebem sem qualquer pagamento, sendo que, algumas vezes é por nelas terem artigos publicados e outras é porque a directora da revista não lhes cobra a assinatura. Outras vezes, são os pedidos

---

<sup>666</sup> No *Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho* apenas existem hoje 13 números da revista: os primeiros 9 números, publicados entre Junho de 1942 e Fevereiro de 1943. Só dez anos depois tem o n.º 136, de 1953 e, no último ano da publicação da revista como mensal, tem o trimestre correspondente aos números 188 a 190. No *Museu João de Deus*, em Lisboa, existe uma colecção completa, encadernada.

de ofertas enviados por Hospitais, Casas de assistência ou mesmo da prisão<sup>667</sup> que são satisfeitos pelo envio de números até atrasados. Da leitura dos dados que conseguimos encontrar no *Espólio*, num bloco de notas manuscrito<sup>668</sup> (Concorrente. Caixa 21. Maço 2), sobre o movimento de cerca de catorze números da revista – do número 134 ao número 147- durante o período que medeia entre 27 de Janeiro de 1953 e 3 de Setembro de 1954 podemos constatar que vão ser oferecidos 641 exemplares a colaboradores e vão ser dados 737 para ofertas. A este número há que acrescentar, para permutas, que não sabemos com que publicações eram feitas, um total de 225 exemplares, ficando ainda 4 exemplares de cada número para a directora, num total de 56 fascículos, três para o Arquivo, num total de 42, assim como um total de 37 fascículos para as empregadas. Por vezes, como acontece com o *Colégio Moderno*, de Lisboa, em que o número com reportagem foi oferecido para essa instituição educativa, num total de 200 exemplares do mesmo número, o mesmo acontecendo para o número 145, em que a reportagem sobre o *Colégio Brotero* do Porto, foi publicada, teremos a ideia do ‘prejuízo’ que dava a revista. Para esse mesmo período constatamos que, vendidos à “(...) unidade(...)” foram apenas 60 exemplares, sendo 30 para cada um dos números 134 e 135!

Os pedidos de assinaturas eram feitos quer directamente para *Os Nossos Filhos* quer para representantes da mesma em diversas localidades. A revista foi lida, como se pode confirmar no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* e como já mostrámos em capítulo anterior, em diversas localidades do país, incluindo as Ilhas e outros locais do “Império”. Da leitura de alguns dos documentos do *Espólio* ficamos a saber que houve diversos agentes na província, como Artur Cabral, M. Silva Braga no Porto ou em Lisboa, a designada *A Elegante de Benfica* (Caixa 21. Maço 2). Na Guiné ela é comprada à unidade por Hortênsia Áurea de Sousa Martins, funcionária dos Ctt, que diz: “(...) compro-a com regularidade a um barbeiro Costa que aqui a distribui(...)” (Bissau. 17 de Maio 1951. Caixa 12. Maço 3).

---

<sup>667</sup> Cf. carta de 20 Fev. 1954, enviada por “(...) Adriano Rosário Pereira, filho que os pais esqueceram, filho de 1 momento de amor, recluso-sacristão da Capela da cadeia de Monsanto (...)” para quem a leitura da revista “(...) é grande lenitivo para quem sofre esquecido e abandonado...mesmo atrasadas não importa...(...)” (Lisboa. Caixa 34. Maço 2).

<sup>668</sup> Já referido no subcapítulo sobre tiragem da revista.

Como distribuidores assim designados temos, desde o início, a *Livraria Bertrand*, na R. Garrett, n.º 73, em Lisboa embora em 1942 a directora da revista ainda tenha ponderado entregar a sua distribuição à *Editorial Organizações, Lda* que era também a proprietária da revista *Eva*, distribuidora dessa mesma revista e ainda de *Mosquito*, *Panorama*, *Revista de Turismo*, entre outras (Carta<sup>669</sup> do Administrador delegado a *Editorial Os Nossos Filhos*. 22 Maio 1942.Caixa 29.Maço 3). A empresa *Publicações Europa – América*, da Rua das Gáveas, 6 LISBOA (...)” (ONF, Set. 1948), que fora fundada em 1945 por Francisco Lyon de Castro, um outro crítico do regime vigente, vai aparecer com a distribuição exclusiva da revista, para o Brasil e pensamos que a ela tenha sido também atribuída essa tarefa para Portugal. A partir de Outubro de 1957 a distribuição de *Os Nossos Filhos* para agências será assegurada por uma agência que se havia formado e que tinha sede no bairro onde era também a da revista: a *Agência Portuguesa de Revistas* sita na Rua Saraiva de Carvalho, 207 (ONF, Out. 1957).

Depois das provas revistas e da entrega pela *Bertrand & Irmãos* sabemos que as revistas que iam para fora de Lisboa eram “(...)enroladas em papel pardo mais fino, acastanhado e no final levava um fio para a pessoa poder puxar. Esta embalagem era colada sendo a cola era feita com farinha, cozida ao lume, em casa de Maria Lúcia Vassalo Namorado, por ela ou Maria Helena Torres Peres. Depois era tudo ensacado e havia uma carroça que vinha buscar aquelas sacas. Esta funcionária ia então de eléctrico até ao Terreiro do Paço para aí fazer a expedição (Entrevista em 11 Jan. 2005).

Tal como tinha acontecido muito frequentemente em *Portugal Feminino*, a revista vai ter, assiduamente, sobretudo nos primeiros anos da sua publicação, a informação da inscrição de novos assinantes, agradecimentos a todas(os) assinantes que propõem nomes de outras(os) para o serem (como referimos anteriormente) ou ainda apenas de pequenos assinantes, que a certa altura, parecem querer rivalizar uns com os outros no sentido da criança futura assinante ter idade inferior às anteriormente registadas como tal. Apenas a título de exemplo<sup>670</sup> aqui deixamos um dos muitos números em que este movimento e expediente é noticiado: “(...) Novos assinantes: Maria do Amparo Carvalho Morais, de Mirandela; Armanda Pinheiro Feio, de Cabeço

---

<sup>669</sup> A resposta da Editorial que foi enviada em 4 de Junho desse mesmo ano não se encontra junta.

<sup>670</sup> Durante a fase da recolha de dados da revista foram introduzidos na base da mesma todos os nomes de todas(os) as(os) novas(os) assinantes e respectivas(os) proponentes indicados na revista (Cf. Base *Os Nossos Filhos*, *Apêndice ao Cap. 4* deste trabalho).

de Vide; Maria Emília Rodrigues Pontes Fernandes, de Vinhais; Lúcia Gago da Silva<sup>671</sup>, de Setúbal; Maria do Rosário Mirrado Farraia, de Sernache do Bonjardim; Gina da Cunha Silva, da Amadora; Maria Regina Pessoa Lopes, de Lisboa; Alzira Rodrigues Leite, de Lisboa; dr. Armando dos Santos Pereira<sup>672</sup>, ilustre reitor do Liceu de Fernão de Magalhães, de Chaves; Luís João Amaral Ferreira, de Lisboa; Dr. Manuel Miranda, de Lixa; Dr. Abílio Raimundo, de Penamacor(...);” como “(...) assinantes pequeninos: a menina Maria Helena Faria Gargalo de 1 ano, Setúbal; menino Manuel Guilherme Rodrigues Roldão, Quinta das Nespereiras, Marinha Grande; Maria Isabel Oliveira Fagulha, de 6 anos, de Faro; Alice de Berga Eira, Quinta das Veigas, Marvila; Gemeniano Augusto da Costa Cascais Franco, de Sesimbra; Maria Júlia Pereira Baptista Russo, de Lisboa; Idalina Maria dos Santos Pereira Martins, de 3 anos, de Lisboa; João Henriques Latyno de Castro Antunes, 3 meses e meio, do Crato(...)actualmente assinante mais pequenino (...)” e agradecimentos a “(...)prezada colaboradora Maria de Jesus Mateus de Oliveira Mendes tiveram gentileza de obter novos assinantes(...)” (ONF, Jul. 1943).

No sentido de dar mais leitoras(es) à revista, Maria Lúcia Vassalo Namorado faz publicar diversas folhas volantes sobre a revista /scanner/, que distribui porta a porta que inclui dentro da revista ou ainda dentro das publicações da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social* que para tal se oferece. Diversos e inúmeros são também os apelos

---

<sup>671</sup> Mãe da actual presidente e de uma das secretárias do *Instituto Politécnico de Setúbal*.

<sup>672</sup> O *Liceu Nacional Fernão de Magalhães* fora assim designado em 1919; em 1947 passa a denominar-se apenas *Liceu Nacional de Chaves*. Este reitor, que será substituído em 1945 por Artur de Almeida Carvalho Júnior, exerceu ali funções entre 1941 e 1945 (Nóvoa, org. 2003. p. 188-189); ele tem cartas no Espólio: uma de 20 de Setembro de 1943 (Caixa 16. Maço 1) em que está em Viseu onde tem casa e propriedades e percebemos ter recebido, como oferta, um livro da directora de *Os Nossos Filhos* e sido convidado por Maria Lúcia Vassalo Namorado para escrever um artigo para a revista; outra enviada de Chaves, onde é reitor do Liceu, de 16 de Novembro de 1943 (Caixa 16. Maço 1) em que envia uma lista de possíveis assinantes: “(...) Satisfazendo pedido de V. Exa, envio uma lista de Sr.as casadas com filhos pequenos a quem pode interessar a revista: Adelaide de Almeida Melo, Sto Amaro, Maria Justina Saldanha Mesquita, Av da Estação, Leonor Cachapuz Rocha, R. dos Longras, Cesaltina Alvares dos Santos, Terreiro de Cavalaria, Maria José Aguiar Fernandes, do Terreiro de Cavalaria, Josefa Guimarães de Carvalho, Maria José Tavares de Figueiredo da Escola Nun'Alvares, Deuladeu Monteiro Costa, Escola Filipa de Vilhena e Maria José Granjo (...) das poucas pessoas que conheço (...) não sou daqui (...)” e ainda uma última em que informa que, (Carta de 24 de maio 1946. Caixa 2. Maço 3) em que refere ter sido exonerado, a seu pedido, do cargo de reitor do Liceu de Chaves, de ter fixado residência em Viseu do quadro de cujo Liceu faz parte e de ser director de um semanário que não identifica.



às(aos) assinantes, publicados em *Os Nossos Filhos*, de forma a levá-las(os) a ajudarem na divulgação da revista. Transcrevemos alguns desse apelos porque eles mostram bem a necessidade de difusão da revista. O texto usado para explicitar o pensamento de Maria Lúcia Vassalo Namorado é bastante interessante: ele mostra como a directora da revista sabe bem o público que quer atingir. Um dos primeiros pedidos feitos, refere que: “(...) o melhor presente que se pode oferecer a uma jovem mãezinha é uma assinatura de *Os Nossos Filhos* porque constitui um brinde utilíssimo, bonito e económico, que se repetirá durante alguns meses. Sempre que a contemplada receba a Revista pensará com ternura na pessoa que lha ofereceu e dirá, encantada e reconhecida, no íntimo do seu coração: F... Teve uma lembrança deveras gentil!(...)” (ONF, Fev. 1943). Estávamos ainda longe dos *cheques oferta* hoje tão em voga...

Esta sugestão de oferecer a revista como presente será reforçada ao longo de vários anos, continuando a insistir-se na ideia da oferta a “(...) uma jovem mãe(...)” (ONF, Abr. 1954), no “(...) melhor brinde para uma senhora porque interessa, distrai, encanta e educa (...)” (ONF, Fev. 1944) ou tão só como oferta “(...) às suas amigas de uma lembrança que seja na verdade útil (...)”(ONF, Fev. 1954).

Vejamos uma listagem com os diversos ‘slogans’ que são publicados na revista, em alguns casos chegando a ter mais do que um, no mesmo fascículo:

Quadro nº44.: Divulgação de *Os Nossos Filhos*:

Texto	Fonte
Divulgar "Os Nossos Filhos" é servir a Criança portuguesa	05-1945
De emissão para emissão aumenta p interesse pelos programas organizados pela nossa Revista(...) e perdoem se insistimos neste pormenor de capital Importância — que as nossas fiéis leitoras façam a maior propaganda das nossas emissões. Durante o corrente mês de Junho, os nossas emissões terão lugar nos dias 13 e 27, às 19 horas e 45 minutos, em RÁDIO CLUB PORTUGUÊS	06-1945
OS NOSSOS FILHOS a maior amiga das Mães e das Crianças portuguesas	01-1946
Leia e divulgue Os Nossos Filhos /repete cinco vezes/	02-1946
Divulgar Os Nossos Filhos é um dever de todos aqueles que se interessam pelas crianças portuguesas e pelas prosperidades de Portugal	08-1946
Compre leia ofereça divulgue ONF e terá prestado um bom serviço às crianças portuguesas	09-1946 e 11-1946
A criança é o futuro e a riqueza da Nação. Defenda-a, divulgando os conselhos de « Os Nossos Filhos ».	08-1947
Interessa-se pelos problemas infantis? Colabore connosco. Não sabe como? É muito simples: Leia atentamente «.Os Nossos Filhos. Analise por si próprio os problemas que aqui	08-1947

apresentamos. Divulgue o mais possível «Os Nossos Filhos», transmita aos indiferentes o seu interesse pela Criança	
O melhor brinde para uma senhora é uma assinatura de "ONF" a mais útil revista portuguesa	05-1948
Ofereça à sua amiga uma assinatura de Os Nossos Filhos	08-1948
Não sabe o que há-de oferecer à sua amiga? Ofereça-lhe uma assinatura de «Os Nossos Filhos». Não há lembrança mais útil e económica. Porque ela contribuirá poderosamente para a saúde e felicidade da sua amiga.	03-1950
A todos os nossos Amigos — Colaboradores, Assinantes, Leitores, Anunciantes e Agentes, e Imprensa da Província - agradecemos a simpatia e o interesse com que têm acompanhado publicação da nossa Revista.	06-1950
<Se não se interessa por que «Os Nossos Filhos» entrem em todos os lares, é porque não pode avaliar a necessidade urgente que há de ensinar, auxiliar, aconselhar as mães a cuidarem de si próprias e dos seus filhos.	06-1950
Se pensa que não precisa de «Os Nossos Filhos», lembre-se de que muitas mães precisam dela....'Portanto não seja egoísta, e ajude a manter «Os Nossos Filhos» divulgando-a, a bem de milhares de mães e de crianças.	06-1950
Se a sua amiga tem filhos e lhe quer prestar um bom serviço, ofereça-lhe uma assinatura de Os Nossos Filhos	06-1951
A melhor lembrança para uma senhora que espera bebé é uma assinatura de "OS NOSSOS FILHOS"	09-1951
Muitas senhoras já adoptaram o hábito de presentear as suas amigas que esperam ou têm bebé uma assinatura de «Os Nossos Filhos»; porque este é o presente mais útil e mais próprio para as Mães e, mais económico para quem oferece; é ainda um presente que se renova todos os meses, enquanto a assinatura durar.	01-1952
Divulgar «Os Nossos Filhos» é contribuir para a felicidade das mães e das crianças portuguesas	03-1952
Aconselhe às suas amigas a leitura de "Os Nossos Filhos"	04-1952
Se quer ser amável para 1 jovem mãe e oferecer-lhe 1 lembrança verdadeiramente útil, ofereça-lhe uma assinatura de Os Nossos Filhos (...). Tem a vantagem de ser um presente económico, apreciado, que se repete todos os meses.	11-1952
O Melhor presente para uma jovem mãe é uma assinatura de Os Nossos Filhos	09-1953
Ofereça às suas amigas uma assinatura de ONF um PRESENTE GENTIL, UTILÍSSIMO, ECONÓMICO, QUE Se RENOVA TODOS OS MESES	10-1953
Leia Assine Divulgue «Os Nossos Filhos» e terá prestado um bom serviço às crianças portuguesas	09-1954
Um presente de Natal útil, delicado, económico? Uma assinatura de «Os Nossos Filhos».	12-1954
Um dos próximos números Os Nossos Filhos será dedicado à maravilhosa ILHA VERDE. Ofereça à sua amiga uma assinatura de OS NOSSOS FILHOS	05-1955
Um bom presente para a sua amiga? Uma assinatura de «Os Nossos Filhos"	09-1955
Se se interessa verdadeiramente pela CRIANÇA ofereça, como prendas de Natal e Ano Novo, assinaturas de "Os Nossos Filhos»	12-1955
Leia e divulgue « O s Nossos Filhos» terá contribuído para a felicidade das nossas crianças	02-1956

Leia, assine divulgue Os Nossos Filhos	03-1958 e 04-1958
Leia, assine divulgue Os Nossos Filhos e terá prestado um bom serviço às mães e às crianças portuguesas	05-1958
Se quer contribuir para a felicidade das Mães e das Crianças Portuguesas, leia, assine, divulgue Os Nossos Filhos	06-1958
Leia, assine divulgue Os Nossos Filhos e terá prestado um bom serviço às crianças portuguesas	08-1958
Se quer contribuir para que as nossas Crianças sejam: Saudáveis, Alegres, Bem educadas. Felizes, — divulgue os ensinamentos que «Os Nossos Filhos» põe ao alcance das Mães Portuguesas	09-1958
Para as jovens Mães e para as Professoras, o melhor, o mais útil, o mais apreciado brinde é uma assinatura da Revista <OS NOSSOS FILHOS> Eis um presente económico para quem oferece mas que se repete todos os meses para quem recebe. Divulgar «OS NOSSOS FILHOS» é contribuir para a educação das Mães e para a felicidade das Crianças	11-1958

Estes pequenos textos estão colocados como anúncios à revista, como acontece com o que é publicado no número de Natal de 1954, ou simplesmente como frases em rodapé de algumas das páginas (ONF, Mar. 1952) ou no canto inferior direito da página como se pode ver no número de Novembro de 1952.

Para apoiar a difusão da revista Maria Lúcia Vassalo Namorado vai estabelecer, com a *Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses*, um *Acordo para publicação de anúncios e comunicados...*<sup>673</sup> /scanner/, realizado em 22 de Agosto de 1944.

Na revista deviam ser publicadas “(...) sem outra compensação ou retribuição além das que lhe são conferidas pelo presente acordo, quaisquer anúncios ou comunicados que, para esse fim, lhe sejam enviados pela Companhia (...)” (Art.º 1), na primeira página (...) 12 vezes por ano, ou seja, em todos os seus números visto a publicação ser mensal, até quarenta linhas de qualquer notícia ou reclame que para o mesmo fim a Companhia lhe envie (Art.º 1), a /revista/ enviará à Companhia quatro exemplares de cada número das suas publicações (...)” (Art.º 2); a Companhia concede (...): transporte gratuito, para as estações das linhas actualmente exploradas pela Companhia, de pacotes das suas

<sup>673</sup> Exemplar em folhas de papel selado, com 3 páginas dactilografadas, intitulado *Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses Sociedade Anónima de responsabilidade Limitada - Acordo para publicação de anúncios e comunicados realizado com a Editorial Os Nossos Filhos Limitada, proprietária da revista Os Nossos Filhos*. Este documento, de cinco artigos, foi aprovado pela Comissão Executiva da CP em 9 de Agosto de 1944 e assinado por dois membros da Comissão Executiva da empresa e por Maria Lúcia Vassalo Namorado e Silva Rosa, em representação de *Os Nossos Filhos*. (Caixa 22. Maço 3). Colocamos aqui a referência a este *Acordo...* uma vez que nos pareceu mais indicado referi-lo nas formas de *difusão* e *divulgação* da revista do que depois quando analisamos os anúncios publicados em *Os Nossos Filhos*.

revistas (...) enviadas aos seus correspondentes e o transporte gratuito das revistas devolvidas (Art.º 3). Este acordo, feito “(...) por tempo indeterminado(...)” (Art.º 5) poderia terminar desde que o aviso fosse feito por carta registada. A maior parte do clausulado deste *Acordo...* não foi cumprido pela revista embora muitos sejam os textos publicados, na dita primeira página, mais correctamente, no verso da capa, sobre a actividade da *Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses*. Como exemplo mais frequente refira-se:“(...) “(...) A CP transporta pequenos volumes através do seu de «Tarifas», com rapidez, segurança e poucas formalidades. Sempre o mesmo preço, qualquer que seja a distância a correr, ainda Que vá de um extremo a outro, do País. «Tarifa» até 5 Kgs. 3\$50 «Tarifas até 10 Kgs. 7\$00 «Tarifa» até 20 Kgs, 14\$00 Utilize na C. P. O serviço de «Tarifas». (...)”(ONF, Fev. e Abr. 1954). Também o número de exemplares que a revista devia entregar à Companhia, “(...) quatro exemplares de cada número das suas publicações, sendo dois para a *Administração*, Calçada do Duque, n.º 20 e dois para a *Direcção Geral*, Estação de Santa Apolónia (...)” (parágrafo único do Art.º 1) não foram entregues se tivermos em conta o que encontramos no já referido bloco de notas manuscrito (Concorrente. Caixa 21. Maço 2). Nele se regista que, apenas se enviou como “(...)Avença da CP(...)” um conjunto de oito exemplares do fascículo número 139, ou seja, o número de Dezembro de 1953.

Um outro aspecto que devemos analisar neste subcapítulo é o da publicação e distribuição da revista fora de Portugal.

Depois do final da 2ª Guerra, Maria Lúcia Vassalo Namorado terá a ideia de fazer publicar a revista também no Brasil. É essa a informação que dá em Setembro de 1945: “(...)Queridas Amigas: quanto tempo desejo dar-vos e pedir-vos noticias! As grandes dificuldades criadas pelo monstro da guerra não mo têm permitido; mas agora, que a abençoada pombinha abre sobre a velha Europa as asas brancas e macias, o meu primeiro cuidado é escrever-vos. As nossas crianças saltitam e gorgem em plena liberdade das «férias grandes»...Como elas gostariam de meter pela grande estrada atlântica, e dar as mãos às crianças brasileiras! Estas folhas de papel, novas caravelas de fraterno amor, pela primeira vez irão poisar nas vossas mãos, queridas irmãos do Brasil. E futuramente, pontualmente, a visita se renovará — se acaso vos agradar. Mães portuguesas de além Atlântico, recebei as saudades de tudo o que na vossa terra ficou. Mães brasileiras, aceitai esta mensagem que vai da «pequena casa lusitana», ditada por aquela firme e orgulhosa ternura que nos faz amar-vos como a nós mesmas (...)” (ONF, Set. 1945).

Ao mesmo tempo, ou seja, ainda no mesmo ano de 1946, será Maria Luísa Silva Neves<sup>674</sup>, que conhece Saudade Cortesão assim como Judite Cortesão e Agostinho da Silva<sup>675</sup> (Carta de 8 Abr. s.d. Caixa 77. Maço 7), que se irá ocupar do lançamento da revista *Os Nossos Filhos* no Rio de Janeiro. Também ela faz apreciações diversas e considerações sobre a revista: “(...)Mostrei a revista a um grupo de pessoas que trabalham nestes assuntos e eles gostaram bastante, embora achem que seria muito bom tirar a maior parte dos diminutivos (sic) que nós usamos com frequência, mas que eles aqui acham muito ridículo. Além disso, também pensam que apara a revista ser bem aceite aqui, teria que ter páginas menos cheias, isto é, mais simples, como acontece na p. 15 do número 43, da qual eles gostaram muito. Não imagina o que tenho andado para que se interessem pelo assunto. Há uma rapariga portuguesa- Saudade Cortezão- que tinha interesse em fundar uma revista de figurinos e que se interessou um pouco. Com estas modificações e ainda uma página tropical de figurinos, que daria também com a estação das nossas colónias(...)poder-se-á arranjar bastantes assinaturas porque não há nenhuma revista do género, no Brasil. Para vender ao balcão, diz ela que não merece a pena, naturalmente pela parte económica. Sabe que eu de comércio não percebo anda e aqui tudo trabalha com muito dinheiro. A Saudade acha que as assinaturas devem ser de 72 cruzeiros anuais. É o preço duma revista boa. Isto aumentará o preço avulso(...)e aqui deve estar a razão de não merecer a pena a venda avulso. Poder-se-á arranjar anúncios daqui o que será muito bom. Em última análise: acho melhor começar pelas assinaturas e depois(...) logo se fará...(...). Na mesma carta é dada nova sugestão a Maria Lúcia Vassalo Namorado: “(...) Propor um outro assunto que me parece muito importante: consiste em traduzirmos a revista para espanhol e introduzimo-la em Uruguay, Argentina, Chile e México. Isto parece à 1ª vista um castelo no ar, mas não o é...(Carta de Maria Luísa Silva Neves. 19 Maio 1946. Caixa 31. Maço 2).

Em carta posterior, Maria Luísa Silva Neves indica Saudade Cortesão como “(...)futura representante de *Os Nossos Filhos* no Rio de Janeiro (...)” e pensa que a revista teria saída uma vez que, a publicação que se dirigia às mães, *A Criança* já ali não se

---

<sup>674</sup> Da leitura da correspondência do *Espólio* ela foi enfermeira diplomada pela *Escola Técnica de Enfermeiras* do *Instituto Português de Oncologia* (cf. profissões femininas mais adiante), tinha o Curso de Comércio, foi sócia das *Publicaciones Silva Neves*, com escritório de representações da Argentina e Chile na principal avenida de Montevideo e ainda controladora técnica de dietética num fábrica (Caixas 77. Maço 7. Caixa 31. Maço 2, Caixa 35. Maço 2 e Caixa 60. Maço 2).

<sup>675</sup> Foi Agostinho da Silva que ofereceu a Aldejice o álbum *Lisboa vista pelas suas crianças* (Cf. adiante Iniciativas de *Os Nossos Filhos*) que ela colocou na Biblioteca de Monsaraz, onde esta última senhora fundara a “residência de Estudos” de Monsaraz (Cartas de Aldejice. 25 de Março e 5 de Setembro de 1975. Caixa 35. Maço 1).

publicava. Apresenta ainda todo o plano que deveriam seguir para lançar a revista por quase toda a América Latina:”(...) vamos ao assunto de Uruguay; a vida aqui é francamente superior(...) como que você fazer a tradução de *Os Nossos Filhos* para espanhol? Faz na *Editorial* ou quer que arranje alguém aqui que edite? Seria melhor aí (...) você mandaria para Espanha e para aqui pelo mesmo processo do que no Rio(...) barcos espanhóis fazem carreiras todos os meses para Argentina e passam por Montevideo(...). Em Uruguay posso-me encarregar do assunto e arranjar pessoas na Argentina e no Chile (...). Em Uruguay não existe nenhuma revista no género(...) penso que a Saudade Cortesão lhe irá propor em fazer uma propaganda explicativa referente à revista para mandar às casas cujas moradas nós possuímos em fichiarios(sic) com a capa da revista e uma folha explicando a finalidade e ainda o interesse que tem despertado em Portugal(...) tem outro processo para começarmos?(...). Julgo que *Os Nossos Filhos* poderá custar 6 pesos (?) cada peso custa 15\$ (...)” (...)” (Carta de 13 de Jun. 1946. Caixa 35. Maço 2).

O problema ainda não fora resolvido meio ano depois quando Maria Luísa Silva Neves, sempre mais optimista do que Maria Saudade Cortesão, escreve novamente para Lisboa: “(...)aprendi muito desde minha última carta para si(...)dizia eu numa das minhas cartas que revista *Os Nossos Filhos* no Brasil só dava para assinaturas(...) infelizmente Você ainda não me mandou dizer se tem dado resultado por assinaturas(...)a sua revista tem que dar resultado, sendo vendida, directamente ao público por todo o Brasil. A questão está em saber fazer as coisas. Cheguei, há dias do Brasil. Visitei todo interior do Brasil do Sul até ao Rio de Janeiro (...)milhares de km de comboio(...). Não existe nenhuma revista do género da sua. Só encontrei *O Cruzeiro*, com tiragem 170.000! e algumas revistas sem grande importância. Se conseguisse tirar 17.000 não ficava satisfeita?! O caso está em falar com Um distribuidor bom. Como faz V. a propaganda?. Deixemos o Brasil por um momento e vou falar do Uruguay e dos restantes jornais da América do Sul: Nem Uruguai, nem Argentina nem no Chile se publica nenhuma revista do mesmo género, no Paraguai, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Dominicana, Equador, El Salvador, etc. não tenho a certeza mas já mandei pedir informes. Como atacar este campo? Primeiro dominar Uruguai. Como dominá-lo sei eu por grande experiência (...). Para distribuir por vendedores, quiosques, livrarias, etc. são precisos mil exemplares Uruguay é o país que 2º estatística lê mais da América. Para assinaturas, é claro que depende, mas é natural que se chegue aos 500, de princípio. ASSIM, você REMETA, PARA ENTRAR NO Uruguay, pelo menos 2000 ex. O país a

atacar sem seguida seria a Argentina...aqui seria necessário(...)pelo menos 5 vezes mais do que no Uruguay; o resultado ninguém sabe mas a minha impressão é que vai ser bastante bom. Possuo um escritório de representações na principal avenida de Montevideo(...)e no palácio Diaz(...)esta minha descrição tão "pomposa" fora da minha habitual modéstia, só lhe quer dizer que aqui, na América, é essencial, para alguma coisa vencer e rapidamente, grande apresentação e, esta, já existe. Em Março ou Abril penso estar algum tempo na Argentina(...)porque estou fazendo um livro sobre cuidados a ter com a mãe e o bebé, em castelhano, que não existe nenhum...que batêssemos Uruguay antes desta data e que aproveitássemos a minha estadia na Argentina para vencermos os obstáculos mais directamente(...)Nos outros países, embora possa visitá-los brevemente, principalmente, Paraguay e Chile, arranjavam-se distribuidores podendo ser alguns deles os mesmos do "Reader's Digest". Assim V tornaria a sua revista internacional, com colaboração de Portugal, Brasil e destes países; eu seria a representante na América Latina, iria de 3 em 3 meses ao Brasil entender-me directamente com o distribuidor; faria o mesmo na Argentina, entender-me-ia por correspondência com os restantes, como já fazemos. Resumindo o plano: Primeiro Uruguay, depois de vendido, Argentina e os restantes países todos ao mesmo tempo(...)com respeito ao transporte é fácil agora porque começaram já, ou vão começar, os correios dos barcos ingleses. V. Mandaria os ex. para mim e eu encarregar-me-ia de distribuir pelos países daqui. Sobre propaganda basta fazer uma no rádio 15 vezes por dia na melhor emissora durante um mês, 2500\$ a 3000\$. Merece a pena, Maria Lúcia; aqui nas casas mais pobres ouve-se rádio (...)” (Carta de 10 Jan. 1947. Caixa 31. Maço 2).

Em 1946 sabemos que Maria Lúcia Vassalo Namorado havia tentado que fosse Maria Saudade Cortesão<sup>676</sup> a ficar com a representação da revista no Brasil. Fora-lhe indicada como tal por Maria Luísa Silva Neves (Carta de 13 Jun. 1946. Caixa 35. Maço 2). Depois de fazer algumas apreciações sobre o aspecto estético da revista, Saudade Cortesão apresenta, à directora da revista, o plano que deveria ser seguido para lançar ali *Os Nossos Filhos*: “(...)felicita-la pela bela realização que representa a sua revista(...) as sei dificuldades que teve de enfrentar e admiro o que já conseguiu(...). O texto, especialmente, me parece muito bom(...), a apresentação gráfica, ótima na capa, deveria

---

<sup>676</sup> Vejamos que as pessoas a quem a directora da revista se dirige são conotadas com a oposição ao regime: Maria Saudade Cortesão era uma das filhas de Jaime Cortesão.

talvez no interior da revista, para seguir as normas em curso neste país, ser um pouco simplificada: mais espaço em branco e menos desenhinhos pequenos como os que encabeçam as páginas. Mas isso são detalhes facilmente corrigíveis se me permito falar neles não é por espírito de crítica mas apenas para frisar a diferença que há entre o gosto daqui e o de Portugal. Brasil está sob fortíssima influência americana e agradam quase exclusivamente os padrões americanos. Não penso que seja possível lançar a revista, com uma certa latguesa (sic), sem uma campanha publicitária que a dê a conhecer(...). Os brasileiros têm uma forte prevenção contra tudo quanto é português (excepto em questão de comestíveis...) e precisam de "ser convencidos" previamente antes de comprarem qualquer coisa com rótulo de português e penso que maneira mais económica de dar a revista a conhecer- pois a publicidade é caríssima- seria:

1º- uma distribuição judiciosa de exemplares amostra grátis, jornais em que tenha amigos em que poderia conseguir uma referência, associações de puericultura, maternidades, escolas, etc.

2º- A venda nas bancas de jornais- o que só conseguiremos dando ao distribuidor 50% sobre o preço de capa escassa e pouco proveitosa de imediato mas(...)útil para habituar o público a tomar conhecimento da revista (...)posso ir obtendo assinaturas mas, sem campanha de que fala, não obteremos resultados muito compensadores(...).Penso para começar, redigir e enviar uma circular a possíveis assinantes, mas pelo menos em certos casos, um exemplar de amostra me parece indispensável. Quanto ao preço parece-me aceitável o que propõe para as assinaturas(...)para os números avulso saber 1º em quanto importariam despesas- distribuidor, taxas de alfândega, etc- antes de o fixar(...). Preço que propõe para os artigos é um pouco baixo para aqui - 200 cruzeiros é o corrente - ainda assim espero poder arranjar-lhe colaboradores de qualidade entre meus amigos(...)” (Carta de 10 Jul. 1946. Caixa 31. Maço 2).

Em nova carta, Maria Saudade Cortesão dá poucas esperanças de que a revista possa vir a ter sucesso no Brasil pois que “(...)ele acrescenta que outras revistas do género, brasileiras e argentinas, foram já tentadas e fracassaram...diz-me também, o que me espantou, que já tinha tentado, há algum tempo atrás, o lançamento de *Os Nossos Filhos*. Nada sabia sobre isso<sup>677</sup> o que me deixou numa situação um tanto embaraçosa. De acordo com ele, e com um livreiro que consultei, acabámos por fixar o preço da

---

<sup>677</sup> Cf. mais adiante neste capítulo, dados sobre a distribuição para o Brasil. Aqui a morada do distribuidor é diferente da que encontramos na revista: *Distribuidora Internacional*, Rua do Rosário 129, Rio de Janeiro.



revista em 5 cruzeiros, primeiro, como esse número já vem impresso na capa, facilita; segundo, porque, diz ele, é de todo impossível vendê-la mais cara(...) terceiro, porque sendo mais barata, a comissão do distribuidor também teria de ser mais alta, o que absolutamente não compensaria (...)” Ainda na mesma carta sabemos que esta senhora havia conseguido publicar um anúncio sobre a revista “(...)nos Catálogos da Livraria Livros de Portugal que tiram 5000 exemplares e sairão no próximo mês(...)”. Continuando a mostrar como pode ser difícil o lançamento da revista no Brasil, dirá ainda: “(...)As mães brasileiras que, como as americanas, vivem muito fora de casa - em empregos ou distrações- preferem encarregar os colégios da educação dos filhos...pessoalmente, é claro, acho que estão em erro, mas que fazer? Achei a revista bastante melhorada graficamente, especialmente o número de Junho com o emprego da cor no texto. Quanto a colaboração brasileira creio preferível esperar um pouco a ver se a revista "paga". Não lhe parece? As perspectivas por enquanto não são muito animadoras...mas vamos ver com venda de alguns números avulso (...)”(Carta de 1 Nov. 1946. Caixa 31. Maço 2).

Pelas cartas que se conservam no *Espólio* sabemos que Saudade Cortezão não terá dado o devido andamento á representação da revista no Brasil pois que, pouco tempo depois destas cartas, o prejuízo do envio da revista para aquele país vai rondar os 8000\$00, como a directora da revista menciona (Cartas de Maria Lúcia. Caixa 31. Maço 2).

O primeiro número em que se refere o representante no Brasil é o de Dezembro de 1946. Sem nenhuma chamada especial sabemos que será M. S. ZUZARTE Rua Ibituruna, 72, Rio de Janeiro e que a assinatura anual para esse país custa 60.00 cruzeiros (ONF, Dez. 1946). No mês seguinte não só continua a indicação do mesmo representante como é acrescentada a informação: “(...)Distribuidora Internacional Lda, Rua Teófilo Ottoni, 19, Rio de Janeiro(...).Todos os assuntos de *Os Nossos Filhos* são tratados no Brasil com o seu representante (...)” (ONF, Jan. 1947). O agente no Brasil vai mudar em Agosto de 1947 uma vez que temos a indicação de que passara a ter como “(...)Agentes exclusivos: Lins, Lda Avenida Erasmo Braga, 277 A loja Rio de Janeiro(...)” e que cada número avulso seria vendido a 4 cruzeiros. Neste ano a revista vai ter novo agente naquela ex-colónia: “(...)Agentes exclusivos LEONIDAS LACERDA P. Marechal Floriano, 55, 2-º RIO DE JANEIRO (...)” (ONF, Nov. 1947). Finalmente, em Setembro de 1948 a distribuição naquele país passa a ser assegurada por “(...)Distribuidores exclusivos: Publicações Europa - América Rua das Gáveas, 6 LISBOA (...)” (ONF, Set. 1948). A partir de Agosto de 1949 não há mais nenhuma

referência à distribuição<sup>678</sup> da revista no Brasil.

Sabemos que Maria Lúcia Vassalo Namorado não desistira da ideia de publicar a revista no Brasil pois que, por carta<sup>679</sup> da colaboradora *Clara do Prado* ou Eduarda Mattos que vai ser a correspondente de *Os Nossos Filhos* em Londres, sabemos que a directora de *Os Nossos Filhos* a encarregara de obter algumas informações sobre a vida editorial no Brasil porque a senhora lhe diz: “(...) Conversei com Dr. Moses<sup>680</sup>, judeu à testa do Jornalismo no Rio de Janeiro. Já não existe esse tal jornal “Momento feminino” (...). Também ninguém me disse nada da Dr. Nice Figueiredo<sup>681</sup>; Julga que Dr. Moses falou verdade quando disse que não tinha encontrado ninguém que quisesse a consignação da Revista(...) dificuldade em fazer pagamentos em Portugal (...) recorrem mercado negro de câmbios (...). Como o nosso Portugal está bem organizado e progride em comparação com isto (...) retomo amizades de infância e trabalho em 4 línguas: Inglês, Francês, espanhol e português(...). Espero fazer alguns artigos-entrevistas não há qualquer obra de beneficência ou protecção à criança que não seja sustentada pelo governo e mesmo essas(...) não são nenhuma perfeição(...). Tenho medo de me dirigir ao Dr. Moses porque ele me disse terminantemente que aqui não existe qualquer movimento feminino (...) a mulher é considerada e tratada como boneca(...) mulher geral/mente com situação privilegiada(...) Homens da família lutam por elas; elas obrigação de cuidar + ou - da casa, pintar as unhas e ir ao cinema: meninas só pensam casar; quando vida de casadas não lhes agrada, desquitam-se e formam logo a seguir casal com outro desquitado(...). Geralmente não há divórcio que permita outro casamento no Brasil, esses casais são aceites como normais (...). Muita rapariga formada mas ambição máxima é arranjar nicho no Governo (...) para ir assinar ponto a hora que convier. Para que hão-de elas querer progredir e lutar pela vida? As excepções estão a favor da destruição das favelas(...). Li um artigo numa revista muito lida aqui que, para acabar com a prostituição, se deveria dar impulso ao amor livre(...) queria que a coisa se fizesse de graça, sem ao menos o proveito monetário para essas desgraçadas?

---

<sup>678</sup> Deste último período datam também algumas das colaborações de brasileiras(os) em *Os Nossos Filhos*, como as de Nice de Figueiredo, em Fevereiro 1949, sobre a *Igualdade de direitos* (que referimos já neste trabalho) e outra de Moysés X. de Araújo, em Março seguinte, sob título *A Escola explicada aos pais*. A maior parte dos textos publicados em *Os Nossos Filhos* correspondem aos de uma brasileira Betty Katzenstein que, entre Janeiro de 1957 e Setembro de 1958, publica *Conversas com a psicóloga*.

<sup>679</sup> Carta dactilografada de 2 p. com anotações manuscritas na margem lateral esquerda da 1ª p. e no final da 2ª, a tinta azul. que, por lapso(?), estava no maço da sra. Maria José Lucas.

<sup>680</sup> Cf. se é o mesmo que escreve artigo referido na penúltima nota.

<sup>681</sup> Cf. nota anterior.

(...) Falar do que existe pior aqui do que em Portugal também não pode ser para a sua Revista (...). Por causa de desquites Pais querem dar cursos às filhas mas elas só pensam em casar e (...) brilhar no campo mundano (...). Concorda que isto não pode ser impresso na sua Revista? Tenho mais 2 meses à minha frente (...)” (Carta de 18 de Nov. 1949. Caixa 32. Maço 2).

Sobre o tema nada mais encontrámos na revista. Sabemos, no entanto, que foi vendida também noutros locais.

A revista foi distribuída em Lourenço Marques, Moçambique por um único agente: Anatole Marques, agente de vendas ou commercial agent import & export, de quem existem apenas dez cartas<sup>682</sup> no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*, entre Junho de 1948 e Março de 1957. A maior parte delas refere-se a envio de pagamentos ou a pedido de determinados números da revista. Sabemos que ali recebeu 230 exemplares do número 110 assim como 225 exemplares de cada número entre 110 e 114 (Carta de 3 Jan. 1952. Caixa 22. Maço 4). Em 1956 ainda envia pagamento de 140 exemplares do número 164 e 165 e de 160 exemplares do número 166 (Carta de 26 de Abr. 1956. Caixa 35. Maço 2). Os números que vai pedindo vão decrescendo, passando a 123 exemplares a partir de n.º 171 (Carta de 18 de ago. 1956. Caixa 35. Maço 2). Só no número de Outubro de 1957, sem que saibamos a razão, deixa de ter a indicação de que Anatole Marques era o agente naquela província.

### **Divulgação através de programas de rádio e televisão**

Para levar a sua revista junto de um outro público, aquele que dispunha de desafogo económico e que tinha rádio ou televisão, vai Maria Lúcia Vassalo Namorado criar programas específicos: emissões em *Rádio Clube Português* e na *RadioTelevisão Portuguesa*. Analisemos o conteúdo desses programas e vejamos como, a par de *Os Nossos Filhos*, eles podem ser vistos sob dois ângulos: por um lado, esta iniciativa servia para divulgar alguns preceitos e princípios para educação das mães; por outro, é usada para dar a conhecer a revista. Vejamos então de que outra forma se revestiu a difusão de *Os Nossos Filhos*, através de uma rádio privada e da televisão pública, a única então existente.

### **Programa radiofónico**

---

<sup>682</sup> Em diversas Caixas e Maços do *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*: Caixa 22. Maço 4, Caixa 28. Maço 1 e Caixa 35. Maço 2

Em Portugal, temos conhecimento de emissões de rádio desde, pelo menos, o ano de 1914, feita pela Rádio Hertz, fundada por Fernando Medeiros (Estrela, 2004. p. 86). Em 1928 é criado, por Jorge Botelho Moniz, o *Rádio Clube da Costa do Sol*, mais tarde conhecido por *Rádio Clube Português*. Em 1933, com a *Emissora Nacional* iniciativa de Duarte Pacheco, Ministro da Obras Públicas e Comunicação, em 1933 (Guimarães. 2002. p. 100. nota 252 ) inicia-se em Portugal uma outra forma de comunicar com um grande auditório. É o *Rádio Clube Português* que inicia, em 1934, com *As Lições do menino Tonecas* a “(...) produção de programas infantis(...)” (Estrela, 2004. p. 88). Só em 1936 consegue autorização do Governo “(...) para emitir publicidade , sendo que o seu tempo não poderia ultrapassar uma hora por dia(...)” (Estrela, 2004. p. 90).

Maria Lúcia Vassalo Namorado não vai ser a única senhora a ter um programa deste género pois que Maria Carolina Ramos e muitas outras senhoras também os orientavam. Outros programas radiofónicos de que temos conhecimento foram *Gente Nova*, *Programa das Mães* e *Sua alteza o bebé* orientados, no *Rádio Clube Português*, por Etelvina Lopes de Almeida, entre 1943 e 1948, portanto, contemporâneos de *Os Nossos Filhos*. Da Madeira chega a informação de que Beatriz Franco d’Almada, directora técnica de *Farmácia Almeida* no Funchal, licenciada em Farmácia, especialista em Higiene Alimentar, Visitadora Sanitária pela Direcção-Geral de Saúde de Lisboa, colaboradora, 3 filhos, em carta de 26 de Setembro de 1951 tinha um programa “(...) na Emissora local, onde faço de 15 em 15 dias a rubrica *O Quarto de hora feminino* e anunciei o número dedicado à Madeira e disse da utilidade da revista ser conhecida por todos os pais, professores e raparigas quee stão a preparar-se para serem amanhã mulheres esclarecidas e consciente. Como vê foi 1 caso muito falado(...)” (Carta de 26. Set. 1951. Caixa 41. Maço 2).

Também na Madeira, pela carta de Regina de Oliveira e Sousa<sup>683</sup>, datada de 19 de Março de 1954, sabemos que, no Funchal, havia um programa de rádio – *Meia Hora do Magistério Primário* - iniciativa de um grupo de jovens professores de que ela fazia parte “(...) entusiasmados e trabalhando com gosto para que se interessem e despertem para os problemas que os cercam(...)” e, nele fora lido um trabalho sobre testes que lhe iria mandar para que depois Maria Lúcia Vassalo Namorado lhe desse o destino que entendesse.

---

<sup>683</sup> Cf. Biografia em *Apêndice geral* pois é uma das senhoras que entrevistámos para este trabalho.

Também Isaura Correia Santos, uma outra colaboradora da revista *Os Nossos Filhos*, então temporariamente em Recife, no Brasil refere que espera vir a ter algumas emissões na rádio local pois “(...)tenho em meio a adaptação da "Minha Cruz" à Rádio que me dará uns 2000 cruzeiros na primeira transmissão com esperanças noutras(...)” (Caixa 41. Maço 1).

Em Angola, a existência de programas de rádio em que as senhoras participavam é reafirmada na carta de Virgínia (de Sousa) Ganho que, em Benguela, “(...) para vépera de Natal escrevi conto radiofónico que passou no Rádio Club(...)” (Caixa 32. Maço 2).

A rádio, através do programa radiofónico que irá criar, é um dos *meios* de que se serve Maria Lúcia Vassalo Namorado para educar as mulheres, sobretudo as que têm filhos pequenos e que vivem nas grandes cidades ou mesmo no campo, como veremos.

Com o programa ela queria, como se lê na carta que envia à *Emissora Nacional*, “(...) contribuir para que a Criança portuguesa seja, finalmente, criada e educada segundo as boas normas higiénicas e pedagógicas, com a consciência, elevação e também o optimismo e o bom senso que é urgente introduzir nos nossos hábitos, me arrojai, sem qualquer auxílio, e simplesmente para bem servir a nação, a lançar a revista *Os Nossos Filhos* (...) Desejo seria criar uma revista a preço acessível a todos os pais para que os seus ensinamentos cheguem a todos os lares. Porém, dadas as dificuldades da hora presente, e os poucos recursos de que dispunha, foi-me impossível realizar o meu sonho com a amplitude desejada (...). A revista tem sido bem recebida mas o seu preço é elevado para a grande maioria dos Pais (...) dada a impossibilidade de a baratear, imediatamente, pensei se poderia, recorrendo ao rádio, difundir os ensinamentos que os Pais, principalmente as Mães, tanto carecem (...)Tomo a liberdade de sugerir a V. Exa a emissão, pela *Emissora Nacional*, de programas organizados pela Revista de que sou directora /riscado/ radiofundidos 2 vezes por mês /acaba aqui o que está riscado/ e nos quais se incluiriam pequenas palestras e diálogos sobre puericultura e higiene, educação e problemas morais, crónicas de moda infantil, enfim tudo o que diz respeito à criança e ao Adolescente e para contribuir para a educação dos Pais (...)” (Caixa 24. Maço 1).

O Programa para as Mães organizado pela Revista *Os Nossos Filhos* (...) Uma Canção de embalar(...)”, com a duração de 15 minutos, quinzenal, às 19.45h, às 4<sup>as</sup> feiras (...)” (Caixa 43. Maço 2) foi uma iniciativa de Maria Lúcia Vassalo Namorado, aos microfones do *Rádio Clube Português*, em 1945. Ela propunha-se começar as

emissões em Março desse ano. Para apresentar a sua ideia dirigira-se, por escrito<sup>684</sup>, aos Directores daquela estação de rádio propondo uma estrutura simples:

“(…)1º- Um diálogo em que se dessem noções de puericultura, higiene e enfermagem.

2º- Anedotas, pequenos conselhos, noticiários, sugestões, etc...

3º- Uma pequena palestra sobre qualquer problema educativo ou social (só dentro do campo infantil, evidentemente). Estas palestras seriam constituídas por artigos publicados ou a publicar em *Os Nossos Filhos*, para o que já tenho autorização dos autores, onde figuram nomes eminentes da pediatria e pedagogia(…)”(Carta de 8 Fev. 1945. Caixa 43. Maço 2).

Nesta carta ainda, a autora pede a maior brevidade na resposta uma vez que queria avisar “(…) por intermédio da revista os seus 5.000 assinantes(…)”. Esta é a única vez em que se refere aquele número.

Os contactos para iniciar essa actividade haviam sido estabelecidos por Maria Lúcia Vassalo Namorado entre 1944 e 1945, com W. de Barros e M. Serrano que, em nome da Direcção do *Rádio Clube Português*<sup>685</sup>, a informam de que havia sido aceite a sua proposta e de que, para saber mais informações “(…) sobre as condições de emissão(…)” procurar Victor Santos, director- delegado da referida estação. Uma das sugestões que lhe é dada é que os programas poderiam ir para o ar aos domingos, às 19.30h (Carta de 2 Dez. 1944. Caixa 43. Maço 2).

Anos mais tarde, em 1951, Maria Lúcia Vassalo Namorado vai propor um outro programa, desta vez a *Rádio Renascença* mas será recusado “(…) por termos outro no género(…)”<sup>686</sup>

O primeiro programa para as mães, transmitido em 18 de Abril de 1945<sup>687</sup> foi precedido de uma pequena saudação: “Ao principiar estas emissões para as Mães, a

---

<sup>684</sup> Neste rascunho, no final do texto previsto para a carta, tem o seguinte apontamento: “*A Mulher forte* argumento para um filme. Maria Lúcia Julho de 1943”. Fica-se assim a saber também que ela teria tido a ideia de escrever um argumento de um filme.

<sup>685</sup> Cartas de 2 de Dezembro de 1944 e 19 de Fevereiro de 1945 (Caixa 43. Maço 2)

<sup>686</sup> Resposta dada, em carta timbrada e dactilografada, por José Domingos Torres Rosa Ferreira, da *Rádio Renascença: Emissora Católica Portuguesa*, datada de 17 de Maio de 1951.

<sup>687</sup> No texto manuscrito de Maria Lúcia Vassalo Namorado, que precede estes documentos no *Espólio* e que foi escrito por ela quando, já no final da vida, arrumava os seus papéis, tem escrito: “Emissões radiofónicas em *Rádio Clube Português*, na Parede, 1ª emissão em 30 de Abril de 1945” e “*Rádio Clube Português* Programas Radiofónicos não estão por ordem nem conferidos nem completos Maria Lúcia” (Caixa 43. Maço 3)

Revista *Os Nossos Filhos* saúde com especial carinho as suas leitoras fiéis e todos os seus bons amigos(...)” (Caixa 43. Maço 3).

Neste primeiro programa, a anteceder o texto dito por Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva Rosa, havia uns sons de piano. O tema foi: *O berço do bebé e a sua limpeza*. Os versos sobre o tema, da autoria do Prof. Costa Saccadura<sup>688</sup>, em que se defende a limpeza podendo preterir-se o luxo, foram ditos por *Adriana* que deduzimos ser Adriana Rodrigues, nessa altura colaboradora muito próxima da directora de *Os Nossos Filhos*. Colaborava ainda *Irene* que leu o texto informativo sobre a data da sessão seguinte, a realizar passados quinze dias, às 19.45h. Entre cada subtema abordado no programa passavam excertos musicais com o do *Cavaleiro do Cavalo de Pau*, dança de roda inglesa (Programa 2. Caixa 43. Maço 2),

*Adriana /Rodrigues/* pedia ainda “(...) não se esqueça de ler *Os Nossos Filhos*, a maior amiga das Mães e das Crianças portuguesas(...)”. No final, já em texto manuscrito por Maria Lúcia Vassalo Namorado tem ainda: “(...) Pedimos que nos digam as suas impressões sobre este programa. Agradecemos todas as críticas sinceras, todas as sugestões porque não temos outro desejo que não seja o de tornar a nossa iniciativa verdadeiramente útil ao maior número de Mães. Toda a correspondência deve ser enviada à Redacção da Revista *Os Nossos Filhos*(...)”(Caixa 43. Maço 3).

Num conjunto de 13 páginas dactilografadas segue-se um texto(Caixa 43. Maço 3) que dá ideia de ter sido a base para três das sessões do programa de rádio. O primeiro grupo de cinco páginas é uma espécie de texto teórico introdutório em que se traçam os fins do programa. Citando Maria Amália Vaz de Carvalho “(...) escritora admirável com quem todas nós temos sempre alguma coisa que aprender, escreveu nas suas *Cartas a uma Noiva*: Mãe nenhuma devia dar sua filha.— educada desde a infância com ideias diversas das que hoje recebe — sem saber a que espécie pertence o homem a quem a entrega. Se ninguém compra para as filhas um vestido, sem saber exactamente se é de boa ou má qualidade, se ninguém escolhe um mestre sem ter dele as mais minuciosas informações morais e intelectuais, se os mais simples negócios demandam uma soma enorme de cuidado, de atenção, de escrúpulo, porque é que há-de ser justamente o assunto mais grave da vida, aquele que todos nós deixamos mais ao acaso, à aventura, ao cargo do destino?(...)” (p. 2).

---

<sup>688</sup> Cf. Biografia em *Apêndice geral* a este trabalho.

A partir daqui defende-se a ideia de que a missão de mãe, tal como a profissão de professora, advogada, médica, costureira e outras, tem de se ensinar às raparigas. Cursando as “(...) noivas uma escola especialmente criada para elas onde aprendam a resolver os problemas que no casamento as esperam fatalmente (...) entre os quais avulta, pela sua dificuldade, transcendência e larguíssimo alcance, o da educação dos filhos(...)”. Isto seria necessário para todas as categorias sociais pois só assim as mulheres podem “(...) educar- orientando, corrigindo, procurando cuidar sempre (...) da sua própria educação, procurando adquirir, limar, aperfeiçoar, aquelas preciosas qualidades de justiça, paciência, compreensão, firmeza e tantas outras indispensáveis a uma boa educadora(...)”.(p. 5).

Maria Lúcia Vassalo Namorado considera que algo tem feito nesse sentido, e por isso criara a revista que “(...) tem levado a milhares de lares portugueses daqui e dali, as sábias lições, os esclarecidos conselhos de alguns dos nossos mais eminentes médicos, professores, educadores, escritores, etc.(...)” (p. 5). Tornava-se porém, necessário, ir a toda a parte, às aldeias mais remotas, a todas as camadas da população. Para isso há um meio inigualável: a rádio. E assim principiamos hoje as emissões para as mães(...)” (p. 5).

Ela apresenta uma ideia deveras interessante para chegar a mais mães e para isso conta com a colaboração das leitoras da revista propondo-lhes “(...) que todas aquelas possuem um aparelho receptor convidarão as suas amigas e subordinadas a escutar as nossas emissões. Sabemos que, nalgumas aldeias, grupos de senhoras de colaboração com o médico local resolveram oferecer às mães das suas terras pequenas sessões culturais, ou cuja primeira parte é constituída pelo nosso programa. A segunda pelo desenvolvimento ou explicação das nossas próprias palavras às mães menos cultas (...)” (p. 5).

Desta forma a autora pretendia chegar a todas as mães. Este apelo à colaboração desinteressada, porém, organizada é característico da forma de estar da directora da Revista *Os Nossos Filhos*.

Seguem-se os textos das outras duas sessões<sup>689</sup>: anedotas, conselhos para não manusear o bebé como se de um brinquedo se tratasse, como motivar a criança de cinco anos que não gosta de tomar banho e em que repete estratégias já apresentadas em artigos em *Os Nossos Filhos* e diversos outros cuidados que, em forma de frases curtas e simples,

---

<sup>689</sup> Ou da segunda parte desta introdução?



chamam a atenção das Mães para aspectos da educação, saúde e higiene<sup>690</sup> a prestar às crianças.

O texto da terceira sessão (p. 11 a 13) é preenchido com o diálogo entre uma jovem recém casada que vai ser Mãe e a madrinha, sobre a importância da maternidade em que se defende que ela é “(...) uma função natural e necessária que contribui muito, muitíssimo para o completo desenvolvimento físico e moral da mulher(...)” (p. 11). Também são afloradas as questões da robustez física do casal que gera filhos saudáveis, das consultas pré- matrimoniais e das doenças hereditárias, preocupações que tinham estado presentes em toda a bibliografia que Maria Lúcia Vassalo Namorado ia lendo sobre o tema e em todos os artigos que, sobre saúde, higiene e até nos de conselhos matrimoniais estavam patentes.

Além do que acima indicámos, há no *Espólio* um outro programa<sup>691</sup> intitulado “*Os Nossos Filhos: Semanário*”<sup>692</sup> *Radiofónico para os Pais* por Maria Lúcia Silva Rosa”(Caixa 43. Maço 3). Fica-se sem saber se o título do programa era *Canção de Embalar* ou este que aqui é agora referenciado ou, a hipótese que nos aparece mais plausível, que não houve *um*, mas *dois* programas radiofónicos, em datas diferentes, com periodicidade diferente, dirigidos por Maria Lúcia Vassalo Namorado. Neste último, que pensamos datado do final dos anos 50, mais precisamente por volta de 1957-58, os diálogos são ditos por *Maria Lúcia, Natália, Maria Eugénia* e *Luís*. Parte-se de uma quadra de Guerra Junqueiro em que se mostra como o meio ambiente exerce influência decisiva no carácter da criança para se insistir em que a saúde das crianças também não pode ser descurada. Tudo isto torna a tarefa de educar mais complexa do que “(...) há um século, quando ainda se não tinha feito a descoberta da Criança, e bastava a intuição para criar e educar filhos, hoje a intuição não pode deixar de se apoiar nos conhecimentos dos pediatras, pedagogos e psicólogos, para fazer desses pequeninos seres, frágeis e maleáveis, os adultos equilibrados, saudáveis de corpo e alma, de que o

---

<sup>690</sup> Respeita a opinião dos médicos quando filho está doente, defender crianças, em casa e na rua, das poeiras e humidade, repartir igual carinho por todos os filhos, não dar liberdade a mais mas também não constringer a criança, promover o convívio entre as crianças. Par além destes conselhos há ainda a notícia da futura construção de 2 jardins Escolas João de Deus em Tomar sendo que “(...) no Porto, em Vila Real, em Mortágua(...)”(p. 10) também se pretende vir a fazer o mesmo.

<sup>691</sup> Um conjunto de 16 páginas, com texto dactilografado (Caixa 43. Maço 3)

<sup>692</sup> A referência a “semanário”- sublinhado nosso- e o que seguidamente se diz sobre a então recente criação da *Associação Portuguesa de Educação pela Arte*, leva-nos a pôr esta hipótese de terem sido dois, e não apenas um, os programas radiofónicos de *Os Nossos Filhos*.

Mundo precisa. Este semanário radiofónico será, para os Pais de Portugal, a voz amiga e sempre pronta a auxiliá-los na sua grande missão educativa(...)" (Caixa 43. Maço 3).

O restante conteúdo é composto por situações familiares imaginadas em que se chama a atenção para o inconveniente dos beijos ao bebé, do cuidado a ter na escolhas dos brinquedos e a definição dos mais adequados a cada idade, uma notícia sobre a Clínica Musical suíça da Dra. Koffer-Ulrich onde os bebés são submetidos a terapia musical, na importância do convívio das crianças com animais domésticos e finalmente, para a necessidade de não mimar os filhos mais novos esquecendo os mais velhos.

No fim do programa é feita uma entrevista (cujo guião não se encontra aqui) a Alice Gomes sobre a "(...) *Associação Portuguesa para a Educação pela Arte* (...) recente, com pouco mais de um ano de existência, que se fundou em Lisboa graças a um grupo de pessoas que entendem que a Arte é excelente veículo de Educação(...)" (p. 13). É com base também neste dado, como já referimos, que nos permitimos colocar a hipótese de que houve dois programas radiofónicos: um intitulado *Canção de embalar*, quinzenal, em 1945 e outro *Os Nossos Filhos: semanário radiofónico para os Pais* cerca de 1959.

A última intervenção neste programa é uma proposta de concurso educativo dirigido aos Pais mas também "(...) a quantos se interessam por crianças: professores, enfermeiras, jovens que se preparam para constituir família e estudantes(...)" (p. 14), a organizar "(...) pelo nosso semanário(...)" (p. 15) em que, semanalmente, seria feita uma pergunta sobre assuntos de educação, a ser respondida pelos ouvintes, habilitando-se semanalmente, a uns tantos prémios que são sorteados(...) ao fim de certo tempo ver-se-á quem respondeu correctamente ao maior número de perguntas (...) e essa pessoa terá o tal prémio maravilhoso(...) cujo segredo será desvendado na próxima semana(...) (p. 15).

Infelizmente, sobre estes projectos e realizações nada mais sabemos do que aquilo que acabamos de enunciar.

Nos documentos do *Espólio* existem diversas "tiras" com inúmeros textos sobre temas que deduzimos terem sido propostas a abordar no referido programa radiofónico. Vejamos o conteúdo dessas "tiras" temáticas, numeradas sequencialmente:

Quadro nº45.: Conteúdo das “tiras” temáticas para *Uma Canção de embalar*:

Tema	Conteúdo	Localização
Doenças contagiosas- 3 tiras	Necessidade das crianças irem ao médico, e tomar vacinas	Caixa 43. Maço 2
Devem as crianças ir ao cinema? 3 tiras	Ida a cinema para adultos, descanso prejudicado, malefícios no temperamento	Caixa 43. Maço 2
Imprevidência materna e acidentes- 4 tiras	mais nas operárias, sobretudo rurais pobres mulheres obrigadas deixar filhos sós em casa se ela pertencesse à classe média ou à superior, à da mulher sempre acusada de não produzir coisa alguma, ou até à que sai do seu lar a ganhar a vida competindo com o homem em trabalhos acessíveis à sua fragilidade...o varão ditaria impávido a sentença: "Ficasse a mãe em casa a vigiar os filhos" dispensando-se de averiguar se a sra saiu a missões ou compras inadiáveis ou á missa.  Mães operárias, principalmente agricultoras que a maioria das gentes citadinas persistem em ignorar...e vesti-las de galas bucólicas...não deveriam ser acusadas de imprevidência... Devem ser lastimadas pelo descuido votado à sua situação, por muitas das suas irmãs de sexo... Operárias citadinas ou mesmo mulheres domésticas não podem vigiar os filhos...enquanto não existirem creches, parques e escolas infantis, viveiros de meninos onde as mães nas horas intra ou extra lar, as aprisionem, entreguem os filhos pequeninos não as acusem de imprevidência... Se o cristianismo ainda não ensinou às mulheres ricas...	Caixa 43. Maço 2
O segundo bebé- 3 tiras	/o que o ciúme que pode causar/	Caixa 43. Maço 2
A influência do ar na saúde e na doença da criança- pelo Dr. Mário Cordeiro- 4 tiras	sobre vantagens de ar puro /seguem-se depois 10 tiras de anedotas, ditos, etc/	Caixa 43. Maço 2

Também existem no Espólio os textos do programa *Canção de embalar*, desde a primeira à quarta emissões, sempre com indicação das pessoas entre quem se realizavam os diálogos. Leia-se o quadro seguinte, com descrição desses conteúdos:

Quadro nº46.: Conteúdos do programa *Uma Canção de embalar*:

Programa	Conteúdo	Localização
n.º 1	<p>Apelo para que as senhoras enviem as "(...) gracinhas, preferências, aversões (...) e como os educa, exponha-nos suas descobertas, opiniões não temos outro desejo que não seja ajudar as mães na sua delicada e difícil tarefa(...)</p> <p>/conselhos sobre criança que parece ter pernas tortas, sobre hábito de roer as unhas, sobre o uso (ou não) de óculos por criança, sobre febre tifóide e cuidados a ter, evitar casamento entre parentes, não levar crianças a casas com doentes, não dar farinhas sem conselho médico, mães que amamentam devem evitar certas bebidas e comidas, cuidados a ter com higiene do biberão, crianças que comem demais ou o que não devem, notícia sobre a Biblioteca <i>Hora feliz</i>, de Paris; ditos infantis, educação dos adolescentes em que se refere que/ Talvez seja inconsciência da juventude...não terão elas quem as vigie...podem passar tanto tempo fora de casa...?...minha revolta vai para mãe do rapaz que está em casa...sabe que essas raparigas se cobrem de ridículo e de suspeitas..."ele é rapaz não lhe fica mal..." quando compreenderão certas mães que a moral é só uma e lhes cumpre ensiná-la, fazê-la respeitar e seguir igualmente a rapazes e raparigas?...quando compreenderão que as leviandades dos filhos, tão benevolmente julgadas, são autênticos crimes pelas trágicas consequências que provocam?</p> <p>Porque não olham essas mães a "vítima" de seus filhos como se fossem suas filhas também?... não tornamos as mães responsáveis ...loucura dos filhos...se os rapazes fossem educados de outra maneira, se lhes ensinassem de pequenos a respeitar e defender a mulher, muitos teriam conduta bem diferente...acabar com conceito criminoso, cínico, de que a "vida é para os h" e "aos H nada fica mal". ..nunca há um culpado só...90% das raparigas levianas e mulheres infelizes, nunca o seriam se tivessem recebido uma educação sã...as mães... que sob este aspecto se esquecem de educar os filhos...tornam em boa parte...responsáveis de muitas lágrimas e misérias deste mundo(...)"</p>	Caixa 43. Maço 2
n.º 2 <sup>693</sup>	<p>/Importância das mães se deliciarem com os pequenos bons momentos com os filhos, de saberem identificar os sinais de doença nos filhos – irritação, sono, dor; não levar as crianças a casas com doentes, não as deitar na cama dos pais, cuidados com roupas, banho diário, cuidado com correntes de ar, amamentar as crianças, cuidados com alimentação enquanto amamenta e com o desmame,</p>	Caixa 43. Maço 2

<sup>693</sup> Além deste conjunto de folhas intitulado *Canção de Embalar* há mais três: esta e mais outra têm, como título, a vermelho, *Canção de Embalar*, com indicação de quem é responsável pelo diálogo- locução- ou é ML ou A , há uma outra, à qual atribuímos o nº 3- que assumimos também fazer parte deste grupo porque está com estas folhas, escrito no mesmo tipo de dactilografada, no mesmo tamanho de folhas, com os espaços como têm as outras, mas sem título, sem indicação de quem diz os diálogos e sem indicação de ter música pelo meio das frases-ideias que apresenta...Pelas razões expostas vamos também lê-la e tê-la em conta...Só o 3º conjunto destes papéis NÃO tem início com *Canção de embalar*. Há ainda um 4º documento destes, anexo à carta de 8-2-45, em que Maria Lúcia Vassalo Namorado enviou para o RCP o texto para apreciação do tipo de programa, que começa com texto a referir Maria Amália Vaz de Carvalho, de que temos fotocópia e que se resume também sob este título, com o Nº 4.

<sup>694</sup> Ditos de António José /riscado a lápis o apelido "Oleiro"/de Morais Alçada, da Covilhã e de Maria

	importância das vacinas, ditos infantis <sup>694</sup> , não levar os filhos quando vai fazer compras <sup>695</sup> , não questionar a criança sobre se gosta mais do pai ou da mãe, ensinar a delicadeza aos filhos e citação de/ Afrânio Peixoto: “Educar não é entupir a cabeça das crianças de indegestas ideias, mas ensinar a sentir, a perceber, a imaginar, a lembrar-se, a pensar”.	
n.º 3	/recomendações sobre como se cozinha papa para bebé e os alimentos mais adequados para crianças segundo idade, tamanho, actividade e apetite, cuidados de higiene, superstição de “aguar” que é preciso combater assim como conselhos de vizinhas ignorantes, cuidados com vestuário, cuidados na escolha do noivo: mais importante que riqueza e beleza são qualidades e defeitos morais, saúde e exame pré-nupcial, recomenda-se <i>O Meu menino</i> de Samuel Maia e transcrevem-se passos sobre hereditariedade, cuidados com banho do bebé, não deixar que bebé seja muito mexido, defender da poeira e humidade, colocar ao sol, evitar o parentesco próximo dos pais que causam: “(...)fraqueza de nascença, como aleijões, defeitos físicos e morais e a própria loucura é devida ao alcoolismo, tuberculose, sífilis mal tratada(...)”, não usar farinha sem conselho médico, vacinar crianças contra varíola, cortar unhas e não dar ouvidos a credices, mandar observar criança antes de entregar a ama.	Caixa 43. Maço 2
n.º 4 <sup>696</sup>	/Citação de Maria Amália Vaz de Carvalho de <i>Cartas a uma noiva</i> sobre cuidados a ter na escolha do noivo porque também se têm na escolha da profissão, deveria haver uma escola porque/ não hão-de noivas cursar uma escola especial para elas, onde aprendam a resolver os problemas que no casamento as esperam fatal/...e entre os quais avulta, pela sua dificuldade, transcendência e larguíssimo alcance, o da educação dos filhos? Ideia não é original nem de agora (...) há países em que há cursos em que raparigas de qualquer categoria social aprendem...Entre nós, espíritos esclarecidos têm defendido doutrina e já encontramos ensaios...destacar os cursos de Educadora Familiar e Donas de Casa do Instituto de Serviço Social, dignos de servirem de modelo a tudo que se faça neste sentido... o que já temos não vai além da gota de água perdida no oceano...Urge fazer educação das mães, de todas (sub lápis) as mães, não somente das + ignorantes, das que não sabem, sequer, lavar e vestir os filhos; também daquelas que, sras duma cultura mediana ou mesmo acima de mediana, não sabem, todavia, educá-los, porque ninguém as educou e não nasceram educadoras. ...Todos conhecemos crianças mal educadas e adolescentes mal orientados, filhos e filhas de casais com a responsabilidade de grandes nomes e elevadas posições. Educar crianças, orientar adolescentes, formar homens e mulheres sadios, úteis e	Caixa 43. Maço 2

Cristina Fernandes Cantante de Vila Nova de Foz Coa. O apelido riscado é por referir uma profissão manual?

<sup>695</sup> Reproduz artigo de Elina Guimarães em *Os Nossos Filhos*, sobre o mesmo tema.

<sup>696</sup> Na página de rosto tem indicação de ser: “(...)Programa para as Mães organizado pela revista “Os Nossos Filhos” Uma Canção de Embalar(...)”.

	<p>honestos, erguê-los acima da mediocridade, é, sem dúvida, difícil.</p> <p>Exige um esforço atento e constante, muita paciência, muita compreensão, muita prudência, muito tacto.</p> <p>Para ser boa educadora não basta ser mãe carinhosa e dotada da melhor vontade de acertar. Saber educar pode ser, algumas, raras vezes, um dom natural, como a</p> <p>inteligência e a formosura; mas quase sempre é um arte, uma ciência, que se não possui desde que se não adquira. É indispensável que as mães, todas as mães,</p> <p>(4) dentro dos limites da sua cultura e do seu meio, adquiram essa ciência. Que elas compreendam que a maternidade lhes não impõe, apenas, o dever de velar pelo bom desenvolvimento fisiológico das vidas a que deram vida mas que lhes cumpre também, moldar, corrigir, orientar, tornar mais belos e mais perfeitos, o coração, o espírito e o carácter que hão-de nortear essas vidas.</p> <p>Compreendendo e cumprindo o seu dever de mãe a mulher presta à nação um serviço inestimável; pelo que, da boa compreensão e do bom cumprimento desse dever, resultará, forçosamente, a valorização da colectividade e a elevação do seu nível moral. Nem todos podemos ser inteligentes, notáveis, ilustres, grandes personalidades- e bom é que assim seja, para se manter o equilíbrio que desde sempre tem regido o mundo...(orig) mas todos podemos ocupar com dignidade o nosso lugar, por muito modesto que seja, no grande concerto da vida; todas podemos honrar o sexo a que pertencemos, a profissão que abraçamos, a terra em que nascemos. É assim que a valorização do indivíduo se torna extensiva a todas as classes e que o dever de bem educar abrange todas as mães...Todas as mulheres, seja qual for a sua categoria social, devem possuir, ao menos, aquelas elementares noções de puericultura, higiene, sem as quais não é possível criar filhos robustos e sadios; devem também conhecer um pouco a psicologia da criança e do adolescente, suas necessidades espirituais e os +importantes princípios educativos porque só assim poderão <u>educar</u>- orientando, corrigindo, aperfeiçoando os espíritos em flor...devem conhecer-se a si próprias.. cuidar, dia a dia, hora a hora, da sua própria educação procurando adquirir, limar, aperfeiçoar, aquelas preciosas qualidades de justiça,(...) paciência, compreensão, firmeza e tantas outras indispensáveis a uma boa educadora. É preciso...(orig) Ora se é preciso, não nos contentemos com a nossa convicção: entremos no campo das realizações. Pensando assim, e na impossibilidade - pelo menos por agora... de criarmos e multiplicarmos as escolas que preconizamos, fundámos a revista ONF na qual nos ocupamos de todos os assuntos que se referem à criança e adolescência, revista que tem levado a milhares de lares portugueses, daquém e dalém mar, as sábias lições, os esclarecidos conselhos de alguns dos nosso mais eminentes médicos, professores, educadores, escritores, etc. Tornava-se porém, necessário, ir a toda a parte, às aldeias mais remotas, a todas as camadas da população. Para isso há um meio inigualável: a rádio. E assim, principiamos hoje as emissões para as mães.</p> <p>Devemos confessar que ao abalançarmo-nos a esta empresa contamos com a</p>	
--	---	--

	<p>colaboração das leitoras da nossa revista.</p> <p>Sabemos que todas (sub) aquelas que possuem um aparelho receptor convidarão as suas amigas e subordinadas a escutar as nossas emissões. Sabemos que, nalgumas aldeias, grupos de senhoras de colaboração com o médico local ,resolveram oferecer às mães das suas terras pequenos serões culturais, cuja primeira parte é constituída pelo nosso programa, e a segunda pelo desenvolvimento ou explicação das nossas próprias palavras, às mães menos cultas. Assim, com a colaboração de todos os que sinceramente (duplo sub) desejam a elevação da Mãe e da Criança, damos, cheias de fé, um passo em frente, no caminho da valorização da mulher portuguesa., esperando contribuir de modo rápido e eficaz, para a solução deste importante e urgente problema nacional(...)", ditos infantis, não fatigar bebé, dar-lhe banho, proteger contra doença, poesia de Guerra Junqueiro: <i>O primeiro filho</i>, reparti por igual o carinho por todos os filhos, educar bem, deixar conviver com outras crianças, construção prevista de dois Jardins João de Deus em Tomar e repto:/ E na sua terra, minha sra? Já pensaram em fazer alguma coisa neste sentido?(...)" / importância de não se querer ter filhos, vantagens de ter filhos para as mulheres que:/ "(...)conheço mães de família que parecem remoçar...sempre que lhes nasce mais um bebé...Sob o ponto de vista moral, o que a maternidade representa na vida da mulher é ainda + importante; o coração das mães alarga-se, eleva-se, atinge tais altitudes e requintes de sensibilidade, de ternura, de compreensão, que não há nada que possa comparar-se-lhe...(...)", cuidados pré matrimoniais para não ter filhos anormais...</p>	
--	---	--

No *Espólio* encontramos um conjunto de diversos programas, numerados de um a nove, sendo seguidos de mais um grupo de textos, sem numeração, dactilografados, identificados apenas como *Emissões radiofónicas em Rádio Clube Português, na Parede*, num total de 23 documentos.

Aquele primeiro conjunto intitula-se também *Emissões radiofónicas em Rádio Clube Português*, sendo o primeiro deles datado de 30 de Abril de 1945 e o último, o número nove, com a data de 8 de Agosto de 1945. Quais os conteúdos de tais programas, quem participa neles, como se desenrolam? São esses dados que apresentamos no quadro seguinte:

Quadro nº47.: Conteúdos das emissões n.º 1 a 9, entre 30 Abril 1945 e 8 de Agosto de 1945 em *Rádio Clube Português*:

Programa	Conteúdo	Localização

1º em 18 Abril 1945 <sup>697</sup>	/diálogos ditos por ML e Adriana <sup>698</sup> / Bebê que dorme em berço sob véu de tule bordado por sua mãe...poderia ser qualquer gaze modesta...como diz o professor Costa Sacadura:/poema sobre limpeza do berço/, cuidado contra moscas, crianças saudáveis e suas características, pais saudáveis, mães lêem livros de puericultura, características do desenvolvimento físico das crianças desde nascença a 6 anos, cuidados com doenças contagiosas, ditos infantis, mães ajudarem os filhos a serem independentes, gostra de todos os filhos, "(...) não confundir liberdade com falta de educação, crianças que convivam com outras, fazem apelo para que senhoras leiam <i>Os Nossos Filhos</i> .	Caixa 43. Maço 3
2º em 2 de Maio 1945	Inicia-se com um excerto da <i>Canção da Primavera</i> , de Mendelssohn. Palestra sobre as causas da mortalidade infantil em Portugal: má saúde dos pais, ignorância das mães./ "(...) É urgente cuidar educação das mães- de todas as Mães seja qual for sua posição social (...) sras que nos escutam desempenhar papel importantíssimo nesta campanha a favor da Infância. Interessando-se pelo problema depois, facultando às filhas casadoiras leitura de livros elementares de higiene, puericultura, e de educação infantil. Trabalhando para que no seu bairro/vila/aldeia, com pessoas de boa vontade e um médico e uma professora, organizem cursos, simples, para Mães adquirirem rudimentos da ciência de.. bem educar filhos(...)", saber avaliar se é saudável pelo aspecto da criança, nos meios pequenos; nas cidades, levar ao médico; bebê não é brinquedo, não use chupeta, cuidado com moscas, organizar concurso de ditos infantis, mãe deve sair com filhos todos os dias na Primavera, ensinar nomes das plantas, noticiário sobre abertura de dois jardins João de Deus em Tomar, apelo para que façam alguma coisa nas suas terras/	Caixa 43. Maço 3
3º em 16 de Maio 1945	/só com Maria Lúcia e Adriana/ /lido texto de Manuel Subtil, escrito para aquela sessão: "(...) uma das qualidades necessárias na actividade educativa = sinceridade de quem educa perante aquele que vai ser educado..= verdade...mentira = coisa abominável...parece do capitão Chabannes, ou sr. De la Palice, como é + conhecido...deve estar no espírito de quem se propõe obra educativa e duradoira; não perder de vista ao guiar um espírito, aperfeiçoar uma alma, melhorar 1 coração, formar um carácter...que o educando tenha plena confiança no educador(...) não hesite em aceitar como verdadeiras as suas afirmações(...) no ambiente familiar = principia a moldar carácter do futuro adolescente...e que ele reflecte como 1 espelho o que tiver sido para se conseguir boa formação moral = não bastam palavras, observações, conselhos indispensáveis, por + eficazes, bons ex: bondade, paciência, tolerância, prática de virtudes que caracterizam pessoa de bem (...) não mentir...mas não recomendar criada que diga que sra saíu e ela em casa...Não lhe deixar ver mentira como coisa natural; consequências + tarde...não rir delas, não repetir	Caixa 43. Maço 3

<sup>697</sup> Na primeira tira de papel escurecido, manuscrito, tem: "(...)A principiar estas emissões para as mães, a Revista ONF saúda com especial carinho as suas leitoras fiéis, e todos os seus bons amigos(...)" (Caixa 43. Maço 3); a data desta tira não coincide com a que refere, a vermelho, *1º Programa para as mães transmitido a 18-4-45*; já com mais idade, Maria Lúcia Vassalo Namorado escreveu que a primeira emissão fora a 30 Abril 1945 /temos fotocópia de ambos/

<sup>698</sup> Também participa Irene, assim como no 2º programa, datado de 2 de Maio de 1945.



	mentiras engraçadas = errado modo de ver entre algumas pessoas incultas ou de cultura rudimentar...também pessoas cultas, amigas e com fortuna...Ex: um casal em que esposa não consentia falta de verdade, mesmo a brincar (sub)...marido, sendo espírito superior, discordava, por excessivo...(conta uma história em que prova a má opção do pai...)...passados anos, a infeliz criança não conseguia tirar um curso nem adquirir profissão que lhe permitisse singrar...pediu \$ emprestado, dívidas...morreu acidente de viação...se fosse educado no culto da verdade seria + feliz? Pelo menos seria menos infeliz...(...)". /o que fazem as mães felizes pelas crianças que o não são?, evolução da dentição e que fazer para ser boa dentição, importância da luz do sol, deitar cedo as crianças, concurso dos ditos infantis e suas condições: para participar tinha de ter a senha publicada em <i>Os Nossos Filhos</i> , apelo à leitura da revista/	
4º em 30 de Maio 1945	/leitura feita por Adriana, Maria Lúcia e Irene/: "(...) missão das mães é a mais bela e a mais nobre do mundo. Seja digna dela! Para ser digna dela é indispensável aprender a bem educar e tratar os seus filhos(...)". /saber não entrar em pânico perante ferimentos dos filhos, que ter numa pequena farmácia caseira, cuidado com doenças contagiosas, concursos de ditos infantis em que 1º prémio é uma obra de arte, uma aquarela com flores, o 2º= uma assinatura de ONF e mais prémios em livros, pais responsáveis pelos defeitos dos filhos, lerem <i>Crianças mal educadas</i> , adaptado por Virgínia de Castro e Almeida, que aconselham, e excerto sobre os pais que enganam os filhos e mais tarde, estes são revoltados; enviar sugestões e não esquecer de ler ONF/	Caixa 43. Maço 3
5º em 13 de Junho 1945	/leitura feita por Adriana, Maria Lúcia e Irene/: /falta de consciência dos deveres humanitários, ir para praia só depois de consultar médico, péssimo hábito de beijar as crianças, recusar, escrever no chapéu; <i>Associação do Enxoval do recém nascido</i> em tempos escreveu: "Quem meus filhos beija/ minha boca adoça/ pois é melhor que não seja/nem a minha nem a vossa/ Por essa forma adoçada/ que 1 beijo de boca impura/ pega à criança beijada/ doenças que não têm cura"(...)"/, /vacinas contra varíola, usar avental limpo para tratar das crianças; concursos de ditos infantis, desencorajar de fumar, não meter medos às crianças, criadas ignorantes a evitar os contactos com os filhos, mas sem eles perceberem para não se tornarem orgulhosos.	Caixa 43. Maço 3
6º em 27 de Junho 1945	/leitura feita por Adriana, Maria Lúcia e Irene/: quadra "(...)Deus te leve por bom trilho/ E como já lhe pedi/ Que eu possa embalar teu filho/ Como hoje te embalo a ti"; saber educar para uns é dom para outros esforço e ciência que se pode adquirir para "(...)saber educar crianças, erguer acima da mediocridade- no coração e espírito= trabalho exige esforço diário, paciência, prudência e compreensão(...)"/, / ir médico antes de ir para praia; sugere que leitoras tenham caderninho para anotar conselhos do programa, como pôr bebés ao sol na praia, não deitar bebés em lençóis de hotel ou comboio, concurso ditos infantis, crianças e trabalhos escolares em férias, sendo / "(...) adequado durante as férias dedicarem uma ou duas horas aos trabalhos escolares = estimulam o amor pelo estudo e estimulam faculdades intelectuais, contrabalança vertigem do movimento e brincadeira e mantém disciplina moral tão necessária(...)".	Caixa 43. Maço 3

	Palavras de João de Deus sobre crianças muito dóceis que nunca serão homens, criança pobre sabe defender-se melhor da vida	
7º em 11 de Julho 1945	Mãe que ensine filhos a serem felizes, por ex. através da música; referência a doenças intestinais; texto de Dr. Samuel Maia contra moscas; hábitos de limpeza e higiene: cortar unhas contra superstições, ditos infantis, menina que não convive com outras crianças por medo dos contágios, não ter conversas sobre terceiros diante das crianças, e “(...)um grupo de alunas do <i>Colégio Marquesa de Alorna</i> , classe de canto coral da prof. Francine Benoît presta-se, gentilmente, a colaborar, no nosso programa de hoje. Intervenção dividida em duas partes. Sra D. Francine, tem a bondade!/indicação, a lápis de que/Maria Lúcia e Mlle Benoît falam; as meninas cantam em francês/cantaram muito bem! Estão contentes? Gostaram de vir cantar ao Rádio Club? O que vão cantar, diga-nos Mlle Benoît?(...)”	Caixa 43. Maço 3
8º em 11 de Julho 1945	/leitura feita por Adriana, Maria Lúcia e Irene/: mãe que em férias se ocupa dos filhos e alegria que dá; não optar por exercícios físicos violentos, mães devem ler bons livros de puericultura, cuidado com alimentação dos filhos, necessidade de luz e vida saudável, camas limpas, concurso de ditos infantis, ensinar a perseverança aos filhos	Caixa 43. Maço 3
9º em 8 de Agosto 1945	/leitura feita por Adriana, Maria Lúcia e Irene/: interiorizar espírito de receio, medo, indecisão; vigiar sem encaminhar para timidez, verificar origem do choro do bebé e saber identificar, como lavar roupas do bebé, ditos infantis, “(...)ternura das mães não deve ser violenta, espalhafatosa, intermitente mas calma, discreta e constante(...)”, criança é reflexo dos pais educação deve contribuir para formação da personalidade, conhecer psicologia da criança, necessidade de conviver com outras crianças, ir cinema só para elas, erros de educação ralhar muito	Caixa 43. Maço 3

Segue-se, na mesma Caixa e Maço do *Espólio* (Caixa 43. Maço 3), um conjunto de diversos textos intitulados *Emissões radiofônicas em Rádio Clube Português*, na Parede, num total, como dissemos, de vinte e três documentos, também com música inicial e diversos conselhos para as mães e lidos por *Maria Lúcia, Adriana e Irene*. A identificação de todos os conteúdos desses textos é feita no quadro seguinte e, depois de uma atenta comparação entre todos os textos do *Espólio* sobre este programa, conseguimos perceber que se trata dos textos das restantes emissões passadas em *Rádio Clube Português*:

Quadro nº48.: Emissões radiofônicas em *Rádio Clube Português*:

Programa	Conteúdo	Localização
10º em 22 de Agosto de 1945	/Ir com crianças ao campo e noções de botânica, podem contar histórias sobre plantas, ensinar mães ignorantes a pegar na criança ao colo, conhecer peso do bebé, necessidade de mãe ser a ama do bebé, dar importância à convalescença das doenças, ditos infantis, não prometer o que não pode dar aos filhos, não satisfazer todos os caprichos, crianças não andarem luxuosamente vestidas, sem frio mas sem excesso de roupas, bem calçadas, pouca roupa porque sempre a crescer, elogio ao dispensário da Puericultura em castelo Branco, de Dr. Jaime Lopes Dias, para diminuir mortalidade infantil, o que é tuberculose, como se trata, como se evita	Caixa 43. Maço 3
11º em 5 de Setembro de 1945 <sup>699</sup>	/dito por <i>Adriana e Irene</i> : referência aos males provocados pela mosca e campanha da Liga Portuguesa de Profilaxia Social do Porto, contra moscas, mãe deve conhecer sintomas de algumas doenças e isolar criança doente, alimentar criança e dar sumos de frutos, higiene e saúde; concurso de ditos infantis e serão ouvintes a enviar os votos, atenção a amizades das meninas dos 13 anos em diante; cuidados com escolha de brinquedos e suas características; que crianças se conservem infantis, ocupá-las sempre, importância da floricultura na formação do carácter: "(...) inspirar amor pelo belo, carinho pelas plantas e interesse pelas manifestações da natureza, ensinar prazer do trabalho, a previsão, a paciência, a esperança firme, e outras virtudes q dão expansão ao espírito e servirão, + tarde = base de nobres ideais(...)"	Caixa 43. Maço 3
12º em 19 de Setembro 1945	Auxiliar instituições de protecção à infância que existem na sua terra: "(...) lactários, creches, hospitais, cantinas, preventórios, jardins de infância...Evitar que façam mal às crianças, mesmo as mães, por ignorância ou malvadez.. toda gente dar bons exemplos e conselhos às crianças e colaborar com as Tutorias da Infância(...)"; sarampo e cuidados a ter, contra superstições dessa doença; vitaminas e alimentos em que existem; cuidados com ouvidos; concurso de ditos infantis; contra preguiça ver importância do trabalho:"(...) Trabalho não é= uma obrigação que nos impomos trabalho é= consequência natural da nossa vitalidade trabalho e brincadeira = idênticos na sua essência; este é variante daquele, serve de repouso ao indivíduo, mas continua a ser trabalho, dispêndio de energia criança = jogos e trabalho confundir-se podem ser ambos =/ educativos ainda não conseguiu que seu filho trabalhe com mesmo interesse com que brinca? Talvez não soubesse apresentar trabalho = um jogo <u>mais</u> (...)"; jogos para crianças de 4 a 6 anos; porque não compreende o filho?;	Caixa 43. Maço 3
13º em 3 de outubro de 1945	/leitura feita por <i>Adriana, Maria Lúcia e Irene</i> : /inicia-se com / "(...)Piano e canto <i>Canção de embalar</i> (...)"; importância da escola para as crianças; piano só com tema <i>Brincos de Cerejas</i> ; mãe arranjar tempo para brincar com crianças pq gostam de brincar com criadas porque elas lhe contam histórias; mãe deve ler livros de puericultura, ser ajuda para o médico, evitar doenças	Caixa 43. Maço 3

<sup>699</sup> Com capa também dactilografada, assim como o seguinte

	contagiosas, vacinar no Centro de saúde; concurso de ditos infantis, cuidados com criança que começa a querer gatinhar; contra “aranhas”	
14º em 17 de outubro de 1945	/leitura feita por <i>Adriana, Maria Lúcia e Irene</i> : ensinar a ser ágeis e fortes, música <i>Cenas Infantis</i> de Schumann; conselhos sobre como vestir crianças e texto de dr. Ferreira de Mira: “(...)”erro mães carinhosas fazerem dos filhos bonecos que elas vestem, calçam e lavam até muito tarde = indolentes e desarranjados; pela influência sobre seu desenvolvimento mental- acelerada/- carácter torna-se acanhado, sem determinação, como se perante cada incidente da vida esperassem antes de proceder, que lhes aparecesse amparo ou auxílio alheio(...) hã mães que vestem filhos seguindo cegamente figurinos criados para clima diferente nosso= erro de tornar demasiado sensíveis ao frio, com refluxos frequentes e bronquites...chapéu para não correr risco de insolação pelo menos no verão não é preciso nos países do norte(...); cuidados com tuberculose; concurso de ditos infantis; erros de educação das crianças: levar a espectáculos de adultos; /no verso da última p tem/ “(...)”Sra D. Branca do Instituto de Cegos : onde ficam seus filhos enquanto trabalha(...).”.  15º em 31 de Outubro de 1945	Caixa 43. Maço 3
	/leitura feita por <i>Adriana, Maria Lúcia e Irene</i> : crianças que não têm condições para ir para escola; o que fazem “(...) as mães para tentar melhorar as condições de vida das crianças da sua terra?(...)”; saber cozinhar para crianças, erro fazer caldo num tacho qualquer, só fazer em tacho de esmalte ou alumínio; ver se criança respira pela boca, que criança seja alegre e feliz; poema: <i>O Primeiro filho</i> , de Guerra Junqueiro; publicidade a livro “A Mulher educadora”...da apreciada escritora Emília de Sousa Costa. Lê passagens sobre defeito da gula, criar nas crianças afecto pelos mestres, pais e Pátria, contra irreverência contra mestres; importância dos pais dentro do lar; “(...)para ser respeitada <u>e não temida</u> precisam mãe/pai de mútuo acordo, não levarem amuos/querelas à frente dos filhos enquanto carácter deles em formação e almas modelando...se o pai esquece seu dever, diante dos filhos, à mãe cumpre sofrer resignada as invectivas, por mais iníquas que sejam = exemplo de respeito ao prestígio de todos que têm, como principal representante hierárquico, o chefe de família. Mãe poderá ficar desautorizada mas se souber manter 1 linha senhoril de comedimento, sem desabafar em atitudes de baixeza, conservando silêncio altivo de quem tem consciência do que todos lhe devem, possível é que certo espírito de justiça, inato em muitas consciências infantis, e que à mãe incumbe cultivar e aperfeiçoar, se revele em frémios de ternura e carinho, consolador eficiente de muitas dores...não pode ainda permitir-se aos filhos peq., os comentários à rudeza do pai, nem se admita que alguém, na sua presença, o faça.  Respeito pelo pai tem de se sustentar, a não ser que abandone o seu lar, ou manche a sua vida com aventuras ilícitas, imoralidades ou crimes. Nestes casos, ainda a mãe, cõnsbia dos seus deveres, ...procurará atenuar os aspectos sórdidos, limar as arestas + contundentes(...)”. Final com <i>Canção de</i>	Caixa 43. Maço 3

	<i>embalar.</i>	
16º em 14 de Novembro de 1945	/leitura feita por <i>Adriana, Maria Lúcia e Irene</i> /: /começa com música/ <i>Canção de embalar</i> e palavras de Maria Montessori: já passou a época de encarar a criança como 1 coisa...que apenas tem de acompanhar os adultos, e prestar-lhe obediência. /segue-se música de/ Danse slava; cuidados com brinquedos; condena chupeta; tipos de queimaduras que uma mãe deve conhecer, pode ir buscar caderninho para anotar; música Piano Ballade/ concurso de ditos infantis;  piano Cantiga ao desafio; mães culpadas por defeitos dos filhos, como chegar atrasados escola; <i>Os Figos pretos</i> em piano; /Erros educativos/:nunca cedo demais para ensinar crianças a serem educadas, não prometer o que não pode cumprir, não traçar delas, ter paciência, não meter medos; não dar como exemplos e outras crianças elas “(...) têm talvez defeitos que os seus filhos conhecem(...)”; Piano <i>Chant sans paroles</i> ; meditar nas palavras de Virgínia de Castro e Almeida:  não enganar uma criança, não troçar dela, tratar com simpatia os desgostos da criança	Caixa 43. Maço 3
17ª em 28 de Setembro de 1945 <sup>700</sup>	/leitura feita por <i>Adriana, Maria Lúcia e Irene</i> /: comboios no estrangeiro com compartimentos especiais para mães que viajam com crianças; piano <i>De longas terras- 1ª parte</i> de Schumann; queimaduras e sua caracterização; piano Cavaleiro do cavalo de pau- 1ª parte de Schumann; vacina da criança contra difteria; piano <i>O burrinho manso</i> ; ditos infantis em que concurso termina dia 15 de dez. Para receber votos; não há crianças más é por defeitos de educação; ensinar criança a ser autónoma; crianças irrequietas não caladas; objectivo de toda a educação: “(...)Pais conscienciosos devem compreender que o objectivo de toda a educação é formar seres capazes de se regerem, e bem, sem ajuda alheia. ..para alcançar tal resultado é mister criança exerça livre arbítrio(...)”; criança não deve suspeitar da vigilância que sobre ela se exerce; <i>Canção de embalar</i>	Caixa 43. Maço 3
18ª em 12 de Dezembro de 1945 <sup>701</sup>	/só Maria Lúcia e Adriana/; <i>Cavaleiro de pau</i> de Schumann; má interpretação dos bons pensamentos- pais devem sacrificar-se pelos filhos: bom conceito que tem servido de muleta a milhares de disparates(...)“(...) sacrificemo-nos para que enfrentem a vida com probabilidades de êxito, pessoas sadias de corpo e alma, e ocupem lugar na vida com dignidade, elevação, optimismo não fazer sacrifícios tolos = cultivar defeitos, amolecer carácter, alimentar maus hábitos/tendências, prejudicar futuro e tendências, sacrifícios baseados em boa dose de bom senso, no conhecimento adquirido da vida, seu justo valor, e exigências(...)”; música Caixa de Música só alguns compassos; sobre cozinhar papa de bebé e alimentos em geral; importância do asseio; superstição de	Caixa 43. Maço 3

<sup>700</sup> No original está errada data porque em vez de escrever “IX” escreve “XI” para o mês

<sup>701</sup> Tem a p. 10 passada à máquina, a cor lilás; dá ideia de que os textos eram passados novamente uma vez que nem sempre o texto de umas p. corresponde em ex. diferentes da mesma edição; No verso da p. 17 e última desta sessão tem, a lápis, a designação das estações do comboio da linha/: Caxias, Paço de Arcos, Santo Amaro, Oeiras, Carcavelos, Parede, S. Pedro.

	<p>auguar e vestuário leve e adequado; correntes de ar e moscas, falta de higiene, guloseimas; tem certeza de que é boa educadora? Põe acima de tudo saúde dos filhos? Dá quarto do saguão ao bebé?; texto palestra de Ferreira de Mira sobre educação das raparigas: “(...)”(...) educação das raparigas modificou-se consideravelmente nos últimos 20 anos. Até penúltima guerra mundial, tido por conveniente e seguido, q 1 menina só fizesse trab. Útil na intimidade da sua casa, entregando-se a serviços domésticos e quanto a estes abstendo-se dos grosseiros... dispndia tempo na aprendizagem de artes que prendessem gostosamente atenção alheia: 1º de se vestir, depois música, principalmente piano = flagelo de gerações de raparigas...nem gosto nem geito o conhecimento superficial de línguas estrangeiras, os bordados de várias naturezas e complicações...e para ser inevitavelmente prendada, o canto, a pintura e a leitura dos livros em moda...pouco depois de casada a sra. fechava o piano, esquecia o francês, punha de parte os bordados os pincéis e partituras e tratava o melhor que podia da casa e das crianças. Com guerra 1914...mulheres sair de casa para substituir homens...+ conscientes do seu valor social...+ difícil aquisição de marido conveniente. ...pais compreenderam então que era preciso dotar filhas com conhecimentos para o exercício duma profissão que lhes permitisse ganhar a vida, no caso de se conservarem solteiras e raparigas...convencidas que maridos prefeririam ...noivas q soubessem escrever à máquina em x de martelar piano...Nas escolas superiores, onde aparecia de tarde em tarde uma menina, começou a haver frequência feminina regular...sempre crescente...dos alunos de Medicina, entre 1/4 e 1/3 são actual/ raparigas...escolas em que trabalhos estão no &gt; desacordo com ideias da feminilidade derivadas do romantismo literário: sras engenheiras e veterinárias nas escolas superiores = sentam-se lado a lado, fazendo trabalhos idênticos ouvindo mesmas prelecções; para instrução secundária criaram-se nas grandes cidades liceus femininos; pelo que respeita instrução primária, o ensino faz-se entre nós separadamente e só em modestos aglomerados ...existem escolas mixtas. ..vantagens e desvantagens...muito discutidas mas entre vantagens, o convívio entre rapazes e raparigas nas esc. primárias, continuando o q tiveram na sua idade pré-escolar e antecedendo o que vão ter em muitos liceus e nas escolas superiores, lava a que os indivíduos de cada 1 dos sexos adquiram melhor conhecimento sexo oposto...seus processos mentais são os mesmos, indivíduos os sexo masculino não dotados com uma logica especificamente sua e que os do sexo feminino, que não dispõem desse processo lógico, compensariam a sua falta com um dom especial denominado intuição feminina. Com esse convívio quotidiano rapazes habituar-se-iam a apreciar as raparigas no seu justo valor, não podendo desprezar no seu íntimo colega, em regra fisicamente mais débil, mas progredindo tanto ou talvez + do que ele, nos exercícios de ordem mental...coeducação não é própria para envolver estas naquele mistério, o mistério feminino de que falam os poetas; mas não há vantagem nenhuma em criar gerações de jovens poetas(...)”</p>	
19ª em 26	/dito por Maria Lúcia e Adriana/ Disco <i>Cena infantil</i> ; fim deste programa é	Caixa 43. Maço

Dezembro 1945	<p>esclarecer dúvidas e prazer que nos dão cartas; início de correspondência com respostas a questões, sob pseudónimo, de <i>Maria do Norte</i> sobre água fervida; a <i>uma ignorante</i> sobre álcool no peito em criança constipada; sogra quer meninos muito vestidos; concurso de ditos infantis com prémios para: Prazo terminou dia 15 passado e já posso dizer quais + votados. 1º prémio = menina Adozinda da Silva Gonçalves, de Lagos (azeite podia espirrar e pergunta onde tem nariz...)2º prémio: Menina Maria Ermelinda Ribeiro Gonçalves, de Vila fresca de Azeitão...(sobre menina que prova meias para outra criança 3º menino Pedro José Vaz Vieira, de Lisboa... (sobre irmão qued eítara uma lombriga também ser pêra) 4º- menino Augusto Vieira Garcia de Nisa (que tinha bibe com menino Augusto para a frente...)5º prémio- menino Horácio Jorge Coelho Dias, de Lisboa (menino que tratava mãe por tu...)6º prémio-menino Luís Serra Fazenda, da Covilhã (irmã vestira boneca com cara às avessas) ..</p> <p>a prevermos esse embaraço, e não querermos que nos acusassem de injustos, demos palavra aos ouvintes...(...)”; palavras de Maria de Jesus Mateus sobre: “(...) de entre qualidades indispensáveis a quem educa, a firmeza = + importante de possuir...sem ela ninguém produzir obra educativa perfeita firmeza não quer dizer austeridade, atitudes inflexíveis, rigidez sistemática de que teimosa/ não nos queiramos afastar firmeza revestida de doçura, sem quebra desmoralizadora ou contraproducente...ai dos pais/educadores fraqueza ou frouxidão de vontade...criança desde 1ª infância tem admirável instinto de percepção e compreende fraqueza de temperamento ou falta firmeza educador depois- por mais rígidas, esforços que se façam, sem sentido contrário ..nada neutralizar efeito produziu...há crianças de meses verdadeiros tiranos dos pais...(não dominam) seus irreprimíveis instintos, vontade caprichosa e raramente calma nas suas manifestações(...) resultados funestos de tal educação = desastre para quem a recebe, não forma carácter firme, vontade disciplinadora de mórbidas inclinações e jeitos ou hábitos de desordem espiritual firmeza = qualidade indispensável doçura temperada de afectividade e espírito de tolerância e que acaba sempre onde fraqueza pode começar = meios + eficazes em educação ganhar afecto da criança levando-a à obediência voluntária = a + agradável e única verdadeira/ eficaz- consegui-la = grande segredo da boa táctica educativa depois da firmeza é a serenidade a + necessária disposição de quem educa serenidade = qualidade que define carácter nobre e que + se impõe ao espírito ainda sem rumo do educando; se somos excessiva/ nervosos, irritáveis e desiguais- não poderemos educar dentro da influência perniciosa de semelhante temperamento...e tudo que fazemos,...sobre areia falta de paciência ou irritação do educador- longe de intimidar criança, mostra-lhe grande fraqueza moral deseducativa e de nociva acção sobre seu espírito impressionável...Firmeza, doçura, serenidade = triângulo base de uma sólida educação moral, o complemento e fundamento indispensável da verdadeira educação(...)”; doente prevenir; desinquieto é bom, não dar comida fora de horas; não ter filhos de manteiga, sem opinião; não obrigar a dar beijos; se faz</p>	3
------------------	--	---

	cerimónia, prejudica filhos; disco <i>Cena Infantil</i>	
20 <sup>a</sup> em 16 Janeiro 1946 <sup>702</sup>	<p>/dito por Adriana e Maria Lúcia/ importância da vida ao ar livre; apanhar flores e ensinar a fazer um ramo, a dispor nas jarras, observar vida de insectos e de aves, mãe explica virtudes e trabalho dos animais observados; resposta a correspondência de "<i>mãezinha alentejana</i> sobre açorda de ovo, bife raspado e puré de maçã cozida para bebé; para <i>Rosa Maria</i> sobre desinfecção de quarto onde esteve doente contagioso; <i>adoro o meu filhinho</i> pergunta quando se senta bebé, não usar andarilhos; conselhos de Dr. António de Menezes sobre pés do bebé: "(...) hábito de calçar meias de lã.../problemas de deformações que causam/(...)"; /continuam conselhos e máximas: /habitue filhos principalmente filhas a serem simples e modestas, vaidade e paixão do luxo, têm sido causa de inúmeras desgraças;/separadas por <i>gongl</i> instrua os seus filhos o + possível: Instrução = ornamento do rico e a riqueza do pobre /<i>gongl</i> Cultive nos seus filhos o amor do trabalho. O trabalho é um dos mais seguros caminhos da felicidade/<i>gongl</i> As crianças têm necessidade de admirar os pais. Que eles não o esqueçam e procedam sempre de forma a merecerem essa admiração /<i>gongl</i> criança tem ouvidos e memória. Máximo cuidado naquilo que diz diante dos pequenitos. Criança não guarde juízos falsos, noções erradas, provocadas por ditos imprudentemente pronunciados na sua frente, ou mal compreendidos.</p> <p>Tome os filhos a sério quando fala com eles. Não há nada que + irrite uma criança do que "não lhe ligar importância" ou responder-lhe de maneira que ela compreenda "que não é assim"; música Compassos da canção da Primavera de Mendelssohn; /conselhos:/ não deixar adolescentes entregues a sua inexperiência; (...)Preciso: dirigir esta necessidade de movimento, de acção que as raparigas manifestam. Compete à mãe organizar, inteligente/, a vida das filhas, fazê-las interessar por este ou aquele assunto, dar-lhes esta e aquela ocupação, pq 1 actividade bem distribuída e bem orientada basta, quase sempre, para lhes dar o equilíbrio necessário.</p> <p>Quanto aos rapazes é frequente mostrarem-se bruscos e embirrarem, sobretudo, com as mães. Recusam-se a fazer o que elas mandam, falam delas com "superioridade", consideram ser indigno e prestável. Às x muito difícil modificá-los. Deixá-los à vontade é mau. Falar-lhes à razão ou ralhar-lhes nem sempre dá resultado. Experimente-se metê-los doce/ a ridículo, mostrar surpresa por eles procederem tal como fulano "que não passa dum patetinho"<sup>8</sup> tinha e está riscado "palermazinho". Dar-lhes a ler a vida dos grandes homens, destemidos, valentes, mas generosos e amáveis é óptimo desperta desejo de os imitar. Tudo isto não vale nada se os pais não derem o ex. e se a vida do lar não oferecer um ambiente acolhedor e calmo(...)"; música Canção de embalar ou cena infantil;</p>	Caixa 43. Maço 3
21 <sup>o</sup> em 23	dito por Adriana e Maria Lúcia/ música Canção de embalar; "(...) mãe: mundo	Caixa 43. Maço

<sup>702</sup> Programa era às 19.45h



Janeiro 1946	<p>de hoje A ostentação, o orgulho, a frivolidade, o egoísmo, a simples inércia ou indiferença + do que nunca são desprezíveis e condenáveis = verdadeiros crimes afrontando os que lutam e sofrem(...); ajudar as crianças que precisam; música Cena Infantil; alcoolismo e filhos de pais(...) leia o que dizem os tratados de puericultura(...); /conselhos lidos alternadamente e <i>gong</i> entre cada um/: "(...)"Não dê aos seus filhos objectos que caíram no chão sem serem previa/ lavados"; "Evite velas e candieiros(sic) no quarto dos pequenitos; Lembre-se de que os alfinetes fecham mal e objectos bicudos podem ser perigosos para bebês; Nunca se deve fumar no aposento onde estão crianças; As moedas são perigosas e sujas. Não deixe os seus filhos brincar com elas; Não deixe os animais lamberem as crianças; Não leve nunca bebês para salas de espectáculos; Tenha todo o cuidado com as correntes de ar. Elas são muito perigosas; Não consinta que os seus filhos sejam beijados por estranhos. E mesmo às pessoas conhecidas (continua manuscrito:) faça constar que não gosta que os beijem. Os beijos são transmissores de inúmeras doenças; Música Final de Cena Infantil; Defeito de pais amedrontarem filhos; artigo de Remo de Noronha: Lá vem o papão: /erros de que padece tal atitude e correcto:/ fazendo-lhes ganhar confiança em si mesmo- sentimentos que nós pais devemos inculcar nos nosso filhos. Prof. Chavigny dizia = educação contra o medo = um dos cap. Mais interessantes da educação do carácter e da vontade"; música Dança de roda muito viva; ditos infantis já acabou concurso mas receberam; distinguir bem do mal na 1ª infância: volta dos 3 anos pequenitos já compreendem, comparam, raciocinam. Não será altura de modificar o método educativo? Não será bom começar a tratá-la como pessoa que raciocina e à qual se devem dar todas as explicações para que se torne, pouco a pouco, consciente, responsável pelos seus actos? Isto faz-se porque "sim" e aquilo não se faz porque "não" = não elucida, não satisfaz, não aproveita tudo pode ser explicado senão de forma completa pelo menos clara, à verdade, à sua compreensão. O embaraço que sentimos perante certas perguntas infantis, resulta, simples/, da maneira maliciosa ou complicada como nós, os adultos, interpretamos os factos. Tornemo-nos crianças, sejamos como elas, simples e encontraremos a explicação simples das coisas + complicadas. Criança irá adquirindo pouco a pouco, a noção verdadeira do mundo que a rodeia e o sentido da responsabilidade(...)". Música Dança de roda termina; Sabe falar com os seus filhos? É preciso saber falar. ..A mesma ideia pode provocar reacções opostas, conforme a maneira como for expressa. Por ex, não diga nunca: "Lá vais tu fazer asneira" diga "é difícil no entanto estou certa de que és capaz de fazer isso muito bem feito" e mais ex.</p>	3
22º em 6 Fevereiro 1946	<p>dito por Adriana e Maria Lúcia/ da janela viu criança de 10 anos que carregava uma mala pesada"(...) não quero emaranhar-me na teia complicada- dos hábitos, preconceitos, classes e direitos sociais. Tb não quero ser injusta... talvez um sr. De tão brilhante aparência fosse um doente.....mais educativo recompensar a criança que prestou um serviço que foi útil, do que levá-la à injustiça, à humilhação ou ao</p>	Caixa 43. Maço 3

	<p>ardil de pedir esmola(...)”; Compassos de Cena infantil; banho do bebé; gong/ não é brinquedo/ gong/ Texto igual ao de/ poeira e humidade, falta de sol, fraqueza de nascença e parentesco dos pais; papas sem conselhos dos médico; vacinar contra varíola; ama observada pelo médico /acaba aqui texto = a um nº anterior/; Cena Infantil; Lilia Faria casou; alguns países com exame pré-nupcial; <i>O Meu menino</i> de Dr. Samuel Maia; ditos infantis; Dança de roda; /Texto de Serras e Silva sobre ambiente em casa: “(...) Preciso que o clima seja tónico, criador de alegria, de confiança. Liberdade dentro da disciplina, da benevolência, de espírito de sacrifício, de bom humor, e de paciência...pais têm de se vestir/revestir de paciência para sofrer o barulho inevitável e impertinências das crianças sobretudo quando faltar quarto das brincadeiras onde elas passem todo o dia...ruído, devastações, desordem e o enxovalho...criança precisa de movimento contínuo...de alegria...planta de estufa, numa ambiência triste e mal humorada, a criança estiola-se, definha, torce e contrafaz a natureza, transformando-se em aleijão ou monstro.</p> <p>Ambiência familiar = leve, alegre, benévola, cortez e sem atritos, pais devem esconder as suas querelas e evitar tudo perturbar atmosfera da casa, como por ex. o ralar alto com as criadas"</p> <p>Crianças sem apetite; avó não deixar ver a menina que menino toma banho;</p>	
23º em 20 Fevereiro 1946	<p>dito por Adriana e Maria Lúcia/ Canção de embalar; mães fazerem com que filhos sejam saudáveis; “(...)Saúde = já uma felicidade; leva-nos a ver a vida, a encarar as coisas com humor e optimismo. Adolescente = grande observador dos outros, da sua pessoa...se se vê franzino, incapaz de competir nos jogos e demonstrações de força física com os companheiros- invejar-lhes o aspecto sadio, e acaba por se tornar irritável, revoltado, ou desconfiado e misantropo saúde dos seus filhos = bem físico inapreciável...e seu melhor aliado na formação dum carácter recto, dum espírito equilibrado, dum coração generoso(...)”/mesmo inválidos mas não deve deixar cortejar/ “(...)Inúmeras pessoas q chegam ser sábias e até santas, graças à sua força de vontade e não obstante deficiências físicas. Pense nisto, mãe e pense na maneira de influir na evolução espiritual dos adolescentes...(...)”; alimentação artificial bem dirigida melhor que insuficiente; roupa conforme tempo; “(...)Enfaixamento não deve ser muito apertado pq se o for a criança não respirará bem; vestuários com mangas enfiar pela frente a abertos nas costas..(...)”; algum tino- aí por volta dos 2 anos ou mesmo antes, deve-se começar incutir o hábito de lavar a boca, pelo &lt; de manhã/noite; espera bebé deve ir ao médico, não se considere doente; gravidez não é uma doença = estado normal, com os seus incómodos sim, mas normal não será necessário comer por dois...o que tiver na vontade; levar vida o + calma possível, evite zangar-se, não trabalhe até máxima fadiga, não se deite tarde, não use tacões altos, não use espartilho que a aperte mas uma cinta que a ampare. Dê o seu passeio diário, ande bem disposta, seja alegre se quer que o bebé saiba sorrir(...)”; melhor quarto para bebé e roupas limpas; crianças e animais domésticos com saúde; “(...) mãezinha! Converse connosco acerca dos seus filhos, escreva-nos, fale-nos deles e de si, conte-nos o que eles dizem, as gracinhas e manias, preferências e aversões desses</p>	Caixa 43. Maço 3

	<p>peq. Srs. Diga-nos o que pensa, como os educa, exponha-nos as suas descobertas e as suas dúvidas. O seu "caso" interessa-nos sempre, porque o nosso desejo é só 1: ajudar as mães(...)". Conselhos a mães: <i>Maria do Monte</i> e tirar medo a filha; <i>uma algarvia</i> como aplicar papas de linhaça ; Ilda Maria sopa e creme e bolachas para bebé; cena infantil; jardinagem e crianças; Conselhos de Maria Montessori, separados por gong/: "Formação de um carácter começa logo que uma criança nasce...erro cometido sobre criança... reflectir-se-á sobre criança de amanhã /indicação de gong/ Exigir de uma criança de 4 anos que esteja quieta é como se lhe pedisse que caminhasse com a cabeça para baixo...não pedir o que não é possível que elas façam- de contrário, incutir nelas o espírito de desobediência /indicação de gong/ Não abusar da fraqueza da criança insuflando receio, temor..ensinando-as a dominar-se jogos, dansas= meios valiosos para o conseguir</p> <p>(indicação de) gong</p> <p>Pernicioso o costume de figurar Deus = velho de barba branca, sentado nas nuvens, espreitar meninos...mais tarde diante da ideia + elevada que procurarão fazer de Deus</p> <p>(indicação de) gong</p> <p>pais devem evitar todos constrangiemtnos dispensáveis, intervenções contrárias às preferências pessoais dos filhos. Su aternura por eles: sempre cautelosa e nunca</p> <p>exagerada, de contrário- seres moralmente fracos, sem vontade própria, sem personalidade, incapazes de dominar próprias fraquezas...incapazes de triunfar na vida</p> <p>(indicação de) gong</p> <p>Não sejamos ego+istas ao ponto de desejarmos que nosso filhos sejam sempre</p> <p>crianças, para os termos sob a nossa dependência</p> <p>(indicação de) gong</p> <p>devemnos incutir o amor pelos animais e pelas plantas...despertaremos sentimentos</p> <p>altruístas, aprenderãoa combater egoísmo natural, a amar os fracos, a lutar por eles, a amar o próximo animal ou planta não são pertença sua, incumbe o dever de cuidar deles(...)"</p>	
24º em 6 Março 1946	<p>Adriana e Maria Lúcia/Canção de embalar; pense nas mães do seu bairro ou terra que não sabem fazer filhos saudáveis de corpo e espírito; Erros e Crendices: na aldeia uma se leva tempo a convencer mães de erros...preciso esclarecê-las, ensinar-lhes as boas normas que a ciência aconselha, levá-las a temer os perigos a que sua ignorância expõe criancinhas...mana: apertar cabeça de criança com lenço; ermo; unhas enormes(...)" cena infantil; isolar criança doente e desinfetar; chupeta de borracha ou pano; ditos infantis; escolha dos brinquedos"(...) afeiçoa-se brinquedos antigos...tem cuidados e carinhos, conservá-los...os frágeis = fazer surgir ideia de que não vale a pena ter cuidado com as coisas porque tudo se estraga depressa(...)"gong/ espectáculos nocturnos; Canção da Primavera de Mendelssohn; Mãezinha sua</p>	Caixa 43. Maço 3

	<p>filha cresceu está já uma mulherzinha, e pensa em casar. Tem andado por várias escolas onde lhe ensinaram línguas e matemáticas , muitas coisas interessantes e muitas coisas inúteis. Mas ela vai entra na vida sobre a qual muito pouco lhe ensinaram.. deve valorizar-se e saber viver = essa ciência necessária, tão vasta e tão delicada, ninguém melhor do que a Mãezinha lha pode ensinar Com o seu ex, conselho faça da sua filha uma mulher ajuizada e boa, uma dona de casa perfeita, uma companheira dedicada e compreensiva do marido que Deus lhe der. Terá completado assim a sua educação e contribuído muitíssimo para a sua felicidade. Sirva-se da sua experiência para guiar os 1ºs passos na vida sentimental. Não acha que não deve deixá-la ir às cegas num campo tão cheio de perigosos desvios? Fale-lhe assim: Nós queremos ser felizes.. queremos...mas não sabemos querer...procura do fruto de oiro.. convencidos de que deve estar muito longe...e nem suspeitamos que stá ao alcance da mão...a <u>nossa</u> felicidade está connosco tempo que perdemos (sub) a acusar os outros e Destino porque não <u>paramos</u> a analisar o que nos interessa e corrigir-nos a nós mesmos?(indicação de) /gong/ regra geral homens não se confessam; acordo profundo q existe ...provém do sexto sentido que ela (sub) possui: saber adivinhar!...ainda há homens que fazem da sua mulher confidente da sua vida, preocupações, lutas. Saber escutar, levá-lo com uma palavra a expandir os íntimos pensamentos é uma arte tão preciosa como saber distraí-lo(...)" / e mais para afagar marido/.</p>	
25º em 3 de Abril 1946	<p>Adriana e Maria Lúcia/Canção de embalar; ser companheira e confidente dos filhos; alguns compassos do Cavaleiro do cavalo de Pau; menino cresceu.. até aqui = desvelo e carinho das mamadas e repouso...estar alerta e seguir evolução psíquica Não queira que seu filho viva abandonado dentro dos eu próprio lar. Lembre-se "A educação vem do berço" = adquirem bons/maus hábitos que hão-de formar carácter do adulto. Vigie atentamente seu filho, por x preciso guiá-lo e muitas outras proporcionar-lhe liberdade de acção; Dr. Manuel Farmhouse sobre "Aquilo que as crianças podem fazer":</p> <p>" ...tantas coisas de utilidade prática, de aplicação imediata ou propriamente de treino de futuras actividades...gosta de ser tratada como pessoa crescida...afirmar que já é um homem ...convencer-se de que já se lhe liga importância reconheçamos necessidade de brincar, de acamaradar com os seus companheiros de brincadeira ou de escola...estimular...embora 1 pouco disfarçadamente esses seus afectos infantis esforçando-se porque(sic) os conheçam e os escolham com critério função da verdadeira pedagogia = essencial/ esclarecer e como tal fornecer à criança elementos necessários para que ela formule suas dúvidas, as exponha, e nós nos encarregamos de a guiar para que ela, por si só, escolha o melhor caminho, a melhor atitude perante os factos da vida. Vida corrente = achamos sempre muito difícil habituar criança a tirar proveito da prática de determinadas actividades.. claro que depende muito da educação, da maneira como ele se vai acostumando a trabalhar e a ver trabalhar. Vamos ao ex. na cidade: aqui tudo se deve aproveitar: o papel que se inutiliza no escritório do pai, jornais velhos, próprios anúncios q na rua nos são entregues ou nos aparecem debaixo das</p>	Caixa 43. Maço 3

	<p>portas...quando inútil...tudo aproveitado pela criança e dará possibilidades de ser vendido e, com seu produto, comprado qualquer objecto...o mesmo dos frascos usados, desperdícios de folhas prateadas, de latas de conserva livres do seu conteúdo...Outro caso = certos encargos remunerados: escrituração das compras de casa ou determinado e simples negócio caseiro Campo = milhares de ocupações remuneradas darão à criança noção exacta do valor do seu trabalho: as peq. Indústrias agrícolas, sericultura, aviária...estimuladas pelos esplêndidos livros de Mota Prego.. são outros tantos assuntos q criança em geral se interessa quando interesse é despertado por obras sociais de aplicação imediata- desempenhar importante papel na soc. E aperfeiçoar a educação dos seus sentimentos de filantropia (riscado por cima, a lápis tem: "entusiasmo quando pequenino li conto de António Sérgio "Navio de brinquedos")</p> <p>outras ocupações nas horas livres = encargo de determinado mister, compatível com suas habilitações , já no período da adolescência...cópia de determinado mapa, ilustração de um conto ou artigo...trabalhinhos: quando bem orientados e cuidadosa/ executados podem ser remunerados, embora a princípio com certa benevolência encorajadora carpintaria ou serralharia para os rapazes, os trabalhos de aplicação doméstica para as raparigas, são outros motivos de educabilidade aplicação do tempo de férias das crianças: elas precisam de descansar nas não = a não fazer nada. Nem mesmo para os doentes. Descansar = modificar vida monótona do tempo de aulas; pô-la ao ar livre(...); ditos; aprendizagem da leitura e escrita contribuem grande/ para miopia infantil; fraquezas do aleitamento artificial; habituar criança a ver febre quando está boa; alimentação da ama/superstições e erros como álcool/ higiene infantil cada um separado por gong/: as crianças devem:</p> <p>tomar banho todos os dias lavar mãos e rosto assim que se levantam Lavar bem as orelhas escovar os dentes de manhã e à noite após as refeições trazer cabelos sempre cortados, penteados e limpos ter mão sempre asseadas e as unhas cortadas usar lenço próprio não se servindo nunca do de outras pessoas ter o seu copo e beber água só por ele(...)"</p>	
26 <sup>a</sup> em 17 Abril 1946 <sup>703</sup>	<p>/também só lê/ Maria Lúcia, Adriana; Canção de Embalar; Poema <i>A primeira palavra</i> versos de Maria de Carvalho; alguns compassos da Canção da Primavera Mendelssohn; resposta a perguntas de ouvintes, separadas por gong: colocar mostarda recomendada pelo médico; <i>mãezinha saloia</i>- farinhas ma Mais alguns compassos da Canção da Primavera; <i>indecisa</i> e filho de 18 meses diz poucas palavras; andar de gatas as crianças? O que diz Dr. Armando Narciso: "(...) generaliza, entre as pessoas chamadas de educação, não deixar as crianças engatinhar. Metem-nas em funis de verga, que não são de invenção recente e elas parece que vão num sino...em peq. Parques de madeira e ficam como que enjauladas(...)há anos, em viagem de estudo fui a</p>	Caixa 43. Maço 3

<sup>703</sup> O texto desta sessão tem tem papelote inicial com "26<sup>a</sup> emissão 17-Abril 1946" e no verso da p. 14, a lápis tem "de hoje 8 dias às 2,30h Maria Luísa Manso".

	<p>Marburgo. Onde prof. Klapp pontificava, pregando nova técnica de ginástica...escoliose só aparece nos homens e aves e não nos quadrúpedes...animal que anda 4 patas dá coluna apoio membors e músculos...conclusão do prof. Klapp: marcha sobre 4 membros melhor para impedir escoliose tanto menos sujeitas à escoliose quanto mais engatinharem = exercício preparatório para habilitar a andar firme e erecto...boa alimentação criança e vida ar livre..." ditos infantis; harmonia escola- lar, beneficiará o aluno. Proceda com tacto e inteligência. Pais obrigação de acatar medidas disciplinares impostas pelo professor que as estabelece para bem da criança se julgam prof. não procedeu correctamente: evitar comentários em casa, palavras mal interpretadas pela criança aparecer na escola, prof. poderá apresentar pormenores...= pais satisfeitos quando tal não aconteça = dirigem-se entidades escolares superiores dever de pôr coisas no seu lugar.(...)" ; erros educativos: porque mentem crianças- para fugir castigo, culpa pode ser sua; Mãe usando de precaução e meiguice- ajudar a restabelecer toda verdade mãe explica que mentir = maldade enorme que muitíssimo a desgosta...Criança = compreende mau e feio mentira, que desgosta mãe-criança considera inutilidade/maldade da sua acção só depois disto, em reincidência e culpa = criança repreendida e castigada</p>	
27º em 1 Maio 1946	<p>/também só lê/ Maria Lúcia, Adriana Mãe conviver com filhos; Canção da Primavera alguns compassos; mães devem conhecer sintomas e depois chamar médico; ler revista para O que tu e todas as mães precisam é d e ser instruídas sobre a forma de bem criar e educar os seus filhos. Canção da Primavera- mais alguns compassos; visitas a pessoas com doentes, quarto arejado; moscas; não deite na sua cama e não consinta que durma com outras pessoas; vista-os roupas leves; higiene, unhas, mudar roupa, defender de correntes de ar, seja ama de seu filhinho, sóbria na alimentação ao amamentar; desmame...sempre orientada pelo médico; O menino chora? (= anteriores sobre dor, fome, etc) Que idade tem o bebé? 3 meses? ...altura de vacinar contra varíola...( verm) Canção da Primavera- mais alguns compassos; ditos infantis /com apelido censurado/:mesmo "Oleiro"; repete texto de Elina Guimarães com filho às compras; gostas mais de pai ou mãe...delicadeza das crianças e texto de Afrânio Peixoto</p>	Caixa 43. Maço 3
28º em 15 Maio 1946	<p>Maria Lúcia, Adriana ; Canção de Embalar; /conferir se igual a outro que já tem/ responder, pense, veja se é capaz de encontrar resposta tão clara, tão simples, tão acessível à idade e à inteligência da criança que ela fique satisfeita e faça uma ideia tanto quanto possível exacta daquilo que pretendia saber.</p> <p>Não o engane! se for preciso fazer um tratamento doloroso ou privá-lo duma alegria não lhe diga que não dói nada.../defeitos de crianças/: confrangedor: mesmo em famílias excelentes, crianças com o péssimo defeito de roubar =desejo ardente de possuir o que lhes recusam...começam por furtar bonbons(sic), rebuçados, estampas, brinquedos até ao dia em que furtam \$...se lhes disserem com doçura e clareza a fealdade do seu acto =criança</p>	Caixa 43. Maço 3

	<p>compreenderá, cairá em si, não o repetirá por vezes = perversidade natural que vai tomando vulto se não se corrige muito cedo. Então papel dos educadores = mais espinhoso não encarar ligeira/ as 1<sup>as</sup> manifestações deste defeito intolerável. Preciso: energia, para lutar contra tendência terrível usar, se for preciso, de severidade doçura, para captar confiança da criança, falar-lhe ao coração e à razão paciência para não abandonar a atitude doce e enérgica em caso de reincidência adultos não dizerem "tirar flores não é roubar...José ficou com isto e aquilo do João mas não faz mal ele tem lá muitos..." podem despertar tendência deplorável, deformam noção de "<u>consciência</u>" que desde criança se deve possuir: nobre, recta e pura(...); vaidade nas mulheres acompanhada de ignorância e estupidez ou, pelo menos, da frivolidade e inconsciência... prova = pessoas bem dotadas serem as mais modestas somos da opinião que criança é portadora de virtude e defeitos embrionários que a educação, o meio ambiente podem desenvolver ou aniquilar...admitamos eu se nasce vaidoso ou modesto como se nasce perfeito ou aleijado. Á mãe compete combater, por todos os meios a vaidade dos pequeninos, mal principie a manifestar-se. E o que se vê não é isso- mas justamente o contrário.(...)” Dança de roda inglesa; sras ouvintes: já repararam na % assustadora de rapariguinhas que vagueia pelas ruas, expostas a todos os perigos? Já pensaram no destino dessas infelizes crianças?</p> <p>Duas grandes Almas de Mulher <u>sentiram</u> a triste sorte dessas pequeninas, sonharam arrancá-las ao seu trágico abandono, e estão já realizando 1 Obra...ou nos enganamos muito ou virá a ser uma das + grandiosas Obras de Assistência particular realizada no nosso país ou em qualquer parte D. Clotilde Ferreira e D. Renée van Nitsen <i>querem</i> salvar todas as rapariguinhas que não têm quem delas cuide, querem (sub) abrir tantas casas quantas ...necessárias para atingir esse fim, e já abriram a primeira. Referimo-nos à casa Mãe da Gaiata de Lisboa...mas é melhor ouvirem as fundadoras da Obra. Justamente está aqui ao nosso lado a sra Renée van Nitsen:- o que é a <i>Casa Mãe da Gaiata de Lisboa</i>? - um grande e risonho lar.. fundado como acaba de dizer...tirar da rua, da miséria física e moral, acarinhando-as e ensinando-as a encarar a vida confiadamente.</p> <p>- pensa fazer dessas raparigas? - mulheres práticas, de alma sãs, criadas numa doutrina: trabalho, honra e amor. Queremos nobilitar-lhes a alma, assegurar-lhes o futuro, dando-lhes conhecimentos práticos e teóricos dos assuntos que lhes são necessários para se tornarem boas esposas e boas mães. Quanto à formação profissional todas as profissões que lhes garantam vida honesta, nos interessam. ...desejamos criar uma profissão utilíssima tão pouco corrente entre nós mas que tanta falta faz: a de criadas e vigilantes de meninos. Essa profissão abrange o estudo de línguas, puericultura, higiene social, enfermagem, etc. ...dentro de 1/2 dúzia de anos a <i>Casa Mãe</i> poderá apresentar raparigas a quem as mães poderão confiadamente entregar os seus bebés.- para realizar essa Obra é preciso...</p> <p>- dinheiro muito dinheiro e mais alguma coisa: a boa vontade e a compreensão de todos os que nos</p>	
--	---	--

	<p>rodeiam e dos que nos hão-de rodear futura/- como conseguiram iniciar a obra?</p> <p>- com a boa vontade de alguns particulares e muitos sacrifícios nossos.- de futuro devem estar a contar com...Com o auxílio do Estado a quem sem dúvida pelo alcance social, a nossa Obra vai interessar e com colaboração de todas pessoas de v«boa vontade.</p> <p>...alargá-la?- será abranger todos os casos de miséria que se nos deparem.</p> <p>Projectos de abertura da <i>Casa Mãe</i> em todas as cidades do país- o que as levou a sonhar com esta obra antes de a realizarem?- de se conservar continuamente a situação de miséria e abandono moral a que se encontram votadas tantas crianças. Tantas órfãs exploradas!...e tão famintas, tão rotinhas...quando se sente até às lágrimas toda a miséria dos outros, nasce um Obra sob</p> <p>a protecção de Deus. Sugestionadas por 1 artigo da revista ONF, que defendia justamente o nosso ponto de vista, metemos ombros à tarefa e... começámos- em que idade deixa a <i>Casa Mãe</i> de proteger as raparigas?-- nunca deixa de as proteger e orientar...logo que aptas a serem colocadas em trabalhos externos, haverá um serviço de protecção para as vigiar, aconselhar e amparar ate à construção dos seus lares.</p> <p>- e se nunca constituírem família? Nesse caso compete às raparigas contribuírem para o seu futuro. Somos nós ainda que projectamos a sua "Casa de Repouso" mas serão elas que com o seu pecúlio a irão erguer. Quando empregadas, elas darão, por ex, 20% dos seus ordenados para fundos da "Casa de Repouso" que as receberá quando a idade e a doença lhes não deixem ganhar a vida.</p> <p>- quantas já têm?- por enquanto só 10...se cada mulher portuguesa contribuir mensal/ com 1\$00 para a "Casa mãe" poderemos salvar todas as rapariguinhas abandonadas. Parece-lhe que haverá uma única mulher que se recuse a colaborar connosco nesta obra de humanidade?- Não...a Casa Mãe pode ser visitada?</p> <p>Sem dúvida...todas as pessoas que queiram verificar como é possível restituir à graça e à dignidade da sua condição infantil e humana as pérolas perdidas no lixo da cidade.</p> <p>- Calçada da Cruz da Pedra, 38, a Santa Apolónia...Deus permita que ouvintes fiquem... interessados.(verm.) Dansa de roda inglesa; criança que não ande aos 18 meses, ir médico, não usar andarilhos, nem puxar braço; /gong/vigiar intestinos/gong/preceitos de enfermagem: quando não souber, não fazer nada</p>	
29º em 29 Maio 1946	<p>ML e Adriana/ outra vez pedido: Mãezinha, converse connosco acerca dos seus filhos. Escreve-nos, fale-nos deles e de si. Conte-nos o que eles dizem as gracinhas, Quando aproveitáveis e acertados serão publicados. Quando merecedores de reparos, dar-nos-ão ensejo de tratar assuntos que talvez nos não ocorressem(...);<i>Cavaleiro do cavalo de pau</i> alguns compassos; bom leite da mãe/gong/ mais fácil e barato evitar doenças; gong/ vigiar crianças/ gong/ crendice do ermo; Cavaleiro do cavalo de pau alguns compassos; ir médico antes de escolher praia; cumprimentar estranhos; não intrometer nas</p>	Caixa 43. Maço 3



	<p>conversas, a propósito de sentimentos de inferioridade oiça a prof. Virgínia Jardim Gomes: "alma infantil delicada...q muitos factos despercebidos dos adultos, são trabalhados no seu subconsciente, originando complexo a alteram o psiquismo. Pais e pedagogos devem procurar conhecer profunda/ os filhos e discípulos. Devem ser acima de tudo os seus amigos, os seus confidentes. Necessário q criança estime o adulto e q este procure despertar a sua estima....só reciprocidade se pode evitar males cuja influência se faz sentir na idade adulta...Desenvolver confiança ...entre pais e filhos(...)",dansa de roda alguns compassos; conhece os direitos da criança? Já em 1924 a Sociedade das Nações os proclamou...(...)",</p>	
30º em 12 Junho 1946	<p>Maria Lúcia, Adriana; Canção de Embalar; palavras hoje não são dedicadas, como de costume aos vosso filhos, crianças felizes que têm lar e família, pão e ternura...nos milhões q a última guerra mundial martirizou nesta infortunada Europa. Está decorrendo em todo o país a Semana da Cruz Vermelha Portuguesa, a benemérita instituição cuja finalidade consiste única/ em acudir aos q sofrem. ...chegam todos os dias à CVP relatórios de várias sociedades congéneres, pedindo angustiosa/ socorro, para salvar esses milhares de crianças q, na orfandade ou na miséria(...)Estamos na semana da CVP 1 dos seu obj. = angariar fundos q lhe permitem socorrer crianças q a miséria persegue aniquila ...atrevo-me pedir aos meus ouvintes q correspondam o melhor q puderem...(...)" ; Reverie de Schumann; reconhecer choros da criança; lavar dentes, cuidado com dentes de leite...; <i>Réverie de Shumann</i>; Conselhos: não permita que seus filhos convivam com pessoas doentes ensine não meter objectos na boca e nariz, lavar mãos antes refeições e mantenha esta hábito todos os dias ar livre e sol= factores essenciais para a saúde...disponha sua vida de modo q seus peq. Recebam ar livre e sol suficientes... Observe se os seus filhos têm os olhos brilhantes, as faces rosadas, músculos firmes e 1 posição de corpo correcta</p> <p>já os vacinou contra a varíola, difteria, tosse convulsa e febre tifoide...Leve crianças periodicamente médico e colabore com ele no seu programa de vigilância não esqueça o mais pequeno pormenor porque todos são importantes. Os seus filhos ouvem e vêem bem...nariz e garganta em boas condições de saúde?</p> <p>São alegres? Gostam de ajudar no trabalho procurando fazer bem feito? Dominam o mau génio? Brincam bem com as outras crianças? São leais a brincar? Pensam nos outros? Se algum dos pequenos adoecer isole-o não permita que outras crianças o visitem</p> <p><i>dança de roda inglesa</i>; dito infantil sobre o filho Fernando com dois anos que foi pedir pão para cavalo preso à criada mas como não tinha autorização para comer entre as refeições (...)Fernandito voltou para janela cabisbaixo...olhar enevoadado de lágrimas envolve meiguice a alimária q 2º o raciocínio infantil deve sofrer muita fome para assim comer ervas do caminho...murmura com suspiro...Tem paciência ...não há pão...(verm.) <i>dansa de roda inglesa</i>; para as mães Conselhos separados por gong/: bom humor, elemento de paz; impede discórdia, facilita reconciliações, estimula trabalho, dá ânimo par sofrer agruras</p>	Caixa 43. Maço 3

	<p>da vida = móvel + poderoso da vida moral com condição de ter como base a caridade e ausência de egoísmo gong a ternura das mães não deve ser violenta, espalhafatosa, intermitente mas calma,</p> <p>discreta e constante gong a criança é em parte o espelho dos pais mas possui 1 personalidade; a educação deve contribuir para a formação desta personalidade e não destruí-la gong a leitura exerce uma influência enorme, por x decisiva sobre o carácter. É preciso q essa influência seja benéfica(sic) e não prejudicial; <i>dansa de roda inglesa</i>;</p> <p>/reflexões:/a modéstia e simplicidade = inimigos da vaidade: ensinemos os nosso pequenitos a ser simples e modestos. Começemos por não criar neles- e sobretudo nelas- o culto da própria beleza. Não digamos a uma criança que é bonita...não nos extasiemos diante das suas graças nem dos seus atavios; também não devemos permitir à toilette" das pessoas crescidas nem a conversas q de perto ou de longe posam despertar ou estimular a vaidade...não significa que devemos fazer dos nossos filhos monos desageitados. Pelo</p> <p>contrário: cultivaremos a sua beleza, os seus encantos, mas sem q eles disso se apercebam de forma q essa beleza, encantos sejam realçados pela graça incomparável da naturalidade; só assim a criança se tornará simpática e insinuante...Podemos ensinar-lhe de pequenina a tratar dos dentes, da pele, dos cabelos, das unhas, da harmonia do corpo e das atitudes, da elegância dos vestidos, da correcção do penteado- sem a fazer vaidosa. Basta dizer que se trata da higiene, da saúde, do arranjo, do bom gosto. Basta incutir esses hábitos simplesmente, naturalmente, acompanhando-os de raciocínios claros, inteligentes, bem orientados, próprios das suas idades e nunca de pretensões tolas e mesquinhas, nunca para ser bonita, para parecer bem, para gostarem dela para meter + vista q as outras. Não se permita à criança nem à rapariga muito novinha o uso de modas excêntricas ou complicadas, de pinturas, de perfumes muito activos, nem o uso de jóias a não ser 1 ou outro obj. de ouro ou prata muito simplesmente um fio com medalha, um alfinete, uma pulseira, não a deixemos ser mulher ou + exacta/ não a deixemos enfermar dos defeitos femininos antes do tempo; é ridículo ou + e pior do q ridículo, é criminoso pois não será crime consentir q a malícia e o preciosismo ocupem o lugar da candura e simplicidade?; <i>Canção de Embalar</i></p>	
31º em s.d.	<p>Maria Lúcia, Adriana; <i>Canção de Embalar</i> /começa com Maria Lúcia/</p> <p>um dos espectáculos q + surpreendem e magoam os estrangeiros q nos visitam é o das crianças pedindo esmola. Tivemos há pouco oportunidade de falar sucessiva/ com 1 sra. Sueca, uma inglesa, outra belga e todas 3, espontaneamente nos afirmaram: não calcula o que eu sofri quando deparei com as crianças portuguesas a estender a mão a quem passa. Na minha pátria não se vê uma única criança a esmolar"(...) que havemos de responder a tais observações?</p> <p>Sem dúvida...problemas difíceis de resolver = este será um deles. Mas também é certo que a educação das novas gerações, os direitos primários do homem como membro de sociedades civilizadas, com dignidade de todos nós</p>	Caixa 43. Maço 3

	<p>e o nome da Nação, exigem que se olhe de frente o problema e que se resolva sem mais delongas. Todos somos mais ou menos culpados deste estado de coisas. Não acarinhamos, não ajudamos tanto quanto podemos e devemos, as Casas criadas para receber, proteger e educar as crianças miseráveis e abandonadas. Gastamos com câzinhos (sic) de luxo e superfluidades(sic) o bastante para dar de comer às crianças q têm fome. Por egoísmo, por preguiça mental, quando não por vaidade, alimentamos a instituição nacional da esmola, sem curarmos de saber se quem nos implora é a convencional "caridade", é um necessitado ou um patife.</p> <p>Todos cometemos estes crimes não falando noutros aspectos ainda mais graves da questão. Contudo, é preciso, é urgente, com largueza e eficiência, o problema da mendicidade infantil. Nunca é tarde para entrar no bom caminho. Conheçamos o mal para lhe aplicarmos o remédio. Não há dúvida de q o nosso exército de crianças mendigas é 1chaga nacional, verberada por quantos nos visitam e por todos portugueses esclarecidos. Sejam corajosos, coerentes, humanos! Dêmo-nos as mãos e acabemos com o mal... <i>dansa de roda inglesa</i>; vantagem criança deixar obs. Garganta e tirar temperatura quando de saúde; ensiná-la a gargarejar. Muito útil e fácil. <i>Gong</i> durante dias de calor não dê pequeninos bebidas geladas...tem inconvenientes e nenhuma vantagem tanto mais criança aprecia muito mais palhinha/formato do copo do que o líquido e sua temperatura. Dê-lhe pois, ao natural, sumo de limão, laranja, uvas ou qualquer refresco delicioso e inofensivo estes de que lhe vamos dar a receita de refresco de café, dá a receita e de xarope de romã... gong a mulher prestes a ser mãe deve ter alimentação variada e bem equilibrada, constituída por alimentos de excelente qualidade, sem quantidades exageradas de forma a manter o bom apetite, um bom estado geral e regular funcionamento de seu aparelho digestivo além do bom desenvolvimento da criança que vai dar à luz o período do crescimento = delicadíssimo; as mães devem sabê-lo...vigiar atenta/ o sistema ósseo dos seus filhos. A coluna vertebral não está bem direita? (...) gravíssimas. Tratadas imediata/= cura; entregues ao tempo não se sabe o que será <i>gong</i></p> <p>beijar as crianças = costume péssimo e todas as mães devem lutar contra ele...pode transmitir inúmeras doenças...(tuberculose, sífilis, sarampo, tosse convulsa, escarlatina, etc)...Não é fácil evitar q pessoas ignorantes beijem os nossos pequenitos. + 1 razão para usarmos de todas cautelas. Façamos notar a quem lida com nossos filhos q não gostamos q os beijem, ensinemos as crianças o + cedo possível a estender a mão para cumprimentar e a recusar beijos...enquanto são muito pequeninas multipliquemos nos babeiros, nos vestidos, nas fitas dos chapéus esta peq. Frase bordada numa cor viva gong em tempos q já lá vão os ovos foram considerados elementos indesejável para as</p> <p>crianças normais; hoje, modernos pediatras aconselham como regra q se inclua 1 ovo/dia na alimentação dos pré-escolares. Fornecem além de gorduras e vitaminas, minerais precioso como o ferro e as proteínas necessárias a todos os tecidos que entram (...) gong deixe o menino apanhar</p>	
--	---	--

	sol.. <i>dansa de roda inglesa</i> ; amigas uma vai comprar calçado à Baixa para os meus pequerruchos...compro onde me vendem mais em conta...calçado caríssimo...crianças rompem de uma maneira...- não comprar numa casa qualquer só porque vendem mais barato (...) não me vais dizer que a puericultura, ou a higiene ou qualquer dessas ciências que andas sempre a apregoar também metem o nariz no calçado das crianças- salvo devido respeito(...)/texto tipo Dr. António Menezes com tudo explicado/; /pede ajuda à outra para ir com ela comprar os sapatos/ <i>dansa de roda inglesa</i> ; ditos infantis; ; Canção da Primavera Mendelssohn, e continua em fundo <i>A Canção da primavera</i> continua em fundo durante toda esta fala; anda nos campos trabalho das ceifas...(texto sobre delícias do campo, natureza...muito literário e embelezado...)criando o hábito dos fins-de-semana em qualquer casal salão ou à beira mar ou na montanha?...sobretudo para crianças não contando com higiene apreciar ar livre...Canção da Primavera	
32º em s.d.	Maria Lúcia, Adriana; Canção de Embalar; <i>A primeira palavra</i> versos de Maria de Carvalho (sobre bebé q tem quase 1 ano) ditos ML; Alguns compassos da Canção da Primavera de Mendelssohn; /responde correio ouvintes: / <i>Maria da Graça</i> sobre papas de linhaça, gong, <i>Mãezinha salaia</i> sobre papas malteadas; indecisa sobre filho 18 meses andar e texto Dr. Armando Narciso; alguns compassos de uma <i>dansa de roda</i> ; sobre harmonia perfeita entre escola e lar; mais alguns compassos da canção da Primavera; culpa da 1º mentira pode ser sua...de harmonia com pécadilho q praticou...castigar sem sermão correctivo...Em caso de reincidência = criança repreendida e castigada Alguns compassos da canção da Primavera	Caixa 43. Maço 3

Poucas são as cartas em que as(os) leitoras(es), uns(umas) mais conhecidas(os) do que outros, apreciam os programas emitidos pelo *Rádio Clube Português* (Cf. *Espólio*). Umas são apenas para saudar a existência do programa, como é o caso de Armando Marques, morador na Parede, próximo de Lisboa que, tendo ouvido apenas a segunda emissão, fica com pena por ter perdido a primeira e por ser apenas qunzenal porque, apesar de não gostado que usassem a palavra “(...) ‘papás’ de maus efeitos psicológicos(...)”, ”considera-o “(...) de certo o mais útil e de maior projecção social da rádio portuguesa(...)” (Caixa 43. Maço 2) e também a de Maria de Jesus Mateus de Oliveira Mendes que, no meio de muitos outros assuntos da sua carta, aproveita para feliciatar Maria Lúcia Vassalo Namorado “(...) pelos admiráveis programas radiofónicos no *Rádio Club Português* (...) com dicção esplêndida (...)” ( Caixa 21. Maço 2).

Maria de Lourdes, filha de Amélia Vera Jorge e cujo marido é contabilista, expressa a mesma vontade de ver a emissão semanal e de aumentar para trinta minutos e desabafa: “(...) É tão pequenina, tenho sempre pena de que finde tão depressa!...que a Luz Divina

se espalhe sobre nós porque anda muita gente às escuras sem saber como cumprir a sagrada missão de Mãe...(...)”. Esta senhora escreve para informar Maria Lúcia Vassalo Namorado de que desejam contribuir, a mãe e ela, para a *Casa Mãe da Gaiata de Lisboa* com quantia de 2\$00 mensais. Pois essa instituição fora apresentada no 28º programa, em 15 de Maio de 1946 (Caixa 30. Maço 1).

De Serras e Silva há três cartas sobre o programa: uma em que agradece a referência que lhe foi feita (Carta s.d. Caixa 42. Maço 2) , outra em que deseja melhoras a Maria Lúcia Vassalo Namorado para poder retomar as emissões na Parede e em que propõe que se quiser “(...)dar saúde e alegria ao seu amiguinho para conversar, é só telefonar estou por casa(...)”o meu artigo pouco diz sobre o assunto...mudar a conduta de vida é obra de educação...(original) e de muito tempo...(...)” (Carta de 21 de Maio de 1948. Caixa 42. Maço 2) e uma terceira, em que, em texto manuscrito, ele elogia o trabalho feito, dizendo: “(...)Um ano mais (...) dedicação levou D. Maria Lúcia, há ano e meio, todos os quinze dias, à Parede, para aos microfones do Radio Club fazer uma conferência de assuntos de educação(...)exemplo deve ser conhecido para edificação das gentes(...)a ver se pode ser imitado(...)” (Carta de 24 de Dezembro 1956. Caixa 42. Maço 2). Ao verificar as datas destas missivas mais nos convencemos de que, na realidade, Maria Lúcia Vassalo Namorado terá tido dois e não um único programa, na Rádio, para as leitoras de *Os Nossos Filhos*.

Virgínia Bordallo Pinheiro Lopes de Mendonça, amiga de Maria Lúcia Vassalo Namorado, foi uma das pessoas a quem a autora dos programas enviou o texto em que os programava (Carta de 4 de Março de 1945. Caixa 42. Maço 2) mas nem sempre conseguiu ouvir as emissões porque “(...)Infelizmente nunca consigo a essas horas ter telefonia para a ouvir e tenho falhado as últimas(...)” (Carta s.d. Caixa 42. Maço 2).

Maria Lúcia Vassalo Namorado recebe duas cartas de M. Thérèse Albiñana, professora de Francês na Parede, em que há comentários ao programa radiofónico. Uma primeira, datada de 18 de Março de 1945, que refere textualmente: “(...)não faça caso do que disse Mme. Pinto: de acordo com o nosso gosto foi você que foi a melhor mas não lhe podia dizer(...)sua dicção nítida, perfeita(...)tinha emoção(...)gostei muito do canto(...)quanto ao diálogo destas senhoras era muito "à vontade", um pouco "commère" mas é minha impressão pessoal(...)”(Caixa 31. Maço 2) . Na outra, de 16 de Junho seguinte, em que a mesma senhora pede a Maria Lúcia Vassalo Namorado que veja se pode “(...) anunciar a audição dos meus filhos de 29 Julho das 12.10 às 12.25 (...)depois da sua (?) hora à 4ª(...)” (Caixa 31. Maço 2).

Uma crítica às emissões é feita também por Lídia Correia Serras Pereira, moradora em Algés, que em carta<sup>704</sup> de 20 de Junho de 1945, informa que: “(...)Tenho ouvido algumas das vossas emissões que aplaudo e acho muito bem dirigidos. É a sra quem fala? Pela voz não a reconheço mas calculo que sim. Parabéns por ter conseguido mais esse "bico de obra" .Parece impossível que a cada passo, uma iniciativa generosa, tropece com mil obstáculos mas infelizmente é assim mesmo. Como passa aqui para o Rádio Clube, se soubesse em que comboio, ia vê-la ou à ida ou à volta pois morando a bem dizer na mesma terra, raras vezes nos podemos ver(...)” (Caixa 41. Maço 1).

Outras senhoras, como Bertha Oliveira Neves, de Tomar, escrevem apenas para agradecer a inclusão de alguma referência a seus filhos, neste caso, a passagem de um *dito infantil* de *Teresinha*, filha da senhora em causa (Caixa 61. Maço 1) ou como Elvira de Lourdes Ferreira, de Vila Fresca de Azeitão que “(...) Soube que o dito da "Mariazinha" que enviara ganhou o 2º prémio no programa radiofónico(...) /e por isso/manda morada para envio do prémio(...)” (Caixa 61. Maço 1).

Outras cartas de Remo de Noronha, médico em Mesão-Frio (Caixa 47. Maço 3), de Eunice Monteiro Oliveira Gala, então no Sanatório da Guarda (Caixa 60. Maço 1), de Maria Cristina Campos que, em Tomar (Caixa 61. Maço 1) que não conseguem ouvir as emissões por falta de qualidade da captação da emissora, ou de Maria de Lourdes J. Coelho Dias, de Lisboa (Caixa 61. Maço 1) são exemplos de pessoas que não deixam de informar a directora da revista *Os Nossos Filhos* de que queriam ouvir os seus programas para as mães. Liberdade Serôdio de Carvalho, dona de uma farmácia em Paredes do Bairro, ficara muito satisfeita ao saber da realização dos programas radiofónicos (Caixa 32. Maço 1) mas não pode dar parecer sobre os programas porque, como os anteriores, tem dificuldade em captar o *Rádio Clube* e só capta bem a *Emissora Nacional/ (...)*”(Caixa 7. Maço 2).

Um outro médico, colaborador da revista para a área de Veterinária, Augusto de Almeida de Oliveira e Sousa, em Carta de 6 de Maio de 1945 refere que “(...) não consegui ouvir o vosso primeiro *Quarto de hora* pela rádio, mas ouvi o segundo, e por isso vos felicito por mais este êxito... Eu sabia que a D. Maria Lúcia tinha esse sonho porque, no tempo em que nos falávamos, me dera parte dele. Prometi, até, tentar convencer o Sr. António Ferro, por intermédio duma sua sobrinha, mas o director da

---

<sup>704</sup> Com indicação manuscrita de Maria Lúcia Vassalo Namorado de ter sido respondida em 26 do mesmo mês.

Emissora Nacional mostrou-se pouco acessível a tão fraco alpinista, e a sobrinha despediu-me com um encantador sorriso. Enfim, V. Exa triunfou, noutra batalha, e eu estou muito contente por isso (...)" (Caixa 41. Maço 2).

Ainda sobre o mesmo tema, a dificuldade de captação das emissões, há duas cartas que, ao referirem a impossibilidade de audição dos programas, pela explicação que apresentam para essa impossibilidade nos ajudam a construir um retrato interessante do quotidiano de meados dos anos 40: Lucilia Dionisio Botelho, uma senhora de Quarteira, diz não ter "(...) conseguido ouvir a emissão radiofónica do passado dia 25 porque na hora em que a mesma se realiza ainda não existe electricidade aqui(...)" (Caixa 61. Maço 1). Carta semelhante<sup>705</sup> envia um amigo de *Os Nossos Filhos*, António Leal, farmacêutico de Monchique, pai de Maria Cândida Leal, professora de liceu em Faro, que indica que: "(...) ...assim que li notícias das emissões que V.E<sup>a</sup>. ia transmitir pelo *Rádio Clube Português*, fui junto de todas mães que assinam Revista e de outras que pelas suas condições materiais não são assiantes, para que ss reunissem nos dias e horas indicadas afim de ouvirem os conselhos que tão necessários lhes são para o bom desempenho da sua missão de mães; baldados todos esforços nesse sentido: na minha terra ninguém tem aparelhos de rádio com baterias e porque só temos luz eléctrica das 23 ½ às 3 horas; essas propagandas são tão precisas em Monchique onde a grande maioria, eu nem sei o número, ainda se orienta por os mais atrasados e rotineiros processos no tratamento das crianças; eu bem sei que é muito grande a ignorância afinal não têm culpa pois se até os próprios médicos nada fazem sentido de orientar esta pobre gente; para as duas freguesias rurais pedi aos médicos que fizessem as reuniões afim de as mães poderem aproveitar, ouvindo as emissões e o resto que fizessem eles, como lhes cumpria(...)" (Carta de 5 Maio de 1945. Caixa 32. Maço 1). Por aqui percebemos que a electricidade ainda era um bem raro como reforçamos ao analisar, neste capítulo, o quotidiano daquele tempo e que a sugestão de as senhoras se juntarem e ouvirem as emissões<sup>706</sup>, discutindo-as depois entre si é dada por este senhor que, como veremos, fará mais sugestões sobre a questão de levar as pessoas a não beijar as crianças pequenas. Não foi apenas uma sugestão porque, em nova carta de 17 de Setembro de 1945, informa que: "(...) os programas radiofónicos, mercê do favor de amigos

---

<sup>705</sup> Com indicação manuscrita de Maria Lúcia Vassalo Namorado de ter sido respondida em 7 de Maio de 1945.

<sup>706</sup> A rádio era "(...) destinada às classes mais altas(...)" (Estrela, 2004. p. 91, fig. 91) e esta audição em conjunto era muito frequente.

dedicados que têm aparelho de rádio, têm sido ouvidos por muitas mães; ensinamentos de muito lhe tem servido porque já vão usando no tratamento das crianças os conselhos de V. Exa. (“ de V. Exa.(...)”<sup>707</sup>Podemos reunir muitas mães porque com a mudança da hora já s ouve bem o Rádio Club (...)”(Caixa 32. Maço 1).

Em carta de Maria Antónia, sem data percebemos que a senhora ouve as emissões de *Rádio Clube Português* e sugere :”(...)que linda coisa seria, uma vez por mês, a linda voz das suas emissões, dizer umas poesias sobre crianças, mães, brinquedos etc. Os versos da Graciete Branco que lindos!; Alguns do Santa Rita, do *Mundo dos Meus Bonitos*, que apropriadas seriam;Os da Graciete, do livro *Bazar de Brinquedos*, algumas fábulas do livro da Laura Chaves, bem recitadas, agradariam a todas; São leves, interessantes cheios de graça; Ela diz maravilhosamente, natural, sem afectação, mas com muita expressão(...)” “(Caixa 7. Maço 2). Como a carta não é datada não podemos saber se a introdução de alguns poemas nas emissões não teriam resultado desta sugestão da leitora.

Em carta enviada por Maria Lamas a Maria Lúcia Vassalo Namorado, de 1 de Junho 1945 sobre muitos outros temas entre os quais os votos de parabéns pois era esse o dia de aniversário da prima, há a referência de que ela, naquela semana, “(...)não ouvi a emissão porque não jantei em casa, mas informei-me pelo telefone a tua empregada disse-me que correu bem. Poupa-te o mais que puderes! Olha que a saúde é a chave de tudo(...)” (Caixa 50. Maço 4). Pelo resto da carta sabemos ainda que Maria Lúcia Vassalo Namorado não estava nada bem de saúde, à época, de tal forma que Maria Lamas escrevia também: “(...)Não imaginas como me preocupa o teu estado e como penso em ti, todos os dias, cheia de interesse e cuidado.Se eu puder aliviar-te em qualquer coisa nunca heistes. Nem tu supões como sou tua amiga e admiro a tua coragem, bom senso e talento. Melhor do que ninguém eu sei compreender todas as tuas lutas!(...)”(Caixa 50. Maço 4).

Continuamos a ignorar se houve um ou dois programas orientados por Maria Lúcia Vassalo Namorado no *Rádio Clube Português*. Se esta afirmação é correcta então eles teriam sido apresentados um entre Abril de 1945 e Junho de 1946 e outro dez anos depois. Mas, se assim foi, onde estão os textos do segundo? Porque só guardou os do primeiro?

---

<sup>707</sup> Cortado a lápis e escrito tem, à frente “escutados”; dá ideia que foi também publicado, tendo sido só introduzidas estas alterações?



A existência deste programa vai ser noticiada em *Os Nossos Filhos*. A ideia de realizar um programa radiofónico para também, através dele, contribuir para a educação das mulheres, está patente na primeira notícia que aí é publicada sobre o assunto: “(...)Graças a Deus somos milionários...de sonhos! Foi assim que sonhámos com uma Revista para os Pais e Educadores — e aqui a temos, «menina bonita» de quantos a conhecem, realizando a mais doce e benéfica acção educativo nos lares onde tem entrada. Também sonhámos com Emissões radiofónicas para as Mães. Hoje, a maior parte das Famílias possui um aparelho receptor; mesmo nos mais pequenas aldeias e lugarejos, há, pelo menos, uma pessoa que tem a felicidade de ser dona duma dessas caixas maravilhosas — e não a esconde avaramente: em tardes de domingo e d ias santos, o «aparelho» vai para a janela, espalhar música e alegria por todo o povoado. Portanto, se organizássemos Emissões para as Mães, as nossas palavras poderiam ser escutadas por todas as mulheres portuguesas, mesmo por aquelas que não podem ler *Os Nossos Filhos*. Sonhámos....E por hoje só lhes dizemos queridas leitoras, que o sonho está em vias de realização(...)”(ONF, Fev. 1945).

No mês seguinte há a confirmação de que as emissões serão “(...)quinzenais, e terão lugar em *Rádio Clube Português* a partir duma próxima quarta-feira, pelas 19 horas e 40 minutos. Começaremos com pequenos programas tanto quanto possível variados, e acessíveis a todas as inteligências(...)”(ONF, Mar. 1945). Dado que o objectivo é sobretudo a educação do maior número possível de Mães, Maria Lúcia Vassalo Namorado propõe até uma ‘metodologia’ de audição do programa: “(...)Gostaríamos que todas as senhoras que possuem um aparelho receptor convidassem as suas amigas que o não têm a ouvir em suas casas as nossas emissões; gostaríamos que permitissem que as suas serviçais as escutassem igualmente; gostaríamos até que, sobretudo nas Pequenas aldeias, a& leitoras de «Os Nossos Filhos» se associassem com o Médico e o Professor e organizassem pequenas sessões culturais dedicadas às Mães, sessões (que se poderiam realizar na Escola ou em qualquer sala ampla) cuja primeira parte seria constituída pelo nosso programa, e a segunda, por exemplo, pela explicação ou desenvolvimento ao mesmo programa. É tudo tão fácil! Basta um bocadinho de boa-vontade! (...)”(ONF, Mar. 1945).

O 1º programa de *Quarto de hora para as Mães* (ONF, Abr. 1945) foi apresentado em 18 de Abril de 1945, às 19.45h. Tal como para os artigos da revista, também se afirma que todos os comentários seriam sempre bem recebidos.

Em cada mês, na forma de pequena notícia, eram indicados os dias, hora e

estação emissora do Programa, sem qualquer referência a conteúdo previsto<sup>708</sup>. Os pedidos às leitoras são constantes pois que”(...) Se é patriota, se deseja o bem da Criança portuguesa, faça a maior propaganda destas emissões, que levam gratuitamente a todos os lares os conselhos e os ensinamentos que hão-de beneficiar a saúde física e moral dos vossos filhos(...)”(ONF, Jul. e também Dez.1945).

Como vimos, as ‘pausas’ do programa são ocupadas, como é publicitado no número de Setembro de 1945, com a leitura de alguns “ditos infantis” seleccionados de entre os que as leitoras de *Os Nossos Filhos* enviam para o Concurso que aí decorres subordinado a esse tema (cf. capítulo onde se faz apreciação dos conteúdos dos concursos promovidos pela revista).

Em 1955, ou seja, quase dez anos depois da primeira experiência, Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva Rosa punha, de novo, a hipótese de voltar a fazer programas de rádio: “(...)Actualmente estamos estudando a possibilidade de apresentar novos programas para aumentar o contacto com as nossas estimadas leitoras. Nada mais podemos dizer-lhe, por hoje, mas é possível que muito breve comecem as nossas emissões(...)”(ONF, Fev. 1955).

Este programa vai inspirar uma leitora que, em Silva Porto, em Angola, também vai criar um programa radiofónico, intitulado *Em prol da criança*(...) Escusado será dizer que dá «nossa» Revista tenho tirado material para os programas, visto que: dos livros que consultei só ela continha assuntos curiosos que se adaptavam facilmente aos casos que eu visava. No entanto não faltaram críticas algumas ofensivas, que desgostaram. Não desisti até há duas semanas, quero dizer, este programa quase um, ano, porque eu já perdi a coragem(...).

À semelhança dos vossos concursos, instituí um, com um prémio que disporia da minha fraca bolsa, prémio esse que constava de uma assinatura anual de *Os Nossos Filhos*. Pois bem, o concurso esteve aberto quase dois meses, e em toda a Colónia ninguém achou que dizer sobre *O problema da Criança em Angola*, título a que tinha de ser subordinado o estudo referido. Eu própria escrevi um artigo para dar uma ideia aos ouvintes mas nem assim(...)”. (ONF, Nov. 1950).

No texto final em que Maria Lúcia Vassalo Namorado responde à leitora, ela identifica as dificuldades que teve de vencer:”(...) ela dá uma ideia da luta que é preciso manter para fazer triunfar uma boa ideia ou uma iniciativa desinteressada e útil. É

---

<sup>708</sup> Tal acontece nos números de Maio e Junho a Novembro 1945, assim como de Janeiro a Março de 1946.

forçoso possuir muita fé, muita persistência, e vencer muito egoísmo, muito indiferença/,muita incompreensão, muita inveja. Isto não deve. Porém, desanimar quem trilha um bom caminho, nem sequer dar-lhe uma visão pessimista da vida e da humanidade(...)”(ONF, Nov. 1950).

A reflexão teórica sobre o uso da rádio como meio promotor de educação também se encontra nas páginas da revista. Em artigo de Afonso Cautela, cita-se a reflexão feita pela UNESCO sobre o que deve entender-se por ‘rádio educativa’ e ainda a definição de Roger Clausse, considerando que a rádio “(...) é educativa se se concebe e realiza com fins didáticos e se incorpora o um conjunto coerente e progressivo”(ONF, Ago. 1953). Considerando que a rádio pode ter diversas modalidades, a saber, “(...)recreativa, informativa ou de propaganda, de educação popular, escolar, infantil e cultural, pode dizer-se que só as duas primeiras tem havido em Portugal(...)”. Aquele autor faz questão de vincar bem que “(...) "Missão educativa da rádio" não é bem o mesmo de "rádio educativa". Na primeira podem caber todas as modalidades indicadas ao passo que na última compreendem-se (...) duas: de educação popular e escolar(...)” (ONF, Ago. 1953).

Da utilização da rádio como forma de divulgação de iniciativas dedicadas à Criança dá-nos conta *Os Nossos Filhos* quando refere que a comemoração do *Dia Mundial da Infância*, em 3 de Outubro de 1955 fora assinalada em Portugal, também membro da *União Internacional de Protecção à Infância*, se realizara um “(...)programa radiofónico na *E. Nacional* e sessão de cinema no *Tivoli*(...), a que assistiram Ministro da Justiça e muitas crianças internadas em casas de Assistência(...) com filme *Inseparáveis*, o documentário *Atum à vista* e *Teatro de Bonifrates* com bonecos articulados(...)sendo o tema deste ano (...) o art.º 1º da *Declaração dos Direitos da Criança*(...)” (ONF, Nov. 1955).

Como refere Isaura Correia Santos, também foi usada para divulgar, no Porto, através do “(...)Posto emissor *Ideal Rádio*, com director Júlio Silva(...)”(ONF, Jan. 1957) os apoios à “Obra dos Rapazes” do Padre Grilo, de Matosinhos.

Essas emissões foram, como aconteceu com a revista *Os Nossos Filhos*, com os livros que escreveu ou com os artigos que publicou, mais um meio de que Maria Lúcia Vassalo Namorado se serviu para contribuir para educar as mães e as crianças.

### **Programa televisivo *Filhos e Pais***

Sendo a televisão um meio de comunicação recente em Portugal pois que

iniciara as suas emissões em Março de 1957, não admira que ela não tenha sido o *meio* menos usado Maria Lúcia Vassalo Namorado na sua tarefa de educação das mães. Na revista *Os Nossos Filhos* encontramos, por esse facto, também poucas referências a programas nela apresentados. Sobre os que foram organizados e da responsabilidade de outros que não a directora de *Os Nossos Filhos* reproduz-se apenas uma fotografia de um programa do actor José Viana no *Passatempo infantil* de Domingo à tarde, em que ele lia o correio de meninos que escreviam e que tinha audiência “ao vivo”(ONF, Out. 1957). Uma notícia, de Dezembro de 1958, num contexto em que se referiam os acidentes que podem suceder com crianças, alertava os pais para os malefícios provocados pelo visionamento dos programas, recomendando-se que as crianças não estivessem muito tempo a ver televisão, e, se o fizessem, que fosse numa posição cómoda, a boa distância e em local bem iluminado, devendo consultar um oftalmologista logo que qualquer problema fosse detectado.

Aqui, o que nos interessa ainda é a publicidade que é feita, em *Os Nossos Filhos*, aos programas que, na Televisão, foram produzidos por Maria Lúcia Vassalo Namorado. São quatro as referências que encontramos em três números da revista, respectivamente datadas de Janeiro de 1957, duas no número de Março de 1958 e a última em Junho do mesmo ano, como se pode ver no quadro seguinte:

Quadro nº49.: Referências ao programa televisivo *Pais e Filhos* feita em *Os Nossos Filhos*:

Conteúdo do anúncio	Localização
<i>FILHOS E PAIS</i> Novo programa da Rádio Televisão Portuguesa Produção semanal Maria Lúcia Silva Rosa. Consulte o programa (...) para não perder nenhum número de <i>Filhos e Pais</i>	ONF, Jan. 1957. p. 5
Não deixe de ver, na Rádio Televisão Portuguesa, o programa <i>Pais e Filhos</i> , que é transmitido às segundas - feiras. Dirigido especialmente aos jovens pais, nele se apresentam os problemas mais correntes relacionados com as crianças de todas as idades. Veja o programa <i>Pais e Filhos</i> e escreva-nos, dando-nos a sua opinião e sugestões.	ONF, Mar. 1958. p. 21
Esse programa está actualmente marcado para as 2 <sup>as</sup> feiras, às 22 h. e 15 m. Mas como está sujeito a alterações, o melhor será consultar o seu jornal diário que traz sempre o programa da Televisão <sup>709</sup> .	ONF, Mar. 1958. p. 30
O Programa <i>Filhos e Pais</i> de Radio Televisão Portuguesa /scanner/	ONF, Jun. 1958

<sup>709</sup> Resposta dada a leitora que pergunta o horário do programa

É esta a menção a um programa de Maria Lúcia Vassalo Namorado – *Filhos e Pais* - que passou na *Radio Televisão Portuguesa* nos finais dos anos 50. Como vimos, a primeira notícia é dada em Janeiro de 1957 e só mais de um ano depois sabemos da efectiva realização daqueles programas. O convite para os realizar viera de Maria Germana Tânger (Entrevista a Maria Helena Torres Rosa Peres de Seixas. 11 de Jan. e 15 Mar. 2005) e existe mais uma fotografia em que Maria Leonor, a conhecidíssima apresentadora, entrevista<sup>710</sup> Maria Lúcia Vassalo Namorado mas mais nenhum documento do *Espólio* se lhe refere.

Na revista *Os Nossos Filhos* foram publicadas sete fotografias sobre programas que passaram na televisão, sendo que quatro são sobre o programa *Filhos e Pais* de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

Quadro nº:50. Fotografias de programas de televisão *Filhos e Pais* publicadas em *Os Nossos Filhos*:

Fotografia	Localização
<i>Família Martins</i> - Fotografia do programa televisivo <i>Filhos e Pais</i> /scanner/	ONF, Mar. 1958. p. 21
<i>A família e a escola</i> - fotografia do episódio do programa televisivo, com artistas Maria Emília Baptista, Manuel Lerenó e Luís Cerqueira	ONF, Jun. 1958. p. 5
<i>O Banho</i> , episódio do programa da RTP, fotografia com enfermeira Teixeira dos Prazeres <sup>711</sup> com artistas Maria Emília Baptista e Fernanda Alves /scanner/	ONF, Jun. 1958. p. 5
<i>Duarte e família</i> – Fotografia de Duarte preparado pelos pais para chegada do irmão	ONF, Jun. 1958. p. 8

Por elas ficamos a saber que havia uma *família-tipo*, interpretada por Maria Emília Baptista, a mãe; Luís Cerqueira, o pai; Manuel Lerenó e Guida Maria, faziam de filho e filha. Os temas abordados foram: as *relações família-escola*, o *banho do bebé* e a *preparação da criança para a chegada de um irmão*. Os programas começaram em 23 de Janeiro de 1958<sup>712</sup> mas não temos indicação de quantos foram apresentados. No

---

<sup>710</sup> As únicas referências que existem sobre esta entrevista são: em carta de Isaura Correia Santos, do Porto que refere: “(...) Soube da sua entrevista na TV e que me agradou. Tenho a certeza que o seu programa vai agradar. Hoje não posso ir a casa da Teresinha ver a TV mas irei na próxima quinta-feira (...)” (Caixa 41. Maço 1). E em carta de Maria Rosa Miranda, também do Porto, que diz conhecer Maria Lúcia Vassalo Namorado “(...) pelos ecrãs da televisão (...)” (Caixa 60. Maço 2).

<sup>711</sup> Como os programas eram em directo, razão pela qual não existem também, em Arquivo, na RTP, a enfermeira Maria Eugénia Teixeira dos Prazeres nunca virá os números da revista onde as fotografias foram publicadas senão no dia em que lhe fizemos a entrevista para apoio a este trabalho (Cf. Entrevista feita em 8 de Março de 2005).

<sup>712</sup> *Os Nossos Filhos*. n.º 189 de Fevereiro 1958. p. 9.

terceiro programa- sobre o *Banho do bebé*- sabemos que teve a colaboração da Enfermeira Teixeira dos Prazeres<sup>713</sup> /scanner/ e também se fazia alusão ao enxoval do bebé, sua composição uma vez que a *família Martins* estava à espera do seu terceiro filho. Maria Eugénia, com o seu nome verdadeiro, será apresentada como a futura madrinha do bebé, oferecendo por isso o enxoval para a criança. Fora escolhida para desempenhar tal missão por ser “(...)”(...) Enfermeira Técnica, interessa-se particularmente por Pediatria, o que dá autoridade especial às suas opiniões sobre o problema das crianças(...)”(p. 1).

Tal como nos artigos de *Os Nossos Filhos*, como veremos, os ensinamentos em cada programa passam pela apresentação de alguns princípios básicos como<sup>714</sup>: um filho não vem alterar em nada o amor que os pais já sentem pelos que têm, a vantagem de ter um enxoval pequeno, simples pois o bebé cresce depressa, nem luxuoso porque “(...) o luxo é coisa que detesto nas crianças(...)” (p. 3). Aconselham-se roupas práticas, confortáveis, a necessidade de lavar todas as peças que se tiram às crianças antes do banho, em casa em frente de janela aberta ao abrigo de correntes de ar, ir ao jardim sempre que tempo permita (p. 6), e ainda como fazer a cama do bebé(seg.)

Sabemos ainda que o programa número quatro, oito dias depois deste, deveria incidir sobre a importância das crianças frequentarem o Jardim infantil.

Na categoria ‘programa televisivo’<sup>715</sup> existem diversas cartas no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* e, apreciamos aqui as que, num total de treze, nos informam sobre o conhecimento que as(os) telespectadores têm de *Filhos e Pais* e também do futuro que a directora de *Os Nossos Filhos* aspirava para o programa.

Algumas referem as dificuldades que não lhes permitiram ver *Filhos e Pais*. Estão neste grupo Matilde Rosa Araújo, que escreve do *Hotel de Santa Luzia*, em Viana do Castelo (Caixa 42. Maço 1), Isaura Correia Santos, colaboradora do Porto (Caixa 41. Maço 1), de Leopoldo Gonçalves Fernandes, médico da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social*, do

---

<sup>713</sup> Era ainda estudante da *Escola Técnica de Enfermeiras do IPO*, casa com o advogado Francisco Silva Garcia em 30 Março 1958. Quando a fotografia sai na revista já estava casada.

<sup>714</sup> *Filhos e Pais: 3º Programa* de Maria Lúcia Silva Rosa, directora da revista *Os Nossos Filhos* com a colaboração da Enfermeira Teixeira dos Prazeres. 12 p. dactilografadas. (Doação Maria Eugénia Teixeira dos Prazeres Garcia).

<sup>715</sup> Não são aqui analisadas as que se reportam à rubrica *Problemas do coração* que deduzimos também ser da sua autoria na *Página da Mulher* da revista *Rádio e Televisão* que também referimos neste trabalho (cf.capítulo sobre biografia pós anos 60 ).

Porto (Caixa 60. Maço 2), Fernando Sylvan<sup>716</sup>, da Malveira (Caixa 61. Maço 1), António Emílio de Magalhães, director da *Liga Portuguesa da Profilaxia Social*, do Porto (Caixa 63. Maço 1) que, em cartão de visita, diz ir jantar mais cedo para ver o programa e, finalmente, de Fernando Fernandes, de Vila Nova de Gaia (Caixa 62. Maço 2).

Pela carta da assinante Deolinda Amélia Santos, da Póvoa do Varzim, que se desculpa porque “(...) ainda não vi nenhuma vez, tão atarefada tenho andado a cuidar dos meus pequeninos como eu gosto(...) e vi agora com espanto que há quase um ano recebi última carta de minha amiga em que me pedia a minha opinião sobre o programa de Televisão (...)” (Carta de 22 Dezembro 1958. Caixa 21. Maço 2) e da que seguidamente apreciamos, também podemos concluir que a directora de *Os Nossos Filhos* teria escrito a diversas assinantes no sentido de divulgarem o programa, vê-lo e comentá-lo. A carta de Júlia Cândida de Sá Barros Freire<sup>717</sup>, assinante da Foz do Douro, Porto é bem interessante pois que, não só nos sublinha o facto de Maria Lúcia Vassalo Namorado lhe ter escrito naquele sentido, como nos dá, sem querer, uma descrição do que era o quotidiano de muitas senhoras e destes tempos iniciais da televisão portuguesa : “(...) agora venho conversar um pouco consigo (...)o seu postalzinho levou-me a ver a "abertura" de *Filhos e Pais* na T. Portuguesa sem saber com havia de arranjar porque não tenho aparelho, nunca tinha visto nenhuma emissão- nem amigas que o tivessem mas já há muitos aqui na Foz, mas de estranhos ou vagos conhecidos. Mas resolvi logo ir e levar a Mimi para ela ter uma ideia de uma emissão. Ajudei-a a preparar as lições para ficarmos livres depois do jantar: sublinhei o mais importante das Ciências, separei amostras de rochas, tirei significados de português!...telefonei a vizinha do lado e fomos a casa de amiga (...) *Filhos e Pais*- que título bem escolhido, com a Criança à frente. E o nome da Sra. D. Maria Lúcia é logo uma mensagem de amor para todos nós; uma ajuda preciosa vai entrar em muitas casas. "Uma família feliz" vai ser mostrada a todos para verem como é fácil- se todos quisessem!- e como seria útil e lindo! Há tanta ignorância- e até superstição! - a combater possivelmente mesmo até nas casas...com televisão- isto não passa de uma conversa porque não me sinto muito competente para opiniões e

---

<sup>716</sup> Como tem caligrafia muito difícil não temos certeza de que seja sua e que escreve: “(...) disseram-me que o seu programa de TV (...) é o único programa sério pois o resto(...) está entregue ao Parque Mayer (...)” (Caixa 61. Maço 1).

<sup>717</sup> Assinante, casada com médico e cuja filha, Júlia Maria, tratada como *Mimi* ganhou diversos prémios em concursos de *Os Nossos Filhos*, ilustrou a obra *O Livro da Tila* e ainda hoje é amiga de Matilde Rosa Araújo, com telefonemas diários entre Porto, onde vive, e Lisboa (estes últimos dados foram obtidos por telefonema de 2 Março 2005).

sugestões. O programa chegou cá nítido- o aparelho era bastante bom...ou pelo menos, bastante grande. E começou por onde tinha de começar- eu nem me havia lembrado que havia de ser assim- pelo bebé- desejo, ainda esperança. Se fosse escrito, leria tudo outra vez. Assim...abri os olhos e alguma coisa cá ficou- não sabia que se devia estar deitada ou com os pés mais altos, nem evitar estar muito tempo de pé. Os três protagonistas iam bastante bem; as vozes são suaves. Não fez diferença a Mimi ver, pelo contrário: desde a férias grandes, últimas, que eu lhe disse "de onde vêm os bebés". Preveniram-me que ela saberia, no Liceu. Então preparei-me com tempo, comprei dois livrinhos franceses que me indicaram, e que ajudavam bastante a explicar as coisas. E como nunca tinha ouvido "patranhas", mas apenas: "é Deus, que manda os bebés à Mamãs...tudo foi fácil e correu bem. Também o ano passado lhe expliquei quem punha os brinquedos no Sapato; tinha de ser. Mas os sapatos continuam a pôr-se...e a aparecer cheios de manhã. E as coisas continuam a ser "do Menino Jesus". Mas voltando ao programa: comigo estavam quatro senhoras viúvas- companheiras e amigas- e uma rapariga com o Curso de Pintura e um pequeno colegial. Acharam que os conselhos estavam bem apresentados e amenizados pela história e mostraram desejar de ver mais, que continuasse. Pois se é tão preciso! Há 11 anos que tenho a nossa revista. Tenho-me esforçado por lhe aproveitar os ensinamentos. Mas quanta luta! Quanta lágrima chorada - tudo isto é aqui para nós - antes do bebé nascer! Ele desejado foi, e muito! Promessas, contas dos dias e dos meses, etc. mas a minha sogra dizia por ex. " que a não estimaria nem consideraria da família se a menina não tivesse as orelhas furadas"!- e que não tem; quando aos 5 meses, teve uma diarreia, queria que eu a tratasse com refeições de toucinho cru- foi tratada pelo médico de crianças com *Lazaran Roche*; achava que ela não poderia viver sem usar o "signo de Salomão"- nem sei bem se é assim que se diz- e deu-lhe um, mas nunca o usou; como não me agradava que fizessem do quarto do bebé, reuniões à noite, barulhentas e com grandes luzes, dizia que a criança ia ficar selvagem, estranha - Louvado seja Deus que nunca vi bebé mais "dado" e alegre -. E depois, tal mãe...tal filho. E aos poucos tudo me foi custando a própria felicidade. A vida entre gente supersticiosa é um inferno. É preciso combater isto, combater sempre. E ensinar os casais a serem felizes. Ainda há muitos que não sabem(...) (Caixa 29. Maço 1).

Revelamos aqui também o conteúdo, inédito, de duas outras críticas que foram feitas a *Filhos e Pais* porque uma delas foi enviada pelo escritor Manuel Ferreira e outra por Manuel da Fonseca, mais conhecido hoje como *Mário Castrim* e que deixa aqui aquela que deve ser uma das suas primeiras críticas de televisão.



Manuel Ferreira<sup>718</sup> vivia então em Caldas da Rainha e, como ele mesmo refere, escreve para “(...)falar do seu programa. Do primeiro programa *Pais e Filhos* que vi em companhia da minha mulher (...)achei o programa muito bem orientado e considero-o mais do que útil, pois os ensinamentos que foram dados - e os que se adivinhavam que seriam dados em programas futuros- são na maioria desconhecidos pelos pais e pelos que vão ser pais....não fazia a mínima ideia como seria apresentado (...)o seu programa prometia ser um dos bons programas de televisão - e eles não têm assim tantos que nos sintamos indiferentes perante um que se impõe. Foi pena a interrupção e oxalá ela seja eliminada...porque de trabalhos assim é que nós precisamos /a partir daqui manuscrito:/ Mais do que coboyadas com tiros, assassinios, etc, etc, etc...que as crianças já podem ver /fim do manuscrito/ (...) É natural que tivessem(sic) havido momentos em que surgiam a ideia de lição. Mas foram momentos pequenos (...)e isso se deve principalmente à interpretação que nem sempre foi esmerada (...)O que interessa é a probidade mental, a dignidade profissional e o senso artístico. E de tudo estava cheio o programa. Ouvi dizer que barafustaram - e alcinharam o programa impróprio para filhos. Coisas espantosas do nosso estado de coisas. Que houvesse quem o dissesse, admite-se. Que houvesse quem com responsabilidades desse ou tivesse que dar ouvidos a tais barbaridades, é que custa a aceitar (...)vamos aguardando que os homens aprendam todos a saber escolher o trigo do joio (...)” (Carta de 5 de Fev. 1958. Caixa 27 Maço 1).

Manuel da Fonseca<sup>719</sup>, numa carta em que convida Maria Lúcia Vassalo Namorado para colaborar no jornal *Diário de Lisboa*, tema que abordamos mais adiante na biografia desta autora, escreve num pequeno texto manuscrito: “(...) Ontem estive com o Manuel Ferreira a ver o programa da televisão. Gostei, sinceramente, embora, é bem de ver - como dizia a personagem do Júlio Dinis- "não seja bem a minha especialidade"... Parabéns. Está a fazer um trabalho digno e muito útil. Depois conto. Manuel.”(Caixa 41. Maço 1).

Finalmente, Dulce Morais e Castro escreve, de Luanda, duas cartas em que aborda este tema: na primeira ainda deseja apenas que Maria Lúcia Vassalo Namorado “(...) consiga esse programa na Televisão e a nossa revista possa contar com a sua

---

<sup>718</sup> Casado com Orlanda Amalis Lopes Rodrigues Fernandes Ferreira, professora primária e assinante de *Os Nossos Filhos*, autor de *Hora di Bai* (cf. Apêndice *Biografias*).

<sup>719</sup> Como veremos ao analisar o conteúdo de *Os Nossos Filhos*, este autor usa também, aqui, os pseudónimos de *Manuel*, *Maria Manuela Nunes*, *Lúcia Benedita*, *Mário Castrim*, *Manuel Agra* e *Realejo* (Cf. Base das Cartas do *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*).

dedicação em melhores circunstâncias do que até aqui (Carta de 9 de Out. 1957. Caixa 32. Maço 1) e uma outra, muito mais extensa, em que refere: “(...)Deve estranhar que ainda não lhe tenha resposta às suas perguntas sobre possibilidade de aqui se colocarem os seus programas para a Televisão; o Álvaro foi falar com o chefe dos serviços de produção do *Rádio Clube de Angola*- amigo de carteira do liceu- que lhe disse não pagarem qualquer programa; a modalidade será o programa ser patrocinado por uma firma; para isso, enviar uma ou duas bobines para ele ouvir o género e depois arranjar patrocínio de firma; trata-se de uma rádio particular que vive mais das receitas da publicidade do que das cotas; este rádio clube é o melhor de toda a província(...) minha amiga dirá quanto quer por cada programa e manda bobines para mim ou directamente para António dos Santos e Sousa, pondo as suas condições (...) temos um engenheiro amigo, de criança do Álvaro, na direcção da rádio de Malange, podemos tentar aí também; podemos admitir ser a firma patrocinadora com interesses noutros postos da província; se vierem para nós, o Álvaro irá logo falar ao Santos e Sousa (...) descansada que a publicidade *nunca* será do género de interromper o programa; só no início e fim(...) a mesma boa vontade se porá aos programas da Belmira; aqui não terão problema em dizer que o programa é da T.V.R.(...) quanto a direitos de autor, por aqui ainda não está em vigor mas se estiver evidentemente que os terão; na sua carta pergunta quanto pagariam por cada programa (...) não faço ideia; junto lista de postos de cá para se quiserem escrever directamente (...)/anexa as moradas de/ *Rádio Clube de Angola*, Luanda(...), *Rádiodifusora*, Lobito, *Rádio Clube de Moçâmedes* (...) de Malange, *Rádio Clube do Sul de Angola*, Lobito e *Radio Clube do Cuanza Sul*, Novo Redondo (Carta de 27 de Dezembro 1957. Caixa 32. Maço 1).

Concluímos que, não existindo televisão ainda em Angola, Maria Lúcia Vassalo Namorado terá pensado em enviar, como se de programas de rádio se tratasse, as bobinas com os programas televisivos em que ensinava às mães como tratar do bebé, reflectia sobre as vantagens de colocar as crianças, na idade própria, num jardim infantil e muitos outros temas de cujo conteúdo não temos conhecimento.

Deste programa também é feita publicidade em *Os Nossos Filhos*: “(...) Dentro em breve possivelmente a partir do dia 22 do mês corrente, e todas as 6<sup>as</sup> feiras, haverá na RTP um novo programa, de características diferentes de todos os demais. Trata-se de um programa especialmente dirigido aos Pais, e nele, serão apresentados, de maneira acessível e amena, os problemas mais correntes, relacionados com as crianças de todas as idades. Foi encarregada de organizar e escrever este novo programa a

directora de *Os Nossos Filhos*(...) Sugestão àqueles nossos leitores e bons amigos que verdadeiramente se interessam pela felicidade das nossas crianças: organizem, por esse país além, reuniões de jovens pais para assistirem a estes programas, findos os quais os assuntos neles apresentados sejam discutidos, sob a orientação de professores e médicos presentes. Como será, fácil — e económico!— levar assim os mais elementares necessários conhecimentos da puericultura da psicologia infantil, à quase totalidade da população portuguesa! A ideia aí fica. Aguardamos confiadamente as vossas decisões e sugestões(...)”. (n.º 186. Nov. 1957. p. 5)

Pelo número de Fevereiro de 1958 sabe-se que o programa começou em 23 de Janeiro desse mesmo ano<sup>720</sup>, “(...) produção da nossa Directora. (...) semanal(...) e dirige-se especialmente aos jovens pais, e nele se apresentam os problemas mais correntes relacionados com as crianças de todas as idades. José e Maria Luísa Martins constituem um casal simpático e feliz. Têm dois pequenitos, Zé Paulo, de 10 anos, e Teresinha, de quase 5 anos - e estão à espera o terceiro filho. Este casal tem a preocupação de criar e educar os filhos o melhor possível e é isso o que se pode observar, no decorrer dos episódios que .revelam a maneira de pensar e agir da família Martins. (...)”(ONF. Fev. 1958. p. 9). Meses mais tarde indicava-se ainda que: “(...) Prossegue o programa *Filhos e Pais*, na *Radiotelevisão Portuguesa*, às 2ª s feiras “(...) da autoria da nossa directora e constitui o prolongamento da obra educativa de *Os Nossos Filhos*”(...) pedimos que façam a divulgação deste programa, mas também que nos enviem as suas críticas e sugestões(...)” (ONF, Jun. 1958. p. 5).

A falta dos textos que neles teriam sido ditos não nos permite uma análise mais aprofundada da importância de que se terá revestido esta iniciativa de Maria Lúcia Vassalo Namorado como *meio* de educação ao serviço das mães.

### **Secções e Serviço de encomendas**

A interacção e a fidelização com/das leitoras de *Os Nossos Filhos* vai ser estimulada por Maria Lúcia Vassalo Namorado. As secções nascem e desaparecem sem que consigamos perceber a lógica da sua criação/extinção. É frequente a justificação da necessidade de uma nova secção mas raramente se explica o seu desaparecimento.

---

<sup>720</sup> O programa apenas começou em 23 de Janeiro de 1958, como refere n.º 189. Fevereiro 1958. p. 9. No n.º 190 de Março 1958. p. 21 publica-se a fotografia/tenho scanner/ dos actores que protagonizam o programa e o mesmo texto –apelo para envio de sugestões e de opiniões. Esse apelo é repetido no n.º 189. Fevereiro 1958. p. 9 em que tb se publica a mesma foto.

Uma das secções cuja criação é objecto de notícia de página inteira é a dos *Conselhos da mãe, da Madrinha e da avó*<sup>721</sup>, respectivamente, *Maria Clara, Maria Fernanda e Maria da Luz*. /scanner/ Elas responderiam “(...)gratuitamente às perguntas que as Mães nos queiram dirigir. Não deverão fazer-nos mais de três perguntas de cada vez. Deverão indicar um pseudónimo, sem o qual não responderemos. Não há respostas particulares (...)” (ONF, Mar. 1943). Como tinham sido ‘contactadas’ aquelas colaboradoras? Tinham sido seleccionadas porque, num dia em que a directora de *Os Nossos Filhos* andava pelo Chiado, as encontrara e tinha-as ‘convidado’ porque cada uma delas tinha competências específicas que as recomendavam para tal tarefa: *Maria Clara*, “(...)é a mãe mais perfeita que conhecemos (...)a mãe de 5 garotos o mais novo ainda é bebé e o mais velho já entra na adolescência. Inteligente, culta, consciente dos suas possibilidades e responsabilidades (...) sabe tudo o que se prende com a alimentação e a higiene das crianças, tudo o que contribui para o seu desenvolvimento ou (...)o prejudica (...)”. *Maria Fernanda*, a madrinha, fora convidada porque era “(...) Dotada de invulgar bom gosto e bom senso, conhecendo tudo o que interessa à elegância e a moda ordena, e ainda por cima louca por crianças (...)orientar, esclarecer sobre mil pormenores os mães que vivem longe dos meios elegantes, e que se vêem, por vezes, embaraçados na escolha de tecidos ou 'feitios de vestidos, no arranjo dum aposento, na compra dum presente(...)” seria a sua tarefa. Finalmente, *Maria da Luz*, a avó, fora contactada porque “(...) Saber criar os filhos, cuidar-lhes da alimentação, proporcionar-lhes uma vida higiénica que os torne robustos, é importante, é indispensável. Sabê-los vestir, educar-lhes o gosto, rodeá-los dum ambiente agradável não é uma preocupação fútil quando inteligentemente orientada no sentido da beleza pura, dessa beleza que eleva o espírito e torna a vida mais agradável, e que não tem nada que ver com a beleza pretensiosa...que não passa dum disfarce de vaidade;...A formação moral dos filhos é outro problema, para mim o maior que os mães têm que resolver. (...)Como criar os pequenitos e os adolescentes (...) /ficaria a seu cargo/ dar às mães os esclarecimentos e o apoio de ordem moral que tantas vezes lhes falta (...) porque a nossa amiga é uma senhora de 50 anos, esposa, mãe e avó (...)coração um quilate invulgar. Generosa, sensata, delicada e subtil, ela é, principalmente, compreensiva, e através de tudo

---

<sup>721</sup> Em Fevereiro de 1943 a secção estivera prevista chamar-se *Conselhos do Doutor, da Madrinha, e da Avó acrescentando-se* que “(...) Por absoluta falta de espaço, só no próximo número começaremos a publicar os *Conselhos do Doutor, da Madrinha, e da Avó*(...)” (ONF, Fev. 1943).

optimista (...)” (ONF, Mar. 1943).

Da caracterização feita para estas colaboradoras, que sabemos serem todas heterónimos/pseudónimos de Maria Lúcia Vassalo Namorado, se percebe o tipo de leitoras a quem se queria fazer chegar a revista e qual o tipo de assuntos a abordar, quer nos artigos quer na correspondência com as leitoras.

No mês seguinte também *Lília da Fonseca* apresenta a nova secção de entrevistas a diversas(os) escritores de literatura infantil, como referimos no capítulo sobre os inquéritos lançados pela revista. Aqui interessa-nos perceber, do ponto de vista teórico, quais as razões que são aduzidas para a inclusão dessa nova iniciativa. A autora explica que, já Eça de Queiroz “(...)sentia a mágoa da ausência da literatura infantil no seu país e (...) apenas Maria Amália Vaz de Carvalho e Gonçalves Crespo, tinham reunido em volume as traduções dos mais insinuantes contos infantis dos países nórdicos<sup>722</sup> e Ana de Castro Osório iniciava a sua bela tarefa de recolher da tradição oral o maravilhoso do repertório popular (...) Rolaram anos e educação e instrução foram ganhando novas perspectivas e a criança começou a ser objecto de uma atenção mais cuidada, em prol do seu desenvolvimento físico e mental. E a literatura infantil desapareceu no nosso país. Não (...) apenas por senhoras inteligentes e em dificuldades pecuniárias, como preconiza o autor da *Cidade e as Serras*, mas também e por escritoras e escritores de alto relevo intelectual (...) porque a literatura infantil necessita de requisitos especiais para falar à alma e à compreensão embrionária da criança (...) sendo o trabalho do verdadeiro escritor (...) estudar profundamente o coração do menino, para que, com a sua narrativa, o seu conto, a sua poesia, a sua peça teatral, o clarão se não apague, o cântico se não extinga, a a risada não deixe de retinir (...) qual o processo para pi atingir este desiderato? (...)” (ONF, Abr. 1943). Iniciava-se assim uma nova reflexão em *Os Nossos Filhos* que mais não pretendia do que ajudar as mães na tarefa nem sempre simples de escolher livros para as crianças, pequenas ou adolescentes.

Uma outra secção cuja justificação é dada nas páginas da revista é a de Augusto Oliveira e Sousa que começa a colaborar como “(...) quartanista de Medicina Veterinária (...)” e acabará como médico veterinário, com conselhos práticos sobre a transmissão de doenças dos animais que se transmitem aos indivíduos da espécie

---

<sup>722</sup> Cf. O que sobre a escolha do título para a revista escrevemos também neste trabalho.

humana porque “(...) os pais citadinos /desconhecem que/ os seus filhos não esta» isentos de certos perigos ao brincarem com os seus cães, gatos, galinhas, coelhos e papagaios....muito lucrarão com as linhas que se seguem, desde que não sejam, de profissão, médicos ou veterinários (...) (ONF, Out. 1943).

Também as senhoras mais dedicadas a trabalhos de mãos vão ter uma nova *secção de malhas* “(...)na qual responderemos às perguntas que nos sejam dirigidas. As nossas respostas constituirão autênticas lições, acompanhadas de fotografias feitas expressamente para melhor compreensão do assunto exposto. Desta maneira qualquer senhora, lendo atentamente a nossa secção, ficará conhecendo todos os segredos deste elegante e utilíssimo trabalho (...)” (ONF, Out. 1949). A primeira destas ‘lições’ é apresentada logo no mesmo número e é a resposta à pergunta: “(...) 1ª lição- Deu-se um, desastre o e casaco ficou cortado. Trata-se, dum golpe horizontal, bastante comprido(...)”, como seria possível remediar o mal feito? (...)”.

Uma outra secção na qual Maria Lúcia Vassalo Namorado deposita inúmeras esperanças é a *Secção Cultural* que cria sob a orientação de Matilde Rosa Araújo (cf. *Apêndice Cap. 4- Biografias*) e que era necessária às mulheres para quem era necessário ter mais cultura, sobretudo se vivendo na *Província*: “(...) sentis que a vossa falta de cultura é um entrave para a vossa felicidade(...) viveis em terras pequenas onde não há professores ou não tende possibilidades ou coragem de tomar lições(...)a partir do próximo n.º uma secção cultural(...)uma professora do ensino secundário ensinar-vos-á a redigir...tirai uma hora por dia (...)para os vossos estudos(...)nunca é tarde para aprender(...) (ONF, Out. 1951). O mesmo texto é repetido no número seguinte e acrescenta: “(...) Aqui nada haverá de doutoral(...)o que não soubermos e muito será(...) iremos buscar junto daqueles que sobre esses assuntos(...)se dediquem(...)”. Haverá “(...) Perguntas sobre Língua e Literatura Portuguesa, História universal, de Portugal, da Arte, da educação, etc. Pedagogia, Ciências Biológicas e naturais(...)curiosidade das leitoras(...)” (ONF, Nov. 1951). As primeiras questões foram sobre um texto de Júlio Dinis. Sublinhe-se a excelente qualidade da ‘lição’ apresentada, tendo em conta o tipo de revista feminina que era *Os Nossos Filhos*: começava com uma pequena informação biográfica do autor, seguida de um ‘guião’ de auto-aprendizagem, como hoje diríamos, em que se colocavam cinco perguntas de interpretação e se sugeria que as senhoras poderiam também “(...) fazer uma redacção sobre as vossas impressões de leitura: da obra. E tudo o mais que a vosso sensibilidade e espírito crítico vos ditar (...)” (ONF,

Nov. 1951).

Junto a estas secções que ora aparecem ora desaparecem existem também as chamadas secções permanentes mas, como já referimos, o aspecto gráfico, o seu conteúdo e a disposição na revista sofrem mudanças constantes. Há uma outra secção em particular, a das *Encomendas* que pretendemos analisar um pouco mais uma vez que ela fora pensada para as senhoras de quem Maria Lúcia Vassalo Namorado nunca se esquece: “(...) Senhoras que vivem em pequenas localidades, vêem-se frequentemente embaraçadas para fazerem certas compras. É preciso deslocarem-se à vila ou cidade mais próxima, onde, muitas vezes, não encontram o que pretendem. Pensando nas nossas assinantes que vivem em quintas e aldeias (...) e para as ajudarmos a resolver este problema (...) vamos prestar um bom serviço. Assim, futuramente nossas assinantes que precisem de fazer determinada compra em Lisboa, não têm mais do que escrever-nos dizendo claramente o que pretendem e a quantia que desejam gastar: é indispensável indicarem-nos o seu número de assinatura e enviarem-nos 1 \$00 em selos de correio para a resposta. No prazo de oito dias responderemos, dizendo o que encontrámos e o seu preço. Convindo, a assinante enviar-nos-á a quantia necessária compra do artigo e seu envio pelo correio. Dentro de oito dias desempenhar-nos-emos da nossa missão. Não cobraremos qualquer percentagem pelo nosso trabalho. No próximo número publicaremos a lista dos artigos que nos propomos adquirir para as nossas assinantes (...)” (ONF, Abr. 1944). O texto continua até dois meses depois, data em que se apresenta finalmente a lista do que é possível adquirir através desta secção, precedida de uma anotação, em itálico: “(...) *Para evitar contrariedades e demoras, informamos que não atenderemos os pedidos que não obedeçam a todas as condições acima expostas.* Podemos comprar: enxovais para bebés, roupas para senhoras e crianças, cintas, meias, tecidos, acessórios de «toilette», perfumarias, carteiras, malinhas, pastas e livros (...)” (ONF, Jun. 1944).

Dando cumprimento ao prometido, a revista anuncia o fornecimento de moldes em envelope “(...) de vestidos ou roupas de criança(...) roupa de rapazinho sofre um aumento de 2\$50 por peça. Os molde até 12 anos serão fornecidos mediante a indicação da idade. Deste idade para cima é indispensável preços variam conforme o modelo escolhido” (ONF, Mar. 1943), os enxovais para bebé<sup>723</sup> que constavam de “(...)de camisa, casaquinho interior, fralda, bico, cueiro, cinta, vestido, casaquinho de malha,

---

<sup>723</sup> Um ano depois haviam aumentado para, respectivamente, económico 180\$00 Elegantes, 450\$00 Luxuosos 750\$00 (ONF, Maio 1944)!

babeiro, botinhas e capuz. Seu preço depende, como é compreensível, da qualidade dos tecidos. O enxoval económico custa 120\$00; o elegante, 300\$00; e o luxuoso, 500\$00. Não mandamos à cobrança. O pagamento é adiantado, e pelo correio custa mais 8\$00 para embalagem e porte. (...) Foi justamente pensando nas jovens mãezinhas ainda sem prática destas roupinhas, que criámos este serviço de fornecimento de enxovais(...)" (ONF, Jul. e Nov. 1943), ou mesmo para recém-nascido que "(...) constam de camisa, papagaio, cueiro, «chambre», saia comprida, vestido, touca e sapatos para baptizado, babeiro, casaco curto, capa com capuz em «matelassé», dobra de lençol, almofada e colcha para berço ou carrinho. Os moldes têm dispostos nos devidos lugares desenhos para bordar. Preço 20\$00, e mais 2\$00 para correio(...)" (ONF, Out. 1947). Um outro serviço é o de pontos de bordar cuja explicação "(...) do ponto de canutilho por meio de desenhos (...)" (ONF, Maio 1951) também se enviava. Os moldes cuja referência mais se publicita em *Os Nossos Filhos* são os de construção de brinquedos em pano cujo último anúncio coincide com o último número da publicação, já anual (Cf. ONF, Dez. 1954, 1955 em diante). Para as senhoras que quisessem ser "(...) a modista dos seus filhos)" muitas são as indicações de que a revista dispõe de moldes de roupas "(...) Para crianças de 1-5 anos cada peça 10\$00 Para meninas de 5 a 12 anos (...) cada peça, 12\$00. Para rapazinhos de mais de 5 anos---cada peça, 12\$00 Roupas interiores para sra. 10\$ a 20\$00. Vestidos e casacos simples para sra-- 20\$00 A estas importâncias juntar 1\$50 para correio (...)" (ONF, Set. 1956).

Se bem que estas indicações de envio de moldes não deixe de estar presente em *Os Nossos Filhos* até ao final da publicação da mesma, em Outubro de 1946 refere-se que "(...) Há tantas faltas no mercado, é hoje tão difícil encontrar qualquer artigo que há anos se via em todo o lado, e está tudo tão caro, que a nossa secção de compras está suspensa há já bastante tempo. Temos muita pena de não podermos ser, sob esse aspecto prestáveis às nossas estimadas leitoras amigas(...) aguardamos melhores dias(...)" (resposta a *Maria do Carmo*, ONF, Out. 1946). Mais tarde, continua a indicar que pode enviar os moldes e também as peças já confeccionadas o que implicava, como é evidente, preços distintos (ONF, Fev. 1948). Também eram enviados outros trabalhos femininos como toalhas para mesa de bebé e babeiros (Fev. 1952), os moldes para avental e bata para criadas das crianças, /scanner/sem pagamento à cobrança, apenas enviando 10\$00 para o molde do avental e 20\$00 para o da bata, com os selos para despesas de correio (Fev. 1955).



Também temos indicação dos diversos pedidos que as leitoras faziam para a revista. Entre eles figuram, a título de exemplo, os monogramas com que elas pretendiam enfeitar as roupas que confeccionavam para os filhos, numa época em que o “prêt à porter” ainda não era a norma. Por falta de tempo, de espaço ou por outras razões nem sempre invocadas, tais pedidos ficavam muitas vezes sem resposta. Isso não foi porém o que aconteceu a Sara Pinto Coelho que, em 1945 viu publicados dois monogramas /scanner/ que pedira para seus filhos: José Manuel e Carlos Nuno<sup>724</sup>.

Há uma leitora de Torres Novas que pede inúmeros livros dizendo: “(...)Costumo ler *Os Nossos Filhos* e aproveitar a útil iniciativa de envio de livros para a província (...) *A mulher dona de casa* (...)interesse no livro *Joaninha quer casar* mas não vejo há bastante tempo vir anunciado na vossa revista como era hábito(...) está esgotado? Para quando nova edição? Custo?(...) pedir elucidação dos preços de: *O grande problema: estudos sobre educação* do prof. José Francisco Rodrigues; *A mulher educadora* de E. Sousa Costa; *O Corpo humano* do prof. Celestino da Costa, 3 v. Da Biblioteca Cosmos(1ª Secção: Ciências e Técnicas); *A Mulher médica no lar* de Dra. Maria Emília Sena Martins; *As leis que à mulher interessa conhecer* de Dra. Maria Alexandra da Costa Flórido; *O nosso lar* da arquitecta Maria José Estanco; *Breviário da Dona de Casa da Baroneza X*; *A nossa beleza* de Cheryl Hutton, tradução de Luísa Garção; *O Corte sem mestre*, 2 v, de *Lília da Fonseca*; *Noções de arte aplicada* de Aurora Severo; interessa saber e cada volume da *Biblioteca Cosmos* e dos “Cadernos Inquérito” têm preço determinado, sempre o mesmo e qual ou pode variar conforme assunto e obra apresentada?(...) podem encarregar-se de enviar qualquer dos volumes acima indicados? (...) se a resposta vier na revista agradeço ser dirigida às iniciais M.O.(...)” (Carta de Maria Cesária Oliveira. Torres Novas. Carta de 6 Abr. 1954. Caixa 15. Maço 2). Esta leitora volta a escrever nova carta para pedir informações sobre os preços de *Crianças mal educadas*, de Fernand Nicolay com adaptação de Virgínia de Castro e Almeida e *Introdução à Psicologia das Crianças*, do Dr. Emile Planchard (Carta da 25 Fev. 1955. Caixa 59. Maço 2).

Há muitas outras cartas com pedidos semelhantes como as de Maria da Purificação Antunes da Silva, assinante 5319, de Venda Seca, Belas (Caixa 21. Maço 2) que pede ajuda para quem lhe possa fazer fatinhos para menino ou ainda Cândida Maria Tavares,

---

<sup>724</sup> O primeiro viria a falecer em viagem para Moçambique, como se comprova por cartas no *Espólio* e o segundo é hoje o apresentador de televisão e rádio, Carlos Pinto Coelho. Os monogramas /scanner/ foram publicados em *Os Nossos Filhos*. N.º 41 de Outubro de 1945. p. 20

sob pseudónimo *Uma flor*, que escreve, de Portalegre, pedindo as amostras de rendas de duas agulhas(Caixa 60. Maço 2).

Outras vezes, era a revista que punha as senhoras em contacto umas com as outras para que, entre elas, fizessem o mesmo. Os pedidos deviam ser acompanhados da importância respectiva e a encomenda deveria ser enviada “(...)no espaço de 8 dias (...)” (ONF, Maio 1943). Esta iniciativa não era inédita pois que *Portugal Feminino*, a revista de Maria Amélia Teixeira, de que Maria Lúcia Vassalo Namorado fora delegada em Torres Novas, também o fazia já em Dezembro de 1932. Nesse número da revista informa-se que “(...) *Portugal Feminino* encarrega-se muito gostosamente de todas as encomendas que as suas prezadas assinantes desejem fazer. É apenas necessário enviarem adiantadamente a respectiva importância, seguindo a encomenda registada e contra reembolso do porte do correio, para nos tranquilizar sobre a garantia da entrega. As amostras pedidas seguirão também contra reembolso do porte do correio, não cobrando a nossa administração qualquer importância suplementar por este encargo, que toma apenas com o intuito, de beneficiar as prezadas leitoras de *Portugal Feminino*(...)” (Dez. 1932. p. 1).

Vejamos então outros objectos que podiam ser encomendado pela revista:

Quadro n.º: 51. Encomendas em *Os Nossos Filhos*:

Envio de aguarelas para senhoras; preço varia com tamanho do trabalho e do motivo, com flores ou com frutos tamanho 18 x 13 cm 250\$00; tamanho 30x20cm, 480\$00	ONF, Ago. 1943
Envio de guardanapo que representa crianças brincando com balões pode ser pedido o desenho que importa em 3\$50 pagos adiantadamente	ONF, Abr. 1951
Junto com o desenho, no tamanho natural, damos uma gravura ampliada que mostra o efeito dos pontos. Fornecemos mediante 3\$50, a explicação do ponto de canutilho feita por meio de desenhos	ONF, Maio 1951
possibilidade de envio de amostras	ONF, Jun. 1951
pede-nos uma leitora a publicação de pontos simples para camisolas de raparigas. Os dos modelos de hoje .Publicamos são também próprios para esse fim. Podemos fornecer amostras. Cada 10\$00 e mais 1\$00 para correio.	ONF, Jan. 1952
De todos os pontos se aprendem na <i>Escola de Noivas e Donas de Casa</i> enviam modelos originais contra envio de importância respectiva	ONF, Fev. 1952
amostra de roseta de colcha de noivado e uma roseta completa, feita «crochet», importa em 10\$00 pagos adiantadamente era dinheiro, selos, ou vale de correio	ONF, Fev. 1952
vestuário de futura mãe e desenho de cinta que qualquer sra. pode fazer em casa facilmente...cintas de elástico já se encontram por 150\$. Se tem dificuldade em adquirir,	ONF, Mar. 1947

podemos comprar e mandar-lhe uma.	e Dez. 1953
-----------------------------------	-------------

Por vezes, como dissemos, a revista põe as senhoras em contacto com outras leitoras que também fazem amostras para fora. Como exemplo desta situação temos a publicidade ao trabalho de uma senhora, Maria da Assunção Garcia da Cunha, de Guimarães, que tendo recebido o prémio do *Concurso de rendas* (Cf. *Apêndice Cap. 4-Concursos*) em Dezembro de 1951, um ano depois informa que se as senhoras quiserem uma amostra devem dirigir-se-lhe directamente o pedido para Largo do Toural, 38, naquela cidade (ONF, Nov. 1952).

Nas cartas do *Espólio* há ainda duas indicações específicas sobre encomendas: uma delas, com a leitora, Emma Calisto, já avó, moradora na R. Dr. Nunes da Ponte, na Foz do Douro, Porto e assinante desde o primeiro número que tem um ‘contrato’ com Maria Lúcia Vassalo Namorado. Em 1952 esta senhora manda “(...)neste correio um novo mostruário com alguns artigos novos e uma nova modalidade de vendas. Como verá, os clientes passam a ter o desconto de 10% em todas as suas compras, com o porte gratuito desde q excedam 1500\$ isto independentemente do nosso contrato que fica na mesma. Julgo que esta modalidade irá agradar à clientela, não lhes valendo a pena andar atrás dos saldos e dos descontos nas lojas. Peço o favor de me mandar as amostras velhas(...)”(Carta de 14 Abr. 1952. Caixa 86. Maço 1). Infelizmente não sabemos que cláusulas eram as que ligavam estes negócios. No ano seguinte, nova carta continua a referência ao negócio, que nos parece ser do tipo de venda por catálogo, como agora está tanto em voga, para venda de roupa de cama e de casa: “(...) Em primeiro lugar muito obrigada (...) pelas boas indicações para minhas futuras correspondentes. Vou informar-me quais as localidades que me indicou que têm contra reembolso nos correios, porque nem todas têm, para mandar para essas senhoras As explicações sobre o negócio. Como V. Exa me pede as amostras, mando-as neste correio e com muita satisfação gostarei que seja tb minha correspondente, esperando que nos havemos de entender. Essas são as amostras gerais, que poderá conservar em seu poder e pedir-me mais quando precisar. Temos também mostruários especiais de colchas de seda e de algodão, atoalhados adamascados e turcos. São mostruários maiores que mandarei quando forem precisos. É preciso q as encomendas sejam feitas a mim, sem o que não poderei dar a comissão, assim como toda e qualquer reclamação deve ser também feita a

mim para eu dar providências. Quanto à % não posso ir além dos 5% porque não tenho margem para mais. Como disse a V. Ex.a é um pequeno negócio de senhoras, mas que sempre dá para qualquer coisa ou para renovar as roupas de casa. A maneira de me fazer as encomendas é simples. Nome e direcção do destinatário e a lista dos artigos pedidos, com as referências respectivas - letras, números, ou outra qualquer designação especial. Só dos tecidos que não tenham qualquer designação fará V. Ex.a o favor de cortar um pequeno bocadinho, só o suficiente para eu ver o que é, e colar na requisição, tais como popelines, flanelas, alinhados de cor, etc. E desejo-lhe muitos bons negócios aguardando as suas ordens. Fico com mais uma correspondente em Lisboa, onde tenho várias, algumas há anos, principalmente uma há 18 anos, que casou 3 filhas a quem fez belos enxovais só à custa das minhas comissões. Sobre negócios julgo ter dito tudo (...)” (Carta de 1 Mar. 1953. Caixa 86. Maço 1).

Ainda no mesmo mês percebemos que Maria Lúcia Vassalo Namorado, se tornara ‘agente de vendas’ da dita senhora em Lisboa e, embora subestimando a sua participação no negócio, terá feito alguma encomenda à senhora:”(...) com muito prazer recebi sua carta e as primeiras encomendas, a que já dei ordens, estimando saber que tudo chegou bem e a contento das clientes. Desculpe-me não concordar com a designação de - fraca agente -. Muitos poucos fazem um muito. Verá... Ainda não recebi resposta do Congo, assim como ainda nada recebi de algumas senhoras d'Africa a quem escrevi sobre o negócio mas ainda não é tarde. Não temos tecidos para vestidos, a não ser seda natural creme, mais própria para blusas e lingerie. Há toalhas de felpa, grandes e pequenas e de banho, assim como atalhados adamascados, de mesa. Brevemente mandarei amostras que estão a organizar, depois do balanço (Carta de 20 Mar. 1953. Caixa 86. Maço 1).

A outra referência a encomendas está num documento, manuscrito, o *Livro de apontamentos de encomendas de roupas de casa* a Maria José Narciso Góis, Ester Antunes, Ilda Marques<sup>725</sup>, Ana Rodrigues Boavida. Por ele se percebe que Maria Lúcia Vassalo Namorado lhes fizera encomendas de diversas peças a partir de um mostruário para fazer peças em “(...) linho branco e cores, popelines riscas, felpa, pano especial fronhas, pano especial abretanhado, pano para lençóis, ponto de cruz, tecido regional, panos minhotos, roupa de cama com barras de cor, xadrezinho, panos para cozinha, tecidos a metro, toalhas e guardanapos (...)”(datado de 19 e 28 Mar.1953. Caixa 86.

---

<sup>725</sup> Uma outra funcionária da *Os Nossos Filhos*, ainda viva.

Maço 1).

Percebemos que, com esta secção de *Encomendas* a directora de *Os Nossos Filhos* pretendia aumentar os seus rendimentos mas, também este não foi um negócio rentável para ela, como o não foi o da publicidade feita em *Os Nossos Filhos* e que analisamos de seguida.

## **Publicidade**

A publicidade na revista *Os Nossos Filhos* foi vista para a sua descrição morfológica da mesma mas também nos deteremos num tipo especial e que agrupámos sob a designação de ‘publicidade educativa’ ou seja, aquela que é feita a estabelecimentos de ensino ou em que se assume que se quer ensinar algo às mães ou crianças.

Como em qualquer meio de comunicação, a publicidade funciona em *Os Nossos Filhos* como forma de angariar meios para o seu financiamento.

Ao longo da revista são publicados diversos anúncios entendidos enquanto “(...) produto criativo que, depois de concebido e realizado, necessita de ser difundido através de um meio que favoreça o seu conhecimento junto do potencial mercado (...)” (Estrela, 2004. p. 20). Pensamos que os que são publicados em *Os Nossos Filhos* tenham sido, na maior parte dos casos, feitos por Maria Lúcia Vassalo Namorado e, só raramente, como os da *Nestlé* era alguém que, no exterior, produzia o anúncio.

Quanto ao *estilo* usado nesses anúncios, ou seja, “(...) os aspectos ou elementos a que o anúncio recorre para conseguir a apresentação da mensagem publicitária da forma desejada(...)” (Estrela, 2004. p. 20) o mais comum na revista que aqui abordamos é o *estilo informativo* pois nele se descreve, por vezes com extrema minúcia, o produto que se pretende anunciar e se há elementos visuais de apoio, eles reduzem-se ao logotipo da empresa ou nem isso. Outros anúncios são redigidos no *estilo atmosférico* que se caracteriza por “(...)tentar evocar uma disposição ou uma imagem associada ao produto de modo a fomentar o seu consumo (...)” (Estrela, 2004, p. 38). Neste caso está o anúncio ao livro *Tesouro das cozinheiras* /scanner/. O anúncio do *Leite Nido* é feito no *estilo comparativo* pois que tenta “(...)demonstrar uma vantagem (ou mais) evidente do produto em relação à concorrência (...)” (Estrela, 2004. p. 39). O *Sabonete Caldas Santas*, quase sempre no mesmo local da publicação – o canto superior esquerdo do verso da capa – é o tipo de anúncio que usa o estilo quotidiano, ou seja, “(...)em que se demonstra a utilização do produto em situações, mais, ou menos normais, do dia a dia

do consumidor (...)” (Estrela, 2004. p. 41). Em muitos casos, sobretudo nos que dizem respeito a produtos alimentares da *Nestlé* são também os *estilos evidência científica* ou o estilo de execução os mais usados pois, quanto ao primeiro, “(...) tenta-se demonstrar que o produto é melhor que os da concorrência, através da apresentação de estudos científicos (...)”(Estrela, 2004. p. 42) ou, acrescentamos nós, a referência a esses estudos. Quanto ao segundo, o estilo de execução “(...) baseado no conhecimento técnico, demonstra a experiência ou conhecimento especializado da empresa na elaboração do produto (...)” (Estrela, 2004. p. 43)./scanner do *Leite Nido* também/

Quem são os anunciantes de *Os Nossos Filhos*? Em muitos casos, a própria directora da revista usa este meio para dela e nela fazer publicidade. Todos os outros são anunciantes nacionais ou anunciantes internacionais com fábricas em Portugal.

As campanhas a determinados produtos como o já referido *Sabonete Caldas Santas* ou o *Polvilho Silva Ferraz* são mais ou menos constantes revelando uma estratégia publicitária bem definida. Porém, no caso que aqui nos ocupa, a maior parte dos anunciantes usa a revista como meio de comunicação apenas de forma esporádica. Os anúncios a colégios são feitos de forma mais organizada do que a dos restantes produtos e muitos deles tomam a forma de *publireportagem* ou seja, “(...) uma dessas formas de publicidade, que consiste em anunciar o produto em forma de reportagem ou artigo (...)”(Estrela, 2004. p. 43). Vejam-se como exemplo deste último caso os textos de Isaura Correia Santos sobre o *Colégio Brotero*, (ONF, Jun. 1954), o *Colégio Almeida Garrett* (ONF, Jul. 1954), o *Colégio Universal* (ONF, Nov. 1954) ou o *Colégio Lusitano* (Abr. 1955) todos do Porto.

Quanto à localização dos anúncios, esta têm dois aspectos característicos: por um lado, há aqueles anúncios que mudam constantemente de página, como o caso das *medalhas de ouro e prata* de João Silva, ainda hoje à venda só nas melhores ourivesarias. Outros, como o do já referido *Sabonete Caldas Santas* ocupam sempre o mesmo lugar na revista assim como o anúncio ao *Jardim Infantil* da Rua Luciano Cordeiro. Quanto aos anúncios em geral há que referir que são os produtos da *Nestlé* os que geralmente ocupam a contracapa da revista. Nos últimos números da revista entre 1959 e 1964 é a *Tipografia Bertrand & Irmãos*, empresa onde se imprimia *Os Nossos Filhos*, que ocupa sempre esse espaço.

Os textos desses últimos anúncios (cf. todos registados na Base da revista *Apêndice Cap. 4- ONF 205*), são sempre muito cuidados de forma a ensinarem às mães o que fazer e que produtos utilizar no aleitamento e em produtos para o crescimento do bebé

ou do resto da família. Não deixa de ser interessante que, até nos anúncios, a revista oscila sempre entre dois pólos: por um lado, no interior defende quase sempre, nos artigos de Peuricultura pós-natal, o aleitamento materno enquanto que na contracapa da revista e, por conseguinte, como fonte do seu financiamento, tem de promover os produtos que então eram a moda no campo do aleitamento artificial.

De todos esses anúncios o mais interessante, do ponto de vista iconográfico é o da contracapa<sup>726</sup> do número de Julho de 1943 /scanner/ em que o pai sorridente segura um bebé sisudo. O texto, muito simples, tece elogios ao *Leite Açucarado Moça e Farinha Láctea Nestlé* ao mesmo tempo que chama a atenção de quem o vê para a capacidade que tais produtos têm de promover “A saúde dos filhos e a felicidade dos pais”. A maior parte dos anúncios da Nestlé<sup>727</sup> tem um texto muito extenso, compacto, sempre explicando em pormenor as vantagens da utilização dos produtos neles referidos. Tendo em conta o grupo social a quem se dirigia a revista cremos não errar dizendo que o texto não era, de forma alguma, compreendido pelas mães e pais que recorriam a esses produtos. A grande preocupação dos anúncios é explicar a composição química do que se quer vender.

No início dos anos 50, como se vê no capítulo deste trabalho em que analisamos os diversos concursos promovidos pela revista *Os Nossos Filhos*, também a contracapa foi usada para divulgar o *Concurso Foto Nestlé*. Os bebés que ganharam o concurso de 1953 viram as suas fotos publicadas na contracapa<sup>728</sup> do número de Fevereiro de 1954.

Fora Henri Nestlé que, em 1866, descobrira uma farinha capaz de substituir o leite materno (Oliveira, 2003. p. 88). Entre nós, estes produtos eram reconhecidos oficialmente uma vez que, em 1905, a “(...) Sociedade Henri Nestlé foi nomeada fornecedora da *Casa Real Portuguesa* de farinha láctea, leite condensado e chocolate(...)” (Oliveira, 2003. p. 88). A indústria de lacticínios portugueses como se depreende da revista, sobretudo nas referências que nela são feitas ao leite e aos perigos a que estava sujeito o seu transporte, em Lisboa, raramente seguia os mais elementares preceitos de higiene. Em 1923 fora criada a *Sociedade de Produtos Lácteos* (SPL), empresa que esteve na origem da *Nestlé Portugal*. Na base da sua constituição estiveram o professor Egas Moniz, preocupado com as altas taxas de mortalidade

---

<sup>726</sup> *Os Nossos Filhos*. n.º 14. Julho 1943. Contracapa.

<sup>727</sup> Vejam-se, a título de exemplo, em *Os Nossos Filhos*, os anúncios das contracapas dos números 99 de Agosto de 1950 e do n.º 100, de Setembro do mesmo ano /scanner/.

<sup>728</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 141. Fevereiro 1954. contracapa.

infantil, “(...) Artur Valente, um juiz e agricultor com bons conhecimentos no sector da agropecuária, e Rodolfo Leopold, engenheiro, antigo um colaborador do inglês Hatmaker, inventor da máquina de secar leite pelo sistema «roller» (...)”(Oliveira, 2003. p. 88-89).

A primeira fábrica de leite em pó foi lançada em Santa Maria de Avanca, entre Estarreja e Ovar, como se refere em *Os Nossos Filhos*. Naquele mesmo ano, a “(...) *Junta de Província da Estremadura* /através do seu/ presidente, Rodolfo Xavier, iniciou a distribuição gratuita do alimento às crianças pobres de Lisboa (...)”(Oliveira, 2003. p. 89). Esta fábrica conseguirá “(...)obter o exclusivo da fabricação e venda dos produtos *Nestlé* a partir de 1933, ano em que extraordinário crescimento da produção ditou a sua passagem a sociedade anónima (...)” (Oliveira, 2003. p. 89).

Da fábrica saíam em 1958 diversos produtos, a saber, “(...)Pelargon, Mido, Nestogeno, Semilco, Molico, Êledon, Leite Condensado Açucarado Nestlé, Nestum, Soldor, Farinha Láctea Nestlé, Nidex, Arobon, Nestargel, Nesmida, Nestrovit, Milo tónico e Nescafé. Comercializa-se ainda os cubos Maggi (...)” (Oliveira, 2003. p. 92). Ao analisar a revista *Os Nossos Filhos* verificamos que a publicidade à maior parte deles é uma constante. Todos eles são extremamente interessantes do ponto de vista do que hoje designaríamos como “marketing” e que, desde 1951 esteve a cargo de Carlos Vilan. Desta estratégia de afirmação fizeram também parte as iniciativas de que *Os Nossos Filhos* nos dão conta: a promoção de Concursos (cf. Concurso bebé Nestlé) e a troca de rótulos por utensílios domésticos que hoje são vistos como “(...)um genial golpe publicitário (...)” (Oliveira, 2003. p. 92)

Embora o criador da marca, Henri Nestlé, não tivesse a ideia de que a publicidade fosse um campo em que valesse investir, foi ela afinal a forma de tornar mundialmente conhecida a marca que nascera devido à elevada mortalidade infantil mundial.

Foi o próprio inventor da marca que mandou desenhar e aprovou em 1868 “(...)um ninho de pássaros num ramo de carvalho, que mostrava as crias a serem alimentadas pela mãe. A relação com a sua farinha láctea não podia ser mais directa: a mãe dá de comer aos seus filhos (...)” (Oliveira, 2003. p. 98). Como se vê a escolha dos produtos desta marca para dela se fazer publicidade constante em *Os Nossos Filhos* mostra como, neste campo, Maria Lúcia Vassalo Namorado soube ter uma visão estratégica e influenciar o público que queria atingir com a sua revista.

Deixando outras análises possíveis da publicidade que encontramos na revista passemos a abordar a publicidade educativa, ou seja, todos os anúncios a materiais



didáticos e a estabelecimentos de ensino que são alvo de informação ao longo das páginas da revista.

Em relação a publicidade educativa a material didático há a referir, principalmente, a que é feita pela *Secção de Higiene Infantil do Instituto Pasteur de Lisboa*. Normalmente ocupando metade de uma página, do lado esquerdo da mesma, porque ilustrada, nela se podem identificar alguns materiais sobretudo da marca *Kiddicraft*, destinados a escolas ou mesmo a serem adquiridos por particulares mais abonados.

A partir da análise de tais anúncios foi possível elaborar uma pequena lista de que constam: jogo de números, jogo de rodas dentadas, colar de bolas de madeira, sete barris, pirâmide de discos, balança<sup>729</sup>, caixa do correio<sup>730</sup> e caixa de tintas<sup>731</sup>. A maior parte das imagens é acompanhada duma pequena descrição destes brinquedos e das idades a que se destinam. Há algumas páginas<sup>732</sup> em que essas imagens são precedidas de frases-citação de psicólogos e pedagogos reconhecidos – Stern, Rousseau e Froebel – e acompanhadas de um pequeno texto explicativo e que a seguir transcrevemos:

Quadro nº52. : Anúncios a material didático:

Citação e texto inicial do anúncio	Fonte
“Ser humano desenvolve as suas forças naturais pelo jogo; assim, a criança, pelos seus sentidos, toma conhecimento, do mundo exterior, domina, os seus próprios movimentos e aprende a exprimir e a comunicar as suas ideias pela palavra». STERN: Psicologia da Infância Para a compreensão do mundo que a rodeia, para a aprendizagem das relações com este mundo, precisa a criança de disciplinar as suas emoções e desenvolver os seus interesses através do treino sensorial. E, este é alcançado com os brinquedos que permitem à criança empregar três poderosas forças; a observação, a imitação e a repetição. A aprendizagem assim é livre, sem as restrições disciplinares da educação em idades mais adiantadas. Prestam-se admiravelmente a esta finalidade os brinquedos simples, de peças desmontáveis que permitem infindáveis combinações sem o inconveniente do brinquedo engenhoso e complicado cujo manuseamento pela criança é muito difícil	Fev. 1954. p. 30
“Já se não sabe ser simples em nada, nem mesmo com as crianças. Guisos de ouro, de prata, corais, cristais de facetas, rocas de todo o preço e de toda a espécie: que de apetrechos inúteis e perniciosos” Rousseau, séc. XVIII O adulto tem a tendência natural para a escolha de brinquedos complicados e engenhosos que julga apropriados à criança sem se lembrar que essa sua escolha lhe interessa por corresponder à sua complexa estrutura mental. Um brinquedo bom para a criança não é	Março 1954. p. 30

<sup>729</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 140. Jan. 1954. p. 26

<sup>730</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 141. Fev. 1954. p. 30

<sup>731</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 143. Abr. 1954. p. 30

<sup>732</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 141. Fev. 1954. p. 30, n.º 142. Março 1954. p. 30 e n.º 143. Abril 1954. p. 30

<p>necessariamente complicado e caro.</p> <p>Nos primeiros anos de vida não domina perfeitamente os seus movimentos musculares e os seus processos mentais são simples, e, tal como o adulto ignorante, não sente admiração pela engenhosidade do brinquedo por lhe serem incompreensíveis os princípios científicos que os regem (aplicações da electricidade, da mecânica, da óptica, etc. Daí, dificuldade de manejo do brinquedo que causa irritação e falta de confiança em si própria pois a criança não consegue um resultado que a satisfaça.</p> <p>Por isso mais apropriados a estas idades são os brinquedos simples, de peças separadas, fáceis de montar e agrupar, om os quais a criança realiza o que a sua imaginação lhe dita ou executa e adestra na repetição de movimentos simples.</p>	
<p>“A brincadeiras da infância são como o germen de toda a vida que vai seguir-se: porque o homem no seu todo por elas se desenvolve e manifesta; assim revela as suas mais belas aptidões e o mais profundo do seu ser. Posso converter as actividades infantis, os divertimentos, as ocupações em tudo o que se chama brincadeira em instrumentos do meu propósito». FROEBEL</p> <p>Os 5 ou 6 primeiros anos da criança ao praticamente dominados pelas forças sensoriais que todos os pedagogo procuram aproveitar e orientar para a integração da criança na sociedade. Pela observação, imitação e repetição a criança educa os seus sentidos e estabelece as bases do aprendizado das técnicas elementares que virão a servir para o seu desenvolvimento mental e que fornecerão condições para a vida. Iniciação certas técnicas elementares — aritmética, leitura, escrita, etc. — é facilitada pelo aproveitamento das actividades lúdicas da criança. Assim, introduzem-se nos jogos e nos brinquedos as combinações alfabéticas e aritméticas, socorrendo-se do tacto e da vista para estabelecer as necessárias correlações mentais. Determinados brinquedos mostram a relação da grandeza dos dígitos, outros dão a noção de operações aritméticas elementares (adição, subtracção) e ainda outros destinam-se à fixação das formas das letras e seus valores fonéticos.</p>	<p>Abril 1954. p. 30</p>

Em anúncios da *Secção de Higiene Infantil* do mesmo *Instituto*, ao mesmo tempo que se anunciam determinados objectos como banheiras de lona ou cadeiras de tela para mais segurança das crianças há pequenas imagens, entre outras, de crianças famosas como Amadeu Wolfgang Mozart<sup>733</sup> ou Carlos Camilo Saint-Saens<sup>734</sup>, com a respectiva biografia precedendo essas imagens. /scanner/ ou com imagens de foro religioso como Menino Jesus em criança<sup>735</sup>. Ainda durante o ano de 1956, os anúncios da *Secção de Higiene Infantil do Instituto Pasteur* foram sempre precedidos de um ‘horóscopo’ para meninos e meninas cuja autoria é de Maria Lúcia Vassalo Namorado embora sempre fossem assinados com pseudónimo *Velhinho das Barbas*.

<sup>733</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 184. Setembro 1957. p. 28

<sup>734</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 185. Outubro 1957. p. 20

<sup>735</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 188. Janeiro 1958. p. 12

Maria Lúcia Vassalo Namorado oferece diversas vezes produtos da marca “Natus” como prémio dos concursos que promove uma vez que fizera um contrato de representação com essa marca, aliás muito discreto. Esses produtos, para beleza das mães ou higiene dos bebés são publicitados através de um folha solta colocada no interior da revista<sup>736</sup>, /scanner/como hoje tanto está em moda na publicidade. A Revista propõe mesmo<sup>737</sup>, como sugestão de presente de Natal e com desconto se o pedido for feito à Editorial *Os Nossos Filhos*, /tenho scanner/ que as senhoras peçam esse produto para si ou para que ele seja remetido a terceira pessoa. Era a utilização do ‘cheque-prenda’ ainda antes de ele ser vulgarizado.

Do ponto de vista gráfico, estes anúncios, segundo os critérios actuais, seriam considerados desajustados à realidade que pretendiam captar; porém, não podemos esquecer que os valores estéticos e os meios usados são hoje bem diferentes.

Finalmente não podemos deixar de mencionar o anúncio<sup>738</sup> da *Companhia de Seguros* “La Nationale-Vie”, para *Seguros de Educação e dote* pois ele é revelador do que, em termos ideais, se resumia o percurso biográfico de qualquer cidadã(o) e os valores a que apelava.

Da brochura<sup>739</sup> /scanner/ que Maria Lúcia Vassalo Namorado guarda no seu *Espólio*, que lhe fora oferecido em 1948, com dedicatória do próprio autor António Casal, gerente da Companhia, podemos colher algumas das intenções que a dita empresa tivera ao criar o seguro de vida que será objecto de publicidade em *Os Nossos Filhos*. A brochura é composta por diversos capítulos em que há alguns dados sublinhados, como era hábito da directora da revista. O texto está extremamente bem organizado e é escrito na tentativa de convencer quem o ler de que vale a pena subcrever os diversos aspectos do seguro. Ao lermos os excertos sublinhados verificamos, uma vez mais, quais as preocupações que orientavam Maria Lúcia Vassalo

---

<sup>736</sup> Folha solta, dentro da revista n.º 54. Novembro 1946

<sup>737</sup> *Os Nossos Filhos* .n.º 79. Dezembro 1948. p. 12

<sup>738</sup> Sobretudo os de página inteira, em *Os Nossos Filhos*. N.º 100. Setembro 1950. p. 33 e o que foi publicado no n.º 175. Dezembro 1956. p. 13. No primeiro as ambições dos pais podem chegar a ver os(as) filhos(as) a entrar na Universidade- a Faculdade de Ciências e a casar depois de concluído o curso; no segundo, a instituição de Ensino Superior nele identificável é o Instituto Superior Técnico.

<sup>739</sup> CASAL, António (1945) – *Nobreza e hierarquia do seguro de vida: Notas para uma palestra. Separata do “Anuário de Seguros” — VI ano.* 30 p. O autor é Gerente de “La Nationale – Vie” e este exemplar é um dos 500 que foram feitos exclusivamente para ofertas e tem dedicatória manuscrita: *À Revista “Os Nossos Filhos” com muita simpatia e apreço. Oferece A Casal. 12-6-48.* A brochura tem os seguintes capítulos: *Justificação, Ligeira retrospectiva, Democracia ou Corporação?!, O Seguro de Vida e seus aspectos jurídicos, Os inimigos da Instituição, O Seguro de Vida expoente de civilização, Extra-rioscos, Seguros Complementares: Aviação Riscos de Guerra Suicídio, O Homem perante o Seguro de Vida e A mulher perante o Seguro de Vida.*

Namorado: ela sublinha a ideia do autor de que “(...)vistas as coisas apenas pelo lado prático, o matrimónio moderno é um contrato no qual cada um dos associados possui atribuições definidas, com responsabilidades iguais (...)” (Casal, 1945. p. 19). Ele não deixa, porém, de chamar a atenção para a “(...)tragédia que comporta o desaparecimento prematuro do chefe de família (...)” uma vez que, a partir desse momento, um dos elementos do casal deixa de cumprir a sua missão. Considerando que o trabalho do homem no exterior é completado pelo da mulher no interior, conclui que “(...)o salário do chefe de família é virtualmente ganho pelo esforço dos dois cônjuges (...)” (Casal. 1948. p.20). Uma outra situação contemplada na brochura é a da “(...) mulher que tem um emprego; neste caso há que reconhecer-lhe, para além das suas funções domésticas, o seu valor pecuniário. (...) Uma nova ordem económica surgiu com a geração actual. É uma tendência que, julgo, se acentuará cada vez mais. Hoje, as condições são tais que o salário do homem raramente é suficiente. Uma grande maioria de mulheres casadas trabalham. O comércio, a indústria, as artes e ofícios, incluindo nestes a alta costura, deram-lhe um lugar de que não abdicará. Acresce que o trabalho da mulher permite a formação de novos lares; pelo menos vem facilitar uma mais imediata constituição da família, sem obrigar a esperar que o homem tenha atingido um nível suficiente de ganho, — o que leva, por vezes, anos a conseguir (...)”(Casal. 1948. p.20). Para estes casos o autor considerava fundamental que os casais fizessem Seguro de vida em conjunto visto como “(...) um amparo mútuo do lar, uma vantagem económica, mas também um esteio moral. Quantas crianças educadas ao acaso, privadas de vigilância e de cuidados, porque o pai, desaparecida a mãe, não pode pagar a uma pessoa competente para se encarregar da casa e dos seus filhos ? Ao drama, ao prejuízo moral, à saudade da Ausente por si própria impeditiva da imediata reconstrução do Lar, virá acrescentar-se a tragédia da desagregação da família, da falta de ordem e disciplina na casa, de uma educação desamparada das crianças (...)”(Casal. 1948. p.20).

Este texto continua mostrando como, nas classes altas, é o marido que pode proporcionar à mulher todo o conforto mas o texto deixa então de ser sublinhado para ser reatado quando António Casal analisa a situação daqueles casais em que “(...) o marido — médico, advogado, engenheiro, etc. — auferia interessantes lucros e tinha estabelecido um plano de vida, quantas vezes mesmo, superior às suas possibilidades (...)” mas que, subitamente, a morte leva. É então que convém ter um seguro para que a mulher “(...) sem falsos sentimentalismos nem histéricos horrores à morte, saiba sugerir e fazer constituir as reservas do Futuro, que serão a sua salvaguarda e dos filhos. É o seu

interesse; é o seu dever (...) porque na sua solidão e abandono (...) tornada prematuramente viúva e concomitantemente chefe de família, a esperam todos os encargos inerentes, sem apelo nem moratória: — O Estado exigir-lhe-á impostos; os Colégios ou Universidades, propinas para a educação dos filhos(...)”(Casal. 1945. p. 21).

Uma outra razão que pode levar as famílias à subscrição de um seguro é a consciência que muitas têm de que “(...) os filhos são a responsabilidade corporizada. — Cuidados, mimos, na infância; estímulo moral, depois, na formação do carácter; sacrifícios e apoio financeiros, na educação. Mas, se são rapazes, que orgulhoso e íntimo prazer não experimentará um pai providente que, haja o que houver, já lhes construiu, através do Seguro de Vida, uma ponte sobre o Futuro, e sabe que os filhos podem com esse capital terminar os seus estudos e, obtida a formatura, ficarem armados para a luta pela vida? (...)” (Casal. 1945. p. 21).

Uma outra e última razão para subscrever um seguro é a obrigação perante os netos e afilhados. Os avós e os padrinhos que “(...) o queiram ser na acepção vigilante da palavra, encontrarão no *Seguro Dotal* a mais bela, enternecedora e clarividente das dádivas. ....Simbolicamente — uma Apólice Dotal abre sobre a criança duas asas que a protegem e aconchegam ....(...)” (Casal. 1945. p. 23). Desta forma, num texto muitíssimo bem escrito, se explica que “(...) o *Seguro de Vida* não é um negócio; muito menos um negócio especulativo; é um acto de previdência, um acto construtivo: cria, com a simples aposição da assinatura na apólice, um capital automático, de geração espontânea (...)”. cremos que deve ter sido, motivada por esta explicação ideologicamente bem construída, que Maria Lúcia Vassalo Namorado aceitou de bom grado a inclusão de um anúncio de página inteira, em *Os Nossos Filhos*.

Um outro aspecto da publicidade educativa é a que se refere a estabelecimentos de ensino. Para melhor perceber de que tipo de escolas se tratava, elaborámos um quadro com todas elas e, a partir dos dados que sobre elas conseguimos coligir - partindo dos respectivos alvarás existentes na *Direcção Regional de Educação de Lisboa* - identificámos as(os) fundadoras(es), condições e local (ou locais) de funcionamento, fins e objectivos. Tivemos ainda a preocupação de acompanhar a vida dessas instituições ao longo de toda a publicação da revista, entre 1942 e 1958, mesmo que fundadas antes da data de início da revista ou que tivessem continuado a funcionar depois da sua extinção ou ainda que só tivessem tido anúncio publicado em alguns números de *Os Nossos Filhos*.

Quadro nº53.: Instituições<sup>740</sup> publicitadas em *Os Nossos Filhos*:

Escola Maternal Primavera	Internato particular na aldeia, dedicado especialmente aos orfãozinhos dos 2 aos 7 anos de idade e a todas as crianças em que a ausência da mãe no lar se faz sentir. Carinho maternal, conforto e vida ao ar livre. Moderna puericultura e pedagogia, Escrever A EDUCADORA Rua do Paraíso; Nº 153-1.º Porto	05-1943
O Paraíso dos Pequeninos	(no n.º anterior o anúncio, com texto = tinha como título "Escola Maternal Primavera") Escola maternal para criancinhas dos 2 aos 7 anos (restante Texto = ao do anúncio do nº 12 da revista ONF)	06-1943
/sem nome/	O mais, antigo da linha de Cascais INTERNATO SEMI-INTERNATO EXTERNATO PARA O SEXO FEMININO Ensino Primário/ Curso dos Liceus, Curso Comercial, Curso de Conservatório, Pintura, Lavoros, Ginástica, Canto coral. PAREDE COSTA DO SOL	6-1944
Jardim Infantil	francês ou inglês —educação física instrução e educação especializada dança rítmica dirigida por Madame Britton Rua de Santa Marta, 68-1.º (em frente da esquadra)	01-1954
	CURSO PRIMÁRIO E LICEAL RUA LUCIANO CORDEIRO, 75 Dança rítmica dirigida por Madame Britton; amplo terreiro banhado de sol; Instrução e educação especializada; Francês ou Inglês (perto da Rua Conde Redondo) Alvará 838 /terá anúncios até n.º final de 1958/ Rua Sta Marta 68 1º Frente esquadra - Dança rítmica dirigida Mme. Britton (ONF, Jan. 1954)	02-1954 01-1949 03-1948
	Colónia de férias em Vale de Lobos- Sabugo	09-1950
EXTERNATO DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA	Jardim Infantil CURSO PRIMÁRIO E LICEAL (Alvará 838) Funciona durante o próximo ano lectivo com nova orientação (actividade ao ar livre p mais possível). Línguas estrangeiras à escolha por professoras da nacionalidade Inscrições durante Julho e a partir de 15 Setembro Rua Luciano Cordeiro 75...Directora Júlia Augusta de Jesus Silva Proprietária: Almerinda Arez Funciona durante o actual ano lectivo com nova orientação	08-1947 11-1947
	directora Júlia Augusta de Jesus Silva e proprietária Almerinda Arez Funciona no próximo ano lectivo nova orientação língua estrangeira e actividades ao ar livre o mais possível Rua Luciano Cordeiro, 75	(ONF, Out. 1946), Ago. 1947,

<sup>740</sup> Mencionam-se apenas uma vez, mesmo que o tenham sido com mais frequência. Se os dados dos anúncios se alteram, também os referimos.

		Nov. 1947 Mar. 1948
	Ambos os sexos dos 2.5 a seis anos; métodos moderno de Montessori boas instalações muito sol e higiene professoras estrangeiras Luciano Cordeiro 77 (ONF, Out. 1946, Mar. 1947) Ensino primário – no edifício Externato N <sup>a</sup> Sra. Fátima Luciano Cordeiro 77 (ONF, Jan. 1946)	
OS PEQUENINOS AMIGOS	Jardim Infantil para Ambos os Sexos Intensa prática de língua francesa e educação musical Directora: Ana de Jesus Sobral (ex-«Aide» de M.me Kaufmann) Av. Ressano Garcia, 27, r/c. Lisboa	11-1951
Externato Os Pequeninos Amigos	Externato Os Pequeninos Amigos JARDIM INFANTIL (MISTO) Directora: ANA DE JESUS SOBRAL pratica intensiva da língua francesa iniciação musical passeios instrutivos (diários) preparação cuidada para as classes primárias transporte Avenida Ressano Garcia, 27, r/c...Abertas as matrículas desde 10 de Setembro/anuncia até Ago. 1958/	8-1957
	Transporte em organização	01-1954
Mademoiselle Albiñana <sup>741</sup> — Parede <sup>742</sup>	interessa-lhe a fundação duma Escola ao ar livre, onde os seus filhos aprendam a língua: materna em primeiro lugar, e também as línguas estrangeiras? Já alguma vez se lembrou de fazer projectos com sobre a educação das crianças dos 3 aos 7 anos? Qual método prefere?. O Método de João de Deus? D Método Educativo Francês? O Método .de Montessori?' Escreva-nos, diga-nos o pensa á este respeito. um grupo de professores competentes, auxiliados por bons médicos, só espera um sinal seu para estudar consigo o problema da Instrução, Já formação integral da Criança. Quer organizar connosco um círculo de estudos? Quer comunicar-nos as suas experiências? Ficar-lhe-emos infinitamente gratas. Tem filhos que queira confiar-nos? De que idade?" Conhece um local com Jardim, ou na proximidade de um belo parque, onde possamos fixar-nos ? Uma vez a	01-1945

<sup>741</sup> Tem outro anúncio com:“(…) Como utilizar as fêrias da gente nova, de 10a 15 anos è tirar delas p melhor partido possível, contribuindo para a educação física, intelectual e moral? O problema está resolvido: 1º- jogos de ar livre (superiores a ginástica porque são mais impregnados de entusiasmo),.... 2- Pelos passeios instrutivos, ensinando a botânica, a entomologia, a geologia, q geografia, etc. 3- Pela equitação e natação. Tudo isto vigiado por mestres competente,, praticando línguas estrangeiros. Aceitam-se também em colónias de fêrias. Para os pequenos até 10 anos: Jogos educativos, rodas, cantos, ginástica, nas praias de Parede, Estoris, etc. Informações: M. T. Albiñana, Rua da República, Vila M.a Beatriz :—Parede. Também se dão pelo telefone 62460, Lisboa, das 9,30 às 13 horas. (é o número da revista!) (ONF, Ago. 1945).

<sup>742</sup> Esta nota vem no canto inferior direito de duas páginas dedicadas a Bilros e fatinhos para criança, em letra bem pequena

	funcionai a escola infantil, - nós desejaríamos continuar a obra começada com uma Escola primária onde pudéssemos continuar a dar aos nossos alunos os mesmos hábitos de perfeição. Quer interessar-se pela nossa iniciativa? E interessar também outras pessoas que sinceramente amem a Criança e queiram ajudar-nos? As dificuldades são inúmeras. Mas a união faz a força. Onde poderemos aos empregá-la melhor do. Que numa escola, modelo onde as crianças .recebam uma- educação tanto quanto possível perfeita?. Pense no assunto. Pense e escreva para...	
<i>Ensino pré-primário e primário</i> <sup>743</sup>	Recebe alunas desde os 4 anos DIRECTORA: Maria Alexandra Ranito de Almeida Eusébio Rua da Lapa, 101	12-1945
<i>Edifício do «Externato de N. S. De Fátima»</i>	Para crianças de ambos os sexos dos 3 1/2 aos 7 anos Métodos pedagógicos modernos no género Montessori Muito sol e máxima higiene— Professoras estrangeiras LISBOA Rua Luciano Cordeiro, 77, r/c. Ambos os sexos dos 2 ½ aos 6 anos. Inscrições a partir de 15 de Setembro, das 10 às 12 horas	01-1946 10-1946
<i>Jardim Infantil Montessori</i>	PARA CRIANÇAS DE AMBOS OS SEXOS DE 3 A 7. ANOS Alvará do Ministério da Educação Nacional) LISBOA — Travessa da Fábrica das Sedas, 10 (às Amoreiras) Orientado pelas dirigentes estrangeiras que tiveram a seu cargo a Secção infantil do Externato de N. S. De Fátima, Rua Luciano Cordeiro, 77, nos anos lectivos de 1945-46-47. Frequentado pelas crianças da melhor sociedade — Prédio moderníssimo em local sossegado e saudável — Amplo jardim — Aquecimento central — Transporte dos alunos. Método de educação intuitiva por meio de jogos didácticos, livremente escolhidos pelas crianças, sem constrições de carácter escolar.—Ginástica e dança rítmica.. — Primeiros elementos de desenho. — Conversação em francês ou alemão. AGRADECEM-SE VISITAS DESDE AS 9 ATÉ ÀS 17 HORAS Alvará n.º 939 Para crianças entre 2 1/2 e 7 anos	11-1947 03-1948
<i>Colégio Inglês do Bom Sucesso</i> <sup>744</sup>	dirigido por Irmãs(...)do qual tenho as melhores informações (...)usassem da severidade necessária para a corrigir	09-1946
uma Escola Agrícola	Não sei se tens casa de lavoura, tenho a impressão que sim mas quanto ao pequeno, não pensas em metê-lo também num colégio?	09-1946
/sem nome/	Ensino infantil para ambos os sexos. Primário para o sexo feminino. Todas as condições pedagógicas modernas. Todas As condições para a ,saúde . E crescimento... das crianças... Ginástica. Parque infantil, Assistência médica, por especialista de crianças. Instalação no local mais higiénico de Lisboa. — Transportes próprios. Palacete do lote n.º 35 da Avenida do Aeroporto.	11-1947

<sup>743</sup> Também com designação: Lar da criança - Ensino pré-primário e primário- recebe alunas desde 4 anos — Maria Alexandra Ranito de Almeida Eusébio Rua da Lapa 101 (ONF, Dez. 1945).

<sup>744</sup> É a resposta a uma carta de *Filha dum sonho*, pseudónimo de Maria José Banha da Fonseca, de Moura, pela *Avózinha*, sobre o conselho que ela pede a Maria Lúcia Vassalo Namorado sobre a escola onde colocar os filhos



JARDIM INFANTIL	Coimbra Rua Gomes Freire, 75, à Cumeada 1ª Secção- (dos 3 aos 6 anos)2ª Secção- Ensino Primário Transporte das crianças em automóvel privativo do Instituto Envia-se pelo correio todas as Informações	02-1948
/sem nome/	Ensino Infantil (pré- primário) para crianças de ambos os sexos, dos 4 aos 7 anos, por métodos modernos. Inglês e Francês. Canto coral e ginástica — Assistência médica. AVENIDA GUERRA JUNQUEIRO, 26, R/CHÃO	03-1948
/sem nome/	ENSINO INFANTIL POR PROFESSORAS ESPECIALIZADAS ADMITE CRIANÇAS PE AMBOS OS SEXOS, DOS 4 AOS 7 ANOS Av. Guerra Junqueiro, 26, r/c Esq.º — LISBOA	10-1949
Ensino infantil pré-primário	- para crianças de ambos os sexos dos 4 aos 7 anos, por métodos modernos inglês e francês, canto coral e ginástica, assistência médica- Av. Guerra Junqueiro 26, rc Lx	Mar. 1948
Escola Guerra Junqueiro	Moderno Jardim- Escola para crianças de ambos os sexos, 4 aos 7 anos, com canto coral, ginástica, francês. Os melhores métodos pedagógicos Boas condições higiénicas Frequência limitada AVENIDA GUERRA JUNQUEIRO, 26 r/c Esq.	01-1950
COLÉGIO RENASCENÇA	/é o mesmo dos três anteriores/ Av. Guerra Junqueiro 26 Educação infantil —(pré-primária). Orientada nos princípios mais rigorosos da Moral e Educação Cívica PREÇOS ESPECIAIS PARA AS CLASSES MENOS ABASTADAS	12-1950
MUNDO INFANTIL <sup>745</sup>	AVENIDA DO AEROPORTO Ensino infantil para ambos os sexos, desde os 3 anos. Primário para o sexo feminino. Intensa preparação para a admissão ao liceu. Vigilância médica. Transportes próprios. Vida ao ar livre. Inscrevo os seus filhos no: verificará o seu desenvolvimento físico e intelectual.	09-1948
Escola Mundo Infantil	/é o mesmo anterior/ Avenida do Aeroporto—Palacete n. 35 Ensino infantil e primário para o sexo feminino. Conversação francesa, ,ginástica, dança, , canto coral. Vida sã ao ar livre	01-1950
	Estabelecimento modelar de ensino infantil e primário Vida ao ar livre Esmerada educação física e intelectual Língua francesa Alimentação dirigida por médicos Transporte próprio	09-1950
/sem nome; é = seguinte/	inaugurou-se no mês passado(...)de língua francesa segundo método João de Deus na parte respeitante ensino de Português e da didáctica pré-primária...O abade d'Assac, prior Igreja de S. Luís dos Franceses, benzeu as instalações infantis que estão instaladas defronte da Casa da Moeda, 44 r/c Dto...dispõem de várias aulas para ensino, salas para jogos, repouso, instalações Sanitárias completas, chauffage, jardim para recreio(...) apurada higiene...	12-1948
Jardim Infantil	MÉTODO JOÃO DE DEUS Língua francesa A Q U e CIMENTO — TRAN S	09-1949

<sup>745</sup> Também com outra designação: *Recreio para entreter os pequenitos* - Palacete do lote nº 35 da Av. Do Aeroporto- ensino infantil para ambos os sexos; primário para sexo feminino todas condições pedagógicas modernas, para a saúde e o crescimento das crianças: ginástica, parque infantil, assistência médica por especialista de crianças, instalação no local mais higiénico de Lisboa e transporte próprios (ONF, Nov. 1947).

<i>São Luís</i>	P O R T E Avenida António José de Almeida, 44, r/c. D. Para crianças de ambos os sexos, entre os 3 e os 7 anos.	
<i>O Beiral: Jardim Infantil Auxiliar da Família</i>	Praceta da Rua B (às Amoreiras), 2 Telefone (provisório), Directora: Maria Teresa Andrade Santos Assistente Social Ex - estagiária da Escola de, Jardineiras de Infância «Les Heures Claires», de Paris. Para crianças dos 3 aos 7 anos Educação moral, sensorial, motriz e artística. Jardinagem, ginástica infantil, física. Jardinagem, jogos de ar livre, canto, etc. Educação adaptada à criança portuguesa segundo os métodos pedagógicos de maior actualidade.	01-1949
Jardim infantil	para ambos os sexos Campo Grande, 167 Aulas amplas e claras. Muito sol e ar puro. Cantina. Sala de repouso, Aula de vestir, Capela. Recreio ensaibrado. Cinema educativo. Assistência médica permanente. Ensino por professoras especializadas. Dança rítmica e clássica. Arte de dizer. Francês. Inglês. Alemão. Transporte privativo para todos os pontos da cidade	11-1949
<i>Externato Santa Maria Goretti</i>	Externato de Santa Maria Goretti EDUCAÇÃO DE MENINAS Ensino Primário e Liceal (1.º ciclo) — Curso de Piano — Canto — Dança rítmica e clássica Pintura- Educação física — Francês — Inglês — Alemão MATRÍCULAS ABERTAS À PARTIR DO DIA 15 NO GAMPO GRANDE, 167 TRANSPORTE PRIVATIVO INFORMAÇÕES PELO	12-1950
	Avenida do Brasil, 9 e 11	9-1955
<i>Lar dos Pequeninos</i>	Campo Grande 167 Óptimas instalações — Recreio ensaibrado, Ginástica, Assistência médica — Dança rítmica e clássica Francês — Inglês —, Alemão, Professoras especializadas.	10-1952
	Campo Grande, 167 e 169	09-1955
	CAMPO GRANDE 167- 169 Telef. Ensino Infantil (misto) e Primário (Feminino e Masculino em secções separadas) francês, Inglês, ginástica, ballet Óptimas instalações —Assistência Médica ENSINO RELIGIOSO TRANSPORTE PRIVATIVO PARA TODOS OS PONTOS DA CIDADE	12-1956
	actividades no fim do ano terminou com comunhão anual dos alunos, missa campal no Jardim do Colégio. coro dos alunos...assistiu directora D. Aida Castelo, .professoras, famílias dos educandos...servida uma refeição e inaugurada exposição...reunindo, os cadernos diários, provas de redacção, ditado, de aritmética, desenhos, pinturas, cerâmica, lavores, e os trabalhos manuais próprios do jardim infantil — tudo revelando o muito trabalharam, durante o ano, as professoras e as crianças.	8-1957
<i>Externato Ensino Infantil e primário</i>	Rua Visconde de Seabra 14 - junto ao viaduto da Av. da República e entre o Campo Pequeno e o Bairro Alvale (sic)	11-1949
<i>Jardim-Infantil Pestalozzi</i>	Rua Frei Amador Arrais, 4, 1º Dto —LISBOA Telefone Jogos educativos — Trabalhos Manuais — Desenho - Iniciação da Aritmética, Leitura e Escrita— Canto Coral Dança Rítmica — Francês.	10-1956
	Directora: Lucinda Atalaia Mudou as instalações para Rua de Malpique, n.º 20 Telef.. Ensino Infantil e Primário para os dois sexos	6-1958
<i>O Lar da Menina</i>	Proporciona férias felizes educando e instruindo ao mesmo tempo. — Praia	09-1954

	de manhã, tardes passadas no Pinhal onde a casa é situada. DÃO-SE. AS MELHORES REFERÊNCIAS «VIVENDA FERNANDA» Alto da Pampilheira, Estrada da Malveira — CASCAIS —Banheiro José Luís— Barraca 18	
<i>Colégio com classe infantil e instrução primária</i>	professora de música Maria Luísa Manso, especializada em ensino infantil, e que tem combatido com fervor o analfabetismo musical entre nós, recebe alunos, em cursos e lições individuais, na Avenida Defensores de Chaves, 40, r/c., onde também funciona um Curso de História de Música e Composição, por professora especializada (...) propõe-se elaborar um Colégio com classe infantil e instrução primária entregues a professoras especializadas, situado entre a Avenida da Uberdade e o Rato; para o qual se podem inscrever crianças do sexo feminino a partir dos 4 anos. Este Colégio começará a funcionar logo que receba inscrições em número suficiente. Para maiores esclarecimentos, telefonar para a Redacção desta Revista: 62460.	11-1950
<i>Externato Santa Cecília</i>	Directora: Maria Luísa Manso Ensino Infantil— Primário — Musical Avenida Visconde Valmor 34 r/c	02-1952
	(Sexo feminino) Ensino infantil (dos 3 aos 7 anos); primário, com admissão aos liceus e escolas técnicas; e musical. Aulas de canto coral, ginástica, dança rítmica, e línguas por professoras da nacionalidade. Ensino especializado, segundo os modernos métodos pedagógicos. Óptimas instalações e grande jardim para recreio. A secretaria encontra-se aberta todos os dias úteis excepto aos sábados, das 11 às 16 horas.	09-1952
<i>EXTERNATO CURVO SEMEDO</i>	ENSINO PRIMÁRIO MASCULINO Avenida de Paris, 12, 1.º Com amplas instalações, dispõe de especial e moderno material didáctico para a classe infantil, línguas, ginástica, canto coral, trabalhos manuais, etc. /anunciado até Ago. 1958/	12-1950
	será educado com desvelo: tem jogos, ginástica, música, canto, línguas, sala de estudo.	09-1952
<i>Externato Infanta D. Joana</i>	EDUCAÇÃO DE MENINAS Ensino primário e admissão aos liceus e escolas técnicas. Curso geral dos liceus e 6.º e 7.º ano de Ciências e Letras. Competente corpo de professoras Ambiente de conforto e carinho. Laboratórios completos + "Salas" de desenhos e trabalhos, Ginásio, Patinagem, Campo de jogos Salas de recreio + Transporte privativo. Refeitório. RUA PONTA DELGADA, 1 (à Estefânia)	10-1952
	educação de meninas secção primária em novas instalações- R. ponta delgada, 3-r/c secção liceal e secretaria rua Ponta Delgada, 1 ballet transporte privativo refeitório cursos diurnos e nocturnos	08-1955
<i>Casal dos Pequenos</i>	Escola Infantil para ambos os sexos Ensino especializado Rua 58 — Moradia 7 — ao Areeiro — Lisboa Tel provisório	10-1952 <sup>746</sup>
<i>Escola Froebel</i>	Ensino Primário — Ensino de inglês Ambiente educativo adequado à	10-1953

<sup>746</sup> É o número que tem mais anúncios a escolas ditas normais e de necessidades educativas especiais.

<i>Externato Masculino Jardim Infantil</i>	formação moral e ao progresso físico e mental dos seus educandos Rua Gorgel do Amaral, à Rua D. João V 6, r/c Tel.. Serviço de transporte	
<i>Escola Froebel Externato Masculino</i>	Directores: Professores Cândido de Carvalho Julieta da Franca Leal de Carvalho Jardim Infantil ENSÍNO PRIMÁRIO Acesso, pela Rua D. João V ou Rua Silva Carvalho. Ensino de inglês, por professora da nacionalidade Ambiente educativo inteiramente adequado à formação moral , e ao progresso físico e educativo dos seus educandos. Serviço de transporte Facilita-se o transporte dos alunos residentes em Campo de Ourique /anúncio até Nov. 1958/	12-1953
<i>Externato Paula Vicente</i>	sexo feminino ensino infantil instrução primária curso liceal admissão aos liceus escolas técnicas autocarro ginástica ballet + piano + francês praça do areeiro 5 r/c 9 1º esq e dto e 10 1º	9-1955
<i>Academia de Amadores de Música</i>	aprenda música completando assim o seu prazer de ouvirte mande ensinar música aos seus filhos há uma instituição para o seu caso a... Rua Nova da Trindade, 18-2.º Lisboa Onde se ensina Música às horas que mais convêm aos empregados e estudantes aulas a tarde e a noite professores de toda a competência Algumas das regalias a que os sócios têm direito: .ENSINO. MUSICAL, BIBLIOTECA,CQNCERTOS, GRUPO CORAL Telefone e informe-se condições d e inscrição nesta agremiação quase centenária.	11-1955
<i>Externato Infantil O Despertar</i>	Av. Rainha D. Leonor Lote 3, r/c a Entre Campos	8-1957
	externato infantil ensino de língua inglesa Direcção de: Maria Helena Costa Reis Azancot e Maria Hermínia Vieira Marques /anúncio até Dez. 1958/ Modelação, Pintura e Cerâmica	8-1958
O Educador	SEXO MASCULINO Curso Primário e Francês Av, Rainha D. Leonor 2— r/c E. Tel Lisboa	8-1957
<i>Externato Clara BARTON</i>	educação de meninas Francês, Inglês, Ginástica, Canto coral, Piano e «Ballet» Avenida Infante Santo, Lote 6 - r/c. - E Tel.	8-1957
<i>Exterato(sic) infantil Pastorinho</i>	Crianças dos 3 aos 7 anos AV. INFANTE SANTO, LOTE 22, R/c, ESQ. O TÉLEF. ..Desenvolvimento sensorial e pedagógico. Iniciação em pintura, modelação música. Alemão, Francês e Inglês, por professora da nacionalidade. Projecções cinematográficas Directora: MARIA EDUARDA CORTE-RÊAL VIEIRA Médico assistente: DR. EDUARDO FERNANDES Inscrições das 15 às 18 horas	10-1957
"O Berço"	Às Mães: Admite recém-nascidos e crianças até, aos 4 anos, durante o dia ou dia e noite, com ou sem alimentação. Organização única no seu género, com instalações modernas e higiénicas, servida por pessoal especializado, em local saudável, ao Areeiro, Alameda Afonso ,Henriques, 3 — r.º Dto. Tel. Lotação Limitada	10-1957
<i>O Amanhecer Jardim de Infância</i>	Orientado pelos princípios de pedagogia moderna Direcção pedagógica: Dra. M. Gabriela Llansol Rodrigues Direcção médica: Dra Maria Isabel Barata Transporte Travessa do Pinheiro, à Estrela, 21-r/c. Dt.', Lisboa	10-1957
<i>Primeiros</i>	Ambos os sexos Crianças dos 3 aos 7 anos INGLÊS, FRANCÊS, MÚSICA,	11-1957

Passos <i>Externato Infantil</i>	BALLET, GINASTICA, ETC. I Transporte privativo Av. Infante Santo, 27 r/c. E. — tel. — Lisboa/anuncia até Out. 1958/	
Jardim infantil Montessori	- Tv. Fábrica das Sedas, 10 às Amoreiras- orientado pelas dirigentes estrangeiras que tiveram a sue cargo a secção infantil do Externato N. Sra Fátima da Rua Luciano Cordeiro, 77 nos anos lectivos 1945 a 1947. Frequentado pelas crianças da melhor sociedade, amplo jardim, transporte de alunos, aquecimento central , método de educação intuitiva por meio de jogos didácticos livremente escolhidos pelas crianças sem constrições de carácter escolar, ginástica e dança rítmica. 1ºs elementos de desenho, conversação em inglês ou alemão. Agradecem-se visitas das 9-17 (ONF, Nov. 1947). Curso de dança rítmica e clássica por professor diplomado	(ONF, Mar. 1949)
João de Deus	/tem foto de Dr. João de Deus Ramos com todas as 78 alunas do cursos de Fevereiro a Julho de 1953)grande obra que é a melhor, a mais ampla e completa que existe entre nós, e a única que se dirige a "todas" as crianças portuguesas, sem distinção da sua situação económica(...)	10-1953

Como instituições de reeducação pedagógica são anunciadas:

Instituto de Reeducação pedagógica /passa a/	— Praça Areeiro, 11, 1º Dto Lx Alvará 987- ensino sensorial primário especial e admissão às escolas técnicas e liceus destinado a crianças com dificuldades de aprendizagem ou de conduta ortofonia As referências feitas pelas famílias dos nossos alunos são a nossa melhor propaganda (...)"	Dez, 1948 e jan. 1949 e Jan. 1954
Colégio de Reeducação Pedagógica	alvará n.o 987 Praça do Areeiro. 11. 1.º d. ensino sensorial — ensino primário especial e de admissão aos e escolas técnicas, destinado crianças com dificuldades de aprendizagem ou de conduta Ortofonia Internato/Semi-internato/Externato As referências feitas, pelas famílias dos nossos alunos, são a nossa melhor propaganda.	01-1954
Instituto Portugal	Vivenda Seabra, Agualva Cacém- Internato e semi internato para ensino especial de crianças com deficiências psico-físicas – débeis, atrasados mentais e surdos mudos único estabelecimento particular existente no país com pessoal privativo especializado para este género de ensino	ONF, Nov. 47, Fev. 48, Jan. 1950
Deficiências psico-físicas	(...) acaba de transferir as suas instalações do Cacém para a Quinta de Sta. Júlia em Bucelas Isto quer dizer que a iniciativa da nossa colaboradora Virgínia Jardim Gomes veio de encontro a uma necessidade do país: após escassos meses de funcionamento foi preciso alargar as suas instalações. Podemos dizer que terminado um período experimental o Instituto está apto a admitir todas as crianças que nele precisem de receber assistência médico-pedagógica. Além de uma vasta e bela quinta para recreio e ensino dos alunos o Instituo vai ter as suas oficinas indispensáveis para a educação destas crianças grandes admiradoras da energia, da persistência e das virtudes morais e profissionais de Virgínia Jardim Gomes. Regozijamo-nos	ONF, Set. 1948

	com o triunfo da sua obra cujo fim é melhorar tanto quanto possível e por emio de uma educação e tratamento adequados as condições de vida dos seus alunos	
Internato, semi-internato e externato Quinta de Sta. Júlia	Bucelas- Reeducação de atrasados, educação oficial e sensorial, classes especiais de reeducação motora e ensino primário. O melhor local. (1949) Internato para crianças difíceis e deficientes, reeducação de atrasados mentais e surdos mudos, (...): Visite as suas instalações	Dez. 1948, Mar. e Dez. 1949
Rua Actor Isidoro 7 r/c esq.	Aos educadores para os vários problemas de ordem educativa quaisquer que eles sejam – escolha do futuro dos filhos ou alunos, deficiências de aproveitamento escolar ou dificuldades de carácter e de conduta, estudo cuidadoso e científico de cada caso investigará a causa de tais deficiências ou dificuldades e indicará melhor forma de os remediar	Nov. 1957
Externato escola Padre Cruz	- Av aeroporto, SA 1º; classe especiais de ensino elementar Educação e reeducação de surdos mudos e perturbados mentais. Ensino sensorial	Dez. 1948; Mar. 1949
Deficiência auditiva	se interessem pela Associação que se está elaborando fim de unir surdos e surdos mudos portugueses estudar os seus problemas ; propostas para sócios assim como oferecimento de qualquer peça de mobiliário mesmo usada destinada à sede da Ass. Devem ser dirigidos a Maria Madalena Pires, Calçada do Lavra, 17 3º esq. Lx	Maio 1958
Instituto de Reeducação e Aperfeiçoamento de Cegos	No intuito de difundir a instrução entre os invisuais e porque não bastam palavras necessário obras, propôs-se (...) Maria da Conceição Nobre, que acaba de fundar o Instituto de Reeducação e Aperfeiçoamento de Cegos abrir gratuitamente cursos de Braille e negro para todos os invisuais que deles se queiram aproveitar, Brevemente também começarão a funcionar cursos de ginástica e canto coral para os mesmos indivíduos. As inscrições dos cursos de Braille e Negro fazem-se todos os dias úteis das 9 às 12 horas ng secretaria provisória, Rua Augusto Gil, 23/ 1.º, Esq. Lisboa.	11-1952
Colégio de Reeducação	Praça Andrade Caminha 5, Lisboa Direcção Técnica; DR. JOÃO DOS SANTOS Internato — Semi- Internato — Externato Ensino domiciliário Classes especiais para ensino e reeducação de crianças sofrendo de:1º Atrasos leves de desenvolvimento intelectual 2º Perturbações motoras, paralisados etc.3º Deficiência visual – amblíopes 4º- Deficiência auditiva-surdos-mudos Inscrição limitada	10-1954
	LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA INFANTIL APLICADA DR JOÃO DOS SANTOS:Exames e relatório de orientação clínica ou escolar para crianças com desenvolvimento normal ou apresentando dificuldades escolares, perturbações do desenvolvimento, da fala, da motricidade ou dos órgãos sensoriais. Exames pedidos pelos pais; professores ou médicos i assistentes. Psicologia da 1ª infância— Dra Margarida Mendo Psicologia da idade escolar, deficientes visuais e surdos-mudos — Dra Maria Borges Psicologia dos adolescentes — Dra Ana Gonzalez Perturbados motores e	02-1955

	psiquiatria infantil— Dr. João dos Santos Praça Andrade Caminha, 5	
	uma das exposições escolares que mais nos agradou (...). Este colégio destinado a crianças com pequenas deficiências...apresentou, além do material didáctico destinado à iniciação da me leitura e dá aritmética, grande variedade d« trabalhos executados nas aulas pelos alunos (Modelação, pintura livre, colagens» fantoches, animais de arame e papel, etc., etc.), tudo revelando bem o cuidado que os propõem ao seu ensino e a eficácia dos métodos empregados.	08-1957

Da leitura deste quadro concluímos que muitos destes estabelecimentos de ensino ainda hoje existem, que a maioria é de Lisboa, que são sobretudo para a creche e pré-escolar ou ensino primário e também contemplam as crianças com necessidades educativas especiais, no sector particular ou privado. A insistência nos colégios de apoio a necessidades educativas especiais, em especial ao *Colégio de Reeducação Pedagógica* da Praça Andrade de Caminha, n.º 5 em Lisboa mostra as relações que, desde o início dos anos 50, Maria Lúcia Vassalo Namorado vinha estabelecendo com inúmeras figuras que, no mundo educativo, então representavam já uma certa contestação ao que, naquela área, era feito em termos oficiais.

No quadro também percebemos que a maioria começa a funcionar ainda sem um nome definitivo como é o caso do *Colégio com classe infantil e instrução primária* de Maria Luísa Manso, Heloísa Cid e Nina Marques Pereira que passará, como vemos no mesmo quadro, a *Externato de Santa Cecília*, designação que ainda hoje conserva se bem que a localização não seja a mesma.

Ao consultar os processos destes estabelecimentos de ensino na *Direcção Regional de Educação de Lisboa* podemos obter mais dados sobre estas escolas que a publicidade ou os textos que sobre eles existem em *Os Nossos Filhos* não nos permitem conhecer (Cf. . *Apêndice Cap. 4- Publicidade educativa*).

A consulta de tais documentos dá-nos diversas informações que os anúncios não podiam. A título de exemplo, veja-se que a escola *Ensino pré- primário e primário* é hoje a *Escola Avé Maria*, durante anos sob a direcção de Maria Alexandra Ranito de Almeida Eusébio<sup>747</sup>, situada na R. da Lapa, n.º 101. r/c e 1º andar, Lisboa, com o *Alvará*

<sup>747</sup> Fará ainda parte da direcção pedagógica em 22-6-1993; em carta datada de 28-11-1995 é anunciado o falecimento da Presidente da Fundação José de Almeida Eusébio, Maria Alexandra Ranito de Almeida Eusébio e são indicados como membros da referida Fundação: Professor Doutor Diogo Freitas do

N.º 865 de 10 Dezembro 1945. Esta escola começara com autorização para 72 crianças em regime de planos e programas oficiais. A 13 de Agosto 1947, a lotação foi reduzida para 36 alunos e em 24 Janeiro 1949 dá-se a mudança de instalações para Rua dos Lusíadas, 49, Lisboa com duas secções separadas, de acordo com Dec.-lei 31.433 de 29 de Julho de 1941, com lotação total de 212 alunos externos, sendo 80 ensino infantil, 46 ensino Primário feminino e 86 ensino primário masculino, ficando Maria Alexandra Ranito de Almeida Eusébio directora da parte masculina e secção infantil e Adelaide Maria Ranito de Almeida Eusébio directora da secção feminina. Por Despacho ministerial de 19 de Janeiro de 1950 faz-se a mudança de denominação para *Avé-Maria-Externato feminino de Ensino Infantil e primário*. Também por despacho ministerial de 29 Setembro de 1950 é dada autorização para ser directora Maria João Allen de Vasconcelos que será substituída nessas funções em 17 de Agosto de 1962, por Maria Alexandra Ranito de Almeida Eusébio.

Outra das instituições ainda hoje existente (se bem que apenas com poucos alunos) e que mais anúncios tem em *Os Nossos Filhos* é o *Externato Curvo Semedo* ou, como se designava antes, *Escola Ema d'Assunção Dias*. A direcção estava, em 15 de Agosto de 1950, a cargo de Conceição de Brito Machado Salsa<sup>748</sup>, que era também proprietária desde 16 Maio 1945. Estivera instalada na Calçada do Galvão, Portão nº 45, na freguesia de Belém, em Lisboa mas tinha alvará para funcionamento desde 3 de Abril de 1937. Em 26 de Novembro de 1945 mudara de instalações para a Rua Fialho de Almeida n.º 12 c/v dta. com a denominação de *Escola de Curvo Semedo*, com lotação de 8 alunos externos com directora Conceição de Brito Machado Salsa em substituição de Ema d'Assunção Dias. A passagem para a Avenida de Paris, n.º 12 1º Esq., onde ainda hoje funciona, dá-se em 18 de Agosto de 1950, com ensino infantil e primário.

Quanto ao *Externato O Lar da Criança* sabemos que a direcção estivera a cargo de Maria Berta de Jesus Cunha que com Maria Teresa Fino de Sousa Taveira Pinto haviam solicitado o alvará para funcionar, na Rua da Imprensa, nº 21- 1º, à Estrela, na freguesia de S. Mamede, Lisboa, com Alvará N.º 1070 de 26 Outubro 1950, para o

---

Amaral, Cônego José Mendes Serrazina, Henrique José de Almeida Eusébio Moller, Rita Guedes Alçada Baptista Moller e Ana Maria de Carvalho de Almeida Eusébio.

<sup>748</sup> Só depois de 25 de Abril de 1974 a escola deixa de ser dirigida por esta senhora; em 2 de Março de 1978 passa a regime de coeducação e em 23 de Maio de 1979 a propriedade passa de Conceição de Brito Machado Salsa para Joaquim Fernando Figueiredo Martins e Maria Teresa Silva Fernandes de Almeida Martins passa a ser directora em substituição de Conceição de Brito Machado Salsa.



Ensino infantil e primário, masculino. Em 30 de Setembro de 1952 mudam de instalações para a Rua Almeida Brandão, 25 e 25 em Lisboa, com duas secções, feminina no r/c e masculina no 1º andar, feminina com 21 alunas do infantil e 35 do ensino primário, com Maria Teresa Fino de Sousa Taveira Pinto como directora e a masculina com 18 alunos de infantil e 61 de primário, com Maria Berta de Jesus Cunha como directora. Esta escola conseguiu, por despacho ministerial de 21 de Fevereiro de 1956 o regime de coeducação, a título excepcional, para ensino infantil dos 3 aos 5 anos. Em 24 de Março de 1955 ausentou-se para África, por 2 anos, Maria Teresa Fino de Sousa Taveira Pinto e por essa razão foi necessário substituí-la à frente do Centro Primário da *Mocidade Portuguesa Feminina* n.º 270. Maria Berta de Jesus Cunha propõe Maria Manuela Borges da Costa Farmhouse, graduada, chefe de Grupo, professora primária na instituição, para substituir Maria Teresa Pinto à frente do Centro da *MPF* e propõe Maria Clotilde Monteiro de Barros Mendonça, professora da 1º e 2º classe, secção masculina, para directora da secção feminina do *Lar da Criança*.

Uma das instituições de ensino especial, como hoje diríamos e que ainda hoje também funciona, muito publicitada em *Os Nossos Filhos* foi o *Instituto de Reeducação Pedagógica*<sup>749</sup>, /scanner/ tinha na direcção Maria Otília Eusébio Coelho, funciona na Praça do Areeiro, 11 1º Dto, Lisboa, com Alvará N.º 987 de 9 de Abril de 1949, destinado ao ensino de crianças anormais do Ensino Primário, sexo masculino, para 20 alunos, em regime de planos e programas oficiais. Por Despacho ministerial de 6 Janeiro 1950 foi autorizado a mudar designação para *Colégio de Reeducação Pedagógica* e o Despacho ministerial de 22 Novembro 1957 autoriza Fernando Silvestre Murta Rebelo a exercer funções de director em substituição de Maria Otília Eusébio Coelho. Em 17 Outubro 1957 tinha sido autorizado o aumento da lotação do internato para 13 alunos do sexo masculino.

Finalmente um outro colégio também publicitado em *Os Nossos Filhos*, o *Jardim Infantil Pestalozzi – Externato*, primeiro na Rua Frei Amador Arrais, 4- 1º Dto, Lisboa e depois, desde 12 Junho 1958, e ainda hoje, na Rua Malpique, n.º 20 ou seja, na Rua João Soares, com Alvará N.º 1415 de 9 de Abril de 1955, sob a direcção de

---

<sup>749</sup> Ainda a funcionar no mesmo local; a mãe de um dos alunos, Hortênsia Aures de Sousa Martins, empregada dos CTT em Bissau, Guiné, escrevia com frequência para a revista *Os Nossos Filhos*, fez *Curso da Escola de Noivas e Donas de Casa* e pensara ajudar Maria Lúcia Vassalo Namorado a organizar um número especial de *Os Nossos Filhos* dedicado à Guiné. A ficha do filho, /scanner/ Daniel Eugénio Dantas Martins, aluno desta instituição, foi-nos fornecida pela escola em Abril 2004. (Doação Ana Maria Pessoa).

Lucinda Maria Atalaia Bicha com diploma n.º 15. 480, para *Ensino Infantil* com planos próprios, para 30 alunos em coeducação nos termos do art.º 15 do *Estatuto do Ensino Particular*. O pedido para funcionamento<sup>750</sup> fora apresentado por Lucinda Maria Atalaia Bicha e por Maria Luísa Fragoso de Sousa Lobo mas desde 13 de Março de 1958 a única proprietária passa a ser, a ainda hoje, directora Lucinda Atalaia.

Da leitura dos dados sobre estas escolas concluímos que a maior parte das instituições publicitadas em *Os Nossos Filhos* são, como já dissemos, jardins de infância ou escolas primárias, cuja propriedade é de senhoras que ou não podiam trabalhar no ensino oficial ou não o podiam fazer por motivos políticos, são escolas que, na sua maioria, tinham alguma ligação à revista *Os Nossos Filhos*, ou porque eram de leitoras e assinantes da revista ou porque pertenciam ao círculo de amizades pessoais ou profissionais de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Como exemplo das primeiras vejam-se o *Externato Infantil O Despertar*, propriedade de Maria Helena Costa Reis Azancot e Maria Hermínia Vieira Marques, a primeira também excelente amiga de Maria Lamas (Entrevista a Maria Cândida Caeiro, 5 Mar. 2004) ou *Jardim Infantil Pestalozzi – Externato*, de Lucinda Atalaia<sup>751</sup>, uma das colaboradoras de *Os Nossos Filhos* e, até à morte da directora da revista, uma das grandes amigas de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

Também o *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* é uma fonte de dados sobre algumas destas instituições educativas anunciadas: nele encontramos o folheto de divulgação do *Externato Lar dos Pequenininhos*<sup>752</sup>: jardim infantil, orientador da criança, auxiliar da família, Campo Grande, 167 Lisboa, para Ambos os sexos, dos 3 aos 7 anos “(...) assegura não só formação moral e física orientada por um corpo docente especializado, mas também carinho e afabilidade, continuando assim a acção da família. (...) instalações modelares(...) podem tomar na escola o seu duche diário e aquecer almoços(...) atenção - o desenvolvimento intelectual, físico e moral da criança, aperfeiçoando virtudes e orientando vocações, (...) ensino far-se-á duma forma atraente

---

<sup>750</sup> Este *Externato* tinha a frequentá-lo muitas crianças filhas(os) de opositores ao regime. Datado de 28 de Outubro de 1964, tem um pedido apresentado por de Laura Vaz Lopes Pedroso, encarregada de educação de Carlos Duarte Lopes Pedroso, de 8 anos, frequentando a 3º classe, em que pede dispensa para o filho das aulas de *Educação e Moral* “(...)por não desejar que receba Educação Católica(...)”. O pedido foi deferido em 11 de Novembro de 1964. Esta mãe é uma das muitas leitoras de *Os Nossos Filhos*, de quem existem diversas cartas no *Espólio* de Maria Lúcia Vassalo Namorado, vence diversos Concursos da revista e escreve muito bem. É mais conhecida hoje como Laura Lopes, membro do PCP (cf. *Apêndice Cap. 4- Biografias*).

<sup>751</sup> Cf. *Apêndice Cap. 4 – Biografias*.

<sup>752</sup> A Secção Feminina, primária e liceal funcionava no *Externato Santa Maria Goretti*, na Quinta da Musgueira, à Estrada da Torre, ao Lumiar

por meio de música, jogos, canto- coral, trabalhos manuais, arfe de dizer, cinema educativo e conversação em francês, inglês e alemão com professoras da nacionalidade. A criança iniciará os seus conhecimentos de leitura, escrita e cálculo. Cada aluno terá ficha médica<sup>753</sup> e pedagógica com a respectiva fotografia, pelas quais a família avaliará o seu desenvolvimento físico e mental.(...) consultório médico montado sob a orientação (...) DR. Lino Ferreira, interno do Hospital Escolar(...) possui raios ultra-violetas e balança para vigiar periodicamente o peso da criança.(...) conversas com família(...) Profusão de flores, música às refeições e durante o repouso, pick-up com discos que contarão lindas histórias expressamente gravadas(...)”. Tem Solário(...) lições de dança e arte de dizer, Parque de recreio ensaibrado, Ginásio, sistema de intercomunicadores(...)”. Este folheto tem, na contracapa, dactilografadas, as perguntas: “(...) Quando fundou o “Lar dos Pequenininos”? O que a levou a tomar essa iniciativa? Que fins pretende atingir? Qual o horário? Que método segue e porque o prefere? Que disciplinas tem? Está satisfeita com o resultado? (...)”<sup>754</sup>.

Uma outra instituição anunciada em *Os Nossos Filhos* e também com documentação no *Espólio* é o *Colégio Instituto Portugal*, na R. Pena Monteiro, ao Lumiar, para “(...)Sexo masculino, internato, semi-internato e externato para crianças débeis mentais e difíceis (...)”<sup>755</sup> que indica o enxoval que os alunos deveriam levar consigo ao dar entrada ali.

Um último colégio cujo folheto existe no *Espólio* mas não foi anunciado em *Os Nossos Filhos* é o *Liceu Francês Charles Lepierre*, onde fora aluna Adriana Rodrigues<sup>756</sup>, uma das colaboradoras da revista. Instalado à “(...)entrada da Avenida Duarte Pacheco, inaugura no ano lectivo 1952-53 (...) o Jardim infantil, primário, liceal, ensino primário francês, ensino secundário francês, educação física, serviços

---

<sup>753</sup> Em 3 de Setembro de 1942, o médico Manuel Palma Leal, “(...) médico de um estabelecimento particular da capital(...)o *Colégio Infante de Sagres*(...) no meu regresso do estrangeiro há 4 anos, onde fui tomar contacto com os problemas da medicina escolar(...)morador na Calçada da Palma de Baixo, 23, 2º Dto, em Lisboa, envia uma carta de 4 p. a Maria Lúcia Vassalo Namorado em que expõe à directora da revista a ideia: “(...) não seria descabido, a uma publicação do género dessa revista, encetar nas suas colunas uma campanha ainda inédita, pugnado pela adopção pelos Pais duma ficha sanitária para cada um dos seus filhos(...) dela constariam gráficos de peso, altura, etc. Etc. E bem assim uma secção pedagógica, de orientação profissional etc.(...)” (Caixa 41. Maço 1)

<sup>754</sup> *LAR dos Pequenininos*/folheto/. Lisboa 6 páginas (Caixa 33. Maço 2)

<sup>755</sup> Desdobrável de 2 p. (Caixa 33. Maço 2)

<sup>756</sup> Adriana Rodrigues Barata Moura mãe de José Adriano Barata Moura, actual reitor da Universidade de Lisboa e ali também aluno de Ema Quintas Alves, uma das colaboradoras no Concursos *Se eu tivesse uma varinha de condão* (cf. Apêndice Cap. 4 – Biografias).

médicos<sup>757</sup>, transportes(...)” vem substituir a *École Française* que funcionava no Pátio do Tijolo onde ainda se dão as informações pois que o folheto é de 1951-52<sup>758</sup>.

Outra fonte importante de informações é, em *Os Nossos Filhos*, a publicidade feita a livros dirigidos sobretudo aos pais.

Destes destacamos e analisamos em pormenor os de Virgínia Lopes de Mendonça- *Crianças mal educadas*, que era a tradução de Fernand Nicolay, o de José Francisco Rodrigues - *O Grande problema: estudos sobre educação* cujo texto do anúncio dizia: “(...) Um livro oportuno que todos os educadores devem ler(...)” (ONF, Jul. 1945), ou “(...) Pais e educadores devem ler *O Grande Problema* (...)” (ONF, Fev. 1946) e *Nós e a criança: um livro para os pais*, de Ilse Losa<sup>759</sup> com ilustrações de Laura Costa. Nas páginas de *Os Nossos Filhos* a maior quantidade de textos publicitários refere-se a este último livro. Que razões terão levado a essa insistência?

Do *Prefácio* da autora, datado de 1954 e escrito no Porto, ficamos a saber que a sua finalidade ao escrever o livro fora: “(...)orientar os pais, divulgando, na medida do possível e em palavras simples, um certo número de conhecimentos, adquiridos através de estudos teóricos e práticos (...)” a partir de muitos dos casos citados por nós foram colhidos directamente numa escola infantil desta cidade e no convívio com os nossos próprios filhos. Escusado será dizer que o livro não esgota o assunto. É apenas uma contribuição. Outros autores, mais competentes, virão, decerto, completá-lo(...)”.

Ao lermos a obra, demos atenção especial aos textos marcados por Maria Lúcia Vassalo Namorado e que são os de diversos capítulos sendo que, em alguns casos, tem indicação do número da revista em que devem ser transcritos ou ainda a forma como foram usados mais tarde, quando a directora de *Os Nossos Filhos* já colaborava no *Diário de Lisboa*. Alguns dos capítulos assinalados<sup>760</sup> não são mais do que frases de pedagogas(os) conhecidas(os) como Maria Montessori ou textos são sobre os direitos da criança, sobretudo o direito a ter uma infância, de que tanto hoje se fala, sobre a defesa da educação pelo amor, da necessidade de ternura para com as crianças, sobre a importância da ligação entre pai e filhos, sobre os defeitos da criança, entre os quais se

---

<sup>757</sup>“(…)Gabinete médico (...) alunos submetidos a exame radioscópico duas vezes por ano. Cada aluno possui ficha médica que é comunicada aos pais(...)”.

<sup>758</sup> Desdobrável de 2 p. (Caixa 33. Maço 2)

<sup>759</sup> LOSA, Ilse (1954 a) – *Nós e a criança: um livro para os pais* /ilustrações de Laura Costa /. Porto: Porto Editora. 236 p. com dedicatória impressa *À Alexandra e à Margarida*, oferecido pela Editora e tendo na 1ª guarda, a lápis, a indicação de: *D.L. Julho 1964*.

<sup>760</sup> Um quadro com todas as citações assinaladas está no *Apêndice Cap. 4- Publicidade educativa*.

conta a teimosia ou sobre o complexo de inferioridade e as relações entre madrastas/padrastos e enteadas(os) entre muitos outros.

Há também publicidade feita a outros livros na revista: a obras que a *Editorial Os Nossos Filhos* representa e distribui (que analisamos no subcapítulo seguinte), a obras que são objecto de recensão nas colunas de crítica e mesmo às que Maria Lúcia Vassalo Namorado escrevera ou ainda a diversos livros de puericultura, saúde, culinária e outros considerados fundamentais na educação das meninas casadoiras ou na das mães menos esclarecidas.

A publicidade feita aos livros de Virgínia Gersão é a mais constante ao longo da revista. Todos os livros anunciados são pequenas peças de teatro, em verso, quase todas editadas por aquela professora e colaboradora da revista, para serem representadas pelas alunas do Liceu D. Maria nas ocasiões que se apresentam, entre 1931 e 1942, ou seja, todas elas foram representadas antes da revista ter iniciado a sua publicação o que não impede que elas sejam publicitadas ao longo de inúmeros fascículos da revista *Os Nossos Filhos*, a partir de Novembro de 1943. Na revista sugere-se que podem ser representadas em festas “(...) de beneficência, escolares e familiares(...)” (ONF, Nov. 1943). Todas estão com dedicatória manuscrita a Maria Lúcia Vassalo Namorado, sendo que o tom de cordialidade aumenta com o avanço cronológico das peças, ou seja, de um tom mais cerimonioso na peça datada de 1931 passa a um tom mais afectuoso na dedicatória da conferência que em 5 de Junho de 1950 Virgínia Gersão proferiu no Instituto de Coimbra<sup>761</sup>. Essas obras podiam ser pedidas à *Editorial Os Nossos Filhos*. A directora da revista, em anúncio datado de 1946 considerava que “(...)Virgínia Gersão tem publicadas várias peças muito delicadas, próprias para serem representadas em festas escolares. Temos a certeza que correspondem inteiramente ao que sonhou. Indicamos-lhe a seguir os títulos, e estes já lhe dizem mais ou menos o assunto de que tratam as referidas peças(...)”(ONF, Nov. 1946). Muitas das obras desta senhora haviam sido já anunciadas e objecto de recensão em *Portugal Feminino*. Estão nesse grupo a *Gramática das criancinhas*, 2ª edição- “(...) reflexo da rara competência pedagógica e de interesse pelas criancinhas. Trabalho que só um cérebro de mulher podia conceber e realizar. Só quem “— como a nossa muito ilustre e prezada colaboradora Virgínia

---

<sup>761</sup> A dedicatória de O Serão da Infanta tem: “À Exª sra. D. Maria Lúcia Silva Rosa of. Coimbra, 1942”; na dedicatória do texto da conferência, publicada como Separata de 67 p., no Instituto, vol. 114º, tem: “À minha querida Maria Lúcia, com sincera amizade e com admiração estima, Virgínia Gersão, Coimbra, 22-5-51” (*Espólio*). Nessa conferência Amélia Janny, poetisa, coimbrã, por ela comparada a Maria Amália Vaz de Carvalho e a Gonçalves Crespo; nascera em 25 Fev. 1842 e escrevera primeira quadra aos 4 anos: É chuva, cai, cai/ em cima de minha mão/ assim caísse a virtude/ dentro do meu coração/ (p. 17)

Gersão—convive hora a hora com esta assustadora tarefa de transformar as páginas áridas da Gramática sucessivas edições e que todos os pais quererão adquirir para facilitar um dos mais árduos transes a que é sujeito o cérebro infantil quando nas mãos da criança é colocada pelo professor primário o inquisitorial compêndio por onde habitualmente se inicia o estudo da Gramática. Bem haja Virgínia Gersão por tão carinhosamente oferecer aos pequeninos o sagrado pão do espírito(...)” (*Portugal Feminino*. Nov. 1932, n.º 34, p. 18).

Duas outras obra desta escritora *O Serão da Infanta* e *Ao Tear*, publicitadas em *Os Nossos Filhos* também têm uma recensão crítica *Portugal Feminino*: “(...) Dois trabalhos que honram não só o nome da sua prestigiosa autora como a nossa literatura feminina. O primeiro é uma brilhante evocação histórica de um dos afamados serões da nossa Infanta Minerva. Grandes da História e das Letras perpassam ante os nossos olhos maravilhados, através de breves mas eloquentes referências. O segundo livro é uma das mais lindas colecções de quadras ao sabor popular que nos tem sido dado conhecer. Mas do excepcional valor de Virgínia Gersão, como poetisa, encontrarão os nossos leitores, no presente numero, o mais incontestável testemunho(...)” (*Portugal Feminino*, n.º Fev. 1932, n.º 25. p. 14).

Vejamos quais os textos desta autora anunciados na revista e que eram considerados interessantes para a educação das meninas:

Quadro nº54.: Obras de Virgínia Gersão anunciadas em *Os Nossos Filhos*:

Data	Título	Caracterização
1931	<i>O Serão da Infanta: peçazinha em 1 acto</i>	Editada pela Minerva , fora representada pela 1ª vez no Teatro Avenida de Coimbra, a 18 de Maio 1931, numa festa em benefício da Associação Escolar do Liceu da Infanta D. Maria, pelas alunas do Liceu, ensaiadas pelo prof. do Liceu José Falcão, Doutro Alfredo de Matos Chaves; música oferecida pelo Prof. e Compositor do Conservatório de Lisboa, Tomás Borba, excepto a Pavana que é de Lulli  /Conteúdo:/(Sobre casamento e intrigas que rodearam casamento de Carlos V /nesse tempo para o amor/ não se ouvia o coração/ não há mal que não se apague/ na ventura de ser mãe/cada mulher tem um poema/dentro do seu coração/  Tem lista completa de meninas que representaram <sup>762</sup>
1937	<i>A Gata</i>	Editada em S. Martinho do Porto, pela autora, também foi musicada pelo Prof.

<sup>762</sup> Era vendida pelo preço de 7\$50 em Dezembro de 1943, passando a 10\$00 em Maio 1950.

	<i>Borrallheira: peçazinha em 1 acto</i>	Tomás Borba e representada pelas alunas do Liceu Infanta D. Maria, no Teatro Avenida de Coimbra, a 10 de Maio de 1937, sendo coros e bailados artísticos ensaiados pela Prof <sup>a</sup> de Canto Coral do Liceu, Sarah de Sousa; texto em verso /Conteúdo:/para marido/quem me tenha muito amor/ que seja honrado e bondoso/ seja ele rei ou pastor(...) Nunca vi peste mais peste/que a peste das enteadas/ o não saber educar-vos/ perdoai-o à vossa mãe/ nunca soube querer-vos bem/... Tem lista completa de meninas que representaram <sup>763</sup>
1938	<i>Auto do Natal: peçazinha em 1 acto e dois quadros...</i>	Musicada por Tomás Borba; Sagrada família que procura lugar na noite de Natal Tem lista completa de meninas que representaram; custa 7\$50 em Maio 1950
1938	<i>A Pastorita: opereta em três actos</i> <sup>764</sup>	Musicada por Tomás Borba; representada pelas alunas do Liceu Infanta D. Maria, no Teatro Avenida de Coimbra, a 2 de Maio de 1938; sempre em verso /Conteúdo:/ó trabalho encantador/bendita a vida do campo/ cheia de força e vigor/ cheia de paz e perdão... os guias vêm sempre das classes humildes/para os pobres poucas vezes há justiça/ és grato. Não é vulgar encontrar-se no povo esse sentimento...
1938	<i>Rosas: peçazinha em um acto</i>	Tem o "Nihil obstat" de Coimbra de 20 de Maio de 1935 de Cónego Tomaz F. Pinto e de "Imprimatur" do dia seguinte, de António, bispo coadjutor; música de Tomás Borba; só tem 5 personagens /Conteúdo:/ /Rainha diz para povo/ sou uma mulher que sofre/como qualquer de vocês/sou uma mãe que padece/ angústias que não têm nome... coisa pior/ é ver filho que é seu/ voltar-se contra o pai... uma nação só é forte/quando pode triunfar/ e a morte não pode nada/ contra esse imenso clarão/ que se grava em cada povo/ e é chamado "Instrução" custa 5\$00 em Maio 1950
1939	<i>Branca de Neve: peçazinha em 1 acto e quatro quadros</i>	Musicada por Tomás Borba; /Conteúdo:/ Fada: aquele que tu amas anda lá pelo Oriente/ e que não voltará vivo/ das mãos cruéis dessa gente... /trabalhadores cantando:/ Viva o trabalho!/ Quando a miséria/ à porta bate/ é o trabalho/ que mata a fome/ é o trabalho/ que dá roupinhas/ viva o trabalho/ que mata a dor/... anões que engraçadinhos/ são mesmo cheios de graça; custa 10400 em Maio 1950
1940	<i>Filipa de Vilhena: peçazinha em um acto</i>	Musicada por Tomás Borba; /Conteúdo:/ de Espanha nem bom vento nem bom casamento/... povo é uma criança, com nobres ideais, transmitidos no sangue de seus pais...; custa 5\$00 em Dez. 1943
1941	<i>Uma aurora no poente:</i>	Conteúdo:/ se a mulher deixa o lar/os filhos são do esposo/ se o pai se porta mal/ os filhos são da mãe/...

<sup>763</sup> Com o preço de 7\$50 em Dezembro de 1943 custará 20\$00 em Dezembro de 1945.

<sup>764</sup> Custa 20\$00 em Maio 1950

	<i>peçazinha em um acto</i>	Se o marido infiel faltou ao seu dever/ a mulher nada viu e nada quis saber... Casamento é cruz que de nós se apodera/ que nos troca o sorriso em mágoa bem austera/ nos tira o sangue da alma e nos torna os olhos baços... Há coisas pequeninas/que outrora se ocultavam aos olhos das meninas/ erro de educação, que tantos erros traz/...Custa 5\$00 em Dez. 1943
1942	<i>Miosótis: peçazinha em um acto e dois quadros</i>	Musicada por Tomás Borba <sup>765</sup> ; Levada pelas alunas do Liceu Infanta D. Maria, no Teatro Avenida de Coimbra, a 27 de Abril de 1942; sempre em verso; custa 7\$50 em Maio 1950

Duas outras obras são ainda anunciadas: *Ao Tear, quadras* com prefácio de Teixeira de Pascoaes, considerada para “(...) as filhas mais velhas(...)”(ONF, Dez. 1943) que custava 12\$00 em Novembro de 1943 mas que aumentara para 20\$00 em Dezembro de 1945. Esta obra tinha capa de Alice Rey Colaço Menano. A revista irá publicar a obra *A Geometria no País das Formigas* semelhante a uma outra que existia publicada em livro aqui também anunciado, e que se intitulava *A Gramática das criancinhas*<sup>766</sup>, que em Novembro de 1943 custava 8\$50, em Dezembro de 1945 custava 12\$50 e em Maio de 1950 custava 15\$00. Todas estas obras irão sendo anunciadas até Janeiro de 1956.

Quanto às obras de Maria Lúcia Vassalo Namorado aqui publicitadas veja-se alguns dos “slogans” usados :

<i>Negro e cor de rosa</i> - Maria Lúcia. 5\$00 em Abril de 1944	livro que deve ser lido e meditado por todas as mulheres. Pedidos à LIVRARIA BERTRAND Rua Garrett09-1943 16 Não se esqueça de levar livros para ler. Ler umas páginas agradáveis, deitado à sombra do toldo ou das árvores gigantes, ouvindo marulhar as ondas ou gorgear os passaritos — é das coisas mais deliciosas que nos é dado gozar. /será publicitada até Nov. de 1958/	desde n.º 1. Jun 1942
<i>A Mulher dona de casa</i> por Maria	Ensinarmentos domésticos; O papel da mulher dentro do lar;	01-06-1943

<sup>765</sup> As obras eram musicadas pelo Professor Tomás Borba. As partituras podiam ser vendidas em separado dos textos para os quais tinham sido escritas. Os pedidos eram feitos a A Marques, morador na Av. Duque d'Ávila, 110 4º (ONF, Dez. 1945)

<sup>766</sup> Texto do anúncio: “(...)Tem-lhe interessado a “Geometria no País das Formigas”? Se os seus filhos não gostarem de Gramática e lha quiser ensinar brincando, num livro do mesmo género, em que se vêem as várias descobertas da Formiga-mestra, da Joaquintha e do Joaquim, encontra V. Ex.a à venda, nesta Redacção A Gramática das Criancinhas da mesma autora, ao preço de 8\$50. Pelo correio, mais 1\$60(...)” (ONF, Nov. e Dez. 1949).

<sup>767</sup> Em mais do que uma resposta publicada nas rubricas “Conselhos”, a revista agradece as referências elogiosas feitas à obra e reafirma a qualidade da mesma ao dizer “(...) de facto, trata-se de uma obra conscienciosa(...)” (resposta à leitora “Nati”, ONF, Nov. 1943); ou “FLOR DA SERRA” —Não calcula a alegria que a sua carta aos deu. O seu entusiasmo por «A Mulher Dona de Casa», é absolutamente justificado. Não nos surpreende que nos diga que já



Lúcia. 12\$50 em Abril de 1944 <sup>767</sup>	Como se governa uma coisa, e como se executam os seus trabalhos; Economia i doméstica; Tratamento de roupas e móveis; et cozinha e a dispensa, os quartos e as salas; As criadas; Processo económico de cozinhar, etc.  Constituem alguns dos capítulos desta preciosa obra 2.º volume da Biblioteca Prática do Lar Edições Universo rua do Diário de Noticias, 5, 2.º — Lisboa	
“ “	Esgotaram os primeiros milhares...2º edição à venda em Fev. 1944; em Fev. de 1955 chegaria ao 8º milhar	
	Vai na 3ª edição (...) um êxito retumbante	08-1947
	Distribuído pela Editorial <i>Os Nossos Filhos</i>	02-1947
<i>Joaninha quer casar Conselhos às Raparigas</i> por Maria Lúcia. Custava 10\$00 em Mar. 1945 /anunciado até Março 1950/	1,º volume da Biblioteca das Nossas Filhas é um livro que todos os Pais devem dar a ler às suas filhas, na idade delicadíssima em que começam a namorar. Pedidos à Editorial «Os Nossos Filhos»,	05-1944
	Todas as raparigas devem ler: <i>Joaninha quer casar</i> um livro da mais sã moral e de agradável leitura.	05-1944

Sobre o livro *A Mulher dona de casa*, os elogios próprios não são esquecidos: “(...)Na casa mal governada ou sem governo, que é o mesmo, reinam a confusão e o desequilíbrio, pululam os motivos de discórdia e desgosto. Ao contrário, o lar bem organizado e bem dirigido possui uma das condições essenciais para ser feliz. Onde podemos concluir que as mínimas coisas que interessam e formam o maquinismo caseiro não são, de modo algum, insignificantes, nem alheias ao problema transcendente da Felicidade(...)”(ONF, Fev. 1954)

Sobre *Joaninha quer casar* ela será sugerida como uma excelente “(...) prenda para filhas(...)” (ONF, Dez. 1944)quando são dados alguns conselhos a seguir na escolha das prendas de Natal. Esta obra fazia parte daquelas que se consideravam fundamentais para a boa orientação das meninas. Aconselhava-se então as mães pois elas deveriam ter o cuidado de vigiar “(...) as leituras das suas filhas! Olhe que, se um bom livro é a melhor das companhias, um livro mau é um. Péssimo, um perigosíssimo companheiro!, *A Biblioteca das Nossas Filhas* Oferece às raparigas portuguesas leituras

---

começou a tirar benefícios da sua leitura, pois ela é, de facto, proveitosíssima a todas as senhoras. Sempre às suas ordens(...)” (ONF, Jul. 1947)

portuguesas, honestas, agradáveis, e úteis. Ofereça já às suas filhas o 1.º Volume...*Joaninha quer casar*. Por Maria Lúcia, publicado há 2 meses já vai no seu 2º milhar.. Brevemente sairá o 2º vol. desta Biblioteca: um romance encantador, (...)”(ONF, Nov. 1944).

A lista de outros livros publicitados em *Os Nossos Filhos*, de puericultura, para crianças ou de assuntos do quotidiano feminino é a que seguir indicamos:

Quadro n.º: 55. Listagem de livros publicitados em *Os Nossos Filhos*:

<b>Título</b>	<b>Autoria e Comentário</b>	<b>Fonte</b>
<i>O Meu menino</i> ,	Samuel Maia Acaba de ser posta à venda a 5.* edição de «O meu Menino», o conhecido manual de« puericultura do nosso distinto colaborador sr. Dr. Samuel Maia....Quando, há anos. Nos encontrámos pela primeira vez com um filho nos braços e a nossa ignorância. Foi neste precioso livro que buscámos ensinamentos e conselhos. Graças a ele, nós, que nada sabíamos, pudemos criar com saúde a nosso primeiro filho — :e os que vieram depois	Out. 1942
O Guia das Mães	Branca Rumina	04-1944
Mãe e filho,	Ferreira de Mira	04-1944
Introdução à Psicologia das Crianças	Emile Planchard	04-1944
Crianças mal educadas	por Fernand Nicolay, adaptação de Virgínia de Castro e Almeida	04-1944
Modernas Tendências da Educação,	por Irene Lisboa	04-1944
A Saúde pela Educação Física	Deolinda Martins	04-1944
Bicharada endiabrada	por Lídia Serras Pereira	04-1944
Ensaio para a iniciação do ensino do desenho	por Maria da Luz de Deus - Muito útil a todas as mães e professoras do ensino infantil e primário; ilustrado com muitos desenhos infantis	03-1954
Brinquedos cantados portugueses	pelo Capitão Marques Pereira Ginástica infantil, com música de Nina Marques Pereira— Um lindo e útil presente para os pais e os educadores	03-1954
Cuidemos das criancinhas	Emília Morgado	10-1944
Crianças Escolares	pelo Dr. M. Monteiro Pereira	10-1944
L'Éducction Montessori	Canfield-Fisher	10-1944

O GRANDE PROBLEMA	José Francisco Rodrigues - Opiniões unânimes da crítica :Um livro acertado, documentado, bem escrito...». «Um livro de ideias e palavras necessárias que é preciso dizerem-se e repetirem-se até que triunfem». Dr. Cunha Leão, no DIÁRIO POPULAR «Oferece esta obra especial interesse pelo que ensina e sugere», «...temos de principal importância que J. F. Rodrigues soube .versar com entusiasmo, verdadeiro senso de humanidade, e um estilo claro, vigoroso e sugestivo». JORNAL DO COMÉRCIO	04-1945
Estudos sobre educação		
	livro oportuno que todos os pais e educadores devem ler Crítica: «Nas suas páginas vibrantes, eloquentes, não só abriu novas e mais amplas janelas sobre os horizontes da vida portuguesa, não só nos trouxe sugestões e soluções magníficas, mas principalmente trouxe para a sua prosa cuidada a presença da sua mocidade optimista. Da sua alma saudável crente nos altos destinos da Pátria. Rebelo de Bittencourt, na <i>Viagem</i>	07-1946
O Corte sem mestre <sup>768</sup>	Lília da Fonseca Edições Universo R. do Misericórdia, 104 LISBOA	04-1945
MESTRE DAS COZINHEIRAS	Maria Saavedra Edições Universo R. do Misericórdia, 104 LISBOA	04-1945
Livro de Puericultura	Almerindo Lessa.	06-1945
A MULHER EDUCADORA	de Emília de Sousa Costa. Onde a autora, com o seu largo e profundo conhecimento da vida, define e sintetiza o papel da mulher como educadora	07-1945 e 12-1945
PRECEITOS DE CORTEZIA E ETIQUETA <sup>769</sup>	Graciette Branco	07-1945

<sup>768</sup> Em crítica enviada por uma antiga colega de Liceu da *directora* de *Os Nossos Filhos* pode ler-se:“(…) “(...) estive para te pedir o seguinte favor: julgo que conheces a autora do livro de corte sem mestre- *Lília da Fonseca*- e como me interesse muito pela costura comprei-o mas deparei com umas deficiências que gostava de ser elucidada: a autora serve-se de uma régua curva mas não dá indicações sobre esta apenas apresenta uma péssima fotografia; sabes que há várias espécies de curvas e parece-me q a autora tem poucos conhecimentos de geometria porque se os tivesse daria elementos para a construção da régua ou a sua equação; o mais fácil seria ela apresentar no apêndice a forma natural da régua, não achas?; a princípio pareceu-me mais bem feito do q é; ao aplicar as suas teorias fiquei um pouco desapontada; talvez elas sejam falíveis por carência de raciocínio, método e proporcionalidade matemáticos; resta investigar entrando em linha de conta com as naturais deformações físicas, pois, na prática, não podemos considerar os factos e os meios ideais como os consideramos na física, química e matemáticas teóricas; na vida não há movimentos uniformes nem divisibilidade infinita, isso são especulações filosóficas, meras abstrações; só na escultura grega é que se encontraram as formas ideais, nunca vistas em conjunto no corpo humano, por isso as medidas e os moldes de costura não devem obedecer à proporcionalidade da pureza plástica; desculpa roubar o teu tempo com este arrazoado mas se souberes alguma coisa da autora, informa-me(…)” (Carta de Laura Ferreira da Cunha. Porto. 29 de Dez. 1941. Caixa 7. Maço 2). Maria Lúcia Vassalo Namorado responde um ano depois, em 26 de Nov. 1942, como assinalado por ela no canto superior direito da carta.

<sup>769</sup> Tinha indicação dos outros livros da colecção, a publicar: O CORTE SEM MESTRE (2ª parte);— de Lília do Fonseca ; AS MARAVILHAS DA AGULHA (tricot)— de Lília Fonseca ; O NOSSO LAR — pela Architecta Maria José Estanco ; NOÇÕES DE ARTE APLICADA — Aurora Severo; O BREVÍARIO DAS MÃES — pela Dr.a Maria Teresa Paulo Rego ; A MULHER MÉDICA NO LAR —

Ar Puro	<i>Ar Puro</i> , por Virgínia Lopes de Mendonça <sup>770</sup> Um lindo romance moralizador, próprio para todas as idades Preço: 12\$00.	04-1944
Puericultura	M. Gesteira - ACONSELHAMOS às mães, principalmente, àquelas que o sejam pela primeira vez leitura puericultura que muito as auxiliarão há tarefa, delicadíssima de criar o seu menino	01-1946
História do Bebê	um livro que pela sua beleza artística e literária, é para a Mãe ou para o Pai que a tal tarefa dedique alguns minutos mais uma bênção que o filho sempre recordará com enternecido reconhecimento. Esta livro, onde Raquel Roque Gameiro, a maior desenhadora portuguesa, colaborou brilhantemente,, encontra - se à venda nas boas livrarias do país	03-1946
	Uma biografia ,da criança elaborada em bases científicas. Além de ser o álbum onde os pais colecionam os factos mais importantes da vida da criança, esta biografia fornece as indicações científicas essenciais para a interpretação desses factos. Esta obra é imprescindível a todos os pais que desejam cumprir seriamente com a criação e educação de seus filhos. "Á história dó Bebê» é ia autorio de Maria da Natividade Pinheiro Correia e Dr. António Correia. Preço 50\$00. Pedidos a Coimbra - Editora— Rua Ferreira Borges, Coimbra.	12-1950
Eu Quero Conhecer O Meu Filho	António Correia- ma obra que todos os pais devem conhecer SUMÁRIO: A descoberto do criança — O mundo infantil — O recém-nascido — Alguns aspectos do mundo infantil—A criança e o meio ambiente Esta obra contém o apêndice escrito pelo médico de crianças DR, GILBERTO VASCO: O Que Se Não Deve Fazer cujo sumário é o seguinte: Eugenia — Higiene das Gestantes — Higiene geral" dos "recém-nascidos — Alimentação — Hábitos— Desenvolvimento — Violências e credices Preço: 20\$00 — Pedidos aos distribuidores gerais: PUBLICAÇÕES EUROPA -AMÉRICA	06-1946
Aventuras de três cachos de uvas	Lídia Serras Pereira	09-1946
A Borboleta azul	por Lília da Fonseca PRENDA DE NATA L para o seu filhinho é encantador livrinho de contos ilustrados	12-1947
1º anúncio à "Majora"	Os Melhores presentes para os vossos filhos: COLECÇÃO COELHINHO BRANCO volumes com 40 páginas ilustradas COLECÇÃO GATO PRETO 6 volumes com 48 páginas ilustradas; O RATO DO CAMPO E O RATO DA CIDADE Um livro especial com 20 páginas coloridas; A HISTORIA DO CAPUCHINHO VERMELHO Um livro brinquedo com 11 bonecos movimentados. Um capuchinho que salta, que corre. Que brinca, e, que dança de verdade. Livro com encadernação especial	12-1947
	Colecção Salta Pocinhas e Sarapico Mafarrico	07-1948
<sup>771</sup>	Histórias Contos Novelos Aventuras Viagens Históricos Ciências Naturais	01-1948

pela Dr.\* Maria Emília Sena Martins; AS LEIS QUE À MULHER INTERESSA CONHECER pela Dra Maria Alexandra da Costa Flório

<sup>770</sup> Anúncio desde 1944 (ONF, Abril 1944) em quase todos os números da revista até Nov. de 1958; tb foi usado como prémio para o concurso dos brindes assim como *Nós e a criança* de Ilse Losa(ONF, Out. 1954 ou em Nov., Dez. 1954, ano de 1955, de 1956, e Mar. 1957), custando 12\$00 em 1958.

	e Brinquedos instrutivos: Construções Jogos ABC Laboratórios de Química, Trabalhos Manuais Etc. De Pimentel e Casquilho	
O Livro da Tila	Poemas de MATILDE ROSA ARAÚJO ilustrados por crianças Uma pequena obra-prima, entusiasticamente saudada pela Crítica, e adorada pelas crianças que já a possuem	12-1959
"Suplemento Literário" de Mãos de Fada	completou 3 anos a revista...melhor revista de bordados que entre nós se publica...tem ainda a valorizá-lo um magnífico ao qual Lília da Fonseca imprime cunho da sua vigorosa personalidade e esclarecida inteligência...	08-1948
REVISTA FEMININA SEMANAL	Com 32 páginas e uma folha de moldes, vestidos e casacos, crianças, literatura, etc. Preço avulso 4\$00 Assinatura (6 meses) ..... 100\$00 A Revista mais económica e interessante da actualidade Vende-se avulso, por assinatura e ao domicilio Distribuidores exclusivos para Portugal: Casa Midões... Rua da Conceição 119Porto: O Jardim dos figurinos Rua Cedofeita 148	06-1950
O mundo em que vivi	Ilse Losa Temos publicado vários artigos da', sua autoria, sempre muito apreciados pelos bons ensinamentos e pelo profundo conhecimento psicologia infantil(...) publicámos um trecho no nosso número passado. A autora que nasceu na Alemanha, aproveita a sua experiência para nos contar o infância e a juventude duma judia alemã.	07-1949
A família a mulher e o lar	José Francisco Rodrigues acaba de publicar mais um livro sobre problemas de transcendente importância, e que intitulou; «A Família, a Mulher e o Lar». Vamos lê-lo com todo o interesse, antecipadamente certas de que se trata de uma obra honesta e valiosa, pois sabemos com quanta sinceridade o autor se dedica ao estudo dos problemas sociais.	07-1949
livro	da autoria de Sidónio Muralha Júlio Pomar e Francine Benoît Um livro diferente de tudo o que entre nós se tem publicado Uma pequena maravilha para crianças de 7 a 11 anos	12-1949
Faísca conta a sua história <sup>772</sup>	Ofereça este Natal aos seus filhos e amiguinhos (História dum cão contada por ele próprio) Um novo livro de ILSE.LoSA. Com desenhos de AUGUSTO GOMES	12-1949
Arte culinária	por Blandimar Maria Palmira Tito de Moraes; com uma introdução pelo Dr. Pacheco de Amorim, Coimbra ed. a introdução...As receitas são apresentadas com clareza e fáceis de preparar, elaborados e deliciosos» o que torna o livro útil tanto para a jovem dona de casa ainda cozinheira amadora como para a especialista.É um volume encadernado, de 1000	01-1950

<sup>771</sup> É um representante que, ao longo da revista, vai anunciar diversos livros e jogos para crianças e pais.

<sup>772</sup> Este livro, no *Espólio* e tem uma folha volante que ia no interior das revistas para anunciar o livro /scanner/ ; há 2 exemplares no *Espólio*, sem qualquer dedicatória, apenas com carimbo da Editorial/scanner/:a obra é sobre um cão, Faísca, que conta, como narrador, a história pessoal: vive no Minho era de uam casa pobre em que uma mãe vivia só com filho que ia para escola (...) não havia alegria pq tínhamos pouco que comer(...)quando pessoas e animais passam fome, não conseguem estar sempre satisfeitos...(p. 13) menina rica que o compra para, com esse dinheiro, a mãe dele lhe comprar uns sapatos novos e casaco para o inverno(...)Manuel já não anda na escola pq mãe precisava dele no campo(...)A menina que comprou o cão anda no Liceu e toca piano(...)

	páginas, custa 95\$00. Podemos enviar esta obra a quem nos mande em selos ou vale de correio a importância do seu preço. Despesa de correio por nossa conta.	
Bordados tradicionais de Portugal	Prefácio da Autora Maria Clementina Carneiro de Moura Livro de 58 páginas de esplêndido papel e uma capa colorida de encantadores e variados desenhos. Contendo as mais belas fotografias de lindos trabalhos de todos os géneros, com as correspondentes instruções para executar e dos materiais a empregar. Este livro a que toda a crítica se referiu elogiosamente tem constituído uma ambição de todas as Senhoras que gostam de Bordados, pois pelas suas páginas se, vê de quanta fantasia tem sido capaz a imaginação da Mulher desde remotos tempos (...)	01-1952
Nós e a criança	Um livro para os educadores, um livro que interessa aos pais (neste n.º tem também recensão crítica, por Matilde R. Araújo	09-1954
A Quinta das Amendoeiras	por Maria Elisa Nery de Oliveira novos horizontes à literatura infantil, não só pelos assuntos nele focados, como pelas gravuras a cores. Por isso, agora que o Natal se aproxima, o aconselhamos a todas as mães que se interessam pela educação e formação moral dos seus filhos, sem as desiludir, pois a Crítica foi unânime em tecer-lhe os mais rasgados elogios. A venda em todas as livrarias	12-1954
	A vida dos insectos contada às crianças—Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho 1955	08-1956
Colecção Problemas Escolares	(Cadernos de trabalhos práticos para o Professorado) N.º 1- O Caderno Diário.... Preço: 20\$00 N.º 2- Organização dos exercícios de desenho..... Preço: 25\$00	02-1955
	“(...) CADERNOS ESCOLARES Corpo de redacção: António Henriques, António Matoso, Augusto Gois, E. Rodrigues da Silva, J. Monteiro Santos, L. Melo Furtado e M. M. Calvet de Magalhães. A colecção PROBLEMAS ESCOLARES faculta as directrizes materiais e métodos da .educação nova, activa, por forma prática, de aplicação imediata à realidade escolar, sendo indispensável a todos os professores, mestres, encarregados de educação e aos que se interessam verdadeiramente pelos problemas educativos. Números publicados: 1 — O caderno diário (20\$00); 2 — Organização dos exercícios de desenho (25\$00); 2 números:40\$00 (pagamento adiantado). Próximos cadernos: Exercícios escritos; Chamadas orais; Organização dos exercícios de matemática; Trabalhos Manuais(...)”	05-1955
Tesouro das Cozinheiras		02-1956
Biblioteca dos rapazes	A colecção que os pais devem dar a ler aos seus filhos	02-1956
Férias da Páscoa	Novidade literária PARA CRIANÇAS A PARTIR dos 8 ANOS Por Maria Elisa Nery de Oliveira, autora de «A Quinta das Amendoeiras», Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho	03-1956

	Para os seus filhos lerem durante as férias: A vida das aves contada às crianças	08-1956
	Brevemente: Colecção Rouxinol" Poesia para as crianças portuguesas1º vol: "O Livro de Tila" poemas de Matilde Rosa Araújo, desenhos de Maria Almira Medina Uma iniciativa da Editorial <i>Os Nossos Filhos</i>	11-1956 e 01-1957
Bordados e Rendas de Portugal	em cuidada edição da Campanha Nacional de Educação de Adultos (Colecção Educativa, série N, n.º 10) acaba de se publicar(...) da autoria de M. M. De S. Calvet de Magalhães. O autor — nosso ilustre colaborador, 'é Director da. Escola Técnica Francisco Arruda — historia, classifica, e descreve os bordados e ás rendas tradicionais portuguesas, completando ó seu trabalho com desenhos muito .elucidativos. No capítulo «Apêndice Tecnológico* ocupa-se da execução dos bordados e das rendas, processos de limpeza, conservação, etc, Trata-se, pois, de um livrinho muito útil para todas género de trabalhos manuais. Género de trabalhos manuais. Agradecemos o exemplar que nos foi oferecido	-12-1956
Conversando com os pais	António Correia	05-1957
A Criança	por Maria Montessori	05-1957
LISBOA vista pelas suas crianças	Como os nossos leitores sabem, em Outubro de 1955 convidámos as crianças de Lisboa a pintar os aspectos da cidade que mais lhes agradam. Grande número de crianças de seis a dezasseis anos corresponderam com entusiasmo a esta solicitação(...). Assim obtivemos 3000 trabalhos sobre Lisboa, os quais tem despertado a admiração de quantos os têm visto; Alguns desses trabalhos foram reproduzidos no álbum (...) que acabamos de editar. As pessoas interessadas em conhecer esta obra, única no género entre nós; podem desde já fazer-nos os seus pedidos, insere nove reproduções a cores e dezasseis a negro, artigos de Maria Lúcia Silva Rosa e dos Professores D. Cecília Menano e M.M. Calvet de Magalhães, e custa 15\$00. Pelo correio, sob registo, mais 2\$00	02-1958
A Cabra e o Leão Do Livro «Fábulas e Animais e outras»,	contadas por Alsácia Fontes Machado e ilustradas por Nuno / NAZARETH FERNANDES/.aos 14 anos ilustrou "O Livro de Marco Pólo" a seguir os desenhos para estas fábulas e a seguir já fez desenhos do livro de Maria Paula de Azevedo que vai sair e se chama "Portugal para os pequeninos"...da Portugália editora...peçam este aos pais para o Natal	11-1958
<i>O Meu Livro de Cozinha, (Ao alcance de todos)</i> por Maria Olímpia Areal	Colecção "O Meu Lar" (Nº 30 a 39 de Edições ASA) Este livro está escrito numa linguagem clara e simples.(...) Sem dúvida, um precioso guia para todas as donas de casa. Preço 50\$00	01-1954
<i>O Meu Livro de Doces, (Ao alcance de todos),</i> por Maria Olímpio Areal	Contém as melhores receitas seleccionadas e experimentadas entre os 10.000 melhores receitas de todo o mundo.	01-1954

<i>O Cântico da vida na poesia de Tagore</i>	Estudo do prof. Dr. I. Froilano de Melo	08-1947
<i>Amor e Graça do Lar</i> de Maria da Bruma...	Lindo livro de versos quer presentear a sua filha mais velha? ofereça-lhe Pedidos á Parceria António Maria Pereira	02-1943 até 2 1944
<i>A mulher que amou uma sombra</i> , por Lília da Fonseca	Pequena novelas, muitas delas passadas em África. não são aventuras da selva nem costumes exóticos mas sim a alma dos colonos nas suas angústias, sacrifícios e heroísmos obscuros	02-1943

<i>A Educação sob o ponto de vista moral</i>	Crónicas de Maria Irene Faria do Valle	08-1947

História do João Gigante	2.º volume da Colecção Pinóchio, dirigida e compilada por Henrique Marques Júnior. Edição da Livraria Latina Editora, do Porto.	08-1943
<i>Céu aberto e Em pleno azul</i> de Virgínia de Castro e Almeida; <i>O romance da Raposa</i> , de Aquilino Ribeiro; <i>O feiticeiro da cabana azul</i> , de Adolfo Simões Müller; <i>Animais nossos amigos</i> , de Afonso Lopes Vieira; <i>Os Lusíadas contados às crianças e lembrados ao povo</i> , de João de Barros...	Achamos que faz muito bem em escolher cautelosamente as leituras dos seus filhinhos. Para crianças de 7 a 10 anos, lembramos os livros seguintes:	10-1943 /e scolhidos por "Maria Clara, Maria Fernanda".. ./
<i>Canção de Ivor e Ivor O Rei</i> , a recriação de Manuel Piló, com texto e música de Susana Reis	ele próprio construirá em cartão a engraçada figura de IVOR O REI (tem o boneco)Lerá uma deliciosa história para a qual fará sem dificuldade uma curiosa ilustração e cantará uma canção cheia de graça e harmonia, a Este magnifico álbum Ivor, acaba de ser posto à venda ao preço de 25\$00 cada, nas boas livrarias e papelarias.	01-1944 20
LIVROS PARA CRIANÇAS	Brinquedos educativos Jogos e paciências Trabalhos manuais Bonecos de estampar Teatros infantis Livros para crianças...Livros de bonecos Livros de histórias Livros de fogos Livros de passatempos e de trabalhos manuais Livros para pintar Livros-surpresa Livros zigue-zague Pimentel & Casquilho de Eugénio dos Santos, 75 e R. do jardim do regedor, 24, 2."	01 e 02- 1944

A leitura dos comentários que são feitos às obras recomendadas, sobretudo às de Maria Lamas (que incluímos no subcapítulo em que analisamos a correspondência dela para a directora de *Os Nossos Filhos*), de Ilse Losa ou de Maria Clementina Carneiro de



Moura e de muitos outros mostram-nos como a directora de *Os Nossos Filhos* tinha uma cultura política de oposição ao regime. Porém, a sua preocupação com o possível ‘equilíbrio’ de opiniões diversas na revista leva-a a, no mesmo número em que anuncia *O Mundo em que vivi*, referindo a ascendência “(...)judia alemã(...)” de Ilse Losa, anunciar também o livro *A família a mulher e o lar* de José Francisco Rodrigues mais ‘consentâneo’ com o gosto das leitoras da revista (ONF, Jul. 1949).

Alguns livros dão-nos a ideia do público que Maria Lúcia Vassalo Namorado poderia querer atingir pois aqui se vê de como não eram acessíveis à maior parte das bolsas: Veja-se que o livro para crianças *A Historia do Capuchinho Vermelho*, anunciado em Janeiro de 1948 custava 20\$00.

A maior parte dos que aqui são anunciados foram lidos sempre que existiam no *Espólio*<sup>773</sup> para vermos de que forma o seu conteúdo era idêntico (ou não) aos preceitos e ensinamentos que a revista queria fazer passar às mães e às crianças.

A obra *Faísca conta a sua história* de Ilse Losa é um livro que poderemos dizer de crítica social em que se assiste ao confronto entre o modo de vida de duas famílias: uma do campo e outra da cidade. Na primeira, uma mulher pobre vende o cão *Faísca*, companhia do filho Manuel, a uma família rica que tinha uma menina que o leva para a cidade.

Os livros *A quinta das amendoeiras para os nosso filhos*<sup>774</sup> e *Férias da Páscoa para os nosso filhos*<sup>775</sup>, ambos de Maria Elisa Nery de Oliveira, amiga de longa data da

---

<sup>773</sup> Cf. bibliografia no final deste trabalho e as fichas de leitura que, dos mesmos, foram feitas. A sua consulta permitirá que qualquer investigador(a) as venha a consultar nos documentos que integram a Doação por nós feita ao Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

<sup>774</sup> *A quinta das amendoeiras para os nosso filhos*; publicado pela mesma casa onde *Os Nossos Filhos* era impressa: Bertrand & Irmãos, data de 1954 Desenhos de E Loureiro; Prefácio da autora: “finalidade desta obra é a de proporcionar às crianças portuguesas algumas horas agradáveis e instrutivas (...) e o desejo dos pais que pretendem instruir os filhos por uma forma simples e agradável e lutam para isso com dificuldades(...)” /7/ e Prefácio de Virgínia Mota /que a entusiasmara a publicar/: “(...)literatura infantil deve ter sólido fundamento educativo e instrutivo(...) qualidades que marcam a fronteira entre uma mulher vulgar e uma boa educadora: que a aproximação entre o ser humano na sua fase infantil e as diversas manifestações da natureza seja realizada com clareza, tacto, ternura e graça natural(...)”/9/; livro para a infância amiga de saber, como para os pais, cujo desconhecimento das coisas do campo, coloca, por vezes em situações embaraçosas perante a curiosidade natural dos seus pequenitos(...)”/p. 10/ /Conteúdo:/ Crianças que vão para casa do avô com criada Ana; cada cap. sobre um tema em que o avô tudo explica; parece um professor de ciências em vez de um agricultor; todos procedimentos sobre seda, aranhas, formigas; interessar crianças sem as fatigar; sobre burricada; sobre abelhas; criança que quer cursar artes mas pai receia (...) podia aconselhar-te outra carreira mas (...) infeliz e revoltado mais tarde, quando reconhecesses que, por egoísmo, te aconselhara um curso que não era compatível com os teus gostos(...) separar-te de nós para seguir tua vocação?(...) (p. 71).

<sup>775</sup> *Férias da Páscoa para os nosso filhos* também publicado pela mesma casa onde *Os Nossos Filhos* era impressa: Bertrand & Irmãos, data de 1956, Desenhos de E Loureiro Com distribuição de *Os Nossos Filhos*, como anterior; (...) acolhimento do primeiro(...) foi tão animador que me senti na obrigação de

directora de *Os Nossos Filhos*, têm histórias um pouco diversas, em que também se vê a oposição cidade/campo e em que o segundo é uma espécie de continuação do primeiro e, ambos são dados como exemplo de como as mães podiam entreter e ensinar os filhos durante os períodos de férias.

Outros anúncios que publicitam produtos que não estão directamente relacionados com questões de educação, não são aqui abordados. Apenas chamamos a atenção para dois tipos de anúncios que se dirigem às mães e donas de casa: os de beleza e os que publicitam objectos do quotidiano como os electrodomésticos ou ainda alimentos específicos para crianças.

No último grupo colocamos os anúncios a iogurtes, considerados como alimento e medicamento para crianças. O primeiro anúncio a este tipo de produto é de Junho de 1942, ao Iogurte *Galo de Ouro*, e este tipo de alimento, depois de “(...) rigorosas observações médicas, chegou-se à conclusão que: (...) dado como complemento do leite maternal, ou como alimento exclusivo é, perfeitamente tolerado, mesmo a partir do nascimento;, é tolerado por crianças que não toleram leite de vaca, nem leite condensado,, nem- farinhas lácteas; (...) têm sempre apresentado um crescimento normal, sem qualquer perturbação digestiva as quais, desapareceram quando existentes anteriormente(...)”(ONF, Mar. 1956). O anúncio no estilo evidência científico tem ainda um excerto de texto de médico) Dr. GOTTSCHALK, publicado na «Gazette de la Santé Publique», Paris, Novembro de 1936 para corroborar a informação fornecida. Terá sido este produto que Maria de Jesus Barroso Soares terá mandado comprar, pela primeira vez por dele ter tido conhecimento através da revista (Entrevista em 31 Jan. 2005).

A beleza feminina era também uma das preocupações da revista como se vê pela rubrica que é lançada em Novembro de 1947 porque “(...)Aperfeiçoar os nosso encantos e corrigir as nossas imperfeições não é uma manifestação de vaidade (...) é uma demonstração de elegância mental, e de delicada atenção e respeito para com os nossos familiares e a de sociedade, em geral (...). Não necessita a mulher que trabalha fora do

---

continuar a escrever para as crianças portuguesas(...) dar não uma noção fantasista do mundo dos animais(...) mas uma noção real dessa mesma vida(...) voltei os olhos para a vida apaixonante das aves(...)3//Conteúdo:/acção na mesma quinta, nas férias da Páscoa; “(...) confrange-me pensar que estas tradições e vão perdendo de ano para ano(...) (p. 6); Natal e Páscoa são festas da família opor excelência e o seu significado quase se desconhece na cidade; campo mais arreigado às tradições (...) (p. 6) /avô vai para campo de fato completo castanho e gravata/Ter gratidão para com os pais que nos educam(...) (p. 14) Já existem bibliotecas públicas nas cidades onde ,sem dispêndio de dinheiro, se podem ler bons livros e colher conhecimentos de toda a espécie(...) (p. 17) Quanto mais culto é o homem, mais delicado deve ser(...) mas não julgues que não encontras atenção e ternura nos mais humildes(...) muita gente confunde educação com instrução e aí é que está o erro(...) (p. 31).

lar de ter uma apresentação cuidada que a imponha como pessoa tão correcta no moral como no físico? (...) Não precisa a mulher que vive dentro do lar de prender a admiração dos seus filhos, marido e pessoal?» Assim nos fala Madame Anne Bardel, um valor dentro dos valores reconhecidos em assuntos de beleza(...) é tratada como( ... )no conceito de que não há beleza física quando a saúde não seja, quanto possível perfeita (...). Partindo destas razões, será criada nova secção de *Consultório de Beleza* e “(...) neste consultório serão atendidas todas as pessoas que desejem orientar-se sobre métodos, produtos e casas especializadas em tratamentos de beleza. Os conselhos serão dados com toda a autoridade por Madame Anne Bardel que tratará convenientemente cada caso pessoal (...). Uma consulta publicada na Revista custa 5 \$00; sendo particular e, portanto, rápida, custa apenas 10\$00 (...)” (ONF, Nov. 1947).

Nesta área serão publicitados diversos cremes para as senhoras e bebés, sendo que o mais referido, neste último caso, “(...) *Natus* é a marca de produtos preparados expressamente para a higiene dos bebés. Embalagens azuis e cor de rosa. Boa qualidade, boa apresentação. Distribuidores: Laboratórios Dóris, Calçada Marquês de Abrantes, 128-1.º, em Lisboa(...)” (ONF, Jan. 1954). A primeira funcionária da revista, Maria Helena Rosa Torres Peres de Seixas afirma que este produto era feito, em casa, por Maria Lúcia Vassalo Namorado e depois colocado nesta distribuidora (Entrevista a Maria Helena Rosa Torres Peres de Seixas, 15 Mar. 2005). O sabonete custava 8\$00, “(...) a Caixa de Talco 7\$50; a Caixa de creme 12\$50; o Frasco de óleo 15\$00. Uma caixa com 3 sabonetes, própria para brinde, custavam 27\$50. O Estojo contendo os 4 produtos, outro brinde muito distinto 65\$00 (...)” (ONF, Fev. 1954).

Quanto aos produtos de beleza são sobretudo as marcas representadas por Maria Lúcia Vassalo Namorado as que são anunciadas: a marca *Natus*<sup>776</sup>, para peles delicadas (ONF, Out. 1946) que em Novembro de 1948 é publicitada na revista e envia amostras do produto através desta: “(...) Sem intuito de reclame, pois o creme NATUS» é tão bom como qualquer dos melhores produtos similares quer nacionais quer estrangeiros, «NATUS» enviará às nossas leitoras que nos mandem para esse fim a importância de 8\$00 em selos, uma embalagem do esplêndido creme, cujo preço é de 20\$00....As leitoras de «Os Nossos Filhos» que desejem conhecer este magnífico produto têm agora

---

<sup>776</sup> Sabemos que ela a representava pela carta que lhe é dirigida pelo Gerente da *Agência Comercial "Regimar"*, *registo de marcas, patentes...* em que lhe é posta a questão: “(...)terminada em Setembro o prazo de validade da Marca "NATUS" (...) pretende renovar por novo período de 10 anos? Renovação é 380\$(...)” (Carta de 23 Abr. 1957. Caixa 83. Maço 2).

uma oportunidade única.(...)Cada leitora só poderá receber uma embalagem nas condições excepcionais acima expostas, visto que é forçosamente limitado o número de caixas destinadas a estes autênticos brindes. Os pedidos das senhoras residentes no Continente e nas Ilhas devem dar entrada na nossa Redacção até ao dia 30 . Do mês corrente, e os das senhoras residentes nas Colónias até ao dia 30 de Janeiro de 1949 (...)” (ONF, Nov. 1948).

Como uma das preocupações das senhoras era já a de “(...) ser jovem e bela(...)”, a revista vai divulgar lições completas “(...)ensinando os cuidados que deve ter consigo, e a fórmula de um produto maravilhosamente rejuvenescedor, ensinando a preparar por suas próprias mãos. Basta que envie em vale de correio 100\$00 para Elisabeth Ray Redacção de *Os Nossos Filhos* (...)” (ONF, Ago. 1953).

Quanto ao quotidiano há que referir que as páginas da revista servem também para anunciar locais de férias, sobretudo a *Casa de Penacova – casa de repouso católica* de Raimunda de Carvalho (ONF, Fev. 1944) que em 1950 também se anuncia para venda. Encontramos apenas um anúncio a uma marca de papel higiénico sueco (ONF, Mar. 1951) e um único também à companhia de aviação KLM (ONF, Dez. 1956). Poucos são os anúncios a electrodomésticos que pudessem ajudar a tarefa das donas de casa. Se a maior parte das senhoras a quem a revista pretendia chegar tinha criada muitas outras se queixam, na correspondência, do peso do dia-a-dia, das tarefas domésticas que têm de realizar sem ajuda. Há um único anúncio a esquentadores (ONF, Fev. 1955) e os dois anúncios a máquinas de lavar roupa, um de Agosto de 1953 e outro de 1946 são os únicos que, sobre este assunto, encontramos em *Os Nossos Filhos*. Vejam-se a imagem e o texto do último anúncio referido /scanner/: “(...) acaba de sair a sorte grande às donas de casa inglesas: q lavanderia automática «Bendix» é um pequeno aparelho doméstico tão maravilhoso, quê resolve de modo ideal o problema da lavagem da roupa. Não é preciso mais do que deitar-lhe dentro a roupa e um pouco de pó de sabão, fechá-lo e ligá-lo à corrente eléctrica. Automaticamente, «Bendix» enche-se de água, lava a roupa,, passa-a por móis duas águas limpas, seca-a até ficar ligeiramente húmida, despeja as águas, e limpa-se! Isto tudo sem deitar fora uma gota de água, pois só começa a funcionar depois de fechado; pelo que pode :colocar-se até sobre uma alcatifa, e a dona de casa manobrá-lo com o seu melhor vestido, como mostra gravura que publicamos Felizes senhoras inglesas! (...)” (ONF, Abr. 1946).

A pouca importância dada ainda á imagem enquanto objecto de publicidade revela-se em *Os Nossos Filhos* pelo facto de apenas se encontrarem referências mais frequentes a

três casas de fotografia: são elas os Fotógrafos Vinagre (ONF, Ago. 1949), o *Studio Casa Londrina*, Rua do Aljube, Funchal, Madeira (ONF, Jul. 1951) e a Casa Santos Alves, Rua Almirante Reis, 256, 3º Esq. (ONF, Jun. 1948).

Muitos anúncios ligados á formação das raparigas, sobretudo até finais dos anos 40, referem-se aos Cursos do *Instituto de Serviço Social* e à *Escola Técnica de Enfermagem* do *Instituto Português de Oncologia*, como veremos no capítulo onde fazemos a análise das profissões femininas mais referidas em *Os Nossos Filhos*. São sempre anúncios extensos, redigidos no *estilo informativo*, como se pode perceber pelo exemplo que seleccionamos: “(...)a (...)assistente social, como a educadora familiar, dominadas sempre pelo ideal de contribuírem para a educação ou reeducação daqueles que se lhe confiam, exercem junto deles uma acção formativa de orientação, preservação, amparo e estímulo, atacando os causas de miséria, procurando acudir a todas as necessidades, coordenando os vários esforços utilizando os diversos meios ordem moral e legal aplicáveis a cada caso. Rendimento desta actividade não se pode exprimir em relatórios, por mais completos e explícitos que sejam, muito menos em estatísticas, porque a preocupação não pode ser nunca a do trabalho em superfície, mas sim em profundidade, e este não pode concretizar-se em números. ALGUNS exemplos do que pode ser o trabalho do Serviço Social, melhor dirão o que s faz, o muito que virá a fazer-se. Contaremos brevemente alguns casos que falam mais do que quaisquer números(...)Condições lê admissão ao Instituto de Serviço Social, para os cursos de Serviço Social e Educação Familiar: Idade não inferior a 18 anos nem superior a 35. 7.º ano dos liceus (3,º ciclo), estudos ou cultura equivalente. Boa formação. Exame de aptidão. A documentação deve ser entregue até 20 de Julho. O programa de exame de aptidão e as condições de admissão circunstanciadas devem ser pedidos para o Instituto de Serviço Social — Largo do Mitelo, 1, Lisboa. Ou pelo telefone(...)” (ONF, Jun. 1945) ou ainda:“(...) Mãe: a sua filha terminou os seus estudos. Chegou a uma encruzilhada. Que caminho seguirá? Ela tem 18 anos. E quer e preparar-se para uma vida grande, nobre, generosa, que lhe encha o coração e lhe garanta o futuro. Procura uma actividade moderna, actual, oportuna, que utilize toda a riqueza da juventude. Pois bem. Não hesite! Aconselhe-a a dirigir-se e ao *Instituto de Serviço Social* que por meio de cursos de Assistente Social e de Educadora Familiar lhe dará possibilidades de realizar os seu sonhos(...)” (ONF, Jul. 1945).

Sobre o referido Curso de Enfermagem dirá:“(...) inscrições para a Escola Técnica de

Enfermeiras do IPO(...)frequência em Outubro próximo(...)abertas inscrições(...).A preparação profissional das alunas é acompanhada de cuidadosa assistência moral. O curso é ministrado é em regime de internato. Terminado o curso, as alunas devem fazer um estágio de três Anos no Instituto Português de Oncologia, recebendo por inteiro o vencimento de enfermeiras (ONF, Set. 1951).

O primeiro fascículo da revista tem apenas quatro anúncios<sup>777</sup>. Esse número irá aumentando ao longo do tempo mas nunca é fixo, passando 25 em Nov. 1951 para de 21 anúncios em Nov. 1953 e não atingirá mais de 31 (Dez. 1950), sendo que muitos deles são relativos à revista (questões de administração, funcionamento, concursos, iniciativas), que muitos outros são publicados gratuitamente, e que a maior parte aumenta próximo da época natalícia, percebemos como terá sido difícil a vida – económica - da publicação.

Para melhor ‘fidelizar’ as assinantes chegara a ser criada uma secção nova “(...)para as nossas Assinantes que queiram anunciar na Revista, criámos esta secção de anúncios gratuitos. Cada anúncio não pode ter mais de 20 palavras. É indispensável 3\$00 em selos para despesas de correio e escritório(...)” (ONF, Out. 1943). Nesta secção foram colocados muitos anúncios como os da Escola de Maria Luísa Manso, das explicações para a neta de Fernanda Tasso de Figueiredo, para os cursos do *Instituto de Serviço Social*, entre muitos outros como o do anúncio da compra dos n.º 1 e 2 de *Os Nossos Filhos*, enviado pelo “(...) Furriel Capinha, 1.º B. E. Infantaria 5 — S. Vicente de Cabo Verde(...)” (ONF, Mar. 1944).

Cinco anos depois ainda a iniciativa se mantinha e refere-se, por diversas vezes, a possibilidade de anunciar gratuitamente na revista, na secção *Pequenos anúncios dos nossos assinantes*, sendo para tal apenas necessário indicar o n.º da assinatura e “(..) 3\$00 em selos para despesa de correio e escritório(...)”, em anúncio que não pode exceder 30 palavras. Apela-se às leitoras para “(...) não tratar este assunto por telefone” e esta secção finaliza com o seguinte texto: “Se precisa de trabalhar, ou se precisa de quem trabalhe para si, utilize esta secção. Sejam irmãs! Ajudemo-nos umas às outras! Ajudemo-nos mutuamente a resolver os nossos problemas e a organizar a nossa vida!...” (n.º 79. Dez. 1948. p. 21). Como se vê, de um anúncio para o outro havia passado de 20 para 30 o número de palavras a colocar em cada um.

---

<sup>777</sup> De Jun. 1942, anuncia o *Creme Tokalon*, *Iogurte Galo de Ouro*, *Casa de Penacova* e *Negro e cor de rosa*; o último número, já anual, de Dez. 1964 teve apenas dois anúncios: *ao Livro da Tila e Bertrand & Irmãos*.

Muitas são as leitoras e assinantes que a eles recorrem, sobretudo para anunciar pequenos trabalhos por elas executados como podemos concluir do quadro que organizámos:

Quadro nº56.: Anúncios gratuitos em *Os Nossos Filhos*:

Designação	Conteúdo	Fonte
EXPLICADORA	Do primeiro ciclo do Liceu(...) vai a casa dos alunos. M. C. Torres; Rua do Bonfim, 356-1.º - Porto.	03-1949
ESTENOGRAFIA	Senhora bem habilitado ensina em sua casa. Carta a M. Severino, rua do Barão de Sabrosa, 309, 2.º-Esq.º - Lisboa	03-1949
A BELEZA DO LAR	Fernanda Oliveira, rua Silva Carvalho,, 226, r/c Esq.º, Lisboa, encarrega-se de todos os trabalhos de desenho, pintura e arte decorativa.	03-1949
PRECEPTORA	Com conhecimentos puericultura, enfermagem, e psicologia infantil. Informar-se nesta Redacção	12-1950
CURSO DE DESENHO	dirigido por Cecília Rey Colaço Menano. Aos sábados, das 15 às 17 horas. Telefone	12-1950
PROFESSORA	De inglês e francês, habilita para o Liceu, Escolas e Correspondentes comerciais. Dá referências de muitos alunos com altas classificações	12-1950
PENSÃO	Em casa, de boa família sem hóspedes recebem-se uma ou duas meninas estudantes. Podem receber ensino ou explicações de todas as disciplinas dos Liceus, admissão às Faculdades e piano. Informa-se nesta Redacção	12-1950
PROFESSORA	Do ensino infantil e primário, ensinando por métodos pedagógicos modernos. Lições Individuais e em grupo.	12-1950
ama	Maria Teresa é casada, tem filha de 19 anos, vive Coimbra. Propõe-se receber crianças entre os 5 e 15 anos de cuja educação se encarregaria	Abr. 1949
ama	Em Lisboa, oferece-se para tratar de crianças, acompanhá-las, senhora caridosa que vai ficar a casa	Out. e Nov.1943
Bordadora	Vai casa das clientes Travessa das Baldracas, 62 rc esq.	Nov.1943
Modista	Enxovais, vestidos e tricots para bebés	Nov.1943
Tecedeiras	Teares caseiro, Rua do Telhal, 89 manda ensinar à província	Abr. 1957
	Escola de tecelagem micro tear o mais popular do mundo venda na <i>Agulha Mágica</i> , Rua do Telhal, 89 c	Nov. 1958
Curso de Tecelagem doméstica	Rua de São Bernardo à Estrela, n.º 108 2º - Ficam habilitadas a fazer em suas casas todos os géneros de tecidos, sarjas, twedds, tecidos duplos, de fantasia, tapeçarias simples, etc.	Maio 1948 e Set. 1948
	Sereira Amzalak está na disposição de ir ao Porto fundar um curso de tecelagem doméstica, facilitando aprendizagem das senhoras do Norte. Curso grande interesse artístico e económico pois permite a qualquer senhora fazer os mais variados tecidos em sua casa	Set. 1948
Explicadora <sup>778</sup>	Aluna da Faculdade de Letras dá lições de Francês e Inglês e prepara para exames de instrução primária, admissão aos liceus e 1º ciclo do curso liceal.	Mar. 1947
	Sejamos solidárias Menina aluna da Faculdade de Letras de Lisboa precisando absolutamente de se manter por si própria dar explicações de inglês ou alemão	Nov. 1955

<sup>778</sup> Sobrinha de Fernanda Tasso de Figueiredo, ver também *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas e Colaboradoras*

	Preparam para instrução primária, admissão aos liceus e explicam curso de liceus Rua Heliodoro Salgado, 9 2º Lx	Jan. 1945
Bordadoras	Lãs, telas e desenhos para tapetes de Arraiolos e qualquer outro género Beco dos Apóstolos, 3- rc Lx	Jun. 1947
Bordadoras de roupas de bebé	Maria Costa Andrade- gosto nas roupinhas do seu bebé R. Rodrigo da Fonseca 77 4º esq.	Out. 1947
Professoras	Lições de desenho, pintura, labores por professora diplomada. Encarrega-se de qualquer trabalho de arte decorativa	Mar. 1944
	Lições de desenho, pintura, labores por professora diplomada	Nov. 1945
Preceptora	portuguesa ou estrangeira precisam 4 meninas numa cidade da província	Maio 1947
	Menina professora primária deseja durante as férias lugar em casa de família à beira mar para acompanhar uma ou duas crianças	Jul. 1957
Professora	Competente e com prática habilitada com curso superior do Conservatório Nacional de Música lecciona Piano, rudimentos em História da Música em sua casa, na dos alunos ou em colégio Inf. Av. Almirante Reis, 63 4º	Nov. 1946
Professora de Música	lecciona Piano, Solfejo e Ciências Musicais Av. Aeroporto, 99 1º Dto	Jan. 1954
Enfermeira	Escola de Enfermagem dos Hospitais da Universidade de Coimbra – dispõe de residência. Colocação imediata	Ago. 1956
	A Escola de Enfermagem do Hospital de Sta. Maria prepara enfermeiras no mais moderno hospital de Portugal Ser enfermeira é caminhar com Deus.	Ago. 1957
	Albertina Reis – vai ao domicílio dar injeções ou fazer qualquer tratamento	Maio 1945
Enfermeira puericultora		Jun. 1945
Malhas	Executam-se quaisquer trabalhos com perfeição	Out. 1943 e Nov. 1943
	Julietta Leal Nunes Serrão- Rua Júdice Bicker, 24 Portimão- Executa todos trabalhos de renda de 5 agulhas, tricot, crochet e filet	Jul. e Ago. 1950
	1º anúncio a máquina de tricotar <i>Matador</i>	Ago. 1956
Malhas e costura	Rapariga pede trabalho em casas particulares(...) roupa de rapazinhos	Out. 1955
Costureira	Máquina <i>Elna</i> , de costura portátil, reparação das roupas de casa	Set. 1947
Empregada	Oferece-se para consultório ou serviços domésticos	Out. e Nov. 1943
Professora de Música com o curso do Conservatório	Lecciona Solfejo/ Piano e Canto coral Lições individuais ou em colégio Calçada do Castelo Picão, 64-2.º (ao Quelhas) LISBOA	01-03-1943 e Maio 1943



Maria Ana de Magalhães 779 médica de crianças	Maria Ana de Magalhães Médica de Crianças Estrada de Benfica, 519	Nov. 1942
Professora das Escolas Técnicas Lisboa	lecciona Desenho, Pintura e Lavoros em sua casa ou na das alunas Encarrega-se de qualquer trabalho de arte decorativa.. Rua de Silva Carvalho, 226 r/c esq.	01-06- 1943
oferece-se senhora carinhosa	em Lisboa para tratar de crianças e acompanhá-las, vai ficar a casa. Dá Resposta a esta Redacção, iniciais L. M.	01-10- 1943
PROFESSORA DE MUSICA	Lecciona solfejo, piano e ciências musicais Avenida do Aeroporto, 99, 1º, D.	-01-1954

Conhecemos apenas o nome de uma das angariadoras de publicidade<sup>780</sup>, função que na época em que a revista começou era ainda pouco comum. Uma das primeiras a trabalhar para a revista foi Sofia Ruivo ((Entrevista a Maria Helena Rosa Torres Peres de Seixas. 15 Mar. 2005) e, como podemos ver no *Espólio*, por exemplo através da carta do director da Agência *Havas* (Carta de 1 Maio 1946. Caixa 28. Maço 1), outras agências de publicidade houve com as quais *Os Nossos Filhos* estabeleceu parcerias, sobretudo para a compra dos artigos estrangeiros, mas não se lhes faz referência na revista. No *Espólio* há indicações, como vimos, de alguns agentes e das condições a que obedeciam as relações entre a publicação e aquelas entidades. Eles deveriam vender a revista á comissão, ficando “(...) com 20%, com devolução de sobras de 3 em 3 meses(...) pagamento de 6 em 6 meses(...) com envio de sobras e fundos por conta do agente (...)” (Caixa 25. Maço 1). A diversos agentes foram enviados exemplares atrasados de *Os Nossos Filhos* para propaganda com o pedido seguinte: “(...)agradecemos o que possa fazer para que a nossa revista se torne mais conhecida nesse concelho (...) porque temos a certeza que é verdadeiramente útil aos seus leitores e porque necessidade de aumentar o número de compradores para que se tornem menos pesados os sacrificios que fazemos para manter esta publicação(...) temos livros com muito interesse para senhoras, favor informar se também interessam (...)” (Caixa 25. Maço 1). Esta missiva foi enviada a diversos agentes, a saber:

Borges Henriques, Castelo de Vide, 10-10-52, 20 ex.
---

<sup>779</sup> Amiga pessoal de Maria Lúcia Vassalo Namorado (Entrevista a Maria Helena Rosa Torres Peres de Seixas. 15 Mar. 2005).

<sup>780</sup> Sobre este tema cf. Estrela, 2004. p. 141 e 149 em diante.

António Augusto da Costa e Ca. Lda, Redondo, 11-10-52, 20 ex  
João António Filipe, 15-10-52, 10 ex.  
Joaquim Marcelino Espada, V. N. Ourém, 15-10-52, 10 ex.  
Duarte Augusto Duarte, Aveiro, 15-10-52, 10 ex.  
Joaquim Farracha, Olhão, 15-10-52, 10 ex.  
José Carapucinha, Liv. Académica, Faro, 17-10-52, 10 ex  
José Viegas Agostinho Júnior, S.B. Alportel, 20-10-52, 10 ex.  
Henrique J. Ferrão, Penela, 21-10-52, 10 ex.  
Sebastião José da Silva, Lisboa, 23-10-52, 5 ex.  
Manuel Gonçalves Machado, Borba, 24-10-52, 10 ex.  
José David Albuquerque, Celorico da Beira, 24-10-52, 10 ex.  
Artur Robalo Gouveia, Penamacor, 24-10-52, 10 ex  
M. C. de Matos, Celorico de Basto, 25-10-52, 10 ex.  
António M. Vilar, Entroncamento, 27-10-52, 15 ex.  
Pedro Gomes Nogueira, Amadora, 27-10-52, 10 ex.  
Artur Robalo Gouveia, Penamacor, 28-10-58, 20 ex.  
José Mendes de Barros, Alter-do-Chão, 30-10-52, 10 ex.  
Idalina da Conceição, Vagos, 30-10-52, 10 ex  
Casa Ribadão & C<sup>a</sup>, Sta. Comba Dão, 30-10-52, 25 ex  
Manuel Rodrigues Marques Andrade, Estarreja, 31-10-52, 10 ex  
António Marques Pesroso, Pedrógão Grande, 8-11-52, 10 ex  
Manuel d'Assunção Gonçalves, S. Bartolomeu de Messines, 8-11-52, 10 ex  
Francisca Campos de Almeida, Cuba, 8-11-52, 10 ex.  
João dos Santos Gavinhas, Coimbra, 8-1-52, 15 ex.  
Alberto Fernandes de Melo, Ponte de Lima, 7-11-52, 15 ex  
Tomás Gonçalves Filho, Ponte da Barca, 7-11-52, 10 ex  
Afonso Rodrigues Aires, Mangualde, 7-11-52, 20 ex  
Alfredo Rodrigues Cardoso, Torres Novas, 7-11-52, 30 ex  
Livraria Rino, Lda, Águeda, 11-11-52, 15 ex.  
Armando Rodrigues Costa, Paredes de Coura, 11-11-52, 15 ex.  
A M. Da Costa, Oliveira do Hospital, 11-11-52, 15 ex.  
João Batista Martins, Mirandela, 11-11-52, 15 ex  
Afonso A R. Furtado, Lourinhã, 11-11-52, 10 ex  
João Martins Viana e Irmão Lda, Mora, 13-11-52, 15 ex  
Viúva de Afonso de Sousa, Arouca, 13-11-52, 15 ex  
Aurora Graça Pereira, Lagoa, 13-11-52, 15 ex  
José Rómulo de carvalho, Carrazeda de Ansiães, 13-11-52, 10 ex  
Fernando M. Gil, Veiros do Alentejo, 13-11-52, 10 ex  
Tabacaria Nilo, Coimbra, 14-11-52, 15 ex  
Joaquim Fernandes Coimbra e Sobrinhos, Vila Nova de Poiares, 14-11-52, 10 ex  
Joaquim Manuel Feio, Avis, 17-11-52, 10 ex  
Maria da Silva Ferreira, Sinfães, 17-11-52, 10 ex  
Henrique Rosado, Arraiolos, 17-11-52, 10 ex  
João M. Victorino, Monção, 17-11-52, 10 ex  
Henrique Botelho & Irmão, V. P. Aguiar, 17-11-52, 10 ex

Silvério Ferreira Azevedo, Sabrosa, 20-11-52, 10 ex  
Francisco Custódio Travanca, Vila Boim, 20-11-52, 10 ex  
António V. Carvalho, Trancoso, 20-11-52, 10 ex  
Joaquim J P Barradas, Fronteira, em 21-11-52, 10 ex  
Palmira da Conceição Nunes e Cunha, Pampilhosa da Serra, 21-11-52, 11 ex  
Luís Torres Alves, Pinhel, 21-11-52, 10 ex  
Fausto Pinto Guedes, Costendo, 24-11-52, 10 ex.  
Anjos de Carvalho, Mourão, 25-11-52, 10 ex  
Gonçalo Ribeiro dos Santos, Caramulo, 25-11-52, 20 ex  
Eduardo Coelho, Almodôvar, 25-11-52, 10 ex  
João de Oliveira Fresco, Vieira, 26-11-52, 15 ex  
David Cardim, Torrão, 27-11-52, 10 ex  
José Maria da Silva, Vila Verde, 3-12-52, 10 ex  
Havaneza Sinense, Sines, 3-12-52, 15 ex  
António Moreira Pinto, Vila da Feira, 5-12-52, 15 ex  
Amadeu E dos Santos e Avô, 6-12-52, 15 ex  
Frederico Guilherme da Costa, Montijo, 9-12-52, 10 ex  
Papelaria Livraria Universal, Barreiro, 15-12-52, 15 ex  
Miranda & Neves, Aeroporto de Sta Maria, 16-12-52, 15 ex  
Raúl Sobral Gomes, Castro Daire, 2-1-53, 10 ex  
Papelaria machado Lda, Setúbal, 2-1-53, 15 ex  
J B Silva, Casa Triunfo, 10 ex. Janeiro 53  
Vicente Romão Bravo, Bucelas, 2-53, 5 ex  
António Roberto Fonseca, Castro Marim, 2-53, 5 ex  
Manuel Lourenço da Silva, Almada, 2-53, 10 ex  
José Maria Esteves, Alvito, 2-53, 5 ex  
Oliveiras, Vila General Machado, 2-53, 50 ex.  
A Presidente, Chamusca, 2-53, 5 ex  
António Bolas, Peniche, 2-53, 5 ex  
Afonso Almeida, Beira, 2-53, 30 ex.  
Manuel Francisco Rosa, Base Aérea 4, Açores, 3-53, 10 ex  
Joaquim Sanches Antunes, Torres Novas, 3-53, 10 ex  
José Luís de Almeida, Vizela, 3-53, 5 ex  
Carlos Dias, Proença-a-Nova, 6-4-53, 5 ex  
Papelaria Liz, Barcelos, 23-4-53, 5 ex  
João Lopes Fonseca, Chamusca, 13-5-53, 5 ex  
Francisco Ribeiro de Castro, Guimarães, 20-5-53, 5 ex  
Rui Manuel F. Leite, Mafra, 22-5-53, 5 ex.

Num caso é o director da *Agência Publicitas Portuguesa*, do Porto, que entra em contacto com Maria Lúcia Vassalo Namorado para ali representar a revista tendo em conta o “(...)prazer e admiração com que vi primeiro número da revista(...) com programa interessante e magnífica e escolhida colaboração (...)proponho: exclusivo no

Norte do paiz de toda a publicidade e assinaturas da vossa publicação(...)” (Carta de Armando Brandão. Porto. 7 de Jun. 12942. Caixa 28. Maço 1).

Pela publicação do exclusivo do *Concurso da Foto do bebé Nestlé* recebia *Os Nossos Filhos* as condições seguintes: “(...)confirmar o propósito de nos reservar futuramente, na secção de puericultura, na p. ímpar, lado esquerdo, uma coluna completa para o Concurso Foto Nestlé(...) por 420\$ com 20% desconto sendo originais entregues o mais tardar até dia 15 do mês antecedente ao da saída da revista (...) confirmamos ainda a amável cedência da capa para a publicação gratuita de alguns bebés Nestlé (...) à prévia apreciação de V. Exa. quanto às intercalagens...vamos à Tipografia 5000 regulamentos do referido Concurso, agradecendo favor de recomendar que os mesmos deverão ser fixados no agrafe superior... (...)” (Carta de Sub-director da Sociedade de Produtos Lácteos. Lisboa. Caixa 28. Maço 1).

Como angariadores de publicidade para a revista tem ainda as casas *A Molder, Casa de Filatelia*, Lisboa e Virgílio T(orresão) Basto em 16 de Novembro de 1942 (Caixa 22. Maço 2).

Pelo menos uma vez, a publicidade à revista foi feita sem seguir os devidos trâmites. A 4ª *Repartição de Serviços Culturais da Câmara Municipal de Lisboa*, no Palácio Galveias superintendia essa tarefa mas delegava-a numa empresa, a *Projectografia*. Não era fácil fugir a um controle apertado que exigia deverem ser apresentados 4 exemplares de quaisquer “(...) prospectos ou outros impressos de propaganda(...)” sempre que se fizesse publicidade a qualquer revista. Dois deles ficariam na Câmara para sobre eles ser exercida “Censura ortográfica” e um deles teria mesmo de ser selado com estampilha de 5\$00 e com a indicação da quantidade. O outro exemplar, deveria trazer carimbo comprovativo das Finanças em como o respectivo imposto fora pago. Era exigida ainda uma licença especial para se poder proceder à distribuição desses impressos ou prospectos, passada pela *Projectografia*, que era a empresa concessionária, com sede na Av. Da Liberdade, 18-3º. Por cada mil exemplares essa licença custava 10\$00. Caso houvesse distribuição clandestina, era a Câmara Municipal que elaborava o auto de transgressão. (Caixa 72. Maço 1). Pensamos que este *Aviso*, em que se chamava a atenção para as sanções que implicava o não cumprimento das regras existentes na Câmara para a distribuição de folhetos ou prospectos de propaganda se referia a um desses folhetos /scanner/ que Maria Lúcia Vassalo Namorado mandou fazer, em número de 1000 exemplares, na Tipografia Medina do *Jornal de Sintra*, em 25 de Setembro de

1953. (Caixa 22. Maço 2).

A revista também foi alvo de referências, quer em anúncios pagos pela directora quer por citações que dela fizeram outros jornais. Para saber o que se ia dizendo sobre *Os Nossos Filhos*, vai Maria Lúcia Vassalo Namorado estabeleceu um contrato com a empresa *Índice*, mais tarde *Recorte* para receber todos os recortes saídos, de norte a sul do país. Existem diversos cadernos com esses textos (Caixa 36. Maço 1) cujo inventário foi também realizado. O contrato entre a *Recorte: Organização portuguesa de recortes de jornais*, Rua da Madalena 46- 2º, em Lisboa e *Os Nossos Filhos* fazia-se de acordo com a tabela de preços que essa empresa definira em Maio de 1941. /scanner/.

### ***Editorial Os Nossos Filhos***

Ao iniciar a sociedade *Os Nossos Filhos* Maria Lúcia Vassalo Namorado usa essa designação para uma revista, para uma Editora e para uma Distribuidora. É nessa perspectiva que ela vai publicar alguns títulos que publicita em *Os Nossos Filhos*.

A necessidade de agentes noutras localidades que não Lisboa é sentida na revista que anuncia que “(...) a Revista *Os Nossos Filhos* aceita agentes em todas as terras do País onde os não tenha (ONF, Maio 1943), e ainda que se “(...) encarrega da distribuição de Obras literárias por todo o país e ilhas (ONF, Out. e Nov. 1943) ou ainda “(...) Tem-lhe interessado a "*Geometria no País das Formigas*"? Se os seus filhos não gostarem de Gramática e lha quiser ensinar brincando (...) encontra V. Ex.a à venda, nesta Redacção *A Gramática das Criancinhas* da mesma autora, ao preço de 8\$50. Pelo correio, mais 1\$60. A todos aqueles que quiserem organizar festas de beneficência, escolares ou familiares, aconselhamos, as seguintes peças, da autoria de Virgínia Gersão, e musicadas pelo insigne Professor Padre Tomás Borba(...). Da mesma autora há ainda, ao preço de 12\$00, um livro de quadras, intitulado *Ao Tear*, prefaciado pelo grande poeta Teixeira de Pascoais, com uma linda capa de Alice Rey Colaço Menano. Todas estas obras se encontram à venda na nossa Redacção. Pelo correio, mais 1\$60 (...). (ONF, Nov. e Dez. 1943).

O primeiro livro da *Editorial Os Nossos Filhos* é *Joaninha quer casar* (cf. Biografia de Maria Lúcia Vassalo Namorado neste trabalho) que deveria ser visto como o primeiro volume de uma colecção a que ela queria chamar *Biblioteca das Nossas Filhas*. Este livro vai ser publicitado na revista (ONF, Maio 1944 e muitos outros números) muitas vezes acompanhado daquele que foi o 2º livro da mesma colecção: *Ar Puro*, de Virgínia

Lopes de Mendonça. Esta obra<sup>781</sup> é - “(...) um lindo romance(...)” (ONF, Jun. 1945), “(...) Um lindo romance moralizador(...)” (ONF, Nov. 1958) que custava 12 \$00 vai ser anunciada por diversas vezes. Na contracapa deste livro refere-se que “(...) a revista *Os Nossos Filhos* é um verdadeiro curso de Mães, onde todos os problemas que dizem respeito à criança são tratados pelas pessoas mais competentes. *Os Nossos Filhos* é a única revista para os Pais que se publica em Portugal. Mensário de Puericultura, Enfermagem, Pedagogia, Literatura e Moda Infantil, etc. À Venda em toda a parte pedido à Editorial *Os Nossos Filhos*, Lda. Rua de Almeida e Sousa, 25- 2º Esq. Lisboa” (Mendonça, 1945).

O anúncio a estas duas obras é feito em todos os números da revista do ano de 1945. Em Janeiro de 1946 o ‘slogan’ publicitário dos livros será: “(...)para as mães, para as filhas, para as noivas, para as irmãs são os livros da *Biblioteca das Nossas Filhas*(...)” (ONF, Jan. 1946). Se as senhoras pretendessem que os livros lhes fossem enviados por correio, teriam de enviar mais 2\$00 para portes (ONF, Jun. 1949). A publicidade a esta obra, como 2º volume da *Biblioteca das Nossas Filhas* vai ser feita antecipando a publicação do livro, colocada a questão como se de um pequeno concurso se tratasse (ONF, Nov. 1944, Fev. 45 e Mar. 1945).

Em meados dos anos 50 quando Maria Lúcia Vassalo Namorado vai instituir brindes mensais para as leitoras da revista, também é *Ar Puro* uma das obras que pode ser dada, pelo sorteio, às leitoras. Foi o que aconteceu à leitora com o exemplar da revista carimbado com o nº 3.320, que recebeu o 5º desses brindes e que era “(...) constituído por 1 assinatura anual de *Os Nossos Filhos*, 1 exemplar do livro *Nós e a Criança*<sup>782</sup>, e 1 exemplar do livro *Ar Puro* (...)” (ex. em ONF, Out. 1954). Deste número até ao final do

---

<sup>781</sup> MENDONÇA, Virgínia Lopes de (1945) – *Ar Puro: romance*. Lisboa: Editorial Os Nossos Filhos. 210 p. Resumidamente é a história de Carminho, menina que vive no Estoril, com curso de Enfermagem, vai acampar, tem “namoro” com Carlos Medeiros, herdeiro rico na Madeira. Tem carro, fuma(...) usa fato de banho, pinta cabelos e lábios, não lhe parece mal que seja a rapariga a declarar-se, é espirituosa. Encontra o solar arruinado, tem uma tertúlia actualizada, salva uma criança de morrer afogada no rio porque nada muito bem, dá-se bem com “irmã de leite já casada e com filha; encontra um médico, novo, Gustavo, pobre, culto e orgulhoso. Faz o bem, pratica caridade, joga ténis, recupera casa dos Álamos, vai-se demorando na aldeia para onde fora, censura mãe que “roubou” o pai àquele ambiente e a Teresa, sua apaixonada, que fez só casamento de conveniência, rejeita credences do povo, dá valor ao saber dos livros, diz que obedecerá ao marido, considera que maior alegria é criar um filho; Gustavo ajuda educação do irmão porque a mãe é viúva; ele deixará a carreira de médico para ficar lavrador a tempo inteiro e médico quando se proporcionar a ocasião...

<sup>782</sup> Este “(...)livro recentemente publicado *Nós e a Criança* da autoria de Ilse Losa, livro de grande interesse para os pais, os educadores, e todas as pessoas que se interessam pela criança (...)”(ONF, Out. 1954) era oferta da Porto Editora para esta iniciativa de *Os Nossos Filhos*. Esta Editora também oferecia, para o mesmo fim, *a Agenda Doméstica* (ONF, Dez. 1954).

concurso dos brindes mensais ainda se incluía este romance de Virgínia Lopes de Mendonça. Esta indicação mostra-nos como um enorme número de livros da *Editorial Os Nossos Filhos* foi dado, oferecido a leitoras em troca de fidelidade ou como prémio na angariação de novas assinaturas.

Para fazer parte a *Biblioteca das Nossas Filhas* também Maria da Luz de Deus, do Jardim-Escola João de Deus, de Lisboa, teria escrito um livro mas nunca nela chegou a ser publicado. Sabemos da sua existência pelas cartas que no *Espólio* estão guardadas.

O convite para o escrever, em 1945, fora de Maria Lúcia Vassalo Namorado, que pois Maria de Luz de Deus escreve-lhe dizendo que “(...) Tenho pensado no convite amável que me fez. de escrever um livro para a tão útil *Biblioteca das Nossas Filhas*. Gostava de formar 1 vol. Com uma série de pequenos contos ligeiros que dessem nos seus traços essenciais, uma ideia da evolução social da Mulher e da Rapariga. Parece-lhe que esta ideia está dentro da linha geral do seu interessante empreendimento? (...)” (Carta de Maria da Luz de Deus. Canas de Sabugosa, Beira Alta. 14 Ago. 1945. Caixa 42. Maço 1). Depois de escrita, em carta como a maioria das suas em papel violeta debruado roxo escuro, dirá a autora dessa obra: “(...)aumentei e refundi, e parece-me que o conjunto ganhou com essa amplitude, o livrito que escrevi na intenção de o englobar na *Biblioteca da(sic) Nossas Filhas*. Quando me disser...mandá-lo-ei imediatamente pelo guarda do Jardim-Escola...fica à vontade para fazer as suas observações e até para dizer: "...que o livro está muito bem - estas frases temperam-se sempre com amabilidades...- mas não está dentro do carácter da Biblioteca. ..trabalhei honestamente este livrito. Podia ter escrito umas novelazinhas leves e brancas com enredos e namoricos, dava-me concerteza menos trabalho mas a minha consciência de mulher e de operária de letras não ficaria satisfeita. Não me posso esquecer que o meu Pai quando nós éramos rapariguinhas aceitava melhor que nós lêssemos um livro mais complicado no seu enredo, mas bem feito do que os livrinhos inocentes da Mme Delly. Alguns li assim temperados não me fizeram mal e hoje reconheço que o meu Pai procedia muito inteligentemente. "se" alguma cultura tenho, devo-a a esse critério do meu Pai. Quantas horas teria perdido com romances falsos e inconsequentes e quantas horas ganhei assim, na leitura de obras que na verdade esclarecem, e instruem. E não podemos esquecer uma coisa, o mais intenso período de leitura é quasi sempre a mocidade, perdidos esses dias em que ainda não se tem preocupações nem responsabilidades ficam por ler muitos livros que depois já se não lêem nunca. Não acha que é assim? Este livrito que escrevi não é perfeito mas procurei focar nele a evolução das ideias que rodearam as mulheres

nas principais épocas da história pode por isso dar origem a alguns momentos de meditação. Não calcula como este problema da literatura para a mocidade me tem interessado. Gostaria até de escrever um artigo para a sua revista se estivesse dentro do carácter da publicação. É principalmente a insistência do carácter amoroso da literatura que eu acho um assunto muito importante a tratar e que traz às raparigas que casam muitas desilusões enquanto não aprendem por si próprias a depurar um verdadeiro afecto e que traz às raparigas que se não casam amargura e azedume.

O assunto é muito mais complicado do que apreço mas é preciso ventilá-lo, a (...) senhora é das poucas pessoas que tenho visto interessada por ele e como tem muitas possibilidades alguma coisa pode fazer com utilidade. Por mim teria o maior gosto de colaborar consigo(...)" (Carta de Maria da Luz de Deus. 24 Out. 1946. Caixa 42. Maço 1). Maria Lúcia Vassalo Namorado deveria tê-lo considerado curto pois que, no mês seguinte, em nova carta, Maria da Luz de Deus devolve o texto dizendo: "(...) não perca nunca tempo a desculpar-se comigo. Só quem não trabalha, não tem a vida cheia de afazeres é que não sabe avaliar quantas vezes se deixam de cumprir obrigações e devoções...agradeço sua carta que vinha cheia de simpatia (...) aqui fica nas suas mãos o volumezito para a *Biblioteca das Nossas Filhas*, se lhe parecer ainda curto, com facilidade o alongarei mas parece-me que assim está de tamanho razoável (...)" (Carta de Maria da Luz de Deus. 9 Nov. 1946. Caixa 42. Maço 1)...

Otras obras distribuídas pela *Editorial Os Nossos Filhos* são mencionadas sobretudo na publicidade incluída na revista. Neste grupo incluem-se a COLECÇÃO PROBLEMAS ESCOLARES: *Cadernos de trabalhos práticos para o Professorado*. Estariam previsto dois números sendo o 1º intitulado *O Caderno Diário*, Preço: 20\$00 e o segundo *Organização dos exercícios de desenho*, Preço: 25\$00 (ONF, Fev., Mar. e Jun. 1955). Os dois números pedidos em conjunto ficavam por 40\$00 (ONF, Jan. 1957).

Os *Problemas escolares: Cadernos de Trabalho* eram uma colecção de textos de apoio, como hoje se diz, para "(...) facilitar o trabalho docente facultando as directrizes, materiais e métodos da educação nova, activa, por forma prática, de aplicação imediata à realidade escolar.(...) e Enriquecidos de numerosos exercícios, problemas e gravuras, (...) expõem a matéria de forma concreta, acomodada ao labor diário da escola, constituindo por isso um guia didáctico da maior utilidade para o ensino primário, liceal e técnico.(...)" (Caixa 77. Maço 8).

Não encontrámos quaisquer destes textos no *Espólio* mas o anúncio de dois números (cremos que os únicos publicados) e bilhetes postais solicitando o seu envio para a



Província<sup>783</sup>, para professores aí em exercício, revela que durante algum tempo eles vão ser vendidos, através de assinatura<sup>784</sup> de 40\$00 para os dois números, sendo o pagamento adiantado. No *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* existe um *Registo de vendas "Caderno Diário" e "Exercícios de Desenho"* (Caixa 76. Maço 7), um caderno cosido com linha, em papel pautado almaço, com descrição dos livros enviados entre 1955 e 1957, para venda para :

Escola Soares dos Reis, Porto
Martinho da Fonseca, Angra do Heroísmo
Professor, Lisboa
Esc. Ind. Luísa de Gusmão, Lisboa
Escola de Margão, Índia Portuguesa
Amadeu Ferro, Moimenta da Beira, médico veterinário
Esc. Ind. Évora
" Ponta Delgada
F. Seriot Barbosa, Esc. Ind. E Comer. De Gondomar
Dra Eduarda Nobre, Angola
Hav. Do Sacramento, Lisboa
Esc. Ind. Infante D. Henrique, Lisboa
Prof. Humberto Dias, Algés
Prrof. Lia Fernandes, Lisboa
Prof. Irene San Payo, Lisboa
Prof. Júlia Capitão, Elvas
Prof. José Monteiro Soeiro Gandara, Lisboa
Prof. António Nelas, Viseu
Prof Maria Carmo Valente Rosa, Lisboa
Prof. Maria Teresa Cotinelli Telmo
Prof. Aida Maria Carvalho Furtado, Lisboa
Prof. Júlio Geraldes, Porto
Dr. João Santos, Lisboa
Professora, África
Carlos Veloso, Braga
ProfA. Piedade Cruz, Viseu
Prof. Dr. Emídio, Nova Lisboa
Prof. , Lisboa
Elisa Salavisa, Congo Belga
Maria Fernanda Resende, Benguela
Prof. Carlos Bragança, Luanda
Prof. Lisboa
Delfina Coimbra, Porto Alexandre
Colégio Augusto Gil, Luanda
Maria Alice Matos, Viseu
Álvaro Rocha, Viana do Castelo

---

<sup>783</sup> Cf. entre outras, postais de Maria Isabel Aleixo Pontes, de Lagoa, Algarve e de Maria Aline Alvares Marques, de Silves (Caixa 29. Maço 3)

<sup>784</sup> Esta assinatura abatia 5\$00 no total uma vez que, o primeiro caderno custava 20\$00 e o segundo, 25\$00 (Caixa 77. Maço 8).

Eng. António Loureiro, Porto  
Arq. João Esteves, Porto  
Prof. Gustavo Bastos, Porto  
Marília Sá, Lisboa  
Professora, Lisboa  
J. Coutinho, Braga  
Lavínia Ventura, Peniche  
Professor, Lisboa  
Raúl Nobre, Guarda  
Professora, Lisboa  
avulso, Lisboa  
Irene Ribeiro, Vila Pery  
José Feijão, C. Branco  
Esc. Ind. E Comer. Guarda  
José Barradas, Lisboa  
José C. Miranda, Lisboa  
Manuela Pinto, Lisboa

Além destes dois realmente publicados estavam previstos ainda mais sete brochuras: *Exercícios Escritos*, *Visitas de Estudo*, *Chamadas Orais*, *Trabalhos Manuais*, *Exposições Escolares*, *Disciplina Escolar* e *Organização dos Exercícios de Matemática*. O “(...) corpo de redacção(...)” era formado por: Antonino Henriques, António Mattoso, Augusto Gois, E. Rodrigues da Silva, J. Monteiro Santos, L. Melo Furtado e M. M. Calvet de Magalhães.

A *Editorial Os Nossos Filhos* também distribuía outros livros: *Ensaio para estudo do desenho*, *Brinquedos cantados portugueses* e todos os de Virgínia Gersão (ONF, Fev. 1955), assim como o livro *Férias de Páscoa: A vida das aves contada às crianças*, de Maria Elisa Nery de Oliveira, preço de 30\$00 “(...) o melhor presente para uma criança(...)” (ONF, Nov. 1956). Em Jan. 1957 junta-se aos livros distribuídos pela Editorial um outro de Maria Elisa Nery de Oliveira: *A Quinta das Amendoeiras: A vida dos insectos contada às crianças* que fora *Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho*, em 1955, e que custava 40\$00 (ONF, Jan. 1957).

Em Novembro de 1957 em *Os Nossos Filhos* é anunciado, assim como no seguinte, como estando para sair “(...)Brevemente /na/ *Colecção Rouxinol Poesia para as crianças portuguesas* 1º volume *O Livro de Tila*, poemas de Matilde Rosa Araújo, desenhos de Maria Almira Medina(...)”, uma iniciativa mais da *Editorial* de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Estes livros podiam também ser enviados para o Ultramar (ONF, Jan. 1957). Só em Julho desse ano o livro é anunciado como o “(...) mais belo

presente que mães podem oferecer aos seus pequeninos (...) 100 páginas com poemas de Matilde Rosa Araújo e desenhos de crianças (...)” (ONF, Jul. 1957), ao preço de 20\$00 (ONF, Ago. 1957). Este livro terá direito a um anúncio de meia página em que se recomenda:“(...) Ofereça a seus filhinhos O LIVRO DA TILA Poemas de MATILDE ROSA ARAÚJO ilustrados por crianças Uma pequena obra prima, entusiasticamente saudada pela Crítica, e adorada pelas crianças que já a possuem (...)” (ONF, Jan. 1958), aconselhando que a peçam ao livreiro ou directamente à *Editorial Os Nossos Filhos*.

*O Livro da Tila*<sup>785</sup> foi assim o 1º livro da *Colecção Rouxinol: Poemas para Crianças: Ilustrados por Crianças*, publicado pela *Editorial Os Nossos Filhos* em 1957 /scanner/. A capa fora concebida pelo pintor Nuno Tavares sobre um desenho do pequenino António João Medina Mouzinho. Alguns desenhos que ilustram os poemas foram realizados por um grupo de alunos do mesmo Pintor, na *Escola Técnica Elementar de Gomes Teixeira* do Porto, sob a sua orientação. Seu filho José Nuno Domingues Tavares também ilustrou dois poemas, nomeadamente a última quadra. A pequenina Júlia Maria Rocha, da Foz do Douro, é a autora dos desenhos cuja delicadeza marca bem a sua presença de menina. A todos um muito obrigada (...)” (*Espólio*). A obra tem dedicatória pela autora “(...)Para Sebastião da Gama que foi alma tão grande de Poeta como de Criança. Para Tila — que nunca existiu a não ser viva no meu coração. Por suas mãozinhas, como em dois lírios brancos, eu gostaria de fazer chegar este livro a todas as crianças da minha Terra com infinito amor (...)” (Araújo, 1957).

Estes, como a maior parte dos livros que mencionámos no subcapítulo sobre a publicidade educativa são passíveis de serem enviados para as leitoras que os queiram adquirir. Maria Lúcia Vassalo Namorado insiste que envia os livros que distribui para “(...) qualquer ponto do país e Ultramar(...)”(ONF, Nov. 1958).

O último texto que, durante a publicação da revista *Os Nossos Filhos*, em fascículos mensais, será publicado pela *Editorial* é o álbum *Lisboa vista pelas suas crianças*(ONF, Fev. 1958), produzido depois da iniciativa com o mesmo nome que analisamos também neste trabalho.

---

<sup>785</sup> ARAÚJO, Matilde Rosa (1957) – *O Livro da Tila: Cantigas Pequenas*. Lisboa: Editorial «Os Nossos Filhos». 101 p. (Rouxinol:Poemas para Crianças: Ilustrados por Crianças; 1). N.º 73 dos livros da base bibliográfica organizada a partir do *Espólio*. Dez anos depois, em 1967, Matilde Rosa Araújo publicará *O Cantar da Tila: poemas para a juventude*. Desenhos de Maria Keil. Coimbra: Atlântida. 54 p. (Bandeiras de todo o mundo). Publicada a recensão crítica em *Os Nossos Filhos* de Fev. 1958, elogiosa à obra “O Livro da Tila”, transcrita de “Diário de Notícias”, de 1 de Fevereiro de 1958. É o primeiro livro da ‘coleção Rouxinol’/scanner/, ou seja, de poemas ilustrados para crianças.

A Revista *Os Nossos Filhos*, através da *Editorial Os Nossos Filhos* fez algumas separatas de artigos, sobretudo a pedido de médicos que, como vimos, depois do artigo aqui publicado, lhas pediam para as colocarem no currículo. Não é possível saber se muitas foram mesmo impressas. Apenas encontramos uma<sup>786</sup> no *Espólio*, intitulada “*Uma Carta a meu filho no dia do seu 21º aniversário*” e também publicada em *Os Nossos Filhos*, em Novembro de 1943, com o mesmo título. /scanner/. Nela o autor apresenta um programa de conduta para o filho que nessa ocasião alcançava a maioridade. Os conselhos, após uma breve introdução, estão agrupados em capítulos, a saber: *A Saúde, A Convivência Social, A Vida profissional e A Conduta religiosa*.

Também o anúncio a outras publicações que não as da *Editorial* se encontra em *Os Nossos Filhos* ou ainda no *Espólio* de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

É o caso da uma folha volante – das *Publicações 7 Léguas* – em que se anuncia um conjunto de publicações “(...) para satisfazer a sede insaciável de leitura a seu filho...Curiosidade de saber, unia imaginação ávida de aventura, uma plasticidade admirável mas perigosa de espírito. Tudo isto requerendo um alimento adequado, indispensável ao desabrochar da sua personalidade(...)”. Serão publicadas “(...) obras criteriosamente seleccionadas a preços mínimos (...) porque pensa que p seu filho precisa de leituras próprias da idade, de tema elevado e confecção perfeita. Porque sem intuítos mercantis deseja tornar as suas edições acessíveis á todos. (...) Uma Comissão autorizada, interpretando o sentir de todos os pais conscienciosos e dos educadores, propõe-se orientar a publicação dessas edições, rodeando-se ,dos elementos de estudo necessários, procurando a colaboração de pessoas competentes, facilitando-lhes meios de aperfeiçoamento, submetendo sempre os manuscritos a um júri responsável e a opinião das próprias crianças. (...)”. Pretendiam publicar Ficção e documentários e os pais podiam inscrever-se como assinantes em 3 modalidades no sentido de ser “(...) ASSIM ORGANIZADO UM CLUBE DO LIVRO, a exemplo de outras iniciativas semelhantes levadas a cabo noutros países com o maior êxito, em que uma estreita colaboração entre leitores, autores e casas editoras permite levar a cabo edições difíceis de realizar nas condições normais dos mercados. (...)”. A *Comissão organizadora* desta

---

<sup>786</sup> Da autoria de Dr. António Paúl, da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social*, anexa à carta que ele envia a Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva Rosa, datada de Porto, em 24 de Julho de 1943 e que se encontra na Caixa 41. Maço 2. A Separata é em formato A5, com seis p., foi feita em Lisboa, em Novembro de 1943. Foi oferecida a Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva Rosa, pelo autor, em Janeiro de 1944 como se conclui da dedicatória manuscrita na folha de rosto: “Homenagem respeitosa de um admirador e amigo Jan. 44 A Paúl”.

iniciativa era formada por: Ilse Losa, Maria Keil do Amaral, Matilde Rosa Araújo e Ema Quintas Alves, esta última professora e bibliotecária de crianças(...)”(Espólio).

Como representante da *Editorial Os Nossos Filhos*, Maria Lúcia Vassalo Namorado é a agremiada n.º 384 do *Grémio Nacional dos Editores e Livreiros* /scanner/ com data no cartão de 13 de Agosto de 1945. Sabemos que em 31 de Dezembro de 1948 existiam em Lisboa 81 livreiros, 66 editores e 26 editores-livreiros. *Os Nossos Filhos* é uma das 66 casas editoras do país inscritas no respectivo *Grémio*<sup>787</sup>. Fora da capital e apenas em Portugal continental, havia mais 18 editores<sup>788</sup>.

A *Editorial Os Nossos Filhos* cumpre ainda outra vertente de trabalho: a distribuição de obras de qualidade, destinadas às mães ou às crianças. Todas as que referimos no quadro dos livros que são anunciados em publicidade educativa são também distribuídos pela *Editorial* de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

Da leitura da correspondência do *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* sabemos ainda que lhe foi feita uma proposta para “(...)a *Editorial Os Nossos Filhos* ser a distribuidora ou a representante dos livros latinos americanos. Pensaríamos nisso para a futura feira do livro e eu tratando do assunto aqui (...)” (Carta de Maria Luísa Silva Neves. 19 Maio 1946. Caixa 31. Maço 2). Esta senhora volta a referir o assunto em carta que escreve no mês seguinte à directora da revista: “(...)Falemos agora do assunto da representação dos livros latino-americanos(...) há 2 processos de resolvermos o assunto: um é bastante dispendioso mas seria o ideal(...) fundar aí uma livraria e vender directamente os livros ao público; o outro está mais dentro das nossas possibilidades: é você mandar os materiais para cá assim como sou representante da *Editorial Os Nossos Filhos* com esta carta eu irei à Argentina de 3 em 3 meses - agora é altura das maiores edições- encomendar livros para você distribuir cá mandando-me V. Previamente o nome dos livros principalmente técnicos e em especial de Medicina - que interessaria mais em Portugal (...) hoje a Argentina é o país que está a editar mais em todo o mundo (...) poderíamos conseguir exclusivos para Portugal. Na altura da futura Feira do Livro, poder-se-ia pôr uma barraca para venda directa ao público e ainda para propaganda(...) em S. Paulo também conseguiríamos livros (...) creio que Sousa Pinto é distribuidor dos livros brasileiros e que pensa em manter uma livraria (...) acho que ele resolve viver

---

<sup>787</sup> Cf. GRÉMIO NACIONAL DOS EDITORES E LIVREIROS (1949)- Relação dos agremiados: em 31 de Dezembro de 1948. Lisboa: GNEL. 15 p. (*Espólio*)

<sup>788</sup> Sendo 1 em Barcelos, 3 em Coimbra, 1 em Elvas, 1 em Matosinhos, 1 no Montijo, 11 no Porto. Inscritos após 31 de Dezembro de 1948, havia ainda mais um editor em Lisboa.

assim- distribuindo; ele tem o exclusivo dos livros portugueses mas não tem o exclusivo dos brasileiros; editores nem sempre estão (sic) de bom humor com ele como é o único no campo, por vezes vende livros bastante caros(...). Os editores costumam dar 30% do preço de capa que seria o meu ganho e você cambiaria aí o preço com vantagens para si (...) são informações que me deram porque eu estou agora a entrar no assunto (...) para tudo isto será preciso despende (sic) um certo capital mas que é pequeno (...). Os editores não mandam os livros enviados sem você depositar num banco, à ordem deles, o valor referente aos livros enviados; este dinheiro será relativamente pouco (...)” (Carta de 13 de Jun. 1946. Caixa 35. Maço 2). No ano seguinte haverá nova carta de Maria Luísa Silva Neves para Maria Lúcia Vassalo Namorado mas é apenas para a informar de que recebera uns livros e que quer saber a tabela de preços para anúncios em *Os Nossos Filhos* porque estaria interessada em aí anunciar uns produtos lácteos da fábrica em que é controladora técnica de dietética (Carta de Maria Luísa Silva Neves. 2 de Jun. 1947. Caixa 60. Maço 2). Quatro anos depois ainda esta senhora insiste com Maria Lúcia Vassalo Namorado para que esta seja a representante de uma casa livreira que a primeira quereria formar na Argentina e o trabalho da directora de *Os Nossos Filhos* “(...)poderia ser nossa representante aí em Portugal (...) e o seu trabalho aceitar encomendas directamente dos estudantes universitários ou de profissionais e de pedir para aqui os respectivos pedidos e receber dinheiro e remetê-los(...) plano que gostaria de a ter como colaboradora (...)” (Carta de Maria Luísa Silva Neves. 9 de Fev. 1951. Caixa 26. Maço 2). Sobre a resposta que a directora de *Os Nossos Filhos* terá dado sabemos ter sido negativa uma vez que nada se virá a concretizar.

Apesar da publicidade que consegue ter na revista e dos proventos que lhe vêm da *Editorial* e da venda dos seus próprios livros, data do mês de Fevereiro de 1943 a primeira, também de muitas outras notícias, em que começamos a perceber as dificuldades com que a revista se debate: pela primeira, mas não última vez, Maria Lúcia Vassalo Namorado apela ao aumento da tiragem da revista ou seja, pede a cada leitor(a) que arranje outra(o): “(...) Se cada assinante arranjasse outro, assim sucessivamente, dentro de pouco tempo «Os Nossos Filhos» teria alargado consideravelmente a sua expansão tornar-se-ia muito mais acessível. Ninguém se sacrificaria: não custa mostrar às amigas uma revista bonita, recheada de brilhante colaboração científica, pedagógica, literária e artística, onde se encontra tudo o que interessa aos Pais, sobretudo às Mães: as lições do médico e do educador; o conto, a poesia e o passatempo; o figurino, o bordado, a renda, os móveis, as receitas úteis, etc..

Não custa encarecer a vantagem de possuir esta obra singularmente encantadora, que educa e distrai, séria sem aridez, graciosa sem frivolidade. Ah! Se a tiragem aumentasse, aumentasse...Então, sim, a Revista já poderia ir a quase toda a parte e depois... Que belas coisas poderíamos realizar! (...)” (ONF, Fev. 1943). (ONF, Fev. 1943). Como constatamos, esta é a ainda hoje a estratégia proposta por muitas empresas, como o *Círculo de Leitores*, entre muitas outras. Porém, como vimos, nem com o recurso a um serviço de encomendas que criara, fora possível à revista, a longo prazo, a sobrevivência e o desafio económicos.

### **Iniciativas para as mães e as crianças**

#### ***Recreio, Nova Secção Infantil ou Arco-Íris***

A inclusão de suplementos dedicados às crianças em revistas femininas era já uma prática usual antes e no princípio do séc. XX. Neles se incluíam passatempos, pequenos contos, charadas que serviam para as entreter. Maria Lúcia Vassalo Namorado sabia que a prima Maria Lamas, com o pseudónimo *Rosa Silvestre*, colaborara no *Notícias Miudinho*<sup>789</sup>, um suplemento destacável do *Diário de Notícias*, que entre 1924 e 1933 tivera a participação de Fernanda de Castro, Jaime Cortesão, Laura Chaves, Maria Amália Vaz de Carvalho e Virgínia de Castro e Almeida (Ferreira, 1988. fasc.1921-1925. p. 35). A revista *Modas & Bordados*, enquanto suplemento de *O Século* tivera, não uma, mas diversas iniciativas dedicadas aos filhos das leitoras<sup>790</sup>: a *Página infantil*, em 7 de Abr. 1926, *O Cantinho das Crianças*, em 10 de Abr. de 1926, as *Construções na areia*, depois de 28 de Ago. 1929 e a *Joaninha*, desde 6 de Janeiro de 1937.

Com início em 16 de Julho de 1925, também Maria Lamas fora directora, até ao número 10, de *O Pintainho*, uma pequena publicação bi-mensal (Ferreira, 1988. fasc.1921-1925. p. 51). Também com colaboração de Maria Lamas e de Maria de Santo António assim como de Lucila da Silva Rosa<sup>791</sup> começa em 1 de Dezembro de 1925, para só terminar em Fevereiro de 1928, o *Pim! Pam! Pum!* (Ferreira, 1988. fasc.1921-1925. p. 59).

---

<sup>789</sup> Com início a 9 de Outubro de 1924 e tendo terminado em 11 de Maio 1933 (Ferreira, 1988. fasc.1921-1925. p. 35).

<sup>790</sup> Com início em 7 de Fevereiro de 1926 terá ainda o *Recreio infantil* (Ferreira, 1988. fasc.1921-1925. p. 42).

<sup>791</sup> Não procurámos esta publicação mas, pelo nome, cremos que poderá ser mais um dos locais onde, apoiada por Maria Lamas, terá colaborado Maria Lúcia Vassalo Namorado.

A revista mensal *Portugal Feminino* de que Maria Lúcia Vassalo Namorado era delegada em Torres Novas, quando aí residia antes de casar, como referimos, tinha também uma secção infantil intitulada *Cantinho da pequenada*, dirigida por Virgínia Lopes de Mendonça, publica-se de Fevereiro de 1930 a Fevereiro de 1937 (Ferreira, 1988. fasc.1929-1933. p. 19). Nela escreveram, entre muitas outras figuras, algumas senhoras como Emília de Sousa Costa, Virgínia Lopes de Mendonça, Alice Ogando, Maria Amélia Teixeira (filha), Teresa Leitão de Barros, Alsácia Fontes Machado ou Ludovina Frias de Matos que viriam a ser colaboradoras de *Os Nossos Filhos*.

*O Grito da Criança*, uma publicação infantil, apresentada como o *Órgão da Caixa Escolar das Escolas Masculinas de Ervedal*, publicada em Ervedal do Alentejo, Leste, com início em 20 de Abril de 1930 até Março-Abril de 1934 vai ser o lugar em que escrevem, além de Afonso Lopes Vieira e outros, duas assinantes de *Os Nossos Filhos*, de cuja biografia poucos dados sistematizados existem: são elas as irmãs Clotilde Mateus e Maria de Jesus Mateus (Ferreira, 1988. fasc.1929-1933. p. 21).

Como suplemento infantil de um jornal de grande tiragem – o *Diário de Lisboa* - temos ainda a *Página Infantil*, de 17 de Agosto de 1931 a 26 do mesmo mês de 1939. Nesta publicação semanal escreveram Virgínia Lopes de Mendonça, António Botto, Laura Chaves, *Leonor de Campos*<sup>792</sup>, Adolfo Simões Muller, Mário Gonçalves Viana, Henrique Lopes de Mendonça, como sabemos todos colaboradores ou assinantes de *Os Nossos Filhos*. Das revistas infantis que já enumerámos anteriormente neste capítulo e, no período em que se publicou a revista *Os Nossos Filhos*, só o *Pim! Pam! Pum!* continuava ainda vivo. Entre 1942 e 1961 muitas outras foram sendo editadas. Apenas nos referiremos agora àquelas que, ou foram parte integrante de *Os Nossos Filhos*, ou com esta revista podem estabelecer alguma ligação.

Em Junho de 1942 inicia-se, naquela revista uma secção *Recreio* com concursos de adivinhas para meninos e meninas, rubricas sobre cinema infantil, livros aconselhados, ‘ditos infantis’ e jogos, assim como concursos de desenhos. Os números 22 e 23 da revista não têm esta secção que só reaparece em Junho de 1946 com o subtítulo *Para entreter os pequenitos*<sup>793</sup>. Em Março de 1958 a directora ainda tenta criar

---

<sup>792</sup> Pseudónimo da filha de Emília Sousa Costa e do magistrado Sousa Costa, do Porto (Cf. Apêndice Cap. 4- Pseudónimos)

<sup>793</sup> É a designação que tem, na *Página das Mães* que Maria Lúcia Vassalo Namorado dirigira em *Modas & Bordados*, a rubrica que sucede a *Ensinar Brincando* (15 de Nov. De 1939 a 8 de Maio de 1940). Em *Os Nossos Filhos* esta secção *Para entreter os pequenitos* terá precisamente a mesma orientação daquela de *Modas & Bordados*.



um suplemento intitulado *Nova Secção Infantil* que, de Junho desse ano até Dezembro de 1958, passa a *Arco-Íris*, com subtítulo de *Secção para crianças redigida e ilustrada por crianças*. *Arco-Íris* fora também o título de um conto de Virgínia Gersão publicado em *Os Nossos Filhos*, em Novembro de 1949.

Esta componente infantil ocupava duas a quatro páginas e teve muitos outros títulos além dos que já mencionámos, a saber: *Teatro para Gente Nova*, *Cantinho dos pequeninos*, *Era uma vez...*, *Para as mães lerem aos filhos* ou *Poesia para os Nossos Filhos* e que seria quase fastidioso enumerar dado o número de vezes que foi mudando.

Não fazemos neste trabalho a análise de todas os contos e histórias publicados nesta secção dirigida aos mais pequenos uma vez que a Literatura não é uma das categorias de análise de *Os Nossos Filhos*. Apenas a título de exemplo da enorme fonte de informação que podemos colher nesta secção da revista refiram-se alguns(mas) das(os) colaboradoras(es) que nela participaram:

Quadro nº57.: Colaboradoras(es) na 1ª fase da secção para crianças:

O passarinho poeta	conto de Lília da Fonseca	ONF, Jun. 1946
As formigas	(poema de) Olavo Bilac	ONF, Jun. 1946
História da Primavera	conto de Maria da Luz de Deus	Jul. 1946
As duas Júlias	Teatro infantil de Virgínia Lopes de Mendonça e desenhos de Vasco Lopes de Mendonça	Ago. 1946
Aventuras de três cachos de uvas	Lídia Serras Pereira	09-1946
História da Princezinha...Branca e Oiro	Campos de Figueiredo	10-1946
O passeio da Mila	conto de Maria Helena Caravana	11- 46
O Sono da Virgem	para os meninos interpretarem, em festas de Natal por Maria da Soledade <sup>794</sup>	12-1946
As três filhas	Conto de Teófilo Braga	12-1946
O dinheiro é pouco	teatro de Virgínia Lopes de Mendonça, Desenho de Vasco Lopes de Mendonça	01-1947
O Faroleiro, dialogo de Lídia Correia Serras Pereira		02-1947
Reconhecimento	soneto de Maria da Graça Varela Cid aos 11 anos	02-1947
Florence Nightingale(Texto sobre ),	de Isaura Correia Santos, extraído de "O sr. Sabe tudo contou...)	02-1947

<sup>794</sup> É dedicado ao “(...) Ao Carlos Nuno, e ao José Manuel que foi ser «anjinho» no Céu (...)” (ou seja, Carlos Pinto Coelho e o irmão, que morrera no barco a caminho de Lourenço Marques, filhos de Sara Pinto Coelho, assinante da revista).

D. Perua e o pintainho minorca	Noémia Setembro	03-1947
O Viso Rei	1º cap. do conto de "Justiça do Viso-rei de Henrique Lopes de Mendonça	03-1947
Tom Polegar		-04-1947
Nicolau e a sua máscara de pau	Lília da Fonseca	06-1947
Os dois burros gulosos	Conto de Virgínia Lopes de Mendonça	06-1947
"Pierrot",	conto de <i>Lília da Fonseca</i>	07-1947
O Burro flautista	poema de esta adaptação duma poesia de D. Tomás de Iriarte, poeta espanhol do Séc. XVIII.	08-1947
A esmola do pobre	poesia de Júlio Diniz	08-1947
Os Teimosos	Teatro infantil Um acto de Virgínia Lopes de Mendonça Desenho de Vasco Lopes de Mendonça	08-1947
A reunião dos coelhos <sup>795</sup>	de JOÃO GRAVE	08-1947
A Menina orgulhosa		09-1947
O Nico,	conto de Campos de Figueiredo	10-1947
A Raposa e o galo vaidoso <sup>796</sup>	/para ilustrar no Concurso como a de Ago. 1947/	10-1947
Responda quem souber	um conto de Virgínia Motta	11-1947

Quanto a outras rubricas daquele suplemento, como os concursos que são promovidos na revista, eles são analisados no subcapítulo onde apreciamos os *Concursos* realizados para as mães e para as crianças.

Neste suplemento, a directora da revista vai adoptar o pseudónimo *Tia Aninhas* para responder a todas as crianças que se lhe dirigem para o *Correio dos Amiguinhos* (ONF, Ago. 1942 em diante). O *Recreio* dirige-se, do ponto de vista etário, a “(...)meninos e meninas até 13 anos de idade(...)” (ONF, Jun. 1942), ou a “(...) meninas e meninos de 7 a 11 anos(...)” (ONF, Jun. 1942). Misturada com a apresentação de alguns jogos para

<sup>795</sup> Esta história inicia uma colaboração entre a revista e as crianças propondo:“(...) ora agora, vamos lá a um concurso novo, ainda mais engraçado :este concurso, consiste em ilustrarem a seu gosto, a história que vão ler a o u a tinia da. China, só Pelo concorrente, sem (...) Pessoa alguma; não s,e esqueçam de indicar nome, idade, e morada. Mandem-nos o desenho até ao fim do mês. O mais bem feito e as honras de publicação, e o seu autor receberá como prémio um livro muito bonito. Aí vai a história, que se chama: (...)” (Ago. 1947).

<sup>796</sup> Da história *Reunião dos Coelhos* foi vencedor “(...) menino José Joaquim Machado Leite, de Vizela(...)” (ONF, Out. 1947).

crianças como o do *Burro* (ONF, Jun. 1942) ou o *Quem vai ao mar* (ONF, Jul. 1942) ou ainda com jogos- cópia da realidade como o que se propõe para as meninas “(...) que por volta dos cinco ou seis anos, (...) em vez de tirarem os fios ao acaso, começam a tirá-los a preceito (...)” (ONF, Mar. 1943), Maria Lúcia Vassalo Namorado aproveitou o espaço que criara para também fazer alguns apelos, dirigindo-se directamente às crianças que supostamente a liam.

No *Correio da Tia Aninhas* aproveita para dar algumas indicações biográficas e solicitar um maior empenho das crianças na colaboração com a revista: “(...) Não sei se os meninos sabem o que é persistência. Persistência é a qualidade da pessoa que não desiste facilmente dos seus desígnios ou da tarefa (...) Pois bem: eu sou persistente. Há mesmo quem digo que sou teimosa. Em se me metendo uma coisa na cabeça!...(...)”(ONF, Jun. 1946). Fingindo que ela e Maria Lúcia Vassalo Namorado são duas pessoas distintas, aproveita para informar as crianças que, por muito teimar, conseguira que a secção fosse alargada, passando a dispor de mais espaço em *Os Nossos Filhos*.

Ainda em Dezembro do ano em que a revista fora fundada, ela escreve, e mais uma vez, em nome da *Tia Aninhas*: “(...)os meus sobrinhos já repararam nuns meninos muito rotinhos e descalços que andam pelas ruas ? Peçam às vossas mãezinhas licença para repartirem com eles os vossos fatos e calçado que já vos não sirvam. Eles ficarão bem contentes (...)Se lhes importa é andarem quentinhos. Se lhes parece! Está tanto frio, chove e faz vento...coitadinhos, andam tão mal enroupados. Sejam amigos dos pobres e infelizes(...) estamos quase no Natal. Toda a gente vos fala no Menino Jesus. Ele ensinou à gente que todos somos irmãos. Peçam às vossas mãezinhas que vos expliquem tudo o que isto quer dizer, e sejam bons irmãos dos meninos pobres (...)” (ONF, Dez. 1942). Não é só a caridade humana que a move. Um apelo bem diverso para a criação de uma biblioteca infantil é incluído na revista, depois de, nesse mesmo número ter sido publicado um texto sobre Bibliotecas infantis em Londres: “(...)Peçam vossos pais e amigos que trabalhem pela criação duma Biblioteca infantil na vossa terra ou no vosso bairro (...)” (Dez. 1946). A preocupação com a educação e o sucesso escolar das crianças também está patente no conjunto de questões que coloca intituladas: “(...) Tens a certeza de ser um bom estudante? (...)” (ONF, Nov. 1946).

Apesar de se dirigir às crianças, também não deixa de colocar alguns conselhos para as mães nesta secção: “(...)Mãezinha, não deixe as crianças sem fazer **nada** porque é essa a

maneira de elas fazerem tolices. Mesmo durante as horas de recreio, vigie-as, acompanhe-as, auxilie-as, e encaminhe-as (...)” (ONF, Mar. 1943).

Alguns números incluem ainda um espaço para *Curiosidades* sobre o dedal (ONF, Set. 1943), “(...) a aranha e o tempo, quem inventou as ligas de suspensão, como nasceu a bicicleta(...)” (ONF, Out. 1943), “(...) a propósito de culinária<sup>797</sup>, a história dos legumes, a história do crisântemo (ONF, Dez. 1943) , sobre a origem de algumas flores (ONF, Jan. 1944) ou ainda sobre a longevidade de certas plantas (ONF, Fev. 1944). com o qual se pretendia aumentar a cultura geral das crianças.

Como sabemos, Maria Lúcia Vassalo Namorado teria gostado de poder seguir o ensino superior, tirar mesmo o curso de Matemática. Vimos já as condições que não lhe permitiram a concretização de tal desejo. Porém, a revista é um espelho dessa vontade, sobretudo nesta secção para as crianças: a maior parte dos jogos, charadas, palavras cruzadas, construções que propõe e até os conselhos que dá, são ligados às áreas daquilo a que se chamavam as Ciências Naturais ou a Matemática. Apenas a título de exemplo, mais uma vez, refira-se a página intitulada “(...)Não matem estes animais porque são nossos amigos (...)” (ONF, Nov. 1946) onde, além da imagem de cada um deles, apresenta um conjunto de informações bem interessantes sobre o sapo, o morcego, a louvar-o-Deus, o ouriço cacheiro, a salamandra, a tartaruga, os lagartos, ou as cobras /scanner/.

Do ponto de vista do aspecto gráfico e mesmo de conteúdo, este suplemento lembra, como referimos, o *Cantinho da pequenada*, dirigido por Virgínia Lopes de Mendonça em *Portugal Feminino: revista mensal ilustrada*, quer na sua localização na revista, quer no desenho do cabeçalho ou na estrutura – um texto em forma de conto, tradicional ou de autor(a) para crianças, palavras cruzadas, curiosidades, passatempos, jogos de palavras, anedotas, entre outros.

As ilustrações<sup>798</sup> deste suplemento estiveram a cargo de três tipos de colaboradoras(es): ilustradores profissionais e ocasionais ou também feitos pelas crianças que para aí enviavam os seus textos. Colaboraram Fernando Carlos Pereira Bastos e o filho João Carlos Pereira Bastos, respectivamente, genro e neto de Maria Lamas, Vera Bordallo Pinheiro (Gomes), Guida Ottolini, Laura Costa, Maria Keil, assim como, do lado das

---

<sup>797</sup> Aproveita para dar a conhecer a padroeira das cozinheiras, “(...) santa Rodegunda, primeira Rainha de França, princesa erudita e (...) gulosa (...)”(ONF, Dez. 1943).

<sup>798</sup> Para uma inventariação completa destas(es) colaboradoras(es) cf. Ferreira, 1988. fasc. 1942-48. p. 9 e 10).

crianças, Júlia Maria Rocha, Nazaré Farmhouse (filha do médico e colaborador Manuel Farmhouse (cf. *Apêndice Cap. 4- Biografias*), Alexandra Lieblich Losa (filha da colaboradora Ilse Losa), Maria Lira Freitas Pereira (filha da assinante), Nuno da Nazareth Fernandes (neto de Alsácia Fontes Machado) entre muitas(os) outras(os).

Dois dos colaboradores de *Os Nossos Filhos*, António Botto e Sarah Pinto Coelho escreveram numa outra publicação juvenil que se iniciara em 28 de Maio de 1947 e terminaria em Dezembro de 1956: *Jornal da Mocidade Portuguesa de Moçambique*.

Uma outra revista para crianças será *A Mãezinha: Jornal da Casa Mãe das Raparigas da Cidade*, espécie de boletim interno da instituição de assistência muito mencionada em *Os Nossos Filhos*, que tivera por directora Clotilde Ferreira, também ela uma das duas directoras (com Renée van Nitsen, entrevistada no programa radiofónico da directora de *Os Nossos Filhos*) da referida instituição. A publicação iniciara-se em Outubro de 1947 mas dela saíram apenas onze números, tendo terminado em 1951. Embora a instituição seja acarinhada na revista onde, como veremos no capítulo sobre a assistência, ela é enaltecida, não existe nenhum exemplar dessa publicação no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*.

Nos anos 50, Maria Teresa Andrade Santos, ao trabalho de quem a revista se refere sempre de forma elogiosa e que nela colabora<sup>799</sup>, e cuja fotografia é aí publicada, vai participar na secção infantil em *A Campanha: Órgão da Campanha Nacional de Educação de Adultos* que tinha a sede na R. D. Estefânia, 14 em Lisboa, sendo publicado entre 27 de Outubro de 1953 e Novembro Dezembro de 1956, num total de 37 números. (Ferreira, 1988, fasc. 1949-1954. p. 45).

Na revista de Maria Lúcia Vassalo Namorado será criada, como já referimos no início deste capítulo, a *Nova Secção Infantil*, que se pretendia que fosse um suplemento destacável de *Os Nossos Filhos*. Numerado apenas de um a três, respectivamente entre Março de 1958 e Maio seguinte, ela vai ser transformada na Secção *O Arco-íris*, que terá dez números, daquela data até à suspensão da revista em Dezembro de 1958. Nela escrevem Mário Castrim, Maria de Santo António e Alsácia Fontes Machado e algumas crianças que chegam a formar o *Clube do Arco-Íris*, com criação de um cartão próprio. A partir de 8 de Outubro de 1960 começa a publicar-se, na *Secção do Suplemento Magazine*<sup>800</sup> do *Diário de Lisboa*, até 3 de Agosto de 1968 a secção *Para os Mais*

---

<sup>799</sup> Ex. Com texto “Escolas infantis”, *Os Nossos Filhos*, Fev. 1953.

<sup>800</sup> Todos os textos aí publicados por Maria Lúcia Vassalo Namorado foram também por nós lidos e estão disponíveis em *Doação Ana Maria Pessoa*.

*Pequenos*<sup>801</sup>, apresentado pela *Tia Luíza* que temos a certeza de ser Maria Lúcia Vassalo Namorado que também é orientada por *Tia Maria Lúcia*, para a qual fora convidada por *Mário Castrim* (cf. Espólio). Depois de 8 de Abril de 1961 e, como fizera em *Os Nossos Filhos*, algumas das histórias desta secção<sup>802</sup> vão ser escritas pela *Tia Maria Lúcia* e depois ilustradas pelos “sobrinhos” que deviam enviar, na semana seguinte, o desenho correspondente ao texto da semana anterior. *Aventuras do Janoca e do Janeca. A História de Giribi*, um dos livros de Maria Lúcia Namorado publicado em 1971, nessa altura com desenhos de Alice Jorge, será um dos textos a ser submetido a esta ‘interacção’ entre a escritora e as(os) leitoras(es), como tão inovador é hoje considerado.

A preocupação com os jogos especificamente dirigidos às crianças para, também através deles, se processar uma educação cuidada está patente no livro<sup>803</sup> *Jogos: Diversões e passatempos – Jogos educativos de acordo com o Método Francês* que consultámos no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*, publicado no Rio de Janeiro em 1940 e que a directora de *Os Nossos Filhos* usará para dele extrair ideias que publica, quer na revista, quer muito mais tarde, em *Diário de Lisboa*. Todas as partes sublinhadas por Maria Lúcia Vassalo Namorado, com indicação do local onde pretendia publicá-las, dá-nos a ideia do que ela pensava sobre estas actividades<sup>804</sup>.

Ao colocar uma parte da sua publicação ao serviço das crianças, a directora de *Os Nossos Filhos* pretende contribuir para que os passatempos e as diversões, as leituras das(os) filhas(os) das suas assinantes sejam as mais recomendadas e adequadas ao desenvolvimento infantil.

---

<sup>801</sup> Para o presente trabalho foram lidos todos os textos desta Secção do *Magazine* do *Diário de Lisboa*, cf. no *Apêndice ao Cap. pós anos 60 segundo*.

<sup>802</sup> Outras(os) colaboradoras(es) ou autoras(es) cujos textos são aqui transcritos foram: Lídia Correia Serras Pereira, Afonso Lopes Vieira, Ana de Castro Osório, Matilde Rosa Araújo, Teresa Leitão de Barros, Irene Lisboa, Augusto de Santa-Rita, Maria Cecília Correia, *Maria da Bruma*, Garciete Branco, Leonor de Campos, Ilse Losa, Virgínia Lopes de Mendonça, António Sérgio, Acácio de Paiva ou *Belmiro*, Rosa Silvestre, José de lemos, Ester de Lemos e Teófilo Braga.

<sup>803</sup> LOYOLA, Hollanda ( 1940) – *Jogos: Diversões e passatempos – Jogos educativos de acordo com o Método Francês*. Rio de Janeiro: Companhia Brasil Editora. 126 p. É o número 64 da base bibliográfica que organizámos e fora importado pela *Editorial Os Nossos Filhos* através de uma das casas que anuncia esse tipo de obras na revista: a firma *Pimentel e Casquilho Lda*. R. Eugénio Santos, 75, Lisboa. O autor dedicara a obra aos “(...)“(...) Gen. Newton Cavalcanti Cel. Raul de Vasconcelos Major Ignacio Rolim Major Barbosa Leite, Fundadores da *Escola de Educação Física do Exército*, da *Escola Nacional de Educação Física e Desportos*, da *Divisão de Educação Física do Ministério da Educação* — beneméritos obreiros da eugenia da raça brasileira, aos quais muito deve a mocidade patricia (...)” (p. 3). Do ponto de vista teórico aqui se defende a eugenia e a importância do uso dos jogos na formação do carácter das crianças e a se reconhece “(...) esse importante fim da educação física do nosso país, que é a divulgação da prática racional do jogo considerado como elemento preponderante para o aperfeiçoamento físico da raça e a moral do povo (...)” (p. 6).

<sup>804</sup> Sublinha o texto relativo à “esfera afetiva. Carácter geral dos sentimentos (p. 24 a 28), dando mesmo indicações sobre a forma de as publicar. “(...) queira voltar(...)” e “(...) até aqui(...)” (p. 28).

## Espectáculos

### *A Favor das crianças portuguesas e estrangeiras vítimas da Guerra*

A revista *Os Nossos Filhos* toma, por diversas vezes, a defesa de determinadas atitudes políticas, como veremos. A publicação fora lançada em plena Guerra e este contexto internacional também nela é visível quer pelas sucessivas referências a iniciativas e problemas que, lá fora, se vão dando (ex: textos de *Renée de Charmoy*, entre outros) quer pela iniciativa que a revista vai liderar no sentido de também colaborar, como era possível, com os Aliados. Como veremos, Maria Lúcia Vassalo Namorado pertencerá a duas organizações que apoiam incondicionalmente este lado da contenda<sup>805</sup>. Uma entrevista feita por Fernanda Tasso de Figueiredo do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, em 1945, a Fernanda Ivens Ferraz Hintze Ribeiro Jardim “(...) - que é uma rapariga adorável cheia de dinamismo e simplicidade - muito do nosso género- apesar de muitas cousas que nós não temos... (...)”, ou seja, a filha do Almirante Ivens Ferraz<sup>806</sup>, presidente da Cruz Vermelha, chama a atenção de Maria Lúcia Vassalo Namorado para o trabalho que a *Cruz Vermelha Portuguesa* tinha desenvolvido junto dos “(...) pequenos refugiados que, fazendo escala por Lisboa, seguiam para a América fugidos aos pavores da guerra com toda a sua valorosa corte de dores, miséria, fome e destruição. Isto sem contar com o primoroso serviço montado de correspondência, informações, encomendas, troca de prisioneiros, auxílio a refugiados (...)”. A Semana da Cruz Vermelha realizava-se de 24 a 30 de Junho e os festejos terminariam com o “(...)concerto do violinista inglês, Professor Philip Newman que era o solista da corte belga e veiu(sic) refugiado para Portugal, quando da invasão alemã. Hoje é professor do nosso conservatório Nacional de Música, onde deseja fundar a Sua escola. Desde que está em Portugal só tem tocado, em público, para a *Cruz Vermelha Portuguesa*, para a qual, no concerto que deu o ano passado, também em S. Carlos- deu a ganhar 120 000\$00- cento e vinte contos!!!- e para os pobres, doentes e reclusos, para quem pelos Natais, Páscoa e quando lhe dá na real gana, vai tocar nos Asilos, Hospitais e Prisões. O ano passado o Presidente da República condecorou-o com o mais alto grau da Medalha da Cruz Vermelha, que a própria instituição lhe ofereceu (...)” (carta de

---

<sup>805</sup> Cf. subcapítulo sobre Contexto político e referência desenvolvida sobre o *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* e a *Associação Feminina Portuguesa para a Paz*.

<sup>806</sup> Veja-se Fernando Rosas, *História de Portugal*, vol. VII.

Fernanda Tasso de Figueiredo, 21 Jun. 1945. Caixa 41. Maço 3).

A mesma senhora escrevera à *Cruz Vermelha* para que, “(...)com o *Corpo Auxiliar Feminino* lançar a ideia de doação de um avião sanitário de transporte para ser oferecido por Portugal à Cruz Vermelha. Nessa carta informa mesmo que “(...) escrevi à Cruz Vermelha pedindo para, no dia seguinte ao da publicação do número de *Os Nossos Filhos* que traga a entrevista, circularem a todos os jornais da capital e província anunciando que nessa revista uma senhora lançara a ideia da oferta do povo português à Cruz Vermelha dum avião sanitário de transporte, ideia que por muito interessar à instituição agradeciam que fosse divulgada e patrocinada(...) e ficarei encantada de o aceitarem e o meu projecto possa transformar-se em realidade (...)” (Carta de Fernanda Tasso de Figueiredo. 1 Ago. 1945. Caixa 41. Maço 3). O vice presidente da instituição agradecerá a entrevista feita em carta de 16 de Janeiro de 1946 (Caixa 24. Maço 5).

Em Janeiro de 1946 é dada notícia de que Elvira Morcillo Cobo está em Lisboa, em representação da *Cruz Vermelha Internacional*. Maria Lúcia Vassalo Namorado escreve para o *Teatro da Trindade* em 14 de Fevereiro e “(...)Guarda Roupas Ferreira e Franco em 15/2 referindo que “(...)a revista *Os Nossos Filhos* não podia ficar indiferente a este movimento (...) e sob patrocínio da *Cruz Vermelha Portuguesa* está a organizar (...) uma festa em apoio das crianças vítimas da Guerra (...), uma matinée em meados de Fevereiro próximo (...)” (Carta s.d. Caixa 24. Maço 5).

Dera conhecimento dessa sua intenção à Cruz Vermelha e a Comissão Central daquela instituição aceitara a iniciativa (Carta de general Ferreira Martins, Caixa 24. Maço 5. 24 Jan. 1946). Para que Maria Lúcia Vassalo Namorado fosse recebida pelo general Ferreira Martins ela obtivera um cartão de recomendação de João G. Mattoso da Fonseca, amigo de Vicente Alcântara e que a identifica, nesse cartão, como “(...) Maria Lúcia Silva Rosa, benemérita Directora de uma obra de assistência Social(...)” (Cartão de visita de João G. Mattoso da Fonseca, 20 Fev. 1946. Caixa 24. Maço 5)

Quando a revista *Os Nossos Filhos* publica a ideia de patrocinar um espectáculo a favor das crianças vítimas da guerra um leitor José Júlio Andrade dos Santos que, em jornal<sup>807</sup> que não identificamos, terá escrito uma carta lembrando a directora da revista de que a mesma não “(...)deve esquecer as crianças portuguesas que estão na miséria (...)”. A esta crítica, a directora de *Os Nossos Filhos* responde dizendo que

---

<sup>807</sup> O recorte está junto a carta de Maria Lúcia Vassalo Namorado onde esta situação se refere, datado de 18 de Janeiro de 1946.



“(…)beneficiará igualmente as crianças portuguesas(…)” (Carta de M.L. s.d. Caixa 24. Maço 5).

Deste espectáculo que, de facto se realizou, temos /scanner/ o *Programa do espectáculo que a revista Os Nossos Filhos com o patrocínio da Cruz Vermelha Portuguesa dedica aos meninos felizes de Lisboa a favor das Crianças Portuguesas e Estrangeiras vítimas da Guerra*, em 13 de Abril de 1946, às 15.30 h, no Teatro da Trindade<sup>808</sup> (Caixa 29. Maço 3). O programa foi composto de duas partes: na primeira, passou o filme *O Feiticeiro de Oz* e na segunda, houve números de música executados pelos alunos<sup>809</sup> de Maria Luísa Manso e de Nina Marques Pereira, números de bailado por alunas de Margarida de Abreu<sup>810</sup>, poesias recitadas por Maria da Graça Varela Cid<sup>811</sup> e uma pantomima musicada interpretada por alunas do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, dirigidas pelas professoras Olímpia Bastos e Sara Navarro Lopes. (Caixa 29. Maço 3). A crítica aos números de música deste espectáculo será feita em *Os Nossos Filhos* por Francine Benoît (ONF, Maio 1946).

Também existe no *Espólio* a “(…)Relação dos objectos recebidos, como donativo(…):130 peças de roupa - camisas, camisolas, casacos, cuecas, meias, clções(sic), lenços, pijamas, etc., 44 livros de histórias para crianças, 2 pacotes de revistas e cadernos, 3 maços de lápis pretos, com 24 cada, 3 canetas com aparo, novas, 1 caixa de madeira para lápis, 6 caixas de lápis de cor, 1 caixa com lápis, borrachas, aparos, etc.,1 embrulho com lápis, borrachas, aparos, canetas, etc., 3 pares de sapatos, 90 brinquedos vários - bonecos, carrinhos, etc. (...)”. A revista irá dar conta (como referimos ao apresentar as colaboradoras estrangeiras) nas suas páginas de muitos dos donativos recebidos de assinantes. Estão nesse grupo os donativos de Maria Teresa Marinho de Melo Cabral, de Tondela, 50\$00 (...) Noemy de Carvalho F. Costa, de Leiria, e do menino Carlos Manuel (...) Marques Mousinho, de Ponte Sor, roupinhas.

---

<sup>808</sup> Passou o filme *O Feiticeiro de Oz*, houve números de música dos alunos da prof. Maria Luísa Manso, bailado por alunas de Margarida de Abreu, poesias recitadas por Maria da Graça Varela Cid e O Sonho do Pobrezinho, pantomima musicada por alunas do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, dirigidas pelas professoras Olímpia Bastos e Sara Navarro Lopes. No espectáculo do Teatro da Trindade houve crianças que tiveram medo do filme do “*Feiticeiro de Oz*”, a casa estava cheia e no final, Maria Lúcia Vassalo Namorado terá dito a Maria Helena Rosa Torres Peres de Seixas: “Menina, estamos cansadas mas felizes” (Entrevista em 15 mar. 2005).

<sup>809</sup> Uma Melodia de Diabelli foi executada, a 4 mãos, por António Mário Menêres Barbosa e Maria Yolanda Bustorff, esta última filha da colaboradora da revista, Maria Evelina Maia Bustorff (cf. biografias e colaboradoras da Revista *Os Nossos Filhos*)

<sup>810</sup> Cf. Biografia na revista *Visão*.

<sup>811</sup> Que participará na Exposição de Livros escritos por Mulheres, do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, em 1947

Estes donativos foram entregues Sra. Embaixatriz de Inglaterra, que lhes deu o destino devido (...)” (ONF, Fev. 1944) e os de Maria Rita das Dores: 23 peças de roupa, 1 chapéu, 2 «bonets» e 2 pares de calçado, além da importância de 100\$00. Estes donativos (...) entregues a Lady Campbell<sup>812</sup> que os fez seguir o seu destino (ONF, Jun. 1944).

Em carta dirigida a Maria Lúcia Silva Ramos(sic), a Cruz Vermelha dará conta do produto que recebeu desse espectáculo: “(...)além de 263\$40 retirada dos cofres do peditório durante a récita(...)entregou-nos 4.039\$70, produto líquido daquela récita e várias peças de roupa, brinquedos e outros artigos (...) da citada quantia de 4.039\$70 (...) “fora necessário retirar a “(...)importância de uma conta do Liceu Maria Amália vaz de Carvalho, que ainda não foi apresentada (...)” (Carta de Secretário Geral Adjunto da Cruz Vermelha. 9 Maio 1946. Caixa 24. Maço 5). O tesoureiro da CVP, António Andrade envia “(...) o recibo do produto do espectáculo(...)” referindo que *Os Nossos Filhos* teria entregue “(...) 4.303\$10 sendo 4039\$70 da bilheteira e 263\$40 da venda de programas (...)” (Carta 22 Abr. 1946. Caixa 24. Maço 5). Dessa festa ficaram por

---

<sup>812</sup> Alguns dos donativos enviados pelas assinantes para *Os Nossos Filhos* para serem canalizados para estas crianças serão entregues ao *Unitarian Service Committee* por Maria Oppenheimer. Só alguns serão dados a Lady Campbell, mulher do embaixador inglês em Portugal. Sobre esta organização e sobre Maria Luísa Bosques, que colabora em *Os Nossos Filhos*, veja-se texto saído no jornal *Expresso*, da autoria de Valdemar Cruz: *O Unitarian Service Committee* “(...) estrutura formalmente criada em 1940 por igrejas cristãs norte americanas mas com origens no séc. XIX e que desde anos 30 envolvida em projectos humanitários em toda a Europa, chamando-se agora *Unitarian Universalist Service Committee*, como símbolo um cálice flamejante criado em Lisboa em 1941 pelo artista austríaco Hans Deutch um refugiado de guerra. Em Lisboa estava o reverendo Charles Roy, o director executivo do USC com uma rede de correios e agentes que passava por Lisboa e aqui era Maria Oppenheimer o agente (p. 24); considerada inglesa por uns e comunista por outros, ela era a primeiro contacto dos refugiados em Lisboa e tinha uma casa na Ericeira onde recebia os refugiados depois de comunicar à Pide que eles iam chegar (p. 24)A USC funcionava em Portugal como antena da IRO – *Organização Internacional para os refugiados*, com sede em Genebra que tinha excelentes relações, segundo a *Pide*, com o responsável máximo da legação mexicana em Lisboa: Gilberto Bosques /tem foto dos dois em Lisboa, de Bosques e de Maria oppenheimer/recolhida de informação da Pide registada em 2/8/ 1946 (p. 25). A Pide refere no relatório /que está no Arquivo Salazar/ que Maria Oppenheimer era “(...) representante clandestina em Portugal da associação que tem o seu quartel general em Paris é conhecida como ‘Amigos da União Soviética’ e é neste doc. Que ela é referida como relacionada com Bosques. No arquivo Histórico Genaro Estrada, na Cidade do México, há documentos assinados por ela em que se refere como era informada a *Pide* de que os refugiados estavam a chegar: “Tomamos a liberdade de apresentar a V Exa. Os srs em referência, que vêm fugidos de Espanha por motivos políticos”. Depois solicitava fixação de reidência “até à saída do país da qual nos estamos ocupando em colaboração com Ex<sup>a</sup> Ministro do México em Lisboa” (p. 25).Missão de Gilberto Bosques em Portugal terminou em 23 de Janeiro de 1950, dia em que foi nomeado Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário na Suécia e na Finlândia. Por decreto datado de 20 de janeiro de 1950 é-lhe atribuída uma das mais altas condecorações do Estado Português: a grã-cruz da Ordem Militar de Cristo e foi a condenação entregue em mão, pelo ministro dos Negócios estrangeiros de então, Caeiro da Mata, já eles estavam em Santa Apolónia (p. 28). O título é enviado para Estocolmo e só em *Diário do Governo* de 2 de Fevereiro de 1950 é publicado.Gilberto Bosques nascera em 20-7-1892 e morre a 4 de 7 de 1995, no hospital, perto de fazer 103 anos, ao arrancar a sua própria máscara de oxigénio, durante uma visita de rotina do médico. (...) A mulher, Maria Luísa também ela uma prestigiada intelectual e indispensável companheira de Bosques...(...)” (Cruz, 2005. p. 28).

vender 300 bilhetes (Caixa 24. Maço 5). O total com as despesas<sup>813</sup> foi de 5.390\$30 sendo que o das receitas<sup>814</sup> foi de 4437\$90 sem a “(...) importância da venda de programas(...)” (Caixa 24. Maço 5).

Depois desta iniciativa, em Abril de 1946 o vice presidente da Cruz Vermelha, general Ferreira Martins solicitara autorização para incluir o nome de Maria Lúcia Vassalo Namorado na “(...) Comissão de senhoras para colaboração na organização da semana da CVP, a realizar entre 10 e 16 de Junho, sem a “venda da flor” nas ruas de Lisboa mas com arraial no Jardim da Estrela (...)” (10 Abr. 1946. Caixa 24. Maço 5 e carta s.d. Caixa 61. Maço 1).

Em Maio de 1946 ela recebe um artigo da “(...) *Liga das Sociedades da Cruz Vermelha*, insere artigo...” “La défense de l'Enfance contre la tuberculose”, infelizmente tão oportuno (...)” que lhe fora enviado, com pedido de publicação no todo ou em parte pelo próprio vice presidente da Cruz vermelha pois com essa publicação “(...)prestaria V. Exa. um excelente serviço de propaganda a esta instituição...(...)” (Carta de general Ferreira Martins. 20 Maio 1946. Caixa 24. Maço 5).

Como a directora de *Os Nossos Filhos* se prestara a colaborar na *Semana da Cruz Vermelha Portuguesa*, dizendo algumas palavras de propaganda na *Emissora Nacional*...sob o ponto de vista de socorro às crianças(...)” (Carta de General Ferreira Martins, vice-presidente da CVP. 7 Jun. 1946. Caixa 24. Maço 5), ela será convocada para as reuniões preparatórias dessa iniciativa, a decorrerem no “(...) Governo Civil, no Gabinete do Sr. Dr. Manuel de Carvalho, nosso dedicado colaborador (...)” (carta de general Ferreira Martins, 29 Maio 1946. Caixa 24. Maço 5). Aquela emissão radiofónica realizou-se em 12 de Junho de 1946 mas no *Rádio Clube Português*. As palavras que foram ditas não as conhecemos mas sabemos que ela as terá enviado ao o vice-presidente da CVP que a não tinha podido ouvir (Carta de general Ferreira Martins. 17 Jun. 1946. Caixa 24. Maço 5).

Posteriormente, as ligações com a *Cruz Vermelha* vão continuar sendo que o vice

---

<sup>813</sup> “(...) Faltava incluir uma conta do *Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho* que só será apresentada para a semana; aluguer e licenças do Teatro- 3.500\$; aluguer de piano- 350\$; Socorro Social- 318\$; Imposto das Finanças- 393\$; Imposto Câmara- 119\$10; gratificação rapaz da Casa Bénard- 2\$; bilhetes oferecidos- 318\$ (reitora do Liceu- 4; Sara Navarro- 2; Olímpia Bastos- 2; Margarida Abreu- 2; Fotógrafo- 2 = 300\$ +M. Graça Varela Cid- 1 plateia a 18\$) (Caixa 24. Maço 5).

<sup>814</sup> “(...) bilhetes vendidos- 8.907\$50; leilão de 1 boneca oferecida por uma anónima- 22\$; oferta de uma anónima- 200\$; Ministro da França, para completar a quantia de 100\$ pela frisa que ocupou- 22\$50; Preço de uma frisa que Dr. J. Rasteiro ofereceu- 75\$; de 1 anónimo para completar a quantia de 20\$ por uma plateia de 2ª- 1\$50; de 1 anónimo para completar a quantia de 10\$ por um balcão de 3ª-3\$50 (...)” (Caixa 24. Maço 5).

presidente agradecerá a Maria Lúcia Vassalo Namorado “(...) o número da revista e transcrição, no número do corrente mês, da minha carta relativa ao *Dispensário da Higiene Infantil* em cuja criação estamos empenhados(...)”. Também aproveita para enviar, com pedido de publicação em *Os Nossos Filhos* um artigo do “(...) número de Setembro findo da revista da CV. Belga *Mieux Vivre* onde há um artigo “Éducation Familiale” que provavelmente interessará a V. Exa, quer para revista quer para emissões de propaganda a favor das crianças (...)”<sup>815</sup>(Carta de general Ferreira Martins. 20 Out. 1946. Caixa 24. Maço 5). Quando lhe pedem que colabore no “(...) stand da *CVP* na *Feira Popular*, como um dos meios de propaganda...é nosso intuito destinar uma das noites de cada semana para leiloar alguns livros de bons autores e por estes autografados(...) revertendo produto para fundos da beneficência da *CVP*. Maria Lúcia Vassalo Namorado enviará *Joaninha quer casar*, como ela própria escreve na carta que recebera de Ferreira Martins. (Carta de 10 de Julho s.d. Caixa 24. Maço 5).

Esta colaboração culmina, em com a atribuição da medalha *Cruz de mérito* da Cruz Vermelha á directora de *Os Nossos Filhos* sob proposta do general Ferreira Martins á Comissão Central daquela organização. Esta proposta fora feita para premiar a “(...) valiosa colaboração(...)” (Carta de 20 de Nov. 1946. Caixa 35. Maço 1) que a directora da revista dera á Semana da Cruz Vermelha e que é referida na revista e sobre a qual Maria Lúcia Vassalo Namorado recebe cartas de leitoras a felicitá-la por tal distinção(cf. cartas de Maria do Patrocínio Silva, de Povos, em Vila Franca de Xira. Carta de 19 Jan. 1948. Caixa 76. Maço 6 e Rosa Amélia T. de Faria, de Viseu, em 10 Jan. 1948. Caixa 26. Maço 4). Esta não foi uma acção isolada da revista *Os Nossos Filhos* porque sabemos que já em Outubro de 1940, a pedido do *Conselho Internacional de Mulheres*, o *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* desenvolvera uma acção de recolha de donativos para auxílio às vítimas de guerra<sup>816</sup>.

Se, numa primeira fase, a *Associação Feminina Portuguesa para a Paz* se mostrara indisponível para colaborar nesta iniciativa, e se encarregara Estela Fiadeiro de fazer chegar essa decisão a Maria Lúcia Vassalo Namorado, posteriormente decide apoiar a

---

<sup>815</sup> (artigo referido intitula-se) “Éducation Familiale, une école de préparation...au mariage”

(artigo começa com questão se arte de ser feliz se pode ensinar...na Bélgica, o grupo Parents et Enfants da Action Familiale organizaram conferências e círculos de estudos...na América, no Massachusetts, foi anexada a secção especial de preparação para o casamento no colégio feminino Mount Holyoke...cursos de dietética e psicologia, ilustrados com o desenvolvimento da criança...com trabalhos práticos em jardim de infância anexo...não se temeu de anexar esta escola de casamento a um estabelecimento de ensino superior(...)).

<sup>816</sup> *Feminina*, n.º 5, Outubro de 1940, p. 8. In Org. Mulheres Comunistas . 1994. p. 23.

feita e é Maria Luísa Silva Bastos, 1ª secretária da *Associação*, que comunica à directora de *Os Nossos Filhos* que “(...)Temos o prazer de vos comunicar que faremos junto das nossas sócias a melhor propaganda sobre o espectáculo que a revista *Os Nossos Filhos* está organizando (...) agradecemos que nos seja comunicada data de realização (...)” (Carta de 2 Fev. 1946. Caixa 24. Maço 5).

Desde a 1ª República que era vulgar as publicações periódicas fazerem a promoção de espectáculos, para angariação de fundos. Este fora um deles mas, como vimos, não rendeu o que Maria Lúcia Vassalo Namorado desejava.

### **Espectáculo dedicado a *Os Nossos Filhos* - 6 Fevereiro 1955**

Um dos problemas com que a revista *Os Nossos Filhos* sempre se debateu foi o da falta de meios. Conscientes desta situação, muitas das amigas da revista tentam ajudar, inventando homenagens e espectáculos para acudir às aflições de Maria Lúcia Vassalo Namorado. A senhora que de forma mais sistemática imagina formas de ultrapassar o problema é Fernanda Tasso de Figueiredo (cf. *Apêndice Cap. 4- Biografias*). Dela partirão as três propostas de apoio à revista, duas delas concretizadas em festas: uma no Teatro D. Maria II, em 6 de Fevereiro de 1955 (imagens e notícia sobre ela em *Os Nossos Filhos* de Março seguinte) e outra no Teatro da Trindade, em 21 de Junho de 1956. Uma outra, na forma de homenagem a Maria Lúcia Vassalo Namorado estivera prevista mas, por razões que veremos seguidamente, não foi possível realizar-se.

Em fins de Dezembro de 1954 Maria Lúcia Vassalo Namorado pensara que seria importante “(...) dedicar um espectáculo infantil aos nossos leitores e seus filhos(...)”. Esta ideia tinha em vista, antes de mais, angariar fundos para a revista que passava então por uma crise económica. Com o apoio de Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro, então à frente do *Teatro Nacional*, promoveu a revista um “(...)espectáculo dedicado a *Os Nossos Filhos*, em que foi representada a peça *São João subiu ao trono* da autoria de Dr. Carlos Amaro. O espectáculo realizou-se em 6 de Fevereiro de 1955/tenho scanner/(ONF, Mar. 1955).

O *press-release* do espectáculo, em A5, informava que “(...)No Teatro Nacional D. Maria II mais uma tarde infantil com *S. João subiu ao trono* dedicada à revista *Os Nossos Filhos* (...). Domingo, as crianças de Lisboa poderão assistir a um espectáculo (...). Para as crianças com menos de 10 anos entrada gratuita(...) e por amabilidade dos

artistas Amélia rey Colaço e Robles Monteiro o espectáculo é dedicado à revista (...)” (Caixa 24. Maço 6).

A venda dos bilhetes esteve a cargo de inúmeras senhoras, muitas delas sócias do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* com quem Fernanda Tasso de Figueiredo havia contactado para esse mesmo fim. No *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* existe a planta do Teatro D. Maria II junto da lista nominal das senhoras que os venderam, a saber: “(...)Maria Cesarina (de Castro), Nina Marques Pereira, Rosélia Ramos, Maria Isabel Carlos Soares Pacheco, Vera Bordalo Pinheiro, Maria de Lourdes Águas H. Roxo, Matilda Rosa Araújo, Fernanda Tasso de Figueiredo, Maria Amélia Valadas, Maria Amélia Mourato, Alice Gomes, Maria do Rosário, Ilda Castilho, *Bissú* (Maria Cândida Caeiro, filha mais nova de Maria Lamas), *Cilinha* (Cecília Menano), Maria Tereza Vassalo Mendes, D. Ivone - Jardim-Escola, Maria Adelaide Lopes de Mendonça, Maria Vitória, Mimi Serra, Dr. Juíz, Maria da Piedade, Maria Evelina (Faria e Maia de Aguiar Bustorff), Prof. Calvet de Magalhães, Emília de Sousa e Castro, Lília Marques Lourenço, Sara Galhardo, Marita Bandeira, Álvaro Barata Feio, Fernanda Vassalo (cunhada de Maria Lamas), Maria Keil, Matilde Taveira, Mariana Mendes Braga, Joaquim Vieira Borga, Maria Lourdes Vera Jorge Coelho Dias, Lucinda Atalaia, Maria Irene Rodrigues de Sousa Alves, Maria Emília Gomes da Costa, Fernanda Loureiro, Branca (Borges de) Macedo, *Lar da Criança* e Maria Helena Vaquinhas de Carvalho, Luísa Cabral, Maria Helena da Luz, assim como Ilda Marques<sup>817</sup>. A introdução da festa esteve a cargo de Alice Gomes que agradeceu a gentil colaboração de Amélia Rey Colaço e de Robles Monteiro (Caixa 24. Maço 6). (Caixa 24. Maço 6).

Este espectáculo assim como o que a seguir mencionamos deram pouco lucro à revista *Os Nossos Filhos*. Os bilhetes renderam 12.650\$00 mas foi preciso pagar uma série de despesas<sup>818</sup> e, portanto, apenas houve um saldo líquido de cerca de 6.650\$00, bastante mais do que os pouco maai de 300\$00 que renderá o segundo espectáculo, que comemorou os 14 anos da revista.

### ***Espectáculo de Arte :Comemoração dos 14 anos de Os Nossos Filhos***

---

<sup>817</sup> No final desta lista tem a fotografia de Adelaide Salvador Marques, filha da assinante Berta Salvador Marques, que assistiu a esta festa, como refere na entrevista feita para este trabalho (Entrevista em 14 Dez. 2004).

<sup>818</sup> Pagamento de 6000\$ ao Teatro + flores (para Amélia Rey Colaço)- 145\$2 fotos de M. Neves- 140\$+ transportes e telefone da redacção- 100\$ + Maria Lúcia - 265\$ = 6.650\$00 (José Teodoro Faria, Camaroteiro de Teatro Nacional. Lisboa. Caixa 24. Maço 6).

A promoção de espectáculos, numa tradição bem republicana, poderia servir para angariação de fundos para instituições ou mesmo para apoio a publicações em dificuldades financeiras, como dissemos já.

Muitos anos depois do encerramento do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* (cf. subcapítulo sobre este tema), muitas das senhoras que dele faziam parte ainda mantinham relações de amizade e profissionais com Maria Lúcia Vassalo Namorado. Neste grupo incluímos Fernanda Tasso de Figueiredo que, em Maio de 1956, aquando da passagem do 14º aniversário de *Os Nossos Filhos* resolve promover uma festa para os comemorar e para, ao mesmo tempo, angariar fundos para a revista. Escreve a Adriana de Vecchi para a convidar e, é por essa carta (que existe no *Espólio* de Maria Lúcia Vassalo Namorado) que sabemos do programa previsto, da intenção da festa e das razões que a levam a propor aquela iniciativa: “(...)no mês de junho (...) um grupo de amigos da revista propôs-se comemorar-lhe o aniversário da benemérita e pedagógica existência com festa infantil, a realizar de preferência a 16/6, no *Teatro Monumental*, e cujo produto reverterá a favor da própria revista para acudir-lhe aquelas aflições monetárias inerentes - em Portugal, a todas as iniciativas culturais (...). Um dos sonhos da Comissão organizadora: incluir música pela *Orquestra Infantil da Fundação Musical dos Amigos das Crianças* de que Adriana [de Vecchi] é alma e coração, e ainda narração feita por si de "*Pedro e o Lobo*", interpretado por solistas da *Orquestra Sinfónica Nacional* e bonecos do Pintor Figueiredo Sobral (...)" (Carta de Fernanda Tasso de Figueiredo a Adriana de Vecchi, 28 Maio 1956. Caixa 24. Maço 6). Estariam ainda previstos, de acordo com a informação da mesma carta, quinze minutos de poesia para crianças dita por Eunice Muñoz, ½ hora de ballet pelas alunas da professora Elsa Mastbaum e meia hora de ballet espanhol pelas alunas da professora Célia Gomes.

A festa deveria realizar-se no *Teatro da Trindade* “(...) onde as facilidades e condições foram mais acessíveis (...)” mas não foi possível a narração de *Pedro e o Lobo* porque seria “(...)incomportável para festa de beneficência cujos resultados seriam nulos a ter de pagar(...)” (Carta de Fernanda Tasso de Figueiredo a Adriana de Vecchi, 13 de Junho 1956. Caixa 24. Maço 6).

Em 21 de Junho de 1956, vai a revista promover um *Espectáculo de Arte organizado pela Revista Os Nossos Filhos em comemoração do 14º aniversário da sua fundação*, também no Teatro da Trindade, em Lisboa, às 18 horas (Caixa 24. Maço 6).

Do programa<sup>819</sup>, / *scanner*/com quatro partes, constava uma introdução, “Duas palavras” proferidas pela professora Alice Gomes, a apresentação de alunos da *Fundação Musical dos Amigos das Crianças*, dirigidos por Adriana de Vecchi e Costa e ainda apresentação de números de *Baile espanhol* pelas alunas de Célia Neves. A segunda parte foi preenchida com duas intervenções de ballet executado pelas alunas da professora Luna Andermatt<sup>820</sup> (Brás de Oliveira), uma antes e outra depois da récita de *Poesia para a infância*, por Carlos Wallenstein. Nas terceira e quarta partes houve solos de *Baile Espanhol* e de *Piano*, executados por alunas de Célia Neves e de Maria Luísa Manso (Caixa 24. Maço 6 e notícia e imagens em ONF, Jul. 1956).

### **Homenagem a Maria Lúcia Vassalo Namorado**

Como forma de comemorar o 10º aniversário da Revista *Os Nossos Filhos* foi pensado, por um grupo de senhoras, que a melhor forma de o fazer seria a realização de uma homenagem a Maria Lúcia Vassalo Namorado. Todas as etapas estão pormenorizadamente identificadas no *Espólio* da directora da revista. Este dossiê foi arrumado por uma das dinamizadoras, Fernanda Tasso de Figueiredo que, como arquivista que era no *Grémio dos Vinhos*, tudo guardou numa pasta que ofereceu a Maria Lúcia Vassalo Namorado e que ela, felizmente, também deixou chegar até nós. Estes documentos – onde se incluem as cópias das cartas enviadas a possíveis colaboradoras(es) e o rascunho do programa previsto - estão reunidos numa pequena pasta<sup>821</sup>, atados com uma fita de tecido cinzenta, com laço (Caixa 22. Maço 3). Deles foram extraídos os dados que, sobre essa (gorada) homenagem foi possível recolher. Fora criada uma *Comissão de um grupo de Mães agradecidas à obra educativa de Maria Lúcia*, presidida por Clementina Carneiro de Moura e constituída por Anália Torres, Alice Gomes, Maria Keil, Matilde Rosa Araújo e por Fernanda Tasso de Figueiredo. O primeiro esboço do programa foi o seguinte: “(...) algumas palavras de /João de Deus Ramos/ como presidente Associação dos Jardins referente a assuntos educativos e de puericultura. Leitura de alguns dos melhores trechos da Maria Lúcia.

---

<sup>819</sup> Foram feitos 250 exemplares do programa, em 19 Junho de 1956, na Gráfica Artes e Letras, Lda. (Caixa 24. Maço 6).

<sup>820</sup> A quem foi feita entrevista em *Os Nossos Filhos*. Out. 1956 por Lucinda Atalaia.

<sup>821</sup> Este dossiê tem ainda uma foto de 3 crianças com dedicatória:“(...) Para a sra Maria lúcia um chioração dos amiguinhos Ana Maria, José Carlos, Maria Irene, de 6, 3 e 4 anos /a foto é de 2-6-46 e manuscrtia, tem a data de oferta de/ 24-4-48. Não sabemos a razão desta inclusão no dossiê. Mal colocada? Tem alguma relação com alguma das pessoas contactadas? (Caixa 22. Maço 3).



Algumas canções de embalar, talvez pela /Alice Vieira de Almeida/ mulher do Dr. Vieira de Almeida, poesias portuguesas dos nossos poetas consagrados, alusivas à criança e à maternidade<sup>822</sup> ditas por jovens artistas conhecidas e consagradas. Alguns trechos de música executados por um jovem pianista e talvez por um pequeno grupo da *Juventude Musical* que o (...)compositor Jolly Braga Santos brevemente sublinhará e a oferta à homenageada dum livro de ouro assinado pelo maior número possível de Mães, colaboraodres, leitores compreensivos(...)e um ramo de flores. (Carta de Fernanda Tasso de Figueiredo a João de Deus Ramos. Lisboa. 12 de Maio 1952. Caixa 22. Maço 3). Ainda tinha sido previsto “(...)fazer no salão do Museu João de Deus<sup>823</sup>, no dia da sessão (...)uma exposição dos números saídos da revista *Os Nossos Filhos* do primeiro ao último número saídos e talvez dos trabalhos literários da Maria Lúcia(...)” (Texto de Fernanda Tasso de Figueiredo. Caixa 22. Maço 3).

Além da *Comissão Executiva* já identificada, “(...)aquela que trabalha e organizará todos os detalhes da Festa(...)”, previa-se a formação de “(...) uma grande *Comissão de Honra* (...)onde figurem nomes de pessoas ilustres e de várias profissões, senhoras e cavalheiros(...)” formada por João de Deus Ramos, Emília Sousa Costa, do Porto, Sofia Abecassis, Virgínia Lopes de Almeida, Victor Fontes, Domitília de Carvalho que foi professora de Maria Lúcia, Maria Emília Fernandes de Castro, vice-reitora do *Liceu Filipa de Lencastre*, foi colega de Liceu e é amiga de Maria Lúcia, Ferreira de Mira, Maria Teresa Paulo(...)”(Carta de Fernanda Tasso de Figueiredo a João de Deus Ramos. Lisboa. 14 Maio 1952. Caixa 22. Maço 3).

A “(...)palestra indicada no esboço do programa elaborado seria dividida em três partes: poderia ser dita por uma colaboradora, uma leitora mãe e uma escritora que analisaria Maria Lúcia dentro do ângulo da sua classificação em relação à palestra(...). A escritora poderia ser a Maria Lamas visto que ela melhor do que ninguém conhece a obra de Maria Lúcia e personalidade(...)a Maria, a quem interroguei, receia que a sua actuação numa sessão de propaganda possa prejudicar a Maria Lúcia e a sua revista e o sr. Dr. /João de Deus Ramos/ não ache conveniente que ela fale em público no ambiente neutro do Museu João de Deus por mais neutras e literárias que fossem as palavras que pronunciasse(...) é o que ponho à apreciação de V. Exa, franca e lealmente nos dê a sua

---

<sup>822</sup> Estava prevista a leitura de *O Menino de sua Mãe*, de Fernando Pessoa.

<sup>823</sup> O Dr. João de Deus Ramos havia disponibilizado o salão “(...)para a homenagem comemorativa do 10 aniversário da fundação da revista(...)data? A que a Comissão de "Mães agradecidas" escolher(...)”(Carta a Fernanda Tasso de Figueiredo. Lisboa. 6 Maio 1952. Caixa 22. Maço 3).

opinião(...)e tentar seja o que for que possa prejudicar Maria Lúcia (...)”(Carta de Fernanda Tasso de Figueiredo a João de Deus Ramos. Lisboa. 14 Maio 1952. Caixa 22. Maço 3).

A sessão estava prevista para o dia 28 de Junho de 1952, sendo que os diversos assuntos a tratar deveriam ser distribuídos entre os elementos da *Comissão Executiva*, a saber: “(...) Maria Clementina Carneiro de Moura e Maria Keil tratam do livro ouro a oferecer durante a sessão (...)Matilde Rosa Araújo fala com a Alice Vieira de Almeida por causa das canções de embalar e procura um ou uma jovem pianista(...),Anália Torres encarrega-se de conseguir assinaturas nas Caldas da Rainha, Estremoz, Lisboa (...), /Fernanda Tasso de Figueiredo/ procurarei também assinturas para o livro de ouro no Funchal, em Coimbra (ou D. Virgínia Gersão) e no Porto (dr. António Emílio de Magalhães) possivelmente também em Lisboa e Sertã(...), trato do papel para o livro de ouro com o José Ricardo de Almeida e falo com a Matilde Taveira Santos por causa da *Juventude Musical* e talvez Jolly Braga Santos(...)” (Fernanda Tasso de Figueiredo. Caixa 22. Maço 3).

A organizadora da sessão havia contactado diversas senhoras e outras pessoas passíveis de darem a sua adesão ao programa. Veja-se quem e de que forma respondem as pessoas contactadas (Caixa 22. Maço 3):

Quadro nº:58. Homenagem a Maria Lúcia Vassalo Namorado

Anália Niny Pereira Cardoso Torres	dou minha inteira adesão à homenagem (...) escrevo porque telefonei e meu telefonema não atingiu fim que se propunha	5 Maio 1952
Virgínia Faria Gersão, de Lisboa e Coimbra	desculpe só agora responder mas tinha de pensar (sub) na resposta e não tinha tido tempo para o fazer...exercícios das alunas matam-nos(...)tive de ensaiar a peçazita sobre Timor(...)Domingo palestra em Aveiro e outra em Lisboa, dia 24(...)associo-me porque admiro-a como Mulher e como Mãe(...)consagro-lhe amizade bem sincera(...)sabe que qualquer professora liceal, o mês dos exames, que o impede, <u>absolutamente</u> de sair do local onde ensina(...) nem ele o pode fazer nem o Reitor lho permitia(...)resta esperança que seja em Junho(...)	13 Maio 1952
Alice Gomes de Casais Monteiro	telefonei para um número que sendo o seu mas descobri que era de uma drogaria...(...) ainda bem que veio o seu postal não posso aprezer na 2ª feira(...) conte comigo para a festa da Maria Lúcia (...); ela merece tudo o que poderá ser esse tudo? Resolvam e digam, sua camarada(...)	s.d.
Dalila Passos de Freitas Pereira, Funchal		
João de Deus Ramos	tenho o mais elevado apreço a obra de propaganda educativa e literária de D. Maria Lúcia (...)	6 Maio 1952
Jolly Braga Santos		

Alice Vieira de Almeida		
Matilde Rosa Araújo		
António Emílio de Magalhães, do Porto		
José Ribeiro dos Santos do <i>Diário de Lisboa</i>		
Matilde Taveira Santos	/sugestões para o programa/: <i>Juventude Musical</i> , Delegados-à sessão- da Nestlé, Instituto Pasteur, etc.  Um <i>livro de ouro</i> assinado pelo maior número possível de Mães, colaboradoras e leitores compreensivos a entregar à homenageada durante a sessão(...)	
Maria Clementina Carneiro de Moura Manta		
Maria Keil		
Matilde Rosa Araújo		
Alice Viera de Almeida		
Maria Barroso		
Cecília Guimarães <sup>824</sup>		
Maria de Lurdes Norberto <sup>825</sup>		

Em 19 de Maio de 1952 já Fernanda Tasso de Figueiredo havia desistido da iniciativa pois soubera da oposição de Maria Lúcia Vassalo Namorado a semelhante ideia. Por essa razão e para lhe mostrar o que havia sido já feito, oferece o dossiê com todas as etapas já realizadas à directora da revista, acrescentando os nomes das pessoas que teve de avisar (Carta de 19 Maio 1952. Caixa 22. Maço 3).

No dossiê também estão as cartas<sup>826</sup> que Fernanda Tasso de Figueiredo enviou a

<sup>824</sup> Tem adiante:“(…) declamadora, actriz com Curso Superior do Conservatório e uma época no Teatro Nacional(…)”.

<sup>825</sup> Tem adiante:“(…) declamadora, actriz do Teatro Nacional /no verso do cartão de visita de/ Maria Luísa Gomes Caballero de Abranches Liz, Lisboa(…)”.

<sup>826</sup> O mesmo texto em carta para Dalila Passos de Freitas Pereira, mãe de Maria Lyra Pereira (Keil do Amaral) e José Ribeiro dos Santos do *Diário de Lisboa*, datada de 17 Maio 1952; outra a Joly Braga Santos, na mesma data e conteúdo idêntico. Do mesmo dia são também as cartas que envia a Alice Vieira de Almeida, João de Deus Ramos e Maria Barroso, Cecília Guimarães, Maria de Lourdes Norberto, com conteúdos semelhantes, respectivamente dizendo: “(…) Pela Matilde Rosa Araújo recebi sua simpática e

informar as(os) apoiantes da não realização da homenagem pois “(...)...infelizmente por uma incofidência(...) Maria Lúcia soube da surpresa que se lhe preparava fazer no salão do *Museu João de Deus* e opôs-se terminantemente alegando que o aceitar essa pública manifestação de apreço seria, para a sua maneira de ser, como que a negação de toda a sua obra bem intencionada de modéstia e simplicidade(...)houve que desistir(...)a ideia ficou e como recordação dela(...)oferecerei à Maria Lúcia o dossier de todas as diligências efectuadas(...)é pouco para o que se deseja(...)” (Carta de Fernanda Tasso de Figueiredo a Virgínia Gersão. Lisboa. 19 Maio 1952. Caixa 22. Maço 3).

Depois de tudo terminado é Fernanda Tasso de Figueiredo que, quando lhe envia este dossiê, esclarece Maria Lúcia Vassalo Namorado sobre como tudo fora organizado: “(...) todos os dias tenho querido mandar-lhe isto tudo(...)queria tb dizer-lhe uma coisa em que nunca toquei porque, como me pedira segredo, achei que não devia falar. Agora que já puseram todos os pontos nos iii, tenho que posso e devo esclarecer tudo para que a Maria Lúcia não imagine que me quis enfeitar com penas de pavão que me não pertenciam(...)a ideia da festa que lhe preparava não foi minha como já lhe disseram: eu não tenho o hábito dessas coisas(...)antes de começarmos a trabalhar a Maria /Lamas/ contou-me a ideia que tivera e lhe podia ser útil a si e revista mas que ela não podia nem devia pôr em prática por várias razões das quais principais serem o ser sua prima e poder parecer que era uma estrangeirinha familiar e, ainda pior que isso, a sua situação política que podia ser-lhe prejudicial o que ela por forma alguma não queria(...)e perguntou-me se não me interessaria lançar o movimento(...)disse-me, depois, a Maria /Lamas/ que o 1º lançamento da ideia partira ainda mais da Maria Cesarina /de Castro/ do que dela própria e fora coadjuvada pela Anália Torres(...)pena que não tivesse deixado ir esta iniciativa(...) seu filho mais velho é da minha opinião como me disse uma noite em que, telefonicamente, conversámos(...)você lá sabe as linhas com que se cose(...)”(Carta de Fernanda Tasso de Figueiredo a Querida Maria Lúcia. Lisboa. 24 de

---

compreensiva adesão à festa de homenagem à Maria Lúcia(...)cantando as suas mimosas canções de embalar(...)mas Maria Lúcia pediu pelos santinhos que não fizessemos tais manifestações públicas(...)pena de não poder apreciar mais uma vez a sua linda voz e o seu esplêndido reportório(...)”. Para o segundo tem:“(…) nada se poderá realizar por formal imposição da indigitada(...)é pena pois o programa já estava quase completo e preenchido por elementos d e valor como a D. Alice Vieira de Almeida, com as suas mimosas canções de embalar e 3 jovens declamadores, Maria Barroso, Cecília Guimarães e Maria de Lourdes Norberto que teriam a seu cargo a parte poética além de contarmos ainda com a colaboração duma boa pianista(...)a ideia que podia ser útil à Maria Lúcia(...)”; Para as declamadoras escreve:“(…)teve de ficar sem efeito o projecto de homenagem à Directora da revista *Os Nossos Filhos* que teria lugar dia 28 Junho no acolhedor e espiritual ambiente do *Museu João de Deus*(...) seria o ruir dos seus princípios de simplicidade e modéstia que falsearia, aceitando-a (...)” (Caixa 22. Maço 3).

Maio 1952. Caixa 22. Maço 3).

Num outra tentativa de a ajudarem, Fernando Tasso de Figueiredo refere que:“(...) em 18 de Maio fui procurada pelo Dr. António Emílio de Magalhães que vindo a Lisboa, resolveu dar-me a sua resposta pessoalmente(...). Sabendo da sua formal oposição a ela, concordou em que devia ter razão(...) e propôs, pela sua parte, fazer-lhe o máximo de propaganda possível através dos 6000 volumes da próxima emissão da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social*(...)” (Carta de Fernanda Tasso de Figueiredo a Maria Lúcia Vassalo Namorado. 19 Maio 1952. Caixa 22. Maço 3), nas quais enviou uma circular de propaganda à revista, como concluímos da leitura da correspondência que, entre António Emílio de Magalhães e Maria Lúcia Vassalo Namorado existe no *Espólio* desta última.

Uma outra forma de intervir na formação das mães foi a criação, pela directora de *Os Nossos Filhos*, da *Escola de Noivas e Donas de Casa*, uma outra forma de estar presente, mas menos visível e sem espavento, na formação feminina.

### ***Escola de Noivas e Donas de Casa***

Um dos assuntos que mais preocupa Maria Lúcia Vassalo Namorado é o da (falta de) formação das raparigas e das mães para a missão de mães de família. Desde o primeiro número de *Os Nossos Filhos* que tal referência é feita. Para se apoiar em autora consagrada, a directora da revista vai citar as *Cartas a uma noiva* de “(...) uma escritora admirável (...)”, Maria Amália Vaz de Carvalho: “(...)Mãe nenhuma devia dar sua filha sem saber bem a que espécie pertence ao homem a quem a entrega....”(ONF, Jun. 1942). Maria Lúcia Vassalo Namorado acrescenta que “(...) Mulher nenhuma devia casar sem conhecer os problemas que a esperam no casamento, especialmente o que respeita à sua missão de mãe. Se a médica, a advogada, a professora, não podem exercer a medicina, a advocacia, o professorado, sem o diploma comprovativo(...)se a costureira e a criada, para serem admitidas ao serviço duma família, têm de /dar referência/ por ser a missão da mãe, sem dúvida a mais delicada, subtil, e complexa, porque se não cuida de a ensinar às raparigas?(...). As noivas deviam cursar um especialmente criado para resolver os problemas que no casamento as esperam fatalmente, e entre quais avulta, pela sua dificuldade, transcendência, larguíssimo alcance, o da educação dos filhos? Nalguns países há escolas onde as raparigas de qualquer categoria social aprendem tudo o que à mulher interessa dentro do lar (...)”.”(ONF, Jun. 1942).

É esta a introdução que precede o seu propósito de educar as mães, todas as mães: este o objectivo que tem ao criar a sua revista. Para o concretizar irá, mais tarde, criar uma escola: a *Escola de Noivas e Donas de Casa* que, aliada a *Os Nossos Filhos*, aos seus ensinamentos, funcionariam como dois pólos de um só fim: o da educação adequada das mães para bem educarem as crianças. Este propósito está magistralmente descrito logo neste primeiro número da revista. Oíçamos como:”(...) Fazer a educação das mães, mas de todas as mães, não somente das mais ignorantes, das que não sabem, sequer, lavar e os filhos; também daquelas que, senhoras duma cultura mediana ou mesmo acima da mediana, não sabem, todavia (...) porque ninguém as ensinou e não nasceram educadoras. Educar crianças, orientar adolescentes, formar homens e mulheres sadios, úteis e honestos, erguê-los acima da mediocridade, é, sem dúvida, difícil. Exige um esforço atento e constante, muita paciência, muita compreensão, muita subtilidade, muita prudência, muito tacto. Para ser boa educadora não basta ser mãe carinhosa é; dotada da melhor vontade de acertar. Saber educar pode ser algumas, raras vezes, um dom natural, como a inteligência e a formosura; mas, quase sempre, é uma arte, uma ciência que se não possui(...) Indispensável que as mães, todas as mães, dentro dos limites da sua cultura e do seu meio, adquiram essa ciência (...) Maternidade - dever de velar desenvolvimento fisiológico das vidas a que deram vida...mas que lhes cumpre, também, moldar, corrigir, orientar, tornar mais belos e mais perfeitos, o coração, o espírito e o carácter que hão-de nortear essas vidas. Mãe, a mulher presta à Nação um serviço inestimável (...)do bom cumprimento desse dever (...)a valorização da colectividade e a elevação do seu nível moral. Nem todos podemos ser inteligentes, notáveis, ilustres, grandes personalidades — e bom é que assim seja, para se manter o equilíbrio que desde sempre tem regido o mundo(...). Mas todos podemos ocupar com dignidade o nosso lugar, por muito modesto que seja(...). Honrar o sexo a que pertencemos, a profissão que abraçamos, a terra em que nascemos(...)a valorização do indivíduo se torna extensiva a todas as classes, e que o dever de bem educar abrange todas as mães. Educar! Que melhor sentido pode a mulher dar à vida? A mulher é, por índole, adoradora da Beleza (...)” (ONF, Jun. 1942).

A apreciação dessa escola para mães – a *Escola de Noivas e Donas de Casa* - será feita neste capítulo do presente estudo. Veremos como se vai desenhando a ideia e que currículo terá. Da sua importância em *Os Nossos Filhos* também nos dão conta os inúmeros anúncios a ela feitos nas páginas da revista ou o enorme volume de cartas e

documentos<sup>827</sup> do *Espólio* sobre este assunto.

Nos anos 40 muitas eram as vozes que defendiam que a formação das raparigas para o casamento, do ponto de vista da saúde, deveria passar pela criação de um atestado ante-nupcial para se saber ao certo se os cônjuges não têm doenças que possam prejudicar a harmonia do casal (ONF, Abr. 1943).

No que diz respeito à educação das raparigas para a futura missão de senhoras casadas e de mães, a revista recomenda a leitura de *Cartas a uma Noiva* de Maria Amália Vaz de Carvalho pois as raparigas devem meditar “(...) nos seus grandes ensinamentos(...)” para que não “(...)vão para o casamento sem preparação necessária e sem a consciência, sequer, das responsabilidades que tomam (...)” (*Maria Clara, Maria Fernanda, Maria da Luz*. ONF, Abr. 1943).

Para que as filhas possam ser boas donas de casa e boas mães devem ser ensinadas antes de casar; para tal, cada uma não deve “(...)casar sem estar apta a governar a casa e cuidar das crianças(...)saber um pouco de psicologia, possuir noção exacta das responsabilidades que a esperam e aceitá-las com alegre e firme coragem(...).Enquanto não dispomos de Escolas de Noivas (...)façam mães de suas casas verdadeiras escolas (...)dêem exemplo, com conselhos da vida aliada ao bom senso lhes hão-de inspirar, e com boas leituras os ensinamentos que as ajudarão a triunfar (...)” (ONF, Maio 1943). Mais uma vez, é no livro de Maria Amália Vaz de Carvalho (já citado) que as mães podem recolher muito do que precisam para cumprir essa missão de educadoras das filhas. Eis alguns dos ensinamentos que aquela educadora preconizava no seu livro e que Maria Lúcia Vassalo Namorado ali vai buscar, para transcrever em *Os Nossos Filhos*: “(...) Não julgues que o amor de teu o marido será sempre o que é hoje, nem consideres como uma festa ininterrupta e voluptuosamente alegre a vida que se desdobra diante do teu inexperiente olhar(...)Serás feliz se não pedires à terra senão o que ela tem: dias de sol e dias de nevoeiro( ...)Tens muito que sacrificar para colheres o prémio dos teus sacrifícios (...). Pensa que o homem que é hoje o companheiro da tua vida, tem ideias diversas das tuas; uma noção da vida que não podes partilhar(...), o teu organismo feminino, mais delicado e melindroso, mais tímido e hesitante, menos capaz de alar-se às abstracções e às alturas do pensamento ou do sonho(...)Sê pois, antes de tudo, solícita no desejo de entendê-lo para nunca o contrariar, embora o não possas

---

<sup>827</sup> Como referimos no capítulo um deste estudo, o dossiê n.º 10 se bem que identificado pela família, nunca chegou a integrar o *Espólio* depositado na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, em Lisboa.

acompanhar sempre. Naquelas coisas fundamentais em que o homem e a mulher precisam de formar um ser uno, pede-lhe que te instrua e elucide, não para o combateres, mas para te harmonizares com ele. É necessário que tu e ele tenham a mesma espécie de convicções, pelo menos à mesma sinceridade nas convicções comuns(...)a respeito da moral, da economia doméstica, da educação dos filhos que hão-de vir, das relações com a sociedade — isto é, com o meio exterior — da maneira de entender a dignidade individual, a vida doméstica, etc., etc., tenham absolutamente a mesma ordem de noções e de ideias. ...Se tu gostares do mundo, e ele detestar a convivência; se tu adorares o luxo, e ele tiver somente a ambição de uma mediania honrada; se as suas ideias sobre a educação forem racionais e as tuas empíricas; se ele julgar que não leve sacrificar a sua integridade moral ao bem estar exterior e tu pensares o contrário, e lhe lebares a mal a sua abstenção e a sua austeridade; — então, minha filha, está fatalmente roto o laço moral que vos prende, e, finda a ilusória festa do vosso juvenil instinto amoroso, tudo terá acabado para vós neste mundo (...)” (ONF, Maio 1943).

Esta dolorosa constatação tinha-a feito Maria Lúcia Vassalo Namorado com o seu próprio casamento. Por esta razão, ela vai usar todos os argumentos de que dispõe para chamar a atenção das raparigas para os ‘males’ que podem advir da sua falta de reflexão antes do casamento. A tristeza que normalmente coloca neste tipo de conselhos assim como a sua permanente insistência neles prova-nos que este era um dos assuntos que mais a preocupava na educação das futuras mães.

Quando escreve os livros *A Mulher dona de casa* ou *Joaninha quer casar* a directora de *Os Nossos Filhos* tem já em vista a enumeração de um conjunto de princípios que as mulheres devem conhecer para melhor cumprirem as suas funções de mães e donas de casa. Ela nunca esqueceu a ideia de Maria Amália Vaz de Carvalho: “(...) abrem-se escolas para médicos, sacerdotes, matemáticos, só não há uma escola das mães! (...)” (Carvalho, 1880. p.245).

A *Escola de Noivas e Donas de Casa* de Maria Lúcia Vassalo Namorado, nos moldes em que foi gizada, era única à época. Ela mesma o dirá quando em 1950, escreve a Aníbal Seixas, do *Diário de Luanda* e lhe dá conta de que oito anos antes criara a revista *Os Nossos Filhos* “(...) Este ano, fundei a primeira *Escola de Noivas e Donas de Casa* do nosso país, com cursos de *Puericultura*, *Socorros de Urgência*, *Economia Doméstica*, *Culinária*, *Higiene Alimentar*, *Psicologia*, *Corte e Costura*, *Rendas e Bordados* e *Malhas* (...)” (Carta de Maria Lúcia Vassalo Namorado. /8 Jun. 1950/. Caixa



29. Maço 3) num total de nove cursos, se bem que ainda não estivessem todos a funcionar. Em 22 de Fevereiro de 1950 Maria Lúcia Vassalo Namorado oficializa a sua escola e manda fazer 50 exemplares de anúncios<sup>828</sup> /scanner/ que, como era obrigatório, entrega na Repartição de Finanças. A circular que redige em 27 de Março de 1950 e que assina como “(...) A Directora da *Escola de Noivas e Donas de Casa*(...)” (Caixa 12. Maço 3), refere que “(...) acaba de abrir em Lisboa a primeira *Escola de Noivas e Donas de Casa* (...) como o seu nome indica tem por fim dar às Noivas e às Donas de Casa aquela soma de conhecimentos indispensáveis para que a mulher possa desempenhar no Lar, com perfeita consciência e a máxima competência, a sua difícil, complexa e delicada missão(...)”. Nesta circular informa-se ainda que estariam previstos outros cursos de “(...) Higiene Alimentar e Culinária, Psicologia, etc.(...)”.

Apesar de ser dada como única, muitas tentativas de criação de instituições semelhantes passam, antes desta data, pelas páginas da revista: concretamente na área de *Corte e Costura* há inúmeros anúncios em *Os Nossos Filhos* que passamos também a referir e que tinham um objectivo semelhante:

Na Quinta da Cardiga da família Sommer, orientada pela “(...) assinante Albertina Duarte Braga Rodrigues e destinada exclusivamente às filhas dos criados da Quinta(...)” fora fundada a *Escola de Donas de Casa da Sagrada Família*, para realizar a educação doméstica destas raparigas (...) /havendo/ uma turma de cozinha que prepara refeições(...) a as restantes aprendem corte, costura, bordados, sem a menor despesa para elas ou suas famílias(...)” (ONF, Jul. 1944).

Sobre outras escolas de áreas e cursos afins aos que Maria Lúcia Vassalo Namorado irá criar na sua *Escola de Noivas e Donas de Casa* a revista menciona também alguns antes mesmo da criação daquela *Escola* da directora da revista.

O quadro seguinte mostra-nos as áreas, as orientadoras e os Cursos anunciados em *Os Nossos Filhos* antes (e depois) da abertura da *Escola de Noivas e Donas de Casa* da revista.

Quadro nº59. Escolas afins à *Escola de Noivas e Donas de Casa* em *Os Nossos Filhos*:

Identificação	Descrição	Fonte
---------------	-----------	-------

---

<sup>828</sup> Foram feitos na Oficinas de S. José, a Campo de Ourique, com indicação de que os cursos eram “(...) completos, rápidos e económicos(...)”. Havia cursos de Corte e Costura, rendas e bordados, Malhas, Economia Doméstica, Puericultura e Socorros de urgência com “(...) professoras competentíssimas(...)” (Caixa 12. Maço 3).

Ália	Minhas sras, auxiliai vossos maridos! Tornai-vos independentes. Aprendei a bela arte de corte e costura...escola oficialmente registada e dirigida por 2 professoras diplomadas. Ateliê de alta costura e bordados à máquina. Aulas diurnas e nocturnas. Rua dos Anjos, 21- 3º Esq. Lisboa	ONF, Set.1944
Lucinda de Castro	Escola de corte e confecções Cursos ilimitados. Alta, Costura e Bordados. Praceta Ajardinada, n.º ,7, 2.º-Esq.º USBOA (Avenida Almirante Reis). Eléctrico, do Areeiro	06-1945
Paixão	Escola de Corte, costura e Bordados. A Escola indicada para vossas filhas pois ali encontrarão uma habilitação completa. Av. Almirante Reis, 58. 3º Esq. Lisboa	02-1945
Sereira Amzalak	Rua de S. Bernardo à Estrela, 108, 2º andar foi inaugurado em 20 de Março passado o 1º <i>Curso de Tecelagem Doméstica, interessante</i> iniciativa(...) de, diplomada pela Universal Handicraft' s School de Nova Iorque.	04-1948
Sereira Amzalak	Acaba de fundar um «Curso de Tecelagem Doméstica», que tão grande interesse tem alcançado, está na disposição de ir ao Porto, ainda antes do fim do ano, dar uma série de lições. Facilitando assim enormemente a aprendizagem das senhoras do Norte. Como as nossas leitoras sabem, pela reportagem publicada num dos nossos últimos números, o «Curso» tem grande interesse artístico e económico, pois permite a, qualquer senhora fazer os mais variados tecidos em sua casa. Achamos conveniente que as nossas, leitoras do Norte, a quem o assunto possa interessar, se ponham desde já em comunicação com (...) Sereira Amzalak(...)	09-1948
ESCOLA DE CORTE DE Maria das Dores	Todas as senhoras devem saber fazer os seus vestidos. Habilidade-vos na moderna—Curso Esc. 300\$00 Rua Filipe Folque, 10, 2.º dto — L'SBOA	06-1949 e Julho 1949
	Largo de D. Estefânia, 8 2º Dto Tel. Cursos de Corte, Alto Costura, Chapéus, Bordados artísticos à mão e à máquina, Plissados — Cursos especiais de Corte por correspondência para as províncias, Ilhas e Colónias. Moldes — Corte e Prova — Confecções	12-1950
Instituto Nacional de Corte	Corte, Alta costura e Bordados Cursos, práticos — Execução rápida — A mais moderna é perfeita organização,—Cursos por correspondência para alunas da província. Avenida Madrid, 25 1º esq. (ao Areeiro, Lisboa)	03-1951
Benilde Santos	Escola de Corte, Alta Costura, Bordados, Chapéus, Penas e Flores. Rua do Olival, 74, 1º. Executam-se confecções, fazem-se moldes com à máxima perfeição. Exª Senhora: não deixe - de, .preparar o seu futuro e o de seus filhos. Matricule-se hoje mesmo nesta Escola. Cursos diurnos, e nocturnos. Preços populares.	03-1951, Maio 1951, Jul. 1951, Out. 1951
MARIA	Mário Pinto L.da Com Ateliê de Costura, dirigido. Rua Arco do Bandeira,	05-1951

ADELAIDE, dirige ateliê de costura	139 3º dto	
Luso Futebol Clube do Barreiro	foi uma exposição de trabalhos de costura e bordados (...) tem duas secções: uma desportiva e outra cultural e esta...mantém para sras família de sócios um Curso de Corte e Costura e outro de bordados artísticos manuais	05-1951
Maria Salete	Escola de Corte e atelier de Alta Costura Cursos .de corte, Costura, Chapéus, Bordados artísticos à .mão e à máquina, Plissados, Corte e Provas Moldes Av. 5 de Outubro 145 1º Dto Lisboa	07-1951
	TRICOT Ensina-se e aceitam-se encomendas. Enxovais de bebé. Vestidos práticos e toilette. Largo do Rato 4, 3º Tel...	12-1951
Instituto de Corte llda Nunes	Largo D. Estefânia, 8 2º dto	01-1952 e 05-1952
Instituto de Corte llda Nunes	Cursos de Corte, Alta Costura, Bordados artísticos à mão é à i máquina e Plissados. Cursos especiais de corte por correspondência pára ai Província, Ilhas c Colónias. Habilitações para Professoras de Corte. Moldes — Corte e prova — Confecções.	05-1955, 12- 1955, 01- 1956, 02- 1956
Mª Clementina Carneiro de Moura, prefácio e autora <sup>829</sup>	Bordados tradicionais de Portugal Livro de 58 páginas de esplêndido papel e uma capa colorida de encantadores e variados desenhos. Contendo as mais belas fotografias de lindos trabalhos de todos os géneros, com as correspondentes instruções para executar e dos materiais a empregar Este livro Q que toda g crítica se referiu elogiosamente,, tem constituído uma ambição de todas as Senhoras que gostam de Bordados, pois pelas suas páginas de quanta fantasia tem sido capaz q imaginação da Mulher desde remotos tempos. Bordados sobre Tule, o Ponto de Cadeia, de Viana do Costeio, da Ilha de S. Miguel, lê Cadeia e Crivo, de Castelo Branco, em Ponto de Cruz, das Caldas da Rainha, de Guimarães, de Tibaldinho, da Ilha Madeira, a Matiz, de Nisa, etc., Na página 58, exemplos de : Ponto de Coroa, Ponto de Formiga/ Ponto Triangular, Ponto Aberto (Tibaldinho), ..Única obra no género até hoje Editada em Portugal Prefácio da Autora. Edição da COMPANHIA DE LINHAS ÇOATS & CLARK, LIMITADA Porto Rua Duque de Loulé, Lisboa Avenida da Liberdade, 69,1ºpara onde podem ser endereçados todos os pedidos acompanhados do CUPÃO junto PREÇO: ESC 45\$00	01-1952
HELENA COSME	Escola de Corte COSTURA PLISSADOS CHAPÉUS Rua da Creche, 19 3º Esq. Lisboa Ensina-se a apanhar malhas	02-1952, 03- 1952, 4-1952

<sup>829</sup> Este livro encontra-se no Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado guardado na Biblioteca Municipal de Torres Novas: *Bordados tradicionais de Portugal*. Porto : Companhia de linha Coats & Clark, [1950?]. - 58 p. 1 pasta, (3 fascículos). 27 cm.

		e 05-1952
Sereira Amzalak	3 anos que fundou Curso de Tecelagem Doméstica...exposição com carteiras, chapéus, sapatos	01-1952
Alda Bordallo Pinheiro Lopes de Mendonça	Na mesma sala rendas e bordados de...(...) rendas desenhadas	01-1952
Escola CÉLITA	deseja aprender? Corte e costura, chapéus e bordados - Faça uma experiência grátis na (...) onde pode aprender por preços módicos com .diploma Rua da Boa Vista, 46- 4º Esq. Tel...Frente Companhia do Gás	03-1952

A listagem que acabamos de consultar mostra-nos que o *Instituto de Corte Ilda Nunes* criará a sua escola por correspondência só em 1955, quando Maria Lúcia Vassalo Namorado o fará, como veremos, ainda em 1950/51.

Como referiremos ao apreciar a formação das *Criadas de servir*, há leitoras da revista cujas cartas nela são publicadas que, desde 1946, reflectem sobre a necessidade da criação de escolas para ensinar as raparigas a tomar conta de crianças. Essa ocupação era aconselhada de preferência, às “(...)mulheres ricas que levam uma vida ociosa (...) Mulheres desiludidas do mundo (...) enojadas de tudo, que não vêem uma finalidade na vida(...)”. Se elas quisessem, essas senhoras ricas cujos “(...) dias não têm fim (...) poderiam “(...) “(...) endireitar o mundo(...) /e dedicar-se à / organização, duma «Escola de Criadas de Meninos». Podia ser boa para tantas Mães! (...)”. Depois dessa preparação para serem boas esposas e boas mães, “(...) enquanto o casamento não aparece (...) Se em vez de, andarem horas e horas à caça do príncipe encantado, dessem umas horas de trabalho em creches e escolas infantis. Habitando-se a tratar dos seus futuros filhos, ajudando a educar os das outras (...)” (Mónica, ONF, Dez. 1946), talvez o mundo pudesse ser bem melhor.

Neste mesmo ano, Maria Lúcia Vassalo Namorado recebera, como vimos, uma carta do general Ferreira Martins, Vice presidente da *Cruz Vermelha Portuguesa* em que este lhe enviava um artigo intitulado *Éducation Familiale, une école de préparation...au mariage* no qual se referia que “(...)na Bélgica, o grupo *Parents et Enfants* da *Action Familiale* organizara conferências e círculos de estudos(...) e na América, no Massachusetts, foi anexada a secção especial de preparação para o casamento no colégio feminino Mount Holyoke (...) com cursos de dietética e psicologia, ilustrados com o desenvolvimento da criança (...)com trabalhos práticos em jardim de infância anexo(...)não se temeu de anexar esta escola de casamento a um estabelecimento de ensino superior(...)” (Carta 20 Out. 1946. Caixa 24. Maço 5).

Na revista também se insiste na ideia de que era preciso defender a criança “(...)sobretudo de mães ignorantes e de cérebros atafalhados de crendices, que só servem para originar desastres e infecções, por vezes fatais, e que tanto dão que fazer aos médicos(...) /explicando que/ Todos os conhecimentos de puericultura que se possam dar às mães são poucos, se constataremos quantos erros e até violências estão sujeitos(...)toda a grávida devia ser obrigada a receber instruções de puericultura, exemplificadas, para melhor compreensão de tudo que represento tratamento das crianças(...)” (ONF, Fev. 1947).

Como referiremos ainda em *Criadas de servir*, também uma leitora, assinante de sempre, Maria Cecília Dias Bérrio aventara a hipótese de se criarem escolas para o serviço doméstico (ONF, Dez. 1947). Tal como os anteriores, também o texto de Maria Henriques Osswald aponta no sentido da criação de uma Escola de Mães:“(...) Não seria preciso um curso de anos de estudo. Bastariam meses. Esses cursos de preparação para a futura mãe deveriam ser dirigidos por professoras formadas na experiência da vida, mulheres cultas, de coração, mulheres de inteligência e boa vontade, capazes de ensinarem à futura mãe qual a forma de fazer face aos perigos que tanto ameaçam a alma e o cérebro das crianças, dos adolescentes, dos homens e das mulheres de amanhã. Parece-me este curso uma das maiores necessidades do nosso tempo, e não seriam necessários muitos meses de estudo(...) Dentro do espaço do tempo, exigido para confeccionar um enxoval, ministrar-se-ia à noiva o conhecimento, pelo menos a intuição dos deveres à sua espera. Nesse curso ensinar-se-ia a filosofia da história da experiência far-se-ia o elogio das mães, que mereceram, as mães que honraram o cargo sublime, sobretudo seriam claramente expostas as directrizes práticas da educação. E, nenhuma mulher deveria pensar em casar sem ter frequentado o curso das futuras mães. O resultado não seria idêntico em todas as alunas, por certo, mas, onde o curso de igual aproveitamento para todos os ouvintes? Nem por isso a necessidade de semear acaba(...) (ONF, Fev. 1948).

A partir de meados de 1944 há anúncios em *Os Nossos Filhos* que mais não fazem do que chamar a atenção das mães para a necessidade de educar as filhas para as tarefas de uma dona de casa, dizendo. “(...)Mães! Fazei das vossas filhas boas donas de casa! Contribuireis assim para a sua futura felicidade! (...)” (ONF, Jul. 1944).

No mês seguinte há uma extensa informação sobre o *Curso de Donas de Casa* que abria no *Instituto de Serviço Social*, no Largo do Mitelo, n.º 1, em Lisboa. Ali se iniciara mais um *Curso de Educadoras familiares* (ONF, Ago. 1944). Há diversas

referências a este Curso e Escola em *Os Nossos Filhos*, referindo-se a abertura de inscrições e explicando o que é o Curso:“(...) destinado a raparigas que desejem, aperfeiçoar a formação de futuras donas de casa, esposas e mães, Curso que é aconselhável, dum modo especial, as noivas. As matérias nele ensinadas são as seguintes: Cozinha, corte e confecção de roupas para criança e senhora; Arranjos de casa, Noções de puericultura e enfermagem caseiras; Palestras acerca do papel da mulher — esposa, mãe e dona de casa (...)” (ONF, Nov. 1944).

Já depois desta *Escola de Noivas e Donas de Casa* de Maria Lúcia Vassalo Namorado estar a funcionar, entre 1956-60, mas agora por iniciativa das *Casas do Povo*, foram-se desenvolvendo Cursos de *educação familiar* ou *doméstica*, num total de 97 cursos, número manifestamente insuficiente para educar *todas* as raparigas (Melo. 2001. p. 181. Quadro 6).

Os anúncios à *Escola de Noivas e Donas de Casa* (ENDC) de *Os Nossos Filhos* são apresentados com um texto mais longo e específico do que os de outras escolas anteriormente mencionadas.

O primeiro anúncio à *Escola de Noivas e Donas de Casa*(ONF, Maio 1948) menciona apenas o curso de *Bordados* e outro de *Tricot*. Logo aí se pretendia proporcionar alojamento às alunas que, da Província, se deslocassem a Lisboa para os frequentar. A ideia de iniciar estes curso é apresentada por Maria Lúcia Vassalo Namorado como tendo partido das senhoras que à revista se foram dirigindo nesse sentido. Na verdade, no Espólio encontramos a carta de Maria Lopes Fragoso, sob pseudónimo *Coccinela*<sup>830</sup> que, ao responder a um inquérito que a revista lançara (e que veremos neste subcapítulo) considera que o que “(...) falta na nossa revista é um curso de corte, ensinando ao menos a cortar e confeccionar vestidos para os nossos bebés pois todas as mães gostam de vestir a seu filhinho uma peça de vestuário feita pelas suas mãos (...)” (Carta de Lourenço Marques. 6 Set. 1949. Caixa 7. Maço 3).

Por essa razão, ela estava “(...)estudando a forma de proporcionar às nossas leitoras Cursos práticos de trabalhos manuais e domésticos. Esperamos poder brevemente organizar, cursos de culinária, e economia doméstica, de corte e costura, de «tricot», de bordados, de rendas, e de arte aplicada. A nossa ideia é organizar cursos rápidos, económicos, e completos, destinados especialmente às noivas e às jovens, donas de casa (...). O número de alunas será forçosamente limitado e as Professoras escolhidas entre as

---

<sup>830</sup> Muito semelhante ao de Maria Joana Mendes Leal (cf. Castro e Esteves, 2005).

de maior competência. Desde já se aceitam, inscrições, e dão-se todos os esclarecimentos (ONF, Jun. 1948).

Se por um lado, há senhoras que propõem cursos, outras há, como Eduarda Mattos ou *Clara do Prado* que, depois de já estar a orientar um “(...) *Aviário de Selecção de Raças Puras de Galinhas*, em Castelões, desabafa com a directora da revista quando esta última lhe fala “(...)no Curso de Noivas e Donas de Casa. Eu acho-a uma obra de grande utilidade para toda a mulher em especial para a que vive na aldeia, mas esta gente não se interessa. Se têm possibilidade mandam as filhas para a cidade, estudar e aprender - se têm dificuldade, não têm dinheiro e economizam tostões. Já se quis instalar agregados à Escola para ensinar trabalhos de mãos e costura- Não pega. As diferentes classes sociais são representadas por poucos elementos. Há as políticas locais que as separam. As professoras estão mortas por acabar as aulas e voltarem a casa, tratar dos filhos, marido e terras. Já estão demasiado sobrecarregadas com as aulas extraordinárias que têm que ter para os desemburrar suficientemente para fazerem exame (...)” (Carta de 5 Jun. 1953. Caixa 41. Maço 2).

Outras cartas em que as senhoras pedem informações sobre questões de bordados, costura ou mesmo culinária<sup>831</sup> devem ter levado Maria Lúcia Vassalo Namorado a mais se convencer da necessidade da sua *Escola*.

As páginas da revista *Os Nossos Filhos* vão ser o local privilegiado de propaganda à *Escola de Noivas e Donas de Casa*. Vejamos os anúncios mais importantes que sobre ela e a partir de 1948, ali são divulgados e que, por diversas vezes, chegam a ocupar uma página inteira:

Quadro nº60.: Anúncios a *Escola de Noivas e Donas de Casa* em *Os Nossos Filhos*:

ENDC	Descrição	Fonte
	Tire um dos seguintes Cursos e ficará habilitada a ganhar muito, dinheiro em sua casa: CUR S O DE B O R D A D O S 'Ensino completo de todos os pontos e géneros; bardado a branco, a	05-1948

<sup>831</sup> Sob o pseudónimo de *Cozinheira novata* há uma senhora que, da Curia, pede que a ensinem a fazer "arroz solto" e tudo o que se refere com arroz. Pede informações sobre especiarias. Faz perguntas sobre alcachofras, aipo e outros. São 16 páginas só com interrogações sobre culinária e cozinha, dos mais variados produtos, animais e modos de confecção. Trata-se de uma total ignorante na arte culinária, como ela refere (Caixa 63. Maço 1).

	cheio, a matiz, de fantasia, de aplicação; crivos, bainhas abertas, tules, acolchoados; , franzidos; Arraiolos, Smirna a lã, seda, palha, missanga, lantejoilas, ouro, etc. CURSO DE «TRICOT» (Execução completa de: Blusas, camisolas, casacos, vestidos, roupas de bebé, meias, luvas» cintos,, etc.;, botões, casas, bainhas, bolsos, ombreiras; lavar, desmanchar, acrescentar, passar a ferro, etc. Cursos rápidos — Frequência escolhida — Proporciona-se alojamento às alunas da Província. Dão-se esclarecimentos e aceitam-se inscrições na Redacção de «Os Nossos Filhos» — Rua de Infantaria Dezasseis/ 69 2º-, Lisboa.	
	Não é verdade que faz imensa falta uma escola de donas de casa que ensine à mulher todos os trabalhos manuais e domésticos que lhe interessam? A nossa Revista vai tentar remediar essa falta criando <i>Cursos de Culinária, de Corte, de «Tricot», de Bordados, etc..</i> Cursos independentes, rápidos, económicos, tanto quanto possível completos. Não hesite: inscreva-se imediatamente. Dão-se todos os esclarecimentos e aceitam-se inscrições na nossa redacção(...)	06-1948
	Cursos Femininos de Trabalhos Manuais e Domésticos	07-1948
	Continuamos interessadas na criação destes Cursos, tão necessários para todas as senhoras e raparigas. Temos tido, no entanto, várias dificuldades a vencer, sobretudo a que diz respeito à instalação, grande e difícil problema nesta época de rendas astronómicas. No entanto, como somos persistentes, esperamos realizar o nosso intento, mais semana, menos semana. Desde já pedimos às senhoras interessadas que nos digam qual o Curso que desejam seguir —, Culinária e Economia Doméstica, Corte e costura, Malhas e «tricot», Bordados, Rendas, Arte aplicada — Visto que o número de alunas também influirá nas decisões que temos a tomar.	11-1948
	1ª vez <sup>832</sup> que sai o anúncio, com as imagens que depois vão estar no cartaz...) /scanner/	01-1949 e 02-1949
	Siga o conselho do rifão: Se pensa em casar, faça a sua preparação na Escola de Noivas e Donas de Casa. Aí poderá adquirir todos os conhecimentos indispensáveis para vir a ser feliz. LEIA o ANÚNCIO DA PÁGINA 9	11-1949
	Porque não se inscreve no <i>Curso de Economia Doméstica da Escola de Noivas e Donas de Casa ?</i>	01-1950
	Seja boa dona de casa! Não tenha vergonha de aprender! Inscreva-se imediatamente se quer frequentar o <i>Curso de Economia doméstica da ENDC!</i>	02-1950
	...já principiaram...são independentes...num futuro mais ou menos	03-1950

<sup>832</sup> Deste cartaz foram feitos 1000 exemplares volantes, em 12 de Dezembro de 1950, nas Oficinas de S. José (Caixa 12. Maço 3).



	próximo. Que a estes Cursos se possam juntar outros, de igual interesse para as noivas, mães, e donas de casa. / Esta Escola é mais uma iniciativa da nossa Directora, que teve a felicidade de poder rodear-se de professoras competentíssimas e muito dedicadas ao ensino das suas especialidades(...). Quase todos os Cursos são de pequena duração, e assim poderão repetir-se ainda este ano. Por isso a «Escola de Noivas e Donas de Casa» continua a aceitar inscrições para os seus Cursos acima indicados, todos os dias úteis excepto sábados e domingos, das 15 às 18 horas	
	Vão deixar de frequentar o curso de Economia Doméstica da «Escola de Noivas e Donas de Casa». Verá como se torna mais fácil e mais agradável governar a sua casa	03-1950
	FREQUENTANDO o Curso de Rendas e Bordados da, «Escola de Noivas e Donas de Casa», quantas obras de arte poderão sair das suas mãos! Uma boa bordadora não só pode dar ao seu lar um encanto sem igual, como possui uma arma delicada e cem por cento feminina ganhar a vida.	03-1950
	Cursos independentes, rápidos, económicos Corte e Costura — Rendas e Bordados — Malhas Economia Doméstica — Puericultura—Socorros de urgência Proporciona-se alojamento, em boas condições morais e económicas, às alunas da Província Preços especiais às alunas da Província, e às que se inscrevam simultaneamente em todos os Cursos.	04-1950
	(entrevistas a:) MARIA DA LUZ DO ESPÍRITO SANTO, Directora do Colégio «Mundo Infantil», MARIA HELENA VALENTE CAMPOS FERREIRA, professora do Ensino Técnico, Aida MARIA CAMILA DE SEQUEIRA - visitadora sanitária, MARIA JOSEFINA MORAIS SERRA Aluna do Faculdade de Ciências, MARIA FLOR DA COSTA FÉLIX OOM, doméstica (sob a foto tem) Maria Manuela, AFRA DA GRAÇA BRAGANÇA, professora de corte: (mulata), LUCÍLIA DE OLIVEIRA, doméstica, MARIA FELICIANA PINTO DE LACERDA, estudante /scanner/	04-1950
	/anúncio/ ENDC Corte e Costura, Rendas e Bordados, Malhas, Economia Doméstica, Puericultura, Socorros de urgência Cursos diurnos, Cursos nocturnos, Cursos de férias. Preços especiais para as alunas da Província, e para as que se inscrevam simultaneamente em todos os Cursos	06-1950
	(por motivo do aniversário oferece desconto a leitoras...	06-1950
	Curso de Férias da ENDC (página inteira) Às professoras, as estudantes, e todas senhoras que só as durante as férias dispõem de tempo; e ainda senhoras que, vivendo na província, não podem ausentar-se durante muito tempo, têm agora possibilidade única de frequentar os Cursos de férias da «Escola de Noivas e Donas casa». Estes Cursos vão funcionar durante os meses de Agosto e Setembro, de tal modo que as senhoras interessadas poderão tirar,	07-1950

	<p>nesses dois meses, todos os Cursos, que vêm a ser: Corte e Costuro — Rendas ç Bordados ~- Malhas — Economia doméstica- Puericultura — Socorros de urgência. ..Entregues a professoras competentíssimas...à utilidade que oferecem às noivas, às Jovens mães, donas de casa, às professoras, etc, ela é tão evidente, que nem será preciso apontá-la.</p> <p><b>PREÇOS ESPECIAIS</b></p> <p>inscrições feitas até 30 de Setembro beneficiam duma redução de 20 %. Essa redução é concedida mediante a apresentação do número de Junho de «Os Nossos Filhos». Por isso, não só as senhoras que queiram frequentar os Cursos de férias, mas também as que queiram frequentar, os Cursos principiam em Outubro, podem fazer desde já suas 'inscrições se quiserem beneficiar do referido desconto, o qual constitui um dos Brindes de aniversário da nossa Revista. Nem às que se inscrevam simultaneamente em todos os Cursos, que essas já beneficiam de preços muito reduzidos.</p> <p><b>CURSOS GRATUITOS</b></p> <p>número de inscrições em cada Curso é de 11. Desde o Curso funcione com o número completo de alunos, à sorte, uma aluna, à qual será restituída a importância da sua inscrição, passando, portanto, essa aluna a frequentar o curso gratuitamente.</p>	
	<p>noivas, as jovens donas e casa, as futuras mães, e todas as senhoras que se interessam pêlos assuntos essencialmente femininos, têm agora q excelente oportunidade de frequentar os Cursos da Escola de Noivas e Donas de Casa. Esses Cursos permitem também que as senhoras que desejam ganhar a vida se dediquem, com a maior competência, à profissão de modistas, bordadeiras, vigilantes de crianças em Casas particulares ou colégios, governantes, etc,. Estão abertas as inscrições para os Cursos a principiar em Outubro; Esses cursos são o seguintes: Culinária. Economia Doméstica, Corte e Costura. - Rendas e Bordados, - Malhas. Puericultura. Socorros de Urgência, Todos os Cursos estão entregues q professoras competentíssimas. Cada aluna pode frequentar um só Curso ou mais, conforme desejar. Como o número de inscrições em cada curso é muito limitado, as senhoras interessadas devem fazer a sua inscrição o.. Mais depressa possível. Prestam-se esclarecimentos e recebem-se inscrições todos os dias excepto Sábados e Domingos, das 9 h. às 13 h. e das 15 h. às 18 h</p>	08-1950
	<p>permita-nos um conselho, minha sra: faça das suas filhas boas donas de casa. Na ENDC as suas filhas poderão adquirir todos os conhecimentos de que virão a precisar como donas de casa e mães de família.</p>	09-1950
	<p>anúncio de 1 página aos cursos</p>	10-1950 e 11-1950
	<p>tem curso por correspondência</p>	12-1950
	<p>/pela 1ª vez/ CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA</p> <p>Satisfazendo inúmeros pedidos de senhoras que vivem na província e</p>	04-1951

	<p>não têm fácil idade de vir passar alguns meses a Lisboa, estamos organizando Cursos por Correspondência. Está já organizado O Curso por Correspondência de Corte e Costura, em condições extremamente favoráveis para as alunas, que assim, sem saírem de suas casas, com pagamentos módicos e mensais, ficarão, no espaço de poucos meses, aptas a executar todo o género de vestuário para senhora, meninas e rapazinhos e ainda roupas interiores para homem. Quanto aos outros Cursos, esperamos poder dentro em breve dar às nossas amigas a boa notícia de que também os podem seguir por correspondência. Como vêem, a «Escola de Noivas e Donas de Casa» não se poupa a esforços para ajudar a mulher portuguesa a ser feliz, pois assim se pode considerar toda aquela que sabe cumprir q sua linda missão de mãe, esposa, 'ç dona de casa que também, bastar-se a si própria materialmente é ainda ajudar à manutenção da família.</p>	
	<p>Atenção aos Cursos por correspondência organizados por «Os Nossos Filhos» :vai entrar em funcionamento o Curso de Português por correspondência (...) /scanner/ destina-se não apenas às senhoras que vivem na província, mas também aquelas que, vivendo em não têm possibilidade de 'frequentar uma escola e desejam ampliar os seus conhecimentos com noções de literatura, história, arte, poesia, etc. Além disso numerosas exercícios práticos permitir-lhes-ão aperfeiçoar a maneira de redigir e criar mesmo, um estilo próprio.</p>	02-1952
	<p>Curso de Malhas da Escola de Noivas e Donas de Casa, qualquer senhora poderá, em pouco tempo, aprender a executar os mais lindos modelos de blusas, casacos, vestidos, etc., assim como acessórios de vestuário,. Tal como luvas, piúgas,(sic) etc.</p>	04-1951
	<p>As senhoras que vivem na Província e Colónias: A Escola de Noivas e Donas de Casa tem O grande prazer de comunicar às senhoras,,, I que vivem na Província e nas Colónias que já podem inscrever-se nos seus Cursos, ,de Economia Doméstica e de Corte e Costura por correspondência., E espera que, dentro em breve, também possam funcionar, por correspondência seus restantes Cursos.</p>	05-1951
	<p>/scanner/ Prosseguem cursos (...) sras. que os têm frequentado são unânimes em elogiar esta iniciativa...4 fotos de sras que concluíram com distinção Curso de Corte e Costura.....fazendo propaganda da ENDC...Verdade, é necessário que as raparigas não descurem a sua educação de futuras mães e donas de casa. E estes Cursos, criados exclusivamente para esse fim, estão contribuindo da melhor forma para a felicidade dos lares portugueses.</p>	05-1951
	<p>/scanner/3 fotos de sras que concluíram com distinção o Curso Corte e Costura...Fazem propaganda...Dos alunas agora diplomadas, uma já está leccionando, outra seguirá em breve Brasil, onde se dedicará também ao ensino, outra vai abrir um «atelier» na província, e as restantes desejam trabalhar apenas para si...Desta maneira, a missão da</p>	06-1951

	<p>«Escola de Noivas e Donas de Casa» (que consiste em ajudar a mulher portuguesa a completar a sua educação para o Lar e a bastar-se a si mesma -, está já dando os melhores frutos, o que nos enche de alegria e justificado orgulho.</p> <p>CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA</p> <p>todas entusiasmadíssimas porque professora competentíssima e o processo de ensino excelente e de fácil compreensão. Começou também a funcionar o <i>Curso de Economia Doméstica por correspondência</i>, e dentro em breve /ver/</p>	
	<p>mães devem preparar as suas filhas para a nobre missão que as espera, de donas de coso e mães de família. A Escola de Noivas e Donas de Casa oferece às raparigas portuguesas os conhecimentos necessários para poderem desempenhar com alegria e competência, esses cargos de tanta responsabilidade.</p>	06-1951
	<p>N.L.P. - Economia doméstica e Corte e Costura já por correspondência...sua ideia muito interessante: reunir um grupinho de raparigas , estudarem e discutirem as lições em conjunto; desta maneira os Cursos ficarão baratíssimos a cada uma; além d que o trabalho feito em conjunto se torna muito mais fácil e agradável</p>	09-1951
	<p>JÁ TEM MAIS CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA para além de Corte e</p> <p>Costura e Economia doméstica(...)ENDC convida sras residentes fora de Lisboa inscrever-se nos seus cursos por correspondência de Corte e Costura, Economia doméstica, Puericultura, Socorros de urgência e Enfermagem caseira</p>	10-1951
	<p>Porque se não inscreve nos cursos por correspondência da Escola de Noivas e Donas de Casa ? É cómodo, económico, de resultados maravilhosos.</p>	11-1951
	<p>Estão abertas as inscrições para os Cursos a principiar no próximo mês de Janeiro. Se está interessada, não demore a sua inscrição, porque o número de alunas é muito limitado. Lições por Correspondência Para Lisboa, Província, e todo o Império .português Senhoras interessadas podem inscrever-se. Em qualquer Data</p>	12-1951
	<p><i>Indecisa</i>- ..pode inscrever-se sem receio...vai também organizar cursos por correspondência de Português, francês, desenho e o mais que as nossa leitoras desejem...escrever a este respeito dizendo todas as disciplinas que lhe interessa estudar todas disciplinas a cargo das professoras mais competentes</p>	12-1951
	<p>"Indecisa"- Pode, sem receio, inscrever-se no Curso por correspondência de Corte e Costura, pois muitas outras senhoras o têm seguido, e ficam verdadeiramente, encantadas pelos conhecimentos que adquirem, os quais lhes permitem serem modistas consumadas.</p>	02-1955
	<p>podem fazer inscrições:)-até 20 de Janeiro inscrições nas aulas de: Economia Doméstica, Socorros de Urgência, Puericultura. Corte e</p>	01-1952

	Costura; Rendas e Bordados; Malhas	
	tem texto de Maria Lúcia Vassalo Namorado explicando razões da criação dos cursos por correspondência)	02-1952
	(refere que todos os pontos se aprendem na ENDC; indica que enviam os modelos originais se enviarem dinheiro	02-1952
	Atenção aos Cursos por correspondência organizados por «Os Nossos Filhos» : vai entrar em funcionamento o Curso de Português por correspondência. ...destina-se não apenas às senhoras que vivem na província, mas também aquelas que, vivendo em não têm possibilidade de 'frequentar uma escola e desejam ampliar os, seus, conhecimentos com noções de literatura, história, arte, poesia, etçf Além disso numerosas exercícios , práticos .permitir-lhes-ão aperfeiçoar a maneira de redigir e criar mesmo, um estilo próprio.	02-1952 e 11-1952, 02- 1953 07- 1956
	(mais uma opinião de aluna a que terminou brilho...)Maria do Patrocínio Silva, Povos, Vila Franca de Xira...C u r s o s por correspondência funcionam para todo o Império português» esclarecimentos	03-1952
	Cursos por correspondência para todo o Império português.: Corte e Costura (com diploma). Bordados, Malhas. Economia Doméstica. Puericultura, Socorros de urgência e enfermagem caseira (...)informações pelo correio mandar 2\$00 em selos.	04-1952
	Cursos de Português por correspondência- Objectivos..)	04-1952
	Cursos por correspondência para a província Ilhas e Colónias Confeccções, moldes, Corte e prova	05-1952
	sobre cursos por correspondência, EM GRUPO, como se faz...	05-1952
	...nº Fevereiro de ONF(...)pedi mães, noivas, mulheres portuguesas que se unissem em grupos e estudassem em conjunto os assuntos que directamente lhes interessam como mães de família e donas de casa...Para as orientar e esclarecer, têm os Cursos por correspondência da .Escola de Noivas e Donas de casa organizados especialmente - auxiliarem, e nas próprias casas, todas as senhoras e meninas portuguesas, quer vivam em Lisboa, no Minho ou no Algarve, nas Ilhas, em Africa ou Oriente. Tudo q que' disse .então mas... lembrar que a minha ideia, ao sugerir... a aprendizagem 'mais agradável, amena, e mais económica...Foi bem recebida em Vila Real de Sto António ...Amélia Glória Ramalho um grupo de 8 amigas...dedicam serões...Em Bissau, Guiné, outro grupo se organizou...com D. Hortência ( sic) Áurea de Sousa Martins...mais 3 amigas o Curso de Corte e Costura por correspondência...	07-1952
	/Socorros caseiros/ Não deixe de seguir este curso: utilíssimo, indispensável a todas as pessoas; para o seguir basta ler com atenção as lições que vamos publicar, e responder aos seus questionários. Faça maior propaganda desta nova iniciativa de ONF e contribuirá para que se evitem e remedeiem inúmeras situações de aflição e sofrimento.	08-1952

	<p>Beatriz Melo Correia e Louise Cunha Telles<sup>833</sup>, Curso organizado expressamente para «OS NOSSOS FILHOS» pelas Enfermeiras(tem vantagens de alguém saber...explicações, advertências, e QUESTIONÁRIO e ATENÇÃO :</p> <p>Está interessada em seguir este curso de Socorros de Urgência?</p> <p>— Estude com atenção todas as lições.</p> <p>Após cada lição, responda ao respectivo questionário, faça as suas perguntas, e junte 20\$po para a resposta particular.</p> <p>R— Responda às perguntas de cada questionário, com autenticidade e clareza; utilize sempre o mesmo tipo de papel, deixe uma margem larga dos dois lados,, e 3 linhas entre Cada resposta, para as correcções e comentários da professora, Guarde estes exercícios corrigidos junto das respectivas lições, e pela sua ordem. Proceda desta forma todos os meses, pois que todos os meses publicaremos 1 lição; esforce-se por seguir o Curso com a máxima regularidade e aproveitamento.</p> <p>- Só quando terminar ú Curso poderá compreender inteiramente as vantagens que ele lhe proporcionou, o muito que aprendeu, e a sua enorme utilidade.</p> <p>— Mas não queira ser sozinha a beneficiar deste Curso. Organize um grupo de raparigas e estudem as lições em conjunto, embora seja 1 só a comunicar connosco.</p>	09-1952
	Como reconhecer os sinais duma doença , o que fazer antes de o médico chegar , como planear o tratamento do doente ,Administração de medicamentos.	10-1952
	Como esterilizar o material em casa ...	11-1952
	Como actuar perante um doente com asfixia; Respiração artificial	03-1953
	Comece o ano com uma boa resolução: Inscreva-se nos cursos da ENDC Economia Doméstica, Higiene alimentar, e Culinária — Socorros de Urgência e Enfermagem Caseira, Corte e costura — Rendas e Bordados — Malhas	01-1953
	/scanner foto aluna/ tem publicação da foto de uma sra, Maria Celeste de Jesus Videira- de Camarneira, Febres... que a frequentou e recomenda e serve-se desta carta para no final publicitar estes cursos para todo o Império...)	04-1953
	com o fim de completar, tanto quanto possível, a sua acção educativa, a nossa revista organizou uma série de cursos por correspondência destinados às mães, às noivas e às donas de casa. Esses Cursos podem ser seguidos por todas as meninas e senhoras portuguesas quer vivam em Lisboa ou na Província, quer vivam em qualquer ponto de Portugal insular ou ultramarino. Terminadas as férias, vão recomeçar os Cursos de Português — Corte e Costura — Bordados — Malhas — Economia Doméstica — Puericultura—Socorros de urgência e	10-1953

<sup>833</sup> Da Escola Técnica de Enfermeiras

	<p>Enfermagem caseira. Qualquer senhora pode inscrevesse em qualquer altura, em um ou mais Cursos, conforme lhe convenha, visto que todas as lições são individuais. Estes Cursos por correspondência funcionam da seguinte maneira: A aluna receberá, todas as semanas, 1 ou 2 lições; deverá fazer os trabalhos e exercícios incluídos nessas lições, e mandá-los; na semana seguinte, com as novas lições, receberá os seus trabalhos devidamente corrigidos. Durante qualquer Curso, as alunas podem e devem fazer todas as perguntas e apresentar todas as devidas e problemas que digam respeito à matéria estudada. A professora terá sempre o maior prazer em responder.</p> <p>Os Cursos estão entregues a professoras competentíssimas. Seria muito interessante que as raparigas e penhoras que desejem 'utilizar estes Cursos procurassem interessar também as suas amigas, organizando pequenos grupos que estudariam e suas lições em conjunto, o que se tornaria mais agradável e ainda mais económico. Para mais esclarecimentos, enviar 2\$00 em selos</p>	
	<p>nossos cursos por correspondência permitem a todas as raparigas e senhoras portuguesas, vivam em Portugal Continental ou Ultramarino, fazer a sua preparação para mães de família e donas de casa. Permitem ainda, às senhoras que desejem saber a fundo corte e costura, uma habilitação pormenorizada e completa que lhes permitirá ganhar vida como modistas. Queridas amigas, aproveitai as vossas férias, inscrevendo-vos nos nossos Cursos por Correspondência. Organizai pequenos grupos com as vossas amigas, para que o trabalho se torne mais agradável e a despesa seja ainda</p>	08-1954
	<p>raparigas devem saber governar uma casa, cuidar de crianças e de doentes. Ainda recentemente, na Conferência Internacional da Família, mais uma vez se proclamou a necessidade urgente de dar a todas as mulheres e raparigas uma formação doméstica e familiar conveniente. Os nossos Cursos para noivas e donas de casa são sem dúvida utilíssimos para todas as meninas e senhora portuguesas, onde quer que se encontrem. Os cursos por correspondência, levam-lhes a casa as lições de professoras competentíssimas e experientes; e o facto de se poderem agrupar para seguirem os diferentes cursos, tornam estes acessíveis a todas as bolsas. Cursos de Puericultura, Enfermagem e Socorros de Urgência, Economia Doméstica, Corte e Costura, Bordados e Malhas. As meninas e senhoras interessadas, que desejem informações pormenorizadas, devem enviar-nos 2\$00 em selos para a resposta particular.</p>	01-1954
	<p>as raparigas se devem preparar para a sua mais alta missão — a de mãe, esposa, e dona de casa. Os princípios morais recebem-se em casa, no estreito convívio familiar, mas hoje a vida está de tal modo diferente do que era nos tempos passados, que não basta, ser uma boa, digna e honesta rapariga, para enfrentar e resolver da melhor maneira os</p>	02-1954 e 04-1955

	<p>problemas que esperam a mulher mesmo dentro do lar. Assim, torna-se necessária uma preparação que nem sempre as famílias, as mães, estão aptas a dar às suas filhas. Foi pensando nestas raparigas conscientes dos deveres que as esperam, e nas jovens mães inexperientes que a nossa Revista organizou uma pequena série de Cursos para as noivas, mães e donas de casa.</p> <p>Cursos podem ser seguidos por correspondência por qualquer menina ou senhora onde quer _ mesmo no ultramar; pode igualmente ser seguido por grupos de amigas que se reunam para este fim. Seguindo esta sugestão, qualquer senhora, em especial as professoras de ensino primário nas aldeias, podem organizar pequenos cursos onde sejam expostas, discutidas, estudadas, as nossas lições, as quais são feitas por professoras competentíssimas. Os Cursos que organizámos tratam de Economia Doméstica — Corte e Costura — Malhas — Bordados — Enfermagem Caseira e Socorros de urgência — Puericultura. Temos também um Curso de Português por correspondência. Para mais esclarecimentos sobre estes Cursos por correspondência, basta mandarem-nos 2\$00 em selos, e daremos particularmente todas as informações. As senhoras que vivem em Lisboa, podem seguir estes Cursos por correspondência ou directamente. Está aberta a inscrição para Curso de Puericultura, outro de Socorros de e Enfermagem Caseira, outro de Economia Doméstica e Culinária, os quais funcionarão brevemente.</p>	
	<p>/scanner/ senhora D. Amélia Glorio Ramalho, de Vila Real de St.º António, não obstante ser mãe de família e ter uma vida muito ocupada, tomou a simpática iniciativa de reunir um grupo de senhoras para seguirem o nosso Curso de Corte e Costuro por correspondência. Isto senhora merece &lt; os nossos agradecimentos pela maneira como pôs em prática o ideia que tontos vezes aqui temos sugerido, da organização destes pequenos grupos de amigos, que assim podem, de maneira mais agradável e económica, seguir es nossos Cursos por correspondência. Que se trato de senhoras que têm o sua vido organizada e não dispõem de muito tempo livre. Mas todas seguiram , o curso com regularidade e aproveitamento, e o senhora D. Amélia Glória Ramalho foi exemplar no maneira como sempre representou junto de nós as suas amigos. ...E por terem terminado o seu curso, felicitamos estas senhoras, que bem merecem ser apontadas como exemplo, perseverança e correcção. ...no próximo número publicaremos a corto que estos nossos amigos tiveram a amabilidade de nos enviar, com a apreciação do curso que seguiram.</p>	03-1954
	<p>(TENHO CÓPIA pq Foto de sra/ Maria Sofia Pereira de Brito, de Vila Praia de Âncora terminou com distinção...Corte e Costura...(tem transcrição de carta sobre curso...)</p>	09-1954
	<p>Vem aí o Inverno com seus longos serões. Aproveite-os, mãezinha, aprendendo a fazer roupas da sua família. O nosso Curso de Corte e</p>	11-1954



	Costura por correspondência, é excelente, completo e económico.	
	Curso Por correspondência, para qualquer ponto do País e Ultramar português.	06-1955
	Louise Cunha Telles Imobilização (o que é uma fractura...)Curso organizado expressamente para «Os Nossos Filhos» pela Enfermeira Louise Cunha Telles (NO FIM DO ARTIGO TEM:) Recomeçamos a publicação das lições de Socorros de Urgência, que tivemos de interromper por motivos estranhos à nossa" vontade. As 6 primeiras lições foram publicadas em «Os Nossos Filhos» n.º» 124-125-126-127-129 e 130. As pessoas interessadas, que não possuam estes números, podemos ainda fornecê-los, bastando dizer-nos que números desejam, e mandar-nos 6\$00 por cada exemplar (em selos de correio).	02-1956
	Louise Cunha Telles fractura. Métodos de imobilização	03-1956
	8ª lição: Conforto e principais cuidados a prestar a um doente na cama, por MARIA CRISTINA ANDRADE MENDES MAGALHÃES Enfermeira graduada pela E. T. E. Do IPO (ainda não havia camas articuladas; sugeria-se que se colocasse uma cadeira de pernas para a cabeceira para sentar o doente...)	04-1956
	Louise Cunha Telles, 9ª lição: CUIDADOS A UM 'DOENTE NA CAMA por Maria Cristina Andrade Mendes Magalhães, Enfermeira graduada pela E. T. E. Do IPO...	05-1956
	Louise Cunha Telles9ª lição: CUIDADOS DE HIGIENE A UM POENTE NA GAMA COMO LAVAR UM DOENTE NA CAMA por Maria Cristina Andrade Mendes Magalhães, Enfermeira graduada pela E. T. E. Do IPO	10-1956

Da leitura deste quadro concluímos que a vida da *Escola de Noivas e Donas de Casa* nem sempre foi fácil. Não sabemos que razão pode explicar o facto de ser sobre esta iniciativa de *Os Nossos Filhos* que o *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* guarda um maior conjunto de documentos. Nele se encontram as cartas e postais das leitoras a pedir informações sobre os cursos (Caixa 10), os recibos de pagamento das professoras que neles participavam, os folhetos volantes e circulares que sobre ela foram impressos (Caixa 12. Maço 3), os moldes usados nas lições por correspondência assim como os textos /scanner/dessas mesmas aulas (Caixa 12. Maço3). Em relação a este último tópico, o das aulas por correspondência, é interessante verificar que, se ainda hoje quiséssemos, seria possível seguir aquelas lições uma vez que a clareza das instruções é inexcelável e faz-nos lembrar muito do que são as discussões quotidianas sobre *ensino a distância*...Foi desta maneira que Ema Mercês de Melo, uma assinante em Angola e muitas outras como Hortênsia Martins, na Guiné, ou Amélia Glória Ramalho e mais

cinco amigas, em Vila Real de Santo António, puderam fazer o seu curso de *Corte e Costura*.

A leitura dos dados que a revista nos fornece também nos permite concluir que se entendia que a frequência destes cursos seria “(...)escolhida(...)” e previa-se que fosse possível proporcionar “(...)alojamento às alunas da Província(...)”(ONF, Maio de 1948), sendo “(...) o número de alunas será forçosamente limitado e as professoras escolhidas entre as de maior competência.(...)” (ONF, Jun. 1948). Em Novembro de 1949 sai o primeiro anúncio de página completa com cursos de *Culinária, Corte e Costura, Malhas e rendas e bordados* e em Dezembro do mesmo ano, aos cursos anteriores são acrescentados os de *Economia doméstica* e ainda *Puericultura* e *Socorros de Urgência*. Só do primeiro destes três novos cursos e dos que haviam já sido anunciados no número anterior da revista são revelados os grandes conteúdos programáticos e o objectivo continua a ser dotar as noivas e futuras e jovens donas de casa com os conhecimentos necessários para “(...) verdadeiramente tomar conta da sua casa, cuidar da família na saúde e na doença, tratar das crianças, tornar a vida mais agradável(...)” e ao fazer tudo em casa poderão “8...) economizar muito dinheiro fazendo para si próprias e para os seus todas as peças de vestuário, agasalhos e acessórios de malha(...)” (ONF, Dez. 1949). Como referimos no quadro acima, em Abril de 1950 são ouvidas as primeiras alunas da *Escola de Noivas e Donas de Casa*<sup>834</sup>. Esta será uma excelente estratégia publicitária usada por Maria Lúcia Vassalo Namorado e depois desta publicação há mais senhoras a inscreverem-se nos Cursos. As que haviam frequentado os cursos foram convidadas a responder a três questões: O que pensa desta iniciativa de se criar uma *Escola para Noivas e Donas de Casa*? O que a levou a inscrever-se nos seus cursos? Está satisfeita com a orientação dada aos Cursos que frequenta? Acha que correspondem ao que deles se esperava?

Respondem, como se vê no quadro seguinte, diversas senhoras com direito a foto na revista:

Quadro nº61. : Opiniões das alunas sobre os Cursos de *Escola de Noivas e Donas de Casa*:

Identificação	Opiniões
Maria da Luz do Espírito santo,	Melhor seria se esta preparação viesse de longe desde as primeiras

---

<sup>834</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 95 Abril 1950. p. 16-17

directora do Colégio "Mundo infantil"	idades(...) é a minha preocupação permanente dar noções de ordem e arranjo doméstico, a par dos conhecimentos didácticos próprios de uma criança em idade escolar(...)
Maria Helena Valente Campos Ferreira, professora do ensino técnico	Pena que maioria das raparigas não se interessem por aquilo que lhes é essencial(...)
Aida Maria Camila de Sequeira Santos, visitadora sanitária	Que os pais consentam que as suas filhas se matriculem(...)
Maria Josefina Moraes Serra, aluna da Faculdade de Ciências	
Maria Flor da Costa Félix Oom, doméstica	/sem foto/ máxima conveniência para todas as raparigas em geral, qualquer que seja a sua classe e condição(...)
Maria Manuela da Costa Félix Oom, doméstica	Desejo de vir a ser boa dona de casa levou-me a inscrever nestes cursos(...)
Afra da Graça Bragança, professora de corte	
Lucília de Oliveira, doméstica	Conhecimentos para principais campos da vida doméstica que directamente dependem da mulher não é só a ela que beneficiam(...)
Maria Feliciano Pinto de Lacerda, estudante	Grande preocupação é dirigir a minha casa (...)

Em Maio de 1950<sup>835</sup> são anunciados cursos de férias porque as “(...) senhoras que vivem na Província desejam, mas não podem beneficiar dos Cursos da *Escola de Noivas e Donas de Casa* porque, embora de curta duração, esses Cursos ainda se tornam demorados para quem tem de abandonar a sua casa(...) Pensando nisto, a Directora da Escola de Noivas e Donas de Casa resolveu organizar Cursos de Férias, dedicados especialmente às senhoras da Província, de tal modo que, em dois meses apenas, Agosto e Setembro, uma senhora possa, se assim lhe convier, tirar os 6 Cursos desta Escola. (...) vai interessar, com certeza, não só muitas senhoras que vivem na Província, mas também muitas que, vivendo em Lisboa, têm normalmente o seu tempo muito ocupado, como sejam professoras e estudantes(...)”. Para as noivas, donas de casa e jovens mães funcionam os cursos de Corte e Costura, Rendas e Bordados, Malhas, Economia doméstica, Puericultura e Socorros de urgência. Esta é uma iniciativa “(...) das mais úteis de quantas se têm tomado, entre nós, a favor da educação da mulher e da felicidade das famílias...(ONF, Maio 1950).

No mesmo número mais se acrescenta que “(...) o número de inscrições em cada Curso é de 11.(...)”. É feita então uma proposta interessante, no sentido de captar mais

<sup>835</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 96. Maio 1950. p. 20

inscrições: “(...) Desde que o Curso funcione com o número completo de alunas, escolher-se-á à sorte, uma aluna, à qual será restituída a importância da sua inscrição, passando, portanto, essa aluna a frequentar o Curso gratuitamente. O sorteio será feito pelas próprias alunas. O sorteio não poderá efectuar-se desde que o Curso funcione com menos de 11 alunas(...)”. Ainda nesse mesmo número de Maio 1950, no anúncio à *Escola de Noivas e Donas de Casa* é muito interessante, em tom de conversa íntima com as senhoras, Maria Lúcia Vassalo Namorado chama-lhes a atenção para duas formas de estar, mas igualmente discutíveis: por um lado, há as senhoras que “(...) julgam que sabem tudo e são as que sabem menos(...) /por outro há / as que afirmam que não erram /porque/ não têm consciência dos seus erros(...)”. Ora como se sabe, ambas as atitudes são condenáveis porque “(...) à medida que se vai sabendo alguma coisa, compreende-se que há muito mais que não se sabe e os problemas que dizem respeito aos nossos filhos, à nossa família, à nossa casa, à nossa felicidade, são sempre os mais importantes e os mais difíceis para nós(...)”. Por esta razão se insiste novamente para que as senhoras se inscrevam nos seis cursos disponíveis uma vez que o de Culinária só está previsto para o ano seguinte, ou seja, para 1951. Ainda se acrescenta que, há “(...) cursos nocturnos para senhoras empregadas. Às senhoras da Província proporciona-se alojamento em boas condições económicas e morais, muito próximo da Escola(...)”. Quanto a esta última informação, desconhecemos qual era a solução encontrada uma vez que, em todo o *Espólio*, não conseguimos perceber nem como, nem onde era feita a reserva e alojamento das referidas senhoras.

Ao festejar o oitavo aniversário são propostas assinaturas a preço especial e o mesmo acontece para os preços dos Cursos da *Escola de Noivas e Donas de Casa*<sup>836</sup>. Quem apresentasse, de 1 de Junho a 30 de Setembro de 1950, o número 97 da revista *Os Nossos Filhos*, teria direito a um desconto de 20% no preço da inscrição. Fora desta promoção ficavam as senhoras da Província e as que se inscrevessem simultaneamente em todos os Cursos, uma vez que essas “(...) já beneficiam de preços muito reduzidos(...)”.

No ano seguinte, em 1951, deixa de se fazer referência ao Curso de Corte e Costura e é anunciado o de “Culinária e higiene alimentar” enquanto que o de “Socorros de urgência” é precedido da designação de “enfermagem Caseira”<sup>837</sup>. Também o leque de possíveis destinatárias é alargado porque “(...) embora organizados especialmente para

---

<sup>836</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 97. Junho 1950. p. 9

<sup>837</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 105. Fevereiro 1951. p. 21

as Noivas, jovens Mães e Donas de Casa estes Cursos interessam também a todas as senhoras que lidam com crianças, preceptoras, etc., e ainda às que desejem dedicar-se a labores femininos.(...)”. É neste número que, para responder às necessidades do público alvo, ou seja, às senhoras que vivem na Província “(...)a Directora da Escola de Noivas e Donas de Casa está estudando a melhor forma de organizar alguns Cursos por correspondência. Desde já atende pedidos para o Curso de *Corte e Costura por correspondência*(...)”. Este vai ser, de facto, o primeiro Curso a funcionar nesta modalidade.

Quanto às destinatárias há ainda um outro grupo a abranger: o das “(...) raparigas conscientes dos deveres que as esperam” porque embora “(...) os princípios morais se recebam em casa, no estreito convívio familiar(...) hoje a vida está de tal modo diferente do que era nos tempos passados que não basta ser uma boa, digna e honesta rapariga para enfrentar e resolver da melhor maneira os problemas que esperam a mulher mesmo dentro do lar. Assim, será necessária uma preparação que nem sempre as famílias, as mães, estão aptas a dar às suas filhas(...)”(ONF, Maio 1956). É então a estas raparigas que também os Cursos da Escola de Noivas e Donas de Casa podem vir a beneficiar. Esta ideia é defendida numa altura, em 1956<sup>838</sup>, em que os Cursos haviam já entrado em decadência.

Como referimos, para promover os Cursos da *Escola de Noivas e Donas de Casa*, Maria Lúcia Vassalo Namorado vai fazer publicar anúncios em *Os Nossos Filhos* e reproduz pequenos trechos de cartas que as senhoras lhe enviam sobre os Cursos, transcreve as opiniões que elas emitem fazendo-as acompanhar das respectivas fotografias e anuncia na rádio, pelo menos no Rádio Clube Português<sup>839</sup>, em 1951. Estes anúncios, se bem que com possibilidade de descontos vários, eram caros<sup>840</sup> uma vez que por cada emissão de quinze minutos, por exemplo, a estação de rádio cobrava 875\$00 (chegando aos 2.500\$00 se a emissão fosse de uma hora).

Não sabemos se Maria Lúcia Vassalo Namorado chegou a publicitar todos os Cursos na rádio mas tem o texto de dois desses momentos publicitários no *Espólio*. Num deles, chama a atenção da ouvinte para o facto da felicidade depender só dela e também da preparação que tiver para “(...) as missões que tem a cumprir: de esposa, de mãe, de

---

<sup>838</sup> cf. também o n.º 176. Janeiro 1957. p. 23

<sup>839</sup> Carta em nome da Direcção de Rádio Clube Português, assinada V. Rodrigues, datada de Parede, em 16 Junho 1951. (Caixa 43. Maço 1)

<sup>840</sup> A carta anterior tem anexa a tabela de *Taxas de Publicidade* da referida estação, datada de 8 de Julho de 1949. (Caixa 43. Maço 1)

dona de casa(...)” (Caixa 43. Maço 1). No outro, apela à amiga que talvez esteja “(...) para casar? Espera um bebé? É dona de casa?(...)” (Caixa 43. Maço 1).

Uma outra forma de continuar a fazer a promoção dos Cursos, como já afirmámos, é a publicação das fotos das senhoras/ scanner / que concluem os Cursos, como se vê na p. 10 do n.º 108 de Maio de 1951 em que estão em fotografia tipo passe, as senhoras Maria Cesarina de Castro<sup>841</sup>, Maria Amélia Albuquerque<sup>842</sup>, Maria Augusta Pires da Silva e Maria Alice Barroso que obtiveram distinção no Curso de Corte e Costura.

A mesma estratégia é seguida no n.º de Junho do mesmo ano<sup>843</sup> quando são publicadas as fotos de: Maria Edite S. Martins, Maria do Patrocínio Duarte e Elvira Gouveia, indicando, ao mesmo tempo, o que cada uma delas tenciona fazer com o curso que tirou. Desta maneira cumpre-se a missão da *Escola de Noivas e Donas de Casa* “(...) consiste em ajudar a mulher portuguesa a completar a sua educação para o Lar e a bastar-se a si mesma(...)”. Para além do Curso de *Corte e Costura por correspondência* cuja professora “(...) é competentíssima e o processo de ensino excelente e de fácil compreensão(...)” irão funcionar, também da mesma forma, os de Economia Doméstica e futuramente, os de Puericultura e de Enfermagem caseira e Socorros de Urgência.

Como se vê, a programação desta Escola foi sendo feita paulatinamente, face aos resultados que se iam obtendo e que estimulavam a continuação do sistema adoptado.

Havia ainda um outro objectivo a alcançar com a frequência deste Cursos que nunca é mencionado mas que, implicitamente está no texto que acompanha dois desenhos na revista<sup>844</sup>, na secção de bordados/ scanner/: As Mães que tirassem os cursos da *Escola de Noivas e Donas de Casa* podiam também orientar as suas filhas mais pequenas e ensiná-las a bordar, por exemplo, a ponto pé de flor e ponto de recorte.

Em Fevereiro de 1952<sup>845</sup>, ao mesmo tempo que publica a foto e uma carta de uma das senhoras da Província que concluiu o Curso de Corte e Costura por correspondência, Maria José Banha da Fonseca, de Mourão e uma carta de outra senhora, Deolinda

---

<sup>841</sup> Mãe do actor Morais e Castro (cf. *Apêndice Cap. 4 - Biografias*)

<sup>842</sup> Professora primária que escreve na revista e tem cartas no *Espólio* e uma relação familiar com a futura nora de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

<sup>843</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 109. Junho 1951. p. 11

<sup>844</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 117. Fevereiro 1952. p. 22

<sup>845</sup> Texto com título: “Os Cursos por correspondência da *Escola de Noivas e Donas de Casa* estão interessando vivamente as senhoras que vivem fora de Lisboa, às quais se oferece uma ideia de largo alcance”. In *Os Nossos Filhos*. N.º 117. Fevereiro 1952. p. 21

Amélia Leitão<sup>846</sup>, de Serrões, Vila Nova de Famalicão escritas dois meses antes, Maria Lúcia Vassalo Namorado faz um balanço do que têm sido os cursos por correspondência. Apesar da relativa extensão do texto, assinado “Maria Lúcia”, pareceu-nos interessante transcrevê-lo na íntegra pois revela bem as preocupações de educação integral das raparigas sempre presentes no espírito da directora de *Os Nossos Filhos* ao criar aquele tipo de Cursos:”(...) Amigas: ao organizar estes pequenos cursos sobre os vários assuntos que dizem respeito à vida familiar, pensei em todas vós — noivas e recém- casadas inexperientes; mães de família cheias de boa-vontade mas desconhecedoras dos processos actuais de resolver os problemas da família e do lar; raparigas querem ser úteis, tomar iniciativas, mas não sabem como nem têm quem as ensine e oriente; pensei em todas que, nos meios grandes ou pequenos, com possibilidades ou não de se cultivarem intelectualmente, sentem a necessidade do apoio duma amiga mais velha e. mais experiente, e da aquisição de conhecimentos práticos, essenciais e indispensáveis à vida de todos os dias, de todas as pessoas, de todas as famílias. Tive a sorte de encontrar pessoas que compreenderam ideia, e se prestaram a colaborar ela, ensinando o muito que sabem, em lições directas e escritas. Assim começaram os cursos, na própria Escola e por correspondência. E a prova de que esta iniciativa corresponde a uma necessidade, está na quantidade de cartas recebidas de todo o País e até das Colónias. A minha ambição é, justamente, ajudar maior número de raparigas a construírem elas próprias a sua felicidade, preparando-se convenientemente para a vida. então tive uma ideia que hoje vos apresento. Eu gostaria que em toda e qualquer parte — nas cidades, nas vilas, as aldeias — as raparigas casadoiras e as senhoras jovens se interessassem por estes problemas femininos, familiares, domésticos; que se unissem em grupo e se inscrevessem nos cursos por correspondência, como se fossem uma só; de facto só uma estaria em contacto com a Escola, mas as lições serviriam a todas, seriam estudadas e discutidas em conjunto. Seriam duas, seis, oito, doze raparigas a beneficiar das lições, mas a pequena despesa seria dividida por todas. Parece-me este o melhor processo de beneficiar o maior número de raparigas da maneira mais económica e mais agradável — pois o trabalho em conjunto torna-se sempre mais fácil e ameno; não é verdade? Fica uma sugestão que me parece aproveitável. Espero as vossas opiniões e notícias(...)” (ONF, Fev. 1952. p. 21).

---

<sup>846</sup> Cf. *Espólio* de cartas em que estas senhoras enviam, por este e outros motivos, diversa correspondência com a redacção de *Os Nossos Filhos*.

No número seguinte<sup>847</sup> tem notícia da constituição dum primeiro grupo em Vila Real de Santo António, criado por Amélia Glória Ramalho /scanner/ que “(...)não obstante ser mãe de família e ter uma vida muito ocupada, tomou a simpática iniciativa de reunir um grupo de senhoras para seguirem o nosso Curso de Corte e Costura por correspondência(...)”(ONF, Mar. 1954) e o termina, com as amigas, em Março de 1954. Tem ainda a carta de mais uma ex-aluna<sup>848</sup> muito satisfeita com o *Curso de Corte e Costura por correspondência* em que pela primeira vez se refere que a professora do referido Curso era Afra de Bragança<sup>849</sup>.

Depois de um interregno nos anúncios da *Escola de Noivas e Donas de Casa* há novo anúncio<sup>850</sup>, em 1953, sobre os Cursos por ela ministrados. Refere-se que “(...)recomeçaram os Cursos por correspondência criados pela nossa revista(...)e que se destinam especialmente às mães, às noivas e às donas de casa (...) que vivam em Lisboa, na Província ou em qualquer ponto de Portugal insular ou ultramarino(...)”. A maior visibilidade é dada ao de *Economia Doméstica por correspondência* e são mesmo listados os conteúdos programáticos do Curso/scanner/. Tem também as condições de pagamento indicando que o *Curso de E. Doméstica* “(...) importa em 220\$00 pagos adiantadamente por uma só vez, ou em duas prestações de 110\$00, a primeira paga quando a aluna pede a sua inscrição, e a segunda paga após o recebimento da 6ª lição(...)” (ONF, Nov. 1953).

Quando Maria Lúcia Vassalo Namorado dá indicação de quanto importava frequentar os cursos de férias, durante o mês de Agosto e Setembro, para as senhoras da província, a preço especial, refere também o preço normal desses mesmos cursos:

Quadro nº:62. Preços dos Cursos<sup>851</sup> de *Escola de Noivas e Donas de Casa* (Caixa 16. Maço 1)

---

<sup>847</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 120. Maio 1952. p. 18. No n.º 142 de Março de 1952. p. 15 tem a fotografia do grupo criado por iniciativa de Amélia Glória Ramalho. Esta senhora tem outras cartas no *Espólio*.

<sup>848</sup> Maria do Céu Ferreira Pimenta Enes Pereira, de Castelo de Paiva, que escreve carta datada de 27 de Março de 1952. Também sobre o mesmo assunto há uma carta e foto / scanner/ de Maria Celeste de Jesus Videira, de Camarneira, Febres, concelho de Cantanhede que também tem outras cartas no *Espólio*. Ainda carta e foto /scanner/de Maria Sofia Pereira de Brito, de Vila Praia de Âncora dá também o seu testemunho sobre o Curso de Corte e Costura por correspondência em n.º 148. Setembro 1954. p. 20

<sup>849</sup> Com foto publicada em *Os Nossos Filhos*. N.º 95. Abril 1950. p. 17 e que tem também diversas cartas no *Espólio*.

<sup>850</sup> *Os Nossos Filhos*. N.º 138. Novembro 1953. p. 15

<sup>851</sup> Se houvesse mais de 11 alunas, por sorteio entre elas, uma poderia frequentar o curso gratuitamente.



Curso de Bordados	53 lições 795\$:	para província 530\$
<i>Economia Doméstica</i> <sup>852</sup>	12 lições 120\$	para província 100\$
<i>Corte e Costura</i>	64 lições 960\$	para província 640\$
<i>Malhas</i>	35 lições 525\$	para província 350\$
<i>Puericultura</i> <sup>853</sup>	12 lições 180\$	para província 120\$
<i>Socorros de urgência</i>	12 lições 180\$	para província 120\$

A *Escola de Noivas e Donas de Casa* oferece a possibilidade de pagar os cursos em prestações e faz até reduções ou descontos a algumas senhoras. Neste grupo está Maria Banha da Fonseca a quem a própria directora da *Escola* escreve, fingindo mais uma vez que ela e a *Avòzinha* não são a mesma pessoa, dizendo:“(…) uma colaboradora da “nossa” revista que assina com o pseudónimo de *Avòzinha* procurou-me e pediu-me, no caso de uma senhora de Mourão querer tirar o *Curso de Corte e Costura* por correspondência para eu lhe fazer um desconto. Portanto, V. Exa. terá que enviar-me não 150\$ mas apenas 100\$00 mensalmente (...) para começar as lições terá que ter em sua casa o seguinte: uma régua de 60 cm, fita métrica(...) lápis encarnado, um azul, um verde(...) alfinetes, papel de seda branco, vulgar(...) papel de seda cor de rosa vivo, ou doutra cor viva(...)” (Caixa 11. Maço 6).

Além do pagamento às professoras dos cursos também foi gasto algum dinheiro com a organização da *Escola de Noivas e Donas de Casa* em material, selos e correspondência e com anúncios.

Dos cartazes que já referimos terem sido compostos nas *Escolas Profissionais Salesianas Oficinas de S. José - Secção de Tipografia* ou mais simplesmente nas *Officinas de S. José*, foram feitos um total de 50 exemplares, em 17 de Fevereiro de 1950 (Caixa 12. Maço 3). Outros com as ilustrações que formam moldura desenhada, foram feitos 1000 exemplares, no mesmo local, em 12 Dezembro do mesmo ano(Caixa 12. Maço 3). Os primeiros ficaram por 47\$00 e estes últimos importaram em 96\$00. Foram feitos ainda mais 20 cartazes para afixar em 22 de Fevereiro de 1950 e mais 1000 circulares grandes em papel azul pagando 128\$00 por elas.

A *Escola de Noivas e Donas de Casa* também comprou os “(...)esquadros e réguas para Ana da Luz, Maria Berta, Maria Cesarina, Maria Edith, Maria Patrocínio /Antunes da Silva/, de Álvares, Virgínia Gomes, Lília, Luísa, Maria Júlia, Laurinda (...)” (Caixa 12.

<sup>852</sup> Como se vê os preços nem sempre se mativeram.

<sup>853</sup> Para Moçambique o Curso ficava mais caro: custava 247\$00 e algumas lições eram enviadas por avião e outras por via marítima (Caixa 12. Maço 2).

Maço 3), pagou 12 cruzetas para o vestiário, em 8 de Fevereiro de 1950, num total de 420\$00 e publicou anúncios no *Diário de Notícias*<sup>854</sup>, *Diário de Lisboa*<sup>855</sup> e *República*<sup>856</sup>, que importaram em, respectivamente, 150\$00, 124\$80 e 100\$00 (Caixa 12. Maço 3).

Com a gorgeta e o pagamento de 30\$00 à empregada /Ilda Águas Marques/ em 30 de Abril de 1950, as despesas de início dos cursos ficaram por mais de 4000\$00.

No *Espólio* existem todos os documentos com os conteúdos<sup>857</sup> de todas as lições dos Cursos ministrados na *Escola de Noivas e Donas de Casa*. A listagem desses conteúdos é exaustiva e ainda hoje se poderia recriar cada um dos cursos uma vez que, não só indica o número de cada lição, como o tema e o respectivo conteúdo<sup>858</sup>. De muitos cursos, como o de *Corte e Costura* chega a ter aindicação das correcções feitas aos trabalhos enviados pelas alunas. Mencionamos aqui os casos das ‘alunas’ Assunção de Brito Lança ou de Maria José Barbot (Caixa 11. Maço 4) ou o da professora Afra da Graça Bragança que corrigiu e tem anotados 32 moldes das suas aulas (Caixa 12. Maço 1). A consulta desse documentos permite-nos afirmar que a qualidade era inquestionável.

---

<sup>854</sup> De 21 de Janeiro 1950, 8 de Fevereiro e 10 de Maio do mesmo ano.

<sup>855</sup> De 27 de Janeiro de 1950.

<sup>856</sup> De 14 de Fevereiro de 1950.

<sup>857</sup> Deles temos todos os dados registados o que permite, caso se pretende realizar esse trabalho, fazer uma monografia sobre esta iniciativa da directora da revista *Os Nossos Filhos*.

<sup>858</sup> As lições do Curso de *Socorros de Urgência* incluíam: lição sem nº- Como reconhecer sinais de uma doença- 9 p. 1ª- Introdução aos Socorros Urgentes- 4 p. 2ª - Como organizar uma farmácia caseira e esterilizar material em casa- 9 p. 4ª- Feridas e soluções de continuidade da pele. Mordeduras e picadas- 6 p. 5ª- O Corpo humano: como é contituído e como funciona- 7 p. (Caixa 12. Maço 3).

No *Curso de Bordados* sabemos que se aprendia: Ponto de Paris, Ponto de Sombra, Bordado de S. Miguel, Bordado inglês, Bordado de Assis, Bordado da Ilha da Madeira Bordado de Castelo Branco, Bordado de Viana do Castelo, Bordado de Guimarães (...)”(Caixa 12. Maço 3).

No *Curso de Puericultura*: 1ª- Algumas noções importantes sobre gravidez 2ª- Higiene Pré-Natal 3ª- Preparativos para vinda do Bebê 4ª Parto 5ª- Cuidados após parto 6ª- Cuidados com bebê recém-nascido 7ª- Alimentação do bebê- do nascimento aos 12 meses 8ª- Higiene do bebê: banho e vestuário 9ª- Sono, ar livre, sol e vida do bebê 10ª- Cuidados a prestar a bebê débil 11ª- Cuidados a prestar a bebê doente 12ª- Principais fases de desenvolvimento de um bebê saudável (Caixa 12. Maço 3), Para o Curso de *Malhas*: 1-montar as malhas, ponto meia, liga e elástico; 2- ponto de arroz, de triângulo, riscas horizontais; 3- ponto de espinha, nosinhos(sic), torcidos; 4-6- pontos arrendados; 7- tecer com 2 e mais cores; 8- duas maneiras de bordar sobre a lã; 9- botões: casa verticais e horizontais; 10- bainhas e bolsos; 11- franzidos, plissados e pregas, “godets”; 12- desmanchar, lavar, passar a ferro e armar; 13- bico, envolta, camisolinha interior para bebê; 14- cueiro e casaquinho quimono para bebê; 15- casaco com mangas separadas, touca e sapatinhos para bebê; 16- vestido para bebê; 17- casaquinho com pernas e botas para bebê; 18-camisola para menina; 19- casaco para menina; 20- vestido para menina; 21- saia de alças (sic) para menina; 22- combinação c/ corpinho para menina; 23- dois gorros para menina; 24- macaco curto para rapazinho; 25- calção s/ perna para rapazinho; 26- calção com perna para rapazinho; 27- pull-over para rapazinho; 28- casaco para rapazinho; dois gorros para rapazinho; 30- colete para homem; 31- pull-over c/ mangas e s/ mangas para homem; 32- blusão para homem; 33- blusa para senhora; 34- casaco para senhora; 35- combinação com alças (sic) para senhora; 36- peúgas; 37- luvas; 38- carteira e saco de mão para senhora; 39 – pontos de crochet fechados; 40- pontos de crochet abertos; 41/42- pontos de crochet tunisino (Caixa 11. Maço 1).

Muitos dos cursos tiveram um número insuficiente de alunas, sobretudo depois de 1953, e embora fossem na sua maioria de Lisboa, não foi possível darem grande lucro à directora de *Os Nossos Filhos*. Os quadros seguintes dão-nos uma ideia dessa frequência:

Quadro nº63.: Frequência de Cursos de *Escola de Noivas e Donas de Casa: 1950-51:*

<b>Frequência de um dos Cursos de Corte e Costura</b>	
Aluna(s)	Residência
Virgínia Azevedo e Silva <sup>859</sup>	Lisboa
Maria Adelaide Maia Júlio	Lisboa
Maria Laura Taveira	Sto Amaro de Oeiras
Maria Júlia	Lisboa
Virgínia Jardim Gomes <sup>860</sup>	Lisboa
Maria Edith da Silva Martins	Lisboa
Maria Berta Pomar	Lisboa
Maria Amélia Albuquerque	Lisboa
Maria Patrocínio Duarte	Lisboa
Ana da Luz	Lisboa
Maria Cesarina de Castro	Lisboa
Maria Luísa Baptista dos Santos	Lisboa
Maria Lídia Baptista dos Santos	Lisboa
Laurinda Augusta da Costa	Lisboa
Maria Augusta Pires da Silva	Almada
Maria Alice Tavares Barroso	Lisboa
Elvira Gouveia	Lisboa
Lucila de Almeida	Lisboa
<b>Frequência de um dos Cursos de Socorros de Urgência</b>	
Maria Adelina Maia Júlio	Lisboa
Lucília de Oliveira	Lisboa
Maria Helena de Campos Ferreira	Lisboa
Maria Manuela Costa Félix Oom	Lisboa
Maria Flor da Costa Félix Oom	Lisboa
Maria Filomena Oliveira Marques	Lisboa
Maria Luz Espírito Santo	Lisboa
Aida Maria Camila de Sequeira Santos	Lisboa
Corina Rosa Leitão Lima	Lisboa
Vera Bordallo Pinheiro Gomes	Lisboa
Maria de Carvalho	Lisboa
Ema Quintas Alves	Lisboa

<sup>859</sup> Também frequenta o de *Rendas e Bordados* mas acaba por desistir e é-lhe devolvido o dinheiro.

<sup>860</sup> Muitas destas senhoras são também do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*

Matilde Rosa Araújo	Lisboa
Maria do Pilar Salazar de Sousa	Lisboa
Ivone de Carvalho Peres	Lisboa
Claudina Gaudêncio	Lisboa
Maria Amélia Albuquerque	Lisboa
Maria Martins Hernandez	Lisboa
Maria Teresa Gomes Soares	Lisboa
Maria José Esteves de Oliveira	Lisboa
Frequência de um dos Cursos de <i>Puericultura</i>	
Maria Adelina Maia Júlio	Lisboa
Lucília de Oliveira	Lisboa
Maria Helena de Campos Ferreira	Lisboa
Maria Feliciano Pinto de Lacerda	Lisboa
Maria Amélia Albuquerque	Lisboa
Maria de Carvalho	Lisboa
Maria Luz Espírito Santo	Lisboa
Afra de Bragança <sup>861</sup>	Lisboa
Maria Lourdes Figueiredo	Lisboa
Maria Teresa Gomes Soares	Lisboa
Maria Ascensão Gomes Soares	Lisboa
Maria José Esteves de Oliveira	Lisboa
Ivone de Carvalho Peres	Lisboa
Frequência de um dos Cursos de <i>Economia Doméstica</i>	
Maria Manuela da Costa Félix Oom	Lisboa
Maria Flor da Costa Félix Oom	Lisboa
Maria Filomena de Oliveira Marques	Lisboa
Maria Helena Campos Ferreira	Lisboa
Frequência de um dos Cursos de Malhas	
Arlette Esteves	Lisboa
Gabriela de Medeiros	Lisboa

Quadro nº64.: Frequência<sup>862</sup> de Cursos de *Escola de Noivas e Donas de Casa: 1953-55:*

<sup>861</sup> A consulta dos quadros que incluímos mostra que algumas vezes houve em que as mesmas senhoras frequentaram mais do que um dos cursos disponibilizados por *Escola de Noivas e Donas de Casa*. A professora do Curso de Corte, Afra da Graça Bragança, que também usa pseudónimo *Valha-me meu Deus...*, também será aluna da referida Escola, no curso de *Malhas*. Ela havia feito o *Curso de Corte* na *Escola Paixão*, uma das que referimos como sendo anunciadas em *Os Nossos Filhos*. A sua fotografia publicada na revista de Abril de 1950, juntamente com a de outras alunas. Esta senhora pede apoio à revista porque como tem “(...)um pai muito idoso e está à procura de uma colocação onde possa(...) ganhar a vida honestamente...Tem o 1º ano do Liceu, está a acabar o curso de Corte e costura e bordados mas não vê bem de uma vista e não a pode cansar. Também não se importa de ser bibliotecária de um jardim escola ou ser telefonista(...)” (Carta de 11 Mar. 1946. Caixa 39. Maço 2).

Frequência de um dos Cursos de Corte e Costura	
Aluna(s)	Residência
Maria Esmeralda Couto Sobral	Valbom, Gondomar
Carmen Rocha	Sá da Bandeira, Angola
Ema Mercês de Mello	Quibaxe, Dembos, Angola
Amélia Branquinho de Carvalho e Oliveira	Robert Williams, Angola
Maria Teresa Almeida Baptista	Cebola, Fundão
Maria Helena Cunha Monteiro	Granja, Castelo de Paiva
Maria Manuela Fosneca Gaeiras	Murtal, S. Pedro do Estoril
Frequência de um dos Cursos de Economia Doméstica	
Liège Rainha Neves, 1 grupo	Lisboa, Laboratório Central de Normalização
Maria Rosário Silva	Abiul
Ema Mercês de Mello	Quibaxe, Dembos, Angola
Sónia Maria Campos	Quibaxe, Dembos, Angola
Frequência de um dos Cursos de Bordados	
Maria Emília Lopes Esteves	Penha-Garcia, Idanha-a-Nova

Sabemos que as professoras destes Cursos foram Maria do Carmo Rodrigues (homónima da escritora madeirense<sup>863</sup>) que foi professora de Malhas<sup>864</sup>, Adriana Rodrigues que foi uma das grandes colaboradoras nos anos 40 de *Os Nossos Filhos* e professora de *Economia Doméstica*, Maria Palmira Tito de Morais para os *Socorros de Urgência* que será posteriormente substituída por Louise Cunha Teles que, por sua vez, encarrega algumas das suas alunas da *Escola Técnica de Enfermeiras* da orientação das últimas lições (ONF, Abril a Outubro de 1956). Da leitura dos documentos que desta iniciativa se encontram no *Espólio* percebemos que o ‘manual’ recomendado e que as alunas tinham de adquirir para o *Curso de Economia Doméstica* era o livro *A Mulher dona de casa* de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Esta estivera para ser a professora do Curso de *Economia Doméstica* mas, fora “(...) inteiramente impossível por falta de tempo(...) certeza de que se dará muito bem com D. Adriana Rodrigues(...)”, como ela própria diz, o curso procura principalmente orientar as alunas, levá-las a pensar nos problemas e a exercitar as suas próprias faculdades de modo a saberem agir nas diferentes situações que se lhes deparam. Cada lição só fica completa depois da

<sup>862</sup> A fonte para os dois quadros é Caixa 12. Maço 3.

<sup>863</sup> Maria do Carmo Rodrigues é *Suzana pobre* ou apenas *S.* na colaboração que tem em *Os Nossos Filhos*. Cf. Entrevistas realizadas para este trabalho e *Apêndice a Cap. 4- Biografias*.

<sup>864</sup> Cf. Cartas de 7 de Setembro, s.d. (Caixa 52. Maço 2), carta de 30 Abril de 1948 e de 12 de Maio do mesmo ano (Caixa 12. Maço 3).

correção dos exercícios feitos pela aluna. Faça todos os exercícios mesmo que lhe pareça que não tem vantagem ou que não é capaz(...) esses exercícios levá-la-ão a pensar muita coisa em que talvez nunca tivesse reparado; no fim poderá ver como eles a ajudam a raciocinar(...). Junto envio 1 exemplar do meu livrinho de *Economia Doméstica* e espero que a sua leitura também a possa ajudar/manuscrito:/ quando fizer exercícios, depois de cada resposta deixe 2 ou 3 linhas em branco para anotações da professora. Ficará assim com excelentes elementos para consulta futura(...)" (Caixa 12. Maço 3). Outras professoras foram ainda Maria Lígia Loureiro(?) e Lília da Fonseca, para *Corte e Costura* e o Curso de *Português por Correspondência* teria sido orientado por Matilde Rosa Araújo.

Para a *Escola de Noivas e Donas de Casa* foi pedida a "(...) concessão de alvará de estabelecimento de ensino particular, com envio de "(...) requerimento ao sr. Ministro do qual conste nome do(s) proprietários(s), ensino que pretende, local onde está instalado o estabelecimento, sexo dos alunos, denominação a dar ao estabelecimento; nome do director(a) que deve estar munido do competente diploma passado por esta Inspeção(...) com planta das salas de aula da casa onde vai ser instalado estabelecimento, na escala 1/100, com selo fiscal de 5\$00 (...), memória descritiva da planta em papel selado e (...) nota do material escolar e didáctico existente em papel selado (...) e selo fiscal de 50\$00 para vistoria(...)" (Caixa 13. Maço 3). Se o diploma foi concedido não temos conhecimento embora a Escola passasse diplomas, como se lê nos documentos existentes. Para esse fim, as alunas que o requeressem tinham de pagar mais 50\$00 sobre o preço do(s) Curso(s).

Com esta iniciativa concretizou Maria Lúcia Vassalo Namorado mais um aspecto do currículo que preconizava para as mães. Com ela criara cursos "(...) organizados especialmente para noivas, jovens mães e donas de casa, e também para senhoras que desejem trabalhar como preceptoras, modistas, bordadoras, etc. São mais uma iniciativa de Maria Lúcia Silva Rosa, directora da revista *Os Nossos Filhos*, e vêm completar a notável acção educativa desta publicação(...)" (Cartaz com cercadura. Caixa 12. Maço 3). É a directora de *Os Nossos Filhos* que assim se exprime e avalia o seu trabalho<sup>865</sup>.

---

<sup>865</sup> Ainda hoje há a preocupação com a formação das mulheres e dos homens para esta área. Se assim não fosse não se compreenderia a existência de cursos, em vídeo, intitulados *Escola de Noivas* e outro *Noiva, esposa e mãe: etiqueta, Preceitos domésticos, Enfermagem, Puericultura e Cozinha prática*, publicados pela *Editorial Moderna Editorial Lavores*, com sede em Estarreja, coordenadas por Délia Brandão<sup>865</sup>, incluídas na Colecção Laura Santos, com endereço de correio electrónico

### ***Portugal visto pelas suas crianças***

Sob esta designação vamos encontrar diversos dados quer no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* quer na revista *Os Nossos Filhos*. Ela desdobrou-se em exposições realizadas em diversas cidades, como veremos, foi mostrada no estrangeiro, deu origem as dois documentários cinematográficos de António Lopes Ribeiro e, anos mais tarde, foi nela que se inspiraram duas novas iniciativas em áreas diversas desta. A apresentação e reflexão sobre o conteúdo desta ‘ideia’ é o que faremos nas páginas seguintes. Ela representa o culminar, na prática, do pressuposto de que as crianças deveriam desenhar para livremente se expressarem. Essa possibilidade deveria ser facultada a *todas* as crianças, independentemente das aptidões ou da sua origem social. Desta forma, Maria Lúcia Vassalo Namorado provava às mães que os seus princípios educativos, na área artística do Desenho, não eram retórica e era possível concretizar o que defendia na revista.

Para a leitura do que foi a organização, produção e exibição da iniciativa *Portugal visto pelas suas crianças*, encontrámos no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*, mais do que na revista *Os Nossos Filhos*, a maior parte dos dados necessários à redacção deste subcapítulo do presente estudo.

Como se verá neste subcapítulo, outras foram as localidades onde ainda foi pensado realizar a iniciativa mas, dificuldades de vária ordem, não o permitiram. Sabemos que foi Calvet de Magalhães que deu a Maria Lúcia Vassalo Namorado uma lista de nomes possíveis para serem contactados para, em diversas cidades, ficarem ligados ou orientarem os possíveis grupos de trabalho que, como em Lisboa, poderiam vir a ser cirados. Veja-se a lista de cidades e pessoas que ele sugeriu à directora de *Os Nossos Filhos*: “(...) Leiria: Jorge Valadas; Porto: Júlio Resende, Aníbal Alcino, Fernando Lanhas, Ilse Losa que formariam equipa(...) há ainda outros com quem se poderia contar; Caldas da Rainha: Celestino Alves -indiquei para Faro mas foi transferido agora; Lagos: Lázaro Corte Real; Estremoz: Manuel Falcato; Évora: Martinho da Fonseca;

---

[moderna.edt.lavores@mail.telepac.pt](mailto:moderna.edt.lavores@mail.telepac.pt). Um outro exemplo contemporâneo é o de uma empresa – a *House keeping* – que oferece diversos cursos em <http://www.housekeeping.com.pt/content/index>. Esta empresa oferece Cursos de *Gestão Doméstica para Donas de casa*, *Puericultura para mães*, *Gestão doméstica para Homens solteiros e divorciados*, *Culinária para Homens solteiros e divorciados- Nível I e Puericultura para Homens solteiros e divorciados*, *Cursos de Primeiros Socorros para a 1ª Infância*, *Organização Doméstica e Limpezas*, dirigido sobretudo a empregadas domésticas como hoje se designam as antigas criadas de servir, *Tratamento de Roupas e Costura*, *Puericultura para baby-sitters*, *Geriatría: cuidados básicos e ainda português para estrangeiros*. Os preços oscilam entre os 100 e 200 euros. O Círculo de Leitores acaba de criar também uma *Escola de Cozinha*, em Fev. De 2005.

Abrantes: José Campas; Marinha Grande: Alberto Capucho; Vila Nova de Gaia: Sá Lemos; Coimbra: Mário Soares (...) estes elementos são de absoluta confiança e idoneidade(...) ficamos sua disposição e logo que me dê indicações (...) para escrever aos interessados e inteirá-los dos moldes da iniciativa(...)” (Carta de 25 de ? de 1955. Galiza, S. João do Estoril. Caixa 19. Maço 1).

A identificação do que se pretendia com a iniciativa assim designada é feita numa circular em que se diz que a revista *Os Nossos Filhos* “(...)uma iniciativa muito interessante a que chamou *Portugal visto pelas suas crianças* e que consiste em convidar as crianças portuguesas, dos 6 aos 15 anos, a "contarem" como vêem e sentem a sua terra através de produções livres, individuais ou colectivas- desenho, pintura, modelação, colagem...- em Lisboa, Porto, Coimbra, Évora, Braga, Faro, etc. Com os trabalhos obtidos pretende-se estudar as características psicológicas, tendências e aptidões artísticas das crianças portuguesas sobre temas do seu país(...). Com trabalhos seleccionados organizar exposições nas várias cidades e vilas, criar museus de arte infantil, publicar álbuns com reproduções dos trabalhos mais expressivos (...) e despertar em toda a parte o interesse pela personalidade infantil (...)” (Uma bela iniciativa... Caixa 17. Maço 1).

Em carta<sup>866</sup> que dirige ao *Director dos Serviços Culturais* da *Câmara Municipal de Lisboa* para solicitar o empréstimo de uma sala e subsídio para a iniciativa, Maria Lúcia Vassalo Namorado apresenta também esta ideia, sublinhando a importância educativa de que ela se poderia revestir “(...)as crianças merecem à Câmara o maior carinho (...) e (...) sabe melhor do que eu quanto interesse psicológico e educativo oferecem as actividades das crianças(...) tenho organizado vários pequenos concursos: idealizei o seguinte: convidar crianças de Lisboa a pintar ou desenhar um aspecto da nossa Cidade(...) dar-lhes todas as possibilidades de se exprimirem livremente, dar materiais(...) depois repetir em outros pontos do país(...) o material assim recolhido seria excelente para o estudo da Criança Portuguesa (...), para exposições e para fundo de um futuro *Museu de Arte Infantil* (...)”. O objectivo final desta iniciativa, como se vê, era também o de criar um *Museu de Arte Infantil* e dos trabalhos realizados em cada uma das cidades seriam retirados alguns para esse Museu (Caixa 32. Maço 4).

Quando sai o *Catálogo da Exposição*, no texto que ali escreve, Maria Lúcia Vassalo

---

<sup>866</sup> (Carta ao *Director dos Serviços Culturais* da *Câmara Municipal de Lisboa*. 25 de Out. 1954. Caixa 17. Maço 1).



Namorado vai mais longe do que referir apenas a criação do dito *Museu Infantil*<sup>867</sup> como objectivo do certame: “(...) “(...) a exposição representa o início de um movimento Portugal visto pelas suas crianças: através de expressão livre, ver como vivem e sentem a terra onde vivem(...), com trabalhos, criar em diferentes meios, Portugal insular e Ultramarino, pequenos museus de arte infantil(...) reunir em Lisboa, num *Palácio da Criança*, a par dos trabalhos obtidos na capital, representações vindas de todo o Império Português (...) as crianças envolvidas aceitaram com entusiasmo(...) as não-escolares ficaram deslumbradas(...) grande interesse a observação do comportamento destas últimas(...): Iniciativa sem outro estímulo além do prazer de pintar, não houve prémios, e de ingressar em grupos de amigos mais velhos(...)viveram horas de intensa felicidade, alegria exuberante, ardor apaixonado que puseram no trabalho(...)registre-se declaração de 1 pequeno ardina(...). O 1º lugar pertenceu ao Tejo, 2º os monumentos, 3º as praças públicas; no grupo B, o 1º lugar para Tejo, 2º a cidade, 3º os monumentos, 4º, os transportes, 5º, simultaneamente os arredores da cidade e desportos, depois, por ordem decrescente, vida nas ruas, jardins, aeroporto, ponte(...)vai prosseguir; agradecimentos às crianças, pessoas e entidades(...)”. (ML. Caixa 19. Maço 1).

Essa iniciativa teve quatro ‘subdivisões’, a saber: *Lisboa vista pelas suas crianças*, *Évora vista pelas suas crianças*, *Castelo Branco vista pelas suas crianças* e *Oakland vista pelas suas crianças*.

### **Exposição Lisboa vista pelas suas crianças**

Nem sempre é fácil ou ‘natural’ conseguir identificar as fontes ou os antecedentes de determinadas iniciativas. Muitas vezes elas(es) nem são reveladas(os) na altura em que aquelas se realizam. Outras, também são as(os) investigadoras(es) que, *a posteriori*, entendem fazer uma ligação entre o que viram realizado e o que algumas figuras concretizaram. Por vezes move-as(os) também uma de duas razões: identificar o grau de originalidade de uma iniciativa ou tão só mencionar outras(os) dados que melhor ajudem a contextualizar o ambiente em que elas foram produzidas. No caso presente identificamos apenas o que, ‘antes’ e ‘depois’ dessa iniciativa com ela está

---

<sup>867</sup> Por proposta de Maria Isabel Vieira Pereira, professora de ensino infantil e que também estivera junto das crianças da iniciativa *Lisboa vista pela s suas crianças*, depois de vir de Paris e de ver o ateliê do prof. Belvès insiste-se em que se devem criar “(...) salas de arte infantil junto dos museus(...)” para as crianças todas possam desenvolver amor ao trabalho, desejo de perfeição, perseverança para fazer bem até ao fim, e paciência(...) como já fazia Dr. João Couto, no *Museu Nacional de Arte Antiga* mas que deviam ser criados junto de todos os museus, ateliês infantis de pintura e desenho (ONF. Set. 1958. p. 12).

relacionado e de que forma ela pode ser vista como uma manifestação a favor da educação estética das crianças, de *todas* as crianças, o que exige também uma leitura política deste certame. Por outro lado, esta iniciativa da revista, feita ‘fora’ do regime vigente, conta com o cineasta mais importante do regime, António Lopes Ribeiro, para a perpetuar.

A consulta ao *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* em Torres Novas permitiu-nos ler um catálogo de uma exposição<sup>868</sup> que, em 1955, havia sido realizada em Lisboa, sobre as *Escolinhas de arte do Brasil*.

Também em *Os Nossos Filhos* e a pretexto dessa Exposição<sup>869</sup>, ela publica um artigo intitulado *Escolinhas de arte do Brasil* (ONF, Maio 1955). O organizador desta mostra, trazida a Portugal e apresentada pelo *Diário de Notícias*, fora Augusto Rodrigues, menino de Pernambuco, nascido em 1913 e a quem o pai estimulava a prática do desenho. Em 1930, ele fora trabalhar num ateliê de publicidade e, em 1935, na Imprensa, como desenhador e caricaturista. Trabalhou com Javier Villafane, que fazia teatrinho nas praças do Brasil mas era poeta argentino; conheceu também Helena Antipoff, ex-assistente de Claparède, que quando regressou ao Brasil se dedicou ao ensino de crianças difíceis. Os dois, tiveram ideia de criar *escolinhas de arte do Brasil*. Em 1941, quando viram uma exposição de desenhos de crianças inglesas, realizada no Brasil, durante a Guerra, ele percebeu a profunda reforma educativa que se fazia em Inglaterra. Também em 1944 os desenhos de crianças brasileiras, concorrentes a uma exposição em Roma, haviam sido rejeitados porque tinham sido corrigidos pelos professores. Fora então que, em 1948, aquele artista criara a 1ª *escolinha de Arte do Brasil*, na Biblioteca Castro Alves, Rio de Janeiro. Os professores quotizavam-se para a manter. Esses trabalhos, feitos em meia dúzia dessas *escolinhas* que já existiam no Rio de Janeiro, Pernambuco, Paraíba e Cachoeiro de Itapemirim, no interior de Espírito Santo, estavam em Lisboa. Maria Lúcia Vassalo Namorado, como vimos, preocupada com o ensino do Desenho nas escolas nacionais, entrevista Augusto Rodrigues para *Os Nossos Filhos*. Ele fala-lhe de cursos frequentados por enfermeiras para que possam orientar crianças hospitalizadas e ter actividades artísticas, com o objectivo de lutar pela educação estética. Colaboravam com aquele professor: “(...)Lúcia Lencastre, Noémia

---

<sup>868</sup> ESCOLINHAS DE ARTE DO BRASIL /catálogo/. Lisboa : Diário de Notícias, 1955. - [48] p. : il. ; 18 cm. Exposição de 10 a 19 de Março de 1955. Gravuras, pinturas e cerâmicas de crianças das escolinhas do Brasil.

<sup>869</sup> No n.º 156 de Maio de 1955. p. 12-13 e 25

Varella, Isabel Rocha Braga, Oswaldo Goeldi, Vera Tormenta, Maria Edith Bottari, Maria Cecília Galvão, (...) professores e artistas inteiramente devotados ao propósito de assegurar à criança o seu direito de livre expressão, convictas de que é este o caminho para um mundo mais harmonioso, mais alegre, mais feliz(...)”. (ONF, Maio 1955).

Serão três as notícias sobre desenho infantil a serem referenciadas no número de *Os Nossos Filhos* do mês seguinte. A primeira é relativa a uma exposição, na *Sociedade Nacional de Belas Artes*, entre 5 e 16 de Maio: *Desenho, linguagem infantil*, organizada por João dos Santos, em colaboração com Arminda Grilo e Cecília Rey Colaço Menano. A exposição não tinha em vista mostrar desenhos ‘mais ou menos bonitos’ de crianças mas tinha como fim de contar ao público como se dá a evolução do desenho infantil, significado psicológico, problemas que revelam e conclusões que se podem tirar. Notícia ainda a realização de (...) dois colóquios: um para professores e outro para artistas plásticos, orientados também por João dos Santos (...) em que parte do material agora exposto já tinha sido apresentado no V Congresso Internacional de Neurologia, em 1953 e depois no *Museu Pedagógico*, em Paris, em 1954 (...)” (ONF, Jun. 1955). No mesmo número da revista há uma outra referência à 3ª *Exposição de Arte Infantil no Colégio Moderno* em que se pretende dar a conhecer a importância do “(...) desenho como meio natural de expressão, realismo infantil diferente do adulto(...) /se reflecte sobre a/ violência do ensino imposto do desenho(...)”. Esta última Exposição, orientada pelo prof. Passos Pinto “(...) esteve no Ginásio do Colégio, durante 15 dias no mês de Abril 1955(...)” (ONF, Jun. 1955).

De uma das suas viagens ao estrangeiro trouxera Raúl Lino um catálogo<sup>870</sup> /scanner/ de uma exposição de desenhos de crianças que visitara em Oslo, em 1950, intitulada *Sånn ser Oslobarna byen sin = Oslo - Norway's capital seen through the eyes of her children*, ou seja, *Oslo: a capital da Noruega vista pelas suas crianças*<sup>871</sup>. Cecília Menano vira essas imagens e, em conversa com Maria Lúcia Vassalo Namorado “(...) pensámos em fazer algo semelhante cá (...) a Maria Lúcia aderiu (...). Aquilo era fazer uma coisa nova, contra a convenção(...)”. É Cecília Menano quem confirma as “(...) imensas reuniões e a necessidade de procurar os sítios(...). Trabalhei com as crianças de rua, sem acesso à escola, fizeram brinquedos também mas foi proibido referir na *TV* as

---

<sup>870</sup> Que não encontramos no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* mas de que temos fotocópia emprestada por Cecília Menano, a quem entrevistámos em 9 de Fev. 2004 e a quem devemos esta informação.

<sup>871</sup> Cf. cópia em *Doação Cecília Rey Colaço Menano*.

crianças a fazerem os brinquedos<sup>872</sup> (...). A ideia era dar à criança de rua um princípio da escrita que eram a pintura e o desenho. João dos Santos dizia que a criança mama, fala, pinta, escreve(...)" (Entrevista a Cecília Menano.9 Fev. 2004).

Como refere Cecília Menano, o catálogo da exposição realizada em Oslo não só era do conhecimento de Maria Lúcia Vassalo Namorado como dele fora feita uma tradução cujo manuscrito existe no *Espólio* da directora de *Os Nossos Filhos* e se intitula *Oslo vista pelas suas crianças e que fora realizada em 1950, na comemoração do 500º aniversário daquele município* (Cf. Tradução de um artigo...Caixa 19. Maço 1). Esse texto sublinha a importância dos "(...) desenhos simples e naturais(...)" referindo que "(...)ao ver a colecção agora publicada não podemos esquecer o desenvolvimento do ensino do desenho nas nossas escolas(...) Desde que velhos motivos triviais, esferas, pirâmides, ou na maior parte das vezes uma chávena e um pires(...)têm sido substituídos por temas que a própria vida oferece à criança, ela tem mostrado uma imaginação e perfeição nos seus desenhos que é da admirar(...)nos seus desenhos livres a criança manifesta, muitas vezes, particularidades em que os psicólogos encontram um valioso material a estudar (...)”(Cf. *Tradução de um artigo*...Caixa 19. Maço 1). Seriam estes, também, os objectivos que Maria Lúcia Vassalo Namorado queria alcançar com o referido certame. Ela queria ‘ensinar’ quem ainda o não sabia que as actividades manuais eram fundamentais no desenvolvimento infantil e que, desta forma, o que defendia em *Os Nossos Filhos* tinha, nesta iniciativa, a sua mais alta realização prática. Calvet de Magalhães também vira o catálogo trazido por Raúl Lino uma vez que, quando sai o da exposição de Lisboa escreve a Maria Lúcia Vassalo Namorado e diz-lhe:“(...) felicitações pela criação do álbum(...), está magnífico especialmente no que diz respeito às reproduções coloridas(...) reproduções a cores são mesmo superiores à da edição sueca (...)” (Caixa 17. Maço 1).

A ideia é lançada em *Os Nossos Filhos* sem mencionar, de forma evidente, aquela intenção de pôr as crianças *de rua* a desenhar. Faz-se um apelo para que as “(...) crianças nos digam livremente, através dos seus desenhos e pinturas, como vêm a sua terra(...) / e a exposição seria/ superiormente orientada por dois professores do ensino

---

<sup>872</sup> Maria Lúcia Vassalo Namorado foi entrevistada na RTP, pela apresentadora Maria Leonor. Dessa entrevista há fotografia em *Os Nossos Filhos*, mas não nos foi possível saber em que data foi realizada pois que as emissões eram em directo e, só muitos anos mais tarde, toda a programação passaria a ser gravada.

infantil e artístico(...): Cecília Menano<sup>873</sup> e professor M M Calvet Magalhães, contando com o apoio e patrocínio da *Câmara Municipal de Lisboa*(...)” (ONF, Jul. 1955).

A revista *Os Nossos Filhos* foi um local privilegiado de divulgação deste empreendimento. Nela /scanner/ foram publicadas as condições e o plano de trabalhos (ONF, Ago. 1955) assim como a distribuição de equipas de especialistas e colectividades que gentilmente colaboram e cedem instalações. No final destes textos de divulgação também são feitas citações de teóricos reconhecidos internacionalmente, como Fernand Léger, Jacques Chardonne, Georges Rioux, Herbert Read e Amélia Hamaide, que haviam estudado desenhos de crianças e reflectido sobre a importância desse meio de expressão(ONF, Set. 1955).

Meses mais tarde, ao mesmo tempo que se apelava às “(...) pessoas que desejem fazer parte da nossa equipa de especialistas, o favor de nos mandarem o mais breve possível os seus nomes e moradas, se ainda não o fizeram, a fim de darmos o melhor andamento aos nossos trabalhos(...)” e será a vez de também ali se identificarem muitas das pessoas ou colectividades que apoiavam a iniciativa: “(...) Júlio Resende e Valentim Francisco Malheiro (Porto), Martinho da Fonseca (Évora), Bravo Silva, e Humberto de Sousa Dias (Lisboa), Directora do Externato Santa Joana a Princesa (Lisboa) (...) e publicaram notícias os seguintes semanários: Correio do Ribatejo, Santarém, Angola Norte» (Malange), O Jornal de Estarreja, «O Jornal de Cambra» (Vale de Cambra), «O Renascimento» , (Mangualde), «Jornal do Fundão», e «Jornal de Moura» (...)” (ONF, Dez. 1955) e ainda “(...) Maria Joana de Deus Pina Cabral, Directora do *Lar Educativo João de Deus*, e Lia Maria Henriques de Almeida Fernandes(...)” (ONF, Fev. 1956). Algumas casas comerciais, como a “(...) Casa Ferreira, concede desconto de 20 % em todo o material de desenho e pintura que se destine aos trabalhos de *Lisboa vista pelas suas crianças*(...)” (ONF, Fev. 1956).

O apoio das escolas oficiais a esta iniciativa foi autorizado por José Francisco de

---

<sup>873</sup> Figura com mérito reconhecido e de quem João dos Santos dirá, anos mais tarde:“(...) Cecília Menano não foi apenas uma das introdutoras da Educação através da arte em Portugal. Foi também um dos pioneiros, no Mundo, dessa forma de introduzir a criança no nosso mundo espiritual (...) se nos interessássemos verdadeiramente pelos problemas da criança em Portugal, ela seria hoje tão conhecida entre nós e no estrangeiro como são Reed, Langevain, Bugnet, Frenet (sic), etc.(...)” (DGA. 1963. p. 117). No Catálogo da *Exposição de Lisboa...*, que só mais tarde saiu, Maria Lúcia Vassalo Namorado escreveu, em 11 Fevereiro de 1958, uma dedicatória a Cecília Menano:

“Para Cecília Menano, a primeira, a mais valiosa, e a mais dedicada colaboradora de *Lisboa vista pelas suas crianças*, sem esquecer a coragem que me deu para que este álbum se não deixasse de editar- Com um abraço muito afectuoso e gratíssimo, da Maria Lúcia” (Entrevista a Cecília Menano.9 Fev. 2004).

Moura, director do *Distrito Escolar de Lisboa*, em circular de que existem ainda 23 cópias no *Espólio*, com o seguinte conteúdo:“(...) Ex. Srs. Directores das escolas femininas e masculinas da cidade de Lisboa: É portadora desta circular a ilustre directora de *Os Nossos Filhos* que pretende colaboração dos Srs. Professores da Capital no sentido de as crianças das escolas se expressarem, através de produções livres, como vêm e sentem a cidade de Lisboa. Dêem à iniciativa a colaboração considerada de utilidade para o ensino(...)” (Carta de José Francisco de Moura. Lisboa. 12 de Nov. de 1956. Caixa 17. Maço 1). Não sabemos se esta circular foi levada em mão às 155 escolas<sup>874</sup> que são enumeradas como fazendo parte deste Distrito Escolar.

As condições e plano de trabalho foram publicadas mais do que uma vez (ONF, Ago. 1955, Mar. e Set. 1956 ou ainda Abr.1958). Decidira-se que a “(...) primeira realização teria lugar em Lisboa - *Lisboa vista pelas suas crianças*- /e será/ necessário que nela estejam representadas crianças de todas as condições e de todos os bairros lisboetas. Que famílias e Escolas oficiais e Colégios particulares proponham às suas crianças a realização de trabalhos com fim à “nossa” exposição(...). As que não podem comprar material também podem participar porque a *Câmara Municipal de Lisboa* põe à disposição tintas, pincéis (...)” (ONF, Março 1956). Também se apela a “(...)todos os particulares que reúnam mesmo em suas casas crianças para aderir esta iniciativa para que todas as crianças de Lisboa possam tomar parte nela(...)”(ONF, Maio 1956).

Sendo que o prazo previsto para as inscrições terminava em 31 de Julho de 1956, informava-se ainda que, quem pretendesse perceber a concepção teórica do projecto, devia (re)ler alguns dos números atrasados da revista para dela se inteirar. Mencionavam-se expressamente os fascículos “(...) de *Os Nossos Filhos* de 130 a 133 e 146 a 156 onde se encontram esplanadas(sic) as directrizes dos novos métodos de ensino de desenho infantil(...)” (ONF, Maio 1956).

Em notícia em que se apela à ampla participação na iniciativa, são também identificados os locais previstos para as sessões e respectivas(os) orientadoras(es) (ONF, Maio 1956): Em Lisboa muitas foram as vontades que se juntaram para conseguir realizar a referida exposição. Uma das tarefas foi a de encontrar salas, sobretudo para juntar as crianças que trabalhavam. *Pitum* Keil do Amaral foi um dos apoiantes que procurou fazer um levantamento de instituições que pudessem ter as condições necessárias. Foi ele que sugeriu, como “(...) tendo muito boas condições(...): a *Cooperativa dos Trabalhadores*

---

<sup>874</sup> Cf. *Relação das escolas existentes na cidade de Lisboa*, lista dactilografada (Caixa 19. Maço 1).

de Portugal, na Baixa, a *Cooperativa a Padaria do Povo*, Campo de Ourique, o *Lisboa Ginásio Clube*, nos Anjos, o *Clube Arte e Sport*, em Campo de Ourique, o *Centro de Profilaxia da Velhice* ao Príncipe Real, a *Academia dos Amadores de Música*, no Carmo, os *Bombeiros Voluntários Lisbonenses*, ao Marquês, a *Sociedade Nacional de Belas Artes*, na Avenida, a *Casa do Algarve*, no Chiado e a *Casa da Comarca de Arganil*, a S. José(...)”. Como locais com boas condições estariam: “(...) a *Voz do Operário*, na Graça, a *Cooperativa Militar*, a Santa Marta, o *Clube Oriental de Lisboa*, no Poço do Bispo, a *Sociedade Promotora de Cultura Popular*, no Calvário, o *Grupo Amigos de Lisboa*, na Misericórdia e o *Ateneu Comercial de Lisboa*, na R. Eugénio dos Santos(...)”. ” (Ca. 1955. Caixa 19. Maço 1).

Quadro nº65.: Locais<sup>875</sup> e orientação das sessões de trabalho de *Lisboa vista pelas suas crianças*:

Locais	Apoios
As crianças do Poço do Bispo reúnem-se no <i>Clube Oriental de Lisboa</i>	assistidas prof. Luz Correia e estudantes Maria Josefina Sousa Guedes, Maria Lira Freitas Pereira <sup>876</sup> , e Luís Vassalo Namorado Rosa <sup>877</sup>
As de Alcântara e bairros próximos, na <i>Escola D. Pedro V</i>	orientadas por prof. Enfermeira Alice Gentil Martins Menano <sup>878</sup> , Professora Maria Luísa de Sousa Lobo e estudantes Ana Maria Aragão, e Adriana Areal <sup>879</sup>
As de Alcântara e bairros próximos também na <i>Escola Técnica Elementar Francisco Arruda</i>	acompanhadas dos Professores Arquitecto Bravo Silva, Emília V. Justino, e Lia Fernandes
As da Baixa, Bairro Alto e imediações, na <i>Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal</i> <sup>880</sup>	Professores Arquitecto Bravo Silva, José Antunes da Silva, e Humberto de Sousa Dias; e Professor Nikias Schapinakis, Pintor Sá Nogueira, Estudantes- Maria Eduarda Santos Cordeiro, e Maria do Carmo Azevedo Santos

<sup>875</sup> Sabemos que foram pedidas instalações a outras entidades: Casa do Alentejo e Casa das Beiras, em Lisboa Jaime Lopes Dias da *Câmara Municipal de Lisboa em (22 de Dez. 1954)*, Director do Colégio Luso Francês de Lisboa, (carta em 14 de Mar. de 1956) (Caixa 17. Maço 1) e muitas outras referidas no *Espólio*. Para a Exposição também pedido o patrocínio, em materiais, de *Casa Ferreira*, *Casa Domingos e Lavadinho* e *Casa Varela* (Caixa 19. Maço 1).

<sup>876</sup> Também entrevistada por escrito, para este trabalho; Cf. Biografias; era filha de Dalila ... da Madeira; estudante de Belas Artes, viria a casar primeiro com pintor António Areal e depois com Pítum Keil do Amaral; é a mãe da bailarina Leonor Keil do Amaral. (Carta de Maria Lira Keil do Amaral. Canas de Senhorim. 3-3-2004).

<sup>877</sup> O segundo dos três filhos de Maria Lúcia Vassalo Namorado, estudante de Arquitectura.

<sup>878</sup> Referida como uma das orientadoras na entrevista com Cecília Menano em 9 Fev. 2004.

<sup>879</sup> Casada à época com o pintor António Areal ?

<sup>880</sup> O Grupo de crianças que aqui trabalha tem uma fotografia publicada neste número de *Os Nossos Filhos*.

Crianças da Graça, S. Vicente e Alfama na <i>Sociedade Voz do Operário</i>	Prof. Calvet de Magalhães, Fernando Louro de Almeida, e José Bastos; Estudante Vera Azancot <sup>881</sup> , Professoras: Lucinda Atalaia, Maria Isabel Vieira Pereira <sup>882</sup> e Pitum Keil do Amaral <sup>883</sup> .
As de Madragoa e Santos reúnem-se na <i>Associação de Vendedores de Jornais</i>	Dirigidas por prof <sup>a</sup> . Cecília Rey Colaço Menano, Maria da Graça Serrano e estudantes Maria Cândida Seixas e Sousa e Pina Cabral e pelos professores José Monteiro Gandra e Maria Leonor Alves Viegas de Oliveira Nunes <sup>884</sup> .

Cada sessão foi preparada ao pormenor sendo que deveria haver “(...) Três cursos funcionando cada curso com 15 crianças, um professor, dois colaboradores<sup>885</sup>. Orientação dos professores, trabalho dos colaboradores: cada professor responsável pelo seu grupo- colaboradores e crianças- dentro da seguinte organização: aula deve estar preparada, por um colaborador, antes que cheguem crianças para trabalhar, tintas feitas, pincéis bem lavados, papel preparado(...) a um dos colaboradores compete o arquivo das pinturas com 1º nome da criança e sua idade; se houver mais do que um trabalho de cada criança, devem estar juntos para maior facilidade na escolha final(...) ser orientado no manejo dos pincéis e tintas para que crianças respeitem material(...) constante lavagem dos pincéis na mudança de cor(...) pode e deve ser estimulada mistura de cores em *godet* à parte(...) estímulo de composição a partir de 8 anos(...) composição

<sup>881</sup> Uma das grandes amigas de Maria Lamas.

<sup>882</sup> Cf. Biografias e colaboradoras; foi uma das divulgadoras de Freinet, com quem estagiou, em Portugal.

<sup>883</sup> Referido como um dos orientadores na entrevista com Cecília Menano em 9 Fev. 2004.

<sup>884</sup> Neste grupo de jovens estudantes que apoiaram a iniciativa estava ainda a enfermeira Maria Eugénia Teixeira dos Prazeres, amiga de Maria Teresa Carrusca, esta prima de Maria Lúcia Vassalo Namorado, ambas estudantes de Enfermagem na *Escola Técnica de Enfermeiras* e amiga também de Fernando Rosa, filho mais velho de Maria Lúcia Vassalo Namorado mas aqui não é mencionada (Entrevista a Maria Eugénia Teixeira dos Prazeres, 8 Mar. 2005).

<sup>885</sup> Das entidades a quem foi pedido apoio e que, manifestaram a sua falta de disponibilidade para o fazer salientamos: o presidente da direcção da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho – FNAT*, Lisboa, que em carta 23 Nov. 1955 escreve: “(...)resposta à sua carta não pode ser atendida a pretensão dessa revista por não se integrar na finalidade estatutária desta instituição(...)”, o *Director da Escola Comercial Veiga Beirão*, o Irmão Rafael Fraga, do *Externato Marista* de Lisboa, o *Externato do Sagrado Coração de Jesus* e o director secretário do *Ateneu Comercial de Lisboa* (Caixa 19. Maio 1).

No *Espólio* encontra-se uma única carta em que se lamenta a não inclusão de um protegido do 1º *Centro Artístico e Infantil de Lisboa* na Exposição (Carta de João Hermano Baptista, pintor e director do 1ª Centro... Caixa 26. Maio 2).

Entre as boas vontades reunidas para apoiar a iniciativa (ex. a de Luís António de Matos Carrôlo, de 11 anos. Caixa 18. Maio 1) figura a de uma professora primária directora da *Escola Feminina n.º 51* de Alfama, Amélia da Ressurreição Baptista, que quer participar com as suas alunas na mostra (Carta de Amélia da Ressurreição Baptista. Lisboa. 9 de Jan. 1957. Caixa 19. Maio 1). Vai visitar também a Exposição em Lisboa. Esta senhora criara também o *Patronato de Nossa Senhora do Bom Conselho* para retirar algumas alunas de casa onde eram molestadas por familiares próximos, como pais. (Cf. restante biografia em *Apêndice Cap. 4- Biografias*).



inteiramente livre sobre Lisboa.

Composição com tema dado: conversa sobre bairro onde vivem, o jardim que fica perto, a vida na rua ou na casa, de noite ou de dia(...).

Temas gerais para todos: Terreiro do Paço, Lisboa vista do Tejo, as Praças, as ruas com movimento de vendedeiras, a Baixa, a Avenida da Liberdade, Lisboa num dia de chuva, de frio, de sol, o Cais(...). Todos os temas gerais devem ser dados na mesma lição para que as crianças sintam o estímulo do concurso entre elas. Ao fim de 3 ou 4 produções o professor e colaboradores devem discutir as possibilidades de estimular a criança que as trabalhou. As crianças com maiores possibilidades podem permanecer no curso mais tempo, de maneira a que ganhem mais experiência e tenham probabilidades de ser escolhidas na selecção final(...) a essas crianças deve ser dada também a possibilidade de fazer trabalhos colectivos (máximo 4 alunos). Estimular a composição completa, histórias alusivas, estímulo constante pela palavra, orientação sem crítica de nenhuma espécie, fundos de papéis pintados(...). Crianças não devem sentir diferença entre professor e colaboradores e isso depende da atitude entre estes. Professor deve procurar orientar os colaboradores antes ou depois da lição mas não durante esta(...)" (Cf. *Três cursos...*Caixa 19. Maço 2). Como se vê, pouco ficava sem ter sido pensado e sabia-se muito bem o que se pretendia alcançar.

Muitos foram os convites feitos para a inauguração deste certame, tendo sido enviados ou listados<sup>886</sup> um total de cerca de 250 pessoas e/ou instituições e órgãos de imprensa, assim como entidades oficiais. Entre os convidadas(os) nominais e oficiais contavam-se desde figuras como António Luís Gomes, ao *Secretário Nacional da Informação*, Fernanda de Castro, a Victor Fontes e Maria Irene Freitas da Costa do *Instituto António Aurélio da Costa Ferreira*, a Enfermeira Beatriz de Mello Corrêa directora da *Escola Técnica de Enfermeiras do IPO*, as ex-deputadas Maria Leonor Corrêa Botelho e Maria Luísa Van Zeller, da *Maternidade Alfredo da Costa*, João Couto do *Museu Nacional de Arte Antiga*, Dr. Leónidas, da *Direcção Superior do Ensino Primário*, Martins Barata, Guida Ottolini, Maria Helena Roque Gameiro, a *Obra das Mães pela Educação Nacional*, Tânger Correia da RTP, Azeredo Perdigão da *Fundação Calouste Gulbenkian*, João de Barros, Carlos Salazar de Sousa, Maria Borges, Lucinda Maria Atalaia, Anália Torres de Moura e Sá, Vera Azancot, Maria de Jesus Barroso Soares, João Soares, director do *Colégio Moderno*, Maria Alexandra

---

<sup>886</sup> Em Apêndice a Cap. 4- *Portugal visto pelas suas crianças* cf. lista de todas as pessoas convidadas.

Ranito de Almeida Eusébio, Fernanda Losa, Urbano Tavares Rodrigues do *Diário de Lisboa* e João Alves das Neves do *Diário Ilustrado* e Pinto Quartim, da delegação de *O Primeiro de Janeiro*, Berta Salvador Marques, directora do *Colégio Mouzinho de Albuquerque*, Adriana Rodrigues Barata Moura e família, Maria Irene Madail Rosa, Delfim dos Santos, Barahona Fernandes, João dos Santos, Irene Lisboa, Manuel Vicente Moreira, escritor Ferreira de Castro, Pitum Keil do Amaral, Arq. Francisco Keil do Amaral, António José de Almeida, Alice Rey Colaço Menano, Amélia Rey Colaço Robles Monteiro, Abel Manta e esposa, Adriana de Vecchi e Costa, Henrique Moutinho, Rosélia Ramos, José Francisco Rodrigues, Rui Grácio, Manuel Nunes da Fonseca ou *Mário Castrim*, Maria Elisa Nery de Oliveira, Maria da Soledade Silva, amigas de Torres Novas, Maria da Graça Amado da Cunha e Fernanda Tasso de Figueiredo, do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, Nikias Skapinakis, Thaïs Bianchi, Branca Rumina, Professora Alice Gomes, Elina Guimarães, Matilde Rosa Araújo, Francine Benoît e Oliveira Martins, vizinho de prédio ou ainda o coronel Eng. Manuel António Vassalo e Silva, Fernando Pereira Bastos, António Júlio Vassalo, todos familiares de Maria Lúcia Vassalo Namorado. (*Lisboa vista pelas suas crianças*: convidados ...Caixa 19. Maço 1). Nesta lista não temos o nome de Maria Lamas.

A Exposição *Lisboa vista pelas suas crianças*, realizada na *Secção de Propaganda e Turismo do Secretariado Nacional*, da R. 1º Dezembro 120 (Lisboa. Câmara Municipal. Caixa 17. Maço 3), foi inaugurada pelo Ministro Educação Nacional, Leite Pinto e pelo Presidente da *Câmara Municipal de Lisboa*, tenente coronel Salvação Barreto, às 11 h de 29 Março 1958. Estiveram presentes, entre outros, António Ferro e Julieta Ferrão, conservadora chefe dos Museus Municipais e colaboradora de *Os Nossos Filhos*.

Dessa cerimónia existem dois documentários<sup>887</sup> de António Lopes Ribeiro, com as seguintes características:

Quadro nº 66. : Documentários sobre a Exposição *Lisboa vista pelas suas crianças*:

<b><i>Lisboa vista pelas suas crianças</i></b>	Duração de 17.25.23 minutos Cor Produzido por Tobis Portuguesa Subsidiado pelo <i>Fundo de Cinema Nacional</i> Som de Shagundo Galarza. Montagem, comentário e realização de António Lopes Ribeiro. Filme autónomo.
	Começa com vista panorâmica de Lisboa e segue um marçano que "(...) pára não para tomar fôlego mas para recolher manancial de imagens que não esquece(...)". Apenas se vê, rapidamente, Maria Lúcia Vassalo Namorado

<sup>887</sup> E não apenas um como Maria Lúcia Vassalo Namorado refere na carta ao Padre Horácio Nogueira em 3-6-1958 (Caixa 41. Maço 3). Podem ser visto no *ANIM- Arquivo Nacional da Imagem em Movimento*, na aldeia de Chamboeira, concelho de Loures. Foram visionados em 23 Setembro 2002.

	Excelente realização; mostra Terreiro do Paço e estátua de D. José, guindastes do Porto de Lisboa, Torre de Belém, Castelo de S. Jorge, entre muitas outras e desenhos feitos sobre esses locais
<b>A Exposição Lisboa vista pelas suas crianças</b> <sup>888</sup>	Duração: minuto 3.00 a 4.18 de <i>Imagens de Portugal</i> n.º 135, <i>Quinzenário de Informação e Cultura</i> <sup>889</sup> , patrocinado pelo <i>Secretariado Nacional de Informação</i> . Preto e branco.
	Produção de Produtores Associados e Sociedade Portuguesa de Actualidades Cinematográficas. Laboratórios de Ulisseia Filmes. Registo de som Reeveessound.
	Começa com imagem do “(...) coronel Salvação Barreto, presidente do município e de Prof. Leite Pinto, Ministro da Educação(...)”. Maria Lúcia Vassalo Namorado aparece de perfil.
	Boa realização

Perante estes documentários, como perante quaisquer outros, não podemos deixar de pensar que “(...) qualquer imagem, por mais «real» que seja, é sempre uma «ficção», modelada pelo seu autor (...)” (Torgal, 2001. p. 16). Eles podem ser vistos “(...) como «documento histórico» ou «fonte da história” (...) mas o filme tem sempre uma intenção. Por vezes é manifesto um objectivo de propaganda directa, ou seja, pretende produzir a «sua história», uma «história institucional»(...)” (Torgal, 2001. p. 16). No caso presente, a propaganda a fazer não é à *Exposição* em si mas aos políticos que nela estiveram. Essa intenção é aqui evidente uma vez que, em ambos os documentários, a imagem de Maria Lúcia Vassalo Namorado é quase imperceptível: numa das vezes, a sua focagem é pouco mais do que fugaz e, na outra, só se vê, rapidamente, de perfil. Há que convir que, para uma das organizadoras do certame e directora de uma revista, a imagem que dela se tem no filme não é, decerto, a de uma pessoa grata ao regime!

Com documentários como o da *Exposição Lisboa vista pelas suas crianças*, mais não se pretendia do que, “(...) através da «informação», (...) engrandecer a obra de Salazar no domínio das obras públicas (...) mas também do fomento agrário e industrial, e divulgava os grandes actos da vida cívica, política e cultural, tais como visitas

<sup>888</sup> No mesmo programa era precedido de outro documentário sobre “*Estátuas de Lisboa*”; era seguido de outro sobre “*O Ministro Von Brentano em Lisboa*”, ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha Ocidental.

<sup>889</sup> Criado em 1953, para substituir o *O Jornal Português*, que terminara no n.º 95. “(...) A nova série, apresentada ao público em 11 de Março do mesmo ano, segue um estilo bem semelhante ao anterior, apesar das críticas formuladas. Os seus números estão divididos em duas secções, uma designada como *cultural*, exibindo imagens de cunho folclórico ou turístico, e uma outra voltada para a divulgação informativa, o «noticiário». A periodicidade da sua exibição é constante e bem maior do que a da sua precedente, divulgando em média dois números por mês. As temáticas focadas seguem a mesma linha de exploração de imagens, relacionadas com eventos marcantes do Estado Novo: as suas realizações e principais acontecimentos. É de destacar a existência de alguns números especiais dedicados ao presidente do Conselho, que enfatizam a importância crescente do culto da imagem de Salazar. (Paulo, Heloísa. In Torgal, 2001. p.106). (...)As imagens evidenciam a actuação do Estado como o grande empreendedor e benfeitor da sociedade e «guardião» dos ideais de culto à «Nação». (Paulo, Heloísa. In Torgal, 2001. p.110).

presidenciais, manifestações de apoio ao regime, festas militares, comemorações, exposições, etc. (...)”(Torgal, 2001. p. 70). A iniciativa deve ser compreendida como uma actividade possível fora da ortodoxia do regime uma vez que “(...) no próprio ambiente de repressão em que se vivia, havia sempre a possibilidade de «fugas», da força das ideias que se impunham no espaço cultural internacional e do aproveitamento estratégico pelas forças da oposição (...)”(Torgal, 2001. p. 36).

Os dois documentários não foram pedidos por Maria Lúcia Vassalo Namorado. Um deles, *A Exposição Lisboa vista pelas suas crianças*, como pode ver-se nos dados do quadro, foi produzido “(...) pela *Sociedade Portuguesa de Actualidades Cinematográficas (SPAC)* (...) uma sociedade (...) que, na verdade, representava os interesses políticos do regime em matéria cinematográfica (...)”(Torgal, 2001. p. 70) e feito nos laboratórios da *Ulisseia Filme*, empresa que fora criada em 1929 (Paulo, Heloísa. In Torgal, 2001. p.101). Foi patrocinado pelo *Secretariado Nacional de Informação* que produzia “(...) diversos documentários individualizados, tendo como base eventos promovidos pelo Estado, e, duas séries que marcaram a sua presença nos cinemas portugueses a partir de 1938: o *Jornal Português e Imagens de Portugal*. Uma grande parte dos documentários realizados para estas duas séries é da responsabilidade de um dos mais renomados cineastas do regime, António Lopes Ribeiro, que mais criticara a produção anterior de documentários, tornando-se um dos realizadores mais activos do regime. Os temas abordados são os mais diversos e estão relacionados com acontecimentos, comemorações e a imagem idealizada do país que o regime busca divulgar em Portugal e no estrangeiro. Na verdade, estes documentários vêm a ocupar o lugar das «Actualidades» dos períodos anteriores sendo enviados para outros países<sup>890</sup>, onde visam, como público alvo grandes núcleos de emigração portuguesa, como o Brasil(...)” (Paulo, Heloísa. In Torgal, 2001. p.105).

O outro documentário - *Lisboa vista pelas suas crianças*- foi feito com o apoio do *Fundo do Cinema Nacional*, que fora criado pelo Estado Novo “(...)em 18 de Fevereiro de 1948, (...)e possui, entre os seus objectivos, o de fornecer «subsídios destinados a intensificar a produção de filmes de curta-metragem facilitando, assim, a revelação de novos valores da cinematografia nacional» (Item 5.º do artigo 7.º da Lei

---

<sup>890</sup> Em carta de uma das colaboradoras *Virgínia de Vilhena*, a residir em Luanda sabemos que, no cinema local, ela vira a inauguração da Exposição em Lisboa (Carta de 9 Jun. 1958. Luanda. Caixa 60. Maio 2). O mesmo acontecera no Porto, onde também no cinema, António Emílio de Magalhães vira a referida inauguração (Caixa 76. Maio 6).

n.º 2027). Passa a ser cobrada uma taxa de cem escudos para cada licença de exibição das chamadas «actualidades», que deveria converter-se num dos elementos de receita para a manutenção do fundo(...)”. (Paulo, Heloísa. In Torgal, 2001. p.104).

Será Maria Lúcia Vassalo Namorado a informar para Ponta Delgada (cf. neste cap. a ideia de estender a iniciativa àquela cidade) que “(...) está a fazer-se filme colorido com reconstituição das actividades e apresentação dos trabalhos que vai ser apresentado no próximo mês na *Bienal de Veneza* (...)” (Carta a Silva Júnior, do *Bureau de Turismo "Terra Nostra"*. 16 Maio 1958. Caixa 17. Maço 1).

Em 5 de Abril de 1958 a Exposição foi visitada pelo *Subsecretário Estado da Educação Nacional*, Baltazar Rebelo de Sousa. Em nome da revista estavam a recebê-lo Maria Lúcia Vassalo Namorado, Calvet de Magalhães e Cecília Menano. Foi ele que propôs que a Exposição estivesse aberta de 14 a 20 de Abril para poder ser visitada por professores e alunos das escolas do Ensino Primário da capital, que se encontravam em férias. Fora também “(...) sublinhada a participação das *crianças de rua*(...)” (ONF, Abril 1958).

Existe também no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* o *Livro de oiro* da Exposição<sup>891</sup>, com mais de 800 assinaturas ou rubricas. Da leitura dessa lista<sup>892</sup> sabemos que a Exposição foi visitada por Leite Pinto<sup>893</sup>, o ministro que a inaugura em 29 de Março de 1958, Maria da Soledade, Maria José Estanco, Maria José Gamito, Maria Ulrich, Maria Germana Tânger, Alice Gomes, Maria Helena Rosa Torres Peres de Seixas, Virgínia Lopes de Mendonça, Isabel Barroso Soares e João Barroso Soares (crianças), Maria Barroso, Maria Elisa Nery de Oliveira, Maria de Sousa Carrusca, Maria Cesarina Castro<sup>894</sup>, Maria de Jesus Mateus<sup>895</sup>, Beatriz Belo Torrado<sup>896</sup>, Maria da

---

<sup>891</sup> A lista de todas as assinaturas que conseguimos identificar e a transcrição de todas as frases/sugestões deixadas no referido documento estão também no *Apêndice a Cap. 4- Exposição Lisboa vista pelas suas crianças*.

<sup>892</sup> Para publicar em *Os Nossos Filhos* serão seleccionadas por Maria Lúcia Vassalo Namorado, do “(...) *Livro de Oiro da Exposição*(...) frases de Maximino Correia, Reitor da Universidade de Coimbra; Vítor Fontes *Director do Instituto António Aurélio da Costa Ferreira*, Ávila de Azevedo, Professor do Liceu de Luanda e de José Prudêncio, poeta. (ONF, Jun. 1958).

<sup>893</sup> Escreve apenas: “(...)Que linda exposição esta!(...)”

<sup>894</sup> Que escreve: “(...)Justíssimo prémio de tanta luta pelo bem da nossa terra, das nossas crianças e até de seus pais. Bem haja(...)”.

<sup>895</sup> Que escreve: “(...)Só um espírito superior, aliado à tenacidade do verdadeiro mérito, poderia realizar a obra patente que não será vã na projecção que terá entre a mocidade que virá depois- e aqui tem, na fase da infância, o "meio de expressão" mais sincero- os trabalhos apresentados, que são alguns- verdadeiras revelações (...)”.

<sup>896</sup> Mãe do escritor António Torrado.

Conceição Oliveira Marques, Manuel Nunes Fonseca<sup>897</sup>, Martinho da Fonseca ou *Bernardo Santareno*, Maria Letícia Clemente da Silva, Mário Dionísio, Maria Guilhermina de Deus Ramos Soares Lopes, *Manuela de Azevedo*, Maria da Luz de Deus, Urbano Tavares Rodrigues, Virgínia Gersão<sup>898</sup>, Amélia da Ressurreição Baptista, Branca Braga de Macedo, MA Borges<sup>899</sup>, Pereira Lima<sup>900</sup>, construtor civil, Maria Cândida Caeiro<sup>901</sup>, filha mais nova de Maria Lamas, Vassallo e Silva, Rui Grácio, João Gaspar Simões, Isabel da Nóbrega, António Lopes Ribeiro, Niquias Sakapinakis e António Florentino Namorado e Ana Vassalo Namorado, estes últimos, o pai e mãe de Maria Lúcia Vassalo Namorado que a visitam em 12 de Abril de 1958. (cf. Livro de assinaturas da Exposição...Caixa 70. Maço 2).

Depois de terminar esta Exposição, ela vai iniciar uma itinerância que a leva a Évora e a Castelo Branco. No estrangeiro, uma parte irá a Oakland, na Califórnia, como veremos. Destas Exposições integradas existem 4 catálogos<sup>902</sup>: um, da Exposição *Lisboa vista pelas suas crianças*; outro, de *Lisboa vista pelas suas crianças (...)* apresentada em Évora; um terceiro, o da Exposição de Évora vista pelas suas crianças e o de *Oakland vista pelas suas crianças*./scanner/. No *Espólio em Torres Novas*<sup>903</sup> há também exemplares de cada um destes catálogos.

---

<sup>897</sup> Mário Castrim que vai escrever: “(...)As crianças enriquecem a vida. E a sra D. Maria Lúcia também, lado a lado com elas (...)”.

<sup>898</sup> Que escreve: “(...) Ainda bem que vejo coroados os seus esforços na apreciação desta exposição de tão alto valor educativo(...)”

<sup>899</sup> /Maria Amália Borges de Medeiros/ que escreve: “(...) Felicito os organizadores, especial pela iniciativa do grupo B e pelo assunto Lisboa vista pelas suas crianças (...)”.

<sup>900</sup> Que escreve: “(...)A Exposição *Lisboa vista pelas suas crianças* revela-nos, da parte da autora muito carinho pela educação infantil e uma vontade de descobrir e seleccionar as suas faculdades. Da parte das crianças- muito interesse na satisfação de dar ânimo e alento a quem soube interpretar aquilo que sonharam- mostrar em público os seus dotes artísticos (...)”.

<sup>901</sup> Escreve: “(...)Um encanto para a vista e para o coração(...)”.

<sup>902</sup> No Espólio e ainda em Caixa 17. Maço 3

<sup>903</sup> São dois da *Exposição de Lisboa*, de 1958, um deles, de 43 p. e o outro com 54 p., com indicação de ter sido editado pela Secção de Propaganda e Turismo da Câmara Municipal, em nota referindo que é o “(...) catálogo da Exposição de desenhos infantis realizada de 29 de Março a 13 de Abril(...)”. De Évora existem também dois catálogos: o primeiro, da Exposição *Lisboa vista pelas suas crianças* realizada em Évora, com 25 p., feito na Gráfica Eborense e acrescentando: “(...) Exposição de pinturas infantis realizada em Lisboa por iniciativa da revista “Os nossos filhos”, sob a égide da Câmara Municipal de Lisboa. É apresentada em Évora com o patrocínio da escola “Arte na educação” e da Câmara Municipal de Évora(...)”. O segundo, com 21 p., é o catálogo da Exposição das obras das crianças de Évora, ou seja, *Évora vista pelas suas crianças* a “(...) Exposição de pinturas infantis, integrada no certame - Portugal visto pelas suas crianças. Iniciativa da revista “Os nossos filhos”, dirigida por Maria Lúcia Silva Rosa(...)”. O último, é o catálogo da exposição *Lisboa vista pelas suas crianças* que foi a Oakland: “(...) Catálogo da exposição de pinturas organizada como parte de um intercâmbio cultural entre as cidades de Oakland, California, U.S.A., e Lisboa, Portugal (...)”, com 42 p. A Exposição realizou-se no Museu Municipal de Oakland, em 1959, ou seja, já depois da revista *Os Nossos Filhos* ter passado de mensal a anual. Não temos catálogo da exposição em Castelo Branco.

É de outras referências a exposições realizadas no país, sobretudo para mostrar desenho infantil, semelhantes a esta que nos ocuparemos seguidamente, deixando para mais adiante a análise do percurso seguido por esta iniciativa.

No mês seguinte ao da realização da Exposição *Lisboa vista pelas suas crianças* realiza-se, no Colégio Moderno, em Lisboa, o *I Festival de Arte Infantil*, de 27 de Abril até 17 Maio. No certame, “(...) inaugurado por Baltasar Rebelo de Sousa e pelo Inspector Superior do Ensino Particular, Almeida Carneiro /poderia ser admirada/ “(...) pintura de alunos da Instrução Primária e Curso dos Liceus, e trabalhos de modelação em barro e pintura abstracta, jogos de iniciação aritmética e de noção de tempo, jogos de gramática (...)” (ONF, Maio 1958). Paralelamente decorreram: “(...) uma tarde de poesia e canto, duas tardes de cinema para crianças e quatro serões culturais: *A criança e a música*, por Francine Benoît; *A criança e a poesia*, por Matilde Rosa Araújo, leitura de poesias para crianças por artista e professora (...) Maria Barroso; Colóquio *Os Problemas psicológicos da infância e adolescência* orientado por João dos Santos; *Formação estética do ensino*, por Rui Grácio, seguida debate e um espectáculo de teatro do *Grupo Cénico do Colégio Moderno*, direcção Maria Barroso; de parabéns /estavam/ o director, João Soares<sup>904</sup> e colaboradores próximos e incansáveis, Mário Soares, Maria de Jesus Barroso e Passos Pinto.

No mesmo número são ainda referidas as exposições escolares da Escola *Ave Maria*, Colégio *Claparède*, da Escola *Técnica Elementar Eugénio dos Santos*, do *Lar da Criança* e do *Curso de Pintura livre*, dirigido por pintor Nikias Skapinakis no *Liceu Francês Charles Lepierre* e das *Escolas Anexas da Escola do Magistério Primário de Lisboa*, por iniciativa de Maria de Jesus Mateus Mendes, e Externatos *Filipa de Vilhena* e do Eng. Duarte Pacheco numa galeria de arte, no Chiado. (ONF. Jul. 1958. p. 4-5).

Também sob o título *Educação pela Arte* são referidos os alunos dos 4º e 5º anos do *Liceu Camões* cujo professor escultor Fernando Fernandes foram ao SNI numa exposição de testes psicológicos a que chamaram *Educação pela Arte* com texto de catálogo do prof. Delfim Santos e tem opiniões sobre arte não figurativa expressa pelos rapazes que estavam na exposição: Eduardo Prado Coelho, de 14 anos, João Lobo

---

<sup>904</sup> Em pequena notícia na mesma página tem uma sucinta biografia de João Soares em que refere ter sido “(...) Governador civil da Guarda, de Braga e de Santarém, deputado, ministro das Colónias, e com João de Deus Ramos dirigiu o *Bairro Escolar do Estoril* e em 1936 fundou o *Colégio Moderno*(...)”. Tem fotografia dele com netos, Isabel e João Soares ( ONF, Maio 1958).

Antunes, de 14 anos, de Artur Faria Maurício, de 14 anos e de Adelino Amaro da Costa, de 15 anos (ONF, Jul. 1958. p. 4-5)!

Sobre aquela iniciativa de Maria Lúcia Vassalo Namorado serão publicadas diversas notícias quer em jornais de Lisboa quer de fora da capital.

Na *Vida Feminina* do *Século* sairá uma foto tipo passe e a notícia em que se elogia a Exposição *Lisboa vista pelas suas crianças* :”(...) Maria Lúcia é um nome que entre nós está ligado a todas as coisas que se afirmem a bem da criança portuguesa. Directora de *Os Nossos Filhos* (...) que à mãe tem prestado uma valiosa assistência e à criança tem dado o melhor das suas páginas, Maria Lúcia ofereceu-nos agora mais uma resultante da sua ternura de mãe e de mulher dada à primeira infância: a iniciativa digna dos nossos melhores aplausos (...)parabéns a Maria Lúcia e todas as mulheres com os olhos postos no futuro(...)”. (4 Abr. 1958. Caixa 19. Maço 1).

Uma outra crítica encomiástica é feita pelo Padre Agostinho Veloso<sup>905</sup>, na *Brotéria*, Maio 1958 e que será publicada em *Os Nossos Filhos* do mês seguinte (ONF, Jun. 1958. p. 12-13). Nesse texto de Agostinho Veloso faz-se referência ao estatuto de “(...)extraordinária educadora (...)” da directora de *Os Nossos Filhos* e são mencionadas “(...)outras valiosas iniciativas como a de restauração da nossa antiga indústria de tapetes (...)”. O autor vê a iniciativa de um ponto de vista interessante, comentando: “(...)se as crianças fossem deixadas aos seus exclusivos recursos poderiam talvez proporcionar-nos alguns testes psicologicamente interessantes mas nada mais(...) artisticamente o esforço seria nulo (...) e faltaria o elemento pedagógico que consiste em descobrir e orientar vocações(...) é bom o professor a intervir oportunamente no trabalho das crianças e não há dúvida que é este o aspecto mais positivo da experiência(...). Uma palavra de louvor para todos os que nela colaboraram(...)e os catálogos, um dos quais ilustrado a cores e impresso em português, francês e inglês(...). Também neste domínio da pedagogia artística há coisas novas em Portugal! Porque não preparar os professores de modo a poder-se estender a experiência a todas as aldeias de Portugal?(...)” (Agostinho Veloso. Caixa 17. Maço 3).

---

<sup>905</sup> O texto da crítica de Agostinho Veloso encontra-se no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* e essa crítica faz parte de um artigo intitulado *Dois conceitos estéticos*, publicado no n.º 5, do vol. LXVI da *Brotéria: revista contemporânea de Cultura*. Lisboa: Maio 1958, p. 562-564. Este texto tem, a lápis, ao lado do início da crítica: 193 porque vai ser feita uma referência a ele nesse número (Agostinho Veloso. Caixa 17. Maço 3).



O texto<sup>906</sup> de apreciação publicado no *Diário de Lisboa* também apresenta, como o de Agostinho Veloso, uma sugestão final:“(…) “(…) o Município de Lisboa, SNI e Ministério da Educação não deveriam ficar estranhos a esta sugestão pois esta exposição merece que a dispersão do tempo a não inutilize(…) e se, como já foi sugerido, este fosse o começo do museu da criança, um centro de interesse e de cultura que ficaria bem nos anais da história de Lisboa?(…)” (Um álbum de Lisboa...Caixa 19. Maço 1).

Uma outra no mesmo jornal, saída no *Diário de Lisboa*, em 12 de Abril de 1958, intitulada "Quatro pintores e um crítico de arte apontam o interesse artístico e pedagógico da Exposição Lisboa vista pelas suas crianças(…)" é o texto de uma entrevista /por telefone/ a Almada Negreiros, Mário Dionísio, Carlos Botelho, Machado da Luz, director da Escola Técnica Pedro de Santarém, e Martins Correia, escultor. (Caixa 19. Maço 1). O pintor Carlos Botelho é o único que considera que ainda é muito visível a influência dos professores no resultado final realizado pelas crianças. Mário Dionísio aproveita para chamar a atenção das autoridades para a necessidade que se fazia sentir de realizar uma reforma no ensino do Desenho no país.

João Gaspar Simões também critica a exposição *Lisboa vista pelas suas crianças* e, aproveitando para atacar o modernismo, chega a comparar estas crianças a Vieira da Silva dizendo: “(…) A verdade, porém é esta — que se há entre nós artistas que possam vangloriar-se de algum remoto parentesco com as mais expressivas crianças que figuram neste certame, esses artistas, esses pintores, são, precisamente, os que arrastam o labéu de desnacionalizados: os artistas modernos. Se os críticos estrangeiros que têm assinalado na arte da nossa grande pintora Vieira da Silva latentes reminiscências da luz, da cor, do desenho, da forma desta inconfundível cidade de Lisboa pudessem ver alguns dos trabalhos das crianças que pintaram a sua cidade natal, não deixariam de assinalar o flagrante parentesco entre a ingénua arte dos nossos pequeninos pintores de pura voz balbuciante e a arte admirável dessa grande artista. (ONF, Maio 1958. p. 22-23).

O texto de crítica de Nikias Skapinakis no *Diário Popular*<sup>907</sup> é mais incisivo do que a maioria dos outros<sup>908</sup>:“(…) Durante dois ou três meses que convivemos, uma vez por

---

<sup>906</sup> Não sabemos quem o assina; foi Urbano Tavares Rodrigues o representante do jornal que visitou a *Exposição*.

<sup>907</sup> Texto intitulado *Lisboa vista pelas suas crianças* no *Diário Popular* de 3 Abril de 1948, no Suplemento *Quinta-feira à tarde*.

<sup>908</sup> Outros textos de apreciação da *Exposição* existem também no *Espólio*: 700 trabalhos de crianças reunidos numa exposição do *Diário Ilustrado*. Lisboa (Caixa 19. Maço 1); *Foi inaugurada pelo Ministro*

semana, com as crianças da *Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal*<sup>909</sup>, creio que eu e meus colegas a enfermeira Santos Cordeiro e o pintor Rolando Sá-Nogueira(...)algumas vezes nos alarmámos com a algazarra que 15 meninos e meninas foram capazes de fazer(...)armados de grossos pincéis(...); digo armados porque os ditos (...)serviam também aos pintores improvisados para traulitadas e pinceladas(...)mentalidades prudentes, dotadas de fundo saber pedagógico não deixarão de se alarmar com semelhante manifestação de indisciplina(...)porque não pô-las a desenhar um pote?; não pretendo senão tranquilizar o ânimo pedagógico de prováveis autores de restrições deste tipo(...)basta que esta experiências s tornem frequentes no próprio estudo, um dever como outros deveres de que no fundo s gosta como: ler, escrever, contar(...)algumas pinceladas dignas de pintura "neo-realista"(...)chamar a atenção das prudentes mentalidades dotadas de fundo saber pedagógico para(...) o que pensam que sucede a toda essa alegria criadora (...)? Sucedem que, por não ser estimulada nem aproveitada se esvai com o decorrer do tempo, se deforma e transfere para entusiasmos passivos(...) o nível cultural de um país é afectado se as crianças que frequentam escolas e liceus não possuem experiência de pintar ou cantar(...)”.

Da autoria do correspondente da revista em Paris (cf. cartas de João Alves das Neves) é o texto do *Diário Ilustrado* de 4 de Junho de 1957, intitulado *Um museu de arte infantil?* Nele, o autor quer provar a importância de *Os Nossos Filhos* e a da iniciativa por ela realizada e acrescentar mais uma proposta às outras que outras críticas tinham sugerido: “(...)“(...) a sobrevivência de *Os Nossos Filhos* é um acto de coragem, de resistência, de esperança(...)a escritora e directora (...) podia ter indicado a via mais simples e rendosa dos magazines onde se escreve muito e nada s diz: as aventuras de Falcão, o indomável, na selva, na Cochinchina ou nos mares do Sul(...) ou a publicação de histórias bem ao "nosso" gosto: a linda aventura da princesa Grace, o drama de Marilyn Monroe, a vida íntima da princesa Margarida, a batalha de Christian Dior(...)mas o caminho foi diferente, ignoramos campanhas que fez, desânimos que venceu(...)para citarmos apenas a luta que vem travando há quatro anos a fim de nos

---

da *Educação Nacional*... do *Diário da Manhã*; Lisboa vista pelas crianças na *A Voz*, de Lisboa; texto de M.M. Calvet de Magalhães, em *Mundo:Revista Semanal Ilustrada* (Caixa 19. Maço 1) que reproduz apenas o texto do autor incluído no *Catálogo*. De pessoas particulares também o *Espólio* guarda algumas críticas: Alice Rey Colaço Menano, um cartão debruido de luto (Caixa 27. Maço 1) está neste grupo.

<sup>909</sup> No *Boletim* bimestral desta instituição, sob título *Pintura infantil na CTP*, é dada a revista *Os Nossos Filhos* como “(...)publicação especializada em puericultura (...) e aquela equipa composta também por:”(...) Maria do Carmo Azevedo Santos e (Maria Eduarda) Santos Cordeiro (...)” (*Pintura infantil na CTP*... Caixa 19. Maço 1).

mostrar *Portugal visto pelas suas crianças* (...)abriram cinco salas para crianças que não frequentavam escolas: Poço do Bispo (*Clube Oriental de Lisboa*), Alcântara (*Escola D. Pedro V*), Bairro Alto (*Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal*), Graça e Alfama (*Sociedade Voz do Operário*) e na Madragoa (*Associação dos Vendedores de Jornais*)... Dos 3000 desenhos apenas 20 com motivos de desporto e nem todos do futebol(...)composição adoptada, naturalmente, pelos pequenos estudantes que tinham já algumas noções de desenho pois os meninos de rua limitaram-se apenas a ver, quase sempre, um objecto único(...)porque não fazer museu ao ar livre, nos jardins de S. Pedro de Alcântara, de onde podemos olhar a cidade inteira?(...)”. (Caixa 19. Maço 2).

No *Espólio* encontramos ainda muitos recortes de jornais<sup>910</sup>, colados num pequeno caderno de papel *Almaço*, com críticas muito semelhantes, excepto a que é feita em *Política Nova*, jornal de Viseu que faz a ‘ponte’ entre esta iniciativa e o Concurso *Se eu tivesse uma varinha de condão*. Infelizmente, não sabemos quem redigiu esta notícia...(Caixa 19. Maço 1).

Um texto de Matilde Rosa Araújo também saiu no *Diário de Notícias: Artes e letras* de 17 de Julho de 1958 (Caixa 17. Maço 1), publicado dois meses depois do final do certame, na forma de uma entrevista a Maria Lúcia Vassalo Namorado em que ela referia os objectivos que quisera alcançar como tendo sido:“(...) o desejo de proporcionar ao maior número possível de crianças umas horas de convívio(...)e exprimirem-se livremente através de actividades criadoras, contribuir para que maior número de adultos se interessem pelos problemas infantis como a psicologia e pedagogia os vêem modernamente, obter certo número de elementos que contribuam para o estudo das características psicológicas, tendências e aptidões autênticas das crianças portuguesas(...)” e referindo que “(...) de Évora, Porto, Leiria, Portalegre, S. Miguel- Açores, e Luanda vieram las primeiras "adesões"(...)trabalhos dessas cidades serão apresentados em Lisboa(...) e as crianças de todo o país ficarão a conhecer-se melhor(...). Para a orientação pedagógica(...)convidei Cecília Menano e Calvet de Magalhães(...) foi o primeiro passo para movimento que, tudo leva a crer, abrangerá todo o país(...)”.

---

<sup>910</sup> A lista total dos jornais onde saem as críticas ali guardadas está também em *Apêndice Cap. 4- Lisboa vista pelas suas crianças*.

Maria Lúcia Vassalo Namorado será entrevistada, após o encerramento da Exposição em Lisboa, para o programa *Jornal Feminino* do *Rádio Clube Português*, em 23 de Abril de 1958, como se vê no seu *Espólio* (Caixa 16. Maço 1).

Depois do certame fechado, Francisco d'Avillez, chefe da Secção de Exposições do *Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo*, em nome daquela instituição vai informar Maria Lúcia Vassalo Namorado da realização, em Madrid, de uma *Exposição de Arte Infantil*<sup>911</sup> e “(...) o Secretariado tem o prazer de convidar V. Exa. a enviar-lhe 20-30 trabalhos dos que figuraram na exposição *Lisboa vista pelas suas crianças*, devidamente identificados com nome, idade, sexo, e escola que frequentaram, sem molduras nem vidros (...)” (Carta de 16 Out. 1958. Caixa 17. Maço 1). Sabermos que essas obras foram realmente entregues pois que, esta carta tem, em anexo<sup>912</sup>, uma lista de duas páginas com a identificação das vinte obras emprestadas. Nesta Exposição, a *Exposição Iberoamericana de Arte Infantil*, em Madrid, Portugal recebe um prémio pela sua representação (...)” (Carta de Francisco d'Avillez. Lisboa. 2 Abr. 1959. Caixa 19. Maço 2).

O catálogo da Exposição *Lisboa vista pelas suas crianças* foi feito com um subsídio da *Câmara Municipal de Lisboa*, no valor de 20000\$00, embora a directora do *Os Nossos Filhos* tenha solicitado um apoio maior (Carta da Câmara Municipal de Lisboa. Direcção dos Serviços Centrais e Culturais. 1 Out. 1957. Caixa 72. Maço 4). Dele deram entrada “(...) no *Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo*<sup>913</sup> - *Serviços de Turismo* dois mil exemplares do livro *Lisboa vista pelas suas crianças*, patrocinado pelo secretariado(...)” (Carta de Noel de Arriaga. Lisboa. 12 Fev. 1958. Caixa 17. Maço 2) e esta mesma entidade contribuíra com 25000\$00 para o

---

<sup>911</sup> Tem carta de 11 de Nov. 1958. Caixa 31. Maço 2 de Carmen de la Torre Vivero, professora de Daclamación, dama de honor de la Junta Cervatina de El Toboso, del Ateneo Feminino, de la Vinculacion de Ciencias Artes Y Letras de Buenos Aires, de la *Comision de Estudios Heraldicos y Ordenes Caballerescas* de Argentina em que se refere que talvez se pudesse fazer um intercâmbio entre os dois países e de Exposición Iberoamericana de Arte Infantil, realizada em Madrid, de 6 a 31 de Janeiro de 1959, onde sabemos terem estado os desenhos das crianças portuguesas (Caixa 19. Maço 2).

<sup>912</sup> Na base das cartas que fizemos existe a lista dos nomes, idades e escolas das crianças cujas obras foram emprestadas.

<sup>913</sup> Esta instituição tinha iniciado a sua assinatura em Outubro de 1942, ou seja, quatro meses depois do seu início, e a revista devia ser “(...) emdereçada a SPN, Gabinete do Director(...)” (Carta de José Alvellos. Lisboa. 6 de Out. 1942. Caixa 30. Maço 1). A esta entidade, mais concretamente ao Secretário Nacional de *Informação, Cultura Popular e Turismo*, também a directora de *Os Nossos Filhos* enviara uma carta em que apresentava, como um dos propósitos da revista, “(...) o de criar e educar os filhos dentro da Moral Cristã(...)” (Carta ao Secretário Nacional de *Informação, Cultura Popular e Turismo*. Lisboa. 2 de Maio 1957. Caixa 72. Maço 4). Nela pedia um subsídio para continuar a publicação da revista *Os Nossos Filhos* e ainda um outro para “(...) a feitura do álbum *Lisboa vista pelas suas crianças*(...)”.

mesmo efeito (Carta de José Alvellos. Lisboa. Carta de 12 Set. 1958. Caixa 72. Maço 4). Maria Lúcia Vassalo Namorado tinha pedido um primeiro orçamento para 5000 álbuns e tinha recebido a indicação de que, cada um, custaria cerca de 11\$70 (Carta de Júlio de Amorim. Lisboa. 2 de Dez. 1958. Caixa 17. Maço 2).

Ele fora vendido ou também oferecido<sup>914</sup>. No primeiro caso<sup>915</sup>, foi-o a pessoas como Maria Lamas, em 4 de Março de 1958, assim como a Maria Elisa Nery de Oliveira ou a Maria Luísa Manso No outro grupo estão Ilse Losa (Caixa 41. Maço 1), Luís António de Matos Carrôlo<sup>916</sup>, (criança), de Lisboa (Caixa 35. Maço 2), Joaquim Macedo de Barros (Caixa 1. Maço 3), Aldejice da *Residência de Estudos* de Monsaraz, a quem foi oferecido por Agostinho da Silva (Caixa 35. Maço 1), ou ainda Pedro Correia Marques (Caixa 35. Maço 1), Julieta Ferrão, Cecília Menano, Maria José Gamito, pais de Maria Lúcia Vassalo Namorado, Belmira da Piedade Almeida, Matilde Rosa Araújo, Maria Germana Tânger, Maria José Mendonça, Lucinda Atalaia, Manuel Nunes da Fonseca, Delfim Santos, Dulce Morais e Castro, Irene Lisboa, Fernando Lopes Graça (Caixa 17. Maço 3) entre muitas(os) outras(os) a quem a directora da revista resolvera dar este testemunho da iniciativa.

Maria Lúcia Vassalo Namorado terá tido receio que o texto do catálogo assinado por Cecília Menano pudesse trazer alguns problemas à revista mas a autora descansa-a, dizendo: “(...)quanto ao meu artigo no catálogo, tomo inteira responsabilidade pelo que está escrito e mantenho as mesmas palavras(...). Do momento que está assinado não creio que possa trazer-lhe a si qualquer complicação(...) minha mãe põe-me imediatamente ao corrente de qualquer coisa(...)” (Carta de Cecília Menano. Lisboa. 25 de Set. s.d. Caixa 17. Maço 1).

No *Espólio* temos a lista dos 373 nomes, idades, escolas e títulos dos desenhos incluídos na dita exposição quer para o GRUPO A, quer a lista dos 363 nomes, idades, títulos dos desenhos e locais onde foram feitos para o GRUPO B (“Lisboa vista pelas suas crianças”. Caixa 19. Maço 1). Seria fastidioso colocar aqui todas as que participaram; porém, mencionamos apenas duas: algumas crianças de Évora e outra de Lisboa. Do primeiro grupo fizeram parte as netas de Maria Lamas, filhas de Maria Cândida Caeiro

---

<sup>914</sup> Documento manuscrito, nem todo por Maria Lúcia Vassalo Namorado, no *Espólio*, intitulado *Lisboa vista pelas suas crianças: Fevereiro de 1958* (Lisboa) que é um caderno de anotação dos exemplares ofertas e vendidos (Caixa 17. Maço 3).

<sup>915</sup> Para consulta da lista total de ambos os grupos cf. *Apêndice Cap. 4- Lisboa vista pelas suas crianças*.

<sup>916</sup> Com quem falámos, por telefone, e que ainda hoje conserva o referido álbum, com dedicatória de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

assim como Mariana Vaz Freire (Cascais)<sup>917</sup>. Do segundo grupo, em Lisboa, no Grupo A<sup>918</sup>, sabemos ter participado o pintor Luís Pinto Coelho, então ainda só com 10 anos e aluno da Escola *Avé Maria*.

Como referimos, a Exposição *Lisboa vista pelas suas crianças* irá a Évora e nessa cidade se fará uma iniciativa semelhante à de Lisboa. De ambas nos ocupamos seguidamente.

### ***Évora vista pelas suas crianças***

A iniciativa da Exposição *Lisboa vista pelas suas crianças* estendeu-se a Évora. No número em que se refere a visita à Exposição pelo *Subsecretário de Estado da Educação*, Baltasar Rebelo de Sousa, dá-se a informação de nova Comissão composta por Maria José Oliveira Gamito, Regina K. Ferreira, Maria Paula Correia Lopes e António Charrua e Aníbal Alcino para *Évora vista pelas suas crianças*, integrada no plano *Portugal vista pelas suas crianças* estimulando “(...) Pais e professores de Évora que convidem seus filhos e alunos a exprimir, através de produções livres, como vêem e sentem a sua bela cidade, Todas às informações serão dadas pelas pessoas que constituem a Comissão organizadora. (n.º 191. Abril 1958. p. 10-13.), que funcionava na Rua Serpa Pinto, n.º 6, em Évora (*Democracia do Sul*. Évora. Caixa 19. Maço 2). É também Maria Lúcia Vassalo Namorado que informa os directores das escolas de Évora da realização da Exposição, dizendo que “(...) dentre os trabalhos seleccionados a revista *Os Nossos Filhos* escolherá 12 destinados a um *Museu de Arte Infantil* em Lisboa (...)” (Caixa 19. Maço 1).

Nesta cidade foi Maria José Gamito quem deu o maior apoio a Maria Lúcia Vassalo Namorado. Foi ela que ao dar a notícia da escola que criara em Évora se oferece para, ali, representar Maria Lúcia Vassalo Namorado e pensar na realização da *Exposição Lisboa vista pelas suas crianças* naquela cidade alentejana: o “(...)“(...) meu empreendimento é a escola de iniciação artística *Arte na Educação* (...). Como lhe disse

---

<sup>917</sup> Cf. fotografia de ONF, Jul. 1958. p. 5, onde esta última é a primeira do lado direito; para identificação das restantes, cf. informações de Maria Cândida Caeiro em entrevista para este trabalho.

<sup>918</sup> Cf. verso da 25ª página, a lápis, tem: “(...)Painel de azulejos *A nossa Lisboa*, desenho de Filipe Duarte e Luís Pinto Coelho, de 10 anos, execução dos autores e outros companheiros da mesma idade todos eles da Escola *Avé Maria*(...)”. Em entrevista que deu a *Diário de Notícias*, pouco antes de falecer, em 16 de Fevereiro de 2003, o pintor mencionou esta sua experiência com Cilinha (Cecília Menano), com que aprendera a “(...)usar o *gouache* e o *carvão*(...)”.

no último Verão, tinha decidido alargar o ensino às Artes Plásticas e assim, além das disciplinas já existentes, *Rítmica, Iniciação Musical, Ballet, Solfejo e Instrumentos Musicais* tenho este ano a funcionar a disciplina de *Desenho Infantil, Cerâmica e outros Trabalhos Manuais*; para tal consegui em Évora um bom colaborador, o artista Charrua (...) e já tenho grupinho de crianças trabalhando com entusiasmo nestas actividades(...). Ao seu dispor para a coadjuvar na organização do seu concurso(...) vou realizar uma pequena festa com alunos do Liceu e de *Arte na Educação* (...) a ela devem assistir famílias e professores primários e secundários (...) aproveitar a oportunidade para lançar a sua iniciativa (...) festa a 6/1 e repete no dia seguinte para crianças de Escolas de Évora com melhor comportamento e aproveitamento; se quiser dar-me honra de assistir (...)” (Caixa 15. Maço 2).

Maria José Gamito reuniu-se com o presidente da Câmara da cidade para pedir um subsídio para a realização da Exposição e para conseguir a cedência do palácio D. Manuel para, àquela cidade, se poder levar a Exposição *Lisboa vista pelas suas crianças*. A compra dos materiais necessários ao início dos trabalhos foi feita com dinheiro adiantado pela própria Maria José Gamito<sup>919</sup> (Caixa 17. Maço 2).

Esta senhora referiu que “(...)exposição tem sido muito concorrida (...).Os desenhos da Exposição *Lisboa vista pelas suas crianças* foram depois trazidos para Lisboa “(...) pelo sr. Fernando Martins, marido da sra. que esteve a falar connosco na FNAT(...)” (Caixa 17. Maço 2).

Da inauguração da Exposição *Lisboa vista pelas suas crianças*, em Évora, existem algumas fotografias<sup>920</sup> no *Espólio* / scanner / que também foram publicadas na revista *Os Nossos Filhos*.

O catálogo da Exposição *Évora vista pelas suas crianças: exposição de pinturas infantis: integrada no certame Portugal visto pelas suas crianças*, iniciativa da revista *Os Nossos Filhos*, organizada e apresentada pela Escola *Arte na Educação* com o patrocínio da Câmara Municipal, de que foram executados 300 exemplares em 23 de Junho de 1957, na Tipografia Diana, está também no *Espólio* (Caixa 17. Maço 3). Nele figura um texto de apresentação da autoria de Maria José Gamito, datado de Junho de 1958, em que ela refere que foram mais de 1000 as crianças que, entre os seis e os

---

<sup>919</sup> A Exposição *Lisboa vista pelas suas crianças* apresentada em Évora deve ter sido transportada por Maria Cândida Caeiro, filha de Maria Lamas, que veio a Lisboa onde o marido foi operado. No regresso, levou os quadros para expor em Évora (Carta de Maria José Gamito. Caixa 17. Maço 1).

<sup>920</sup> Publicada em *Os Nossos Filhos*, n.º 194 de jul. 1958. p. 5 e fotografia tirada pelo fotógrafo F. Morais, Estrada dos Prazeres, Lisboa(...)” (Caixa 17. Maço 3).

quinze anos, “(...) responderam ao convite(...) com 1200 trabalhos apresentados; monumentos da cidade e cenas campestres...revelam interesse que alentejano desde tenra idade nutre pelos assuntos relacionados com a vida campesina (...)”. Foram criados, como em Lisboa, “(...) 2 grupos: alunos das escolas e os que já ganham a sua vida e que foram reunidas em turnos organizados pela escola *Arte na Educação*, trabalhando de noite, sob direcção de pintor António Charrua (...) só 2 estabelecimentos de ensino particular(...) é a segunda cidade onde se realiza certame(...)”. Da leitura deste texto sabemos que a “(...) selecção de trabalhos foi feita por júri<sup>921</sup> presidido por Maria José Gamito, directora de *Arte e Educação*, pelos professores Regina Kaprsykowski Ferreira<sup>922</sup>, Maria Paula Correia Lopes, Martinho da Fonseca e António Charrua, professor na Escola *Arte na Educação*.

Colaboraram a *Câmara Municipal de Évora*, Directora e professores da Escola *Arte na Educação*, reitor e professores de Desenho do *Liceu Nacional de Évora*, director e professores de desenho da *Escola Industrial e Comercial* e da sua anexa de Viana do Alentejo, Director do Distrito Escolar de Évora, Directores e Professores de Escolas Primárias oficiais e particulares e ainda os estudantes de Belas Artes e do Magistério Primário: Henrique Ruivo, Rosália Capoulas, Adelina da Cunha, Francisca Duarte, Maria de Lourdes Mira, Aurora Feijão, Cristiano Monteiro, Joaquim Paixão, Isaías Afonso e Eurico Ratão (...). No grupo A, extra escola, colaboraram as crianças que não andavam na escola: apenas uma rapariga de 10 anos, Maria Luiza Vaz Freire, familiar de um dos rapazes e 29 rapazes, dos 6 aos 15 anos (...). No grupo B, escolar, participaram alunos da Escola *Arte na Educação*, com 18 crianças, *Escola feminina n.º 4*, com 27 alunas, *n.º 3*, com 18 alunas, *Escola Masculina n.º 2*, com 8 alunos, *Escola central feminina*, com 7 alunas, *Escola de Aplicação anexa à Escola do Magistério Primário*, com 7 crianças, *Escola feminina Conde de Monsaraz*, com 12 alunas, *Liceu Nacional de Évora*, com 82 crianças, *Escola Industrial e Comercial de Évora*, com 5 rapazes, *Escola de Olaria de Viana do Alentejo*, anexa à anterior, com 5 alunos, *Externato Padre Luís Cruz* de Viana do Alentejo, com 4 alunos, num total de 274 trabalhos, uma vez que alguns apresentam mais do que um trabalho(...)”. Das(os) alunas(os) da Escola *Arte na Educação* participaram :”(...) Maria de Aires Lamas Caeiro, 10 anos, Joaquim José Pimentão, 8 anos, Carlos Maria Valadares, 8 anos,

---

<sup>921</sup> Ver também *Évora vista pelas suas crianças* no jornal *Notícias d'Évora: diário regionalista da manhã*; dir., editor, administrador Joaquim dos Santos Reis, de 20 de Junho de 1958. (Caixa 17. Maço 1).

<sup>922</sup> Casada com Virgílio Ferreira.



Zulaica Gusmão, 10 anos, Maria José Lamas Caeiro, 11 anos, Maria Luís Vargas Alves Martins, 8 anos, Maria Paula Lamas Caeiro, 8 anos, Maria de Fátima Martins Esquível Pereira, 9 anos, Jorge Cardoso Silva, 12 anos, Elsa Maria Santos Costa, 10 anos, Maria Câmara Manuel Reynolds, 11 anos, Pedro Seco de Oliveira, 7 anos. Manuel Caroço Serpa Branco, 7 anos, Maria Luíza Cutileiro Ferreira, 14 anos, Elsa Gusmão, 9 anos e António Torres Alfacinha, 8 anos, Maria José Direitinho, 11 anos. Fernando Palhavã Fernandes, 6 anos. (...)”. Ao olharmos para estes nomes, sabemos imediatamente que aqui estão as três filhas de Maria Cândida Caeiro, filha mais nova de Maria Lamas que, na época, viviam em Évora.

No *Espólio* temos ainda, como já referimos, o *Livro de oiro* da Exposição *Lisboa vista pelas suas crianças*, que foi o mesmo para todas as localidades onde esta Exposição foi vista, ou seja, em Lisboa, Évora e Castelo Branco. A Exposição *Lisboa vista pelas suas crianças* percorreu, de forma itinerante, estas três cidades e, nas duas últimas, realizou-se depois um certame semelhante àquele primeiro.

A *Exposição Lisboa vista pelas suas crianças* precedeu, também em Évora, a apresentação da exposição local. Com data de início de 8 de Maio de 1958 temos a possibilidade de saber quem nela esteve, desde que tenha deixado nome ou opinião expressas. Algumas pessoas que o fizeram não podem ser identificadas pois que, ou está ilegível ou apenas inscreveram uma rubrica (Caixa 70. Maço 2). Se tivermos em conta apenas as assinaturas que foram deixadas naquele *Livro*...sabemos que a Exposição foi vista, nesta cidade, por mais de 300 pessoas<sup>923</sup> das quais destacamos, referindo-as pela ordem de assinatura: Maria Rosa Colaço (n.º 8), José Caeiro (n.º 18, genro de Maria Lamas), Henrique Ruivo (n.º 57), António Bartolomeu Gromicho, reitor do *Liceu Nacional de Évora*<sup>924</sup> (n.º 99), em 16 de Maio de 1958, em visita de estudo a Évora, “(...) as alunas do Colégio de S. José de Vila Real de Trás-os-Montes gostaram imenso (...)” (n.º 206) e Irene Heinrich<sup>925</sup> (n.º 212) (Caixa 70. Maço 2). A assinatura mais simples é a número 19: a senhora apenas escreve *Maria*, ou seja, Maria Lamas que, vivendo então com a filha mais nova em Évora, como referimos, não vai deixar de estar presente na iniciativa levada a cabo pela prima.

---

<sup>923</sup> A lista total das(os) visitantes está acessível na base de cartas que realizámos com a documentação do *Espólio*.

<sup>924</sup> Em anotação que antecede a assinatura escreve: “(...)oxalá que a futura exposição...eborense alcance igual êxito(...)”.

<sup>925</sup> Que escreve: “(...)Die Ausstellung war sehr schon und interessant(...)” ou seja, *a Exposição foi muito bonita e interessante*.

Esta actividade porém, era feita com enorme esforço como dirá a própria Maria Lúcia Vassalo Namorado a *Bissú*, ou Maria Cândida Caeiro, a filha mais nova de Maria Lamas. Como sabemos, a *Exposição Lisboa vista pelas suas crianças* estará em Évora em Maio de 1958 e, nessa data, andava já a directora de *Os Nossos Filhos* a pensar em suspender aquela publicação mensal. Ao escrever para a prima, pede desculpa por não a ter recebido convenientemente porque: “(...)Ninguém avalia o que têm sido as minhas lutas, ultimamente, a que diz respeito à Revista, tem sido terrível(...) quando tudo parecia acabado algumas amigas conseguiram obrigar-me a tentar resistir o que tem sido para mim um esforço quase incrível porque a minha fadiga já vem de longe(...) estou tentando tudo e veremos o q daqui sai(...)Preciso imenso de ir aí para tratar de *Évora vista pelas suas crianças* mas tenho tantas coisas a tratar! (...)” (Carta para Bissú, 19 Jun. 1958. Caixa 7. Maço 1).

A cidade de Évora que recebeu a exposição *Lisboa vista pelas suas crianças*, na *Galeria das Damas*, no palácio D. Manuel, de 8-18 Maio 1958 e esteve a presidir acto inaugural Governador Civil do distrito, José Félix de Mira e esteve presidente Câmara Dr. João Luís Vieira da Silva, prof. Aníbal Pereira e Prof. Martins, Director e Director adjunto do Distrito Escolar, Maria José Gamito, fundadora e directora da escola Arte na Educação, Maria Lúcia Vassalo Namorado e vários professores.

Maria Lúcia Vassalo Namorado esteve na inauguração mas “(...) ao chegar a Lisboa adoeci com uma gripe teimosa que ainda não me deixou de todo porque só me permiti o luxo de estar um dia de cama(...)” (Carta ao Pe. Horácio Nogueira. 3 Jun.1958. Caixa 41. Maço 3).

Crianças das escolas e do *Magistério Primário* visitaram exposição e “(...) a deles será apresentada naquela cidade nas próximas Festas de S. João, e que virá a Lisboa no fim do ano corrente.Crianças que trabalham têm sessões à noite, numa sala da FNAT(...). Para que as crianças que vivem e trabalham no campo possam igualmente tomar parte neste movimento, o presidente da Câmara propôs-se mandá-las buscar e levar num “jeep” duas vezes por semana(...)” (ONF, Maio 1958).

A Exposição *Évora vista pelas suas crianças* será inaugurada em 24 de Junho, integrada nas Festas da Cidade e ficou aberta até fim do mês de Junho (ONF, Jun 1958).

### ***Exposição Castelo Branco vista pelas suas crianças***<sup>926</sup>

A Exposição *Lisboa vista pelas suas crianças* foi vista, em Castelo Branco, como comprova o *Livro de oiro* de assinaturas da Exposição *Lisboa vista pelas suas crianças* (Caixa 70. Maço 2) que está no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*, como já referimos. Com início em 29 de Junho de 1958, deixaram a sua assinatura ou rubrica nesse *Livro*... um total de trinta e duas pessoas. Os mais conhecidos, porque deles temos mais referências no Espólio, são o Cónego Anacleto Martins (n.º 2), o Pe. Horácio Nogueira (n.º 5) e Cacilda Namorado de Carvalho Nunes da Cruz, prima de Maria Lúcia Vassalo Namorado (n.º 11).

Já depois da realização da Exposição *Évora vista pelas suas crianças* e a convite do Cónego Anacleto Pires da Silva Martins, esteve em Castelo Branco a directora da revista com a exposição *Lisboa vista pelas suas crianças*, em 28 de Junho 1958, e a directora de *Os Nossos Filhos* visitou uma exposição de pintura e desenhos infantis encerrada com esta iniciativa e que fora feita por iniciativa da Paróquia.

Estiveram presentes o presidente da Câmara Municipal, Dr. Augusto Duarte Beirão, “(...) Maria de Lancastre de Almeida Garrett e a senhora Maria Hermínia Romão Esteves, o director da *Escola Magistério Primário*, Dr. João Frade Correia, (...) Dr. Alberto Fialho, professor da *Escola Industrial e Comercial*, Maria Amália Fevereiro directora em nome do *Director Jardim Escola João Deus*; Dra. Maria Adelaide Caio, Directora do *Colégio de N.ª Sra Fátima*, Dr. Francisco Palmeirim, Director do *Instituto de Sto António*(...). O Cónego deu a uma das taças prémio o nome de Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva Rosa que, com presidente da Câmara e com Maria de Lancastre de Almeida Garrett e Hermínia Romão Esteves entregaram os prémios (...). /A directora de *Os Nossos Filhos*/ proferiu uma breve palestra intitulada *Oiçamos as*

---

<sup>926</sup> Sobre a Exposição *Castelo Branco vista pelas suas crianças*, vejam-se também os documentos do *Espólio* em Caixa 41. Maço 3, - correspondência do Padre Horácio Nogueira; em Caixa 17. Maço 1, a notícia *Lisboa vista pelas crianças: um mundo de maravilhas em Castelo Branco* por Marciano Ribeiro Cipriano, do jornal *Reconquista: semanário regionalista*, director: José de Sena Esteves, redacção Duque Vieira e Ulisses Pardoal, editor: Francisco Vilela (Notícia de 6 Jul. 1958); na Caixa 17. Maço 1 o documento *A Exposição de Arte Infantil: iniciativa da Paróquia*...no mesmo jornal de 29 Jun. 1958; no *Jornal de Alpedrinha* de J A Pereira dos Santos, intitulado *Lisboa vista pelas crianças*, o artigo de Pe. Horácio Nogueira, em Caixa 17. Maço 1; em Caixa 27. Maço 1, a carta de Pe. Horácio Nogueira, no Seminário de Alcains e outras cartas do mesmo padre em Caixa 17. Maço 1; Carta de Maria de Lurdes Fialho, uma das orientadoras do certame em Castelo Branco em Caixa 17. Maço 1; carta de Maria de Lancastre de Almeida Garrett, em Caixa 17. Maço 2; Carta de Castelo Branco: exposição de desenhos, artigo de Pe. Horácio Nogueira em *O Distrito de Portalegre: semanário de Acção Católica*, publicado aos sábados, de 20 Jun. 1958 em Caixa 19. Maço 1; Cartas de Pe. Anacleto Pires Martins, cónego, datada de 26 Jun. 1958. e de 6 Jul. 1958. Caixa 17. Maço 1; e ainda carta de Pe. Horácio Nogueira, enviada de Malanje, Angola, de 21 Fev. 1959).

*crianças*, dissertação sobre poesia e desenho infantis. Depois viram um filme *Havia uma criança* cedido pela Embaixada EUA. Em Castelo Branco, Maria Lúcia Vassalo Namorado contactara a professora Maria de Lourdes Fialho e Engenheiro Russinho que farão parte da comissão que em Outubro irá organizar *Castelo Branco vista pelas suas crianças* (ONF, Jul. 1958).

Em circular assinada pelo pároco Anacleto Pires da Silva Martins, de Castelo Branco (Caixa 41. Maço 3), dá-se conta de que nessa cidade se pretende realizar uma exposição semelhante à que estivera em Lisboa, intitulada *Exposição de desenhos infantis*. O plano que o sacerdote divulga refere que haverá três secções, a saber, “(...) motivos religiosos, Castelo Branco visto pelas suas crianças e motivos livres(...)”. As crianças serão divididas também em três grupos: “(...) classe infantil, até aos 6 anos; Escolas Primárias e Escolas Secundárias, dos 10 aos 13(...)”. Para a Classe infantil poderiam concorrer todas as crianças “(...) quer frequentem ou não estabelecimentos de ensino(...)” (Carta de 14 Abr. 1958. Caixa 41. Maço 3).

Este padre contactou Maria Lúcia Vassalo Namorado através do Pe Horácio Nogueira<sup>927</sup>, (irmão de uma assinante que iria para Nova Lisboa, Angola, onde Maria Lúcia Vassalo Namorado tem uma amiga a quem a quer recomendar) e que vira a *Exposição Lisboa vista pelas suas crianças* na capital, para que autorizasse a apresentação da *Exposição Lisboa vista pelas suas crianças* em Castelo Branco, juntamente com aquela que a referida paróquia estava a organizar, inspirada na que se vira em Lisboa.

Em carta datada de 3 de Junho seguinte, ela responde<sup>928</sup> que não tem os trabalhos da *Exposição* porque estão para filmar, em poder de António Lopes Ribeiro<sup>929</sup> e que “(...) não acho bem apresentar os trabalhos de Lisboa em conjunto com os das crianças de Castelo Branco. Poderia parecer pretencioso(sic) da minha parte. Há ainda o facto de neste certame organizado pelo Senhor Cónego Silva Martins, aparecer CASTELO BRANCO VISTO PELAS SUAS CRIANÇAS, o que pode parecer que está integrado

---

<sup>927</sup> Cf. correspondência no *Espólio* e ainda a obra nele referida mas que acabou por ficar no *Espólio* de Torres Novas: *Estrela da planície*. 1955, livro de poemas que Maria Lúcia Vassalo Namorado critica sem quaisquer rodeios, como se vê na nota seguinte.

<sup>928</sup> Nesta carta, apensa à carta do Pe Horácio Nogueira, datada de Alcains, Castelo Branco, em 31 Maio 1958, ela envia os últimos seis exemplares de *Os Nossos Filhos*, como oferta, sendo que a assinatura em nome daquele sacerdote só começará a partir de Julho 1958. Agradece ainda o livro da autoria dele intitulado *Estrela*, que aprecia da seguinte forma: “(...) Li com interesse e apreciei os seus poemas, contudo, como gosto de ser franca direi que me parece que o senhor Padre Horácio está mais à vontade a trabalhar a prosa. (...) Na sua prosa há um vigor que não encontrei na sua poesia(...)” (Carta ao Pe Horácio Nogueira. 3-6-1958. Caixa 41. Maço 3)

<sup>929</sup> cf. mais adiante neste capítulo a razão de tal empréstimo.

no meu plano, e não está, pois a orientação é diferente, como vejo em certos pormenores. O que fiz em Lisboa e que está estabelecido que se continui (sic) pelo País, não o posso modificar, pois obedece a um plano muito estudado e que em Lisboa deu os melhores resultados. Tornar a Exposição mais pequena também é difícil. Dos 3000 trabalhos, escolhemos 737; desses, domos obrigados a escolher 334; reduzir a 100 não diz às pessoas interessadas tudo o que é preciso dizer. Eu estou pronta a ir aí com a *Exposição* e dizer o que foi a nossa experiência e quais são as nossas intenções. (...) é preciso estarmos todos de acordo. Assim, permita-me que faça uma contra-proposta: Irei aí com os 334 trabalhos e farei a palestrazinha. Mas, antes, formar-se-á uma Comissão, disposta a trabalhar de acordo com *Os Nossos Filhos*, em CASTELO BRANCO VISTO PELAS SUAS CRIANÇAS, para PORTUGAL VISTO PELAS SUAS CRIANÇAS. O Professor Calvet de Magalhães, com quem já falei sobre este assunto, informa que há aí dois professores que devem fazer parte da Comissão, por serem pessoas de grande competência no assunto: Maria de Lourdes Fialho e Alberto Fialho, Jr., professores da *Escola Industrial e Comercial*. No número de Abril de *Os Nossos Filhos* vem mais uma vez publicado o plano de trabalho. Se o sr. Cônego e o sr. Director da *Escola do Magistério Primário* estiverem de acordo, farão o favor de me mandarem os nomes das pessoas que façam parte da *Comissão Organizadora* e de dizer quando desejam que eu aí vá. Espero que não veja em tudo isto espírito de complicação. Mas apenas a fidelidade a uma ideia que se pretende servir o melhor possível(...)”(Carta ao Pe Horácio Nogueira. 3-6-1958. Caixa 41.Maço 3). Como se vê, uma excelente forma de dizer ‘não’ a um projecto que não era o seu e que implicava intromissões de ordem religiosa que ela pretendia evitar.

Quando foi a Castelo Branco, Maria Lúcia Vassalo Namorado ainda foi entrevistada<sup>930</sup>, por escrito, por alguém do *Colégio de N<sup>a</sup> Sra. De Fátima*, na Praça Santiago, naquela cidade. Vejamos as perguntas e respostas feitas/dadas:

“(...) 1- Qual impressão sobre *Exposição de Arte Infantil* promovida por Paróquia de Castelo Branco?

Interesse pelos problemas criança(...) prosseguir numa obra de grande alcance educativo.

2- Encontrou indícios de Arte Infantil sem aquelas fórmulas de cópia, decalque, ...?

Arte infantil poderia levar a muitas considerações(...) prefiro dizer que demonstram

---

<sup>930</sup> Não tem indicação alguma destes dados e está escrita em papel timbrado daquela instituição.

inteligente e actualizada orientação pedagógica.

3- Qual o significado psicológico e pedagógico e artístico destas Exposições?

Como contribuição para conhecimento criança e valorização da personalidade infantil(...). O educador deve revelar-se competente e compreensivo.

4- Qual importância da actividade artística da criança no campo educativo?

/sem resposta/

5- Sente necessidade de ir ao encontro da criança e adolescente e proporcionarmos motivos de expansão e valorização de uma personalidade a crescer?

Educação da criança e adolescente implica o seu conhecimento(...). Como valorizar se não permitirmos que se exprima?

6- Escola, família, a Igreja não terão ampla missão a cumprir?

Sim. Instituições com missão educativa terão de considerar sempre todos os aspectos do problema ainda quando tenham de resolvê-los só em parte.

7- Castelo Branco pode colaborar na *Portugal visto pelas suas crianças*?

Nesta minha passagem por Castelo Branco tive alegria de conhecer pessoas muito esclarecidas e dedicadas à causa da Criança.

8- Relações entre Arte Infantil e Arte Moderna? 9- Que nos quer dizer respeito da Arte Infantil?

/não responde/(...)” (Caixa 17. Maço 1).

Apesar de todas as objecções que põe a esta iniciativa, apesar do programa de Castelo Branco ser bem diverso daquele que ela imaginara, e por razões que desconhecemos, Maria Lúcia Vassalo Namorado vai aceitar o convite que a organização da Exposição *Castelo Branco vista pelas suas crianças* lhe dirige para ali proferir uma conferência, como referimos. A revista *Os Nossos Filhos* em que se anuncia a conferência que a sua directora terá feito, informa ter sido intitulada *Ouçamos as crianças* (ONF, Jul. 1958), como dissemos atrás; os jornais que a ela se referem (cf. nota inicial a este subcapítulo), afirmam que a conferência que Maria Lúcia Vassalo Namorado proferiu ali fora sobre *Desenho infantil*.

Sabemos que a *Exposição* realizada em Castelo Branco esteve patente ao público na *Junta da Província da Beira Baixa* e que foi inaugurada em 22 de Junho de 1958, sem a presença da “(...) organizadora /da/ de Lisboa(...)” como o *Diário de Portalegre*:

*semanário de Acção Católica*<sup>931</sup> se refere a Maria Lúcia Vassalo Namorado. Em 29 de Junho de 1958, no salão da *Câmara Municipal de Castelo Branco* esteve então a directora de *Os Nossos Filhos* e responsável pela iniciativa *Portugal visto pelas suas crianças* para proferir a sua conferência de que existe o texto completo, muito bem escrito, no *Espólio*<sup>932</sup>, num total de 21 páginas. Vejamos, seguidamente, as ideias-chave da referida intervenção.

Depois de agradecer o convite que lhe fora endereçado pelo cônego Anacleto Martins e também ao Pe. Horácio Nogueira, irmão de uma assinante em África, Maria Lúcia Vassalo Namorado assume aquela realização como a “(...) mais feliz iniciativa da minha vida de jornalista há longos anos devotada aos problemas da educação infantil. Foi esse interesse que me levou há 16 anos a fundar a revista *Os Nossos Filhos*, dedicada aos pais, no intuito de ajudá-los na sua complexa e delicada missão educativa. Pareceu-me esta a melhor forma de contribuir um pouco para a felicidade e o conhecimento da Criança Portuguesa. A Criança, riqueza sem par que Deus nos confiou, para com ela construirmos aquele mundo de bondade e de justiça pregado por Jesus Cristo (...). A Criança é bem o Pai do Homem. É da criança de hoje que nós faremos homens e mulheres de amanhã- maravilhosa e tremenda responsabilidade!...para ques ejam, tanto quanto possível, sãos de corpo e alma, importa que durante a infância tudo favoreça o desenvolvimento normal e completo das suas faculdades físicas, morais e mentais. E dois factores importantíssimos se requerem em 1º lugar: amor e compreensão. Ajudar os pais a compreender melhor os seus filhos, eis o meu intuito ao fundar a revista...E as próprias crianças vieram de encontro ao meu propósito. Posto que a publicação se dirigisse aos Pais, desde a primeira hora as crianças vieram até mim- com as suas cartas, as suas histórias, os seus poemas, os seus desenhos. Havia nessas mensagens uma espontaneidade...foi assim que principiei a publicar na minha revista a colabração que eels enviavam. Além do prazer que me dava este contacto com as crianças, servia-me dele para levar os pais a conhecerem melhor os seus filhos. E as coisas belas que os peqeuninos me confiavam! (...)” enviando-lhe poemas e pequenas histórias que reproduz e lê. Maria Lúcia Vassalo Namorado também refere que “(...) por sugestão de uma jovem professora do ensino primário, dirigi uma vez às nossas crianças a seguinte pergunta: "O que farias se tivesses uma varinha de condão?(...)" (p. 6) (...) tendo

---

<sup>931</sup> Cf. artigo de Pe. Horácio Nogueira em *O Distrito de Portalegre: semanário de Acção Católica*, publicado aos sábados, de 20 Jun. 1958 (Caixa 19. Maço 1).

<sup>932</sup> Cf. Documentos anexos - *Maria Lúcia- Palestra feita em Castelo Branco em 29.6.58* (Caixa 70. Maço 1).

recebido 2000 respostas, algumas vindas do Ultramar, de crianças africanas<sup>933</sup> (...)”. Dá exemplos de algumas das respostas recebidas, com identificação dos nomes e das respostas dadas pelas crianças para lembrar que “(...) se nos revelam se estamos dispostas a ouvi-las (...) /para isso há que deixá-las exprimirem-se livremente, com necessidade de *expansão e comunicabilidade* (sub lápis) mas também para as podermos compreender e ajudar(...)”. Porém, sendo os “(...) desenhos que recebia menos expressivos do que as histórias e poesias (...) porque geralmente a criança limita-se a copiar outros desenhos (...)contudo sabem que o desenho é uma linguagem das mais expressiva (...)pensei então que poderia servir as nossas crianças levando-as a exprimirem-se livremente pelo desenho(...) e comecei pedindo que mandassem desenhos inventados, ou ilustrassem histórias, ou reproduzissem o que viam das janelas de suas casas. Foi assim que um dia pensei: Como seria belo levar as crianças portuguesas a ilustrar um grande mapa de Portugal! Que aspectos maravilhosos elas saberiam descobrir para nos mostrar sob a forma mais pura! Que boa experiência para elas e para nós!...sonhei levar as crianças portuguesas, de todos os meios sociais, a exprimirem, através de produções livres, como vêem e sentem a terra onde vivem. Com os trabalhos obtidos em cada província, incluindo Portugal insular e ultramarino, criarse-iam, nos diferentes centros populacionais, pequenos Museus de Arte Infantil, vivos e renovados, onde sucessivas gerações de crianças encontrasessem ambiente, convívio e actividades favoráveis à manifestação das suas actividades criadoras; e reunir-se-iam depois em Lisboa num Palácio da Criança, a apr dos trabalhos obtidos na capital, representações vindas de todo o Império Português. E o sonho começou a tornar-se realidade. Como era natural, comecei em Lisboa (...)”. Depois explica o Plano:“(...) As crianças que frequentam as escolas infantis, primárias e técnicas, e os liceus, fizeram as suas pinturas nos próprios estabelecimentos de ensino, a convite dos seus professores. As crianças menos protegidas, e as que já trabalham- ardinas, engraxadores, marçanos- as quais nunca haviam pegado num pincel, reuniram-se nas salas que várias escolas e associações nos facultaram e onde eram recebidas por professores, artistas plásticos e estudantes de cursos superiores; o material de desenho e pintura foi-lhes oferecido pela C.M. De Lisboa. Nesta experiência (...) não interessou o desenho escolar, porventura muito bem feito, muito rigoroso mas realizado segundo os ensinamentos do professor, obedecendo às suas sugestões e correcções. Interessava o

---

<sup>933</sup> Riscado a lápis: “(...) negras (...)”.



desenho livre, espontâneo, como a criança quer e sabe fazê-lo. Só assim esta iniciativa pode ter o valor, que se pretende, de contribuição para o estudo da Criança Portuguesa. Médicos, psicólogos e pedagogos estão de acordo em reconhecer a importância do desenho livre na vida da criança. Bem pequenina, por volta dos 2 anos, já ela gosta de se entreter com lápis e papel. Nessa idade, em geral, a criança não faz mais do que traços sem significado. Mas dos 3 para os 4 anos já começa a desenhar, e o seu primeiro desenho, embora muito esquemático...representa a figura humana, justamente, porque, segundo pensam os investigadores, neste primeiro desenho a criança é inspirada pela sua própria existência humana.(...) a criança projecta-se no desenho..passa a ter o merecimento de teste mas também do seu carácter, do seu comportamento, da sua personalidade. O lugar que os motivos desenhados ocupam no papel, os pormenores desses motivos, as particularidades do traço, a escolha e distribuição das cores-fornecem ao psicólogo elementos para o estudo e compreensão do carácter e dos problemas infantis (...)importante para orientação de médicos e pedagogos (...)as pessoas adultas que interferem no trabalho infantil prejudicam grandemente a criança, primeiro porque impedem, perturbam a sua liberdade de expressão e portanto o seu desenvolvimento; depois porque inutilizam um trabalho que poderia ter grande valor para os investigadores...projectando os seus conflitos (...)liberta-se deles(...)sendo o desenho usado como meio de observação, como terapeutica. Levando o maior de crianças a pintar Lisboa, não se pretendeu descobrir artistas mas proporcionar-lhes uma experiência agradável e útil. A arte não é para todos(...) porém, a cultura e a compreensão da arte, o respeito e o amor da arte sim, devem ser para todos que desde cedo (...)habitua-se a manejar lápis e pincéis livremente, habitua-se a observar e a exprimir-se...a respeitar o trabalho das outras pessoas, distinguir beleza autêntica das obras pretenciosas de mau gosto..respeitar o trabalho das outras pessoas porque também respeitam o seu; E aqui está como se atinge o ideal educativo, mesmo sem a preocupação de "ensinar"...se não se pretendeu ensinar, qual foi o papel do adulto? Esta pergunta fizeram-na algumas pessoas que nestas circunstâncias ainda desconhecem que nestas circunstâncias a atitude do adulto é muito mais delicada e difícil, requiere uma grande atenção e tacto para conseguir que a criança (...) que esteja perfeitamente à vontade e intervir só quando seja necessário, para estimulá-la ou evitar que destrua o trabalho realizado- o que é muito frequente (...)para se exprimir livremente precisa de ter confiança absoluta na pessoa que a acompanha.atitude do adulto nesta experiência (... )sempre de simpatia e compreensão.Estabelecia-se uma pequena conversa: onde

moras, como é a tua rua, fica ao pé de quê, que passeios já tens dado, qual é a parte da cidade de que mais gostas, etc. E a seguir vinha o convite: O que é que te apetece pintar de Lisboa?...qual não és capaz...experimenta...verificou-se o que vários psicólogos e pedagogos têm afirmado: A criança gosta de desenhar...principalmente de manejar a cor! (...)uma vez estabelecida a atmosfera de confiança não é difícil levar a criança a entregar-se-lhe completamente, sem receio de ser criticada ou incompreendida(...) assunto, interpretação, escolha das cores, tudo foi resolvido livremente pelos pequenos pintores sendo o trabalho sempre levado a sério...Anne Jacques, elucida-nos: "é preciso aceitar o trabalho da criança (...)existe e foi realizado por ela...". Se as crianças escolares aceitaram com entusiasmo as as propostas, as crianças não escolares ficaram deslumbradas. Teve grande interesse a observação do comportamento destas últimas. Sem outro estímulo além do prazer de pintar- pois que não houve prémios- e de ingressar em grupos de amigos que os mais velhos acarinhavam, (...)viveram horas de intensa felicidade. A sua alegria exuberante, o ardor apaixonado que puseram no trabalho, provaram quanto a ex. que lhes era oferecida corresponde a uma imperiosa necessidade de expressão...seja qual for o seu nível intelectual...Algumas crianças queriam mostrar o seu trabalho depois de concluído(...)era respeitado...outras pediam opiniões; neste caso, procurava-se levá-las a resolverem por si. Não lhes dirigir reparos que pudessem desanimá-las nem falsos elogios que as induzissem em erros- foram outras tantas normas seguidas. Esta atitude de simpatia, confiança, estímulo é indispensável para que a criança se entregue sem reservas ao trabalho criador. Se o adulto manifesta indiferença pelo seu esforço ou o deprecia, imediatamente ela se retrai (...) a sua obra prejudicada por um sentimento de incapacidade e receio de ser mal recebida pelas outras pessoas (...). As relações criança adulto assumem ainda grande importância sob outro aspecto a que se refere Juliette Boutonier: " a criança que desenha diante de alguém, desenha para esse alguém, e em função dele. Se o adulto aceita...isto já é uma ajuda que lhe dá...Crianças perturbadas na sua evolução natural por qualquer conflito com o seu meio, tiram o maior proveito do simples facto de desenhar para alguém que se interessa por elas...a criança exprime nele os seus problemas e os seus conflitos (...)partilha com o adulto tudo o que contém esta obra expressiva. A maior parte dos conflitos ou problemas (...)ligados a problemas familiares (...)que melhor maneira de se libertar...Vê-se que o facto de desenhar diante de umadulto estranho à família permite...expor os seus problemas sob uma forma

geralmente simbólica mas também dominá-los (...)”<sup>934</sup>.

Maria Lúcia Vassalo Namorado diz que embora a orientação seguida fosse a mesma, as crianças extra-escolares são as mais espontâneas, sendo as que “(...)mais impressionaram grande número de artista plásticos, psicólogos e pedagogos(...)”, como acontecera em 1952, quando em Paris se realizara “(...)uma exposição de pinturas de crianças atrasadas, alunas da Dra. Henriette Hoffer. Os críticos de arte ficaram surpreendidos com as semelhanças de algumas dessas pinturas com as obras primas em pintura moderna. Nos trabalhos de crianças não havia snobismo, nem imitações nem influências (...)”. Depois, sobre a *Exposição Lisboa vista pelas suas crianças* também a directora de *Os Nossos Filhos* se referirá à crítica de João Gaspar Simões em que este comparava estas crianças a Vieira da Silva e repetia a ideia de que, com aqueles trabalhos e com o respeito pelo P\*alno que idelaizara se poderiam criar os tais Museus de arte infantil.

Esta será então a segunda etapa, já desvirtuada, do plano para as exposições *Portugal vistio pelas suas crianças* que estaria prestes a passar fronteiras. Sobre a importância do desenho na formação da criança e sobre a necessidade de as mães terem plena consciência da importância do desenvolvimento dessa capacidade das crianças serão também publicados diversos artigos, como veremos, em *Os Nossos Filhos*.

### ***Oakland vista pelas suas crianças***

Esta exposição teve um convite de Paul Mills, director do Museu de Arte de Oakland, na Califórnia, e que viu a Exposição para “(...) apresentar naquela cidade americana as pinturas que constituem a referida exposição. (...) e pediu às crianças da sua cidade que exprimissem, também, pelo desenho livre, como vêem e sentem a sua terra, e prppõe-se enviar: a Lisboa esses trabalhos a permuta das exposições infantis, portuguesas e americanas, deve realizar-se em meados de 1959(...). Nesta informação Maria Lúcia Vassalo Namorado refere também que quer “(...)prosseguir com a realização de *Portugal visto pelas suas crianças* e do *Museu de Arte Infantil* que ainda não possuímos(...)”(ONF, Dez. 1958).

O apoio que lhe viria a ser dado pelo *Secretariado Nacional de Informação, Turismo e Cultura Popular* foi pedido por Maria Lúcia Vassalo Namorado uma vez que, sozinha, não teria tido fundo de maneiio para fazer face às despesas inerentes a tal

---

<sup>934</sup> À margem, desta citação tem, a lápis:“(...) D.L.(...)”.

empreendimento (Carta para Secretário Nacional de Informação. Lisboa. 9 Dez. 1958. Caixa 19. Maço 2): é que, no mesmo mês em que pede o subsídio para envia a exposição a Oakland, publica o último número de *Os Nossos Filhos* com periodicidade mensal tendo uma dívida enorme a saldar, como veremos. Nesta carta, Maria Lúcia Vassalo Namorado aproveita para pedir que fosse dada continuidade à iniciativa das Exposições e sugere que, para tal, o SNI mantivesse em funcionamento “(...)uma sala-biblioteca onde as crianças possam continuar as suas actividades(...)”. A mesma proposta será feita ao Presidente da Câmara de Lisboa (Carta de 3 Nov. 1958. Lisboa. Caixa 19. Maço 1) mas, em ambos os casos, a resposta a vai ser negativa.

Entre a *Exposição* que se realizou em Lisboa e a de Oakland foi feito um intercâmbio sendo que a daquela cidade americana veio, em 1 de Outubro de 1959, ser exposta no Palácio Foz (Caixa 19. Maço 1). No Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado há, como referimos, o Catálogo da Exposição e nele se informa que:“(...) a realização deste catálogo foi possível em grande parte graças às generosas contribuições de algumas Sociedades Fraternais Luso-Americanas, com sede em Oakland e em San Francisco. Essas Sociedades, que se dignaram patrocinar a presente exposição, foram seguintes: Federação Fraternal Luso-Americana de San Francisco, Irmandade do Divino Espírito Santo de Oakland, União Portuguesa Protectora do Estado Da Califórnia em Oakland, o presidente da Câmara de Oakland, Clifford E. Rishell, e, por parte do Oakland Art Museum: Paul Mills, Director e Hazel Bray, coordenador da Exposição (...)”.

O director do *Museu de Arte de Oakland*, que vira *Exposição Lisboa vista pelas suas crianças*, quando estivera, por acaso, de férias em Portugal, refere no *Catálogo* que: “(...) concebemos o projecto de aproximar ainda mais ambas as cidades, organizando em Oakland uma exposição semelhante á de Lisboa e procedendo depois ao intercâmbio das duas. Graças à boa vontade de muitas pessoas, tudo se tornou uma realidade. Os quadros das crianças de Lisboa acabam de ser exposto no nosso Museu e enviamos agora a Lisboa as pinturas da Oakland. Todos os estudantes das escolas de Oakland foram convidados a remeter cada um uma pintura para uma exposição preliminar que reuniu cerca de 2.500 quadros, entre os quais um júri seleccionou os 300 a enviar ao estrangeiro. É nossa esperança que os visitantes desta exposição possam através dela conhecer melhor a nossa cidade e apreciem trabalhos expostos como expressão da arte infantil. Muitas centenas de pessoas vieram ao Museu de Arte de Oakland visitar a exposição das pinturas das criança de Lisboa. No dia da Festa Nacional Portuguesa, em

10 de Junho, uma recepção de gala teve lugar no Museu, oferecida pelo Cônsul Geral de Portugal, O Presidente do Município da Cidade e a Junta de Directoras da Associação dos Museus de Oakland. Várias lojas da cidade arranjaram montras alusivas à realização da exposição, que teve também grande repercussão na imprensa. A muitas pessoas s3o devidos agradecimentos por terem contribuído para tornar possível a presente exposição. Em Lisboa queremos mencionar especialmente (...) Maria Lúcia Silva Rosa, o Secretariado Nacional de Informação, o sr. Francisco de Avilez, assim como os Serviços da Embaixada dos Estados Unidos. Aqui na Califórnia queremos agradecer a eficiente e generosa assistência que nos foi dada pelo Cônsul Geral Vasco Futscher Pereira e sua esposa, pelo vice-cônsul António de Sousa Bettencourt, pelo Sr. Marcy da Costa (...)”(1959. Caixa 17. Maço 3).

É ainda Paul Mills quem, em carta para Maria Lúcia Vassalo Namorado, identifica as diferenças que ele vê entre ambas as Exposições:”(...) as pinturas de Lisboa são mais disciplinadas, mais controladas, há mais ênfase na técnica e muitas partilham o mesmo bastante bem desenvolvido estilo(...) muita ênfase na cor e grande liberdade no seu uso(...) as pinturas de Oakland são mais espontâneas e livres(...) há mais preocupação na qualidade da pintura e na pincelada e menos interesse na cor (...) há mais variedade de vistas (...) há muitas semelhanças, em alguns casos é difícil dizer se são de Lisboa ou de Oakland(...) se há alguma diferença, penso que as de Lisboa são de melhor qualidade(...) gostaria de lhe fazer nova proposta: gostaria de saber se podemos ficar com 3 ou 4 dos quadros de Lisboa, mandar emoldurar e ficar na colecção permanente do nosso museu(...) em troca, diremos que seleccione 3 ou 4 das de Oakland para ficarem em Lisboa; seleccionáramos itens não reproduzidos no catálogo para que possa ficar com originais para uso posterior(...) sr. Periera(sic) /Vasco Futscher Pereira/ pediu para ficar aqui a exposição para ir a outros museus de arte aqui(...)”(Carta de 29 Jun. 1959. Oakland. Caixa 19. Maço 1).

Em 1960 ainda há correspondência, entre Francisco de Avilez<sup>935</sup>, em nome do *Secretariado Nacional da Informação Cultura Popular e Turismo* e Maria Lúcia Vassalo Namorado, sobre o paradeiro dos desenhos de Lisboa que haviam ido a Oakland e sobre os quais o *Secretariado* havia pago 20000\$00 de caução para exportação/importação temporária e que não podia reaver enquanto não entregasse os desenhos. (Carta de Francisco d’Avillez. Lisboa. 29 Jul. 1960. Caixa 17. Maço 2).

---

<sup>935</sup> Cf. toda a correspondência que, no *Espólio*, dirige a Maria Lúcia Vassalo Namorado, sempre sobre esta *Exposição*, sobretudo Caixa 19. Maço 2.

### **Exposição *Portugal visto pelas suas crianças*: outras localidades**

Sabemos que a vontade de Maria Lúcia Vassalo Namorado era ter levado a Exposição *Lisboa vista pelas suas crianças* a outras localidades. Esse projecto ambicioso morreria depois de ter sido mostrado em apenas três cidades, como vimos.

### **Exposição no Rio de Janeiro, Brasil**

A Exposição *Lisboa vista pelas suas crianças* esteve para ser apresentada ao público, pela primeira vez, no Rio de Janeiro<sup>936</sup>, como provam os documentos reunidos no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* (Caixa 72. Maço 4).

Em carta que a directora de *Os Nossos Filhos* dirige ao director de *Os Saltimbancos* e ao Jornal *Diário de Notícias*, no Rio de Janeiro, revela que Thaïs Bianchi lhe tem falado das diligências do destinatário para levar a Exposição *Lisboa vista pelas suas crianças* ao Rio de Janeiro “(...) por ocasião da visita do Senhor General Craveiro Lopes (...)” (Carta de 2 Maio 1957. Caixa 72. Maço 4). Na mesma carta, previa deslocar-se àquela capital pois que indica que preferiria ficar num “(...) hotel pequeno ou em casa de família(...)”.

É a directora de *Os Nossos Filhos* que, em carta ao presidente da Câmara de Lisboa pede que seja autorizada a utilização de um Jardim Público para a apresentação da Exposição, uma vez que não fora possível levá-la, em primeiro lugar ao Brasil e solicita ainda um subsídio de 25000\$00 para apoio á realização do Catálogo da mesma (Carta de 6 Jun. 1957. Caixa 72. Maço 4).

Maria Lúcia Vassalo Namorado pensou ainda estender a iniciativa a S. Paulo, no Brasil. Para esse efeito escreveu a a Lenyra Fracorilli, *Directora geral das bibliotecas infantis de S. Paulo*, pois que soubera por Isaura Correia Santos que aquela senhora as dirigia. Nessa carta, a directora de *Os Nossos Filhos* apresenta-se como tal e informa a dita senhora de que entrevistara o “(...) professor Augusto Rodrigues sobre as *Escolinhas de Arte* e gostaria de publicar uma entrevista com V. Exa sobre as *Bibliotecas Infantis*(...)”. Informa-a de que organizara o inquérito *Se eu tivesse uma varinha de condão* (a que nos referimos no subcapítulo concursos deste trabalho) e a

---

<sup>936</sup> Nunca na revista *Os Nossos Filhos* se encontra esta informação nem a obtivemos ao entrevistar Cecília Menano aquando da realização deste trabalho. Existem mais quatro cartas sobre o mesmo tema, na mesma Caixa e Maço. Fora Jaime Lopes Dias, Director dos *Serviços centrais e culturais da Câmara Municipal de Lisboa* que informara Maria Lúcia Vassalo Namorado de que havia sido autorizado, pelo *Presidente da Câmara Municipal de Lisboa*, a ida da *Exposição* em primeiro lugar ao Rio de Janeiro, como ela havia solicitado (Carta de Jaime Lopes Dias. 28 de Maio de 1957. Caixa 19. Maço 1).

*Portugal visto pelas suas crianças*. É então que pergunta se a senhora brasileira não estaria interessada no inquérito que “(...)despertou grande interesse em Portugal estando agora um especialista em psicologia infantil a estudar as respostas de milhares de crianças. Queria fazer aí a experiência e comunicar-me resultados?(...)” e então acrescenta: “(...) na segunda estamos agora a começar a trabalhar. Seria interessante levar as crianças brasileiras a pintar o Brasil tal como o vêem e fazermos depois permuta de alguns trabalhos das crianças dos nossos dois países(...)o que pensa sobre esta minha carta? (...) (Carta de 6 Fev. 1956. Caixa 31. Maço 2).

### **Exposição Porto visto pelas suas crianças**

Porém, sabemos que desde 1956 ela previra uma possível realização também no Porto. Desse desejo dá conta em *Os Nossos Filhos*, através do seu pseudónimo<sup>937</sup> *Velhinho das Barbas*: “(...) Também estivera prevista uma realização semelhante no Porto. Já em 1956, quando fora ao Porto realizar a sua conferência *Pela Criança*(cf. cap. sobre biografia), a convite da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social*, Maria Lúcia Vassalo Namorado tinha pensado levar ali a sua iniciativa *Portugal vista pelas suas crianças* pois é o próprio Governador Civil que, ao fazer a apresentação da conferente, referira essa ideia como: “(...)simpática e louvável iniciativa, de interesse verdadeiramente nacional, de dar a todas as crianças portuguesas a oportunidade de exprimirem pelo desenho livre o que pensam, o que sentem, e como vêem a sua própria terra, quer sob o ponto de vista da paisagem, dos costumes, (...)” (ONF, Nov. 1958). Quer esse autarca, quer o vice-presidente da Câmara, Frazão Nazareth, ou ainda o *Delegado Escolar do Distrito do Porto*, José Lobato Júnior lhe haviam prometido apoio assim como os professores Júlio Resende e Valentim Malheiro, o pintor Amândio Silva e o professor da *Escola de Belas Artes do Porto*, Rogério de Azevedo.

Por intermédio de Maria Almira Medina<sup>938</sup>, a directora de *Os Nossos Filhos* vai contactar os directores do *Clube Fenianos Portuenses* para saber se estariam na disposição de apoiar a iniciativa *Porto visto pelas suas crianças*. Envia exemplares da revista para que possam “(...) tomar conhecimento das condições e do plano de trabalho desta iniciativa(...) tenho apoio de professores e artistas do Porto(...) falta resolver o problema material; uma das minhas preocupações é que "todas" as crianças possam

---

<sup>937</sup> Esta notícia e o seu conteúdo mostram como o pseudónimo é de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

<sup>938</sup> Carta de 28 Out. 1955, que escreve da Figueira da Foz (Caixa 19. Maço 2). Cf. também cf. *Apêndice Cap. 4- Biografias*.

tomar parte neste certame(...) para material necessário à disposição daquelas que não o possam comprar(...) o Clube está disposto a tomar parte? São necessários 15 000\$ para iniciativa(...) Em Lisboa, movimento patrocinado e subsidiado pela Câmara Municipal de Lisboa por isso os trabalhos lhe serão entregues para fundo de um *Museu de Arte Infantil*(...). Nas outras cidades, os trabalhos obtidos devem ser estudados, expostos e entregues respectivas Câmaras ou entidades patrocinantes também para se organizarem *Museus de Arte Infantil*, de cada cidade, vila ou aldeia. A Revista *Os Nossos Filhos* terá o direito de escolher até 10 trabalhos seleccionados, com vista a futuros estudos e iniciativas(...)" (Carta de 4 Nov. 1958. Caixa 19. Maço 2).

No Porto tem Maria Lúcia Vassalo Namorado o apoio<sup>939</sup> de Júlio Resende<sup>940</sup>, que sugere o Salão da *Escola Superior de Belas Artes* como espaço ideal para a mostra que se possa vir a fazer (Caixa 19. Maço 2).

Em carta dactilografada que escreve áquele pintor, Maria Lúcia Vassalo Namorado dá conta do que pretendia ainda fazer no Porto, no âmbito desta Exposição: "(...) foi com alegria que recebi sua carta por continuar interessado em *Porto visto pelas suas crianças*(...). Longo silêncio causado por muitas contrariedades e constante trabalho, devido dificuldades económicas com que sempre lutei para manter *Os Nossos Filhos*. Vi-me forçada a suspender, não sei por quanto tempo, a publicação (...) desgostou porque era minha "filha" há quase 17 anos(...) ela fica de pé pelo menos com um número anual, e a *Editorial* também e assim as iniciativas, entre as quais Portugal visto pelas suas crianças (...) as de Évora já fizeram a sua exposição- com nosso amigo Charrua- e as de Castelo Branco estão trabalhando nesse sentido(...) creio que o primeiro passo seria apresentação no Porto dos trabalhos de Lisboa (...) talvez útil repetir aí palestra que fiz em Castelo Branco focando intenção, maneira como trabalhamos em Lisboa e significado de desenho livre; talvez o SNI me deixasse levar o filme respectivo(...). A Câmara do Porto e Distrito Escolar prometeram toda colaboração e apresentarei seu nome como Dirigente de movimento no Porto (...),

---

<sup>939</sup> Do Porto também escrevem a Maria Lúcia Vassalo Namorado oferecendo-se para a apoiar a iniciativa: Manuel Nunes Ribeiro,arquitecto (Caixa 19. Maço 2) e Maria Adriana da Cruz Guimarães (Caixa 57. Maço 1).

<sup>940</sup> Cf. todas as cartas por ele enviadas em diversos Maços e Caixas, como Caixa 17. Maço 2, Caixa 61. Maço 1, assim como cartas de Valentim Francisco Malheiro (Cf. Caixa 19. Maço 2). O nome de Júlio Resende fora sugerido a Maria Lúcia Vassalo Namorado por Calvet de Magalhães pois "(...)se receber a adesão do Prof. Júlio Resende este dever ser o chefe da equipa tripeira pois é pessoa de grande prestígio e estimado por todos tripeiros(...) trabalha no assunto há anos, tem muita cultura, chefia um serviço do *Primeiro de Janeiro*, aspecto gráfico, convidado para a Escola de belas Artes e ultimamente ganhou o 1º prémio do monumento ao Infante(...)está feita apresentação; em ligação com Júlio Resende é fácil obter apoio da Câmara do Porto(...)"( Carta de 26 Out. 1955. Caixa 19. Maço 2).



mandei "albuns" ao Presidente da Câmara e Dr. Frazão Nazareth, Director do Distrito Escolar, arqt. Rogério Azevedo- com quem falei pessoalmente e muito interessado(...) para V. Exa seguirem 4 exemplares para usar como quiser(...) liberdade de mandar para sua casa um para prof. Malheiro porque não sei morada; também mandei exemplar para Governador Civil, assinante da Revista *Os Nossos Filhos* desde n.º 1 (...). O local deveria ser Salão da Escola de Belas Artes?; Barcelos e Famalicão pedem que mande exposição ao Norte mas, nas minhas actuais condições de vida, não sei se poderei estar tanto tempo fora de Lisboa(...)” exposição visitada em Lisboa pelo Sr. Paul Mills (...)mas não me parece justo mandar os trabalhos para o estrangeiro antes de os apresentar nessa cidade(...)” (Carta de 27 de Fevereiro de 1959. Caixa 19. Maço 2).

Em 1959 a Exposição ainda não fora organizada e em carta que Maria Lúcia Vassalo Namorado escreve<sup>941</sup> para a *Direcção da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto* percebe-se que esta associação estaria interessada em lançar um concurso infantil com um título semelhante ao da Exposição. Ela pede-lhes então que apoiem Ilse Losa, Matilde Rosa Araújo e Júlio Resende, que naquela cidade, deveriam organizar a dita Exposição *Porto visto pelas suas crianças* (Carta de 9 Mar. 1959. Caixa 17. Maço 2).

Houve realmente um exposição, no Porto, com o título das que Maria Lúcia Vassalo Namorado organizou em Lisboa, Évora e Castelo Branco mas não foi organizada pela equipa que ela aceitara. De acordo com informação retirada de um recorte de jornal<sup>942</sup> guardado no *Espólio*, fora inaugurada “(...) Exposição *Porto visto pelas crianças* na sede da *Academia Portuguesa de Ex-Libris*, na Rua do Jasmim(...), iniciativa de (...) Maria Amélia Luz Mergulhão e tem patrocínio da Câmara Municipal(...)” (Caixa 17. Maço 2). Há ainda um outro recorte em que se refere que “(...) encerrou exposição q esteve até 7 de Julho, no Porto, na Escola Superior de Belas Artes sob o patrocínio da *Repartição de Cultura Popular e Turismo da Câmara Municipal*(...) Dr. Lobo de Oliveira, presidente da *Academia Portuguesa de Ex-libris*

---

<sup>941</sup> Esta carta é a resposta a uma outra que a referida Associação havia enviado a Maria Lúcia Vassalo Namorado perguntando-lhe se iria realmente realizar a exposição no Porto. Caso não fosse, a Associação iria lançar, integrado no seu programa cultural, um concurso infantil de cuja comissão organizadora fariam parte Ilse Losa, Matilde Rosa Araújo e “(...) outra senhora formada pelo Instituto Rousseau de Genebra(...)/Maria Almira Medina/” (Carta de 5 de Mar. 1959. Caixa 17. Maço 2).

<sup>942</sup> Sem indicação de data, excepto que fora em Março: "O Porto visto pelas crianças": /recortes de jornal/ (Caixa 17. Maço 2).

manifestou louvor pela iniciativa da Câmara Municipal abrangendo a organizadora do certame, D. Maria Amélia Luz Mergulhão(...)"(Caixa 17. Maço 2).

### **Exposição em Luanda, Angola**

Nesse mesmo ano de 1958 Maria Lúcia Vassalo Namorado pensara ser possível estender a iniciativa a Angola como se depreende da carta que lhe escrevem, nesse sentido, de Luanda: "(...)vi com satisfação que Exposição esteve em Évora, recebeu carta nossa em que lhe fazia várias perguntas para efectivar a sua vinda cá ?(...). Pode aproveitar bem as férias para tratar de toda a organização aqui em Luanda e outras cidades de Angola (...)" (Carta de Dulce Morais e Castro. Luanda. 27 Jun. 1958. Caixa 19. Maço 2).

Através dessa leitora, assinante e amiga Dulce Morais e Castro, a *Exposição Lisboa vista pelas suas crianças* teve apresentação prevista também para Angola. Para tal teriam sido contactadas *diversas* entidades, a saber: o *Rádio Clube de Angola*, de Luanda; a *Radiodifusora*, do Lobito, o *Rádio Clube de Moçâmedes*, de Malange, o *Rádio Clube do Sul de Angola*, Lobito e o *Radio Clube do Cuanza Sul*, de Novo Redondo (Caixa 32. Maço 1). Esta senhora chegou mesmo a dar como adquirida a ida da *Exposição...* a Luanda, "(...)com o patrocínio da *Sociedade Cultural (...)* e o Álvaro fará palestra(...) talvez seja viável que a *Exposição* a outras cidades de Angola como Lobito, Benguela e Moçâmedes e havendo possibilidade de nós acompanharmos e aí fazermos palestras sobre Arte Infantil(...). há dois anos quando minha amiga falou do assunto passados dois dias apareceu aqui Calvet de Magalhães e constituiu-se aqui uma comissão , em reunião na minha escola, em que fiquei eu, o Álvaro, o arquitecto Pinto da Cunha e o escultor Rocha Correia(...) reuniões, planeou-se trabalho, Calvet adaptou regulamento mas foi então que minha filha adoeceu (...). Na nossa ausência de um ano nada se fez (...). Seria desleal recomençar sem bater à porta dos que estavam metidos na iniciativa(...). Na próxima semana, recomeço com os dois nomes citados para ver a sua disposição de prosseguir(...) agradecemos catálogo que nos enviou(...) suas palavras e as da Cecília revelam quão longe foram na iniciativa(...) lamento que uma pessoa que devia estar interessada lhe causasse tanto transtorno(...) a venda do catálogo pode resolver-lhe prejuízo? (...)"(Carta de 22 e 24 de Maio 1958). Anexa ainda um papel A5, dactilografado, em que explica como se poderia concretizar a iniciativa: "(...) para concretizar carta a escrever pela *Sociedade Cultural de Angola*, convém esclarecer: despesas tais como fretes, embalagens, seguros, licenças, catálogos, deslocções, em

Lisboa(...) durante estadia em Angola e entrega dos desenhos serão pagas integralmente pela *Sociedade Cultural* (...) informados do peso e volume de desenhos a enviar, tempo que poderão estar em Angola, número catálogos que nos poderão ser enviados para venda, etc. Conveniente enviar desenhos em caixas de madeira forradas de zinco que pagaremos e servirão para itinerário da exposição através de Angola(...) não é necessária autorização de Ministério da Educação para saída/entrada de desenhos na Metrópole?(...) para obtenção de subsídios por parte organismos oficiais de Angola seria útil enviar-nos não só credenciais mas também completas transcrições ou recortes de crítica, referências do Ministro, Presidente Câmara, outras entidades oficiais e artistas, sobre a exposição daí (...)”(Anexo a Carta de 22 e 24 de Maio 1958).

### **Exposição em Moura**

Fora a directora da revista que contactara a professora Maria Aldonça Rosado, que havia colaborado com *Os Nossos Filhos* no *Concurso sobre a cor preferida*, para que esta se encarregasse de organizar a exposição em Moura, para a integrar dentro da iniciativa *Portugal visto pelas suas crianças*. Esta professora<sup>943</sup> queria colaborar mas “(...)há porém necessidade de congregar por cá esforços e isto é tão abúlico no que respeita a alguma coisa para além da preparação para exames(...)em todo o caso, vamos tentar: para começar agradecia que me emprestasse a gravura em q V. Ex mostra a Exposição a Sr. Ministro; talvez o 1º da p. 12 do n.º 191/da Revista/; publicá-lo com algumas palavras(...) em seguida apresentar à Câmara e Comissões de Turismo a nossa pretensão(...) com o plano da exposição e levar a efeito a exposição em Moura (...)” (Carta de 21 Jul. 1958. Caixa 19. Maço 2).

Um ano depois da revista ter suspenso a sua publicação mensal, em carta da mesma professora e membro do Cine-club de Moura, refere-se que começara “(...) a tomar forma a exposição de desenho infantil (...)” (Carta de 13 Out. 1959. Caixa 17. Maço 1). Do que ali se (não) fez não há, porém, qualquer indicação posterior no *Espólio*.

### **Exposição S. Miguel visto pelas suas crianças**

*Os Nossos Filhos* havia dedicado um número temático aos Açores. Ao ver na revista as notícias sobre a iniciativa *Portugal visto pelas suas crianças*, Silva Júnior, do

---

<sup>943</sup> Escreve em papel timbrado de *A Planície: quinzenário cultural e regionalista*, Moura e tem, a vermelho, como sendo anotação de Maria Lúcia Vassalo Namorado.”R. em 20-9-58, as gr. Foram devolvidas logo que as recebi, peço devolução da minha gravura. Segue 1 ex. do nº 191 com o plano(...)” (Carta de 21 Jul. 1958. Caixa 19. Maço 2).

*Bureau de Turismo Terra Nostra*, em Ponta Delgada, ilha de S. Miguel, contactara a directora da revista para saber se ela estaria interessada em integrar, no certame, uma exposição *Ponta Delgada vista pelas suas crianças* (Carta de Silva Júnior de 28 de Abr. 1958. Caixa 17. Maço 1). O remetente já fizera tal sugestão numa reunião camarária que aceitara desde que se pudesse realizar ainda durante o ano de 1958.

Em resposta a esta oferta e já depois de terminada a Exposição em Lisboa, dirá Maria Lúcia Vassalo Namorado: “(...) interesse extraordinário, inclusivamente nos meios oficiais (...) Ministério da Educação pediu-me para ter a exposição aberta mais uma semana e organizar visitas de escolas(...) está a fazer-se filme colorido com reconstituição das actividades e apresentação dos trabalhos que vai ser apresentado no próximo mês na *Bienal de Veneza* (...) Está à venda n.º de Abril de *Os Nossos Filhos* (...) e nele se encontram condições e plano de trabalho(...) para se fazer *S. Miguel visto pelas suas crianças*, integrado neste plano, seria necessário: organizar uma comissão de professores de Desenho e de Ensino Infantil, conhecedores da Pedagogia Moderna, dispostos a trabalhar segundo o plano a que me refiro(...) Interessar o director do Distrito Escolar que convidaria todas escolas a tomar parte(...), obter patrocínio e apoio da Câmara Municipal e Comissão de Turismo, para ajudar resolver problemas que surjam, ceder salão para futuras exposições e dar subsídio para material de pintura a utilizar pelas crianças pobres e montagem da exposição(...), organizar grupos de Professores e Estudantes que queiram trabalhar com as crianças que não frequentam escolas pois é considerada indispensável participação destas crianças (para elas é o material cedido pela Câmara e Comissão de Turismo(...)) e crianças poderão trabalhar em salas de Escolas ou Associações de Educação e Recreio q as queiram ceder para esse fim (...) e mandar-me nomes e direcção da Comissão para *Os Nossos Filhos* (...) estar em contacto com ela mandar-me nomes e direcções dos estabelecimentos de ensino da cidade ou da Ilha para estabelecer contactos com eles(...). Com muito gosto iria aí com exposição de Lisboa e faria palestra mas a distância grande e não posso tomar esse encargo(...)” (Carta de 16 Maio 1958. Caixa 17. Maço 1). Mais nada sabemos também da evolução deste projecto em S. Miguel...

### **Exposição em Barcelos**

Pensando que a *Exposição* também poderia ser realizada em Barcelos, é Maria Lúcia Vassalo Namorado que escreve à professora primária, assinante daquela

localidade<sup>944</sup> como percebemos pela carta em que esta lhe responde, falando primeiro do envio que fizera de redacções de crianças para o certame *Se eu tivesse uma varinha de condão* sobre o qual refere que: “(...) por aqui miséria é muito grande e o factor religioso é também muito forte como V. Exa. poderá verificar por as ditas redacções mas o que também é verdade é que ele não tem influência nenhuma na moral desta gente e actua apenas como uma forte superstição(...)” (Carta de Maria Elsa Faria. Barcelos. 9 Mar. 1956. Caixa 15. Maço 2). Quanto à possibilidade de ser ela a representante de *Os Nossos Filhos* na organização de uma Exposição *Barcelos vista pelas suas crianças* diz “(...)nada poderei dizer por agora (...)”.

Porém, ao escrever novamente para Maria Lúcia Vassalo Namorado depois de suspensa a revista, e manifestando a sua tristeza pelo facto, refere ter ido “(...)fui ontem falar ao director da Escola Técnica(...) disse que achava a ideia interessantíssima mas era melhor aguardar um tempo(...) perguntei-lhe se a Sra. já lhe tinha escrito e ele disse que não (...) percebi que se a Sra. lhe escrever, resolve o assunto breve, pois disse-me, era realmente melhor que a ideia viesse de fora(...) já tinha pedido aos professores os desenhos para iniciarem essa ideia junto das crianças e já estão a trabalhar; levei a Revista onde vinha o convite da Califórnia(...) Também falei com o Presidente do Turismo (...) a sua vinda ao Porto seria muito útil(...) irei a Famalicão onde falarei com o Director da Escola Técnica que penso não porá as dificuldades deste; só pessoalmente lhe poderei contar todos os detalhes(...) o director da escola chama-se Dr. Vitor Manuel de Almeida (...)” (Carta de Elsa Anjos. Barcelos. 24 de Jan. 1959. Caixa 32. Maço 1).

No mês seguinte pede que faça o favor “(...) de escrever e mandar o álbum ao Director da *Escola Técnica de Barcelos* como combinámos quando em Dezembro estive em Lisboa(...) ele achou a ideia maravilhosa(...). Estive há dias em Famalicão com o director da escola Técnica e a mulher que também é professora na escola e falei-lhe nos seus desenhos(...) tanto ele como a mulher, pessoas esclarecidas e inteligentes, ficaram encantados e desejosos de colaborarem na sua ideia (...) ele é engenheiro civil e chama-se Manuel Augusto de Oliveira Duarte, V.N. Famalicão (...)” (Carta de Maria Elsa. Barcelos. 18 Fev. 1959. Caixa 7. Maço 1).

Como em relação à tentativas para outras localidades referidas, nada sabemos sobre a

---

<sup>944</sup> Filha de César Anjo, irmã do médico com o mesmo nome e de Maria Isabel Rodrigues Anjo (cf. *Apêndice Cap. 4- Biografias*). Esta última senhora foi entrevistada para a realização deste trabalho. Cf. também *Doação Maria Isabel Rodrigues Anjo*.

evolução desta iniciativa....

### **Exposição na Figueira da Foz**

Dos contactos iniciais para a organização da exposição na Figueira da Foz encarregara-se Maria Almira (Pedrosa Medina), professora, que falara com o “(...) Presidente da Comissão de Turismo, irmão de um colega e amigo meu, aliás (...) tudo me leva a crer que a Exposição, na Figueira, será um facto (...) ele espera uma palavras (...) a elucidá-lo melhor, para então, tratar com a Câmara, da concretização do projecto (...) que lhe interessa sobremaneira (...)” (Carta de 8 Fev. 1956. Figueira da Foz. Caixa 42. Maço 1).

Dois anos depois, será Maria Lúcia Vassalo Namorado<sup>945</sup> a escrever para a *Comissão Municipal de Turismo da Figueira Foz* a propor a passagem da Exposição *Lisboa vista pelas suas crianças* nesta localidade pois fora uma “(...) iniciativa com êxito, António Lopes Ribeiro fez filme que será apresentado na *Bienal de Veneza* (...) pelo álbum e revistas que envio poderão fazer ideia do interesse/êxito da iniciativa como praia lembrou-se: durante as 2 ou 3 primeiras semanas de Agosto /poderiam ter ali a/ exposição *Lisboa vista pelas suas crianças* (...) junto funcionaria gratuitamente uma sala de pintura livre para as crianças que a quisessem frequentar, material também gratuitamente (...) eu própria e outra sra especialista em ensino infantil levaríamos a exposição de Lisboa e trabalharíamos aí com as crianças (...) connosco poderiam trabalhar duas ou três senhoras dessa cidade, professoras ou Estudantes, e quando nos retirássemos poderiam continuar até fim época balnear, seguindo mesma orientação (...). Os encargos para V. Exas: despesas de transporte de Lisboa (ida /vinda) (...) despesas de transporte e estadia de duas senhoras (eu e colaboradora) duas ou três semanas (...), sala de Exposição paredes com biombos forrados com linhagem ou papel canelado (...) mesas e material de pintura que poderá ir da casa fornecedora, cerca de 4000\$00 (...) depois em Outubro se veria para iniciativa Portugal visto pelas suas crianças (...) mereceu aplauso e incitamento de Ministro da Educação e Subsecretário Nacional de Educação, Director Geral do Ensino Primário e Directores de vários distritos Escolares; Figueira é a primeira praia a que apresento este plano (...)” (Carta para Comissão Municipal de Turismo da Figueira Foz. Lisboa. 22 de Jul. 1958. Caixa 17. Maço 1).

---

<sup>945</sup> Do que foi o êxito de *Lisboa vista pelas suas crianças* na capital dá conhecimento em Caixa 27. Maço 3.

Como para todas as outras propostas anteriores...desconhecemos que respostas obteve.

Na época foram frequentes as exposições de desenho, como se pode ver pelos sucessivos anúncios em *Os Nossos Filhos*. Das que foram realizadas depois desta iniciativa de Maria Lúcia Vassalo Namorado e que, por vezes tentaram usar o plano ‘dela’ damos conta de seguida.

Ainda em 1959 o título da exposição vai ser plagiado. Maria Lúcia Vassalo Namorado escreve, indignada, ao director do jornal *Notícias do Algarve* de Vila Real de Santo António dizendo: “(...) conhece movimento que iniciei e que chamei *Portugal visto pelas suas crianças*(...), *Lisboa vista pelas suas crianças*, depois Évora, Castelo Branco, Porto, etc. O movimento obedece a plano que estudei longamente com autorizada colaboração de dois ilustres especialistas do Ensino Artístico(...)Plano mereceu aprovação de *Ministério de Educação Nacional*, *Câmara Municipal de Lisboa* e *Secretariado Nacional de Informação* e tem dado melhores resultados(...) vão agora para Okland, a convite do ilustre director do *Oakland Art Museum*, sr. Paul Mills, que por feliz acaso visitou Exposição na Primavera do ano passado(...). No n.º de 3 do corrente, no jornal que V. Exa dirige vem publicado artigo intitulado *O Algarve visto pelas suas crianças*(...). Como sou total/ estranha a essa iniciativa e como o título e a declaração de que *pode ser uma cópia do que se fez em Lisboa* dão lugar a confusões, atrevo-me solicitar que seja dada outra designação à iniciativa do *Notícias do Algarve* (...)” (Carta de 20 Maio 1959. Lisboa. Caixa 17. Maço 2).

Não sabemos como ficou o problema resolvido mas não entendemos também por que razão essa indignação não se estendeu à que foi realizada no Porto, com a mesma designação.

Também se realizaria uma *Exposição de desenho e pintura infantil*, em Leiria, promovida pela subdelegação local da *Mocidade Portuguesa*. Essa Exposição constaria de “(...) exposição de desenho e pintura infantil sobre Leiria e arredores, podendo concorrer a esta exposição todas crianças do país(...) terá patrocínio do Governo Civil, Câmara Municipal, Grémio do Comércio, da Lavoura, etc. deve ser inaugurada na data da reunião dos antigos alunos do *Liceu de Leiria*; dentro de dias serão publicadas condições do concurso, para o qual foram oferecidos prémios pelas entidades oficiais e particulares, esperando-se que o comércio e indústria locais dê toda a sua contribuição(...)” (Caixa 19. Maço 2).

Anos mais tarde, em 1965, já depois do fim da revista, foi promovido um concurso intitulado *O Natal visto pelas crianças* em que colaboram o *Diário de Lisboa* e a *Portugália Editora* e que “(...) reúne trabalhos literários(...)”. A escolha fora efectuada por uma comissão presidida pelo Prof. Calvet de Magalhães e pelos escritores: José Gomes Ferreira, Matilde Rosa Araújo, Alice Gomes, *Lília da Fonseca*, Maria Lúcia Silva Rosa, Mário Castrim e Maria Manuela Costa Torres. Havia também desenhos que foram seleccionados pelo referido presidente da Comissão, pela arquitecta Isabel Maria Cotinelli Telmo Pardal Monteiro Leitão de Barros e por José Antunes da Silva. Do júri de *O Natal visto pelas crianças* faziam parte António Torrado, Matilde Rosa Araújo, *Lília da Fonseca*<sup>946</sup>. A Exposição viria a relaizar-se na *Escola Técnica Elementar Francisco Arruda*, em Lisboa, onde Calvet de Magalhães era director<sup>947</sup> (Caixa 6. Maço 3). Este documento (que existe no *Espólio*) é uma espécie de catálogo do Concurso onde se publicam os textos das crianças, com nome, idade, escola e os desenhos que também realizaram.

Da introdução (a cargo de Norberto Lopes) fica-se a saber que a iniciativa visa promover a “(...) educação pela arte (...)” e que esta expressão é usada “(...) pela pedagogia moderna para definir este processo de educação artística da juventude(...)”<sup>948</sup>. Pretende-se colocar os pais a reflectir sobre a importância da pintura e do desenho porque há muitos que associam essas actividades à “(...) boémia. Porém, os adeptos da “educação pela arte” colocam entre os 6 e os 10 anos a idade de ouro da experiência plástica(...)”. Este concurso é de “(...) utilidade tanto para a formação moral como para o desenvolvimento das tendências artísticas da nossa população escolar(...) despertando gosto pelo desenho com (...) algumas compensações morais e materiais(...)”. (p. 8)

Nesta mesma ordem de idéias se insere, em 1970, o *Concurso de arte Infantil: Desenho e pintura: A Música vista pelas crianças* promovido pelo *Orfeão de Vila Praia de Âncora* com o patrocínio de *O Comércio do Porto* e da *Telescola*, em que os trabalhos serão apreciados por um júri composto por cinco elementos, com atribuição de prémios e menções honrosas. No final, haverá mesmo uma exposição dos trabalhos

---

<sup>946</sup> Cf. *Diário de Lisboa* de 12 Novembro 1967 (Caixa 85. Maço 1).

<sup>947</sup> O dossiê dos elementos desta Exposição fora dado a Maria Lúcia Vassalo Namorado por Mário Castrim. Tinha sido Calvet de Magalhães que lhos entregara no *Diário de Lisboa* (Caixa 6. Maço 3 e Caixa 1. Maço 3).

<sup>948</sup> Palavras de Norberto Lopes. P. 7. O NATAL VISTO PELAS CRIANÇAS (1965). Porto: Portugália Ed. 75 p. (*Espólio*).



entregues para Concurso. (Caixa 40. Maço 4. *O Comércio do Porto: Suplemento Infantil*. 27 Ago. 1970. p. 16).

Esta iniciativa pode e deve ser vista como a forma de que se serviu Maria Lúcia Vassalo Namorado para mostrar como aquilo que defendia, na revista, para o ensino do Desenho, era o caminho correcto a seguir. Se fosse dado às mães e professores o conhecimento necessário, do ponto de vista teórico, sobre a importância do desenho no desenvolvimento infantil elas poderiam contribuir também para um futuro mais feliz para essas crianças.

## **Inquéritos**

### **Sobre literatura para crianças**

Fazer inquéritos<sup>949</sup> às(aos) leitoras(es) de publicações do tipo de *Os Nossos Filhos* era comum nas revistas femininas. Ensinar as mães e dar-lhes um conjunto de regras a seguir na escolha dos textos que deveriam colocar nas mãos das crianças e adolescentes era um dos objectivos assumidos pela revista. Um desses inquéritos vai ser orientado por *Lília da Fonseca*, sobre o maravilhoso na *Literatura infantil*. A questão que já vinha de anos e anos atrás resumia-se de forma simples: deveriam as(os) escritoras(es) “(...) Enveredar pelo maravilhoso e recheiar a literatura infantil da inverosimilhança das fadas e princesas encantadas? Ou deveriam dar-lhe, pelo contrário, a projecção absolutamente real da vida de todos os dias, a pontos de colher dela para a linguagem dos personagens criados, o calão do povo e os plebeísmos do garoto da rua? ..Pôr os animais a falar e as flores a cantar?(...) Quisemos, por este motivo, ouvir opinião de algumas personalidades do nosso meio literário, que, sobre o assunto são autoridade, porque na sua obra, na totalidade ou em parte, têm contribuído para o enriquecimento da nossa literatura infantil (...)” (ONF, Abr. 1943). No número seguinte, a esta questão, respondem Maria Lamas, Eduardo Schwalbach e Aquilino Ribeiro.

Entre Fevereiro de 1948 e Outubro de 1949 será lançado novo inquérito, este orientado para escritoras, com as seguintes questões: 1- Porque escreve? 2 Como escreve? 3 — O

---

<sup>949</sup> Há ainda um outro inquérito, sobre a revista e as secções que se pretendem sejam retiradas ou iniciadas, uma espécie de avaliação de *Os Nossos Filhos* que se pede às(aos) leitoras(es) e que analisamos no capítulo deste trabalho sobre a suspensão da revista e da forma como termina a sua publicação mensal em 1958.

que procura exprimir com a sua literatura? 4- Considera que exerce alguma influência? Qual? 5 — Qual o seu livro ou personagem mais queridos?

Quadro nº67. : Identificação de escritoras que respondem a Inquérito: Como trabalham as escritoras? O que pensam elas das suas próprias obras?

Identificação	Fotografia	Fonte
Judith Navarro	“	Fevereiro 1948. p. 24
Maria Paula de Azevedo	Não sim	Julho 1949. p. 18 e Outubro 1949. p. 19
Aurora Jardim	sim	Julho 1949. p. 18
Manuela Porto	“	Julho 1949. p. 18
Alice Ogando	“	Julho 1949. p. 19
Maria Lamas	“	Julho 1949. p. 19
Adeliade Félix	“	Setembro 1949. p. 19
Lília da Fonseca	“	Setembro 1949. p. 19
Ilse Losa	“	Setembro 1949. p. 19
Virgínia Lopes de Mendonça	“	Setembro 1949. p. 19
Sara Beirão	“	Outubro 1949. p. 19
Raquel Bastos	“	Outubro 1949. p. 19
Maria Archer	“	Outubro 1949. p. 19

O mesmo inquérito, com as mesmas perguntas, apenas com algumas alterações<sup>950</sup> vai ser feito a partir de Fevereiro de 1951 até Junho de 1954 mas agora apenas às seguintes escritoras:

Matilde Rosa Araújo	sim	Fevereiro 1951. p. 16
Emília de Sousa Costa	sim	Nov. 1951. p. 17
Patrícia Joyce <sup>951</sup>	“	Jul. 1952. p. 16
Madalena (Pereira) Gomes	“	Maió 1953. p. 19
Heloísa Cid <sup>952</sup>	“	Março 1954. p. 18
Maria Helena	“	Jun. 1954. p. 18

Sobre as questões que se prendem também com a literatura infantil, o inquérito realizado pela revista pretende dar um conjunto de informações de qualidade às mães

---

<sup>950</sup> As questões são agora: 1- Porque escreve? 2-Como escreve? 3- O que procura exprimir com a sua literatura? 4- Pensa que os seus trabalhos têm alguma influência? 5- Qual é o seu livro ou personagem mais querido?

<sup>951</sup> Texto assinado *M.L.*

<sup>952</sup> Co- fundadora com Maria Luísa Manso, do *Externato de Santa Cecília*, nas Avenidas Novas, e Lisboa e autora da pequena quadra: ‘Com três letrinhas apenas /se escreve a palavra Mãe; /Que é das palavras pequenas/ A Maior que o mundo tem’.

para que estas possam ter mais facilidade quando têm de escolher algum livro para as crianças. São esses inquéritos que passamos a identificar nas linhas que se seguem.

Se listarmos os livros que se recomendam em *Os Nossos Filhos* conseguimos identificar o que liam ou deviam ler as mães da classe média e média baixa feminina, a quem se dirigia a revista, tanto romance (contos e novelas), poesia, como era comum noutras revistas femininas. Nessa listagem é possível identificar ainda o que elas deveriam ler também na área de puericultura, enfermagem caseira (cf. Consultório de Maria Palmira Tito de Morais, Out. 1949) e o que deviam saber sobre quem são e como vivem as(os) escritoras(es); desta forma era possível ‘aproximar’ um pouco mais quem escreve de quem lê. Houve alguns números de *Os Nossos Filhos* que, por essa razão, apresentaram biografias de escritoras, que tinham sido também apresentadas noutras publicações femininas. Um desses exemplos é Laura Chaves cuja fotografia publicada em *Os Nossos Filhos* é mesma que ilustrava a biografia da escritora publicada em *Portugal Feminino*<sup>953</sup>.

Em 1949, em *Os Nossos Filhos*, na área da literatura infantil, iniciam-se duas séries de inquéritos: umas a escritores e escritoras sobre as suas obras em geral e outra sobre o que pensam ser a orientação a dar à Literatura infantil. São entrevistadas autoras, escritores e editores desse tipo de textos, quase sempre acompanhados de uma breve biografia e de fotografia. Se bem que, como já referimos, a Literatura não tenha sido uma das áreas contempladas na recolha de dados para esta investigação, não pudemos deixar de aqui referenciar estas entrevistas por três ordens de razões: primeiro, porque quase todas são feitas a mulheres; em segundo lugar, porque nos pareceu que elas puderam contribuir de alguma forma para a identificação do círculo de relações da revista e da definição da sua área ideológica e porque, finalmente, este é um dos muitos exemplos de inquéritos que são feitos para proporcionar mais conhecimentos ‘teóricos’ sobre o tema, às mães que liam *Os Nossos Filhos*. No quadro seguinte resumimos os dados que retirámos ao longo dos diversos números em que tal informação foi publicada:

Quadro nº68. : Identificação de escritoras(es) e editores que respondem a  
Inquérito: Literatura infantil

Identificação	Fotografia	Fonte
---------------	------------	-------

---

<sup>953</sup> Publicada em *Portugal Feminino*, n.º 25. Fev. 1932. p. 12

Virgínia Lopes de Mendonça	sim	Nov. 1943. p. 12
Maria da Luz de Deus	"	. Nov. 1943. p. 13
Maria Elisa Nery de Oliveira <sup>954</sup>	Sim sim	Abril 1956. p. 16 e Março 1958. p. 20
Noel de Arriaga	"	Jan. 1958. p. 18
Odette de Saint-Maurice	"	Jan. 1958. p. 18
Ilse Losa	"	.Jan. 1958. p. 19
Costa Barreto	"	Jan. 1958. p. 19
Maria Osswald	"	Fev. 1958. p. 18
Isaura Correia Santos	"	Fev. 1958. p. 18
Maria de Figueiredo	"	Fev. 1958. p. 19
Salomé de Almeida	"	Março 1958. p. 20
Adolfo Simões Muller	"	Abril 1958. p. 20-21
Maria Vitória Garcia Ferreira	"	Jun. 1958. p. 20-21
António Sérgio	"	Set. 1958. p. 10
Aquilino Ribeiro	"	Set. 1958. p. 11
Parceria António Maria Pereira	não	Out. 1958. p. 8-9
Editora Sá da Costa	não	Out. 1958. p. 8-9
Romano Torres	não	Out. 1958. p. 8-9
Portugália Editora	não	Out. 1958. p. 8-9
Livraria Bertrand Editora	não	Nov. 1958. p. 10-11
Livraria Portugal	"	Nov. 1958. p. 10-11

Mais tarde haverá novo inquérito mas, desta vez, será sobre tema mais ‘ligeiro’:  
“(…) Aqui para nós, é sentimental?(…)”. As perguntas foram:“(…) Tem um tipo de homem ideal? É generosa para com os pobres? Prefere a montanha ao mar? Gosto de estar na cama acordada? Gosto de estar sozinha a contemplar o mar? Sente-se feliz quando não tem nada que fazer e pode dedicar-se aos seus sonhos? Gosta de ler livros de versos? Gosta de tecidos de cores suaves, delicadas? Gosta de receber cartas de pontos distantes? Gosta, quando está só, de ouvir música? Sente-se capaz de amor um homem feio? Sente-se tímida diante dum homem que lhe seja simpático? (...)” (ONF, Ago. 1948).

Um dos inquéritos de *Os Nossos Filhos*, publicado apenas no número de Agosto de 1952 pretende ser uma resposta à questão: “(…)Durante as férias, as crianças devem estudar algumas horas por dia, ou pôr os livros completamente de lado? (...)”. As

---

<sup>954</sup> Ganhara em 1955 o prémio que, em 1934, o S.N.I. instituiu, com o nome da escritora Maria Amália Vaz de Carvalho um prémio anual, destinado à melhor obra de literatura infantil do respectivo prémio (Silva, 1997. p.175).

‘soluções’, divididas em *ensino primário*, *ensino secundário* e *opinião dos médicos*, foram as que resumimos no quadro seguinte:

#### Ensino primário

Maria do Carmo Manso, Prof <sup>a</sup> . Ens. Primário, em Lisboa	Durante o período das férias grandes, as ,crianças deverão dispor de uma hora por dia para cumprirem com os seus deveres escolares (...)Não lhes faz mal algum terem uma preocupação, porque as crianças necessitam também, mesmo em férias, ter obrigações; é disciplinador(...)
Maria Amélia Albuquerque, Prof <sup>a</sup> . primária em Queluz:	Se (...) a criança recebeu um ensino apenas dirigido à memória e se esta, apesar de tudo, não conseguiu armazenar todos os conhecimentos, ou pelo menos, os indispensáveis à passagem de classe ou exame, está provado que não é em dois meses e meio de férias que pode aprender o que em nove meses e meio o seu cérebro não comportou, e o que a criança necessita é de descanso, sobretudo descanso mental(...) aproveitar todas as oportunidades de as levar a observar, de as fazer notar tudo aquilo que com o lar e os seus conhecimentos escolares e com toda a sua vida de criança, está relacionado. Mas isso deve fazer-se durante todo, o ano e em todas as ocasiões, e por isso não pode chamar-se «um trabalho de férias».
Jorge Tristão, prof. Primário na vila do Cano:	em dois grupos: os que tencionam continuar os estudos e os que não tencionam ir além da 4ª Classe(...) Para os que tencionam continuar os estudos : (...) aconselhar os pais a que lhes marquem uma hora (nunca mais), em dias alternados, para estudarem (...) possam aprender ou não esquecer, mas para criação do hábito de estudo tão importante na sua vida futura. Mas ainda, neste caso, é de aconselhar os pais de alunos distintos a nunca violentarem quem tão boa conta deu de si durante o ano (...)

#### Ensino Secundário

Maria Clementina Carneiro de Moura, Prof <sup>a</sup> . Escola Josefa de Óbidos, Lisboa:	felizes as famílias que possam proporcionar aos outros, os aplicados, umas férias plenas em que os livros possam realmente sejam postos de lado. Para dar lugar a exercícios físicos bem orientados, compensadores das horas passadas em locais fechados, com a espinha curva sobre livros e cadernos, numa batalha (...)com programas massiços e enfadonhos.
Maria Emília de Sousa e Castro, prof <sup>a</sup> . Liceu Filipa de Lencastre:	As férias não devem ser passadas ociosamente, esquecendo quase tudo o que aprenderam (...) todos os dias devem ocupar umas duas horas, repetindo assuntos, dados, que convém sejam apresentados de modos diferentes: leituras acessíveis e apropriadas com o fim de(...)de história, de ciências, sobre as quais farão, por escrito, pequenos resumos, composições. Cartas, etc., que, ilustrarão, sempre que possível (...) apreciação de pequenas histórias. Mais ou menos difíceis em francês ou inglês, conforme as idades;— execução de um ou outro exercício de matemática, dos fundamentais.

### Opinião dos médicos

Cristina Cunha, médica do Liceu D. Filipa de Lencastre:	durante o primeiro mês das férias grandes os estudantes devem pôr os livros de lado, e descansar o cérebro. Não esqueçamos que estudar é muito fatigante...esse mês de repouso, entendo que devem, não voltar aos livros de estudo, mas ler obras educativas e recreativas, que os distraiam e contribuam para o aumento da sua cultura geral.
Manuel Farmhouse	julgo de toda a conveniência repousar completamente nesse tempo, contudo esses dois meses devem ser aproveitados para práticas desportivas ao ar livre, evitando os golpes de calor, e o cansaço(...) Aproveitadas para restabelecimento das amizades antigas, e aquisição de novas. Fazer sentir, ao estudante que não cumpriu (...) e duas a 3 h dia de estudo(...)

Além dos inquéritos que acabamos de mencionar, e que serviriam para ensinar alguma coisa de útil às mães, uma vez que podiam deles extrair ensinamentos sobre cultura geral e sobre como orientar as férias dos filhos, outros foram publicados em *Os Nossos Filhos*, sobre Literatura e Literatura Infantil. Com eles a revista pretendia aumentar os conhecimentos das mães e proporcionar-lhes uma maior reflexão sobre um tema tão importante como o da leitura benéfica e/ou malfazeja para as crianças. Dar informações sobre escritoras(es) para crianças e jovens, reflectir sobre os problemas que tal tipo de livros poderia proporcionar, era uma outra forma de ensinar as mães, de lhes chamar a atenção para um dos seus mais importantes deveres: saber escolher bem os livros que davam a seus filhos. Sobre este tema não faltam conselhos na revista *Os Nossos Filhos*: são as indicações de livros para ler aos pequeninos, com subdivisões por idades (ONF, Jun. 1954), são os conselhos sobre “(...) Saiba escolher os presentes de Natal(...)” (ONF, Dez. 1957), são as pequenas explicações que antecedem a sugestão de alguns livros como: “(...) Muitas mães desejam ter conhecimentos pedagógicos seguros, para poderem orientar os seus pequeninos. Algumas pretendem reunir os filhos com os amiguinhos e remediar, assim, a falta de escolas infantis, nas terras ou nos bairros em que habitam. Lendo com atenção *Os Nossos Filhos*, essas mães encontrarão matéria para se instruírem e orientarem (...)” (ONF, Jun. 1952) ou são os ensinamentos sobre “(...) Sabe escolher livros para os seus filhos?” (...). Neste artigo, apresentado numa forma extremamente simples, listam-se alguns critérios que devem orientar as mães na escolha dos livros para as crianças, ainda hoje de enorme actualidade. Na introdução aconselha-se as senhoras a “(...) não compre ao acaso, os livros de histórias para os seus pequeninos. É necessário saber escolhê-los (...) segundo a idade, os gostos e a

personalidade das crianças. Pois se a minha amiga põe tanto cuidado na escolha de uns sapatos (...) porque há-de aceitar ao acaso os livros que tanta influência poderão ter no espírito da crianças, na sua formação moral, no despertar de inúmeras interrogações? (...)”. Para que as mães não caiam em erros ao escolher as leituras que adquirem, a revista ajuda-as, propondo os seguintes critérios de escolha: “(...) reparar na maneira como o livro está impresso(...) ser nítida(...) tipo de letra tanto maior quanto mais pequena for a criança(...). Prefira livros encadernados embora sejam um pouco mais caros(...). Verifique as ilustrações. Infelizmente nem sempre correspondem ao texto(...). Não se fie muito cegamente nos livros muito reclamados(...). O mesmo quanto às colecções(...). Por ser muito pequena, o livro para a criança deve ser bem escolhido(...). Ao escolher um livro não pense no seu próprio gosto(...)” (ONF, Dez. 1955).

Há ainda um pequeno inquérito para crianças, assinado por *Maria Manuela Nunes*<sup>955</sup>, em que se pergunta apenas: “(...)porque gostas ou não da Primavera? O que gostarias que te acontecesse nestes próximos 3 meses?(...)” (ONF, Maio 1957), que fora extraído do jornal *Notícias do Algarve*, em que o autor chama a atenção para as respostas ‘pacifistas’ dadas pelas crianças entre 10 e 12 anos que pediam para que “(...) os pais se dessem bem, que as pessoas ficassem amigas ou que acabassem as guerras(...)”. Este é o tipo de notícia em que, na forma de divulgação de um inquérito realizado por um outro meio de comunicação, se pretende fazer uma intervenção política assumida através da revista *Os Nossos Filhos*.

### **Sobre temas femininos**

Os inquéritos e as reportagens sobre senhoras e mulheres que trabalham, podem também ser vistos, em *Os Nossos Filhos*, como uma forma de dar notícias (que ela aqui publica como é hábito noutras revistas femininas) mas também como uma forma de intervenção política de Maria Lúcia Vassalo Namorado: ela consegue fazer passar, de forma subreptícia e sem provocar confrontos com o regime, mas sem nunca se afastar dos princípios que defende, a ideia de que as todas as mulheres devem estudar, aprender, ser úteis socialmente. Ela está empenhada em afirmar que ser mãe pode não ser incompatível com uma actividade remunerada.

A referência a mulheres trabalhadoras, através de inquéritos em jornais ou em revistas femininas empenhados(as) nas questões dos direitos das mulheres, não era

---

<sup>955</sup> Um dos pseudónimos de *Mário Castrim*, também *Lúcia Benedita*, etc. (Cf. subcapítulo Pseudónimos neste trabalho).

novidade. Entre Outubro de 1935 e Fevereiro de 1936, o jornal *O Diabo: Grande semanário de literatura e crítica*<sup>956</sup>, realizou um *Inquérito às Mulheres Portuguesas: as aspirações da mulher e o amor na sociedade actual- o ciclo histórico em que a Mulher foi mais feliz. A influência da maternidade na vida da Mulher*, de maneira a identificar “(...) o que pensam as Mulheres portuguesas, modos de ver, sentir, compreender a existência(...)” tendo sido escolhidas “(...) algumas mulheres da intelectualidade portuguesa: escritoras, poetisas, médicas, professoras e ao mesmo tempo, mães, filhas, noivas e esposas(...) e a hostilidade que as mulheres ainda encontram entre nós para se imporem pelo trabalho e pela inteligência(...)”(O *Diabo*. ano 11. n.º 69, de 20 de Outubro de 1935. p. 1). Neste inquérito era suposto que as mulheres respondessem a sete questões:

- 1- Quais as aspirações da Mulher portuguesa?
- 2- Quanto ao trabalho feminino?
- 3- Mentalidade pacifista?
- 4- Que papel representa o amor na sociedade?
- 5- Qual o ciclo histórico em que a mulher foi mais feliz?
- 6- Impressões de mulher e médica sobre influência da Maternidade na vida espiritual da Mulher?
- 7- O desenvolvimento intelectual da Mulher é um bem?

Respondem dezanove mulheres, sendo duas operárias. Vejam-se, no quadro seguinte, o que foi dito por cada uma delas porque são muito esclarecedoras do que, à época, se discutia sobre o mesmo tema:

Quadro nº69.: *Inquérito às Mulheres Portuguesas*:

Entrevistada	Conteúdo	Fonte
Doutora Maria Carolina Ramos	Aspirações: trabalhar muito, curar doentes, ler bons livros, ouvir boa música, ter saúde, alegria de viver(...) Ignora aspirações feministas ou não está habilitada a falar delas(...) Novo tipo de mulher: modelo, nas cidades, de mulher ociosa, fútil, pintada, inútil, que não é bem homem e pensa que não é Mulher(...) Verdadeira Mulher = a que trabalha e muitas vezes a encarnação inalterável do	20 Out. 1935

<sup>956</sup> ano 11. n.º 69, de 20 de Outubro de 1935. p. 1; de 3 de Novembro 1935; n.º 72 em 10 Novembro de 1935; n.º 73 de 17 de Novembro de 1935; n.º 76 de 8 de Dezembro de 1935, p. 4; n.º 78 de 22 de Dezembro de 1935. p. 5; n.º 82 de 19 de Janeiro de 1936, p. 3 e n.º 84 de 2 de Fev. De 1936. p. 7 e n.º 85 de 9 Fev. 1936. p. 7. Até ao n.º 72, de 10 de Novembro de 1935 o jornal foi dirigido por Ferreira de Castro; depois deste n.º passou a ser dirigido por Rodrigues Lapa.



	lar(...)	
Escritora e jornalista Aurora Jardim Aranha, Porto	Aspirações da Mulher portuguesa são ser livre não deixando nunca de ser docemente escrava(...) Mais vale ser feminina do que feminista(...) É bom ter maior conhecimento da Eugenia donde o aperfeiçoamento da raça(...) maiores conhecimentos intelectuais dá mais preparação para a vida e mais benefício para família e para a sociedade(...)	20 Out.1 935
Maria Archer, escritora e jornalista	Mulher é ainda um animal doméstico(...) conseguir uma independência melhor(...) época mais feliz foi a do matriarcado(...) como não sou mãe, não faço observações a esse respeito(...) se a mulher é mundana a maternidade é um tropeço se trabalha igualmente(...) Lar é mais para afectividade do que para intelectualidade(...) mães cultas são benéficas para filhos(...)	3 Nov. 1935
Mercedes Blasco, escritora	Impressões avagas sobre feminismo(...) mulher sempre foi escrava do homem(...) igualdade da mulher perante a vida económica há-de mudar também(...) ela regressa ao lar o os homens tomarão o lugar que ela lhes tirou com uma falsa compreensão de independência(...) não creio na mulher moderna: artificial, hipócrita, tem estragado o feminismo. Sra. Pankurst é uma erro(...) sobre trabalho feminino para elevar a sua mentalidade e melhor entendimento com o homem mas ela deve olhar pela casa e filhos em vez de andar a competir com o homem em escritórios e oficinas(...) desunião da família deve-se à deserção do lar pela mulher <sup>957</sup> (...) Maternidade é a função por excelência da mulher e o feminismo tem de lhe dedicar mais atenção(...)	3 Nov. 1935
Raquel Bastos, “(...) grande artista lírica(...)”	Mulher sempre igual em todos os tipos(...) mulher superior: cada uma é diferente da outra(...) pacifismo está na alma feminina(...) mulher livre de muitos preconceitos pode cultivar-se estudando e observando, a par do homem, de que se vai tornando uma verdadeira companheira(...)	10 Nov. 1935
Heloísa Cid, “(...) que se dedica à literatura e é mulher do colaborador Dr. Bastos Guerra(...)”	Mulher vence pelo coração e não pelo cérebro(...) por isso é pacifista(...) mulheres devem ser cultas porque ninguém pode ensinar o que não aprendeu(...)	10 Nov. 1935
Lucília Simões, actriz	Tenho aspirações femininas e feministas(...) é irritante a pseudo-independência das mulheres(...) não se sabe amar na sociedade contemporânea(...)	17 Nov. 1935
Emília de Araújo Pereira, “(...)	Já traduziu Ibsen(...) faz casamentos e baptizados na Conservatória d Registo civil(...) é uma senhora que trabalha(...) Principal aspiração é casar e ter um lar(...) e ser independente mas não sei como	17 Nov. 1935

<sup>957</sup> O jornal refere não concordar com a escritora “(...) porque trabalho feminino é uma imposição económica da organização político-social do nosso tempo(...)”

elevado espírito artístico e mulher culta(...)"	o conseguir(...) há uma nova mulher com o pós guerra, mais humana(...) mulher deve trabalhar(...) digno, útil, sem deslocações nem exageros estultos(...) deve ver o seu valor reconhecido(...) a felicidade depende da maneira de ser(...) a mulher que quer ser superior intelectualmente e moralmente para melhor ensinar os filhos a serem bons, belos e cultos(...) vejo as outras mulheres como o maior inimigo da mulher(...)	
Maria Lamas, profissional da imprensa, camarada do jornalista (...) <i>Para além do amor</i> foi seu último livro	<p>1-Aspiração é viver uma vida feliz(...) fora do feminismo porque não o compreendo nem o sinto como a maioria das mulheres(...) não me interessa a luta pela conquista de direitos políticos pois só a 'política humana' merece a minha atenção de mulher. Fala-se em erros e deficiências de ordem jurídica (...) reconheço contudo que a maioria das mulheres portuguesas não possui uma personalidade para merecer a igualdade com o homem perante a lei(...)</p> <p>2-Nova mulher existe aparentemente(...) exterior, maquillage(...) figurino, mulheres em série conforme a última modelo de Hollywood(...) é e será sempre a mesma(...) Muitas julgam que podem deixar de ser femininas (...) é uma imposição da vida o trabalho feminino(...) há uma tendência exagerada das raparigas em especial que as leva a trabalhar fora do lar por exíguos ordenados quando é certo que seriam mais úteis a si e à sociedade se procurassem no lar a acção para as suas energias(...) no futuro surgirá o equilíbrio e a mulher regressará ao lar(...)</p> <p>4- Amor é a expressão mais bela da vida(...) romântico, lírico, cheio de ternura(...) mais consciente nas sociedades futuras(...)</p> <p>5- Houve ciclos diferentes na história de vida de cada mulher(...)</p> <p>6- Maternidade é importantíssima(...) desenvolve todos os sentidos(...) o instinto de "ser mãe" faz com que descubra coisas que sem ela não reconheceria(...)</p> <p>Mulher é acima de tudo, a Mãe(...) só sendo Mãe ela é verdadeiramente mulher(...) Maternidade enriquece o espírito da Mulher e é fonte de continuidade(...) a paternidade é de igual importância mas o Homem egoistamente faz recair os deveres sobre a mulher(...)</p> <p>7- É um bem sem a preocupação do pedantismo(...) quanto mais inteligente for, mais possibilidades de ser boa mãe e feliz(...) é errado o desenvolvimento intelectual que faz com que as mulheres percam a sua personalidade e a espiritualidade feminina(...) Não deve ser apenas 'ilustre' escritora, 'consagrada' artista(...) e outras coisas derivadas de megalomania estulta(...) assim procedem as 'falsas intelectuais'(...) o sentido da mulher inteligente deve voltar-se para o lar, tornando-o belo e doce, e para a criação dos filhos(...) fazendo deles seres moral e espiritualmente superiores que dignifiquem a sociedade a que pertencem e a Mãe que os criou(...)</p>	8 Dez. 1935
Ludovina Frias de Matos, escreve do Porto	Mulher aspira a dominar e a ser dominada(...) tb há homens que fazem 'crochet'(...) acumula cuidando do emprego, do marido, dos filhos, da casa (...) a verdadeira evolução será no lar e não na rua(...) não deve competir com o homem(...) o trabalho agora é uma vergonha pq a mulher trabalha mais e ganha menos e isso faz-se sempre que o homem pode ser substituído(...) de que vale instruir sem educar? Não é preciso ser intelectual para ser boa esposa, mãe e	8 Dez. 1935

	dona de casa o que não quer dizer que uma mulher instruída não possa ser tudo isso(...)	
Elina Guimarães, espírito superior de mulher	<p>Aspirações são altruístas(...)</p> <p>Feminismo está estagnado(...) quando mais sagrado, (...) o direito mais sagrado e mais atacado é o direito ao trabalho(...)neo feminismo holandês = missão familiar de esposa e mãe traz mais intelectualidade e prestígio(...) a mulher que precisa de trabalhar em carreiras como o ensino e assistência social, onde encontra amplificado o papel familiar(...) não a competidora mas a colaboradora do homem(...) nova mulher não é a pintada, emancipada, tipo 'garçonne' ou 'vamp', frívolas, ociosas, ignorantes, snobs, e mesmo viciosas(...) ridículas as cinéfilas de hoje(...) a verdadeiramente moderna é a que concilia doçura de sempre com a actividade e erudição de hoje(...) como Irene Curie, sábia eminente e esposa dedicadíssima, colaboradora do marido, mãe carinhosa e mulher simples, mas distinta e elegante(...) as modernas são raparigas que estudam e trabalham como o homem mas que permanecem deliciosamente mulheres na bondade, ternura e sacrifício(...)</p> <p>2- trabalho em que a mulher possa usar as suas qualidades inatas(...)</p> <p>3- amor fundamentalmente pacifista, mas não consigo que meus filhos deixem de brincar às guerras</p> <p>5- Educar raparigas como alguns pais ainda fazem numa ignorância envernizada de prendas pseudo-artísticas é um autêntico crime à margem da lei(...)</p> <p>6- Maternidade é a apoteose do sentimento feminino(...) nem todas as que têm filhos são verdadeiramente mães(...) há as que não sendo fisicamente mães têm maternidade espiritual como Adelaide Cabete(...)</p> <p>7-Quanto mais culta e inteligente for mais culta e inteligente é a sua acção(...) uma excelente revista de educação americana 'Parents magazine' afirmou que: 'a mãe, unicamente mãe, é uma mãe deplorável'(...) porque perde o sentido das proporções, não sabe aconselhá-los, torna-se involuntariamente tirânica nos seus afectos, faz deles revoltados/abúlicos, sempre uns infelizes, mais tarde, sem razão de ser, torna-se uma sogra feroz ver romance de Mauriac- Genitrix(...)</p> <p>Uma mulher com personalidade e interesses próprios antepõe os filhos a tudo mas alarga o horizonte mental destes compreende-os e seguiu-os(...) quando a ave sai do ninho sabe permanecer guia, amiga, conselheira, tudo dá nada exige(...)</p> <p>Spencer: 'quem educa um homem educa um indivíduo; quem educa uma mulher educa uma família'</p>	22 Dez. 1935
Maria Matos, actriz, no teatro Avenida, num intervalo	<p>Criaturas modernas são iguais a flores caprichosas e esquisitas, hiper civilizadas, insexuadas, diferentes(...) as 'mulheres-mulheres' são seres deliciosamente equilibrados, repositórios encantadores de graças e virtudes(...)</p> <p>Para a maioria o amor é uma passatempo frívolo ou um meio de adquirir fortuna(...)</p> <p>Mulher é mais feliz quando fingindo obedecer se sentir obedecida(...)</p>	22 Dez. 1935
Maria Clara de Almeida	/aluna/ Faculdade de Direito	19 Jan.

Rocha,	Primeiro foram as mulheres reconhecidas e agora as raparigas(...) Na faculdade quase todas têm a aspiração burguesa de um casamento confortável(...) muitas voltam para os 'chás' e querem um bom partido(...) /a mulher ser intelectual/ é a maior fonte de Dúvida	1936
Letícia Clemente da Silva	/aluna da Faculdade de letras, estuda Grego e Latim/ Trabalho feminino é necessário(...) Amor desde passatempo até uma instalação cómoda na vida(...)	19 Jan. 1936
Maria Luiza Palma Carlos	/aluna da Faculdade de Medicina/ aspiração é ser feliz, útil e contribuir para felicidade dos outros lado a lado com o homem(...) desenvolvimento intelectual da mulher não prejudica amor maternal(...)	19 Jan. 1936
Dra. Manuela Palma Carlos	Umas a gerir um magro salário, outras a nada, toda a mulher intelectual que pensa tem uma ' aspiração sociológica'(...)a de prepara gerações para um futuro melhor(...) Trabalho não lhe permite acompanhar a evolução do feminismo mas a mulher deve procurar ser cada vez mais feminina(...) Actividade deve exercer sobretudo no lar onde a sua verdadeira missão de mulher encontra um campo de actividade sempre novo e inesgotável(...) a nova é mulher consciente da sua missão, a maior parte das mulheres que trabalham fazem-no por necessidades económicas e aí gastam a maior parte dos seus esforços(...) Mulher é colaboradora do marido e primeira das suas admiradoras(...) deve orientar os filhos de educação de carácter e de coração, como diz Marion(...) belo, útil e salutar campo de actividade(...) Mulher intelectual tem mais responsabilidade para que as outras mulheres suas irmãs que não vivam na servidão	2 Fev. 1936
Anémona Adelaide Xavier de Basto, prof. de instrução primária	Porque conheço o feminismo não sou feminista; tenho o meu: é a melhor companheira do homem e amiga(...) Mulher só é verdadeiramente a mulher quando é mãe(...) 7- Ignorância deprime e escraviza(...)	2 Fev. 1936
Duas operárias <sup>958</sup>	/uma trabalha numa qualquer repartição pública e outra orienta tecnicamente um secção industrial de um estabelecimento fabril na capital/: <i>Lita</i> - o trabalho intelectual dos homens tem levado a que os homens mais ilustres têm sido os mais enganados pelas mulheres(...) <i>Maria de sua graça e sem filhos</i> - aspirações são cama, mesa e roupa lavada, automóvel, vestidos e palacete(...) falta de cultura na mãe dá enfezados e doentes(...)	9 Fev. 1936

Interessam-nos sobretudo as respostas dadas por Maria Carolina Ramos, a escritora e jornalista Aurora Jardim Aranha, do Porto, Maria Archer, Raquel Bastos, “(...)Heloísa

<sup>958</sup> “(...) primeiro pensaram não ser dignas de dar depoimento mas *O Diabo* crê que todas as mulheres são importantes(...) não deram a foto, embora novas e bonitas e ficaram anónimas(...)”

Cid, Maria Lamas, Ludovina Frias de Matos, Elina Guimarães ou ainda Maria Luíza Palma Carlos pois todas tiveram alguma relação de maior ou menor amizade e/ou de trabalho com Maria Lúcia Vassalo Namorado e porque algumas virão a ser colaboradoras de *Os Nossos Filhos* e aqui farão a divulgação de algumas das opiniões já anteriormente publicadas em *O Diabo*.

Num outro periódico, em *Portugal Feminino*, também vamos encontrar duas rubricas cujos títulos são precisamente idênticos aos que Maria Lúcia Vassalo Namorado vai usar para denominação de um inquérito que realiza em *Os Nossos Filhos*: *Como trabalham os nossos homens de letras e qual o seu público preferido*<sup>959</sup>, feito por A O ou seja, Alice Ogando e *Mulheres que trabalham*<sup>960</sup>, assinado pela mesma senhora. O primeiro faz-nos lembrar o que acabámos de analisar sobre as escritoras enquanto que, este último, defende a ideia de que a mulher, casada ou não, deve trabalhar sempre e não será por isso que deixa de ser melhor mãe.

Os três inquéritos de *Os Nossos Filhos* a que não podemos deixar de fazer referência neste subcapítulo pois, com eles, Maria Lúcia Vassalo Namorado também quer passar a mensagem de que o trabalho em nada diminui as qualidades femininas nem as de boa mãe e educadora, são os seguintes: *Raparigas e senhoras que estudam* (ONF, Fev. 1951 a Set. 1956), *O que pensam as raparigas* (ONF, Nov. 1953 a Jul. 1954) e ainda *Mulheres que trabalham* (ONF, Mar. 1948 a Maio 1955).

Em qualquer um deles são entrevistadas leitoras e/ou assinantes de *Os Nossos Filhos* e são escolhidas precisamente porque estudam e querem vir a ter uma profissão.

Quadro n.º: 70. *Raparigas e senhoras que estudam*:

Identificação	Situação
Emília Amélia dos Santos Pessoa	/ scanner/ 19 anos, de Coimbra. Aluna de Matemáticas tenciona tirar Pedagógicas exercer professorado nos liceus e tirar Engenheiro geógrafo para mais possibilidades de colocação se casar e ter filhos(...) como desejam todas raparigas(...9 continuar a estudar (n.º 105. Fev. 1951. p. 15) <sup>961</sup>

---

<sup>959</sup> São entrevistados o dramaturgo Vitoriano Braga, o “(...) ilustre escritor e home de ciência Feereira de Mira(...)” que vai ser um dos mais frequentes colaboradores de *Os Nossos Filhos* e o “(...) moço escritor(...)” João Augusto da Silva (*Portugal Feminino*. N.º 79. Ago. 1936. p. 10-11).

<sup>960</sup> São entrevistadas Maria Carolina Ramos, com publicação de fotografia de corpo inteiro, no seu consultório (*Portugal Feminino*. N.º 80. Set. 1936. p. 10) e ainda Teresa Leitão de Barros, Graciete Ribeiro “(...) a gentil caixa da Casa Godefroy(...)” e Ilda Stichini, “(...) um dos maiores nomes da cena portuguesa(...)”, ou seja, actriz (*Portugal Feminino*. N.º 81. Out. 1936. p. 10-11).

<sup>961</sup> Entrevistas feitas por Maria Tereza Pimentel, em Coimbra.

Maria da Luz Solano de Almeida Cabral de Moncada	scanner/ 21 anos, natural Coimbra, frequenta Medicina; vive com marido em quinta próximo de Coimbra e vêm dois às aulas; gostaria de fazer psiquiatria e ir estrangeiro(n.º 105. Fev. 1951. p. 15)
Maria Emília Baltazar Pomba	scanner/ 20 anos, natural de Moçambique, aluna de Preparatórios de Engenharia Civil este ano é a única rapariga do curso gosta mais de cozinhar...mas estudar é ferramenta para ganhar a vida, faço meus vestidos, etc. Vive com avós, em Santa Clara e pais em África(n.º 105. Fev. 1951. p. 15)
Maria Teresa Gouveia Xavier de Paiva <sup>962</sup>	scanner/ Filha de Gilberta Gouveia Xavier de Paiva, de 11 anos, fez 6º ano de piano no Conservatório Nacional de Música, passou para 2º ano liceu, tem publicado versos em ONF e quer ser pianista, gosta brincar a ronda e pingue-pongue, e vestir bonecas (n.º 172. Set. 1956. p. 18)
Maria Vitória Gonçalves Pereira <sup>963</sup>	scanner/ depois de exaltar as mulheres casadas que voltam estudar e cujo texto está em biografia de Maria Lúcia/ vive em Estremoz, casada há 10 anos, com menina de 8 anos e rapaz de 7, está em Histórico-Filosóficas(...) razão económica(...) e porque gosta; marido já formado em Direito mas tem dado apoio e quer também matricular-se no mesmo curso (n.º 133. Jun. 1953. p. 18)

Quadro n.º71. *O que pensam as raparigas*<sup>964</sup>:

Identificação	Situação
Isabel Pereira Mendes	scanner/ Beiroa, concluiu em Coimbra, elevadas classificações, Curso de Direito ou dedicar ao crime ou assistente social numa prisão feminina; queria ajudar reabilitação de delinquentes e reintegração (n. 138. Nov. 1953. p. 11)
Sinclética Soares Torres	scanner Estudante de Farmácia escolha do curso por influência família, quer ter laboratório próprio; erros dos programas vastos e problema que surge para muitos colegas é o problema financeiro(n.º 139. Dez. 1953. p. 11)
Maria Augusta Chorão Neves	scanner Terminou Curso Escola Magistério Primário de Castelo Branco colocada em aldeiazinha de distrito Aveiro que crianças que me forem confiadas se tornem cidadãos úteis e bons chefes de família(n.º 139. Dez. 1953. p. 11)
Maria de Jesus Prazeres Mateus	scanner Estuda Medicina escolha por vocação maior problema estudante é vastidão da matéria a conhecer; quer ser 'verdadeira' médica, contribuir para bem estar social (n.º 139. Dez. 1953. p. 11)
Maria Leonor Ribeiro da Fonseca Calixto <sup>965</sup>	scanner Preparando Licenciatura em Filologia Germânica, gosta Matemática, tese sobre literatura de terror, falta de cadeiras de cultura geral no ensino universitário é um dos problemas estudantes, lê Camões, Mário de Sá Carneiro, Junqueiro, Eça...( n.º 140. Jan. 1954. p. 11)
Maria Lúcia de	scanner /texto sobre definição de rapariga moderna/(n.º 141. Fev. 1954. p. 11)

<sup>962</sup> Filha de assinante de Vila da Feira, futura directora da *Academia de Santa Cecília*.

<sup>963</sup> A directora da revista tem um pequeno texto em que exalta as mulheres casadas que voltam estudar e cujo texto temos na biografia dela. É para livro dela que Maria Lúcia Vassalo Namorado faz prefácio.

<sup>964</sup> Rúbrica com este título

<sup>965</sup> Neta de Maria Lamas.

Mello Horta	
Iolanda Maria de Vasconcelos Lima	scanner Frequenta 3º ano de Ciências Matemáticas, na Faculdade Ciências de Lisboa por influência de opiniões de várias pessoas escolhi curso; continuar a estudar Álgebra Moderna; quer máximo rendimento possível em todas cadeiras; problema do curso +é colocação; dificuldade em ser admitido a estágio de professorado ou ir para ensino particular ou outras carreiras(n.º 144. Maio 1954. p. 11)
Clementina de Sousa	scanner Ultimando tese para licenciatura em Filologia Românica. Por vocação. Nasci numa aldeola de Trás-os-Montes e fiz Curso Comercial e normal era seguir Económicas e Financeiras mas...fiz curso liceus para seguir Letras(...) cursos com disciplinas de pouco interesse para especialidade e cultura geral, falta de convivência entre professores e alunos e até entre alunos, pouco entusiasmo dos alunos por temas fora do programa; penso dedicar-me ao Magistério habituar alunos a cumprir pelo prazer de cumprir(...)dois anos sem ganhar depois de 15 anos de estudo não é perspectiva risonha (n.º 146. Jul. 1954. p. 15)

Quadro n.º:72. *Mulheres que trabalham*<sup>966</sup>:

Identificação	Caracterização
Vera Guedes Bordallo Pinheiro Vaz Gomes, Lisboa <sup>967</sup>	/ scanner/ preparadora no <i>Laboratório de Patologia Experimental do Instituto Português de Oncologia</i> , há 10 anos; é a 1ª entrevistada; gosta profissão; férias desenho e aguarela como amadora; até há pouco vivi com mãe, hoje já casada mas vivo perto do Instituto; adoro bailados, cinema, gosto andar a cavalo e bicicleta; não tenho paciência para cozinha mas tenho muita para tricot; custa assistir a certas operações sobretudo em cães(n.º 70. Mar. 1948. p. 25)
Maria da Conceição da Fonseca Severino, Lisboa	scanner/ Empregada de escritório, gosta trabalho mas não de estar fechada nos dias de sol, adoro ar livre; estava numa Escola Comercial por ser a mais económica(...) maior aspiração é ver trabalho bem remunerado e cumpridos os horários de trabalho, o que nem sempre acontece(...) férias curtas de 5 dias depois de 1 ano de trabalho, 8 dias depois de 2 anos e 15 dias depois de 3 anos(...) férias ir diariamente a praia; concilia trabalho e vida doméstica pq solteira e almoça na FNAT, semana inglesa de sábados à tarde e domingo chegam para coisas de casa; gosta cinema, pratica

<sup>966</sup> É a designação da rubrica da Revista onde estão estas pequenas notícias sobre mulheres e pretende ser a resposta às questões: “(...) O que fazem as mulheres? Que trabalhos simples e delicados, ou difíceis e complexos passam pelas suas mãos ou se executam sob a sua responsabilidade? Como organizaram a sua vida, pelo que se interessam, o que pensam, como “são” as mulheres que trabalham?(...)” Com seguintes questões:

Em que consiste o seu trabalho? Gosta da sua profissão? Porque escolheu? Como profissional, qual maior aspiração? Como passa as suas férias? Como concilia actividade profissional com vida doméstica? Qual espectáculo favorito? Desportos...? E gosta dos trabalhos domésticos? Quer contar-nos algum episódio que a tenha impressionado e que se relacione com a sua profissão? (n.º 70. Março 1948. p. 25)

Quanto à 2ª entrevistada, uma empregada de escritório, diz-se que “(...) sabe organizar a sua vida: dedicando as horas livres a ocupações domésticas, e procurando na vida ao ar livre, na natação e na ginástica, o equilíbrio necessário a uma saúde perfeita(...)”(n.º 71. Abr. 1948. p. 25).

<sup>967</sup> Ilustradora, durante anos, de *Os Nossos Filhos*.

	natação e frequenta Curso de Ginástica do Ginásio feminino de Portugal; gostava fazer campismo; gosta cozinha e costura; faço roupas e meus vestidos; não gosto lavar a loiça nada especial na profissão (n.º 71. Abr. 1948. p. 25)
Adelina Augusta Campos Fernandes, de Viana do Castelo	scanner/ uma das nossas mais antigas assinantes, Escriturária de 1ª classe dos serviços Municipalizados da CM Viana; desejava tirar um curso superior que frequentava quando pai adoeceu e ofereceram-lhe o lugar; gostaria de ver mulher que trabalha melhor compreendida e convenientemente tratada (...) primeiro vivi em casada com minha mãe mas faleceu e então, hoje mesmo sem criadas como acontece às vezes, metódica; uma parte das férias com irmãs que vivem longe e uma parte na praia; gosta teatro mas raro em Viana; cinema histórico, científico ou moral, ler livro, sei remar, nadar e andar de bicicleta mas não pratico nenhum; horas livres para bordados e tricots. Dirijo educação de meus filhos: uma hora antes de jantar; episódio: em 1940, em concurso para escriturário de 1ª classe, concurso público, mais 4 pontos do que o outro candidato mas...não fui nomeada para referida vaga /não tem qualquer comentário/( n.º 73. Jun. 1948. p. 21)
Blandina Vinagre, Lisboa <sup>968</sup>	/ scanner/ Ocupo-me sobretudo do retoque e colorido de fotografia não escolhi, tomei encargo da profissão de meu marido; antes dele ser fotógrafo, me entretinha(...) não tenho ambições como profissional; passo férias na nossa casa de campo, andávamos de bicicleta meu trabalho é todo dentro de casa, concilio bem; prefiro ciclismo e natação; ganhei medalhas de ciclismo e em 1934 atravessei Tejo a nado, éramos 5 senhoras e fiquei em 4º lugar; gosto cozinhar, costura e serviços de casa; meninos a fotografar às vezes como “bicho” quando vão ao médico(n.º 80. Jan. 1949. p. 21)
Ana Barata <sup>969</sup> , Lisboa	/ scanner/ enfermeira em serviço no Banco do Hospital de S. José(...) senti vocação, gosto, desejo ganhar os meus concursos pessoalmente; colectivamente gostava muito que se organizasse uma associação de enfermeiras onde pudéssemos apresentar os problemas e resolvê-los para bem da classe. E quantos problemas há para resolver!; passo minhas férias em Alcains, minha terra, dou grandes passeios a pé; não sou casada; gosto cinema e teatro a sério; gosto andar a pé e gostaria praticar ciclismo adoro praia e suas distrações; gosto trabalhos domésticos de mãos; há pouco um rapaz com 21 anos a quem foi preciso amputar as pernas que tinha sido atingido por combóio, não poderei esquecer(n.º 81. Fev. 1949. p. 21)
Virgínia de Vilhena <sup>970</sup>	scanner/ Anotadora; só depois de funcionária pública, empregada de escritório e caixeira vi ter necessidade de movimento(...)com 12 anos vi ‘Canção de Lisboa’ e quis ser atriz, cortei franja à Betariz Costa e fui mais quente para cama; um dia fiz papel numa fita e depois outro; ambição que um dia cinema português tenha um nível decente, sob todos aspectos, indústria séria e rendosa; concilio com ajuda pessoas família; cinema; joguei basquetebol quando estudante e patinei, montei a cavalo muitos anos e ando bicicleta desde 7 anos; faço campismo pq gosto e por necessidade de filhos respirarem ar puro, gosto de ler relaista Eça e Alves Redol; gosto Jorge Amado, Pearl Buck e Steinbeck; livros que impressionaram: aos 16 anos, ‘Ressurreição’ de

<sup>968</sup> Cf. *Apêndice Cap. 4- Biografias*. Era casada com fotógrafo Casimiro Vinagre.

<sup>969</sup> Cf. tb. *Assistência* neste trabalho.

<sup>970</sup> Pseudónimo de Virgínia Silva, colaboradora fotográfica (Cf. *Apêndice Cap. 4- Biografias* e Cartas em Caixa 42. Maço 2).



	Tolstoi...depois um de Maria Lamas, 'Para além do amor', pela história audaciosa e difícil de contar e 'Carne da minha carne' de americana Helen Grace Carlisle(...) tem um filho trabalhou no filme 'Ribatejo'n.º 92. Jan. 1950. p. 21)
Aida Maria Camila Sequeira Santos <sup>971</sup> , Lisboa	/scanner/ Visitadora sanitária trabalha na profilaxia da tuberculose por curiosidade, antes tirara o de professora pré-primária(...)gostava de ver vacinação bem compreendida e discutir trabalho em equipa e profissão dignificada(...) solteira, vive com pais pratiquei um pouco de remo, desportos bem orientados são benéfica influência na saúde física e moral(...) bicicleta e passeios a pé(...) bastante mas livros caros e pouco tempo(...) Eça, Camilo, Aquilino e Ferreira de Castro; estrangeiros Blasco Ibañez, Pearl Puck, Stephan Zweig, Tagore, teatro de Molière, Shakespeare(...) adulta impressionada com 'Katrina' de Sigrid Undset e <i>Olhai os lírios do Campo</i> de Erico Veríssimo nos últimos meses. empregada desde há 1 ano (n.º 93. Fev. 1950. p. 21)
Milena Salvador, Lisboa	scanner/ Mais jovem produtora de rádio portuguesa, escrevo programa 'Ela e as outras' da Rádio Peninsular(...) aumentar a minha revista feminina de rádio e fazer do programa o preferido das mulheres portuguesas; escrevo versos, contos, letras para canções; casada; bom cinema e aprecio tb variedades, teatro, rádio; pratiquei ciclismo, patinagem e ginástica; Eça, Axel Munthe, Paço de Arcos, Alves Redol, Ferreira de Castro, Miguel Torga, 'Neve sobre o mar' de Paço de Arcos o que mais impressionou; prefiro arte culinária nos trabalhos domésticos; (n.º 109. Jun. 1951. p. 21)
Maria de Lourdes Águas Roxo, Lisboa	scanner/ Funcionária do Quadro Administrativo dos Correios mulher deve trabalhar mas difícil conciliar com Mãe; faltam infantários; quer desempenhar cargos com profissionalismo; casada sem filhos; sempre em casa, à chegada e saída do marido; teatro e cinema; faz ginástica estética; gosta romances mas tb poemas como Junqueiro, Camões; preferido de hoje é Stefan(sic) Zweig e impressionada com 'Carta a uma desconhecida' dele; (n.º 111. Ago. 1951. p. 19)
Maria Mendonça <sup>972</sup> , Funchal mas entrevistada em Lisboa	scanner/ redactora principal do trisemanário "Eco do Funchal" e dirigente da única casa livreira editora da Madeira; trouxe poetas e prosadores madeirenses à feira do livro em Lisboa; só eu e minha colega Maria da Soledade fazemos jornalismo nas Ilhas ; maior aspiração é que nos seja feita justiça e se crie um Sindicato para profissionais da pequena imprensa; não é admissível a mim que vivo apenas do jornalismo, me queiram escrever no BI 'doméstica' quando colaboradores de jornais diários, muitos bancários, etc. Possuem carteira de jornalista; conciliar tudo; colecciona selos; (n.º 144. Maio 1954. p. 14)
Maria da Soledade Silva <sup>973</sup> , Funchal mas entrevistada em Lisboa (é de Torres Novas)	scanner/ Co-proprietária e sub directora do "Eco do Funchal"; não escolhi profissão mas escolheria esta se fosse caso; criação de um sindicato como Maria Mendonça; fixou em Madeira em 1950-51 depois de ir lá para festa de passagem de ano. (n.º 148. Set. 1954. p. 18-19)

<sup>971</sup> Também aluna da *Escola de Noivas e Donas de Casa*.

<sup>972</sup> Cf. *Apêndice Cap. 4- Biografias*.

<sup>973</sup> Cf. nota anterior.

<p>Maria Octávia Teixeira Bastos Andrea, Lisboa</p>	<p>scanner/ professora de Educação Física no Clube Arte e Sport; filha de médico distinto; nunca pensara trabalhar; já mãe de família de Mário e Ritinha foi tirar curso para me libertar da vida inútil que levava; sem problema económico; com tese sobre 'Reeducação funcional respiratória'; filha e esposa de médico; foi estagiar em Londres no Brompton Hospital leccionou em escolas, no Liceu de Oeiras e Cursos particulares, recebe doentes para recuperação na sua área de especialização a ginástica funcional respiratória; uma excelente profissão feminina; mais horas para Educação Física, prática de Natação obrigatória desde Inst. Primária, mais piscinas e prof. Equiparado aos restantes professores do secundário porque tem 7º ano e mais 4 anos do INEF; cinema, leitura, dança; conduz carro próprio(n.º 156. Maio 1955. p. 19)</p>
---	---

Também com o título deste inquérito último – *Mulheres que trabalham* - havia sido publicado um livro por Suzana Cordelier que tratava “(...) com inteligência e saber de ‘experiência feito’, o melindroso problema do trabalho feminino. Este valioso livro vem trazer um muito notável contributo(...)”(*Portugal Feminino*. N.º 73. Fev. 1936. p. 13).

No seguimento da tese deste livro e da leitura destas respostas percebemos como os inquéritos e as entrevistas podem ser vistos como forma de pôr as mulheres a pensar e a reflectir sobre os problemas que lhes dizem respeito, sobretudo os das formação intelectual e o do aproveitamento para a sua realização profissional. Quando Maria Mendonça e Maria da Soledade Silva referem a sua inferioridade face aos colegas de profissão do sexo masculino ou quando Adelina Augusta Campos Fernandes, de Viana do Castelo se vê preterida para um lugar que deveria ser seu, por concurso, ou ainda Maria de Lourdes Águas Roxo refere a falta de infantários em Lisboa, estas mulheres nada mais fazem do que, paulatinamente, introduzir um conjunto de críticas que poderão levar outras mulheres a, como elas, tomarem consciência da situação em que vivem e mudar o que seja possível.

Estas não são as únicas notícias ou rubricas assumidamente feministas, na forma de inquérito, em *Os Nossos Filhos*. Muitas outras são as que, como é o caso de uma discreta que encontramos durante diversos meses, em que se dão a conhecer muitas mulheres que, pelas suas qualidades e trabalho, se evidenciaram socialmente. Alguns exemplos, na secção *Não Conhece?* são de mulheres portuguesas como Hortênsia de Castro sobre quem se diz ter sido uma “(...) poetisa portuguesa, de pseudónimo *Públia*, nascida em 1548-faleceu 1595...com trajes masculinos doutorou-se aos 17 anos em filosofia...participou reuniões culturais da Infanta D. Maria de Portugal...(...)” (ONF, Out. 1948), ou sobre mulheres corajosas como as que na Suécia obrigaram a acabar com o mercado negro porque “(...)as mulheres resolveram — e cumpriram — não comprar a

mínima coisa fora da tabela (...)” (ONF, Set. 1948), ou sobre as mulheres que traçam caminho na política como a “(...) U. D. I. (Unione delle donne italiane) é uma organização italiana que reúne mulheres de todas as tendências políticas que queiram lutar pelas reivindicações femininas. Essa organização, que nasceu no movimento clandestino de Milão, durante a guerra, possui cerca de meio milhão de filiadas de todas as classes sociais e de todos os credos políticos (...)” (ONF, Set. 1948) ou a eleição da primeira mulher republicana para o Senado nos EUA, ou ainda a honra de Lúcia Lessa Bastos, vereadora no Rio de Janeiro que dirigiu “(...)a Sessão da Câmara Legislativa, no Rio de Janeiro(...)” (ONF, Nov. 1948) para apenas referir algumas dessas situações. A chamada de atenção para o problema das mães solteiras também tem lugar em *Os Nossos Filhos*, sendo uma das causas que Maria Lúcia Vassalo Namorado defende desde sempre e que nunca abandonará. A primeira vez que o refere na revista é, em forma de apelo, em 1948 quando afirma que “(...) um dos grandes problemas a resolver em muitos países é o da paz mundial onde “(...)Em todos os países as mulheres se estão unindo em associações com o fim de conhecerem, estudarem, e procurarem a solução dos problemas que lhes dizem respeito. Entre eles, o problema da Paz Mundial é sem dúvida o que mais a preocupa (...)” assim como o “(...) das mães solteiras. Na Itália a lei garante aos filhos Naturais toda a tutela jurídica e social, compatível com os direitos de membro da família legítima<sup>974</sup> (...)” (ONF.11-1948).

Maria Lúcia Vassalo Namorado vai continuar a publicar notícias, na forma de *breves*, sobre pequenas “vitórias” femininas. Em 1950 e em anos seguintes, publica a que se refere à decisão da “(...) *Organização Internacional do Trabalho* que propôs uma acção mundial que assegure o igual pagamento de salários tanto às mulheres como aos homens (...)” (ONF, Fev.1950) ou quando refere o apelo dirigido pela *União Feminina Egípcia* que pedira ao rei Faruk “(...)para que se conceda /às mulheres/ o direito de votar e ser eleitas (....)” (ONF, Fev. 1950).

A divulgação de mulheres importantes, que se notabilizaram por qualquer motivo é outra das preocupações de *Os Nossos Filhos*. Às vezes essas notícias tomam a forma de pequenas nótulas biografias ou de entrevistas, em vez de inquéritos. Como exemplo do

---

<sup>974</sup> Não esqueçamos que, em relação aos seus dois meios-irmãos, que o pai ajudara, ela irá considerá-los sempre e, quando o pai morre, irá repartir com eles, os pertences que herdara (Entrevista a António Carlos, 2 Mar. 2002) e ainda as cartas que, no *Espólio*, nos dão conta da entrega da parte que lhes cabia da herança paterna.

primeiro tipo veja-se a entrevista, com fotografia, feita em Lisboa, por Fernanda Tasso de Figueiredo á “(...)princesa Paulina de Broglie (..)descendente de Mme de Stael e de General de Ségur(...)doutora em Letras pela Univ. de Paris(...)Presidente da Comissão de Letras do *Conselho Internacional das Mulheres*, membro da *Société des Gens de Lettres* e Presidente da *Société des Études Staëliennes*, que fundou (...) organização feminina da resistência francesa, durante a invasão e quem iniciou seu movimento de Imprensa clandestina (...)” (ONF, Jan. 1946).

Neste grupo de entrevistas há ainda uma outra, feita por *Lília da Fonseca* a Mme. Vavasseur que “(...) Há 37 anos fundou-se em Génova, na Suíça, a OSE (Oeuvre de Secours aux enfants)...foi assim que Mme Vavasseur veio a Portugal, no *Avenida Palace* entrevistada (...) tomar conhecimento de assistência infantil e assim, achámo-nos no dever de não lhe tomar mais tempo (...)” (ONF, Jul. 1949). Sobre a constante e sóbria referência às actividades políticas de Maria Palmira Tito de Morais e de Maria Lamas, entre outras mulheres abertamente conotadas com a oposição, sobretudo após a segunda Guerra, veremos nos respectivos capítulos a forma como foram divulgadas na revista.

Também na forma de pequenas notícias sobre mulheres famosas encontramos informações sobre mulheres estrangeiras (como Mme. Garrard, Presidente da Comissão Económica da *Alliance des Sociétés Féminines Suisses*, em ONF, Nov. 1953) ou portuguesas que muito se fizeram notar pelas suas actividades e que são apresentadas, como exemplo a seguir, às leitoras e assinantes de *Os Nossos Filhos*. Usar a revista para, através de pequenos inquéritos, biografias ou notícias sobre mulheres que se destacaram na cena nacional ou internacional, ensinar às mães que a sua actividade não se deve resumir a desempenhar esse papel é uma das estratégias seguidas por Maria Lúcia Vassalo Namorado na educação das suas leitoras. Duas notícias sobre duas mulheres que a directora da revista admirava sem rodeios são exemplo desta estratégia de insistência na valorização profissional das mulheres: as que publica sobre Florbela Espanca (ONF, Jul. 1949 e Jun. 1950) e outra sobre Manuela Porto (ONF, Ago. 1950).

A directora de *Os Nossos Filhos* admirava Florbela Espanca<sup>975</sup>. Sobre ela havia escrito ainda bem jovem e dela conhecia a colaboração que tinha dado, em Março de 1930, na revista *Portugal Feminino* (Amaral, 2002. p. 25-32). Cremos que o texto sobre a poetisa

---

<sup>975</sup> Em 24 de Fevereiro de 1931, “(...)António Ferro será um dos primeiros a chamar a atenção para a sua poesia, num artigo do *Diário de Notícias*(...)” (Amaral, 2002. p. 25-32).

publicado na revista *Eva*<sup>976</sup>, em Março de 1931, seja da autoria de Maria Lúcia Vassalo Namorado que sobre ela diz:“(...) notável poetisa que voluntariamente deixou o mundo (...)” e faz um apelo:“(...) a todas as mulheres portuguesas, às ricas como às pobres, às cultas como às de mais modesto saber, para que nenhuma deixe de, na medida das suas forças, contribuir para que em breve se torne realidade o projecto que tem por fim acrescentar mais um valor à soma já avultada e brilhante, dos prestigiosos vultos femininos da nossa terra(...)”. A revista *Portugal Feminino* também se havia associado a este reconhecimento de Florbela Espanca<sup>977</sup> quando, no “(...) 5º aniversário da sua morte(...)” lhe faz uma pequena homenagem, em que publica um soneto da poetisa e textos de Branca de Gonta Colaço, Ludovina Frias de Matos, Laura Chaves, *Maria de Carvalho* e Teresa Leitão de Barros, assim como a imagem do “(...) busto de Florbela Espanca modelado por Diogo de Macedo e destinado ao monumento, que vai ser erguido em Vila Viçosa(...)”. Este busto, depois de várias peripécias, será colocado “(...)na manhã de 18 de Junho no Passeio Público de Évora(...)”. (ONF, Jul. 1949). A revista *Os Nossos Filhos* anuncia ainda a publicação de *Sonetos completos* e espera a publicação dos Contos ainda inéditos e propõe:“(...) Faltava ainda uma romagem das mulheres e dos intelectuais de todo o país ao seu pequeno monumento na cidade alentejana. Quem toma a iniciativa desta que lhe é devida? A *Casa do Alentejo* em Lisboa? E porque não?(...)”<sup>978</sup>.

Sobre Manuela Porto, como mostrámos no subcapítulo sobre as *Colaboradoras* da revista, será sublinhada a sua maneira de estar “(...)requintadamente feminina, duma gentileza inextinguível e permanente, muito de sensibilidade e de talento, profundamente boa e honesta(...) e que na revista *Eva* ocupava com brilho o lugar de secretária da direcção e colaborava várias revistas(...)”(ONF, Ago. 1950) , assim como a sua actividade profissional como directora artística de um grupo de teatro, como declamadora e como escritora de excelente qualidade cuja obra *Doze histórias sem sentido* é anunciada em *Os Nossos Filhos* (ONF, Nov. 1953).

Estes exemplos de mulheres infatigáveis, mais ou menos felizes, servem para que a directora de *Os Nossos Filhos*, quer através de entrevistas, inquéritos ou pequenas

---

<sup>976</sup> Artigo “Florbela Espanca: o seu monumento no Jardim Público de Évora”. *Eva: a maior tiragem e expansão de todas as revistas femininas portuguesas*. Direcção de Helena e Mamia Roque Gameiro. Ano 6º nº 305. 14-3-1931. p. 8

<sup>977</sup> Artigo “Homenagem a Florbela Espanca no 5º aniversário da sua morte”. *Portugal Feminino*. N.º 71. Dez. 1935. p. 5.

<sup>978</sup> /Publica depois o poema de Florbela/ *Pequenina* (ONF, Jun. 1950).

notícias que sobre elas publica, mostre às mães a quem a revista se dirige que nela se defende o “(...)protótipo da verdadeira mulher moderna, no mais elevado sentido do termo: activa e independente, sem deixar de ser sensata, delicada e muito feminina(...)”(ONF. Mar. 1948).